



3 3433 08169245 5



Institute

FOL. XI

Dezembro de 1903

N. 60

REVISTA
DO
INSTITUTO ARCHEOLOGICO E GEOGRAPHICO
PERNAMBUCANO

Fundado em 28 de Janeiro de 1862

COMISSÃO DE REDACÇÃO

Drs. Pereira da Costa, Alfredo de Carvalho e Arthur Muniz

Os heroicos feitos dos antigos,
Tende vivos e impressos na memoria,
Alli vereis esforço nos perigos,
Alli ordem na paz digna de gloria.

Prosaopóla.—Bento Teixeira Pinto.

TOMO XI



RECIFE

Lu... a do «Jornal de Recife», rua 15 de Novembro n. 47

1904

SUMMARIO DO N. 60

I — Os Patriotas de 1817. — <i>Franklin Tavora</i> (Com 2 retratos)	1
II — As Etymologias Indigenas de <i>Elias Herckmann</i> . — <i>Theodoro Sampaio</i>	30
III — O Porto de Pernambuco e a Cidade do Recife no Seculo XVII. — <i>Emile Beringer</i> . (Com 1 planta (*)).....	37
IV — Nobiliarchia Pernambucana. — <i>A. J. V. Borges da Fonseca</i> . (Continuação).....	61
V — A Imprensa em Olinda. — <i>Alfredo de Carvalho</i> . (Com 5 fac-similes)	80
VI — O Assedio do Recife em 1821. — <i>Mrs. Maria Graham</i> . (Com 1 estampa)	81
VII — Geologia das Regiões Auríferas da Parahyba e de Pernambuco. — <i>E. Williamson</i> . (Com 1 mappa)	110
VIII — A Verdadeira Naturalidade de <i>D. Antonio Felippe Camarão</i> . (Seculo XVII). — <i>F. A. Pereira da Costa</i>	119
IX — <i>William Swainson</i> em Pernambuco. (1817), <i>Alfredo de Carvalho</i>	160
X — Descripção de Pernambuco em 1746.....	168
XI — O Zoobiblion de <i>Zacharias Wagner</i> . — <i>Alfredo de Carvalho</i>	181
XII — O Recife de Grés do Porto de Pernambuco. — <i>Charles Darwin</i> . (Com 1 grav.)	196
XIII — Viagens no Brasil. — <i>Henry Koster</i> . (Continuação) 201	
XIV — Memoria sobre a Pedra Bonita ou Reino Encantado. — <i>A. A. de Souza Leite</i> . (Com 1 estampa)...	217
XV — Inscripções em rochedos do Brasil. — <i>John C. Brauner</i> . (Com 5 grav.).....	249
XVI — Major <i>José Domingues Codeceira</i> . — Discurso. — <i>Sebastião de V. Galvão</i> . (Com 1 retrato)	262
XVII — Bibliographia. — <i>Alfredo de Carvalho</i>	273
XVIII — Actas das sessões.....	317
XIX — O Instituto Archeologico de Pernambuco. — <i>Oliveira Lima</i>	332

(*) Por não ter ficado terminada a gravura esta planta só será distribuida com o n. 61.

REVISTA
DO
INSTITUTO ARCHEOLOGICO E GEOGRAPHICO
PERNAMBUCANO

Fundado em 28 de Janeiro de 1862

COMISSÃO DE REDACÇÃO

Drs. Pereira da Costa, Alfredo de Carvalho e Arthur Muniz

Os heroicos feitos dos antigos,
Tende vivos e impressos na memoria,
Alli vereis esforço nos perigos,
Alli ordem na paz digna de gloria.

Prosopopœa.—Bento Teixeira Pinto

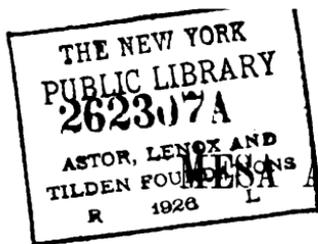
TOMO XI



RECIFE

Empresa do «Jornal do Recife», rua 15 de Novembro n. 47

1904



ADMINISTRATIVA DO INSTITUTO

Anno social de 1904 a 1905

PRESIDENTE HONORARIO

Desembargador Adelino Antonio de Luna Freire.

PRESIDENTE

Dr. João Baptista Regueira Costa.

1º VICE-PRESIDENTE

Desembargador Antonio Pedro da Silva Marques.

2º VICE-PRESIDENTE

Desembargador Francisco Luiz Correia de Andrade.

3º VICE-PRESIDENTE

Dr. Francisco Augusto Pereira da Costa.

1º SECRETARIO

Dr. Alfredo Ferreira de Carvalho.

2º SECRETARIO

Dr. Aprigio Carlos de Amorim Garcia.

SUPPLENTES DO 2º SECRETARIO

Major Augusto Cesar da Cunha.

Dr. Victalino Cordeiro Lins.

ORADORES

Dr. Carlos Ferreira Porto Carreiro.

Dr. Manoel Arthur Muniz.

THE SOUREIRO

João Walfredo de Medeiros.

COMISSÃO DE FUNDOS E ORÇAMENTO

Dr. Bianor de Medeiros.

Fernando Barroca.

J. P. da Rocha Pereira.

COMISSÃO DE ESTATUTOS E REDACÇÃO DA REVISTA

Dr. Francisco Augusto Pereira da Costa.

Dr. Alfredo Ferreira de Carvalho.

Dr. Manoel Arthur Muniz.

REVISTA

DO

Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano

VOL. XI

Dezembro de 1903

N. 60

Os Patriotas de 1817



São varias e discordes as opiniões dos escriptores que tem tratado da revolução de Pernambuco em 1817. Muniz Tavares, não obstante ficar ainda aquem do juiz de que a revolução precisa para poder ser bem comprehendida e julgada — juiz desinteressado, desprevenido, que saiba, e queira cumprir o preceito de Tacito—, é assim mesmo dentre todos o que se mostra mais perto da verdade. Ha razão para isso. Elle testemunhou ocularmente grande parte dos acontecimentos, foi um dos implicados na revolução, padeceu por ella, pagou ao despotismo o seu imposto de liberdade no porão do *Carrasco*, e nos antros immundos da cadeia da Bahia.

Ainda assim, a certos respeitoes, ou porque aprecia o movimento revolucionario de um ponto de vista que a moderna sciencia historica já considera abaixo do estalão da critica, ou porque nas suas apreciações não pôde ficar inteiramente superior á influencia dos sentimentos pessoaes, dá motivo a rectificações, e os capitulos, que ora publico, do livro III de minha obra inedita —*Os Patriotas de 1817*—, servirão de prova.

Armitage (*Historia do Brazil*) pouco diz a tal respeito,

mas nesse pouco mostra-se mais favoravel que hostil á revolução. O mesmo não se pôde dizer de Varnhagen (*Historia do Brazil*) e do Conselheiro Pereira da Silva (*Historia da Fundação do Imperio Brasileiro*). Estes escriptores encontram flagícios e crimes onde vejo grandes affectos, meritorias intenções e irreparaveis sacrificios. O que não tem para ella menospreço não a examina com o juizo, o discernimento sereno de que seria capaz cada um delles, si o quizesse, por sua intelligencia e luzes. E mal andaria a causa da verdade, si as historias que elles computeram não tivessem podido menos que a fê publica, fundada nas tradições, ou antes na intuição, que é a primeira luz dos juizos populares. De feito, a revolução de 1817, mau grado os odios e invectivas infundadas, é de ha muito considerada pelo paiz como a raiz da montanha que cresceu entre Portugal e Brazil, e os separou definitivamente. « A revolução de 1817 era a revolução do Ypiranga, era o grito da Independencia » (Cons. A. Pereira Pinto, *Memoria sobre a Confederação do Equador*, impressa na Revista do Instituto Historico de 1866, tomo 2º, pag. 43).

Varnhagen não occulta o seu desabrimento, a sua impaciencia, e difficilmente retém a sua bilis perante a constancia do espirito publico em affirmar a legitimidade e grandeza da revolução de 1817. Um escriptor que dêsse valor á reputação de sizudo e grave substituiria por outras estas palavras daquelle iracundo historiador : « Sabemos que está de moda adular os annaes dessa revolução, etc. »

Riscaria, por descabidas e impertinentes, estas outras, em que com ostentação pouco communi se patenteciam parcialidade e odio : « E' um assumpto para o nosso animo tão pouco sympathico, que, si nos fôra permittido passar sobre elle um veu, o deixariamos fôra do quadro que nos propuzemos traçar. » Parece que, escrevendo sobre o alludido assumpto, não foi outro o seu intento sinão o de dar opposta direcção ao conceito geral. Parece que não foi penna brasileira a que lavrou sentença tão iniqua. Nem é preciso mais para que deva ser tido por suspeito.

Mas porque tamanhas iras contra o movimento que preparou o espirito brasileiro para a separação que veiu a realizar-se cinco annos depois? Vítuperar a revolução de 1817 é vitu-

perar a legitima e pura fonte das nossas liberdades politicas. Os motivos que influiram no movimento de 1822 não tiveram fundamentos mais vastos e sãos. Predominaram neste interesses, ambições e despeitos que a critica independente e desapaixonada não póde ter por estremes e plausiveis. O que nelle houve mais puro —a idéa da separação— tinha vindo da revolução de..... 1817, fôra ella que a deixara nos espiritos, e, talvez, nos corações. Nesta revolução as ambições foram quasi nenhuma, o amor da patria foi quasi tudo. Houve erros, provenientes na sua maioria da inexperiencia; da cega confiança nos homens e nos principios sem o estudo prévio do meio onde estes deviam mover-se; do enthusiasmo; do proprio patriotismo despondorado; não houve crimes injustificaveis; não houve perversidades nem vilézas. Houve alguns sacrificios bellissimos da parte dos patriotás; da parte do governo real, dos seus auxiliares, e dos executores das suas vontades, houve ao principio dureza e ferocidade entranhavel, e por ultimo uma benevolencia tardia, que mais se parecia com uma ponta de remorso que com a manifestação de um sentimento de humanidade que nunca teve cabida em corações tão crús. Baixou o perdão, depois de quatro annos de perseguições e padecimentos, para os que não tinham culpa, e do assassinato official dos que se haviam mostrado mais adiantados nas virtudes civicas. Santa hypocrisia da realéza antiga. Antes da revolução de 1817, mais de uma tentativa se havia feito para realizar a independencia do Brazil. Em Pernambuco cuidara-se nisso ainda antes da *guerra dos mascates* (Commend. A. J. de Mello, *Biografias*, tomo 1º, pag. 192 e seguintes). Mas, nem a guerra dos mascates nem a revolução de S. Paulo em 1642, por occasião da qual se offereceu um throno a Amador Bueno da Ribeira, nem a tão falada conjuração de Minas, que, para bem dizer, não teve sinão um vulto —Tiradentes, (1) saíram tão completas como a revolução de Pernambuco em 1817, não obstante a extemporaneidade da sua explosão. A republica organisou-se menos mal; teve uma regular existencia durante mais de dois mezes, ainda no meio das

(1) A leitura da obra do Sr. J. Norberto de Souza e Silva, intitulada *Historia da Conjuração Mineira* gerou em meu espirito esta convicção: por mais que intentem amesquinhar o Tiradentes, é elle o primeiro e o mais importante personagem desse drama.

maiores inquietações e dificuldades ; expediu actos que por si sós resgatam os erros e fraquezas dos patriotas ; emfim, existiu como um governo livre, independente, e digno do seu tempo. Si os fundadores do Imperio, em vez deste, quizessem fundar em 1822 uma republica, não tinham mais que se inspirar naquella gloriosa revolução onde o patriotismo e o sentimento de fraternidade lançaram as bases do mais intemerato liberalismo. « A revolução de Pernambuco em 1817, bem que pouco durasse, fará sempre época nos annaes do Brazil : tempo virá talvez em que o dia 6 de Março, no qual ella foi effectuada, será para todos um dia de festa nacional » (Muniz Tavares, *Historia da Revolução*, pag. 2).

O Sr. Conselheiro Pereira da Silva, que, ao começar a parte destinada á revolução, promete « um accurado exame », afigura-se-me, pelo que escreveu, ter anteposto á investigação e aos escrupulos, que testificam a imparcialidade em outros pontos da sua obra, certos sentimentos e prevenções pessoaes que muitos espiritos illustrados ainda nutrem a respeito de qualqudr movimento revolucionario, como si não fôra certo que ha revoluções verdadeiramente meritorias, que, como a de... 1817, a historia deve registrar com louvor. Não obstante dizer que não vae com os que consideram heróes os revolucionarios pernambucanos, nem com os que consideram miseraveis e anarchisadores do povo, filia-se manifestamente entre os que pensam deste modo, e tem para os martyres do sentimento brasileiro as mais acres censuras. Eis a synthese do seu julgado pelas suas proprias palavras : « Foram entes ordinarios, mediocres e despreziveis muitos. Loucos outros, e raros os que tinha intelligencia cultivada e valiosos talentos. Nenhum genio figurou entre elles, que tenha direito a incitar enthusiasmo. Mas acharam-se compromettidos tambem caracteres honrados e honestos que não devem passar desaperecebidos » (*Historia da Fundação Imperio*, tomo 4º, pag. 138).

Nada mais injusto que as duas primeiras partes desta sentença. Nenhum homem desacreditado ou perdido no conceito publico teve posição conspicua na revolução de 1817. Nenhum defraudou, ou quiz defraudar a fazenda nacional. Varnhagen parece fazer uma insinuação offensiva da probidade dos patriotas nestas palavras : « A installação do governo pro-

visorio se effectuou na casa do erario, em cujos cofres—digamol-o desde já—encontrou a revolução 600:000\$000» Deixou porém em silencio a circumstancia, que Muniz Tavares (*Obr. cit.* pag. 333) faz bem clara, de terem voltado inviolados ao poder da autoridade competente esses mesmos cofres que a revolução fugitiva conduzira consigo, e *escrupulosamente respeitára*. Nenhum dos que fizeram parte do governo provisorio mentiu ás suas convicções por baixo interesse. Nenhum infamou o seu nome por sordida conveniencia. Não se aponta um só, ao menos, verdadeiramente desprezível.

Domingos Theotonio, que o Sr. Pereira da Silva diz ser «despido de precedentes honrosos» (*Hist. da Fund. do Imp.*, tomo 4º pag. 164), e a quem chama «demagogo atrabilario, violento, ignorante e pervertido» (*Obra e tomo cit.* pag. 191), era justamente o contrario do que diz este historiador. Não sei onde foi S. Exe. achar esta opinião tão remota da verdade geralmente conhecida em Pernambuco. Domingos Theotonio tinha tão boa reputação entre os seus companheiros de armas que, quando se tratou do commando das tropas encarregadas de sitiar a fortaleza do Brum onde se refugiara o governador Montenegro «lhe cederam elles as honras da primazia» (Muniz Tavares, *Obra cit.* pag. 41). Referindo-se ao *ultimatum*, que Domingos Theotonio endereçou a Rodrigo Lobo, e no qual se encontram as ameaças de «serem passados á espada todos os presos tanto officiaes generaes no serviço de S. M. Fidelissima, como os mais prisioneiros por opiniões realistas; de serem o Recife, Santo Antonio e Boa Vista arrazados e incendiados; de serem mortos todos os europeus de nascimento» escreve aquelle historiador: «A maneira de pensar do signatario desse ultimatum, seu bom character, a doçura do seu temperamento oppunha-se absolutamente á realisação das sanguinarias ameaças alli enunciadas» (Muniz Tavares, *Obra cit.* pag. 311). E a melhor prova de terem sido feitas essas ameaças no presuposto unicamente de amedrontar o general portuguez, e resolvel-o a aceitar a capitulação, está no facto de se auzentar Domingos Theotonio com as tropas para a Soledade, sem «tocar em um cabello daquelles a quem havia ameaçado» (Muniz Tavares, *Obra cit.* pag. 313). Domingos Theotonio, que somente nas ancias da revolução, quando o governo estava quasi inteira-

mente desamparado, por terem sido uns presos e haverem outros desanimado, aceitára o grave cargo de Dictador, não quiz conspurcar com scenas de sangue e morte o seu nome immaculado. Estas ultimas palavras não são postas aqui por demais. Elle era um brasileiro distincto. « Recommendava-se, 1º porque descendia de illustre familia; 2º, porque tinha raras virtudes politicas e religiosas; 3º, porque era militar muito instruido; 4º, porque havia feito grandes serviços ao Estado; 5º, porque tinha desejos ardentissimos de ver melhorada a sorte de sua patria » (*Martyres Pernambucanos*, pag. 218). Estas linhas vem de origem insuspeita. Escreveu-as o padre Joaquim Dias Martins, que a si mesmo se chama « luso-pernambucanos », e tem por si a longa autoridade de quarenta annos de observação.

Não valerão mais estes dois testemunhos pessoaes — o do padre Martins e o de Muniz Tavares — que o do Sr. Pereira da Silva, aliás muito respeitavel? Aquelles escriptores conheceram Domingos Theotônio, viveram e trataram com elle; a affirmativa é valiosa, e deve ser preferida á do Sr. Conselheiro Pereira da Silva, que sómente conheceu talvez o dictador da republica de 1817 pelo que leu no parcialissimo Varnhagen. Demais, é crível, é verosimil que um *demagogo atrabilario, violento, ignorante e pervertido* fosse chamado por homens do porte dos que elegeram o governo provisorio, entre os quaes se apontavam os Cavalcantis e outros cidadãos notaveis da provincia de Pernambuco, a fazer parte do mesmo governo com homens de bem, geralmente estimados e respeitados, pelas suas lettras e virtudes como o padre João Ribeiro Pessôa, « instruido, desinteressado e bem intencionado »? (Tollenare, *Not. Dominic.*). Razão tinha Domingos Theotônio para dizer do alto da force: « Meus patricios, a morte não me atterra, atterra-me a incerteza do juizo da posteridade » (Muniz Tavares, *Obra cit.* pag. 360).

A verdade é que das primeiras dignidades ecclesiasticas, dos primeiros advogados, dos primeiros militares, dos primeiros agricultores, dos primeiros negociantes de Pernambuco saíram os cabeças da revolução. Que homens haviam por então melhores que elles na provincia? Não tinham todos intelligência cultivada e valiosos talentos. Não havia entre elles nenhum genio. Eram raras as luzes por aquelle tempo entre nós, e os genios ainda são raros no Brazil, e fóra do Brazil. Nem foi por



falta de genios, mas por outras causas que opportunamente examinarei, que a revolução não sortiu effeito, porque sem genios muitas revoluções tem sido felizes.

O que mais se procurava então não eram as luzes, era o patriotismo — luz suprema e infusa que de um homem de meião instrução, Washington, fez com outros dotes naturaes um genio da humanidade. Os que formaram o governo provisorio estavam no primeiro plano da sociedade pernambucana. Nenhum delles era comparavel a Gladstone ou a Thiers, mas, excepto um ou outro, podiam os demais figurar sem desdouro nos modernos governos do Brazil, aos quaes não tem subido sómente os Paranás e os Olindas. José Luiz de Mendonça, encarregado dos negocios da justiça, «era um dos maiores litteratos daquella época, principalmente em objectos forenses» (*Mart. Pern.* pag. 281). Domingos José Martins, que tinha a seu cargo os negocios do commercio, e foi a alma da revolução (1), gastara grande parte da sua fortuna, que era avultada, em preparar a mesma revolução (*Mart. Pern.* pag. 257). Era instruido. Viajara pela Europa onde frequentara a boa sociedade. Estivera a mór parte do tempo em Lisbôa e Londres, antes de se fixar em Pernambuco. Mostrou serenidade e energia

(1) O Sr. Conselheiro Pereira da Silva, seguindo Varnhagen, diz que Domingos José Martins era natural da Bahia. Não é esta a verdade. Era natural do Espirito Santo (*Marty. Pernamb.* pag. 257).

Quando còmecei a escrever esta chronica, enderecei uma carta ao advogado e jornalista Dr. Pessanha Póvoas, residente na cidade da Victoria, capital da provincia do Espirito Santo (aquelle Dr. exerce agora o logar de Inspector Geral da Instrução Publica da mesma provincia), pedindo-lhe quaesquer esclarecimentos sobre Domingos José Martins. Do referido collega e amigo recebi duas valiosas informações que do coração lhe agradeço. Uma, que lhe foi prestada por um amigo já velho, muito noticiosa e importante, não está assignada; a outra merece toda a fé; foi escripta e firmada pelo Rvm. Joaquim de Santa Magdalena Duarte, que tem sido naquella provincia vigario da Vara, arcepreste, e deputado provincial, e vem a ser ainda parente de Martins, segundo o proprio sacerdote declara, e em carta me diz o Dr. Pessanha Póvos.

Eis a importante informação:

« Illm. Amigo e Sr. Alferes Aguirra. — Pede-me V. S. noções sobre o nosso patricio Domingos Martins, que teve a desventura de morrer em Pernambuco na revolta em que se metten em favor da li-

no momento em que, livre da prisão, chamou os seus compatriotas ás armas (Tollenare, *Not. Dominic.*) O padre João Ribeiro Pessoa, professor e bibliothecario, incumbido do ecclesiastico, era homem de muita litteratura e invejaveis dotes intellectuaes e moraes. Grande parte das suas luzes elle a devia ás relações com o Dr. Manoel de Arruda Camara, sábio naturalista e o bispo Azeredo Coutinho, luminar da igreja brazileira (*Mart. Pern.* pag. 314). Emfim, o coronel de milicias Manoel Correia de Araujo, governador da agricultura, era « da mais grada e opulenta nobreza ; distinctissimo por suas virtudes, querido geralmente pela lealdade dos seus tratos, zelo, vigilancia e educação de sua familia, caridade e affabilidade com os pobres e com todos, cidadão perfeito, caro ao mesmo despotismo e seus mandatarios » (*Mart. Pern.* pag. 46). Referindo-se ao governo provisorio, escreve Muniz Tavares (*Hist. da Revol.* pag. 53) : « Por ventura aquella escolha, havendo recaído sobre pessoas de distincto merecimento, agradou em geral, e o humilde titulo de provisorio, que o governo adoptou indicando renovação formal em tempo opportuno, fez perdoar a sua origem. »

A revolução de 1817 « foi favorecida por homens eminentes da Córte e da Bahia, mereceu a adhesão de Antonio Carlos,

berdade do nosso Brazil, querendo eleva-lo a um novo Estado, independente de Portugal, a que como triste colonia estava sujeito. Era eu menino quando isto se deu, e por isso pouco, ou nada poderei saber. Dizia-me porém meu pae, o capitão José Duarte Carneiro, que o pae de Domingos Martins casou-se nesta cidade, entio villa da Victoria, com uma prima sua, donde procederam o mesmo Martins, e mais duas meninas ; que o pae de Domingos (que não sei o nome, porém que julgo chamar-se como o filho — Domingos Martins) retirou-se daqui, onde vivia de negocio, para a Bahia, onde, mettendo no convento das Freiras, chamado da Soledade, as duas meninas, deixou Domingos negociar. Neste emprego Domingos navegava, ou commercia para Pernambuco, onde casou-se em uma casa rica, donde lhe proveio a infelicidade de perder a vida ainda bem moço. Também não sei a casa em que casou-se, nem o nome da moça com quem casou, e nem dos paes da moça (*). Penso porém que o pae de Domingos era portuguez,

(*) Domingos José Martins casou-se com uma filha do rico negociante portuguez Bento José da Costa, estabelecido no Recife (*Martyr. Pernamb.* pag. 51). Na relação dos réos de *culpa incompleta* está comprehendida « a mulher de Domingos José Martins » sem declaração do nome. (*Revist. do Instit. Hist.* de 1867, tomo 1.º pag. 97).



Domingos José Martins

(Um retrato a óleo existente na Galeria do Instituto Archeologico Pernambucano).

THE NEW YORK
PUBLIC LIBRARY
ASTOR, LENOX
TILDEN FOUNDATIONS

dos Cavalcantis e de outros cidadãos importantes de Pernambuco, teve raízes em Alagôas, Parahyba, Rio Grande do Norte, Ceará» (Conselheiro Pereira Pinto, Memoria sobre a *Confederação do Equador*, pag. 43). Quasi todo o clero destas provincias tomou parte nella, o que importa dizer que ella teve do seu lado a classe mais instruida e considerada. Onde, pois, os despreziveis, onde os loucos a que allude o Sr. Conselheiro Pereira da Silva?

Mas quando não lhe fosse difficil apontar estes, restaria perguntar-lhe que revoluções ainda se deram em que se encontrem todas as condições de pureza, grandeza e sabedoria que S. Exc. quizera talvez achar colligidas, segundo insinua, na de 1817 para que merecesse as honras da sua tolerancia? Que revoluções já se realizaram onde não se apontassem exaltados, ambiciosos, ignorantes e até traidores? Na gloriosa revolução das colonias americanas o mesmo Washington não esteve a um passo de ser entregue aos inglezes por homens da sua guarda? (Guizot, introdução á *Historia de Washington* por Cornelis de Witt, pag. 18).

Não tem mais razão o Sr. Pereira da Silva quando, seguindo Varnhagen, considera inopinado o movimento de 1817.

e era aqui conhecido pela alcunha —Bembem— que passou tambem ao filho. Consta ter uma figura bem feita, attrahidora e bonita. Domingos deixou aqui parentes que ainda existem, como eu, que conto 74 annos, e outros mais moços; na Bahia deve tambem ter parentes, pois que, além da sua familia, existiu alli um primo irmão meu, de nome Luiz Duarte Carneiro, que foi commandante de uma fortaleza, e deixou filhos, como me consta. Era filho legitimo de meu tio, o tenente coronel Francisco Luiz Duarte Carneiro, e morreu no posto de tenente coronel governador da dita fortaleza. E' o que lhe posso informar, ficando assim respondido o seu bilhete de 18 de corrente. Victoria, 20 de Fevereiro de 1879. — O Padre Joaquim de S. Maria Magdalena Duarte. »

A segunda informação diz assim :

« Victoria, 20 de Fevereiro de 1879. Referido por um amigo já velho, —Bembem nasceu na villa da Victoria, capitania do Espirito Santo (hoje cidade da Victoria, provincia do Espirito Santo). Foi porta-bandeira da companhia de linha da guarnição desta então capitania. Foi destacar na villa de Itapemirim (então chamava-se Cachanga) nas suas cabeceiras. Neste destacamento nasceu o Domingos

S. Exc. não teria caído neste descuido, si, antes de escrever a sua historia, houvesse versado os importantes manuscritos relativos ao processo dos patriotas, e existentes no Archivo Publico, donde se extrairam as principaes peças que já se encontram publicadas na Revista do Instituto Historico. Mas o que admira é que sustentem o Sr. Pereira da Silva e Varnhagen tão falsa opiuião, quando Armitage, que escreveu antes delles, encontra as raizes daquelle movimento em certa associação formada no Recife em 1814 (*Historia do Brazil*, pag. 12). E' porém de notar que a revolução vem de data muito mais anterior. Um acontecimento inopinado precipitou-a, antecipou o seu rompimento, mas não a gerou. Ella tivera uma longa e lenta gestação. O Grande Oriente do Rio de Janeiro, tomando a dianteira da revolução de 1822, e acclamando D. Pedro I *Defensor Perpetuo e Imperador*, e não *Rei* do Brazil, não fez sinão imitar as lojas maçonicas de Pernambuco, onde desde 1801 a maioria desses homens, para cuja memoria o Sr. Pereira da Silva tem sentenças tão acerbas, como si não bastassem as de morte que muitos delles padeceram, se reunia periodicamente, e, sem outra paixão que o amor da patria, tratava, com perigo de vida, dos meios de fundar e transmitir-nos o precioso

Martins, filho legitimo de Bembem e de uma moça da Bahia, sua mulher. Bembem deu baixa e residiu na dita villa da Victoria, e vivia de negocio que não lhe correu bem. Retirou-se daqui para a Bahia, levando consigo seu filho Domingos Martins; este, depois que poz-se homem, viajou á Inglaterra. Casou em Pernambuco com uma senhora da familia dos Dourados, cujo casamento teve lugar proximo á revolução (**), por elle e outros urdida, e que nella morreu baleado ou fuzilado. Não consta ter deixado filhos. O mais a respeito de Domingos Martins, que tambem lhe chamavam *Bembem*, como chamavam ao pae, existe provavelmente na historia de Pernambuco. »

(**) Realizou-se o casamento dias depois de declarada a revolução (*Martyr. Pernamb.* pag. 51 e 262).

Varnhagen, que soube tanto do que se passara no Recife por occasião da revolução quanto podia saber do que se passára na China, arrastado sempre pelo séstro de deturpar os actos mais innocentes e intimos dos patriotas, affirma que Domingos José Martins se valeu da sua posição para conseguir o alludido casamento. Grande crime, si isto se deu — valer-se da posição para conseguir um casamento vantajoso! Si isto é crime pratica-se delle todos os dias impunemente em nossa actual sociedade de genios e vestaes.

legado a que devemos a nossa emancipação politica. Nem o Sr. Pereira da Silva, nem Varnhagem dizem uma palavra sobre esses benemeritos ajuntamentos secretos, molas principaes do movimento donde saíu, não maduro, mas no todo concebido, o pensamento da separação. As sociedades secretas que prepararam a infeliz conspiração do purissimo Gomes Freire, e posteriormente a revolução de 1820 em Portugal, entraram nesse trabalho de 1812 em diante (Barros e Cunha, *Hist. da Liberd. em Portugal*, tomo 1º pag. 281). As que prepararam a revolução que prematuramente fez explosão em Pernambuco occupavam-se com este grave empenho desde os começos do seculo. Foi tão importante o seu papel na formação da nossa nacionalidade politica, tão relevantes os seus serviços, que não fazer menção delles fôra commetter injustiça.

Do padre Luiz Gonçalves dos Santos, autor portuguez, ao que parece, não fallemos. Difficilmente se acredita que em 1825 um homem de alguma cultura litteraria, no uso das suas faculdades, ainda escrevesse sobre a revolução de 1817 palavras que denunciam toda a estreiteza do antigo horizonte politico, como estas: «.....Estes insensatos havendo forjado nas trevas esta fatal conspiração, cujo veneno beberam sem duvida nos pestíferos cathécismos da impiedade, e da anarchia (que infelizmente chamam livros de luzes), a fizeram arrebentar no dia 6 de Março com uma explosão tão violenta que assombrou todo o Brazil, e encheu de espanto a Europa inteira!» (*Memorias para servir á historia do Brazil*, tomo 2º, pag. 117).

Em presença destas e outras muitas injustiças aggravadas pelo desprezo, prevenção ou má vontade, e feitas por escriptores que, sendo brazileiros, deveram ter em outra conta movimento tão meritorio e tão nacional como foi o de 1817, assentei de estudar as causas, o andamento e o fim desta mesma revolução sem outro interesse sinão o de salvar de iniqua memoria nomes que o patriotismo elevou á altura da patria, e o mais feroz sacrificio consagrou no patibulo ou nas masmorras, como era de costume naquelles tempos quasi barbaros.

Os capitulos que escolhi para offerecer aos leitores da *Revista* occupam-se com a sessão do governo provisorio, celebrada em 8 de Março de 1817, dois dias depois do do rompimento. Na indicada sessão o membro do governo José Luiz de

Mendonça propoz que « muito convinha á segurança da causa arvorar de novo a bandeira real, e que, remetendo-se para o Rio de Janeiro o governador Caetano Pinto, se remetesse conjuntamente ao rei um submisso memorial expondo os justos motivos que haviam forçado os pernambucanos a ultrapassar os limites da obediencia, e rogando-lhe o allivio de alguns dos duros impostos que affligiam a provincia, e melhores leis que reprimissem a arbitrariedade do poder dos capitães generaes » (Muniz Tavares, *Obr. cit.* pag. 59). Este facto, e o de ter o governo provisório decretado a abolição das *excellencias, senhorias e mercês*, censurado pelo proprio Muniz Tavares, tem merecido a varios historiadores graves exprobações. Entretanto eu encontro natural justificação para um e outro. A mudança apparente de Mendonça tinha uma razão occulta. Elle promettera ao governador Montenegro que conseguiria o restabelecimento do antigo regimen. Tudo me leva a crer que, si não fôra esta promessa, aquelle governador não annuiria á capitulação, antes resistiria. Montenegro cuidava, ou fizeram-o suppor, que a revolução se tramara mais em odio á sua pessoa que á fórma do governo; e, pois era de espirito elevado, e de coração generoso, consentiu em sacrificar-se, comtanto que se não derramasse sangue, e não corresse risco, ou antes não ficassem perdidas, as instituições existentes. Além disso, Mendonça, posto que fervoroso amigo da liberdade, não julgava ainda chegada a occasião de estabelecê-la; não confiava naquellas bases; seu olhar extenso e agudo lobrigava, atravez dos mares cruzados da formação do novo regimen político, todas as syrtes que o ameaçavam. Em certo dia, depois de conferenciar com varios capitães-môres do interior que se haviam iniciado na maçonaria, dissera elle: « Maldita liberdade, morra eu de repente, si em quarenta annos esta gente souber comprehender esta palavra. » (*Martyr. Pernamb.*, pag. 282). Propondo a volta ao antigo regimen, elle não julgava praticar com isso uma traição, mas prestar serviço á liberdade, que não tinha por segura. Aquella idéa que não encontro dilucidada em nenhum dos historiadores, esforcei-me para a deixar bem clara e explicita nos indicado capitulos.

Quanto á extincção das *excellencias* e *senhorias*, que muitos não pôdem perdoar ao governo provisório, parece-me tam-

bem deixar manifestos a todas as luzes os fundamentos e, até certo ponto, a razão que justificam o procedimento do governo em decretar aquella extinção.

Todas as minhas opiniões sujeito a melhor critica. O meu unico desejo, o meu unico fim, escrevendo esta chronica, é concorrer para a aquisição da verdade, e o imperio da justiça. Não voto odio a ninguém, ainda que, pela dureza da phrase, algumas vezes possa parecer que voto. Meu espirito é inacessível ao rancor, á inveja, ao despeito, ao pensamento de destruir o que deve subsistir, e a outras paixões ruins. Patriotismo, sim, tenho muito, e folgo de tel-o, o que não quer dizer que me deixo cegar por elle, ainda quando concorra, disputando-lhe a palma da victoria, a justiça que exerce em mim um poder irresistível. Desculpem-me os leitores fazer aqui referencias a minha pessoa, quando devo tratar de assumpto mais alto.

Esta noção do justo, que até certo ponto é a noção do honesto, deve ter, e de feito tem a preeminencia sobre todos os dotes e interesses no animo do homem de bem.

UMA SESSÃO DO GOVERNO PROVISORIO

VI

Na effigie da liberdade que cada um dos patriotas tinha estampada em sua imaginação, viam elles uma sombra que se parecia com uma ameaça ou um perigo imminente — a estada do capitão general, posto que preso, e sem forças para commetter qualquer desforra. Os lances da fortuna, as contradicções dos dias trazem resultados repentinos que mudam a face dos mais risinhos castellos em cenho de lóbregas masmorras. Não eram as condições actuaes do proprio general exemplo vivo da instabilidade das cousas humanas? Aquelle brilhante painel podia de um momento para outro cair despedaçado por uma circumstancia imprevista; o prisioneiro, por occulta conspiração, ou inesperado favor do desconhecido, podia recobrar a perdida autoridade, tornar-se novamente senhor do espirito das

tropas, restaurar com o auxilio dellas o governo que os patriotas com o auxilio dellas tinham derruido. Estes sobresaltos da previsão acompanham de perto todas as conquistas da força.

O governo provisorio providenciou afim de que com a maior brevidade possivel se realizasse a partida do ex-governador para o Rio de Janeiro. No dia 8 de Março estava já apparellhada a embarcação que o devia levar a seu destino. Era uma sumaca pertencente a Joaquim Martins Ribeiro, que, sem temer o perigo a que se expunha, accitara aquella grave incumbencia. Dois jovens patriotas, ainda menos incuidosos que elle do perigo, offereceram-se para acompanhar Montenegro como delegados do governo republicano. Sómente a audacia ou a inconsciencia da mocidade, junta ao enthusiasmo filho do sentimento democratico, e do triumpho que este alcançara em Pernambuco, correriam a um fim que a ninguem podia ser duvidoso. Nada porém entibiou o animo e temeridade dos jovens patriotas.

A partida era esperada por todos com mostras de impaciencia; pelos membros do governo provisorio, á excepção de José Luiz de Mendonça, era esperada com inipaciencia dobrada. Este, á medida que corria o tempo, sentia augmentar-se a sua tristeza, sentia avultar cada vez mais a sombra que trazia no espirito desde o momento em que foram assignados os artigos da capitulação. Mendonça não era mau sujeito, antes era muito distincto por varias prendas e qualidades pessoases. Mas, além de não considerar aquella occasião opportuna para estabelecer a republica em Pernambuco, fôra elle parte para que, por promessas que circumstancias posteriores frustraram inteiramente, não resistisse o ex-governador á insurreição. Indeciso, preocupado, elle não tivera animo para declarar aos cabeças do movimento que conseguira a capitulação em troca da promessa de voltarem as cousas ao que era dantes. Aquelles cabeças attribuiam a facil victoria de Mendonça ás suas argucias de advogado, nas quaes era grande; não fôra porém sómente a sua rhetorica, muito subtil aliás, que entrara alli; entrara tambem um compromisso pessoal. A sua nomeação para membro do governo veiu em certo modo diminuir as difficuldades. O que mais o affligia era a idéa de faltar á palavra a Montenegro. A perfidia não estava em seu animo. Resolveu-se

a dar o arriscado passo. As reflexões que expendeu na sessão do dia 8 podem resumir-se nas seguintes :

« O governo republicano é o unico digno dos homens no estado social. Filho do direito que cada um tem de se dirigir por si mesmo, elle representa o direito, que tem a totalidade, ou ao menos, a maioria da nação, de governar a propria nação. Esta igualdade, que assenta no sentimento christão e na philosophia politica mais esclarecida, é tão accessivel á razão que, sómente podem oppor-se á republica os que, por má fé ou maldade, fingem desconhecer a sua primazia, dizendo ver perigos onde não ha sinão vantagens, ou os que não tem a menor noção do que seja a instituição a que se chama governo.

« Tendo por incontestaveis estas verdades, devo declarar comitudo que, em certas circumstancias a republica póde ser a morte da liberdade, não obstante a sua origem divina. Naquellas sociedades onde só ha uma raça de homens, e o grau de instrucção de uns regula pouco mais ou menos pelo dos outros, a republica deve ser preferida a qualquer fórma de governo.

« Fazendo applicação destes principios ao nosso Pernambuco, ou antes ao Brazil, eu tenho pezar de reconhecer que somos um povo a que faltam ainda as essenciaes condições para o estabelecimento do governo republicano : porquanto, além de termos em nosso seio de todas as raças, sem excluir a mais aviltada pela escravidão, o governo que até ante-hontem tivemos foi o absoluto.

« Tudo pois o que existe não só na ordem politica, mas na social, está claramente indicando que do estabelecimento da republica entre nós, sem fallarmos no modo violento por que substituímos o governo real, não podemos esperar bens, sinão males.

« Já tive occasião de revelar a minha verdadeira fé politica, quando se tratou das bases da capitulação. Quero a liberdade, quero a republica. Mas entendo que para termos aquella hoje, não é necessario que estabeleçamos esta. Antes de uma completa fusão das nossas raças, que faça desaparecer qualquer idéa ou preconceito de primazia ; antes do desaparecimento da escravidão ; antes do melhoramento das fortunas particulares, ainda tão desiguaes entre nós ; antes de estarem generalizadas a instrucção, as profissões e as industrias que são

as bases da independencia individual, não devemos pensar em fundar uma independencia social tão ampla como a que exige a fôrma republicana.

« Entre a republica e o absolutismo, ha uma fôrma de governo mais branda que o ultimo, e menos evigente que a primeira. Quero referir-me ao governo constitucional, na qual se fazem menção dos direitos do rei, e dos direitos do povo; onde os reis tem obrigações, e não sôm nte direitos; onde ha meios de refreiar as paixões e os caprichos reaes sem perturbações publicas, mas unicamente em nome da constituição; onde os povos podem ser felizes, porque os reis não podem ser oppressores.

« Tenho reflectido maduramente no grave ponto da nossa fôrma politica. As minhas reflexões, talvez por curteza da minha intelligencia, geraram-me no espirito esta convicção — que, para não ser de todo perdida a nossa preciosa revolução, devemos seguir caminho algum tanto differente. Serei franco e leal na revelação dos meus sentimentos.

« Foi Caetano Pinto a causa do desgosto, cuja explosão inopinada deu em resultado a presente ordem de cousas. Foi elle que planejou levar as lagrimas e o luto ao seio das nossas familias; foi elle que, por suas ultimas maldades e violencias, nos forçou a pegar nas armas contra o governo de el-rei.

« Ora, porque o delegado, ou o representante de um governo converte em força compressora a força, que só lhe foi confiada para segurança do socego, da propriedade e da vida dos particulares, não se segue logicamente que, na reacção contra o que abusou dessa força, alcancem os que reagem aquelle que no abuso não teve a menor parte.

« Entendo por isso, e sujeito o meu parecer á deliberação do governo provisorio, que, remettendo esse governador para a côrte, devemos remetter a el-rei um submisso memorial em que :

« 1º Sejam expostos os motivos que compelliram os pernambucanos a ultrapassar os limites da obediencia ;

« 2º Se solicite a revogação dos impostos mais duros que estamos soffrendo ;

« 3º Se peça uma constituição em que venha convenientemente regulado e limitado o poder dos capitães generaes, afim

de que não possam estes abusar, ou, no caso de abuso, encontrem nas leis a devida repressão. »

Por derradeiro disse Mendonça que lhe parecia em todo o caso conveniente protestar-se por emquanto fidelidade ao monarcha ; autorizando estas ultimas conclusões com a reflexão de não poder a republica, sem exercito e armamento, fazer-se respeitar, nem terem os que eram por ella meios de sustental-a contra os que eram contra ella.

VII

Este notavel discurso, sem deixar de ser o programma de uma politica habil, sensata, e liberal, não podia, comtudo, ser bem acceito por sua moderação, á maioria do governo, no qual predominava ainda a exaltação das paixões da rua não de todo assentadas. Além disso, essa maioria, menos por convieção, que por fé inabalavel, era republicana. Sua confiança na democracia não tinha solução de continuidade. O padre Ribeiro Pessoa, Domingos Theotonio, e Domingos José Martins, em relação á republica, não eram sómente partidarios, eram principalmente cultores fervorosos. Para elles a republica era uma religião, que merecia por altar a patria.

A prodigiosa fundação da republica nos Estados Unidos, elles a explicavam ligando ao principio um cunho de revelação, que achava fundamento no character sacerdotal do primeiro daquelles tres patriotas e no espirito pouco illustrado, mas crente dos ultimos. Ao parecer delles onde Mendonça via perigos, estava o maior seguro para a ordem e estabilidade da nação recente. Entendiam que quanto mais um povo odeia o despotismo mais deve estimar a liberdade. Tinham por erronea a opinião dos que entendem que o servilismo politico inhabilita o povo sobre quem se exercita, para o gozo immediato da liberdade. Acreditavam que, por profundo que seja o servilismo, nunca terá forças para obliterar de todo a consciencia da dignidade humana, e a noção da justa reacção para recobrar os perdidos fóros da especie racional e livre por essencia. Fundados nestas crengas, em que, a nosso parecer, ha profundas verdades politicas, achavam o povo pernambucano tanto mais proprio para o exercicio da democracia, quanto, segundo dizia

seu longo e glorioso passado, ainda nas épocas de maior absolutismo, elle déra manifestos testemunhos de ter sempre presente na consciencia o pensamento de romper as correntes que lhe haviam posto, e entrar na franca pratica dos seus direitos.

Passada a primeira impressão de pasmo, o padre Ribeiro, usando da palavra, disse em resposta a Mendonça :

Que os pernambucanos sempre haviam dado provas de ter, com o sentimento da liberdade, o maior discernimento na escolha dos meios de fazer a aquisição da mesma liberdade, a maior energia em defendel-a.

Que a continuada luta em que, desde os primeiros tempos, andaram os filhos de Pernambuco com seus tyrannos, para re-haver as parcelas desse bem que pelos mesmos tyrannos lhes eram tomadas, e defender o restante delle, quando novos assaltos os ameaçavam de perdê-lo, os tinha feito de tal modo identificar-se com o sentimento da liberdade, e comprehendê-lo tão perfeitamente, que contra a logica era temer que no exercicio della ultrapassassem os naturaes e legitimos limites.

Que a prova incontrastavel do bom senso pernambucano estava manifesta a todas as vistas naquelle momento. O despotismo fôra derribado sem commoção excessiva. Derramára-se o sangue, que as circumstancias exigiram como absolutamente necessario para preenchimento da condição essencial da fundação de todo governo revolucionario. Nenhum grande bem se estabelecia definitivamente entre os novos sem o sacrificio de algumas vidas. O christianismo, não obstante entrar nos altos e profundos planos de Deus, não se fundára sem sangue : o do martyr por excellencia, e o de innumeraveis martyres depois. O agente principal do despotismo portuguez alli se achava despojado do seu poder, e por isso sem meio de se fazer temer nem respeitar ; entretanto ninguem lhe dirigia offensas, nem insultos, antes muitos commovidos faziam profundas reflexões sobre as vicissitudes da vida humana, e deduziam desse factó prolixas lições acerca dos governos, o que significava a capacidade moral e politica dos pernambucanos para co-existirem com o governo livre.

Que, quando todas as circumstancias, todos os successos ultimos só podiam dar os mais completos e gloriosos testemu-

nhos de que os pernambucanos, no momento em que se libertavam da tutela da tyrannia, mostravam que, de feito, já não eram pupillos, mas pessoas Moraes, perfeitamente idoneas para dirigir suas acções, era singular e sorprendente que um membro do governo fosse o primeiro que propuzesse a volta a essa tutela aviltante e inutil.

Que impunemente se não jogava com os graves e serios interesses de um povo adulto, perfeitamente senhor de sua razão, e liberdade, conscio dos seus destinos, e deliberado a pre-enchel-os conforme os factos estavam indicando.

Emfim, que perigo, perigo imminente havia, não em firmar-se a republica entre patriotas para quem a forma logica da democracia não podia deixar de ser a suprema aspiração na sociedade, mas em ousar propor, depois de satisfeita brilhantemente essa aspiração, segundo era patente, a substituição della por outra forma em que a liberdade publica e as liberdades privadas appareciam revestidas de um véu de fallaz e illusorio equilibrio, atravez do qual se deixava ver como força unica, absorbente de todas as outras, a velha realza, já condemnada pelos povos civilizados, e pelos proprios pernambucanos.

Como si ao éco destas palavras, para que tivessem mais força e autoridade, se devesse ajuntar o exemplo visivel do quanto ellas eram judiciosas, e traduziam a verdade, fez-se ouvir na sala, onde o governo celebrava esta tempestuosa sessão, o ruido de passos precipitados.

Servia de casa do governo a parte do antigo collegio dos padres da Companhia, actualmente occupada pela thezouraria provincial, e directoria geral da instrucção publica.

Sendo secretas as sessões do conselho, só alli se achavam os cinco patriotas, que compunham o provisório. Mas nas salas contiguas muitos cidadãos distinctos e immensidade de povo, uns levados da natural curiosidade que offerecia aquelle ajuntamento da liberdade, depositario da confiança publica, ao qual se sentiam presos por natural e irresistivel sympathia, outros attraídos pela curiosidade de saberem as resoluções, que tomasse, as quaes, por secretas que fossem, sempre transmittiam ao seio da patria uma voz, um éco, occupavam as proximidades durante os trabalhos do governo. O que então se dava não cessou nunca. O povo tem a paixão das crises.

Quanto mais arriscado e grave é o momento, mas elle se aproxima do ponto ameaçado, mais affronta a dureza, ou a audacia do perigo.

Naquelle momento, assim pelas ruas proximas á casa do governo, como pelos corredores e salas do edificio os visitantes mostravam-se em maior numero que nos outros dias, o que tinha natural explicação. Acabava de ser celebrado na matriz de Santo Antonio um pomposo *Te-Deum* em acção de graças pela regeneração da patria. A essa festa solenne tinha comparecido a fina flôr dos habitantes do Recife, Olinda e arrabaldes. O acto religioso correspondera ao prazer, que transluzia no semblante de todos, até dos proprios portuguezes, a quem a primeira proclamação do provisorio restituira a tranquillidade, e que já não tinham para este governo, que tão altamente proclamara a mais cordial fraternidade, sinão gratidão.

O vigario da freguezia de Santo Antonio, padre Luiz José de Albuquerque Lins, pernambucano de exaltado liberalismo, fôra o autor desta festa, a qual não tivera que invejar em apparato, riqueza e concurrencia ás mais pomposas da cathedral. Para mais contribuir para seu lustre fôra incumbido do panegyrico o padre Miguelinho. Sua eloquencia branda e cheia de sentimentalidade arrancara lagrimas a todos os ouvintes, sem exclusão dos membros do governo, que se achavam todos presentes. Foi por essa occasião que o padre Ribeiro Pessoa recusou entrar na igreja debaixo do pallio, declarando que só ao Deus sacramentado eram devidas taes honras, procedimento que teve a mais franca adhesão e imitação dos outros membros do governo, e que tão agradavel impressão produziu em toda a população alli reunida. Iguaes festividades se realizaram nas demais parochias da capital.

Voltemos á sala do conselho.

VIII

Os passos, cujo rumor se fizera ouvir, eram do coronel Pedroso, que penetrara naquella logar, reservado ao governo, com o proposito de castigar Mendonça pelas palavras que momentos antes proferira.

Dentre todos os patriotas que occuparam o primeiro plano

na revolução de 1817, foi Pedroso o de temperamento mais irritavel, o de animo mais resolutivo. Intrepido por extremo, era demasiado pobre desse espirito de prudencia, que é o como freio das paixões, e constitue uma grande prenda, sinão parte da essencia racional que caracteriza o homem.

O genio pernambucano sempre se revelou impetuoso ; e ainda hoje, sem embargo das continuadas provações, por que o tem feito passar uma politica que parece ter por empenho particular quebrar a digna altivez desse genio, uma vez por outra se mostra na altura das suas illustres tradições.

Em 1817 elle estava dignamente representado em Domingos Thootonio, Miguelinho, Pessoa, e tantos outros que arrostaram com o despotismo. Em Pedroso, que aliás tantos e tão relevantes serviços prestou á liberdade em geral, e á republica em particular, o astro pernambucano apresentava, por entre inescurecivel brilho, algumas manchas.

Apenas Mendonça finalizou seu discurso, Domingos José Martins, a quem faltavam armas espirituaes para rebater o collega, e que com profundo assombro e magua o ouvira, encaminha-se a uma das salas contiguas, onde costumava estar Pedroso. Encontrando-o ahí, pinta com as mais tristes cores o que na sessão secreta acabava de passar-se.

Martins não tivera tempo de reflectir. A commoção impellira-o para fóra da sala do conselho, como si nesta já não existisse mais que a sepultura da republica. A grande popularidade, que cercava Mendonça, advogado dos pobres, de todos querido e acatado ; o prestigio que naquelles ultimos dias ganhára no espirito dos republicanos, pelo relevantissimo serviço que prestára ao nascente governo, conseguindo por meio de suas argucias e altos recursos a capitulação, que puzera termo á revolução do modo mais conveniente e honroso para ella, prestigio que o elevava á altura de um como oraculo da nova sociedade politica em formação, armara-o com força respeitavel para fazer com que fossem accitas suas idéas, e fizera Martins receiar que a republica se achava ameaçada de golpe mortal, ouvindo as considerações daquelle membro do governo.

Pedroso, que via na republica sua filha querida, sem mais demora corre á sala do governo, e ahí penetrando arrebatadamente, atira-se sobre Mendonça com a espada apunhada para

atravessal-o. A' palavra —traidor!— que proferiu como sentença de morte contra Mendonça, os outros membros do governo levantam-se, interpõem-se entre o aggressor e o aggreddido, e conseguem que a aggressão não tenha resultado. Mas a consternação invadiu o espirito dos patriotas sinceros, a quem chegou a noticia deste triste acontecimento. Julgando todos que era digno de censura o procedimento de Pedroso, não podiam escusar de censura o de Mendonça, no qual alguns mais suspeitosos já queriam descobrir o executor de uma machinação contra a liberdade. Nos momentos, como aquelle, em que os governos, ainda não de todo fundados, podem ser destruidos facilmente, é mais arriscado incorrer em suspeita do que declarar-se em aberta hostilidade. Só as instituições que tem profundas raizes nos espiritos podem esperar pelos conselhos da prudencia, e confiar-se do exame miudo e paciente, antes de tomar directa e formal defeza.

O receio dos que julgavam possivel qualquer plano de restauração do antigo regimen tinha o seu particular fundamento na circumstancia de estar ainda no Recife o capitão general Caetano Pinto. No espirito desses Mendonça começou a descer da altura a que subira pelos anteriores serviços. Era ainda bem fresca na memoria a proposta que elle fizera na casa do erario, na noite do dia 6, proposta que, si não era a mesma que fez depois, em tudo lhe era identica. O respeito á velha realleza achava-se em ambas; e por mais que alguns se esforçassem por fazer crer — e deste numero era o proprio Mendonça — que os odios pernambucanos tinham por principal objecto o ex-governador, a verdade não era outra sinão que para a realleza, e só para a realleza, convergiam esses odios.

Em vão Mendonça desdiz-se, em vão desenvolve todos os fundamentos que tinha para pensar que era summamente arriscado separar-se Pernambuco tão violentamente da côrte do Rio de Janeiro; em vão protesta a mais sincera lealdade e dedicação ao governo de que fazia parte, e á causa da democracia para a qual tivera sempre as suas mais caras affeições. Do espirito de um a suspeita passou ao de todos os membros do governo. Nenhum delles revelava os seus receios, mas todos se entrecollhavam inquietos e temerosos.

Martins, de todos os que se achavam presentes o mais au-

daz em lembrar providencias heroicas, indicou então varias idéas que naquella mesma sessão se converteram em decretos. A reacção pela moderação, trouxe a reacção pelos meios extremos. Si não fôra o discurso de Mendonça, o governo provisório não teria talvez tomado resoluções que, sem destoarem da verdadeira democracia, trouxeram por então descontentamento a alguns republicanos importantes; e de outros mereceram decidida reprobção.

« Amigos — disse Martins — logo que a ordem se restabeleceu e aos espiritos já algum tanto serenados voltou a capacidade para deliberar — depois do que acaba de passar-se nesta sala, e que a esta hora já está correndo de boca em boca pelas ruas da villa — julgo de grande necessidade que o governo decreto medidas que, por sua largueza, sirvam para restabelecer a confiança publica, ora abalada. E' muito grave a nossa posição, e ella exige que não procedamos de outro modo. Lá fôra todos tem os olhos em nós. Mal estaremos, mal estará a causa da patria, si aquella confiança nos faltar, e si as vistas do publico, em vez de nos abençoarem, despedirem contra as nossas cabeças os raios da sua maldição e da sua vingança.

« Proponho que de hoje até amanhã, o ex-governador Montenegro saia pela barra fóra. Assim que o vir sair, o povo ficará tranquillo, e não mais duvidará da nossa sinceridade.

« Proponho que sejam proscriptas as ordens militares. Mercês da realza, que acabamos de abater, essas distincções não devem mais apparecer no peito dos esforçados membros do exercito pernambucano, que tão galhardamente foram os primeiros que derribaram essa arvore carcomida e pôdre. Opportunamente o governo tratará de regular as distincções civis. Fique porém desde já estatuido que só os talentos e as virtudes civicas constituem na sociedade o verdadeiro merecimento, e habilitam para os mais altos postos da republica.

« Proponho que, concurrentemente, sejam abolidas as insignias reaes. Seria de feito digno de estranhar-se que, depois de estabelecida a forma democratica para o governo da nação, não fossem substituidas logo essas insignias, restos do absolutismo banido dentre nós, por outras que caracterizassem as nossas tropas. Como porém ainda não se resolveu, nem se po-

derá resolver tão depressa, quanto fôra conveniente sobre o uniforme e insignias do exercito republicano, sejam as da realza desde já abolidas, em satisfação á justa espectativa publica.

« Proponho que sejam reguladas as civilidades pessoas, tendo-se por base a substituição do tratamento de *mercé e senhoria* pelo de *vós*, ainda nos papeis publicos que os cidadãos, ou as autoridades subalternas hajam de dirigir aos mais altos magistrados da republica. Todos os homens sendo iguaes perante a natureza, não ha razão para que o não sejam perante a sociedade. O povo morre pela igualdade, senhores; estabeleçamos pois a igualdade de modo explicito e amplo. Dahi só nos podem provir vantagens, e não males. Da igualdade não se gera a anarchia, do despotismo, do privilegio, da desigualdade social é que nasce esta terrivel calamidade.

« Proponho que sejam abolidos os impostos creados pelo alvará de 20 de Outubro de 1812 sobre lojas, boticas e canôas, bem como o subsidio militar de 160 réis em arroba de carne verde. Todos nós sabemos quanto estes impostos são antipathicos ao povo. Esta circumstancia é mais que bastante para que façamos sem demora, afim de que figure entre as primeiras leis que devem constituir o nosso codigo republicano, uma que extinga estes dous inimigos da riqueza particular, sem a qual não ha riqueza publica. »

A reacção em favor da monarchia não podia ter mais positiva e larga resposta do que estas providencias. Não é outro o resultado das reacções. Naquelle dia foi Montenegro intimado para embarcar na manhã seguinte.

Mendonça, portanto, pretendendo moderar a carreira em que a revolução entrara desde as suas primeiras victorias, não fez mais que imprimir-lhe novo impulso, e acelerar a sua marcha.

Algumas destas propostas foram nessa mesma sessão convertidas em actos do governo. O restante ficou espaçado para o dia seguinte, em que o governo devia ficar em sessão permanente.

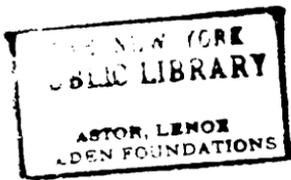
Martins saiu da sala coberto de gloria.

Mendonça safu cabisbaixo e temeroso, levando a tristeza e o desalento na alma.



José Luiz de Mendonça

(Dum retrato a oleo existente na Galeria do Instituto Archeologico Pernambucano).



IX

Estudemos por alto alguns destes actos, e seja o primeiro o que regulou as civilidades pessoaes, visto que de todos o do governo provisório é porventura o que tem merecido aos escriptores infensos aos patriotas as mais rudes exprobações. (1)

Este decreto era dobradamente politico, 1º, porque abatia o orgulho portuguez, herança da metropole, o qual na colonia se desenvolvera e filhara raizes sem conta como as plantas damninhas, e ao mesmo tempo nivelava os fidalgos pernambucanos aos que não se tinham dado ao trabalho de cuidar de titulos nobiliarchicos, e por isso passavam por plebeus; 2º, porque lisonjeava o povo, que a republica, por bem de sua consolidação e conservação, devia ter de seu lado, e sem o qual estes dois fins não seriam conseguidos.

Tratando deste ponto, Muniz Távares (*Historia da Revol.* pag. 67) escreve :

« O tratamento de vós não foi a lembrança mais feliz do novo governo : a igualdade em presença da lei é a base da prosperidade de um estado ; em presença das pessoas é o germen da anarchia, e dissolução social. O povo fixa nas exterioridades particular attenção : os francezes, na effervescencia da sua re-

(1) De uma carta escripta a certo sujeito desta côrte, em 15 de Junho de 1817 por João Lopes Cardoso Machado, e impressa na importante obra do Sr. Dr. Mello Moraes, intitulada o *Brasil-Reino* e o *Brasil-Imperio*, pag. 174, traslado a parte seguinte, que pinta ao vivo o espirito portuguez naquelles tempos :

« Os cabras, mulatos e creoulos andavam tão atrevidos que diziam eramos todos iguaes, e não haviam de casar senão com brancas das melhores. Domingos José Martins andava de braço dado com elles, armados de bacamartes, pistolas e espada núa. Tem-me porém regalado o chefe do bloqueio Rodrigo José, porque tem levado na grade da cadeia 300, 400, 500 açoites mulatos forros e crioulos, até aquelles a quem o provisório fez officiaes. Andam muito murchos agora ; já tiram o chapéo aos brancos ; e nas ruas apertadas passam para o meio para deixar passar os brancos. Já não se persuadem que hão de casar com senhoras brancas.

« Meu compadre, si Vm. cá estivesse, era maltratado e preso. Vm. não os supportava. Si chegasse a Vm. um cabra, com o chapéo na cabeça, a bater-lhe no hombro, e dizer-lhe : — Adeus, patriota : como estaes ? dae cá tabaco ; ora tomae do meu — como fez um captivo do

volução ainda mal avaliadores dos prejuizos humanos, adoptaram o tratamento de *tú*; não tardaram porém a suprimil-o, sem deixarem de ser livres. Os governantes de Pernambuco, qualquer que fosse o seu patriotismo, não superariam o do immortal Washington; e entretanto a historia nos certifica que elle não quiz abrir uma carta, que lhe dirigiram, por não conter na subscripta o titulo de *Excellencia* que lhe competia. »

Não me parece logico o illustre escriptor neste, como em varios outros pontos, em que nem sempre se mostra do lado da doutrina liberal mais geralmente seguida.

O que o governo patriota decretou não foi sinão a igualdade perante a lei, sendo certo que não é o tratamento o que indica, em realidade, mais ou menos direito ou consideração pessoal. Nem os *tratamentos* são preceitos de moral universal que viessem do berço com o primeiro homem, nem era a primeira vez, ainda pondo de parte o facto apontado em relação á França, que por um decreto se alterava uma fôrma social.

Demais, a igualdade das pessoas afigura-se-me mais natural que a igualdade perante a lei. Os homens são iguaes, não porque a lei o determina, mas porque a natureza humana não soffre os privilegios e as desigualdades, que, segundo o testifica a historia social e juridica, são mais consagrações de leis, —

Bradarodes ao ouvidor Affonso; porém já se regalou com 500 açoites na cadêia. »

Esta carta está eivada de espirito de parcialidade, e é tanto mais injusto o seu autor quanto depois de estabelecido o governo provisorio foi constante empenho deste acabar com as prevenções e os odios entre brasileiros e portuguezes. Na proclamação que dirigiu aos habitantes de Pernambuco, dizia o governo: «..... Já não ha distincção entre brasileiros e europeus, todos se conhecem irmãos, descendentes da mesma origem, habitantes do mesmo paiz..... A patria é nossa mãe commum, vós sois seus filhos, sois descendentes dos valorosos lusos, sois portuguezes, sois americanos, sois brasileiros, sois pernambucanos. » No *Preciso* pozeram-se estas palavras: «..... proclamando, enfim, por um bando os sentimentos do governo e do povo, e não haver mais daqui por diante differença entre nós de brasileiros a europeus. » No panegyrico pronunciado por Miguelinho na matriz de Santo Antonio, andou tão eloquentemente tratado o sentimento da fraternidade que « o auditorio — escreve Muniz Tavares — ficou penetrado da unção evangelica com que aquelle sabio ecclesiastico orou; brasileiros e portuguezes não podiam conter as lagrimmas, juraram todos mutua concordia. »

odiosas e immoraes, é certo, mas nem por isso menos obrigatórias— do que da propria natureza.

Si o povo fixa nas exterioridades particular attenção, a razão deste erro é porque a impostura, o embuste, a hypocrisia, o interesse inconfessavel, apadrinhados pela lei, tem mudado esta mentira em verdade social, fazendo crer que sem taes distincções, que em nada alteram a substancia do direito, da autoridade e da ordem bem entendida, estes grandes baluartes da estabilidade dos estados, e da felicidad dos povos são insustentaveis. Contra esta mentira reagiu o governo provisorio, o qual deveu a sua quéda, não á anarchia daquelles que no tratamento havia nivelado, mas ao despotismo dos que para qualquer ordem de autoridade tinha uma distincção odiosa, e em cada condição social assentavam um titulo de benemerencia, ou uma marca de aviltamento.

O exemplo de Washington não póde dar a menor autoridade ao illustre escriptor. Não ha paridade entre as condições em que estava este eximio cidadão americano e as do governo provisorio quando decretou a abolição das *senhorias e mercês*; mas no caso de se querer achar ahi paridade, as palavras de Washington, longe de autorizarem o principio que o escriptor pernambucano sustenta, francamente o reprovam. Seja o leitor o juiz.

Depois de declarada pelas colonias americanas a sua independencia, chegára a Sandy-Hook o almirante inglez lord Howe, portador de instrucções pacificas. Declarou, por uma proclamação ao povo americano, que não vinha á America como destruidor, mas como mediador; e para ajuntar o facto ás palavras, mandou a Washington, general dos exercitos americanos, nomeado pelo congresso revolucionario, um parlamentar com uma carta, cujo subscripto era assim concebido: « Ao Sr. Jorge Washington, cavalheiro. » Vendo a carta o coronel Reed, responde que com semelhante nome não se conhecia ninguem no exercito. A intenção de lord Howe era manifesta. Enviado a uma colonia da Inglaterra, que se achava em guerra, não quiz, sendo, como era, general da metropole, dar a Washington um titulo que este devia á insurreição. Tambem Washington, que considerava, não sem razão, tão legal o seu titulo, como poderia ser o de lord Howe, recusou a carta, que era di-

rigida a um simples particular. Dando conta desta occorrença ao congresso, escreveu Washington estas palavras: « Nunca sacrificarei a uma *vã etiqueta* o que fôr essencial; mas, por meu paiz, e pela minha posição, julguei dever dar valor a uma prova de consideração que *me seria indifferente*, si a honra da patria não se achasse empenhada nisso. » (John Frederick Schroeder, *Life and Times of Washington*, tomo 1º, pag. 447; Laboulaye, *Hist. des Etats Unis*, tomo 2º, pag. 333).

Quanto á proscrição das distincções honorificas, o governo provisorio não fez sinão o que d'elle se devia esperar a semelhante respeito. Estas distincções, que todos nós sabemos hoje quanto valem, em uma monarchia são indispensaveis, mas em uma republica, em que sómente os verdadeiros principios — aquelles que derivam do respeito, da dignidade e da igualdade humana — são chamados a servir de fundamento ao governo, deviam desapparecer.

A proscrição das insignias não foi sinão a legitimação de um facto, que se passára dois dias antes por occasião de voltarem ao campo do erario as tropas depois da capitulação de Montenegro. Foram os officiaes que deram o exemplo, tanto que se publicou junto da igreja do Pilar, onde se achavam paradas, a dita capitulação. Das barretinas arrancaram as armas reaes, e as arrojaram ao chão com desprezo. Não houve para isso combinação, mas pura espontaneidade. Com as distincções honorificas procederam do mesmo modo. E este exemplo foi, sem discrepancia, seguido pelo exercito, que, assim praticando, queria testemunhar que estava de harmonia com os chefes, bem assim que, antes de qualquer decreto ou acto official, já de suas consciencias e de seus corações era banida a idéa do despotismo.

Estes actos, que tambem mereceram censura do historiadore pernambucano (pag. 49), afigura-se-me tão naturaes de um povo que pela primeira vez se desprendia de um regimen de compressão e violencia, que, longe de os estranhar, descubro a sua justificação em mais de um sentimento pernambucano, em mais de um principio commum a todo povo. Demais, era coisa sabida que taes distincções e insignias haviam de ser de força abolidas pelo novo governo, visto que se não compadeciam com a republica. Não houve, pois, da parte da tropa sinão

a antecipação de uma resolução que o governo agora confirmava por decreto.

Mais exaltado fôra em seus desabafos e vinganças o povo de Nova-York, por ocasião de ter conhecimento da declaração da independencia americana, que Washington mandara publicar em ordem do dia. Derribaram uma estatua do rei Jorge, que existia em Broadway, cortaram-lhe a cabeça, e como era de chumbo, converteram-a em balas para sustentar na guerra a independencia (Laboulaye, *Obr. e tom. cit.*, pag. 331).

Pois bem : a capitulação de Montenegro equivalia á declaração da independencia pernambucana. Portanto não houve no sobredito procedimento das tropas censuravel vandalismo, sinão a demonstração de regozijo pela aquisição da liberdade de ha muito desejada, e da adhesão á fôrma de governo que todos esperavam assegurasse os direitos do povo.

FRANKLIN TAVORA.



As Etymologias Indigenas

DE

Elias Herckman

No substancioso prefacio da sua inestimavel memoria — *O Tupi na Geographia Nacional* — escreveu o illustrado e prestimoso Sr. Dr. Theodoro Sampaio : « Não ha quem desconheça a predominancia do *tupi* nas nossas denominações geographicas. As nossas montanhas, os nossos rios, as cidades como os simples povoados trazem geralmente nomes barbaros que o gentio, dominador outr'ora, lhes applicou, que os conquistadores respeitaram e que hoje são de todos preferidos, pois, não raro, se trocam, se substituem nomes portuguezes de antigas localidades, por outros de procedencia indigena, ás vezes lembrados ou compostos na occasião, ás vezes restaurados pelos amadores de coisas velhas e tradicionaes.

« Mas essas denominações geographicas, explicaveis e naturalissimas numa época em que o *tupi* era a *lingua geral*, ou a mais fallada no paiz, são agora para as modernas gerações verdadeiros enigmas que as alterações quotidianas ou as inevitaveis corruptellas vão tornando indecifraveis.

« Portanto, preservar-lhes a graphia verdadeira, e a verdadeira pronuncia, fixar-lhes o significado, interpretado atra-

véz do véo obscuro dos metaplasmas, vale tanto como resguardar um monumento historico.

« Sim, porque se a geographia póde passar intangível por um nome fossilisado ou cruelmente adulterado pelo correr dos annos, com a Historia já não succederá o mesmo sem damno sensível para a perfeita comprehensão dos successos com que ella evoca as eras passadas. »

Meditanto nestas judiciosas considerações, deliberamos enviar ao sabio investigador o n. 31 desta *Revista*, em que se contem a curiosa *Descrição Geral da Capitania da Parahyba* feita, em 1639, pelo hollandez Elias Herckman.

E em bôa hora o fizemos, conforme demonstra a seguinte carta que o benemerito scientista e elegante escriptor teve a nimia gentileza de nos endereçar :

S. Paulo, 1 de Março de 1904.

Amº. e collega Dr. Alfredo de Carvalho.

Saudações cordiaes. Depois da minha carta, accusando o recebimento do volume da *Revista* que o amigo me remetteu, recebi com demora de poucos dias a sua carta de 22 de Janeiro explicando-me o motivo da remessa.

Li a *Descrição Geral da Capitania da Parahyba*, de Elias Herckman, de 1639, e, como a desconhecia, despertou-me vivo interesse já pelas noticias geographicas copiosas que encerra, já pelas interpretações de nomes tupis, em tão bom numero, que se póde considerar o escriptor hollandez como um dos precursores nos estudos deste genero.

Certo, muitas das suas interpretações são erroneas, muitos nomes indigenas estão mal graphados, mas ainda assim o subsidio que o autor da *Descrição Geral* nos traz não é pequeno nem destituido de valor.

E' muito para notar, como algures já o escrevi, a alteração tão rapida das denominações tupis numa epoca em que a lingua dos aborigenes ainda era tão commum e geralmente fallada no paiz. Essa alteração não se deve levar á conta do coeficiente pessoal do autor, não; é um phenomeno glottologico manifesto, fazendo-se sentir onde quer que o europeu, portuguez

ou hollandez, predominou. E' facto que se verifica nos livros e publicações daquelles tempos.

Mas, achei tão interessante o trabalho de Elias Herckman que resolvi annotal-o, corrigindo algumas interpretações erroneas, como passo a fazer :

PITIGUARES. — Aqui a graphia de Herckman é como a de Gabriel Soares no *Roteiro do Brasil* de 1587 e como a de Frei Raphael de Jesus no *Castrioto Lusitano*. Assim sendo, *Pitiguares* ou *Petiguare* deriva-se de *Peti-guara* que quer dizer o *fumador*, ou o *pitador*. Neste caso, os indios da Parahyba, assim denominados, seriam muito amigos do fumo ou tabaco, e por isso ficaram appellidados os *fumadores*. Mas, Frei Vicente do Salvador, na sua *Historia do Brasil*, escreveu Potyguares, em 1626, como muitos outros depois o fizeram, e assim o vocabulo tem outra origem : *Poti-guara* que significa : comedor de camarão ou papa-camarão. Occorre observar que o chefe mais proeminente dessa tribu, se chamava *Poty* que se traduziu por *camarão*.

PARAHYBA. — A interpretação de Herckman, traduzindo esse nome por *mar-corrompido* ou *agua má*, é erronea. Neste caso, o indio diria *Pará-nema* ou *Ypanema*. Parahyba é o mesmo que *Para-ahyba* e se traduz : *rio ruim* ou *impraticavel* por motivo de difficuldades oriundas do proprio leito. Costumavam os selvagens denominar *parahyba* ou *paranahyba* os trechos do rio encachoeirados, inacessiveis á navegação. O *Tietê*, em S. Paulo, tambem conhecido por *Anhemby*, tem um trecho encachoeirado que os indios chamaram *Paranahyba*.

GARGAU'. — A traducção de Herckman, como *rio do peixe boi*, é verdadeira, não assim a procedencia ; pois que peixe-boi não se diz em tupi — *garga*, mas *guaraguá*. O nome teria sido primitivamente *guaraguá-ú* que por corrupção se fez *gargaú*. Mas, assim sendo, admite mais de uma traducção, porque *guaraguá-ú* tanto pôde ser : *o peixe boi come*, como pôde ser : *rio do peixe boi*, visto que o som final *ú* pôde ser o verbo *comer*, como pôde ser corrupção de *y*, que significa *rio, agua*.

INOBI. — O autor da *Descripção* traduziu este nome como *cousa pontuda* ou *cortante*, sem dar a razão disto. Mas, em verdade se engana, porque *Inobi* é o mesmo que *y-n-obi* que se traduz : *rio verde* ou *rio azul*, o mesmo que *Itoby—y-t-obi*,

onde a letra *t* é um simples signal euphonico como o *n* de *Inobi*.

TIBERY. — Herckman traduziu mal, dizendo que significa — *rio do peccado sodomitico*, como se o nome tupi derivasse de *Tebiró-y*, porque de facto *Tebiró* se traduz — o que tem o trazeiro roto, o individuo infame que se presta a servir de mulher. Na verdade, porém, *Tibery* ou *Tibiry*, como o escreveu Frei Vicente do Salvador na sua *Historia do Brazil* (1626), procede de *Tibi-r-y* que significa: *o rio da sepultura*, ou então de *Tibir-y* que se traduz: *rio do sepultado, rio do enterrado ou do finado*.

ITAPOA aliás *Itapoã* que procede de *Itá-poã* significando, na verdade, *pedra levantada* ou *erguida* e só, por figura, *pedra pontuda* como o traduziu Herckman, a pag. 256.

MOMBAB ou *Mombaba* não quer dizer: *logar onde a guerra cessou* como o explica Herckman, á pag. 257 da *Descrição*, mas simplesmente: *conclusão, fim*. A verdade é, porém, que o nome está mal escripto. Deve ser, provavelmente, *Mumbaba*, derivado do tupi *Mimbaba* ou *Mymbaba* que quer dizer *criação, cria*, applicado ao animal domestico, ao gado, o que é bem de ver, pois se applicava o nome referido a um rio em que existiam varzeas com muitos curraes ou fazendas de criar (pag. 257).

GRAMAMA e tambem *Garamama* á pag. 258 é derivado de *guára-mãmo* que significa: *cerca, curral, rodeio, manga*.

SUASUPPE aliás *Suassupe* não significa — *pé de porco* como diz Herckman á pag. 257, *nos veados*, pois que se deriva de *suassu-pe* ou melhor, de *çob-assú-pe*, que isso significa.

SUASUGAIA aliás *Suassúgaia* não significa *rabo de porco*, como diz Herckman á pag. 257, mas *rabo de veado*, pois que *Suassúgaia* bem parece derivar-se de *çob-assú-huguai* que isso significa. No tupi se diria *rabo de porco-Tuyassú-huguai*.

NUASSUREE é corrupção de *Nhù-assú-rehé* que se traduz — *pelo campo grande* (pag. 257).

JOAKAKA tambem escripto por Herckman *Joakoka* á pag. 259, é derivado de *juá-coga* que significa *roça de juá* ou *onde se faz colheita de juá*. A explicação do autor hollandez é inadmissivel.

PINDAUNA é o mesmo *Pindá una*, anzol preto, como bem o traduziu Herckman, á pag. 259.

TAPEROBUBU' é corrupção de *Tapera-yby*, alterado pela má pronuncia do *y* grego em *Tapera-ubú* e significa a *terra das ruínas*, ou a *terra da tapera*. Não é accetivel a interpretação de Herckman á pag. 260.

POPOKA quer dizer *arrebentação* ou o estrondo que faz a agua arremettendo.

MIRERY admite duas interpretações : ou é corrupção de *mbirer-y* que quer dizer — *rio dos couros*, ou é alteração de *miri-r-y* que significa — *rio dos piris* ou *miris* ou *do junco*.

JACUIPE é alteração de *Jacu-y-pe* que se traduz : *no rio do jacá*.

TAPABARA pôde ser corrupção de *Tapé-apara* que significa — *caminho torto*.

MONGOAGOAPE deriva-se de *nô-guáguá-pe* que se traduz — *onde se faz beber*, no *bebedouro*. *Mô* quer dizer *fazer*. *Guaguá* é a aglutinação da palavra *guaba* contracta, e significa assim : *bebida-bebida* ou *bebida* em continuado, em frequencia. Litteralmente quer dizer : *onde se fez bebida em continuado*, o *bebedouro frequente*.

PIABAY é o mesmo que *Piaba-y*, rio ou agua das piabas.

COROA POCEMA ?

PERIGISSE parece graphia errada de *Preguiça*.

IKOLEE provavelmente corrupção de *Icôrehé* ou *y-côrehe* agua que já houve, agua extincta, rio secco.

PIRIPIRITUBA corrupção de *Piri-piri-tyba*, juncal, junco abundante.

ANNINGA. — Parece voz africana, pois que, segundo von Martius, se encontra em Sofala o nome *Inninga* para uma planta do genero *Musa*.

JACAREMIRI. — Corrupção de *jacaré-mirim*, jacaré-sinho.

POTITUBA. — Se se compõe de *Potí-tyba* ou *Potindyba* quer dizer : *camarão abundante*. Se, porém, se compõe de *Potityba* quer dizer : *excremento abundante*, a *esterqueira*. Esta ultima interpretação é a mais provavel, porque o *i* de *Potituba* não é nazal.

TAMOATUMIRI deve ser *Tamoatá-mirim*, o *tamoatá* pequeno ou o *camboatasinho*.

ITAPOROROCA. — Corrupção de *Itá-pororoca*, pedra estrondante, ou o estrondo da pedra. Confunde-se com *Caápororoca* que se traduz: *pau que estala*.

POPIRI é corrupção de *Popir-y* que significa *agua da margem* ou *lagôa chegada á costa*.

NANAU' se é composto de *Nanã-u* se traduz: *onde se come ananaz*. Se, porém, é corrupção de *Nanã-y*, se traduz: *rio dos ananazes*.

MANAU'. — Corrupção de *Mana-y*, rio dos feixes ou molhos.

CUPAOBA. — Corrupção de *Cuba-ob* que quer dizer *o que ao longe se estende, o que distante se dilata*. E' o nome applicado a uma serrania que se vê ao longe. Pela descripção de Herckman parece referir-se á *Borborema* ou a algum dos seus contrafortes mais avançados para a costa.

MAMANGUAPE compõe-se de *mamã-guaba-pe*. Como, porém, nos vocabulos compostos, alguns dos elementos componentes se contraem, temos em verdade, *mamã-guápe* que se traduz ao pé da lettra: *na bebida de reunir, onde se reúne para beber, no bebedouro*. O autor hollandez confunde *Mamangoape* com *Mangougoupe*, apezar de que, em ultima analyse, os dous nomes venham a significar a mesma couza.

CAMARATUBA. — Corrupção de *Camará-tyba* que se traduz *camará abundante*.

TIBIRA CAIUTIBA foi traduzido pelo autor hollandez como *o cajual da sodomia*, interpretação erronea, pois que *Tibira* significando, como significa — *o sepultado, o enterrado, o defuncto, e caiutiba* — *acayá-tiba*, cajual, a traducção verdadeira é *cajual do defuncto*. A interpretação de Herckman seria admissivel se o pome tupi fosse *Tebiró Caiutiba* que então se traduziria: *cajual do que tem o trazeiro rôto, cajual do sodomita*. Barlaeus escreveu *Tibira-Caiutiba* como Herckman. Mas Gabriel Soares no seu *Roteiro* escreveu *Acajutibiro* que se pôde identificar a *Acayútibira* e traduzir-se: *o cojú enterrado*. Ayres do Casal, na sua *Chorographia Brasílica*, escreveu *Acajutibiró*, que se equipara a *Acayú-tebiró* e se traduz: *o cajú de fundo rôto, ou o cajú estragado*, mas que ainda pôde ter outra

tradução, uma vez que *Acajutebiró* pôde se derivar de *Acayú-tyba-ró* ou *Acayú-tyb-ró* que significa : o *cajual desfeito, rôto, destruído*.

TAPITITINA pôde ser derivado de *Tapiti-tim* e traduzir-se o *focinho do coelho* ; pôde proceder de *Tapiti-tinga* e significar : o *coelho branco*.

MARIPITANGA é corrupção de *Imirá-pitanga*, alterado depois em *mirá-pitanga* e ainda em *mari-pitanga*, significando o *pau vermelho, o pau brasil*.

IPITANGA é o mesmo que *y-pitanga*, agua vermelha ou rio vermelho.

ERIOENE é corrupção de *Eir-oená* que significa : *onde a abelha está, ou onde ha mel*. Para significar — *mel preto*, como o interpretou Herckman, seria escripto *Eir-una* ou *Ira-una*.

WASJU é corrupção de *Guayú*, que se traduz : *aquelle que come ou que devora*. Nome de uma formiga vermelha.

Do collega e am^o.

THEODORO SAMPAIO.



O PORTO DE PERNAMBUCO

E A

Cidade do Recife

NO

SECULO XVII (*)

PREAMBULO

O estudo dos problemas relativos á conservação, ao melhoramento e ao desenvolvimento do porto do Recife, torna interessante senão indispensavel, o conhecimento das modificações que, nestes ultimos seculos, tem soffrido sob a acção das forças naturaes e em consequencia das obras realisadas por mão do homem. Penetrado da importancia deste estudo o Sr. V. Fournié, Director das Obras Publicas da Provincia de Pernambuco, me encarregou de compulsar os documentos relativos á antiga condição do porto, que podéssem ser encontrados nas bibliothecas e archivos publicos e particulares da Hollanda. A minha missão me foi singularmente facilitada pela benevola

(*) Esta interessante memoria appareceu pela primeira vez, em francez, na TIJDSCHRIFT VAN HET AARDRIJSKUNDIG GENOOTSCHAP (*Revista da Sociedade Geographica*) de Amsterdam, em 1881; attenta a importancia e a actualidade do assumpto e a extrema raridade do original, resolvemos traduzil-a para estas paginas, acompanhada da respectiva planta do Recife.

A. de C.

intervenção da *Sociedade Neerlandeza de Geographia*, cujo Presidente, o Professor WETH, e um socio, o Sr. LEUPÉ, Archivista do Governo em Haya, me proporcionaram esclarecimentos preciosos e uteis conselhos com a mais cordal sollicitude.

A Hollanda era, com effeito, o paiz a que cumpria recorrer neste genero de pesquiças, porquanto os hollandezes occuparam a provincia de Pernambuco de 1630 a 1654, e, durante este espaço de tempo relativamente curto, lançaram os alicerces da actual cidade do Recife, transmittindo á posteridade, em numerosas e consideraveis publicações, todos os incidentes da sua permanencia no Brasil.

A planta annexa, na escala de 1/20000, representa, em preto e azul, o aspecto actual da cidade do Recife e seus arredores, e, em amarello e vermelho, a sua physionomia na primeira metade do seculo XVII.

Vou indicar as fontes em que bebi os dados que me auxiliaram no desenho da antiga configuração do porto e da cidade e transcrever alguns outros informes interessantes que não pude fazer figurar na planta. Antes, porém, me seja permittido, para melhor comprehensão das ultiores explicações, reccordar algumas datas historicas.

DATAS

Nas proximidades de 1534, pouco tempo depois do descobrimento do Brasil, Duarte Coelho, a quem o rei de Portugal havia doado a provincia ou capitania de Pernambuco, veio installar-se nella com um certo numero de familias portuguezas e fundar Olinda, capital da provincia.

Em 1580 Portugal e as suas colonias passaram ao dominio hespanhol; nesta epoca Olinda já possuia 700 casas de moradia e numerosos edificios publicos; vinte engenhos de assucar funcionavam nos arredores.

Em 1621, ao expirar a tregua de doze annos concluida entre a Hespanha e a Hollanda, esta ultima confere á Companhia das Indias Occidentaes cartas patentes que, entre outros privilegios, lhe asseguram o direito exclusivo de, durante vinte

annos, traficar com o Brasil, levantar fortalezas, concluir tratados, etc.

A 8 de Maio de 1624, uma esquadra desta poderosa Companhia lança ferro diante da Bahia.

A 15 de Fevereiro de 1630, as primeiras tropas hollandezas desembarcaram na provincia de Pernambuco e se apoderaram de sua capital Olinda ; nesta epoca o Recife era apenas um povoado, com os armazens e algumas casas de moradia, situado na extremidade da lingua de terra chamada isthmo de Olinda, a uma legua proxivamente ao sul da capital.

A 24 de Novembro de 1631, Olinda é evacuada e em grande parte incendiada por causa da difficuldade encontrada em pô-la em estado de defeza. E' deste momento que data o desenvolvimento da cidade do Recife.

A 23 de Janeiro de 1637, o conde Mauricio de Nassau desembarca no Recife na qualidade de Governador-Geral do Brasil-Hollandez. Durante os 7 annos do seu governo a cidade do Recife se desenvolve ; um novo bairro chamado *Mauritsstad* é construido na ilha de Antonio Vaz, no logar onde hoje se eleva o bairro de Santo Antonio ; executam-se trabalhos importantes. As artes e as sciencias são representadas pelo geographo e astronomo Jorge Markgraf, o architecto Post, o capellão Francisco Plante, o medico Piso, etc.

A 6 de Maio de 1644, Mauricio de Nassau renuncia ao cargo de Governador e regressa para a sua patria. O poder dos hollandezes no Brasil começa a declinar rapidamente deste este momento.

Em 1645 as principaes praças do Brasil-Hollandez succumbem diante das armas dos colonos portuguezes insurgidos.

Desde 1646 o Recife acha-se estreitamente sitiado. Os hollandezes só resta o mar para communicar com o exterior.

Esta situação dura até 20 de Dezembro de 1653, data da apparição da frota portugueza que, sob as ordens de Magalhães, vem bloqueiar a praça por mar.

A 26 de Janeiro de 1654, os hollandezes encurralados no Recife, são forçados a capitular ; no mesmo anno evacuum toda a provincia.

DOCUMENTOS UTILISADOS

Postas estas premissas, eis a nomenclatura dos documentos gravados ou manuscritos que foram utilizados na redacção da planta representando o estado da cidade do Recife e do porto de Pernambuco na primeira metade do seculo XVII.

Carta da costa entre o rio Pau Amarello e os Afogados em 1630, gravada por Hessel Gerritsz, com algumas sondagens ao longo da costa ; é conservada na bibliotheca de Leyde.

Carta gravada da costa entre o rio Pau Amarello e os Afogados, da mesma epoca, dedicada a Henri'que Lonck por Nicolau João Piscator, e conservada na collecção da bibliotheca de Leyde. A' planta da costa corresponde um panorama tomado do ancoradouro ; contém além disso uma pequena carta da capitania de Pernambuco. Uma copia truncada e sem o nome do autor deste documento foi inserida na obra allemã : « *Neue Welt durch Johann Ludwig Gottfried* — Frankfurt, 1655. »

Carta manuscripta hollandeza, n. 711 da collecção dos Archivos de Haya, levantada em Julho de 1631 pelo engenheiro Andreas Drewish Bonge Saltensis ; dá com grande minuciosidade a disposição do porto, e parece ter servido de modelo ás outras cartas publicadas pela mesma epoca.

Carta gravada da bibliotheca de Leyde, representando o porto em 1630 e trazendo a menção — *Wilhelmus Hondius fecit* — 1640 — ; não passa evidentemente duma copia de Andreas Drewisch.

Esboço manuscripto hollandez, n. 2165 dos Archivos de Haya, e assignado Johannes van Walbeeck ; figura a região situada entre Olinda, os Afogados e o Arraial, e foi levantada em 1632 segundo as informações de prisioneiros portuguezes ; contém uma legenda muito interessante tanto sob o ponto de vista das habitações nos arredores do Recife quanto ao do regimen dos cursos d'agua.

Carta manuscripta do porto do Recife em 1640, tirada dum volumoso e precioso atlas que se acha nos Archivos de Haya e tem por titulo — *Verzameling van Pas-karten dienende tot de vaart naar Oost en West Indien* —. As cartas deste atlas,

na maioria inacabadas, não trazem data nem o nome do autor, mas são desenhadas com o maximo esmero.

Carta manuscripta da zona comprehendida entre Olinda ao Norte, os Afogados ao Sul e os dous fortes do Arraial a Oeste, tirada do mesmo atlas dos Archivos de Haya. E' baseada nos mesmos documentos da precedente, abrange, porém, uma maior extensão de terreno; da comparação com as cartas modernas resalta a sua exactidão. Sou levado a crer que ella resume os trabalhos topographicos dos hollandezes nas cercanias do porto, opinião confirmada pela passagem do historiador Nieuhof (p. 190) onde diz que seria necessario levantar, na extensão de quasi uma legua, uma certa região situada immediatamente ao Sul dos Afogados e ainda inteiramente desconhecida dos hollandezes. Ora isto se passava no mez de Janeiro de 1646, epoca na qual os hollandezes começavam a ser estreitamente cercados por terra, e depois da qual não poderam mais cuidar em executar trabalhos topographicos fóra do Recife.

Cartas do porto, em 1630 e 1640, da conhecida obra latina *Caspari Barlaei rerum per octennium in Brasilia..... Historia*. Estas cartas, que completam varias estampas magnificas representando o panorama do porto e diversas vistas da cidade, offerecem grande interesse. Entretanto são menos exactas do que as de Andreas Drewish e do atlas de Haya. Assim a carta do atlas de Haya indica as disposições do porto do Recife, do palacio da Boa Vista, etc., duma maneira mais conforme ao texto e ás vistas panoramicas de Barlaeus do que a planta correspondente da obra latina.

Planta detalhada do forte *Prins Willem*, nos Afogados, na obra italiana — *Istoria delle guerre del regno del Brasil del P. F. Giossepe de S. Teresa, carmelitano scalzo—Roma, 1698*— O mesmo volume contem uma planta do porto do Recife em 1640, que menciona apenas para assignalar a sua evidente inexactidão, principalmente no que concerne a uma excressencia do bairro do Recife que jámais pôde ter existido excepto na imaginação do desenhista.

Córte e planos manuscriptos do forte Real, desenhados pelo architecto Christovão Alvares em Dezembro de 1629, e classificados sob os ns. 2161 e 2162 nos Archivos de Haya. Trata-se do forte que Mathias de Albuquerque tinha intenção

de construir no lugar mais tarde occupado pelo forte de Bruyn. Estes dous documentos fornecem informações precisas sobre a largura do isthmo de Olinda e o regimen do rio Beberibe.

Outras cartas e plantas antigas me passaram pelas mãos, mas creio inutil mencional-as; umas apresentavam apenas um interesse secundario do ponto de vista especial das minhas pesquisas, outras eram copias mal feitas, ou cartas traçadas de memoria ou segundo esboços insufficientes.

Na redução das cartas á escala uniforme de 1/10000, admitti para a braça rhenana de 12 pés um comprimento de 3^m,767 e para a braça geometrica de 10 pés um comprimento de 3^m,71. Quanto ao pé da *virga mathematica* de Barlaeus (*Werckschuh*, segundo a traducção allemã), o suppuz igual ao pé geometrico.

Da redução, a uma mesma escala, das plantas antigas e da sua comparação com as plantas modernas, resulta que, na maioria, estão longe de apresentar a projecção mathematica do paiz. As linhas principaes são reconheciveis, é certo, mas acham-se frequentemente alteradas as suas coordenadas.

Como exemplo de inexactidão topographica assaz curiosa, citarei a curvatura pronunciada do recife que fecha o porto,—curvatura que não deve existir, como se pôde convencer, na falta de outras provas, quem lançar a vista sobre o panorama desenhado por Post na historia de Barlaeus — e que entretanto se encontra mais ou menos accentuada em todas as cartas da epoca. E' de suppor que o levantamento do porto não foi feito, no seu conjuncto, senão uma só vez e que posteriormente limitaram-se a completar este primeiro trabalho com a indicação dos fortes, canaes, pontes, bairros novos, etc., successivamente construidos pelos conquistadores. Segundo a narrativa de Varnhagen (*Historia das lutas* etc. p. 44) estas cartas fundamentaes podem bem ter sido as levantadas pelos engenheiros van Buren e Dre-wisch.

Nestas condições houve por vezes grande embaraço em transportar para a carta moderna as indicações dos antigos documentos e em encontrar pontos de concordancia certos em numero sufficiente. Suppri, tanto quanto possivel, a imperfeição dos desenhos pelo exame ocular do terreno.

Entre as obras antigas em que encontrei dados interessantes mencionarei :

Johannes de Laet. — Historie ofte iaerlijck Verhael van de verrichtingen der geoctroyeerde West-Indische Compagnie. — Leyde, 1644.

Barlaeus. — Rerum per octennium in Brasilia..... Historia. — Amsterdam, 1647.

Johann Nieuhof. — Gedenkwaardige Zee—en Lantreise. Amsterdam, 1682.

Estas tres obras resumem mais ou menos a phase da occupação do paiz pelos hollandezes. A primeira é uma chronica que começa com a chegada dos hollandezes e termina em 1636, pouco tempo antes do desembarque do Conde Mauricio de Nassau ; Barlaeus narra minuciosamente a gestão do Conde até a sua partida em 1644 ; enfim Nieuhof refere os acontecimentos occorridos entre 1640 e 1649.

Quanto ás obras recentes, encontrei informações uteis nas duas seguintes :

Varnhagen. — Historia das lutas com os Hollandezes no Brasil.—Vienna d'Austria, 1871.

Netscher. — Les Hollandais au Brésil. — La Haye, 1853. (1)

Examinemos agora successivamente o estado antigo do continente, das ilhas e dos cursos d'agua, cujo conjuncto forma o porto do Recife.

ISTHMO DE OLINDA E CIDADE DO RECIFE

A lingua de areia que se estende entre Olinda e a cidade do Recife tinha, na sua parte septentrional, quasi a mesma configuração que hoje, salvo entretanto a proximamente um kilometro ao sul de Olinda onde a sua largura era um pouco maior, devido ao delta que alli se formára sob a acção commum do

(1) Van Kampen, no seu *Magazijn voor Wetenschappen, Kunsten en Letteren* (Amsterdam, 1829) falla duma planta do Recife publicada por H. Koster (p. 384). Não me foi possível encontrar esta planta, que data de 1809 a 1810 (p. 388) e que seria de interesse consultar sob o ponto de vista das modificações mais recentemente occorridas no porto.

Tacaruna e dum braço do Beberibe. Era frequentemente designada pelo nome de Recife de areia, em opposição ao Recife de pedra situado em face. Nieuhof (p. 15) avalia a sua largura média em cerca de 200 passos.

Podia ser percorrida em todo o tempo, qualquer que fôsse o estado do mar.

No lugar em que hoje existe a Cruz do Patrão se elevava o reducto chamado de Madame de Bruyn, construido pelos holandezes. Alli a largura do isthmo correspondia sensivelmente á sua largura actual.

Um pouco mais adiante encontrava-se a fortaleza de Bruyn começada pelos portuguezes (Laet. p. 193) e acabada pelos holandezes, e que ainda existe com o nome de fortaleza do Brum. Os desenhos do primitivo projecto desta fortificação conservados nos Archivos de Haya, indicam que neste ponto a largura do isthmo era de 34^m,50 no momento da préa-mar, e que a baixa-mar descobria uma praia de 23 metros inclinada segundo um pendor de cerca 0^m,08 por metro.

A partir da fortaleza do Bruyn e em direcção ao sul, o isthmo occupava uma superficie bem inferior á actual. Assim o forte de S. Jorge, construido pelos portuguezes no sitio onde se acha actualmente a igreja do Pilar, era banhado pelas aguas do Beberibe; e além, entre este forte e a entrada da cidade do Recife (actualmente largo dos Voluntarios da Patria (1), o isthmo comprehendia apenas a estreita zona limitada pela rua dos Guararapes e a parte oriental da rua do Pharol.

A cidade do Recife, tal qual ella se desenvolveu pouco tempo depois do abandono e incendio de Olinda, terminava na igreja da Madre de Deus, e as defezas, estabelecidas logo á margem da praia, para protegel-a contra as surpresas do inimigo, estavam aquem das ruas da Restauração, de D. Maria Cesar, da praça do Apollo e da rua do Amorim. Vê-se como a cidade actual se expandio a custa do porto e do rio: ao sul apoderou-se dos bancos de areia que existiam no local da rua Tuyuti, da praça do forte do Mattos, da igreja da Madre de Deus, da Alfândega; a oéste ella invadio o leito do Beberibe em mais de 150^m.

(1) Hoje Praça Arthur Oscar.

Cumprer notar que *as ruas da antiga cidade correspondem exactamente ás actuaes vias publicas*, o que permite dizer que a disposição deste bairro é ainda hoje a que era no seculo XVII.

ILHA DE ANTONIO VAZ

A ilha de Antonio Vaz, hoje incorporada á cidade do Recife sob os nomes de bairros de Santo Antonio e S. José, era 1630, occupada apenas pelo convento ainda existente de S. Francisco e algumas casas alinhadas na praia. Todo o resto não passava dum vasto pantano coberto pelas marés e do qual emergiam algumas ilhotas. A mais inportante destas ultimas estava comprehendida entre a fortaleza das Cinco Pontas, o convento do Carmo e o jardim das Princezas; era cortada em duas por uma cambôa que entrava do lado do Lyceu de Artes e Officios, passava pelo pateo de S. Pedro e penetrava até a igreja de Santa Rita, a pequena distancia da praia. Uma outra pequena ilhota, de 1^m,10 de altura, apparecia ao sul da fortaleza das Cinco Pontas.

Quando os hollandezes se apoderaram da ilha de Antonio Vaz, levantaram o forte Ernestus em volta do convento e o forte Frederik-Hendrick no local da actual fortaleza das Cinco Pontas; estabeleceram ainda alguns reductos do lado do continente e hornaveques contra a cambôa de que acabo de fallar ao sul do forte Ernestus. Pouco tempo depois da chegada de Mauricio de Nassau foram construidas numerosas habitações ao abrigo deste ultimo forte; em breve ellas se estenderam até o forte Frederick-Hendrick e constituiram uma cidade populosa e commercial chamada *Maurits-stad* ou *Mauricêa* do nome do seu fundador. A parte mais antiga desta cidade tinha como centro a praça do mercado, hoje praça da Independencia; o seu desenvolvimento se fez em direcção ao sul e em pouco tempo ruas bem alinhadas cortaram os terrenos pantanosos, que separavam os fortes Ernestus e Frederick-Hendrick, cujos lotes eram vendidos aos interessados, por elevados preços, pela Companhia das Indias Occidentaes.

Afim de assegurar á Mauritsstad condições normaes de existencia os hollandezes, reccordando o exemplo da mãe patria, sanearam o sólo abrindo differentes canaes; o mais importante,

com cerca de 30 metros de largura na bocca, foi cavado entre o forte Frederick-Hendrick e a actual igreja do Rosario, seguindo um alinhamento recto passando pelo lado occidental das ruas Domingos Theotónio, da Assumpção, da Penha e do Livramento; communicava com o rio Capibaribe por um outro canal que se lhe entroncava atraz da igreja do Livramento e terminava proximo á extremidade actual da ponte da Boa Vista limite dos terrenos baixos da ilha de Antonio Vaz; emfim um terceiro canal, que desembocava no local do Arsenal de Guerra o ligava ao porto. Estes canaes, alem da vantagem de drenar a cidade, forneciam o aterro para elevar o sólo e eram provavelmente tambem destinados a servir de vias navegaveis no genero das que se encontram em tão grande abundancia em todos os portos hollandezes.

Uma trincheira, com fòssos e estacadas, fechava a cidade do lado do continente e seguia um alinhamento quebrado, partindo da fortaleza das Cinco Pontas, passando pela igreja do Terço, rua das Trincheiras, matriz de Santo Antonio e terminando no convento de S. Francisco ou forte Ernestus; os tres bastiões deste entrincheiramento estavam situados, o primeiro entre a igreja do Terço e a rua Visconde de Suassuna, no segundo na entrada do último becco do lado norte da mesma rua Visconde de Suassuna, e o terceiro ao lado da matriz de Santo Antonio.

As ruas antigas correspondem bem ás actuaes que têm por centro a praça da Independencia; mas, o mesmo não succede com as ruas situadas mais ao sul. A explicação desta apparente anomalia me parece facil. Com effeito, é quasi certo que as divisões da cidade desenhadas nas antigas plantas não representam construcções realmente feitas, mas sómente os projectos de alinhamentos do architecto Post, projectos que, como tantos outros ainda nos nossos dias, foram modificados no decurso da execução. A direcção de algumas das velhas ruas ainda existentes, como as de S. José e do Nogueira, corrobora esta hypothese. Outrosim é sabido que os hollandezes, quando bloqueados pelos portuguezes, foram obrigados, pelas exigencias da sua defeza, a demolir elles proprios uma grande parte da cidade que haviam edificado. Não é, pois, de admirar que, ao

ser ulteriormente reconstruida a cidade, não se tenha observado em rigor a planta primitiva.

Fóra do recinto da cidade e do lado do Norte, um pouco atraz do local do actual palacio da presidencia, se elevava o palacio construido por Mauricio de Nassau e denominado *Vrijburch*. Era um bello edificio com duas grandes torres, uma das quaes servia de pharol e era avistada de 5 a 6 milhas no mar (Nieuhof, p. 18); cercavam-no jardins e dependencias que se acham representadas em grande escala numa das estampas da obra de Barlaeus; considerações estrategicas determinaram a sua demolição por occasião do assedio da cidade em 1645 (Nieuhof, p. 139).

Os terrenos pantanosos que se estendiam ao lado do palacio de *Vrijburch*, foram incorporados ao dominio do Governador e transformados em pomares por meio dum dique que passava approximadamente pelo meio da nova ponte de Santa Izabel.

Foi para ali que o Conde Mauricio de Nassau, conforme a narração do seu panegyrista Barlaeus (p. 144) transplantou 700 coqueiros que fizêra trazer de tres ou quatro leguas de distancia; tinham já de 70 a 80 annos de idade e a altura dos seus troncos variava de 10 a 15 metros; este detalhe é tanto mais curioso quanto, desde o primeiro anno, o producto da venda dos côcos se elevou a nada menos de 8 reichsthalers por pé, tão habilmente fóra feita a transplantação.

Do lado Oéste de Mauritsstad, entre a actual Casa de Detenção e os edificios visinhos, achava-se o palacio da Bôa Vista, propriedade de Mauricio de Nassau; dava-lhe accesso um pequeno dique que terminava nas fortificações da cidade perto do Pateo do Carmo.

Para o Sul, um dique de mais de dous kilometros de comprimento, com fôssos do lado do continente, ligava o forte Fredrick-Hendrick ao bairro de Afogados; a rua Imperial assenta sobre este aterro.

Atraz do forte Fredrick-Hendrick a praia se estendia muito mais longe do que hoje em direcção ao Recife de pedra. Para garantir o forte contra qualquer surpresa do inimigo, prolongaram-no até dentro dagua por meio de dous grandes hornaveques e do reducto Amelia ou Aemilia.

RIO CAPIBARIBE

Do lado do continente os hollandezes não operaram nenhuma modificação notavel no que já existia antes da sua chegada. Ainda muito tempo apóz a invasão não ouzavam se aventurar naquellas terras de alluvião, cobertas de pantanos e de matto, onde a cada passo o inimigo lhes armava emboscadas e escapava facilmente á perseguição. Não é pois de admirar escasseiem documentos precisos sobre o valle do Capibaribe a pequena distancia acima da cidade.

E' verdade que durante o curto periodo do governo de Mauricio de Nassau poderia ter sido feita a exploração topographica do paiz; mas, nesta epoca todos os esforços tendiam a levantar a industria assucareira ao seu antigo nivel, a restabelecer o que havia existido e não a crear couzas novas; comprehende-se que nestas condições os trabalhos graphicos não apresentavam a mesma urgencia que no principio da conquista, quando era preciso cobrir o paiz de fortificações e tornal-o habitavel.

Pela carta do atlas de Haya vê-se que do Poço da Panella á Capunga o Capibaribe corria entre as mesmas margens que actualmente, a não ser proximo ao lugar chamado Taquary onde passava um pouco mais ao Sul. Na margem esquerda achava-se o forte do Arraial, construido pelos portuguezes depois de expulsos do Recife; estava situado sobre uma pequena eminencia que se encontra a Oéste seguindo a linha ferrea entre as estações de Mangabeira e Casa Amarella; é o mesmo local que acaba de designar o Sr. Major Codeceira, membro do Instituto Archeologico Pernambucano, baseando-se em dados historicos e antigos documentos officiaes. Um outro Arraial, construido em 1646, e chamado Arraial Novo do Bom Jesus pelos portuguezes e Altena pelos hollandezes, estava situado sobre a margem direita; a sua posição corresponde á da columna commemorativa elevada a alguns annos pelo Instituto Archeologico.

A partir da Capunga o antigo leito do Capibaribe differia notavelmente do actual. O rio em vez de passar no local da ponte da Magdalena, seguia a cambôa que atravessa a estrada da Passagem, contornava a ilha do Retiro e ali se bifurcava;

o braço do Norte passava diante do Hospital Portuguez, margeava o Hospital Pedro II, fazia um grande cotovello que se estendia até o Hospicio, e se reunia ao Beberibe; o braço do Sul ou dos Afogados passava entre as ilhas do Maruim e de Anna Bezerra e no local da ponte actual dos Afogados recebia as aguas do riacho Gequiá e Tegipió, contornava a ilha do Nogueira, outr'ora Cheira Dinheiro, e desembocava no porto. Nos documentos antigos o nome de rio dos Afogados é dado ora a todo o braço sul do Capibaribe, ora sómente á parte deste braço acima dos riachos Gequiá e Tegipió, ora ao riacho Gequiá, ora ao braço norte do Capibaribe. Esta confusão se explica facilmente, porque todos estes cursos d'agua se communicam entre si e percorrem os mesmos terrenos pantanosos.

O braço septentrional do Capibaribe, de curso muito tortuoso, communicando com o rio Beberibe por duas grandes depressões, não era proprio á navegação: atravessava-se-o a váo muito facilmente e a passagem só se tornava penosa durante as marés de syzigias e nas grandes cheias (Laet, p. 439). Mauricio de Nassau lançou sobre elle uma ponte de madeira, construida no local da Casa de Detenção e terminando pouco mais ou menos em frente á rua da Ponte Velha, e deixando ao rio muito mais amplo escoadouro do que tem hoje.

Esta ponte acha-se descripta em Barlaeus (p. 151). Foi terminada em sete semanas, tinha 319 metros de comprimento e repouzava sobre estacas de madeira de *biribá*, muito proximas umas das outras, pelo menos do lado Oéste, a julgar pela gravura de Barlaeus. Do lado da ilha de Antonio Vaz a ponte desembocava á direita do palacio fortificado da Bôa Vista; do lado opposto terminava num dique, fundado talvez como a ponte sobre estacas, e quebrando-se em angulo quasi recto em direcção á rua da Ponte Velha.

Abaixo desta ponte o rio se dividia de novo em dous braços que contornavam uma pequena ilhota denominada —Maria Gonçalvo— na carta de Piscator e —Schoenmakers bos— na de Drewish. Um destes pequenos braços se estendia até em frente do quartel do Hospicio e o outro até o meio da ponte de Santa Izabel, parquanto neste ultimo ponto a ilha de Antonio Vaz se prolongava na extensão duma centena de metros mais para o norte do que hoje.

Na confluencia do Capibaribe e do Beberibe avançava uma lingua de terra, que ainda se vê diante da fundição do Starr, e sobre a qual foi construido o forte Waerdenburch. Este forte, que na préamar ficava cercado da agua (Nieuhof, p. 19) tinha a principio quatro bastiões; mas, não offerecendo as fundações do bastião exterior sufficientes garantias de solidez, o forte foi reconstruido com tres bastiões sómente, e mais tarde tiveram os hollandezes que transformal-os em reductos mais elevados afim de pôr a guarnição mais ao abrigo da humidade (Barlaeus, p. 136). Em vista da posição do forte Waerdenburch deve-se concluir que houve neste lugar um sensível estreitamento do rio; mas, se não deve esquecer que atrás do forte se estendia uma larga zona de terrenos pantanosos que, nas grandes marés e nas cheias, contribuiam para assegurar um escoadouro ás aguas do Capibaribe.

Entre o forte Waerdenburch e o porto propriamente dito o braço norte do Capibaribe tinha um leito muito mais largo do que o actual. Os detalhes concernentes á construcção da ponte lançada por Mauricio de Nassau entre o bairro do Recife e a ilha de Antonio Vaz, que se encontram em Barlaeus (p. 149) fornecem informações preciosas sobre o regimen do rio neste lugar. A ponte occupava o mesmo lugar que a actual ponte de 7 de Setembro, unicamente um dos pegões era na entrada da rua 1^o de Março, o que dava á ponte uma extensão muito maior do que a da actual. Pouco mais ou menos no meio do rio havia um canal com 4^m,08 de profundidade na baixamar (*undecim pedes mathematicorum*). A amplitude da maré era de 2^m,60 (1). Antes de decidir qualquer couza construiu-se um pilar de ensaio no rio. O resultado foi bom e a Companhia das Indias Occidentaes concedeu a construcção da ponte a um ar-

(1) A differença entre a préa-mar e a baixa-mar no lugar do porto do Recife não se acha consignada na *Historia* de Barlaeus editada em Amsterdam em 1647, mas figura na traducção allemã apparecida em Clèves no anno de 1659. É possível que o traductor tenha colhido esta informação nos documentos que serviram para a segunda edição latina publicada em Clèves em 1660. O algarismo de 2m,60 que apresentou, foi calculado na hypothese muito verosimil de que o traductor fallando do nível do prea-mar pretendeu se servir da mesma unidade de medida, o pé geometrico, que empregou algumas linhas mais acima para indicar o nível da baixamar.

chitecto mediante a quantia de 240000 florins. O architecto começou do lado da ilha de Antonio Vaz e construiu quinze pilares de alvenaria; mas, chegando proximo ao meio do rio, encontrou uma correnteza tão violenta e uma profundidade dagua tão consideravel que desesperou de poder acabar a ponte e abandonou a empreza. Mauricio chamou então a si os trabalhos; renunciou ao systema de pilares de alvenaria e deliberou assentar o lastro da ponte sobre esteios de madeira. Para este fim mandou cortar estacas de 40 a 50 pés (14^m,84 a 18^m,55) e enterrou-as de 12 pés (4^m,45) no leito do rio, umas vertical outras obliquamente, conforme o figura o panorama de Mauritsstad que se encontra na obra de Barlaeus (1). Este processo deu bom resultado e em dous mezes a ponte ficou acabada. Segundo o traductor allemão o seu comprimento era de mais de 100 braças (371^m ou 377^m); mas, Barlaeus, ao menos na edição de Amsterdam, se limita a dizer que se estendia no comprimento dum numero consideravel de braças (*Multa decempedes excurrrens*).

Dos dous braços do Capibaribe nenhum tinha profundidade sufficiente para permittir uma navegação regular; entretanto na préamar as chalupas podiam subir o braço sul ou dos Afogados. Era por ali que os portuguezes costumavam expedir as caixas de assucar provenientes dos engenhos situados na planice da Varzea; os fardos eram transportados até a Barreta ou em carros que acompanhavam o braço dos Afogados ou em barcas que desciam o mesmo rio; chegados á Barreta eram baldeados para chalanas que os transportavam aos armazens do Recife e de Olinda (Nieuhof, p. 16). Era por este mesmo braço que passavam as embarcações destinadas a acompanhar os holandezes quando tentavam qualquer empreza contra os portuguezes estabelecidos na planice da Varzea. A expedição dirigida contra o Arraial, em Agosto de 1633, dará uma idéa exacta do que era a navegação do Capibaribe naquella epoca (Laet, p. 345).

(1) As dimensões em metros são calculadas na supposição de tratar-se de pés mathematicos. Si se admittir que o autor latino pretendeu fallar de pés rhenanos, deve-se avaliar o comprimento das estacas de 12m,70 a 15m,70 e a sua ficha em 3m,77.

Os holandeses, depois de haverem atravessado o Capibaribe nos Afogados, foram por terra até em frente do Arraial e se estabeleceram sobre a margem direita do rio. Para facilitar a passagem e prover á sua subsistencia, fizêram vir do Recife duas chalupas e o hyate *Erter*, o menor dos navios vindos da Europa, armado de 2 peças de bronze e 4 de ferro e guarnecido de 20 homens. Depois de haverem alijado e desmastreado este navio, que tinha apenas 15 *lasten* de capacidade (1), a pequena flotilha penetrou no braço do Capibaribe.

Mas as embarcações encalhavam com tauta frequencia que era preciso aguardar a maré seguinte afim de proseguir o caminho. Chegou-se assim até a Jaqueira, a um tiro de mosquete do acampamento portuguez. O rio faz neste ponto um grande cotovello o que obriga as embarcações a passar junto á margem concava, a unica que offerece profundidade sufficiente. Mas, o inimigo que se havia entrincheirado nesta margem rompeu um tão violento fogo de mosquetaria sobre as embarcações que poz fóra de combate um grande numero de holandeses e forçou os demais a ganhar a margem opposta abandonando o hyate e as chalupas.

A 29 de Março de 1634, uma nova expedição foi dirigida contra o Arraial, mas que só teve como resultado o incendio do abarrancamento dos italianos, os holandeses valeram-se ainda do Capibaribe para transportar o seu material carregado em duas chalupas (Laet, p. 387).

Mas, si nas grandes marés embarcações ligeiras podiam penetrar no Capibaribe até uma certa altura, não é menos verdade que do lado dos Afogados o rio era vadeavel quasi que em todo o tempo. Assim, a 13 de Julho de 1631, quatro companhias holandesas passaram-se para a margem direita e ataca-

(1) Eis com relação á capacidade e ao calado dos navios holandeses a nota inscripta na pag. 179 da obra de Netscher :

« O *last* como medida de capacidade dos navios era o mesmo ainda em uzo na Hollanda e equivalente a duas toneladas. Para dar uma idéa exacta do exterior dos navios daquelle tempo bastará dizer que as dimensões dum navio de 200 *lasten* eram 125 pés rhenanos de comprimento (38m.25), 29 pés de largura (9m.01) e de 11 1/2 pés (3m.61) até o fundo do porão (de Jonge, I, pag. 392, extrahido dum documento official de 1630). O tombadilho destes navios era muito mais alta do que o resto do convez ».

ram as trincheiras portuguezas ; após o combate e apezar duma valente carga dos portuguezes que acabavam de receber soccorros, ellas lograram repassar o rio sem difficuldade (Laet, p. 238).

Mais tarde, a 18 de Fevereiro de 1633, numa nova expedição tentada contra as mesmas trincheiras, os hollandezes atravessaram o rio tão promptamente que o inimigo só veio a perceber-os depois de effectuada a passagem (Laet, p. 325).

Uma outra prova da pequena profundidade do rio neste lugar e da sua pouca importancia para sob o ponto de vista da navegação é o silencio mantido pelos autores hollandezes sobre a ponte dos Afogados, estabelecida um pouco acima da ponte actual e defendida pelo forte Willem, (os hollandezes tinham levantado esta ultima fortificação com as maiores difficuldades, no meio dum terreno pantanoso, na margem direita). E' certo que si esta ponte, representada em varias cartas, tivésse offerecido a menor difficuldade de execução, ou si tivésse existido qualquer navegação regular que a sua construcção teria forçosamente entravado, os chronistas não teriam deixado de referir o facto.

Abaixo da ponte o *thabreg* do rio se achava do lado da ilha do Cheira Dinheiro, hoje Nogueira, da qual os hollandezes tivéram de se apoderar em 1633, afim de garantir as suas communições por mar com o forte dos Afogados que nesta occasião construíam (Laet, p. 326). Grandes corôas de areia se tinham formado do lado opposto.

Entre a ilha Cheira Dinheiro e o porto propriamente dito o rio corria por varios canaes inaccessiveis aos navios na baixamar e descobria á direita do forte Fredrick Hendrik uma praia muito mais extensa do que a de hoje.

Um pouco ao Norte deste forte e quasi em frente do mercado actual se achavam os estaleiros para a reparação dos navios.

RIO BEBERIBE

O rio Beberibe desembocava, no seculo XVII como hoje, numa planicie pantanosa, com muito fraco pendor e sem leito determinado. Plantas antigas e gravuras da época representam

este rio frequentado por navios de alto bordo na sua parte inferior. Mas, isto só se deve levar á conta da phantasia dos desenhistas interpretando com demasiada liberdade as narrativas dos viajantes ou dos compiladores. Basta, outrossim, percorrer os livros illustrados do tempo para se adquirir a convicção da grande inferioridade das gravuras sob o texto quanto á exactidão. Ha excepções como as estampas da obra de Barlaeus ; mas, mesmo nellas se podem notar erros, si bem que as gravuras tenham sido executadas segundo desenhos feitos *in situ* por um artista consciencioso.

Assim no panorama que representa no primeiro plano o palacio da Bôa Vista, a legenda nos diz que as alturas que se observam entre o palacio de Vrijburch e o forte Ernestus são as de Olinda. Ora é impossivel que um expectador collocado do lado do palacio da Bôa Vista, onde o suppõe o desenhista, podêsse perceber o quer que fosse de Olinda entre aquelles dous pontos : é do lado opposto de Vrijburch que a antiga cidade deveria ter sido indicada (1). Evidentemente isto é apenas um detalhe que não poderá desacreditar os trabalhos topographicos e artisticos tão notaveis de Post. Comtudo julguei conveniente assignalar o facto afim de por os archeolsgos de sobreaviso a conclusões demasiado precipitadas. Mas voltemos ao Beberibe.

Os documentos abundam para demonstrar que na epoca de que nos occupamos este rio não tinha, na parte inferior do seu curso, senão muito pequena profundidade. Na chegada dos hollandezes, quando Olinda era ainda a capital da capitania de Pernambuco, as mercadorias trazidas pelos navios eram descarregadas junto á povoação ou aldeia do Recife e transportadas em barcos e batelões — « in barken en liehters » — até o suburbio de Olinda (Nieuhof, p. 15).

A 10 de Agosto de 1630, os portuguezes entrincheirados sobre a margem direita do Beberibe atacaram um comboyo de provisões que se dirigia de Olinda para o Recife seguindo o isthmo. A escolta do comboyo atravessou o rio e durante duas horas escaramuçou com inimigo. Durante este tempo, « devido

(1) Esta vista do palacio da Bôa Vista não concorda com a planta de Mauritsstad que se encontra na mesma obra ; mas, está de accordo com a planta do atlas de Haya.

a uma tempestade no mar », o rio encheu a ponto dos atiradores holandezes não poderem atravessal-o senão com grandes difficuldades. « Alguns tivéram agua até o pescoço, outros correram risco de se afogar. (Laet, p. 199)

No dia 1 de Outubro do mesmo anno, os holandezes atravessaram o Beberibe do lado do forte de Bruyn para demolir as casas donde o inimigo inquietava os trabalhadores occupados na construcção do forte Ernestus. (Laet, p. 201)

Na noite de 1 de Março de 1634, os portuguezes vadearam o Beberibe em frente do forte de Bruyn, cuja sentinella deu alarma á guarnição holandeza. Nesta occasião o historiadôr Laet (p. 386), recorda que deste lado o rio estava cheio de bancos de areia que offereciam numerosas oppportunidades de atravessal-o na baixamar, asserção reproduzida quasi nos mesmos termos por Nieuhof (p. 15) a proposito das paliçadas que defendiam o accesso do Recife.

Num outro capitulo (p. 239) Laet é ainda mais explicito : declára que na baixamar podia-se atravessar o Beberibe em frente ao Recife com agua pelos joelhos.

Mauricio de Nassau, no seu testamento politico legado aos seus successores ao deixar o Brasil, insiste na necessidade de se manter em bom estado o porto do Recife. Não se deve esquecer, diz elle, que antes da construcção desta ponte nós corremos risco de perder a cidade, porque os botes que levavam soccorros não podiam manobrar na baixamar e ficavam encalhados no meio do rio (Barlaeus, p. 297).

Entretanto as informações mais precisas são fornecidas pela planta já citada do forte Real começado pelos portuguezes no local do forte de Bruyn. Com effeito a legenda inscripta do lado do forte que olha para o rio é assim concebida : « Este riacho de baixamar fica secco quasi todo, salvo os canaes que ficam com 3 (0^m,66) e 4 (0^m,88) até 6 (1^m,32) palmos d'agua. »

E' verdade que certas cartas dignas de inspirar confiança, como a de Hondius por exemplo, indicam pequenos navios navegando na embocadura do rio ; eram, porem, hyates de pouca tonelagem que serviam de postos de observação durante a noite e que na baixamar ficavam provavelmente encalhados e cercados em meio dos bancos de areia. Laet (p. 385) relata em que occasião esta guarda nocturna foi estabelecida. No começo

de 1634, os holandezes, temendo uma surpresa no Recife, destacaram da sua frota os dous hyates *Erter* e *Oost-Kappel* e fizeram-nos fundear em frente do forte de Bruyn nas proximidades do lugar onde suppunham que o inimigo deveria atravessar o rio. Mas, como já tive occasião de dizer, o *Erter* tinha apenas 15 *lasten*; quanto ao *Oost-Kappel*, apesar de mais consideravel a sua tonelagem não excedia a 30 *lasten*. Foi este ultimo hyate que um audacioso portuguez abordou a nado e procurou incendiar na noite de 27 de Fevereiro de 1634.

Alguns annos mais tarde, por occasião do cerco do Recife pelos portuguezes, estabeleceram-se ainda estas « guardas nocturnas » (*brantwachten*) no mesmo lugar. Nieuhof, que conta o facto (p. 143), não diz se eram chalupas ou hyates, mas refere que a primeira embarcação estava postada entre o forte Waerdenburch e o forte de Bruyn e a outra entre o primeiro destes fortes e os jardins de Mauricio de Nassau na ilha de Antonio Vaz. Era pois sómente na embocadura do Beberibe que estacionavam embarcações exigindo uma certa altura d'agua. Em summa, pôde-se affirmar que o Beberibe só era accessivel a barcas e pequenas canôas que circulavam nos canaes muito estreitos e sem duvida apenas na préamar.

CAMBÓAS ENTRE O CAPIBARIBE E O BEBERIBE

O braço norte do Capibaribe communicava com o Beberibe por duas depressões cujo nome generico em portuguez é *cambôa*.

A primeira, ainda hoje chamada Cambôa da Tacaruna, separava-se do Capibaribe em frente ao Hospital Portuguez, passava perto da estação do Manguinho e a oeste da ponte do Maduro, e desembocava no Beberibe no lugar do Hospital dos Lazaros.

A segunda, menos importante, que a precedente, seguia-a quasi parallelamente passando a Leste do lugar Chora Menino, pela estação do Principe, o Cemiterio Publico e a travessa de Santo Amaro.

Segundo a legenda do esboço de Waldecek a Cambôa de

Tacaruna, durante o verão, ficava secca na baixamar, e tinha cerca de 0^m,50 dagua na préamar. Durante o inverno, ao contrario, não podia ser transposta perto da sua origem no Capi-baribe senão a nado ou em canôa; mais acima, junto á ponte do Maduro, tinha-se agua até o pescoço, e emfim do lado do Beberibe a agua chegava á altura da cintura dum homem. Nesta mesma estação as marés do Beberibe não se faziam mais sentir na ponte do Maduro.

Os pantanos de Olinda, outr'ora como hoje, eram alimentados pelo riacho de Agua Fria proximo á sua junção com os riachinhos Jacaré e Bartholomeu. A legenda do esboço de Waldeec diz que este riacho ficava quasi secco no verão, mas que no inverno tinha uma profundidade dagua de duas lanças.

ENTRADA DO PORTO

A entrada do porto ou Poço estava situada um pouco ao norte do forte de Bruyn, no lugar que ainda hoje occupa; era muito desabrigado em mau tempo e segundo Laet (p. 191) tinha de 5^m,65 a 5^m,97 de profundidade.

Segundo Nieuhof (p. 15) a sua entrada achava-se a 500 passos ao norte do recife calcareo e na préa-mar tinha 6^m,91 dagua.

O porto interior estava comprehendido entre o bairro do Recife e o recife de pedra, no local em que ainda hoje se encontra; o canal que permittia entral-o era muito estreito, a julgar pelos dous bancos de areia que ali se haviam formado.

O porto ou o canal de entrada não tinha, segundo toda a probabilidade, um fundo superior a 4^m,50 ou 5^m,00. Os navios de guerra hollandezes entraram nelle na epoca da tomada de Olinda; mas, estes navios em geral eram de pequeno calado (1). Quanto aos navios mercantes, estes eram obrigados a fundear no Poço afim de esperar que a préa-mar lhes permittisse entrar. Com effeito Laet (p. 185) diz « é o lugar onde os navios vindos do largo ancoram primeiramente com o seu carregamento com-

(1) Vide a nota já citada da obra de Netscher (p. 179).

pleto » (*Welk is de plaetse daer de Schepen unter See komende, haer vooreerst met hare volle ladinghe setten*) e mais adiante (p. 191) que ali é « onde os grandes navios são obrigados a fundear » (*ten anker moeten kommen*).

O Recife de pedra que protege o porto apresentava em frente á embocadura do braço dos Afogados uma passagem antigamente chamada Barreta ou Estreito Francez (*l'france gat*) e que foi fechada ha alguns annos. Na extremidade do Recife se elevava o forte do Mar, hoje forte do Picão.

CHEIAS

Encontrei poucas informações sobre as cheias do Capibaribe e as inundações que são a sua consequencia habitual. Laet (p. 344) refere que, por occasião duma cheia sobrevinda após as grandes chuvas de Julho de 1633, as obras da ilha de Antonio Vaz correram grande risco de serem arrastadas e que o nivel das aguas foi tal que excedeu de cerca de 6 pés (1^m,88) o nivel mais elevado que os hollandezes haviam até então observado naquelle ponto.

Em 1641 teve lugar uma grande inundaçãõ de que Barlaeus (p. 227) nos traça o sombrio quadro. Todos os cursos dagua transbordaram, os diques foram rompidos, as plantações arrastadas pela corrente, o continente mudado em mar e os agricultores obrigados a se transformarem em marinheiros. O numero das victimas, tanto homens como animaes, foi consideravel, principalmente nas margens do Capibaribe. Os caunaviaes foram inundados e devorados pelos insectos. Uma epidemia succedeu á inundaçãõ.

CONCLUSAO

Si agora examinar-se o conjuncto da carta, considerando-a apenas do ponto de vista do regimen dos cursos dagua e das marés, pôde-se facilmente resumir a situação dos lugares na primeira metade do seculo XVII.

O Beberibe, entre a povoação deste nome e Olinda, atravessava vastos pantanos. Entre Olinda e o Recife era accessi-

vela embarcações ligeiras, mas podia ser facilmente transposto a pé na baixa-mar. Proximo á sua embocadura o seu leito tinha uma largura muito maior do que hoje : o isthmo alargou-se consideravelmente á sua custa.

O Capibaribe seguia a mesma direcção que nos nossos dias da Capunga para cima ; mais abaixo se dividia em dous braços que se afastavam, a meio caminho, da direcção dos dous braços actuaes e que, proximo á sua embocadura, apresentavam largura muito superior : o bairro de S. José não passava dum grande pantano coberto pelas marés, e a ponte do Recife excedia á actual ponte 7 de Setembro de quasi metade em extensão. Na préa-mar e tomando o braço dos Afogados podia-se subir o Capibaribe até o Monteiro e talvez um pouco mais alem. Debaixo da ponte do Recife a amplitude da maré era de 2^m,60 e a profundidade dagua do canal, em baixa-mar, de 4^m,08.

O Capibaribe e o Beberibe communicavam entre si, no momento da préa-mar, por duas grandes depressões ou cambóas. A maré, já amortecida pelos pantanos que de alguma sorte prolongavam as margens dos dous rios, nelles perdia todo o seu impeto não podia enviar ao Capibaribe senão um exiguo volume dagua ; a communicação entre os cursos dagua e o mar se fazia pela Barreta e pelo canal na extremidade do rochedo.

O porto occupava mais ou menos o mesmo local que hoje, com profundidade igual senão menor. O canal de entrada parece não ter tido mais de 4^m,50 a 5^m,00 de profundidade.

O Poço ou entrada do porto tinha de 5^m,60 a 6^m,00 e a passagem da entrada perto de 7^m,00 de profundidade.

Em tempos mais modernos uma parte das margens do Capibaribe foi fixada, algumas cambóas foram interceptadas, certos pantanos supprimidos, e a pequena barreta foi fechada. Mas, em compensação, em lugar de procurar garantir á foz do Capibaribe a forma de funil que convem aos rios sujeitos a marés, estreitaram-na a Léste e Oéste do bairro de Santo Antonio : foi diminuir o volume dagua a reservar durante a maré, reduzir os escoamentos de jusante e favorecer a formação dos bancos de areia.

Assim, pois, si dum lado facilitou-se a propagação da maré no Capibaribe, impedindo-a de dispersar-se demasiado

em caminho, por outro lado diminuiu-se o seu volume estreitando a passagem por onde entrava. Estas duas operações mantiveram um estado de equilibrio tal que se pode affirmar sem paradoxo que o porto de Pernambuco se acha ainda hoje no mesmo estado que ha duzentos annos.

E BÉRINGER.



NOBILIARCHIA PERNAMBUCANA

POR

A. J. V. Borges da Fonseca



(CONTINUAÇÃO DO N. 59)



TITULO XIV

DOS VIEIRAS DE MELLO

Esta familia é antiga nesta capitania e tem nella sua origem em Antonio Vieira de Mello, cavalheiro fidalgo, e natural de Catanhede, que passou a Pernambuco muito antes dos Hol-landezes.

Não podemos descobrir o anno em que passou e só achamos em Fr. Manoel Calado, e consta dos livros da Camara da cidade de Olinda, que elle era um dos Vereadores da Camara da dita cidade (então villa), no anno de 1630 em que os Hol-landezes se apoderaram desta capitania e foi Juiz Ordinario da mesma Camara.

Na guerra da Restauração de Pernambuco servio com grande reputação no posto de Capitão de Cavallos, e depois da guerra foi Sargento-mór da comarca, (o qual aqui chamam vul-garmente Sargento-mór do Estado) e foi senhor de uma pro-

priedade no cabo de Santo Agostinho, junto a Pirapama a qual ainda hoje chamam Modixote de Antonio Vieira.

Por um instrumento de genese, que tive em meu poder, passado pelo Dr. Manoel da Costa de Almeida, Conego Doutor da Sé de Goarda, Deputado do Santo Officio, Lente de Canones da Universidade de Coimbra e no Bispado da dita Universidade, Provedor do Bispo Conde Dom Frei Alvaro de São Boa Ventura, consta que o dito Antonio Vieira era filho de Manoel Francico e de D. Francisca Gonçalves, gente honrada e das principaes da villa de Catanhede.

Casou Antonio Vieira de Mello nesta capitania com D. Margarida Muniz, filha de Marcos Fernandes Bitancourt e de D. Paula Antunes Muniz, naturaes da Ilha da Madeira, e deste matrimonio nasceram :

Antonio Vieira de Mello, que tambem foi Sargento-mór da comarca, e Cavalheiro da Ordem de Christo ; casou na Bahia com D. Anna de Campos, filha de Jacintho de Campos, e deste matrimonio não houve successão.

José Vieira de Mello, que foi Clerigo Presbytero e Vigario confirmado da parochial freguezia de São Miguel de Ipojuca.

Manoel de Mello, que falleceu na Bahia solteiro.

Dionizio Vieira de Mello, que continúa.

Bernardo Vieira de Mello.

D. Angela Vieira, que casou com o Dr. Antonio Pereira da Fonceca, que foi Ouvidor na Ilha Terceira e falleceram sem successão.

D. Paula Vieira de Mello, que casou com Gonçalo Novo de Lyra e da sua descendencia daremos noticia.

Dionizio Vieira de Mello, Cavalheiro fidalgo, foi Capitão de Infantaria paga e Cavalheiro da Ordem de S. Bento de Aviz. Casou com D. Maria Barbosa, filha de Antonio Teixeira Barbosa, natural de Porto Carreiro, Bispado do Porto e de D. Anna Mendes irmã do padre Francisco Dias Teixeira, neta por parte paterna de Gaspar Teixeira e de D. Anna Nogueira, pessoas nobres e limpas da dita freguezia de Porto Carreiro, como me constou por um instrumento que tive em meu poder, passado em 14 de Fevereiro de 1680, pelo Dr. Hilario da Rocha de Calheiros, Provisor e Vigario Geral do

Bispado do Porto, Fernando Correia de Lacerda, e deste matrimonio de Dionizio Vieira com D. Maria Barbosa, nasceram os filhos seguintes :

Antonio Vieira de Mello, Clerigo Presbytero.

Antonio Teixeira Barbosa que foi Cavalheiro fidalgo, professo na Ordem de Christo e Capitão-mór de Muribeca. Casou com D. Catharina Bezerra, filha de Domingos Gonçalves da Costa a quem chamaram o *Masagão*, Cavalheiro da Ordem de Christo, e de D. Adriana Camello e deste matrimonio não houve successão.

Francisco de Mello, que casou com D. Ursula Cavalcante filha de Matheus de Sá e de D. Maria Cavalcante, e deste matrimonio não houve successão.

Dionizio Vieira, que morreu menino.

D. Margarida Muniz de Mello, que casou com Mathias de Albuquerque Maranhão, proprietario do officio de Juiz de Orphãos e Escrivão da Comarca da cidade da Parahyba.

D. Maria de Mello, que continúa.

D. Maria de Mello, casou com Francisco de Nobalhos Yorrea, filho de Manoel Nobalhos Yorrea, hespanhol, que nesta Capitania foi senhor de alguns engenhos ; e deste matrimonio nasceram :

Manoel de Nobalhos Yorrea, que foi senhor do engenho de Sibiró e de outros, casou duas vezes : a primeira com D. Luiza de Mello, viuva de seu tio João de Nobalhos, e filha de Pedro Marinho Falcão e de D. Maria de Mello ; a segunda com sua tia D. Sebastiana de Mello, filha de Bernardo Vieira de Mello, Cavalheiro fidalgo e de D. Maria Camello, e de nenhum destes matrimonios houve successão.

D. Juliana de Nobalhos, que falleceu solteira com o habito de Nossa Senhora do Carmo.

D. Joanna de Nobalhos, que tambem falleceu solteira.

Bernardo Vieira de Mello, filho quinto de Antonio Vieira de Mello, Cavalheiro fidalgo e Sargento-mór da Comarca de Pernambuco e de D. Margarida Muniz, foi tambem Cavalheiro fidalgo e Capitão da Ordenança. Casou com Maria Camello, filha de Belchior Alves Camello natural de Ponte de Lima, familiar do Santo Officio, Capitão-mór e Alcaide-mór da villa do Rio de São Francisco, Instituidor do Morgado, o qual a que

chamam das Alagôas, e de D. Joanna Bezerra, filha de Antonio Bezerra, o Barriga da casa dos Morgados das Paredes, em Vianna, e de sua mulher D. Izabel Lopes natural da Madeira e deste matrimonio nasceram :

Bernardo Vieira de Mello, que continua.

Manoel de Mello Bezerra, casou duas vezes : a primeira com D. Cosma da Cunha, filha de Gonçalo Novo de Brito e de D. Cosma da Cunha ; a segunda vez com D. Maria de Almeida, viuva do Capitão Valentim Tavares de Lyra e filha de Pedro Correia Barbosa, irmão do Capitão-mór de Ipojuca João Correia Barbosa e de D. Izabel de Moura irmã de João G Sq

Antonio Vieira de Mello, que é familiar do Santo Officio, e vive solteiro no Arorobá neste anno de 1748.

Manoel de Mello, que morreu menino.

D. Maria Camello, que casou com Francisco de Barros Rego, e de sua descendencia se tratará adiante.

D. Angela Vieira.

D. Sebastiana de Mello, que casou com seu sobrinho Manoel de Nabalhos Yorrea, como acima vimos falleceu neste anno de 1748 no seu engenho de Sibiró de Ipojuca, sem successão.

Bernardo Vieira de Mello, Cavalheiro fidalgo, foi Capitão-mór da villa de Iguarassú, e na expedição da conquista dos Palmares de que foi encarregado pelo Governador Caetano de Mello de Castro, procedeu tão valerosamente, como ainda hoje é publica a fama e escreve Pitta na sua Historia da America Portuguesa, livro 8º n. 36 pag. 479, e por este grande serviço foi Capitão-mór e Governador das Armas da Capitania do Rio Grande do Norte e no seu tempo se conseguiu subjugarem-se os rebeldes Indios Jandoixs que continuamente opprimiam aquella Capitania e ultimamente foi Sargento-mór e Commandante do Terço de Infantaria que El-rei mandou crear nos Palmares. Foi senhor do engenho de Pindoba, na freguezia de Ipojuca, que sua tia D. Juliana Bezerra, irmã de sua mãe encapellou para elle e seus descendentes (1). Casou duas vezes : a

(1) O capitão-mór Agostinho Cezar de Andrada, foi quem rendeu a Bernardo Vieira de Mello, no governo do Rio Grande do Norte, e consta de muitos attestados das principaes pessoas da dita provincia e até de um que passou o dito digo, que o referido capitão-mór Agosti-

primeira com D. Maria de Barros, filha de André de Barros Rego, Cavalheiro da Ordem de Christo e senhor do engenho de São João da Matta e de D. Adriana de Almeida, e deste matrimonio não teve successão.

Casou segunda vez com D. Catharina Leitão, filha do Capitão Gonçalo Leitão Arnoso e de Maria Leitão. Neta por parte paterna de Pedro Leitão Arnoso, natural de Braga, Cavalheiro da Ordem de Christo, Familiar do Santo Officio e proprietario do Officio de Escrivão dos defuntos e ausentes da Bahia e de D. Izabel Lopes, filha de Pedro Lopes e de D. Maria Matheus, e por parte materna de Antonio Leitão Arnoso natural de Braga, e de D. Ursula Lopes, filha do dito Pedro Lopes; e deste matrimonio de Bernardo Vieira com D. Catharina Leitão, nasceram :

André Vieira de Mello, que continua.

Bernardo Vieira de Mello, que foi Cavalheiro fidalgo professo na Ordem de Christo, proprietario do Officio de Escrivão dos defuntos e ausentes da Bahia, casou com D. Maria Felippa de Albuquerque, filha de Reynaldo Fragoso de Albuquerque e de D. Anna da Silveira Miranda e deste matrimonio não houve successão.

Antonio Leitão Arnoso.

José Vieira, que morreu menino.

D. Maria, que morreu menina.

André Vieira de Mello, Cavalheiro fidalgo, servio a El-rei e foi Alferes da Companhia do Mestre de Campo do Terço do Recife; falleceu em Lisbôa; pedio pelo culparem nos levantantes desta Capitania com seu pai.

Foi casado com D. Anna Thereza dos Reis, filha de Nicolau Coelho dos Reis, Sargento-mór da Comarca de Pernambuco, natural de Corude, e de D. Maria de Faria irmã do padre José de Farias, que foi da Companhia de Jesus e do padre Frei José de Santo Antonio, que foi Definidor na Religião de São Francisco, filhos de Mathias Ferreira e de D. Maria Soares de

nho Cezar de Andrada foi quem pacificou aquella Provincia e a livrou da devastadora guerra dos Indios. (Vid Cartorio do Escrivão Coelho, Livro de Registro de serviços antigos V^o. Miz^a. em 1776 e 1777.

Farias, e deste matrimonio de André Vieira com D. Anna Thereza dos Reis, nasceram :

D. Luiza Bernarda de Mello, que succedeu na capella do engenho do Pindoba. Casou com Gonçalo Francisco Xavier Cavalcante, seu primo e da sua descendencia diremos.

D. Catharina José de Mello, que casou com seu primo Nicolau Coelho de Albuquerque, irmão de seu cunhado, diremos.

Antonio Leitão Arnosó, filho terceiro do Capitão-mór Bernardo Vieira de Mello e de sua segunda mulher D. Catharina Leitão ; é Cavalheiro fidalgo e vive no presente anno de 1748. Casou com D. Maria Muniz de Mello, sua prima, filha do Sargento-mór Christovão Vieira de Mello e de D. Ursula Leitão.

Neta por parte paterna de Gonçalo Novo de Lyra e de D. Paula Vieira de Mello, e pela parte materna, do Capitão Gonçalo Leitão Arnosó e de D. Maria Leitão, de quem acima fallamos ; e deste matrimonio de Antonio Leitão Arnosó com D. Maria Muniz, tem nascido até o presente :

Bernardo Vieira de Mello.

Antonio Leitão Arnosó.

Manoel de Mello Bezerra.

Antonio Vieira Muniz de Mello.

Christovão Vieira Muniz de Mello.

D. Ursula Leitão de Mello.

D. Catharina Leitão de Mello.

D. Ignez Maria Muniz de Mello.

N. N. N. N. que morreram meninas.

D. Angela Vieira, filha de Bernardo Vieira de Mello e de D. Maria Camello, casou com Francisco de Sá Peixoto, filho de João Peixoto Viegas e de D. Joanna de Sá, de familia nobre da dita Capitania da Bahia, para onde foram viver e lá tiveram os filhos seguintes :

João Peixoto Viegas, Coronel da Ordenança, que casou no Arrayal do Mestre de Campo Mathias Cardoso, com D. Rita..... filha de Januario Cardoso e neta do sobre dito Mestre de Campo, e deste matrimonio não ha successão. -

José de Sá Bezerra Peixoto, que tambem foi Coronel da Ordenança e falleceu solteiro.

D. Joanna..... Religiosa em um dos mosteiros da cidade da Bahia.

D. Maria..... que vive solteira na dita cidade.

DOS MOURAS

Esta familia é antiga em Pernambuco e tem nelle sua origem em D. Felippe de Moura que, dizem, viera a governar esta Capitania muito antes dos Hollandezes.

Era D. Felippe de Moura filho de D. Manoel de Moura irmão de Christovão de Moura, Marquez de Castello Rodrigo, Grande de Hespanha e Vice-rei de Portugal, e vallido de D. Felippe o Prudente, então rei de Portugal.

Casou D. Felippe de Moura nesta Capitania de Pernambuco com D. Genebra de Albuquerque ; ainda vivia no anno de 1611 como consta do livro dos casamentos da Sé de Olinda, 1612, 1613, 1614, 1616, 18—23 ; filha de Felippe Cavalcante, illustre fidalgo florentino, de quem daremos noticias no titulo do seu appellido, e de D. Catharina de Albuquerque, filha bastarda de Jeronymo de Albuquerque e de D. Maria Arcoverde, e deste matrimonio de D. Felippe de Moura com D. Genebra Albuquerque nasceram :

D. Francisco de Moura, que passou a servir a El-rei em Flandres e na India. onde occupou grandes postos, e depois vindo com o primeiro soccorro á restauração da Bahia a ficou governando desde o anno de 1624 até o de 1626, como referem Brito, Liv. 2º n. 171, Liv. 3º n. 233 e 279, Pitta, Liv. A ns. 42 e 52 e outros AA. que escreveram na guerra Brasilica, teve quatro commendas, e foi senhor da Ilha Graciosa ; falleceu solteiro.

D. Antonio de Moura, que foi Governador do Cabo Verde onde falleceu solteiro e sem successão.

D. Jeronymo de Moura, que passou a servir na India, onde falleceu sem successão.

D. Paulo de Moura, que falleceu religioso da Ordem de S. Francisco desta provincia do Brasil.

D. João de Moura, religioso da mesma Ordem e provincia.

D. Catharina de Moura, que continúa.

D. Izabel de Moura.

D. Mecia de Moura.

D. Catharina de Moura, casou com Lourenço de Souza e Moura, de cujo matrimonio nasceram :

Louoengo de Souza e Moura, que falleceu sem successão.

Manoel de Souza e Moura, que tambem falleceu sem successão.

D. Izabel de Moura, filha segunda de D. Felipe de Moura e de D. Genebra de Albuquerque, casou com Antonio Ribeiro de Lacerda, de quem fazem honradissima memoria Brito, Liv. 4º n. 356, Liv. 6º n. 379 e Liv. 8º n. 656 e os mais que escreveram da guerra Brasilica.

Era Antonio Ribeiro de Lacerda filho de Manoel Ribeiro de Lacerda, soldado brioso com quem se namorou e casou D. Maria Pereira Coutinho, mulher de mui superior qualidade, natural de Pancos, por cuja causa receioso Manoel Ribeiro de Lacerda, se retirou para o Brasil deixando a sua mulher peijada de Antonio Ribeiro de Lacerda e mandando depois buscar a sua mulher e filho e vindo com effeito o acharam fallecido e se casou D. Maria Pereira Coutinho com..... Dias da Fonceca, homem nobre natural da Villa do Conde, como logo veremos. Do matrimonio de Antonio Ribeiro de Lacerda com D. Izabel de Moura nasceram :

Manoel Ribeiro de Lacerda, que falleceu solteiro e sem successão.

D. Maria de Lacerda, que casou com seu tio Felipe Cavalcante e de sua descendencia diremos.

D. Mecia de Moura, filha terceira e ultima de Felipe de Moura e de D. Genebra de Albuquerque, casou com Cosme Dias da Fonseca, natural de Pernambuco e nelle senhor de muitos engenhos, e era filho de Pedro Dias da Fonseca natural da villa do Conde da familia dos Carneiros Gazios, uma das mais nobres daquella villa e de D. Maria Pereira Coutinho, viuva que ficara de Manoel Ribeiro de Lacerda, de quem acima fallamos e neto pela parte paterna de Antonio Dias da Fonseca e de D. Joanna de Góes filha de Pedro de Góes. Deste matrimonio de Cosme Dias da Fonseca com D. Mecia de Moura nasceram :

Pedro de Moura Pereira, que continua.

Felippe de Moura e Albuquerque que no anno de 1624, embarcou feito Capitão de Infantaria em companhia de seu tio D. Francisco de Moura no primeiro soccorro que foi á restauração da Bahia, onde ficou e se casou duas vezes, a primeira com D. Felippa Pessara, a segunda com D. Maria Pimentel, filha de Antonio da Silva Pimentel e de D. Joanna de Araujo, pessoas mui nobres, e de nenhum destes matrimonios houve successão.

Manoel de Moura Rolim.

Cosme Rolim de Moura, que passou a servir na India, onde falleceu sem successão.

Francisco de Moura Rolim, tambem passou a servir na India, onde falleceu sem successão.

Paulo de Moura, que falleceu religioso da Ordem de São Francisco nesta provincia do Brasil.

Antonio de Moura, que falleceu religioso na mesma Ordem e provincia, foi baptisado na igreja do Salvador a 12 de Junho de 1611.

D. Maria Pereira de Moura, que casou com Zenobio Accioly de Vasconcellos, fidalgo Cavalheiro da Casa Real, Alcayde-mór da villa de Olinda e mestre de Campo de Infantaria do 3.º pago da praça do Recife, e de sua descendencia diremos.

Pedro de Moura Pereira, que no anno de 1609 casou com sua prima D. Francisca Cavalcante, filha de Cosme da Silveira, primo de Cosme Dias da Fonceca, seu pai e de D. Margarida de Albuquerque Cavalcante, irmã de D. Genebra de Albuquerque, de quem acima fallamos, a qual D. Margarida de Albuquerque, depois viuva de João Gomes de Mello. Do matrimonio de Pedro de Moura, que falleceu no anno de 1677, com D. Francisca Cavalcante, nasceu unica.

D. Mecia de Moura, nasceu no anno de 1651 e casou no de 1673, com seu primo Antonio de Moura, como veremos.

Manoel de Moura Rolim, filho terceiro de Cosme Dias da Fonceca e de D. Maria de Moura, nasceu no anno de 1616 ; foi feito Capitão de Infantaria em companhia de seu tio D. Francisco de Moura, no primeiro soccorro que foi á restauração da Bahia onde falleceu no anno de 1664.

Casou na dita cidade da Bahia, com D. Auna Maria da

Silva, irmã de sua cunhada D. Maria Pimentel, filhos de Antonio da Silva Pimentel e de D. Joanna de Araujo, e deste matrimonio nasceram :

Antonio de Moura Rolim, que continua.

Cosme de Moura Rolim, que falleceu solteiro na Bahia.

Felippe de Moura de Albuquerque, que tambem falleceu na Bahia solteiro e sem successão.

D. Mecia de Moura, que casou na Bahia com seu primo Manoel Garcia Pimentel senhor donatario da Capitania do Espirito Santo e falleceu sem successão.

Antonio de Moura Rolim, nasceu de 1658 e falleceu na Bahia, sua patria, casou no anno de 1673 com sua prima D. Mecia de Moura filha de Pedro de Moura e de D. Francisca Cavalcante e deste matrimonio nasceu unicamente :

Manoel Garcia de Moura Rolim, nasceu no anno de 1677 e casou com D. Ursula Carneiro da Cunha, filha do senhor do engenho do Meio, na freguezia da Varzea e de D. Anna Carneiro de Mesquita, no anno de 1701 e até o presente de 1748 não ha deste matrimonio successão.

DA FAMILIA DOS SOUZAS

A familia dos Souzas da Jurissaca é antiga nesta Capitania onde tem illustrissima origem em D. Luiz de Souza, filho de D. Francisco de Souza, Alcaide-mór de Rija e Governador da Bahia e de D. Leonor de Menezes filha de D. Rodrigo de Castro o *Hambriotos* e Alcaide-mór e Commendador da Cea, e Capitão de Cavallos, da sua nobilissima ascendencia tratam largamente os Nobiliarios de Portugal, e Carvalho na sua Corog. Port. tom. 1º Pact. 3º, Cap. 11, pag. 1249.

Não podemos descobrir com certeza o anno em que passou a Pernambuco D. Luiz de Souza, mas é verosimil seria pelos annos de 1591 até 1602, em que seu pai governou o Brasil e só temos certeza de que no de 1635 já era fallecido, segundo escreve Brito, Liv. 8º n. 657 pag. 345.

Casou nesta Capitania de Pernambuco com D. Catharina Barreto filha de João Paes Velho Barreto, instituidor do morgado de Nossa Senhora Madre de Deus do Cabo de Santo Agostinho e de D. Ignez Gardez, neta primeira pela parte paterna

de Antonio Velho Bernardo, Morgado de Balheira, na villa de Vianna e de D. Marianna Pereira da Silva, da Casa de Regalados, e pela materna de Francisco Carvalo de Andrade e de D. Maria Tavares Gardez ; e deste matrimonio de D. Luiz de Souza com D. Catharina Barreto nasceram os filhos seguintes :

D. Pedro de Souza, que falleceu sem successão.

D. Francisco de Souza, que tambem falleceu sem successão.

D. João de Souza, qu continua.

D. Diogo de Souza, que passou a Portugal e lá foi Religioso da Ordem da Santissima Trindade.

D. Helena de Souza, que falleceu religiosa em Portugal.

D. Angela de Souza, que tambem falleceu religiosa em Portugal.

D. João de Souza, servio com muita honra na guerra da restauração desta Capitania, sua patria, e depois da guerra foi Mestre de Campo do Terço pago de Infantaria da Praça do Recife e Commendador das Commendas de Santo Eurico, de S. Fions, na Ordem de Christo. Casou com D. Ignez Barreto de Albuquerque, filha de Felipe Paes Barreto, senhor do Engenho de Garapú e de D. Brites de Albuquerque.

Neta por parte paterna de João Paes Velho Barreto, instituidor do Morgado de Nossa Senhora da Madre de Deus do Cabo de Santo Agostinho e de D. Ignez Gardez, e por parte materna de Antonio de Sá Maya e de D. Catharina de Mello e Albuquerque ; e deste matrimonio de D. João de Souza com D. Ignez Barreto, que foram os instituidores e fundadores da Igreja de Nossa Senhora do Paraiso e hospital desta villa do Recife, nasceu unico :

D. Luiz de Souza, que falleceu menino.

DA FAMILIA DOS FURNAS, PROPRIETARIOS DOS OFFICIOS
DE JUIZ DE ORPHÃOS E ESCRIVÃO DA CAMARA
DA CIDADE DA PARAHYBA

O tronco da familia dos Furnas é Antonio Eernandes Furnas, Cavalheiro da Ordem de S. Thiago, que veio a esta Capitania com o posto de Capitão-mór e Governador das Armas da Capitania do Rio Grande.

Não podemos desdobrir com certeza o anno em que passou a Pernambuco Antonio Fernandes Furnas, nem de quem era filho e só sabemos que era natural da Ilha da Madeira, onde seu irmão primogenito, a quem ignoramos o nome, casou com D. Catharina de Aragão, mulher da primeira distincção daquelle Ilha, e tambem sabemos que seus irmãos Manoel Fernandes Correia e Francisco Fernandes Furna, que morreram em Lisboa foram Cavalheiros da Ordem de Christo, e que este ultimo fora tambem familiar do Santo Officio e delle procedeu a familia do Congo de Lisboa, Fernando de Almeida, seu neto.

Antonio Fernandes Furnas, casou nesta Capitania com D. Beatriz de Souza e Abreu, filha de Paulo de Souza proprietario de um officio de Tabellião da cidade de Olinda (então villa) pela sua mulher D. Catharina Luiz, naturaes do Porto, dos quaes tambem é filho Aleixo de Souza, o velho ; e deste matrimonio houveram alguns filhos, que por não deixarem successão se fizeram esquecidos, e só conservamos a memoria do seguinte :

Luiz de Souza Furna, que continua.

Antonio Fernandes Furna.

Luiz de Souza Furna, viveu na Capitania da Parahyba, onde foi Coronel da Ordenança, proprietario dos officios de Juiz de Orphão e Escrivão da Comarca, possuiu muitos bens e soube conciliar um respeito e veneração grandes e universal. Casou com D. Catharina Simôa de Albuquerque Maranhão, fidalgo da Casa Real, e de D. Izabel da Camara.

Neta por parte paterna de Jeronymo de Albuquerque, fidalgo da Casa Real e restaurador do Maranhão e de D. Catharina Feyo Goardez, e por parte materna de Pedro Gago da Camara e de D. Izabel de Oliveira, pessoas mui principaes do Rio de Janeiro, e deste matrimonio de Luiz de Souza Furna com D. Catharina Simôa de Albuquerque, nasceram :

Mathias de Albuquerque Maranhão, que continua.

D. Brites de Albuquerque, que não teve estado.

Mathias de Albuquerque Maranhão, viveu no presente anno de 1748, na cidade da Parahyba, velho e louco ; foi casado com D. Margarida Muniz de Mello, filha de Dionizio Vieira de Mello, Cavalheiro fidalgo e professo na Ordem de Christo, e Capitão de Infantaria, e de D. Maria Barbosa, dos quaes já fallamos ; e por este casamento foi Mathias de Albu-

querque senhor do engenho de Tapyra, na freguezia de Ipojuca que para elle e seus descendentes encapellou o Padre Francisco Dias Teixeira, tio de sua mulher. Dêste matrimonio de Mathias de Albuquerque Maranhão com D. Margarida Muniz de Mello, nasceram :

Antonio de Albuquerque Maranhão, que no presente anno de 1748 é Capitão do Regimento de Dragões desta Capitania e Commandante da freguezia de Ipojuca, Administrador da Capella do engenho de Tapyra. Casou com D. Joanna Vieira de Sá, filha de João Alves Vieira, Cavalheiro da Ordem de Christo e familiar do Santo Officio e de D. Margarida de Sá. E deste matrimonio não ha até o presente successão.

Francisco de Mello Muniz, Capitão de Auxiliares do Terço de João Marinho, que vive solteiro em Ipojuca.

D. Maria de Albuquerque, que vive solteira.

D. Luiza de Albuquerque, que vive solteira.

D. Izabel da Camara de Albuquerque, que vive solteira.

DOS MONTEIROS

Esta familia se tem conservado limpa e se acha hoje com bastante nobreza e luzimento. Teve principio em Domingos Monteiro de Oliveira, a quem acho assignando termo de Irmão da Misericórdia de Olinda a 3 de Julho de 1577, e delle consta que era natural de Ancedo, bispado do Porto e filho de Agostinho de Oliveira e de sua mulher D. Maria Monteiro ; foi casado com D. Maria Dias Videira, natural do mesmo bispado do Porto, e della teve, entre outros filhos, de que não tenho noticia, os quatro seguintes :

D. Paula..... mulher do Capitão Antonio Fernandes Mattos, Cavalheiro da Ordem de Christo, bem conhecido pelos grossos cabedaes que possuiu, pela fundação do Collegio dos Padres Jesuitas do Recife e Ordem Terceira de São Francisco da mesma villa e pela fortaleza edificada á sua custa, que ainda hoje conserva o seu appellido.

D. Marianna Monteiro, que continúa.

D. Maria Dias, mulher do Sargento-mór Alvaro Pereira que não tenho noticia se teve successão.

D. Luiza..... adiante.

D. Marianna Monteiro, casou duas vezes ; a primeira com Manoel Gonçalves Bandeira, natural de Lisbôa, e a segunda com Antonio Alves Lima com quem se achava casada a 6 de Novembro de 1716 (sendo sua terceira mulher) o que consta do termo de Irmão da Misericordia, que assignou o dito Antonio Alves Lima, que era natural da villa de Barcellos e filho de Balthasar Gonçalves Lima e de sua mulher Maria Mendes Mendes Pereira, nasceram :

Do primeiro matrimonio :

D. Anna Bandeira, que continua ;

N..... Bandeira ;

D. Maria Bandeira, adeante ;

N..... Bandeira, da Congregação do Oratorio e depoisda Reforma ;

D. Maria Bandeira, adeante.

Do segundo matrimonio :

Miguel Alves Lima, adeante ;

D. Paula Monteiro de Lima, adeante.

D. Anna Bandeira, casou com Jeronymo Deniz e foram seus filhos :

José Deniz, presbytero da Congregação do Oratorio do Recife.

Fr. Alexandre..... Religioso da Ordem de Nossa Senhora do Monte do Carmo da Provincia da Reforma.

Fr. Jeronymo..... Religioso da mesma Ordem na Provincia da Observancia da Bahia.

D. Paula Deniz Bandeira, que continua.

D. Ignacia Deniz Bandeira, adeante.

D. Maria Deniz Bandeira, adeante.

D. Paula Deniz Bandeira, casou com Antonio de Torres Bezerra, familiar do Santo Officio e teve os filhos seguintes :

Antonio de Torres Bandeira, que continua.

Fr. Jeronymo de Santo Antonio, Religioso da Ordem de Nossa Senhora do Monte do Carmo da Provincia da Reforma e Prior do Convento do Recife.

Manoel de Torres Bandeira, adeante.

Fr. Felipe..... Religioso da dita Ordem na Provincia da Observança.

Fr. Felix..... Religioso da mesma Ordem, na Província da Reforma.

S. R. adeante.

B..... adeante.

B..... solteira.

Antonio de Torres Bandeira, indo estudar a Coimbra casou em Lisboa com D. Angelica..... com quem voltou para a patria onde servio com o officio de Almojarife da Fazenda Real e por isso se ausentou para Lisboa onde vive. Teve os filhos seguintes :

Manoel de Torres Bandeira, casou com D. Angelica filha de Francisco Lopes de Barros, senhor do engenho de André em Goyanna.

B..... casou com Francisco Lopes de Barros, irmão do Padre que tambem se chamou Francisco Lopes de Barros que morreu no engenho Novo de Goyanna, e filhos do dito Francisco Lopes de Barros, senhor do engenho Arodié.

B..... casou em Goyanna no engenho do Jacaré com

D. Ignacia Deniz Bandeira, casou duas vezes : a primeira com João Correia Vieira familiar do Santo Officio ; e a segunda com Manoel Alves Guimarães, que falleceu na Bahia. Ensaeador da Casa da Moeda. Não sei se teve filhos deste segundo matrimonio, porem do primeiro nasceram :

Fr. Alexandre da Purificação, Monge Benedictino, Doutor em theologia pela sua Religião e Abbade da Parahyba.

João Correia Vieira, que vive no sertão de Quixeramobim da Capitania do Ceará.

D. Maria Deniz Bandeira, casou com Francisco Antunes de Araujo, familiar do Santo Officio e teve os filhos seguintes :

Fr. Francisco de Santo Agostinho, Religioso da Ordem de São Francisco.

Fr. João Baptista da Purificação, Monge Benedictino.

Fr. Vicente de Santa Engracia, Religioso da Ordem de Nossa Senhora do Monte do Carmo da Provincia da Reforma.

Sebastião Antunes de Araujo, cavalheiro da Ordem de Christo, que foi casado com D. Luiza..... viuva do Tenente de Mestre de Campo General Engenheiro e Commandante de Artilharia João de Macedo Côrte Real e filha de An-

tonio de Araujo Lopes, e de sua mulher Anna Maria, a qual D. Luiza por morte de Sebastião Antunes casou terceira vez.

José Antunes de Araujo que continúa.

D. Maria Deniz Bandeira, adeante.

D. Josepha Deniz Bandeira, adeante.

D. Anna Bandeira, foi segunda mulher do Jeronymo de Albuquerque Maranhão, fidalgo da Casa Real, filho do Mestre de Campo Affonso de Albuquerque Maranhão e de sua mulher D. Adrianna Vieira de Sá. (Vide titulo de Albuquerque.)

José Antunes de Araujo, que mora em Taquara, casou com sua sobrinha D. Josepha..... filha do Coronel Domingos Fernandes de Souza, e de sua mulher D. Maria.....

D. Maria Deniz Bandeira, casou com o Coronel Domingos Fernandes de Souza, familiar do Santo Officio, e tiveram quinze filhos os quaes tem hoje uma descendencia muito grande e notavel, procure-a quem tiver interesse de saber.

Francisco Fernandes de Souza, Clerigo Presbytero.

Domingos Fernandes de Souza, adeante.

N..... adeante.

Fr. Manoel da Ressurreição, Religioso da Ordem de Nossa Senhora do Monte do Carmo da Provincia da Reforma e Mestre na sua Religião.

Fr. Domingos..... Religioso da mesma Ordem na Provincia da Ordenança.

Fr. José de Jesus Maria Souza, Religioso Franciscano.

D. Maria Deniz Bandeira, adeante.

D. Josepha Deniz Bandeira, que casou com seu tio o Capitão José Antunes de Araujo, como acima vimos.

Joaquim.....

Domingos Fernandes de Souza, casou com D. Thereza da Silva Gama, filha do Capitão Antonio da Silva Gama e de sua mulher D. Anna da Silva Gorrão, 3 filhos.

João Francisco de Souza, a quem mandaram em Parahyba depois que vim para o Ceará, casou com D. Josepha, a qual depois de viuva casou-se com Francisco de Macedo e teve dous filhos.

D. Anna Francisca Sr., casou com o Tenente-coronel

Manoel Alves de Carvalho de Alves Correia, filho.....
e nasceram dahi tres filhos.

D. Josepha Deniz Bandeira, casou com o Capitão Antonio Baudista Coelho, que foi Almojarife, e deste matrimonio nasceu um só do mesmo nome.

D. Maria Bandeira, casou com Francisco Gonçalves da Silva natural de Vianna e deste matrimonio nasceram :

Fr. Manoel de Jesus Maria, Religioso da Ordem de Nossa Senhora do Monte do Carmo da Provincia da Reforma.

Fr. Francisco..... Religioso da mesma Ordem e Provincia, que foi Prior de Goyanna.

D. Anna Bandeira, que continua.

D. Maria José Bandeira, adeante.

D. Anna Bandeira, casou com Luiz da Costa Monteiro, familiar do Santo Officio e irmão do Capitão-mór João da Costa Monteiro em quem adeante se ha de fallar ; e deste matrimonio nasceram :

Francisco da Costa Monteiro, Clerigo Presbytero, Commissario do Santo Officio.

Domingos da Costa Monteiro, Cavalheiro da Ordem de Christo, formado pela Universidade de Coimbra e ao presente Deputado da Companhia Geral.

D. Maria Bandeira, que continua.

D. Thereza..... adeante.

D. Maria Bandeira, casou com Antonio Gomes..... familiar do Santo Officio.

D. Thereza..... casou com o Dr. José Ignacio da Cunha, Cavalheiro da Ordem de Christo, familiar do Santo Officio e Thesoureiro fiscal do Bispado de Pernambuco, filho do Capitão Luiz da Cunha e de sua mulher Joanna Gomes. E deste matrimonio nasceram :

D. Maria José Bandeira, casou com o Capitão-mór Domingos Ribeiro de Carvalho. E deste matrimonio nasceram : João Pires de Carvalho, Clerigo de Ordem sacras.

Miguel Alves Lima, filho de D. Marianna Monteiro n. 2, e do seu segundo marido o Tenente Antonio Alves Lima ; foi Sargento-mór das Ordenanças da cidade de Olinda e Escrivão da Camara Ecclesiastica, e tambem servio de Escrivão da Fazenda. Casou com D. Maria José do Desterro, viuva de An-

tonio Bezerra Cavalcante, o Mudo, e filha do Dr. Francisco Calheiros e de sua mulher D. Thereza da Silva Vieira. E deste matrimonio nasceram :

Fr. Francisco de Jesus Maria, Religioso da Ordem de Nossa Senhora do Monte do Carmo da Provincia da Observancia.

Fr. José Joaquim de Santa Anna, Religioso da mesma Ordem e Provincia.

Antonio José Alves Lima, Clerigo.

D. Paula Monteiro de Lima, que casou na Parahyba com seu primo o Coronel Francisco Pinto Correia senhor do engenho Enhubim.

D. Marianna Monteiro de Lima, que casou em Olinda com o Capitão de Ordenanças Antonio Dantas Correia, senhor do engenho Fragoso.

O Capitão Francisco Alves de Lima, que casou com D. Antonia Nogueira, que era filha do Mestre de Campo Gonçalo Pinto Calheiros e de sua mulher D. Joanna Tenorio.

D. Paula Monteiro de Lima, casou com João da Costa Monteiro, Cavalheiro da Ordem de Christo e Capitão da villa do Recife, e tiveram os filhos seguintes :

José da Costa Monteiro, Clerigo Presbytero.

Joaquim da Costa Monteiro, Clerigo Presbytero.

Antonio da Costa Monteiro, Clerigo Presbytero que foi da Congregação do Oratorio de Nossa Senhora Madre de Deus.

João da Costa Monteiro, que continua.

D. Marianna Monteiro, que casou com o Coronel Ignacio Machado Freire, filho do capitão Miguel Machado Freire e de sua mulher Joanna Gomes; e da sua successão se escreve na familia dos *quatro cunhados*.

D. Josepha Thereza da Costa, que casou com o Capitão Ignacio Rabello Leitão, filho de Ignacio Rabello da Rocha e de sua mulher D. Maria Leitão. (Vid. tit. Leitões Arnoz.)

D. Thereza Josepha da Costa, adeante.

D. Anna Victoria, que casou com Antonio José da Maia Collaço, filho de Francisco Xavier da Maia e de sua mulher D. Anna Thereza Mauricia de Brito Campello. (Vid. tit. de Campellos.)

João da Costa Monteiro, foi familiar do Santo Officio e

Coronel dos Reformados. Casou com D. Thereza Maria da Santissima Trindade, filha do Capitão Julião Raposo de Aguiar e de sua mulher D. Maria Correia (em tit. de *quatro cunhulos*). E deste matrimonio nasceram

D. Thereza Josepha da Costa, casou com o Desembargador Antonio Ferreira Gil. E deste matrimonio nasceram :

D. Luiza..... casou com João Velho Gondim ; e deste matrimonio nasceram :

José Velho Gondim, Clerigo Presbytero.

Fr. Francisco, Religioso da Ordem de Nossa Senhora do Monte do Carmo da Provincia da Observancia.

D. Manuella..... que continua.

D. Manuella casou com Belchior Fernandes e viveram.....

B..... que casou duas vezes, a primeira com o Sargento-mór Antonio da Cunha Ferreira, proprietario do Officio de Escrivão da Alfandega do Recife e foi sua segunda mulher ; e a segunda vez casou com Antonio Velloso da Silveira, familiar do Santo Officio..... filho de Diogo da Silveira Velloso, que foi Tenente do Mestre de Campo General, Engenheiro e Commandante da..... e de sua mulher D. B..... Theodosio. Deste segundo matrimonio nem ha nem pode haver mais filhos, e do primêiro nasceu unico :

Miguel da Cunha Ferreira, que casou com D..... filha do Desembargador Antonio Ferreira Gil.

(*Continúa.*)



A Imprensa em Olinda

ESCORÇO BIBLIOGRAPHICO

Não obstante ser Olinda a mais antiga cidade pernambucana e por longos annos a capital da capitania e da provincia apóz, a imprensa tardou muito em assentar arraiaes, e ainda assim provisorios, nos seus dominios.

O Recife viu-a pela primeira vez, como diabolico e condemnavel artificio, apesar de só imprimir devotas orações, no mesquinho prélo mandado sequestrar pela Ordem Regia de 8 de Julho de 1706; em 1817, ao influxo das idéas liberrimas dos patriotas republicanos, conheceu-a como prodigioso instrumento de propaganda democratica, na *Officina Typographica da Republica de Pernambuco 2ª vez restaurada*, de que sahiram o famoso *Preciso* de José Luiz de Mendonça e numerosas proclamações e manifestos; e, em 1821, rejubilou-se com possuil-a emfim definitivamente como arma efficacissima na luta pela liberdade.

Seguiu-se Goyanna, que fruiu-lhe as compromettedoras vantagens no fervor revolucionario precedente á Confederação do Equador, laborando ali, em principios de 1824, a *Typographia Particular do Gabinete Patriotico*, de que ainda nos resta uma proclamação datada de 10 de Fevereiro daquelle anno;

mas, só sete annos mais tarde devia a velha Olinda contar no seu ambito uma typographia activa e fecunda, si bem que de ephemera existencia.

Com effeito, só em meados de 1831, mais dum triennio apóz a installação do Curso Juridico, estabeleceu a firma—*Pinheiro, Faria & Comp.* ali, á rua do Amparo n. 22, uma officina typographica que laborou por espaço de quasi dous annos, dando á luz varios livros, folhetos e periodicos, todos notaveis pelo seu aspecto artistico, belleza de composição, esmero de revisão e cuidadosa impressão, e todos hoje de extrema raridade.

O primeiro daquelles, impresso já em 1831, foi a obra de Ramon Sales, o famoso doutor de Salamanca, intitulada — *Lições de Direito Publico Constitucional*, traduzida por D. G. L. D'Andrade (8°, XXIV + 152 pp., 2 fls.).

O anno de 1832 foi muito mais fertil, sahindo durante elle da typographia de Olinda as seguintes publicações :

Elementos de Economia Política, de Stuart Mill, traducção do francez confrontada com o original inglez pelo Dr. Pedro Autran da Matta e Albuquerque e os então academicos Alvaro Teixeira de Macedo e seu irmão Sergio Teixeira de Macedo ; o *Elogio da Loucura* por Erasmo, traducção do mesmo Dr. Pedro Autran ; as *Cartas de Echo á Narciso*, por Antonio Feliciano de Castilho, em nova edição offerecida á mocidade academica de Olinda e seguida de differentes peças relativas ao mesmo objecto (in—12°, 168 pp.) ; a *Tactica das Assembléas Legislativas*, obra extrahida dos manuscriptos de Mr. Jeremias Bentham por Mr. Et. Doumont, de Genebra, traduzida do francez por *** e revista e depurada por *** (in—8°, 247 pp.) ; uma traducção do *Micromegus* de Voltaire ; a traducção do inglez da novella de Anna Radcliffe intitulada *A Caverna da Morte* ; um compendio de *Grammatica Portugueza*, e um folheto contendo a *Defeza* de Nicolau Rodrigues dos Santos França Leite accusado do crime de abuzo da liberdade de imprensa.

Emfim, em 1833, antes de se transferir para o Recife (1), a imprensa olindense ainda deu á luz um *Codigo do Processo Criminal*, derradeiro livro que ali foi então impresso.

Foi menos copiosa em especies, comquanto mais numerosa em edições, a imprensa periodica, inaugurada, em Novembro

transportada para o Recife e localisada no predio n. 5 da rua das Cruzes. (1)

Mudança inversa fora, dous annos antes, operada com *O Olindense*, outro jornal politico e litterario de importancia

ANO XI DA INDEPENDENCIA N. 88. SABADO 21 DE ABRIL

OLINDENSE. JORNAL POLITICO, E LITTERARIO

OLINDA, NA 777 DE PAVIMENTOS PARA A CUNHA, DIA 14 DE ABRIL DE 1831

INTERIOR PEUNAMBUCO.

Para que se tenha appareço nos jornaes de esta Provincia a descripção das acções...

No dia 14 do corrente teve o Governo luma denuncia de que os absolutistas...

Sentença do Bairro do Recife os audiencia se dirigio a Fortaleza de Brum...

Na mesma occasio foi apresentado em sua casa o Sr. Intendente...

o Brigueo Ramo Fuzil que sempre em todo o tempo de domar...

Logo se ensaió do dia 16 gntissimo as hostilidades da parte dos facciosos...

As 11 horas chegaro ao Bairro de S. Antonio os Srs. Tenente Coronel Francisco Jacinto...

O resto do dia 17 e toda a noite passaram em hum fogo continuo de parte a parte...

muito mais consideravel ; começando, a 2 de Maio de 1831, a sahir dos prelos da Typographia Fidedigna, de J. N. de Mello, e situada no Recife á rua das Flores n. 18, passou, em Novem-

(1) Em 2 de Março de 1833 Pinheiro & Faria fizeram a declaração legal de haverem mudado a sua typographia de Olinda para a rua das Cruzes, D. 5, Bairro de Santo Antonio, Recife. Archivo Municipal do Recife — Livro 1º dos termos de responsabilidade.

bro, a ser impresso em Olinda até a sua extincção. Consubstanciava os seus intuitos numa longa epigrapha ou divisa, extrahida duma das obras de Thomas e assim concebida :— « *Ayons du moins le courage de bien dire, dans un siècle ou peu d'hommes ont le courage de bien faire. Les hommes vertueux n'en auront gré, et l'indignation du vice sera encore un nouvel éloge pour moi* » ; redigiam-no os estudantes Alvaro e Sergio Teixeira de Macedo e Bernardo de Souza Franco ; folha exclusivamente politica, foi o typo dos jornaes academicos que se lhe succederam por mais dum decennio e que, no dizer de Joaquim Nabuco, continha apenas dissertações rhetoricas sobre themas constitucionaes e ás vezes, em « paragraphos » soltos, á moda norteamericana, pequenas verrinas condensadas.



Conciliador Pernambucano.

Vol. SEGUNDA FEIRA 1 DE ABRIL DE 1832. No. 17.

Este folha adverte por ser propriedade de certo Thomeo, que...

Quem de fora da casa...

OLINDA, a Typ. do PIRETTO PARIA, e Comp. — Rua do ANJÃO D. 22.

INTERIOR.

De novo de termino certo: o anno N. 16...

O author desta brochura...

paragraftos. Appre, que duma de...

QUARTA CARTA.

com o titulo MANEJAMENTO.

O Governo do Imperio de Brazil...

SE tri be a Lei fundamental do Imperio...

Da mesma natureza foi o *Conciliador Pernambucano*, do academico parahybano Nicolau Rodrigues dos Santos França Leite, surgido a 26 de Novembro de 1831 e que durou até meados do anno seguinte. Este tomára de emprestimo a *Voltaire* o seu moto, transcrevendo no cabeçalho os seguintes versos :

« Descends du haut des cieux auguste verité,
« Repands sur mes écrits ta force et ta clarté :

.....
« C'est a toi de montrer aux yeux des nations
« Les coupables effets de leurs divisions ;
« Dis comme la discorde a troublée nos provinces,
« Dis les malheur du peuple et les fautes des princes. »

Era semanal e custava 320 réis por mez.

Emfim *O Cahete*, o ultimo periodico impresso então em Olinda, foi uma folha de *cascabulhos* ; dizia-se — jornal poli-



Nada nos resta de mais a dizer sobre este periódico, que se viu logo no começo de 1831, e logo se extinguiu. O seu editor, o Sr. ... (text is small and partially illegible) ...

tico e litterario e proclamava valentemente as idéas de C. H. Lucas : « Acabou-se o tempo, em que a força fisica sustentava os

Imperios ; hoje não são os homens, são os principios, os interesses as úteis, que conspirão, e formão um poder, que não morre, nem sobre o cadafalso, nem debaixo do canhão. » Era redigido pelo estudante de preparatorios Joaquim Baptista e Mello, que só logrou publicar dous numeros : o primeiro a 4 de Janeiro, e o segundo e ultimo a 11 de Fevereiro de 1832, apezar de propor-se a elevar o nivel moral do povo brasileiro e a combater o estrangeirismo.

Comtudo, a prolongada ausencia duma typographia em Olinda não obistou circulassem ali, sessenta annos mais tarde, periodicos de interesse local ou dizendo-se ali editados, não obstante serem quasi todos impressos no Recife.

Assim, a 25 de Dezembro de 1890, dia do Natal e no auge da estação balnearia, foi ali distribuido o primeiro numero d'*A Vida*, subtintulado — « revista semanal olindense » — e da redacção dos academicos Brito Inglez, Mello Rezende e Picanço Diniz ; era um jornalsinho pilherico e satyrico, que deu o seu ultimo numero (6^o) a 8 de Fevereiro de 1891. Antes, porém, emulára com elle em facecias e debiques *O Sino da Sé*, taugido, a partir de 28 de Dezembro de 1890, por um outro grupo de espirituosos rapazes.

Feição mais sizuda e intuitos mais utilitarios, parece ter tido o hebdomadario intitulado *O Correio de Olinda*, apparecido, a 4 de Janeiro de 1891, para logo extinguir-se.

Pouco antes o Rvm. Sr. Conego Marcolino Pacheco do Amaral, pretendendo dar á luz uma sua importante obra, fez vir do Rio de Janeiro uma typographia, que installou em Olinda e denominou de *Imprensa Economica*, e na qual, de 1888—90, foi impresso o seu *Compendio de Theologia Moral* (3 vols., in-4^o, I—552 ; II—588 e III—692 pp.) ; ultimada a publicação do livro comprou a typographia o Dr. Antonio Pereira Simões ; então Evaristo Wanderley e Antonio Corrêa de Oliveira, proprietarios e redactores do periodico critico e noticioso — *O Artista Brasileiro*, que, desde 18 de Janeiro de 1891, começára a apparecer no Recife, e desde então passou a ser impresso na antiga capital ; subsistio até Maio de 1892, quando a 12 lhe succedeu *O Municipio*, de gerencia do primeiro dos seus redactores ; este semanario perdurou até fins do anno seguinte, quando tambem surgiu, em Outubro de

1893, o *Dom Quixote*, jornalsinho critico e noticioso, redigido por João C. Montarroyos e Antonio S. de Santa Clara.

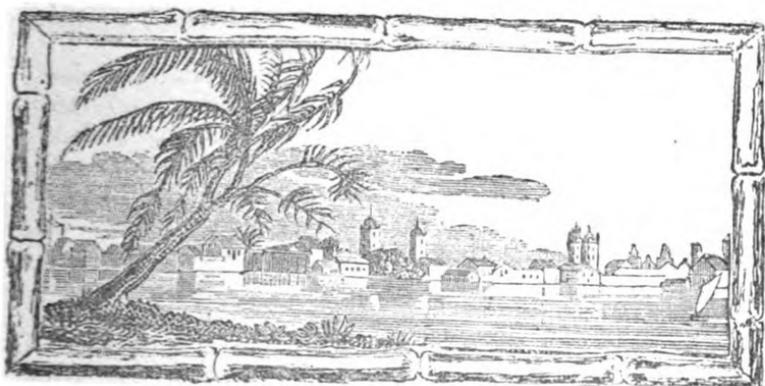
Posteriormente os monges beneditinos adquiriram e mantiveram, no seu Mosteiro de Olinda, a typographia d'*O Municipio*; entretanto, *O Estandarte Catholico*, publicação de propaganda religiosa por elles promovida e dirigida, devido á iniciativa do Rvm. Abbade Dom Geraldo van Ceulen, desde o seu apparecimento, em 4 de Novembro de 1899, até passar a surgir na capital da Bahia, foi sempre impresso no Recife, na typographia d'*A Provincia*.

O mesmo succedeu com o excellente hebdomadario politico e noticioso *Gazeta Olindense*, proficientemente redigido pelos academicos Nylo Dornellas Camara, Olivio Dornellas Camara e Luiz Candido Pontual de Oliveira, e os Srs. Antonio Luiz de Drummond Miranda e Maltureinino Monclar Cavalcanti de Albuquerque.

Sahia dos prélos da Livraria Boulitreau, de Lins Vieira & C., á rua 15 de Novembro, n. 46, Recife; no periodo de 20 de Junho a 24 de Outubro de 1903, tempo de sua existencia, publicou 19 numeros, fazendo uma tiragem média de 1,000 exemplares.

Alfredo de Carvalho





O ASSEDIO DO RECIFE

EM

1821

(Impressões duma senhora ingleza)

Um dos episodios mais brilhantes da historia de Pernambuco, tão opulenta em fastos gloriosos, é sem duvida o nobre e fecundo movimento revolucionario que, rebentando em Goyanna em fins de Agosto de 1821, determinou dous mezes apóz a retirada do Governador Luiz do Rego Barreto, a quem desde 1817 a cõrte do Rio de Janeiro confiára os destinos da então provincia.

Felippe Mena Callado da Fonseca, num opusculo hoje bastante escasso, pelo que brevemente será reeditado nestas paginas, historiou do lado dos insurgentes as curiosas peripecias daquelle drama politico-militar, cuja scena principal foi o assedio do Recife; Luiz do Rego, por sua vez, na *Memoria*

Justificativa que publicou em Lisboa no anno de 1822, relatou os successos de accordo com a defeza dos seus actos.

Ambos, porém, peccam pelo espirito de partidarismo violento que animava os seus autores e, apezar de muito apreciaveis como depoimentos de testemunhas presenciaes, não podem deixar de, em muitos pontos, provocar suspeitas, attento o character official e a intima intervenção que, no desenrolar dos acontecimentos, tiveram o trefêgo secretario da *Junta de Goyanna* e o desadorado proconsul portuguez. Por estes motivos crêmos ser de subido interesse a divulgação das impressões de pessoa inteiramente alheia as paixões politicas dos narradores acima mencionados; pessoa que, favoravel á causa dos independentes, manteve estreitas relações de amizade com o seu contendor, e tinha ainda a recommendal-a, como apta a penetrar no intimo dos acontecimentos, a perspicuidade propria do sexo feminino.

Justamente no momento critico do inicio das operações bellicas, quando fechado o sitio do Recife as vanguardas adversas travavam as primeiras escaramuças, aportou á cidade obsidionada a fragata ingleza *Doris*, do commando do capitão T. Graham. Vinha tambem a bordo a esposa do mesmo official Mrs. Maria Graham, senhora distinctissima sob todos os aspectos e igualmente muito apreciada como escriptora.

A fragata demorou-se no porto do Recife de 21 de Setembro a 14 de Outubro de 1821, e durante este espaço de tempo Mrs. Graham teve opportunidade de visitar demoradamente a cidade e os seus arredores, notar os habitos e costumes dos habitantes, frequentar o palacio do governador e o quartel general dos insurgentes, confabulando com igual urbanidade com os sitiados e os sitiantes, colhendo por toda a parte observações interessantes logo registradas no seu diario de viagem, no dizer de Oliveira Lima, escripto com aquella propriedade de expressão e sentimento de paizagem que os inglezes tanto possuem.

Deste seu *Journal of a voyage to Brazil*, impresso em Londres no anno de 1824, traduzimos as seguintes paginas relativas a Pernambuco, acompanhando-as das gravuras do original e de mais duas, pertinentes ao assumpto, extrahidas da obra do pintor allemão Mauricio Rugendas, intitulada *Male-*

rische Reise in Brasilien e apparecida, em 1835, em Muehlhausen.

E' sobretudo notavel a imparcialidade que preside a todas as suas apreciações dos homens e das cousas, a serena amenidade dos seus juizos e o vivo colorido com que descreve as maravilhas da nossa natureza.

Acompanhemol-a, pois, desde que, curiosa e inquieta, lobrigou numa borrascosa manhã, surgindo vagamente do mar agitado, as plagas pernambucasas, até quando, grata e saudosa, lhes disse adeus por uma noute feerica de plenilunio.

Sexta-feira, 21 de Setembro de 1821. — Emfim estamos á vista da costa do Brasil, que é aqui baixa e verdejante, cerca de dous grãos ao norte da ponta primeiramente descoberta por Vincente Pinzon em 1500 (1).

O tempo está muito tormentoso e o mar muito grosso ; estamos ancorados a proximoamente oito milhas de Olinda, a capital de Pernambuco, em quinze braças de fundo ; conquanto tenhamos disparado mais de um tiro de peça pedindo um pratico, não ha signal da vinda de algum.

Sabbado, 22 de Setembro. — A's nove horas da manhã o intendente da marinha deste lugar veio a bordo com o capitão do porto, e o navio foi por este pilotado ao ancoradouro, distante cerca de tres milhas da cidade e com oito braças de fundo. A amarração é inteiramente desabrigada e o mar continúa muito encapellado. Não admira não tenham ouvido e respondido os tiros disparados a noute passada. Mr. Dancer, que foi enviado á terra com officios ao governador e ao consul inglez em exercicio, encontrou o lugar em estado de sitio, e regressou em companhia do coronel Patronhe (2), ajudante de campo do gover-

(1) Cabral foi o primeiro a tomar posse do paiz, a quem chamou de —Terra da Santa Cruz—, para a coróa de Portugal ; Amerigo Vespucci, em 1504, denominou-o Brasil, devido á madeira deste nome.

N. da A.

(2) Era o coronel João Antonio Patrone.
N. do T.

nador, o qual nos fez do presente estado de Pernambuco a descripção seguinte :

Alem das manifestas tendencias revolucionarias, que sabiamos de ha muito existirem no Brasil, havia tambem certa rivalidade entre portuguezes e brasileiros, que recentes acontecimentos avolumaram em não pequena escala. A 29 de Agosto, cerca de 600 homens da milicia e outras forças indigenas tomaram posse da villa de Goyanna, um dos principaes lugares da capitania, e, penetrando á força na casa da camara, alli declararam terminado o governo de Luiz do Rego. Procederam em seguida á eleição dum governo provisorio para Goyanna, incumbido de agir enquanto a capital da provincia não estiver em condições de estabelecer uma junta constitucional; no intuito de precipitar este acontecimento elles têm reunido tropas de toda a qualidade, entre as quaes varias companhias de *Caçadores* que desertaram de Luiz do Rego; com estas forças, tal qual são, marcharam em direcção a Pernambuco e, a noute passada atacaram os dous pontos principaes: Olinda, ao norte — este em quatro lugares — e Afogados, ao sul. Foram, todavia, repellidos pelas tropas reaes commandadas pelo governador com perda de quatorze mortos e 35 prisioneiros, havendo entre os realistas dous mortos e sete feridos. Hoje pela manhã augmentou o panico dos habitantes da cidade devido a terem sido encontrados varios individuos armados occultos nas torres das igrejas, para onde haviam conduzido diversos cabides d'armas. Luiz do Rego é um soldado e dedicado á cauza real; servio por muito tempo no exercito inglez em Portugal e na Hespanha, e, se não me engano, distinguio-se no cerco de S. Sebastião; é um homem assiz revero e, especialmente entre os soldados, mais temido do que querido. Grande parte do regimento de *Caçadores* abandonou-o para juntar-se aos patriotas e formou o corpo mais efficiente do ataque da noute passada. Os habitantes da cidade foram encorporados na milicia e estão toleravelmente armados e exercitados. A cidade está regularmente provida de farinha de mandioca, carne seca e peixe salgado; mas, os sitiantes impedem a entrada de quaesquer refrescos. Todas as lojas estão fechadas e os generos alimenticios são escassos e caros. A maioria das pessoas que tem possuidos de valor, em baixellas e joias, fizeram-nos encaixotar e depo-

sitar em casa dos negociantes inglezes. Grande numero de pessoas residentes nos arrabaldes deixaram, com mulheres e familias, os seus lares, refugiando-se junto aos inglezes. Estes que, na maioria, dormem pelo menos nos arredores, em casas de campo chamadas *sítios*, deixaram-nas e permanecem todo o tempo nos seus escriptorios no porto: tudo, enfim, é alarme e incerteza.

Domingo, 23 de Setembro. — A noite decorreu calma e tambem assim o dia; trocamos repetidas communicações com a terra; mas, não me foi possível desembarcar; temos excellentes laranjas e legumes toleraveis vindos da cidade, e muito nos divertimos observando os curiosos betesinhos, canôas, catamarans e jangadas que têm vellejado, vogado e remado em torno do navio. A jangada não se parece com cousa alguma por mim vista anteriormente; são seis ou oito troncos de arvore ligados entre si por duas vigas transversaes; numa extremidade têm um banco elevado em que se assenta um homem para governal-as, porquanto são aparelhadas duma especie de leme; por vezes as dimensõe do banco permittem-no accommodar duas pessoas; outro banco está situado ao pé do mastro, immenso em proporção á balsa, contem roupas e viveres, ou um poste, fincado num dos troncos, os supportam, e uma grande vela triangular de algodão completa a jangada, em que o intrepido marinheiro brasileiro, constantemente banhado pelas vagas, transporta com segurança carregamentos de algodão ou outras mercadorias a distancias de centenas de milhas.

Pelas tres horas da tarde acostou-nos uma grande canôa conduzindo dous officiaes patriotas que vinham verificar se nós eramos realmente inglezes; se, conforme constava, vinhamos socorrer os realistas ou enfim auxiliar a elles patriotas; tão aptos são os homens, sob a influencia de fortes sensações, em duvidar da inteira indifferença de outrem, que eu suspeito muito houvessem elles erido na perfeita neutralidade que professamos. Deixaram-nos, entretanto, sem mostras de particular anciedade, e regressaram ao littoral fazendo um amplo desvio no desígnio de evitar o cruzeiro do Recife que espreitava attento o apparecimento de quaesquer embarcações pertencentes aos patriotas.

Segunda-feira, 24 de Setembro. — Cedo pela manhã veio á bordo o coronel Patronhe sollicitando fôsse permittido ao paquete inglez fazer de vela para Lisbôa conduzindo os officios do governo. Jubilei que as estrictas instrucções do nosso commandante não permittissem transmittir ao capitão do paquete semelhante ordem. Seria romper logo a neutralidade que professamos observar e, na minha opinião, auxiliar a peor causa. O coronel, advirtindo que a cidade estava em estado de sitio e que se não podia prever quando e em que lugar teria lugar o proximo ataque, recommendou-me a permanencia a bordo; mas, eu, que nunca vi uma cidade sitiada, me resolvi a ir á terra. Em consequencia Mr. Dance, sendo o unico official a bordo que falla tanto o portuguez como o francez, foi commisionado para acompanhar-me; levei tambem dous guarda-marinhas, Grey e Langford, e a intenção de visitar Madame do Rego.

O nome Pernambuco, que é o da capitania, é hoje geralmente applicado á capital que consiste de duas partes. Em primeiro lugar a cidade de Olinda, fundada pelos portuguezes de 1530 a 1540, e, como indica o seu nome, edificada num formoso sitio, onde collinas medianas mas abruptas, um bello rio e densos bosques se combinam para encanto do expectador; comtudo a sua approximação por mar deve sempre ter sido difficil senão perigosa. Vem em seguida a cidade do Recife de Pernambuco levantada pelos hollandezes, sob Mauricio de Nassau, e por elle cognominada cidade Mauricia.

É uma localidade singular, muito adequada ao commercio; assenta em varios bancos de areia, separados por diversas angras dagua salgada e os estuarios de dous rios dagna doce, ligados por tres pontes e divide-se em igual numero de bairros: Recife, acertadamente assim chamado, onde se acham as principaes fortificações, o arsenal e o grosso commercio; Santo Antonio, onde se eleva o palacio do governo e as duas principaes igrejas — uma para a população branca, outra para a negra (*sic*) —, e Boa Vista, onde os negociantes mais opulentos ou os habitantes mais ociosos vivem em meio dos seus jardins, e onde, conventos, igrejas e o palacio episcopal dão um ar de importancia á mui linda cidade circumvisinha.

Tudo isto sabia eu antes de desembarcar e me presumia

assáz conhecedora de Pernambuco. Mas, nenhuma sciencia prévia pôde obstar o assombro com que se penetra neste porto tão extraordinario.

Do navio, ancorado tres milhas distante da cidade, viamos embarcações ancoradas alem do recife, contra o qual as vagas se quebravam perpetuamente; mas, enquanto me não encontrei no seu ambito, dentro do recife, não tive a menor idéa da natureza do fundeadouro: a agitação das vagas precipitando-se sobre a praia nos teria parecido temerosa, não n'as houvéssem ellas para isto preparado e dilatado extraordinariamente a nossa travessia de tres milhas.

Nos abeiramos tão de perto da praia arenosa entre o Recife e Olinda que cheguei a suppor fossemos ali desembarcar, quando, em face duma torre erecta sobre um escolho, que o mar batia com violencia, volvemos bruscamente e nos achamos ao abrigo dum maravilhoso quebra-mar natural; ouviamos a resaca bramindo além, viamos as espumas revoltas, mas navegavamos calma e serenamente como numa represa de moinho. Consta de coral a rocha de que é formado o recife; mas, este se acha tão envolto e revestido de ostras e lepas que, na profundidade de muitos pés ou até onde penetram os nossos martellos, não percebi senão os residuos das suas conchas.

D'alta-se desde o norte da Parahyba até Olinda, quando se anega para de subito reaparecer no Recife, e dahi se expande até esbarrar de encontro á avançada ponta granitica do Cabo de Santo Agostinho, que o vara até o mar; mais além resurge e continúa interrupto, direcção ao sul.

A largura do ancoradouro interno, entre o recife e o continente, varia de algumas braças a tres quartos de milha; junto ao recife ha consideravel fundo permittindo alli fundearem embarcações de avultado porte. Ha uma barra na entrada do porto, na qual, das marés ordinarias, ha dezeseis pés dagua, de sorte que embarcações mesmo de grande tonelagem podem alli fundear (1).

O brigue *Alacrity*, de S. Magestade, permaneceu por algum tempo dentro do recife, e mais dous pés dagua na barra

(1) Em 1816, sob o governador Montenegro o porto foi limpo e profundo, principalmente na barra.

teriam permittido á *Doris* transpol-a, comquanto, conforme o que vi, não honvésse espaço para fazel-a voltar quando quizesse sahir. O Recife é de certo uma das maravilhas do mundo, e tem no maximo dezeseis pés de largura no topo. Desce para o mar mais rapidamente do que o quebra-mar de Plymouth e do lado de terra é perpendicular na profundidade de muitas braças.

Aqui e alli algumas poucas desigualdades no topo devem ter outr'ora, por occasião de grandes marés ou ventos rijos, agitado o porto; mas o Conde Mauricio remediou este defeito mandando entupir as fendas com grandes blocos de granito tornando assim a unida a superficie do Recife e seguro o porto em qualquer tempo.

O Conde pretendia construir armazens ao longo do Recife, mas, a sua retirada do governo o impedio de fazel-o. Um pequeno forte junto á entrada defende esta e será sempre efficiente tão estreita e subita é a passagem. Proximo a elle e justamente na extremidade do Recife eleva-se, quasi concluido um pharol; são estas duas as unicas construcções sobre esta extraordinaria linha de rochas.

Vogamos subindo o porto por entre navios de todas as nações, tendo dum lado a cidade e do outro o Recife, até chegarmos a uma das vastas angras sobre a qual os hollandezes lançaram uma bella ponte de pedra, agora em ruina. Fomos vivamente impressionados pela belleza do scenario; os edificios são bastantes grandes e brancos, e a terra, baixa e arenosa salpicada de brilhantes tufos verdes de gramma e adornada de palmeiras.

Ha poucos annos atraz uma violenta cheia destruiu a maior parte do centro da ponte, comtudo as arcadas ainda servem para supportar de cada lado ligeiras galerias de madeira, e as casas e arcos subsistem nas duas extremidades. Desembarcamos bem perto da ponte e fomos recebidos pelo coronel Patronhe que desculpou o governador de não ter vindo, por estar na sala do conselho (1).

(1) O conselho ou junta do governo provisorio consiste de dez membros dos quaes Luiz do Rego é o chefe; estavam elaborando um manifesto aos habitantes do Recife, assegurando-lhes protecção e segurança, exultando com as vantagens obtidas na noute anterior, con-

O coronel nos conduziu ao palacio do governo, edificio de assaz bello aspecto, tendo uma praça em frente e uma torre, e penetramos no que evidentemente foi um esplendido vestibulo. Viam-se ainda em algumas partes do tecto e das paredes vestigios de dourados e de pinturas; mas presentemente está occupado por cavallos sellados e soldados armados promptos a montal-os ao primeiro signal, tudo em alerta; ha canhões postados em frente com mórões accesos ao lado e um ar de alvoroço e de importancia entre os soldados que excita uma sorte de curiosidade sympathica quanto ao seu provavel e immediato destino.

Galgando as escadas encontramos em cima quasi a mesma confusão, porquanto o governador residia até agora fóra da cidade (1), e acaba de mudar-se aqui para Santo Antonio, para o antigo Collegio dos Jesuitas, em parte para estar no centro dos negocios e em parte para pôr em segurança a sua familia em caso de accidente, porquanto as avançadas dos sitiantes estão muito proximas da sua residencia anterior. Achei Madame do Rego uma senhora agradável e assaz formosa; falla correctamente o inglez, predicado este cuja origem explicou informando-me que sua mãe, a Viscondessa do Rio Secco, era irlandeza.

Nada poderia exceder a gentileza e amenidade das suas maneiras e das duas filhas do general Rego, cujo trato e apparencia é de senhoras perfeitamente educadas, e uma das quaes é muito bonita. Depois de conversarmos algum tempo nos trouxeram refrescos, e logo apóz apresentou-se o proprio governador, um bello homem de aspecto militar. Parecia enfermo, soffrendo ainda das consequencias dos ferimentos recebidos alguns mezes antes quando, em companhia dum amigo, passeava pela cidade. Verificou-se mais tarde

firmando a existencia de abundantes provisões dentro da cidade, e encorajando-os, em nome do rei e das côrtes, a defender a cidade contra os insurgentes, que eram naturalmente taxados de inimigos do rei e do paiz.

N. da A.

(1) No palacio do Mondego onde está actualmente o Collegio dos Salesianos.

N. do T.

haver sido o instigador do crime certo Ouvidor por elle removido pouco depois de assumir o governo. O assassino desfechou dous tiros; Luiz do Rego foi attingido no tronco por diversas balas e perdigotos, mas, o ferimento mais grave foi no braço esquerdo. O seu amigo esteve por algum tempo entre a vida e a morte; ambos, porém, estão hoje quasi restabelecidos. Na occasião do attentado o criminoso foi mais duma vez agarrado por pessoas presentes, mas sempre entre elle e os que o queriam prender mettiam um cesto de padreiro; elle lançou fóra as pistolas e fugiu.

Terminada a nossa visita, encetamos um passeio pela cidade; as ruas são em parte calçadas de seixos azulados da costa e em parte de granito vermelho e cinzento. As casas tem tres ou quatro andares, são construidas duma pedra esbranquiçada, todas caiadas de branco, e tem as portadas e as molduras das janellas de pedra parda; o pavimento terreo é occupado por lojas, habitações de escravos, ou cavallariças; o primeiro andar contem de ordinario escriptorios e armazens; acima acham-se as residencias dos proprietarios e no tôpo installam-se geralmente as cozinhas, livrando assim as partes inferiores do calor dos fogões.

Fiquei surprehendida de poder passear ao ar livre sem ser incommodada pelo calor, em região tão proxima do equador; mas a constante brisa maritima, que aqui começa a soprar diariamente ás dez horas, mantem uma temperatura que em todo o tempo permite fazer exercicio. A parte mais quente do dia é de oito a dez quando falha a brisa de terra.

Como deviamos transpor a ponte de pedra, de volta para para o bote, que tinha ordem de nos esperar na ponte do Recife, porquanto com a vasante da maré teria ficado em secco na angra onde desembarcamos, deixamol-a de parte e atravessamos Santo Antonio em direcção á Bôa Vista. Ao chegarmos á ponte de madeira, longa de 350 passos, que a liga a Santo Antonio, achamos que havia sido cortada no centro, sendo apenas transitavel por duas pranchas facilmente retiraveis, caso os insurgentes se apoderassem da Bôa Vista.

No genero nada consegue avantajarse em belleza a fresca paisagem verdejante, com o largo rio serpeando através, que se observa de ambas as extremidades da ponte, e as alvas con-

strucções do erario, dos conventos e das casas particulares, na maioria cercada de jardins.

A verdura é deliciosa a olhos inglezes, e não duvido que estes prados lustrosos e aguas mansas attrahissem particularmente os fundadores hollandezes do Recife. Regressamos, conforme haviamos combinado, pela ponte de pedra, longa de 280 passos; em vão procuramos entrar em alguma loja: nem uma só estava aberta, achando-se os negociantes em serviço militar. Constituem a milicia e, como muitos são europeus e todos receiam ser saqueados caso os sitiante tomem a cidade de assalto, se mostram muito zelosos na sua actividade marcial.

Na extremidade de cada rua achamos um canhão de campanha e, nos encontros das pontes, dous tendo ao lado os mórões accessos, e em todas as guardas a sentinella nos chamou á falla.

No fim da ponte de pedra, no *ponto das tres pontes* (1) as guardas são mais numerosas e severas. Neste bairro estão depositadas as principaes riquezas da cidade, e é tambem a parte mais facilmente defensavel; está quasi que inteiramente cercada dagua, as casas são altas, solidamente construidas e proximas umas das outras, por serem as ruas muito estreitas, e os dous fortes reductos nas extremidades da ponte podem dar tempo a demolil-a completamente, e assim tornar inacessivel esta parte da cidade, excepto pelo isthmo de areia que a prende a Olinda e é guardado por dous fortes consideraveis.

Mal haviamos andado cincoenta passos no Recife quando fomos desgostados pelo primeiro espectáculo duma feira de escravos; era a primeira vez que, tanto eu como os rapazes, nos achavamos num paiz de escravos e por mais fortes e pungentes que fossem entre nós, na patria, os sentimentos quando em imaginação nos representavamos a escravidão, nada eram comparados a vista repulsiva dum mercado de escravos. Achava-se mal abastecido, devido ás circumstancias reinantes na cidade, que impunham á maioria dos donos de negros novos a precaução de conserval-os trancados nos depositos; entretanto, cerca de cincoenta jovens creaturas, raparigas e rapazes, com todas as

(1) Pequeno forte que defende a entrada do Recife.

apparencias de enfermidade e fome consequentes de alimentação insufficiente e longa reclusão em lugares insalubres, estavam sentadas ou deitadas nas ruas entre os mais immundos animaes.

O spectaculo nos fez regressar para bórdo cheios de afflicção e a resolução « não ruidosa mas profuuda » de não considerar, nem grande nem pequeno demais, o que nos for possível emprehender no sentido de abolir ou alliviar a escravidão.

Sexta-feira, 27 de Setembro. — Fui a terra afim de passar alguns dias com Miss Stewart, a unica senhora ingleza residente na cidade. Está agora morando na casa commercial de seu irmão, onde se acham o escriptorio e os armazens, porquanto a sua casa de campo está ao alcance dos patriotas. Suspiro por um passeio ou cavalgata ás tentadoras collinas verdejantes que circundam a cidade ; mas, como isto não é possível tenho que me contentar com o que existe dentro das linhas de defeza.

Hoje voltando da Boa Vista encontramos uma familia de sertanejos, que ha alguns dias trouxe provisões á cidade, de regresso ao sertão ou região selvagem do interior. Estes sertanejos são uma casta de homens activos e vigorosos, na maioria agricultores ; trazem para o littoral milho e cereaes, toucinho e doces, e algumas vezes tambem couros e sébo. O algodão é, entretanto, cultivado no sertão, sendo, porem duma colheita precaria, dependendo inteiramente da quantidade das chuvas na estação, e frequentemente não chove no sertão durante dous annos.

O grupo que encontramos era de aspecto muito pittoresco : os homens vestidos de couro da cabeça aos pés e cujos ligeiros gibões e calções estreitos lhes moldavam as formas tão perfeitamente como as vestimentas dos marmores de Egina, conferiam-lhes de alguma sorte o mesmo aspecto ; o pequeno chapéo redondo é da fórma do petaso de Mercurio ; os sapatos e polainas da maior parte são excellentemente apropriados a preservar os pés e as pernas nas correrias atravez dos cerrados. A côr de todos era um bello pardo ; affligio-me que a mulher da comitiva trajasse vestido evidentemente de modelo francez, o que destoava da caracteristica uniformidade do grupo ; ia na garupa do chefe, sobre um dos pequenos mas

ardegos cavallos do paiz ; seguiam-nos varias bestas de carga conduzindo utensilios domesticos e outros objectos em que haviam cambiado as suas provisões ; fazendas de lã e algodão, louça ordinaria, e outros artigos manufacturados, com especialidade facas, é o que principalmente accitam em troca, comquanto se notasse alguns moveis, com pretensões a elegancia, na bagagem da familia que ancontramos ; atraz dos cavallos vinha um grupo de homens, alguns a pé, marcando passo com o trote das bestas, e outros montados carregando as crianças ; no couce distinguia-se, pelas suas calças de baêta verde, um individuo muito gordo e bonito, fumando ao passar.

A' tarde demos um passeio a cavallo ; fôsse devido a estar tantas semanas a bórdo sem montar ou á peculiar suavidade e frescura da tarde, apóz o suffocante dia tropical, não sei dizer ; nunca, porém, gozei tanto duma hora ao ar livre. Sahimos da cidade por entre graciosas casas de campo, chamadas *sítios*, até um dos postos avançados no Mondego, onde anteriormente residia o governador.

As frondes de tamarineiras, e palmeiras sombreavam o caminho e mil arbustos graciosos adornavam os muros dos jardins. E' impossivel descrever a sensação de deliciosa frescura duma tarde semelhante, dando repouso e saúde apóz o dia ardente. Ficamos muito penalizados quando força foi regressarmos para casa ; mas, o sol se tinha posto, não havia lua, e recevamos ser detidos pelas guardas dos diversos postos de defeza. De volta fomos demorados gritos de *Quem vem lá ?* ; mas as palavras *Amigos inglezes* eram o nosso passaporte, de sorte que chegamos ao Recife a *Ave Maria* era entoadada, bem apressada e desafinadamente, nas ruas, pelos negros e mulatos ; mas, tudo o que funde as almas num sentimento commum é digno de interesse. As portas das igrejas estavam abertas, os altares illuminados, e o proprio escravo sentia que apellava para o mesmo Deus, com o mesmo direito que o seu senhor. Foi uma tarde que jámais poderei esquecer.

Sabbado, 28 de Setembro. — Esta manhã, antes do almoço, olhando da saccada da casa de Mr. Stewart, vi uma mulher branca, ou antes uma furia, surrando uma negrinha e torcendo-

lhe cruelmente os braços enquanto a pobre creatura lançava gritos de angustia, até que os nossos cavalheiros interviéram.

Bom Deus ! porque permittis exista o trafico e a pratica da escravidão ? !

Proximo á casa em que estamos hospedados ha dous ou tres depositos de escravos, todos moços ; num vi, exposto á venda um menino de dous annos. Os viveres são actual-mente tão escassos que nem uma migalha de alimento animal tempera o pirão de farinha de mandioca comida habitual dos escravos, e que deste mesmo raramente lhes dão o sufficiente o demonstram as faces encovadas e a ossatura saliente das crian-ças. Outrosim, o dinheiro igualmente subio tanto de preço que os compradorés são raros, e uma nova angustia augmenta a mi-seria do escravo : o vão desejo de encontrar um dono ! Deze-nas destes infelizes se agglomeram a cada esquina das ruas, na completa apathia do desespero, e se alguma criauça busca delles se affastar, á procura de infantil diversão, um olhar de piedade é tudo o que desperta.

Andarão errados os patriotas ?

Elles puzeram armas nas mãos dos negros novos, tra-zendo vivida a lembrança dos patrios lares, do navio negreiro e das senzallas.

Fui hoje até o mercado, onde ha pouca cousa : carne de vacca pouca e cara, nada de carneiro, raros gallinaceos, e alguns leitões, repugnantes porquanto se cevam nas ruas aon-de são lançadas todas as immundicies, e das quaes, elles e os cães, são os unicos limpadores.

O assedio é tão apertado que mesmo os legumes das hortas particulares, a duas milhas das avanguardas, não podem ser aproveitados pelos seus proprietarios. Não é possivel obter leite ; o pão de farinha de trigo americana custa o duplo do que na Inglaterra, e os bôlos de mandioca cozidos em leite de côco, são de preço excessivo demais para permittir ás classes inferiores sufficiente nutrição.

Por uma carga de lenha pedem quantias extravagantes, e o carvão é escasso.

Negros dominam o mercado, poucos por conta propria, na maioria pela de seus donos. O vestuario dos negros livres é o mesmo dos brancos : calças e jaqueta de algodão branco e

um chapéo de palha, substituídos em dias de galla por ternos de panno preto, envolvem os corpos dos cavalheiros brancos e pretos.

As mulheres uzam, em casa, duma especie de camisola que deixa exposto o seio ; quando sahem a passeio uzam dum manto ou capa ; este manto é frequentemente dos mais brilhantes matizes, e os sapatos tambem, que são o symbolo da liberdade, têm todas as cores, menos a preta. Cadeias de ouro em volta do pescoço e dos braços, brincos de ouro e uma flôr fincada no penteado completam o adorno duma senhora pernambucana. Os negros novos, homens e mulheres, trazem apenas uma tanga na altura dos rins. Quando comprados é praxe dar-se-lhes, ás mulheres uma camisa e saia, e aos homens ao menos umas calças ; mas nem sempre assim succede.

Hontem tivemos occasião de observar com vantagem a variedade de chapéos uzados pelos habitantes portuguezes, numa sortida, pelas ruas, feita por uma especie de milicia supplementar, no intuito de determinar o fechamento de todas as lojas e a reclusão de todos os escravos, devido ao boato de que o inimigo estava atacando a cidade pelo lado meridional.

O official commandante estava realmente fardado e empunhava, com a direita uma espada núa e com a esquerda uma pistola engatilhada ; mas, a patrulha que o seguia o proprio Falstaff teria repugnancia em alistar ; regularmente armados, traziam chapéos e carapuças que trahiam flagrantemente as respectivas profissões dos seus donos ; fechava o sequito, livido de terror, coberta a a cabeça dum pequeno barrete preto em forma de tambôr, envolto numa capa de encerado, um estafermo brandindo erguida uma enorme durindana. A milicia é mais disciplinada, sendo actualmente empregada em revesar no serviço as tropas reaes que diariamente desertam para os patriotas.

Comparecendo hoje á tarde em palacio, soubemos que cerca de cem indios eram esperados para reforço da cidade ; vestem os seus trajés aborigines e estão armados de fundas, arcos e flexas. Nos dizem que o seu credo politico consiste na obediencia implicita ao rei e aos padres. Aguardente é a peita que os conduz a qualquer empreza, sendo um gole de cachaça e

um punhado de farinha o alimento que exigem quando vêm ao porto.

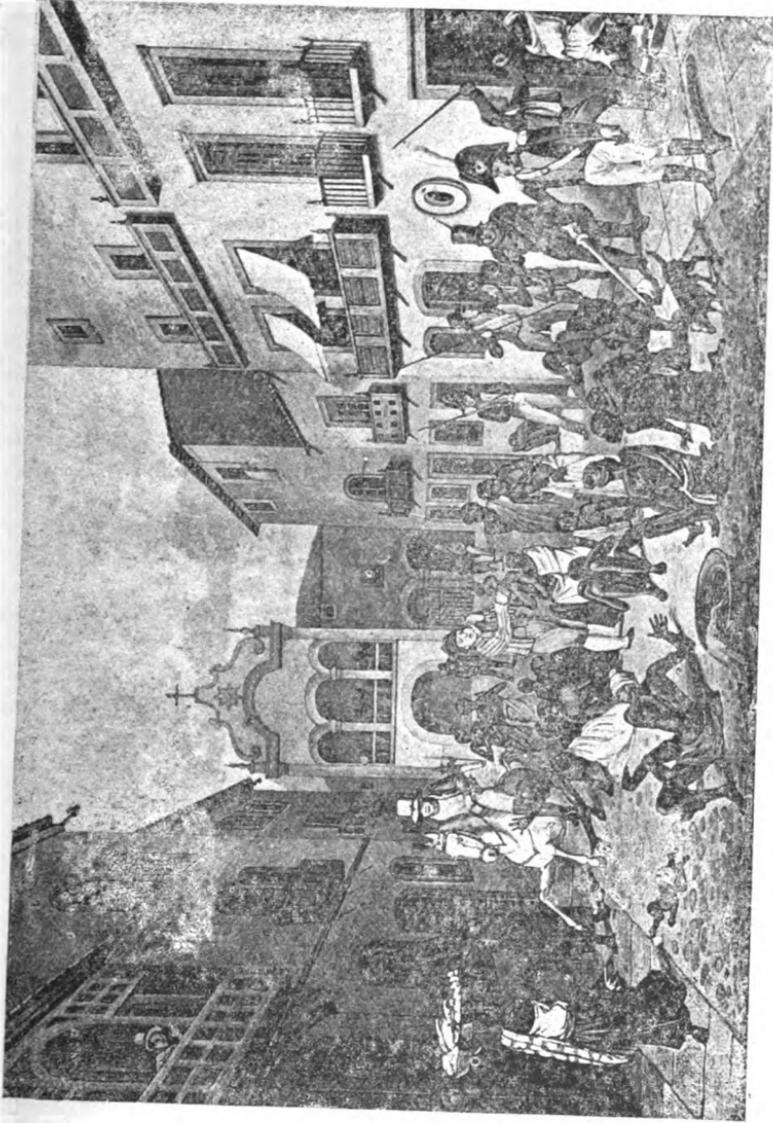
Ao entardecer, não havendo cavallos para alugar, tomamos alguns de emprestimo aos nossos amigos inglezes e francezes, e nos dirigimos a Olinda pelo extenso isthmo arenoso que a liga ao Recife; foi este mesmo isthmo que Sir John Lancaster fortificou com uma estacada durante a sua estada no Recife, que saqueou. A praia é defendida por duas fortalezas sufficientemente poderosas considerada a sua situação; dum lado as vagas quebraram-se furiosamente contra as suas bases e do outro dilata-se um vasto estatuário terminando alem em terrenos baixos, de sorte que não podem ser dominadas. A areia acha-se em parte coberta de arbustos, um dos quaes era bellissimo com folhas espessas e flores purpúrias em forma de campanha; alguns assemelhavam-se aos do Oriente, outros eram inteiramente novos para mim.

Surprehendeu-me a extrema belleza de Olinda, ou antes dos seus restos, pois acha-se agora num triste estado de ruinas. Todos os habitantes mais abastados deixaram-na pelo Recife. Sendo as rendas do bispado agora reclamadas pela corôa e estando os conventos supprimidos na maioria, nem mais existe o facticio esplendor das pompas ecclesiasticas. O proprio seminario em que os rapazes recebiam alguma instrucção, quanto imperfeita, está quasi em ruinas (1) e rara é a casa de qualquer tamanho ainda de pé.

Olinda assenta sobre algumas pequenas collinas, cujas fraldas em alguns pontos descem a pique, apresentando o mais abrupto e pittoresco scenario de rochas; acham-se cercadas de bosques escuros que parecem contemporaneos da propria terra: tufos de esbeltas palmeiras, aqui e ali a ampla fronde duma velha mangueira ou os galhos gigantescos da elevam-se acima das demais arvores, irrompendo do seio da floresta; no meio della os conventos, a cathedral, o palacio episcopal e as igrejas, duma architectura nobre senão elegante,

(1) Foi primitivamente o Collegio dos Jesuitas fundado sob a administração do admiravel Padre Nobrega e seu companheiro De Gram. Ali, aos dezoito annos de idade, o celebre Vieira leu rhetorica e compoz os commentarios sobre alguns dos classicos, infelizmente perdidos no decurso das guerras civis.

N. da A.



A Rua da Cruz em 1821
(Uma gravura de E. Finden. APUD Mrs. Maria Graham—JOURNAL OF A VOYAGE TO BRAZIL, LONDRES, 1824).

surgem em posições que um Claude ou um Poussin não poderiam ter mais bem escolhido ; algumas erguem-se á borda das encostas empinadas, outras assentam em grammados que descem para a praia em suave pendor ; a sua côr é cinzenta ou amarello pallido, com telhas avermelhadas, excepto aqui e ali alguma cupola adornada de azulejos. No momento em que attingimos o ponto mais elevado da cidade, olhando atravez do valle arborisado em volta do qual se agrupam as collinas, avistamos a fumaça de uma das guardas avançadas. Os soldados estavam de pé ou deitados em volta, com as armas ensarilhadas ; cobria-os a sombra das grandes arvores ao fundo, atravez de cujos troncos os raios esparsos do sol no occaso deram uma meia luz tal que o proprio Salvador Rosa a não desdenharia.

Os mesmos soldados, porém, circumscreveram o nosso passeio ; pretendiamos regressar pela estrada do interior, mas, não nos permittiram seguil-a, porquanto pelo menos parte della está em poder dos patriotas, pelo que fomos forçados a voltar pelo mesmo caminho da vinda.

No lugar em que a presente guarda está postada, e onde de facto é necessaria uma forte guarda, o rio de Beberibe lança-se no estuario que foi outr'ora o porto de Olinda. Um dique foi construido atravez delle, com portas d'agua que são occasionalmente abertas ; sobre o dique ha uma bonita arcada aberta, onde os habitantes das visinhanças costumavam, em tempos pacificos, passar a tarde comendo, bebendo e dançando.

Desta repreza procede a melhor agua usada no Recife, para onde é diariamente transportada em canôas que atracam junto ao dique chamado Varadouro e são enchidas por vinte e tres torneiras collocadas de forma a despejarem directamente nas canôas, sem mais trabalho. Vimos vinte e sete destas pequenas canôas carregadas vogarem rio abaixo em direcção á cidade. Um só remo, usado antes como leme do que como tal, guia a embarcação para o meio da corrente que a conduz ao seu destino.

O sol escondera-se muito antes de alcançarmos o primeiro dos fortes de volta para a cidade. Os cães já haviam começado a sua abominavel tarefa ; vi um arrastar o braço

dum negro de debaixo de algumas pollegadas de areia que o seu senhor fizera lançar sobre os seus restos. E' nesta praia que a medida de insultos feitos aos pobres negros é cheia. Quando morre um negro os seus companheiros de captivoeiro deitam-no sobre uma taboa, levam-no até a praia, onde abaixo do nivel da préamar lançam-lhe um pouco de areia sobre o corpo ; aos negros novos, porem, até esta prova de humanidade é negada : o cadáver é amarrado a uma vara, conduzido á noite e atirado na praia donde é bem possivel que a ressaca o venha levar. Estas cousas nos fizeram chegar em casa tristes e abatidos, não obstantes as scenas agradaveis que havíamos presenciado.

Domingo, 29 de Setembro. — A festa de S. Miguel fez sair as senhoras portuguezas, das quaes não viramos até agora uma só passar nas ruas. O seu vestuario predilecto parece ser preto, com sapatos brancos e fitas brancas ou de côres e flôres nos cabellos ; com um manto de renda ou gaze preto ou branco. Vimos tambem pela primeira vez alguns padres ; presumo que a ordem determinando-lhes que se conservem dentro dos muros dos seus conventos, foi consequencia de pertencerem ao numero dos fomentadores do espirito de independencia. A appropriação de parte tão consideravel dos rendimentos da igreja pela côrte de Lisbôa é naturalmente impopular entre o clero do paiz ; e não lhe é difficil convencer o povo, o que de facto é verdade, que a retirada de tantos cabedaes para soccorrer Lisbôa, que actualmente não pôde governal-o nem protegel-o, é motivo para justas queixas. Dizem que a moral do clero é a mais depravada, o que provavelmente é verdade. Homens, como os do clero romano, seggregados por votos de todas as caridades activas da vida social, têm apenas como recurso contra os seus vicios e paixões a sciencia e a litteratura. Mas aqui os proprios nomes de sciencia e litteratura são desconhecidos.

O seminario e a bibliotheca de Olinda estão em ruinas. Não ha uma só livraria em Pernambuco, e a população das differentes freguezias sóbe a 70,000 almas ! Um periodico toleravelmente bem escripto, do qual não me foi possivel obter o primeiro numero, começou a apparecer em Março, sob o título de *Aurora Pernambucana*, com o motto de Camões :

*Depois de procellosa tempestade,
Nocturna sombra e sibilante vento,
Traz a manhã serena claridade
Esperança de porto e salvamento ;*

alludindo a chegada das noticias da revolução de Portugal, a 26 daquelle mez, e ao juramento do governador, magistrados, etc., de adherirem á constituição que as Córtes promulgassem. Sinto dizer que este unico jornal ha dous mezes que deixou de apparecer, tendo o redactor, ao que parece, sido nomeado secretario do governo, pelo que não dispoz mais de tempo para dedicar-se á imprensa (1).

Segunda-feira, 30 de Setembro. — A noite passada os patriotas atacaram as linhas de defeza de Olinda durante quatro horas, mas creio que não houve perdas de qualquer dos lados. Esta manhã chegou a fragata portugueza *Dom Pedro* com tropas da Bahia. O reforço de 350 homens, em parte europeus, em parte bahianos, encheu de enthusiasmo todos os habitantes, inclusive o governador: de sorte que temos uma vez occasião de ver Pernambuco activo e alegre e movimentado. Homens e mulheres percorrem as ruas nos seus mais vistosos trajes, e os militares correm e galopam em todas as direcções, não pouco satisfeitos com ter quem os venha render nas suas constantes guardas e rondas.

Entre outras cousas que aprendi olhando notei que, enquanto os paes de familia se entretinham nas ruas com os recém-chegados, as jovens pernambucanas se mostravam tão habéis no uso de signaes como as mulheres turcas, e que frequentemente um namoro é mantido por este processo e assentado um casamento sem que um dos noivos tenha ouvido a voz do outro. Entretanto, o costume geral é os paes combinarem as nupcias dos filhos sem consultar outra cousa que não seja a conveniencia pecuniaria.

Hoje varios officiaes e aspirantes da *Doris* nos acompanharam a jantar com o governador, ás quatro e meia da tarde.

(1) Não só este jornal continuou a ser publicado, como outros saem agora á luz no Recife.

Fomos muito cordialmente acolhidos. S. Exc. sentou-se numa das cabeceiras da meza e um ajudante de campo na outra ; eu tomei lugar entre o general e Mm. do Rego. Elle comprazia-se em fallar dos seus velhos amigos inglezes da guerra Peninsular, com muitos dos quaes mantenho relações, e ella tinha mil perguntas a fazer-me sobre a Inglaterra, que deseja muito visitar. Pedio-me que desculpasse a exiguidade da sua baixela, porquanto as melhores peças estavam encaixotadas num armazem inglez, junto com as joias de S. Exc. e outros objectos preciosos.

A cozinha era meia-portugueza, meio-ingleza. Depois da sôpa foi servido um prato de carne cozida com fatias de porco salgado e chouriços, a que acompanhou outro prato com arroz cozido com azeite e temperos. Houve *roast-beef*, em attenção aos inglezes, muito pouco assada. As saladas e o peixe de varias qualidades estavam preparados dum modo especial ; gallinhas e outras iguarias á moda franceza. O postasto foi servido numa outra meza ; alem das nossas sobremezas europeas de fructas, bolos e vihuo, toda a sorte de pudins, empadas e tortas faziam parte delle ; a meza estava adornada de flôres e havia profusão de confeitos de toda a qualidade. Os convivas ergueram-se da meza de jantar e tomaram lugar junto á outra que, disse-me Mm. do Rego, deveria ter sido posta numa sala separada ; mas, faz tão pouco tempo que se mudaram para aquella casa que ainda não lhes foi possivel preparar uma sala para aquelle fim.

O governador e os seus hospedes ergueram muitos brindes alternadamente ao rei da Inglaterra, ao rei de Portugal, á Marinha ingleza, ao rei de França (1), a Luiz do Rego e á Capitania de Pernambuco, etc. Levantamo-nos então todos da meza ; alguns dos convivas voltaram para bordo ; a maioria porém, reuniu-se-nos no salão, um aposento muito confortavel, com mobilia estufada de damasco azul, onde se nos juntaram os officiaes de marinha francezes do navio de Sua Magestade

(1) Mr. Lainé, o muito amavel e cavalheiroso consul francez, estava presente.

Christianissima *Sapho*, e varias senhoras e cavalheiros da cidade. Tivemos excellente musica. Mm. do Rego tem uma voz admiravel, e havia varios bons cantores e pianistas. Foi uma noite mais agradavel e cheia de urbanidade do que eu esperava poder passar em Pernambuco, especialmente agora em estado de sitio.

(*Continua.*)

Alfredo de Carvalho



GEOLOGIA
DAS
Regiões Auríferas
DA
PARAHYBA E DE PERNAMBUCO
POR
E. Williamson (*)

Na primavera do anno passado (1866), achando-me ligado a uma expedição enviada para explorar as novas minas de ouro da Cachoeira do Piancó, na provincia da Parahyba, tive ensejo de fazer algumas observações sobre a geologia das duas provincias da Parahyba e de Pernambuco ; são estas observações que agora venho trazer á presença dos membros da *Manchester Geological Society*, e espero, com o auxilio do perfil que ora tambem apresento, conseguir dar um esboço comprehensivo da geologia desta vasta região que, supponho, não foi objecto de anteriores explorações geologicas.

(*) A presente monographia lida pelo Autor perante a *Manchester Geological Society*, em 30 de Abril de 1867, e publicada no Vol. VI (1868) pp. 113—122, das *Transactions* da mesma sociedade, apparece agora traduzida do inglez por Alfredo de Carvalho,

A linha do perfil foi tomada de Tambahi, pequena povoação de pescadores na costa do Atlantico, e atravez da cidade da Parahyba até ás minas da Cachoeira do Piancó, na extremidade sudoeste da provincia da Parahyba; é quasi uma linha recta de 300 milhas de comprimento atravez da direcção dos estratos.

Os estratos examinados pertencem a rochas de idades muito differentes, como : ao Terciario, Cretaceo e Lourenciano.

Os Post-terciarios são representados pelos recifes de coral da costa, e os peculiares depositos de conglomeratos ferruginosos e de margas arenosas que capeam as collinas baixas da costa e revestem os flancos das montanhas do interior. Dos recifes de coral nada mais direi, tão frequentemente e tão bem têm sido elles descriptos. Os detritos ferruginosos são mais interessantes, tendo muitas vezes sido tomados erroneamente por viajantes como pertencendo ao néo-grés vermelho, com que se parecem tanto que á primeira vista suppoz tambem que pertenciam ao néo-grés vermelho.

De Tambahi á Parahyba a superficie do sólo acha-se coberta por espessas jazidas de conglomeratos ferruginosos, destrucos accumulados das rochas gneissicas e schistosas do interior; em alguns lugares os conglomeratos se tornam tão grosseiros que são inteiramente compostos de seixos rolados de quartzo, gneiss e as rochas schistosas mais duras, cimentados com peroxydo de ferro.

As dimensões dos seixos variam da duma pequena noz á de blocos pesando de quatro a cinco libras; esta classe acha-se bem representada abaixo de Tambahi; mas, ao passo que se approximam do rio em direcção á Parahyba misturam-se com jazidas mais finas e mais argillosas, até que por fim, em Santa Rita, algumas milhas alem da Parahyba, se apresentam divididos em faxas regulares de margas, areias e conglomeratos.

Em Pernambuco formam uma serie de collinas baixas, de topos arredondados, a antiga linha da costa duma bahia que outr'ora cobria a planicie em que hoje assenta a cidade do Recife; em Caxangá, poucas milhas alem da cidade, os desmoronamentos expuzeram algumas bellas secções destas margas e areias; os estratos ali apresentam tamanha parecença com o

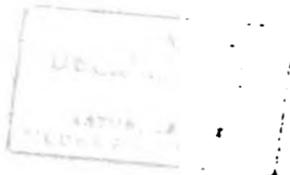
néo-grés vermelho dos nossos proprios districtos, que impossivel, só pela côr e pelo aspecto, distinguir uns dos outros. No interior estas margas e arcias occorrem sempre em rochas gneissicas e granitoides se acham largamente desvidas, como em Texeira, onde abundam rochas granitoides e grandes quantidades de conglomeratos brecciados, arcias e argilas são encontradas revestindo os flancos das montanhas e abrindo os valles.

Immediatamente subjacentes aos conglomeratos ferrugineos da Parahyba, occorrem jazidas de calcareo terciario, em uma direcção quasi de norte a sul e mergulhando suavemente para lêste. A maior parte destes calcareos é siliciosa, quanto por vezes se encontram jazidas de calcareo quasi argiloso e faxas argilosas; os calcareos desta natureza são communs em todo o Brazil, e sempre unconformaveis ás rochas ás quaes subjazem.

Os calcareos secundarios que se encontram nas provincias do Ceará e Maranhão são equivalentes ás nossas rochas calcareas e abundam em restos fosseis de peixes; os calcareos da Parahyba são igualmente fossiliferos, comquanto eu apenas pude obter o molde dum dente de peixe e alguns pequenos fragmentos de *Estherea*. Jazidas de calcareo similar ás jazidas da Parahyba e abundantes em restos de peixes occorrem em uma distancia de setenta milhas ao sudoeste da secção nas minas da Caxoeira. Fui informado de que jazidas de caracter similar, estando em planas sobre as margens invertidas das rochas gneissicas, são communs em varias partes das duas provincias da Parahyba e do Pernambuco.

ROCHAS LAURENCIANAS

Estas rochas, que occupam a maior parte da secção e existem em tão grande escala em ambas as provincias, são tão distinctas no seu caracter que só pôde haver uma opinião quanto a sua idade. Lamento assaz que a pressa com que realizei a minha viagem ao interior não me tenha permittido examinal-as mais cuidadosamente e obter o pendor e a direcção correctas das differentes jazidas; no perfil marquei-as todas como pendendo para o norte; fiz isto no intuito de poder dispôr de todo



e feldspatho. Não consegui descobrir linhas verdadeiras de
15

dendo para o norte ; fiz isto no intuito de poder dispôr de todo

o tempo da minha viagem para as minas para o exame lithologico das rochas, reservando a observação do pendor e da direcção para a viagem de regresso ; mas, vi-me contrariado a não voltar pelo mesmo caminho. Achei depois, regressando das minas para Pernambuco, que havia diversos anticlinaes que repassavam o estrato ; a isto se deve attribuir a occurrencia de rochas tão similares em character em pontos tão affastados uns dos outros como Logradouro e Texeira.

A partir da Parahyba o primeiro affloramento nitido das rochas ocorre em Batalha, no rio Parahyba ; é uma rocha de hornablenda com numerosas pequenas cintas de quartzo e de feldspatho muito contorcido.

Entre o rio Parahyba e Pilar ocorre um gneiss muito grosseiro com grandes crystaes de feldspatho branco e mica preta ; em Pilar o gneiss acha-se interestratificado com micachistos, geralmente de contextura fina ; em Mendonça, Mozeiró e Ingá Velho occorrem de novo jazidas de character similar interestratificadas com gneiss ; no ultimo destes lugares as jazidas schistasas se tornam mais frequentes, até que em Ingá o conjuncto das jazidas é de schistos micaceos e de hornablenda. Um pouco alem de Ingá apparece uma rocha dura de gneiss densamente granulado, que reveste os flancos das montanhas do Logradouro, as quaes consistem principalmente dum gneiss porphyroide branco, contendo grandes crystaes clivaveis de pura orthoclase, interestratificado com faxas de gneiss syenitico e granitoide muito semelhante a granito ; no flanco septentrional o gneiss duro e densamente granulado ocorre de novo.

Entre Logradouro e Campinas ocorre uma faixa muito pronunciada —de porphyro granitoide— elevando-se de 50 a 100 pés acima das rochas mais tenras que a cercam ; este porphyro contém grandes crystaes de orthoclase branca. Em Campinas ocorre uma serie de jazidas micaceas contendo placas de mica ; a maior destas tinha cerca de duas pollegadas de diametro, mas me informaram que se encontram placas de um pé em quadro ; acompanhando esta serie de schisto-micaceo ha uma faixa de porphyro na qual grandes crystaes clivaveis de orthoclase branca se acham embebidos numa matriz de quartzo e feldspatho. Não consegui descobrir linhas verdadeiras de

aleitamento, mas, do seu pendor e orientação e ininterrupto affloramento, sou inclinado a pensar que sejam interaleitadas ; as rochas immediatas são mica, schistos e gneiss.

Em Cacimba Nova occorre uma outra faixa de rocha granitoide dura ; depois desta ha uma longa serie de micachistos e gneiss ; perto de Caracol ocorre uma serie de schistos pretos alternando com faxas de rocha preta granular ; os schistos são occasionalmente micaceos. Em Caracol uma pequena serie de mica-schistos divide duas largas faxas de rocha granitoide, que em alguns lugares se parece muito com os verdadeiros granitos; sobrejacente á superior ha uma estreita faixa de schisto hornblendico seguida duma longa serie de mica-schistos flaccidos. Em Carnahuba succedem a estas faxas de granito duro densamente granulado, que em Texeira revestem os flancos da montanha (rochas de caracter similar occorrem em Queimada na encosta opposta) ; as rochas das montanhas de Texeira têm tamanha semelhança com as do Logradouro, que supponho são apenas uma repetição das mesmas jazidas. Entre Queimada e as Minas da Cachoeira ocorre outra larga serie da mesma classe ; o resto das rochas na secção são gneiss alternando com faxas de micaschistos.

Em varios pontos da secção se encontram jazidas de quartzo e de quartzite, com placas de mica, interestratificadas com as rochas mais duras ; as jazidas variam em espessura de dous a duzentos pés ; as faxas mais delgadas eram com frequencia bellamente opalescentes, e as maiores granulosas ou amorphas ; sempre as acompanham minerios de ferro titanico e haematitico.

Durante a minha viagem da Parahyba ás minas não logrei observar jazidas de calcareo interestratificado com as rochas laurencianas ; mas, fui informado de que se tem observado calcareo interestratificado com as rochas em outros lugares onde os calcareos não se acham occultos pelo revestimento de detritos ferruginosos.

As rochas das Minas da Cachoeira e a posição dos veios auriferos serão mais bem comprehendidas a vista da secção annexa, tomada ao longo do Rio Bruscas, numa extensão de quasi seis milhas.

Na extremidade meridional, divididas por uma faixa de rochas mais friáveis, se encontram duas largas e bem pronunciadas faixas de gneiss syenítico, uma das quaes forma o leito da bonita cachoeira do Bruscas; subjacente a estas ha uma serie de gneiss schistosos e uma delgada faixa de syenite; é uma rocha crystallina cinzento-azulada e tem grande semelhança com algumas das rochas de feldspatho de cambriano-superior de Galles. Seguem-se-lhe as series auríferas, que consistem quasi inteiramente de gneiss micaceo de granulação fina passando imperceptivelmente para micaschistos.

Atravessando uma curva do rio, pouco antes de chegar ao veio do Lima, occorre uma estreita faixa de rocha de feldspatho bruno-cinzento escuro, que é subtransluzente e em alguns lugares apresenta côres cambiantes; um pouco mais adiante ha uma faixa de calcareo crystallino branco, contendo crystaes hexagonaes de biotite; no leito do rio é estreita, mas cerca de uma milha mais para léste deste ponto, num lugar chamado Pião, consta ter uma milha de largura no affloramento.

Um pouco a léste do ponto em que o veio Descobridôra atravessa o rio occorrem algumas jazidas de schistos arenosos plumbaginosos, nos quaes se observam dous veios lenticulares de graphite; parecem ser de pequena extensão e de qualidade inferior.

Em Cacimbinhas, poucas milhas alem do veio da Boa Esperança, occorre uma outra faixa, larga e bem pronunciada, de gneiss syenítico, do tamanho da da cachoeira.

Os veios auríferos que cruzam estas rochas são muito numerosos, apparecem como massas lenticulares irregulares, correndo parallelas á orientação, mergulhando com frequencia entre as jazidas, mas raras vezes atravessando-as. A matriz dos veios é um quartzo grosseiro, branco e semi-opaco, contendo pequenas quantidades de arsenitos e sulphitos de ferro, sulphitos de cobre, chumbo e zinco; a maior parte das galenas contem antimonio. A variedade de mineraes resultantes da decomposição destes minerios é muito numerosa: carbonato de zinco, carbonato e chlorophosphato de chumbo, phosphato, arseniato e carbonato de cobre, oxydos de antimonio e enxofre nativo são communs em alguns dos veios; sulphato de cobre,

sulphato e chromato de chumbo são mais raros ; ouro nativo acha-se escassamente espalhado em quasi todos os veios, e no da Boa Esperança se encontram grãos de platina.

A carreira de rochas no valle do Bruscas é muito aurifera, e os veios de quartzo são abundantes, e comquanto as rochas estejam muito contorcidas, nenhum vestigio duma falha verdadeira se encontra em qualquer parte de todo o districto ; esta singularidade parece pertencer a todas as rochas alteradas que examinei na Parahyba e em Pernambuco, porquanto no decurso duma viagem, a cavallo, de 1000 milhas, não notei uma só ; é a esta falta de fracturas verdadeiras que attribuo a pobreza dos veios de quartzo ; nada favorecendo a concentração dum dos minerios, o outro distribuio-se igualmente por todos os veios.

E' sabido dos mineiros que nenhuns veios são tão ricos como os em que as faces de rochas dissimilares se acham collocadas em opposição umas ás outras nas paredes do veio.

Na minha viagem das minas para Pernambuco, atravessei a mesma serie de rochas das indicadas na secção, e durante a minha cavalgada tive occasião de seguir a pista de varios anticlinaes ; isto resulta da vasta extensão de terreno coberta por rochas da mesma idade.

A cerea de setenta leguas de Pernambuco encontrei uma faixa de porphyro quartzífero, do qual vos apresento uma amostra ; tem nma base compacta, composta duma mistura intima de quartzo e feldspatho incluindo crystaes de orthoclase e grãos de quartzo.

Perto de Jerimú occorrem, poucas leguas uma da outra, duas faxas de calcareo crystallino ; uma é estreita e muito crystallina, a outra muito larga ; em algumas partes esta é micacea, porem nenhuma das jazidas é tão intensamente crystallina como a faixa estreita. A região entre Jerimú e Pernambuco tem grande semelhança de aspecto com a da Parahyba a Campinas.

O conjuncto das series destas rochas corresponde em todos os sentidos com as feições caracteristicas das rochas laurencianas do Canadá, segundo Sir W. E. Logan, isto é :

I — A ausencia total de qualquer substancia semelhante a argillite ou schisto argilloso.

II — Que nada correspondente á clivagem schistosa foi observado.

III — Que a laminação destas massas é, aparentemente, em todos os casos coincidente com e dependente da estratificação original das jazidas sedimentares.

Foi aprovado um voto de agradecimento a Mr. Williamson por esta memoria. O Presidente disse que todos eram devedores de Mr. Williamson pela descripção clara que lhes acabava de fazer do que observara na America do Sul. De-sejón saber qual era a espessura das rochas laurencianas. Mr. Williamson disse que estas eram indefinidas ; mas, que deviam ser de grande espessura, pois cavalgou durante 300 milhas atravez da sua orientação, e não podia garantir quanto mais alem ellas iam.

Mr. Dickinson perguntou a Mr. Williamson a que attribuia acharem-se no perfil todas estas rochas collocadas sobre as suas extremidades, em vez de serem horizontaes, e sem que tivessem lugar grandes falhas.

Mr. Williamson disse suppor que as rochas eram contorcidas, de modo semelhante a secção ideal da geologia do Amazonas, e que os topos tinham sido desnudados.

Mr. Dickinson indagou se Mr. Williamson tinha visto alguma destas contorções. Mr. Williamson disse que sim ; mas, que dispondo apenas de quinze dias para transpor 300 milhas não pôde examinal-as muito minuciosamente ; pretendera regressar pelo mesmo caminho no intuito de proceder a uma investigação mais completa ; este seu designio foi, porem, frustrado.

Mr. Plant pensou que seria valioso possuir-se um relatório do que Mr. Williamson observou. Ultimamente o Professor Agassiz havia apresentado noções geraes sobre a geologia do Brasil, e que seria interessante verificar como o exame de Mr. Williamson coincidia com o do citado Professor. O perfil de Mr. Williamson mostrava uma grande serie de rochas meta-

morphiticas contorcidas, que eram consideradas laurencianas e formavam as rochas fundamentaes do valle do Amazonas em que está incluída a Parahyba.

Tendo Mr. Williamson ainda respondido a algumas perguntas relativas aos seus diagrammas, foi encerrada a secção.



A VERDADEIRA NATURALIDADE

DE

D. Antonio Felipe Camarão

(SECULO XVII)



Em sessão do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano, de 27 de Outubro de 1903, procedemos a leitura de um trabalho sob o titulo : — *D. Antonio Felipe Camarão. Contradicta a um escripto pretendendo firmar no Rio Grande do Norte o berço do seu nascimento,*— e demos logo publicidade a este estudo historico nas columnas do *Jornal do Recife*. O escripto que motivou as nossas *Contradictas* foi inserto no *Correio do Recife*, em sua edição n. 119 de 16 do referido mez.

Proseguindo, porem, em investigações novas sobre o assumpto para ainda mais deixar bem firmados os nossos argumentos, refundimos aquelle nosso estudo, e assim, constitúe o presente um outro completamente differente pelos novos moldes a que obedece.

Firmados agora os nossos argumentos e esplanções historicas no intuito de deixar completa e historicamente demonstrada a dualidade de personagens que se apresentam quasi que

na mesma epocha, e de nomes á confundirem-se, mas unificadas pelo Padre José de Moraes na sua *Historia da Companhia de Jesus na extinta Provincia do Maranhão e Pará*, concluida em 1759, sem attender ao muito que sobre o assumpto lhe poderiam orientar os publicados escriptos de contemporaneos e testemunhas presencias dos factos occorridos no proprio tempo em que viveram essas duas individualidades, originou-se dahi toda a confusão que modernamente se tem dado pelos encontrados juizos de escriptores diversos, e d'est'arte a controversia historica que tem reinado sem soluções positivas, logicas e convincentes.

Despertando-nos o animo, porem, sobre esse particular, umas phrases fugidias do nosso illustre conterraneo o Comendador Antonio Joaquim de Mello, em dous escriptos seus sobre a naturalidade pernambucana de D. Antonio Felipe Camarão, phrases essas, que impressionando-nos vivamente nos levaram a emprehender estudos particulares sobre semelhante controversia, chegamos á convicção de que, o Potiguaçú, ou Antonio Camarão, chefe indio da aldeia do Igapúa ou Ygapó, no Rio Grande do Norte, — não é absolutamente o mesmo chefe indio que, sob o nome de D. Antonio Felipe Camarão, tanto illustra as paginas da nossa historia colonial pelo seu valor e heroismo, e outros tantos predicaos honrosos; e conseguindo esse desideratum, como diz-nos a consciencia, cahem por terra todos os argumentos oppostos, e triumpham a causa de Pernambuco, quasi que perdida pela opinião contraria que se firmou, e tem conseguido caudal corrente de seguidores, ainda que sem o menor exame e investigações particulares sobre o assumpto.

Provado portanto, que o nosso D. Antonio Felipe Camarão não é absolutamente esse Potiguaçú, que depois de baptisado chamou-se *Antonio Camarão*, e apparece no scenario historico do Rio Grande do Norte, pela primeira vez, em 1598, empunhando já o bastão de principal de uma grande aldeia, e pulverisados todos os argumentos que procuram provar essa unidade individual, fica patente assim, que a razão e o direito estão do lado dos que proclamaram e dos que ainda proclamam, que Pernambuco é a

Ditosa Patria que tu filho teve.

Com semelhantes intuitos estudamos detidamente o typo historico desses dous vultos, graças aos subsidios de que ainda podemos dispor, e entrando depois em uma serie de argumentos e considerações diversas sobre o assumpto, concluimos com a comprovação historica dessa dualidade de personagens, o que determinado reinvidica para Pernambuco a usurpada gloria de haver sido o berço do nascimento do heróe potygiانو D. Antonio Felipe Camarão.

*
* *

ANTONIO CAMARÃO

Em 1598 existia no Rio Grande do Norte uma aldeia de indios com o nome de Igapúa ou Ygapó, denominada depois de Guagerú, cujo local é precisamente o mesmo da extincta villa de Estremoz, e desse aldeamento era chefe ou principal um indio notavel, conhecido já pelo nome portuguez de *Camarão*.

Os indios dessa aldeia, bem como os de todas que se extendiam pelo vasto littoral do Rio Grande, pertenciam a tribu ou familia dos Potyguares, e eram nessa epocha já aliados dos portuguezes, porquanto, acabado o forte do Rio Grande, que se intitula dos Reis, o entregou Manoel Mascarenhas a Jeronymo de Albuquerque, como refere Fr. Vicente do Salvador, e o deixando muito bem fornecido de gente, artilharia, munições e mantimentos, e tudo o mais necessario, foi com a sua gente pernoitar na aldeia do Camarão, onde Feliciano Coelho, capitão mór da Parahyba, estava acampado.

Que idade teria nessa epocha o chefe potygiانو da aldeia do Guagerú ?

Examinemos este ponto, que é de grande importancia para o nosso plano de estudo.

Em nossa opinião, o chefe Camarão devia ter em 1598, epocha em questão, os seus trinta annos de idade, pelo menos, uma vez que a investidura de principal era sómente conferida áquelles que tinham dado sobejas provas de valor e heroismo nas guerras e se nobilitado por outros feitos e acções honrosas, o que só se conquistava depois de largo tirocinio, e quando o individuo attingia a uma idade mais ou menos mediana, coma re-

ferem os chronistas do tempo, descrevendo os uzos e costumes dos indios ; e é por isso que esse principal dos indios do Rio Grande, — o homem de que faziam muita conta os seus subordinados, — na phrase do seu coevo, o autor da *Jornada do Maranhão*, é chamado *Poty-guaçu* por Simão de Vasconcellos, e *Grande Camarão* por Berredo.

Que essa idade que assignalamos é menos que razoavel, prova-o o facto do celebre Jacaúna, irmão do chefe Camarão, ter já um filho de 18 annos em 1614, como consta do livro da *Jornada do Maranhão* ; e calculando-se que tivesse elle esse filho aos 25 annos de idade, pelo menos, tinha então 43, nascendo por consequente em 1571. Portanto, não é por demais apresentarmos o Camarão com os seus trinta annos em 1598, tendo d'est'arte nascido pelos annos de 1568, sendo elle, sem duvida, de idade superior a de seu irmão o Jacaúna, uma vez que empunhava o bastão de chefe ou maioral de uma das aldeias.

Na phrase do nosso historiador Abreu e Lima, a chefia de uma aldeia — « foi em todos os tempos o *direito da velhice*, e por isso esses chefes *eram de idade avançada*, representando um pac de familia no meio de seus filhos. »

Fernão Cardim, narrando a recepção que teve em Pernambuco em 1584 o Padre Christovão de Gouveia, visitador dos Jesuitas, refere que houve um conselho para tratar de assumptos de interesse dos indios, e no qual tomaram parte — « *os velhos principaes* e grandes linguas, que com todo o siso e maduro conselho trataram de certos pontos » — attinentes á permanencia da aldeia em uma dada localidade.

Mathias Beck no seu *Diario da expedição ao Ceará em 1649*, refere-se por varias vezes — ao velho principal Francisco Carayá e seus filhos, ao velho Gaspar Paraupaba, e ao principal Francisco Aragiba, o mais velho dentre os principaes dos indios ; — e sempre que tem de referir-se aos dous primeiros chefes, dá-lhes invariavelmente o qualificativo *de velhos*.

Não tinham reis nem principes, diz Fernandes Gama, e fórma alguma de governo permanente : a unica superioridade que conheciam em tempo de guerra era a de seus anciãos, ou *velhos directores*, encarregados nesse tempo de excitar por seus discursos a mocidade á tomar armas.

O governo entre os individuos da mesma tribu, diz Theodoro Sampaio na sua excellente monographia *O Tupi na geographia nacional*, era o resultado do ascendente assumido pelo mais valente, o mais forte, o mais respeitavel pelos seus antecedentes honrosos.

E com essa investidura da chefia, depois da conquista dos seus predicados em demorado tirocinio, recebia o chefe eleito, como que em baptismo solemne, um nome que recordasse todos os seus feitos de valor e heroismo, e ao mesmo tempo infundisse respeito e acatamento, como entre outros o de *Itagybá*, o braço de ferro; *Abacté*, o bravo, o homem illustre; *Ibyrayára*, o caceteiro; *Yaguanharon*, a onça brava; *Ararygboia*, cobra feroz; *Piragibe*, braço de peixe; *Iaparakira*, o arco verde; e *Poty*, o camarão, acaso por ser agil e nadador como o pequeno crustaceo de deste nome.

Homem feito, portanto, chefe proeminente de uma grande aldeia, muito conceituado dos portuguezes, dos quaes já era amigo e alliado em 1598, o Camarão, de conformidade com as leis e costumes da sua gente, empunhava o bastão de *morubichaba* ou principal, conferido por eleição, e para o que se exigia um certo numero de predicados, entre os quaes devia predominar o da valentia, não podia absolutamente, á exemplo dos principios e factos referidos, ser um homem senão de mediana idade, pelo menos, naquella epocha.

Alem disso era o Camarão casado, tinha filhos, o que ainda vem em apoio dos nossos conceitos, uma vez que nenhum joven podia casar antes que tivesse preso ou morto algum inimigo, e ainda mais, porque entre os indios irripedia-se a união dos dous sexos antes que a mulher e o homem attingissem á puberdade completa; e o homem principalmente, só podia contrahir matrimonio depois dos 25 annos, tomando então tantas mulheres quantas podia bem sustentar, e segundo a sua valentia e esforço que a tudo isso se tinha particularmente respeito, na phrase coeva do autor dos *Dialogos das grandezas do Brazil*. (Dialogo sexto.)

Effectivamente, sobre esse particular, escreve o seguinte o Dr. Couto de Magalhães no seu livro *O Selvagem* no capitulo referente á — *Idade para o matrimonio* :

« Todas as tribus impedem com grande cautela, e algumas

até com a severidade extrema da pena de morte, a união dos dois sexos antes da completa puberdade da mulher, sobretudo do homem... A virgindade do homem era por via de regra mantida até a epocha do casamento, e este não era tolerado antes dos 25 annos, sem que, comtudo, seja isso o ordinario : o casamento é commummente depois dos trinta.

« A principal razão que dão os selvagens para isso é a força e a energia da prole, e a força e a energia da prole é cousa muito mais importante em uma sociedade barbara e rudimentar do que entre um povo civilisado, como é facil de avaliar ; a tribu que, por falta destas instituições, deixar a raça abastardar-se, é uma tribu vencida ; sem armas de fogo, sem os diversos recursos que uma cultura mais adiantada pôde trazer á arte da guerra, vence aquella tribu, cujos individuos dispuzerem de mais forças phisicas : por aqui comprehende-se o papel importante que representa esse elemento em taes sociedades. »

Do que fica exposto, portanto, comprovado á luz da critica e da historia, fica evidentemente demonstrado, que o Camarão, com os seus predicados de homem feito, de chefe de uma grande aldeia, e de pae de familia, respeitado pelo seu prestigio e temido pelo seu valor, era já em 1598 um homem de mediana idade, tendo pelo menos, nessa epocha os trinta annos de vida que lhe assignamos.

Em 1607 partem de Pernambuco os padres jesuitas Francisco Pinto e Luiz Figueira, com destino á Serra da Ibiapaba, no Ceará, e de passagem pelo Rio Grande do Norte, visitam a aldeia do Camarão, e comecam a obra da sua catechese ao gremio do christianismo, conquistando principalmente o Padre Pinto a mais decidida confiança e amisade do chefe indio e de toda a sua numerosa tribu.

Partindo ambos em demanda do seu destino, não conseguiram o seu desideratum ; o Padre Pinto cahio morto ás mãos dos indios, e o seu companheiro teve tempo de fugir de igual martyrio, deixando comtudo o corpo da victima sepultado, em lugar assignalado, nas abas da Serra da Ibiapaba.

Annos depois, quando os padres jesuitas da missão de Pernambuco resolveram trasladar para conveniente lugar os venerandos restos mortaes daquelle seu illustre e mallogrado com-

panheiro, delegaram para o cumprimento desse piedoso dever a alguns de seus companheiros.

Dominava então, entre todos os maiores daquelle sertão, com mais autoridade e poder que os outros, o celebre e insigne principal Camarão, como narra o Padre José de Moraes, chefe este, que pela maior soberania se fazia mais respeitado no Rio Grande, onde tinha uma populosa aldeia, e sendo em extremo afeiçoado ao Padre Francisco Pinto, sentio immensamente a sua morte, e sabendo então, que em uma das aldeias de Jaguaribe se achavam já trasladados os seus restos mortaes, convidou os visinhos e passou ordem aos seus vassallos, que em dia fixado se achassem todos juntos, para que, em apparatusa romaria, visitassem todos ao seu grande amigo, o Pae Pinto, como o chamavam os indios cheios do mais profundo respeito á sua memoria.

« Não amanheceu dia mais alegre naquellas povoações que o determinado para a partida, continúa o Padre José de Moraes. Vestidos todos de gala ao seu modo, da mesma peça de que costumam trajar as mais vistasas aves daquelle paiz, que pela diversidade de côres não deixava de fazer uma bella perspectiva aos olhos, ao mesmo tempo que os faziam mais temidos as coifas de plumagem, com que se ostentavam mui medonhos, ajudados dos arcos e flechas, de que iam armados.

« Poucos dias gastaram na viagem, até que por ultimo chegaram ao lugar onde estava o precioso deposito que buscavam. Postos todos de joelhos se abraçou logo o devoto Camarão com os ossos de seu grande amigo, tão banhado em lagrimas de consolação e ternura, que a poderia causar ainda aos mais duros corações. Isto acabado, como era grande o respeito que entre todos os principaes daquelles sertões tinha conquistado este valeroso indio, assim pela valentia de seu braço como pela destreza na guerra, e grande numero de vassallos com que se tinha feito dos mais poderosos, entrou a dar leis e passar ordens, quando parece devia estar as do maioral daquelle aldeia. Tanto pôde um valor com forças, e a tanto se sujeita um receio sem valentias. »

Para receber os restos mortaes do Padre Pinto mandou o chefe Camarão — edificar uma igreja de maior grandeza e melhor ideada que a antiga,— e no respectivo altar tiveram elles

jazigo condigno, e celebrando-se o acto da trasladação e deposito com toda a pompa e solemnidade, retirou-se depois o Camarão para a sua aldeia do Rio Grande com toda a gente que o acompanhára áquella piedosa romaria.

Não sei eu, exclama o Padre José de Moraes, que os ossos do veneravel padre podessem encontrar maior piedade em animos mais civilisados e entre nações mais politicas ; mas, assim costuma Deus fazer grandes, ainda nesta vida, aos seus servos, que por seu amor e serviço se quizeram fazer nella pequenos, chegando por ultimo a derramar o seu sangue e dar a propria vida em beneficio do proximo ; e porque a grande piedade deste principal foi a que por então abriu as portas á geral veneração daquelles povos, conclue elle, seja-me licito em signal de nossa gratidão, fazer delle breve e mais bem merecida lembrança.

« Foi tão benemerito este bom indio da graça da vocação com que Deus o chamou ao gremio da santa igreja, que ainda catechumeno, e não de todo instruido nos mysterios da nossa santa fé pelos nossos padres, com especialidade o Padre Pinto, que ás suas terras tinham ido annunciar a lei evangelica, com animo de voltarem por não poderem ainda ficar de assistencia, que na sua ausencia era elle o melhor substituto e o mais apto catechista, tomando tão deveras á sua conta a instrucção de seus vassallos, que quando via se esfriavam na perseverança do que os padres lhes recommendavam, e já christão, depois que vieram os padres, e na sua ausencia, era elle um fervoroso pregador, que não só com o exemplo, mas tambem com a palavra os animaes a guardar a mesma doutrina que aquelles lhes tinham praticado ; percorrendo com incansavel zelo pelas aldeias visinhas exhortando os christãos, para que vissem como taes, e aos que via em perigo de vida, para que morressem como catholicos, e para que os pagãos não finalisassem destituidos de remedio, os catechisava e ia dispondo a receber naquella ultima hora com agua do santo baptismo a segurança da salvação eterna.....

« E porque via que a falta de missionarios os entibiava na mesma fé que aprendiam, os alentava o seu zelo com as esperanças de que logo viriam padres, que não só a elle, mas a todos os mais, que os quizessem e estivessem instruidos, os baptisassem. A tão fervorosos desejos satisfez a divina clemencia

por meio de seus ministros, os zelosos padres Diogo Nunes e Gaspar de S. Peres, que apenas chegaram de Pernambuco á sua aldeia deram principio á sua missão com um bom numero de innocentes e adultos, já capazes, que baptisaram ; e como o principal Camarão era a pessoa mais abalisada naquelles sertões, pediu elle e o approvaram os missionarios, que o seu baptismo se fizesse com aquella solemnidade que pedia o seu character, e era preciso para conciliar mais respeito, assim ao Sacramento, como ao cargo que entre os mais o distinguia. Enquanto elle se preparava e dava as ordens para se pôr corrente tudo que entre os termos da sua possibilidade podesse servir a um universal festejo, discorreram os nossos padres pelas mais aldeias visinhas, catechizando, baptizando, confessando e exercendo os mais ministerios proprios de seu zelo e os mais recommendaveis do seu instituto.

« Recolhidos os padres á povoação, era já chegado o dia do solemnisimo baptismo do principal Camarão, que foi a Domingo da Quinquagesima do anno do Senhor de 1612. Ao sabbado á tarde se deu principio com muitas danças e mascaradas ao seu modo, que embora barbaro, não deixava tambem, sendo como era, de parecer ridiculo.

« Havia flautas dispostas em harmonia de vozes, a que de quando em quando acompanhavam os tamborezinhos que serviam de compasso aos bailes e de alegre recreação aos ouvidos. Seguiam-se as vozes, que sendo de algum modo gratas, só se faziam enfadonhas pela repetição continua das mesmas cantigas, accommodadas todas á solemnidade do seguinte dia, como é costume entre elles. De noite houve tiros e luminaria, que se gastou toda em danças, e toque de instrumentos rusticos, por serem notavelmente inclinados a estas e semelhantes folias ; amanheceu o Domingo, que naquelle dia bem se podia chamar Paschoa de flores, pelas muitas do campo com que estava alcatifado o caminho da casa do principal até a igreja.

« Sahio elle finalmente vestido de gala, precedido de um festival acompanhamento, levando consigo sua mulher e filhos, e grande numero de vassallos que o seguiam. Chegaram á igreja, onde os separavam os padres, que com a maior pompa e ceremonias da igreja lhe conferiram o baptismo e a toda a sua familia.

« Acabada a função ao som de toques e estrondo de algumas cargas, se recolheram contentes a continuar o festejo com que celebraram o acto e puzeram remate a solemnidade de um tão grande dia.

« No seguinte se celebrou o matrimonio *in facie Ecclesie* com uma das mulheres, que entre as mais escolheu para sua legitima consorte, despedindo de casa as mais, e recebendo neste e nos mais dias muitos parabens dos visinhos e mais portuguezes, que em distancia de vinte leguas vieram obsequiar o famoso principal D. Antonio Camarão, por se fazer de tudo creador o seu bom genio e relevantes serviços que sempre fez aos serenissimos reis de Portugal, motivo porque o julgamos merecedor desta particular lembrança, para assim remunerarmos o especial affecto que muito alem da morte consagrou á saudosa memoria do veneravel servo de Deus o Padre Francisco Pinto. »

Estudemos agora a ultima phase conhecida da vida do principal Antonio Camarão, servindo-nos de guia o livro contemporaneo *Jornada do Maranhão*, geralmente attribuido ao sargento-mór Diogo de Campos Moreno, que tomou parte nessa jornada como um dos chefes da expedição militar que partio de Pernambuco em 1614.

Posto em execução o plano da conquista do Maranhão do poder dos francezes, em 1614, associou-se a essa empreza o chefe Camarão, partindo por terra do Rio Grande ao Ceará, com um sequito de pouco mais de trinta indios frecheiros, lugar escolhido para a reunião de todas as forças expedicionarias, para dalli embarcarem com rumo direito ao seu destino.

No dia 6 de Setembro chegou o Camarão ao Ceará com a sua gente ; — « e tal chegou do caminho, narra o autor da *Jornada*, que mandou pedir licença para se ficar naquellas com seu irmão Jacauna, o qual tambem fazia força para que lh'o deixassem, ou ao menos lhe dessem tempo para engordar, como quem diz, para se refazer, e tanto porfiaram, que pelos contentar, ficaram alli as mulheres e alguns dos seus indios. »

« Como este achaque, que não quizeram parar avante, com que o numero dos que na armada viuham, antes foi diminuindo-se, que crescendo aqui no Ceará, nem destas aldeias o d'Albuquerque pôde tirar com todas as suas fallas e dadivas

mais que até 20 freeheiros com um filho do Jacauna, moço de 18 annos, ficando por estes mais de 40 dos da armada ; nem tão pouco Jacauna dera nenhum dos seus, senão que Jeronymo de Albuquerque deixando alli algumas criadas indias suas, deixou um menino seu de dous annos juntamente, com que ficaram assignados e contentes.

« Por aqui se pôde ver o cabedal, que é bem fazer-se das palavras dos indios do Brazil, conclue o escriptor, e quanto importa estarem obrigados continuamente mais do temor e força dos brancos, que de palavras de *linguas*, as quaes não guardam senão no que lhes está bem... »

Que motivos actuaram no animo do Camarão para se deixar ficar no Ceará e não acompanhar a expedição destinada á conquista do Maranhão ?

O senador Candido Mendes, reflexiona apenas, que — « em verdade, depois da passagem da expedição do Maranhão, Antonio Potyguassú não quiz ou não pôde acompanhá-la do porto do Ceará, pretextando molestia ou o terror do mar, e a recordação do que acontecera com os Petiguares que foram por seducção levados á Bahia, e nunca mais volveram aos seus lares. »

Não foi o terror do mar, á percorrer desde o Ceará até ao Maranhão, que fez com que o chefe potigiano do Rio Grande não acompanhasse a expedição ao seu destino.

Effectivamente, o mar não intimidava a homens que affrontavam-no para tirar d'elle um dos seus principaes elementos de subsistencia, a homens como os Tupis, — « grandes pescadores, bons nadadores, e de folego tão longo, a ponto de levarem todo um dia sem comer nem beber, sobre a agua, nadando. »

Demais, na phrase de Theodoro Sampaio, a navegação estava muito em voga entre os Tupis, quasi todos localizados no littoral, donde outr'ora expulsaram os primitivos dominadores do paiz.

« Pescavam muito no mar e nos rios, tirando dahi larga parte da sua subsistencia. Habilissimos canoeiros e nadadores eximios, affrontavam as ondas mar em fóra com o maior desassombro. Contam mesmo alguns viajantes que esses barbaros, em avistando no horizonte embarcações em transito, nada-

vam muitas vezes ao encontro dellas para lhes vender *brasil*. Os Quaytacás, segundo Gabriel Soares, andavam a nado pelo mar dentro, accommettendo os tubarões (*ipirá*) e afogando-os com um páo agudo, que lhes mettiam com força pela garganta.

« Os Tupis do Rio de Janeiro como os de Paraty e Ubaituba, possuíam canôas tão grandes, feitas de um só tronco, que algumas dellas eram capazes de quarenta, sessenta e mais tripolantes. Martin Affonso de Souza, na sua viagem de 1530, assistio, maravilhado, a uma encarniçada batalha naval entre gentios de Itaparica e do continente da Bahia de Todos os Santos.

« Dextros canoeiros, manejavam de pé o remo a compasso certissimo com o que muito maravilhavam aos europeos. »

Não foi, portanto, a viagem maritima que intimidou ao chefe potigiano.

Um enfermidade qualquer, acaso de character grave, que, no juizo de Candido Mendes, talvez fosse um pretexto para não acompanhar elle a expedição até ao seu destino, parece-nos antes a causa efficiente dessa resolução do chefe potigiano.

Effectivamente, não era elle um homem moço, forte e robusto, e a longa travessia por terra, do Rio Grande ao Ceará prostrára-o tanto, que não sentio-se com forças bastantes para proseguir na viagem e tomar parte em uma campanha arriscada e trabalhosa, e deixou-se ficar com seu irmão, seguindo então um sobrinho seu com alguma gente.

Teria o Camarão resistido a essa prostração, ou morreu então no Ceará victima de alguma enfermidade contrahida naquella longa e penosissima viagem, por terra, e em pleno rigor da estação hybernica ?

O certo é, que chegou elle tão *prostrado do caminho* que percorreu, *que não podia continual-o*; e á tanta *porfia* deixou ram-no ficar, tal o *estado em que chegou do caminho*, como refere o autor do livro da *Jornada do Maranhão*.

Eis ahí, segundo o juizo de um escriptor contemporaneo, que escreveu segundo o que vio e presenciou em todo o seu desdobramento, nessa memoravel jornada, o motivo pelo qual o Camarão deixou-se ficar no Ceará.

Enxergariam os indios, acaso, nessa escusa do velho chefe um simples pretexto para eximir-se de tomar parte na cam-

panha do Maranhão, e que irritados com semelhante procedimento depuzessem-no do cargo, uma vez que entre os Tupis, quando um chefe commettia um acto de covardia, *ou sonhando-a*, era logo deposto, e nem faziam mais caso algum delle, como escreve um escriptor coevo, o Padre Simão de Vasconcellos ?

Seja como fôr, dessa epocha por diante, o chefe indiano do Rio Grande do Norte, Antonio Poti ou Camarão, desapareceu e completamente do scenario historico...

Entretanto o Padre José de Moraes, confundindo-o com D. Antonio Felipe Camarão, chefe dos petiguaes da aldeia de S. Miguel do Mossupe em Pernambuco, ao tempo da invasão hollandeza em 1630, fal-o viver nesta epocha, e ainda mesmo depois da sua restauração gloriosamente verificada em 1654 !

Eis as suas proprias palavras ; referindo-se ao Rio Grande do Norte, nos primeiros annos do seculo XVII :

« Dominava entre todos os maiores daquelle sertão com mais autoridade e poder que os outros, o celebre e insigne principal Camarão, cujo nome foi tão attendido dos nossos historiadores, pela razão do grande soccorro que deu ás nossas armas na expulsão dos hollandezes de Pernambuco, a quem seu mesmo valor foi raio, que alem de atterrar, não causou pequenos estragos nas dominantes tropas da Hollanda. »

Isto escreveu o Padre José de Moraes em 1759, quando concluiu a sua *Historia*, sem attender aos subsidios legados pelos que anteriormente a elle, e coevos dos factos, deixaram escripto em suas obras, e nem aos seus proprios contemporaneos entre os quaes Pereira de Berredo, nos seus *Annaes*, então de recente publicação, porquanto foram impressos em 1749.

Detenhamo-nos por um pouco sobre o assumpto.

O Padre Manoel de Moraes, contemporaneo dos acontecimentos que escreve, e que na sua qualidade de missionario jesuita percorreu todo o territorio que se estende, principalmente, de Pernambuco ao Rio Grande, deixou-nos uma lista das aldeias que existiam naquelles territorios ao tempo da invasão hollandeza, e mencionando as do Rio Grande, refere-se a do *Igapúa*, sem declarar, porem, os nomes dos seus chefes ou principaes.

E' facto contestado pela historia, que os petiguaes do Rio Grande alliamam-se aos hollandezes quando alli chegaram e

assenhorear-se da capitania, e que para dar arrhas da sua fidelidade ao invasor commetteram os mais horribeis attentados contra os seus habitantes, de cujos factos destacamos o barbaro massacre de Cunhaú de que deixou-nos particular narrativa o commandante da villa Lopo Curado Garro.

Dos chefes indianos dessa epocha, que tanto se distinguiram pela sua ferocidade são conhecidos Francisco Pavaraya ou Paroapaba, e Pero Poty, acaso principal da aldeia do *Igapã*, e successor de Antonio Poty, ou Camarão, o que prova que a esse tempo já elle não existia.

Demais, o Padre José de Moraes, como se vê do transcripto trecho da sua *Historia*, dá a entender claramente, que o Camarão sobreviveu ao facto da restauração de Pernambuco occorrido em 1654, affirmando que deu elle — *grande soccorro ás nossas armas na expulsão dos hollandezes de Pernambuco*,— quando é historica e documentadamente sabido que D. Antonio Felippe Camarão, dada mesmo a unificação das duas individualidades, não vio despontar o sol que surgiu esplendido com a libertação da patria em 27 de Janeiro de 1654, porquanto falleceu seis annos antes, pouco tempo depois da primeira batalha de Guararapes ferida no dia 19 de Abril de 1648 !

Ora, se os petiguares do Rio Grande fizeram causa commum com os hollandezes, se são conhecidos os nomes dos seus chefes que unidos a elles foram os verdugos dos portuguezes, quem seria esse Camarão, que tão grandes soccorros lhes prestou na guerra contra os hollandezes, *cujo valor foi raio, levando o terror por toda a parte e causando-lhes grandes estragos*, senão o heroico chefe indiano D. Antonio Felippe Camarão ?

E' dessa confusão das duas individualidades, portanto, que vem toda a controversia historica iniciada pelo Senador Candido Mendes de Almeida em 1874, e divulgada pelos seus seguidores.

* * *

D. ANTONIO FELIPPE CAMARÃO

Não se sabe ao certo o anno em que nasceu esse heroico indio da tribu dos Potiguares, que tão grande nomeada con-

quistou por seus feitos militares no periodo que decorre de 1630 a 1648.

Fallecendo ainda moço, por assim dizer, depois da primeira batalha dos Guararapes, ferida em 19 de Abril de 1648, e calculando-se que tivesse os seus vinte e cinco annos, pouco mais ou menos, quando em 1630 se apresentou em defeza da patria em lutas contra o batavo invasor, nasceu elle pelos annos de 1605.

Que D. Antonio Felipe Camarão falleceu moço ainda, dil-o Frei Raphael de Jesus, autor contemporaneo, se bem que um tanto veladamente, obedecendo ao estylo metaphorico com que escreveu o seu *Castrioto Lusitano*, impresso em 1679, quando trata do seu fallecimento (L. 9 n. 52), nestes termos :

« Não faz grande vida a duração do tempo, supposto, que a pôde fazer larga ; a occupação do tempo é, a que faz uma vida grande, porque a vida dos mortaes não se mede pelo que dura, mede-se pelo que obra : computada a vida deste heróe pelo que obrou, foi de muitos annos. Nasceu indio, porem entre os indios o mais nobre. O nascimento lhe deu o nome de Poty, (que na lingua do gentio é o mesmo que Camarão) e o baptismo lhe deu o de Antonio. »

Vem mais em favor dos nossos argumentos o facto do casamento de Camarão, e a existencia de um unico filho seu, ainda menor, em 1661.

Estudemos particularmente esses factos.

Camarão recebeu por sua legitima consorte a uma joven india por nome D. Clara, sem duvida filha de algum chefe ou principal de aldeia da sua mesma tribu, em epocha desconhecida, mas de facil presumpção.

Effectivamente, tratando os escriptores coevos da apresentação do Camarão na tenda do general Mathias de Albuquerque, em 1630, fazem-no tão minuciosamente, que descem mesmo a declinar os nomes dos dous interpretes que o acompanharam, como o Marquez de Basto, o que prova que começava então o seu contacto intimo com os portuguezes, nada dizem sobre esse particular, nem tão pouco quando detidamente se occupam das proezas desse heróe no decorrer da campanha, até o anno de 1637.

Neste, porem, quando a guerra tomou uma nova feição,

de accordo com o plano de conquista do paiz traçado pelo governador hollandez o principe de Nassau, e em 18 de Fevereiro ferio-se a batalha de Porto Calvo, Camarão vóa ao campo da acção, e peleja com o inimigo tendo ao seu lado sua consorte D. Clara, —em um cavallo, com uma lança na mão—, como narram os escriptores contemporaneos Frei Manoel Calado e Diogo Lopes de Santiago, a qual se mostrou tão clara nesta gentileza, que deixou escurecida a memoria das Zenobias e Simiramis com que tanto se illustra a antiguidade, na phrase de Frei Raphael de Jesus.

Com esses fundamentos, portanto, é licito presumir-se que o Camarão em 18 de Fevereiro de 1637 era recentemente casado, porquanto apparece então, pela primeira vez, combatendo ao lado de sua consorte, que dahi por diante acompanhou sempre a seu marido — em todas as campanhas, e teve parte em todas as victorias—, como escreveu Damião de Fróes Perim no seu *Theatro heroico* (Lisbôa, 1736—1740).

Do seu consorcio com D. Clara teve o Camarão, documentadamente sabido, apenas um filho, que naturalmente ficou de muito tenra idade quando falleceu elle em 1648.

Esse documento a que nos referimos é uma Portaria do Governador Francisco de Brito Freire, datada de 11 de Abril de 1661, e que Antonio Joaquim de Mello consigna em sua integra á pag. 196 do T. II das suas *Biografias*, por cuja Portaria ordenou aquelle governador á Provedoria da Fazenda Real o pagamento de um — « vestido que se deu ao filho do capitão mór que foi dos indios desta capitania D. Antonio Felippe Camarão, que recolheu em sua casa para o doutrinar, e ter o tratamento que se deve ao muito que o dito seu pai soube merecer em o serviço da corôa de Portugal, por tudo convir ao serviço de Sua Magestade. »

Por esta Portaria, evidentemente comprova-se, que recolhendo o Governador em sua casa a um filho do Camarão para o doutrinar; e ordenando o pagamento de um vestido que lhe mandou dar, isto é, uma roupa qualquer, que era elle de menoridade nessa epocha, que cuidava-se ainda da sua educação, e portanto, não tinha meios de vida para manter-se por si proprio: e parece comprovar ainda, que sua mãe D. Clara já era fallecida a esse tempo, porque se vivesse ainda, teria certa-

mente a esse seu filho sob sua guarda, e cuidando ella propria da sua educação.

A existencia de um filho do Camarão, ainda muito moço e de menoridade, cuidando-se do seu doutrinamento, ou educação, em 1661, prova que ficou elle de muita tenra idade quando seu pai falleceu, em 1648, e d'est'arte, que era o Camarão nessa epocha, um homem ainda moço, uma vez que não attingira aos cincoenta annos de idade, e era portanto, um homem forte e sadio, e em pleno gozo de todas as suas faculdades.

Tratemos agora de fixar a naturalidade de Camarão, precisamente em Pernambuco.

Frei Manoel Calado, autor contemporaneo, residente em Pernambuco por largos annos, testemunha presencial dos factos que narra no seu livro o *Vuleroso Lucideno* impresso em 1648, e pessoal e intimamente conhecendo a D. Antonio Felippe Camarão, consagrou largas paginas em memoria de seus feitos, e das quaes colhemos os seguintes trechos, que particular e repetidamente assellam o cunho da sua naturalidade pernambucana :

..... « Tambem se veio a offerecer ao general *um indio da terra*, chamado Antonio Camarão (que era o principal e capitão de uma aldeia) com toda a sua gente mui dextra na flecha e arco, e com todos os seus parentes e amigos, que se congregaram, e o elegeram por maioral, por esforçado e animoso. » — Pag. 12.

« Tambem João Fernandes Vieira escreveu com um proprio por terra a D. Antonio Felippe Camarão, que estava alojado em Sergipe d'El Rei, com todos os seus brasilianos, pedindo-lhe com muitos rogos e encarecidas palavras, que pois *havia nascido na provincia de Pernambuco*, e havia feito tantas proezas na defensão della no tempo de Mathias de Albuquerque e do Conde de Bagnuolo, que não faltasse agora na miseria em que os seus moradores estavam »......

« E por que poderá perguntar qualquer curioso quem é este D. Antonio Felippe Camarão? A isto respondo, que é um indio brasiliano, o mais leal vassallo, que Sua Magestade tem nesta America, e o mais amigo dos portuguezes que todos os que até agora tem havido, nem de presente ha em toda a terra

do Brasil, e o mais ardiloso na guerra, que todos os sua nação, o qual sendo principal e capitão de sua aldeia, e de outras que lhe eram subordinadas, tanto que soube que os holandezes tinham ganhado a villa de Olinda e o Arrecife por força de armas; e que o governador Mathias de Albuquerque tinha plantado arraial, e estava com exercito formado, defendendo que o inimigo entrasse pela terra a dentro, logo despejou suas aldeias, e trazendo consigo todos os indios que lhe eram sujeitos, com todas as suas mulheres e filhos, desceu do sertão, e se veio apresentar a Mathias de Albuquerque para servir a Sua Magestade naquella guerra. » — Pag. 164—5.

« Quando a nossa gente de guerra se retirou para a Bahia com o Conde de Bagnuolo, tambem o Camarão se retirou conosco, esperando que El Rei nos mandasse soccorro para elle se tornar *para a sua patria* em sua restauração. » — Pag. 165.

Em fim, esse escriptor coevo transcreve em sua integra uma carta dirigida aos holandezes pelo valente pernambuco Henrique Dias, na qual figura este trecho :

« Meus senhores holandezes, meu camarada o Camarão não está aqui, porem eu respondo por ambos. Vossas mercês saibam, *que Pernambuco é sua patria e minha*, e que já não podemos soffrer tanta ausencia delle... » — Pag. 334.

De uma carta dirigida em 1645 aos Altos e nobres Conselheiros do governo hollandez no Recife, pelo governador geral do Brasil Antonio Telles da Silva, para ser-lhes entregue pelo almirante Jeronymo Serrão de Paiva, e da qual trouxe depois uma copia o almirante Salvador Correia de Sá, que a mandou entregar por uma embaixada que enviou aos mesmos Conselheiros, consigna Matheus van den Broeck, que a esse tempo residia no Recife, um longo trecho no seu — *Diario ou narração historica, contendo o que elle rio e realmente aconteceu no começo da revolta dos portuguezes no Brazil*—, impresso em Amsterdam em 1651, de cujo trecho destacamos este periodo :

« Quanto a D. Felipe Camarão, general dos indios, e Henrique Dias, capitão dos negros militares, havia muito que tinha sido dispensados do serviço d'El Rei, pois que durante as treguas (em que muito confiava) não tinham tido emprego de sua mão; e como Camarão costumava dizer que queria tornar para Pernambuco, *sua velha patria*, acreditava que por esta

razão se partira para aqui, e tomara por companheiro a Henrique Dias, pois eram bons amigos... »

O Dr. José Hygino na traducção desse folheto, publicada em 1875, manda ver em nota ao trecho transcripto, a obra de Nieuhof impressa em 1682, pag. 109, onde tambem se faz menção da alludida carta.

Ouçamos agora a um outro contemporaneo ainda, Frei Raphael de Jesus, escriptor de elevada reputação litteraria, chronista mór do reino, e de subida hyerarchia ecclesiastica. E' verdade que não esteve em Pernambuco para fallar de sciencia propria, como os citados escriptores, mas escreveu á vista de insuspeitas e fidedignas informações locais, como elle proprio declara, nestes termos : — « A noticia dos successos, *das pessoas*, dos tempos e das partes, recebi de sujeitos fidedignos pelos postos que occuparam, pela continuação com que serviram, e pela honra com que procederam, aos quaes, *como a testemunhas de vista* manda o direito dar inteiro credito. »

Alem disso enviou elle a sua obra ao exame do mestre de campo general João Fernandes Vieira, a quem é offerecida, — *para que com a sua emenda, ou com a sua approvação, fique a certeza sem duvida, e se leia esta historia sem escrupulo.*

Pois bem ; Frei Raphael de Jesus inscreve tambem no seu *Custriolo Lusitano* uma carta de Henrique Dias dirigida aos hollandezes, logo em começos do rompimento da revolução em 1645, em cujo documento figura este trecho eloquentemente traçado :

« Foram os agravos e tyrannias que animaram os gemidos com que os pernambucanos nos persuadiram á vingança, a mim e ao governador dos indios D. Antonio Felipe Camarão. Faltamos á obediencia, que nos occupava no sertão da Bahia, por não faltarmos as obrigações — *da patria, respeitando primeiro as leis da natureza, que as do imperio.* »

Ficando assim provado á saciedade, que o Camarão nasceu em Pernambuco, desçamos agora a outros pormenores sobre a sua vida, os quaes concorrem ainda mais, para com melhores fundamentos, deixar bem accentuada essa sua naturalidade.

Não se pôde com certeza fixar a localidade em que nasceu elle.

Seria em Páo d'Alho, onde em 1591, Frei Melchior de

Santa Catharina custodio dos franciscanos, fundou a Aldeia de S. Miguel, em cuja localidade levantou-se depois um engenho com a denominação de *Aldeia*, que ainda conserva ; ou nas outras localidades, onde successivamente foi estabelecida a mesma aldeia, até que ficou definitivamente situada — na freguezia de Tejucupapo, entre os extremos de Iguarassú e Goyanna, para a costa do mar, em o sitio que chamam do Siry ;— localidades essas, a que o nosso chronista Frei Antonio de Santa Maria Jaboatão se refere na sua obra *Novo orbe serafico brasilico*, guardando a ordem das remoções da aldeia, taes como: a Muribica antes do rio Itapirema tres leguas ; o riacho que chamam Biapicú na freguezia de S. Lourenço de Tejucupapo ; e o lugar da Aldeia Velha, por uma que ahí tiveram os franciscanos, na freguezia de Itamaracá, da parte da terra firme ?

Nada se pôde colher de positivo sobre o assumpto.

Entretanto, o nosso fallecido confrade Dr. Maximiano Lopes Machado, no seu discurso pronunciado na sessão solemne de recepção do Dr. José Hygino, celebrada pelo Instituto quando regressou elle da sua missão á Hollanda, em 1885, diz o seguinte, sem duvida firmado em informações ministradas por aquelle Dr., em face de algum desses muitos documentos que trouxe dos archivos de Haya e Amsterdam, ainda inedito e por traduzir :

« D. Antonio Felipe Camarão, recolhido aos doze annos na aldeia do Serigy, á poucas leguas de Iguarassú, foi cuidadosamente educado pelos padres da Companhia de Jesus. Aprendeu a ler e a escrever a lingua Tupy, a portugueza e a traduzir o latim. A religião e os bons exemplos completaram a sua educação, e modelaram o seu character pelo escrupulo do dever, já de natureza grave..... »

Anteriormente, porém, um historiador emerito, o Dr. F. M. Raposo de Almeida, no seu Relatorio apresentado ao Instituto Historico de Goyanna em 1871, sobre o marco divisorio da capitania de Pernambuco com a de Itamaracá, disse o seguinte, referindo-se ás suas pesquisas acerca do local e ruinas da antiga capella de S. Miguel da aldeia do Siry — onde talvez foi baptisado o Potyguassú, ou D. Antonio Felipe Camarão :

« O empenho, que alli nos levou foi pesquisar os vestigios

da antiga capella de S. Miguel e o hospicio de missionarios, que houve naquella aldeia.

« Este empenho não era, nem é destituído de importancia, porque ha hoje em dia toda a probabilidade que nessa capella fôra baptisado o Potyguassú, ou D. Antonio Felipe Camarão; e que nesse hospicio fôra elle educado pelos missionarios franciscanos, e, depois de provector, dirigido pelos missionarios jesuitas.....

« A tradição de ter sido aquella aldeia, de que o Camarão fôra capitão, é alli constante, e a ouvimos principalmente de um indio mestiço de alguns cem annos, o qual accrescentou ter ainda conhecido, como capitão daquella aldeia, um sobrinho do Camarão, chamado tambem Camarão, o Arco-verde. »

Este Arco-verde é naturalmente algum descendente de *Antonio Pessoa Arco-Verde*, que por patente régia de 17 de Novembro de 1683 teve a confirmação do cargo de capitão-mór e governador dos indios das aldeias das capitancias de Pernambuco, provido interinamente pelo governador D. João de Souza.

Arco-Verde deixou larga descendencia proveniente de dous filhos, um de igual nome, e outro chamado Domingos Pessoa Panasco, ambos capitães do terço ou regimento dos indios, na epocha do seu fallecimento em 1692.

Da patente régia de confirmação do posto de capitão conferido a seu filho de igual nome, e lavrada em 12 de Abril de 1683, consta que o velho Arco-Verde era — *indio da nação Tabayara, filho de Agostinho Gonçalves Panasco e natural de Pernambuco.* — Sua esposa chamava-se D. Catharina Fernandes.

A aldeia de S. Miguel successivamente removida para localidades diversas, desde o anno de 1591 da sua fundação, em Páo d'Alho, teve em fim definitivo assento na ribeira do riacho Siry, que desagua á margem sul do rio Tejucupapo, meia legua antes da sua fóz no Oceano, em frente á barra de Catuama ao norte da Ilha de Itamaracá, em epocha desconhecida, e foi sempre dirigida pelos religiosos franciscanos, até que em 1619 entregaram-na ao bispo diocesano, bem como as demais aldeias que tinham sob a sua administração, como refere Jaboatão, passando então todos os nucleos indigenas á direcção dos Jesui-

tas, — cujas habilitações na catechese dos indios eram por demais comprovadas.

Em 1635, no periodo da guerra da invasão hollandandeza foi a aldeia de S. Miguel de Mossupe occupada pela nossa gente sob o commando do valente capitão Francisco Rebello (o Rebellinho); porem tendo aviso que o inimigo se approximava com forças muito superiores ás suas em caminho da mesma aldeia, — se retirou a outro sitio accommodado ao seu intento, deixando abrasado o que largava, e nelle consumido do fogo tudo quanto podia servir ao inimigo de commodo e utilidade.—
Castr. Lusit.

Convenientemente restaurada depois da evacuação hollandeza, em 1654, e de novo levantados os seus edificios, perdeu a aldeia a sua primitiva denominação de Mossupe ou Musupe, pela de S. Miguel do Siry, ou Serigy, com que é vulgarmente conhecido o local da sua situação.

Da aldeia do Siry encontramos noticias positivas na carta régia de 16 de Agosto de 1718, ordenando a compra de 375 braças de terra de largo sobre 3,000 de comprido, *para serem arranchados os indios da aldeia do Siry*, por julgar-se allí necessario o estabelecimento, pelas representações dos governadores e Juntas das Missões, sem as quaes não poderiam elles subsistir; e que existia ainda em 1746, pelo seguinte, que se lê na obra inedita — *Descripção de Pernambuco com parte da sua historia e legislação até o governo de D. Marcos de Noronha em 1746 e mais alguns documentos ate 1758*:

« *Aldeia do Siry.* — Situada ao pé do rio do mesmo nome, na freguezia de S. Lourenço de Tejucupapo, e sob a invocação de S. Miguel; é de indios da lingua geral dirigidos por missionario carmelita. »

Uma circumstancia que não é para desprezar-se: — essa lingua geral é o *Tupy*, que o chefe D. Antonio Felipe Camarão fallava e escrevia correctamente, como consta de varias cartas suas, de uma das quaes, datada de 19 de Agosto de 1645 possui o Instituto uma photographia tirada do proprio original existente nos archivos de Hollanda.

Esse curioso documento, pela sua bôa calligraphia e firmeza de traços, não revela absolutamente que fosse escripto senão por um homem, que pela sua idade não prövecta, não

tinha sido ainda attingido pela tremura senil, que entorpecesse os movimentos firmes de sua mão, como o Camarão, que nessa epocha devia ter os seus quarenta annos de idade.

A aldeia do Siry, Mussury ou Mussupe, Moçuigh ou S. Miguel, como lhe chama o Padre Manoel de Moraes, cujo nome parece recordar o do engenho Mussupe situado em Igua-rassú, era em 1630 um importante nucleo indigena, com uma população de 600 habitantes, dos quaes 170 já exercitados no manejo das armas de fogo eram bons mosqueteiros, e essa sua população era composta de indios das tribus Petiguar e To-bajara.

Doutrinado e educado o Camarão — bem empregado foi o trabalho que os padres da Companhia e outros religiosos de diferentes ordens tiveram com este indio, — com se expressa Frei Manoel Calado, uma vez que os seus esforços foram perfeitamente correspondidos pelo joven catechumeno, que de par com a instrução religiosa que recebeu, aprendeu a ler e a escrever correctamente as linguas portugueza e tupy, e entrando ainda na classe de latinidade, conhecia tambem a lingua do Lacio traduzindo correntemente os seus classicos.

De par com esta educação religiosa e litteraria esmeradamente ministrada pelos padres missionarios, conseguiram tambem elles formar o seu character fazendo realçar as suas naturaes virtudes, tão decantadas pela historia firmada no juizo dos escriptores do seu tempo, que o conheciam e com elle conviveram intimamente; e ainda — animoso e esforçado, — na phrase coeva de Diogo Lopes de Santiago, os indios da sua nação, que reunidamente aos Tabajaras formavam o nucleo colonial da aldeia de Moçuigh, o elegeram por seu maioral, como refere o citado escriptor.

Effectivamente, o Padre Manoel de Moraes referindo-se a aldeia de Moçuigh nessa epocha, diz que o Camarão era cacique dos Petiguares, e Estevão Tebú dos Tabajaras.

Ignora-se absolutamente a ascendencia de D. Antonio Felipe Camarão, e apenas sabe-se que era elle filho de um irmão ou irmã do chefe Jaguarary, chamado depois Simão Soares, e de quem encontramos noticias positivas referentes ao anno de 1625, quando os hollandezes aportaram na Bahia da Traição, na Parahyba, e onde entre outros indios que tinham

em seu poder, como que prisioneiros, figuravam a mulher e um filho do cacique Jaguarary, cuja liberdade conseguiu elle depois mettendo-se entre os hollandezes ; porém cahindo por este facto em susceitas dos portuguezes, foi preso e conduzido ao Rio Grande do Norte onde permaneceu em rigoroso carcere até 1633, cujas occorrencias particularmente narra o Marquez de Basto nas suas *Memorias*.

Jugarary tomou parte na expedição pernambucana da conquista do Maranhão em 1614, sem duvida encorporado á gente que marchou da Parahyba, tirada das aldeias da Pindaúna e da Jacoca, commandada pelos chefes Jorge, Páo Secco e Mandiocapuá ; e na guerra da invasão hollandeza em Pernambuco — *acompanhou a seu sobrinho Antonio Felippe Camarão, até que foi preciso retirar-se á Bahia,* — por cujos serviços receberam a mercê régia de 750 reaes de soldo, com a clausula de que por sua morte passariam a sua mulher e filho.

E' tambem conhecido um outro tio seu, Francisco Pinheiro Camarão, pai de D. Diogo Pinheiro Camarão, que o succedeu no cargo de capitão-mór dos índios, e os descendentes e successores deste, D. Antonio João Camarão e D. Sebastião Pinheiro Camarão, sobre quem a Patente régia de 13 de Março de 1688 conferindo-lhe a tença de 48\$000, refere-se a sua naturalidade pernambucana.

Camarão, originariamente, tinha o nome de Poty, mas ao receber as aguas do baptismo, quando convenientemente preparado com a instrucção religiosa necessaria para esse fim, foi-lhe imposto o nome de Antonio, com o qual, tendo por apellido o seu nome indiano porém já com a traducção portugueza, que elle adoptou, se apresentou com a sua gente em defeza da patria chamando-se portanto *Antonio Camarão*, como narram as chronicas coevas ; porém recebendo elle de El-rei D. Felippe o habito da ordem de Christo, o titulo de dom e o posto de governador e capitão-mór dos índios, graças estas conferidas em 1635 em remuneração dos seus grandes serviços prestados em campanha, resolveu então accrescentar mais um nome ao seu, e em reverencia ao monarcha que tanto o distinguira, passou dahi por diante a chamar-se *Dom Antonio Felippe Camarão*.

Camarão, até 1630, aos seus vinte e cinco annos de idade, pouco mais ou menos, vio deslizar a sua vida sem ensejos de

nobilitar-se por serviços notáveis, conhecidamente mencionados pelos nossos historiadores; e se os houvesse prestado anteriormente, de qualquer natureza que elles fossem, os escriptores contemporaneos, tres dos quaes, pela sua residencia em Pernambuco, acompanhando o exercito em todas as suas marchas e evoluções, e o conhecendo muito de perto e intimamente, com certeza não se esqueceriam da menção de taes serviços para apresental-o á posteridade sómente em 1630, no inicio da sua vida militar em defesa da patria !

Calado, como já vimos, apresenta-o á posteridade naquelle anno.

O Marquez de Basto donatario de Pernambuco, nas suas *Memorias*, escriptas dia á dia e a proporção que se iam desenrolando os episodios da guerra da invasão, tratando dos factos referente ao dia 16 de Fevereiro de 1630, e da gente que foi enfrentar-se com o inimigo á margem Sul do Rio Doce, diz apenas: — « Havia mais alguns 200 indios com o seu principal, que os governava, Antonio Felipe Camarão, e por seus interpretes João Mendes Flores e Antonio Pereira. » — Esses 200 indios eram certamente os *170 bons mosqueteiros* da sua aldeia do Mussupe ou Siry, como vimos das informações do Padre Manoel de Moraes sobre esse nucleo indiano na epocha em questão, e mais uns trinta que quizeram acompanhar o seu illustre chefe em defeza da patria.

Sobre essa sua apresentação escreve o seguinte Diogo Lopes de Santiago na sua *Historia da guerra de Pernambuco e feitos memoraveis do mestre de campo João Fernandes Vieira* :

« Neste tempo (1630) se offereceu a Mathias de Albuquerque um indio chamado Antonio Camarão (que depois dando-lhe Sua Magestade o habito de Christo, e dom, se chamou D. Antonio Felipe Camarão, pelas proezas e valorosos effeitos que obrou nesta guerra); era principal pessoa entre os indios, a quem eram muito obedientes, e sua gente muito destra em atirar as frechas, e o elegeram por seu matoral, por animoso e esforçado. »

Um outro escriptor contemporaneo, o general Francisco de Brito Freire, que tomou parte nos ultimos movimentos da guerra da restauração, e foi depois governador de Pernambuco (1661—1664), na sua *Nova Lusitanea* impressa em 1675,

apresenta tambem o Camarão no inicio da campanha, e acompanha-o depois em todos os seus feitos até a epocha em que chega essa decada primeira da sua obra.

Dos citados escriptores coevos, porem, Frei Raphael de Jesus e Diogo Lopes de Santiago, escreveram toda a phase da guerra hollandeza desde a invasão de Pernambuco em 1630 até a sua gloriosa restauração em 1654, e ambos, portanto, referem detalhadamente toda a vida militar do Camarão até o seu fallecimento, e narrando este acontecimento, fazem uma synthese completa de toda a sua vida no *Elogio* que lhe consagram, enaltecendo os seus meritos e as suas virtudes, *desde o tempo do Arraial Velho de Parnameirim e governo de Mathias de Albuquerque*, como se expressa Diogo Lopes.

Rocha Pitta, que bem pôde ser tambem considerado um escriptor coevo, porquanto nasceu na Bahia em 1660 e onde falleceu em 1738 em avançada idade, tendo dest'arte ensejo de cõmmunicar-se com muita gente que conheceu pessoal e intimamente ao Camarão durante a sua longa permanencia naquella cidade, não falla absolutamente em antecedentes historicos á sua vida no elogio que lhe consagrou na sua *Historia da America Portueza* impressa em 1730 e concluida quatro annos antes, senão a partir da epocha em que — *os hollandezes entraram em Pernambuco, e que trouxe elle o muior sequito dos gentios de que ei a principal á obediencia e amor dos portuezes*.

Finalmente, um escriptor moderno, Roberto Southey, na sua *Historia do Brasil*, originariamente publicada em inglez em 1810—1819, tambem refere-se ao apparecimento de Camarão no scenario historico de Pernambuco em 1630, servindo-se das informações do Padre Manoel de Moraes, que na sua qualidade de missionario jesuita esteve por muito tempo em contacto intimo com elle, principalmente no seu acampamento ou estancia de Santo Amaro, nas proximidades de Olinda, informações essas collidas na obra que aquelle Padre escreveu sob o titulo de *Historia da America*, que foi depois traduzida em inglez e publicada na Inglaterra; e sob tão seguro guia, traça o referido escriptor o perfil historico de Camarão, completamente desenvolvido, desde a epocha da invasão hollandeza até a do seu fallecimento em 1648.

A epocha da morte de D. Antonio Felipe Camarão, se

bem que historica e documentadamente comprovada quanto ao anno, tem sido porem erroneamente fixada relativamente ao mez.

Effectivamente, uns escriptores assignam-lhe o mez de Agosto ou Setembro de 1648, outros poucos mezes depois da primeira batalha de Guararapes ferida em 19 de Abril daquelle anno, e nós mesmo incorremos nesse erro dizendo no nosso *Diccionario biographico de pernambucanos celebres* impresso em 1882, que falleceu elle quatro mezes depois da referida batalha.

Examinemos o assumpto.

E' sabido, que fallecendo o Camarão succedeu-lhe no posto de capitão-mór e governador dos indios, seu primo D. Diogo Pinheiro Camarão, que era o seu immediato em posto, uma vez que tinha a patente de sargento-mór (correspondente hoje a de major) do terço ou regimento de infantaria dos indios.

Pois bem ; vagando este posto com a sua promoção, foi provido no mesmo o capitão Domingos Tavares por patente do general em chefe Francisco Barreto de Menezes lavrada no Arraial do Bom Jesus *aos 3 de Junho de 1648*, abaixo da qual vem uma verba firmada por D. Diogo declarando que deu posse ao nomeado — *na forma costumada a 4 de Junho de 1648*.

Esta patente, portanto, prova que D. Antonio Felipe Camarão falleceu em fins de Maio daquelle anno, uma vez que o seu successor já estava empossado no dia 3 de Junho, como melhor se verá da propria integra da referida patente, que Antonio Joaquim de Mello consigna á pag. 191 do T. II das suas *Biografias de alguns poetas e homens illustres da provincia de Pernambuco*.

*
* *

Dos esboços que deixamos traçados sobre o chefe indiano do Rio Grande do Norte, Antonio Camarão, e do heróe poty-giano D. Antonio Felipe Camarão, resulta logica e evidentemente que se trata, effectivamente, de duas individualidades distinctas, cada uma com o seu campo de acção perfeitamente traçado no papel historico que representaram ; e que este ultimo

á luz da critica e dos monumentos que nos legaram os chronicistas coevos, que com elle conviveram em amistosa intimidade, ou tiveram dos —successos, *das pessoas* e dos tempos a mais completa noticia ministrada por personagens fidedignas e testemunhas de vista,— como se expressa o autor do *Cadrioto Lusitano*, nasceu em Pernambuco.

Bastava, em nossa consciencia, o que fica consignado nos dous alludidos esboços para darmos por terminada a nossa tarefa, se não fôsse necessario, para melhor e mais positivamente deixarmos bem firmados os nossos conceitos, documentadamente comprovados, ainda mais umas tantas explanações historicas sobre o assumpto, uma vez que os escriptos de Varnhagen, (Visconde de Porto Seguro), e do Senador Candido Mendes de Almeida, confundindo os dous chefes indianos em uma só individualidade, conseguiram, sem mais exame, que lavrassem e creassem opinião os conceitos por elles externados, aliás firmados em simples conjecturas na carencia de documentos positivos, — que D. Antonio Felipe Camarão nasceu no Rio Grande do Norte !

Externemos, portanto, essas esplanações, consistentes em um confronto ou parallelo entre os dous personagens.

D. Antonio Felipe Camarão morreu uns dous mezes depois da primeira batalha dos Guararapes, ferida em 19 de Abril de 1648, em pleno vigor, emprehendendo marchas forçadas e difficéis, vencendo longas distancias, e lutando sempre como um heróe ; e se porventura fosse elle, esse Camarão do Rio Grande do Norte, que em 1598 já era chefe ou principal de uma aldeia, seria então um homem adiantado em annos, um octogenario, alquebrado de forças, e ainda mesmo que servisse no exercito por circumstancias superiores, certamente não seria esse guerreiro fogoso, agil, indomito e cheio de arrojo e audacia que muitas vezes chegavam á temeridade !

O velho Camarão tinha filhos, acompanhado dos quaes, compareceu na igreja para receber o baptismo, conjunctamente com sua familia, como refere o padre José de Moraes na sua *Historia da Companhia de Jesus* ; o nosso Camarão, porém, teve apenas um unico filho, que ficou de tenra idade quando elle falleceu, e tomou-o depois á sua conta o governador Britz Freire, como vimos ; e o referido escriptor, narrando a sole-

mnidade do baptismo do velho Camarão, acto este que foi celebrado na sua aldeia do Rio Grande, em 22 de Fevereiro de 1612, diz que no dia seguinte teve lugar a celebração do seu matrimonio — « *in facie Ecclesie* com uma das mulheres, que entre as mais escolheu para sua legitima consorte, despedindo de casa as demais », — sem referir o seu nome, o que certamente não escaparia ao historiador se essa mulher se chamasse D. Clara Camarão, que tão distinctamente figura em nossa historia pela celebridade dos seus feitos.

Os parentes daquelle Camarão são conhecidos, como, entre outros, Sorobabé e Jacatúna ; e os parentes do nosso, principalmente os que desceram com elle da sua aldeia, em Pernambuco, são tambem conhecidos, como o capitão Camarão, D. Diogo Pinheiro Camarão, seu primo, filho de Francisco Pinheiro Camarão irmão do chefe D. Antonio, D. Sebastião Pinheiro Camarão e D. Antonio João Camarão todos instruidos e nobilitados por seus feitos guerreiros, e não selvagens como aquelles.

O Camarão do Rio Grande do Norte, se vivesse ainda em 1630, certamente fallaria correntemente o portuguez uma vez que tinha a dilatada convivencia de 32 annos com os colonisadores, á partir de 1598, data averiguada ; e que entendia e sabia entender-se perfeitamente com elles, bem como o seu irmão Jacatúna, temos uma prova disso já em 1614 nas escusas que deram no Ceará para a não acompanharem a expedição do Maranhão.

O nosso Camarão, porem, ao apparecer na scena historica de Pernambuco em 1630, não sabia fallar ainda portuguez correctamente, uma vez que, descendo da sua aldeia para apresentar-se em defesa da patria veio acompanhado de dous interpretes João Mendes Flores e Antonio Pereira, como refere o donatario de Pernambuco, Marquez de Basto, nas suas *Memorias diarias*.

O Camarão do Rio Grande do Norte fraquejou perante a perspectiva de uma guerra séria com os valentes fracezes que occupavam o Maranhão, e deixou-se ficar no Ceará, em meio caminho da jornada !

O nosso Camarão, audaz e destemido, não conhece perigos tudo affronta e tudo vence, e até mesmo o proprio inimigo rende

homenagens de respeito ao seu valor e heroísmo, como o celebre general polaco Christovão Arcizewski, batido por elle no ataque de Goyanna !

Sim ! O Camarão do Rio Grande, partindo por terra com a sua gente com destino á conquista do Maranhão, ao chegar ao Ceará — *queixou-se logo que hia tão prostrado do caminho, que não podia continuá-lo,* — como narra Berredo, e obteve licença para ficar com seu irmão e Jacuína, que, na phrase do autor da *Jornada*, presente a todos os acontecimentos que narra, — « fez tambem muita força para que o deixassem, ou ao menos lhe dessem tempo para engordar, como quem diz, para se refazer, e tanto porfiaram que pelos contentar ficaram allí as mulheres e alguns dos seus indios. »

O nosso Camarão, porém, muitos annos depois, em todo o periodo que decorre de 1630 a 1637 e depois de 1645 a 1648, forte, robusto, incançavel e cheio de audacia, provoca o inimigo numeroso, aguerrido e bem armado, em marchas forçadas taldando os campos de todo o immenso territorio que se estende da Bahia ao Rio Grande do Norte, em direcções diversas e por diversas vezes, varrendo com a sua espada tudo o que encontrava, e destruindo tudo que pertencia ao batavo invasor !

E dir-se-á porventura, que este nosso Camarão, que na phrase do seu contemporaneo o historiador Frei Raphael de Jesus — *o ocio era martyrio para seu genio, e o trabalho descanso, avaliando a penalidade por deleite, e as occasiões por dita,* é aquelle mesmo que em 1614 sentia-se prostrado do caminho de uma viagem, comparativamente curta, em marcha regular, sem os perigos de encontros com inimigos, e sem as fadigas dos combates ?

Se o Camarão do Rio Grande veio com a sua gente para Pernambuco, e estabeleceu a sua aldeia em Páo d'Alho, como se diz, mas sem prova documentada, ou firmada no juizo de algum escriptor contemporaneo, ter-se-hia certamente extinguido a grande e populosa aldeia que tinha elle naquella capitania, ficando o seu abandonado local com o nome de *Tapéra*, isto é, — aldeia velha, sitio abandonado, — segundo Gonçalves Dias no seu *Diccionario da lingua Tupy*. Entretanto não se deu esta occurrencia, e o nucleo indigena não só ficou permanecendo como ainda atravessou dilatados annos.

Effectivamente, na enumeração que faz o Padre Manoel de Moraes das aldeias existentes no Rio Grande do Norte ao tempo da invasão hollandeza, em 1630, lá está figurando a aldeia — Igapúa da outra banda do Rio Grande, sete leguas ao norte da fortaleza; — e da qual temos noticia positiva de existir em 1689 pela carta régia de 26 de Novembro dirigida ao governador de Pernambuco, Antonio Luiz Gonçalves da Camara Coutinho, mandando que informasse sobre o procedimento do capitão mór do Rio Grande, que mandara assaltar a aldeia do Guajirá, aonde assistiam os religiosos da Companhia, donde levaram mais de 50 mulheres e filhos dos indios, de que ficou o capitão mór com a maior parte, repartindo os outros por quem lhe pareceu.

E que existia ainda em 1746, temos disto tambem noticia positiva na obra inedita *Descrição de Pernambuco*, que tratando das aldeias do Rio Grande do Norte, diz o seguinte: — *Aldeia do Guajará*, invocação de S. Miguel, é de indios cabocolos da lingua geral, e Tapuios de nação Payacús, e o missionario é Padre da Companhia de Jesus ».

Finalmente fundada a aldeia por um bando de Potyguares junto a lagóa do Guajerá, que deu o seu nome á povoação, como diz M. Ferreira Nobre na sua *Breve noticia sobre a provincia do Rio Grande do Norte*, impressa em 1878, teve as honras de villa por Alvará de 6 de Julho de 1755 com a denominação de Villa de Estremoz, cujo predicamento perdeu com a mudança da sua séde para o Ceará-mirim, definitivamente em 1858.

Se D. Antonio Felipe Camarão o heróe de Guararapes e de outros tantos feitos, coberto de honras e galardões régios, fosse aquelle mesmo do Rio Grande, que em 1598 occupava já um lugar de distincção como principal de uma aldeia, e se fosse portanto um homem feito, com precedentes honrosos em sua vida, e de notaveis serviços aos portuguezes na conquista e colonisação do Rio Grande, certamente os escriptores contemporaneos como Duarte de Albuquerque, donatario de Pernambuco, Frei Manoel Calado, Diogo Lopes Santiago e Frei Raphael de Jesus, que em phrases dos mais alevantados elogios narram a sua vida e os seus assombrosos feitos guerreiros, não deixariam no esquecimento essa primeira phase de sua existencia, não deixariam de attender a esses seus precedentes histo-

ricos, para tomarem-no como que no inicio de sua vida militar, em 1630, e apresental-o á posteridade com a sagração de heróe pelas suas proezas e façanhas guerreiras em todo o periodo que se desenrola desde aquella epocha até o seu prematuro fallecimento em 1648 !

E' que o nosso Camarão, moço e cheio de vida e enthusiasmo, vendo-lhe sorrir a existencia, que se lhe despontara, sem duvida, depois da epocha em que se encontra pela primeira vez o velho Camarão do Rio Grande, contemplando a sua terra natal ameaçada por uma invasão de aventureiros estrangeiros, desce ameçuroso da aldeia de que era chefe á frente da sua gente penetra na tenda do general Mathias de Albuquerque, e pede-lhe um lugar ao lado dos defensores da honra pernambucana, abrindo então com esse acto de heroismo o prologo da sua vida militar, que se não foi tão longa como a dos seus companheiros, Dias, Vidal, Vieira e tantos outros, foi tão brilhante e assombrosa como a delles.

E se o nosso Camarão, enfim, fosse aquelle mesmo do Rio Grande teria em 1648 quando falleceu mais de *oitenta annos de idade*; e sendo assim, não é crível que depois de tantos annos de uma vida penosissima, cheia de trabalhos e privações em constante campanha, tivesse ainda em tão avançada idade energias e forças para tomar parte, com muita distincção em terriveis e porfiados prelios, como essa primeira batalha dos Guararapes, que foi o ultimo feito de sua vida, cuja acção prolongou-se por quasi um dia inteiro, sem que a nossa gente tivesse recebido alimento algum *por quasi vinte e quatro horas!*

E *esse velho*, de uma idade superior a oitenta annos, como assim o querem, fazendo parte da vanguarda do exercito pernambucano pela escala do serviço militar daquelle memoravel dia, em companhia do bravo parahybano Vidal de Negreiros, foi quem primeiro accommetteu o inimigo e recebeu os seus golpes, até que, aproximados e confundidos os dous exercitos no correr da acção, não se podendo mais distinguir amigos e inimigos pelo espesso fumo da polvora e pó que se desprendia do sólo argilloso, que batidos pelo vento subiam em espiraes suffocando a todos e obscurecendo o campo da acção, combateu corpo á corpo com o inimigo; e agil, forte, feroz e destemido heróe entre os heróes !

E se fosse assim, essa circumstancia digna de admiração, esse phenomenal prodigio da natureza em um velho de mais de oitenta annos, escaparia aos nossos chronistas coevos, aliás tão prolixos em detalhes particulares de sua vida, que escapam mesmo a acção da historia ?

E nenhum delles ao narrar as suas proezas, pelo menos as praticadas de 1645 a 1648, diz com admiração que o seu heróe — *era um octogenario !!!*

Um argumento ainda.

Tem-se feito grande cabedal do facto de pertencer D. Antonio Felippe Camarão á tribu dos Potiguares, em favor do seu nascimento no Rio Grande do Norte, uma vez que essa tribu *tinha alli a sua habitação.*

E' verdade, mas este argumento absolutamente não constitue uma prova irrecusavel.

Camarão pertencia, effectivamente, á tribu dos Potiguares como consta de documentos officiaes da epocha e do juizo de escriptores coevos ; mas convem attender á factos historicamente comprovados, isto é, que os Potyguares não occupavam *exclusivamente o territorio do Rio Grande do Norte*, e depois fixaram-se em varios pontos do paiz, constituiram aldeias, e não mais volveram aos seus lares !

A esses factos, porem, não se attendeu ainda.....

Effectivamente, alem do territorio do Rio Grande, occupavam os Potyguares uma grande parte do da Parahyba, e estendendo os seus nucleos de habitação pelo littoral, tinham como limite meridional da extensa zona que dominavam — a margem esquerda do rio Parahyba até muito alem dos seus limites ao Norte, em cuja extensão notavam-se diversos aldeamentos seus ás margens do Mamanguape e Camaratuba, e na bahia da Traição ; — ou como melhor ainda accentúa Frei Vicente do Salvador, — os Potyguares senhoreavam em toda aquella terra da Parahyba até o Maranhão algumas quatrocentas leguas.

Gente bellicosa, audaz e aventureosa, os potyguares atiraram-se sobre as nascentes capitancias de Itamaracá e Pernambuco, talando os seus territorio, e destruindo povoações, e batedo os tobajaras e cahetés que occupavam o littoral daquellas, capitancias, assenhorearam-se de varios pontos onde levantavam

as suas aldeias convenientemente fortificadas para definitivamente fixarem a posse dos conquistados territorios, como nararam as chronicas coevas de taes acontecimentos, no desenrolar de meados a fins do seculo XVI.

Alem disso, em 1603 seguiu para a Bahia *um grande golpe de Potyguares* acompanhados do Padre Diogo Nunes, como grande lingua que era, — *e nunca mais volveram aos seus lares.*

No mesmo anno seguiu tambem um grande numero de Potyguares para o Ceará na expedição de Pedro Coelho de Souza, os quaes, foram aldeiados pelos padres Francisco Pinto e Luiz Figueira em Saure, Arronches e Mecejana, em 1607, quando dirigiram-se em missão de catechese áquella capitania.

Em 1614 seguiram Potyguares para a conquista do Maranhão, e sem duvida, terminada a campanha deixaram-se ficar por lá.

E em 1630 emfim, existia avultado numero de Potyguares em Pernambuco, como refere o autor do *Valeroso Lucideno*, a quem damos a palavra neste particular pela sua muita autoridade de escriptor coevo e testemunha presencial dos factos que narra. Diz esse escriptor :

« Tanto que os indios da terra, Pitiguares, chamados ordinariamente cabocolos, e os Tapuios, todos grandes inimigos do sangue portuguez, viram as duas fortalezas do Arraial e de Nazaret rendidas; e que o general Mathias de Albuquerque e seu irmão Duarte de Albuquerque Coelho se haviam retirado para as Alagôas, aonde estavam com o conde de Banholo, esquecidos, *que haviam sido criados entre nós* e aos peitos da Santa Madre Igreja, com os quaes os religiosos da Companhia, de S. Bento, de S. Francisco e do Carmo, haviam trabalhado *tantos annos* em os doutrinar na santa fé catholica, *vivendo elles de antes* como brutos animaes e selvagens das brenhas, e havendo os os portuguezes conservado com tanto amor *em suas aldeias*, livrando-os de serem captivos, merecendo elles ser mais que captivos por suas grandes maldades; e logo ao ponto se foram metter com os hollandezes, e se offereceram a lhe dar toda a capitania de Pernambuco conquistada.....

« Começaram os moradores a cobrar tanto medo aos indios cabocolos, que mais os temiam que aos proprios hollandezes, porque *como eram criados nos mattos* não lhes ficava canto que

não revolvessem... E assim, conclue o escriptor, os malvados e ingratos indios Pitiguares e Tapuios foram a causa e o principal instrumento de os hollandezes se apoderarem de toda a capitania de Pernambuco e de a conservarem tanto tempo. — *Obr. cit.* pas. 25—6.

Eis ahí em 1630 indios Potyguares nascidos e criados em Pernambuco, e perfeitos conhecedores de todo o seu territorio, o que prova de um modo eloquente, sem argucias e subtilezas, que vinha de longe o seu estabelecimento na capitania, doutrinados e reunidos em aldeias; e portanto, explicado á luz da historia o facto de ser Camarão Potyguar, isto é, pertencer pelo meio em que nasceu á tribu desses indios e fallar a sua lingua, nascendo em Pernambuco em alguma das suas aldeias, acaso na de Páo d'Alho, ou mais acertadamente na do Siry, em S. Lourenço de Tejucupapo, do mesmo modo que houve Potyguares parahybanos, e outros nascidos no Ceará, no Maranhão e na Bahia, para onde foram elles, como vimos, foram e ficaram permanentemente domiciliados.

Depois dos transcriptos trechos do citado escriptor coevo, refere-se ainda elle por diversas vezes a esses mesmos indios brazilienses, petyguares e tapuias, e ás pags. 223 e 236 particularizando a sua qualidade de *nascidos* na capitania de Pernambuco, ou *na terra pernambucana*, e doutrinados na fé de Jesus Christo...

Ainda mais.

Por carta régia de 21 de Julho de 1672 dirigida ao Visconde de Barbacena, governador geral do Brazil, foi-lhe recommendado que ordenasse aos governadores das praças das capitancias de Pernambuco — « não proponham nas aldeias de suas juridições officiaes de guerra que os governem, senão as pessoas benemeritas das nações Tabayara e Petyguara, *que forem naturaes das mesmas capitancias*; — e D. Sebastião Pinheiro Camarão, filho de D. Diogo, primo de D. Antonio Felippe Camarão, era potyguar como seus paes e seu primo, e entretanto nasceu tambem em Pernambuco, como consta de documento irrecusavel, a sua Carta de Padrão (tença annual de 48\$000) lavrada em Lisbóa por El Rei D. Pedro II em 13 de Março de 1688, em que se declara, — « *que tendo respeito aos serviços de D. Sebastião Pinheiro Camarão, filho de D. Diogo Pinheiro*

*Cumarão, e natural de Pernambuco, » — fazia-se-lhe mercê da referida tença, cujos documentos figuram por extenso ás pagas. 189 e 162 do T. II das *Biografias* de A. J. de Mello.*

Em fim, existia já constituído em 1685 o importante nucleo da Aldeia da Escada, na freguezia de Ipojuca, com uma grande população de indios das tribus dos Potyguares, Tabayares e Mariquitós, como consta de documento official referente a este aldeamento.

Elucidado esse ponto, voltemo-nos para um outro de que o Senador Candido Mendes fez muito cabedal, e como elle fazem ainda os seus seguidores.

Diz elle, pretendendo refutar as affirmativas constantes de Frei Manoel Calado, contemporaneo e residindo no proprio theatro dos acontecimentos que narra no seu *Valeroso Lucideno*, o seguinte :

« A Parahyba, o Rio Grande do Norte e o Ceará *eram conquistas de Pernambuco, e então dependiam immediatamente do seu governo*, assim como Itamaracá ; e portanto dizer-se nascido em Pernambuco naquella epocha, não importava havel-o sido dentro do territorio da doação de Duarte Coelho, isto é, de Iguarassú até a margem esquerda do Rio S. Francisco. »

Para iniciarmos a ordem de argumentos em refutação aos juizos do douto Senador, convem desde logo deixar bem accentuada *essa epocha* a que elle se refere, e na qual tiveram lugar as occurrencias em questão. *Essa epocha*, — é a primeira metade do seculo XVII.....

As conquistas da Parahyba, Rio Grande do Norte e Ceará foram de exclusiva iniciativa da corôa, com o fim, não só de conter as correrias dos indios sobre as nascentes povoações de Pernambuco e Itamaracá, como ainda para assegurar a posse daquelles territorios contra as constantes investidas dos francezes, que travando relações de amizade com os indigenas com elles commerciam livremente, levando em retorno generos do paiz, e principalmente o páo-brasil, de exclusivo estanco régio.

Os antecedentes e as occurrencias que se deram nas varias emprezas de conquista de todo esse extenso trato territorial que se estende da Parahyba ao Ceará, sem fallar mesmo no Mara-

nhão, são factos tão sabidos pelas resoluções regias tomadas sobre o assumpto, e immediatas execuções, até que depois de prolongadas e porfiadas lutas conseguiu-se a sua conquista e immediata fundação de tres capitánias distinctas, que nos eximimos de descermos a particularidades, indicando comtudo a Frei Vicente do Salvador, que no livro terceiro da sua *Historia do Brasil*, do capitulo 24 por diante, a tudo se refere com muita precisão e minudencia.

E' verdade, que foi Pernambuco, pelas suas prosperas condições e numerosa população, e por ficar mais proximo daquelles territorios, ameaçados pelo estrangeiro, escolhido como que para centro de acção de todas as operações, e portanto onde vieram aportar os encarregados pela corôa da sua conquista e colonisação, e organisadas aqui as expedições militares destinadas á empreza, em todas ellas se associaram os pernambucanos levados pelo seu genio bellicoso e aventureiro, constituindo mesmo quasi que completamente algumas dessas expedições, sem olharem aos interesses pecuniarios de soldos e outras vantagens militares, mas unicamente inflamados pelo dever patriotico e pelo glorioso renome da victoria das suas armas.

Conseguiu a conquista da Parahyba e successivamente as do Rio Grande e Ceará, já com a categoria de capitánias regias, e organisada toda a sua governança, cujos funcionarios, civis ou militares, traziam os seus provimentos conferidos pela corôa, ficaram desde logo taes capitánias subalternas e dependentes do governo geral do Brasil com a sua séde na Bahia.

Não dependiam, portanto, aquellas capitánias —*immediatamente do governo de Pernambuco*,— como diz Candido Mendes, uma vez que era então Pernambuco uma simples colonia de senhorio particular, e nem tão pouco Itamaracá, que tambem em iguaes condições, dependia exclusivamente dos seus donatarios, que em sua ausencia tinham lá os seus loco-tenentes, e cujas attribuições e prerogativas, quer de uns quer de outros, eram todas locais, e convenientemente traçadas nas suas cartas de doação e foraes particulares conferidos pela corôa; e dest'arte, ninguem absolutamente, na epocha em questão, chamaria pernambucano a um individuo qualquer nascido em alguma daquellas capitánias regias!

Não nos demoraremos em provas sobre esse facto, que

aliás não ignora qualquer noviço em materia de historia patria; entretanto, para que os nossos argumentos tenham uma sanção irrecusavelmente documentada, consignaremos o seguinte facto :

Em 1661 pretendeu o governador de Pernambuco, Francisco de Brito Freire, exercer alguns actos de jurisdicção sobre a capitania da Parahyba, suppondo que era subordinada ao seu governo, quando até então não havia ainda a metropole nada absolutamente resolvido sobre o assumpto, não sómente com relação á Parahyba, como tambem sobre o *Rio Grande do Norte*. Apenas o Ceará, é que então já estava encorporado ao governo de Pernambuco, em virtude de proposta do Conselho Ultramarino de 8 de Julho de 1656, approvada por carta régia de 13, e communicada ao governador da capitania por aviso da mesma data.

A essas pretensões de Brito Freire oppoz-se o capitão mór da Parahyba Mathias de Albuquerque Maranhão, e communicadas as *dúvidas e differenças* que houve entre ambos, ao governador geral do Brasil Francisco Barreto, e depois ao soberano, foi afinal o conflicto resolvido por uma carta régia dirigida ao referido governador geral em 26 de Janeiro de 1662, na qual *pareceu* a El Rei dizer-lhe, depois de referir-se ao que occorreu sobre o caso, e em solução do conflicto, — « que a capitania da Parahyba e *Rio Grande* (que sempre foram da corôa, sujeitas e subordinadas ao governo desse Estado) não podiam nunca ser da jurisdicção de Pernambuco, sendo antes da entrada dos hollandezes capitania de donatario, nem depois da expulsão delles se annexou nunca a elle, e sómente se ordenou a requerimento de João Fernandes Vieira, que depois das guerras acabadas foi servir de capitão mór da Parahyba, que por se achar falta de moradores e commercio fosse soccorrida de tudo, e provida da de Pernambuco, emquanto nella não houvesse rendas minhas de que se fizesse ».....

E dado mesmo o caso, que os juizos de Calado sobre a naturalidade pernambucana de Camarão tão repetidamente manifestados, e corroborados por contemporaneos seus da respeitabilidade do governador geral Telles da Silva e do mestre de campo Fernandes Vieira, como vimos, fossem externados em epocha posterior á restauração de Pernambuco, quando se deu

a sua incorporação á corôa pela posse que em seu nome tomou o general Barreto de Menezes, por occasião da evacuação hol-landeza em 1654, o que foi confirmado por carta régia de 4 de Novembro do mesmo anno, ficando assim com o predicamento de capitania régia, e da subseqüente incorporação dos governos das capitánias da Parahyba, Rio Grande do Norte e Ceará ao de Pernambuco, denominando-se então os seus governadores — *Governador e capitão general da capitania de Pernambuco e mais annexas*, — poder-se-hia admittir, talvez, concedamos mesmo, que *dizer-se nascido em Pernambuco não importava hazel-o sido dentro do seu proprio territorio*, isto é, de Iguarassú á margem esquerda do S. Francisco : porém anteriormente, em epocha que Pernambuco era simplesmente uma colonia de se-nhorio particular, sob o regimen dos seus donatarios, ou adm-inistrada em sua ausencia por capitães môres seus loco-tenentes, isto é, *seus procuradores*, e sem alçada alguma sobre as capi-tánias régias, como é logico e historicamente sabido, absoluta-mente não, e nenhum escriptor por ingenuo ou imbecil que fosse cahiria em tão absurda e pueril declaração !

E serão porventura insufficientes ainda todas as nossas provas documentadamente firmadas e a logica dos argumentos exhibidos na demonstração da existencia de duas individualidades distinctas, o chefe Antonio Camarão, ou Potiguaçú, do Rio Grande do Norte, e o chefe D. Antonio Felipe Camarão, de Pernambuco ?

Parece-nos que não.....

Alem de tudo isso, temos ainda em nosso favor, como fonte ou subsidio historico, a corrente tradicional — de que Pernambuco é a patria de D. Antonio Felipe Camarã, — e a phrase popular muito em vóga ainda, de *Patria*, ou *terra dos Camarões*, usada em conversações ou escriptos mesmos, quando se quer de um modo particular fazer-se referencia a esta propria terra pernambucana ; e consoantemente com este costume que vem de remotos tempos, um dos nossos afamados poetas populares, vulgarmente conhecido pelo nome de Camões, e que floresceu entre fins do seculo XVIII e principios do im-mediato, dizia já nessa epocha em uns versos de uma estrophe de sua composição, elogiando a um cosinheiro africano que cos-tumava presentear-o com saborosas iguarias :

Igual a branca côr o preto é ;
 O homem só se faz pelas acções ;
 Que importa teres sido de Guiné
Se nesta terra estás dos Camarões ?

Entretanto, para saciedade dos espiritos emperrados, reservamos para exhibirmos por ultimo, como prova irrecusavel dessa dualidade de individuos que se apresentam no nosso scenario historico, quasi que na mesma epocha e com o mesmo nome proprio e igual appellido, um argumento *tranchant*, que por si só resolveria toda a questão, — o juizo e testemunho de um historiador de elevados dotes e predicados litterarios, o Padre Simão de Vasconcellos, Provincial da ordem dos Jesuitas no Brasil.

Portuguez, nascido na cidade do Porto em 1597, vcio muito moço para o Brasil, e fixando-se na cidade da Bahia, entrou na ordem dos Jesuitas em 1616, foi lente de theologia e conquistando pelo seu merceimento os mais elevados cargos, chegou ao de provincial, e falleceu no Rio de Janeiro em 1671.

Ao tempo da sua longa permanencia na Bahia, residio tambem ahi por quatro annos D. Antonio Felipe Camarão, que pela sua elevada hierarchia militar de official general, pelos titulos de fidalguia e distincções que possuia, e mais que tudo isso, pela nobreza e honorabilidade do seu caracter, teve sem duvida accessos e intimidades com o respeitavel vulto do provincial dos Jesuitas.

O Padre Simão de Vasconcellos legou-nos varias obras da sua lavra, dentre as quaes destaca-se a sua *Chronica da Companhia de Jesus no Estado do Brasil*, impressa em Lisbôa em 1663, e em grande parte escripta em face das suas proprias e pessoaes observações colhidas em sua longa residencia entre nós; e dessa *Chronica* existe uma reimpressão feita no Rio de Janeiro em 1864, que temos presente.

Pois bem ; o Padre Simão de Vasconcellos, que reune á respeitabilidade do seu elevado caracter sacerdotal, a de contemporaneo dos factos que narra, escreve o seguinte no Livro segundo das *Noticias antecedentes curiosas e necessarias das*

cousas do Brasil, que servem de introdução á sua *Chronica* depois de se referir a varios chefes indigenas de localidades diversas :

« Da mesma maneira dos Potiguares, Um antigo Potigoaçu, Quirópina, Arárúna, Cerobabé, Meirúguaçu, Ibatatá, Abaiquija, todos famosos, e principaes de grandes povos, dos quaes se affirma punha em campo cada qual delles de vinte até trinta mil arcos ; que foram grande presidio nosso na capitania de Itamaracá, Parahyba e Rio Grande. Não fallo aqui d'outro Potigoaçu, maior que todos estes, — assombro que foi do hollandezes *em nossos tempos*, nas guerras do Brasil ; porque para suas façanhas um tomo inteiro era pouco volume »...

Depois de um tão valioso testemunho só nos resta terminar este nosso estudo, com a satisfação que nos vai nalma por vermos os nossos esforços coroados do mais feliz exito possível.

Recife, 26 de Maio de 1904.

F. A. Pereira da Costa.



WILLIAM SWAINSON

EM

Pernambuco

(1817)



Com a derrocada final do poderio napoleónico, em 1815, calaram-se de subito os temerosos ruidos marciaes, que havia mais de tres lustros alvorotavam numa borrasca calamitosa e sangrenta toda a Europa Occidental, e, firmada em Vienna, a Santa Alliança, penhor intangivel de concordia internacional, os governos, fôrros de onerosos dispendios bellicos, volveram as suas attentões e recursos para o incremento das artes mais beneficas e fecundas da paz, fomentando o commercio, protegendo as industrias, propagando a instrucção, e subsidiando, em generosa emulação, o aprêsto de expedições scientificas destinadas ao estudo da natureza nas regiões menos conhecidas do planeta.

Da Russia, da Suecia, da Austria, da Prussia, da Baviera, da França e até do Grão-Ducado de Toscana partio então, rumo aos maravilhosos paizes tropicaes, uma legião de

diligentes e idoneos investigadores, cuja mêsse opulentissima tanto contribuiu para rasgar ao seculo XIX a sua feição tão profundamente naturalistica.

No paroxysmo deste movimento expansivo, reacção logica contra a anterior reclusão imposta pelo odiento bloqueio continental, muitos jovens movidos do ardente desejo de peregrinar em remotas paragens ou animados do mais nobre intuito de contribuir para o progresso das sciencias que affeiçãoavam, se lançaram na esteira das grandes expedições officiaes, e o resultado do seu labor mais duma vez sobrepujou ao daquellas.

William Swainson é um exemplo typico deste ultimo genero de « franco-atiradores » da sciencia, e merece tanto mais o nosso apreço porque, depois de Markgraf e de Piso, no seculo XVII, foi, talvez, quem melhor estudou a flora e a fauna pernambucana.

Nascido em Liverpool, a 8 de Outubro de 1789, cêdo se sentio inclinado ao estudo da historia natural, ao qual se dedicou com tamanho afieco que, ao iniciar-se aquella agitação benefica, o seu nome já gozava, na Inglaterra, de certo credito entre os naturalistas.

Isto o resolveu a concorrer tambem ao grande prélio incruento, em que fci dos mais illustres combatentes. Numa extensa carta, mais tarde dirigida ao Professor Jameson, de Edimburgo (1) e que constitue a mais copiosa fonte de informações sobre a sua viagem a Pernambuco, Swainson expõe os motivos que o induziram a preferir o Brasil para campo das suas pesquisas.

« Deliberei ir á America Meridional no outomno de 1816, escreveu elle. A politica liberal que, ao ser restaurada a paz geral, determinou varios soberanos do Continente a enviar

(1) Esta carta, muito incorrectamente traduzida para o portuguez, foi publicada no *Jornal Encyclopedico de Lisboa*, de José Agostinho de Macêdo, em 1820, Vol. I, pp. 243 e seguintes; é provavel que o original tenha antes apparecido em alguma das *Revistas* especiaes da Inglaterra, mas, neste particular as nossas pesquisas foram infructiferas.

cientistas afim de explorarem os thesouros que o Brasil offerecia á investigação philosophica, me levou a suppor que tambem o nosso governo acolheria favoravelmente quaesquer propostas que sobre o assumpto lhe fossem dirigidas. »

Neste designio o joven sabio se dirigio a Sir Joseph Banks, famoso botanico e estrenuo protector das sciencias, que acolheu com muito applauso a sua resolução e o recommendou vivamente.

Enthusiasmado com este incitamento, Swainson, comquanto o seu primeiro impulso tivésse sido ditado pelo simples desejo de se instruir, aspirou ampliar mais os seus projectos « dilatando a esphera das suas observações ». Considerando na exiguidade dos seus proprios recursos, propoz ao governo inglez enviar para os museus e jardins botanicos do seu paiz collecções do objectos de historia natural as mais completas que conseguisse reunir, isto mediante adequado auxilio pecuniario ou mesmo apenas o patrocínio nominal de *Naturalista do Governo Britannico*. Ambos estes favores lhe foram, porem, recusados e assim reduzido aos elementos de que pessoalmente dispunha, ella lamentou que os resultados das suas investigações e viagens ficassem encerrados em limites muito mais estreitos do que os que de outra forma poderiam ter tido.

« Em lugar de seguir o exemplo de outros viajantes, escreveu, indo primeiro ao *Rio de Janeiro*, aportei, em fins de Dezembro de 1816 ao *Recife*, na provincia de *Pernambuco*, a 8° do equador. »

« Esta provincia não havia ainda sido visitada por nenhum naturalista moderno, e achei que tanto na sua geographia como em historia natural tinha um aspecto summamente diverso das provincias meridionaes. Depois de adquirir idéas geraes sobre o clima e os costumes dos seus habitantes, preparei-me para emprehender uma jornada ao Sertão, no que fui subitamente frustrado pelo rompimento da memoravel revolução de 6 de Março de 1817, da qual fui testemunha occular. »

Quanto é para lamentar que o naturalista inglez não nos tenha deixado a narração do que então presenciou! São tão escassos e seriam tão preciosos os depoimentos de contem-

poraneos não interessados directamente nos successos daquelle tragico movimento ! Basta lembrar as *Notes Dominicales* de L. F. de Tollenare.

« Aquelle acontecimento, continúa Swainson, circumscreveu as minhas indagações a uma limitada zona em volta da cidade ; mas, ainda assim era tamanha a copia de objectos novos e admiraveis ali encontrados, que me empreguei utilmente durante todo o tempo em que o paiz esteve em estado de perturbação. »

« Quando se restituiu o socego puz em ordem todas as minhas collecções e desenhos, e enviei tudo para a Inglaterra. Sahi, em Junho de 1817, do Recife, com pouco trem e me encaminhei, por uma estrada de rodeio do lado do Sertão, para o grande Rio S. Francisco. O aspecto e as produções das partes interiores do paiz differem muitissimo das da costa. A agua naquelles aridos campos é sempre muito escassa e a excessiva secca que tinha havido, mui frequentes vezes nos expoz a grandes privações e até mesmo perigos ; algumas vezes foi o nosso unico recurso a agua achada nas fendas e depressões das rochas e esta mesmo já coriompida por vegetaes em decomposição. »

« Chegamos finalmente á aldeia ou villa de *Penedo* em principios de Agosto. Os specimens botanicos reunidos no decurso desta jornada foram numerosos e interessantes, particularmente os de plantas parasitas e cryptogamicas, as quaes, assim como os passaros, insectos, etc., eram pela maior parte novas. A secca que abrazava o Sertão tornava impossivel proseguir pela mesma estrada para *S. Salvador*, e por isto embarquei para aquella cidade em uma canôa e ali cheguei com oito dias de viagem. Encontrei na capital da *Bahia* os dous naturalistas prussianos *Sellow* e *Freyreis*, que tinham vindo, por terra, do *Rio de Janeiro* em companhia do *Principe de Neuwied* e haviam ficado na cidade por estarem um pouco adoentados e para arranjarem as suas collecções. Eu os deixei em breve e fiz quasi o gyro completo em torno da bahia, e depois parti de novo para o Sertão, onde continuei, ora aqui, ora alli, até o seguinte mez de Março, tendo durante este espaço de tempo feito immensas collecções em todos os ramos da historia natural, principalmente na ornithologia do interior,

que differe tanto em especies como em novidades, das aves que os viajantes prussianos juntaram na costa. Considerei muito mais essencial nas observações que fiz naquelle paiz, examinar a natureza no seu conjuncto, do que esmiuçar-lhe os pequenos detalhes, estudando as suas operações nos habitos e affinidades naturaes de cada classe ou tribu particular de animaes ou plantas.

A formação dos systemas e generos pertence ao naturalista quando no seu gabinete ; mas, os habitos e modos de vida que caracterisam cada ser no seu estado natural, são summamente interessantes, e a sua exacta observação conduz necessariamente a exaltar e dilatar o espirito do homem. »

Esta preocupação em attender cuidadosamente ás observações biologicas, notando todas as circumstancias relativas ao *habitat* e á vida das especies colligidas, constitúe uma das feições mais pronunciadas da obra de Swainson e contribúe para collocar-o muito acima de varios dos meros colleccionadores que então e ainda depois percorreram o nosso paiz.

Em Abril de 1818, novamente de regresso á Bahia, elle embarcou para o Rio de Janeiro, mais no designio de comparar as regiões meridionaes ás equinociaes do Brasil, do que no desejo de avolumar as suas opulentas colleções numa zona já assáz explorada.

Apezar de encontrar o verão já quasi terminado, experimentou na Côrte muito mais calor do que em Pernambuco, não obstante as differenças de latitude.

« Achavam-se então ali, prosegue Swainson, viajantes e sabios das côrtes da Austria, França, Russia e Toscana ; poucos delles, porem, haviam passado alem da provincia do Rio de Janeiro e, não sei bem porque motivo, cinco dos austriacos regressaram ao seu paiz pouco depois da minha chegada. »

« Entre estes viajantes se contava o Professor *Raddi*, Director do Museu de Florença, que era infatigavel em reunir uma bella colleção dos fructos e grãos do paiz. Em sua companhia fiz uma excursão á immensa serra chamada dos Orgãos, que está na extensão de leguas coberta de mattas quasi impenetraveis, abundando em fétos, melastomas e uns insectos que lhe são peculiares. »

O naturalista inglez é fertil em louvores ao Barão de

Langsdorf, então consul geral da Russia no Brasil, que lhe prestou o maior auxilio e as maximas attentões, facilitando-lhe transportar-se com as suas collecções á Inglaterra, onde chegou em Agosto de 1818.

A importancia destas collecções, juntas com as que já anteriormente enviára de Pernambuco e da Bahia, era verdadeiramente excepcional, não só pelo numero das especies — que elle proprio não sabia computar — como pela sua excellente conservação.

« Só de passaros, escrevia ao Professor Jameson, ha 760 specimens, e neste numero muitas especies novas e outras sumamente raras, com especialidade do genero *Trochilus*, cuja familia estou agora tratando de classificar; ha dous ou tres Tucanos novos, um Caprimulgo singular de cauda bifurcada, etc.

Os insectos sôbem a mais de 20000, e comquanto forçosamente haja muitas duplicatas, posso affirmar com segurança que constituem uma collecção mais completa do que quantas da America Meridional existem no nosso paiz. A familia *Hesperia* (de *Latreille*) só por si excede a 280 especies, e graças a um processo particular de conservação de que uzei, esta parte das minhas collecções esta em um estado tão bello como não é vulgar.

Executei igualmente desenhos e amplas descripções de quasi 120 especies de peixes, os mais delles desconhecidos, trazendo daquelles cujo tamanho o permittia, exemplares conservados em alcool.

Tenho enviado sementes de muitas plantas novas e pouco conhecidas a Kent e outros Jardins Botanicos onde já florescem.

O meu herbario, contendo obra de 1200 especies, está particularmente bem conservado, tendo as plantas sido secas por um novo processo que habilita o botanico nos climas tropicaes a seccar perto de 400 plantas em tres dias; é alem disto muito rico em especies de grammineas e outros generos pouco conhecido dos tropicos. »

Estes avultados materiaes, porem, jámais foram publicados em conjuncto, sendo apenas parte delles aproveitada pelo proprio colleccionador na confecção das obras que posterior-

mente deu á luz, como *Zoological Illustrations* (1820), *Exotic Conchology* (1821), *Naturalists Guide*, *Ornithological Drawings* (1834—41), e *Natural History and Classification of Birds* (1836) que, diz o illustre Dr. Emilio Goeldi, é um excellente tratado geral.

De interesse mais directo para o nosso paiz é sem duvida a sua magnifica e rarissima (1) iconographia *Birds of Brazil* (sem texto e sem data) constando de oitenta e tantas bellas estampas representando as especies mais caracteristicas da nossa avifauna; desta obra monumental se faz menção em todas as posteriores sobre a ornithologia brasileira, e com especialidade na—*Systematische Uebersicht der Thiere Brasiliens*, de Burmeister.

Da parte entomologica das suas colleções supponho que se servio para a elaboração da *History and Natural Arrangement of Insects*, publicada em companhia de Shuehard; e da botanica divulgou varias especies de cryptogamos Sir William Jackson Hooker, director do Jardim Botanico de Kew, no seu *Museu Exotici*.

William Swainson nunca mais voltou ao Brasil, tendo, porem, visitado depois varios outros paizes, sempre como naturalista, até que veio a fallecer na Nova-Zelandia em meados do seculo passado.

Esparsas por alguns museus da Inglaterra existem ainda partes dos seus manuscriptos e desenhos de historia natural, e ali provavelmente se encontram tambem, ineditos e ignorados, os seus diarios de viagem, itinerarios e mappas das regiões de Pernambuco e da Bahia que visitou, bem como, em delicadas aquarellas, as vistas mais pittorescas que se lhe deparraram e que tudo declara ter levado para a patria.

(1) O Dr. Emilio Goeldi nos informa que levou dez annos para adquirir esta obra, tendo pago pelo exemplar que possui cerca de 200\$0⁰⁰. — P. Lee Phillips na sua *Brazilian Bibliography* (Washington, 1901, pag. 79) cita de William Swainson uma *Selection of the birds of Brazil and M dico* (London, 1841, in 8^o) que presumimos, ser outra obra ou talvez parte dos *Ornithological Drawings* acima mencionados.

Escrevendo esta breve e incompleta noticia da actividade do operoso naturalista inglez entre nós, tivemos sobretudo em vista chamar a attenção para este ultimos materiaes, onde porventura estarão contidos informes valiosos e dignos de publicação, suspeita que comnôscos folgarão em vêr confirmada todos os amadores das cousas patrias.

Alfredo de Carvalho



Descripção de Pernambuco

EM

1746



INTRODUCCÃO. — No riquissimo Archivo da Torre do Tombo, em Lisbôa, se conserva um volumoso manuscrito, de letra dos meados do seculo XVIII, intitulado — *Descripção de Pernambuco com parte da sua historia e legislação até o Governo de D. Marcos de Noronha, em 1746: e mais alguns documentos até 1758.*

Este codice precioso, pela somma de informações que encerra, parece ter sido organizado no proposito especial de servir de livro de consulta aos governadores, ministrando-lhes com facilidade quaesquer esclarecimentos sobre os varios ramos da administração colonial, que doutra sorte fôra mistér respigar laboriosamente em meio do immenso accervo das correspondencias officiaes, naquelles tempos diffusas e minuciosas em extremo.

De facto constituem e grosso do volume centenaes de cartas e ordens régias, provisões, alvarás e regimentos relativos a toda a casta de negocios publicos, regulando-os nas suas par-

ticularidades minimas e quasi nada deixando ao alvitre dos delegados do soberano.

De permeio a estes documentos se encontram, porem, numerosos dados geographicos e estatisticos, de manifesta procedencia official, que debalde se buscaria alhures, e cuja importancia — como elementos, talvez unicos, para o estudo daquellas sciencias com applicação ao nosso Estado, numa epoca de que escasseiam noticias a respeito — não pôde ser assaz enca-recida. Na impossibilidade de publicar todo o manuscrito, cujo autor é ignorado, deliberamos dar á luz, nas paginas seguintes, os trechos que offerecem interesse mais directo e utilidade maior, extrahidos da copia authentica do precioso inedito mandada executar, em 1845, pela Presidencia desta então Provincia.

N. da R.

§ 1.º — RELLAÇÃO (1) DOS RIOS QUE FAZEM BARRA NESTA COSTA DE PERNAMBUCO AO NORTE DO CABO DE S. AGOSTINHO.

Duas legoas ao Norte do Cabo de S. Agostinho em o logar da Janguada fazem Barra os Rios Juriçaca, Pirapama, Jaboatão ou Jarapoatá; em o Jurisaca entra o Petimbú.

No Pirapama entra o Gorjahu, e no Gorjahu o Gorjahu de baixo e o Gorjahu de cima; no Jarapoatá entra pela parte do Sul o Muguaype, o Suaçunna, e no Suaçunna o Manguaré, e pela p.^{ta} do Norte entra no Jaboatão o Unna.

Segue-se o Tigipáo que dizagoa junto com o Rio de S. João em Acainboa da Barreta.

Segue-se o Capibaribe em que entra pela parte do Norte o Moribara, e Tapicurá, e neste o Apepé, e o Iuné; entra mais no Capibaribe o Goytá e no Goytá o Rio Pillão e o Salgado. E pela parte do Sul entra no Capibaribe o Camuly ou Camorim, o Rio de S. Lourenço e de S. Bento, o Muleire (?) e o Iaturecay, o Cutinguiba que he a agoa falça, e o Tatiuba.

Segue-se o Beberibe.

(1) Foi escrupulosamente observada a orthographia do original.

Segue-se o Rio doce em que entra o Mirucyra, e o Paratiji, ou Paratibe.

Segue-se o pequeno Rio Pernambuco q. deo nome a toda a Cappitania.

Segue-se o Jaguaribe.

Segue-se o Inhamaá.

Segue-se o Taceboca, e a este o Iguarassú em que entra pela parte do Norte o Menicuara, o Manjope, ou Iguarassú Lenga, ou Rio de S. Pedro, e pela parte do Sul o Tabatinga, o Taipú, o Taepe, e o agoa preta, e o agoa branca, e Iguarassú Pitanga.

Segue-se o Curubú.

Segue-se o Arari, ou Araripe em que entra pela parte do Sul o Tapeporucu, o Vioim, o Iguarassú tinga, o Mucupe, e neste o Upupecú, e o Iuparitiba ; e no Araripe da parte do Sul, o Tupupiré, e no Tupupiré entra o Paetinga, e o Taytiotay, e o Aratubie : entra mais da parte do Norte no Araripe o Ipetúnga, o Maciápe, e o Pianguy.

Segue-se o Tapireme em que entra da parte do Norte o Iobi e o Agoafria.

Segue-se o Ipaperoca defronte da ponta do Sul da Ilha de Itamaracá, e ali fazem juntos Barra o Cararai, o Inhacipopuco o Tincapoba, e o Maçaranduba.

Segue-se o Tohitinga.

Segue-se o Capibaribe Merim na Barra do qual da parte do Norte dezagoa tãobem os dois pequenos Riachos o Agua grande e o Agoa mirim. Pela parte do Sul do Capibaribe Merim entra o Caracundaya ou Tracunhaem, e no Tracunhaem entra o Bijari, o Ibitára Inhandi, o Garuru, o Carai, todos pela parte do Sul, e pela parte do Norte entrão no Tracunhaem o Itapocirica Guaçai, o Murupetiji : entra mais pela parte do Sul no Capibaribe Merim o Ceriji, e pela parte do Sul entra o Jacaré, e neste o Goyanna, e o Iuquipitanga, digo o Iuquipitanga.

Segue-se o Itacoara.

Segue-se o Petimbu.

Segue-se o Abiay que nasce de huma Lagoa em que desaguão o Uratanguy, o Pepoca, e neste o Cupissurá, o Taberobi, e o Camessary mirim, entra mais na Lagoa do Abiay o Cu-

bauna, e neste o Iguarema, e o Carapoi, entra tãobem o Inhumá e o Parezú merim.

Segue-se o Icabú.

Segue-se o Guray.

Segue-se o Gramame, entra neste pela parte do Sul o Jaccoca, e pelo poente o Paranonbababa, ou Mombabe.

Segue-se o Paritiji.

Segue-se Iaguare.

Segue-se o Parahiba, entra neste pela parte do Norte o Rio dos Marcos, e neste o Tambiá ; entra mais no Parahiba o Rio do Barreiras, e neste os Rios do Portinho do Itabura, o da Garça, o Buraco de S. Thiago, e o Paragoeira, e o Tebery, entra mais o Rio Abay e Camuragoiay, e o Itepoá : pela parte do Sul entra no Parahiba o Curai ou Rio de N. Senhora da Guia, o Iajerabe em que entraõ o Itinga, o Iacoripe, e o Ape-rara : entraõ no Parahiba, o Iguaraguey, o Inhobim, o Pararibe e neste o Itanhey, e o Iune.

Segue-se o Arabá que faz barra com o Potiguassú.

Segue-se o Nambiriri, ou Meriri, e neste entraõ pela parte do Norte o Tabupeba, e o Iiapué.

Segue-se o Maranguapé : neste pela parte do Sul entra o Ibeterabá, o Caruabuume e o Guaratabi, Rio das Pedras. Pela parte de Oeste entra no Maranguapé o Tatuinembuco e o Arataji. E no Arataji entra pela parte do Sul o Caramiby, o Cibambi, o Ititirapua, o Gouto, o Uvarséssutim, o Caraguatá ; pela parte do Norte entra no Arataji o Canafistolla, o Maracujá, o Magafinsberg, o Cristal berg, o Piramide de berg, o Itacuarassú, o Rio dos Tapuias, e outros nove Regatinhos sem nome. Entra pela parte do Norte no Maranguape o Rio dos Padres de S. Bento ou Nonay, o Coandi, o Itaperica, e neste o Umaripitanga : neste os Rios de S. Pedro e São Paulo ; entra mais no Maranguape o Tarapuima vitii, ou Rio da Priguiça, o Paragua, e o Urupema, e neste o Tuiarugueru guaba.

Segue-se o Tambacaroro.

Segue-se o Camaratuba, neste entraõ da parte do Sul o Itauna, o Obete, o Piaguassú, o Ipiranga, o Urubutiva, o Tambary, o Capiituguaba ; e da parte do Sul entra o Upitanga, e deste o Cabai Utimbauna Pardigoura ; segue-se o Guagis,

neste entra pela parte do Sul o Iiriuna, que he o Rio chamado dos Marcos onde se divide a Cappitania da Parahiba da do Rio Grande. Entra mais no Guagis pela parte no Norte o Aratangi, e o Petiguassú.

Segue-se o Cunhaú, neste entra pela parte do Sul o Curematari, e neste o Guaratiba e o Curemamiri, entra mais o Cuandi, o Rio Grande de Sta. Luzia, e o Rio pequeno tãobem de Sta. Luzia.

Entra no Curemetai o Miapis e Upirari, o Utiipe, o Tambuatapuruá e o Caraguata canga.

Entra mais no Cunhaú pela parte do Norte o Piquiri, o Araré, e neste o Mussenagussu.

Segue-se o Subauna em que entra o Ipitinga, o Icatu, e o Agua pibiba, ou Rio dos Mortos.

Segue-se o Tariri, que procede da Lagoa do Mipibu, nesta dezagua a Lagoa dos Guirairas : na Lagoa dos Guirairas, que fica ao Sul do Tariri, o Urubua. Entra mais na Lagoa de Mipibú, o Goianinha, o Uricará, e o Urubuapiri, e o Paraguassú : desagoa mais no Tariri, o Uvipagui, o Iacoacodrá digo Iaguacodrá, e o Atitari. Desagoa no Lago do Mipibú o Tapuama, o Bumbum buabe e o Agoa pitiba. Desagoa mais no Tariri o Pissica.

Segue-se o Pirangy, neste fazem Barra pela parte do Sul o Pium, pela do Este o Cajupiranga, pela do Norte o Pitimbú.

Segue-se o Rio Grande ; neste fazem Barra pela parte do Norte o Tçurú donde bebe o Povo da Cid.º do Natal, o Cunhacimá que entra perto do logar que lhe chamão as quintas, o Iguaraguri que entra no logar do Ferreiro Tôrto, o Iundiá em que entrão o Cotinguiba ou Caité, e o Itaguatiba. Pela parte do Sul entra o Gagerú no Rio Grande, o Iaguari que he o Rio que corre perto do logar chamado Aldeia Velha, o Guajá, o Putigi, neste entrão o Iaraguá, o Cuandi, e o Uttinga, entra tãobem no Rio Grande o Ururuassú.

§ 2.º — RELLAÇÃO DOS RIOS QUE REGÃO O PAIZ DA CAPITANIA DE PERNAMBUCO DE STO. AGOSTINHO PARA O SUL.

Ao pé da Fortaleza de Nazaret, em fucinho do Cabo de Sto. Agostinho entra o Rio dos Alguduaes, depois de haver recebido as aguas do Tabatinga, a este Rio Alguduaes chamarão os Holandezes o Rio Carangueijo, o qual na Barra se ajunta com o Pindarama, e hum braço do Rio Ipojuca. Este Rio de Ipojuca tem a sua origem em os Certoens do Ararobá, mais de sessenta legoas distante da sua boca ; o qual copioso das aguas de muitos Riachos chega copiozo ao mar dividido em dois braços, hum dos quaes, como já disse, faz barra na de Nazareth, e outro em Maracaípe, ao Sul do Porto de Galinhas; entre os Rios que entrão no de Ipojuca, são mais nomeados o Iaquicipitanga, o Maranhão, e o Rio Leitão os quaes fazem nelle Barra pela parte do Norte ; e pela parte do Sul entra o Caragussú.

Segue-se o Rio de Sirinhaem, que faz Barra no mar meia legoa distante ao Sul da Ilha de Santo Aleixo ; entra no Sirinhaem pela parte do Norte o Cibiró, e no Cibiró entra o Arassangi. Entra mais no Sirinhaem pela parte do Norte o Tapicuru, e o Camaragibe ou Camoripim, e o Iusiru, e outros tres pequenos Regatos.

Ao Sul de Sirinhaem faz Barra na Costa o Rio Formoso, e neste entra pela parte do Sul o Araquindá.

Ao Sul do Rio Formoso entra no mar o Rio Mambucaba.

Ao Sul do Mambucaba faz Barra na Costa o Rio das Ilhotas, por outr o nome o Itaguassutiba, no qual desagua o Riacho de S. Gonçalo.

Ao Sul do Itaguassutiba, ou Rio das Ilhotas, faz Barra na Costa o Unna.

Ao Sul do Unna o Parassununga, e neste entre o Tituboteba pela parte do Norte, e pela parte do Sul o Maciagussú, e no Maciagussú o Rio Taiiba.

Ao Sul do Parassununga entra no mar o Rio dos Páos, por outro nome o Ojebir, e neste o Matiagussú.

Ao Sul do Ojebir, ou Rio dos Páos, entra no Mar o Maraguiji, e neste desagoa o Rio de João Barboza.

Ao Sul do Maraguiji entra na Costa o Rio de S. Bento.

Ao Rio de S. Bento segue-se o Iaparatus, em que entrão pela parte do Norte, o Itinga, e o Guatayi, ambos pequenos Regatos.

Ao Iapiratus se segue o Rio Manguaba, que entra no Mar em o Porto de Pedras; neste Manguaba entra pela parte do Norte o Urupema, e no Urupema o Cubuay; entra mais no Manguaba o Tapamondé, e no Tapamondé entra o Curubaca, o Rio da Povoação do Porto Calvo, o Rio da agua pitiba, e o Mocabita.

Ao Rio Manguaba se segue o Tatuamunha.

Ao Tatuamunha o Rio de S. Miguel das mijadellas, e outros tres pequenos, e sem nome.

A estes se segue o Camaragibe, e neste entrão o Camorim, e o Hacaratinga.

Ao Sul do Camaragibe se segue o Rio de Sto. Antonio Grande, por outro nome Guaraguassú, em que entrão da parte do Norte o Agua fria, e da parte do Sul entra nelle o Itatuba, e no Itatuba entrão o Caipiranga. Entra em o Rio Guaraguassú pela parte do Sul o Guaratingapri, ou o Rio Castanha, e neste Rio Castanha entrão o Arnirigi, e o Tapamondé, a cujas margens estavam os Mucambos dos negros dos Palmares.

Ao Guaraguassú segue-se o Sapucahy, por outro nome o Rio dos frades.

Ao Sapucahy segue-se o Parapucyra, em que entra o Cargatuba.

Ao Parapucyra segue-se o Cabussú.

Ao Rio do Cabussú segue-se o Rio da Pioca.

Ao Rio da Pioca segue-se o de Sto. Antonio merim, por outro nome Guamerim, e neste o Rio de Santo Antonio merim entra pela parte do Sul hum pequeno Regato.

Ao Sul do Rio de Sto. Antonio merim segue-se o Paratiji, o qual resulta das aguas de dois Riachos, hum da parte do Norte, outro do Sul; o do Norte se chama Paratiguassú, e o do Sul Paratijimirim.

Ao Sul do Paratiji segue-se o Rio dôce.

Ao Sul do Rio dôce segue-se a Barra das Alagoas do

Norte, e Sul, que ambas se juntão em uma só Barra; na Alagoa do Norte faz Barra o Rio chamado Carapato, e o Rio Mandahy, o qual dá o nome á Alagoa do Norte, que tãobem se chamma Mandahy, e no Rio Mandahy faz Barra o Rio Potiguassútiba.

Na Alagoa do Sul entra o Rio Parahiba, e o Rio Cubauna, e no Rio Cubauna entra o Itinga; entra mais na dita Alagoa defronte da Ilha d'os pórcos o Rio de Pero Cabreyro.

A' Barra das Alagoas segue-se o Rio Miguahy.

Ao Sul do Rio Miguahy segue-se a Barra da Alagoa de S. Miguel, ou Rio Cenembi; nesta Alagoa de S. Miguel, ou Rio Cenembi, entrão pela parte do Norte o Guaratinga e o Iguapé, o Cupava, e o Taibu meirim, e o Potimerim. Entra mais no Zenembi o Rio Zambu, o Tagua, o Miguru, e o Tabatinga.

A' Barra do Zenembi, segue-se a Barra do Iequeguauçu, neste entra o Urubutinga, e o Iaquia, e no Jaquia o Cabota.

Ao Iequiaguassú segue-se a Barra da Alagoa Dóce, a esta Barra do Cururui ou Cururuy segue-se a Barra do Rio S. Fran.^o

He o Rio de S. Francisco a extrema desta Capitania de Pernambuco pela parte do Sul: entra nelle pela parte do Norte os seguintes Rios da Jurisdicção todos de Pernambuco, o Tairim, o Pianguí, o Parucabu, o Piacica, o Iatuba, o Rio de Manoel Rabello, o Ipetinga, o Moxotó, o Riacho da Brizida, o Jacaré, o Pontal, o Rio Grande, e neste o Rio branco, o Rio preto, o Rio pardo, e o Rio de Janeiro: entra mais no Rio de S. Francisco o Correntes, o Pichaim e o Carunhanha, que mais de trezentas e sincoenta legoas da Costa são extrema do Governo de Pernambuco com o das Minas, alem de outros muitos Riachos que só correm em tempo de Inverno, com cujas aguas soberba o Rio de S. Francisco, mais parecendo mar que Rio.

§ 3. — QUALIDADES DE PESSOAS DE QUE SE
COMPOEM O PAIZ

Branços — *Pretos* — *Mullatos* — que são filhos de brancos com negras.

Carijoz, que são filhos de Indio com negra, que também chamão *Mestissos*.

Mamallucos, que são filhos de India com brancos.

Tapuyas são os naturaes da terra, que vivem no Certão, e não fallão huma lingua Geral, senão cada nação a sua particular.

Cabocollos são os que morão na Costa, e fallão a lingua Geral.

A estes naturaes he commum o nome de *Indios*, tanto aos que vivem na Costa, como no Certão.

Curibocas são filhos de Mullato com negra, e também dão o mesmo nome aos filhos de Mamallucos com negra, e no Certão chamão a estes *Sulla atraz*.

§ 4. — RELLAÇÃO DAS ALDEIAS QUE HA NO DISTRICTO
DESTE GOVERNO DE PERNAMBUCO E CAPPITANIA DA
PARAHIBA, SUGEITA Á JUNTA DAS MISSEENS DESTE
BISPADO.

V.ª do Recife : — Aldeia de N.ª S.ª da Escada, cita na freguezia da Ipojuca, he de Caboucollos de lingua Geral, e o seu Missionario Religioso da Congregaçãõ de São Fellyppe Nery.

V.ª de Iguarassú : — Aldeia do Limoeiro, cita na freguezia de S.ª Ant.ª de Tracuhaem, he de Caboucollos da lingua Geral, e o seu Missionario Religioso da Congregaçãõ de São Fellyppe Nery.

V.ª de Goianna : — Aldeia da Aratagui, cita na freguezia de Taquara, junto ao Rio chamado Popoca, invocaçãõ de Nossa Senhora da Assumpçãõ, he de Caboucollos da lingua geral, e o Missionario Religioso da Congregaçãõ de São Fellyppe Nery. — Aldeia do Cyri, cita ao pé do Rio assim chamado, na freguezia de São Lourenço de Tijicupapo, invocaçãõ de S. Miguel, he de Caboucollos de lingua Geral e o seu Missionario Religioso do Carmo da observancia.

Cappitania da Parahiba, districto da Cidade: — Aldeia de Iacóca, invocação de Nossa Senr.^a da Conceição, he de Caboucollos de lingoa Geral, e o seu Missionario Religioso de S. Bento. — Aldeia da Utinga, invocação de Nossa Senhora de Nazaré, he de Caboucollos da lingoa Geral, e o seu Missionario Religioso de S. Bento.

Mamanguapa: — Aldeia da Bahia da Traição, invocação de S. Miguel, he de Indios Caboucollos de lingoa Geral, e o Missionario Religioso do Carmo da Reforma. — Aldeia da perguica, invocação de N.^a Sr.^a dos Prazeres, he de Caboucollos da lingoa Geral, e o Missionario Religioso do Carmo da Reforma. — Aldeia da Bôa Vista, invocação de Santa Thereza e Sto. Antonio, he de Tapuios, Nassão Canandéz, e Sucurúz, e o Missionario Relegiozo de Sta. Thereza.

Taypu: — Aldeia dos Cariris, invocação de Nossa Senhora do Pillar, he de Tapuios, e o Missionario Relegiozo Capuchinho.

Kariri: — Aldeia da Campina Grande, invocação de S. João, he de Tapuios Nassão Caucheentis, e o Missionario Sacerdote do habito de S. Pedro. — Aldeia do Brejo, invocação de Nossa Senhora da Conceição, he de Tapuios Fagundes, o Missionario Religioso Capuchinho.

Piancó: — Aldeia do Panety, invocação de S. Joze, he de Tapuios, e o Missionario Relegiozo de Sta. Thereza. — Aldeia de Corome, invocação de N.^a Sr.^a do Rozario, he de Tapuios, e o Missionario Relegiozo da Comp.^a

Piranhas: — Aldeia da Pega, he de Tapuios, e está sem Missionario.

Rio de Peixe: — Aldeia do Icó pequeno, he de Tapuios, taõbem está sem Missionario.

Capp. do Rio Grande: — Aldeia do Guajarú, invocação de S. Miguel, he de Indios Caboucollos da lingoa Geral, e Tapuios de Nação Payacús, e o Missionario he Padre da Comp.^a de Iezus. — Aldeia do a Pody, invocação de S. João Baptista, he de Tapuios de Nação Payacús, e o Missionario Relegiozo de Sta. Thereza. — Aldeia do Mipibú, invocação de S. Anna, he de Caboucollos de lingoa Geral, e o seu Missionario Relegiozo Capuchinho. — Aldeia das Gurayrás, invocação de S. João Baptista, he de Caboucollos de lingoa Geral,

e o Missionario Relegiozo da Comp.^a de Jezus. — Aldeia de Gramació, invocação de Nossa Senhora do Carmo, he de Indios Caboucollos de lingua Geral, e o Missionario Relegiozo do Carmo da Reforma.

Cappitania do Ciará Grande: — Aldeia da Serra de Hyopéba, cita em cima da d.^a Serra, districto da Ribeira de Acaracú, invocação de N.^a Sr.^a da Conceição, o seu Missionario he Relegiozo da Comp.^a de Iezus, tem quatro Naçoens, a primeira e principal de Caboucollos da lingua Geral, chamados Tabuparas, e as tres de Tapuios chamacos Acarássus, Irassú, e Anasis. — Aldeia dos Trambés, cita á beira do Mar do districto da mesma Ribeira de Acaracú, invocação de Nossa Snr.^a da Conceição, de que he Missionario hum Sacerdote do habito de São Pedro, tem sómente huma Nação de Tapuios chamados Trambús. — Aldeia da Caucaya, cita no districto da Villa da Fortaleza, Ribeira do Ciará, invocação de N.^a Snr.^a dos Prazeres, o seu Missionario he Relegiozo da Comp.^a de Iezus, tem huma Nação som.^{to} de Caboucollos de lingua Geral. — Aldeia da Porangaba, cita no districto da mesma Villa e Ribeira. Invocação do Snr. Bom. Iezus, o seu Missionario he Relegiozo da Comp.^a de Iezus, tem duas Naçoens, huma de Caboucollos de lingua Geral, e outra de Tapuios Anacéz. — Aldeia de Paupine, cita no districto da mesma Villa, invocação de N.^a Sr.^a da Conceição, o seu Missionario he Relegiozo da Comp.^a de Iezus, tem huma Nação de Caboucollos de lingua Geral. — Aldeia de Payacú, cita no districto da Villa de Aquirás, invocação de N.^a Snr.^a da Conceição, o seu Missionario he Relegiozo da Comp.^a de Iezus, tem huma só Nação de Tapuios Payacús. — Aldeia da Palma cita na Ribeira de quicheré mutim, termo da Villa de Aquirás, invocação de N.^a Sr.^a da Palma, o seu Missionario he Sacerdote do habito de S. Pedro, tem duas Naçoens de Tapuios Canindés e Genipápos. — Aldeia da Telha, cita na Ribeira do quichelou, districto da Villa de Icó, invocação de Sta. Anna, o seu Missionario he Sacerdote do habito de S. Pedro, tem cinco Naçoens de Tapuios quichelés, quichexéu, Iucá, Ondadú, e Caricú. — Aldeia de Miranda, cita nos Cariris novos, districto da Villa de Icó, invocação de N.^a Sr.^a da Penha de França, o seu Missionario he Capuchinho, tem cinco

Naçoens de Tapuios, quichereú, Careú, Carveanê, Calabaça, e Icozinho.

V. de Sireinhaem : — Aldeia de Unne, cita na freg.^a de Unne, invocação de S. Miguel, o seu Missionario he Relegiozo do Carmo da observancia, e os Indios são Caboucollos da lingua Geral.

V. das Alagoas : — Aldeia de Sto. Amaro, que he a sua invocação, e o seu Missionario Relegiozo Franciscano, os Indios são Caboucollos da lingua Geral. — Aldeia da pramelleira, cita no districto do Palmar, invocação de N.^a Sra. das Brotes, o Missionario he Sacerdote do habito de S. Pedro, Cappellão de Palmar, tem duas Naçoens de Tapuios, Cariris e Uruús. — Aldeia do Uruvé, cita na freg.^a da Lagoa do Norte, invocação de N.^a Snr.^a da Conceição, não tem Missionario, he de Caboucollos de lingua Geral.

Villa do Penedo : — Aldeia de São Braz, invocação de N.^a Sr.^a do O', o Missionario he Relegiozo da Camp.^a de Jezus, tem duas Naçoens de Caboucollos da lingua Geral de Naçoens Ceriris, e pragéz. — Aldeia da Alagoa Cumprida, invocação de São Sebastião, não tem Missionario, e tem uma só Nação de Indios Carapotiás. — Aldeia do pão de Assucar, invocação de N.^a Snr.^a da Conceição, o Missionario he Sacerdote do habito de São Pedro, tem huma Nação de Caboucollos da lingua Geral chamados chocós. — Aldeia da Alagoa da Serra do Comonaty, invocação de N.^a Snr.^a da Conceição, o Missionario he Sacerdote do habito de São Pedro, tem huma Nação de Caboucollos da lingua Geral chamados Carnijós.

Freg.^a do Araroba : — Aldeia do Araroba, o Missionario he Relegiozo de São Fellippe Nery, tem huma Nação de Tapuios chucurús com seiscentas e quarenta pessoas. — Aldeia dos Carnijós, cita na Ribeira de Panema, logar da Lagoa, o seu Missionario he Sacerdote do habito de São Pedro, tem huma Nação de Tapuios chamados..... e 323 pessoas. — Aldeia do Macaco, não tem Missionario, e o que teve hera Sacerdote do habito de São Pedro, tem huma Nação de Tapuios Parapicóz, e cento e oitenta e duas pessôas.

Freg.^a de N.^a Sr.^a da Conceição de Rodellas : — Aldeia da Missão nova de São Francisco do Brejo, cita na Ribeira do Pajáu, o Missionario he Relegiozo Franciscano, tem varias

Naçoens de Tapuios. — Aldeia de N.ª Sr.ª do O', cita na Ilha do Sorobabê, o Missionario he Relegiozo Franciscano, tem duas Naçoens de Tapuios, Porús, e Brancararús. — Aldeia de N.ª Sr.ª de Bellem, cita na Ilha de Acará, o Missionario he Capuchinho Italiano, tem duas Naçoens de Tapuios, Poriás e Brancararús. — Aldeia do Beato Sarafim, cita na Ilha da Varge, o Missionario he Capuchinho Italiano, tem duas Naçoens de Tapuios, Poriás e Brancararús. — Aldeia de N.ª Sr.ª da Conceição, cita na Ilha do Pambú, o seu Missionario he Capuchinho Italiano, tem huma Nação de Tapuios Cariris. — Aldeia de São Francisco, cita na Ilha de Aracapú, o Missionario he Capuchinho Italiano, tem uma Nação de Tapuios Cariris. — Aldeia de S. Felix, cita na Ilha do Cavello, o Missionario he Relegiozo Capuchinho Italiano, tem uma Nação de Tapuios Cariris. — Aldeia de Sto. Antonio, cita na Ilha de Irapuá, o Missionario he Relegiozo Capuchinho Italiano, tem huma Nação de Tapuios Cariris. — Aldeia de N.ª Sr.ª da Piedade, cita na Ilha do Inhanum, o Missionario he Relegiozo Franciscano, tem huma Nação de Tapuios Ciriris. — Aldeia de N.ª Sr.ª do Pillar, cita na Ilha de Coripós, o Missionario he Relegiozo Franciscano, tem huma Nação de Tapuios Coripós. — Aldeia de N.ª Sr.ª dos Remedios, cita na Ilha do Pontal, o Missionario he Relegiozo Franciscano, tem huma Nação de Tapuios Tamaquicis (?). — Aldeia do Sr. Sto. Christo cita no Araripe, o Missionario he Relegiozo Capuchinho Italiano, tem huma Nação de Tapuios Ichús.

Rio Grande do Sul : — Aldeia de Aricubá, o Missionario he Relegiozo Franciscano da Bahia, invocação de N.ª Sr.ª da Conceição, tem huma Nação de Caboucollos Aricobês de lingua Geral.

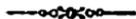
(*Continúa.*)



O ZOOBIBLION

DE

Zacharias Wagner



Uma das feições mais rasgadas da personalidade tão original de Mauricio de Nassau, foi evidentemente o seu grande amor á natureza e ás bellas artes, manifesto nos estudos sobre historia natural e nas pinturas que fez executar.

Quando, em 1637, o joven Conde, movido pelos rogos dos Directores da Companhia das Indias Occidentaes, veio assumir o Governo do Brasil Hollandez, na « comitiva mais espirituál do que bellicosa » com que desembarcou no Recife, no seu dizer *pays des plus beaux du monde*, já se contava o pintor *Frans Post*, mais tarde autor das primorosas estampas que exornam o latinissimo panegyrico consagrado por *Barlaeus* á administração do príncipe em terras americanas.

Os originaes destes desenhos se conservam no Museu Britannico (*Bibliotheca Sloaniana*, n. 5221) ; mas, com relação ao local em que presentemente são guardados innumerous outros contemporaneamente delincados, faltam noticias.

Pelo proprio testemunho de Nassau sabemos que, durante o tempo da sua estada em Pernambuco, elle teve ao seu serviço

seis pintores ; os seus nomes, porem, e o actual paradeiro de quasi todas as suas obras é hoje difficil de averiguar.

José Hygino não logrou descobrir no Museu do Louvre os *quarenta quadros* offertados, em 1679, por Mauricio a Luiz XIV, e que ali estiveram expostos na *Sala da Comedia*. Assim tambem se ignora onde param os *dezeses quadros* vendidos, em 1652, ao Eleitor Frederico Guilherme de Brandenburgo ; na opinião de Driesen os nove menores são os mesmos existentes, desde 1690, no Museu de Frederiksborg, na Dinamarca, assignados por *A. Eckhout* e datados de *Brazil, 1641 e 1643* (1); do mesmo artista, que se não deve confundir com *Gerbrundt van den Eckhout*, famoso discipulo de *Rembrandt*, são provavelmente as sete formosas aquarellas, representando indigenas e scenarios pernambucanos, do codice n. 5253 da *Bibliotheca Sloaniana*.

A Bibliotheca Real de Berlim orgulha-se de possuir entre os seus thesouros pictographicos uma inapreciavel collecção de 1460 estampas, principalmente de assumptos de historia natural e ethnographia, reunidas, em 1661—1664, pelo medico *Christian Menzel* em quatro grandes volumes in-folio com o titulo de *Theatrum rerum naturalium Brasiliae* ; os desenhos que a constituem, bem como os de outra collecção menor, em dous volumes, conhecida por —*Livro do Principe*, annotada pelo proprio punho de Mauricio e tambem conservada na mesma Bibliotheca, são geralmente attribuidos ao naturalista e cosmographo *Georg Markgraf*, de Liebstad.

Nos Museus de Praga e de Hamburgo consta vagamente existirem quadros e desenhos semelhantes, e, não ha muito, um erudito saxonio, o Dr. *Paul Emil Richter*, arrancou do olvido em que jazia no Real Gabinete de Estampas de Dresden e divulgou a autobiographia e a descripção da obra artistica, completamente desconhecida, de *Zacharias Wagne*r, decerto um

(1) O Instituto Historico e Geographico Brasileiro possui copias a oleo de varios destes quadros feitas, em 1877, por N. A. LYTZEN, de Copenhague. Os originaes, já citados por A. VON HUMBOLDT, no *Kosmos* (Vol. II, pag. 85), foram analysados pelo Dr. K. E. BARNSON, no *Internat. Archiv. fuer Ethnographie* (Vol. II, pp. 221 e seguintes com 1 Estampa).

dos seis pintores que estiveram no Brasil ao serviço de Nassau. Valendo-me exclusivamente do substancioso artigo publicado no *Memorial do 25º Anniversario da Sociedade Geographica de Dresden* (1) com copiosas annotações do editor e do Professor *Sophus Ruge*, procurarei transmittir ao leitor brasileiro o conhecimento do que de mais notavel encerram.

Tratemos primeiramente de obter uma noção precisa da individualidade do artista á vista da — *Breve descripção das viagens e funcções que, principalmente ao serviço das Companhias Holandezas das Indias Orientaes e Occidentaes, gloriosamente realisou e exerceu, por espaço de 35 annos, o fallecido Sr. Zacharias Wagner, na Europa, Asia, Africa e America, extractada do proprio diario autographo do finado.* (2)

Segundo informa o Dr. *Richter*, *Zacharias Wagner* nasceu em Dresden nos principios de 1614; aos dezenove annos de idade, refere elle proprio, deixou a cidade natal e, com permissão dos paes, dirigio-se para Amsterdam, onde permaneceu, durante um anno, empregado em casa do livreiro *Wilhelm Janson Blauen*. Impellido pelo desejo de viajar, embarcou-se a 18 de Janeiro de 1634, na grande náu de duas cobertas *Amsterdam*, na qualidade de simples soldado, afim de passar-se ao Brasil, aportando, depois duma penosa travessia de 16 semanas, ao Recife. Attenta a sua excellente calligraphia foi dentro em breve dispensado do serviço militar e nomeado escripturario da companhia do Major *Bajart*, acantonado no Forte Ernesto. Com a vinda de *Mauricio de Nassau* foi por este escolhido para o cargo de reposteiro (*Kuechen Schreiber*), que occupou emquanto se demorou no Brasil.

(1) *Festschrift zur Jubelfeier des 25 jaehrigen Bestehens des Vereins fuer Erdkunde zu Dresden.*— Dresden, A. Huhle, 1889, 8º (pp. 57—91). — Sobre *Zacharias Wagner* se encontram ainda informações no *Biographisch Woerdenboek der Nederlanden*, de A. J. van der Aa (Parte 20, pag. 21) e no *Dresner Anzeiger*, de 1887, n. 302, suppl. 4, e n. 306, suppl. 5.

(2) *Kurtze Beschreibung der 35—jaehrigen Reisen und Verrihtungen, welohe Weyland Herr Zacharias Wagner in Europa Asia, Africa und America, meistentheils zu Dienst der Ost—und West—Indianischen Compagnie in Holland, ruhmlichte gethan und abgelegt, gezogen aus das seelig gehaltenen eigenhaendigen Journal.* — M.S. do *Real Gabinete de Estampas de Dresden*.

Em 1638 acompanhou o Conde na infructifera expedição contra a Bahia, e, no anno seguinte nas viagens por terra a Porto Calvo, pelo Cabo de Santo Agostinho e Serinhain, e a Pariba, para onde se dirigiram passando por Bonovegid (1).

Depois de ter assim residido, lê-se na auto-biographia, por espaço de sete annos — quatro dos quaes nos paços de S. Exc. — nestas terras, requeri licença para voltar á patria, o que me foi graciosamente concedido por S. Exc., junto com um lisonjeiro attestado de conducta e passaporte.

Regressando á Hollanda, em começos de 1641, *Wagner* occupou-se em entregar aos destinatarios, em Haya, Delft, Rotterdam e Leyden, as encommendas, constantes de cartas, pinturas e papagaios, de que fôra incumbido pelo Conde.

As suas posteriores occupações e viagens em Java, na China e no Japão — onde exerceu elevados cargos diplomaticos — até o seu fallecimento em Amsterdam, a 1 de Outubro de 1668, no posto de Vice-Almirante, não tem para nós brasileiros interesse immediato.

Não assim a sua importante obra artistica.

Juntamente com o manuscripto a que vimos de alludir, o Dr. *Richter* encontrou um volume, in-folio oblongo, diffusamente intitulado — *Zoobiblion* (2) *no qual se contem muitas differentes especies de peixes, passaros, quadrupedes, vermes, fructas e raizes que se encontram e observam na terra do Brasil, sujeita ao dominio da Companhia das Indias Occidentaes, e por isso extranhas e desconhecidas na Allemanha. Re-*

(1) Os annotadores allemães pretenderam que a localidade assim designada fôsse a actual cidade de Bonito, o que é inadmissivel; mas, o nome se acha tão desfigurado que torna difficilima a sua identificação; contudo, quer me parecer tratar-se da casa de recreio denominada Boa-Vista, de onde provavelmente Mauricio partio para a sua excursão ao Norte dos dominios hollandezes.

(2) Julguei dever cunhar este neologismo para reproduzir com exactidão o significado do vocabulo original. OLIVEIRA LIMA o traduzio alhures por *Zoologia*, e CAPISTRANO DE ABREU propoz como equivalente o termo medieval — *bestiario*, que aliás servia especialmente para designar certas composições literarias em que se moralisava, descrevendo os habitos e qualidades dos animaes ou contando fabulas de animaes, como por exemplo, no celebre *Roman du Renard*. — *Zoobiblion*, como *Thierbuch*, significa literalmente — *Livro de Animaes*.

presentadas com a maxima exactidão, com as suas côres naturaes, nomes proprios e breves descripções marginaes. Tudo desenhado vistosamente para gaudio e satisfação dos espiritos curiosos, no Brasil, sob o Louvabilissimo Governo do Muito Nobre Senhor João Mauricio, Conde de Nassau, etc., Governador e Almirante General, por Zacharias Wagner, de Dresden. (1)

Consta o precioso codice de 109 folhas de desenhos coloridos de plantas, animaes e indigenas do Brasil, que *Wagner* representou muito artistica e conscienciosamente e descreveu tão bem quanto lh'o permittiam — como elle mesmo confessa — os seus mediocres conhecimentos. Havia lido muito sobre a maravilhosa natureza brasileira, mas não encontrára representações graphicas correspondentes; isto o determinou, a sna suas horas de lazer, desenhar e pintar tudo o que os indigenas lhe traziam ou elle observava, «afim de que tambem podêsse apresentar aos seus compatriotas (caso por graça do Omnipotente regressasse ao meio delles) alguma cousa de novo e de admiravel.»

Conscio da sua applicação escreveu no prefacio o seguinte sobre a sua obra: «Si agora alguem quizer, a proposito deste modesto trabalho, proclamar o seu superior juizo e apurado senso artistico, notando que isto ou aquillo está representado maior ou menor, mais comprido ou mais largo, do que devia ser, e de qualquer forma delineado sem o primor exigido pelas regras da pintura, a este tenho a dizer que os caminhos por mim percorridos, com risco de vida, lhe estam igualmente abertos e que facil será ali contemplar os originaes e refazer semelhante trabalho, para o qual deixo desbravado o campo,

(1) Thier Buch Darinnen viel unterschiedene Arter der Fischer voelgel, vierfuessigen Thiere, Gewuerm, Erd- und Baumfruechte, so hin undt wieder in Brasilianischen bezirck, undt gebiethe Der Westindischen Compagnie zu schauwen undt anzutreffen, undt daher in den Teutschen Landen fremde undt unbekandt. Auff's genauweste mit seinen Natuerlichen Farben, samt behoerlichen Nahmen, wie auch kurtzer ontengesetzter beschreibung, Abgebiidet sindt. Alles selbet angenscheinlich zu lust undt gefallen Denen sonst newbegierigen Gemuethern, bezeignet. In Brasilien Unter der hochloeblichen Regierung, des hochgebohrnen Herrn Johan Moritz, Graffen von Nassau, etc., Gubernator-Capitain undt Admiral General, von Zacharias Wagernern von Dresden. — Codice inedito do *Real Gabinete de Estampas de Dresden.*

apresentando-o aperfeiçoado pela sua melhor sabedoria.» Depois de ainda se desculpar da occurrencia de algumas expressões hollandezas, pois residira no Brasil por oito annos entre Hollandezes, termina com estas palavras: « Queira o leitor benevolo satisfazer-se com isto, e louvar a diligencia de quem, por seu amor e para seu deleite, executou o presente trabalho. »

Os desenhos dos differentes objectos, 71 especies de animaes e 20 de plantas, diz o Dr. *Richter*, são realmente duma perfeição tal que legitima o orgulho do artista; ha verdadeiramente prazer em observar como são naturaes e como as côres, passados duzentos e tantos annos, ainda se mantem inalteradas!

Não nos determos, continua o provector editor, nas 91 folhas dos reinos vegetal e animal, e limitar-nos-emos a saber como então, entre as tropas de occupação, se fallava e pensava sobre os indigenas. Encontramos na Est. 92 um *Omern Brasileiro* (1) e na Est. 93 uma *Molher Brasileira*, e a descripção de *Wagner* reza:

« As mulheres são de estatura baixa e grossa, de bonito talhe, e andam muito erectas; os seus longos cabellos negros trazem-nos habitualmente em tranças que lhes pendem por sobre o dorso nú. Deixam-se desposar aos 12, 13 e 14 annos, geram muitos filhos e alcançam idade avançada. São muito fieis aos seus maridos, e os acompanham ás guerras, carregadas com os filhos, cães, cêstos e saccoes, e supportam sem murmurar o calor, a chuva e todas as fadigas; caso chegando no campo ou em algum lugar onde pretendem pernoitar ou passar alguns dias, ali consigam obter aguardente ou outra qualquer bebida forte, tratam de compral-a em grande porção, reúnem os homens, sentam-se todos em roda ou em circulo, collocando a

(1) PAUL EHRENREICH estudou estes desenhos sob o ponto de vista ethnologico, comparando-os com os quadros do Museu de Fredericborg e as estampas do *Theatrum rerum naturalium Brasiliae*, numa excellente monographia publicada no *Globus* (Braunschweig, 1894. Vol. LXVI, pp. 81—90) com o titulo de — *Ueber einige aeltere Bildnisse suedamerikanischer Indianer*; traduzido magistralmente para o portuguez por OLIVEIRA LIMA, appareceu no *Diario Official* de 29 de Outubro e 5 de Novembro de 1900, mas, sem as illustrações do original, defeito que será em breve sanado com a sua reedição, no proximo numero desta *Revista*, acompanhada das respectivas gravuras.

aguardente no centro, e tocam a beber sem medida ; de quando em vez alguns entoam barbaras canções, até que todos se levantam e, de mãos dadas, começam a dançar ; é tal o seu gosto pela dança que passariam dias e noutes seguidas a dançar e pular sem interrupção, si por fim os não prostrasse o cansaço. E' esta tambem a maior vergonha desta pobre gente, pelo que actualmente os seus officiaes não lhes permitem mais o uzo diario de bebidas forte.

Os brasilienses são de estatura mediana, assaz membrudos de côr amarellada, cabellos negros e pouca barba. Não têm em grande conta bellos vestidos ou alfaias domesticas, ao contrario preferem sobretudo boas flechas e arcos. Vivem com muita simplicidade, e satisfazem-se perfeitamente com o que de vespera alcançaram na caça.

Os hespanhóes, depois que, ha muitos annos, se apoderaram do seu territorio, pretenderam sugeital-os igualmente ao seu dominio e jugo (como os pobres « mouros » (1), pelo que empregaram todas as violencias contra o misero povo, desnudo e sem amparo, passando muitos a fio de espada, a outros prendendo, torturando, estrangulando, queimando ou uzando ainda de outras atrocidades. Mas, apezar de tudo isto, nunca (por mais horrivel e barbaramente fossem tratados) os brasilienses se deixaram submitter e subjugar, resistindo-lhes sempre obstinadamente e mantendo, até o dia de hoje, a sua liberdade e independencia.

Actualmente contam-se delles varias companhias entre a nossa gente, bem exercitadas no manejo de mosquetes e espingardas ; nos servem muito bôamente contra os hespanhóes. porquanto ainda lhes guardam vivo rancor pelas carnificinas e deslealdades de que foram victimas.

Até o presente têm-se achado nelles soldados resolutos, firmes, bons e valerosos ; accommettem os seus inimigos com certos clamores extranhos, e conservam-se, em meio da sua pobreza e desventura, sempre alegres e bem dispostos. Estam tambem agora subordinados a varias pessoas ecclesiasticas que,

(1) Entre os antigos escriptores hollandezes e allemães era vulgar o habito de chamar de «mouros» aos pretos.

com grande esforço e trabalho, procuram afastal-os das suas ruins praticas pagans e são diariamente, nas suas povoações chamadas *Aldeias*, instruidos com muito zelo nos preceitos do christianismo.»

Sobre as suas aldeias escreveu *Wagner* junto ao desenho da Est. 101 :

« *Aldeia*. — As povoações dos brasilienses são construidas com muita ordem, e cada aldeia consta geralmente de duas extensas filas de casas de palha, tendo no centro uma igreja baixa, na qual, tres vezes por semana, se devem reunir os moradores para serem instruidos na doutrina christã, em lingua portugueza, por pessôas para este mistér nomeadas ; igualmente para cada aldeia designam os nossos um chefe, a quem reconhecem como o seu capitão e prestam obediencia. Incumbe-lhe tambem exercital-os no manejo das armas, no intuito de habilital-os a bem resistir no caso de serem inopinadamente assaltados pelo inimigo.

Em cada aldeia contam-se, entre homens, mulheres e creanças, pelo menos de 700 a 800 almas ; os homens têm que marchar enfileirados em muito bôa ordem atraz do capitão ; vem apoz as mulheres com grandes cêstos cheios de comidas e bebidas e o couce formam os meninos e velhos, cães e gatos, tudo o que pode andar ou arrastar-se, e, no entretanto, deixam a aldeia completamente erma e deserta.

Omém Tapuya. — São extraordinariamente altos, fortes e corpulentos estes homens selvagens, cobertos duma espessa pelle bruna, e uzando longos cabellos negros ; andam inteiramente nús e sabem recolher para dentro do corpo o membro viril, prendendo a parte saliente com uma pequena ligadura ; costumam adornar principalmente as cabeças e as armas, de bonitas plumas multicôres.

« E' gente realmente de todo cêga e ignorante, nada sabendo de Deus nem da sua divina palavra ; honram, servem e adoram o demonio, com quem têm grande afinidade ; perguntam-no e interrogam-no sobre todo o passado e o paradeiro dos seus velhos amigos, bem como sobre o que está para succeder, se alcançarão ou não victoria sobre os inimigos ; o que é mais ainda e se conta como verdade, é que entre elles alguns ha que trazem morcêgos pendentes das orelhas e são denomi-

nados «esconjuradores» (*Teuffelsbanner*); estes se deixam muito voluntaria e alegremente possuir e invadir pelo espirito maligno, e começam a proferir blasphemias, prophecias, mentiras e imposturas peçonhentas e sacrilegas, que, entretanto, são piamente acreditadas pelos parvos circumstantes.

Aos sete ou oito annos de idade abrem-lhes nas orelhas grandes buracos em que são collocados batoques de madeira da grossura de um dêdo, com o que buscam manifestar estarem aptos para seguir para as lutas.

Quando algum dentre elles contrae matrimonio, compete ao seu mais intimo amigo fazer-lhe uns orificios nas bochechas e nelles pôr uns pausinhos brancos e tambem outro no labio inferior em que mettem uma pedra azul. A sua lei os autorisa a tomarem quantas mulheres queiram; mas, acontecendo alguma dellas ficar doente, esteril ou velha de mais, desdenham das mais jovens, não nas procuram mais, assim como abominam toda a prostituição.

Ao seu rei, chamado Jan de Wy, prestam grande obediencia, acatando, cumprindo e temendo a sua palavra; mas, ao rei cumpre ser o primeiro na peleja, do contrario perde todo o prestigio. Os seus agudos e pesados dardos sabem lançar com extrema destreza, por meio de certas pranchêtas, á vontade para onde querem; contra o inimigo em fuga não uzam disparar os dardos agudos, mas lançam mão de pezados espaldões de madeira prêta, correm com velocidade incrível, saltam inteiramente nús por entre espinhos e cardos, lançando horren-dos brados, e accommettem assim furiosamente os contrarios, derrubam-nos, entre danças e cantares, e logo regressam da referida maneira com grandes berros para o meio dos seus, invocando immediatamente o diabo, a quem participam sem demora as peripecias do combate.

Molher Tapuya. — As mulheres tapuyas são grossas, gôrdas, de cabellos curtos, andam como os homens inteiramente desnudas, sendo, porem, mais pudicas e recatadas, porquanto apreciando o bello avental verde, por Eva desdenhado, revestem-se com elle, duma maneira especial, anterior e posteriormente, curando mais destas cintas de verdura do que de quaesquer outros bens, certo com receio de que os cégos se deixem

inflammar pelos seus grosseiros attractivos. No mais vivem entre si (como já ficou dito) peor do os irracionaes.

As suas habitações são tóscas e feias ; não permanecem por muito tempo num mesmo lugar, mas vagueiam nas immediações acima e abaixo em busca de toda a sorte de raizes extranhas, grandes cobras e muitos passaros selvagens para alimento dos seus estomagos famelicos.

Quando acontece morrer alguém entre elles, seja homem ou mulher, não sepultam o cadaver, mas cortam-no e dividem-no em muitos pedacinhos, parte dos quaes devoram crúa e parte assada, dizendo que o seu amigo fica mais bem guardado dentro do seu corpo do que no seio da terra negra. Os ossos restantes são amollecidos ao fogo, reduzidos a pó, misturado com a comida e assim ingerido. Encontram-se entre estes antropophagos cobras peçonhentas, chamadas cobra verde, e os que são por ellas mordidos morrem em pouco tempo. Os portuguezes, que conhecem estas cobras, tem como certo que todo o corpo da pessoa mordida fica impregnado do veneno da cobra ; isto, porem, não impede os tapuyos de se aproveitarem do cadaver, como acima ficou dito, dividindo-o entre si e devorando-o alegremente sem experimentarem qualquer incommodo.

O que, porem, é verdadeiramente horrivel e a muitos deve parecer abominavel, é o costume que têm de quando uma mulher pare uma criança morta, logo despedaçal-a e ir comendo-a o mais depressa possivel, sob o pretexto de que era seu filho, sahido do seu ventre, e que em parte alguma ficaria mais bem guardado do que voltando para o mesmo ; no entretanto o marido se mostra muito sentido e debilitado, recolhe-se á rêde, faz-se servir e tratar pelas mulheres e permanece assim seis, sete, oito ou mais semanas de resguardo pela mulher. »

Na Est. 103 *Wagner* dá o desenho duma dança de tapuyos e acrescenta a respeito : « Assim dançam os tapuyos, inteiramente nus e com pavorosa gritaria, em circulo durante duas ou tres horas seguidas, ao que se pôde assistir com prazer e satisfação especial, como cousa realmente admiravel. »

« *Omém Negro.* — Da Africa, dos territorios visinhos e confinantes de Guiné, Angola, Cabo Verde, Rio Congo e outros mais, são trazidos estes mouros para o Brasil ; nas men-

cionadas regiões, de que são naturaes, sustentam entre si grandes guerras, usando de espadas, escudos e longas azagaias; o que é vencido na peleja e subjugado passa a pertencer, segundo o antigo direito das gentes, ao vencedor na qualidade de escravo. Desta sorte alguns mouros chegam a possuir 30, 40, 50 e mais captivos, aos quaes obrigam a acompanhal-os nas suas expedições guerreiras, ou empregam em quaesquer trabalhos; na maioria, porem, são vendidos aos portuguezes ali residentes, e por estes novamente aos nossos, que os trazem ás centenas para o Brasil, afim de negocial-os, por alto preço, com os ricos senhores de engenhos; por estes são tratados muito miseravelmente, recebem pouco alimento e são forçados a trabalhar sem descanso nos engenhos e cannaviaes, mal lhes deixando tempo para respirar; não lhes é permittido o uzo de armas de qualquer natureza, excepto umas maças de madeira, a que chamam de « Canodzen » (?), as quaes trazem aos Domingos quando vão dançar. »

Na Est. 105 se encontra a representação de uma dança de negros de aspecto divertido, sobre a qual *Wagner* escreve : « Quando os escravos tem executado, durante a semana inteira a sua penosissima tarefa, lhes é concedido passarem o Domingo como melhor lhes apraz, de ordinario se reuñem em certos lugares e, ao som de pifanos e tambores, levam todo o dia a dançar desordenadamente entre si, homens e mulheres, crianças e velhos, em meio de frequentes libações duma bebida muito assucarada, a que chamam Grape (*garapa*) ; consomem assim o santo dia dançando sem cessar, a ponto de muitas vezes não se reconhecerem, tão surdos e ebrios ficam. »

Na Est. 106 *Wagner* nos mostra o mercado de escravos numa cidade do Brasil, que, diz o Dr. *Richter*, com as suas casas de um e dous andares, sacadas gradeadas de madeira e as insignias pendentes das portas das tavernas, lembraria antes Radeburg, Radeberg, Koenigsbrueck ou outra cidadezinha rural da Saxonia, si não vissemos os pobres negros jazendo ao redor em grupos ou isolados. (1)

(1) Muito provavelmente era a antiga *Rua dos Judeus* (hoje da Cruz), no Recife, onde ainda em principios do seculo passado tinha lugar a feira de escravos. Vide a estampa extrahida do *Journal of a*

Wagner a acompanha da seguinte explicação :

« Acima, junto á figura dum mouro da Guiné (Est. 97) narrei brevemente o modo pelo qual são aprisionados no Guiné e na Angola e vendidos aos nossos. Aqui pretendi, por meio deste mesquinho desenho, mostrar como, trazidos para o Brasil, são aqui novamente negociados.

« Sempre que succede chegar, em breve tempo, algum navio daquellas paragens aqui em Pernambuco, traz ordinariamente pelo menos uns 300 mouros, que são logo desembarcados e provisoriamente (até chegar o dia fixado para o mercado) aboletados num velho casarão. No dia determinado esta pobre gente, meia morta de fome e sede, é obrigada a arrastar-se dali, como os porcos ou carneiros á sahida do curral, sendo os escravos conduzidos um por um (afim de poderem ser mais facilmente contados) ao mercado, onde negociantes portuguezes e neerlandezes os examinam por todos os lados, verificando si são moços ou velhos, ou si padecem de escorbuto, syphilis ou outra molestia grave. Quando um dos compradores tem assim escolhido 8, 10 ou mais dentre a multidão, e os reputado sem defeitos, tem que pagar por cada peça, seja uma menina de 6 ou 7 annos ou um homem adulto, mais de 200 reaes hespanhóes, cada um dos quaes vale mais tres soldos do que um escudo do reino ; mas, si se juntam diversos para a aquisição dum lote de 40, 50 ou 100, que depois tiram á sorte entre si, conseguem obtel-os por preços mais modicos e o pagamento é feito no prazo de um anno.

« Deste e doutros modos semelhantes é forçoso domar e humilhar estes mouros, si delles se quer alcançar trabalho e bôa vontade, pois são por natureza muito teimosos e obstinados. Vi muitos delles, por faltas commettidas, serem castigados, suspensos pelos pulsos a um poste e os corpos nús terrivelmente açoutados por chibatas ; no emtanto não pediam misericordia nem promettiam corrigir-se, mas trincavam os dentes e deixavam que lhes lacerassem á vontade os dorsos negros.

« O seu modo de vida é comparavel ao dos tapuyas ; não

voyage to Brazil, de Mrs. M. Graham, que vem á pag. 104 do presente volume. E' possivel que no proximo numero desta *Revista* appareça a reproducção deste curioso desenho de WAGNER.

se importam com o futuro e cuidam sómente em encher bem as suas panças aqui na terra ; têm comtudo esperanças duma vida melhor, porquanto quando vão sepultar algum dos seus parceiros fazem-no com estranhos e ridiculos clamores, sentam-se em redor da cova e perguntam ao morto, cantando em côro : hey, hey, hey, porque morrêste ? hey, hey, hey, faltou-te pão, farinha, fumo ou cachimbos ? Depois destas varias perguntas ociosas atiram para dentro da cova com pedaços de fumo e toda a casta de raizes, afim de que o finado possa continuar a gozal-os na outra vida, e voltam do enterro dançando e cantando. Os nascidos aqui no Brasil são chamados *Criolos*, e os portuguezes os doutrinam na crença catholica e os neerlandezes na calvinista.

Molher Negra — Não são de talhe menos esbelto e bem proporcionadas do que os homens as mulheres mouras ; nem por isto, porem, são poupadas, tendo que, da mesma forma que os maridos e filhos, executar pesadissimos trabalhos nos engenhos e cannaviaes ; a algumas dentre ellas, que conhecem bem o dinheiro hespanhol e hollandez, mandam os senhores a vender pelas ruas gallinhas, passaros, peixes seccos, e toda a sorte de fructas magnificas ; mas, si a moura não é muito ladina e accita dinheiro falso ou de volta á casa deixa de dar conta ao senhor do valor de um soldo que seja, é na mesma hora amarrada e cruelmente fustigada ; por este motivo preferem ser empregadas em outros serviços mais penosos, a ser occupadas nesta perigosa mercancia.

Os nossos, bem como os portuguezes, deliberaram recentemente applicar a todos elles, sejam homens, mulheres ou crianças, determinados signaes ou marcas, impressas com um ferro em brasa no peito ou no hombro ; primeiramente porque devido á sua cor negra, são muito faceis de confundir uns com os outros, e em segundo lugar porque quando fogem aos seus senhores (o que succede com frequencia), os individuos encarregados de perseguil-os, chamados « Mestros del Campos », quando os prendem, logo reconhecem a quem pertencem, e, amarrando-lhes as mãos atraz das costas, vão entregal-os, mediante certa gratificação fixa, aos seus primitivos senhores, que os acolhem e lhes dão as boas-vindas com fortes açoutes.

Mulato. — Aos individuos gerados do coito de mouras com portuguezes, chamam mulatos, e estão condemnados — como os demais escravos — a passar a vida em pesado captivo; a alguns, porem, por felicidade ou por amor dos seus lascivos paes, é concedida a alforria, o que succede da seguinte maneira :

« Quando um portuguez ou neerlandez tem relações carnaes com alguma escrava dum seu visinho ou amigo e esta dá a luz, é isto muito bem visto pelo senhor da moura, que guarda a mãe junto com o filho, manda criá-lo e trata-o pouco melhor do que os turcos aos christãos. Si, porem, o pae se compadecer da miseria e desgraçada condição do seu proprio filho, tem de comprá-lo, por bom dinheiro, ao visinho, e assim passa a creança do captivo para a liberdade. Depois de crescidos são muito proprios ao serviço da milicia, manejando com dextreza todas as armas, com especialidade as espingardas, caçando diariamente passaros e outros animaes silvestres ; é certo que, sob o pretexto de passarinhar, costumam á se emboscar no matto para assaltar os transeuntes, o que é bastante sabido e manifesto, tanto entre os portuguezes com os nossos, e por isso são geralmente tidos como uns velhacos muito ruins, falsos e traidores. S. Exe., considerando que procedem de sangue christão, pretendeu a principio dar liberdade a todos elles ; mas, informado depois da sua pessima e desleal conducta teve escrupulo em fazel-o.

Mameluca. — Do contacto deshonesto de mulheres brasilienses tanto com portuguezes como neerlandezes, nascem muitos destes bastardos, entre os quaes não raro se encontram formosos e delicados typos quer de homens quer de mulheres ; estas de ordinario durante a semana trazem apenas umas longas camisas de algodão ; mas nos Domingos e dias de festa, enfeitam-se muito garridamente, á moda hespanhola, adornando o pescoço, as orelhas e as mãos com coraes e pedras falsas em profusão ; muitas, devido ao seu porte airoso, passam por donzellas hespanholas. Os homens são inclinados a toda a sorte de profissões licitas, e se deixam aproveitar com vantagem no nobre mistér das armas. As mulheres casam com frequência entre a gente da sua casta ; na maioria, porem, são muito honesta e legalmente cobiçadas para esposas legitimas

por portuguezes, ás vezes bem ricos, e tambem por alguns neerlandezes abrasados de paixão.

«Em summa os hespanhóes e portuguezes, os brasilienses e tapuyos, os mulatos e mamelucos, vivem quasi todos entre si a exemplos das impuras bestas lascivas, não obstante aquelles que se dizem christãos terem bem visivel e presente os signaes da ira e os notaveis castigos de Deus contra esta vida licenciosa e sodomitica, permittindo que, ha alguns annos, os nossos se apoderassem, á mão armada, das suas grandes e fortes cidades, saqueando, destruindo e incendiando as suas igrejas, conventos e outros bellos edificios, expulsando os portuguezes, com as suas mulheres e filhos, e impellindo-os para regiões completamente desertas e selvagens ; elles, porem, tendo conseguido, com o auxilio de outros, refazer-se dentro de poucos annos, presto esqueceram as desventuras passadas, voltando á pratica dos antigos peccados, entregando-se nos braços da abominavel luxuria, em que se acham presentemente mergulhados e onde de certo, permanecerão até que Deus Omnipotente dê fim não só a elles como tambem a nós e a todos aquelles que tão promptamente olvidam as suas paternaes admoestações. E com isto fique dito dos extranhos povos do Brasil tudo o que, de accordo com a verdade, pôde ser aqui descripto e representado.»

Por ultimo *Wagner* apresenta a descripção e o desenho duma aldeia de brasilienses, do engenho Masciappe e do Palacio de Mauricio de Nassau, no Recife, e finalmente a planta de Pernambuco.

Desta noticia incompleta creio que, pelo menos, resalta com extremo destaque o quanto — do ponto de vista historico-natural e ethnographico, e mesmo do puramente artistico — é para desejar a publicação integral — texto e estampas — do curioso *Zoobiblion* de *Zacharias Wagner*.

Mas, quando será realisada ? !

Alfredo de Carvalho



.

O RECIFE DE GRÊS

DO

PORTO DE PERNAMBUCO

POR

CHARLES DARWIN (*)

Ao entrar no porto de Pernambuco o navio passa em volta da extremidade de um longo recife, que visto na préamar, quando as vagas se quebram fortemente ao seu encontro, seria naturalmente considerado de formação coralinea; mas, observado na baixa-mar, pôde ser confundido com um dique artificial levantado por obreiros cyclopicos.

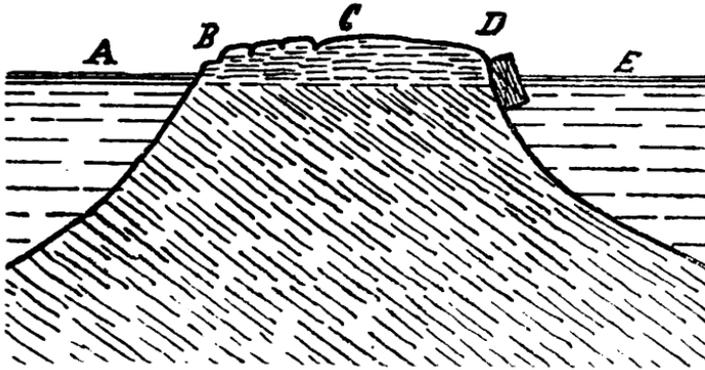
Na baixa-mar apresenta-se como um escolho plano, de superficie nivelada, com 30 a 60 jardas de largura, estendendo-se em linha *perfeitamente* recta por espaço de varias milhas.

De permeio á cidade inclúe uma laguna rasa ou canal de

(*) Extrahido no *British Museum*, de *The London, Edinburgh and Dublin Philosophical Magazine and Journal of Science*, Serie 3^a. Outubro de 1841, Vol. XIX, pp. 257—260, pelo Prof. John C. Branner, e traduzido do inglez por Alfredo de Carvalho.

cerca de meia milha de largura, que mais para o sul se estreita para pouco mais de cem jardas.

Proximo ao extremo septentrional veem-se navios fundeados ao longo do recife e amarrados a velhos canhões fincados no mesmo.



SECÇÃO TRANSVERSAL COM AS ALTURAS SENSIVELMENTE EXAGGERADAS

- A.** Nivel da pré-mar.
- B.** Massas depositadas, densamente revestidas de *Serpulae*, etc.
- C.** Cimo do escolho que em geral desce para o mar com leve pendôr, na gravura intencionalmente augmentado.
- D.** Massas depositadas de grés descoberto.
- E.** Superfície do porto ou laguna.

A gravura acima representa, na baixa-mar das aguas vivas, a secção transversal da parte norte do recife, onde do lado interior offerce uma secção de cerca de sete pés de altura. Consiste dum grés duro, de côr pallida, quebrando-se com fractura muito lisa, e formado de grãos silicosos cimentados por materia calcarea; observam-se embebidos nelle seixos de quartzo perfeitamente arredondados, do tamanho dum feijão e raras vezes do duma maçã, junto com muito poucas conchas.

Os vestigios de estratificação são obscuros, mas, num lugar de calcarea stalactitico havia uma camada incluída de um oitavo de pollegada de espessura. Num outro ponto

alguns falsos estratos, mergulhando para o lado de terra num angulo de 43°, achavam-se capeados por uma massa horizontal. De ambos os lados do escolho acham-se depositados fragmentos quadrangulares, conforme mostra a gravura; e o todo, em alguns lugares, está fendido, aparentemente devido a ter sido arrastada pelas aguas alguma tenra camada subjacente. Um dia, na baixa-mar, percorri por espaço de uma milha este molhe singularmente plano e estreito, com agua de ambos os lados, e pude vêr que ainda por mais outra milha alem a sua forma se mantinha inalterada.

Na bella charta de Pernambuco do Barão Roussin (*Le Pilote du Brésil*) está representado como se estendendo, numa linha inteiramente recta, por varias milhas; ignoro se a sua composição é sempre a mesma; mas, das informações que obtive de intelligentes pilotos do paiz, parece que em alguns pontos da costa é substituído por dous recifes de coral.

A superficie superior, conquanto em grande escala se deva chamar plana, apresenta numerosas pequenas irregularidades, devidas á desintegração irregular. Os maiores seixos imbedidos repouzam sobre curtos pedestaes de grés; ha tambem muitas cavidades sinuosas, de duas a tres pollegadas de profundidade e de largura e de seis pollegadas a dous pés de comprimento.

As margens superiores dos sulcos por vezes sobresaem aos seus lados; terminam abruptamente, mas de forma arredondada. Um destes sulcos occasionalmente se divide em dous braços; mas, em geral são quasi parallelos uns aos outros e collocados em linhas transversaes ao escolho de grés. Não sei como explicar a sua origem, a não ser que sejam formados pela ressaca que diariamente vem quebrar-se sobre o recife e arrasta seixos para dentro e para fóra das depressões originariamente apenas ligeiras.

Opposta a esta noção é o facto de estarem alguns delles esmaltados com numerosos pequenos *Actineae* vivos. Reproduzo este trecho assim como o escrevi em tempo, porque ultimamente sulcos de natureza similar em rochas têm merecido muita attenção, e são invariavelmente considerados como indicando a primitiva acção duma queda dagua sobre a margem duma geleira movente.

A parte exterior do escolho se acha revestida duma delgada camada de materia calcarea ; esta, na parte externa das massas depositadas que só pôde ser attingida na baixa-mar e no intervallo das vagas, é tão espessa que raramente consegui, com um pesado martello, expôr o grés ; colhi, porem, alguns fragmentos em que a camada tinha de tres a quatro pollegadas de espessura ; consiste principalmente de pequenos *Serpulae*, incluindo alguns *Balan* e poucas camadas, muito delgadas e semelhantes a papel, de *Nulliporac*. Apenas a superficie está viva, e o interior é composto todo dos corpos organicos acima mencionados cheios de materia calcarea esbranquiçada.

A camada, conquanto não seja dura, é resistente e devido á sua superficie arredondada supporta o embate das vagas. Em toda a margem externa do escolho vi apenas um unico ponto, muito diminuto, em que o grés estava exposto á acção da ressaca.

Nos Oceanos Pacifico e Indico as margens superiores e externas dos recifes de coral são protegidas, conforme será descrito num livro futuro, por uma capa muito similar ; mas, ali ella é quasi exclusivamente formada de varias especies de *Nulliporac*. O tenente Nelson, na sua excellente memoria sobre as Bermudas (*Geol. Trans.*, Vol. V, parte 1ª, pag. 117) descreveu recifes formados, segundo assegura, mas, apenas revistidos como não posso deixar de suspeitar, de massas similares de *Serpulae*. Inquiri de alguns velhos pilotos se havia alguma tradição de mudança na forma e nas dimensões do recife de grés ; mas, todos unanimemente me responderam pela negativa.

Surprehede quando se reflecte que, apesar de batido noute e dia por vagas de aguas turvas, carregadas de sedimentos, impellidas pela brisa incessante de encontro ás margens abruptas deste quebra-mar natural, elle tenha permanecido no presente estado perfeito, durante seculos ou mais provavelmente millenios.

Considerando-se que a superficie do lado interno está se decompondo gradualmente, conforme demonstram os seixos nos pedestaes de grés, esta durabilidade deve ser inteiramente devida á protecção fornecida pelo delgado revestimento de *Serpulae* e outros seres organicos : eis um bello exemplo de

como, na apparencia insignificantes, são todavia efficazes os meios de conservação, bem como os de destruição, empregados pela natureza.

Creio que recifes similares de rocha occorrem em algumas outras bahias e rios na costa do Brasil : o Barão de Roussin refere que em Porto Seguro ha um *quay* similar ao de Pernambuco. Trechos de varias centenas de milhas de extensão, nas costas do Golfo do Mexico, dos Estados Unidos e do Brasil Meridional, são constituídos por longas e estreitas ilhas e restingas de areia, incluindo lagunas bastante extensas, algumas de varias leguas de largura.

A origem destas ilhotas lineares é assaz obscura : o Prof. Rogers (*Report to the British Association*, Vol. III, pag. 13) dá algumas razões para se suppor que foram formadas pelo sollevamento dos bancos de areia depositados nas confluencias de correntes.

E' muito provavel que estes phenomenos tenham, na sua origem, relação com as mesmas causas que produziram o notavel recife de grés de Pernambuco.

A cidade de Pernambuco assenta numa ilhota baixa e e numa longa restinga de areia em face do littoral muito baixo, que a certa distancia é limitado por um semicirculo de collinas.

Cavando-se na baixa-mar junto á cidade nota-se que a areia se acha consolidada em grés, similhante ao do quebra-mar porem, contendo muito mais conchas.

Se, pois, de uma parte o interior de uma longa praia arenosa e de outra o nucleo de um escolho ou restinga, em frente a uma bahia, ficaram consolidados, uma pequena modificação, provavelmente de nivel, mas talvez apenas da direcção das correntes, pôde ter dado lugar, pelo arrastamento das arcias soltas, a uma estructura igual á que existe em frente á cidade de Pernambuco e ao longo da costa ao sul da mesma ; mas, sem a protecção dada pelo successivo crescimento de seres organicos a sua duração seria curta, se é que não fôsse destruida antes de apresentar-se completamente.



VIAGENS NO BRASIL

Provincias de Pernambuco, Ceará, Parahyba,
Maranhão, etc.

Uzos e costumes dos habitantes desse paiz, por Henry Koster

Traduzidas para o francez por M. A. Jay e do francez para o portuguez
por Antonio C. de A. Pimentel, amanuense do Instituto Archeo-
logico e Geographico Pernambucano.

Publicado em Paris em 1846. — 1.º volume.

(CONTINUAÇÃO DO N. 59)

CAPITULO VIII

VOLTA. — DE FORTALEZA Á NATAL. — OS SERTANEJOS. —
O GADO. — A CÊRA VEGETAL. — DE NATAL AO RECIFE

Sahi de *Fortaleza* ao romper da aurora com os tres Indios e os tres cavallos de cargas. Um dos moços com quem eu me relacionára acompanhou-me á pequena distancia da cidade. Voltando ao Aracati, affastei-me um pouco da estrada que segui quando fui para o Ceará. O primeiro dia passou-se sem cousa que mereça menção; occupei-me principalmente em conhecer o character dos meus Indios, porque pouco conversára com elles antes de partir.

Na tarde do segundo dia, perguntando a um delles se o caminho que devia levar-nos ao lugar em que iamos pernoitar era difficil de reconhecer-se, e respondendo-me que não existia que pudesse desviar-nos da linha reta, deixei-os e galopei adiante porque aborrecia-me ir devagar e assim fiz em muitas

ocasiões. Pelas cinco horas parei ao pé de uma choupana onde encontrei dous rapasinhos de apparencia miseravel, que entretanto demonstraram satisfação por me poderem offerecer agasalho para a noite. Disseram-me que a familia tinha ido ali perto fazer massa de talos de carnaúba para servir de alimento, porquanto não se achava mais nos arredores farinha de mandioca, nem mesmo pagando-a por alto preço. Mostraram-me um bocado da tal massa, de côr trigueira (1) e da consistencia da de que fabricamos o pão, antes de estar sufficientemente amassada; o gosto era amargo e nauseabundo; mas só á essa alimentação, com um pouquinho de carne ou peixe secco, de tempos á tempos, se achavam reduzidos aquelles desgraçados. Os meus companheiros chegaram logo depois. A' noite o mais moço dos rapasinhos approximou-se de mim com ares de mendicante e eu, sem reflectir, dei-lhe dinheiro; mas dahi a instantes voltou a dizer-me, da parte do irmão, que a minha bondade lhes era inutil porque nada tinham que comprar com o dinheiro. Compreendi o que pretendiam e indo a minha gente sentar-se a mesa, os convidou para ceiar.

Aqui, Feliciano, um dos Indios, lembrou-se de envolver em couros os saccos da farinha dizendo que, se não os occultassemos, poderiamos ser abordados no caminho e forçados a repartir a farinha com os habitantes de qualquer povoação que bem poderiam exigir parte della. O Indio só teve noticia da terrivel miseria que reinava naquellas paragens por haver conversado com os meninos. Os moradores tinham já esgotado a sua pequena colheita e alguns até, seduzidos pela carestia dos generos na capital, foram tentados a leval-os ali afim de melhor vendel-os, ignorando que ella recebera provisão do sul. No quinto dia chegamos ao Aracati.

Fiquei nessa cidade dous dias esperando que trouxessem os meus cavallo da ilha, onde os deixára ficar. Reconheci então a verdade do que me dissera o guia. Os cavallo haviam perdido a boa disposição e pareciam menos capazes de supportar fadiga do que na epoca da minha primeira ida ao

(1) Arruda diz que é branca (vêde o appendice) e nesse caso outro qualquer ingrediente fôra misturado á que me mostraram.

Aracati, embora depois de tanto descanso, devessem, naturalmente, achar-se em melhores condições para recommear. Os hespanhóes, que fizeram os primeiros descobrimentos na America meridional incutiram bem no espirito das populações daquelle parte do mundo a necessidade de, numa viagem, continuar regularmente sem parar, a menos que não seja por tempo prolongado (1).

Comprei no Aracaty um grande cão adestrado na guarda das bagagens dos viajantes. Um homem se me apresentou pedindo para que eu o consentisse ir na minha companhia até Pernambuco. Dava-se elle por marinheiro portuguez, Europeu de nascimento, tendo pertencido á corveta portugueza *Andorinha*, que naufragára na costa, entre o Pará e o Maranhão. Viajára do lugar em que alcançara terra até o Aracaty sem o menor soccorro do governo. As autoridades nenhuma disposição fizeram no sentido de provêr a subsistencia dos que poderam escapar do naufragio; acquieci ao seu pedido e elle portou-se bem e nunca me deu motivos para duvidar da veracidade de sua historia.

Eu havia augmentado consideravelmente o numero dos meus homens e dos meus cavallos e aconselharam-me á não despedir ninguem, porque as chuvas podiam engrossar e os rios encher, e sendo assim quanto mais gente eu tivesse para auxiliar-me, mais facil me seria a passagem e menor o perigo; pelos cavallos que eu adquirira por ultimo podia repartir as cargas em porções mais pequenas e ter sempre de sobrecellente dous ou tres desses uteis animaes afim de ajudarem os outros, em caso de necessidade. A minha comitiva constava então de nove homens e de onze cavallos. O Sr. Barroso continuou a dispensar-me a mesma bondade, pelo que nunca cessarei de dedicar-lhe o mais sincero reconhecimento.

Persuadiram-me a ganhar a praia o mais depressa possivel, apenas sahisse do Aracaty. Com effeito, era o melhor caminho, consequentemente passei a primeira noite á tres leguas da cidade, na *Lagóa do Matto*, lagosinho, que então estava absolutamente secco.

(1) Cita-se particularmente Cabeça de Vaca.—History of Brasil, Vol. I p. 109.

Na manhã seguinte proseguimos o nosso caminho por sobre areias ; atravessamos uma povoação chamada *Retiro*, na praia, indo dormir á *Cajuaes*, localidade que já conheciamos, e dahi fomos á *Santa Luzia*, seguindo pelo mesmo caminho que vai de *Cajuaes* ao *Ceará*. Tornamos a ver *Areias* o famoso lugar da historia de almas do outro mundo e fizemos alto em *Tibou*.

Depois do meio dia recommencamos á viagem, tencionando passar a noite na casa não acabada, na estrada da *Ilha* ; anoiteceu, porem, estando nós ainda a duas leguas de distancia ; julguei acertado interromper a marcha e dormir no matto. Já tivemos varios aguaceiros desde alguns dias, e se bem que pequenos, comtudo começava a relva a despontar em algumas partes.

Os progressos da vegetação no Brasil são realmente assombrosos. Em bom terreno, se de noite chove, no dia seguinte já se divisa uma ligeira côr esverdeada ; se a chuva continua, no segundo dia já se vê relva com uma pollegada de altura e no terceiro está sufficientemente crescida para poder alimentar os animaes. Os mattos que escolheramos para passar a noite, nem eram altos nem cerrados e só duas arvores ali haviam com força e approximação bastantes para se armar uma rêde e foi a minha que se armou ; os companheiros accommodaram-se em cima das cargas do melhor modo que lhes foi possível.

Entre uma e duas horas da madrugada, começou a chover moderadamente ; o guia estendeu então alguns couros por sobre a rêde afim de organizar uma especie de tecto ; mas augmentando fortemente a chuva, toda a tropa reunio-se debaixo dos couros ; levantei-me e conservamo-nos todos de pé apertados uns contra os outros, até que muito molhados, os couros nos cahiram em cima. Tendo o fogo se apagado, recommendei a todos que cobrissem os feichos das armas ; mas os que conheciam o sertão sabiam melhor do que eu quanto são os jaguares frequentes nas travessias. Mal acabava eu de fallar, quando *Feliciano*, avisou-me de que ouvira o rugido de uma dessas feras, e não se enganara, porque um bando de jumentos correndo pela estrada, passou perto de nós e logo em seguida ouvimos igual estrepito. Ou fosse o mesmo jaguar ou

outros animaes ferozes que nos cercassem, o certo é que, partindo de diferentes pontos, os rugidos se fizeram ouvir em todo o resto da madrugada. Collocamo-nos costas com costas e não nos consideramos livres do perigo de um ataque, apesar dos Indios soltarem de quando em quando uma especie de hurro (como praticam os sertanejos quando conduzem grandes boiadas meio selvagens) com o fim de espantar os jaguares. Ao romper do dia o diluvio abrandou, mas a chuva, sempre forte continuava sem cessar. Demanhã não foi pequeno trabalho encontrar os cavallos assustados e dispersados pelos jaguares; chegamos até a duvidar que todos estivessem vivos; mas acho que aquelles tigres do Brasil preferiram carne de bois bravios, e, a fallar verdade, era melhor que a dos meus cavallos.

Partimos para a Ilha, distante quasi seis leguas do local em que nos achavamos e lá chegamos ás duas horas da tarde, supportando doze horas consecutivas de chuva. O dono da propriedade mandou-me pedir que deixasse a casa affastada onde me acolhera e fosse para a sua; aceitei o offerecimento e fui. A casa não passava de uma cabana de barro coberta de telhas, para construil-a serviram-se do barro da margem da lagôa salgada que lhe fica proxima.

Deu-nos elle muito leite e carne secca; a farinha era rissima, havia porem esperanças de um anno de fartura. Chegando á sua casa offereceu-me elle a rêde em que antes estava sentado; fiz porem armar immediatamente a minha e ambos sentados e fumando entretivemos á conversar por algumas horas. Os mosquitos bastante nos importunavam e dali por deante, conforme o estado do vento e a quantidade de chuva que cahia, não tivemos uma só noite que, mais ou menos, não fôssemos atormentados por esses insectos, na verdade tão encommodativos que só os experimentando se pôde fazer ideia.

No outro dia, por volta de meio dia, chegamos á Santa Luzia e arranchamo-nos numa casa ainda em construcção. Logo que se descarregaram os cavallos e que eu estirei-me na rêde para descansar, veio o guarda avisar-me de que a população agglomerava-se em redor da casa e que não devia esquecer-me da questão que na ida, tivera naquella localidade.

Levantei-me e sahi levando a minha bolsa, que abrindo sem affectação, puz-me a voltar e a tornar a voltar ; tirei della o sacco de seda carmezim, que depositei numa trave que me ficava ao lado e continuei a mecher como se procurasse um objecto que não podia achar. Voltando-me em seguida, vi que toda a gente desaparecera ; tal foi o magico effeito do sacco encarnado.

O rio que passa junto á Santa Luzia, não estava ainda cheio. De meio dia para a tarde ganhamos as margens do *Panema*, estreito e rapido. Um dos meus homens entrou nelle para certificar-se se dava váo, antes porem de chegar ao meio verificou que a passagem era impraticavel e que, tanto pela profundidade, como pela força da correnteza, os Indios não podiam tentar a passagem das cargas. Dei ordem á minha gente que ficasse onde estava emquanto eu voltava com o guia de Goyanna a ver se descobria alguma casa ; porquanto tendo começado as chuvas era imprudencia dormir ao relento.

Encaminhamo-nos para uma casa que divisamos por entre as carnaúbas, a alguma distancia da estrada, e como o dono consentio em hospedar-nos, e houvesse perto capim em quantidade para os cavallo, voltou o guia para acompanhar os outros até aquelle local conhecido pelo nome de Sant'Anna. No correr da noite fui accommettido de febre, que me teria forçado a demorar-me, mesmo quando a enchente me não impedisse de ir adeante. Fosse lá porque fosse, porem, o meu encommodo peiorou, ou, pode ser, que eu me julgasse mais doente do que na realidade estava ; entretanto desejava ardentemente alcançar o Açú onde tinha esperanza de encontrár algum sacerdote áquem podesse confiar as cartas que julgasse á proposito escrever aos meus amigos. Embora a minha doença não parecesse perigosa, eu sabia quaes os resultados que a febre costuma deixar após si. Logo que as aguas principia-ram a baixar, resolvi partir, mas não podendo montar a cavallo, fazia-se necessario que eu fosse carregado na rêde. Havia porem uma difficuldade, encontrar homens bastantes que se incumbissem dessa tarefa. Afinal, demorando-me mais um dia, consegui seis homens das fazendas visinhas, algumas de pouco mais de legua de distancia. Emfim, partimos depois de cinco dias de demora em Santa Luzia.

Atravessamos o rio, que mal dava passagem, e entramos em terrenos alagados. As aguas cobriam toda a superficie da região por onde caminhavamos, porem diminuiam diariamente. Em alguns lugares davam pela cintura, em outros sómente até os joelhos.

Os novos homens que eu alugara conheciam o caminho pelo habito ; o guia que tomei no Açú, não acertaria com elle sem o auxilio destes ultimos companheiros.

Ao meio dia, armaram a rêde, comigo dentro, apoiando entre os troncos de duas arvores as estremidades do páo por meio do qual me carregavam ao hombros, e estenderam couros por sobre o páo afim de abrigar-me do sol, porque as arvores despojadas pela secca ainda não tinha readquirido a folhagem e havia mesmo lugares em que a terra começava a apparecer acima das aguas.

Ao escurecer chegamos a *Chafariz*, fazenda situada em terreno secco e paramos em uma casa tambem por acabar. Os cavallos que conduziam a miunga mala e o caixão com garrafas, cahiram e por cumulo de contrariedade as minhas roupas molharam-se todas, não escapando tambem o proprio sacco encarnado.

Tive uma má noite devida á febre e á fadiga. No dia seguinte conversei com o proprietario e comprei-lhe dous cavallos. Ao meio dia fiz seguir o comboio sob a direcção de Feliciano áquem determinei que chegasse ao Píato na noite do dia immediato. Fiquei com o guia de Goyanna e com Julio, que passara a substituir John na qualidade de creado. Foi com immenso trabalho que se conseguio transportar as bagagens para o lado opposto do rio. A força da corrente e o leito pedregoso do mesmo rio, que passa encostado á aquella propriedade tornavam a cousa ainda mais difficil ; mas quando passei, no outro dia pela manhã, a agua havia baixado e a rapidez da corrente diminuido consideravelmente porque durante a noite não chovêra. Os dous homens que me acompanhavam, iam montados nos cavallos que comprára na vespera e eu num escoteiro e bem descansado ; o meu desejo era chegar ao Píato no mesmo dia, isto é, caminhar dez leguas e consegui realisal-o, descansando apenas um pouquinho ao meio dia. Embora não me achasse em condições de poder fazer muito

exercício com tudo a urgencia da situação não me permitia liberdade de escolha.

Juntei-me á minha gente e no mesmo lugar descansamos todos ao meio dia. Feliciano matou um antilope que servio para o nosso jantar. Rarissimas vezes nos serviamos das espingardas para obter alimentação, porque constantemente tinhamos carne secca para comprar, ou antes de presentes que recebiamos. Podiamos, uma vez por outra, prover-nos de carneiros ou de aves domesticas nas fazendas, porem por maior que fosse a quantidade de gallinhas e frangos que avistassemos junto ás cabanas e por mais dinheiro que offerecessemos, os donos recusavam-se a vendel-os, porque estando os gallinheiros, como facilmente se imagina, sob o dominio das mulheres, estas depois de bastante regatearem connosco, acabavam por dizer que tanto ellas como os filhos amavam muito aquellas pobres aves, para consentir que se matasse alguma. Este modo de pensar era tão commum que, com o andar do tempo, quando o guia ou eu galopavamos em direcção a uma fazenda, tencionando comprar gallinhas e o marido á respeito consultava com a mulher, davamos logo de redea para traz, á não que-remos demorar-nos inutilmente.

O meu amigo commandante residia sempre no Piato. Parecia-me que voltava para a minha propria casa. O meu espirito estava abatido e todavia a mais insignificante bagatella reanimava-me a coragem. Naquella tarde achava-me ainda bem doente e nada me aliviava tanto como as melancias que, em abundancia, crescem nos arredores ; comi muitas. Disse-me o guia que me fazia mal, porem não lhe dei attenção, tanto gosto dessa fructa. No outro dia, ao levantar-me, achei-me inteiramente outro ; a febre não voltou e o guia admirado, declarou que, se não visse, nunca acreditaria que melancia curasse febre e para elle não havia duvida de que o meu restabelecimento fora operado por ellas e que o mesmo resultado se produziria em todos os que fossem accommettidos do mesmo mal. Essa especie de febre é singularissima no seu curso. Em muitas occasiões cessa de repente em outras duplica provocando o delirio ; entretanto raras vezes é perigosa.

No dia seguinte deixamos o Piato, onde a nossa provisáo foi augmentada com um carneirinho e um *tatá-bola* ou arma-

dilho domesticado, que me dera o commandante. O carneiro caminhou varios dias entre os cavallos sem dar-nos o menor trabalho ; já muito longe, porem, fatigou-se e fui obrigado a mandal-o pôr em cima de uma das cargas, onde descansava um ou dous dias e caminhava depois ; o armadilho ia num saquinho e nos lugares em que nos arranchavamos, era posto em liberdade, introduzia-se elle por entre as cargas e, ou embolava-se ou occupava-se em comer. Difficilmente conseguiu-se obstar que *Mimosa* dêsse cabo delle ; mas por fim a cadella e o tatú ficaram sendo bons amigos. No Açú troquei um dos meus cavallos por outro em melhor estado, voltando quasi um guinéo.

O selleiro e o dono da casa em que me hospedára na ida, receberam-nos com a maior cordealidade e se offereceram para ajudar-nos a passar o rio, que então estava cheio, aconselhando-me a esperar que diminuíssem as aguas e a correnteza moderasse a violencia ; eu porem precisava seguir e a minha gente não fez objecção. Deixei no Açú o rapaz que tomara por guia.

O pequeno braço do rio passamos com agua pela barriga dos cavallos e chegando á margem do braço grande, vimos que se fazia indispensavel uma jangada para o transporte das cargas. Varios moradores da villa nos tinham seguido contando que podiamos necessitar dos seus serviços e lh'os pagaríamos. Achou-se logo pedaços de madeiras ; alguns arrastados pela enchente, estavam na beira do rio, outros foram trazidos da villa ; as cordas que estavam as cargas ás cangalhas, serviram para ligar os páos da jangada.

O pai do meu guia nos veio auxiliar, trazendo *Mimosa* consigo. Recommendei-lhe que não se desentendesse de sua cadella pois me parecia que queria seguir-me e elle mandou um menino leval-a para a villa. Quando a jangada ficou prompta pozeram-lhe as cargas em cima e eu sentei-me sobre um dos fardos ; quatro homens, entrando nagua, impelliram-na e quando deixaram de tomar pé, segurando-a com uma das mãos, nadaram com a outra ; apezar de todos os esforços a correnteza desviou-nos mais de cincoenta varas, antes de alcançarmos a margem opposta, onde entretanto chegamos sãos e salvos. Os Indios ja lá estavam com os cavallos.

O rio do Assú, naquelle lugar, póde ter de duzentas a trezentas varas de largura, e naquella occasião estava fundo e perigoso, por causa da impetuosidade da corrente, havendo portanto, necessidade de um guia que indicasse os pontos vadeáveis. Para atravessar os rios servem-se os sertanejos de um apparelho curioso, que se compõe de tres páos sobre os quaes se collocam, remando elles mesmos. Chamam *cavalletes* e muitas vezes fallaram-me delles, mas como nunca vi nenhum não posso descrevel-os com exactidão. (1)

Os homens que nos passaram já se tinha retirado e eu fazia carregar os cavalloos quando, ao voltar-me, avistei *Mimosa* que, submissa e tremula, encaminhava-se para mim. Eu manifestara sempre o desejo de comprar essa cadella, mas nunca pude resolver o dono a vender-m'a. Dizia elle que a adquirira quando ainda mui pequenina e que o pobre animal jámais se esquivara a encher-lhe a marmita; era este um modo de fallar por figura, pois queria significar com isso a grande pericia do animal em caçar. Seguio-nos por se ter dado perfeitamente na nossa companhia. Fomos até Santa Ursula, fazenda que distava do Assú legua e meia e lá pernoitamos. Passamos por espessos matagaes e dahi até o rio Ceará Mirim a região para mim era nova, porque ia agora por caminho differente do que seguira indo para o Assú. Desta vez tomava estrada mais curta para chegar ao Natal; tinha porem que atravessar ainda com frequencia aquelle tortuoso rio.—

Emquanto eu jantava, *Mimosa* punha-se junto á mim esperando o seu quinhão. De repente correu e occultou-se debaixo do banco em que me sentára; comprehendí logo a causa, o pai de seu senhor chegava em busca della. Decidi-o á que m'a vendesse, mas quando elle partio, *Mimosa* sahindo donde estava o foi acariciar. Disse-lhe eu então que proseguisse o seu caminho e a induzisse a acompanhál-o, ella porem voltou grunhindo e tornou a metter-se debaixo do banco. Fôra muito melhor tratada e alimentada por mim do que pelo

(1) Vê-se em Barlaeus uma estampa que representa os portuguezes atravessando sobre páos o rio São Francisco. Penso que devem estar dispostas como os de que se servem hoje os sertanejos.

senhor. Eu proprio lhe dava de comer e impedira sempre que a maltratassem com pancadas.

No dia immediato passamos pelas fazendas Passagem e Barra, e caminhando por sobre areia movediça atravessamos uma lagôa secca. De tarde fomos de São Bento a Angicos, transitando por ladeiras e caminhos difficeis e fatigantes para os cavallo. Franqueamos diversas vezes um rio de pouca agua.

No outro dia pisamos um solo ainda mais escabroso, e as pessoas á quem me dirigi disseram-me que ali não tinha chovido, e com effeito o campo parecia um deserto. Ao meio dia faltou agua para os cavallo; o pôço era pequenino e o manancial que o alimentava não podia fornecel-a á tantos animaes em sufficiente quantidade. Tive sêde e em consequencia deixei o comboio seguir no seu passo ordinario e galopei adeante seguido de Julio e dos dous cães. Penetramos numa planicie e pela segunda vez vi uma *ema* (especie de avestruz); apczar dos meus esforços, os cães perseguiram-na, e bastante contrariado, tive de esperar que voltassem. A ave fugia deante delles com immensa velocidade, agitando as azas, mas sem deixar o chão. As *emas* passam os cavallo mais corredores. As que vi tinham a côr cinzenta e era da altura de um homem á cavallo com o que, em certa distancia, se parecia um pouco. Os sertanejos pretendem que quando uma *ema* se vê perseguida espora-se á si propria afim de excitar a carreira e que, achando-se os esporões ou pontas osseas debaixo das azas, agitando-as, as pontas tocam-lhe os flancos e pica-os. Ouvi á muitas pessoas que, quando uma *ema* é apauhada, em seguida á demorada caçada, encontram-lhe os flancos lacerados e sangrentos. E' possivel que esse effeito seja devido a qualquer causa semelhante á que faz com que um *marrão*, nadando, córte a garganta com os pés. Os ovos da *ema* são grandes, e, embora proporcionando alimento grosseiro, o gosto não é entretanto desagradavel, e as pennas são mui apreciadas.

Quando os cães voltaram, continuamos a andar por entre altos rochedos. Algum tempo depois, os cães sahindo subitamente da estrada, correram ao cume de uma rocha que descia para a estrada em suave declive de modo a poder um cavallo subil-a e os nossos levantaram a cabeça soprando pelas narinas

Julio gritou : *agua, agua*, e impellio o cavallo para o lado dos cães ; seguiu-lhe o exemplo e Julio bem advinhara vendo partir os cães e esbarrar os cavalloos.

Havia no rochedo uma fenda comprida, porem bastante-mente estreita quasi cheia d'agua limpida e fresca. As bordas da fenda reentravam para a banda de dentro e a agua ficava por baixo da aberturá, de maneira que os cães giravam em roda sem poder alcançal-a. Logo que nos apeamos, os cavalloos presentindo a agua pozeram-se a escarvar o chão, testemunhando grande impaciencia.

Não tiuhamos vasilhas que nos podessem servir de bebedouro sendo por isso obrigados a recorrer aos chapéos e a nelles dar tambem de beber aos cães e aos cavalloos. O resto do comboio chegou logo depois. Feliciano conhecia o local, mas se os animaes não tivessem indicado a Julio teriamos ido além, provavelmente.

Soube por Feliciano que essas fendas nos rochedos, são bastante communs, mas, que poucas pessoas sabem onde ellas existem ; só os de sua classe e profissão as conhecem, o que lhes fornece agua em abundancia enquanto outros lhe soffrem a falta. Nunca nos recusamos, disse elle, a ensinar os lugares desses reservatorios ; mas a respeito delles só dizemos o indispensavel.

Caminhei até dez horas da noite, desejando alcançar alguma fazenda para não dormir ao relento ; certas nuvens grossas, rapidamente impellidas pelo vento, annunciavam muita chuva se sobreviesse a calmaria. Chegando a uma fazenda pedimos agasalho para a noite, e que nos foi concedido ; lançando porem os olhos para o interior da casa, preferi o ar livre com todos os seus encommodos. A casa estava cheia de gente das fazendas visinhas que viera ajudar a reunir o gado e á quem os prenuncios de uma tempestade, ali juntara. Ceavam carne secca e tinham, não sei como arranjado uma certa porção de aguardente. Aboletei-me á pequena distancia da casa e não dormimos não só com medo da chuva, mas ainda de que qualquer dos visinhos não se quizesse divertir apoderando-se de algum dos nossos cavalloos.

No outro dia atravessamos uma planicie em parte des-

pida e em parte coberta de mattos. Passei adeante com Julio deixando atraz o comboio. Perdemos o caminho num ponto em que desembocavam differentes veredas. Os conhecimentos do proprio Julio faltaram e se não fossem alguns viajantes que encontramos e que nos orientaram, não sei de que distancia voltaríamos á noite em busca das cargas.

No dia seguinte continuei a viagem e tomamos agua nos odres junto de uma fazenda; ao meio dia paramos no meio de um rio secco, mas com bôa relva, porque sendo o leito mais baixo do que as margens, o primeiro aguaceiro a fizera nascer. O nosso armadilho desencaminhou-se na capoeira. Feliciano porem, rastejou-o nos mattos por cima das folhas seccas e o agarrou. Tenho certeza de que elle o não vio fugir e de que qualquer outro menos habilitado em seguir a pista dos animaes, não teria dado com um só rastro e se o armadilho tivesse caminhado pela areia, nada mais facil do que seguir-lhe as pegadas; na relva e nas folhas seccas porem um bicho tão pequenino, pôde apenas deixar signaes quasi imperceptiveis.

Lamentei que os nossos odres, por serem novos, deixassem escapar a agua impregnando-lhe tambem o gosto do oleo com que tinham sido untados os couros. Feliciano, ouvindo-me, pegou noutro odre, cujo couro com o uzo perdêra todo o cheiro, e disse: Vou buscar agua melhor. Foi e quasi uma hora mais tarde voltou com o odre cheio de excellente agua. Lembrara-se elle da fenda de um rochêdo da visinhança e de lá trouxe aquella provisão.

Dormimos n'uma fazenda e continuamos no outro dia, esperando alcançar o Ceará Merim, o que com effeito succedeu. Em toda aquella porção do paiz as consequencias da secca não haviam de todo desaparecido, entretanto as arvores começavam a cobrir-se de folhas e a relva que nascera á sombra dellas, em muitos lugares, já estava bem crescida para alimentar os animaes. A agua era sempre rara e má, embora as chuvas a houvessem augmentado um pouco e a tornado menos salôbra.

Passamos a travessia o mais depressa possivel, porque as grandes cheias deviam manifestar-se dentro em breve, e conforme já disse, muitas vezes chove com incrível abundancia e

nessas occasiões ha perigo de ser surpreendido nas ilhas ou peninsulas que então forma aquelle tortuoso rio e os viajantes são obrigados a atravessar dez vezes consecutivas ou mais uma impetuosa corrente o que para os cavallos é penosissimo, sobretudo quando já se acham fatigados por longa jornada.

Deixamos o Ceará Merim quatro dias depois; passamos em Pai Paulo e no quinto dia bem cedo chegamos á Lagôa Secca. Os habitantes dessa aldeia estavam prestes a levantar o acampamento; esperavam as chuvas, ou antes já estas haviam principiado. Encontramos varios bandos de viajantes que aproveitavam as primeiras aguas para atravessar a região, apressando-se em sahir della antes da enchente do rio.

Janeiro não é, propriamente fallando a estação das chuvas. As que cáem no principio do anno, são chamadas *primeiras aguas* e duram de quinze dias á tres semanas e depois destas o tempo torna-se geralmente fixo e bom, até Maio ou Junho. Dahi por diante, até fins de Agosto, as chuvas são quasi incessantes; depois de Agosto ou Setembro, até recommear o anno, apenas cáem algumas gottas dagua. Com mais certeza, pode-se contar com tempo secco de Setembro á Janeiro e de Fevereiro á Maio, devendo-se do mesmo modo contar com chuvas de Junho a Agosto e em Janeiro. De chuvas não interrompidas poucos dias ha no anno. Com tudo, relativamente ás estações, isto se refere á uma certa latitude porque os climas variam muito.

Restituiram-me fielmente o cavallo que deixara em Lagôa Secca e no dia seguinte continuei o meu caminho até Natal, onde o governador recebeu-me com a mesma affabilidade.

Tinha eu então deixado o sertão, e lá sempre desejei voltar apezar do que soffrera. Ha um certo prazer em atravessar-se regiões desconhecidas e aquella porção do territorio em que viajei, para um inglez, era absolutamente desconhecida. De conformidade com as minhas proprias sensações, imagino bem o que experimentarão á cada passo e á cada novo objecto que lhes fere a vista, os viajantes que percorrem terras não exploradas. No continente da America meridional ainda existem vastas regiões por conhecer e eu desejaría

ardentemente ser o primeiro Europeu que fizesse a jornada de Pernambuco á Lima.

O que tenho dito com relação aos habitantes das fazendas ou dominios de gados, talvez não baste para dar ideia delles. Diferente dos povos que habitam a margem do Prata, o sertanejo só mui raramente se separa da familia e, comparado a aquelles, vive numa tal ou qual abastança. As cabanas são pequenas e construidas de barro, cobertas de telhas quando podem conseguil-as, do contrario cobrem-nas com palhas de caruahubas.

As rêdes substituem as camas, sendo muito mais commodas e servem tambem de assentos; em algumas cabanas ha mezas, o costume porem mais geral é acocorarem-se em cima de uma esteira onde toda a familia forma um circulo em roda de cabaças furadas que servem de baixella e tambem de assentos e assim é que os sertanejos fazem as suas refeições. As classes baixas não se servem absolutamente de talheres porque quasi que os não conhecem.

Segundo um antigo uzo que vi praticar em todas as partes do Brasil por onde andei, antes das refeições, apresentam aos convivas em bacia de prata ou de barro, ou mesmo em cuias, agua e uma toalha de baptista guarnecida de franjas, ou de algodão da terra, para que lavem as mãos. Essa eeremonia, ou antes, esse acto necessario de accio repete-se depois da comida

As cabaças são empregadas como utensilios da casa. Abrem-nas em duas bandas, tiram-lhes a pôlpa e põem a secar afim de servirem á guisa de louça de barro, servindo igualmente como usuaes medidas de capacida; o diametro dellas varia de duas pollegadas á um pé e a forma, de ordinario, é oval. Quando inteira, tem mesmo o nome de *cabaça*, quando aberta em duas bandas, chama-se *cuia* á cada banda. E' planta rasteira que nasce espontaneamente em certos lugares e em outros semeam-na por entre a mandioca.

A conversação do sertanejo versa, geralmente, sobre o estado do seu gado e sobre suas mulheres, succedendo as vezes conversarem sobre cousas acontecidas no Recife ou em outra qualquer cidade. Discutem tambem o merecimento dos pa-

dres que os visitam cuja conducta mettem a ridiculo quando irregular.

Descrevi já o traje dos homens em viagem, que em casa reduz-se a camisa e seroulas; as mulheres apparentam mais negligencia do que os homens; a sua roupa consiste em camisa e saia curta; não uzam meias e sapatos quasi nunca. Quando saem de casa, o que é bem raro, juntam ao traje habitual um grande chales de algodão da terra, ou mesmo da Europa, com o qual cobrem a cabeça e os hombros. Montam á cavallo perfeitamente e as sellas altas á portugueza lhes parecem mui commodas; sentam-se de banda e nunca vi uma unica brasileira montar á cavallo á moda dos homens, como as vezes se observa em Portugal.

As mulheres do sertão só se occupam dos pormenores da casa (porque até o leite das vaccas e das cabras é tirado pelos homens); ellas fiam e trabalham de agulha. Jámais uma mulher livre trata de um serviço fóra de casa, salvo para ir accidentalmente buscar agua ou lenha quando o marido se acha ausente.

Os meninos até certa idade, andam completamente nús; no Recife mesmo, veem se creanças de sete e oito annos correndo pelas ruas sem roupa nenhuma. Outr'ora, isto é, antes de haver commercio com a Inglaterra, os individuos de ambos os sexos, só se vestiam de grosseiro panno de algodão fabricado no paiz; ordinariamente tingiam as saias com vermelhão extrahido da casca do *cojuina*, arvore commum nas florestas do Brasil; ainda hoje servem-se dessa tintura para as rédes de pescar por estarem convencidos de que com ellas duram as rédes mais tempo.

(Continúa.)



MEMORIA
SOBRE
A PEDRA BONITA
OU
REINO ENCANTADO
NA
Comarca de Villa Bella
Provincia de Pernambuco
POR
ANTONIO ATTICO DE SOUZA LEITE (*)

—•••••—
AO LEITOR

Na dupla intenção de satisfazer a curiosidade propria e de prestar ao mesmo tempo ao Instituto Archeologico e Geographico desta provincia, do qual sou indigno socio, algum serviço, pude realisar em Julho do anno passado, em companhia de trinta e quatro pessoas (inclusive muitas senhoras), por caminhos montanhosos e algumas vezes abertos á vivo

(*) Esta curiosa memoria foi publicada pela primeira vez no Rio de Janeiro, em 1875 (8. 80 pp.) e reimpressa em Juiz de Fôra, em 1898; em ambas as edições falta, porem, a respectiva estampa, cujo original é conservado no Instituto Historico e Geographico Brasileiro, e do qual o nosso prestimoso consocio Dr. M. de Oliveira Lima fez extrahir a copia adiante reproduzida.

ferro na matta virgem, uma viagem, que projectava, ha tempos, á antiga Serra Formosa, hoje Serra do Reino, afim de observar de perto a celebre — Pedra Bonita, na qual, 36 annos antes, cerca de trezentos individuos moral e physicamente embriagados com os embustes e beberagens, que lhes ministraram dous mamelucos, sacrificaram dentro de dous dias e meio cinctenta e tres de seus companheiros em prol do evento ou restauração do Reino d'El-Rei D. Sebastião.

Alem de já existir entre os meus companheiros de viagem mais de uma pessoa habilitada para dar-me os mais exactos esclarecimentos sobre quasi todas as peripecias dessa tragedia luctuosa, pude reunir alli, si bem que com difficuldade, mais duas testemunhas presencias, alem de um dos emissarios da policia, que, depois do combate e completa extincção do Reino em 18 de Maio de 1838, seguiu e prendeu no centro da provincia de Minas o mameluco João Antonio dos Santos, 1º rei da Pedra Bonita, por ter sido o unico inventor e iniciador da idéa de sua creação.

As testemunhas presencias são duas das nove mulheres salvas pelo commissario Manoel Pereira da Silva, de saudosa memoria, no combate, que deu ao inculcado rei e seus sectarios no predito anno de 1838, cujos nomes não declino em attenção aos valiosos serviços, que me prestaram, bem que com indizível repugnancia.

Com taes elementos, com as discussões deste facto, que muitas vezes provoquei, com o minucioso exame, que fiz, sobre todo o local, que servio de theatro aos acontecimentos, com os documentos officiaes, que pude colher, e mais que tudo com o auxilio de uma estampa, que felizmente encontrei, na qual foram esboçados pelo padre Francisco José Correia de Albuquerque, de modo ligeiro, porem bastante expressivo, alem das scenas mais tragicas e horripilantes, que então se deram, as pedras, o campo, e a ossada das victimas, tal qual encontrara cerca de dous mezes depois da catastrophe, quando foi missionar naquelle lugar, no louvavel intento de benzer o campo e enterrar os mortos, creio puder assegurar aos leitores, que os seguintes apontamentos, si não estão escriptos em estylo elegante e linguagem castiça, encerram todavia a verdade historica daquelles tristes e nefastos acontecimentos.

Foi em quem me esmerei, e mais não se pôde esperar de mim.

Recife—Maio de 1875.

A. A. de Souza Leite.

CAPITULO I

ESTADO DA COMARCA DE FLORES ; PROVIDENCIAS PARA MELHORAR A SUA PENIVEL SITUAÇÃO

Tempestuoso e medonho corria o anno de 1835.

A comarca de Flores, retalhada por partidos, que com incrível encarniçamento disputavam a preferencia dos oppositores á parochia de Flores (vaga pelo fallecimento do virtuoso vigario João de Sant'Anna Rocha), era o theatro de constantes desordens e conflictos, que inspiravam serios cuidados á administração da provincia.

As provocações e ameaças multiplicavam-se por toda a parte, maximé no recinto da propria villa, onde as autoridades, não podendo conter os grupos, que se hostilizavam em seus recontos, eram por elles ludibriadas, insultadas e até aggreddidas, como succedeu ao Juiz de Direito Pinto Junior, que, depois de um tiroteio, em que foram feridos alguns soldados, foi refugiar-se em comarca estranha, onde aguardou as providencias do Governo. Todos os dias esperavam-se scenas ainda mais desagradaveis e violentas entre os proprios chefes, incitados pelas verrinas publicadas na capital da provincia.

Nessa penivel situação a providencia, que podia mais facilmente acalmar os animos, e salvar o alto sertão do Paguehu, era a que adoptou o Governo da provincia de accordo com o Bispo diocesano, enviando como vigario interino de Flores o venerando missionario Francisco José Correia de Albuquerque, homem o mais idoneo por sua missão apostolica, avançada idade, firmado conceito, e eminentes virtudes, para chamar á concordia o espirito desvairado daquelle povo.

Era o padre Francisco Correia um dos homens mais distinctos e conceituados do paiz : como cidadão, tinha por vezes

representado esta provincia na Assembléa provincial, e como sacerdote havia encanecido no serviço das missões, que lhe conquistou o mais elevado conceito pela pureza de suas doutrinas, santidade de sua vida, e austeridade de suas virtudes.

Muito fez e conseguiu esse santo varão na regencia interina da freguezia, e nas diversas missões, que abriu em Ingazeira, Flores, Baixa Verde e Serra Talhada. Sem a presença de um soldado, e sem outro auxilio mais do que a sua palavra autorisada, teve a gloria de pacificar todos os seus freguezes, sellando sua obra com a divisão da freguezia de Flores, e criação das novas freguezias de Ingazeira e Serra Talhada, criação que promoveu com todo o interesse na Assembléa provincial, de que era membro.

De quanto valor e efficacia não são os serviços de um apóstolo, que comprehende toda a extensão da caridade, e sabe elevar-se á altura da sua santa missão !

Mas o espirito das trevas tambem tem suas coherencias no implacavel proposito de perder a humanidade, servindo-se ás vezes de instrumentos, ou meios á primeira vista bem insignificantes e despresíveis.

Combatido e vencido na campanha publica, que lhe deu o virtuoso missionario, elle não recuou sinão para assentar de novo as suas baterias em diversa ordem de combate, e jurar a perdição de muitos que o seu zeloso adversario reputára salvos.

CAPITULO II

PRINCIPIO DA PROPAGANDA ; SEU AUTOR, E PRIMEIROS ADERENTES E COOPERADORES ; SAGACIDADE COM QUE COMEÇA A PREDICA DA SUA SUPERSTIÇÃO.

No começo do anno de 1836, isto é, poucos dias depois que aquelle santo missionario conseguira em Flores a tranquillidade publica, um mameluco de nome João Antonio dos Santos, morador no termo de Villa Bella, então simples districto de paz e commissariado de policia de Serra Talhada, munido de duas pedrinhas mais ou menos formosas, que mostrava mysteriosamente, dizia aos incautos habitantes daquelle

lugar serem brilhantes finissimos, tirados por elle proprio de uma mina encantada, que lhe fora revelada.

Inspirado ao mesmo tempo num velho folheto, de que nunca se apartava, e que encerrava um desses contos ou lendas, que andavam muito em voga acerca do mysterioso desaparecimento d'El-Rei Dom Sebastião na batalha de Alcacerquibir, e da sua esperada e quasi infallivel resurreição, tratou de propalar pela população daquelle e dos vizinhos districtos, que estava sendo conduzido todos os dias por El-Rei Dom Sebastião a um sitio pouco distante do lugar de sua residencia, no qual mostrava-lhe aquelle, alem de uma lagôa encantada, de cujas margens extrahira aquelles e outros brilhantes, duas bellissimas torres de um templo, já meio vizivel, que seria por certo a cathedral do reino na epoca pouco distante da sua restauração.

Assim discorrendo, e nunca se esquecendo de mostrar, entre outros, um topico do folheto, em que o visionario escriptor, improvisado propheta, insinuava, que :

« Quando João se casasse com Maria
« Aquelle reino se desencantaria.....

conseguiu elle, graças á ignorancia da população, e á bem conhecida tendencia, que o espirito humano teve em todas as epocas para abraçar o maravilhoso e phantastico, não só poder realisar o seu casamento com uma interessante rapariga de nome Maria, que sempre lhe fôra negada, como mesmo obter por emprestimo de muitos fazendeiros do lugar, cuja lista seria longo referir, bois, cavallo, e dinheiro em porção não pequena, com a *onerosa condição* de restituir-lhes em muitos dobros, logo que se operasse o pretenso desencantamento do mysterioso reino.

O mameluco era homem sagaz, astuto, e manhoso, e sabia insinuar-se no animo das pessoas a quem communicava os mysterios, de que se inculcava depositario. Fallava a cada um numa giria especial, e sempre em linguagem adaptada á capacidade, intelligencia, e interesses daquelles em quem pretendia incutir suas doutrinas.

Aos mais credulos e ignorantes fallava sem rebuço de

Dom Sebastião, da restauração de um reino encantado, e de grandes riquezas : aos menos faceis em acreditar essas patranhas fallava apenas em algumas destas cousas ; e finalmente a quem não seria possível embair com taes embustes, mas de quem precisava haver dinheiro e protecção para o fim, a que se propunha, fallava apenas de um grande thesouro, que achava-se á sua disposição, e cuja publicidade estava apenas dependente de um evento proximo.

Desde o começo da sua predica o auxiliavam seu proprio pai Gonçalo José dos Santos, seu irmão Pedro Antonio, seus tios, e parentes, José Joaquim, Manoel Vieira, José Vieira, Carlos Vieira, José Maria Juca, e João Pilé, os quaes, constituindo por assim dizer o seu apostolado, iam dar testemunho das suas riquezas e fazer repercutir os seus engenhosos embustes no meio das populações ignorantes de Piancó, Cariri, Riacho do Navio, e margens do rio São Francisco.

O fim, que o impostor tinha em vista, não foi *a priori* conhecido das autoridades, e das pessoas sensatas da localidade, pela sagacidade e simulação, de que usava para occultar o seu pensamento intimo daquelles que podiam contrariar-o.

Entretanto lavrava o erro por entre a ignorancia de uns, a simpleza de outros, e a ambição de muitos, que tiveram a fraqueza de acreditar em suas promessas.

Assim pôde elle com seus embustes perturbar a consciencia de um povo, que sempre foi considerado o mais pacifico da comarca.

CAPITULO III

DESCRIPÇÃO DO SCENARIO, ONDE PASSAM-SE OS ATROZES ACONTECIMENTOS PRODUZIDOS PELO FANATISMO DE UMA ABOMINAVEL SEITA.

A Pedra Bonita ou Pedra do Reino, como lhe chamam hoje, são duas pyramides immensas de pedra massiça de côr ferrea e de fórma meio quadrangular, que, surgindo do seio da terra defronte uma da outra, elevam-se sempre á mesma distancia, guardando grande semelhança com as torres de uma

vasta matriz, á uma altura de 150 palmos aproximadamente, ou 33 metros.

A que fica para o lado do nascente mede 78 palmos do circunferencia na baze, que parece ser o lugar da sua maior grossura, e é dous ou tres palmos mais alta do que sua companheira, si bem que duas vezes mais fina do que ella. Por esta causa e em consequencia de uma especie de chovisco prateado, de que está coberta de meia altura para cima, e que parece infiltração de malacaxetas, adquirio ella o nome de Pedra Bonita, em completo prejuizo de sua companheira.

O espaço, que fica entre uma e outra pyramide, tem 25 polegadas de largura, e dá entrada por duas diversas aberturas, uma ao norte, e outra ao sul, para um corredor de 30 palmos de fundo, sempre claro e arejado por causa da grande porção de luz e de ar, que constantemente o perpassam.

Ao poente, e logo na extremidade da segunda pyramide, ou torre, ha uma pequena sala meio subterranea, a que chamavam santuario, não só por ser o lugar onde primeiramente entravam os noivos depois de casados pelo falso sacerdote da seita, o intitulado Frei Simão, ou Manoel Vieira moço, como porque era alli, que o pseudo vaticinador, o perverso João Ferreira, affirmava em suas praticas, que resuscitariam gloriosamente com El-Rei Dom Sebastião todas as victimas, que lhe fossem offerecidas.

Esta sala, que tambem servia de refeitorio á companhia (ao menos nas épocas festivas), como ainda hoje attesta a grande quantidade de fragmentos de louça branca, que se vê alli, é formada pelo grande vacuo, que deixam por debaixo de si tres pedras grandes, que partindo cada uma de seu ponto, sul, norte, e poente, vieram descançar suas pontas na segunda pyramide, na altura de quasi duas braças.

Apezar de meio subterranea, como fica dito, é esta sala sempre clara e arejada a qualquer hora do dia, por causa da sufficiente abertura, que cada uma destas pedras deixava nos pontos de junção entre si e sua companheira.

Ao sul desta sala, porém proximo della, elevam-se varias pedras grandes sobrepostas umas ás outras, as quaes formam por sua vez, e na altura de 30 palmos, uma especie de caramanchão abobadado, cujo pavimento ou assoalho inferior,

sobresahindo, ou antes estendendo-se horizontalmente até muito perto da segunda pyramide cu torre, fôrma nesse mesmo lado uma especie de bacia raza, ou terraço pensil, capaz de accomodar 25 ou 30 pessôas.

Este lugar tinha o nome de throno, ou pulpito, por ser delle que João Ferreira, inculcado propheta, pregava aos seus sectarios.

Cerca de duzentas braças ao norte das duas pyramides existe um penedo colossal, cuja concavidade natural, na parte inferior, formava um grande esconderijo, que augmentado por uma profunda excavação, que alli fizeram os sebastianistas, adquirio proporções para comportar o numero de duzentas pessôas.

Este lugar é conhecido pelo nome de Casa Santa, por ser alli que o perverso João Ferreira recolhia e embriagava os seus associados, ministrando-lhes beberagens todas as vezes que pretendia victimas voluntarias para o reino.

O reboço, que produz o vento sobre a folhagem dos catolezeiros, que quaes espectros mudos, ou selvagens semi-nús, se approximam em grupos da maior das duas pyramides, como si a quizessem combater ou derrubar; o constante cantarolar dos visitantes, que pretendem assim desterrar os innumerables cardumes de phantasmas, de que têm povoada a propria imaginação, de dentro das fendas e cavidades dos rochedos, em que vão penetrando em busca de alguma curiosa antigualha; e a invencivel disposição do espirito para acorrentar-se ao passado, exhumar, e fazer passar por diante do viajante até o ultimo dos personagens daquellas scenas malditas; tudo isto, digo, torna esses lugares tão sinistramente pavorosos que basta a quêda de um fructo, ou a carreira inesperada de um animal, que nos evita, para produzir um choque extraordinario, sobretudo nas pessoas de organisação nervosa e de alma um tanto impressionavel.

CAPITULO IV

RECEIOS PELO PROGRESSO DO PROSELYTISMO ; MISSÃO DO PADRE FRANCISCO CORREIA, E SEU EXITO ; RETIRADA DO FALSO PROPHETA PARA FÓRA DO DISTRICTO DE FLORES.

Bem differente tornou-se o aspecto do districto da Serra Talhada depois da propagação das doutrinas do mameluco. Seus esforços e os dos seus mais ardentes sectarios iam engrossando gradualmente a seita com multiplicadas conquistas feitas nas ultimas camadas da sociedade.

As pessoas honestas e bem intencionadas já começavam a receiar os máos effeitos da propaganda, não porque antessem o desfecho sanguinolento, que mais tarde foi posto em scena, mas porque, desviado o povo da crença da verdadeira religião, e do seu honesto trabalho e occupação, na esperança de indemnisar-se com os thesouros promettidos, não podia essa alteração nas crenças e costumes dos novos sectarios deixar de arrastal-os á pratica do furto, roubo, e outros crimes.

Essas e outras considerações, que assaltavam o espirito dos homens sensatos, moveram o padre Antonio Gonçalves Lima, sacerdote de vida exemplar e alta reputação moral, a reclamar a presença do missionario padre Francisco Correia naquelle districto, afim de abrir uma missão especial no intuito de desfazer os embustes da perigosa seita, que se erguia no meio de um povo honesto e laborioso, com visos de perdel-o.

O incansavel apostolo, apezar da sua idade septuagenaria e falta de saúde, não se fez esperar ; acudio immediatamente ao reclamo de seu confrade e amigo, que de viva voz lhe expoz o estado das cousas, e os meios que em sua opinião deviam ser empregados para combater a seita em seus fundamentos, desmascarar o impostor em suas pretensões, e livrar o pobre povo das garras do falso propheta.

Instruido de tudo quanto havia, seguiu o caridoso ancião para a fazenda Cachocira, pertencente ao capitão Simplicio Pereira da Silva, por parecer-lhe ficar mais proxima

dos lugares, em que mais enraizada se achava a doutrina plantada pelo mameluco, e ali chegando expedio emissarios em sua procura, e tratou de missionar alguns dias com o unico fim de desarraigal-o do espirito do povo tão pernicioso fanatismo.

Felizmente compareceu o impostor, ainda durante as missões, perante o admiravel levita, e depois de entregar-lhe as duas pedras, que estavam bem longe de ser brilhantes, e depois de publicamente confessar os seus embustes, prometto-lhe retirar-se do lugar; o que poz logo em execução, procurando os lados do Rio do Peixe, e passando dali aos de Inhamuns, e isto sómente por conhecer que a sua permanencia em Serra Talhada, alem de escandalosa e impossivel pelos embustes e dól-os já divulgados, tornar-se-ia contraria á propagação da sua propria doutrina.

CAPITULO V

REVELAÇÃO DO SEGREDO, E EXPOSIÇÃO DAS ATROCIDADES PRATICADAS NA PEDRA BONITA

Eram mais de dez horas da manhã do dia 17 de Maio de 1838.

Sentado com seus irmãos Cypriano e Alexandre Pereira, na frente da casa de sua fazenda Belem, situada cinco leguas ao poente de Serra Talhada, o commissario de policia daquelle districto, major Manoel Pereira da Silva, praticava com elles a respeito do abandono, em que estavam os gados da sua fazenda Caiçara, depois da inesperada ausencia do seu vaqueiro José Gomes, e dava uma vez por outra, algumas ordens, já aos escravos e já aos vaqueiros reunidos ali, relativas á vaqueijada, que naquella dia desejava fazer nos pastos daquella fazenda.

A manhã tinha sido bastante chuvosa, e por esta causa não estavam ainda presentes todas as pessoas, que tinham sido chamadas para tomar parte naquella expedição.

Varios grupos de cavallos da fabrica, que notavam-se com as sellas e de bridas amarradas na garupa, pastando pã-dos no pateo da fazenda, ou presos aos arvoredos, que havia

na frente e nos arredores da casa, bem mostravam, que, apesar da chuva que cahira, e da hora já muito adiantada do dia, a vaqueijada estava prestes a partir.

De repente aproxima-se, e ajoelha-se diante do commissario um individuo, cuja chegada ninguem notara pelo grande movimento das pessoas e dos cavallos, que constantemente cruzavam na frente da casa, e a quem á primeira vista não era facil reconhecer-se, por achar-se immundo, andrajoso, desfigurado, e assustado, como se viésse fugindo de uma dessas prisões subterraneas, em que os poderosos barões da idade média costumavam pôr a pão e agua os seus mais rancorosos adversarios.

O individuo, que se achava aos pés do commissario, e cujo estado degradante os leitores acabam de vêr, foi em breve conhecido de todos. Era José Gomes, o vaqueiro, que, ha mais de vinte dias, desapparecera, abandonando a fazenda Caiçára, e agora assim prorompia em supplicantes vozes :

« Valha-me, meu amo, e perdôe-me pelo amor de Deus !

« Levante-se ; conte-nos donde vem, aonde esteve, e porque quer valimento ? » Respondeu o commissario, levantando-o e indicando-lhe uma cadeira. Em seguida disse para uma mulata, que passava :

« Custodia, dize a tua senhora, que venha ver de que modo me appareceu o nosso vaqueiro José, e traze depressa alguma comida e um pouco de café. »

O silencio que seguio-se, foi profundo, porque José Gomes ia fallar, e todos ali previam, que alguma cousa extraordinaria lhe devia ter succedido. Elle, depois de sentar-se, ou antes depois de cahir sobre a cadeira, assim expoz o successo :

« Meu amo, fazem mais de vinte dias, que meu tio José Joaquim veio illudir-me na fazenda de V. S., e conduzio-me para a serra da Formosa para ver muitas cousas bonitas, e ajudal-o na defeza dos thesouros e do reino descoberto por João Antonio, os quaes contou-me, que já tinham sido desencantados por um rei muito sabio, mandado por elle de longe, e que achava-se com muita gente reunida e as familias da serra ao pé da Pedra Bonita.

« Não sou ambicioso, mas fui ver, se isto era verdade, para poder crer.

« Em verdade encontrei muita gente ao pé da Pedra Bonita, e vi, não os thesouros, mas o tal rei com uma grande corôa na cabeça, trepado numa ponta de pedra, pregando, cantando, e saltando muito alegre.

« Quando findou a sua pratica, o povo deu muitos vivas a Dom Sebastião, batendo as palmas, e meu primo Manoel Vieira moço, a quem chamam agora frei Simão(*) e estava lá com o pae, a familia, e os irmãos, foi fazer dous casamentos(**) de umas moças do Piancô, que não conheci.

« Isto feito, o rei, a quem em particular tambem chamavam João Ferreira, e ás vezes simplesmente Jôca, deu o braço ás duas noivas, e seguimos todos, tocando, cantando, e batendo palmas, para a Casa Santa, que é uma especie de subterraneo pouco distante, aberto por baixo de um penedo grandioso. Ali todos beberam um liquido dado pelo rei, ao qual chamavam vinho encantado(***) e fomos fumar em cachimbos para vermos as riquezas.

« Todos os dias sahiam meu tio José Joaquim, Gonçalo José, Carlos Vieira, José Maria Juca, e outros, e quando voltavam conduziam homeus, mulheres, meninos, e cães, que enganavam, e traziam, furtando nos caminhos, como succedeu commigo.

(*) Foi capellão por muitos annos na povoação de São Francisco districto da Serra Talhada, um frade portuguez de nome frei Simão do Coração de Maria, religioso da ordem franciscana. Era de costumes dissolutos, e muito conhecido em toda a comarca de Flores, onde sempre residio até que falleceu em idade avançada, pouco antes desses acontecimentos. E' delle que Manoel Vieira moço devia ter tomado o nome.

(**) Estes casamentos eram por demais ligeiros e simples. Presentes os noivos, testemunhas, e espectadores, o intitulado Frei Simão, proferindo certas palavras cabalisticas, mandava a noiva apertar com os seus os beijos do noivo, entregando-a em seguida ao rei para dispensal-a. Consistia esta dispensa em passar a noiva ao poder do rei, que a restituia no outro dia ao marido completamente dispensada.

(***) Certa composição de jurema com manucá, muito usada pelos selvagens, e pelos curandeiros de feitiço e de mordeduras-de cobra: tem a propriedade do alcool e do opio ao mesmo tempo.

« Sempre que o rei João Ferreira pregava, dizia : que seu irmão e rei João Antonio estava reunindo gente no Cariri, donde brevemente voltaria para ajudal-o nos trabalhos da restauração do reino ; que aquelle reino era de muitas glorias e riquezas, mas como tudo que era encantado só se desencantava com sangue, era necessario banhar-se as pedras e regar-se todo o campo visinho com sangue dos velhos, dos moços, das crianças, e de irracionaes ; que isto, alem de necessario para Dom Sebastião poder vir logo trazer as riquezas, era vantajoso para as pessoas, que se prestavam a soccorrel-o assim ; porque, si eram pretas, voltavam alvas como a lua, immortaes, ricas, e poderosas ; e si eram velhas, vinham moças, e da mesma forma ricas, poderosas, e immortaes com todos os seus.

« Quando não estava pregando, assistiamos a algumas festas de casamentos, porque sempre os havia, casando ás vezes um homem com duas e tres mulheres, ou bebiamos do vinho, que mostrava os thesouros, ou finalmente iamos aos roçados, e ás cascas da serra, que ficavam ali perto, buscar fructas e legumes. Tambem cantavamos muitos bemditos e rezas, mas comia-se pouco, e era prohibido lavar pannos e roupas antes de desencantar-se o reino.

« As pessoas de confiança eram as unicas, que andavam por fóra, e si a necessidade do serviço exigia muita gente, como na péga dos gados, cada pessoa suspeita era sempre acompanhada por duas e tres de confiança.

« Havia muita gente grande no reino, a quem todos, excepto o rei, obedeciam, porém os primeiros eram — Gonçalo José dos Santos e José Mariã Juca (hoje finado), por serem paes dos dous reis, João Antonio e João Ferreira ; seguiam-se depois a rainha, que é Josepha, filha de Gonçalo José, e mulher de João Ferreira ; Pedro, e Izabel, irmãos daquella, meu tio José Joaquim, e toda a familia Vieira em geral.

« Tam assim passando-se os tempos, até que no dia 14 deste (oh ! que dia infeliz e horroroso.....) o rei depois que deu muito vinho a todos, declarou : « Que E Sebastião estava muito desgostoso e triste com o seu povo..... »

« E porque ? Perguntaram os homens muito afflietos, e as mulheres todas muito chorosas.....

« Porque são incredulos !..... porque são fracos !.....

porque são falsos !..... e finalmente, porque o perseguem, não regando o campo encantado, e não lavando as duas torres da cathedral do seu reino com o sangue necessario para quebrar de uma vez este cruel encantamento » preferio o rei e outra voz muito lamentosa, que pareceu sahir de detraz delle.

« Ah ! meu amo e senhores, o que depois disto seguio-se é horrivel !.....

« O velho Juca foi o primeiro, que correu, abraçou-se com as pedras, e entregou o pescoço a Carlos Vieira, que o cortou cerceo, pois já lá estava com um facão afiado.

« Como ? (bradaram o commissario e todas as pessoas presentes horrorisadas) ; pois elle matou o velho devéras ? Estaes sonhando, José ?.....

« Sim, meu amo, matou, e não foi este só. Mataram ainda muitos homens, muitas mulheres, muitos meninos, e creio, que continuam matando !.....

« Jesus, meu Deus, que horror ! » Exclamaram de novo as mesmas pessoas, acerescentando :

« E quem matou essa gente, José ? Estaes doudo, ou estaes mentindo ! » Gritou o commissario, pegando-lhe do braço e saccudindo-o com força.....

« Antes estivesse doudo, ou mentindo, meu amo.....

« Quando o rei concluiu o discurso, de que fallei, e o velho Juca se apresentou a Carlos Vieira, as mulheres e os homens iam agarrando os filhos, que estavam alli, ou iam buscá-los fóra, e vinham entregal-os ao mesmo, Carlos Vieira, a José Vieira, e a outros, que lhes cortavam os pescoços, ou quebravam-lhes as cabeças nas mesmas pedras, que untavam de sangue.

« Nessa ocasião aproveitei-me da confusão e horror, que havia, e fugi sem ser visto ; mas com tanto espanto e infelicidade, que andei mais de dous dias perdido, sustentando-me simplesmente dagua e de fructas. »

Mal acabava a narração do tragico e horrido successo, quando entra na sala um escravo, o qual tira um papel, e o apresenta ao commissario, dizendo :

« Aqui está este bilhete, que meu senhor mandou. »

O commissario, tomando o bilhete, leu o seguinte em voz alta :

« Compadre Manoel Pereira.

« Hoje, muito cedo, mandei um portador á lagôa da Formosa chamar o compadre Manoel Vieira e os filhos, para virem me ajudar esta semana na desmancha da mandioca dos Póços. Muito antes de chegar na serra encontrou elle com dous meninos, que vinham fugindo ás carreiras da Pedra Bonita, aonde lhe disseram, que estava havendo, ha dous ou tres dias, grande mortandade de gente para desencantar-se um reino. Creio, que isto será verdade, porque a familia do compadre Manoel Vieira e outras por alli vivem, ha muito, mettidas por lá sem me apparecerem, e acreditam, que ha nas pedras um grande reino, que só se desencanta com sangue. A mim tem elles dito isto muitas vezes.

Seu compadre e amigo

MANOEL LEDO DE LIMA.

« Póços, 16 de Maio de 1838. »

CAPITULO VI

DISPOSIÇÕES DA AUTORIDADE POLICIAL PARA DISSOLVER O ILLICITO AJUNTAMENTO ; MARCHA DA FORÇA EXPEDICIONARIA DIRIGIDA PELO COMMISSARIO DE POLICIA ; CHEGADA DESTA JUNTO Á PEDRA BONITA ; ESTADO EM QUE FOI ENCONTRADO O INCULCADO REI, FALSO PROPHETA DA SEITA.

O commissario major Manoel Pereira da Silva, mais tarde coronel e commandante superior dos municipios de Flores, Ingazeira, e Villa Bella, era um dos mais bellos caracteres, que tem tido os sertões desta provincia.

Fazendeiro rico e abastado por si e sua numerosa familia, não era comtudo o ouro que o considerava e distinguia entre os seus concidadãos, mas sim um complexo de qualidades raras e de virtudes civicas e moraes, que difficilmente se encontram reunidas no mesmo individuo.

Coração bem formado, magnanimo, e generoso, alma nobre, liberal, e franca, espirito recto, maneyras brandas, e trato ameno, eram qualidades, que desde o verdor dos annos distinguiam o major Manoel Pereira, em quem todos folgavam de reconhecer os predicados de bom pae, bom filho, bom irmão, bom esposo, bom amigo, bom cidadão.

Seu amor ás instituições era o mais ingenuo; sua lealdade politica um modelo; sua dedicação ao serviço publico uma abnegação dos proprios interesses.

Em toda a palavra, ninguém melhor do que elle comprehendia os deveres de cidadão; e nenhum cidadão prestou ainda no interior de Pernambuco tão relevantes serviços no espaço de mais de 30 annos de sua vida publica.

A dolorosa impressão, que produziu em seu espirito a extranha narração de José Gomes, confirmada pelo bilhete, que acabava de receber, despertaram-lhe a idéa de partir immediatamente para o lugar, onde o fanatismo enthronizado pela maldade, e o crime requintado pela ambição despedaçavam a innocencia, ameaçando a justiça, e aniquillavam a moral, pondo em perigo a religião.

Sem considerar no perigo, á que podia expol-o um accommetimento precipitado; sem requisitar a força publica, que achava-se á 15 leguas de distancia; e sem recorrer mesmo aos seus numerosos amigos e irmãos, que residiam mais affastados, resolveu partir no dia seguinte muito cedo, e dar combate ao inimigo com aquella gente de sua visinhança, que podesse reunir até aquella hora, e com os poucos moradores, que fosse encontrando nas fazendas, que margeavam os caminhos, por onde José Gomes, que servir-lhe-ia de guia, devia encaminhar a força.

Alem do seu amor á causa publica, duas circumstancias poderosas arrastavam o commissario Manoel Pereira da Silva a fazer esta marcha com uma temeridade e precipitação incongruentes com a sua comprovada prudencia e reconhecido bom senso.

Estas duas circumstancias eram primeiramente o grande contingente de forças, que no dia seguinte, 18 de Maio, o seu destemido e intrepido irmão, capitão Simplicio Pereira da Silva, devia trazer para encorporar ás suas, nas immediações

da serra Formosa ; e em segundo lugar a tenaz insistencia, que os seus dous irmãos Cypriano e Alexandre Pereira empregaram perante elle (sobretudo depois que souberam de um ataque, que os sebastianistas se propunham a fazer em suas casas e fazendas), para que fossem immediatamente combater o inimigo.

Assim, não obstante ter-se elle empregado durante toda a tarde e quasi tres partes da noite do dia 17 do mez de Maio em expedir portadores para diversos pontos, e em prevenir-se de armas e cartuchos, já achava-se de marcha para a serra Formosa, em companhia de seus dous irmãos, e á frente de 26 paisanos bem montados, armados, e dispostos, quando a aurora do dia 18 do dito mez começava a derramar sua rozeada luz sobre as aguas prateadas do riacho Belem.

Tamanha soffreguidão e açodamento levava em sua marcha esta cavallhada, que apezar do pessimo estado do caminho, e de algumas pequenas paradas, que teve de fazer nas fazendas Caiçara, Poços, e Sítios Novos, aonde foi augmentada com mais nove cavalleiros, achava-se por volta de uma hora da tarde no sobpé da Serra Formosa, no lugar denominado Gamelleira, cinco leguas distante da fazenda Belem, e uma, quando muito, da Pedra Bonita.

Devendo ser ali o ponto de reunião daquella com a força do capitão Simplicio Pereira da Silva, que infelizmente ainda não havia chegado, resolveu o commissario fazer alto naquelle lugar, afim de refazer os cavalloos, e dar tempo á chegada tanto daquella força como de outra, que devia ter partido na mesma manhã da fazenda Santa Rita e outros pontos. Infelizmente não succedeu assim ; porque estando já apeado com alguns soldados em uma casinha, que havia ali, foi forçado a montar-se de novo para acompanhar seus dous irmãos, que já haviam desaparecido, seguido de alguns companheiros, em direcção á Pedra Bonita.

Naquelle tempo, como ainda hoje, a serra Formosa, não obstante a sua grande fertilidade e excellencia para quasi toda a especie de agricultura, tinha apenas uma meia duzia de familias, que moravam em choupanas de palha, e trabalhavam proximas umas das outras, e era tecida ou trançada de contínuos balseiros de juremas, giquirizeiros, unhas de gato, e

outros espinheiros baixos, que só podia galgar quem, como o major Manoel Pereira, e a força sob seu commando, tivesse um pratico, que lhe mostrasse as estreitas e rarissimas veredas, de que se serviam pouco frequentemente os respectivos moradores.

Sendo uma das mais transitaveis aquella que a força seguira, tinha alem disso a vantagem não pequena de ir ter a umas capoeiras velhas, onde os espinheiros eram substituidos por um campinal altissimo, algumas ervas baixas, e uma meia duzia de umbuzeiros ramalhudos, poupados pelo fogo e pelo machado daquelles moradores.

Estes umbuzeiros ficavam pouco distantes da Pedra Bonita ; e era debaixo delles, que o commissario concordara afinal com seus irmãos em dar descanso á força, e deixar os cavallos.

No momento, porem, em que os dous irmãos Cypriano e Alexandre Pereira e os poucos soldados, que os seguiam de perto, se aproximavam das capoeiras, e se dirigiam a aquelles umbuzeiros, acharam-se face á face com Pedro Antonio, o qual estava com uma grande corôa de cipó na cabeça, nú da cintura para cima, acompanhado de um sequito numeroso de mulheres, meninos, e de homens, como elle, semi-nús e armados de facões e cacetes.

Para seguir a ordem natural dos factos e instruir os leitores da causa, porque tres dias antes tendo ficado os sebastianistas ao pé da Pedra Bonita, sob o commando de seu improvisado rei João Ferreira, apresentavam-se agora commandados por Pedro Antonio, em lugar diverso, e não esperado, retrogradarei um pouco, afim de narrar os acontecimentos, que se detam ali depois da fuga precipitada do vaqueiro José Gomes.

E será este o objecto do seguinte capitulo.

CAPITULO VII

INAUDITAS SCENAS DE ATROCIDADE E FEREZA PASSADAS NA PEDRA BONITA ; IMMOLAÇÃO DO REI JOÃO FERREIRA, SUBSTITUIÇÃO DESTES PELO REI PEDRO ANTONIO.

Os sacrificios começados no nefasto dia 14 de Maio, e referidos por José Gomes da fôrma por que vimos no capitulo quinto, continuaram nos seguintes dias 15 e 16 com o mesmo, si não com maior desvairamente ; porquanto o monstruoso e perverso João Ferreira, uzando todos os dias de expedientes e embustes sempre novos, conseguira mergulhar aquella turba numa especie de delirio, ou embriaguez continuada.

No auge supremo desta embriaguez, um pardo de nome João Pilé, filho das margens do rio São Francisco, e ha annos morador nas immedições da Serra Formosa, para dar um testemunho da sua adhesão, e obter o melhor quinhão no reino, subio ao cume de um rochedo proximo, e precipitou-se com dous netos nos braços de uma altura maior de cincoenta palmos.

O instincto de conservação, reagindo contra a loucura naquella occasião, obrigou-o a salvar-se, se bem que muito contuso(*) e com perda dos dous netos, agarrando-se nas folhas de um robusto catolezeiro, que encontrou no meio da quéda.

Em seguida José Vieira pega em um filho maior de dez annos, colloca-o na *pedra dos sacrificios*, e decepa-lhe o braço do primeiro golpe, e isto quando a victima, ajoelhando-se, bradava-lhe de mãos postas : « Meu pae, você não dizia, que me queria tanto bem ? !... »

Uma viuva de nome Francisca, que ainda hoje reside perto daquellas paragens, em Caianinha, alimentando a louca

(*) O abastado fazendeiro José Alves de Carvalho, morador na fazenda Santa Cruz, quatro leguas distante da Pedra Bonita, apresentou-me o seu vaqueiro José Pilé, filho de João Pilé, contando-me que este ficara tão contuzo da quéda, que déra no celebre salto com os dous netos, que levou mais de dous mezes em serio tratamento ali, para poder restabelecer-se.

pretenção de ser rainha, immola por si mesma seus dous filhos mais novos, e fica em termos de desesperar, quando vê, que escaparam-lhe, fugindo, os seus dous filhos mais velhos, João e Levino ! (*)

Izabel, irman de Pedro Antonio e do primeiro rei João Antonio, é designada para o sacrificio pelo execravel João Ferreira, que respondia ás suas supplicas e allegações de gravidez, gritando para Carlos Vieira e José Vieira : « Immolae-a mesmo assim, para não soffrer duas dôres, a do parto, e a do encantamento... »

Tão adiantado era o estado interessante desta infeliz, que momentos depois de ter recebido o golpe fatal, a criança rolava pela rampa da pedra, e extendia-se no chão !

Uma donzella das partes da Conceição do Piancó, chegada com seus paes naquelle mesmo dia, e igualmente designada para o sacrificio, tendo conseguido escapar-se durante a morte de Izabel, é perseguida pelos dous carrascos Carlos Vieira e José Vieira e de novo collocada na pedra, onde recebe a morte, como a sua desgraçada companheira.

Finalmente, Josepha, irman esta de Pedro Antonio e de João Antonio, conhecida como rainha por se ter casado ali mesmo com o monstro, não podendo supportar, sem queixas, o concubinato, em que vivia seu pretenso marido, recebe deste setenta e tantas facadas durante a noite do dia 16 !

Desta fórma, no fim do terceiro dia de matança, tinha o execravel e deshumano João Ferreira conseguido lavar as bazas das duas torres, ou pyramides de granito, e inundar os terrenos adjacentes com o sangue de 30 erianças, inclusive os dous netos de João Pilé, 12 homens, entre estes seu proprio pae, e 11 mulheres, cujos corpos, (excepto o daquella donzella, que corrêra, o qual fôra julgado indigno de estar com os demais), bem como os esqueletos de 14 cães, que havia morto para o mesmo fim, iam sendo collocados ao pé das pedras em grupos simetricos, conforme o sexo, idade, e qualidade dos mesmos.

(*) Livino reside hoje no sitio denominado Tamanduá, limites de Flores com o Triumpho; e é um daquelles meninos de que faz menção o bilhete de Manoel Ledo de Lima, transcripto na ultima parte do capitulo quinto.

Na manhã porem do dia 17, quando o monstro, não satisfeito ainda com o sangue derramado, se dispunha a preparar o povo para novas scenas, Pedro Antonio, indignado pela morte de suas duas irmães, e julgando-se com melhor direito ao supremo poder, por ser irmão do primeiro rei João Antonio, antecipou-se em subir ao throno e dalli annunciou em voz aita :

« Que Dom Sebastião, creado da sua côrte, lhe apparecera na noite antecedente, e reclamava a presença do rei, unica victima, que faltava para operar-se o seu completo desencantamento. »

« Viva El-Rei Dom Sebastião ! Viva nosso irmão Pedro Antonio !..... »

Tal foi o brado unisono de todos os circumstantes.

Em seguida acrescentaram, vendo que o rei tremia a ponto de não suster-se de pé :

« Ao sacrificio Carlos Vieira : ao sacrificio José Vieira, antes que elle se torne indigno como aquella tôla rapariga. Andae, pois elle se amofina ! »

Poucas horas depois, Pedro Antonio era proclamado rei, e o cadaver (*) do seu antecessor, de execranda memoria, era amarrado de pés e mãos fóra do campo em dous grossos arvoredos.

Como já se não respirava ar puro no lugar, onde se achavam tantos cadaveres em estado de putrefacção, ordenou o novo rei a transferencia do acampamento para o pé daquelles umbuzeiros, onde devia operar-se o apparecimento de Dom Sebastião, e onde estavam construindo cabanas na occasião do encontro com a força do major Manoel Pereira.

(*) As pessoas que estiveram no reino são accordes em affirmar, sem admitir a minima contestação, e isto desde aquella época até hoje, que viram-se forçadas a quebrar a cabeça de João Ferreira, a extrahir-lhes as entranhas, e a atar o seu cadaver de pés e mãos naquellas arvores, por causa dos berros, das roncarias, e dos sinistros movimentos, que elle, depois de morto, executava com a bocca, com o ventre, e com os braços. Como quer que seja, era este o estado do seu cadaver, quando o missionario Francisco Co. reia o encont ou e desenhou.

CAPITULO VIII

ENCONTRO E CONFLICTO DA FORÇA LEGAL COM OS FANÁTICOS ; DESTROÇO E DISPERSÃO DESTES ; PROCEDIMENTO HUMANO E GENEROSO DO COMMISSARIO MANOEL PEREIRA DA SILVA ; DESTINO DOS INDIVIDUOS APREHENDIDOS.

« Não os tememos. Acudam-nos as tropas do nosso reino !.....

« Viva El-Rei Dom Sebastião ! »

Assim exclamou Pedro Antonio, agitando no ar a sua corôa, e arremessando-se furioso com todos os seus sobre aquelle punhado de cavalleiros, á cuja frente já de novo se achava o commissario major Manoel Pereira da Silva.

O seu grito de guerra, immediatamente repetido por mais de cem vozes sahidas de todos os pontos daquelle provisorio acampamento, foi logo solemnizado com canticos da ladainha, bemditos, e officios entoados pelas mulheres e meninos, que, ora batendo palmas, ora brandindo espetos e cacetes, investiam como outros tantos combatentes em auxilio de seus paes, filhos, irmãos, e maridos, que já se achavam a braços, e em luta aberta com os poucos soldados do commissario.

Os intrepidos e corajosos cavalleiros não recuavam, e á voz do seu respeitavel e distincto chefe, pulando dos cavallo e tomando a posição defensiva, que o caso e circumstancias lhe permittiram, acceitaram o combate no proprio sitio, onde realizou-se o encontro, e no mesmo lugar, onde foram agredidos.

Foi horrivel o combate, que resultou do encontro das duas forças.

Mais horrivel era o aspecto de um punhado de bravos em luta desigual, e corpo a corpo (pois que poucos puderam mais de uma vez uzar das espingardas) com uma horda de sicarios desejosos do martyrio, e fanatisados com a idéa da immediata resurreição. Muito mais horrivel e horripilante foi a scena, que momentos depois representava o desfecho dessa luta sanguinolenta !

Não houve tempo para pensar nos meios da aggressão e

defeza ; e já não era tempo de evitar as consequencias de um conflicto todo casual.

Impossivel me seria descrever hoje as scenas e os actos de bravura, que no limitado espaço de uma hora pozeram termo ao fanatismo daquella desvairada caterva, sepultando com seus corpos as sementes de infernal doutrina.

Sobre o campo do combate ficaram 22 cadaveres, sendo o do rei com 16 dos seus sectarios, inclusive tres mulheres, e os de Cypriano e Alexandre Pereira, irmãos do commissario, com mais tres dos seus companheiros, alem de muitos feridos de ambos os lados, entre estes o proprio commissario, cuja vida correu perigo.

Em outro recontro, que minutos depois tiveram os sebastianistas fugitivos com as forças do capitão Simplicio Pereira da Silva, recentemente chegadas, perderam aquelles mais oito companheiros.

A scena mais patetica de todo esse drama foi a que teve lugar depois do combate, quando os valentes soldados do commissario descobriram entre os mortos os cadaveres de seus cinco companheiros de armas. Os parentes e amigos das victimas lançaram-se com incrível furor sobre as mulheres e filhos dos criminosos, no intuito, como diziam, de não deixarem raça de taes perversos !

Aqui ostenta a grande alma do major Manoel Pereira toda a energia de suas virtudes. Chorando a morte dos seus amigos e companheiros de armas, e especialmente a de seus dous irmãos, elle estendia a bandeira da misericordia sobre aquelles infelizes, que lhe supplicavam a vida, e exclamava :

« Meus amigos, perdão para esses desgraçados..... Para que maior desgraça do que terem perdido os seus naturaes protectores, e acharem-se reduzidos a este lastimoso estado ?

« Perdão para elles, para que Deus tambem perdoe as nossas faltas.

« Choremos a perda de nossos caros irmãos e companheiros, sepultemos seus corpos, sufraguemos suas almas, protejamos suas familias, e confiemos na Providencia.

« A isso limita-se o nosso dever.

« Poupeemos estes infelizes, que perdidos pela má dou-

trina, permittio Deus cahissem em nossas mãos, para serem salvos pelo espirito da verdadeira religião. »

Nunca o homem eleva-se tanto como quando exerce actos, que mais o approximam da Divindade.

O major Manoel Pereira foi o heróe desta scena.

Perdoando as incautas victimas do fanatismos, e obstando o morticínio de tantos innocentes na occasião solemne, em que seu coração mais despedaçado se achava pela angustiosa perda dos irmãos, revelou-se christão sincero, e cidadão benemerito, e legou-nos honrada memoria, que durará grata na recordação dos homens justos e sensiveis.

Conhecendo elle quanto perigo corriam fóra de suas vistas as mulheres e filhos dos criminosos ali apprehendidos, segue pessoalmente com elles, escoltados apenas por alguns de seus soldados, visto como occuparam-se os outros com a condução dos corpos dos cinco companheiros fallecidos para serem sepultados na igreja de Serra Talhada, que distava onze leguas.

Baldo de mais recursos na occasião, deu suas ordens a um fazendeiro vizinho da serra, para mandar sepultar os cadaveres dos criminosos, ordem esta que mais tarde soube não fóra cumprida, por terem sido encontrados os mortos em tal estado de putrefacção, que inhibiu o enterramento.

Apenas chegou o commissario em sua fazenda Belem, enviou os presos com uma communicacção mais ou menos circumstanciada ácerca do occorrido ao prefeito de Flores, Francisco Barbosa Nogueira Paes, e este por sua vez, dando sciencia de tudo á presidencia da provincia, como se vê do officio respectivo, publicado no fim destes apontamentos, soltou as mulheres, distribuiu as crianças, e passou os delinquentes á disposiçao do juiz criminal.

Uma dessas crianças é o digno tabellião de Flores, Joaquim José do Nascimento Vanderley, educado pelo padre Manoel José do Nascimento Bruno Vanderley, de quem tomou o appellido.

Entre os delinquentes contava-se Gonçalo José dos Santos, pae do rei João Antonio, o qual, condemnado pelo jury de Flores, acabou os dias arrastando os ferros já nesta capital, e já no presidio de Fernando.

CAPITULO IX

VEM O MISSIONARIO FRANCISCO CORREIA Á PEDRA BONITA PREGA AOS VIVOS, E SEPULTA AS RELIQUIAS DOS MORTOS, PONDO NO LUGAR DA CATASTROPHE O MYSTERIOSO SYMBOLO DA REDEMPÇÃO CHRISTÃ, AINDA ALI SUBSISTENTE.

O caridoso e bem conhecido missionario Francisco Correia achava-se ausente da freguezia nas épocas, em que tiveram lugar os acontecimentos, que ficam narrados nos tres capitulos antecedentes.

Imagine-se, pois, qual seria a sua afflicção e espanto, quando lhe informaram, que apezar da sua abnegação e esforços, as doutrinas do mameluco tinham produzido todos os seus effeitos naturaes, attingindo resultados porventura mais tragicos e funestos !

Imagine-se ainda quanto não subiria de ponto essa afflicção, quando, dous mezes depois, transportando-se a aquelle lugar, no meio de numerozo concurso de povo, no louvavel empenho de missionar e dar sepultura aos mortos, elle desenhava com sua propria mão, para servir de lição aos vindouros, as pedras, o campo, e a ossada das victimas, tal qual encontrara ; assim como alguns episodios mais tragicos ali succedidos, que a estampa patenteia, e elle tanto se esforçara por evitar !

Aquelle lago de sangue, em que se afogaram 53 cadaveres atirados ali por mão perversa, e por uma das mais inconcebiveis imposturas, de que pode fazer menção a historia da humanidade, converteu o santo missionario em uma grande sepultura, na qual com as proprias mãos, e entre lagrimas encerrou toda a ossada dos mortos, esparsos fragmentos escapos aos vermes e á rapacidade dos corvos no curto espaço de dous mezes.

Si os échos daquellas pyramides fataes podessem hoje repetir-nos todas as palavras do discurso daquelle inspirado orador, proferido na occasião em que, tendo nas mãos os restos do cadaver daquella martyr donzella, que fôra arredado como indigno do meio dos outros, dava sepultura á ossada dos trinta innocentes como ella sacrificados, por certo teria a posteridade

de apreciar um rasgo de eloquencia tão pomposo e sublime quão horrivel e extraordinaria era a catastrophe, que lhe servia de assumpto, e que a historia registrará.

Sobre a sepultura dos cadaveres mandou o caridoso missionario collocar uma grande cruz de madeira tôska, que ainda hoje se conserva, e testifica, que ali jazem os restos mortaes das victimas da horripilante tragedia.

Quem por ali passa costuma descobrir-se diante do signal da nossa redempção, e rezar um *pater noster* pelas almas daquelles finados.

CAPITULO X

SORTE DO PRIMEIRO AUTOR DO EMBUSTE, E PRIMEIRO REI JOÃO ANTONIO, BEM COMO DE OUTROS PERSONAGENS DO DRAMA.

Os leitores naturalmente desejarão saber, que fim levaram João Antonio, e alguns dos outros personagens fiugurantes neste drama. Destina-se o presente capitulo a satisfazer esta justa curiosidade.

O mameluco João Antonio, quando presentia imminente o morticinio da Pedra Bonita, retirou-se precipitadamente do Cariri, onde estivera escondido e em communicação sempre activa com o seu preposto João Ferreira, e foi residir com a mulher e uma filhinha de dous annos de idade nas minas novas de Suruá.

Ahi vivia em uma choça de capim, que construiu no meio de um arraial de choupanas iguaes, habitadas pelos mineiros.

Reputava-se elle então sobejamente seguro, protegido pelo capellão das minas, que era o decimo padrinho, que tivera sua filha, assim como por diversos mineiros, e preparava-se talvez para mais tarde pôr em execução alguma nova proeza, quando, em uma esplendida noite de Agosto do mesmo anno, foi agarrado por dous officiaes de justiça, que o juiz de paz do Cotovello, Pedro José, forneceu a Roque e Antonio da Cruz, agentes do commissario da Serra Talhada, unicos dos doze,

que haviam sido expedidos, que tinham se atrevido a chegar tão longe com a precatória respectiva.

Quando João Antonio vio-se em poder dos adversarios, longe de maldizer a sua sorte, e mostrar descontentamento, procurou ao contrario captar-lhes os animos e deslumbra-los ao mesmo tempo com promessas de immensos thesouros, que podia, quando quizessem, pôr á sua disposição.

Certo porem de que nenhum partido vantajoso tirava por ahi, e vendo mais tarde que os seus dous conductores vinham seriamente accommettidos de febres intermitentes, soffrendo ataques quasi conjuntamente, começou a dirigir-se á mulher em giria desconhecida por elles, na qual ensinuava-lhe, que os matasse, quando estivessem accommettidos do mal, porque bastariam as riquezas que elles traziam nos macotes para tornarem-se riquissimos.

Apezar de vir bem algemado e amarrado, e de dormir incommunicavel, e sempre com dobrada segurança, tão precario era o estado de saúde dos dous conductores, quando chegaram á Lagoa Encantada, tres legoas abaixo da villa Xique-xique, que resolveram matal-o antes de serem victimas da molestia ou de algum novo ardil.

Assim, por uma coincidencia bem notavel, fôra preso no meio das minas, e viera morrer em nma lagôa encantada aquelle que com embustes de minas e de lagôa encantada, conseguira desvairar e perder tantos infelizes.

Depois de alguns dias de demora, gastos naquelle lugar em combater o mal, de que estavam accommettidos, vieram os dous conductores á villa do Joazeiro, nas margens do rio São Francisco, onde estiveram novamente recahidos. Quando melhoraram, souberam, que a viuva do mameluco retirára-se com a filha para as partes de Santa Catharina, em companhia de uns negociantes, que regressavam para ali.

José Joaquim, Carlos Vieira, José vieira, Manoel Vieira (pae) morreram no fogo, que tiveram com a força do commissario.

Frei Simão ou manonel Vieira moço e dous filhos de João Pilé morreram, aquelle perto da fazenda Lagoinha, e estes entre a serra da Formosa e Conceição de Piancó, em acto de resis-

tencia, com outros companheiros, contra as forças perseguidoras do capitão Simplicio Pereira da Silva.

Finalmente João Pilé occultou-se no Cariri, e nas immediações de Piancó, onde tempo depois morreu de molestia natural.

CAPITULO XI

COMMUNICAÇÃO NOTAVEL DO FACTO PELO PREFEITO DE FLORES AO PRESIDENTE DA PROVINCIA DE PERNAMBUCO.

O seguinte officio foi-me fornecido pela Secretaria da presidencia da provincia, e vai publicado tal qual foi escripto.

« Illustrissimo e Excellentissimo Senhor. — Pela primeira vez que me dirijo a V. Exc., participando o estado desta comarca, que, apesar de se achar tranquilla, todavia tenho de levar ao conhecimento de V. Exc. o caso mais extraordinario, mais terrivel, nunca visto, quasi incapaz de acreditar-se: e eu deixaria de noticiar um similhante acontecimento, si não fosse obrigado pelo dever, que me impõe o emprego, que por V. Exc. me foi confiado, talvez por desconhecer a incapacidade do meu criterio.

« Permitta-me V. Exc., que por um pouco vá analysando os factos, e prejuizos taes quaes tiveram lugar nesta comarca, nas immediações de Piancó.

« Ha mais de dous annos, Exm. Sr., que um homem de nome João Antonio, morador no sitio Pedra Bonita, distante desta villa vinte duas leguas (lugar este composto de bosques, junto aos quaes se acham dous penedos acroceraunios), se lembrou de apresentar uma sizania aos povos, dizendo que naquelle lugar existia um reino encantado, e que estava a desencantar-se, em cuja occasião appareceria El-Rei Dom Sebastião, com um grande exercito, ricamente adornado, e que todos os que o seguissem seriam felizes; e foi lidando nesta seita, até que em dias do mez de Novembro proximo passado

aconselhado (1) pelo missionario Francisco José Correia de Albuquerque, fizesse uma viagem para o sertão de Inhamuns, donde mandou um seu enviado de nome João Ferreira (2), homem hostil, pessimo, e esquisito; de sorte que este lóbo, assim chegado no lugar Pedra Bonita, e aclamando-se rei, tratou de trazer os povos rusticos sujeitos a umas idéas supersticiosas, dizendo-lhes que para a restauração do reino tornava-se necessario, que fossem immoladas as victimas de homens, mulheres, e crianças, e que em breves dias resuscitariam todos, e ficariam immortaes, sendo esses sacrificios uteis para regar o campo encantado com o sangue humano e dos innocentes, depois do que appareceriam as maiores riquezas do mundo, e que todos os pardos do lugar ficariam mais alvos do que a propria lua; de maneira que assim pôde reduzir os povos ignorantes ás suas falsas declamações, e pessima doutrina, e conseguiu, que alguns paes entregassem seus filhos ao cutello do sanguinario tigre, e no dia 14 do corrente deu principio ás suas hostillidades, assassinando até o dia quarta-feira 16 deste mesmo mez vinte e um adultos (3) e vinte e um parvulos de ambos os sexos, e casando cada homem com duas e tres mulheres, sendo este contracto feito pelo mesmo idolatra (4) com superstições proprias de sua immoral conducta; porem o seu resultado foi tristissimo, porque Pedro Antonio, irmão do primeiro inventor João Antonio, já intolerante dos desatinos de semelhante caifaz, ou talvez ambicioso de o sub-

(1) Imperdoavel defeito de redacção! Vide o que acerca desse venerando missionario fica dito nos capitulos 1, 4, e 9.

(2) João Ferreira não veio de Inhamuns, porem sim dos lados de Souza ou Catolê do Rocha. Vide o que se disse a respeito no capitulo 5.

(3) O prefeito estava então mal informado sobre o numero das victimas; e assim devia ser, pois fundou-se em informações muito ligeiras, dadas pelo commissario. Vide ainda o que fica dito a respeito no capitulo 7.

(4) Esta asserção tambem é defeituosa por falta de informações exactas, pois que os casamentos não eram feitos por elle, mas sim por Frei Simão, ou Manoel Vieira moço. Vide ainda o que se disse a tal respeito no final do capitulo 5.

stituir no reinado, determinou assassinal-o (*), como fez no dia quinta-feira 17, dia em que, correndo um dos moradores do lugar, fez aviso ao commissario Manoel Pereira da Silva, e este immediatamente fez reunir uma força composta de vinte e seis guardas nacionaes e paisanos, seguindo no dia sexta-feira, 18 do supracitado mez, do seu sitio Belem, distante do dito lugar da desordem 8 leguas (**), e já perto encontrando a Pedro Antonio, assassino do barbaro João Ferreira, coroado com uma corça de cipó, tomada ao seu antecessor, e acompanhado de um grupo de homens e mulheres, que gritavam em altas vozes : « cheguem, que os não tememos, e acudam-nos as tropas do nosso reino ; » e com taes alaridos principiaram a brigar de forma que poderam logo (a cacete, espada com que brigavam) matar cinco homens de tropa, e ferirem a quatro, entre os quaes mortos foram os cidadãos Alexandre Pereira da Silva e Cypriano Pereira, irmãos do commissario (perda esta sensível) ; mas, Exm. Sr., de balde foi o plano dos desordeiros, que, sendo fortemente atacados, perderam em um instante 29 pessoas, incluzive tres mulheres, alem de feridos, que pelos matos correram, sendo prisioneiros tres homens, nove mulheres, e doze meninos.

« Note V. Exc., que naquelle dia 18, ás 4 horas da tarde, foi, que me chegou a noticia das primeiras desordens, não por parte official do commissario, mas sim por uma carta particular de pessoa de credito, á vista da qual, a toda pressa, reuni quarenta homens, e logo marchei á frente delles para prender os desordeiros, mas foram mallogrados os meus passos ; porque chegando perto da Pedra Bonita já tudo estava destruido, como acima levo dito.

« Exm. Sr., esta minha asserção não foi só baseada na parte do commissario, mas sim na confissão conteste, que fazem todas as pessoas, e mesmo as crianças de cinco a doze annos, de maneira que, parecendo o caso um sonho, todavia é real pelas razões, que pondero a V. Exc.

Os presos, de que faço menção, foram pela minha tropa

(*) Vide no final do capitulo 7, como teve lugar a morte de João Ferreira.

(**) De Belem a Pedra Bonita são 6 leguas, quando muito.

conduzidos para a cadeia desta villa, e delles fiz entrega ao juiz commissario, com parte, para conhecer summariamente, e doze meninos entreguei ao juiz do civil para os mandar distribuir por pessoas, que os possam educar, até que V. Exc. providencie a respeito.

Deus guarde a V. Exc.

Prefeitura da comarca de Flores 25 de Maio de 1838.

Illm. e Exm. Sr. Francisco do Rego Barros, Presidente da Provincia de Pernambuco.

Francisco Barbosa Nogueira Paes.

CAPITULO XII

EXPLICAÇÃO DA ESTAMPA OU SYNTHESE DA HISTORIA DA PEDRA BONITA, OU REINO ENCANTADO, NA COMARCA DE VILLA BELLA, PROVINCIA DE PERNAMBUCO.

1 — Estas duas bellissimas pyramides de granito deram denominação ao reino, e têm 148 a 150 palmos de altura cada uma.

2 — Estado em que foram encontrados 28 creanças immoladas pelo fanatismo da seita, afim de apressar a restauração do reino de Dom Sebastião.

3 — Grupo de 11 mulheres igualmente sacrificadas para o mesmo fim.

4 — Grupo de 12 homens igualmente sacrificados para o mesmo fim.

5 — Grupo de 14 cães igualmente sacrificados para o mesmo fim.

6 — Izabel, levada forçosamente ao sacrificio em estado de gravidez para (no dizer do rei) não soffrer duas dôres, dá á luz no acto de receber o golpe.

7 — José Vieira, descarregando um golpe sobre seu filho faz voar o braço deste, que de mãos postas bradava-lhe: « Meu pai, você não dizia, que me queria tanto bem?! »

8 — Carlos Vieira e José Vieira perseguindo e trazendo de novo ao sacrificio uma donzella, que delles escapara depois de ferida.

9 — João Pilé, para ter melhor quinhão no reino, precipita-se, com dous netos nos braços, de uma altura maior de 50 palmos.

10 — Especie de bacia ou terraço pensil, onde o rei João Ferreira quotidianamente pregava aos seus sectarios.

11 — Pequena casa de pedra, de que se serviam como de uma especie de cenaculo, onde se banquetevam nos dias festivos.

12 — Grande subterraneo formado por baixo de uma só pedra, que a seita denominava Casa Santa, por ser o lugar em que bebiam jurema, e effectuavam os casamentos do reino.

13 — Pequena rampa de pedra denominada dos sacrificios ou da matança.

14 — Estado em que foi encontrado o cadaver do rei João Ferreira, victima da sua propria doutrina e da argucia de Pedro Antonio, terceiro e ultimo rei.

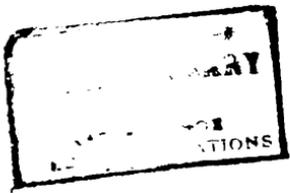
15 — Lugar em que travou-se o combate entre as forças legaes commandadas pelo commissario Manoel Pereira da Silva, e os sebastianistas, commandados por Pedro Antonio, ultimo rei.

16 — Grupo dos sectarios do rei, fallecidos no combate, que tiveram com a força publica, em 18 de Maio de 1838.

17 — Sepultura onde dous mezes depois, em acto de missão, o padre Francisco Correia e o povo recolheram a ossada, que jazia no campo, excepto a do rei João Ferreira.



THE NEW YORK
PUBLIC LIBRARY
ASTOR, LENOX
TILDEN FOUNDATION



INSCRIÇÕES EM ROCHEDOS DO BRASIL

POR

John C. Branner (*)

Tradução de JOÃO BAPTISTA REGUEIRA COSTA

Em 1876 visitei Aguas Bellas, villa no interior da Província de Pernambuco e cerca de cem milhas do litoral. (1)

O meu fim era examinar algumas localidades, em que se suppunha existirem restos de extintos mamíferos.

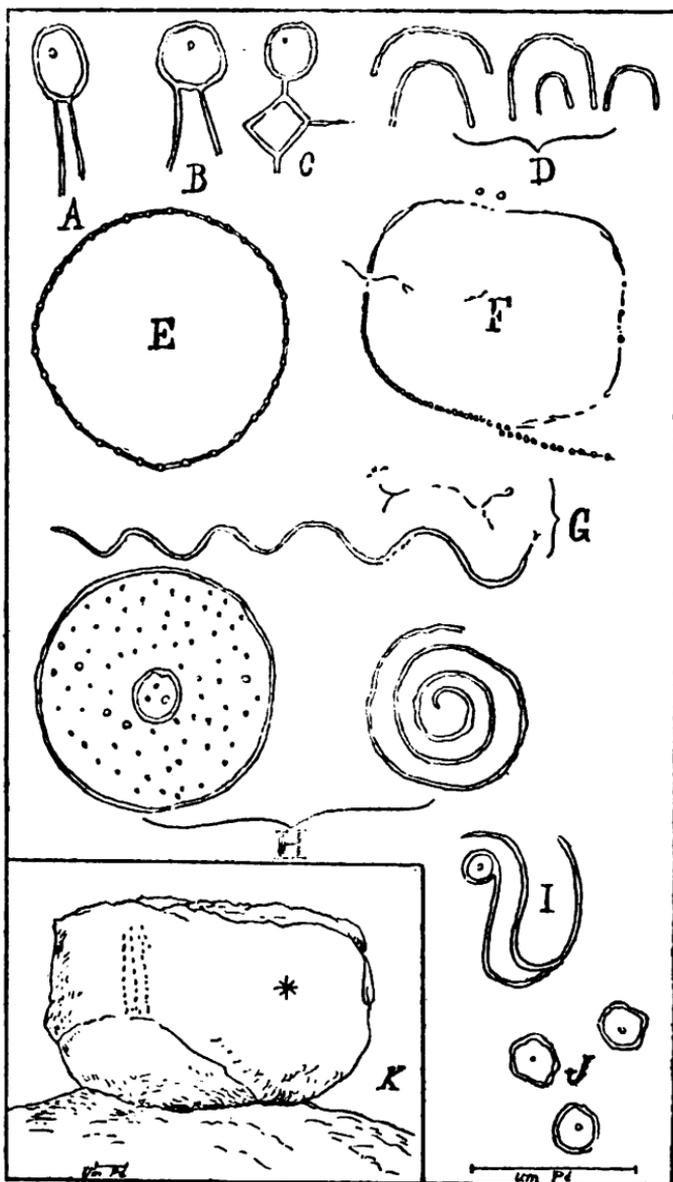
Afinal achei os fosseis nas proximidades de uma fazenda de gado que chamam *Lagoa da Lagea*, a oito leguas a leste de Aguas Bellas.

(*) Extrahido do *American Naturalist* (Philadelphia, 1884), Vol. XVIII, pp. 1189—1192.

(1) O presente trabalho tem por fim continuar a obra começada por meu amigo e mestre, o saudoso Professor Carlos Frederico Hartt, sempre muito interessado pelos estudos archeologicos e ethnologicos, que se devem levar a effeito no Brasil. Foi trabalhando na Imperial Commissão Geologica Brasileira e sob a sua direcção que fiz as observações que aqui ficam consignadas.

O *Naturalist* de Maio, de 1871, publicou um artigo do Professor Hartt sobre inscrições em rochedos do Brasil.

NOTA DO TRADUCTOR. — A traducção por mim feita do trabalho de Hartt corre impressa em avulso e na Revista do Instituto Archeologico n. 47.



Durante a minha estada ahi, soube que diversos rochedos visinhos continham inscripções que ninguem podia decifrar.

Aproveitei o tempo para visitar os sitios mais convenientes e reproduzir, com todo o cuidado, os desenhos necessarios, cujos signaes caracteristicos são os representados nas estampas A-V.

O primeiro lugar a que, para isso, me dirigi foi uma pequena fazenda, que fica a quasi uma legua de Lagoa da Lagea e é conhecida pelo nome de *Cucimba Cercada*.

O rochedo, com a inscripção que nelle encontrei, é o que mostra a estampa sob a lettra K.

E' elle um massiço de gneiss de decomposição, cerca de 10' x 6' x 6', assente sobre a rocha proxima ao rio Garanhunzinho. A' direita de quem olha para a inscripção vê-se um asterisco de um pé de diametro, feito por quatro linhas, que se cruzam em angulos iguaes, e á esquerda descobrem-se tres fileiras de pontos ou endentações de dous pés e meio, que começam pouco abaixo do cume do rochedo, cuja parte inferior se desmoronou, levando provavelmente consigo o resto da inscripção.

E' impossivel determinar o numero exacto desses pontos, porque alguns, sobretudo os superiores, se tem tornado pouco distinctos, por estar a face do rochedo exposta ás intemperies.

As inscripções parece terem sido feitas com instrumentos de pedra, sendo os traços do asterisco cavados até ficarem os sulcos bem polidos. Após essa operação esses pontos e linhas foram pintados, com tinta que é hoje de uma côr vermelha escura ou antes parda.

O outro lugar que visitei foi *Pedra Pintada*, cuja situação é sobre uma corrente d'agua (durante a estação invernos) a qual se chama — *Rio da Pedra Pintada* (2) pelas que ahi existem, contendo pinturas. Dizem ficar a dez leguas de Aguas Bellas, a doze de Garanhuns e a nove de Papacaça.

(2) Mais abaixo esta corrente chama-se Riacho dos dous Riachos e corre para o Ipanema em Sant'Anna que entra no S. Francisco, quasi no meio do caminho entre Traipú e Pão de Assucar.

Ha aqui perto de quarenta desenhos e parte delles ou gravados ou pintados sobre os grandes blocos de gneiss, que existem nas suas margens e sobre o leito de pedra da corrente. Uma cascata de cerca de vinte e cinco pés de altura despenha-se d'ahi numa especie de caldeirão, que agora está cheio, e que tem perto de quinze pés de largura e de profundidade ; sendo que á sua presença se devem naturalmente essas inscripções, como terei occasião de mostrar.

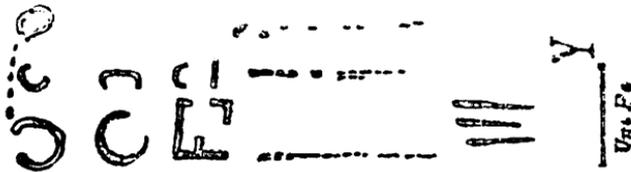
A forma dellas é a que se vê nas figuras que vão traçadas segundo a escala, pelo que não é preciso descrevel-as minuciosamente. As figuras A, B, C, D, E, F, R e S estão gravadas sobre o leito da corrente, acima da cascata. Estas não são pintadas e, si o foram, já a agua, carregada de areia e cascalho apagou-lhes as tintas. Muitas estão se tornando pouco distinctas, algumas vão quasi desaparecendo e outras, sem duvida, tem se desvanecido inteiramente. A excavação concentrica do rochedo, tão commum nos tropicos, ha concorrido tambem para fazer desaparecerem as inscripções, quér no leito da corrente, quér nas suas margens.

A gravura parece ter sido feita como as de *Cacimba Cercada*, abrindo-se e cavando o rochedo com instrumentos de pedra, de gumes suavemente arredondados. Depois de assim polidos, esses desenhos foram pintados, mostrando agora uma côr vermelha escura ou parda. Em alguns casos os pontos e linhas estão combinados, como se vê sob as letras E e F. A disposição dos pontos em linhas verticaes paralelas é mais frequente nesse lugar e se observa muitas vezes (fig. V) como em *Cacimba Cercada* (fig. K) e em *Sant' Anna* (fig. X). Vêem-se tambem differentes argolas, semelhantes ás que vão marcadas com a letra E ; tendo uma dellas trinta e quatro pontos, em vez de trinta e seis ; ao passo que outras estão quebradas, ou os pontos tão pouco distinctos que não podem ser determinados.

Descobrem-se igualmente dous asteriscos de oito raios, uns reunidos aos outros (fig. V) outro independente e mais um de vinte raios (fig. P). A unica figura que parece destinada a exprimir alguma cousa é a assignalada com a letra R e dir-se-hia a representação grosseira de um ferro de lança. Parte da fig. O poder-se-hia suppor um peixe, porém creio

que qualquer analogia que se observe é puramente accidental. A semelhança entre alguns desses desenhos e outros apresentados pelo Professor Hartt (3) e descobertos na região Amazonica é digna de nota, especialmente a espiral que está sob a letra H e o circulo, com um ponto no centro, marcado com a letra J.

Voltando de Aguas Bellas para o Rio de S. Francisco pelo caminho de *Sant' Anna*, na Provincia das Alagôas, a meia legua deste ultimo lugar, achei as figuras que se vêem sob a letra Y inscriptas sobre o lado de um grande gneiss de decomposição.



Essas são lavradas e pintadas e têm a mesma côr vermelha escura das de *Pedra Pintada*. Ha outros traços sobre as faces verticaes desta e das demais pedras do grupo, evidentemente feitos pelas mesmas mãos, mas são simplesmente polidos e variam no tamanho de um a dous pés de diametro. Na sua maior parte têm aquellas figuras a fôrma quasi redonda ; algumas são oblongas, nenhuma tem mais de um quarto de pollegada de profundidade, muitas não são tão profundas e todas estão pintadas. As pedras, nas quaes se acham essas inscripções, são, como já disse, massiços de gneiss de decomposição, em numero de doze, pouco mais ou menos, de seis a doze pés de altura e estão agrupadas no cimo de um outeiro de solido gneiss, como se vê do desenho que a esta acompanha (estampa X).

(3) *Naturalista Americano*, Maio de 1871.



PEDRAS DE SANT'ANNA

A inscripção sob a letra Y está na maior e na mais proeminente das pedras; muitas, posto que não todas, têm nos seus lados lugares verdadeiramente polidos, como já descrevi. Durante a secca, não ha agua na vizinhança, ainda que o Ipanema (4) fique quasi a uma milha de distancia.

Convem notar que essas inscripções, bem como muitas outras, de que aqui tenho ouvido fallar, estão em grandes pedras e n'algum ponto elevado (5). Uma, especialmente, me foi indicada por diversas pessoas, que me deram as mesmas informações a respeito.

A pedra em que ella existe é perto de Agua Branca, doze leguas acima de Piranhas e dez da Cachoeira de Paulo Affonso, na *Fazenda de Cuisára* e é conhecida pela denominação de *Pedra navio*.

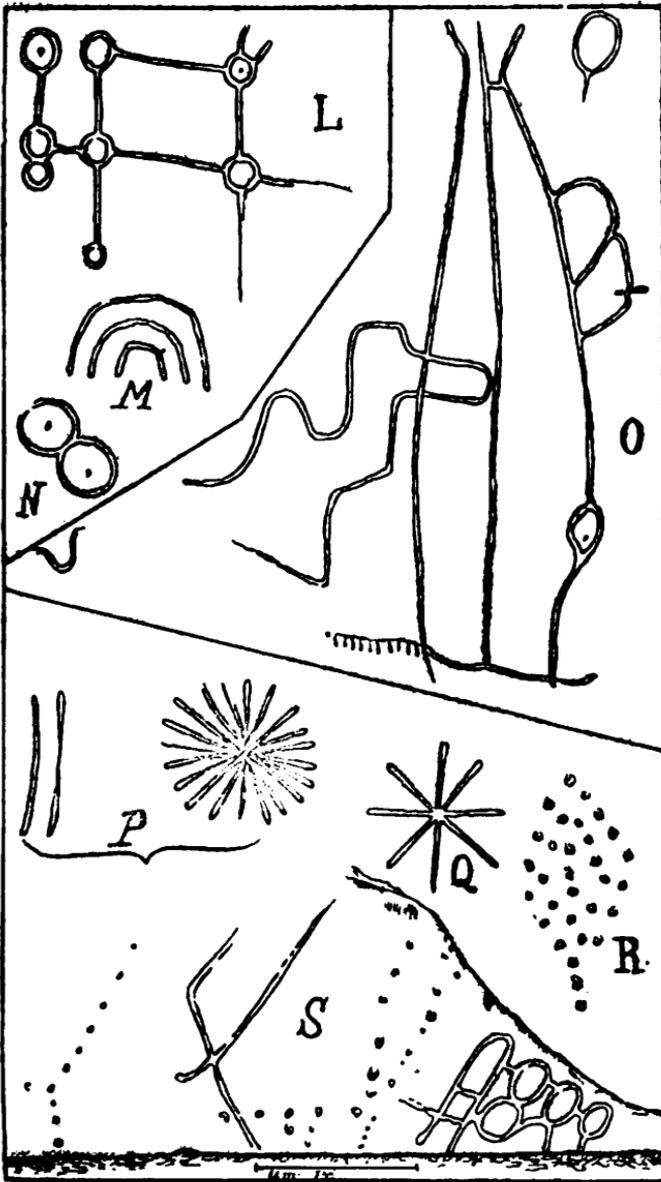
Dizem ser um massiço quasi redondo, pousado sobre a base por demais estreita de um solido rochedo e ter todos os seus lados cobertos de inscripções indianas (6).

Nessas paragens, onde os rochedos primitivos formam um vasto leito entre os planaltos do interior e os leitos Creta-

(4) Não — «Panema», como se lê nas geographias.

(5) Os rochedos que contêm inscripções, no Ereré, descriptos pelo Professor Hartt, são tambem proeminentes.

(6) Fui informado de que ha extensas inscripções em rochedos mais alem do S. Francisco em Salgueiro sobre o Rio Quixaba e em Ouricury, ambos na parte occidental da Provincia de Pernambuco.— No caminho entre Diamantina e Beribery, na Provincia de Minas Geraes, existem algumas pinturas grosseiras de animaes, feitas por Indios n'uma reborda de rochedo. Estas ultimas foram vistas por mim, porem não tive occasião de desenhá-las.



ceos e Terciarios, proximos da costa, essas pedras de decomposição não são raras e quasi todas, que eu vi, tiveram desenhos artificiaes, em geral tão mal cavados, que não podem ser definidos, porém sufficientemente distinctos para não deixarem a menor duvida sobre a sua origem.

Quanto ás figuras encontradas, não me é possível achar uma explicação definitiva. A que lhe é dada pelo povo da visinhança nenhuma luz accrescenta a esse respeito. Alguns pensam que foram feitas pelos Hollandezes, quando occuparam Pernambuco, no principio do seculo 17, porem a versão geral é que ellas se referem a algum thesouro occulto nas proximidades do lugar. Essa idéa aconselhou a um antigo proprietario, residente perto de *Pedra Pintada*, a fazer diligentes pesquisas para descobrir o pretendido thesouro, chegando até a mandar limpar o caldeirão, sobre o qual se despenha a cascata, mas sem obter resultado algum satisfactorio.

Entretanto, cumpre notar que, tanto quanto tenho observado, essas inscripções se acham quasi sempre em paragens proximas d'agua, ou de algum lugar, onde é provavel que ella se encontre, quando não é muito rigoroso o verão (7).

Em *Pedra Pintada*, o caldeirão abaixo da cascata conserva-se cheio muito tempo depois que secca a corrente; não ha noticia de que o Ipanema tenha inteiramente seccado em *Sant' Anna*, e *Cucimba Cercada* deve o seu nome a uma fonte que existe neste lugar. A circumstancia de se encontrarem inscripções em taes sitios poderia admittir mais de uma explicação. Si ellas não têm qualquer outra relação com a propria agua, é possível que estejam nessas localidades por ser ahi que viviam naturalmente os primitivos habitantes do paiz, durante o verão, que reina quasi metade do anno; e na verdade parte das inscripções, de que me tenho occupado, pelo menos as que se observam no leito da corrente, devem ter sido feitas nessa estação. Estou, porem, inclinado a suppor que alguns senão

(7) Não se podem confundir esses desenhos com os buracos feitos em grandes pedras pelos Indios, para moerem o milho, e que também apparecem perto d'agua. Muitos dessa especie de pilões foram por mim achados ao pé do Pão de Assucar, sobre o Rio S. Francisco.

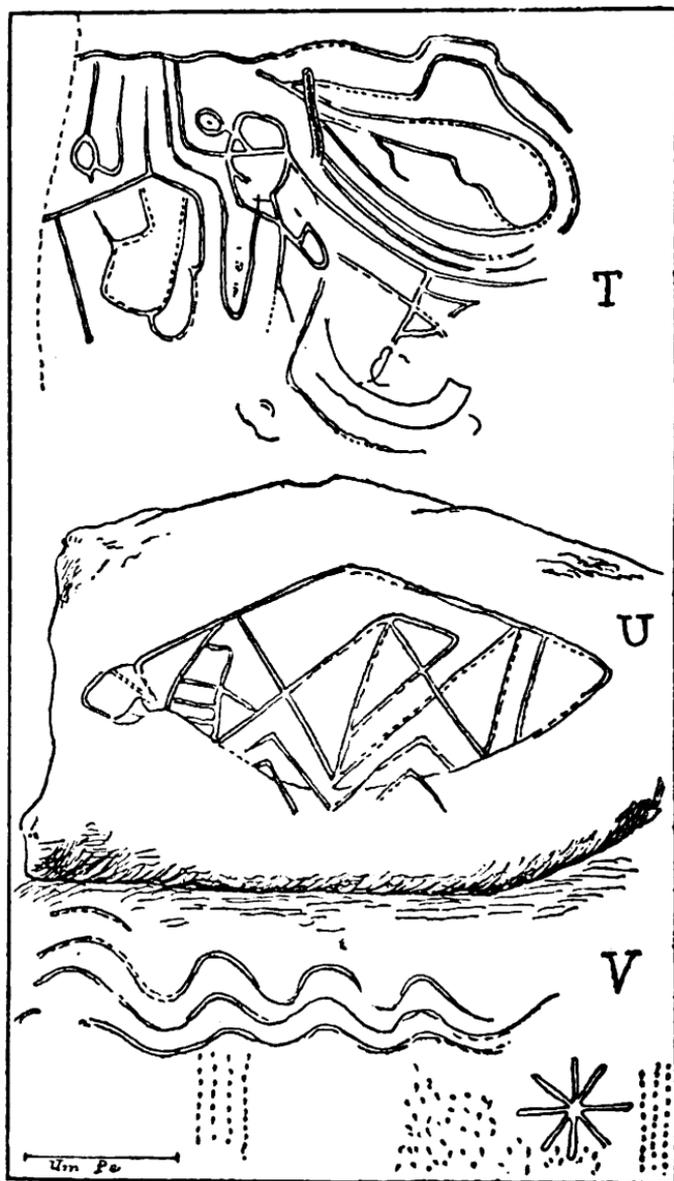
São abertos na superficie elevada de grandes fragmentos de rochedos, proximos do rio.

todos esses desenhos se referem ao supprimento d'agua, que é tão incerto nessa região de grandes seccas, sendo inutil agora indagar para que servem, si para registro das estações si para dirigirem um voto ou supplica aos poderes distribuidores da chuva.

Para aquelle que visita essas paragens na estação do calor, que dura de Agosto a Janeiro, não ha explicação mais natural. Tudo fica crestado, excepto os cactos e uma facha muito estreita de terra que borda os leitos, ora seccas, das correntes. Alem dessas linhas de verdura, que gradualmente vai desaparecendo, viaja-se leguas e leguas sem que se veja vestigio algum d'agua ; e quando, como não raro acontece, o verão continúa, torna-se extremo o soffrimento dos homens e animaes. O gado sustenta-se da polpa dos cactos, que crescem aqui em abundancia e aquelles que o apascentam dão-lhe de beber d'agua, tirada das cacimbas que cavam no leito arenoso dos rios, onde por essa forma pode ser ella encontrada. Si a secca se prolonga alem desse termo, o gado é conduzido para o littoral, onde se póde prover d'agua ou então deixam-no morrer de sede. (8)

Sem passar por taes circumstancias é difficil verificar a prova do que digo ; porem, depois de ter andado a cavallo dias e dias por essa região, com um sol tropical a arder-lhe na cabeça, a athmosphera tão quente que parece querer queimar até os seres vivos, o calor da luzente e branca areia subindo a um firmamento sem nuvens, as catingas resequidas e silenciosas, sem nenhum signal de vida animal a não ser o metallico som de um ou outro grilo ; em summa, depois de levar o dia inteiro sem beber uma gotta d'agua siquer, qualquer comprehenderá a importancia que as raças selvagens, habitando semelhante paiz, deveriam ligar a uma corrente ou lagoa, onde podessem ter agoa durante os rigores da estação.

(8) As circumstancias, em que achei os restos de extinctos mamiferos nesta região, levaram-me a crer que a sua exterminação foi devida a longas seccas, que se estenderam por grandes areas de terreno.



Post scriptum.

Seria muito para desejar que as inscripções e pinturas indianas dos rochedos do Brasil fossem cuidadosamente desenhadas ou photographadas, o mais breve possível; porque, expostas, como estão, aos elementos e não sendo objecto de um cuidado especial, cada anno, que se passe, as tornará menos distinctas e, si não forem preservadas por esse ou por qualquer outro meio, com ellas desaparecerá a ultima esperança, que alimentamos, de conhecer a vida dos habitantes prehistoricos do Brasil.

O facto de nenhuma interpretação se haver dado a esses rudes glyphos deve ser um incentivo para sua compilação e estudo. E nem a presença ocasional de figuras entre elles, as quaes foram evidentemente feitas desde o apparecimento dos missionarios Jesuitas, no sul da America, deve ser considerada uma prova infallivel de que todos são de data, comparativamente recente.

Na verdade ainda poderemos procurar a sua interpretação, reunindo os aneis dessa cadeia que prende a civilização de hoje á dos seculos sepultados agora nas trevas.

Devemos, porem, observar nessa mesma conexão dos tempos actuaes com os tempos idos, que a figura de uma cruz não quer dizer sempre e necessariamente que sua presença entre essas inscripções seja devida á influencia do Christianismo, porque sobre os vasos, descobertos em Marajó, e que incontestavelmente são prehistoricos, encontraram-se figuras de cruces, mesmo de um typo bem trabalhado, aperfeiçoadas pelos antigos habitantes do Amazonas, por um natural processo de evolução, na ornamentação. Sei que S. M. o Imperador, o Senhor D. Pedro 2º, acreditou a principio, que essas inscripções eram obras de quilombolas, porem não duvido affirmar que ha muito tempo abandonou elle essa theoria a respeito de sua origem.

Em todo o caso cumpre que o Instituto Historico do Rio de Janeiro e o Archeologico Alagoano empreguem esforços espezias para obter e conservar registradas todas as inscripções e pinturas existentes nos rochedos do Imperio e talvez possamos, com razão, esperar que a sua interpretação, na phrase de Burton, « esclareça muitos pontos obscuros dos tempos pre-

historicos do Brasil ». Para esse fim apresentarei aqui, em additamento ás que já mencionei, uma lista dos lugares do Brasil, em que se acham taes inscripções.

Abundam especialmente ao longo do baixo S. Francisco e Burton (9) refere ter ouvido fallar na existencia dellas nas seguintes localidades: Icó da Ypoeira, Sitio da Itacoatiára, Pé da Serra, Salgado, duas leguas de Curral dos Bois, Fazenda do Brejo, sete leguas do Porto das Piranhas, Olho d'Agua do Casado, perto de Piranhas e uma legua do Rio, e ainda no Ipanema, cerca de duas leguas do lugar, onde elle entra no Rio de S. Francisco.

Koster (10) ouviu fallar de um grande numero de inscripções na Provincia da Parahyba e Castelnau achou algumas sobre o Rio Araguaya. No alto Paraguay a Serra do Letreiro, acima da junção do Rio S. Lourenço, deve seu nome a algumas inscripções que ha sobre rochedos perto de sua base. Essas inscripções são conhecidas pelo *Letreiro da Gahyba* (11). Os glyphos, ou parte delles, pelo menos, foram representados pelo Dr. Severiano da Fonseca (12).

Este escriptor refere tambem inscripções identicas em Curumatá, Provincia do Piauhy e outras no Morro de Cantagallo, sobre o alto Tapajoz.

Na região do Amazonas diz-se existirem inscripções nos rochedos, em Alcobaça e Jequerapuá sobre o baixo Tocantins, na extremidade occidental da Serra do Ereré perto de Monte Alegre, na Serra da Escama perto de Obydos, (13) sobre o

(9) Terras altas do Brasil vol. I pag. 423—431.

(10) Viagens ao Brasil, segunda edição, Vol. II pag. 97.

(11) Vide tambem o Boletim da Sociedade de Geographia 4ª Serie, T. I N. 4.

(12) Viagem ao redor do Brasil, Vol. I, pag. 327. E' pena que o desenho da inscripção, como quasi todas as illustrações dessa obra, por outros titulos interessante, se tenha tornado quasi sem importancia pela má gravura.

(13) Professor Carlos Frederico Hartt, no *American Naturalist* Maio de 1871.

Rio Uauapés (14) e na Cachoeira do Ribeirão no Rio Madeira. (15)

Juntamente com estas devem-se igualmente mencionar as inscripções do Rio Oyapok e da Guyana, e as do Orinoco, referidas por Humboldt. (16)

Scranton, P. Nov. 1884.



(14) O Amazonas e o Rio Negro, por Alfredo R. Wallace.

(15) Os rios Amazonas e Madeira, por Franz Keller Leuzinger.

(16) Viagem ás Regiões Equinoxiaes do novo Continente.

DISCURSO

Pronunciado na sessão funebre commemorativa do passamento do socio benemerito major José Domingues Codeceira, pelo orador official Dr. Sebastião de Vasconcellos Galvão, em 8 de Março de 1904.



Esta tribuna occupada sempre com inexcédível brilhantismo e grande triumpho, por vultos della dignos, hoje, por uma inversão completa, tem neste lugar de honra, uma individualidade obscura na arena dos labores oratorios.

E' grande gloria para mim fallar das alturas desta cadeia ; mas sinto o embaraço tolher-me ao assomar aqui para fazer minha voz encher o ambito duma salla affeita a outros echos.

Ha provas de confiança que obrigam esforços extremos. Tal foi a que me concedeu o Instituto hoje, na incumbencia de fazer o elogio funebre daquelle que afundou-se, já no fim de sua orbita, no occidente da vida, enchendo de luz e serviços a esphera da historia pernambucana : — o inclito major José Domingues Codeceira.

Neste instante, em nome do Instituto venho espargir sau-



Major José Domingues Codeceira

dades sobre a lousa do que foi destacado pelo anjo da morte para, subindo ao tribunal dos posteros, comparecer á barra da Eternidade.

Honremos com o tributo de nossa recordação nosso digno consocio finado.

Brilha nesse empenho, nobre e generoso dever. Sim, honremos á memoria desse extremoso amigo do Instituto, ao qual prestou muitos e assignalados serviços, dedicando-se perseverante e assiduo ao progresso da associação, que extremosamente idolatrava. Era por isso, sobretudo, que nós nos ufanavamos de contal-o entre os mais preclaros consocios.

Aquelle velho venerando, figura magestática ; cabeça coroada de neve, como ainda podeis estudal-o no retrato que acolá vêdes, desde sua entrada neste gremio, começou a identificar-se tanto com elle que chegava quasi a ser uma viva encarnação da propria sociedade, porque ninguem jámais se lhe approximou dos extremos de dedicação que votou, da idolatria

que elle tinha guardando o sacrario das reliquias da patria. E todos os seus dias aqui passados foram de estudos continuos, de descobertas archeologicas, de verificações historicas á luz dos documentos. E por isso, com prodigiosa memoria elle era um verdadeiro archivo historico e um thesouro de apreciaveis riquezas, alem de sel-o tambem o registro claro de todos os factos da *rebelião praieira*, da genealogia pernambucana, o livro da chronica local de muito mais de meio seculo.

Razão lucida, espirito feliz, investigador, homem de criterio e bom senso, e coração de patriota, com esses requisitos grandes se entregava afanosamente ao benedictino estudo de historia patria. E elle sentia a alma elevar-se na admiração dos grandes heróes, na recordação de seus memoraveis feitos.

Era um fanatico das glorias de sua terra e não perdia occasião de doutrinar sobre o assumpto a quantos desejavam ouvir-o.

O nobre civismo das eras cavalheirosas em que a fé era grande como a gloria, formava o relevo do reverenciado character daquelle octagenario cuja vida se apagou ha 58 dias.

Cahio velha, é certo, aos 84 annos que no dia de hoje completava, aquella arvore preciosa, mas rica de seiva !

E realmente, elle era um velho excepcional, desses que olhamos, que estimamos, que ardentemente desejamos conservar como uma reliquia ou tradição, como legitimo representante de uma geração de que poucos restam, e para a gloriosa phalange das grandes virtudes civicas, em tempo de approvação de rigidez e de grandeza patriotica ; —desses velhos que quanto mais antigos e arrastando os passos, e a dobrar-se extenuados ao pezo da existencia, mais monumentaes se ostentam pelas recordações do passado que em si resumem !

E' um desejo sagrado o de inventariar a vida dos finados benemeritos e nesse desejo se expande o zelo e gratidão da patria.

Este instante não é de sombra ; por breve tempo penetremos no campo da vida em busca de luz. Os obreiros de hoje que prosigam a jornada de amanhã... Cumpramos, — operarios do presente — para com os companheiros de hontem o que nossos irmãos de amanhã farão por nós.

O major José Domingues Codeceira teve como berço a cidade, então villa, do Recife, nascendo a 8 de Março de 1820, na casa n. 70 da actual rua Francisco Jacintho, mas conhecida por S. Francisco, e naquella epocha chamada — *Mundo Novo*.

Era filho legitimo do negociante portuguez Custodio Domingues Codeceira e de sua esposa D. Francisca Joaquina dos Anjos, pernambucana.

Em 1830, e quando apenas contava dez annos e ainda não havia terminado o estudo das primeiras lettras, deixa a terra de seu nascimento seguindo para o Rio Grande do Norte, em companhia de seu pai, que para alli mudara a residencia, visto que nessa epocha em Pernambuco os animos se achavam muito exaltados contra os portuguezes.

Na cidade do Natal completa o estudo primario e inicia o de latim com um provecto professor, Almeida Castro, irmão do celebre patriota de 1817, o padre Miguelinho. Não foi longe, porém, em seus estudos porque seu pai ao vel-o desenvolver-se resolveu dar-lhe carreira no commercio, ficando unicamente destinado ás lettras seu irmão mais velho, — Manoel Domingues Codeceira— que formou-se depois em direito em 1841.

Até 1845 permaneceu no Rio Grande do Norte voltando para Pernambuco onde ficou, estabelecendo-se á rua do Queimado. Aqui sente irresistivel attracção, pela vida da familia, —já era tempo—, e casando-se prendeu seu destino ao de distincta senhora que lhe enfeitara o coração, D. Anna Joaquina Codeceira.

Não permanece entretanto, muito tempo na vida commercial, porque dous roubos que soffrera, em curto intervallo, fizeram-no desgostar e deste modo liquidou o negocio.

Passa então a viver do que liquidou no commercio, e das rendas dos bens trazidos ao casal por sua esposa.

Por esse tempo faz-se politico, é nomeado capitão da Guarda Nacional, e entrelaça amistosas relações com o Desembargador Nunes Machado, Urbano Sabino, Felix Peixoto de Britto e outros vultos, que depois, salientemente figuram na *Rebelião Praeira*.

Quando explodiu aquelle movimento não o acompanhou Codeceira, e, antes se pronunciando contra o mesmo, considerava-o erroneo e ambicioso ; pois outro objectivo não tinha alem do facto de um partido arreiado do poder não se querer submeter, dando-se assim uma inutil hecatombe.

Lamentou em meio de tudo ser sacrificado Nunes Machado, grande alma e generoso coração.

E cheio de desillusões pelos homens partidarios que em seu entender todos eram iguaes terminou sna carreira politica abandonando-a de vez.

Em 1850 era commandante superior da Guarda Nacional o Barão da Bôa Vista, posteriormente Conde, e porque este com a nomeação de José Ignacio Pereira Rocha, para official da mesma guarda mandasse dar-lhe posse contra disposições expressas do respectivo regimento, o capitão Codeceira resistiu a ordem tendo dahi, por isso, de abrir seria lucta com seu commandante e chegando a escrever nesse sentido uma serie de artigos, em que não se submettia, mas antes demonstrava cabal conhecimento do assumpto e procurava provar estar a razão de seu lado.

Chega 1859, e o Imperador Pedro II, em viagem ás provincias do norte, aporta a Pernambuco. A agradavel impressão que lhe causou a disciplina e bôa ordem da guarda nacional faz com que o monarca peça ao commandante superior uma lista de todos os officiaes para o fim de condecoral-os ; O barão fornece a lista pedida não incluindo nella, porem, os officiaes do 1º batalhão de artilharia, porque delle fazia parte o capitão Codeceira, afim de que não lhe coubesse condecoração alguma. Deste modo quiz o fidalgo punir ao capitão *insolente*, que, se não nos enganamos, voltou á imprensa para lembrar que por sua causa tinham sido prejudicados diversos compa-nheiros do seu batalhão.

Essas ultimas circumstancias estão mencionadas como nol-as contara aquelle de quem nos occupamos aqui.

Durante a guerra com o Paraguay, aquartellando a Guarda Nacional, offereceu todo o soldo a que tinha direito em favor das despesas dessa guerra.

Foi por essa epocha que lhe concederam a patente de major.

Assim como em seu batalhão elle se fizera tão versado em assumptos da Guarda Nacional se tornando por isso um centro consultor, da mesma maneira, sempre em intima convivencia com o illustrado advogado Dr. Antonio Epaminondas de Mello de quem alem de tudo seu irmão Dr. Manoel Codeceira era companheiro de escriptorio, com o Dr. Antonio Joaquim de Moraes e Silva que octagenario tambem lhe sobrevive ainda com o Dr. Antonio Vicente do Nascimento Feitosa, e com outros distinctos advogados desse tempo, tornou-se o major Codeceira profundamente conhecedor dos diversos direitos e da materia processual.

Deste modo, com superior vantagem e sob a assignatura de bachareis recém-formados, dedicou-se a advocacia, tomando conta de causas importantes, na provincia e fóra, e alcançando triumpho nas mesmas.

Comtudo isso, até então, de historia patria quasi nada sabia, a não ser ligeiras referencias aos factos mais salientes de nossas glorias. Um dia, porém, no trem da via-ferrea de Caxangá, encontra-se com o legendario monsenhor Francisco Muniz Tavares, primeiro presidente que teve esta Associação, um dos martyres da liberdade, em 1817, deputado da primeira constituinte e autor da excellente obra *Historia da Revolução de 1817*. Conversaram ambos e depressa o objecto da conversação incidu sobre um facto da historia de Pernambuco.

Tão criteriosas, justas e bem entendidas pareceram ao Monsenhor as apreciações e conceitos externados pelo seu companheiro de prosa, que quando se separaram, entre os dous, as melhores relações estavam firmadas.

Dias depois Muniz Tavares, julgando o major Codeceira digno de pertencer ao Instituto Archeologico conseguia approval-o socio na sessão de 19 de Setembro de 1871.

Fazer parte de uma associação de elevados fins, como o Instituto, sem ter os requisitos necessarios para comprehendel-os, viver em meios de homens de lettras que tenham um alvo certo, sem procurar acompanhá-los ou justificar porque ali se achava; fazer figura secundaria, nulla e sem importancia... elle em parte alguma faria, porque o estimulo que lhe era natural, seus brios, seu amor proprio, e mesmo suas poderosas faculdades não permittiam.

Decidio-se, pois, estndar, quanto fosse possivel, a historia de sua terra.

Estava então aos 51 annos, numa idade já de grandes embaraços para muitos. Mas elle nem siquer pensou nisso. A vontade potente de seu espirito bradava-lhe: —quero... e nada mais era preciso...— como realmente não foi.

Incompleta e mal dirigida tinha sido sua educação intellectual, mas em seu auxilio vinha uma intelligencia de grandes recursos, de percepções faceis e claras, de juizos seguros, de razão fortemente inductiva e deductiva, e por fim uma memoria extraordinaria, tenaz, prompta e fiel. Assim nenhum embaraço encontrava no objectivo, e pouco era estar a meio seculo de existencia.

E começou. Todos os livros, memorias e documentos que o Instituto tinha, elle viu, estudou, analysou, comparou, verificou...

Por elles outras fontes lhe foram indicadas. Foi em busca das mesmas e avarento ia recolhendo muito..... mas muito.

Com satisfação o Monsenhor via ter sido proveitosa aquella escolha e o nomeia relator da commissão que devia apresentar uma memoria sobre o pharol da barra, trabalho exclusivamente seu e em que os outros dous membros são simples signatarios. Foi esse seu primeiro trabalho escripto, que encontra-se publicado em o n. 29 da *Revista do Instituto*.

Pensa então em estudar toda a historia do periodo holandez particularisando-a aos sitios e regiões em que cada acontecimento se deu.

Que difficuldade! Como advinhar lugares cujos nomes a tradição não sabe?

Para elle não era caso de esmorecimentos.

Vai aos cartorios e pelos autos mais remotos, seguindo dia a dia todas as transformações, todos os augmentos e desmembramentos de propriedades, chega a evidencia do que precisava saber e fica conhecendo a razão da perda de nomes aqui e alli, e o motivo da substituição por outros. Nos vestigios do sólo, nas posições comparadas dum rio, dum monte, duma ladeira, de uma collina, de um barranco, na deste facto com

aquelle outro, reconstrue, com nitidez admiravel, todo o theatro das luctas hollandezas.

Acerca de taes estudos, em 1874 o engenheiro Emilio Berenger fez do municipio do Recife uma carta em que sobre a contemporanea calcou outra daquellas epochas, declarando ter sido guiado pelas indicações do major Codeceira que elle asseverava verdadeiras porque concordavam com as suas observações.

De facto Fernandes Gama em suas *Memorias Historicas* iudicou errado o engenho de Ambrosio Machado, o Arrayal Velho e o Arrayal Novo do Bom Jesus e outros muitos pontos historicos, e o major Codeceira, com seus estudos vem corrigir muitos desses enganãos, vem nos dizer com clareza tal facto deu-se aqui, qual deu-se acolá.

Para melhor affirmar vos que o major José Domingues Codeceira era o mais provecto de todos que estudaram o periodo hollandez, basta um facto.

Ao notavel professor de historia do Instituto Nacional (out'ora Collegio Pedro II) João Capistrano de Abreu, alguem perguntando quando se preparava para concurso de sua cadeira, por onde estudava a historia da guerra hollandeza, elle respondeu :

Meu livro é o Codeceira, que é o compendio mais completo dessa historia.

Aquelle major achava-se então no Rio de Janeiro.

Foi elle quem com precisão incontestavel assignalou que o forte real do Bom Jesus era situado onde presentemente se vê hoje a estação de Mangabeira de Cima ; que o morro *Bagnuolo* é o mesmo que fica junto as officinas da Estrada de Ferro do Limociro ; que o lugar *Cordeiro* foi o engenho de *Ambrosio Machado* e que a *Torre* foi o de *Marcos André*.

Pouco tempo antes de morrer escreveu tambem ligeiro trabalho sobre Antonio Felipe Camarão, publicado no *Correio do Recife*.

E agora, Senhores, que estou prestes a terminar minha dolorosa tarefa, vou dar-vos a ultima phase da vida do venerando major José Domingues Codeceira : quero referir-me a sua retirada do Instituto, em 1900.

Em uma das sessões daquelle anno um socio do Instituto levantou a idéa de ser erigida uma estatua ao Conde da Boa Vista.

Presente o major Codeceira disse se manifestava contra a lembrança por dous motivos, para elle capitaes :

1º. o Instituto, desde muito tempo, se compromettera erguer um monumento commemorativo dos feitos dos heróes da liberdade, nas diversas revoluções pernambucanas, não o tendo realisado ainda por falta de meios ;

2º. tinha sido o Conde um quasi contemporaneo, e chefe politico de uma época em que os partidos foram muito calorosos e exaltados, e embora tivesse reaes merecimentos pelos serviços materiaes que prestara a Pernambuco, pensava comtudo que era cedo para o julgamento imparcial, porque na actual geração ainda restavam-lhe amigos e havia outros que não o foram. Deste modo os amigos seriam benevolos e não lhe achariam defeitos, e os inimigos seriam injustos achando-lhe falhas, porque tudo isso era uma resultante da paixão humana. Com elle, por exemplo, se daria uma das hypotheses visto que contra o Conde escrevera bastante na imprensa.

O Instituto nada resolvendo pela opinião do illustre consocio, elle declarou não mais voltar ao seu gremio, mandando-lhe um manifesto que foi publicado, e agora se encontra na *Revista* n. 59, do corrente anno.

Era socio benemerito deste Instituto, desde 8 de Março de 1894, em virtude de seus relevantes serviços prestados ; e na sessão de 27 de Janeiro de 1900 foi seu retrato aqui collocado na galeria dos socios distinctos.

Alem de socio correspondente do Instituto Historico Brasileiro tinha igual consideração dos institutos do Ceará, de Alagoas e Rio Grande do Norte.

Senhores, eu não terminarei sem dizer-vos que na existencia daquelle lutador que dorme, formavam admiravel e sublime trilogia essas tres palavras :

Houa, Patria e Deus !

A honra é tão pesada que ha muitos hombros que não a supportam, mas ninguem confessou jámais de ter sido derribado pelo seu peso.

Em una existencia tão longa e cheia de multiplas transições, todas as folhas do livro de sua vida eram alvas: — pois, fôra sempre elle um homem de bem.

Patria! Essa palavra magica é o enlevo contemplativo das glorias historicas do passado, e a concentração intima dos esforços da intelligencia e do trabalho nas lides porfiosas do presente; é o compromisso eterno que enlaça as gerações, empenhando-nos a deixar mais glorioso o cofre das riquezas dos vindouros.

Nas tristezas do destino só campêa, como rainha, a saudade pungente da patria.

As gloriosas tradições dos nossos avós são livros trincados nas mãos do povo, porque todos nos fallam do santo amor da patria.

E porventura é possível negar que ninguem o excedeu no amor illimitado, cheio de acrisolamento, que devotava á terra de seu berço? !...

Deus! Essa idéa sublime é a poderosa alavanca da sociedade e do mundo.

Quando a miseria gera a dor e a dor o desconforto, é Deus que vem fallar-nos de resignação.

Deus é mais que a esperança; a esperança alenta na duvida, Deus fortifica com a realidade.

O major José Domingues Codeceira era tambem um espirito grandemente religioso, cheio de muita crença em Deus.

Quando o mal de que succumbio, em Dezembro preterito o lançou no leito donde não mais se ergueu, elle sciente de seu proximo fim, não temia a morte, mas antes a esperava com a serenidade das almas christãs !...

Chega finalmente o torvo dia 10 de Janeiro do corrente anno, e pelas 2 horas da madrugada, cercado de toda a sua familia entregou o espirito ao Creador.

Perante crescido numero de admiradores, ás 5 horas da tarde daquelle dia, foi dado o seu cadaver á sepultura no cemiterio publico, fallando-lhe á eterna despedida, em sentido dis-

curso, onde lhe enaltecia os meritos, o Dr. Antonio Gomes Pereira Junior, lente cathedratico da Faculdade de Direito.

O Instituto, em signal de pezar, durante 8 dias seguidos, no edificio de sua sede, conservou hasteada a meio p'io, a bandeira nacional.

Perdeu Pernambuco no major Codelleira um denodado campeão, um de seus estremos patriotas.

Descança ! Dorme, alma corajosa e intemerata á sombra de teus louros !





BIBLIOGRAPHIA



- 1 — **P. Lee Phillips.** — BRAZILIAN BIBLIOGRAPHY. — A list of books, magazine articles, and maps relating to Brazil. 1800-1900. — *Washington, Government Printing Office, 1901, in-8', 145 pp.*

Um dos livros cuja falta mais lamentam entre nós os estudiosos é de certo uma boa bibliographia systematica, onde se encontrassem inventariadas todas as publicações de que, nos varios ramos dos conhecimentos humanos, tem sido objecto o Brasil.

Do prestimo de semelhante resenha, feita com erudição e methodo, sabem aquilatar quantos, a braços com a investigação dum assumpto especial, são compellidos ao fatigante e sempre incondito labor de respigar indicações de materiaes num sem numero de catalogos e obras diversas.

Possuimos é certo, alguns trabalhos parciaes, qual a — mais afamada do que util — *Bibliographie Brésilienne* — de A. L. GARBAUX (1898); mas, são livres cuja consulta, devido á estreiteza dos moldes a que obedecem, é em geral de proveito mediocre.

Quando muito attenuam em parte, porém jámais suppreem a ausencia duma bibliographia geral; e são dignas de estima as que para tanto servem.

Que muitas vezes mesmo esta utilidade secundaria lhes pode faler, nos demonstra a compilação recentemente dada á luz pelo Sr. P. LEE PHILLIPS, chefe da secção cartographica da Bibliotheca do Congresso em Washington.

Enganado pelas indicações do titulo, o leitor presume ter entre mãos uma lista copiosa de livros, artigos de revistas e mapps relativos ao Brasil e publicados de 1800—1900; um ligeiro exame não tarda em convencer-o do contrario.

A minguaem-lhe extraordinariamente o possivel prestimo pululam erros e defeitos imperdoaveis.

Não só é deficientissima — pois abrange no maximo um decimo da litteratura geral sobre o Brasil apparecida no seculo XIX (quanto ás publicações em lingua portugueza surgidas no mesmo periodo, nem a centesima parte foi contemplada) — como está inçada de incorrecções de toda a ordem e revela inteira falta de methodo na sua organização.

Assim não ha coherencia alguma na indicação dos formatos; são frequentes as repetições das mesmas obras; não rara é a inclusão de livros completamente estranhos ás cousas brasileiras — por exemplo: AVECILLA. — *La Conquista del Peru*; *Contestación de los gefes del ejercito unido de los Andes y Chile al manifesto del ex-mayor D. Miguel Brayner*; PALEMON HUERGO. — *Questiões politicas y economicas*; CHARLES W. GREENE. — *Andes*; S. GOTTFRIED KERST — *Die Plata—St. atin, etc. etc.*; e a miudo se depara com designações erradas de nomes de autores — *Le Climat du Brésil*, de MORISE, é attribuido a L. CRULS; e com a confusão de homonymos — *Voyage up the river Amazon* (1847) e o relatorio consular *Germany's trade with Brazil* (1893) são dados como da lavra dum mesmo WILLIAM H. EDWARDS; outrosim os titulos de todas as obras allemães se acham erroneamente graphadas, com flagrante menosprezo do comesinho preceito grammatical que ensina a escrever, naquelle idioma, os substantivos com inicial maiuscula.

E' igualmente muito para notar que, se dividindo a lista em tres secções especiaes — I *Livros*, II *Artigos*, e III *Mapps* — na primeira occorra grande copia de especies cujo lugar era na segunda, aliás a mais completa de todas no que diz respeito a revistas e periodicos norte-americanos e inglezes, apozar de bastante ommissa quanto aos de outras linguas.

O mesmo succede com a parte cartographica, em que foi observada a ordem chronologica, em vez da onomastica dos autores seguida nas anteriores.

Certo, a propria natureza de semelhantes trabalhos exclue *a priori* a possibilidade de fazel-os completos e exhaustivos; mas, indepen-

dentemente deste « vicio de origem » si lhes fallecem as qualidades indispensaveis de methodo, precisão e esmero, pouco se avantajam aos catalogos de livreiros elaborados com intuitos puramente mercantis. Infelizmente — sentimos ter aqui ensejo e dever de dizel-o — a lista do Sr. P. LEE PHILLIPS está nestas condições.

2 — **Oscar Canstatt.** — KRITISCHES REPERTORIUM DER DEUTSCH-BRASILIANISCHEN LITTERATUR. — Berlin, Dietrich Reimer (Ernest Vohsen), 1902, 8, 124 pp.

Caracter muito diverso do catalogo que vimos de apreciar, e merito e importancia incomparavelmente superiores sob qualquer aspecto tem o *Repertorio Critico da Litteratura Teuto-Brasileira* organizado, com invejavel erudição e methodo, pelo Sr. OSCAR CANSTATT, um estrangeiro credor da nossa maxima gratidão pelos relevantissimos serviços que em prol duma noção verdadeira do nosso paiz e das nossas cousas tem prestado, numa propaganda intelligente e efficaz, por mais de quarenta annos.

Um dos seus primeiros livros — *Brasilien Land und Leute* — (Berlin, 1877), vulgarison na Allemanha, como nenhuma publicação anterior, as condições reaes do nosso desenvolvimento cultural e contribuiu poderosamente para desfazer a acreditada legenda, que o poeta EICHRODT, ainda em 1848, decantava nestes versos duma deliciosa ironia :

Nach Brasilien, nach Brasilien,
Reissen jetzt mich die Gefuehligen,
Wo der Kaefer leuchtend huepft,
Wo sich baeumt der Krokodile,
Wo verwegen der Mandrile
Durch die seltnen Pflanzen schluepft,
Dahin, Alter, lass mich ziehn !

No presente volume o seu proposito — que logrou realisar brilhantemente — foi ministrar ao explorador, ao viajante, ao politico e ao emigrante alemães, interessados em assumptos brasileiros, um epitome substancioso e fidedigno do que de melhor se tem publicado a respeito na lingua de GOETHE e de SCHILLER, e, ao contrario das aridas nomenclaturas que se nos deparam geralmente em obras similares, fez um excellente trabalho analytic, abundantissimo em curiosas informações bio-bibliographicas ineditas, judiciosas apreciações criticas e noticias interessantissimas sobre escriptores e livros.

Attenta a prodigiosa quantidade de especies existentes não deve surprehender tenha por vezes incorrido em ommissões e enganos, que peço venia para ir apontando, mercê dos fartos elementos que tenho colligido para a elaboração de identica publicação.

O capitulo inicial, abrangendo todo o vasto periodo trisecular de 1500 a 1800, é talvez o mais deficiente do livro, sem duvida em consequencia de não ter o Autor consultado principalmente a *Bibliotheca Americana Vetustissima* de HARRISSE e a *Bibliothèque Americaine* de TROEMEL, dous monumentos bibliographicos de permanente valia. Naquelle teria verificado que a primeira publicação allemã sobre o Brasil não foi, segundo affirma, a *Copia der Neuwen Zeytung aus Presilly Landt*, presumivelmente de 1520, existente na Bibliotheca de Dresden e descripta por A. VON HUMBOLDT em 1836; mas, sim a traducção da celebre carta de AMERICICO VESPUCCIO apparecida, com o titulo de —*Von der new gefunden Region*—, em Nuremberg já em 1505, e da qual no mesmo anno surgiram mais seis edições em diferentes cidades da Allemanha; da *Copia* citada ha ainda outra impressão de Augsburg em 1520.

No catalogo de TROEMEL o Sr. Constatt teria encontrado noticia das seguintes obras antigas que deixou de mencionar: a traducção, feita pelo medico JOBST RUCHAMER da curiosa collecção de viagens compilada pelo veneziano ALESSANDRO ZORZI, e editada, em Nuremberg, por Georg Stueck em 1508, com o titulo de —*Neue unbekante landt*— na qual vem a narração das viagens de Cabral e Pinzon; a traducção de MICHAEL HARR da collecção de SYMON GRYNÆS, impressa em Strassburgo, por GEORG ULRICH VON ANDLER em 1533; as afamadas collecções de SIGISMOND FEYERABEND, publicadas em Frankfurt sobre o Meno, em 1567; e de CONRAD LOEW, *Getruckt zu Coelln, auff der Burgmauren, Bey Bertram Buchholtz, Im Jahr 1598*; a *Neue Welt Vnd Americanische Historien* de JOHANN LUDWIG GOTTFRIEDT, apparecida, em 1631, em Frankfurt sobre o Meno; a apreciada traducção da obra de ARNOLD MONTANNS, dada á luz por O. DAPPER, em Amsterdam, com o titulo de —*Die Unbekante Neue Welt*—, em 1673, e o desvalioso —*Thesaurus Exoticorum*— de E. G. HAPPEL, impresso em Frankfurt sobre o Meno no anno de 1688.

Occupando-se da —*Brassilianische— und West Indianische Reise Beschreibung*, de AMBROSIVS RICHSHOFFER, o Autor presume seja differente do —*Diario dum soldado da Companhia das Indias Occidentaes*— por mim traduzido para o portuguez, em 1897; agradecendo ao Sr. CANSTATT a honrosa referencia ao meu modesto trabalho devo ponderar que a distincção estabelecida é improcedente, porquanto se trata de um e mesmo livro: na traducção julguei dever alterar o titulo de accordo com a indole do original impresso em Strassburgo, por JOSIAS STAEDELN, em 1677: a indicação do formato —*in-quarto grande*— dada pelo Autor discorda da cuidadosa descripção de TROEMEL (in-8) que corresponde ao exemplar em meu poder, o qual —um tanto curto de margens— tem apenas 0m,10×0m,16 de dimensões.

Esta confusão talvez seja explicavel considerando-se que BERNARDES BRANCO, na estimada bibliographia —*Portugal e os Estrangeiros*— (Vol. II, pag. 428) cita uma outra descripção de viagem muito semelhante a julgar pelo titulo —*Brasilische Reise von einem Teutschem sldaten in America, wie es ihm allda ergangen, auch Leibe und Lebens-Gefahr allda ausstehen muessen. Nahmens Lo-*

rents Simon aus Sachsen. Ghedruckt im Jahr 1677. (in-4 gr.)—; a noticia do escriptor portuguez é extrahida dum catalogo do livreiro parisiense CHASSONERY, que considerava a obra rarissima, razão pela qual ainda não me foi possível averiguar se é realmente um trabalho original ou apenas uma contrafacção do de RICHSHOFFER. (1)

A este genero de narrativas pertence ainda — e não foi mencionada pelo Sr. CANSTAT a — *Guinesische und West-Indianische Reisebeschreibung 1639-45 von Amsterdam nach St. Joris de Mina und nach Brasilien in Amerika* (Nuernberg, 1663) de MICHAEL HEMMERSAN, reimpressa por CHRISTOPH LUDWIG DIETHER, no *Guineischer und Americanischer Blumen-Pusch* (Nuernberg, 1669) de ERASMUS FRANCISCI, e traduzida para o sueco por JOH. KANKEL (Wysingsborg, 1674); á vista das numerosas edições que teve o curioso livrinho *De kleyne wonderlijcke Werelt* (Amsterdam, 1649) cujo autor, JOS. JOOSTEN TOLCK, residio no Brasil durante os sete annos do governo de Mauricio de Nassau, me parece assaz provavel tambem exista traduzido para o allemão.

Antes de passar adiante devo assignalar que VARNHAGEN assegura existir uma segunda edição, de 1684, da traducção allemã da obra de BARLAEUS impressa primeiramente em Clève, por TOBIAS SILBERLING, em 1659 (e não 1652), com o titulo de *Brasilianische Geschichte bey Achtjaehriger in selbigen Landen gefuehrter Regierung Seiner Fuersthlichen Gnaden Herrn Johann Moritz, Fuerstens zu Nassau*, facto de que se não encontra menção allures.

Entre os poucos livros allemães relativos ao Brasil e publicados no decurso do seculo XVIII foram esquecidos no *Kritisches Repertorium* as *Reise-Beschreibungen* de STOCLEIN (Augsburg, 1726); *Americus Vespucci... Leben und nachgelassene Briefe*, traduzido do italiano de ANGELUS MARIA BANDINI (Hamburgo, 1748); a *Reise nach der Sud-See, und denen Cuesten von Chili, Peru und Brasilien* de

(1) Depois de compostas as linhas acima tive conhecimento dos resultados das pesquisas feitas na Europa, a meu pedido, pelos Srs. Gustav W. Seitz, Nachf., prestimosos livreiros de Hamburgo, sobre a existencia deste livro rarissimo. Parece que o un co exemplar conhecido é o conservado no Museu Britannico e que figura no respectivo *Catalogue of Printed Books* (Fasciculo *Sigonius-Singing-Master*, London, 1896, colum. 178) sob o n. 10480 aaa 7; a descripção combina inteiramente com a de CHASSONERY e, segundo teve a gentileza de informar o Sr. G. K. Fortisque, Chefe do Departamento de Impressos daquela Bibliotheca, se trata de obra completamente distincta da de RICHSHOFFER: emquanto este veio ao Brasil já em 1630 regressando para a Europa em 1632, LORENTZ SIMON permaneceu aqui durante quasi toda a occupação hollandeza, isto é: de 1633—54. Faça diligencias para obter uma copia manuscripta deste livro, certamente muito curioso e que até hoje passou ignorado de todos os nossos historiadores.

ERN. FREZIER, (Hamburgo, 1749); as *Briefe ueber Portugal nebst einem Anhangueber Brasilien*, de MATTHIAS CHRIST. SPRENGEL (Leipzig, 1782); as *Reisen einiger Missionaren der Gesellschaft Jesu in Amerika*, compiladas por CHRISTOPH GOTTLIEB E VON MURR (Nuremberg, 1785) em que appareceram pela primeira vez os commentarios do Padre ANSELMO ECKART sobre a *Beschreibung des portugiesischen Amerika* de PEDRO CADENA (e não Cudena) editada por LESSING em Braunschweig, em 1780, e finalmente *Des Herrn Johann von Lery Reise in Brasilien* (Munster, 1794).

No capitulo segundo, consagrado ao periodo decorrido de 1800 à retirada de D. João VI, a mais minuciosa rebusca ou a critica mais exigente não encontram senão motivos para calorosos applausos; ahi o utilissimo trabalho do Sr. CANSTAT começa a tornar-se verdadeiramente exhaustivo e completo, presidindo aos seus juizos um criterio do melhor quilate.

Foi aquella epoca especialmente assignalada pelas grandes expedicoes scientificas do Principe de WIED-NEUWIED, de SPIX e MARTIUS, de POHL, LANGSDORFF e outros, cujos resultados litterarios o benemerito Autor do *Kritisches Repertorium* cifra em breves paginas duma leitura sobremaneira captivante; resumindo com clareza e precisão o itinerario das citadas viagens, ministra dados valiosos sobre a vida dos respectivos autores e discute com inteira competencia o merito das suas obras. Na sua opinião — aliás geralmente partilhada por quantos têm cogitado da materia — VON MARTIUS é o cientista estrangeiro a quem o Brasil deve os mais importantes e valiosos servicos; a sua monumental *Flores Brasiliensis* bastaria por si so para impor o seu nome a gratidão nacional.

Folguei muito em encontrar tambem contempladas ali as pittorescas viagens do circumspecto e veridico H. KOSTER a Pernambuco de que o publico allemão teve conhecimento pela elegantissima versão apparecida na *Neuen Bibliothek der wichtigsten Reisebeschreibungen* do Dr. J. BERTUCH (Weimar, 1817).

A phrase immediata — em que reuno os annos decorridos da Independencia a Maioridade (Caps. III e IV) — ao par de publicacoes de subido valor scientifico, quaes as de ALEXANDRE VON HUMBOLDT e ALCTO E D'ORBIGNY, viu sahir à luz numerosos specimens dum genero litterario muito pouco estimavel e peculiar áquelle tempo.

Ninguem ignora que um dos motivos principaes da impopularidade do primeiro imperador, nasceu da guarda pretoriana de mercenarios estrangeiros com que pretendem firmar o prestigio do seu throno vacillante; poucos, porém, sabem que varios officiaes daquellas tropas adventicias, de regresso à patria, escreveram e publicaram narrativas das suas tribulaoes na terra legendaria do ouro e dos diamantes, cujo fulgor os attrahira com a mesma cupidez febril dos ousados companheiros de Cortez e de Pizarro.

Estes livros, hoje bastante raros e raramente lidos, encerram, entretanto, valiosas contribuioes para o estudo do periodo inicial da nossa vida historica como naao independente e autonoma.

São quasi todos libellos virulentos, alicantinas rancorosas, traduzindo, em linguagem assaz grosseira e mal limada, despeitos odientos

e desillusões amargas, descrevendo tragicas experiencias ou resumbrando recriminações sem numero contra a gente as cousas do Brasil. Ha em todos elles a mesma nota falsa de vinganca impotente.

Os seus autores, verdadeiros naufragos da existencia nas plagas nataes, viéram quasi todos seduzidos pelas promessas mirificas do recrutador-mór, o major VON SCHAEFFER, e fascinados pela flava miragem de rapida e facil fortuna no imperio do Cruzeiro; eram na maioria aventureiros, trazendo por divisa o velho motto dos fibusteiros do seculo XVII —*ultra æquinoctialem non peccari*—, e expandindo após, em vomitos verde-negros de calumnias revoltantes e de falsidades infames, a ira furiosa gerada do desastroso fracasso de mais uma correria no enalço de posições e de riquezas.

O typo deste genero litterario, que floreceu sobretudo na Alemanha nos decenios de 1820 e 1830, se encontra indubitavelmente nas memorias do tenente CARL SEIDLER, intituladas —*Zehn Jahre in Brasilien waehrend der Regierung Dom Pedros und nach dessen Entthronung* (Quedlinburg, 1835) que lamento o Sr. CANSTATT se tenha demorado a elogiar.

Já dantes fertilissima, a litteratura alemã sobre o Brasil avolumou-se consideravelmente com o intenso movimento emigratorio de que foi objecto o nosso paiz nas proximidades de 1850; é incontavel a multidão de brochuras, folhetos, relatorios e livros então apparecidos sobre assumptos connexos aos empreendimentos colonisadores; foi um verdadeiro diluvio de publicações diz o Sr. CANSTATT ao iniciar a sua bem completa enumeração; mas, quasi todas tiveram apenas interesse fortuito e importancia local, e, após o famoso rescripto de v. d. Heydt sobre a emigração para o Brasil, o seu numero cessou de avultar em tamanhas proporções.

Entretanto contemporaneamente tiveram publicidade muitas outras obras de merito duradouro a que o Autor não falta com a devida justiça; taes foram, para só citar algumas das principaes, as narrativas de viagem do Principe ADALBERTO DA PRUSSIA, de AVÉ-LALLEMENT e de BURMEISTER, os trabalhos zoologicos deste ultimo e —*Inst but not least*— a excellente —*Geschichte von Brasilien*— (Berlin, 1860) de HEINRICH HANDELMANN, mau grado os defeitos que possam ser notados no seu plano de composição, no genero a primeira obra dominada de genuino espirito philosophico; ao apreciar-a se deve ter bem presente que, até a Independencia, é impossivel traçar a historia do Brasil num quadro harmonico, sendo forçoso fraccional-a em varios estudos especiaes dedicados á evolução parallela dos diferentes nucleos culturaes cuja posterior agregação constituiu a actual unidade nacional; por obedecer sensatamente a este methodo —hoje sem reservas reputado o mais logico e scientifico— a magistral historia de HANDELMANN offerece á primeira vista um aspecto fragmentario, que uma leitura mais attenta e demorada não deixa persistir.

Reparo nesta parte o silencio sobre as obras do Barão ERNST VON BIBRA, *Reisen in Sud-Amerika* (Mannheim, 1853, 2 Vols.) e *Aus Chili, Peru und Brasilien* (Leipzig 1862, 3 Vols.), e devo advertir que o folheto —*Erinnerungen an Brasilien*— (Luebeck, 1854) não proveio da penna do Dr. ROBERT AVÉ-LALLEMENT, e é sim obra

posthuma de F. AVÉ-LALLEMENT, por alguns annos pastor da comunidade evangelica allemã do Rio de Janeiro.

Consubstanciando novamente o copioso conteúdo de tres capitulos (VII—IX), notaveis pela exactidão dos informes e o esmero das analyses, só me deterei em registrar brevemente o livro de viagens de MAXIMILIANO DA AUSTRIA, futuro e desventurado imperador do Mexico; as *Reisen in Suedamerika* de VON TSCHUDI; o inapreciavel *Handbuch der Geographie und Statistik Brasiliens* de J. E. WAPPAEUS e os multiplos trabalhos do Sr. CANSTATT referentes ao nosso paiz em numero de cincoenta e tres, entre as quaes avultam, pelas suas dimensões e importancia, — *Brasilien. Land und Leute* (Berlin, 1877) e *Das republikanische Brasilien* (Leipzig, 1899); notando, todavia, o olvido da curiosa monographia de M. TH. ALVES NOGUEIRA, intitulada — *Der Moenchritter N. Durand von Villegaignon. Ein Beitrag zur Kenntniss franz-brasilianischen Verhaeltnisse im XVI Jahrhundert*, (Leipzig, 1887), e das excellentes publicações philologicas do saudoso Professor JULIUS PLATZMANN.

O capitulo final (X), abrangendo a actividade litteraria manifesta nos impressos apparecidos de 1890 a 1902, escapa inteiramente á minha analyse, devido ás difficuldades em que nos achamos — nós estudiosos brasileiros — de obter conhecimento de trabalhos estrangeiros sobre o nosso paiz; as oportunidades de que dispoz o Sr. CANSTATT, porem nos offerecem segura garantia de que, neste particular o criterioso bibliographo e abalisado critico, não desmentiu as suas anteriores promessas.

Em conjuncto o *Kritisches Repertorium* será sempre um desses livros raros cuja consulta se imporá aos allemães que desejarem bem conhecer o nosso paiz e aos brasileiros que procurarem aprofundar as opiniões emittidas a respeito do seu paiz pelos representantes da raça mais verdadeiramente philosophica do Occidente.

Desvaneçam-se allemães e brasileiros de possuir um tão bem feito *Kritisches Repertorium der Deutsch-Brasilianischen Literatur*.

3 — Rodrigues de Carvalho. — CACIONEIRO DO NORTE. — Fortaleza, Militão Bivar & C., Editores, 1903, in-8° L— 207—IV pp.

Numerosas e significativas, perduraveis elouvabillissimas foram as manifestações diversas com que o Ceará commemorou, ha pouco, o tricentenario do primeiro contacto da barbaria das suas populações indigenas com os portadores da civilização européa.

Esta celebração, cuja patriotica iniciativa emanou do bello coração e da intelligencia providente do Sr. BARÃO DE STUDART, traduzio-se tambem pelo apparecimento de varias memorias sobre assumptos de historia cearense, e da interessante collectanea intitulada — *Cancioniro do Norte*.

Poeta estimado, observador curioso, critico penetrante, habituado a lidar com o povo e profundo conhecedor da sua indole, RODRIGUES DE CARVALHO conseguiu reunir um material novo e precioso para o estudo da nossa « litteratura oral », infelizmente tão descuidada depois de SYLVIO ROMERO e de MELLO MORAES FILMO. Divergio, porém, do laureado respigador e analysta dos *Contos e Cantos Populares do Brasil*, na forma porque encarou o assumpto, e fel-o, talvez, com razão.

Evidentemente o *b asileiro*, como typo anthropologico definido, não existe, conforme notou o preclaro espirito de EUCLYDES DA CUNHA nesta parte da America colonizada pelos portuguezes, as tres raças iniciaes não se resumiram nem se unificaram, antes se desdobraram gerando numero igual de sub-informações, substituindo-se pelos derivados, sem qualquer apuração, em mesclas tão abundantes que ao proprio QUATREFAGES surprehenderam. E si considerarmos, ainda mais, as disparidades telluricas e climatericas, a intensidade dos cruzamentos, as condições historicas, a interferencia — pela invasão outrora e hoje pela immigração— de outros povos da Europa, phenomenos estes todos divergentes dum a outro extremo do paiz, comprehendemos facilmente porque a nossa nacionalidade não possui até hoje unidade ethno-psychologica e se fragmenta, mau grado a communhão politica e religiosa, em grupos assaz distinctos.

Attendendo a que, no actual periodo de formação do typo brasileiro, cuja feição definitiva é um problema não resolvido, o trabalho de selecção ethnica exigido nas investigações do *Folklore*, é de todo negativo, RODRIGUES DE CARVALHO restringiu a ambito mais modesto as suas pesquizas.

« Quem conhecer esta zona comprehendida entre a foz do S. Francisco e a do Parnalyba, escreveu elle todo o esplendor tropical desta natureza, as praias, os brejos, os engenhos, as cidades, os sertões, os costumes, as festas, as lendas, preferirá, como eu prefiro, concatenar as produções de um livro de canções populares, mais pelo assumpto que se prende a cada zona, do que ao elemento ethnico propriamente dito.

« Estudemos, pois, o meio physico, a sua influencia sobre o meio moral; fallemos tambem das multiplas modalidades porque o espirito do nortista se revela nas suas credences e folgares; e depois desse scenario offereçamos ao povo o resultado de sua propria vocação artistica, fructo dessa expontaneidade anonyma, caracteristica do espirito meridional do brasileiro. »

No substancioso « prefacio », onde folgamos de encontrar mais duma opinião plausivel, descreveu os principaes divertimentos populares do Brasil Oriental, e resenhou boa copia de abusões, credences, usanças, superstições e ridiculos processos therapeuticos, cada um dos quaes —devidamente investigado e aprofundado— forneceria elemento para curiosa monographia; é pena que, neste particular, o Autor deixasse de se abeberar nos conscienciosos estudos do pranteado Dr. JOAO ALFREDO DE FREITAS, omitindo assim uma pagina interessantissima sobre o nosso *fetichismo politico*.

Passemos ás composições poeticas que constituem o grosso do volume e podem ser genericamente divididas em duas especies.

A primeira, onde dominam quasi exclusivamente as quadras octosylladas, chamadas alhures de *versos geraes*, comprehende as modinhas e cantigas improvisadas no enthusiasmo dos *des-fios* entre cantadores de profissão; por vezes estas quadras se agrupam em series, com retornellos e caracter narrativo, mas, em geral, chrystallisam apenas uma idea isolada vinculando-se, umas ás outras, tão sómente pela identidade das rimas.

E' esta a forma sob a qual se nos depara mais frequentemente a musa popular, é a mais usada, é a mais facil; os seus cultores raras vezes alcançam vencer a monotonia das consonancias finaes — sempre repetidas na sua penuria de vocabulario — pelo effeito intrinseco das concepções e o vigor das imagens. Mas, têm, um dia surpresas que assombrom, comparações de originalidade e subtileza admiraveis. Em Taboleiro de Aréa, no Cesará, um cantor popular, *philosopho* sertanejo de chapéu de couro, analfabeto e rude, improvisou a seguinte quadra verdadeiramente genial:

« No ventre da Virgem pura
Entrou a divina graça;
Como entrou tambem sahio
Como o sol pela vidraça. »

Comtudo, semelhante prespicuidade de entendimento e delicadeza de imagem, não são vulgares: de commum a premura da replica instantanea não deixa aos trovadores de *pé de viola* lazer para complicados raciocinios, e o soberano encanto dos seus versos reside sobretudo na pasmosa presteza com que são improvisados pelos dons contedores, na febre do torneio, guardando sempre as mesmas rimas e alterando sempre, sciente e inopinadamente os themas.

A' outra classe, menos copiosa e frequente, pertencem as produções dos rhapsodas ignorados, Homeros anonymos, cuja lyra tósca tem perpetuado, sob a fórma preferida de decimas, de glosas e de bemditos, os successos mais famosos da chronica popular, reflectindo com nitidez igual as grandes catastrophes e triumphos nacionaes, e as proezas truculentas de façanhudos criminosos.

Si as possuissimos completas, numa seriação continua e ininterrupta, teriamos, nestas versalhadas commemorativas, ao lado da historia official dos autores cultos, outra curiosa e ingenua historia popular desfiando num rosario encantador de legendas pittorescas, todas as phases da nossa evolução.

Infelizmente dellas nos restam apenas escassos fragmentos de epochas relativamente proximas. Entretanto é de suppôr, com toda a plausibilidade, já no seculo do descobrimento, o estro popular celebrasse os feitos mais estrondosos das lutas contra os incolas; mais tarde, certamente, os fastos epicos da guerra hollandeza forneceram

assumpto abundante ás canções do povo : tudo, porém, jaz irrevogavelmente sepultado para sempre no inviolavel silencio do passado.

E é pena terem-nas os velhos chronistas desdenhado! FREI MANOEL DO SALVADOR teria feito do seu *Vuloroso Lucideno* um livro cem vezes mais precioso. houvesse recolhido os versos asperos com que, nos acampamentos pernambucanos, a invicta soldadesca de Vieira, Vidal, Camarão e Dias, celebrava os seus gloriosos combates, que o bellicoso frade pretendeu sublimar ronceiramente, em oitava rima, no couce dos capitulos da sua desalinhavada chronica, onde, entretanto, ha notas que relembram o valor mavorcico dum Villehardouin, a fé viva dum Joinville e a curiosidade obsidente dum Froissart. Mas, não no fez nem no fizeram os seus proximos continuadores.

E' forçoso volver a datas muito mais recentes afim de encontrar o mais remoto specimen deste interessante genero poetico : é apenas uma quadra isolada alludiudo ás desventuras do Governador de Pernambuco, Furtado de Mendonça, o desadorado *Uzumbergas*, deposto e preso, em 1666, pela arrogante nobreza olindense. Posteriormente é preciso galgar de novo ampla solução de continuidade historica para deparal-o outra vez registrando, em fins do seculo XVIII, as tribulações do famigerado *Cabelleira*.

E' só após a Ind-pendencia que esta penuria decresce e o cabedal das canções populares allusivas a factos politico-sociaes toma vulto nas raras collecções do nosso *Folk-Lore* até agora publicadas.

Na de RODRIGUES DE CARVALHO figuram em quantidade exigua demais em proporção ás da primeira especie, devido, sem duvida á sua menor frequencia na zona costeira onde o Autor colheu a maior parte dos elementos do seu *Cancioneiro*.

Mas, ha no seu bello livro, alem deste desculpavel senão, outro defeito menos perdoavel : releve o Autor á nossa probidade o apontal-o.

Objectamos contra a inclusão, numa anthologia deste genero, não só dos themas populares metrificados por poetas letrados — tal *A Yara* de TELES DE SOUZA —, bem como dos poemas da lavra de individuos que, tendo possuido consideravel cultura mental, regressaram degenerados ao nivel das classes analfabetas, qual o deventurado bacharel JULIO VAZ CURADO ou o misero estudante LOUREIVAL ASSUCENA : em ambas as hypotheses é flagrante uma directa influencia litteraria que exclue a ingenuidade natural e expontanea de verdadeiro *Folk-Lore*, porquanto, sob a denominação de « poesia popular », já o disse o grande *Steinthal*, se deve comprehender não tanto o que o povo *canta*, mas, o que o povo *produz* ; do contrario urgiria contemplar nas suas lindes as numerosas canções de Casimiro de Abreu, Castro Alves, Bruno Seabra, Tobias Barretto e tantos outros, estropeadas, em noites de plenilunio, pelos trovadores de *serenatas*.

Não obstantes estas ligeiras falhas o *Cancioneiro do Norte* é um livro prestabilissimo, e o patriotico exemplo do seu illustre Autor, tão digno de fervorosos applausos, merece ter seguidores idoneos.

E estes virão de certo.

Quanto a Pernambuco, podemos-o assegurar, a obra preciosa de RODRIGUES DE CARVALHO terá em breve um complemento amplissimo e quasi definitivamente: O *Folk-Lore Pernambucano*, vasto repositório onde o espirito investigador e a intelligencia polymorpha de PEREIRA DA COSTA accumulou somma verdadeiramente prodigiosa de materiaes ineditos.

4 — **Dr. Emilio A. Goeldi.** — ALBUM DE AVES AMAZONICAS. — Zurich, Instituto Polygraphico, 1903, in-fol., 12 estampas coloridas.

O Brasil é o paraíso dos naturalistas, escreveu num momento de entusiasmo o famoso zoologo BURMEISTER, o mesmo cujo recente fallecimento, tão deplorado pela sciencia, privou o Museu Nacional de Buenos Aires do mais competente dos directores.

Nenhuma outro região da Terra, accrescentou na introdução da sua excellente *Systematische Uebersicht der Thiere Brasiliens*, tem contribuido para as instituições scientifico-naturaes da Europa com tão opulento cabedal como a vasta area central da America do Sul, cujo planalto ondulado é sulcado por dous dos maiores systemas fluviaes; por toda parte, sobretudo nos nossos museus allemães, depa-ramos com os productos brasileiros constituindo a maior copia dos materiaes existentes.

A origem de semelhante riqueza é de facil explicação: contam-se por dezenas as existencias laboriosamente consumidas em investigar os thesouros inexauriveis da nossa flora sem rival, em colligir, estudar e classificar a pasmosa variedade dos representantes da nossa fauna tão caracteristica, e as estantes das bibliothecas especiaes vergam ao peso da volumosa litteratura de historia natural do Brasil que o seculo passado viu surgir.

Sobretudo no dominio da zoologia estas publicações são numerosas, avultando principalmente no departamento particular da avifauna, onde a par de preciosos compendios e substanciosas monographias se destacam obras inconographicas das mais bellas e custosas.

Sem comprehender neste genero as hediondas e grotescas xylographias da *Historia Naturalis Brasiliae* de MARKGRAF (1648) e de *De Indiae utriusque ae naturali .t medica literi c quatordecim* de PISO (1658), em que a inepecia de grosseiros gravadores caricaturou os primorosos desenhos do grande naturalista saxonio, possuimos no *Aviario Brasilico* de CONCEIÇÃO VELLOSO (1800), nas *Abbildungen zur Naturgeschichte Brasiliens* do Principe de NEUWIED (1823), nos *Oiseaux brillants du Brésil* e na *Ornithologie Brésilienne* de THEODORE DESCOURTILZ (1832—34), no *Birds of Brazil* de SWAINSON (1841), no *Avium species novae* de SPIX e MARTINS (1839) e nas *Erlaeuterungen zur Fauna Brasiliens* de BURMEISTER (1856) magnificas representações de quasi toda a ornithologia indigena.

O esplêndido *Album de Aves Amazonicas* organizado pelo Dr. EMILIO A. GOELDI, prorector director do Museu Paraense de Historia Natural e Ethnographia, comquanto não abranja a totalidade das especies brasileiras, limitando-se ás peculiares ao immenso vale do grande rio septentrional, avanta-se consideravelmente aos antecedentes pela sua esmerada execução artistica, fidelidade do colorido observada até nos mais fugidios cambiantes, preocupação em mostrar as aves no seu *habitat* caracteristico, e por trazer junto as denominações scientificas a synonymia vulgar a que até hoje quasi se não tem attendido em trabalhos similares.

No segundo fasciculo, que acaba de ser distribuido, o Sr. ERNESTO LOHSE, desenhista-lithographo do Museu, patenteia novamente as raras qualidades de observador cuidadoso e de colorista delicado, que tantos louvores lhe mereceram por occasião do apparecimento do primeiro.

Dentre as estampas deste que temos á vista cumpre, ainda assim salientar especialmente as de ns. 14—16 consagrada a familia dos Psittacidae, estes passaros loquazes cuja abundancia, cores vivas e facilidade em imitar a voz humana impressionaram os primeiros exploradores do nosso paiz ao ponto de tornal-o por algum tempo conhecido na Europa sob a denominação de *Terra dos Papagaios*.

Completado com um terceiro fasciculo já em elaboração, o *Album* constituirá indubitavelmente um supplemento valiosissimo ao interessante e util estudo do Dr. EMILIO A. GOELDI sobre as *Aves do Brasil*, o melhor trabalho que existe na especie — e mais um titulo de gloria para o eminente sabio cujo intelligente auxilio tanto contribuiu para a brilhante victoria alcançada pela nossa diplomacia na questão de limites com a Guyanna Franceza.

5 — **Borges dos Reis.** — OS INDIGENAS DA BAHIA. — *Bahia, Typ. Reis & C., 1903, in-8°, 42 pp.*

E' entre nós mania vulgar e lamentavel, oriunda da nossa superficialissima cultura philosophica e scientifica, a ridicula preocupação nobiliarchica de filiar os primitivos habitantes do nosso paiz ás raças historicas ou legendarias do velho mundo.

O professor BORGES DOS REIS teve a ventura de escapar a esta absorvente tendencia apresentando ao Instituto Geographico e Historico da Bahia uma breve mas succulenta memoria sobre o gentio da bella terra onde primeiro aportou Cabral.

Estudando conscienciosamente os indigenas bahianos, á luz das esplêndidas conclusões obtidas pelas pesquisas de VON DEN STEINEN e de EHRENREICH, elle não foi rebuscar-lhe avós entre os israelitas, os phenicos ou os atlantidas, e preferiu consideral-os ethnologicamente como productos duma evolução cis-atlantica, de pleno accordo com a theoria de ha muito ovante nos estudos americanos dignos de meditação e em manifesta opposição ás dispendiosas excentricidades

dum Lord KINGSBOROUGH, ás phantasticas hypotheses dum BRASSEUR DE BOURBOURG e ás espirituosas mystificações dum ONFFROY DE THORON, que chegou a fazer as froas de Salomão sulcarem as aguas do Amazonas em busca das madeiras preciosas para a construcção do templo de Jerusalém.

Até ahi acompanhamos, na effusão ardente dum perfeito consorcio de opiniões, ao professor BORGES DOS REIS; mas, não ousamos seguil-o mais além, penetrando a seu lado no labyrintho onde se degladiam os adeptos fanaticos da monogenese e da polygenese, labyrintho em que inconsideradamente enveredou o autor d'*Os Indigenas da Bahia* quando, firmado na asserção de LUND, de ser o planalto central do Brasil a primeira parte solida do planeta que emergiu do oceano primitivo, aventurou ter sido ali o berço do genero humano.

Não vão tão longe os que admittem o autoctonismo das raças americanas.

6 — **John C. Branner.** — A BIBLIOGRAPHY OF THE GEOLOGY, MINERALOGY AND PALEONTOLOGY OF BRASIL. — *Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1903, in-4°, 115 pp.*

Em um paiz em que ainda se não curou sequer do levantamento topographico do territorio, não é de admirar estejam ainda na infancia os estudos geologicos; mas, se neste dominio, como em tantos outros, a acção governamental tem sido quasi nulla, muito tem produzido a iniciativa particular e o silanete labor de desinteressados e operosos scientistas.

E' a estes quasi exclusivamente devida a totalidade dos escriptos até hoje publicados sobre as condições geognosticas do Brasil, a sua mineralogia e paleontologia, escriptos que, pela primeira vez, acabam de ser devidamente inventariados pelo eminente especialista norte-americano Dr. John C. Branner, sabio Vice-presidente da Universidade de Leland Stanford Junior, na California.

Companheiro do pranteado Ch. Fred. Hartt na Commissão Geologica do Brasil, em 1876, o Professor Branner visitou novamente a região nordéste do nosso paiz, em 1899, e de ambas estas viagens são fructos succulentos numerosas monographias esparsas em varias publicações especiaes dos Estados Unidos e da Europa.

O seu ultimo trabalho — que motiva as presentes linhas — não é dos menos valiosos, e a sua utilidade é tão manifesta que nos dispensa de accentual-a.

« Até o presente, escreve o Autor na advertencia, nenhuma bibliographia comprehensiva da geologia do Brasil foi tentada. M. de Margerie no seu *Catalogue des Bibliographies Géologiques*, publicado em Paris, no anno de 1896, pelo *Congrés Géologique International*, menciona seis artigos sobre assumptos geologicos cada um dos quaes contem referencias a varios outros artigos sobre a geologia

brasileira; nenhuma destas listas, porem, pretende ser uma bibliographia da geologia do Brasil.

Em 1881 a Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro publicou o seu importante *Catalogo da Exposição da Historia do Brasil*, em dous grossos volumes; um delles contem a lista dos livros e artigos na Bibliotheca Nacional relativos á geologia do Brasil, na qual se acham incluidos muitos titulos de obras pertencentes a particulares e então não existentes na bibliotheca; foi a tentativa mais approximada até hoje feita para uma bibliographia da geologia do Brasil; a lista era necessariamente imperfeita: omittindo os manuscriptos incluidos e os artigos sobre aguas mineraes, comprehendia sómente cento e doze titulos.

Uma bibliographia da paleontologia dos invertebrados mesozoicos da America do Sul se encontra, nas pp. 3 a 6, das *Contribuições á Paleontologia do Brasil*, do Dr. C. A. White, publicadas no Rio de Janeiro, em 1887. Esta lista contem vinte e quatro titulos.

Em 1901 o *Bureau of American Republics* publicou, em Washington, « *A list of books, magazine articles and maps relating to Brasil, 1800—1900*, organizado por P. Lee Phillips (in-8°, 145 pp.); esta lista valiosa contem muitos titulos sobre geologia e geographia, mas estes artigos não se acham separados dos outros e as omissões são necessariamente numerosas.

A presente bibliographia contem 1203 titulos, sem incluir extractos, noticias e recensões.

Devido á penuria da litteratura sobre a geologia do Brasil, foram incluidos muitos livros de viagens e de exploração que, sem a pretensão de serem obras geologicas, contêm notas sobre a geologia.

Esta lista salienta o facto de que a grande massa do trabalho geologico sobre o Brasil, é obra de dous homens: Eschwege e Derby.

Ambos são notaveis pela importancia e pelo caracter da sua obra; os resultados da de Eschwege foram na maioria publicados em allemão e por isso não têm sido accessiveis aos estudiosos brasileiros como se o houvéssem sido em portuguez ou francez (1).

(1) Na sua *Historia Geral do Brasil*, Vol. II. p. 1175, Varnhagen falla de Eschwege como sendo « por vezes compilador e plagiario de seus companheiros Varnhagen e Feldner, todos tres do corpo de engenheiros do Brasil », e cita a St. Hilaire em apoio desta asserção. Tudo o que St. Hilaire diz a respeito da *memoire technique* de Eschwege sobre a fabrica de Ypanema e que contêm « quelques passages empruntés a Varnhagen. » (*)

(*) *Voyage dans les Provinces de St. Paul et de Sainte Catherine*, por M. Auguste de St. Hilaire. Paris, 1851, Vol. I, p. 392, nota.

(Nota do Prof. Branner.)

Felizmente os resultados da obra de Derby têm apparecido tanto em portuguez como em inglez, e a sua influencia sobre os estudos geologicos no Brasil tem tido importancia correspondente. Desta verdade dá sobejo testemunho a presente bibliographia, em que tambem avulta o precioso cabedal de estudos provenientes das pesquisas do seu organisador, a quem um natural e louvavel sentimento de modestia impedio de indical-o: é aqui o lugar de se lhe fazer a devida justiça.

A impressão da monographia, feita longe das vistas do Autor e como parte do Vol. XII dos *Archivo do Museu Nacional do Rio de Janeiro*, padece de negligencias de revisão que, si não desvirtuam inteiramente o sentido de alguns dizeres, ateiam um trabalho em cujos menores detalhes de composição se patenteia a esmerada solicitude com que foi preparado.

7 — **Julius Meili.** — O MEIO CIRCULANTE NO BRASIL. Parte III. — A Moeda Fiduciaria no Brasil. 1771 até 1900. *Zurich, Typ. de Jean Frey, 1903, in-4° royal, LXXX, 274 pp., 192 estampas.*

Faz seis annos que nestas mesmas paginas tive o grato ensejo de annunciar o apparecimento do volume inicial deste sumptuoso monumento de erudição e de bom gosto, consagrado pelo benemerito Sr. Julius Meili á numismatica brasileira, e hoje me rejubilo com ver surgir esta sua esplendida continuação, pela qual fiz sempre os mais ardentes votos.

O que então escrevi sobre a importancia e o merecimento do conjunto de semelhante obra tem plena confirmação com a parte que vem de sahir á luz.

Proseguindo no methodo judiciosamente adoptado o Autor não se limitou a apresentar um compendioso tratado graphico e descriptivo sobre a moeda fiduciaria no Brasil, mas addicionou-lhe numerosas e utilissimas informações sobre a nossa historia economica e financeira.

Comprehende o texto duas grandes secções — *Emissões legais* — e — *Emissões illegaes* — subdivididas em vinte e seis capitulos respectivamente occupados com a legislação e mais noticias relativas a toda a casta de papel-moeda que tem circulado no nosso paiz desde 1771, quando em virtude do regimento de 2 de Agosto, começaram a circular em Minas Geraes, os famosos bilhetes de extracção dos diamantes, até os vales de troco de ouro actualmente emittidos pelas alfandegas.

Combinando a leitura destes capitulos com o exame das estampas correspondentes, que em numero de 192 representam 1637 especies diferentes, obtêm-se um golpe de vista assáz instructivo, não só sobre a evolução dos nossos processos financeiros, como sobre os progressos financeiros, como sobre os progressos das artes graphicas e do aperfeiçoamento esthetico entre nós.

A partir das notas do primitivo Banco do Brasil, desmesuradas, grosseiras, inartísticas, fácil e frequentemente falsificadas, chega-se através dum sem numero de emissões intermediarias, ás sedulas do Thesouro Nacional hoje circulantes, perfectas, elegantes e commodas, mas ainda igualmente objecto de fraude.

Considerando-se este immenso acervo em attenção ao seu interesse para Pernambuco, observam-se os conhecimentos e sedulas emitidas, em consequencia da lei de 3 e do regulamento de 8 de Outubro de 1833, para o troco do cobre; as notas do Thesouro Nacional de 100\$000, 1ª estampa (1835—36), de 200\$000, 2ª estampa (1839—44) e de 500\$000, 3ª estampa (1843—60) com a vista da entrada do porto do Recife; as da Caixa Filial do 3º Banco do Brasil em Pernambuco, da I serie (1856), dos valores de 10\$000 a 500\$000, com a mesma vista e as da 2ª Serie, de 10\$000 com a vista da ponte pençol do Caxangá, e de 50\$000 com a da antiga ponte do Recife, e as do Novo Banco de Pernambuco, fundado em 1857, ostentando os brazões da rmas conferidos, em 1638, por Mauricio de Nassau ás capitancias e camaras do Brasil Hollandez.

A serie das notas de todos os valores e estampas emitidas pelo Thesouro Nacional e recolhidas até o fim do anno de 1900, acha-se completa no magnifico album do Sr. JULIUS MEILI faltando apenas as que, estando ainda em circulação, não lhe era permitido reproduzir.

Completam excellentemente esta primeira secção d'*A Moeda Fiduciaria no Brasil*, prestabilissimos quadros dos Bancos de Emissão que têm existido de 1808 a 1896, outros confrontativos das emissões do Governo e dos Bancos com o cambio, de 1808 a 1900, attentas as modificações do padrão monetario occorridas em 1833 e 1848, e uma lista dos valores de papel-moeda legalmente em circulação em fins de Dezembro de 1900, na importancia de 699.631:719\$000, ou uma media de 44\$000 por cada habitante.

Das tabellas referentes ás oscillações do cambio se verifica que este, na vigencia do actual padrão monetario, attingio ao maximo (31 d.) em 1850, e desceu ao minimo (5 21/32 d.) em 1898, sendo na media de 22 pence por 1\$000; é curioso notar que emquanto no periodo decorrido de 1849 a 1889 esta media se manteve a 24 7/8 d, de 1889 a 1900 declinou para 11 3/8 d.

A segunda secção — *Emissões illegaes* — comprehende os bilhetes de estados, municipalidades, emprezas de omnibus, barcas e bonds, e de companhias e particulares, abrangendo o prodigioso total de 1263 especies.

Estas emissões abusivas, illegaes ou criminosas de titulos de credito (quer dizer de divida) ao portador, denominados apolices, cauetellas, coupons, estampilhas, ficas, fichas, livranças, obrigações, recibos, sellos, vales e alcuñados no Ceará de *Borós*, em Pernambuco de *Calcareos*, *Sampaio*s e *Haja-Paus*; no Maranhão de *Debentures* e em Minas-Geraes de *Borrosquês*, não são tão modernas como se presume, nem peculiares a Pernambuco no actual regimen conforme se tem insidiosamente proclamado: ellas grassaram com muito mais intensidade no Rio Grande do Sul, no Paraná, em Minas-Geraes e no

Ceará, e nenhum Estado escapou á sua derrama; que já existiam de longa data sob a monarchia, se bem que em menor escala, o demonstra o Sr. JULIUS MEILL consignando (ns. 785 a 827) especies em circulação em S. Paulo, Minas-Geraes, Rio de Janeiro, Pernambuco, Maranhão e Pará, de \$837 a 1859.

Uma dellas (n. 787) é um valo de 500 réis, impresso no Recife, na Typographia Universal, em 1857, e emittido por G. J. Layme; traz o numero de ordem 527; mais tarde o facto se repetiu com frequencia, me recordando duns *coupons* rectangulares, serrilhados, de impressão verde e valor de 200 réis emittidos proximamente em 1880 pela *Brazilian Street Railway Co.*, e logo seguidos de outros congeneres da Companhia Ferro Carril, ambas desta cidade, e que circulavam com geral aceitação na falta de trocos meúdos.

Sem suspeitar sequer, no animo independente e imparcial do probo e disertor Autor d'*A Moeda Fiduciaria no Brazil*—, a sombra do designio de accentuar esta predominancia de emissões clandestinas em Pernambuco e nos tempos mais proximos—conforme perfidamente procuram insinuar ineptos follicularios,— penso que si o seu bello livro dellas registra em tamanha copia amostras quasi contemporaneas, é porque, sendo estes titulos de divida sempre de ephemera circulação os seus exemplares cedo desaparecem, salvo alguns guardados por curiosos, e que o Sr. JULIUS MEILL, mercê das suas indefesas pesquizas, logrou farta messe delles no ultimo periodo em que a falta excessiva de moeda divisionaria motivou o seu apparecimento entre nós.

Em appendice menciona ainda o operoso e sabio numismatista specimens de annuncios-reclames, bilhetes de loteria e de rifa, e fichas de jogo, cumprindo notar que entre estas ultimas a de N. 1637 parece antes uma *poule de jogo de bicho*.

Em inteiro accordo com a importancia intrinseca do livro está a sua execução graphica; o texto é impresso com rara nitidez e as numerosas estampas, muitas coloridas, manifestam a preocupação de Autor em buscar os mais aperfeiçoados processos de gravura.

Emfim, *O Meio Circulante do Brasil* — como o emprehendeu o Sr. JULIUS MEILL, é um monumento grandioso e aturante dedicado á nossa patria por um estrangeiro dos que o Visconde de TAUNAY chamou, com propriedade e justiça, — « brasileiros honorarios ».

8 — **Oliveira Lima.** — SECRETARIO D'EL REY. — Peça historica nacional em 3 actos. — *Rio de Janeiro, H. Garnier, 1904.* in—12, 151 pp.

Depois de haver opulentado a litteratura nacional com obras do subido quilate de *Pernambuco, Aspectos da Litteratura Colonial Brasileira, Nos Estados-Unidos, O Reconhecimento do Imperio, e No Japão*, o nosso eminente patricio OLIVEIRA LIMA acaba de publicar um trabalho mais ligeiro, porém, igualmente digno do maior apreço; tendo já conquistado com brilho singular os titulos de histo-

riador imparcial, fidedigno e elegante, de observador perspicuo, de analysta arguto e de profundo e original sociologo, o illustre pernambucano estreou agora num novo genero litterario de que a nossa bibliographia não conta muitas especies de valor.

O diplomata e litterato escreveu uma comedia, que mesmo fóra do palco interessa e deleita.

E' sabido como em geral os historiadores profissionaes são mal succedidos quando se transportam ao dominio da ficção; esmagados sob o volume enorme da propria erudição quasi sempre lhes fallece lepidéz de *allure*; assobrados pelos multiplos conhecimentos das individualidades, dos habitos, dos costumes, das modas, das alfaias, dos moveis e dos ornamentos duma epoca, fóra da gravidade sentenciosa da sciencia especial raramente alcançam traçar quadros em que se surprehenda movimento e vida; preocupados em documentar a cada instante os mais miúdos detalhes, sobrecarregam inutilmente o conjunto da acção e, prejudicando-lhe assim o desenvolvimento natural e harmonico, geram livros pesados e fastidiosos: dramalhões infundaveis e romances enfadonhos.

Destes desastres temos exemplos typicos no *Amador Bueno* e no *Caramurú* de VAERNHAGEN e ainda melhor nas soporíferas novellas de PEREIRA DA SILVA.

A comedia — *Secretario d'El Rey* — apesar de ser obra dum historiador, está inteiramente isenta destas eivas.

E' uma peça construida com arte delicada e carinhos de estheta duma composição symetrica e graciosa; um delicioso quadro de costumes dum color do suave e captivante; um episodio galante e pittoresco occorrido na cõrte do monarcha portuguez que tão mesquinhamente quiz emular com o esplendor do *Rei-Sol*.

O entrecho não é complicado, sendo facil cifral-o.

A scena passa-se em Lisboa no reinado de D. João V.

D. Fernando da Cunha, joven fidalgo valente e brioso, atacado a noute pelo Infante D. Francisco, numa das suas habituaes correrias pelas ruas da capital, defende-se galhardamente e fére de leve ao irmão do rei, cahindo por sua vez maltratado de golpes desfechados pelos sequazes do real desordeiro; D. Luz de Menezes, sua prometida e donzella de peregrina formosura, que dum balcão do palacio do Conde de Lessa, seu pae, assistira á lucta, corre a soccorrel-o, fazendo recolher o ferido, não reconhecido pelos aggressores, ao convento de S. Francisco, onde o confia aos cuidados do prior Frei Bernardo da Purificação.

A noticia do incidente, promptamente espalhada, enche o rei de indignação: os beleguins galopam a farejar o homisio do execrando réo de lesa-magestade e ao infeliz mancebo parece inevitavel tremenda punição.

Mas, D. Luz, tremendo pela sorte do noivo adorado, consegue mover em favor delle o interesse de seu tio materno Lord Tirawley, embaixador da Inglaterra.

Vão-se os dous, em companhia da aia de D. Luz, — respeitavel matrona, muito pudica, mas, ás occultas grande amiga de historias picarescas — a implorar, do omnipotente ministro Alexandre de

Gusmão, a clemencia real em favor do pretense criminoso; o venerando prior frei Bernardo já os precedera no mesmo designio; todos se encontram no gabinete do «escrivão da puridade» no Paço da Ribeira, onde são acolhidos pelo escudeiro João Braz.

Entre parenthesis seja dito que o irmão d'O *Voador* nutria por D. Luz paixão discreta, mas ardente, e que não era correspondida.

Apoz breve delonga apresenta-se aquelle a quem OLIVEIRA LIMA chama com propriedade, «o maior brasileiro do seculo XVIII»; meigo e respeitoso accóde ás supplicas da afflicta joven; risinho e prazenteiro ouve as razões do tio; pensativo e serio attende ás reflexões de Frei Bernardo, e, recalcando do imo d'alma o pungir de acerba tortura, cogita nobremente em tornar feliz aquella que o faz tão infeliz.

Promette obter graça e os supplicantes se retiram animados de alacres esperanças, que não serão desmentidas.

Este é o assumpto do primeiro acto; o segundo, todo incidental occorre na cella de Frei Bernardo, onde Alexandre de Gusmão fôra em visita a D. Fernando, e se encontram igualmente D. Luz *travesti* de pagem, e Lord Tirawley.

Na entrevista entre os dous amantes da mesma mulher — um venturoso e outro infortunado — a superioridade moral do grande paulista sobresahe num relevo admiravel e a pureza dos seus sentimentos ignala a elevação da sua intelligencia.

No acto final o Autor concentrou habilmente o supremo interesse do entrecho e desenvolveu qualidades de excellente dialectica; nelle assistimos ao combate entre o ministro, porfiando pelo perdão do fidalgo ameaçado, e o monarcha melindrado no mais sensível da vaidade real — a intangibilidade sagrada das familias, por graça divina, destinadas ao governo dos povos.

Sem manifestar o minimo zelo pela causa de D. Fernando, sem deixar perceber um só indicio do seu empenho em salvá-lo, Alexandre de Gusmão, com a pericia de avezado psychologo e o artificio de astuto diplomata leva El Rei, não só a perdoar a victima dos desatinos de seu augusto irmão, como a conferir-lhe, á guiza de desterro, o governo da capitania de Goyaz.

Mas, o que sobretudo resalta do conjuncto da intriga é a pronunciada ascendencia do brasileiro sobre os demais comparsas, frisando bem a crescente influencia exercida na monarchia europea pelos filhos da sua colonia americana.

O estylo da comedia é sempre castiço, amoldando-se a lingua-gem perfeitamente ao dialecto contemporaneo, o que não é pequeno merito si attendermos que, assim como as diferentes camadas duma sociedade possúem maneiras proprias de dizer, a mesma classe, em periodos diferentes, affecta diversas modalidades de expressão.

Os personagens são naturaes e desenhados com muita fidelidade.

Não me deterei em accentuar a verdade com que se acha representada a personalidade do heróe, e direi apenas que, no monologo da Scena VIII do Acto III, a figura de D. João V vive, evocada do tumulto com surprehendente compenetração ethica. Parece-me *ver*

ali o famoso *rei frade*, com todo o seu fanatismo supersticioso e os seus escrupulos subtilezas de libertino devoto, oscillando sempre entre o serrallho de Odivellas e as mesas de São Francisco; bizarra alliança de mysticos enlevos e de baixa sensualidade, a quem todo o ouro do Brasil não bastava para redimir com offerendas sumptuosas as continuas infracções ao terceiro mandamento, procurando acalmar a ira celeste com a construcção de claustros gigantescos e a elevação de altares fulgurantes de pedrarias.

Ouçamo-lhe estas palavras :

« Dirirjo do meu grande irmão de França. S. M. Luiz XIV, ao que relataram os despachos dos embaixadores do reino, requestou a menina La Vallière quando solteira, impedindo-a de desposar o seu promettido... Acho isto muito immoral. As donzellas não teem experiencia para resistir á seducções do amor... As casadas, quando abatem a resistencia, sabem o que fazem, o geralmente porque o fazem. O peccado do seductor não existe quasi... a sua tarefa foi pequenissima.

Nossa Senhora das Dôres me perdõe estes pensamentos e me poupe a colera divina... »

A mesma exactidão psychologica se encontra em todos os outros protagonistas, até no escudeiro João Braz, velho soldado aventureiro, maneta e casmurro, requeimado pelos sóes d'ultramar, e que andara de balde á cata de perolas em Ceylão e de diamantes no Tejuco; mas, bom e leal servidor.

N'uma breve advertencia OLIVEIRA LIMA justifica o qualificativo de « nacional » dado á sua comedia; e tem inteira razão em assim denominar-a, porque quem pretenderá negar que « o nosso periodo historico anterior á Independencia envolve forçosamente uma tão intima ligação da colonia com a metropole, que é quasi impossivel, ao tratar de uma, perder a outra de vista? »

9 — **Dr. Vicente Ferrer de B. W. Araujo.** — A EXECUÇÃO DE SILVINO DE MACÊDO. — Estudo critico e historico. — Pernambuco. Typ. do Jornal do Recife, 1904, in 4°, 62 pp.

Nas phases de grande agitação social é frequente occorrerem factos cujas minucias são propositalmente anegadas nas sombras de mysterioso silencio official, e cujos pormenores, sempre de interesse para a documentação historica, ficariam perdidos para os futuros chronicistas, se a curiosidade intelligente de espiritos indagadores não os fixasse, em tempo visinho ao seu acontecimento, com o caracter de perfeita veracidade.

Prestam excellentes serviços ao historiador profissional, estes probos e pacientes investigadores, que perlustram attentos os additos do templo de Clio, e levam em sincera offerenda ao altar da musa austera o fructo singello, mas nunca desdenhado do seu labor.

Do concurso destes pequenos subsidios, do seu ootejo e analyse,

brota muita vez a desejada luz para o esclarecimento da feição real dum character, da physionomia duma época ou da psychopathia occassional duma sociedade.

Possuindo dotes de intelligencia e de cultura que o habilitam a commetter com vantagem a elaboração de vastos estudos politico-sociaes, inclinado por indole e educação a contemplar de preferencia o lado pittoresco dos successos, sem contudo olvidar a pesquisa da sua significação intrinseca, o Dr. VICENTE FERRER, apto para realisar maiores emprezas, achou melhor, com a sua proverbial sagacidade, estrear neste dominio com pequeno « estudo critico e historico » onde a argucia do advogado se allia ao esmerado dizer de caprichoso belletrista, relevando a memoria ainda mais os attractivos dum assumpto já em si assaz emocionante.

Para mim, pessoalmente, alem das qualidades apontadas, *A Execução de Silvino de Macêlo* tem o merito especial de ser uma bella e justa homenagem á memoria dum amigo desventurado.

Conheci de perto ao infeliz supplicado na Imbiribeira; fui seu companheiro na revolta de 19 e 20 de Janeiro de 1892 na fortaleza Santa Cruz, e tive sobejas occasiões para assentar opinião sobre o valor da sua individualidade.

Ainda conservo delle viva recordação: baixo, franzino, moreno, rosto quasi imberbe marcado de cicatrizes de variola, olhos pequenos, muito negros e brilhantes em que se espelhava a energia indomita de su'alma. Extremamente asseado afeiçãoava o uniforme de brim pardo, banda vermelha á cinta, as quatro fitas da mesma côr exageradamente distendidas sobre a manga esquerda da blusa, a barretina bem apumada sobre a cabeça estreita e quasi desnuda de cabelo apurado muito rente: tal era, quando com elle travei relações em fins de 1891, o 2.º sargento do 1.º batalhão de Engenharia, por este motivo alcunhado de *Engenheiro*.

Muito activo, bem fallante, sagaz e intelligentissimo apezar duma cultura bastante rudimentar animado das mais altas aspirações, o seu supremo desejo era então matricular-se na Escola Militar, onde de certo o aguardava brilhante carreira si a criminosa ambição de politicos sem escrupulos o não tivesse impellido á desvairada aventura da qual milagrosamente escapou com vida.

A historia daquella revolta singular e extraordinaria ainda não foi escripta, nem é aqui o lugar proprio para esboçal-a sequér; mas, aproveito-me do ensejo afim de mais uma vez salientar que os responsaveis pelas consequencias da lugubre tragedia não foram alguns rapazes entusiastas e inexperientes, que affrontaram a morte no intuito nobillissimo de ajudar a libertar a patria do ugo dum supposto tyranno e usurpador: — aos que os incitaram á tresloucada empreza, com promessas e lisonjas, cabe a inteira culpa do desastre; sobre estes sim, deve ter cahido o sangue das victimas obscuras immoladas á sua desmarcada cubiça, não só o dos que succumbiram bravamente no furor da peleja — e foram dezenas — porém, e ainda mais, o dos miseros prisioneiros perfidamente fuzilados pelas costas na esplanada da fortaleza quando occupados na « fachina » e dos supremos desgraçados mortos, ás portas das masmorras, a milhares de chiba-

tadas, num supplicio chinez que a requintada crueldade dos algozes prolongava por muitos dias, assassinos hodiornos aos quaes um medico — tão estúpido quanto servil — emprestava a sua ignobil cumplicidade fornecendo complacente mentirosos attestados de obito!

Mas, voltemos esta pagina sombria dos nossos annaes republicanos.

Ferido traiçoeiramente no periodo final da luta, em que revelou qualidades raras de coragem e de energia, Silvino jazeu por longos mezes em doloroso tratamento no Hospital da Ilha das Cobras, e depois de restabelecido me consta ter occupado emprego subalterno no *Diario Official*.

Tempos mais tarde, rebentando a revolta de Setembro, o seu nome começou a ser novamente pronunciado como o dum dos mais audazes combatentes contra as forças do Marechal Floriano, lhe sendo attribuida, entre outras façanhas, a destruição do holophote da Gloria.

Por motivos que certo ficarão para sempre ignorados, no paroxysmo da insurreição elle veio a Pernambuco onde encontrou a morte; presumo que o seu desembarque na terra natal foi inteiramente fortuito e que não o trouxeram aqui quaesquer planos conspiratorios.

Nesta occasião estive por um triz a encontrar-me com elle: coincido a sua chegada a esta cidade no *Wordsworth* com a minha partida para os Estados-Unidos, no mesmo vapor, em 13 de Janeiro de 1894.

Dias depois me informaram á bordo que um official revoltoso, vindo do Rio de Janeiro, saltára no Recife disfarçado em remador dum bote; ignoravam o seu nome, mas, dos signaes fornecidos — baixo, magro, rosto picado de bexigas, uma grande cicatriz na face e recente ferimento numa das pernas — inferi logo não poder ser outro senão Silvino de Macêdo, e externei os meus receios quanto á sua vida.

Estes foram em breve confirmados.

Ao recebermos o pratico em Sandy Hook, proximo a New-Jersey, precipitou-se á bordo um exame de *reporters* avidos de noticias sobre os successos do Brasil e principalmente sobre os antecedentes dum official insurrecto fuzilado em Pernambuco: fôra Silvino; disse-lhes quanto sabia a respeito e no outro dia o *Herald*, o *World*, o *Sun*, todos os grandes diarios de New-York, offereceram aos seus leitores phantasticas narrativas, em artigos de duas e tres columnas, sobre as peripecias da revolta e a execução do seu emissario, da qual, aliás, todos ignoravamos as minudencias.

Mas, o que não são capazes de inventar jornalistas *yankees* a fim de produzir sensação?

Das circumstancias da prisão, interrogatorio e assassinato do meu infeliz camarada, creio que o Dr. FERRER deu exacta e veridica descripção; pelo menos as poucas contestações que lhe oppuzeram até hoje vizaram apenas pontos secundarios, como são tambem de importancia secundaria as rectificações que me permitto apresentar-lhe com a referencia á parte inicial da sua excellente e curiosa monographia.

A fortaleza de Santa Cruz era guarneecida pelo 1º batalhão de artilharia de posição e não pelo 1º regimento que então tinha parada no Rio Grande do Sul, si não me engano em S. Gabriel ou Alegrête.

O Autor foi igualmente mal informado quanto ao modo porque Silvino foi ferido.

O chefe da revolta descia, na manhã de 20 de Janeiro de 1892, a pequena escada de pedra que da praça d'armas dá accessão á bateria 7 de Abril, quando foi attingido, na face esquerda, por um tiro de mosquetão desfechado por um anseçada emboscado no alojamento da 2ª bateria; a bala partio-lhe a maxilla e offendeu profundamente os orgãos vocaes, pelo que o ferido, nos interrogatorios a que foi logo depois submettido, dava as respostas por escripto, numa louza.

E' certo que o capitão Innocencio Puget, o official mais odiado da guarnição da fortaleza e cuja vida a custo poupamos á vingança feroz dos presos revoltados, arrogou-se mais tarde a triste gloria daquelle tiro covarde: mas, ainda são assaz numerosos os sobreviventes á tragedia de Santa Cruz que podem attestar a verdade do que acabo de narrar.

Estes insignificantes senões, porém, de fórma alguma podem deslustrar o conjuncto artistico e veridico do bello trabalho consagrado pelo nosso novel chronista á memoria duma victima desventurada dos odios partidarios, e o lisongeiro acolhimento que tem tido a sua interessante monographia deve incital-o a novos emprehendimentos.

Sim! E' de esperar, após tão promettedora estrêa, o illustre jurisconsulto não illuda a expectativa dos que aguardam da sua penna outras produções congeneres de maior vulto.

Porque não abalançar-se á elaboração duma *Historia Criminal de Pernambuco*, a exemplo do que, em menor escala, fez para o Ceará o desembargador Paulino Nogueira?

A empreza é tentadora e ao Dr. FERREZ sobejam predicados para commettel-a com certeza de exito completo,

Porque não tental-a?

10 — **F. A. Pereira da Costa.** — A VERDADEIRA NATURALIDADE DE D. ANTONIO FELIPE CAMARÃO. (Seculo XVII). Estudo historico. — Recife, *Empreza do Jornal do Recife*, 1904. in-4, 41 pp.

Eis mais uma importante monographia sobre a tão debatida questão da naturalidade do famoso guerreiro indigena, cujo berço tem sido porfiadamente disputado por Pernambuco, a Parahyba, o Rio Grande do Norte e o Ceará.

Sou daquelles que pensam não ser a mais estreita amisade incompativel com possiveis divergencias de opinião, nem infensa ao direito de expressal-as com sinceridade.

A profunda e verdadeira estima que, ha longos annos, consagro a PEREIRA DA COSTA, a grande admiração que rendo aos seus inestimaveis talentos de historiador não me inibiriam pois, de apreciar com imparcialidade o seu novo trabalho, e o conhecimento da pureza adamantina do seu character me auctorisava a fazel-o sem receio de melindral-o, se porventura discordasse do seu modo de pensar.

Alegra-me, por isso, sobremaneira, poder afirmar ter elle dado finalmente solução completa e definitiva a um problema que, mau grado a sua importancia secundaria, ha quasi meio seculo tem sido discutido sem resultado pelos melhores sabedores da nossa historia.

Urge acrescentar que ainda em nenhum dos seus ensaios anteriores revelou com igual brilhantismo a sua vasta sciencia historica, o seu raro talento de argumentador subtil, a sua pericia no desenvolvimento duma these, e o instincto genial que o faz descobrir em paginas, já demoradamente soletradas por dezenas de precursores, descurados testemunhos de maximo valor.

No presente estudo viza e consegue demonstrar duas proposições : ter sido pernambucano o heróe potygnar da guerra hollandeza e que se não deve identifiçal-o com o seu homonymo, já conhecido dos portuguezes em 1598.

Em prova da ultima asserção invoca o depoimento valiosissimo dum contemporaneo, e tão valioso que deveria ter sobre elle alicerçado todo o edificio da sua argumentação ; não no fez, porem, e reservou-o para golpe de misericordia.

A defeza da opinião abraçada assim o exigia, talvez.

Observarei, portanto, na analyse o mesmo plano da exposição.

Deixando para o final o testemunho de Simão de Vasconcellos, o Autor adduz muitas provas para estabelecer a impossibilidade de serem confundidos num mesmo individuo o *morubizaba* da aldeia de Ygapó, e o bravo vencedor de Artischofsky ; dentre ellas a que mais impressiona se estriba na idade avançada e consequente incapacidade physica em que deveria se encontrar aquelle para tomar parte activa na campanha da restauração pernambucana.

Faz honra a PEREIRA DA COSTA a argucia e habilidade com que aproveitou e desenvolveu este, na apparencia, formidavel argumento.

Admittindo que Antonio Camarão, já em 1598 chefe duma aldeia importante, tivesse então seus trinta annos, ao fallecer em 1648 seria octagenario e portanto inapto para arrojadas empresas marciais.

Mas, que nem sempre idade tão avançada implica declinio de vitalidade, nos mostra a historia com dezenas de exemplos de guerreiros macrobios, dentre os quaes apenas citarei alguns dos mais typicos :

Carbajal, o sanguinario lugar-tenente de Gonzalo Pizarro, tinha *oitenta e quatro* annos quando, prisioneiro na debandada de Xaquixaguana, foi decapitado, após muitos mezes cousumidos, pelos invios alcantis do Perú, em façanhas e correrias tão assombrosas, que ainda hoje a sua memoria perdura na tradição popular sob a alcunha sinistra de *El demonio de los Andes* ; aos *noventa e dous* annos Jugurtha, rei da Numidia, pelejava um dia inteiro montado num cavallo em pélo; alcançára a mesma idade o celebre chronista e um dos chefes princi-

paes da sexta cruzada, o Conde de Joinville, ao acompanhar Luiz X á conquista de Navarra; era tambem de igual anciania o general hespanhol Mondragon, ao annullar com a presteza das suas manobras, nas charnecas alagadas da Frisia, os movimentos tacticos do grande Mauricio de Nassau; furioso com a demora dos companheiros no assalto aos muros de Constantinopla, em 1204, o Doge de Veneza, Enrico Dandolo, atira-se, completamente armado, da prôa da sua galera ás aguas do Bosphoro e guia os cruzados á victoria: contava então *noventa e tres annos*, e na lembrança de todos nós estão viras as palavras do heroico fronteiro de Beja convidando os amigos a festejarem o seu natalicio com uma algara em terra de mouros: « Faz hoje *noventa e cinco annos* que recebi o baptismo. »

E todos elles, como o *Lidador*, tinham « vestido armas » desde a adolescencia! E a longevidade entre os nossos indigenas era proverbial.

Estas objecções, porem, têm de ruir por terra em face do trecho seguinte da *Chronica da Companhia de Jesus* (Livro II § 2°), trecho até hoje ignorado por quantos se têm empenhado no debate e agora muito bem utilizado por PEREIRA DA COSTA.

Enumerando os chefes indigenas convertidos á fé christã, escrevem ali o Padre Simão de Vasconcellos: « Da mesma maneira dos Potigoáres, UM ANTIGO POTIGOAÇU, Guiráopina, Arárúna, Cerobabé, Meirúguacú, Ibatatá, Abaiquijsa, todos famosos, e principais de grandes povos dos quaes se affirma, punha em campo cada qual delles de vinte a trinta mil arcos; que foram grande presidio nosso na Capitania de Itamaracá, Parahyba e Rio Grande. Não fallo aqui D'OUTRO POTIGOAÇU, maior que todos estes, assombro que foi de Hollandezes em nossos tempos, nas guerras do Brasil; porque para suas façanhas um tomo inteiro era pouco volume. »

Eis ali um testemunho explicito de escriptor contemporaneo assegurando a dualidade do velho Antonio Camarão e de D. Antonio Felippe Camarão, ambos designados pelo mesmo tupi de Potigoacú (*Camarão Grande*); embora isolado, o depoimento do padre Vasconcellos é muito fidedigno, pois conta em seu apoio com muitas provas circumstanciaes allegadas pelo nosso benemerito confrade: o casamento de D. Antonio Felippe com D. Clara, o facto de haver deixado um filho ainda menor em 1661, e a passagem do *Castrioto Lusitano* alludindo a ter fallecido em idade não avancada, apesar da forma ambigua, no genero de antithese, porque se expressou o guindado chronista

O seu conjuncto impõe a convicção inabalavel de ser impossivel identificar o antigo chefe — que seguindo, em 1614, na jornada do Maranhão, se deixou ficar no Ceará prostrado pelas fadigas da marcha com o infatigavel lutador, que ainda em 1648, na primeira batalha dos Guararapes, se distinguio por feitos de incomparavel bravura.

PEREIRA DA COSTA deixou assim plena e cabalmente demonstrada a sua segunda proposição, e firmou de vez mais um facto interessante dos patrios annaes.

Com relação á primeira foi igualmente feliz.

Ainda no animo dos mais fervorosos partidarios da opinião adversa deve causar funda impressão o numero e o quilate das razões a que appellou para victoriosamente justificar o conceito de haver sido pernambucano D. Antonio Felipe Camarão, isto é, ter nascido dentro dos limites do actual Estado, porquanto mui diversos eram os da primitiva capitania.

Não tenho espaço para analysar aqui, um a um, os elementos da sua dialectica, nem salientar detidamente o valor de cada uma das suas arguições, uma e outras, aliás, sufficientemente conhecidas das suas antecedentes publicações sobre o assumpto; as impugnações que até agora pareciam poder invalidal as já não subsistem mais á vista da evidente dualidade dos personagens inquestionavelmente fixada pelo testemunho de Simão de Vasconcellos.

Em resumo: acredito sem reservas ter havido, figurando nos nossos fastos coloniaes em epochas successivas e proximas, dous chefes potyguares do nome de Antonio Camarão; um, o mais antigo, era certamente filho das margens do Potengi, outro, o mais moderno, o paladino da campanha da restauração, nasceu em terras pernambucanas.

Felicito a PEREIRA DA COSTA pelos louros, que acaba de conquistar estabelecendo definitivamente a verdade destes factos.

II — **Drs. M. Otto e R. O. Neumann.** — *VORLAEUFIGER BERICHT UEBER DIE REISE NACH BRASILIEN ZUM STUDIUM DES GELBFIEBERS VOM 10 FEBRUAR BIS 4 JULI 1904.* — *Hamburg, Luetcke & Wulff. 1904, in-fol., 27 pp.*

A redobrada importancia que ultimamente adquiriram as investigações sobre a febre amarella, devido á nova theoria do seu contagio e da sua propagação pelos mosquitos, determinou a vinda a nosso pais de varias commissões de especialistas estrangeiros, afim de estudar a entidade morbida no fóco.

A mais recente, envida pela directoria do *Hospital de Maritimos e Instituto para Molestias Navaes e Tropicæes*, de Hamburgo, era composta dos Drs. M. OTTO e R. O. NEUMANN que acabam de publicar, num *Relatorio Preliminar* os resultados das suas pesquisas e observações de viagem.

Sendo aquelles de interesse mais directamente clinico e destinados aos profissionaes, resumirei aqui apenas os ultimos, que o publico em geral tem proveito em conhecer.

Vejamos logo o que os dous medicos allemães escreveram sobre a capital do nosso Estado.

« Apóz dez dias de navegação, a partir de Lisbõa, pisamos pela primeira vez o sólo brasileiro em Pernambuco. Durante o dia e meio que ali permanecemos, mercê da gentileza, do Sr. Constantino Barza, digno consul da Austria-Hungria, tivemos occasião de visitar o

Hospital dos Lazaros, situado fóra da cidade. Este estabelecimento confiado á administração do Sr. Burlamaqui, abriga presentemente cerca de 80 enfermos de todos os grãos, signal evidente do quanto se acha espalhada neste paiz esta entre nós tão rara molestia. São *Irmãs de Caridade* as enfermeiras. Os doentes estão installados promiscuamente em vastos salões e, se bem que para sempre excluidos do mundo exterior, são tratados da maneira a mais humana possível. Não existiam casos de febre amarella, de que nestes ultimos tempos só consta ter havido ali manifestações sporadicas. Do flagello dos mosquitos nada percebemos ao anoutecer, quér em terra quér á bordo do vapor fundeado no porto interno, não obstante o intenso calor reinante e as circumstancias favoraveis á multiplicação das morissócas. Da cidade recebemos a impressão de que, devido ás immundices accumuladas principalmente nos bairros habitados por pretos e á inconveniente construcção portugueza das casas, offerece terreno muito propicio ao desenvolvimento de epidemias e de facto consta ser a peste um hospede frequente em Pernambuco fazendo annunciar a sua aproximação por precedente mortandade de ratos.

« As primeiras horas do dia seguinte foram consagradas á visita de Olinda, cujas igrejas e conventos arruinados testemunham da opulencia de um passado bem remoto; os lugares onde outr'ora se celebrava a missa estão hoje inteiramente invadidos pela luxuriante vegetação dos tropicos. »

Proseguindo na viagem e aportando ao Rio de Janeiro, seu ponto do destino, notaram que ali :

« Ao recém-chegado surprehende logo, em contraste com as grandes cidades europeas, a estreiteza das ruas centreas ainda assim percorridas por linhas de bonds. As casas são ali de varios pavimentos occupados o terreo com lojas e servindo os superiores de habitações, enquanto que nos arrebaldes os edificios são mais baixos e em geral, como na Inglaterra habitados por uma só familia. Merece especial attenção a extraordinaria profundidade das casas no centro da cidade o que reduz a um minimo a sua aeração, já muito estorvada pela estreiteza das ruas.

« Que semelhantes construcções offerecem bons esconderijos a toda a casta de sevandijas, como mosquitos e ratos é fóra de duvida, bem como que a sua limpeza e desinfecção radical apresenta as maiores difficuldades.

« As ruas em geral calçadas, são, porem, em alguns pontos muito poeirentas, em consequencia talvez de serem varridas sem previa irrigação. Com poucas excepções a população, que apresenta todas as cambiantes da cór da pelle, variando do branco puro ao preto escuro, mostra grande cuidado no asseio individual. »

Os Autores tornam estas observações extensivas ás outras cidades brasileiras que visitaram, distinguindo apenas São Paulo, pelas vantagens proporcionadas por typos architectonicos mais modernos e apropriados ás condições climatericas.

Excellentemente acolhidos pelas autoridades sanitarias da capital da Republica, os Drs. OTTO e NEUMANN installaram o seu laboratorio bacteriologico numa dependencia do Hospital de S. Sebastião,

onde, por espaço de quatro mezes, se dedicaram ao estudo da febre amarella, comquanto, por falta de casos (apenas 24 durante aquelle praso), a opportunidade não lhes fosse das mais favoraveis.

No que diz respeito a organisação do serviço de hygiene do Rio de Janeiro os dous medicos allemães são prodigos dos mais rasgados elogios: referindo-se ao respectivo director, o illustre Dr. Oswaldo Cruz, escreveram:

« Logo da primeira vez em que com elle tratamos adquirimos a convicção de estarmos diante de um homem de real illustração scientifica, dotado de senso pratico e talento de organisação, qualidades difficéis de encontrar irmanadas e entretanto indispensaveis naquelle cargo para a solução dos problemas hygienicos complicados por tamanhas difficuldades, em um paiz em que a comprehensão da utilidade dos melhoramentos sanitarios ainda não penetrou em todas as camadas da população. »

Admittindo sem reservas a theoria que considera os mosquitos os unicos transmissores da febre amarella, applaudem fervorosamente as medidas prophylaticas empregadas com tão bom exito em Havana e no Rio de Janeiro e consistentes na campanha ininterrupta contra aquelles insectos, a destruição dos seus tócos de germinação e rigorosas e frequentes desinfecções domiciliarias.

Quanto á variola se declaram francamente partidarios da vaccinação obrigatoria, lamentando que na propria Allemanha ainda existam adversarios de tão salutar providencia.

Depois de uma breve excursão pelo Estado de S. Paulo, os Drs. OTTO e NEUMANN regressaram a Hamburgo, por Santos levando do Brasil bem lisongeira impressão.

Vieram imbuidos de certos preconceitos sobre o nosso estado cultural ainda vigentes em algumas partes da Europa e se retiraram maravillados deste « bello, hospitaleiro e adiantado paiz ».

Felizmente já vão longe os dias em que Seidler, Expilly, Biard, Mariconi e outros detractores systematicos faziam, com os seus escriptos despeitosos e odientos, opinião contra a nossa patria.

12 — **John C. Branner.** — THE STONE REEFS OF BRAZIL, THEIR GEOLOGICAL AND GEOGRAPHICAL RELATIONS, WITH A CHAPTER ON THE CORAL REEFS. — *Cambridge, Mass., 1904*, in-8 gr., 285 pp., 104 grvs, 99 ests.

O estudo da geologia do Brasil nestes ultimos quarenta annos tem sido, quasi exclusivamente, obra de tres scientistas norte-americanos: HARTT, o saudoso companheiro de AGASSIZ, inaugurou a nova era de investigações systematicas, brilhantemente continuadas pelos seus dous amigos e discipulos DERBY e BRANNER: o primeiro mais especialmente com relação a S. Paulo e os Estados limitrophes, o segundo quanto a região norte-oriental

Com excepção talvez apenas de alguns trabalhos de Louis LOMBARD, infelizmente hoje afastado do nosso convívio, tudo o que modernamente possuímos de conhecimentos sobre a geologia e a geographia physica de Pernambuco é levado ás pequizas do douto Vice-Presidente da Universidade de Stanford; ahí estão, accessíveis a todos e permittindo aquilatar da importancia dos seus trabalhos, as elegantes traducções que dos principaes tem entre nós dado á publicidade o meu illustre amigo e confrade Dr. João Baptista REGUEIRA COSTA.

O Professor JOHN C. BRANNER veio pela primeira vez ao Brasil já em 1875, como ajudante de HARTT, e aqui permaneceu por alguns annos na qualidade de membro da *Imperial Comissão Geologica*; teve então eusejo de visitar e percorrer demoradamente o nosso Estado, colhendo os materiaes e as observações para muitas das suas monographias posteriores. Extincto aquelle utilissimo empreendimento, regressou á patria, onde, em breve os seus serviços foram aproveitados pelo Estado de Arkansas, na direcção do respectivo levantamento geologico, até que passou a assumir a cathedra de mestre no magnifico e futuro instituto de ensino superior com que a piedade paternal do millionaire Stanford dotou a California.

Proseguindo sempre nos seus estudos brasileiros, em meados de 1899, voltou ao nosso paiz, no designio de rectificar e completar os seus conhecimentos especiaes por meio de novas explorações.

Os seus brilhantes e preciosos resultados já foram consignados em varios artigos de menor vulto e principalmente na memoria sobre *A geologia da Costa do Brasil*, em sua quasi totalidade por mim traduzida para o portuguez e publicada nas Revistas dos Institutos Archeologico e Geographico Pernambucano e Historico e Geographico do Rio Grande do Norte.

Mas, a ultima viagem do Professor BRANNER teve um objectivo particular e determinado, qual o exame minucioso do phenomeno geologico mais notavel da costa oriental do continente sul-americano: os recifes de pedra.

Este é o assumpto do seu novo trabalho ha pouco primorosamente editado pelo *Museu de Zoologia Comparada* da Universidade de Harvard.

Seria estulta pretensão querer cifrar no ambito dum simples *compte-rendu* o conteúdo de obra tão notavel e vultuosa; aliás, na sua traducção para o portuguez já trabalha o Dr. J. B. REGUEIRA COSTA.

Por isso farei aqui sómente ligeiro epitome das principaes conclusões que encerra.

Nas costas de muitas regiões tropicaes são frequentes os recifes de coral; os de pedra, porem, se acham quasi que circumscriptos ao norte do Brasil, pelo menos quanto ao numero e ás dimensões.

E' sabido como se estendem, com grandes e numerosas interrupções, das proximidades do Ceará ao sul da Bahia, numa distancia de dous mil kilometros, acompanhando a linha da praia e resguardando aqui e ali, como verdadeiros diques naturaes, muitos portos e enseadas que sem a sua presença não existiriam.

Sobretno em face do littoral pernambucano se apresentam a miudo: existem em Goyanna, no Rio Doce, no Recife, na Piedade, em Venda Grande, em Gaibú, ao sul do Cabo de Santo Agostinho, no Porto de Gallinhas, em Cacimba, em Serinhãem, em Santo Aleixo e em Rio Formoso.

Considerados quanto á sua fôrma e estructura são em geral, mas não sempre, rectos; as camadas que os constituem pendem para o lado do mar no angulo ordinario das praias arenosas; a espessura da rocha massiça não excede de tres a quatro metros; os materiaes sub-jacentes são areias, conchas e argillas, sem sequencia regular. O processo de formação, o character e a estructura destes recifes mostram serem antigas praias endurecidas pela acção do carbonato de cal, emquanto que a sua direitura indica serem formas de uma primitiva linha costeira fixada e tornada permanente por um processo especial de consolidação, cujos factores não foram ainda satisfactoriamente determinados.

Os meios porque se opera a lithificação das areias sob a influencia do carbonato de cal são de varias naturezas, e podem todos ter contribuido mais ou menos para o endurecimento dos recifes brasileiros; mas, não bastam para explicar a sua existencia, principalmente a petrificação das praias por traz dos antigos recifes.

A sua distribuição conduz á inferencia de ser a consolidação directamente relacionada com a densidade d'agua do mar, influido tambem para isto as condições climatericas e geologicas do continente vizinho, pois, é assaz provavel que as areias não teriam podido ser consolidadas se houvesse chuvas bastante copiosas e continuas para manter sempre desobstruidas as boccas dos rios e puras as suas aguas.

Em uma região de aguaceiros concentrados e de seccas prolongadas a foz dos rios fica temporariamente fechada e as aguas se espraíam em lagôas por traz dos bancos de areia; o accumulamento de materiaes organicas nestas represas naturaes augmenta a acidez d'agua doce que, filtrando atravez do dique arenoso, primeiramente dissolve o calcareo e depois deposita-o de novo ao chegar em contacto com a agua do mar muito mais densa.

Por este modo alguns trechos das praias foram endurecidos, emquanto que outros permaneceram inconsistentes.

Acresce que, segundo todas as probabilidades, é durante a estação secca que a agua do mar attinge o maximo da sua densidade, contribuindo para accelerar a consolidação do decurso do verão.

Robustece ainda mais esta hypothese o facto de se encontrarem os recifes de pedra junto ás boccas de rios de pequeno volume dagua, jámais porem, perto, da foz dos de grande caudal, como o São Francisco.

Quanto a idade approximada dos recifes, attentas as suas relações physio—e estratigraphicas e os fosseis que encerram, concluiu o Professor BANNER que a sua formação começou nos primitivos tempos Pliocenos e tem continuado até hoje.

No decorrer da investigação do problema principal, que deixei imperfeitamente indicada, discute o eminente scienista muitas outras

questões de summo interesse para o estudo da geologia e geographia physica do Brasil.

Precedendo o capitulo final, em que o Dr. Arthur W. Greeley analysa os recifes de coral, traz ainda o livro uma excellente bibliographia annotada, fertil em dados preciosos para o estudioso brasileiro em geral.

Excusado é acrescentar que, como em geral todas as edições norte americanas, esta tambem se distingue pela nitidez do trabalho typographico e pela belleza das numerosas illustrações representando os trechos mais pittorescos e appraziveis do nosso litoral e os seus aspectos mais caracteristicos.

13 — **Dr. Phaelante da Camara.** — MEMORIA HISTORICA DA FACULDADE DO RECIFE. — Anno de 1903. — *Recife, Imprensa Industrial, 1904, 4º, 120 pp.*

Emfim, depois duma longa série de simples relatorios estereis, calcados com pressa e sem gosto sobre os parcos informes colhidos na secretaria, vem a Faculdade do Recife de possuir a primeira « memoria historica », não só digna deste nome, pela opulencia dos dados contidos, como exemplar no genero pelo esmero com que foi elaborada.

E o que é mais ainda — aquelles se tornaram doravante impossiveis.

Prestando inestimavel serviço á egregia instituição, onde a sua palavra vibrante e autorisada infunde á nova geração as doutrinas sadias da sciencia nova, o illustre cathedratico de direito criminal acaba de rumar para o seu verdadeiro norte a indole destas monographias, preciosas quando, sem prescindir do necessario alicerce estatistico, trazem o calor palpitante das obras feitas com estudo e amor.

De hoje em diante quem fôr investido da mesma missão não terá e-colha possivel entre o agro dever de imital-o e o desar do silencio.

Longe de se restringir á relação dos factos da nossa escola de direito no angusto periodo do anno findo, o Dr. PHAELANTE, com especial acuidade analytica, investiga-lhe o passado inteiro; em breves paginas — breves demais para o leitor captivo dos seus primores — assignala com admiravel relevo descriptivo as phases varias da sua evolução quasi secular.

Tem requintes de archeologo em pesquisar-lhe as origens; zelos de historiador em consubstanciar-lhe os annaes; apuros de psychologo em caracterisar-lhe os necessarios aspectos, e sobretudo carinhos de artista em represental-os todos sob forma genuinamente litteraria.

Acompanhando-o passo a passo nas *Notas Preambulares* assistimos á formação do grosseiro casulo inicial do primitivo Curso Juridico nos vetustos salões do Mosteiro de S. Bento, em Olinda; observamos a sua lenta transformação em chrysalida no sombrio casarão

do Hospício de onde, já de azas feitas, o moderno espirito academico se veio aninhar «provisoriamente» entre os muros de acaçapado edificio colonial, que depois das arguciosas polemicas dos discipulos de Santo Ignacio ouviram, na sua impassibilidade saxea, as parvoices lendarias de ignaros capitães-generaes.

Em phrases rapidas e de maravilhosa concisão e pertinencia o Auctor caracteriza cada um destes periodos; rasga-lhes um succinto esboço phisionomia propria, exalçando com justiça os meritos comparativos e apontando com equidade os defeitos peculiares que os diferenciaram.

E assim chega á era gloriosa quando das cathedras começaram a ser espalhadas as sementes fecundas das novas concepções das sciencias juridico-sociaes, cujos fructos sazonados ao influxo da verdade experimental foram derramar pelo Brasil inteiro a luz do direito hodierno a surgir victoriosa do nevoeiro dos conceitos metaphisicos.

Mas, cumpre registrar que se aquelles germens abrolharam em vigorosos rebentos, floresceram com brilho e fructificaram utilmente foi porque cahiram em sólo extraordinariamente fertilisado.

Muito, muito antes — emquanto ainda os lentes traçavam e mantinham inexoraveis em torno das cadeiras rigoroso cordão sanitario contra o contagio dos novos principios, entoando numa solidariedade beata de clerigos regulares o cantochão das doutrinas ortodoxas, grave concerto onde apenas desafinava ás vezes a voz liberal de Apregio Guimarães — no corpo discente da Faculdade do Recife as opiniões dos grandes remodeladores do direito na Allemanha, na Franca, na Inglaterra e na Italia se infiltravam lentamente; eram frequentes os choques entre as novidades abraçadas pelos discipulos e os dogmas archaicos dos mestres, attritos que collinearam já no escandalo tradicional do concurso de Sylvio Romero.

Os reformadores do ensino na nossa Faculdade não foram thau^l maturgos, porque na sociedade como na natureza toda os milagres não são possiveis.

Do antagonismo flagrante entre a avidéz do escól dos alumnos por uma orientação juridica assente em bases scientificas e racionais e a obstinação dos professores em se afferrar ao tradicionalismo de desacreditados compendios, nasceu a conjunctura propicia á actividade oportuna e efficiente de Tobias Barretto, José Hygino e João Vieira, coroada de tão brilhante successo.

Instruidos nas lecções dos progonos da ultima grande reforma philosophica e intervindo a proposito, conseguiram, pelo seu esforço talento e illustração, restabelecer o equilibrio, que a progressiva eliminação dos fanaticos do velho credo e a sua substituição pelos adeptos do novo têm cimentado definitivamente.

Aos tres pioneiros a gloria de haver iniciado com vigor e competencia o movimento salutar.

Não comporta o ambito desta noticia me demore por tamanho espaço na apreciação dos demais capitulos em que se divide, sem se fragmentar, a presente «memoria historica», pelo que, a contra-

gosto, destacarei apenas alguns de cuja leitura guardei mais viva impressão.

Entre estes saliento em primeiro lugar aquelle no qual o Dr. PHAELANTE discute o novo plano da criação duma universidade no Brasil.

O assumpto tem, nestes ultimos tempos, merecido o exame e a meditação dos nossos mais abalisados especialistas em materia de instrução superior, e os pareceres e projectos a respeito se multiplicaram; mas, ainda depois de tão debatido o problema, quando parecia não restar mais uma só proposição a elucidar, o Autor logrou descobrir-lhe aspectos, ineditos e o apresentou á discussão collocado sobre premissas inteiramente originaes, de notavel criterio e subordinadas principalmente á feição particular do character nacional: sem prejuizo da doutrina, soube ali vincular os sentimentos do patriota ás convicções do cientista.

Ao se occupar da directoria, enaltecendo os meritos singulares do cidadão colendo que ora a exerce, tem occasião de fixar em relevo de medalha os bustos de Maciel Monteiro, Lopes Gama, Visconde de Camaragibe e João Alfredo, seus dignos antecessores; a mesma facilidade em desenhar fiel e promptamente physionomias moraes manifesta ainda nas leves e frisantes characteristics dos lentos actuaes, superando com felicidade os accidentes possiveis em emprezas semelhantes.

São justas e judiciosas as suas considerações relativas ao auspicioso desenvolvimento da bibliotheca, mercê do zelo intelligente dos seus dous ultimos directores — Mancel Cicero e Frota Vasconcellos, empenhados em enriquecê-la com as melhores publicações modernas, dar-lhe organização conveniente e transformal-a, do « cemiterio de livros » que era dantes, um poderoso elemento cultural.

A' vista do que é hoje, como nos parece remoto, quasi perdido em brumas medievaes, aquelle anno de 1859, quando o Imperador D. Pedro II, visitando-a, inqueria, num capricho de bibliophilo, qual o livro mais antigo que encerrava e o respectivo director lhe trazia pressuroso um exemplar da Biblia!

Na *Conclusão* deixa o Dr. PHAELANTE se expanda novamente o seu patriotismo ardente num hymno triumphal á terra do berço, mostrando como a Faculdade do Recife representa tambem as tradições pernambucanas no que ellas podem ter de mais elevado.

Possúe o Autor um estylo todo pessoal e de extraordinaria originalidade pittoresca; terso sem preoccupações classicas, palpita cheio de vivacidade e de rhythmo transformando em trechos da leitura deliciosa ainda as exposições dos assumptos mais aridos, codimentadas á proposito de anedoctas referidas com espirito e *allure*, ou esmaltadas de imagens escolhidas e empregadas com infinita pericia, esplendendo sobre o fundo colorido da narrativa com o brilho de aureas incrustações.

14 — **Dr. Octavio de Freitas**—OS NOSSOS MEDICOS E A NOSSA MEDICINA—*Recife, 1904, 8, 291 pp.*

A julgar pelo titulo parecerá, talvez, fóra de proposito consignar aqui o apparecimento deste interessante volume.

Mas, não se trata duma obra de sciencia pura e antes duma judiciosa e elegante analyse e discussão, com referencia ao meio pernambucano, dos objectos que lhe servem de epigraphe.

Nas suas paginas ha muita cousa de valia a ser respigada pelo historiador que não faz da sua espinhosa missão o commodo officio de collector de ephemerides.

E' que hoje a historia abandonou o seu papel de mestre de cerimonia a proclamar ruidosamente os orgulhosos titulos nobiliarchicos dos soberanos por «graça divina» e elevou-se á tarêfa mais nobre de soberana disciplina social; deixou VOLTAIRE, tecendo grinaldas de rosas ou de goivos em torno das datas dos natalicios dos obitos principescos, para vir, com TAINE, pôr a luz ás origens dos acontecimentos.

Ao panegyrico dos heróes preferio o cadastro dos factos instructivos; antepoz a verdade á gloria.

Fez-se humana e scientifica.

E, obedecendo ao famoso e cançado preceito de MONTAIGNE—*Je prends mon bien ou je le trouve*—desceu da sua sublimidade rhetorica para pedir o auxilio prestimoso das sciencias irmãs.

E os resultados da nova orientação foram extraordinarios.

Particularisando, basta lembrar o quanto servio a LITRÉ e a CABANNEL o concurso das sciencias medicas á elucidação formal de obscuros problemas historicos, e a BUCKLE, DRAPPER, TYLOR e ao proprio SPENCER para a consolidação das suas theorias sociologicas.

Quem de futuro quizer delinear com verdade a ethnopsychologia pernambucana muito lucrará com a leitura attenta do bello trabalho do Dr. OCTAVIO DE FREITAS.

As condições domiciliarias, os cuidados de limpeza pessoal e domestica, o regimen alimenticio de um povo, são elementos sobremaneira valiosos para a boa comprehensão de sua capacidade physica e cultural.

Sobre estes assumptos o livro do illustrado clinico é deveras instructivo.

E' triste verdade sermos em geral um povo sem hygiene privada, e quando uma epidemia nos assalta é aos poderes publicos a quem lancamos toda a culpa em vociferações clamorosas.

Falta de providencias, desidia, menos-prezo da saúde publica bradam os opposicionistas.

E por pouco chegariam a acoirar o governo—como os camponios russos da Massovia os agentes fiscaes do imposto agrario—da auto-ria do flagello.

Entretanto, urge confessal-o, são plausíveis todos os motivos assignalados pelo Dr. OCTAVIO DE FREITAS como producentes do pessimo estado sanitario da nossa capital.

Não é preciso ser medico ou hygienista para reconhecê-lo.

Mau grado a sna privilegiada situação topographica, banhado por dous rios junto á sua fóz, varrido constantemente pelos aliseos, o Recife apresenta assombroso coefficiente de mortalidade.

Á que attribuil-a ?

Prinoipalmente a falta de conveniente aeração das ruas, á imprestabilidade do actual systema de esgotos das aguas pluviaes e servidas e das materias fecaes, e ao pernicioso processo de fazer aterros *com lizo* !

A estas causas de possivel abolição e pela qual muito se empenham as administracções estadual e municipal, se prendem ainda outras de mais difficil extineção, qual a pessima alimentação das nossas classes baixas, assumpto certamente digno de um desenvolvido estudo.

Neste capitulo inicial—*Hygiene e hygienistas*—são tambem discutidas, a proposito da frequencia da variola entre nós, as vantagens da vacinação obrigatoria, declarando-se o autor francamente partidario desta grave medida, cuja effectibilidade tão accesas polemicas tem provocado no seio do parlamento nacional.

Passando a fazer a historia da hygiene na cidade do Recife, resume-a nas tres individualidades dos drs. Joaquim de Aquino Eon-seca, Pedro de Athayde Lobo Moscoso e Rodolpho Galvão, directores em diversas épocas da repartição sanitaria de Pernambuco, ás quaes accrescenta ainda o nome venerando do dr. Cosme de Sá Pereira, o estimado decano actual dos nossos medicos.

Esboça primeiro, a traços largos, fieis e vivos, a personalidade de cada um delles, e narra depois, por miudo os inestimavais serviços que prestaram em pról do saneamento desta capital; vê-se que não foi á mingua de profissionaes competentes a indicar as providencias necessarias que elle ainda hoje tanto deixa a desejar.

N' *A Evolução Cirurgica* o Autor teve amplo ensejo de se demorar carinhosamente a desenhar os perfis dos seus eminentes collegas drs. Malaquias Gonçalves e Arnobio Marques, os dous mais reputados «artistas» da medicina externa entre nós; em paginas dum sabor genuinamente litterario analysa as circumstancias que retardaram a adopção dos seus progressos em Pernambuco e registra com merecidos applausos a benefica actividade daquelles dous progonos, salientando igualmente as aptidões eminentes dos drs. Simões Barbosa, João Paulo, Vieira da Cunha, Alfredo Costa e João Rangel nos dominios especiaes da gynecologia, da obstetricia e da estomatologia.

Não menos captivante, mesmo para o leigo, é o capitulo immediato, consagrado a *Os Progressos da Medicina*, onde se nos deparam considerações judiciosas sobre a marcha evolutiva da «arte» para a «ciencia», da therapeutica empirica á pathogenica, e nos seduzem, pelo encanto da sua factura artistica, os retratos tão bem acabados dos nossos clinicos mais notaveis, como os drs. Ermirio Continho, Constancio Pontual e Carneiro da Cunha, desenhados com tamanho talento

de observação, fidelidade psychologica e esmero de composição que um belletrista exigente não vacillaria em transportal-os, sem retoque, para as paginas duma obra de arte pura.

Estas mesmas qualidades litterarias, que a natureza do assumpto com a sua obrigada terminologia rebarbativa parecia impossibilitar, se nos revelam de modo brilhante no estudo sobre os—*Jornalistas medicos e sociedades de medicina*; em parte é um trecho primorosamente elaborado da historia das instituições scientificas em Pernambuco, e em outra constitue precioso subsidio para o futuro annalista da imprensa pernambucana aquilatar do merito e da importancia do contingente com que a classe medica concorreu para o seu incremento, urgindo destacar dentre elle, nestes ultimos tempos, os talentos de esmerado estylista e de argumentador habilissimo revelados pelo DR. RAUL ZEDO.

Sem me deter nas secções relativas a *A Campanha do Soturnismo* e a *A Peste Bubonica e a pesquisa do seu bacillo*, em que se debatem questões de interesse mais exclusivamente profissional, passo a me occupar de parte final do excellente livro do DR. OCTAVIO DE FREITAS—*As grandes epidemias*.

As molestias que maiores devastações teem produzido sob a forma epidemica no Recife, escreve o operoso e erudito clinico, são : a variola, o cholera-morbus e a febre amarella.

A primeira é, no seu autorisado dizer, depois da tuberculose, das molestias zymoticas, a que maior numero de obitos faz no Recife; falleceram-lhe, porém, elementos para fazer a sua historia detalhada antes do seculo passado, o que, aliás, de modo algum prejudica a perspectiva do quadro atterrador que desta medonha enfermidade nos traça.

E' aqui ensejo de lembrar que a denominação de *catapóras*, applicada ás bexigas benignas ou discretas, é de procedencia indigena; segundo informa o sabio indianologo BAPTISTA CAETANO, vem do tupi—*tata-pór*— (fogo saltar, salta-fogo) significando tanto a variola, como a escarlatina, o sarampão e qualquer erupção cutanea.

Quanto á febre amarella o Auctor enumera detalhadamente os seus estragos desde os fins do seculo XVII, quando aqui grassou temerosamente sob o nome de *Males*, até as suas mais recentes manifestações sporadicas

Depois da epidemia de 1856, attesta o competente profissional, têm sido tambem raros os casos da peste dos Ganges.

Para terminar direi que o novo livro do dr. OCTAVIO DE FREITAS, escripto no intuito de reivindicar para a classe benemerita, de que é singular ornamento, o seu valor effectivo de importantissimo factor de adiantamento, quer de ordem moral e intellectual, quer de ordem material na nossa capital, é inquestionavelmente uma real manifestação de grande cultura intellectual e nobilissimos intuitos altruisticos vazados em moldes de rara perfeição esthetica.

15 — **Netto Campello.** — BARÃO DE LUCENA. Escorço biographic.—*Recife, Imprensa Industrial, 1904, 4, 139, VIII pp., 1 retrato.*

E' raro acontecer que as biographias de personagens vivos não degenerem em panegyricos.

Não teve arte de se furtar a esta tendencia o dr. NETTO CAMPELLO ao organizar esta sua nova publicação.

Nas poucas paginas originaes—pois o grosso do volume é feito de transcripções—o Autor jamais deixa o officio de apologista fervoroso pelas funcções de critico imparcial: o seu «escorço biographico» é um preito de amizade e gratidão e nunca um estudo desapaixonado e consciencioso da personalidade do sr. Barão de Lucena.

Mal avisado andar á quem da sua leitura pretender lograr noção exacta e fiel do caracter do eminente pernambucano.

O retrato ali traçado faz lembrar estes velhos retabulos byzantinos, onde o artista primitivo buscou supprir a sua ignorancia das leis da perspectiva por meio de um fundo uniforme de ouro vivo.

A cada periodo resalta evidente a preocupação mal disfarçada de fazer a apothese do idolo.

Pesquisando-lhe a genealogia; demorando-se a caracterisar a indole de seus paes e tios; contando miudamente todos os factos da primeira parte da sua existencia até que, obtida a laurea de bacharel em direito, entrou para a vida publica; enumerando dahi por diante todos os cargos que exerceu—desde o de examinador em um concurso de lingua grega até o de ministro do marechal Deodoro—; salientando as suas qualidades de magistrado probo e energico, de administrador fecundo e honesto e de politico de largas vistas, o Autor não perde ensejo de tecer encomios e de abusar de qualificativos lisongeiros.

Visto atravez do profuso elogio do DR. NETTO CAMPELLO o vulto do sr. Barão de Lucena attinge proporções sobre-humanas e irreaes.

Mas, foram baldados os seus prolongados esforços em guindar o seu illustre amigo e protector á galeria augusta dos *super-homini* de CARLYLE e dos *Uebermensch* de NIETZCHE: na consciencia nacional elle permanecerá sendo — o que realmente é — um dos nossos *representative-men* no sentido de EMERSON.

Sim, porque — mesmo postos á parte os voluntarios exaggeros do DR. NETTO CAMPELLO — seria revoltante injustiça recusar ao sr. Barão de Lucena os merecidos fóros de cidadão prestimoso; os beneficios materiaes prestados á terra natal no decurso da sua primeira administração de Pernambuco, ahi estão para attestar a importancia dos seus serviços e de certo sobreviverão aos odios suscitados pelas lamentaveis occurrencias de *Dezeseis de Maio*.

Na verdade aquelle periodo da vida publica do nosso digno patrio constitue o seu melhor titulo á benemerencia dos contemporaneos, porquanto da sua passagem na suprema direcção do paiz, junto ao Marechal Deodoro, só resta a memoria da nefasta cum-

plicidade no golpe d'estado de 4 de novembro fonte de todas as calamidades que posteriormente affligiram a Patria.

Padece outrosim o presente panegyrico da ausencia dum requizito visceral; a perfeição da forma.

Falta inteiramente ao Autor o talento da composição; a narrativa—já em si muito arrastada—é com enfadonha frequencia interrompida por transcripções infundaveis de cartas, trechos de discursos, fragmentos de relatorios e artigos de jornaes, cujo conteúdo poderia ter sido apresentado sob aspecto mais ameno sem prejuizo da indispensavel documentação; o estylo—ainda nos momentos de maximo entusiasmo—carece de azas para se elevar um pouco acima da vulgaridade costumeira.

Encerra o folheto um curioso indice alphabetico das materias contidas, que deve ter custado bom trabalho ao Autor, sendo, porém, de muito pouco prestimo para o leitor.

Tivésse o Dr. NETTO CAMPELLO—consoante a indole do seu panegyrico—feito delle uma elegante *plaque*, com o substituto de *Homenagem de Gratidão*, impressa a côres sobre velino em exemplares numerados e reservados aos amigos e admiradores do sr. Barão de Lucena, e não seria certamente o obscuro rabiscador destas linhas quem fôase perturbal-o na justa expansão dum sentimento louvabilissimo.

Atirando-o, porém, assim desassombradamente á grande publicidade, como «escorço biographico», deu ensejo a que a critica se pronunciasse a respeito com inteira franqueza, como acabo de fazer animado do espirito de completa imparcialidade que o illustrado lente da Faculdade de Direito do Recife já fez a justiça de reconhecer nestas minhas despretenciosas apreciações.

16 **Alberto Souza.**—MEMORIA HISTORICA SOBRE O «CORREIO PAULISTANO» —S. Paulo, Rosenhain & Meyer 1904, 8°, 78 pp, 2 retratos, 1 planta.

Vem proximo o centenario do estabelecimento definitivo da imprensa entre nós e do advento do primeiro jornal brasileiro; portanto, é tempo de ir collegindo materiaes, reunindo informações e angariando recursos para solemnizar condignamente o dia 13 de Maio de 1908.

Neste periodo secular, vizinha do termino, o nosso jornalismo adquiriu tamanho vulto que a simples enumeração das suas especies—excedendo actualmente a quinze mil—já é tarefa superior a um esforço individual.

Quanto mais difficil não será estudal-as uma a uma, descrever-lhes os aspectos, definir-lhes os intuitos, narrar-lhes os factos e consignal-os emfim n'um vasto repertorio analytic, certo a melhor maneira de commemorar o natal da primeira dentre ellas.

Se não em conjuncto monumental abrangendo todas, pelo menos em valiosos trabalhos parciais, é de presumir assim aconteça.

FERREIRA RODRIGUES, no Rio Grande do Sul; LAFAYETTE DE TOLEDO, em S. Paulo; MOREIRA DE AZEVEDO e PIRES DE ALMEIDA no Rio de Janeiro; DIAS CABRAL, em Alagoas; o BARÃO DE STUART e PERDIGAO DE OLIVEIRA, no Ceará; e CESAR MARQUES e JACQUIM SERRA, no Maranhão, já têm dado á luz bons ensaios promissores de melhores succedaneos, além do judicioso resumo com que JOSÉ VERISSIMO contribuiu para o *Livro do Centenario*.

Fornecem igualmente subsidios estimaveis para a construcção do futuro monumento, aquelles dos nossos velhos jornaes que têm festejado o quinquagenario do seu inicio com a publicação dos seus annaes.

Hontem assim procedia o *Diario do Rio-Grande*, com o auxilio de FERREIRA RODRIGUES; hoje é o *Correio Paulistano* que confia missão igual á competencia de ALBERTO SOUZA.

Quando, ha cinco annos, lancei á publicidade o opusculo—*Jornaes Pernambucanos*—especie de batedor d'A *Imprensa Pernambucana*, que só agora entra para o prélo—lamentei não poder elaborar um estudo synthetico, a exemplo dos do PRUTZ, HATIN e HUNT, por me falceram os talentos especulativos do historiador capaz de abranger, de comprehender e de apreciar no seu complexo a evolução inteira da imprensa de um paiz; o sobrio scepticismo do politico militante apto a descobrir, sob a mascara dos programmas, os moveis e designios reaes dos partidos, e finalmente a experiencia profissional do detalhe adquirida em prolongado tirocinio jornalístico.

Invejo a ALBERTO SOUZA estas qualidades manifestas com tanto brilho na presente memoria.

Neste seu bello estudo a documentação abundante, a justeza dos conceitos e o esmerado labor da forma se fundem num todo de harmonia pouco vulgar.

E', a todos os respeitoos, uma homenagem condigna do objecto.

O *Correio Paulistano* é um dos raros jornaes brasileiros que não deve a favores officiaes a sua longevidade relativa, e se isto concorreu para lhe dificultar os primeiros passos, servio evidentemente para dotal-o da indole especial da sua actividade benefica a progressista.

« Nenhum outro organ da nossa imprensa periodica ou diaria, escreve ALBERTO SOUZA, jámais reflectiu tão accentuadamente, nem tão energicamente desposou, as aspirações quaesquer de nossa terra, nas diversas phases de seu desenvolvimento passado. Nenhum outro jornal soffreu, com maior sinceridade nem com mais desapegada solididade, a irresistivel influencia das gerações paulistas, cujos vastos ideaes elle defendeu galhardamente como um paladino de outr'ora defendia as tradições de sua fé. Elle encarnou conforme as circumstancias das épocas e as exigencias fundamentaes do meio, todos os sentimentos politicos e todos os anhelos sociaes. »

Fundado, a 26 de Junho de 1854, por iniciativa de JOAQUIM ROBERTO DE AZEVEDO MARQUES, e redigido nos primodios pelo dr. PEDRO TAQUES DE ALMEIDA ALVIM, inaugurou em S. Paulo a im-

prensa quotidiana; victima de sua orientação discorde com os preconceitos vigentes, um anno e dezeseis dias mais tarde suspendia a sua publicação diaria; a 30 de Julho de 1858, porém, reerguia-se e encetava verdadeiramente a carreira laboriosa e fecunda que o conduziu ao apogeu actual: escripto pelo escól da mentalidade paulista, impresso com todo a perfeição dos mais modernos prélos, circula em edições de quasi nove mil exemplares!

Como é grato acompanhar, na narrativa elegante e colorida de ALBERTO SOUZA, a evolução triumphal deste ornamento do jornalismo brasileiro!

Ha neste escabroso mistér de historiador da imprensa alternativas só comparaveis ás da medico, que hoje melancholico vacilla, na urgencia duma necropsia, em mutilar um corpo de divina formosura, e amanhã examina, cheio de nojo, as pustulas dum leproso.

Quanta vez não se nos depara de justissima applicação a rispida sentença que COMTE, na intransigencia do seu dogmatismo, lavrou contra o jornal!

Ainda ha pouco, quando, ao inaugurar-se em Vienna o *Congresso Internacional da Imprensa*, um alto funcionario austriaco teve a leviandade de incluir em brinde alviçareiro «todos os jornaes do mundo», da parte sadia do periodismo europeu não se demorou violento protesto contra semelhante generalisação.

« Não clamou indignada, a *Wiener Freie Presse*, recusamos em nome da honra profissional o elogio colectivo assim expreso, urge fazer distincções; não somos todos iguaes»: e, em Paris, o *Gaulois* concordou—«... sim, isto de jornaes é como de mulheres: os ha de toda a casta; mas, querer comprehendel-os todos num mesmo louvor é pretender nivelar a mãe adorada, a esposa virtuosa, a filha estremeçada á ultima das barregans que mercadeja o corpo em infimo prostíbulo.»

Certo o melhor seria ignorar a ignobil existencia destes vibriões immundos que serpeiam vorazes na vaza da sociedade; mas, o dever, a probidade do officio, que forçou MAXIME DU CAMP a permittir co leaseem, no plinthe da estatua gigantesca, que o seu genio de erudito e de artista elevou á capital da França, os vermes infectos da gatumagem e da prostituição, nos obriga tambem a nós, annalistas da imprensa, a investigar-lhes as cancerosas podridões.

Na consciencia de todos os amigos do progresso cultural o saneamento do jornalismo se apresenta como problema formidando e inadiavel; mas, onde buscar-lhe a solução?

A inefficacia de leis coercitivas tem sido por toda a parte demonstrada, e o desejo de constituir a imprensa em profissão reservada a individuos educados em escolas especiaes, conforme se tenta na Belgica e nos Estados Unidos, é aspiração platonica.

Em quanto perdurarem as presentes fatalidades economico-politicas, os pasquins, como os ratoneiros e as meretrizes, serão males insanaveis.

Esperemos vivam em época mais feliz os nossos netos.

- 17 **Dr. Manuel Cicero P. da Silva**—ANNAES DA BIBLIOTHECA NACIONAL DO RIO DE JANEIRO.—1902—Vol. XXIV.—*Rio de Janeiro, Officina Typ. da Bibliotheca Nacional, 1904, in—4, 391 pps.*

Infelizmente é tão raro entre nós deparar com *the right man in the right place*, que se não deve perder ensejo de pôr em relevo bem saliente qualquer ocasião em que isto aconteça.

Para substituir o illustre e venerando Dr. TEIXEIRA DE MELLO, na direcção da mais importante bibliotheca da America do Sul, a escolha do nosso digno e laborioso patricio Dr. MANUEL CICERO foi das mais acertadas.

Espirito methodico, possuidor de vastos conhecimentos especiaes subordinados a um criterio firme e esclarecido, na reorganisação e no desenvolvimento da bibliotheca da nossa Faculdade de Direito e na elaboraço do seu excellente *Catalogo*, já havia demonstrado o superior quilate das suas aptidões singulares para o cargo que ora exerce, e onde de dia a dia o seu merito mais se accentúa.

Os melhoramentos que a sua actividade intelligente e vontade tençoeira tem conseguido introduzir na economia daquelle utilisimo estabelecimento—um dos muitos beneficios devidos ao tão malsinado governo de D. João VI—são numerosos e fecundos, não sendo dos menores a acquisição duma typographia propria, de onde passarão a sahir, com a regularidade desejavel, os *Annaes*, sem duvida, depois da *Revista do Instituto Historico*, a mais consideravel e valiosa publicação brasileira no dominio das sciencias historicas.

O presente volume, primeiro que se imprime na nova officina, se não destoa dos anteriores no esmero da execuço material, tambem rivalisa com os melhores dentre elles pela importancia do conteúdo.

A parte o circumstanciado relatorio apresentado pelo Dr. MANUEL CICERO, em 1902, encerra os quatro primeiros livros da obra inedita do chronista pernambucano d. DOMINGOS DO LORETO COUTO, intitulada—*Desaggravos do Brazil e Glorias de Pernambuco*.

O Auctor nasceu aqui no Recife em principio do Seculo XVIII, e, abraçando a carreira religiosa, tomou o habito de beneditino, além do nome dos seus progenitores é tudo o que se sabe da sua biographia.

Conforme se deprehe de *Prefacio ao leitor* o manuscripto que agora começa a ser impresso é apenas a primeira parte de um trabalho de vastissimas proporções, mas, talvez a unica que realmente foi executada.

« Não compus esta obra com os olhos no lucro, escreveu ali LORETO COUTO, nem com a pretença de dar documentos, nem com a esperança de applausos, porque o primeiro motivo seria velleza, o segundo orgulho, o terceiro vangloria; fui scmente levado da justa magua de ver o grande descuido, que teve Pernambuco em perpetuar as virtudes de seus filhos, que com ellas o illustraram; e que insensivelmente hia o tempo consumindo a noticia de tantos esclarecidos

Heroes, por faltar quem se resolvesse a escrevel-as.» Mais adiante accrescentou :

« Bem quizera fazer em hum só tomo memoria das esclarecidas virtudes dos naturaes de todas as provincias do Brazil, porém he tanto o que se pode dizer de suas heroicas acçoens, que me não foi possível escrever tudo em hum só volume ; e sendo este premissas do meu trabalho, entendi estava obrigado a escrevello em obsequio aos meus patrios.»

Provavelmente alem das de Pernambuco outras glorias não celebrou o patriotico escriptor.

Terminada esta parte em 1757, LORETO COUTO enviou ou levou para Portugal o manuscrito, no evidente proposito de dal-o á estampa, porquanto então a imprensa era das prerogativas ciosamente vedadas pela metropole á colonia americana ; motivos ignorados obstaram realisasse o intento, e o original da chronica foi parar á Bibliotheca Nacional de Lisboa, onde permaneceu esquecido até que, mercê dos esforços do meu prezado amigo e confrade PEREIRA DA COSTA o Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano delle fez extrahir uma copia. Vulgarisou-se dahi por diante a existencia do precioso inedito : pouco depois o BARÃO DE STUDART, o benemerito historiador cearense, adquiria outra copia feita sobre a do Instituto, e o Dr. TEIXEIRA DE MELLO angariava a que servio para a edição do presente volume dos *Annaes*.

Como em todas as obras similares o merecimento principal da *Desaggravos do Brazil*—reside naquillo que o Autor narra por experiencia propria ou noção directa ; por isso os dous primeiros livros não têm quasi valor intrinseco. Memorando ali os costumes dos incolas e os fastos pernambucanos, desde o descobrimento até a restauração do dominio hollandez, resume e traslada apenas o que leu nos percursoros portuguezes cujos trabalhos lhe foram accessiveis, quaes : GONDAVO, DUARTE DE ALBUQUERQUE (?) fr. MANUEL CALADO, fr. RAPHAEL DE JESUS, SIMÃO DE VALCONCELLOS, BRITO FREIRE, e mesmo ROCHA PITA, de quem imita os dithyrambos.

Mas, a partir do livro terceiro, exalçando o renascimento da terra natal após tantos lustros de calamitosas tribulações e de vicissitudes dolorosas, a sua chronica adquire um interesse especial.

Passára com a *Gueerra dos Mascates* o periodo critico das velleidades de extemporanea independencia, geradas no seio da nobreza, arrogante com os successos da «campanha da liberdade», e alimentadas pela tolerancia pusillanime ou interesseira dos lamentaveis reinados de D. Affonso VI e D. Pedro II. Ao successor deste, o beato e lascivo D. João V, coubêra a tarêfa de açamar com rigor as desmarcadas pretenções dos soberbos fidalgos olindenses ; pretextára salvaguardar o terceiro estado da ambição dos nobres, mas, na verdade obdecera ao imperio duma necessidade politica urgentissima.

E no resto do seculo XVIII, ermo de ruidos marciaes, se foi operando surdamento, lentamente, a germinação da futura nacionalidade ; num praso de largos annos Pernambuco, e quasi todo o Brazil, tiveram a ventura de ser destes povos felizes que «não têm his-

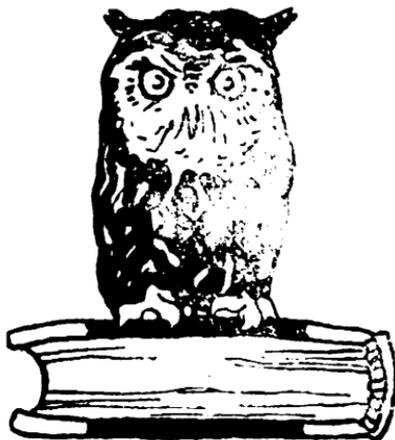
toria» para os que só a estimam quando pontuada de façanhas bellicas e ardendo no flagício rubro das lutas homicidas.

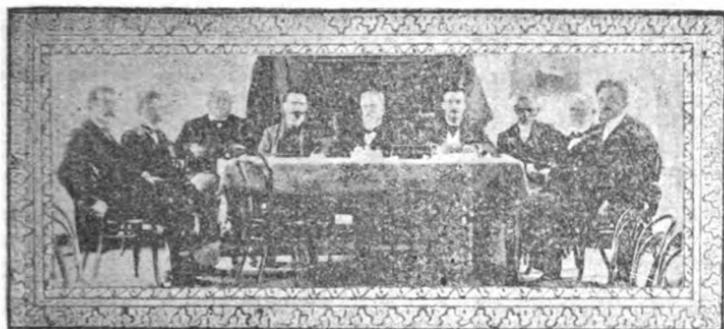
Sazonado neste meio calmo trabalhador e sensato, em que os ecos longinquos de passados heroísmos influíam apenas na manutenção da ingênita bravura individual, o nosso beneditino teve o criterio de se adaptar ás exigencias da sua época: não descurou da tranquilla realidade do presente em favor da miragem esvanecente d'outra idade, cujos aspectos já antecessores haviam fixado em innumeros quadros de vario colorido.

Não tendo novas proezas guerreiras a solemnizar em verbo sublimado, desdenhando dissertar esterilmente sobre o cansado thema das antigos, deliberou consignar nas paginas do seu livro as outras manifestações da actividade pacifica dos seus concidadãos no terreno da religião, das letras e das artes, constituindo assim um repertorio riquissimo de curiosas e interessantes informações. Os elementos para o estudo da evolução litteraria de Pernambuco no periodo colonial estão ali reunidos em preciosa abundancia.

Divergem os competentes quanto aos meritos do estylo do chronista; o Dr. MANOEL CICERO diz que escrevia «sem pretensão ao apuro da fôrma», ARTHUR ORLANDO é de contrario parecer e acha que offerece «uma admiravel correcção de forma, um estylo primoroso e encantador»; apesar do evidente exaggero, prefiro a ultima opinião porque afinal LORETO COUTO teve o estylo do seu tempo; guindado redundante e pomposo, recheado de metaphoras, antitheses e floreios rhetoricos, mas, ainda assim captivante graças ao sainete nativista; a sua linguagem, se não possúe brilhante atavio chromatico, vibra clangorosa na opulencia da orchestração syllabar.

ALFREDO DE CARVALHO.





ACTAS DAS SESSÕES

Sessão ordinaria de 10 de Janeiro de 1901

PRESIDENCIA DO DEZEMBARGADOR LUNA FREIRE

A' uma hora da tarde presentes os Srs. Drs. Regueira Costa, 1.º Secretario, João Coimbra, Luiz José da Silva, Alfredo de Carvalho, Affonso de Albuquerque, Barão de Nazareth, Dr. Julio Pires, Augusto Cezar, servindo de 2.º secretario e Manoel Arão, abriu-se a sessão.

Lida a acta da antecedente foi approvada.

O Sr. Dr. 1.º Secretario mencionou as seguintes

OFFERTAS

Pelo ministerio da Marinha e Ultramar a *Estadistica Graphica dos caminhos de ferro portuguezes das provincias ultramarinas 1898*.
Pela redacção o n. 8 da *Revista Militar*.

Pelo Barão de Studart um folheto — *Apontamentos Bio-bibliographicos*.

Pelo Club Central de Triumpho um exemplar de seus Estatutos.

Pelo Sr. Jorge Rapihy um catalogo de livros.

Pelas respectivas Redacções diversos jornaes deste e de outros Estados.

Mandou-se archivar e agradecer as offertas.

Foram remettidas á commissão de admissão de socios para dar parecer duas propostas para socios effectivos e tres para correspondentes.

O Sr. Dr. João Coimbra apresentou e foi lido um officio do Sr. Major José Domingues Codeceira, datado de 2 do corrente, pedindo sua eliminação do lugar de socio do Instituto.

Posto em discussão fallou a respeito o mesmo Sr. Dr. João Coimbra e propoz que não fosse acceito o pedido de eliminação tendo-se em attenção os valiosos serviços prestados ao Instituto pelo Sr. Major Codeceira, sendo a proposta approvada.

O Sr. Presidente communica que o ex-thezoureiro se compromettera a trazer hoje um documento em que se responsabilisa pela quantia existente em seu poder, pertencente ao Instituto, a qual se obriga a entregar ao thezoureiro que fôr eleito na proxima eleição da mesa.

Pelo Sr. Dr. Affonso de Albuquerque foi apresentada uma proposta sobre a estatua do Conde da Boa Vista, cuja proposta foi regeitada em razão dos termos inconvenientes em que se achava concebida.

O Sr. Presidente nomeou para comporem interinamente a commissão de admissão de socios aos Srs Drs. João Coimbra, Julio Pires e o Sr. Manoel Arão, e para a de festejos, no dia 27 do corrente, os Srs. Drs. Regueira Costa, Luiz José da Silva, Pereira da Costa e Manoel Arão.

Communica ainda ao Instituto o mesmo Sr. Presidente, o fallecimento dos consocios Major Alexandre Alberto da Rocha Serpa Pinto e Caetano Alberto de Castro Nascimento, resolvendo que fosse lançado na acta um voto de pezar por tão infausto acontecimento.

Finalmente o Sr. Dr. Regueira Costa pediu e o Instituto approvou, que se concedesse o salão de honra para nelle ser installada solememente, no dia 26 do corrente a Academia Pernambucana de Lettras, a qual, conforme resolução do mesmo Instituto, continuará a funcionar na séde de suas sessões.

Nada mais havendo a tratar-se foi levantada a sessão. — *Adelino A. de Luna Freire*, Presidente. — *J. B. Regueira Costa*, 1.º Secretario. — *F. A. Pereira da Costa*, 2.º Secretario.



Sessão de 24 de Janeiro de 1901

PREZIDENCIA DO DESEMBARGADOR LUNA FREIRE

A' uma hora da tarde presentes os Srs. Drs. Regueira Costa, 1.º Secretario, Affonso de Albuquerque, João Coimbra, Aprigio Garcia Luiz José da Silva, Pereira da Costa, 2.º Secretario, e Manoel Arão, abriu-se a sessão.

Lida a acta da antecedente foi approvada, com uma emenda do Sr. Dr. Affonso de Albuquerque.

O Sr. Dr. 1.º Secretario mencionou o seguinte

EXPEDIENTE

Um officio do Sr. Julio da Silveira Lobo, accusando a recepção e agradecendo o seu diploma de socio correspondente. — Inteirado.

Um dito do Centro Litterario Recreativo Nazareno, convidando o Instituto a se fazer representar na sua festa anniversaria, a 27 do corrente.

O Sr. Presidente declara que para corresponder ao convite designara o consocio Dr. Ribeiro da Silva.

OFFERTAS

Pelo consocio Dr. Manoel Cicero as seguintes obras :

Diccionario da lingua bunda ou angolense, por Frei Fernando Maria de Cannecatim, 1 vol.

Encyclopedie Moderne, 78 vols.

Dictionnaire abrégé des Sciences, des Lettres, des Arts, de l'Industrie, de l'Agriculture et du Commerce, 27 vols.

Revue de Linguistique e de Philologie, comparée. Recueil trimestriel, par Girard de Rialle, 7 vols.

Revue Critique de la Legislation, 1 vol.

Revue Critique de la Jurisprudence en matière civile, 1 vol.

Abrégé de Géographie, por Adrien Balbi, 1 vol.

Les Sciences Occultes en Asie, la magie ches les chaldeens et ses origines, par François Lenormand, 1 vol.

Der Einheitliche Ursprung der Sprachen der Alten Welt von Leo Bewisch, 1 vol.

Quatre lettres sur le Mexique, par Brasseur de Bourbourg, 1 vol.

Relation des choses de Yucatan de Diego de Sanda, par Brasseur de Bourbourg, 1 vol.

De l'antropophagie et la Ethnologie, 1 vol.

Estudes sur les origines Boudhiques de la civilisation americaine por G. de Eichthal, 1.ª parte, 1 vol.

Lettre a M. Leon de Rosny, por Brasseur de Bourbourg, 1 vol.

- Le Mythe de Imos. Traditions des peuples mexicains, 1 vol.
 Le Mythe de Votan, par Chareticey, 1 vol.
 S'il existe de Sources de l'histoire primitive du Mexique, dans les monuments. Egiptiens, par Brasseur de Bourbourg, 1 vol.
 Memoires de l'Academie Imperiale des Sciences de S. Petersburg, VII serie, 1 vol.
 Der Sprache der Shapaskicha dargestellt, von Buschamann, 1 vol.
 Stiellers Hand Atlas 83 Karten, 1 vol.
 Lettres Assyriologiques. Etudes Academiques, par François Lenormant, 1 vol., e outras obras em brochuras.
 Pelo Instituto Historico de S. Paulo, 1 vol. — Hans. Staden, suas viagens e captiveiro entre os selvagens do Brasil.
 Pelas respectivas Redacções diversos jornaes deste e de outros Estados.
 Mandou-se archivar e agradecer as offeras.
 Foram approvados por escrutinio secreto, depois de lido o parecer da commissão de admissão, os seguintes socios : effectivos os Drs. José Carlos da Costa Ribeiro e José Maria da Rocha Carvalho e correspondente o Sr. Francisco Joaquim Bittencourt da Silva, e remetida á mesma commissão outra proposta para socio correspondente.
 Depois do expediente o Sr. Dr. Luiz José da Silva, propoz e o Instituto approvou que a Mesa se dirigisse, por officio, ao Sr. Frederico Howard, consul da Inglaterra em Pernambuco, manifestando o pesar de que se acha possuida esta associação pelo fallecimento da virtuosa rainha S. M. Victoria I que durante 63 annos reinou, revelando profunda sabedoria.
 O Sr. Presidente nomeou para representar o Instituto na festa de installação da Academia Pernambucana de Lettras, no dia 26 do corrente, uma commissão composta dos Drs. João Coimbra, Aprigio Garcia e do Sr. Manoel Arão, afim de corresponder o Instituto o convite que recebeu da mesma Academia.
 Finalmente o Sr. Dr. Affonso de Albuquerque apresentou uma proposta sobre o projecto de erecção de uma estatua ao Conde da Boa Vista, sendo a proposta unanimemente regeitada.
 Nada mais havendo a tratar-se foi levantada a sessão. — *Adelino A. de Luna Freire*, Presidente. — *J. B. Regueira Costa*, 1.º Secretario. — *F. A. Pereira da Costa*, 2.º Secretario.



Sessão solenne em Assemblèa Geral de 27 de Janeiro de 1901

PRESIDENCIA DO EXM. SR. DESEMBARGADOR ADELINO ANTONIO DE LUNA FREIRE

A' uma hora da tarde presentes os Exms. Srs. Conselheiro Dr. Governador do Estado e seu ajudante de ordens, Dr. Chefe de Policia, Coronel Commandante da brigada policial e seu estado maior, officiaes da Guarda Nacional e de Policia, senadores e deputados estaduais, Comissões do Concelho Municipal do Recife, da Santa Casa de Misericordia, da Academia Pernambucana de Lettras, da Sociedade dos Artistas Mechanicos e Liberaes e do Club Central Beneficente da Guarda Nacional, diversas senhoras, magistrados, jornalistas, academicos de direito e de engenharia, e cidadãos de todas as classes, verificou-se igualmente a presença dos seguintes socios do Instituto: Desembargadores Adelino Antonio de Luna Freire e Francisco Luiz Correia de Andrade, presidente e 3.º vice-presidente, Drs. João Baptista Regueira Costa e Francisco Augusto Pereira da Costa, 1.º e 2.º Secretarios, Pedro Celso Uchôa Cavalcante, orador, Sebastião de Vasconcellos Galvão, João Coimbra, Manoel Arthur Muniz, Luiz José da Silva, José Miranda Curio, Guedes Alcoforado, Carlos Porto Carreiro e os Srs. Barão de Nazareth, Augusto Cesar da Cunha, Rodolpho Lima, Manoel Arão e Manoel Carvalho Soares Brandão.

O Sr. Presidente proferio uma allocução analoga ao assumpto e declarou aberta a sessão.

Em seguida dando a palavra ao Dr. 1.º Secretario este procedeu a leitura do seu relatório sobre o movimento litterario, administrativo e economico do Instituto durante o anno social findo.

Ocupou depois a tribuna o orador official Dr. Pedro Celso, o qual proferio um discurso em que commemorou as datas sobre que versava a sessão magna e fez o elogio dos socios fallecidos durante aquelle periodo.

Fallaram ainda saudando o Instituto o Dr. Carlos Porto Carreiro, como orgão da Academia Pernambucana de Lettras, o cidadão Antonio Jacintho de Barros Correia, por parte da Sociedade dos Artistas Mechanicos e Liberaes e por ultimo o Dr. João Coimbra que occupou por largo tempo a attenção do auditorio.

Fez as horas da festa uma guarda do 1.º Corpo de Policia commandada por um capitão tocando nos intervallos duas bandas de musica, sendo uma do 40.º batalhão de infantaria e outra do de policia.

Antes de levantar-se a sessão foi presente ao Instituto o seguinte telegramma da Sociedade «Sete de Fevereiro», que tem sua sede na cidade do Rio Formoso:

«Sociedade Sete de Fevereiro sauda-vos gloriosissima data anniversaria» — *Manoel Xavier*.

Adelino A. de Luna Freire, presidente. — *João B. Regueira Costa*, 1.º Secretario. — *F. R. Pereira da Costa*, 2.º Secretario.

Sessão especial de assembléa geral para eleição da meza administrativa e comissões do anno social de 1901—1902, em 7 de Fevereiro de 1901.

PRESIDENCIA DO EXM. DEZEMBARGADOR LUNA FREIRE

A uma hora da tarde presente os Srs. Drs. Conselheiro Pinto Junior, Democrito Cavalcante, Regueira Costa, 1.º Secretario, Affonso de Albuquerque, Aprigio Garcia, Pereira da Costa, 2.º Secretario, João Vicente, José Carlos, Pedro Celso, Arthur Muniz, Fernando Barroca, João Coimbra, Guedes Alcoforado, Julio Pires, Coelho Leite, Vitalino Cordeiro, Alfredo de Carvalho, Celso de Souza, Sebastião Galvão, Martins de Barros e Luiz Silva, e os Srs. Barão de Nazareth, Soares Brandão, Coronel Coelho Cintra, Augusto Cezar e Manoel Araújo, abriu-se a sessão.

Lida a acta da antecedente foi approvada uma emenda do Sr. Dr. Affonso de Albuquerque, no sentido de consignar-se na acta desta sessão que votara contra a proposta do Dr. Silva, na sessão passada, para dar-se pezames ao Sr. Consul da Inglaterra pelo fallecimento de S. M. a rainha Victoria.

O Sr. Dr. 1.º Secretario mencionou o seguinte

EXPEDIENTE

Um officio do consocio Dr. Ribeiro da Silva communicando ter se desempenhado da commissão de representar o Instituto na festa anniversaria do «Centro Litterario e Recreativo Nazareno.—Inteirado.

OFFERTAS

Pelo Instituto do Ceará o tomo XIV de sua Revista Trimensal. Pelas respectivas Redacções diversos jornaes deste e de outros Estados.

Mandou-se archivar e agradecer as offertas.

Em seguida passando-se a proceder a eleição da meza administrativa do Instituto para o anno social de 1901—1902; correu o escrutinio secreto e deu o seguinte resultado :

Presidente, Desembargador Adelino Antonio de Luna Freire.

1.º Vice-Presidente, Conselheiro Dr. João José Pinto Junior.

2.º Dito, Desembargador Francisco Luiz Correia de Andrade.

3.º Dito, Dr. João Baptista Regueira Costa.

1.º Secretario, Dr. Francisco Augusto Pereira da Costa.

2.º Dito, Dr. Sebastião de Vasconcellos Galvão.

Suplentes do 2.º Secretario, Dr. Aprigio Carlos de Amorim Garcia e Augusto Cezar da Cunha.

Oradores—Drs. Pedro Celso U. Cavalcante e João Coimbra.

Thesoureiro—Dr. Miguel Joaquim de Almeida Castro.

Commissão de redacção—Drs. Alfredo de Carvalho, João Baptista Regueira Costa e Francisco A. Pereira da Costa.

Commissão de contas—Dr. Vitalino Cordeiro Lins, Barão de Nazareth e Coronel Coelho Cintra.

De conformidade com a disposições dos Estatutos o Sr. Presidente nomeou as seguintes comissões :

De Revisão de manuscriptos e pesquisas de documentos—Drs. Alfredo de Carvalho, F. A. Pereira da Costa e Coronel Luiz A. Coelho Cintra.

De trabalhos de Historia, Geographia e Chorographia do Brazil—Drs. Julio Pires, Sebastião Galvão e Augusto Coelho Leite.

De admissão de socios—Manoel Arão, Dr. Luiz José da Silva e Augusto Cesar da Cunha.

Finda a eleição o Sr. Presidente declarou empossados os socios eleitos e levantou a sessão por nada mais haver a tratar-se.

Adelino A. de Luna Freire, Presidente.—*Sebastião de V. Galvão*, substituindo o 1.º Secretario.—*Aprigio Garcia*, substituindo o 2.º.



Sessão ordinaria de 28 de Fevereiro de 1901

PRESIDENCIA DO EXM. DESEMBARGADOR LUNA FREIRE

A uma hora da tarde, presentes os Srs. Drs. Desembargador Francisco Luiz, Regueira Costa, Arthur Orlando, Rodolpho Galvão, Fernando Barroca, João Coimbra, Affonso de Albuquerque, Sebastião Galvão, substituindo o 1.º Secretario, que não compareceu e Aprigio Garcia, occupando a cadeira do 2.º, abriu-se a sessão.

Lida a acta da antecedente foi approvada.

O Sr. 1.º Secretario mencionou o seguinte

EXPEDIENTE

Um officio do Dr. Director da Escola de Engenharia do Estado, de 22 do corrente, remettendo o 7.º volume da obra do Museu «*Archivo Nacional*» pertencente ao Instituto e que ali fôra deixado por um socio.

OFFERTAS

Pela respectiva redacção o n. 1 da Revista Mercantil e Industrial.

Pelo Sr. Fernando Barroca o n. 1.º do «*Jornal do Commercio*» publicado no dia 1 de Outubro de 1827, em *fac-simile*,

Pelas respectivas redacções diversos jornaes destes e de outros Estados.

Mandou-se archivar e agradecer as offertas.

Foram apresentadas pela mesa administrativa e approvadas pelo Instituto as contas da receita e despeza, desde a exoneração do thesoureiro até a presente data.

O Sr. Presidente participou ao Instituto já se achar nesta cidade o Exm. Sr. Dr. Miguel Joaquim de Almeida Castro ultimamente eleito thesoureiro, o qual ainda não declarou se aceita ou não o mesmo cargo.

Em seguida consulta se em vista da deficiencia de recursos em que está o Instituto, deve realizar a sessão solemne de 6 de Março, recommendada pelcs Estatutos.

Resolveu-se por unanimidade que não se realisasse.

O Sr. Dr. Affonso de Albuquerque mandou á meza e foi lida uma proposta referente á estatua do Conde da Boa-Vista sendo a proposta remettida a uma commissão para dar parecer.

O consocio Dr. Sebastião Galvão propoz e o Instituto approvou que se comprasse a Historia do Brazil, escripta pelo professor João Ribeiro, onde vem a parte referente á guerra dos Mascates, aqui realisada em 1710 adulterada com relação á verdade historica e que o assumpto fosse submettido a apreciação de uma commissão especial do Instituto.

O Sr. Presidente nomeou os seguintes socios para comporem a pedida commissão : Drs. Regueira Costa, Sebastião Galvão e Pereira da Costa, designando o 2º para relator,

Nada mais havendo a tratar-se foi levantada a sessão.— *Adelino A. de Luna Freire*, Presidente.— *Sebastião de V. Galvão*, 1º Secretario interino.— *Aprigio C. de A. Garcia*, Servindo de 2º secretario.



Sessão ordinaria de 14 de Março de 1901

PRESIDENCIA DO EXM. DESEMBARGADOR LUNA FREIRE

A uma hora da tarde presentes os Srs. Drs. Desembargador Francisco Luiz, Regueira Costa, Eudoxio de Brito, João Coimbra, Affonso de Albuquerque, Sebastião Galvão, substituindo o 1º Secretario, que não compareceu e Fernando Barroca occupando a cadeira do 2º abriu-se a sessão.

Lida a acta da antecedente foi approvada com a seguinte emenda, apresentada pelo Sr. Presidente: Que as contas da receita e despeza do Instituto, desde a exoneração do Sr. Thesoureiro, até a sessão passada, tinham sido apenas apresentadas para serem examinadas pelos Srs. Socios que o quizessem, mas não approvadas, o que só se

fará depois de terminado o corrente trimestre de janeiro a março e de dado o parecer da comissão respectiva.

O Sr. Dr. 1.º Secretario mencionou o seguinte

EXPEDIENTE

Um officio do Exm. Sr. Dr. Manoel Antonio Duarte de Azevedo, presidente do Instituto Historico e Geographico de São Paulo, de 21 Fevereiro, pedindo a este pa a mandar extrahir para aquelle Instituto copiu de documentos existentes em sua bibliotheca e que interessam á historia de São Paulo, e que se lhe remetta a conta da despeza a fazer-se a fim de ser paga.

Resolveu o Instituto attender ao pedido e determinou que nesse sentimento se officiasse ao Exm. Dr. Duarte de Azevedo.

Um dito do Exm. Sr. Presidente do Senado, de 5 do corrente, convidando o Instituto para assistir á solemne installação do Congresso do Estado no dia 6.

O Sr. Presidente declarou que por ter chegado tarde o convite não poude ser correspondido.

Um dito do gremio «Thomaz Ribeiro» convidando o Instituto, a se fazer representar na sessão funebre que ia realizar no dia 10 do corrente em memoria do grande poeta e diplomata Thomaz Ribeiro.

O Sr. Presidente communica que para corresponder ao convite nomeava uma comissão composta dos Drs. João Coimbra Arthur Muniz e Commendador Barbosa Vianna.

Um dito do consocio Dr. Miguel Joaquim de Almeida Castro, de 6 do corrente, agradecendo a sua eleição para o cargo de thesoureiro do Instituto e declarando não poder, por motivo justo aceitar o mesmo cargo.—Inteirado.

OFFERTAS

Pela redacção um exemplar da Revista Litteraria e scientifica.—*Azul e Ouro*.

Pelo autor o Dr. Augusto Coelho Leite um folheto.—*Hygiene Publica. O Saturnismo na cidade do Recife em 1900.*

Pelo Instituto Historico G. e Ethnographico do Pará um numero de sua Revista.

Pelo consocio Dr. Ceciliano Mamede um folheto—*Os encanamentos de chumbo no abastecimento d'agua á cidade do Recife. Analyses Officiaes.*

Pelo consocio padre Raphael Galanti, por intermedio do consocio Dr. Ceciliano Mamede, um manuscripto sob o titulo—*Documento muito antigo e interessante, escripto em latim.*—Mandou-se remetter á comissão de pesquisas de manuscriptos e de documentos para dar parecer.

Pelas respectivas redacções diversos jornaes deste e de outroso Estados.—Mandou-se archivar e agradecer as offertas.

O Sr. Dr. João Coimbra, pedindo a palavra, communica que a comissão de que fez parte, incumbida de representar o Instituto

na sessão funebre do gremio «Thomaz Ribeiro», desempenhou-se de sua incumbencia.

Foram remettidas a commissão de admissão de socios, para dar parecer, uma proposta para socio effectivo e duas para correspondentes.

O Sr. Dr. Eudoxio de Britto que estando findo o prazo que lhe fôra concedido pa a prestar definitivamente suas contas e não podendo ainda entrar com a importancia do desfalque havido, pede prorogação do prazo.

O Sr. Presidente determinou que a respeito fosse ouvida a mesma commissão encarregada de tomar as contas, afim de ser decidido pelo Instituto na proxima sessão.

O Dr. Sebastião Galvão propoz e o Instituto approvou unanimemente que ficassem dispensados do pagamento da joia respectiva todos os socios correspondentes propostos e approvados até a presente data, inclusive os dous propostos hoje, caso sejam approvados.

O mesmo Dr. Sebastião Galvão continuando com a palavra, diz que em desempenho da commissão de que faz parte, nomeada na sessão passada, comprou a Historia do Brazil do professor João Ribeiro, conforme lhe fôra determinado, e passou ao Dr. Pereira da Costa, outro membro da commissão, que a está examinando afim de ser opportunamente apresentado o parecer.

A commissão encarregada de dar parecer a respeito da proposta do Dr Affonso de Albuquerque, referente a erecção da estatua do Conde da Bôa-Vista, apresentou o mesmo parecer no sentido de ser regeitada aquella proposta, o qual foi approvado, sendo então negado o additamento pedido pelo referido Dr. Affonso de Albuquerque.

O Sr. Presidente declara que em vista do pedido de dispensa apresentado pelo Sr. Dr. Miguel Joaquim de Almeida Castro, opportunamente será convocada uma sessão de assembléa geral afim de eleger-se um outro thesoureiro.

Nada mais havendo a tratar-se foi levantada a sessão.

Adelino Antonio de Luna Freire, Presidente.—*Augusto Cezar da Cunha*, substituindo o 1.º Secretario.—*Aprigio Garcia*, substituindo o 2.º



Sessão ordinaria de 11 de Abril de 1901

PRESIDENCIA DO EXM. SR. DESEMBARGADOR LUNA FREIRE

A uma hora da tarde presentes os Srs. Drs.: Desembargador Francisco Luiz, Regueira Costa, João Coimbra, Affonso de Albuquerque, Luiz José da Silva, Aprigio Garcia, substituindo o 2.º Se-

cretario que não compareceu e Augusto Cezar occupando a cadeira do 1.º, abriu-se a sessão.

Lida a acta da antecedente foi approvada.

O Sr. 1.º Secretario mencionou o seguinte expediente :

Um officio do Sr. Consul da Inglaterra, de 14 do corrente, agradecendo em nome do seu governo as manifestações de pesar do Instituto pelo infausto passamento de S. M. a Rainha Victoria I.—Inteirado.

Um dito do Sr. Walfrido O. Arantes, de 20 do corrente, offerendo ao Instituto, em cumprimento de uma das ultimas vontades de seu finado pai, o capitão Antonio José Leopoldo Arantes, uma secretaria que pertenceu ao denodado patriota Frei Joaquim do Amor Divino Caneca.

Um dito dos bacharelados em Sciencias Physicas e Mathematicas da turma do anno de 1900, de 26 de Março, convidando o Instituto a se fazer representar na collação dos respectivos graus, á 1 hora da tarde do referido dia 26.—Tiveram conhecimento do convite todos os senhores socios que compareceram na séde do Instituto.

Um dito da Sociedade Monte Pio dos Operarios da Estrada de Ferro Sul de Pernambuco, pedindo para a sua bibliotheca as publicações do Instituto.—Mandou-se satisfazer.

Um dito do Dr. Director da Secretaria do Senado do Estado, de 29 de Março, offerendo dous exemplares dos trabalhos do mesmo Senado, referentes ao anno de 1900.

Um dito do Dr. 1.º Secretario dos Srs. Deputados do Estado de 29 de Março, offerendo dous exemplares dos Annaes da Assembléa relativos á sessão do anno proximo passado e dous da Synopse dos Trabalhos da Camara, referentes ao mesmo periodo.

OFFERTAS

Pela Sociedade de Geographia de Lisbôa, 2 numeros do seu Boletim.

Pelo Archivo Publico Mineiro um volume de sua Revista.

Pela livraria Chambrier, de Paris, dous catalogos de livros.

Pelo autor o Dr. Arthur Vianna um vol. da obra—Estudos sobre o Pará Limites do Estado.

Pelo autor Monsenhor Raymundo Ulysses Pennafort, um volume da obra—Brazil Prehistorico.

Pelo consocio Dr. José Carlos da Costa Ribeiro um vol. encad. da obra—A Marinha de Outr'ora, pelo V. de Ouro Preto e uma revista americana.

Pelas respectivas Redacções diversos jornaes deste e de outros Estados.—Mandou-se archivar e agradecer as offertas.

Tendo o Sr. General Coelho Cintra mandado communicar que por motivo justo, não podia aceitar o cargo de membro da commissão de fundos e orçamentos para a qual fôra eleito, o Sr. Presidente nomeou para substituil-o interinamente ao Dr. Aprigio Garcia.

Em seguida e depois de lidos os pareceres da commissão respectiva correu o escrutino secreto e foram eleitos socios effectivos do Instituto

os Srs. João Walfredo de Medeiros, negociante estabelecido nesta cidade e professor Joaquim Pedro da Rocha Pereira, autor de varios escriptos esparso e muito dedicado ás letras patrias; e socios correspondentes o Dr. Antonio Xavier de Souza Cordeiro e Monsenhor Raymundo Ulysses Penafort.

O S. Presidente declarou que a presente sessão fôra convocada com o character de assembléa geral, mas que em vista de não ter comparecido o numero de socios exigido pelo Estatutos, resolvia convocar uma sessão extraordinaria para quint-feira 18 do corrente para o fim á que a presente se destinara.

O Sr. Dr. Affonso de Albuquerque obtendo a palavra, enviou á mesa uma proposta referente ao Conde da Boa-Vista, cuja discussão ficou encerrada depois de sobre ella ter usado da palavra o Sr. Dr. João Coimbra, adiando-se a espectiva votação.

Nada mais havendo a tratar-se foi levantada a sessão.

Adelino A. de Luna Freire, Presidente, *Augusto Cezar da Cunha*, substituindo o 1º secretario.—*Sebastião Galvão*, substituindo o 2º.

Sessão de Assembléa Geral aos 16 de Maio de 1901

PRESIDENCIA DO EXM. SR. DR. PINTO JUNIOR

A uma hora da tarde presentes os Srs. Drs. João Coimbra, Democrito Cavalcanti, Pedro Celso, Affonso Albuquerque, Alfredo de Carvalho, Sebastião Galvão, substituindo o 1º secretario que não compareceu, Augusto Besar, occupando a cadeira do 2º e Coronel Soares Brandão abriu a sessão.

Lida a acta da antecedente foi approvada, com uma emenda apresentada pelo Dr. Affonso de Albuquerque acerca de não ter ficado encerrada a discussão da proposta que apresentou na sessão passada referente á estatua do Conde da Boa-Vista.

O Sr. 1º Secretario mencionou o seguinte

EXPEDIENTE

Um convite da Sociedade Legião de Soccorros Mutuos dos Officiaes da Guarda Nacional, convidando o Instituto a se fazer representar em saa sessão magna a realizar-se em 19 do corrente.

Deu-se conhecimento do convite a todos os seus socios presentes.

Um officio do consocio Commendador Celestino de Menezes, de 17 de Abril, offerecendo os numeros de 4 a 24 da Revista —Portugal em Africa, que se publica em Lisboa, promettendo completal-a brevemente com os numeros 1 a 3, que faltaram e pedindo a per-

muta de algumas obras por outras que o Instituto possua em duplicata, permuta já autorizada em uma das sessões anteriores.

Decidio-se que se consultasse ao mesmo consocio quaes as obras que pretende offerecer e quaes as que deseja em troca.

Uma carta do Sr. Ferreira da Rosa, de 6 do corrente, offertando um almanak historico do Rio de Janeiro do anno de 1901 e um volume de sua obra intitulada—O Rio de Janeiro no anno de 1901—, pedindo uma colleção da Revista do Instituto e offerecendo os seus serviços.—Mandou-se agradecer e attender ao pedido.

OFFERTAS

Pela redacção dous numeros Revista Industrial e Mercantil, que se publica nesta Capital.

Pelo Revdm. Vigario Francisco Raymundo da C. Pedrosa um folheto—Notas de Viagem.

Pelo Sr. Coronel Joaquim Silverio de Azevedo Pimentel o n. 11 da Revista Maritima Brasileira, o *fac-simile* do n. 1 do Jornal do Commercio e diversos outros jornaes referentes as festas do 4º centenario do descobrimento do Brazil.

Pela Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro um volume de seus Annaes.

Pela Academia Pernambucana de Lettras o n. 1 de sua Revista.

Pelas respectivas Redacções diversos jornaes deste e de outros Estados.

Mandou-se archivar e agradecer as offertas.

Foi lido e approvado o parecer da commissão de fundos e orçamentos sobre o balancete e contas da receita e despeza do Instituto no trimestre de janeiro e março do corrente anno, apresentados pela meza administrativa.

Foi presente á sessão um officio do Dr. Luiz José da Silva declarando-se exonerado de socio effectivo do Instituto e de membro da commissão de admissão de socios.

O Instituto deu-se por inteirado e mandou archivar o officio.

Em seguida fallou sobre o assumpto o Dr. Democrito Cavalcante, pedindo que o Instituto fizesse quanto possivel a volta do major José Domingos Codeceira que era incontestavelmente uma tradição social, tendo sido elle sempre para esta associação, um exemplo da mais sincera dedicação.

Depois disso solicitou informações sobre o estado actual do projectada da estatua do Conde da Boa-Vista, porque estando a seguir brevemente para a Capital Federal, como membro que era de uma commissão do Instituto nesse sentido precisava partir d'aqui orientado do modo porque bem deveria cumprir o seu dever.

O Dr. João Coimbra, pedindo a palavra, extensamente fallou acerca de quanto desejava o Dr. Democrito ter explicações.

Inteirado o Dr. Democrito apresentou a seguinte proposta :

«Attendendo ás ponderações judiciosas apresentadas pelo illustre consocio Dr. João Coimbra, quanto á falta de recursos nesta occasião para o Instituto custear as despezas com a estatua projectada ao conde

da Bôa Vista, proponho que seja adiada a realisação para melhor oportunidade applicando-se as quantias já recebidas para aquelle fim na confecção de um retrato a oleo condigno ao merecimento do eminente pernambucano, para ser collocado no salão de honra.

Sala das Sessões do Instituto, 16 de Maio de 1901.—*Democrito Cavalcanti.*

Posta em discussão a proposta o Dr. João Coimbra, oppoz-se dando como razão parecer lhe que o Instituto tendo pedido donativos para a erecção de uma estatua ao notavel pernambucano Conde da Bôa Vista, não podia mudar a applicação de semelhantes donativos deliberando por si só empregal-os em um retrato, sem consultar a aquelles que acudiram ao appello feito; pelo que apresentava a seguinte emenda á proposta:

« Que o Instituto se dirija á todos os cidadãos que contribuíram com seus donativos para a referida obra afim de que elles deliberem se concordam com a nova applicação do dinheiro recebido—*João Coimbra.*

Postas em discussão a proposta e a emenda foram ambas approvadas.

ORDEM DO DIA

Eleição do thezoureiro e de um membro da commissão de Fundos e Orçamentos.

Obtendo a palavra o Dr. João Coimbra propoz, visto que o Instituto na occasião funcionava em sessão de assembléa geral, que era opportuna a supressão do cargo de thezoureiro, passando as attribuições deste a serem exercidas, pela mesa administrativa, isto é, pelo presidente e os dous secretarios.

Justificou ainda que um cargo da importancia daquelle em que o funcionario se tornava guarda de dinheiro e preciosidades inestimaveis, sendo exercido gratuitamente por um socio, tambem não era admissivel a exigencia de garantias prestadas por parte de quem o aceitasse.

Acrescentou que o cargo era suprimivel nas condições que propunha, comprando-se um cofre de ferro ende fossem guardados todos os valores e importancia em poder da Associação.

Apoiando a lembrança da proposta, o Dr. Democrito Cavalcante apresenta a emenda de que o cofre seja para tres clavicularios: o Presidente e cada um dos secretarios.

A solução da proposta e da emenda foi addiada para a seguinte sessão de assembléa geral,

Procedeu-se a eleição para o lugar vago de um dos membros da commissão de fundos e orçamentos sendo eleito o Dr. Aprigio Garcia.

Foram apresentadas duas propostas para socios effectivos.

A commissão de admissão de socios apresentou parecer favoravel á admissão dos propostos Drs. Gervasio Fioravante Pires Ferreira e Manoel Francisco de Barros Rego, que approvados foram ambos proclamados socios.

O Dr. Alfredo de Carvalho propoz que, de accordo com o art. 8.º dos Estatutos, se nomeasse uma commissão para verificar, quaes os

socios effectivos que sem causa participada ha mais de um anno não comparecem ás sessões do Instituto. O Sr. Dr. Celso pedio o adiamento da proposta até completar-se um anno da publicação da reforma dos Estatutos.

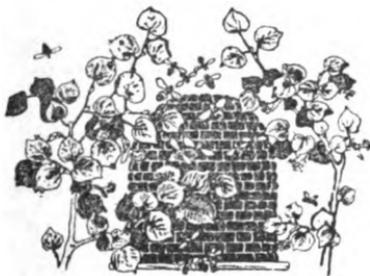
O Dr. Democrito Cavalcante propoz a publicação pela imprensa do alludido art. 8 para sciencia de todos os socios.

O Dr. Sebastião Galvão propoz que o Instituto considerasse como não pertencendo ao seu quadro os diversos socios correspondentes e honorarios, que se lhes tendo expedido officio de communição e diploma até agora não responderam.

O Sr. Presidente deu ao Instituto a triste noticia da lastimavel perda dos dous prestimosos socios o dr. Miguel Joaquim d'Almeida Castro, fallecido nesta cidade e do Sr. José Arthur Montenegro, fallecido no Rio Grande do Sul, e resolveu-se que fosse consignado na acta um voto de pezar por esse doloroso acontecimento.

Nada mais havendo a tratar-se foi levantada a sessão.

Adelino A. de Luna Freire, Presidente, *Augusto Cezar da Cunha*, substituindo o 1º secretario.—*Sebastião Galvão*, substituindo o 2º.



O INSTITUTO ARCHEOLOGICO

DE

Pernambuco (*)



As associações de ordem intellectual não dispõem, infelizmente, no Brazil, como lhes succede nos Estados Unidos, de uma sympathia extensa, posto que possam alguma dellas ter alcançado grande prestigio numa roda restricta, entre a qual se comprehendem e prezam as cousas espirituaes. Tudo quanto se relaciona com a historia patria desperta entre a União Americana a mais viva curiosidade e o mais entranhado interesse, e essa curiosidade e este interesse são, pelo contrario, graças, communs á gente verdadeiramente culta como á rudimentarmente educada.

Entre nós não se pôde dizer que os assumptos historicos não provoquem vibração, e para proval-a ahi estão os numerosos Institutos, á razão quasi de um por Estada, que colligem com mais ou menos ardor e mais ou menos competencia tudo quanto diz respeito ao passado local e particular, gyrando todos em torno do Instituto Historico do Rio, ao qual cabe a função essencial de centralisar e amalgamar num

(*) Transcripto d'O Estado de São Paulo, de 20 de Novembro de 1904, por proposta do Dr. Arthur Muniz, approvada em sessão de 15 de Dezembro.

todo nacional, elementos que, de outro modo, ficariam dispersos e não passariam de insignificantes.

Para vingarem, carecem, comtudo, invariavelmente semelhantes sociedades de um homem ou de um grupo, sempre limitadissimo pelas condições do meio, de homens devotados aos assumptos da intelligencia e especialmente aos da tradição sem cujo concurso não lograriam subsistir nem muito menos produzir.

Não lhes seria dado, como á Associação Historica de Massachusetts ou á enorme sociedade dos Filhos da Revolução Americana, viverem independentes daquellas cooperações conhecidas e circumscriptas, descansando sua prosperidade sobre a bôa vontade, o estímulo e o enthusiasmo de uma legião, asentando seu destino no respeito e correspondencia da collectividade.

Acudiram-me estas reflexões ao vir encontrar o Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano numa nova e feliz phase de actividade: dir-se-ia que, na geral decadencia ambiente, o passado exerce maior seducção, faz appello a um maior carinho.

O Instituto tem passado por fortunas varias, atravessado crises, abrangido periodos de effervescencia e de estagnação. Um momento, os estudos hollandezes do inolvidavel Dr. José Hygino, as suas directas e proveitosas pesquisas nos archivos de Haya, chamaram sobre a associação recifense a attenção de todo o paiz. Foi o seu tempo aureo, auro da gloria, porque de dinheiro nunca lhe chegou, contando hoje para viver exclusivamente com uma subvenção do governo federal, magra e todavia generosa, pois que o Congresso do Estado, achando mais interessante a politica do que a historia e dando mais valor ao presente do que ao passado, resolveu, na sua sabedoria soberana, abolir o subsidio estabelecido por legisladores menos escrupulosos na distribuição da receita publica.

Depois da federação, quando se proclamou, em guisa de panacéa infallivel, que tudo ficaria autonomo, tambem a ignorancia se tornou autonoma e como tal refractaria a correções. O resultado foi que o pobre Instituto teria muito provavelmente morrido dessa fatal emancipação anti-intellectual, se lhe não acudisse, em bôa hora, a dedicação de alguns de seus

velhos membros, que, com desvelo, o cuidaram. Tal dedicação salvou o agonisante, e robusteceu-o a introdução de algum sangue novo, rubro e quente, o qual tonificou o organismo combatido e activou-lhe a circulação vital, tanto mais promptamente quanto delle se não esvaira por completo a velha e bôa seiva.

O Instituto ostentava ainda, entre outros, um Pereira da Costa, estudioso notavel da historia pernambucana, da expansão dos povoadores de Iguarassú e Olinda para o norte e para o sul do paiz ; autoridade quasi indiscutivel em nossas questões biographicas, chorographicas, topographicas, tão competente para mencionar o anno da fundação de uma qualquer povoação sertaneja, como para descrever o programma de estudos de um collegio jesuita ou traçar a linha de peregrinação de uma tribu selvagem daquella região, em sua retirada deante do invasor e bandeirante europeu. Juntou-se-lhe por felicidade um Alfredo de Carvalho, com o seu conhecimento intimo de linguas estrangeiras, inclusive o hollandez, indispensavel para um estudo completo da historia do littoral e interior brasileiros no seculo XVII, o seu espirito aberto pelas viagens e residencia nos centros de maior cultura ; o seu enthusiasmo juvenil por tudo quanto se prende á historia brasileira, não só pernambucana, pois que nelle a descentralisação produziu effeito contrario ao experimentado pelo Congresso estadual, levantando-lhe a intelligencia ao mesmo tempo que lhe alargando o sentimento.

E' actual presidente do Instituto outro devotado cultor das letras patrias, que á regeneração daquella sociedade empenhou o seu zelo fervoroso, e cuja actividade intellectual não deve apparecer menos sympathica ao geral da mentalidade brasileira por não haver ultrapassado na sua applicação os limites provinciaes. Refiro-me ao Sr. Regueira Costa, traductor de muitos trabalhos de Branner e de alguns de Hartt sobre geologia e archeologia pre-historica da região pernambucana, admirador apaixonado do nosso lyrismo e funcionario que conta serviços relevantes á causa da educação publica no Estado, ultimamente tão descurada que se supprimiram, a titulo de economia, uma porção de escolas primarias, a Escola de Engenharia atiladamente creada pelo governador

esclarecido que foi o Sr. Barbosa Lima e, facto bem singular !, a propria directoria da instrucção publica.

E' bom que nos outros Estados do Brasil, mais afortunados, mais prosperos, mais cultos, onde tudo se torna facil, graças á abundancia e ao progresso, se tenha conhecimento do quanto são capazes semelhantes dedicações espirituaes, isoladas, desajudadas pelo meio e não obstante sempre pertinazes. Para se avaliar do exito da combinação dessas energias em acção e aquilatar o successo da tentativa de restauração da empreza litteraria que é o Instituto, basta lançar mão da sua *Revista*, por alguns annos suspensa e por muitos abarrotada de discursos indigestos e de irritantes, á força de insipidas, reivindicaciones pseudo-democraticas. Esta publicação tornou-se felizmente agora o que devia essencialmente ser: um organ transmissor de documentos ineditos, fixador de contribuições historicas esparsas, colleccionador de estudos originaes, condensador de dados de difficil alcance, já pela raridade das edições, já pela diversidade das linguas.

Attente-se no summario do n. 59, o ultimo sabido á luz.

Comprehede a transcripção, de uma folha paulista, de uma narrativa da evasão de Pedro Ivo, o heróe lendario da revolução pernambucana de 1848 devida, segundo toda a probabilidade, a um dos actores do feito; a traducção pelo Sr. Alfredo de Carvalho de um estudo do americano John Branner sobre geologia do Estado; o historico, pelo Sr. Pereira da Costa, de duas instituições inglezas de Pernambuco, o cemiterio britannico e o templo protestante autorisados pelo tratado de 1810, celebrado com a Inglaterra pelo ministro Linhares no reinado americano de D. João VI; alguns capitulos mais da Nobiliarchia pernambucana de Borges da Fonseca, que é a historia biographica e anecdotica da terra nas pessoas dos seus povoadores e illustradores; o seguimento da traducção das viagens de Koster, intelligente commerciante inglez que viveu em Pernambuco no segundo decennio do seculo XIX e percorreu as capitánias do Norte; finalmente, a continuação da descripção, tambem pelo Sr. Pereira da Costa, da actividade administrativa dos governadores e capitães generaes de Pernambuco, de 1654, que foi o anno do restabelecimento

do dominio portuguez, a 1821, que foi o anno do regresso de D. João VI para Portugal e preliminar da Independencia.

O numero 60, presentemente no prélo, é sem comparação ainda mais variado e interessante, e experimento verdadeiro prazer em divulgar-lhe o conteúdo, de dois terços do volume, que me foi gentilmente communicado em provas. Abre com a reproducção de um estudo de Franklin Tavora, na segunda *Revista Brasileira*, sobre os patriotas de 1817, em que o erudito chronista e pittoresco romancista pernambucano, na sua castiça linguagem, defende os membros do governo provisorio da mallograda republica das injustas increpações cortezans de Varnhagen e Pereira da Silva, e bosqueja o conflicto logo occorrido entre a moderação politica e o liberalismo doutrinario de José Luiz de Mendonça, cujo espirito de jurisconsulto enxergava claramente os perigos de uma separação democratica ainda prematura pela falta de uma consciencia nacional e pela escassez de recursos militares, e o liberalismo exaltado e espirito de rebeldia de Domingos Martins, Pedroso e Domingos Theotonio, seduzidos pelas theorias revolucionarias e arrasados pelo exemplo da desaggregação americana. E' de notar que a historia dessa revolução, instructiva pelas correntes de opinião que dentro della se desenharam, attrahente pelas peripecias, sympathica pelos caracteres e tocante pelo desenlace, está ainda por fazer, resentindo-se o que existe, como grande parte da nossa historia, mesmo da colonial, de falta de isenção, ausencia de critica, abundancia de preconceitos e ascendencia de paixões.

Tendo a *Revista* adoptado o systema convenientissimo das estampas, destinadas a divulgar personagens, edificios, scenas de rua e episodios historicos, acompanham o referido estudo nitidas reproduções de dois retratos, de Martins e de Mendonça os coripheus das duas tendencias oppostas, existentes na galeria do Instituto e que alli permaneciam quasi ignorados.

A segunda contribuição para o numero em questão é do distinctissimo Sr. Theodoro Sampaio, sob a fórma de um artigo-carta em que analysa, com sua clareza e capacidade habituaes, as etymologias indigenas de Elias Herckman, contidas na descripção geral da capitania da Parahyba, escripta em

1639 pelo citado viajante hollandez e ha pouco tempo inserta na *Revista*.

Segue-se a traducção, pelo Sr. Alfredo de Carvalho, de uma memoria publicada em 1881 numa revista de Amsterdam, a da Sociedade Geographica, sobre o porto de Pernambuco e a cidade do Recife no seculo XVII, na qual foram aproveitados os mais valiosos mappas, gravados e ineditos, deixado pelos methodicos e laboriosos engenheiros hollandezes.

O assumpto, parecendo antiquado, é da maxima actualidade, visto que o melhoramento do porto de Pernambuco continúa a ser uma necessidade inadiavel do Estado, a obra que mais poderá contribuir para o seu renascimento mercantil e salvação economica.

Depois da continuação da Nobiliarchia, vem um escoreço bibliographico do Sr. Alfredo de Carvalho sobre a imprensa em Olinda; a traducção pelo mesmo da obra muito pessoal de Mrs. Graham, um diario de viagem dos mais abundantes em informações, na parte relative ao assedio do Recife em 1821; a traducção, tambem pelo Sr. Alfredo de Carvalho, de uma monographia de E. Williamson sobre a geologia das regiões auríferas de Pernambuco e da Parahyba, lida pelo autor perante a Sociedade Geologica de Manchester; um estudo definitivo do Sr. Pereira da Costa sobre a verdadeira naturalidade de D. Antonio Felippe Camarão, estabelecendo uma documentada e rigorosa discriminação entre este popular heróe pernambucano da guerra da restauração contra os hollandezes e o seu homonymo Antonio Camarão, chefe indiano do Rio Grande do Norte, com quem o confundiram historiadores antigos e modernos como o Padre José de Moraes, Varnhagem e Candido Mendes; uma curiosa noticia pelo Sr. Alfredo de Carvalho da estada, de 1816 a 1818, do naturalista William Swainson em Pernambuco, Bahia e Rio, donde carregou para Inglaterra importantissima collecção zoologica e botanica que lhe servio de base para trabalhos, dos quaes é o mais particular e interessante uma iconographia intitulada *Birds of Brasil*; uma descripção de Pernambuco em 1746 extrahida de um precioso codice existente no Torre do Tombo em Lisbôa; a traducção pelo Sr. Alfredo de Carvalho duma velha contribuição de Darwin para uma revista ingleza sobre o

recife de grés do porto de Pernambuco ; a reedição de um folheto raro, acompanhado de uma estampa inédita, ácerca dos sebastianistas pernambucanos da Pedra Bonita, cujos ritos crueis se exerceram na primeira metade do seculo XIX ; um merecedor estudo pelo Sr. Alfredo de Carvalho sobre o Zoobiblion de Zacharias Wagner, que conta como um dos mais valiosos legados da intelligente administração do Conde Mauricio de Nassau no Recife e existe agora no Real Gabinete de Estampas de Dresde.

Zacharias Wagner, saxonio de nascimento, habitou por alguns annos no Brasil com um cargo na côrte do principe hollandez, a quem acompanhou em varias expedições e viagens, mudando depois para o Oriente —China, Japão e Java— a sua residencia e ali passando a exercer sua variada actividade. O mencionado album artistico por elle composto, ainda inédito e até ha pouco esquecido, abrange plantas, animaes e indigenas, reproduzidos, ao que se diz, com tanta arte quanta consciencia e emmoldurados em descripções feitas ao vivo, repletas de pormenores aproveitaveis.

Cabe de justiça ao Sr. Alfredo de Carvalho o merito principal de toda esta criteriosa selecção de trabalhos concernentes a Pernambuco e não pára ahí o seu esforço benemerito. Não lhe chega noticia de quadro de assumpto regional, retrato de personagem da historia local, manuscripto que por qualquer fôrma interesse ao Estado, de que elle não pretenda logo obter a reproducção.

E' assim que o Instituto vae possuir cópia da téla existente em Madrid, representando a peleja naval entre Oquendo e Pater ; está para receber a transcripção de todos os documentos existentes no Departamento de Estado de Washington relativos á revolução pernambucana de 1817, tentativa de reconhecimento da republica e papel do consul americano no Recife ; e espera a cada momento a cópia integral das notas dominicaes de Tollenare, francez domiciliado em Pernambuco ao tempo da revolução de 1817 e que deixou sobre o estado da capitania e successos occorridos, apontamentos preciosos, de que se aproveitou em parte Ferdinand Denis, conservador da Bibliotheca de Santa Genoveva, onde se encontra archivado o referido manuscripto, até agora inédito.

Seria demasiado extenso enumerar tudo quanto o Sr. Alfredo de Carvalho tem conseguido ou está em via de colligir, de valor para o estudo do passado pernambucano, posto pratique uma escolha severa, sem preocupações muito embora de preferencias pelo elemento hollandez ou pelo factor lusitano, as quaes têm alternadamente prevalecido no seio do Instituto. Ninguém tem feito mais nem melhor nesta categoria de trabalho nos ultimos tempos.

O seu bello exemplo é digno de ser conhecido e digno de ser imitado por todos aquelles em quem palpita o amor da historia, alicerce do sentimento patriotico e condição do espirito de nacionalidade.

Pernambuco, Novembro de 1904.

OLIVEIRA LIMA.



THE NEW YORK
PUBLIC LIBRARY
ASTOR, LENOX
TILDEN FOUNDATION



L. F. DE TOLLENARE
(Busto pertencente á familia.)

REVISTA

DO

Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano

VOL. XI

Março de 1904

N. 61

AS

NOTAS DOMINICAES

DE

L. F. de Tollenare



A historia pernambucana — e quem diz historia pernambucana diz historia brasileira, porque as guerras e revoluções de Pernambuco interessaram e agitaram todo o Brazil, que por umas deixou de ficar metade hollandez e por outras esteve a ponto de ficar nacionalmente esartejado— já devia ao Sr. Alfredo de Carvalho contribuições valiosas sob a fôrma de estudos originaes e tambem de traducções, as quaes é elle entre nós um dos raros a poder executar, de quasi desconhecidas, por esquecidas, informações hollandezas e allemães.

Fica-lhe porém agora devendo mais um serviço inestimavel com a feliz iniciativa de mandar copiar na Bibliotheca de Santa Genoveva em Paris, para dar á publicidade, um manuscrito de que Ferdinand Denis, conservador daquella Bibliotheca, se servio e cita em trabalhos seus historicos sobre o Brazil, e de que Varnhagen teve conhecimento e

derivou proveito, mas que jazia inedito e portanto ignorado na sua totalidade.

A copia acaba de chegar e o Instituto Archeologico, que a encommendára, muito generosamente quiz encarregar-me de prefaciá a edição das intituladas *Notas Dominicæes* que o francez L. F. de Tollenare foi redigindo semanalmente, no dia consagrado ao descanso, durante uma viagem a Portugal e Brazil nos annos de 1816, 1817 e 1818.

Constituem essas notas, sem contestação, uma das mais interessantes achêgas para o conhecimento que se vai formando vivo e luminoso, sobre depoimentos pessoases que se podem confrontar, de um periodo ao qual nenhum outro da historia patria é inferior em animação e importancia, abrangendo para mais a mais espontanea, a menos desorganizada e a mais symphatica das nossas numerosas revoluções.

Abrem as *Notas* com a inserção dos pequenos incidentes da vida de bordo numa navegação do Loire ao Douro, que offerecia então e mórmente a um Francez (os Inglezes já andavam bem affeitos ás curiosidades dos paizes estranhos da Europa e mesmo ás do Novo Mundo) excitação e sabor de grande novidade.

Maior interesse e pittoresco apresentará porem a ulterior navegação de Lisbôa para Pernambuco a bordo dum navio portuguez —*O Principe Real*— pelo facto especialmente de se não encontrarem muitas narrativas de uma travessia desse genero, de forma a facilmente dispensar aquella e os seus episodios.

A' chegada segue-se, occupando um terço do volume, a descripção do Porto, Coimbra e Lisbôa, feita num estylo despretencioso e encerrando innumeradas particularidades, posto que na maior parte conhecidas, sobre o estado da lavoura em Portugal, o fabrico e commercio de vinhos, o clima, a tributação, as festas religiosas e populares, os costumes, os edificios, o vestuario, a industria, a instrucção, a administração ou antes o desgoverno, o exercito, o espirito e maneiras da sociedade, a condição religiosa, o tom da fidalguia, a organização civil e judiciaria.

A' fixação dos trechos mais notaveis da paisagem de seáras, pinhaes, parreraes e olivae, tão caracteristica e em certos

lugares, como o valle do Mondego, tão romantica e povoada de tragicas tradições e poeticas lendas, accresce uma conscienciosa enumeração das especies botanicas do paiz.

Os tratados de 1810, celebrados no Rio de Janeiro com a Inglaterra, são transcriptos e commentados, assim como é judiciosamente analysada a permanencia da familia real no Brazil depois da paz geral, e elogiada sem reservas a acção civilisadora dos jesuitas nas colonias.

A descripção do mosteiro e quinta de Santa Cruz em Coimbra fornece uma impressão adequada desse bello typo de convento fidalgo, habitado por poucos conegos regrantes com sua luxuosa vida contemplativa e recreativa, seu admiravel conforto monastico e sua inimitavel grandeza ecclesiastica.

Os apontamentos referentes á Universidade, á igreja gothica da Batalha, á estação thermal das Caldas da Rainha, ao convento de Mafra, ás delicias de Cintra, á propriedade rural em Oeiras do grande marquez, ao aspecto geral e aspectos especies da capital 60 annos depois do terrivel terremoto, cujos vestigios ainda appareciam, são minuciosos, incisivos e intelligentes, afóra as muitas inevitaveis inexactidões dum viajante de passagem, que não era propriamente um erudito nem um artista, antes um viajante de commercio, possuindo conhecimentos deficientes sobre o passado e mesmo o presente do paiz que percorria e observava.

O que, porém, ha de mais suggestivo nas *Notas Dominicæes* julgo serem os golpes de vista, que de espaço a espaço ellas nos offerecem de relance sobre o estado d'alma da sociedade luzo-brazileira de então, solicitada a um tempo pelo culto do atrazo e pela paixão revolucionaria, num conflicto anarchico de principios, de tendencias e de idéaes, em que a velha superstição, muitas vezes exhibida em ridiculos espectaculos, ameaçava submergir-se, sem poder ser ainda substituida por uma instrucção regeneradora e uma razão moderadora.

A travessia longa, fastidiosa, sem companheiros interessantes com quem trocar idéas e impressões, quando mesmo o viajante francez, já soubesse o portuguez, trouxe á mente de Tollenare considerações humanitarias sobre o trafico e a escravidão, que deviam ser e eram effectivamente communs aos espiritos da epocha em que a Inglaterra iniciou com vigor a

sua cruzada abolicionista. Numa epocha em que a sensibilidade pretendia governar a intelligencia e a oratoria entrava a caracterisar o estylo, não escasseavam por certo os argumentos que uma justa causa por si só offerencia para fundamentar-lhe a propaganda.

O nosso moralista inedito abunda em razões que vai buscar na equidade, na philanthropia, no progresso da organização social, na primazia ideal do direito sobre a força, na inviolabilidade da liberdade humana, para condemnar a instituição servil, e expande-se em reflexões, em que o tempo era igualmente fertil, sobre conquistas politicas, tyrannia das maiorias, immolação da liberdade individual no altar do interesse commum, aspirações nacionalistas, chimeras de confederação européa, aperfeiçoamento da especie e outros pontos caros aos Benjamin Constant, Royer Collard e mais constitucionalistas metaphysicos da eschola liberal e doutrinaria.

O tempo a bordo chegando para tudo e alguma coisa mais, nem ficaram de fóra largas meditações e longas deducções sobre o mundo exterior e o eu, os sentidos e a intelligencia, a analyse e o raciocinio, os termos abstractos e as idéas geraes, os syllogismos e os parallelos, os deveres e os direitos, com um luxo de logica mais digno de um Stuart Mill e que pareceria de todo superfluo n'um especulador de algodões, se este a não applicasse logo á questão palpitante e por excellencia economica, tanto quanto moral, do commercio dos escravos.

Pernambuco annunciou-se afinal ao fim de 31 dias pelo bando de jangadas, pousando leves, como gaivotas, sobre as ondas inquietas da costa. Ahi se entra na parte que mais nos toca do manuscripto, a qual começa pela descripção da cidade, alegre pela luz e pelas aguas que a banham, pela animação commercial e pela exuberancia animal dos negros, triste pela ausencia de movimento feminino, pelo gradeado conventual das janellas das feias habitações e pelo espectaculo das vendas de escravos lazentos e silenciosos.

Fornecem logo depois os arredores do Recife ensejo para quadros, que nada teem de impressionistas, antes representam desenhos muito acabados da flóra local, especialmente das arvores fructiferas e dos tuberculos alimenticios.

A primeira impressão moral recebida por Tollenare em terra brasileira, que foi a da indolencia, ficou algum tanto corrigida com a visita a um engenho, cuja actividade agricola e industrial, a qual descreve numa georgica em prosa ainda ainda agora de actualidade, o dispoz mais favoravelmente para a apreciação do character nacional.

Acompanham estas sensações da sua primeira digressão campestre, ligeiras notas descriptivas das plantas e animaes da zona das mattas, principalmente aves, reptis e insectos ; detalhadas notas technicas sobre a cultura da canna, os processos de preparação do assucar, o rendimento das terras, as condições, os gastos e os lucros de uma empreza, com calculos baseados sobre dados estatisticos ; informações sobre a situação, serviço, viver e habitos dos trabalhadores escravos ; quadros da vida rural, ignorante, boçal, rotineira, brutal, solitaria nos seus agrupamentos caracterisados pela dependencia, raramente luxuosa e ainda assim nunca confortavel, porque o luxo consistia nas salvas, bacias e arceios de prata e não nas cousas comensinhas de maior utilidade ; considerações concernentes aos lavradores e sua diligencia e aos moradores e sua apathia, todos numa relação de desconfiança com o senhor do engenho, os segundos, que constituam o povo, falhos de qualquer estimulo pecuniario ou espirital ; o esboço a largos traços da falta de garantias diante das vinganças particulares, da indifferença quasi forçada da justiça, da desmoralisação do clero.

Como é natural, interessaram muito Tollenare o cultivo, colheita, tratamento e doenças do algodão, ramo do seu negocio a respeito do qual se espraia gostosamente.

Igualmente lhe mereceram attenção as attribuições e poderes de facto dos governantes, o character da tropa, a tempera do ensino, o estado das ordens monasticas, a distribuição dos impostos, directos e indirectos, e seu effeito economico, a constituição da sociedade, privada de senso esthetico, do carinho pelo delicado, da vibração da paizagem, dominada pela avides do lucro mais do que por qualquer outro sentimento, mesmo voluptuoso, porquanto a libertinagem era toda physica e sem requintes e, na phrase do observador, a indolencia não chegava a ser sybaritismo.

O genio galanteador do Francez fel-o sobretudo reparar para as mulheres que elle encontrava quasi só, espalhafatosamente vestidos e adornados, nas igrejas, unicos lugares de ostentação, no seu dizer barbara. Queria cortejar-as de bem perto na vida de verão, que deixou refletida, dos suburbios do Recife do longo do Capibaribe, em cujas aguas frescas aquellas naiades mergulhavam com delicia durante as horas calmosas, nadando por entre os jardins risonhos ou sob uma abobada de frondosa vegetação silvestre.

Um resto de costumes estreitos, de ciúme exaggerado, que o contacto estrangeiro ia cada dia modificando, o privava, porem, d'aquella franca encantadora convivencia e só lhe permittia cerimonioso intercurso por occasião de festas como a do Poço, fielmente reproduzida com o seu mixto de devoção supersticiosa e de folgança ruidosa, e que já entrava a perder o seu character em parte fidalgo para revestir mais pronunciadamente o character plebeu, o qual Tollenare achou inteiramente e exoticamente estampado nos lascivos sambas e ingenuos pastoris a que assistiu, sem que o deleitasse em extremo o acompanhamento de maracá e de marimbáu.

As scenas da escravidão emprestam aos quadros tons sombrios de miseria e castigo e tons tocantes de affecto e commiseração sobre um fundo de sujeição tradicional, que não era comtudo posta em realce pelo absoluto desprezo originado na differença de raça ou de de côr.

As extensas notas botanicas que Tollenare insere são bordadas sobre as extrahidas dos trabalhos do naturalista Arruda Camara, e as chorographicas sobre as capitancias do norte interessantes mesmo tendo em vista as recolhidas pelo Inglez Koster, bem como as informações relativas á criação de gado nos sertões e á dos vaqueiros, foram-lhe communicadas pelo padre João Ribeiro Pessoa. Com esta circumstancia penetramos no terreno das notas pessoais, que são as que mais nos attrahem, a nós, filhos de um periodo de investigação psychologica e de evocação animada do passado historico.

Apraz-nos por isso sobremaneira encontrar referencias directas áquelle naturalista, a figura mais seductora da revolução de 1817, citado como um ecclesiastico de subido valor intelectual, o homem mais interessante com quem podia um via-

jante estrangeiro deparar e cuja convivencia mais lhe aproveitaria.

As illusões democraticas do seu espirito, a sua fé cega nos principios e nas formulas da revolução, o não tornavam desagradavel, antes contribuiam para augmentar a sympathia que d'elle se desprendia.

Ficamos tambem sabendo, pelas impressões de Olinda que se seguem a umas notas sobre o entrudo, cuja jovialidade selvagem ia desde as limas e os copos d'agua entre a gente fina até as garrafas e as cacetadas entre a ralé, que o bispo era accusado de simonia, mercadejando em dispensas e indulgencias, e que e francez Germain, o que D. João VI mandára vir de Cayenna para aclimar plantas exoticas no Brazil, homem de resto de excellentes maneiras, se occupava bem pouco das suas funcções, com quanto generosamente retribuidas, passando descansadamente a mór parte do tempo no Recife entre os patricios, longe do seu horto olindense, aos destinos do qual parecia indifferente.

O horto entretanto encerrava o maior encanto para um conhecedor ou mesmo amator botanico, pois que constituia um ensaio de adaptação de verdadeiras riquezas tropicaes transplantadas, taes como a canella de Ceylão, o cravo e noz moscada das Molucas, a pimenta do Malabar, a fructa pão do Taiti, o cacoeiro, a canna de Cayenna, o algodoeiro Bourbon. Si mais vasto não era ainda o campo das experiencias, a culpa cabia tão somente ao professional francez, não ao governo que liberalmente concebera e dera execução a tão proveitosa instituição.

O testemunho de Tollenare confirma, nas notas dedicadas ao periodo revolucionario, a insubordinação dos espiritos; a effervescencia nativista; a quasi anarchia que se alastrara sob a fraca autoridade de Caetano Pinto; as medidas tardias e pusilanimas; os conhecidos episodios da rebellião em quartel, da fuga do governador seguida da sua criminosa por completa inacção, da desordem inicial do movimento nacionalista; o louco enthusiasmo do padre João Ribeiro; a audacia de Pedroso assenhoreando-se do Recife com um punhado de gente e estabelecendo o panico; a correspondencia da sedição em Olinda, povoada de familias de soldados do regimento rebelde;

a decisão vencendo a vacillação, e esta conduzindo á vergonhosa capitulação do Brum.

A penna do estrangeiro, pouco *sympathica* a revolução, de que só via o lado inquietador e não a feição moral, não encontra expressões sufficientemente severas para verberar o procedimento do capitão general numa emergencia em que o menor vislumbre de energia teria muito provavelmente alterado o aspecto das cousas e suffocado uma explosão de indisciplina, a qual não provocava nem podia provocar vibração de entusiasmo entre uma plebe ignára, e apenas pela facilidade da victoria momentanea da reduzida soldadesca logrou assumir a forma patriótica, que os seus fautores occultos lhe destinavam de antemão nos seus conciliabulos maçonicos.

Tollenare distingue no movimento de Março — que ia entretanto seguindo sua marcha de adhesões e reformas, sem que fossem aquellas muito leaes ou estas extremamente radicæes — entre os philosophos seduzidos pela theoria da soberania popular e os intrigantes impellidos pelas considerações egoistas.

Reduz os primeiros ao padre João Ribeiro, devorado de amor da sciencia e de amor da liberdade, falho de espirito politico, que é o espirito de intriga combinado com o de maudo, e personifica os segundos em Domingos José Martins, o typo do homem de negocios mettido na administração para conseguir posição e riqueza, cheio de sangue frio, voluntarioso, senhor dos seus planos e activissimo em promover-lhes a execução.

Uns e outros levaram de vencida os temperamentos irresolutos e as intelligencias formalistas como de José Luiz de Mendonça. Fóra da junta executiva, entre o elemento brindado com o titulo de consultivo, é que Tollenare aponta os melhores homens de acção da revolução nas pessoas do vigario Tenorio, de prodigiosa elaboração mental, padre Miguelinho, de ponderado juizo critico, e ouvidor Antonio Carlos, de superiores predicados intellectuaes e administrativos, tão instruido quanto determinado.

Pena é que as notas d'essa natureza sejam substituidas em parte por uma enfiada de considerações um tanto casuisticas de character politico, pretensão social e sabor philosophico, cuja leitura é bem dispensavel a quem se tiver avistado,

não tanto com os escriptos dos propagandistas e reformadores francezes do seculo XVIII, que estes eram os que instigavam o elemento pensante da nossa revolução, como sobretudo com os dos moderadores que no limiar do seculo XIX aspiraram a conciliar as duas soberanias, ajustar monarchia e democracia, consorciar o passado e o presente numa união liberal e conservadora ao mesmo tempo, que repudia as soluções violentas e vota ao desprezo a pura vontade popular, estabelecendo uma differença subtil entre a abrogação do livre contracto social, a qual requer unanimidade de consenso, e a violação das leis naturaes, a qual justifica qualquer levantamento.

A especulação pôde ir longe em tentar legitimar ou condemnar o procedimento dos rebeldes de 1817, no louvar-lhes os intuitos progressivos ou verberar-lhes a precipitação iniqua. Praticamente os peores inimigos da revolução foram, no meio em que ella se desenrolou dramaticamente, a desconfiança frizando na hostilidade do commercio portuguez, que a sentia dirigida contra elle e o que elle representava, e a falta de comprehensão pelo povo do alcance da substituição de regimen, de processos e de ideal. Faltou-lhe por isso um solido ponto de apoio para a defeza dos seus actos, e ao contrario surgiram num mar incerto aquelles escolhos contra os quaes foi a pique, mesmo antes do canhoneio do governo legal, a náu que carregava as chimeras e as esperanças dos patriotas pernambucanos.

As notas do Francez vão mostrando o declinio do enthusiasmo das juntas, os primeiros receios, os incidentes do bloqueio, a realidade do perigo, a escassez de viveres, a suspensão da vida da cidade, os planos terroristas, as medidas de salvagã: publica, o simulacro de resistencia, a debandada, o pânico dos residentes, a contra revolução medrosa e logo clamorosa, as infalliveis adhesões, o restabelecimento da legalidade com seus delirios e desordens, a dispersão completa do ensaio de republica, a reacção feroz, o regimen das delações e das lisonjas, a punição exemplar dos caudilhos patriotas pela forza, dos brancos compromettidos pelo confisco e dos negros alforriados pelo açoite, o contraste entre a posse jubilosa de Luiz do Rego e a obra sinistra da alçada e dos carrascos.

Com o lugubre espectaculo das execuções pernambucanas, descriptas por Tollenare com minucia e emoção, terminou a

sua estada na provincia pacificada, onde parece ter vindo expressamente para assistir á insurreição, da qual só conservou recordações desagradaveis e que, talvez pela antipathia que lhe merecia Domingos José Martins e attritos que com este teve, apenas soube attribuir ao que qualifica de ambição destituida de todo escrupulo do infeliz agitador, não querendo conceder o pleno valor ás causas menos pessoas que outros descortinaram mais connexas com o impulso.

A ultima parte das *Notas* é dedicado á Bahia do Conde dos Arcos, cuja grandeza, formosura e abastança impressionaram favoravelmente o viajante. As distracções — sob a forma de theatro de melodramas sacros e farças dansantes, caçadas, touradas, perigosa pesca de baleias, excursões pelos lindos morros e valles verdes na visinhança do mar azul, e até bailes de apurado gosto e tambem, a darinos credito aos seus ouvidos famintos, licenciosas intrigas de sociedade, visivelmente exaggeradas — fizeram-lhe perdoar ontras feições menos attrahentes do novo meio, onde elle aliás achava que um Europeu, quer dizer um Francez, podia ganhar a vida e mesmo enricar, com esforço mas com certeza, na cultura do algodão e do café em terras de sesmarias.

A esse proposito prodiga informações sobre pequenas industrias florescentes na provincia, pescarias, cordoarias de cruá, plantações de côcos e olarias, assim como a proposito dos divertimentos se refere ás magnificas festas do culto.

O futuro do Brazil antolhava-se promettedor ao observador francez se fosse possivel inocular mais estimulo na numerosa população livre e acclimada, tornal-a mais ambiciosa de meios e dispôl-a a uma mais fecunda actividade nas manufacturas, além dos labores agricolas, de forma a, sem prejudicar a exportação dos productos naturaes, cercear a importação dos productos industriaes.

Tollenare, que tinha positivamente um fraco pelas dissertações moraes e pelos paralelos muito no gosto literario da sua epocha, e que da sua raça e da sua profissão tirava o ser *raisonneur* e *bavard*, pretendeu esboçar uma comparação do modo diverso por que no Francez e no Brasileiro se exhibem as mesmas qualidades e os mesmos defeitos, e é força dizer que achou n'essa preocupação uns poucos traços felizes, a par de

outros que porventura já então foram mal observados ou o tempo alterou profundamente.

A indolencia, por exemplo, do Brasileiro já deixou de traduzir-se tanto pela inacção, para assumir futilidade que elle enxergava na do Francez; o ciume do primeiro já não é tão uniformemente tragico; a sua vaidade já não é tão grosseira; a educação já é incomparavelmente mais cuidada; o amor já é mais libertino; a amizade mais demonstrativa; a religião mais consciente; os prazeres mais aprimorados. E com tudo isto cresceu o tedio, que no *bon vieux temps* Tollenare accusava em França e não descobria no Brazil..... E' de acreditar-se que o tedio gera o progresso, mas este por seu turno o não cura.....

Com algumas notas sobre o districto diamantino e a região das minas de ouro e bastantes reflexões de character geral—sobre a administração local frequentemente despotica, a distribuição da justiça bastante venal, a gestão da fazenda real pouco honesta, a organização da republica muito susceptivel de melhoramentos, a discriminação da receita publica e da exportação em progressão, a condição sanitaria lisongeira, o gosto pelas artes relativo, manifestando-se por algumas vocações, porem ainda muito subordinado a expressão religiosa—fecha o curioso manuscripto que breve verá, graças ao Instituto Archeologico de Pernambuco e especialmente ao faro bibliographico e paixão pelos os assumptos historicos do seu primeiro secretario, Sr. Alfredo de Carvalho, a luz da publicidade quasi um seculo depois de composto, domingo a domingo, pelo commerciante francez que percorreu um trecho do nosso littoral e externou impressões na maioria desannuviadas de prejuizos e repassadas de sympathia.

Pernambuco, Fevereiro de 1905.

OLIVEIRA LIMA.

NOTAS DOMINICAES

Tomadas durante uma viagem em Portugal e no Brasil

EM

1816, 1817 e 1818

POR

L. F. de Tollenare

PARTE RELATIVA A PERNAMBUCO

Traduzida do manuscripto francez inedito

POR

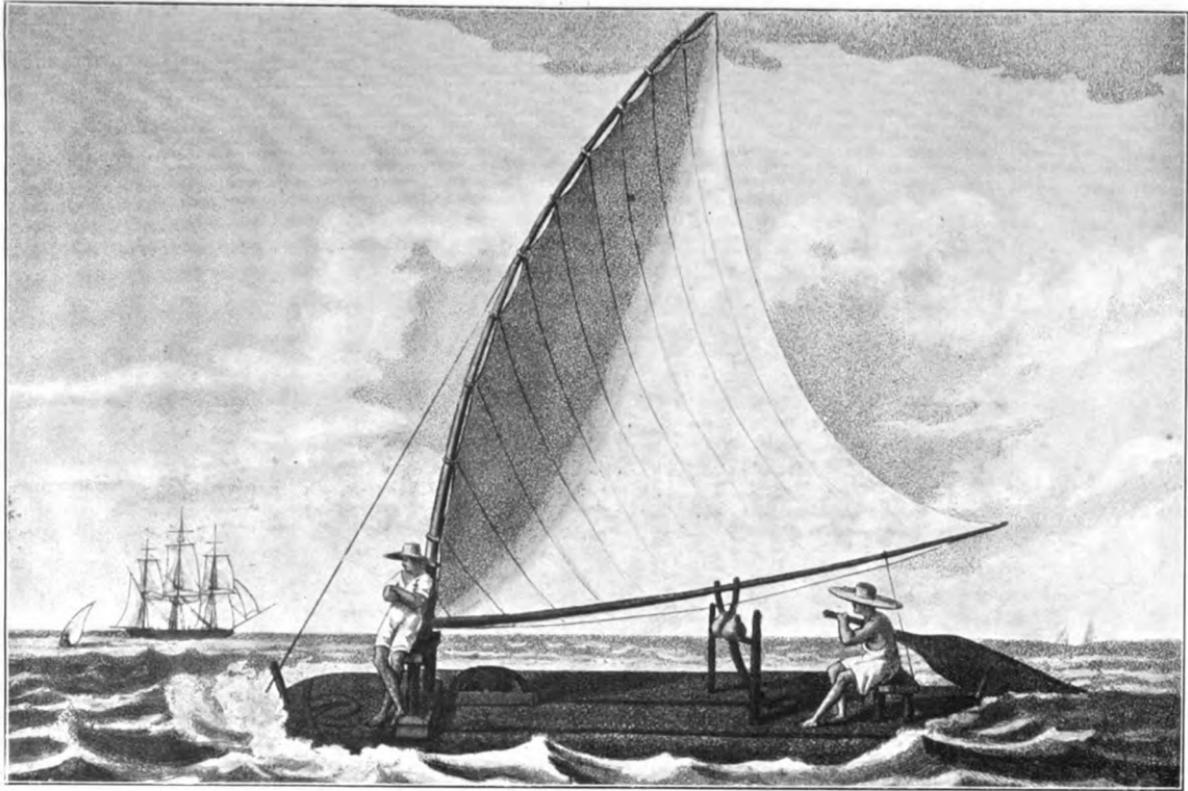
ALFREDO DE CARVALHO

I

No Recife de Pernambuco. — *Domingo, 17 de Novembro de 1816.* — Na ultima segunda-feira os ventos alizeos nos favoreceram. Estavamos, por estimativa, a $5^{\circ}35'$ de latitude Snl e 33° de longitude.

Ao amanhecer do dia seguinte, na altura de $7^{\circ}10'$, nos encontramos á vista de terra, distante apenas duas leguas, o que confirmou plenamente as minhas suspeitas de que, por falta de se ter levado sufficientemente em conta o desvio do rumo, deviamos ter um erro de longitude. Calcúlo este erro em quasi dous grãos; passamos sem o saber a Oéste da ilha de Fernando de Noronha em vez de passar a Léste.

Realmente não pude dirigir cumprimentos aos nossos officaes, que nos expuzeram, dous dias antes, a ir de noute dar



UMA JANGADA.

(*Apud*: KOSTER, Travels in Brazil, 1816.)

THE NEW YORK
PUBLIC LIBRARY
ASTOR LENOX
TILDEN FOUNDATIONS

sobre os rochedos da ilha, ou a ser atirados sobre a costa do Brasil, naoute de 11 para 12. Comtudo a vista consoladora de terra nos pôz todos de bom humor.

Navegamos todo o dia a curta distancia da costa, reconhecendo a entrada do pequeno rio Goyanna, a Ponta de Pedras, o rio de Iguarassú e a interessante ilha de Itamaracá, que contem quatro bellos engenhos e escapou de ser a séde do dominio hollandez no Brasil. Vimos um grande numero de baleias.

O mar estava coberto de jangadas ou pequenas balsas do paiz, nas quaes os negros pescadores se aventuram com uma audacia assombrosa. As jangadas se compõem de tres pedacos de madeira de 12 a 15 pés de comprido e 8 a 9 pollegadas de largo, apenas esquadriados e ligados por travessas; uma d'ellas é munida de um buraco no qual se implanta o mastro, que supporta uma vela triangular de algodão; na outra ha um pequeno banco, de dous pés de altura, sobre o qual se acocora o piloto, afim de collocar-se nm pouco ao abrigo das vagas, que a todo o instante alagam a embarcação.

Uma estaca fincada atraz do mastro serve para suspender o sacco de farinha e a cabaço de aguardente. Cada jangada é tripolada por dous ou tres homens; quando o vento a faz pender fortemente demais os homens se suspendem do outro lado, para fazer contra-peso; nadam como peixes e se a embarcação vira —vira muito raramente — introduzem entre dous paus uma taboa que serve de quilha e de timão, arrancam o mastro e o banco, os reimplantam sobre a parte da balsa que ficou para cimz e continuam a sua navegação sem cuidados, a balsa podendo navegar sobre ambas as faces que são igualmente planas. As jangadas se approximam muito mais do vento do que as embarcações de quilhã, viajam com uma rapidez admiravel, e não é raro, dizem, vê-las percorrer dez milhas em uma hora. Offerecem um aspecto muito divertido para o espectador, mas para os tripolantes deve ser uma navegação muito penosa, por quanto a cada movimento das ondas eu as vi ficarem submersas.

E' nas pequenas angras que bordam a costa nas vizinhanças de Itamaracá até á Parahyba, que se faz o contra-

bando do pau-brasil; dizem-no facil, não havendo ali quasi nenhuma tropa, ou antes, asseguram, sendo os officiaes accessiveis á seducção.

Durante todo o dia 12 os oculos de alcance estiveram assestados; nós tínhamos sido infelizes nas pescas durante a travessia, mas naquelle dia pescamos uns peixes chamados *cavallus*, que são excellentes. Emfim, ás 8 horas da noute, trigessimio primeiro dia da nossa viagem, lançamos ferro ao largo, ao N. O. da cidade de Olinda e a cerca de duas leguas do porto do Recife. A sonda indicou 20 braças em fundo de pedras madreporicas; as que retirei do chumbo da sonda eram luminosas, ou antes phosphorescentes; era sem duvida o polypo constructor da pedra que derramava aquella luz, que conservou o seu brilho por espaço de duas ou tres horas, provavelmente até á morte do animal.

Na manhã de 13, apenas o sol nascente illuminára a costa interessante que ia nos acolher, já os nossos olhos avidos descobriam as suas particularidades. A' nossa direita se elevava a bonita cidade de Olinda, edificada sobre varias collinas; as casas acham-se ali semeiados em meio de laranjaes; as florestas ao longe apresentam cambiantes tão variados quantas as especies de arvores que as compõem; alguns coqueiros isolados balançam-se no ar; ha sobretudo um, entre dous conventos que coroam Olinda, o qual faz um effeito muito pittoresco. O olhar seguia á distancia a longa e estreita península de areia que liga Olinda ao Recife; ella se destaca sobre a costa como uma extensa fita branca, atraz da qual se erguem os cabeços das montanhas do paiz; a sua côr azulada indica que estão afastadas e que, entre ellas e o mar, medeia uma grande planície.

Distinguia-se os dous fortes do Buraco e do Brum sobre a península, e apóz o do Picão, construido na extremidade não submersa do celebre recife de pedra ou molhe natural, que cobre a costa da capitania de Pernambuco, e a do norte até o Rio Grande; o mar se quebra ali com violencia, e dentro do molhe, que apparece como uma linha negra, os navios se acham em socego junto á cidade.

O ancoradouro para as grandes embarcações é no Poço, para dentro do recife submerso, a um tiro de canhão ao norte

do forte do Picão. Ha ali uma passagem chamada Barra Grande ; foi por ella que nós entramos ; a outra passagem, ou Barra Pequena, é bem junto do forte do Picão. Os tres fortes responderiam fracamente ao fogo de uma esquadra e não a impediriam de incendiar a cidade do Recife; contei apenas seis canhões no forte do Picão e dezoito ou vinte no do Brum. Os navios podem ancorar em bom fundo fóra do recife ; mas, em caso de mau tempo, é prudente fazerem-se de vela.

A chegada do piloto, em uma chalupa tripolada por oito negros, nós excepto as tangas, foi um espectáculo novo para mim e uma grande festa para a gente da equipagem; mas, elle nos informou que o *S. João Baptista*, partido de Lisboa no mesmo dia que nós, tinha chegado havia quarenta e oito horas.

Uma cruz de pedra, elevada sobre a península de areia, em face da passagem maior, serve, com alguns edificios de Olinda (1) de guia aos pilotos ; esta passagem é muito estreita ; o recife acha-se mergulhado, sendo preciso muita attenção para entrar. Uma vez no Poço é preciso fundear a quatro amarras e vigiar cuidadosamente, porque o ancoradouro é mediocre e fica-se apertado entre o recife e a costa, com poucas probabilidades de fazer-se de vela em caso de accidente. (2)

O primeiro objecto que lobrigamos ao entrar no Poço foi a carcassa de um navio hespanhol que deu á costa ha um anno ; estava bem fundeado ali, entretanto, garrou.

O Poço não pôde conter mais de 8 ou 10 navios; porisso geralmente só as grandes embarcações ali ficam, as outras sobem depois até á cidade.

No dia 13, a uma hora, ancoramos felizmente no Poço; recebemos alguns viveres frescos, bananas, laranjas, e legumes que nos causaram grande prazer. Os officiaes da alfandega e da saúde viéram cumprir o seu dever; amigos do capitão viéram visitar-nos e apoz um jantar animado pela satisfação

(1) E' com o povoado de Santo Amaro.
N. do A.

(2) Depois que estou no Brasil naufragaram ali tres navios.
N. do A.

de haver acabado uma feliz travessia, cada um fez um pouco de *toilette*, e eu desembarquei, pisando pela primeira vez esta terra do Novo Mundo, ainda desconhecida dos Europeus ha apenas tres seculos.

Ha tres dias que me acho na cidade do Recife. Estes primeiros momentos foram cousagrados ás visitas de negocios e tive pouco ensejo de observar. Entretanto experimento a sensação de um spectaculo todo novo ; pouco a pouco irei me acostumando, mas tambem a impressão irá se enfraquecendo, por isso não farei mal em consignal-a aqui, salvo a rectificar mais tarde o que um exame demasiado vago possa ter acarretado de inexacto.

Com o auxilio da bella carta manuscripta que copiei em Lisboa, posso facilmente orientar-me aqui. Os tres bairros da cidade do Recife, a saber a península do Recife, propriamente dito, a ilha de Santo Antonio, os dois rios, e Boa Vista, sobre o continente, apresentam uma divisão muito natural e muito commoda para observação.

O bairro da península, ou o Recife propriamente dito, é o mais antigo e movimentado, e tambem o mais mal edificado e o menos asseiado. A maior parte das janellas são guarnecidas de grades em toda a altura, as ruas são geralmente estreitas, as casas têm de dous a quatro andares com tres janellas de fachada ; são construidas de pedras caiadas, excepto as molduras das portas e janellas que são de grés conchyífero muito bem talhado. São sómente as grades que lhes dão o aspecto tristonho que offerecem.

Ha um movimento continuo de negros que vão e vêm, carregando fardos e se animando mutuamente por meio de um canto simples e monoton.

Os negociantes, trajados á européa, se reúnem numa pequena praça defronte dum café, onde conversam tranquillamente e não apresentam o aspecto animado de uma bolsa de commercio onde cada um se procura, troca duas palavras, deixa-se e vai rapidamente communicar com uma outra pessoa. Parecem antes com os frequentadores habituaes dos nossos passeios publicos.

As lojas estão sortidas de mercadorias da Inglaterra e da India ; negras percorrem as ruas offerecendo á venda lenços e

outras fazendas que trazem em cestos sobre a cabeça ; os seus pregões se misturam aos cantos dos negros carregadores. Não se vê absolutamente mulheres brancas na rua.

Um pequeno mercado junto de uma igreja offerece á minha vista montões de raizes de mandioca, bananas, ananazes, cajús, mangas e laranjas. As vendedeiras, mui succintamente vestidas, algumas de cachimbo ao queixo, preparam grosseiros manjares para o povo ; a sua nudez não é attrahente, a algumas, porem, não falta graça e elegancia nos movimentos.

Grupos de negros de todas as idades e de todos os sexos, vestidos de uma simples tanga, acham-se expostos á venda diante dos armazens. Estes desgraçados estão acorados no chão e mastigam com indifferença pedaços de canna que lhes dão os compatriotas captivos que encontram aqui. Grande numero dentre elles padece de molestias de pelle e está coberto de pustulas repugnantes.

Entre elles vê-se homens cuja physionomia é ainda altiva ou feroz ; dir-se-ia que, mordendo o freio a tremer, cogitam dos meios de se libertarem ; mas, isto não passa, talvez, de uma illusão, porquanto não se percebe precaução alguma tomada contra as tentativas que possam fazer ; todos não tem este aspecto inquietador. Vi negros muito calmos e muito submissos ; é um espectaculo devéras singular vêr estes grandes latagões musculosos occupados a fiar algodão no fuso : é Hercules em casa de Omphale. As mulheres adultas são desagradaveis á vista ; as suas formas fanadas são expostas sem veus ; não parecem soffrer nem gemer ; entretanto algumas amamentam crianças nuas ; para a mãe e para o filho nunca ha mais do que uma tanga. As raparigas conservam os contornos graciosos da adolescencia ; a côr preta em pouco prejudica o encanto das suas gargantas de Hébe e dos seus seios tumidos ; aos seus olhos não fallece uma certa expressão vultuosa e traduzem com ingenua timidez o desejo de serem compradas por quem as observa com mais interesse ; os negrinhos brincam entre si como macaquinhos, aos quaes muito se assemelham nos movimentos. Nas suas brincadeiras com as negrinhas, a tanga cahe frequentemente sem que isto chame a attenção dos transeuntes. O aspecto geral não apresen-

ta nem prantos, nem gritos, nem desespero; entretanto o estrangeiro que acaba de desembarcar não pôde se furtar a um sentimento penoso, que lhe causa em primeiro logar a vista da escravidão, e em segundo o cheiro desagradavel que se desprende desta população de captivos.

A ilha de Santo Antonio, á qual da acesso uma ponte arruinada de ... pés de comprimento e guarneçada de ambos os lados de pequenas lojas, tem ruas um pouco mais largas do que as do Recife. Encontra-se ali uma praça quadrada, onde estão construindo um mercado coberto, que será de muito bom gosto. Os armazens parecem destinados mais ao commercio a retalho; ha muitos comestiveis, como bacalhau, queijos flamengos, biscoitos, etc., vê-se tambem muitas lojas de ourives que expõem joias massiças, ricas e de gosto bizarro, estrellas marinhas de prata, etc.

A' direita da ponte vê-se o erario que occupa um pequeno edificio, outr'ora parte do palacio construido por Mauricio de Nassau e destruido ha uns trinta annos. Perto dali acha-se tambem a prisão, vizinha de uma casa de aspecto bastante mesquinho a que chamam de sala de espectaculo. As representações acham-se interrompidas por causa do luto da rainha. A' esquerda da ponte está o palacio do governador, que é um antigo collegio de jesuitas sem nenhuma apparencia. Das janellas de detraz tem-se um bello golpe de vista.

Cinco sextos das casas de Santo Antonio têm apenas um pavimento terreo; só em volta da praça e em algumas das ruas principaes é que se encontram casas elevadas como as do Recife. As casas terreas têm janellas, mas sem vidraças; em seu lugar ha uns caixilhos gradeados de madeira; estes caixilhos têm duas charneiras na parte superior; levanta-se a parte inferior para olhar para a rua e quando a pessoa se retira o caixilho volta ao seu lugar por effeito do proprio peso.

Este bairro é habitado por muitos brasileiros brancos natos, e mulatos e negros livres. Encontra-se ali varias bonitas igrejas e conventos, entre os quaes um de capuchinhos italianos.

Quando se lança o olhar no interior destas casas baixas de Santo Antonio e Boa Vista, vê-se as mulheres brasileiras semi-nuas, accoradas ou deitadas sobre esteiras. Estas mu-

lheres quasi nada deixam a desejar á curiosidade libertina ; mas, tambem nada lhe offerecem de muito seductor. A mobilia, que parece consistir apenas numa rêde, algumas esteiras e uns poucos de vasos de barro, annuncia a miseria e a immundicie ; frequentemente é o spectaculo da indolencia ; frequentemente tambem vê-se as mulheres occupadas em fazer renda, e esta industria as desculpa aos meus olhos de muitas das censuras que se lhes faz.

O bairro da Bôa Vista, sobre o continente, é mais alegre e mais moderno. As ruas e as calçadas são ali mais largas, tem algumas casas bonitas habitadas por gente rica, mas que não pertence ao commercio, porquanto quasi todos os negociantes moram no Recife. Deixando-se a rua principal segue-se outras igualmente rectas e guarnecidas de calçadas, mas que são margeadas apenas de casinhas de um só pavimento ; estas ruas conduzem á consideravel distancia no campo e ás casas de recreio. Posso andar durante uma hora, a partir do Recife, sem chegar ao campo. Estas casinhas são azylo dos creoulos e dos negros livres ; as grades são nellas menos cuidadosamente fechadas do que na ilha de Santo Antonio, e eu poderia provavelmente melhor advinhar os habitos e as maneiras dos habitantes. Vejo nellas sem duvida muitas vezes a librê da preguiça ; mas, descubro tambem a almofada de fazer renda ; resta apenas saber ainda qual o uzo que della fazem.

A ponte que conduz de Santo Antonio á Bôa Vista serve de passeio durante as bellas noites deste clima ; é guarnecida de bancos ; o panorama que dali se descortina é encantador ; ao Norte vê-se a cidade e os pittorescos outeiros de Olinda ; ao Sul o rio Capibaribe, o aterro dos Afogados e tambem o Oceano. Canôas indigenas, escavadas num só tronco de arvore, conduzidas por negros nús e munidos de compridas varas, cruzam-se em todos os sentidos sobre as aguas mansas do rio ; no horisonte as ligeiras jangadas, com as suas velas triangulares, são o joguête das ondas agitadas.

Este rio, que na ponte da Bôa Vista não tem menos de 100 a 120 toezas de largura, não é nem o Capibaribe nem o Beberibe, que são dous rios muito pouco consideraveis ; mas, a confluencia de ambos augmentada pelas aguas do mar que vae inundar os mangues pantanosos.

O golpe de vista da ponte é sempre animado ; é a passagem de tudo o que vem dos sertões ou florestas onde se cultiva o algodão ; á tarde é o ponto de reunião dos homens que vão ali respirar o ar fresco ; as jovens e bonitas mulatas, ricamente adornadas sob a capa negra que lhes agasalha a cabeça, mas que têm a habilidade de deixar cahir de tempos em tempos *por acaso*, vêm ali atirar as rédes da seducção ; os seus pés, cuidadosamente calçados de sapatinhos de setim branco, vêm topar com os dos homens sentados e distrahidos ; ellas pedem desculpa, mas, o seu olhar negro e vivo vos diz que aquillo foi um mero pretexto. Não vi ainda ali senhoras da sociedade ; dizem-me que apparecem algumas vezes em noites de luar.

II

No Recife. — *Domingo, 24 de Novembro de 1816.* — Esperava ser um tanto molestado pelo calor ; acho-o, porém, muito suportavel. Meu thermometro, á sombra, marca 22° Réaumur ; mas, temos durante todo o dia uma brisa do NE que refresca muito agradavelmente, ao menos quando se está em repouso e num aposento elevado dando para o mar, como é o meu.

Expondo o thermometro ao sol faço-o subir até 36° não obstante a brisa do NE. Em um clima tão calido deveria de-sejar-se beber licôres arrefecidos, e, em consequencia deste desejo, abrir poços, adéguas, cavidades emfim correspondentes ás nossas geladeiras ; não ha tal, não ha adéguas no Recife, o que provavelmente é devido a que o fundo de areia daria accesso immediato á agua. Uza-se, entretanto, como em Portugal, de vasos porosos para resfriar a agua que se quer beber. O liquido em contacto com as paredes do vaso tende a passar ao estado gazoso pelo effeito do calorico que penetra entre as suas partes ; estas partes dilatadas dão tambem accesso ao calorico contido no liquido encerrado no meio do vaso ; este cedendo do seu calorico esfria ; nisto a theoria e a experiencia estão de accordo ; se deito agua marcando 21 1/2° em um destes vasos porosos, ella não tarda a marcar 19° desde que se opere a transudação. Observo que o arrefecimento é o mesmo, qué eu

colloque o vaso á sombra ou ao sol, sendo mais intenso quando o vaso é exposto a uma corrente de ar, que dissolvendo mais agua em vapor, facilita assim a evaporação.

Fui esta semana até Olinda, antiga capital de Pernambuco, situada a uma legua (3000 toezas) da cidade do Recife. Póde-se attingil-a on pelo isthmo de areia que liga as duas cidades, on por um caminho no campo que começa por detraz da Bôa Vista, ou por meio das canôas indigenas quo sobem o que chamham impropriamente de rio Beberibe, e não passa da innundação pelo mar de uma praia baixa coberta de mangues.

Escolhi este ultimo caminho. Uma fragil canôa conduzida por negros de formas athleticas vos tranporta sobre uma bacia d'aguas tranquilllos como as de um tanque, ao longo do dique de areia, do outro lado do qual o mar se quebra com furor. Esto canal ou este rio não admittte embarcação alguma calando mais de 6 a 7 pollegadas d'agua, e na baixa-mar é impraticavel (1).

A obrigação em que estava de ir e voltar no mesmo dia não me permittiu visitar cuidadosamente a cidade de Olinda. Comquanto seja decorada com o titulo de capital, seja a residencia do bispo e deva ser a do governador durante seis mezes do anno, pareceu-me um deserto ; quasi todas as casas não passam de miseraveis casebres ao rez do chão. Vel-a-ei melhor em outra occasião.

Fui ver o jardim de aclimação das plantas exoticas que o governo estabeleceu e confiou a um francez de Cayenne, ou antes fui visitar este compatriota, porque o intenso calor não permittiu observar o jardim como merece. Com effeito, estranho ainda ás plantas indigenas que a cada passo excitam a minha admiração, como não sentir-me atordoado em meio de um jardim que offerecia aos meus olhos, em pleno viço e guarnecido dos seus fructos, o cravo da India, a muscadeira (esta ainda não fructificou), a canelleira, a fructa-pão

(1) As chalupas dos navios podem subir até Olinda para fazer aguada, quando as marés são fortes. Creio que as marés sóbem a 3 pés, assim enganei-me dizendo que o Beberibe não admittia senão embarcações calando 6 a 7 pollegadas.

e cem outros vegetaes interessantes ; achava-me ali como um homem a quem se embriaga apresentando-lhe copo sobre copo de vinhos estrangeiros que em breve o fazem perder a razão. Abstenho-me de fallar do arrebatoamento que me causou este estabelecimento ; ainda experimento toda a sua ebriedade. Voltarei a ver Mr. Germain, director deste jardim, e tratarei então de pôr alguma ordem na inspecção das plantas preciosas cuja cultura lhe está confiada.

Fui convidado para jantar pelo guardião do convento de Santa Thereza, da ordem a que chamam, creio, de Terceira de S. Francisco ou carmelitas descalços. São frades mendicantes que se devem abster de carne ; são em numero de onze, mas oito dentre elles estavam ausentes.

O seu convento é vasto, bem situado para que a brisa do mar possa refrescar todas as suas partes. O jardim é pequeno e mal cultivado, com quanto haja uma bôa roda d'agua para regal-o.

O rio Beberibe foi reprezado em Olinda por meio de um dique que os hollandezes (1) construíram para impedir o accesso d'agua salgada. E' proximo a este dique que está situado o convento ; elle recebe uma porção d'agua dôce do rio que depois vae despejar no mar, e é utilizada para a rega do jardim, as necessidades domesticas e a alimentação de um delicioso banheiro coberto, capaz de conter 10 ou 12 pessoas.

Os bons padres nos acolheram com a mais franca das hospitalidades. O guardião jantou connosco no refeitório, mas, em mesa separada. Cada um de nós tinha a sua porção servida separadamente, uma tigella, uma bilha, uma vinga-greira, uma laranja, duas talhadas de melancia, etc. Não era um talher, mas sim uma mesa servida para cada um. O peixe era excellente e um irmão leigo nos servia de vinho do Porto, do qual o guardião se absteve.

(1) Não estou certo que fossem os Hollandezes, O genero da construcção é portuguez. Aqui não ha ciceroni ; é preciso advinhar tudo

N. do A.

Era fundada a duvida do A. porquanto a represa do rio Beberibe, no Varadouro, foi construida pelos Portuguezes.

N. do T.

Depois do jantar nos estenderam esteiras no chão para fazermos a sêsta ; depois disto veio o banho ; apóz, na minha qualidade de estrangeiro, me foi preciso fazer frente ao guardião e a um outro frade, aos quaes nenhuma das circumstancias da nossa Revolução franceza era estranha ; as suas infundáveis controversias demonstravam a sua erudição e o desejo de se instruir ; mas, não contribuíam a instruir-me do que um estrangeiro deseja saber sobre o Brasil ; a todo o momento eu procurava leval-os a fallar do interior do paiz que tantas vezes têm percorrido ; mas, a politica europêa era a sua mania, e eu os deixei todo envergonhado de ter sido menos habil do que elles na arte de fazer perguntas que decidem do assumpto de uma conversação.

Não é esta a primeira vez que noto que entre os frades, mesmo mendicantes, se encontra mais espirito e instrucção do que nas outras classes. Não é senão nesta superioridade de conhecimentos, presumo eu, que se deve procurar a causa da manutenção da sua existencia em meio da opinião geral que reclama a sua suppressão, opinião que tem penetrado das classes elevadas ás medias, e que se manifesta em todos os estados portuguezes com a maxima liberdade. Engenheiros, astrónomos, mathematicos, os frades souberam por muito tempo se tornar uteis e necessarios ; os serviços que prestaram foram esquecidos desde que os seculares cultivaram as sciencias ; parece não se crêr que a gratidão devida aos individuos se deva estender á ordem.—Vêde como foram tratados os jesuitas, estes verdadeiros conquistadores do Novo Mundo. Os frades só conservaram aqui certo imperio sobre a plebe ; vi em Olinda mulatos se prosternarem aos pés dos meus companheiros e beijar-lhes a fimbria do habito ; mas, diz-se que estes actos de veneração não são devidos senão á facilidade com que lhes concedem a absolvição e o ardimento com que pregam irrevocavelmente todos os crimes, sem mencionar assaz expressamente a necessidade do arrependimento e do firme proposito de mantel-o.

Os frades de Santa Thereza de Olinda são servidos por escravos ; testemunhei o meu pasmo por ver christãos manterem christãos na escravidão ; responderam-me que os bene-

dictinos possuíam engenhos e por consequencia escravos. Parece que as leis canonicas o autorisam.

A igreja do convento é decorada de muitos ouropéis ridiculos, como todas as igrejas que aqui tenho visto ; mas, notei umas figuras de cêra feitas pelo guardião actual, que são de um desenho excellent e denotam um grande talento. Citarei entre outras um menino Jesus dormindo sobre uma almofada, extremamente gracioso.

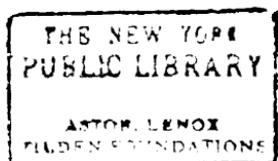
.....

Quando o S. Sacramento passa pelas ruas do Recife, todo o mundo ajoelha ; se ha algum corpo de guarda perto, o tambor rufa, os soldados entram em fórma, põem o joelho em terra e dão um cabo e dous soldados que acompanham descobertos ao padre.

III

No Recife de Pernambuco, — 1 de Dezembro de 1816. — Durante os primeiros dias da minha chegada ao Brasil e fui obrigado a reprimir a todo o instante os desejos que me impelliam a visitar os arredores da cidade do Recife, e os quadros tão novos para mim que offerecem os campos equatoriales. Tinha negocios a cuidar, cartas de recommendação a entregar, visitas commerciaes a fazer ; presentemente que estes primeiros cuidados foram satisfeitos, posso dispôr dos lazeres que em outros paizes são consumidos em jantares e outras civilidades de que são ordinariamente objecto os estrangeiros recémchegados e bem recommendados ; posso me satisfazer sem nada descurar dos meus deveres. Por isso fiz esta semana alguns longos passeios a pé em volta da cidade.

Para bem se orientar em um paiz, é preciso começar recordando um pouco a sua historia ; esta transição do conhecido para o desconhecido é absolutamente necessaria se não se quer limitar-se a uma admiração ignorante ou estúpida, e se se deseja dissipar a impressão destes contos maravilhosos, que ouvimos na puericia com tanta avidéz, de selvagens do Brasil, de viajantes perdidos, devorados por anthropophagos, etc., narrativas epicas que não figuram mais na historia do



Brasil senão como as aventuras heroicas de Hercules e de Theseu na historia da patria de Pericles e de Platão

No decurso do seculo XV, os Portuguezes esclarecidos pelo illustre principe D. Henrique, eram os mais habéis navegadores do mundo. Esta habilidade lhes tinha valido interessantes descobertas na costa occidental da Africa e os tinha feito emprehender expedições maritimas que só a ignorancia chamava de aventurosas; está provado que nenhuma dellas foi devido ao acaso, e que era guiados pelo phanal da sciencia que os Portuguezes procuravam um caminho maritimo para os ricos paizes das Indias Orientaes. Se a côrte de Portugal regeitou os offerecimentos de Colombo, foi porque contava homens mais habéis do que o illustre Genovez. Este se propunha alcançal-as dirigindo-se para o Oêste; os Portuguezes queriam attingil-as pelo Lêste; observavam com justa razão que a sua derrota não podia ser senão de 80 a 90 grãos do equador, emquanto que a outra seria de 250 a 260° o que dava em favor do seu systema uma differença de 3000 leguas ou do terço da circumferencia da terra. Com effeito elles resolveram o problema cuja solução Colombo tentára em vão: Vasco da Gama dobrou o Cabo da Bôa Esperança e chegou ás Grandes Indias em 1497; mas, visando o mesmo fim Colombo, em 1492, aportára á America que não procurava; acontecimento *imprevisto* que mudou a face do mundo. Afim de navegar para a America nas pégadas do seu inventor, os Hespanhões se lançaram para o Oêste até 60 e 70° da Ilha do Ferro. Afim de chegar ás Indias na esteira das náus de Vasco da Gama, os Portuguezes não foram além de 5 a 15°; um delles, Cabral, navegando accidentalmente a 6° mais a O aportou em 1500 a um grande continente, e o Brasil foi descoberto.

Em oito annos, de 1492 a 1500, os caminhos da America foram abertos aos Europeus. Cabral aportou em 1500 a Porto Seguro, 160 leguas ao Sul de Pernambuco. Em 1516 as costas do Brasil foram exploradas; o rei de Portugal, D. Manuel, o Venturoso, o dividio em feudos que concedeu aos grandes senhores da sua côrte com obrigação de nelles fun-

darem estabelecimentos, em 1520 (1). Duarte Coelho obteve o feudo que veio mais tarde a ser a capital de Pernambuco, e fundou a cidade de Olinda, nome que lhe deu attenta á sua deliciosa situação.

Na epocha destas brilhantes expedições maritimas, nós os Francezes estavamos tambem animados do desejo de nellas tomar parte; encontrava-se por toda a parte alguns aventureiros francezes; Coelho encontrou dentro do recife de Olinda um armador de Marselha; mas, os nossos soberanos não julgavam a proposito secundar efficazmente este impulso; o nosso rei Francisco I, cujo valor cavalheiresco, qualidade individual, não póde dissipar a ambição, qualidade despovoadora, prodigalisou o sangue dos seus subditos para conquistar a Italia. O Pae das Bellas Artes em França não parece tel-o sido tambem dos seus subditos.

Emfim, os Portuguezes fundaram um grande imperio e elevaram a sua pequena patria ao lugar das mais poderosas nações do mundo, por effeito apenas dos cuidados dos seus soberanos.

Quanto maior admiração não excitariam as suas façanhas se não tivéssem sido manchadas pelo sangue dos indios?

Neste particular tem-se menos censuras a fazer aos Portuguezes do que aos Hespanhões. Consolemo-nos de não havermos participado dos seus successos se, por isto, ficamos *um pouco menos culpados*.

O estabelecimento de Coelho em Pernambuco não podia ter lugar senão pela invasão do paiz que pertencia (se occupar em primeiro lugar constitue posse) á tribu nomada dos Cahetés.

Esta invasão causou guerras com os indigenas; massacrrou-se, devorou-se homens, fez-se prodigios de valor; os Indios precipitavam-se sobre as armas de fogo; 90 Europeus e 30 escravos negros sustentaram, em Iguarassú, um cerco contra 12000 Cahetés; a infancia do estabelecimento foi o tempo dos prodigios, o progresso o dos massacres. Em vão os jesuitas protejeram os indios; estes eram caçados como animaes para

(1) Dup'o erro do A.: a divisão do Brasil em capitánias só teve lugar sob o reinado de D. João III e a partir de 1534.

N. do T.

serem reduzidos á escravidão. O governo, vacillando entre a consciencia e a ambição, prohibia este horrivel attentado, mas não punia os transgressores das suas ordens.

Pouco a pouco os indios foram instruidos ou expulsos, e substituidos por negros da costa d'Africa. Actualmente apenas se encontram algumas miseraveis aldeias de Indios baptisados a 20 e 30 leguas do Recife, e as herdias indigenas não apparecem mais a menos de 150 leguas da cidade.

Desde a origem da colonia de Pernambuco a cultura da canna de assucar, trazida das ilhas Canarias, occupou o primeiro lugar; a extracção da madeira de tinturaria parece já-mais ter passado do segundo; a cultura do algodão é inteiramente moderna. Em 1560 contavam-se 50 engenhos. A prosperidade ia sempre augmentando, quando no começo do seculo XVII (1) o throno de Portugal ficou vago em seguida á temeraria expedição do rei D. Sebastião á Africa; seu herdeiro era ecclesiastico; reinou, mas, não deixando posteridade, Felippe II, rei de Hespanha, reclamou o sceptro de Portugal em nome de sua mulher.

Estes direitos que 80 annos (2) mais tarde foram classificados de illegitimos, foram todavia então reconhecidos pelos povos da metropole e das suas colonias excepto os Açores que resistiram por muito tempo). Este advento dos reis de Hespanha ao throno de Portugal é a epoca mais lamentavel da historia deste ultimo paiz. Os Hollandezes em guerra com a Hespanha, tiveram o direito de tratar como inimigos aos Portuguezes que partilhavam a causa dos Felippes. Atacaram as possessões dos Portuguezes nas duas Indias e se apoderaram do sceptro dos mares. O Brasil foi um dos alvos dos seus ataques; apoderaram-se da Bahia, mas foram dali expulsos graças á energia desenvolvida pelo bispo desta cidade (Teixeira) (3); foram mais felizes em Pernambuco e aqui estabeleceram um

(1) Os successos a que allude o A. tiveram lugar de 1578—80 e não no começo do seculo XVII.

N. do T.

(2) Aliás 60 annos.

N. do T.

(3) Outro engano: a restauração da Bahia foi operada pela expedição ás ordens de D. Fadrique de Toledo Osorio, em 1625.

governo que possuio esta bella capitania durante 20 annos. (Não estou certo quanto durou.) (2)

Com os cuidados do principe Mauricio de Nassau, habil general e habil administrador, a colonia attingio a grande prosperidade de que ainda se veem os vestigios, e toda vez que aqui se observa alguma construcção importante sabe-se ser obra dos Hollandezes. Parece que Mauricio de Nassau se occupou mais do bem estar dos Brasileiros do que das avidas exigencias de dinheiro que lhe fazia a companhia de commercio a cujo soldo se achava ; foi chamado á Hollanda e deixou em Pernambuco uma memoria muito venerada.

Os seus successores opprimiram os Brasileiros, e estes, tendo á frente o heróe Fernandes Vieira, os expulsaram em 1654 ; cumpre lêr na propria historia os prodigios de valor operados durante esta guerra, emprehendida sem manifesto consenso dos reis de Portugal, que acabava de recuperar a sua independencia, e mesmo contra as suas ordens. Não ha duvida que Fernandes Vieira que, com risco da sua vida, da sua fortuna e da sua honra, restituiu Pernambuco ao seu soberano, teria sido um grande criminoso se não houvése alcançado um grande successo, porque a guerra que elle se obstinou a sustentar contra os Hollandezes podia comprometter a metropole, e, se bem que fôsse animado dos mais nobres motivos, sabemos que os reis não os levam em conta e os punem quando o desfecho não os justifica.

Com effeito não é permittido a particulares fazer guerra sem autorisação do governo ; e assim deve ser, porque a administração comprehende todo o conjuncto do Estado e não uma provincia isolada. O exemplo de Fernandes Vieira é muito perigoso a citar.

Voltando ao dominio portuguez, Pernambuco floresceu durante o seculo XVIII, mas, não fez mais os mesmos progressos desde que os assucares tiveram que entrar em concorrência na Europa com os das Antilhas, onde a cultura fazia passos gigantescos ; parece mesmo que se achava em declinio, quando ha vinte annos a cultura do algodão lhe veio dar novo

(2) 24 annos, de 1630—54.

vigor ; mas, o que o elevou ao gráo de prosperidade de que goza presentemente, e que me parece o preludio de um progresso ainda maior, foi a transladação para o Brasil da côrte de Portugal em 1806 (1) e a abertura dos seus portos a todos as nações, acontecimento que, libertando-o do monopolio de Lisbôa duplicou o preço de todos os productos e occasionalmente diminuiu na mesma proporção o de todas as mercadorias importadas.

E' neste estado que encontro Pernambuco, e é deste ponto de vista que vou examinal-o durante a minha estada aqui. Fallando desta capitania e dos Brasileiros, não pretenderei tratar senão da cultura e do commercio que ella deve aos Europeus, e os meus Brasileiros são os decedentes mais ou menos directos, mais ou menos misturados dos Europeus ; não me occuparei nem de desertos, nem de monstros selvagens, nem de authrophagos ; entre elles e a minha pessoa medeia uma immensa zona em que se falla o portuguez, e é provavel que não a transporei.

Desejaria muito poder traçar aqui um resumo geographico da capitania em geral ; mas, não pude ainda nada obter de satisfatorio a este respeito.

Como escreverei á medida que me for informando, me expinho a desordenar muito as minhas notas ; mas, isto pouco me inquieta : si algum dia ellas tivérem qualquer merito, será diminuto trabalho estabelecer a ordem necessaria.

Um exemplo desta confusão se encontra aqui mesmo : vou me occupar dos meus passeios em volta da cidade, e deveria certamente fazel-os preceder de notas geraes geographicas e estatisticas ; mas estas se obtem mais difficilmente do que se realisam aquelles. Deus sabe se poderei mesmo jamais recolhê-las em meio das occupações mercantis que me trouxéram áqui. Felizmente não estou encarregado de dar conta da minha viagem a pessoa alguma, e não tenho que me accusar se escrevo cousas ociosas, pois que o faço para meu simples deleite.

Quando os Hollandezes se apoderaram de Pernambuco, a capital era a cidade de Olinda ; a do Recife não exitia ou era

(1) Aliás 1808.

apenas um miseravel agrupamento de cabanas de pescadores levantadas sobre a península. E' pelo menos assim que a vejo figurar nas cartas hollandezas que remontam a 1640. No decurso da guerra Olinda foi destruida, por ser difficil de fortificar, e a opulenta cidade do Recife ergueu-se, estendendo-se successivamente da península á ilha de Santo Antonio, que se chamou Mauritstad, e de lá á Boa Vista, sobre o continente; as duas pontes que encerra foram as primeiras construidas no Brasil e são devidas a Mauricio; os fortes que a defendem são igualmente obra dos Hollandezes.

Esta situação insular e peninsular é pouco favoravel ás excursões que um passeante á pé queira fazer em redor da cidade. Ensaiei sahir pela península que conduz do Recife a Olinda; é, porém, de uma areia arida e movediça que a torna pouco praticavel; mas, a gente do paiz que anda descalça encontra terreno mais solido seguindo por dentro d'agua ou proximo a ella; preferem o lado occidental que não é batido pelas vagas; do outro lado goza-se da vista do immenso Oceano e da navegação das jangadas. Todos os pescadores habitam esta parte septentrional do Recife. Na praia não se encontram conchas de especie alguma.

O Recife de pedra ou molhe natural não se presta a passeios; é anfractuoso e frequentemente alagado pelas ondas mais fortes. E' notavel por ser a pedra que o compõe um grés muito duro no qual se acham embutidas numerosas conchas perfeitamente conservadas; não vi senão bivalves e não posso qualificar-as de fosseis; nas cavidades do molhe se encontram muitos ouriços armados de espinhos moveis; são de côr preta, assaz bons para comer, mas, não os vi no mercado da cidade.

Só se póde sahir da ilha de Santo Antonio pelo aterro do Sul chamado dos Afogados, o qual conduz á uma bonita povoação situada a uma legua da cidade, atravessando uma planicie arenosa e pantanosa coberta de mangues, que servem de refugio a myriades de carangueijos.

A' primeira vista o mangue (1) não tem um aspecto es-

(1) *Rhizophora*, da familia das madresilvas.

N. do A.

tranho para o Europeu, forma immensos bosques de verdura, e parece com os arbustos que guarnecem as nossas sebes ; mas, ao approximar-se destas massas de verdura vê-se que os ramos, depois de se terem erguido, recurvam-se para a terra, se implantam nella, criam raizes, e formam abobadas baixas, sob ás quaes a passagem é tanto mais difficil quanto o vegetal só viceja na lama. Produz uma flor bem bonita, de quatro petalas, e um fructo comestivel ; mas, acre e pouco agradável. Ha sobre o aterro algumas cabanas feitas de folhagem, nas quaes habitam mulatos e negros livres.

Não conhecendo os costumes do paiz, suppuz fossem senhoras da cidade que tivéssem vindo se recrear sob estas habitações temporarias, as mulheres vestidas de finas musselinas bordadas que encontrei deitadas sobre esteiras á porta das cabanas ; fui tentado a lhes tirar o chapéu. Não passavam de gente miseravel de quem a elegante camisa de musselina forma todo o enxoval. O marido vae apanhar alguns carangueijos nos mangues, compra um punhado de farinha de mandioca, por 3 ou 4 soldos, e com isto sustenta toda a sua familia, que póde, por meio de uma existencia tão frugal, se entregar á ociosidade descuidada que constitue toda a sua felicidade.

Encontra-se ao longo do aterro algumas plantações de coqueiros e palmeiras. São estas arvores eminentemente equatoriaes que chamam particularmente a attenção do Europeu ; é a sua presença que lhe recorda principalmente que se acha em novos climas. Não podia me saciar de contemplal-as ; devorava com os olhos a noz suspensa do tronco do coqueiro, e acreditava não poder tomar possessão da America sem saborear o seu fructo sobre a propria arvore ; mas, elle estava fóra do meu alcance.

O coqueiro, da familia das palmeiras, é provavelmente o maior dos monocotyledoncos ; o seu tronco, que se cleve nũ até 50 e 60 pés é herbaceo e sem consistencia ; de sua extremidade superior e de um só ponto, surgem folhas aladas, longas de 10 a 15 pés ; as mais baixas se curvam elegantemente para a terra. Do centro das folhas partem dous espathos a cada um dos quaes estão presos até 20 a 30 côcos. Veem-se coqueiros que tem 150 fructos dos quaes poucos abortaram. O elegante

e útil ramallete balança-se graciosamente sobre o seu tronco flexível.

O dendezeiro tem, á primeira vista, o porte do coqueiro. De um tronco herbáceo surgem igualmente longas folhas aladas ; mas, esta arvore é menos elevada do que a outra ; á medida que se eleva as suas folhas inferiores cahem e deixam sobre o tronco a marca da sua existencia, enquanto que o tronco do coqueiro é mais liso, tendo apenas ligeiros vestigios das primeiras folhas. O que o distingue eminentemente é o fructo ; o coqueiro tem espathos guarnecidos de côcos ; o dendezeiro apenas produz pequenos grãos de que se extrahê o azeite por pressão.

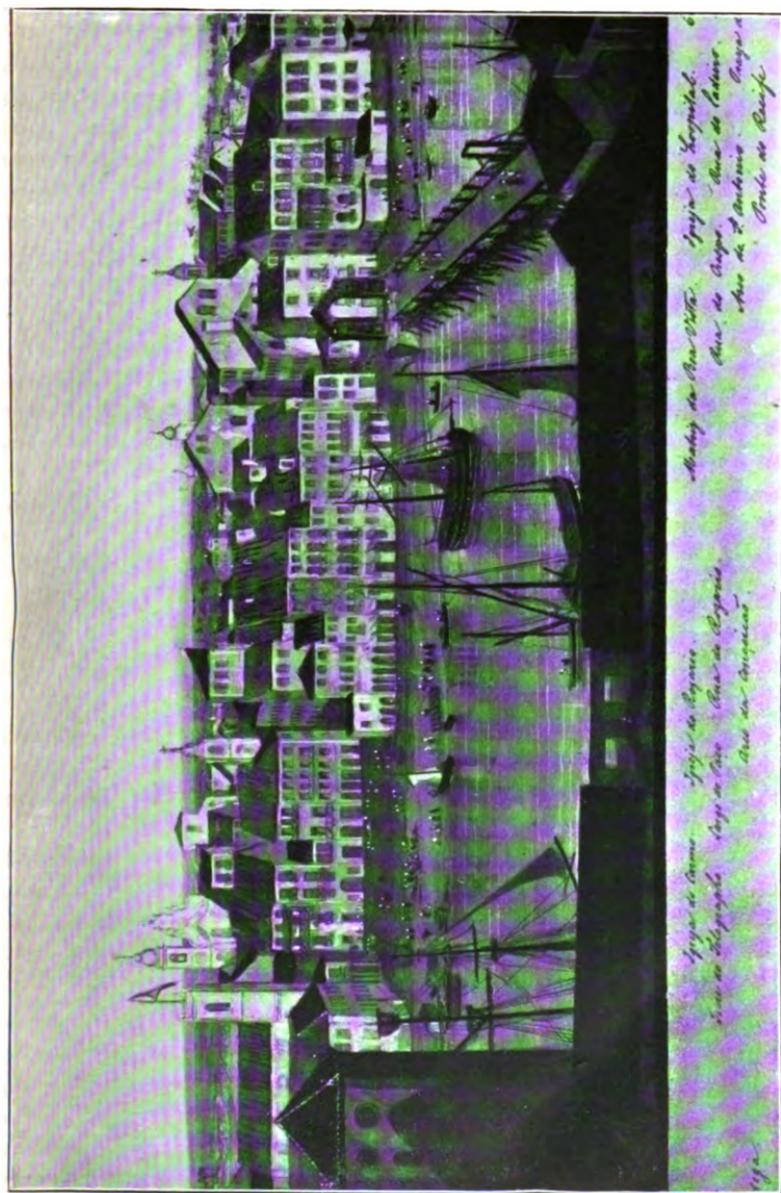
O mangue, o coqueiro e o dendezeiro foram as arvores que mais provocaram a minha attenção no meu passeio pelo aterro dos Afogados ; o campo é geralmente plano, arenoso e pantanoso.

Vi ali duas qualidades de carangueijos : um de duas tenazes e outro de uma só ; talvez tenha tambem duas ; mas, uma dellas é muito pequena e quasi que abortada. O tamanho dos primeiros é algumas vezes de seis pollegades sem as patas.

Não vi rãs nem sapos, lobrigando apenas uma cobra que colleava por sob os mangues ; seria que este ultimo reptil tivesse destruido os outros ?

Quando se sahe da Boa Vista para o Sul erra-se por muito tempo entre os muros que cercam os jardins o que é pouco agradável ; mas, affrontando um pouco as difficuldades que ao caminhante oppõem as estradas arenosas a pessoa se dirigindo para o Norte ou o Nordeste chega ao campo bem digno da curiosidade de um recémchegado ; eu o percorri pelo caminho interior que conduz a Olinda ; é um pouco fatigante a pé ; seria preciso um cavallo para estas excursões ; mas, andando devagar pôde-se chegar tranquillamente até a entrada de Olinda e regressar pelas canoas do Beberibe.

O que entendo por digno da curiosidade do recémchegado, não é o aspecto pittoresco da região, que é toda plana, sem nenhuma ondulação do terreno, mas, a feição estranha dos vegetaes e da sua cultura ; sem lhes conceder a preeminencia sobre os que adornam os nossos campos da Europa, não posso



*Igreja de Santo Agostinho Igreja de Nossa Senhora do Rosário Igreja de São Francisco
 Igreja de São Pedro Igreja de São João Igreja de São Paulo Igreja de São Sebastião
 Igreja de São Vicente Igreja de São Xavier Igreja de São Antonio Igreja de São Bento
 Igreja de São Domingos Igreja de São Francisco de Assis Igreja de São João Evangelista
 Igreja de São José Igreja de São Martinho Igreja de São Nicolau Igreja de São Pedro de Alcântara
 Igreja de São Raimundo Igreja de São Roque Igreja de São Salvador Igreja de São Vicente*

PANORAMA DO RECIFE, II.
 (Aquarella do principio do seculo XIX.)

THE NEW YORK
PUBLIC LIBRARY
ASTOR, LENOX
TILDEN FOUNDATIONS

negar que fazem esquecer-os por alguns instantes, ao menos pelo attractivo que offerecem á curiosidade.

Os caminhos apertados entre duas cercas só são accessiveis a cavalleiros : de ambos os lados erguem-se palmeiras projectando as suas folhas em meios-arcos, que reunindo-se formam lindas abobadas de verdura ; as cercas são sebes vivas feitas de arbustos ; ficam-nos na terra como estacas, muito perto uns dos outros ; em breve brotam pequenos ramos que são reunidos e entrelaçados com folhas de coqueiros ou de palmeiras ; não tarda que as campanhãs, os dolicos, os jasmims e os maracujás venham revestir de uma verdura animada estas cercas, a principio um tanto núas.

D'outras vezes as sebes são formadas de lrangeiras espinhosas que dão um fructinho pouco agradável ; são mais raras ; a todas, porém, alegam as flores brilhantes e abundantes que ostentam as trepadeiras, os jasmims, algumas lianas e sobretudo a bella flor da paixão ou do martyrio, que produz um fructo muito bom, semelhante á nespêra no sabor e á ameixa na apparencia : o maracujá.

Encontrei nestas cercas uma trepadeira cuja vagem erigida de pellos causa uma dôr muito viva a quem a toca sem precaução ; disto fiz uma experiencia involuntaria de que me resultou tres horas dum ardente prurido.

As arvores que se vêm misturar ás cercas e vicejam pelo campo afóra, são : o mamoeiro, arvore de succo leitoso cujo tronco é encimado de folhas semelhantes ás da figueira ; o seu fructo, parecido ao dos tomateiros, é muito succulento, mas, creio que pouco procurado. O mamoeiro não dá sombra.

O cajueiro é muito commum e assaz frondoso ; cresce naturalmente sem ser cultivado ; mas, costumam roçar o matto em derredor e conservam-no por causa do seu fructo. Este fructo é a noz reniforme a que chamamos na Europa « noz de cajú », cujas duas valvas contem um oleo volátil e caustico e recobrem uma amendoa bastante saborosa ; mas, o que chamam o fructo do cajueiro é o penduculo carnudo no qual está implantada a noz ; é amarello, chega ao tamanho de uma pêra, sendo muito succulento. Os estrangeiros acham-no um tanto acre e por isso pouco o procuram ; os negros e o povo do Recife devoram-no com avidéz ; creio que é muito proprio a

extinguir a sêde. Cumpre distinguir o cajú de que fallo daquelle cuja madeira é tão apreciada na Europa para moveis : este é o mogno, arvore de especie inteiramente differente ; a madeira do cajueiro fructifero é esponjosa e serve apenas para lenha.

Vê-se tambem algumas cabaceiras, cujo merito principal é de fornecer os vasos de que se servem em todos os lares para guardar agua ; pensava até então que as cabaças fossem o producto de uma cucurbitacea, mas, sou informado que uma e outra dão fructos.

A arvore mais curiosa que encontrei na minha excursão foi a jaqueira ; eleva-se á altura dos nossos grandes carvalhos e estende os seus fortes ramos desprovidos de folhagem excepto nas extremidades ; ligado immediatamente ao tronco ou aos grossos ramos, longe de qualquer rebento verde, pende um fructo enorme e oblongo, do comprimento de 18 a 24 pollegadas e do diametro de 12 a 15, pezando pelo menos 24 libras ; a sua casca tem alguma analogia com a do ananaz ; mas, quando se o abre encontra-se uma placenta ou receptaculo que se estende ao longo de toda a massa e ao qual estão ligados os fructos carnudos separados uns dos outros por membranas um pouco fibrosas ; têm um sabor adocicado que lisongeia a principio o paladar, mas, por falta de acidez se torna em breve insipido. Como todos estes fructos se acham contidos em um involucro commum e succulento, analogo ao do melão, consideram a massa assim envolvida como um só fructo ; tem então o tamanho das nossas aboboras, cidras ou cidrões, e suspenso a grande altura ao longo do tronco tem um aspecto ameaçador ; a sua quéda seria perigosa para quem se achasse no seu trajecto.

Tomei a principio o fructo da jaqueira pelo ninho extraordinario de alguns passaros ou pela habitação de certas vespas. Si a jaqueira é curiosa devido ao seu fructo, a mangueira é admiravel por causa do seu porte, da espessura da sua folhagem e da sombra extensa que espalha. A mangueira é a rainha das arvores das cercanias do Recife (aqui ainda se está muito afastado das grandes florestas virgens) ; ergue-se á altura dos nossos grandes castanheiros dos quaes produz o effeito na paizagem, tanto pela disposição dos ramos como pelo colorido das suas flores em janiculos. Produz uma immensa

quantidade de fructos, que são umas drupas de gosto um pouco acre e sabor de therebentina ; comem-nos crus ; mas, são melhores confeitados em vinagre ; seriam certamente muito mais apreciados não fôsse a abundancia de outros fructos mais deliciosos e igualmente abundantes. Quando se tem conseguido vencer a repugnancia pelo gosto de therebentina da manga, a predilecção por esta fructa torna-se uma paixão, e vi Europeus irem ao extremo de preferil-a ao pecego. Ainda não fiz bastantes progressos para achal-a menos do que detestavel, mau grado os amadores tenham tudo empregado para fazer-me apreciar as suas melhores qualidades.

Estas arvores, de que acabo de fallar não como botanico, mas, notando apenas as suas fôrmas exteriores ; que me farão, conservar mais facilmente a sua lembrança ; estas arvores digo, formam as grandes massas da vegetação que guarnece as margens dos caminhos ; se se penetra nos cercados vê-se ainda a canna de assucar e o algodão, cuja cultura em grande escala é feita mais para o interior do paiz ; são pomares de laranjeiras, cajueiros, plantações de bananeiras e de mandiôca. Antes de fallar destas duas plantas interessantes, devo notar que se encontra aqui e ali, a goiabeira, arbusto que dá uma linda flôr branca de cinco pétalas, á qual succede um fructo analogo á manga, de que se faz doce ; a pervinca, que brota espontaneamente ao longo dos muros e adquiriu, dizem, neste paiz qualidades maleficas, e o ricino que produz uma especie de noz da qual se extrahê o azeite chamado de carrapato. E' provavel que esta planta seja cultivada em maior escala em outras partes da provincia, porquanto o azeite de carrapato é de uzo geral para a illuminação. (A planta não é cultivada, deixam-na crescer.)

A bananeira, que tem o porte de uma arvore, pois se eleva até vinte pés, possui entretanto apenas por tronco o enrolamento superposto das suas largas e compridas folhas, que se reúnem em feixe na altura de 10 a 12 pés e se espalham á direita e á esquerda, ostentando a maxima vegetação follicular que conheço ; algumas destas folhas têm de 6 a 8 pés de comprimento e 12 a 18 pollegadas de largura ; nos tempos de secca ellas se rasgam perpendicularmente á sua vertebra e os parenchymas se desenhãem em franjas. Do centro destas fo-

lhas pendem um ou mais cachos de bananas, que têm de 4 a 6 pollegadas de comprimento e 15 a 16 linhas de diametro. Um cacho contem nas vezes 150 bananas e peza 70 libras. Este fructo precioso, porquanto é um dos principaes alimentos do paiz, tem um gosto um pouco assucarado, mas, algumas vezes sebaceo e saponaceo ; não tem pevides e a sua polpa é com frequencia desenxabida ; crú não lisongeou o meu paladar ; mas, assado como batatas, as substitue perfeitamente ; preparam-no de muitas outras maneiras ; mas, então não é o gosto da fructa e sim a arte do doceiro que se aprecia. Uma geira de terra plantada de bananeiras pôde, dizem, sustentar cinquenta pessoas, e não exige cuidado algum. Quando a bananeira tem dado cacho, corta-se o tronco e encontram-se ao pé delle rebentos que crescem e podem produzir no fim de 4 ou 5 mezes ; ignoro quantas vezes se pôde assim podar sem plantar ; basta, porém, ter indicado que enorme quantidade de alimento pôde produzir em um pequeno espaço e quão pouco trabalho exige, para demonstrar todo o seu valor.

A mandiôca representa papel ainda mais importante, porquanto forma a base da alimentação de $\frac{7}{8}$ dos habitantes da capitania de Pernambuco e ao que parece das adjacentes ; exige, porém, mais cultura. É quasi que a unica planta que nas visinhanças do Recife dá lugar ao emprego da enxada, todas as demais parecem ser dons gratuitos da providencia. (Observemos que aqui estamos longe das grandes culturas de canna e de algodão. Vê-se apenas, aqui e ali, alguns algoeiros junto das casas.)

A mandioca (*Jatropha manihota*) é uma especie de euphorbeacea, cresce á altura de 2 a 3 pés e produz uma bella flôr de 5 petalas do centro da qual surgem elegantemente cinco dos seus dez estames sobre filêtes muito longos. Esta flôr não se observa senão nas mandiôcas que se encontram longe dos campos cultivados. Creio que arrancam a planta antes da floração ; ella se renova por meio de simples estacas ; são as raizes que servem de alimento. Para multiplicar-as abacellam-se as plantas junto ao pé ; a colheita faz-se no fim de 8 ou 9 mezes. Estas raizes são negras, tem de 5 a 6 pollegadas de comprimento e são pouco mais grossas do que um dêdo. Sabe-se que esta raiz comida sem preparação é um veneno vio-

lento ; não é fácil de conceber como o perigo que ameaça foi primitivamente conjurado para se chegar a transformal-a num alimento hoje tão usual. O Sr. Sellow (1) enumera mais de 30 especies de mandiôca no Brasil ; algumas são apenas mediocrementemente toxicas.

A preparação consiste em raspar a pelle negra das raizes, cujo interior é alvo como o da escorcioneira. Por meio de um ralador circular desfaz-se a polpa para facilitar a espessão ; em seguida é collocada sob uma prensa que expelle o succo venenoso que acompanha a substancia salubre e esta é posta a secçar ao fogo ; a polpa, assim purificada e secca fica reduzida a uma farinha grosseira. E' ingerida crúa ou cozida. Dizem que tambem é usada para fazer pão ; aqui só a tenho visto crúa ou cozida. Afirmam que uma libra de farinha de mandiôca pôde sustentar um homem ; um alqueire que peza 4 arrobas ou 128 libras vende-se de 10 a 12 patacas —20 a 24 francos— ou seja 4 soldos a libra, preço equivalente ao do pão que come o povo em França ; é verdade que a farinha de trigo vinda dos Estados-Unidos é vendida por perto de 10 soldos a libra.

As batatas só são cultivadas nos jardins particulares e não apparecem no mercado ; vê-se inhames que se vendem muito barato ; a pinha dá um fructo cujo exterior muito se assemelha ao do pinheiro, mas, cujo interior delle differe por tal fórma que é comido com colhér ; tambem só é cultivada nos jardins, bem como a vinha que dá uvas duas e tres vezes por anno ; estas plantas não representam papel algum no aspecto geral do paiz.

Não posso entretanto me privar de mencionar o prazer que experimentei ao ver pela primeira vez, no jardim do Sr. Director da Alfandega, uma plantação de cafeeiros ; infelizmente não estavam floridos nem fructificavam na occasião. O café não é aqui um genero de commercio, cada um planta no seu sitio alguns pés para o consumo domestico. O resto vem do Rio de Janeiro.

(1) Naturalista allemão companheiro do principe Maximiliano de Neuwied na viagem que este fez ao Brasil em 1815—17,
N. do T.

Vi depois muitos cafeeiros carregados. Não sabem ainda secar o fructo para pol-o em condições de ser transportado ; no Rio de Janeiro já o conseguem muito bem.

Quando consegui adquirir algum conhecimento das principaes plantas do paiz, pareceu-me achar-me já mais bem orientado ; ellas me prestam no campo o mesmo serviço, como pontos de orientação, que os principaes edificios de uma cidade.

Quizéra poder tambem familiarisar-me com os individuos mais característicos dos reinos animal e mineral ; mas, ainda nada tenho notado a este respeito. O sólo é todo arenoso e nenhuma fenda revela o seio da terra.

Quanto a animaes, apenas percebi uma cobra, que ignoro qual fosse, sabendo sómente que formigam em toda a região ; vejo sobre os muros quantidade de grandes lagartos de 12 a 15 pollegadas de comprimento ; mas, delles aos jacarés, que devo encontrar aqui, a distancia é grande.

Os passaros me apresentam grande variedade de plumagem, mas, não ouço cantôres. Só na cidade do Recife é que se encontram macacos e papagaios ; ainda não os vi no campo. Se penso nos insectos sinto renascerem os desgostos que me causam na cidade ; a curiosidade que antes do desembarque me levava a apanhal-os para satisfazer a amigos meus naturalistas, que m'os pediram, não pôde ainda vencer o mau humôr que occasionam sempre que os encontro de todas as dimensões, de todas as fórmãs, de todas as inconveniencias, nas minhas malas, na minha roupa, no meu leito, nos alimentos e por toda a parte.

O exame dos principaes vegetaes que ferem a attenção do passeante no campo entre o Recife e Olinda, exame de mera curiosidade e que não tem relação alguma com o que guiaria e esclareceria o botanico, não pôde fazer-me esquecer as habitações espalhadas no meio delles.

Nestes vergeis de laranjeiras carregadas de fructas que quasi se desdenha de apanhar, á sombra destas magestosas mangueiras que formam abbodadas impenetraveis ao sol, entre estes verdes bananaes cuja frescura desafia o ardor de uma temperatura solar de 28°, se acham as bonitas casas habitadas pelos indolentes cultivadores brasileiros. Quanto ao exterior são conveniente e solidamente construidas ; as portas

e as janellas são conservadas abertas para facilitar a circulação do ar ; no interior quasi que se não distinguem moveis ; mas, sempre se percebe o nicho que encerra a Nossa Senhora a que a familia presta devoção ; ella substitue o fetiche do negro, os deuses lares dos antigos e recebe um culto mais assiduo, porquanto todas as noites se nota uma lampada accesa á sua frente.

Os cultivadores brasileiros perto da cidade possuem algumas vezes um ou dous escravos ; vi alguns que tinham feito armar a rêde sob as arvores ; nella repousavam negligentemente ; suas mulheres estavam deitadas por terra sobre esteiras ; a dez passos delles uma negra arrancava lentamente alguns talos de matto. Parecia que a preguiça descendo com o calor, havia deixado cahir sobre elles todos os seus vapores entorpecedores. Para que alagarem a fronte de suor, se não têm desejos e se uma natureza liberal lhes dispensa dons que excedem ás suas necessidades ?

IV

No Engenho Salgado. — *Domingo, 8 de Dezembro de 1816.* — O negociante a quem fui particularmente recommendado no Recife me recebeu em sua casa e me tem tratado com uma hospitalidade de que este paiz e muitos outros offercem poucos exemplos. Nenhum estrangeiro é admittido nas familias portuguezas, e eu inspirei-lhe bastante confiança para que me introduzisse na sua. Quaesquer que sejam as differenças de maneiras, nada pôde me fazer esquecer que recebo da sua parte um tratamento tão affavel quão desusado geralmente. Delle experimento, sobretudo neste instante, um effeito que o colloca muito acima de quantas festas me podessem ter sido offercidas. Meu hospede, o Sr. R....., percebendo o desejo que eu nutria de ver, mais cedo ou mais tarde, o interior das terras do Brasil, sem hesitar, me propoz acompanhá-lo ao seu engenho *Salgado*, onde acabo de chegar.

Os meus negocios permittindo esta ausencia, acceitei o seu offercimento com sofreguidão igual á urbanidade que o ditou.

Eis-me, pois, fóra dos lugares sujeitos á influencia da Europa. Comquanto um pouco atordoado pela viagem, a fidelidade que me prometti para as minhas notas, e a idéa de que as primeiras impressões são sempre dignas de nota, me faz pegar da penna para consignal-as.

Partimos ante-hontem, a cavallo, do Recife; aproveitando um bello luar nos puzemos a caminho um pouco antes de meia noite e chegamos aqui ás 7 1/2 horas da manhã, tendo percorrido dezeseis leguas, de 2000 toezas, com os mesmos cavallos e sem nos repousar em tão curto espaço de tempo. Pouco direi das cousas do caminho; durante a noite vê-se pouco ou mal. Sahimos pelo aterro dos Afogados e seguimos a principio para o sudoeste atravez de uma planice de areia, coberta de mangues e frequentemente alagado pelo mar; aqui e ali viamos algumas miseraveis palhoças; dizem que servem de refugio a salteadores; mas, nós e os nossos negros iamos fortemente armados.

A tres leguas do Recife paramos, durante um quarto de hora, num pequeno povoado, á beira-mar, chamado Bôa Viagem. Os creoulos brasileiros, reservando o dia para dormir, estavam reunidos em frente ás suas casas para gozar da frescura da noite. As raparigas cantavam e as mulheres dançavam ao som das suas canções. A dança parecia muito com a dos negros, pelo menos quanto á expressão lasciva. Esta bôa gente nos recebeu com muita cordialidade, e nos forçou a acceitar um gole de genebra.

Depois de Bôa Viagem fizemos cerca de duas leguas ao longo da praia; os nossos cavallos se espantavam algumas vezes com o ruido das vagas, que vinham se quebrar sobre o recife, o qual apparecia, de tempos em tempos, perto da costa. Deixamos em seguida o mar e nos dirigimos para o Oeste, seguindo uma estrada, ou antes uma verêda na floresta. A miudourgia abaixar a cabeça sobre o pescoço dos cavallos afim de evitar os galhos que se cruzavam; um dos nossos negros foi violentamente contundido por um delles. Em certos caminhos profundos havia apenas espaço para a passagem de um cavalleiro; nós atravessamos assim dous váus e tres pontes perigosas lançadas sobre pequenos rios; um delles era o rio Sant' Angelo.

**THE NEW YORK
PUBLIC LIBRARY**
ASTOR, LENOX
TILDEN FOUNDATIONS

Por espaço de seis leguas observei um só lugar habitado : era uma distillação de aguardente ; apenas o grillo rompia a solidão com o ruído das suas azas e os pyrilampos lançavam uma claridade phosphorescente tão viva que teria permitido ler-se.

Ao romper do dia encontramos algumas mulheres creoulas, mulatas e negras que vinham de noite do fundo das florestas para ouvir missa no engenho *Garapá*, onde chegamos ás 5 1/2 horas e nos demoramos um quarto de hora. Este engenho é movido por agua. A roda é de pás muito estreitas, no maximo 10 a 12 pollegadas, e tem 25 pés de diametro !!! Depois de ter atravessado algumas montanhas, descemos a uma planice e vimos ainda dous engenhos. Um delles tinha uma bellissima casa de moradia.

Desde o Recife até Salgado (nome do engenho do Sr. R.) por espaço de 15 leguas, encontramos apenas um povoado, tres engenhos, uma distillação e algumas miseraveis cabanas de taipa ou de folhagem.

Estas cabanas são habitadas por mulatos e negros livres que cultivam um pouco de mandioca e raramente bananas ; alguns vão ás vezes offerecer os seus serviços nos engenhos como carpinteiros ou pedreiros. Os que não têm estes officios vivem em um estado que chamar-se-ia miseravel, se se podésse ser miseravel sob um clima que não exige, por assim dizer, nem vestidos nem abrigo, sobre uma terra virgem, que remunera com profusão o mais ligeiro trabalho, em meio de florestas abundantes em fructos deliciosos (1). E' verdadeiramente ali que convem á indolencia estabelecer o seu dominio.

O espectáculo do engenho é bem differente. Aqui, nada de apathia ; tudo é trabalho, actividade ; nenhum movimento é inutil, não se perde uma só gotta de suor.

A' primeira vista o estabelecimento parece bastante com uma das grandes herdades da Beauce. Os edificios cercam um grande pateo quadrado de 60 toezas de comprido sobre 30 e poucas de largo. Vê-se em primeiro lugar uma extensa

(1) Andei mal avisado em accentuar a existencia dos fructos silvestres como recurso alimenticio. Elles não são tão numerosos nem tão procurados como eu me figurava.

construção ao rez do chão, tendo em frente uma galeria sustentada por columnas; é a senzala dos negros (1), deserta durante as horas de trabalho. Vê-se apenas errar sob o alpendre uma ou duas negras que acabam de dar á luz; são dispensadas do trabalho por alguns dias; amamentam os filhos concebidos na escravidão, que serão escravos e que o senhor poderá vender amanhã.

Da senzala domina-se a planice onde se cultiva a canna. O calor é de 27 a 28°, o sol abrasador; vejo expostos ali ao seu ardor 30 negros e negras curvadas para a terra, e excitadas a trabalhar por um feitor armado dum chicote que pune o menor repouzo; ali oito negros vigorosos cortam as cannas que cinco raparigas enfeixam; os carros, atrellados de quatro bois, vão e vem dos cannaviaes ao engenho; outros carros chegam da matta carregados de lenha para as fornalhas. Tudo é movimento.

Proximo á senzala acha-se o engenho; assenta sobre um terraço e o seu tecto repouza sobre pilares; oito cavallos, estimulados pelos gritos de quatro moleques, fazem-no gyrar. Num cercado contiguo estão 100 cavallos de reserva para as mudas; approximam-se todos da construção em que estão as caldeiras afim de se abeberarem n'agua em que se deita as espumas assucaradas de que gostam extraordinariamente. São cinco raparigas negras que apresentam a canna (vi tambem empregar negros neste mistér) aos cylindros verticaes da moenda; as suas formas esbeltas e flexiveis se desenhm com elegancia a cada um dos seus movimentos; mostram-se alegres; o seu trabalho é penoso, muito menos, porém, do que o do campo, porquanto estão ao abrigo do sol. E' preciso que pelo menos uma dentre ellas tenha certo gráo de intelligencia para julgar quando a canna tem passado pela moenda o numero de vezes sufficiente e que não contem mais caldo. Comparo a sua sorte á das jovens empregadas no serviço de fição nas nossas tecelagens de algodão; alguns negros descarregam as cannas chegadas do campo e as collocam ao alcance das mulheres;

(1) Esta senzala de pedra e cal, com um bonito alpendre, é a unica no genero em toda a capitania. De ordinario os negros habitam em cabanas de taipa.

outros transportam em grandes cestos e espalham no terreiro o bagaço inutil da canna, que não é usado como combustivel.

O edificio que encerra a moenda contem igualmente a importante dependencia das caldeiras, onde é cozido o caldo e se forma o assucar. O mestre refinador é um homem livre ; tem ás suas ordens cinco negros robustos que vivem, como elle, em meio de um vapor ardente ; agitam o mel com grandes colheres, e fazem as successivas transfusões que ordena o mestre. O fogo das fornalhas é alimentado dia e noite e mantido durante os cinco mezes que dura a safra. Dous negros collocados em frente ás boccas alimentam o fogo com lenha verde ; outros transportam as formas para a casa de purgar, que é tambem dirigida por um mulato livre. Este tem sob suas ordens dous homens para a refinação e dous outros para esgotar o mel que vae juntar-se num reservatorio commum. Esta dependencia é silenciosa e escura, necessitando de uma temperatura fresca ; communica com a em que se despejam as formas contendo o assucar acabado. Ali os pães crystallizados e purgados são quebrados ; separam-se as qualidades, e espalha-se o assucar, para seccar ainda, sobre duas plataformas moveis que podem ser recolhidas com facilidade em caso de mau tempo ; depois pila-se e encaixota-se o assucar, sendo esta a ultima operação. E' o administrador geral do engenho que tem a inspecção immediata desta dependencia.

Esta exposição do fabrico do assucar é bem succinta ; mas, voltarei ao assumpto quando tivér melhor examinado os detalhes ; vou continuar com a descripção geral de todo o estabelecimento.

Visitei o alpendre em que se descasca, raspa, expreme e torra a mandioca ; é junto á cosinha onde se preparam as rações e da dispensa onde são distribuidas. São as negras mais idosas ou de mais confiança que se acham deste lado. Em redor deste quarteirão alimentar tripudiam os moleques e molecas inteiramente nus. De noite vão dormir na senzala com as mães ; mas, durante o dia recebem ali uma alimentação abundante e quasi que á discipção. Aliás, o que se não lhes dá elles o furtam a seu risco e perigo.

O senhor se interessa por esta miuçalha, sua esperanza, e prefere os negros nascidos no paiz aos africanos ; não desdenha

mesmo de agradal-os com a ponta da bengala e de brincar com elles como se faz com os cãesinhos ou os macaquinhos, com os quaes um tanto se parecem pelos gestos, as attitudes, a malicia e a innocente familiaridade.

Os rapazes mais crescidos, que, porém, ainda não tem vigor bastante para o trabalho, vão cabriolar no meio dos cavallos ou mergulhar no rio que corre ao pé do engenho; frequentemente, de boa vontade ou por imitação, procuram prestar pequenos serviços, carregando alguns objectos.

Ha na casa das caldeiras um negro soberbo, José Canbinda; a sua physionomia é nobre e interessante; tem um filho de dous annos que já anda e não se afasta d'elle mais de seis passos durante o trabalho.

Vê-se brilhar-lhe nos olhos o amor paternal, e involuntariamente a perguntar-se do que não seria elle a desculpar se o senhor viésse a lhe arrancar o filho para vender.

Mas, deixemos o extemporaneo papel de philantropo especulativo; não succede cousa semelhante no nossa Europa para o serviço dos soberanos, de quem os plantadores são aqui a imagem?

Em meio de todo este movimento, procuro e difficilmente encontro a expressão do pezar e do soffrimento. Em toda a fabrica, que se compõe de 120 a 130 individuos, não descubro mais do que 3 ou 4 physionomias sinistras, cujo olhar revela o desejo da vingança. Os que trabalham no campo parecem embrutecidos; entre os occupados no engenho alguns mostravam-se affeioados.

As faltas são punidas com açoutes dolorosos, que não parecem ter outro effeito alem do physico; alem disto só os vi applicar a jovens estouvados de 17 a 18 annos, que por toda a parte na Europa teriam merecido e recebido um castigo ou uma reprehensão. Falla-se rispivamente a todos os negros; mas, não vejo levantar-se a chibata senão raramente e sobre os fracos. Entretanto toda esta gente está armada de facas, fouches e instrumentos aratorios que se podem transformar em armas; cem negros poderiam facilmente massacrar os dous brancos que os governam e fugir para as mattas; á primeira vista a facilidade de semelhante revolta é verdadeiramente

aterradora ; mas, os senhores de engenhos se acostumam á idéa deste perigo, como os marinheiros ao do Oceano.

Acabam de trazer um negro que havia fugido para o matto ha cinco dias. Estava num estado lastimavel ; não tinha tido o instincto de se alimentar de fructos silvestres ; havia furtado algumas raizes verdes de mandioca e ouzára comel-as ; as pernas, o tronco e o rosto tumefactos annunciavam que elle tinha soffrido muito ; estava num estado de baixa humilhação e de apathia que inspirava compaixão. Não soffreu severa correção devido ao seu estado doentio ; receio, porem, que isto aconteça quando se restabelecer. O cirurgião que foi chamado me disse que attribue o estado do fugitivo a ter elle comido terra ; me assegura, bem como o plantador, que os negros, por preguiça ou por desespero, sabem muito bem tornar-se doentes por este processo que os faz inchar e frequentemente morrer. Estas suspeitas são confirmadas pelo entorpecimento do pulso ; me informam que a molestia occasionada pelo envenenamento pelo succo da mandioca se manifesta por uma desigualdade e acceleração consideravel das pulsações. O Sr. R., no começo do seu estabelecimento, perdeu varios negros que se tinham envenenado com terra, e os faz vigiar cuidadosamente quando manifestam symptomas de melancholia.

V

No Recife. — *Domingo, 22 de Dezembro de 1816.* — Ha quinze dias tenho corrido tanto, visto tantas cousas interessantes, que não tive tempo de tomar nota alguma, e tenho muito a fazer hoje para por um pouco de ordem no que tenho a consignar aqui.

Depois de alguma permanencia em Salgado, fui fazer excursões a outros engenhos, tendo chegado até o de Sibiró, a vinte e tantas leguas do Recife, e volto com a cabeça cheia de materiaes, que exigiriam uma penna mais exercitada do que a minha para serem reunidos em um quadro susceptivel de interesse.

Fallarei primeiro da minha estada em Salgado, em seguida dos processos ali usadas na fabricação do assucar, e depois de exposto o que melhor examinei darei conta da excursão que fiz ao interior do paiz.

Durante a minha estada no engenho Salgado andei sempre a pé, e me convenci que a repugnancia dos Brasileiros pelos longos passeios, sob o pretexto de que o clima os proscreeve, não tem por causa senão a indolencia do corpo que os torna inimigos do exercicio, e a indolencia do espirito que os afasta de toda a investigação, que não tem por fim um objecto de interesse pecuniario immediato (1). Posso dizer que a sua indolencia physica provem da indolencia de espirito; porquanto quando d'ella são arrancados por motivos de patriotismo ou de vingança, a sua actividade em nada cede á dos povos mais vivos da Europa. Percorri os campos a todas as horas do dia, e apezar de educado para a vida sedentaria, jamais experimentei incommodo, mesmo depois de sentir a fadiga; talvez a curiosidade me dêsse forças. (2)

Todas as manhãs, ás cinco e meia, saía afim de gozar do espectáculo da aurora e do despertar geral que a acompanha.

No momento em que o sol começava a dourar os cimos dos mais altos coqueiros ou a sua luz obliqua ia projectar mil côres variegadas sobre a floresta, dava-se o signal do movimento em todo o engenho.

Os escravos, levando ao hombro uma ligeira enxada avançavam em longa fila negra para a planice; algumas mães demoravam-se amamentando os filhos antes de seguir para o trabalho; beijavam-nos ternamente entregando-os ás creadas e corriam a reunir-se ás companheiras. Os bois atrelladas faziam chiar o eixo de madeira do carro que conduziam aos cannaviaes ou á matta.

Era o instante por mim escolhido para ver os trabalhos que exige o cultivo da canna, porque durante o dia a planice é

(1) E' com bem justa razão que elles só cuidam do interesse pecuniario. Só a nós estrangeiros, que vemos as cousas pela primeira vez, é permitido esperdiçar a nossa curiosidade nos accessorios.

N. do A.

(2) Parece que estas se extinguem com aquella.

N. do A.

abrasadora ; pôde-se ir visitar os cercados porque todas as manhãs apresentam alguns nascimentos novos.

As sete horas voltava para casa, passava uma revista á roupa, ás caldeiras, e ia tomar um banho no rio em companhia do meu hospede. Depois do almoço seguia os carros que iam á matta. Tinha então commigo o bom negro Gonçalo, destinado ao meu serviço particular.

Como lhe competia uma certa inspecção sobre os carreiros podia exercê-la sem me deixar. Caçador effeminado, eu partia armado de um guarda-sol e com a espingarda debaixo do braço. Chegados ao meio da matta, errava pelos outeiros em volta dos trabalhadores, a uma certa distancia ; foi assim quo, sem imprudencia, pude penetrar um pouco nas mattas do Brasil, de que na Europa nos fazem descripções tão brilhantes e, entretanto, tão verdadeiras.

Foi por esta forma que pude ver de perto estas arvores magnificas de que a natureza adornou a America Meridional, mas, que a civilisação cada dia mais afasta dos logares habitados. Apanhava alguns dos seus fructos e ramos, para que de volta á casa me ensinassem a conhecê-las.

Não podia penetrar por toda a parte, as lianas formando ás vezes massigos impenetraveis. Foi ali que atirei pela primeira vez sobre saguins, especie de pequenos macacos que, ligeiros como esquilos, gostam de pular de galho em galho. Estes pequenos saguins são muito menos precavidos do que os verdadeiros macacos que fugiam de longe.

Depois de algumas voltas regressam sempre para junto da arvore donde se lhes fez fogo, de sorte que basta esperal-os ali. Trahem a sua presença por um gritosinho, e deixam-se amansar facilmente ; tornam-se então os predilectos das senhoras, maxime quando não excedem o tamanho de um rato. Os passaros são menos numerosos nestas mattas do que na planice ; vi apenas uma especie de gaio e algumas aves nocturnas cuja solidão eu vinha perturbar.

Teria talvez encontrado maior quantidade no fundo dos valles humidos ; mas, só me approximava delles raramente e com precaução, pois são o refugio de grandes cobras e do terrível *Crotalus horridus* ou cascavel. Os negros, que quasi desde-

nham as outras, tremem só com ouvir o nome desta e da *suru-cucú*. Não consegui vel-as vivas ; mas, os negros de Olinda me prometteram arranjal-as.

O coqueiro é raro nestas montanhas : quando encontravamos algum, Gonçalo subia-o agilmente, lançava por terra alguns cocos e eu me desalterava avidamente com o licor refrigerante que encerram, desdenhando a amêndoa. Quando os coqueiros nos faltavam, recorriamos ás mangas, que são muito communs, mas, um pouco acre, o cajú, de sabor muito fresco, e por vezes mesmo a laranjas de que o acaso tinha levado até ali algumas sementes.

Algumas vezes partia logo ao amanhecer com os carreiros, levando commigo o almoço, e conseguia assim obter o prazer de ficar só na matta, á vista de algumas planices, enquanto que os carros faziam a sua viagem ao engenho. Passava ali a metade do dia nestas bellas solidões, em presença da uma natureza virgem e sublime.

A dôce lembrança da patria ia encontrar-me ali ; me comprazia em revestir estes vegetaes novos das formas e dos nomes da nossa Europa. Conforme o justificava o porte das arvores, eu dizia a esta : tu seras a faia campestre ; a est'outra : o freixo ; honrava a sicupira assimilando-a ao carvalho dos Druidas. Por traz de um moita de goiabeiras, que deviam representar o nosso odorifero pilriteiro, esperava ver surgir meus filhos vindo brincar na campina...

Estes passeios matutinos foram para mim dos mais curiosos e interessantes. Regressava carregado de amostras de vegetaes ; mas, não dispondo de livros de botanica, não logrei aproveitall-as para um trabalho regular. A' falta de instrucção, consigo aqui vãs e phantasticas sensações ; todavia não posso me revolver a esquecel-as.

Voltando ao engenho pelo meio-dia, descansava em uma ou outra das suas dependencias ; depois tomava novo banho para me dispor ao jantar, que um violento exercicio tornava delicioso. Depois da sésta subseqeute ao jantar, montava a cavallo para, em companhia de Gonçalo, visitar os engenhos vizinhos e os raros povoados brasileiros das adjacencias : ou descia o rio na esperança de matar alguns jacarés, especie de cro-



PANORAMA DO RECIFE. IV.
(Aquarella do principio do seculo XIX.)

THE NEW YORK
PUBLIC LIBRARY
ASTOR, LENOX
TILDEN FOUNDATIONS

codilo de mediocre tamanho que dizem haver nelle em grande abundancia ; mas não fui feliz nas minhas buscas (1).

Todos estes reptis fogem do homem e só se tornam perigosos para quem inadvertidamente pisa sobre elles, quando adormecidos. Numa canoa não ha o menor perigo.

Sou um caçador muito mediocre, não tendo paixão alguma por este exercicio. A caça era antes um pretexto do que o objecto dos meus passeios ; mas, tal era a abundancia de animaes silvestres que sempre voltava carregado.

Os passaros mais communs são as galinhas de varias especies ornadas de brilhante plumagem. Distinguirei sobretudo a que denominam «gallinha de mangue» ; tem 4 a 5 polegadas de comprimento ; o bico é molle, furado na base e coberto de uma cartilagem, de uma linda côr violêta, que o reveste até a frente do craneo ; a cabeça e o pescoço são negros ; o resto da plumagem é de um vermelho brilhante, salvo as pontas das azas que são amarelladas ; têm na extremidade anterior do antebraço um esporão.

Uma outra especie, chamada «marrecos», tem quasi o duplo do tamanho da precedente ; é de plumagem menos viva e munida de uma crista prêta movel que produz um bello effeito. Encontrei muitos passaros a que chamo de narceja, se bem que o nome portuguez não lhe seja correspondente, e especies de cegonhas que não pude alcançar. Os patos bravos puzeram com frequencia a nossa perseverança á prova. Estes passaros são astutos e de difficil approximação. Comtudo, quando me emboscava atraz de uma goiabeira e que Gonçalo, deslisando pelo sólo com uma agilidade inimaginavel para contornar a lagôa em que caçavamos, fazia levantar um bando delles para o meu lado, admirado da minha propria destreza, jamais deixava de precipitar alguns com um só tiro.

Difficilmente esquecerei a situação em que me encontrei um dia numa destas caçadas. Gonçalo acabou de me deixar para executar a operação do costume e não se afastára ainda mais de dez passos, quando vi passar entre nós dous, mas muito perto delle, uma cobra enorme—ao menos assim pareceu aos

(1) Encontrei depois muitos delles ; lançam um grito plangente.
T. do A.

meus olhos ; podia ter de 6 a 7 pés ; desenrolava os seus anneis brilhantes de ouro e de nacar em longas dobras tortuosas avançando lentamente sobre a lama.

Si chamasse o negro, o reptil poderia irritar-se com o movimento que elle fizêsse e ataca-lo ; eu só dispunha da vareta da minha espingarda, arma demasiado fraca para semelhante animal ; fiquei de arma em punho, a respiração suspensa, immovel de terror, mas todavia prompto a fazer fogo se a cobra se dirigisse para o negro ou para mim ; mas, ella seguiu tranquillamente o seu caminho para a lagôa, dirigindo-se a um boi que ali estava atolado, e assim tive a satisfação de haver experimentado uma viva sensação sem accidente. Gonçalo me disse que eu fizêra bem em não tel-a atacado ; mas, uma vez prevenido não recebeu pegar de um pau e de ir bater as moitas que lhe indiquei como refugio do animal, afim de mata-lo, ou, segundo dizia, parr impedil-o de atacar o boi de seu senhor. A sua procura foi baldada, porque a cobra fugio para um lameiro. Esta foi a unica de maior tamanho que encontrei. N'outra occasião Gonçalo matou, diante de mim, uma, pequena, de dous pés de comprimento ; era uma... semelhante ás que vi perto de Olinda, das quaes, aliás, apenas achei restos. Depois deste encontro um pouco perigoso, de que acabo de fallar, tornei-me um pouco mais tímido quando atravessavamos alagados.

O numero das aves do genero *passeres*, de bico molle e duro, é immenso ; e todos são de especies desconhecidas para mim e que, por falta de livros, não sei classificar ; se quizêsse fallar dos matizes brilhantes e variados da sua plumagem, em breve teria esgotado o meu vocabulario. Perto dos logares habitados vêem-se bandos de lindos gallinaceos a que aqui chamam rôlas, mas, não são senão pequenas pombas, sómente um pouco mais esbeltas e ligeiras do que as da Europa ; depois de haver morto algumas, respeitei os seus amores e a sua gentileza ; andam em bandos, mas, vivem aos pares.

Matei dous pequenos gaviões ou esmerilhões, e uma outra especie de ave de rapina maior, que ouvi chamar de aguia, mas, que presumo ser o butio ou busardo (*acauan* ?) ; era do tamanho de uma gallinha crescida e deixou que me approximasse de muito perto sem fugir. Em volta da habitação encontrava immensas quantidades de urubús ; são negros e do tamanho de

um perú, com que os confundi no primeiro dia. Só podem voar bem quando se acham a grande altura; descem pesadamente e chegados á terra não podem dominar o impulso senão por meio de uma serie de saltos pesados e ridiculos; deixam facilmente que se approxime delles; vi-os bater-se com os cães em volta do cadaver de um cavallo.

Eram ordinariamente victimas dos meus tiros, quando regressava com caça mediocre. Nunca observei entre elles o urubú branco, que dizem ser o seu rei, ao qual cedem a primeira parte da preza.

Vê-se nos campos nuvens de pequenos corvos (*anuns?*) menores do que pombos, mas, tão pouco cautelosos que se deixam matar a pau. Não valem nem um tiro nem o trabalho de serem ignominiosamente derribados com uma chibata.

Não olvidarei o colibri, pequeno ser delicado e brilhante, sahido das mãos da natureza como uma joia preciosa. E' sobretudo encontrado nos jardins em meio das flores ás quaes excede em graça e esplendor.

Como a borboleta, esvoaça ligeiramente de uma a outra, e quando pouisa, parece se comprazer em multiplicar os reflexos purpurinos, aureos e ceruleos de que se compõe a sua plumagem. Comprehando no numero dos colibris o beija-flôr, que delles differe apenas pela sua pequenez. Todos são admiraveis; mas, todos cedem a primazia ao colibri dourado, que tive o prazer de ver diversas vezes. O nome portuguez, de *beija-flôr* não podia ser mais expressivo e pittoresco. Pegam-nos em armadilhas; mas, morrem cêdo no captiveiro.

De volta das minhas excursões, que só terminavam ao por do sol, ia repouzar emfrente á casa e logo me via cercado de negrinhos que a dadiva de alguns collares de vidro e biscoutos tinha feitos meus amigos. Assistia em seguida á distribuição das rações, quando tinha ensejo de passar revista a toda a escravatura do engenho. Cada um vinha receber em uma cuia a sua medida de farinha e o seu pedaço de carne, e quasi sempre empregavam estratagemas para illudir o distribuidor e carregarem dupla ração. As mães vinham retomar os filhos e pareciam achar distracção nas suas caricias. O sentimento maternal sobrevive a todos os outros; é tão nobre, tão desinteressado que é deveras para lastimar não fôsse reservado como

apanagio á mãe do homem ; formaria um bello character distinctivo da especie humana ; existe, porém, nas femeas de todas as especies, e sem ser por isso menos tocante é commum a todas.

Uma negra conduzia pela mão o seu filhinho de dous annos de idade ; este, por capricho, não quiz mais andar, sentou-se e começou a gritar, emquanto que a mãe, fingindo que se afastava um pouco, o animava com gestos a segui-la.—Deixa-o, disse o senhor, elle irá só. Talvez tivésse razão em exigir que não se obedecesse a um capricho ; entretanto a criança gritava cada vez mais forte.

A negra, com a docilidade de escrava, seguia a passos lentos, voltando de quanto em vez a cabeça, e sentindo com inquietação approximar-se a noute. Vi-a errar por muito tempo sob o extenso alpendre da senzala sem entrar na sua.

Apanhei furtivamente a criança e levei-a á mãe ; não me disse uma palavra, mas, quanta gratidão exprimiam os seus gestos !

Antes da ceia tomavamos novo banho, que de ordinario era o terceiro. O momento de me agasalhar não era dos mais agradaveis para mim. Perto do meu quarto os negros ficavam até meia-noite pilando assucar ; este trabalho, acompanhado de canções ruidosas, não deixava de ser incommodo ; era tambem a hora dos insectos, e não se passava um dia sem que tivésse de matar alguns mais ou menos repugnantes, outros malfazejos ; conservei duas especies de aranhas negras cujo aspecto é hediondo ; o corpo é do tamanho de um ovo grande de pombo ; as patas, grossas e fortemente articuladas, têm 30 linhas de comprimento e o animal é todo coberto de pellos de duas linhas ; a circumferencia que occupa equivale a uma pé. Quando, á luz mortiza da minha candeia, tomei uma dellas por um maço de cordas deixado por descuido sobre a minha esteira e peguei-a com a mão, não fui mordido, mas, percebendo o meu engano, experimentei um horror involuntario de que rio presentemente. O negro que nos serve em casa tem, ha quinze dias, uma pustula motivada pela mordedura desta especie de aranha.

E' provavel que se elle fosse mais asseiado e cuidadoso a cura já se teria operado.

A revista, que desde este encontro, não deixei de passar

todas as noites ao meu quarto, tornava pouco agradável a occasião de me deitar. Todavia a fadiga do dia me fazia conciliar facilmente o somno sobre a minha simples esteira, onde me atirava vestido, tendo a precaução de cobrir o rosto com um lenço, que me servia de mosquiteiro.

O grillo se fazia ouvir durante toda a noite, mas, como era um velho conhecido, não me incomodava, e podia adormecer imaginando achar-me numa granja franceza.

.....

O assucar, depois de prompto e encaixotado, é carregado sobre carros, atrellados de seis bois para cada caixa de 1500 libras, e enviado ao embarcadouro mais proximo.

O embarcadouro do engenho Salgado é no Pontal, situado no Cabo de Santo Agostinho, e a viagem que para lá fazem os bois consome um dia inteiro.

Nada mais digno da attenção dos senhores de engenho do que este penoso e dispendioso transporte das suas caixas de assucar da fabrica ao porto.

O rio que passa junto ao engenho Salgado, rega ou corre proximo dos terrenos de vinte outros estabelecimentos iguaes, e é navegavel por navios de 150 toneladas. Como explicar não seja aproveitado para o transporte das caixas de assucar? Eis o que disséram ali e o que me informaram no Recife :

O rio desemboca no antigo porto de Nazareth (1), que deveria antes chamar-se porto do Pontal, porque Nazareth está situado sobre a montanha que forma o Cabo de Santo Agostinho, e o Pontal á beira-mar do lado meridional do cabo. Os *Hollandezes* levantaram ali dous fortes e estabeleceram uma de suas estações navaes. O porto é fechado como o do Recife, pelo molhe natural que cobre as costas de Pernambuco, e tem apenas entre o Recife e a ponta de Nazareth uma passagem muito estreita e de facil defeza ; outr'ora ali ancoraram fragatas, hoje veem-se apenas miseraveis jangadas sobre ás quaes o assucar está exposto a mil accidentes. Existe no paiz uma tradição segundo a qual os *Hollandezes* metteram á pique tres na-

(1) O rio Ipojuca.

vios na passagem, tornando-a impraticavel ; e é esta tradição a causa do assucar não ser mais carregado, como ha cento e trinta annos, em boas embarcações cobertas, que o transportassem do proprio engenho á cidade do Recife ou mesmo á Europa.

Observei que tres navios submersos em uma passagem podem ser removidos com poucas despezas, e que uma sociedade de vinte senhores de engenho poderia facilmente realizar este util empreendimento ; retorquiram-me que a inveja e a falta de união, talvez a falta de dinheiro, se oppunham a toda a especulação deste genero ; mas, qual não foi a minha surpresa quando ouvi de um official, incumbido pelo governo portuguez de levantar as cartas das costas de Pernambuco, que a entrada do porto de Nazareth não se acha impedida por obstaculo de especie alguma, e que as sondagens por elle feitas indicam ser ainda accessivel a embarcações de 150 toneladas ?

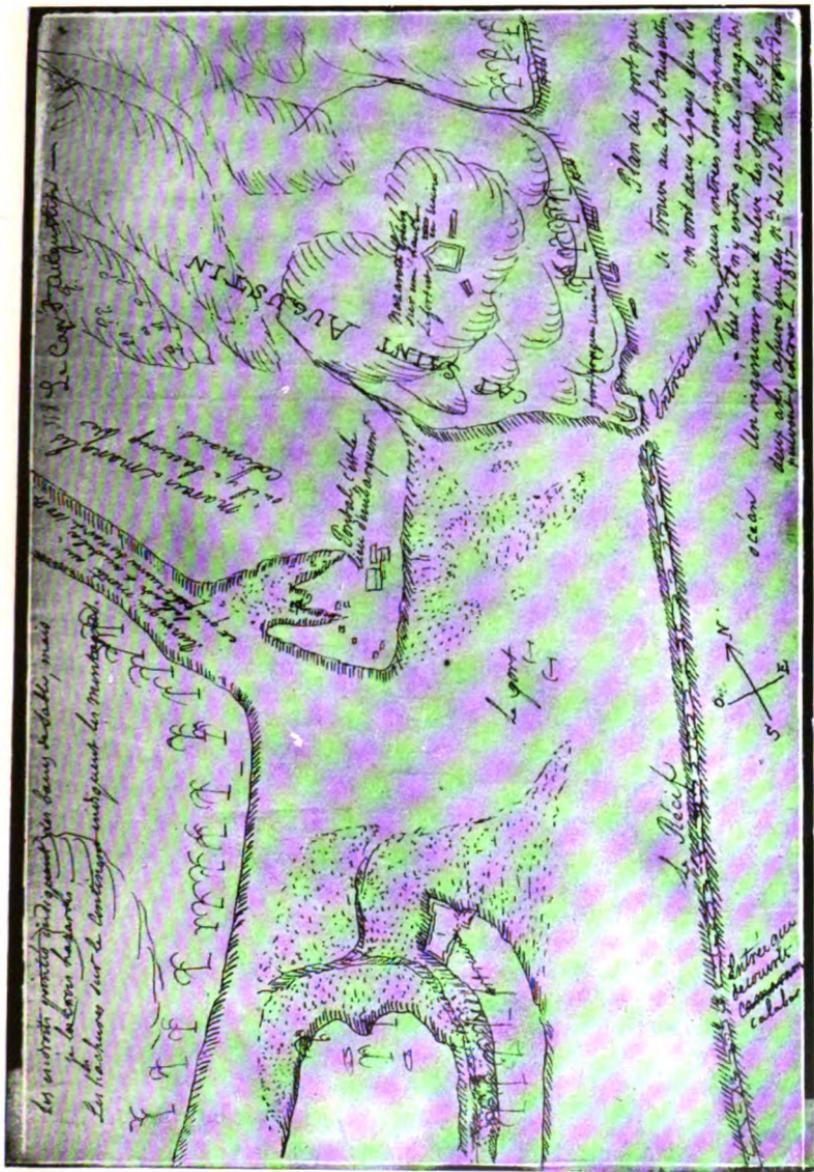
Vê-se em todos os paizes alguns exemplos de incuria publica ; mas, duvido haja um só no qual se possa encontrar um acto de inobservação e de apathia comparavel a este que faz descurar aqui um porto precioso, numa costa que tem poucos, em uma situação que augmentaria de 15 % o valor de 3000 caixas de assucar e daria ás mattas inexploradas uma extração que os progressos crescentes do civilisação tornariam de dia a dia mais consideraveis.

Procurei obter uma planta do Cabo Santo Agostinho e do porto de Nazareth, por causa do facto singular que acabo de citar, e que provavelmente dentro de poucos annos não existirá mais. Vê-se nesta planta os fortes e as povoações de Nazareth e do Pontal. Os fortes estão mais ou menos arruinados, e só ha guarnição no de Nazareth, onde se contam apenas umas 200 habitações ruins ; no Pontal só ha cabanas de pescadores e alguns galpões para recolher as caixas de assucar, que vem dos engenhos, enquanto as jangadas esperam vento favoravel.

Vê-se igualmente nesta planta a pequena abertura do Recife pela qual o celebre mulato Calabar teve a temeridade de fazer entrar uma esquadra hollandeza.

Voltemos ao engenho Salgado.

A sua producção é 100 a 120 caixas de assucar por anno e trabalha com 130 a 140 negros. Estes permittem desde já calcular os seus lucros ; quero, porém, antes de me occupar



PLANTA DO CABO DE SANTO AGOSTINHO
 (Desenho de Tollicnar.)

com este assumpto, dar uma exposição succinta da superficie do terreno, o que mostrará quanto o Brasil é susceptivel de augmentar a sua cultura, sem mesmo ainda ir penetrar nas regiões a que se refugiaram os selvagens.

Não existe da propriedade em questão nem planta nem medição, e não pude ainda me fazer explicar qual é a medida de superficie de que se servem na agricultura. Existe sem duvida, mas, em verdade parece, das conversações com os senhores de engenho, que os mais simples elementos de agri-mensura são conhecimentos tão sublimes que se acham reservados a um pequeno numero de cabeças privilegiadas.

As propriedades tem limites conhecidos e mais terras do que necessitam os donos; e isto é sufficiente ao menos nas regiões que visitei.

Calculo, pelas respostas ás minhas perguntas, que a propriedade de Salgado tem uma legua num sentido e duas n'outro; a legua portugueza vale cerca de 3000 toezas; não exagero, pois, estimando a superficie em 7000 (1) geiras

Percorri a passo toda a parte cultivada e, forçando o calculo para corrigir os erros possiveis, só achei 300 geiras cultivadas; todo o resto era mattas e pastagens vagas. Destas 6700 geiras baldias cerca de 4000 são de planicie.

Esta propriedade achava-se num estado lastimavel quando foi comprada pelo Sr. R.... por 150000 francos, o que responderia a 20 francos a geira.

Em nenhum dos outros engenhos que visitei a parte cultivada excede á proporção que achei para o Salgado; por toda a parte me disséram que havia proporcionalmente mais desertos. Deve-se, pois, concluir que em uma comarca, reputada muito cultivada, da capitania de Pernambuco, a parte em cultura está para vinte e quatro; ou, se sequer abstrahir como não sendo baldia certa quantidade de pastagens igual ao numero das geiras cultivadas, como um para doze. Esta proporção é exaggerada, porquanto não se trata de criar no Sal-

(1) Parece que não; as pastagens do Brasil são muito mediocres.
N. do A.

(1) A 3000 toezas a legua seriam perto de 13000 geiras, e a 2000 toezas 6000 geiras.

N. do A.

gado mais de 500 a 550 cabeças de gado, para os quaes, me parece, 300 geiras de bom terreno, trabalhado por uma vegetação activa, são mais do que sufficientes.

Sem exagero pode-se, pois, afirmar que, mesmo nas comarcas mais valorizadas, a cultura poderia ser decuplicada. com o emprego de capitães necessarios.

Quiz explicar esta observação para recordal-a quando o governo brasileiro manifestar desejo por conquistas que tenham outro fim que não a sua segurança politica.

Poderia reduzir a uma bem simples expressão a relação a fazer dos lucros que dá o engenho Salgado, me contentando com as informações que me forneceu o seu proprietario ; mas, como elle confunde os lucros devidos aos seus talentos (e elle os tem muitos) com os que resultam propriamente da empresa, induziria assim a erro.

Diz, por exemplo :

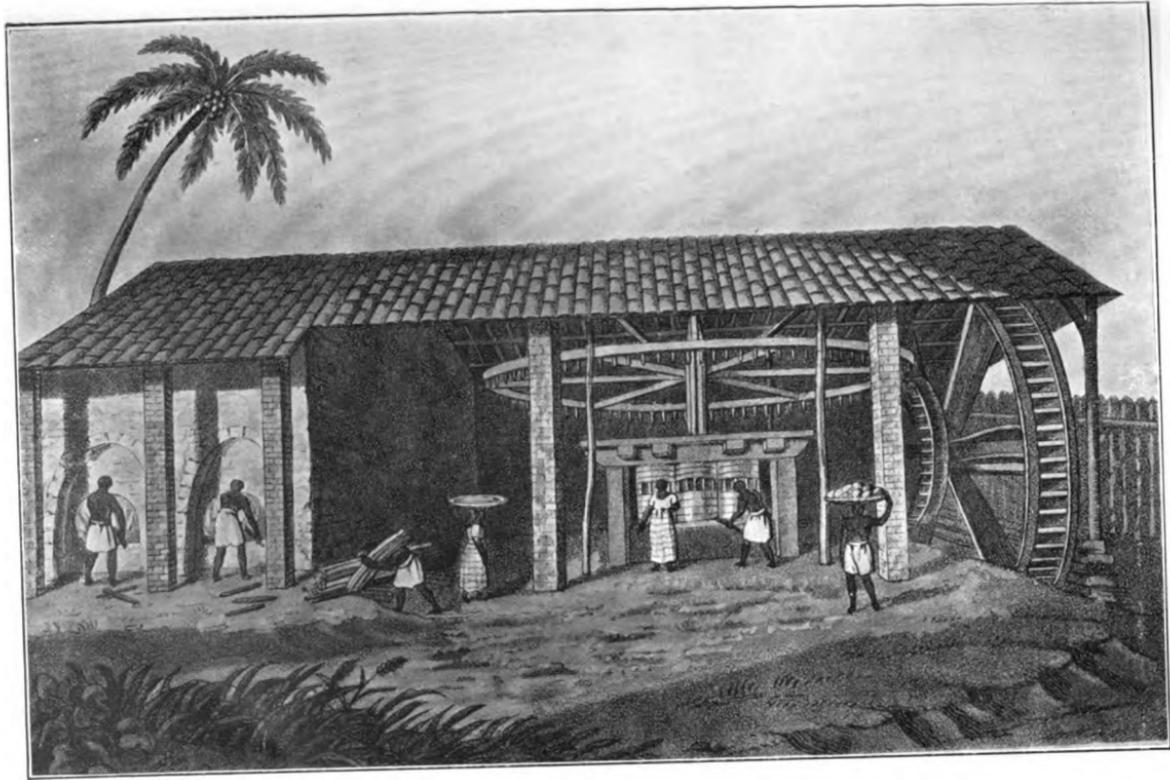
A propriedade custou cerca de.....	150000 frcs.
Os escravos e o gado.....	120000 »
Melhoramentos.....	30000 »
<hr/>	
Total approximado.....	300000 »

O producto annual, durante um quadriennio, tem sido de cerca de 5000 arrobas, que se tem vendido, umas pelas outras, de 2\$700 a 2\$800 réis, seja 17 francos por arroba, ou ao todo..... 85000 frcs.

Dizimos deduzidos..... 8500 »

Producto liquido.....	76500 »
-----------------------	---------

Calcula approximadamente que a venda do mel paga a alimentação e vestuario dos escravos, os salarios dos empregados e diversas despesas de transporte, e felicita-se de se ter pengado numa empresa que lhe rende 20 a 25 % do capital empenhado.



UM ENGENHO.

(Apud KOSTER, Travels in Brazil, 1816.)

THE NEW YORK
PUBLIC LIBRARY
ASTOR, LENOX
TILDEN FOUNDATIONS

Este resultado muito exacto e sobretudo muito agradavel para elle, não só não dá uma idéa bem precisa dos lucros de um engenho, mas pôde ainda conduzir a falsas especulações, Tratemos de estabelecer um calculo mais proximo da verdade.

Offereceram comprar o engenho Salgado, no estado actual, por 80 contos de réis, seja cerca de 500000 francos.

Esta somma pôde ser repartida, pouco mais ou menos, como segue :

400 cabeças de gado a 220 frcs. (1).....	88000 frcs.
100 a 120 cavallos a 70 frcs., na media.....	8500 »
110 bons negros trabalhadores a 900 frcs. (2)	99000 »
Moleques e molecas.....	4500 103000 »
Capital circulante.....	200000 »
Terrenos, os edificios por elle construidos e as roçagens que fez, formando o capital fixo empregado.....	300000 »
Quantia offerecida.....	500000 »

O Sr. R....., pouco inclinado a vender, diz que só o faria por 550000 francos ; mas, limitar-me-ei ao preço offerecido. Vê-se já que só a industria e a habilidade com que o Sr. R..... comprou o terreno e os seus negros, é a com que fez as suas construcções, lhe produziram um lucro de 200000 francos, que lhe cumpre distinguir dos provenientes do fabrico.

Calculemos agora o producto :

5000 arrobas de assucar, que urge não computar ao preço extraordinario de 17 francos a arroba ou 51 francos o quintal ; o preço de 2\$700 e 2\$800 reis é devido a circumstancias

(1) Os bois valem, segundo a sua força, de 300 a 400 francos ; a maior parte dos de Salgado foram ali creados.

N. do A.

(2) Os escravos do Salgado provêm todos do trafico da costa d'Africa, que o Sr. E faz directamente com duas embarcações de sua propriedade, de sorte que não sabe bem quanto lhe custaram os seus 130 a 140 negros.

N. do A.

8

que não se renovam facilmente. Creio ser muito razoavel estimando-o de 1\$600 a 1\$800, seja 11 a 12 francos a arroba ou 36 francos o quintal ; então as 5000 arrobas valerão	60000 frcs.
Não acredito que o producto do mel attinja a uma somma sufficiente para cobrir as despesas da fabrica. A quantidade de mel é approximadamente igual á de assucar ; o mel vende-se de 4 a 6\$000 reis o barril contendo 16 a 18 arrobas, seja 30 francos pelas 17 arrobas ou por 5000 arrobas (a 10 % mais ou menos).....	9000 »
Producto bruto	69000 »
Dizimo real sobre o assucar (o mel não o paga)..	6000 »
Somma da qual cumpre deduzir as despesas.....	63000 »

Resumo das despesas do fabrico :

Consome-se annualmente 15000 libras de carne secca, vinda das provincias do Sul, que custa 8 francos a arroba (1).....	6000 frcs.
Não se cultiva toda a mandioca necessaria ; são precisos 360 alqueires por anno ; parece que compram de 100 a 150 por 20 a 24 francos (2)	3000 »
Distribue-se roupa duas vezes por anno ; esta despeza é pelo menos de 1200 a 1500.....	1500 »
Ha 4 homens assalariados que custam.....	3000 »
Compra das caixas, conservação das ferramentas, das caldeiras, dos carros, das formas, reparos nos edificios e transporte ao Recife, cerca de 4000 a.....	5000 »

(1) Cerca de 7 onças por dia para 120 pessoas.
N. do A.

(2) Uma libra por dia para 128 individuos.
N. do A.

Mortalidade dos cavallos calculada em um engenho onde 10 % delles são comprados ; mas, no Salgado quasi todos são crias, ponhamos sómente.....	500	»
Cirurgião e remedios.....	500	»
Os nascimentos entre os negros são inferiores aos obitos annualmente de 2, 3 e 5 % (encontrei todas estas differenças) estimarei o prejuizo em 2 1/2 % sobre 100000 francos.....	2500	»
<hr/>		
Total das despesas.....	22000	»
Rendimento do producto bruto.....	63000	»
<hr/>		
Producto liquido.....	41000	»

O seguro das caixas do Pontal ao Recife pelas jangadas custaria, attenta as avarias, mais de 1 1/2 % ; posso reduzir a 40000 francos o producto liquido de um capital de 500000 francos, ou seja apenas 8 %.

Havia muito tempo que suppunha não ser a cultura aqui tão lucrativa como nas outras colonias ; os colonos não consomem absolutamente objectos de luxo, e o gosto de capitalisar é geral ; se os lucros fossem realmente de 20 % o enriquecimento seria prodigioso.

Sabe-se ao contrario que antes da revolução de 1806 (1), que obrigou a côrte a mudar-se de Lisboa para o Brasil, e que exerceu tamanha influencia sobre a prosperidade do paiz, os plantadores estavam individados e os seus engenhos em completa decadencia ; é tambem a este antigo estado de cousas que o Sr. R deve o bom negocio que fez comprando o *Salgado*. O seu successo é filho da sua habilidade.

Entretanto ao Brasil estão reservados os mais brilhantes destinos ; as suas communicções com o mundo inteiro vão despertar a industria, e acabarão por collocar-o ao nivel ou acima das Antilhas, porquanto estas gemerão ainda sob o jugo dos monopolioes, dos quaes o Brasil estará liberto. A passa-

(1) O A. quiz referir-se á invasão franceza de 1807.

gem dos capitaes e das intelligencias, das ilhas do Golpho Mexicano para o continente emancipado, é um acontecimento demasiado natural para poder tardar muito ; dependerá dos governos continentaes acceleral-o.

Vejo uma prova deste desenvolvimento industrial na offerta de 500000 francos feita pelo engenho *Salgado* ; não pôde deixar de ser uma especulação que me explico assim :

Os augmentos que o novo capitalista projecta são sensíveis ; o proprietario actual, que os conhece e que possui capitaes avultados, reserva-se para elle proprio realisal-os.

Eis a prova :

Disse que a propriedade tinha uma superficie de 7000 geiras, 4000 das quaes em planice e apenas 300 cultivadas ; custou 150000 francos e rende 40000. Para cultivar mais 300 geiras é preciso apenas 100000 francos de escravos e 100000 francos de gado e despezas de estabelecimento ; talvez mesmo seja necessario menos ; o gado para a nova cultura pôde ser assaz facilmente fornecido pelo estabelecimento actual ; a maior parte das 400 cabeças de gado actualmente existentes é nascida em *Salgado* ; pôde-se, pois, presumir que com 150000 francos é possível fundar um novo estabelecimento de cultura, que daria o lucro liquido de 40000 francos como o actual.

O engenho custaria então 650 ou 700000 francos e renderia 80000, seja 11 a 12 %. E como a propriedade é susceptivel de um acrescimo successivo de 40000 francos de rendimento por cada parcella de 150 ou 200000 francos empregada, até estender a cultura a 2000 ou 2400 geiras, sem prejuizo da extracção das madeiras e da criação do gado, vê-se que a especulação se pôde desenvolver até o emprego de um capital de 1.500000 a 1.900000 francos, para obter uma renda de 320000 francos, seja cerca de 20 %, e isto sem levar em conta os aperfeiçoamentos da cultura e da fabricação de que são susceptiveis os methodos actuaes.

As unicas considerações que contrabalançam esta especulação são : 1ª a possibilidade de que a abundancia dos productos não venha a diminuir-lhes o preço, o que me parece pouco provavel, porque todos os povos da terra são incitados a trabalhar para obter os gozos que se lhes mostram ; 2ª tremo

de dizel-a, algumas inquietações politicas sob um governo absoluto ; 3ª os receios que sempre ha de inspirar a escravidão.

Prometti-me lançar um golpe de vista sobre a população negra ; mas, não disponho de bastantes informações sobre as leis que a regem para della fallar aqui pertinentemente. Eis o que, de momento, posso dizer a respeito.

O engenho Salgado contem cerca de 130 a 140 escravos, comprehendendo os de todas as idades ; não ha delles lista escripta. Dedução feita das crianças, dos enfermos e da gente occupada no serviço domestico e na enfermaria, resta apenas uma centena de pessoas disponiveis para o trabalho.

Durante os quatro ou cinco mezes que dura a safra do asucar, o trabalho dos negros no engenho é mais violento ; revezam-se por forma a poderem estar de pé 18 horas.

Disse acima que recebiam para a sua alimentação uma libra de farinha de mandioca e sete onças de carne ; distribuem-na aqui já cozida. Ha poucas propriedades em que se permite aos escravos cultivar alguma cousa por conta propria. Percorrendo as mattas encontrei ás vezes pequenas clareiras onde os negros tinham vindo furtivamente plantar um pouco de mandioca.

Certo não eram dos preguiçosos ; entretanto Gonçalo me dizia que não fallasse a respeito em casa do senhor, pois assim os exporia a castigos.

Ao chegarem da Africa, os negros que não foram baptisados na Angola, em Moçambique ou outros lugares onde ha governadores portuguezes, o são ao desembarcarem no Brasil ; mas, isto não passa de uma vã formalidade, pois, não se lhes dá instrução alguma. (1).

Em certos engenhos vi os negros serem casados pelo capellão ; em outros somente ligados por seus caprichos ou suas inclinações. Em ambos os casos o senhor pôde vender separa-

(1) Nas cidades não deixam de lhes ensinar muitas das praticas religiosas. Esta educação depende do character dos senhores.

damente o marido e a mulher e a outro comprador os filhos, por mais tenros que sejam.

Um negrinho é avaliado ao nascer em 200 francos. Alguns senhores fazem os escravos ouvir missa ; outros economizam as despesas com um capellão, dizendo que o sacrificio da missa é de ordem demasiado elevada para aquella gente. Ha emfim senhores de engenho mais ou menos formalistas em materia de religião, e mais ou menos capazes de apreciar a sua influencia sobre a conducta e sobre os costumes dos escravos.

Parece-me que está no interesse dos senhores manter os laços da familia.

Só vi boas senzalas para os negros no engenho Salgado ; entretanto por toda a parte são de pedra e cal e bem cobertas (1). As de Salgado tem dez pés de largura sobre quinze de fundo, com uma pequena divisão interior, o que forma quasi dous quartos. Têm uma porta, fechando á chave, sobre o alpendre e um oculo que deita para o campo, afim de haver ventilação. O ladrilho está dous pés acima do nivel do sólo adjacente, o que as torna muito mais salubres do que as habitações de muitos camponezes francezes. Cada negro devia ter o seu apôseno ; mas, o amor e a amizade os impedem geralmente de viverem solitarios.

Uma esteira, uma cuiá ou cabaça, e ás vezes alguns potes de barro, alguns andrajos, eis toda a mobilia do lar de um casal negro. Todos tem permissão de acender lume nos seus aposentos e della se aproveitam. Os alimentos lhes são fornecidos já preparados, pelo que não têm necessidade de cozinha ; mas, a chamma é para elles uma distração e lhes serve para preparar o peixe ou outro qualquer comestivel que logram obter, licitamente ou não. Notei que eram muito cuidadosos em fechar as suas portas á chave ; quando estam trancados em casa, só abrem com repugnancia.

Comquanto em Salgado eu fosse bastante amigo delles, tinha difficuldade em satisfazer a minha curiosidade quanto ao interior das senzalas.

(1) Vi algumas de taipa cobertas de folhas de coqueiro.

Alguns negros saúdam o senhor curvando o joelho e erguendo a mão, outros dispensam esta cerimonia.

Responde-se pouco ás suas saudações. (1).

As negras têm geralmente um talhe flexivel e elegante, os hombros e os braços muito bem modelados. Vêem-se muitas que se podiria qualificar de mulheres bonitas se o pescoço, mais longo, dêsse melhor desembaraço á cabeça ; o peito é firme e carnudo e ellas parecem conhecêr o seu merito ; mostram-se muito judiciosas occultando os seios, pois, é, com effeito, por onde peccam horriavelmente. E' raro encontrar uma negra, mesmo de 17 a 18 annos, cujo collo tenha conservado as formas que tanto buscamos e que a arte da nossa Europa imita mais ou menos mal. Comtudo, não lhes fallece certa arte para dissimular a sua flaccidez com um pedaço de panno azul ou vermelho ; apertam-se abaixo das axillas, desenham bem o talhe eos rins e fazem sob o seio um grande nó que occulta a deformidade que acabo de assignalar ; os hombros ficam nús e os joelhos quasi descobertos, a exiguidade do pedaço da panno, ainda mais diminuido pela porção reservada para fazer o nó, trahe todos os movimentos do corpo, e devo dizer que são todos suaves e cheios de graça ; não ha um só que um artista ou uma dançarina possa desdenhar ; a perna é regular, mais, o pé acha-se estragado pela fadiga e pela privação do calçado. Trazem habitualmente a cabeça descoberta ; algumas recebem chapéos redondos que lhes vão muito mal.

Feliz da que pôde se adornar com um collar ou brincos ; muitas, na falta deste ornamento, possam na orelha uma penna ou um pedacinho roliço de madeira. Um cachimbo de um pé de cumprimento acha-se ordinariamente atravessado no nó que o panno faz sobre o seio e figura ahi magestosamente como o punhal de uma princeza de theatro.

Este é o retrato das negras que se tratam um pouco ; vêem-se outras num estado de abandono muito menos pittoresco, vestidas de uma saia velha que deixa a descoberto a parte inferior dos seios, e de uma camisa esfarrapada ; mas, todas as vezes

(1) Erguem a mão e dizem : *Benção !*. E o senhor lhes lança a benção ao modo dos padres, fazendo no ar o signal da cruz com a mão.

que o pedaço de panno envolve o corpo ou a cabeça é para formar um desenho agradável.

Cumpre outrosim notar que o aspecto dos andrajos (e vê-se muitos, mesmo nos trajos mais esmerados) não causa aqui o sentimento penoso que produz nos nossos climas.

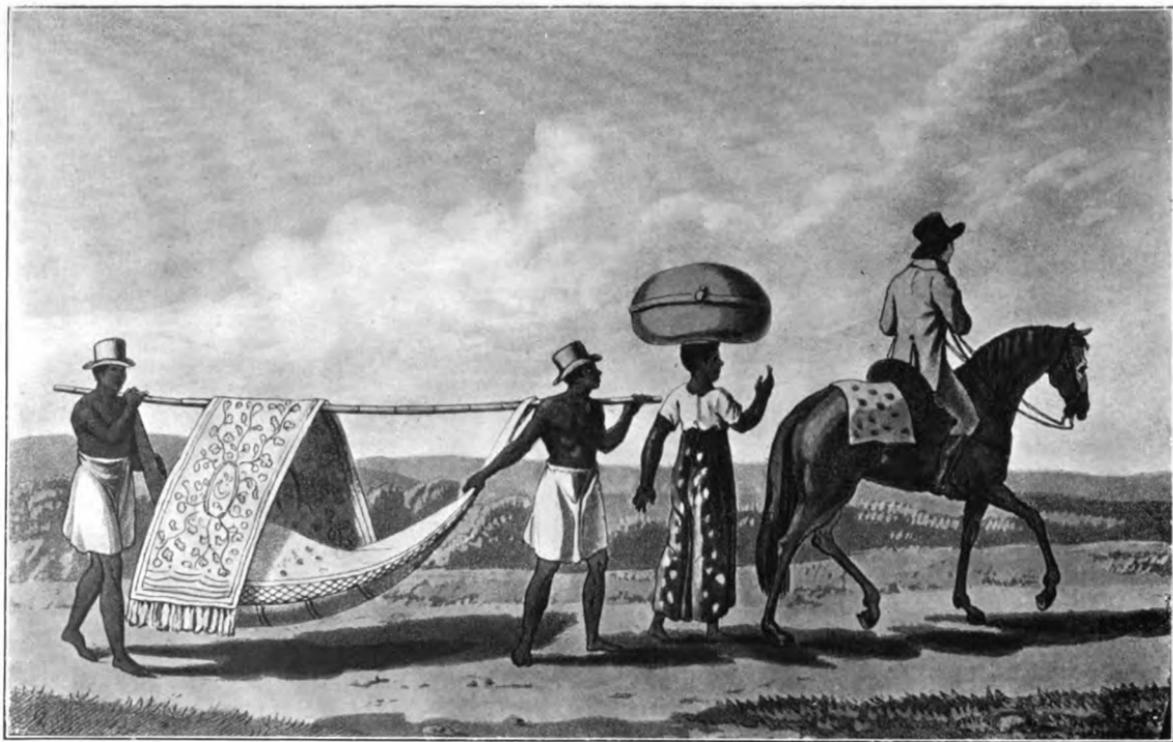
Entre nós os andrajos annunciam a pobreza e o soffrimento do frio ; aqui este soffrimento é desconhecido, e parece que o vestuario não passa de um adorno.

Os homens têm melhor apparencia quando despídos do que as mulheres, por causa da flacidez dos seios que desfigura estas. São menos robustos do que os nossos carregadores ; mas, o habito de andarem sem vestidos torna os seus movimentos menos duros. O que tem de melhor é o peito abaúlado e a coixa nervosa. E' raro ver-se entre elles individuos grisalhos e enrugados ; a sua pelle negra e luzidia, desprovida de pellos, deixa perceber todo o jogo dos seus musculos muito moveis. Os braços e sobretudo as pernas são de ordinario fracas ; mas, vi alguns negros com fórmas de Apollo.

Os provenientes da Africa têm os hombros, os braços e o peito cobertos de marcas symetricas, que parecem feitas com ferro em braza ; as mulheres apresentam tambem estas marcas. Dá-se aos negros para se vestirem uma camisa e umas calças ; mas, parece que estes trajos os incommodam, e poucos os conservam, principalmente a camisa. As mais das vezes contentam-se com cingir os rins de uma corda na qual passam, pela frente e por traz, um pequeno pedaço de panno com que procuram occultar o que o pudor prohibe mostrar.

As crianças tambem recebem vestidos ; dão promptamente fim a elles afim de andarem núas ; quando chegam aos 14 ou 15 annos são fustigados para se tornarem mais cuidadosas ; então vêem-se alguns trazendo a camisa passada sobre o hombro a moda de chlamyde : lembram assim bellas estatuas gregas.

Os negros occupados no serviço domestico ou junto aos seus senhores, trajam com menos graça e mais á europea ; conservam as calças e a camisa e algumas vezes têm mesmo um colléte. Gonçalo tinha uma camisa bordada, e quando trazia o seu chapéu agaloadado e as pequenas joias que lhe dei, não



UM SENHOR DE BENGENHO EM VIAGEM.
(*Abud*: KOSTER, Travels in Brazil, 1816.)

THE NEW YORK
PUBLIC LIBRARY
ASTOR, LENOX
TILDEN FOUNDATION

cedia em vaidade a qualquer peralvilho ; mas, quando iamos á caça o seu maior prazer era deixar em casa o necessario e o superfluo do seu vestuario.

VI

No Recife. — *Domingo 29 de Dezembro de 1816.*—

Devo tão sómente ás festas que se succedem nesta epoca do anno, os lazeres que me permittiram rabiscar tanto papel por occasião da minha viagem ao interior do paiz.

Entretanto tenho ainda que fallar da minha excursão de Salgado a Sibiró e do meu regresso ao Recife. Aproveitemos a momentanea suspensão dos negocios ; porque, não obstante todo o meu desejo de recolher algumas notas sobre o Brasil, me impuz o dever de só lhes consagrar os domingos, e hoje sei por experiencia que não serão sufficientes se continuar a ser tão difuso como da ultima vez.

Deixando o engenho Salgado, percorri os districtos de Ipojuca e Serinhãem; e aventurei-me até Sibiró, propriedade pertencente ao Sr. R...., meu hospede ; está situada a 20 leguas ao sudoeste do Recife.

A 7 ou 8 leguas mais adiante teria encontrado as ultimas habitações nesta direcção. Para o Norte póde-se penetrar até 100 ou 150 leguas, porque a cultura do algodão cada dia se dilata mais para o lado do sertão ; nos districtos de Ipojuca e de Serinhãem, só se cultiva canna, á qual difficuldade de transporte impõe limites mais restrictos.

A boa vontade não me teria faltado para ir até os desertos da America Meridional ; mas, mesmo quando a minha posição houvesse permittido esta visita, que faria eu com a minha ignorancia, ? Sou acaso naturalista, agronomo, politico ou pintor ? Não envergonhar-me-ia aos meus proprios olhos de só dispor de uma nescia curiosidade ? Cabe aos Humboldts e aos Bonplands lançar olhares de aguia sobre estas grandes massas. Talvez até seja temeridade da minha parte querer tentar o desbotado escorço que vou ensaiar.

Não pintarei nem o Brasil nem Pernambuco ; vi apenas

um pequeno trecho de terra estrangeira e direi o que vi. Ser verdadeiro, sem vizar a produzir effeito é o que prometto.

Logo ao deixar Salgado não encontrei mais as bellas planicies que constituem o merito desta propriedade ; d'ahi por diante só viagei por montanhas cobertas de espessas mattas e cortadas de estreitas verêdas.

Todas as vezes que em meio d'estas montanhas se rasgava um valle de 600 a 800 toezas de comprido sobre 100 a 200 de largo, havia ali um engenho ; alguns mesmo, como o de Cachoeira, não dispunham de terreno plano ; as construcções estavam aglomeradas no fundo da garganta e as cannas plantadas nas fraldas dos outeiros ; são por isso de qualidade inferior.

Pode-se já fazer uma idéa da cultura do paiz pelo que acabo de dizer de Salgado, onde de 7000 geiras só 300 são cultivadas. A propriedade de Sibiró, a mais remota por mim visitada, tem mais de 10000 geiras, das quaes apenas 180 são aproveitadas para o plantio.

Ha pouco risco de engano calculando que, num raio de 20 leguas em volta da terceira cidade do Brasil a proporção das terras baldias para os terrenos cultivados é de 30 ou 25 para 1.

As minhas tentativas para apreciar a população por leguas quadradas foram influctiferas ; não estive no paiz das luzes. Na falta da quantidade dos individuos, vou tratar da sua qualidade.

Dividirei os habitantes destas regiões em tres classes (não fallo dos negros captivos, que não passam de gado. Estas tres classes são :

1. Os senhores de engenhos, grandes proprietarios territoriaes.
2. Os lavradores, especie de rendeiros.
3. Os moradores, ou pequenos colonos.

Os senhores de engenho são os que immediatamente receberam, por doação ou transmissão, concessões da corôa. Estas concessões subdivididas constituem ainda hoje propriedades consideraveis, como se pôde ver das superficies de 10000 e 7000 geiras de que fallei ; a corôa não tem mais terrenos a conceder ; convem que os estrangeiros sejam disto prevenidos.

Ha alguns senhores de engenho que se occupam da parte theorica da agricultura e de alguns ensaios de melhoramentos nos processos da cultura e da fabricaçãõ. Pelo menos tive noticia da sua existencia pelos sarcasmos de que eram objecto. Visitei seis engenhos e deparei com poucos homens interessantes

De pernas nũas, vestido de camisa e ceroulas ou de um chambre de chita, o senhor de engenho, armado de um chicote e visitando as dependencias da sua fabrica, é um rei que só descobre em volta de si animacs, que são os seus negros; escravos, que maltrata, e são os seus moradores, e alguns vallos inimigos, que são os lavradores.

As grandes distancias e a pouca segurança das estradas se oppõem a frequentes communicações com os visinhos; não ha mesmo reunião no templo, porque, ou cada engenho tem a sua capella, ou, e é o mais frequente, não na tem e não se pratica culto algum. O governo portuguez que prescreve o embarque de um capellão á bordo dos navios mercantes promoveria talvez o progresso da civilisaçãõ ordenando que, nos engenhos de um certo numero de negros, fosse mantido um padre.

Quando um senhor de engenho visita outro, as senhoras não apparecem. Passei dous dias em casa de um elles, homem muito prazenteiro e que me cumulava de amabilidades, e não vi a sua familia nem no salão nem á meza.

Doutra vez cheguei, apoz o jantar, inopinadamente á casa de um outro, cujo luxo aununciava mais gosto; percebi por terra um bordado que parecia ter sido ali atirado com precipitaçãõ. Pedi um copo d'agua para ter ensejo de passar ao aposento visinho; fizeram me esperar muito tempo.

A senhora preparou uma merenda escolhida; mas, não a vi; aliás, o mesmo me succedeu em uma casa de campo perto do Recife, pertencente a um lisboêta.

Não se observa nestas habitações, onde entretanto os proprietarios résidem todo anno, nada que seja feito para tornal-as confortaveis; não se encontram nem as avenidas, que entre nós decoram a simples herdade bem como o sumptuoso castello, nem parques, jardins, passeios, moitas ou pavilhões de repouso. Vivendo no meio das mattas os seus habitantes parecem ter

horror á sombra, ou, para dizer melhor, até a orla do matto tudo é nú e ardente em volta do engenho, na distancia de um quarto de legua Vi em Salgado derrubar-se para fazer lenha ás laranjeiras, que o proprietario anterior fizéra plantar junto a casa, por gosto ou por especulação.

Em geral a casa de vivenda é elevada sobre pilares ; o porão serve de estrebaria ou de morada aos negros ; um largo patamar dá accesso ao pavimento habitado, e a neste patamar ou terraço que se toma fresco.

Os aposentos não têm fôrro ; o travejamento do tecto está exposto e, entre as suas extremidades e as paredes que o sustentam, ha um espaço livre, de cinco pollegadas, para multiplicar as correntes de ar. As divisões interiores são feitas de simples tabiques de 9 a 10 pés, de sorte que todos os quartos tem por forro commum o tecto.

O luxo consiste no grande numero de peças das baixellas de prata. Quando se hospeda um estrangeiro, apresenta-se-lhe para as abluções soberbos vasos deste metal, de que são tambem as bandejas que vêm para a meza, as bridas e os estribos dos cavallos, e o cabo dos punhaes.

Alguns senhores de engenho me mostraram armas inglezas de luxo e de elevado preço. Encontrei tambem bellissimos apparelhos de porcellana da Inglaterra.

Creio dever dizer algumas palavras sobre as refeições ; o jantar consiste em uma sôpa copiosa e espessa, em que abunda o alho ou ontra qualquer planta de gosto muito pronunciado e pouco agradável, que não conheço.

O primeiro prato é de carne cozida pouco succulenta, cuja insipidez procuram atenuar por meio de toucinho, sempre um pouco rançoso, e de farinha de mandioca, de que cada um se serve com os dedos ; como segundo prato apresentam um guizado de gallinha e arroz com pimenta. Não se vê pão, comquanto seja muito apreciado ; poderiam fabrical-o com a farinha estrangeira de que o Recife sempre está bem provido ; mas, não é uso. Os negros ou as mulatas, pois vi muitas vezes estas servindo á meza, enchem de vinho os copos á medida que se esvasiam, mas, não se insta a beber ; com a sobremeza não se offerecem licôres.

Este pospasto é composto de dôces, ou de mel misturado

com farinha de mandioca ; estes manjares assucarados dispõem a beber fartos tragos de agua arrefecida num alcatraz, que corre a roda, sem que alguém se lembre de enxugar a bocca.

A abundancia d'agua se converte em uma especie de volupia. Esta ablução interna não tarda em produzir o offeito tão conhecido em Portugal e tão escandaloso para os estrangeiros, destes suspiros de replecção que se sucedem de uma maneira sonora, e que os convivas se lançam reciprocamente ao rôsto com tanta franqueza. O pobre forasteiro se esforça valentemente por contar as nauseas que o ameaçam da perda do repasto. Felizmente em breve se deixa a meza para se entregar ao somno.

O viajante recebido com tanta sumptuosidade, porque em verdade não se poupa esforços para bem acolhê-lo, espera encontrar um leito macio onde possa repousar molhemente os seus membros fatigados. Os criados entram, armam uma rede para o senhor estendam algumas esteiras sobre os bancos e fecham os postigos ; assim dorme-se de noute e faz-se tambem a sésta. No fim de cinco minutos faz se ouvir um resonar geral e ruído, occasionado pelos alimentos abundantes que acabam de ser ingeridos ; tanto peor para quem não é organizado para este genero de vida. A polidez não permite ao senhor ir juntar-se á sua familia durante a noute ; a privação que experimenta com isto é um sacrificio de civilidade feito ao hospede, e que não deixa de ser considerado muito meritorio. Em parte alguma me offereceram mulheres, conforme dizem ser uso nas Antilhas. O senhor parece mesmo ter ciumes dos olhares lançados ás suas mulatas de estimação. Mas, vê-se rondar em volta da habitação as jovens mestiças das familias dos moradores, que desejam verificar se os Francezes devoram gente. Que pena, dizem vendo um Inglez ou um Francez, que não seja baptisado ! Pensam que somos todos hereges não baptisados.

Quasi todos os engenhos que se encontra assim nas montanhas são movidos por um curso d'agua, e têm serrarias para serrar as taboas de que são feitas as caixas de assucar.

As rodas d'agua são de pás ou de celhas conforme o permite a localidade ; mas, ignora-se a theoria das ultimas. Vi rodas que tinham uma queda de 15 pés e que podiam muito

bem ser de células ; recebiam entretanto a agua por baixo, a 3 ou 4 pés do fundo do canal inferior. As obras de carpintaria nos engenhos são de uma execução perfeita.

Vi uma roda de células, de 25 pés de diametro, feita de madeira durissima ; as cambas eram feitas de taboas de 6 pollegadas por 2, e só estavam ligadas por 4 raios de 4 pollegadas de esquadria ; todos os ligamentos eram feitos por simples cunhas de madeira, não tendo sido empregado um só prego ; a pesar da sua leveza era tão solida que havia dez annos que não necessitara de reparos e estava como nova.

As serrarias têm cremalheiras de madeira, para fazer avançar as viaturas, que são verdadeiras obras de marcenaria. O trabalho das engrenagens dos engenhos não é menos delicado nem menos elegante, graças ás excellentes madeiras. Mas, se a mão d'obra é magnifica, a concepção das plantas é detestavel. Esta roda de 25 pés, de que acaba de fallar, tinha uma queda de 35 a 36 pés, dos quaes 4 ficavam perdidos em baixo.

O riacho que, no seu aqueducto apresentava uma secção de 30 pollegadas quadradas, era conduzido até á distancia de seis pés da roda, e ali, por meio de um cotovello de 45°, era dirigido sobre as células, onde cahia com grande ruido espadando para todos os lados e perdendo mais de metade da sua agua. Esta queda, capaz de fazer mover todos os machinismos de uma fabrica consideravel, dava, entretanto, apenas tres revoluções dos cylindros da moenda por cada revolução da grande roda d'agua.

Uma outra roda, tendo dez pés de queda e recebendo agua por baixo, era guarnecida de células dispostas por tal forma que, a cada revolução, apenas despejavam tres quartos d'agua recebida ; o outro quarto só era lançado fóra quando a celha tinha remontado ao ponto mais elevado da circumferencia, e retardava assim de metade do tempo o andamento da moenda.

Observei que no primeiro encontro com um Francez, os Brasileiros estam sempre dispostos a ver nelle um poço de sciencia, encerrando todos os conhecimentos que têm illustrado o seu bello paiz ; mas, se a circumspecção do estrangeiro o leva a confessar que não é chimico, nem engenheiro ; que ape-

nas discute aquillo que parece accessivel ao seu bom senso, no mesmo instante toda a consideração desaparece, porquanto não se gosta de discutir com as luzes naturaes.

A indolencia quer autoridades indiscutíveis e não timidas opiniões. Quantas vezes não me bateram no bombro dizendo, com um ar chocareiro, como Valtaire a mestre André : «Vá fazer carapuças ; não é a gente como nós que o sr. pode ensinar. O sr. Ignacio Francisco Moreira da Silva, (simplesmente o carpinteiro) é um homem que não tem igual no mundo para fazer moendas».

A um homem instruido que, viajando neste paiz quizesse e pudesse derramar luzes, ou aconselharia não desdenhar algumas vezes certo pedantismo brutal ; seria em breve considerado uma aguia ; receio muito que a decente e cautelosa modestia, que faz o ornamento e o merito dos homens a quem a experiencia ensinou que quanto mais se sabe, mais resta a saber, não fôsse aqui considerada com um acto de fraqueza ignorante, de que o orgulho tolo não tardaria em prevalecer-se para repellir com desprezo as boas idéas apresentadas.

Os proprietarios dos velhos motores que aqui se encontram, têm todos ouvido fallar das machinas a vapor, e não cessam de se lastimar do governo que não encoraja a sua importação.

Quando lhes disse que estas machinas não lhes serviriam de nada, a sua linguagem mudou de tom ; a minha observação foi provocada por uma declaração sobre a mania dos Europeus por todas as suas novas invenções, e não mais me fallaram da superioridade do genio portuguez sobre estes parvos inventores. Quando quiz expor o motivo que me fazia preferir as rodas d'agua ; quando entrei nos detalhes sobre o consumo de lenha, a conservação de machinismo, o juro do capital empregado nestes poderosos instrumentos ; complicados e dispendiosos, comparados com a simplicidade e a economia das suas bellas cachoeiras e mesmo á dos seus numerosos cavallos, tão baratos e tão facéis de nutrir, não tive mais ouvintes. Um Europeu havia declarado que as machinas a vapor não valiam nada, e tudo estava acabado.

Se dizia a um : não sou engenheiro ; mas, me parece que se fizédes a vossa roda e as vossas celhas maiores, se retardar-

des o seu movimento, e se diminuirdes o vosso pinhão ; e a outro : se estabelecerdes uma roda mais larga, com cubas ou celhas que despêgem toda a agua no ponto inferior da revolução, boteis o augmento de força que desejaes ; riam-me na cara.

Se prolongava a discussão desenvolvendo o assumpto, viravam-me as costas ; entretanto, a principio me haviam consultado a respeito.

Não duvido, que se houvesse assumido um ar doutoral e pedantesco, teria sido ouvido ; fiz a experiencia neste particular por occasião de visitar uma excellente serraria de um vizinho.

As serrarias são construidas mais ou meos como as da Noruega, si bem que mais grosseiramente. A manivella, collocada na extremidade do eixo, faz immediatamente mover a lamina cujo engaste deslisa sobre duas corredeiras ; mas, o movimento da viatura, que leva a madeira ao encontro da serra, não é operado pela propria machina ; são dois negros que, com os pés, trabalham penosa e desigualmente a roda de um cabrestante, em volta do qual se enrosca a corda da viatura.

Empreendi demonstrar a possibilidade de suprimir o trabalho dos negros, e desenhei ao proprietario a roda dentada e as duas cremalheiras que podiam executar este movimento por meio do vac e vem da serra. A minha explicação foi recebida com bastante indifferença ; mas, á tarde, este mesmo proprietario, cujo espirito de observação, na verdade, merecia mais instrucção, fez duas leguas para vir me dizer, com uma falta de polidez quasi insultuosa, que eu não tinha senso comum, pois dava um movimento constante á viatura quando a differença de dureza das madeiras exigia um movimento proporcional. Assumi um ar de zangado e disse-lhe, em tom grosseiro e desprezivel : Quem me toma por tolo, mostra ter bem fraca cabeça ; fazei tantas rodas dentadas quantas foram as qualidades de madeira ; o pranchão avançará tanto mais devagar quanto mais dentes ellas tivérem.

Pareceu impressionado com uma observação que seria familiar ao ultimo dos nossos artifices ; o seu tom mudou e encheu-me de amabilidades durante mais de uma hora que ainda passamos juntos.

Foi com o auxilio deste mesmo proprietario que consegui fazer comprehender a um senhor de engenho, que trabalha com cavallos perto de um pequeno riacho onde a influencia das marés se faz sentir, que faria uma loucura seguindo os conselhos do seu carpinteiro, o qual queria construir-lhe uma nora para elevar a agua destinada a cahir sobre uma roda que substituiria a almanjarra.

Os senhores de engenho são os unicos proprietarios das terras ; conheço apenas excepções em favor de algumas capellas edificadas, ha 100 ou 150 annos, pela piedade dos Portuguezes e dotadas de umas 50 a 60 geiras de terrenos incultos ; fallarei em breve de uma destas concessões.

A extensão das terras possuidas pelos engenhos é portanto immensa ; os capitaes que os exploram são muito menos consideraveis do que o eram nas nossas ilhas francezas ; só os estabelecimentos mais importantes é que têm de 140 a 150 negros. Poder-se-ia estimar a importancia dos engenhos pelo numero dos escravos, se não houvesse a instituição dos *lavradores*.

Os lavradores são rendeiros sem escripturas de arrendamento ; plantam canna, porém, não tem engenhos. Enviao ao engenho, de que dependem, as caunas colhidas, que ali são transformadas em assucar ; metade pertence ao lavrador e metade ao senhor do engenho ; este fica com o mel, mas, fornece as caixas ; cada um paga separadamente o dizimo da sua parte.

Os lavradores possuem habitualmente de 6 a 10 negros, e manejam elles proprios a enxada. São Brasileiros, de origem branca, pouco mesclados de mulatos. Contei de dous a tres lavradores por engenho.

Esta classe é verdadeiramente digna de interesse porquanto possui alguns capitaes e trabalha ; entretanto a lei a protege menos do que aos senhores de engenho. Como não fazem contractos, logo que tornam um terreno productivo, o senhor do engenho tem o direito de expulsal-os sem indemnisação ; concebe-se que arrendamentos de apenas um anno de duração são muito pouco favoraveis á agricultura.

O lavrador só constróe uma miseravel cabana, não se occupa em melhorar o sólo, faz apenas cercados provisórios,

porque pôde ser expulso de um anno para outro e então todo o seu trabalho fica perdido. Emprega o seu capital em escravos e gado, que pôde sempre levar consigo.

Os lavradores participaram dos beneficios que a emancipação commercial do Brasil trouxe aos senhores de engenho.

Se conto oito negros, na média, para cada lavrador, e o producto como 50 arrobas de assucar por cabeça de escravo, o que não é demais attenta a vigilancia e o trabalho do proprio senhor, posso estimar a renda annual de cada lavrador em quatrocentas arrobas de assucar, que, ha 6 ou 7 annos, se tem vendido por cerca de 3000 francos. Ora, esta renda é liquida, porque o lavrador não compra cousa alguma para alimentar a si e aos seus negros, e vive muito sobriamente da mandioca que planta.

Esta classe capitalisa, portanto, e se o governo a favorecer, ella está destinada a exercer um dia grande papel na economia politica do Brasil; que se julgue da influencia que exerceria se o governo garantisse contractos de nove annos, e sobretudo se viésse a adoptar uma lei agraria que obrigasse os proprietarios actuaes a fazer concessão, mediante preços convencionados, de certas partes dos seus terrenos baldios a quem as quizésse comprar.

Hoje ainda tudo se passa de modo diverso; fui testemunha de um rico senhor de engenho expulsar da sua propriedade *todos* os lavradores e moradores, que os seus predecessores, menos abastados, haviam consentido que ali se estabelecessem. O numero dos exilados elevou-se a quasi 600 individuos, a propriedade tendo duas leguas quadradas de superficie. Sinto-me quasi inclinado a generalisar este facto e a dizer que a população do districto do Cabo se eleva a 300 individuos por legua quadrada; mas, não multipliquei sufficientemente as minhas observações sobre os estabelecimentos visinhos, para ousar aventurar este calculo. O engenho em que aquella medida foi tomada, havia muito tempo que cahira em mãos de gente pobre. Esta pobreza tinha singularmente multiplicado os colonos. Os governos terão muito que vigiar sobre a aristocracia das riquezas, á medida que o poder da aristocracia de nascimento fôr diminuindo devido aos progressos da philosophia.

Os lavradores são bastante altivos para receber de igual para igual o estrangeiro que os vem visitar. Sob o pretexto de me desalterar, entrei em casa de diversos para fazel-os conversar. As mulheres desappareciam como em casa dos senhores, e sempre me offereciam dôces. Jámais consegui fôsem por ellas acceitos os pequenos presentes de joalheria barata de que me havia munido para a minha viagem. Esta nobre altivez me fez estimar a classe laboriosa dos lavradores, intermediaria entre o orgulhoso senhor de engenho e o humilde morador, preguiçoso e servil.

O lavrador tem uma habitação mesquinha, pelas razões que deixei apontadas; mas, quando deixa a enxada para ir a Serinhãem ou a igreja, veste-se como um homem da cidade, monta um bom cavallo e tem estribos e esporas de prata.

Os moradores são pequenos colonos aos quaes os senhores de engenho concederam a permissão de elevar uma cabana no meio do matto e de cultivar um pequeno pedaço de terra. O fôro que pagam é muito diminuto, vale no maximo o dizimo do producto bruto, sem prejuizo do dizimo real. Como os lavradores não tem contracto; o senhor pôde mandal-os embóra quando quizer. São em geral mestiços de mulatos, negros livres e indios; os indios e negros puros são raramente encontrados. Esta classe livre é hoje o verdadeiro povo (plebe) brasileiro; é pauperrima porque pouco trabalha. Parece que do seu seio deveria sahir um numero de trabalhadores assalariados; mas, tal não acontece. O morador recusa o trabalho, planta um pouco de mandioca e vive na ociosidade; a sua mulher faz um pouco de renda. Se a safra da mandioca foi boa, pôde fazer algumas pequenas vendas e comprar roupa; isto constitue toda a sua despeza, porque a sua mobilia consta apenas de algumas esteiras e pôtes de barro; mesmo uma raspadeira de mandioca não se encontra em casa de todos.

Os moradores vivem isolados, longe de toda a autoridade civil ou religiosa, sem conhecer, por assim dizer, o valor da propriedade. Substituiram os selvagens brasileiros e valem menos do que elles, porque estes conheciam ao menos um vinculo politico e nacional; os moradores só conhecem os seus cercados, e consideram quasi como inimigos todos os que lhe são estranhos. Os senhores de engenho procuram as suas mu-

lheres para seu gozo ; dizem-nas muito galantes, mas, destas seducções resultam vinganças e punhaladas. Em geral despreza-se e teme-se esta classe. Os senhores de engenho que usam do direito de despedir os seus moradores, porque lhes pagam pouco e mal, e frequentemente os roubam, tremem ao tomar esta perigosa medida em um paiz sem policia.

Os assassinatos são frequentes, e não dão lugar a perseguição alguma ; conheci certo senhor de engenho que não se afastava só a um quarto de legua da sua casa, por causa da inimisade e da perfidia dos moradores. Havia incorrido no seu odio ; não sem semelhantes motivos de receio entrei muitas vezes nas suas cabanas.

Os homens, de olhar um tanto feroz, observavam com curiosidade interessada a minha espingarda de dous canos ; as mulheres maravilhavam-se dos meus oculos, admiravam a finura da minha roupa branca, e examinavam principalmente o trabalho de costura que achavam, com bastante razão, bem inferior ao seu ; pagava o meu copo dagua com um annel ou um collar, e quasi sempre corriam atraz de mim para me offerecer um cravo.

Já disse que não havia base alguma para calcular a população ; só a autoridade publica pôde fazer pesquisas uteis a este respeito ; mas, a olho, nas regiões que percorri, aprecio os moradores em 19/20 da população total do campo, exceptuados os escravos. Esta classe numerosa ainda está toda por civilisar ; os meios para conseguil-o são difficeis de achar, porque a introducção dos negros impede sejam reclamados nos engenhos os seus serviços remunerados ; talvez fossem necessarias algumas medidas agrarias, algumas distribuições de terras ; mas, esta gente é tão preguiçosa, tem tão poucas necessidades, que parece ser mistér começar refundindo-a moralmente. Ora, sabe-se que é na reforma moral que as administrações encontram os maiores obstaculos. Os padres, as escolas podem talvez servir-lhe de agentes ; aqui não ha escolas e apenas alguns padres ignorantes ou escandalosos. Certo não se pôde contar como o effeito das raras missões de alguns frades que vêm tirar esmolos, e pagar as esmolos abafando os remorsos.

Ao Sudoéste e contigua á habitação de Sibiró, ha uma matta que serve de couro a negros quilombolas e não pôde ser atravessada com segurança. Alem existe um engenho legado por um rico moribundo ao Carmo de Olinda, mediante uma missa todas as sextas feiras; dizem ser esta plantação excellente e muito bem administrada. Perto dali ha duas aldeias de indios convertidos, debeis restos dos trabalhos dos Jesuitas nestas regiões. E' assaz extraordinario ouvir dizer que as terras por elles occupadas foram dadas, pelo rei de Portugal, a estes indios da tribu dos Cahetés, e antigos proprietarios de todo o littoral de Pernambuco; esta doação foi feita em recompensa dos serviços que prestaram por occasião da expulsão dos Hollandezes. As suas terras são cobiçadas por especuladores que as julgam proprias ao estabelecimento de quatro bons engenhos.

Desejei bem ir até lá; mas, havia já usado bastante da complacencia dos meus amigos; seria talvez abusar della arrastal-os a cinco leguas adiante de Sibiró naquella direcção.

Dous destes indios vieram á habitação; são de côr mais escura do que os mulatos, porém, mais acobreada; tenho visto brancos tostados pelo sol que tinha quasi esta côr; o que os distingue dos mulatos é não terem os cabellos lanosos; quanto ao mais não differem dos matutos, ou gente das mattas que vem ao Recife, na linguagem e nas maneiras. Andam armados do punhal portuguez (faca), de um pau ferrado (especie de azagaia) e algumas vezes de uma espingarda ou uma pistola.

Têm capellães particulares e especie de juizes escolhidos por elles mesmos; nisto differem dos moradores brasileiros, que raramente vêm a igreja e ainda mais raramente têm magistrados. Cultivam um pouco de mandioca, fazem algumas esteiras, e, sob a influencia do seu bello clima, passam a maior parte da vida na ociosidade.

Tratei apenas dos habitantes do campo; ha, porém, alguns nucleos de população com o padre, o notario e o cirurgião. Estas povoações, ficam a beira-mar; posso citar Nazareth sobre o Cabo de Santo Agostinho, de que já fallei, e tem cerca de 200 fogos; Serinhãem só tem 100; no Cabo vi apenas 7 ou 8 casas; não sei se ha um povoado de

Ipojuca ; creio que todo o districto depende de Serinhãem ; emfim apparece hoje a povoação de Nossa Senhora do O', de que fallarei em breve.

Para encontrar-se o juiz de ordem mais inferior, é mistér andar 6, 10 e ás vezes 14 leguas. Este juiz deveria fazer uma excursão annual no seu districto para tomar conhecimento dos delictos ; mas, tem tanta vontade de executar esta parte dos seus deveres quanta os habitantes de reclamar a sua assistencia ; cada um se faz justiça e ninguem reclama. Qual pôde ser a consideração de um magistrado que não tem força alguma para fazer respeitar a lei por gente sempre armada, sempre prompta e bastante forte para assassinal-o se elle quizer cumprir com o seu dever ?

Recebe os seus emolumentos, por vezes, dizem, gratificações para fechar os olhos, e goza do seu emprego como de uma sinecura.

Não é que haja falta de boas leis portuguezas ; os jurisconsultos são ao contrario muito instruidos e occupam um grande numero de cargos ; mas, a autoridade não tem força, a depravação chega ao cumulo ; por seis francos manda-se matar impunemente um homem ; dez pessoas fidedignas m'ó asseguraram muito seriamente.

A uma meia legua do engenho N. (suprimo os nomes por causa da nota que é uma horrivel accusação) se fórma um povoado que merece alguma attenção. Deve a sua origem á perigosa medida adoptada pelo Sr. ***, que acaba de expulsar todos os seus lavradores e moradores. Estes que estavam no gozo das terras desde varias gerações, viram-se de repente despojados dos seus pequenos melhoramentos de cultura e privados dos meios de subsistencia.

Não cantaram o seu exilio : — *Nos patriam fugimus, tu tytire lentus in herba.*

Cheios de raiva, fixaram-se num terreno, pertencente a uma antiga capella, limitrophe do engenho N. Ali havia já um capellão, um cirurgião e alguns colonos. De lá amea-

cam o proprietario de N., que não ousa approximar-se da nova colonia, e, dizem, já foi obrigado a sacrificar algumas victimas á sua segurança. (1)

E' para temer que esta resolução não cause alguns novos crimes.

Visitei este lugar sob o salvo-conducto do cirurgião.

Chamam-no simplesmente de Povoação e compõe-se de cerca de 300 familias, quasi todas de sangue mesclado ; vi apenas quatro brancos, que provavelmente eram lavradores. Os habitantes do nascente povoado occupavam-se em construir as suas casas, algumas são de taipa, um grande numero de fôlhagem e uma apenas de pedra e cal ; estão alinhadas em seis filas, que formam tres ruas com algumas travessas.

Foi a exiguidade do terreno que obrigou a seguir um alinhamento, porquanto nenhuma autoridade municipal ou convencional poderia prescrevel-a. O capellão, accusado de varios assassinatos e desordens, se fôsse mais puro, poderia investir-se de uma especie de magistratura ; não no faz porque é desprezado.

Todas estas gentes parecem admiradas de se acharem tão perto umas das outras. Entrando-se na povoação pensa-se estar no lugar de deportação de um grande imperio.

As inimidades cessarão um dia ; quando o espirito de vingança aplacar-se o povoado poderá tornar-se interessante. Em um paiz bem civilisado a dispersão das habitações tem poucos inconvenientes ; mas, aqui é uma das causas da barbaria dos costumes.

A reunião de que fallo mereceria seria attenção do governo como meio de civilização. Eis o numero consideravel

(1) Diz-se o paiz, que fez bem em se desfazer dos que punham a sua vida em perigo. Viagei com elle ; fomos armados até os dentes e escoltados por um feitor e dous negros. Havia me confiado um para acompanhar-me nos meus passeios. Este negro não ousava approximar-se commigo da povoação. « O que diria o meu senhor, me dizia elle com uma delicadeza de consciencia extraordinaria, si esta gente me matasse ? » — Com effeito, para vingar-se de um inimigo matam-se os seus negros, como matar-se-ia o seu gado, quando se não póde attingir a elle proprio.

da familias reunidas em um só ponto, e representando uma população de pelo menos 1200 individuos, sem chefe nem magistrado.

Tem necessidade de um juiz e talvez de um destacamento : um capitão e uma companhia de soldados assaz bem pagos para serem independentes. Isto seria um ponto de apoio para autoridade, que é desdenhada porque nunca apparece ; seria um centro de onde as luzes derramar-se-iam pelos campos..... mas, os senhores de engenho não gostam das luzes e o governo..... mas, calo-me, não compete á minha experiencia dar-lhe conselho.

Este povoado de 300 familias foi o mais consideravel que encontrei ; é ainda bem recente ; iudiquei-lhe a origem ; possa eu, d'aqui a vinte annos, saber que encerra uma escola e alguns artifices.

As montanhas em meio dos quaes se acham as habitações de que acabo de fallar, têm apenas 150 toezas de altura acima da planicie de Salgado, que não parece muito superior ao nivel do mar. Para ir de um engenho a outro, urge sempre atravessar um desfiladeiro de 600 a 700 pés de altura ; os valles em que estão construidos têm raramente meia legua de comprimento ; a direcção geral me pareceu ser do Nordéste ao Sudoéste ; era a indicada pela minha bussola, salvo a variação. Até agora me tem sido impossivel obter uma carta da capitania de Pernambuco, de sorte que tenho viajado nas trevas e sem saber a que systema orographico se ligam estas montanhas. A duas leguas d'aqui, perguntei, o que se encontra ?—Os sertões.—E depois ?—Ainda os sertões.—Esta palavra significa o interior do paiz ; com ella se designa vagamente as mattas, os desertos, as montanhas.

Actualmente o plantio do algodão estendeu-se para os sertões do Oéste e no Nordóeste ; as gentes que o cultivam são chamados matutos, ou habitantes das mattas. Estas expressões vagas satisfazem a todos ; não consegui me indicassem uma só posição geographica.

Vi poucos affloramentos de rochas. Em Cachoeira a torrente corre sobre um leito de granito de grossos grãos ; em Sibiró ha tambem granito em decomposição ou recomposição ; decompõe-se por camadas mais ou menos inclinadas como o

schisto ; o feldspatho, o amphibolo e a mica apresentam-se nelle muito distinctos. Em alguns valles vi massas de feldspatho. O sólo é geralmente uma mistura de quartzo e da argila, na qual domina esta. Supponho que a pedra calcarea é rara, porque para obter a cal de que têm necessidade, mandam á beira-mar arrancar dos recifes massas de coraes.

Não me fallaram da existencia de minas, quer de ouro, quer de cobre, e muito menos de ferro ou carvão de pedra. Entretanto é certo que já se extrahio ouro de Pernambuco ; se alguns proprietarios têm jazidas, exploram-nas em segredo, afim de evitar a intervenção do governo.

Uma verdura eterna, uma vegetação activa que não conhece repouso, fructas, flores succedendo-se sem cessar, revestem as montanhas até o cimo. Não conheço algumas das arvores destas mattas senão pelos seus nomes brasileiros, que me foram dados pela gente da terra.

Sabe-se quanto é difficil o conhecimento das arvores ; não posso, pois, tomar sobre este assumpto senão notas muito pouco satisfactorias.

A medida que se vae se affastando do mar, o coqueiro torna-se cada vez mais raro ; o dendêzeiro é mais frequentes porem, pouco se eleva e em breve é abafado por vegetaes mais robustos ; a propria mangueira é menos abundante do que nos arredores do Recife. O mamoeiro e a lorangeira acham-se sempre junto ás habitações.

A vegetação miuda dos mattas compõe-se de bellas mi-mosas, varias especies de loureiros (a julgar unicamente pelas folhas) que se elevam a 18 e 20 pés ; acima erguem-se arvores magestosas até a altura de 60 e 80 pés.

São as varias especies de sicupira, madeira dura que serve para a construcção de navios e de carros ; o Reacho das Serras (?) empregado nos travejamentos ; a mamajuba, o acicapuga, que fornece a madeira resistente para as caixas de assucar ; o visgueiro de lenho tenro ; a sopocerana, o iribica e o camassari, tres especies de que se fazem mastros ; o pau d'arco, o mais compacto de todos, usado para os eixos das moendas e as engrenagens ; o genipapeiro e varias outras especies geralmente designadas pelo nome de pau ferro ; emfim a tatajuba, que da a tintura amarella.

Não se encontra aqui o mogno, nem o campeche, nem o ibira-pitanga, que fornece o celebre pau vermelho do Brasil; entretanto, estas tres arvores são as que mais me teriam interessado. Desejaria ter colleccionado amostras d'estes vegetaes; mas, não tive opportunidade; supponho, aliás, que os nomes que me foram dados só são usados pela gente da terra. Os Doublet, os Marcgraf, os Pico visitaram as florestas da America Meridional e é nas suas obras que cumpre procurar escla-recimentos.

As moitas proximas ao sólo variam ao infinito; pude apenas reconhecer alguns fetos arborescentes e saponaceos que se elevam a grande altura; procurei alguns amigos velhos, como urzes e musgos, mas em vão. Perto dos riachos encontrei a *Potentilla ansorina*, de flores maiores do que na Europa, algumas orchidéas, uma especie de maravilha e o *Eringium* nos logares aridos; emfim, e com uma abundancia incommoda por causa de seus espinhos, a sensitiva (*Mimosa pudica*), que nós cultivamos com tanto cuidado e cresce aqui como as urtigas.

As margens dos caminhos encantadoras campainhas adornam, com as suas flores dum cinzento de linho, os loureiros de um verde muito escuro: é a alliança da delicadeza e da força.

Plantas seivosas, especies de cactus, se implantam na bifurcação dos ramos das arvores mais fortes e as revestem de uma vegetação vigorosa na apparencia, mas, perfida na realidade.

Com frequencia se observa que destruíram o antigo genipapeiro que as havia admittido; o seu tronco apodrecido desfaz-se em poeira ao menor choque, e dissipa a illusão que occasionava a frescura deste hospede parasita.

Todas estas massas ora estão ligadas por cipós, que desenhem graciosas grinaldas, ora quebradas pela queda de alguma arvore antiga que a idade prostou. As moitas affectam as varias nuances da verdura dos diversos vegetaes, offerecendo á vista mil accidentes pittorescos que fariam o desespero ou serviriam de escola aos nossos jardineiros paisagistas. Quando eu tornar a ver as scenas poeticas que estes artistas desenhem, com tanto trabalho, nos parques dos nos-

sos principes, ser-me-a bem difficil resistir á lembrança dos que me apresentaram as mattas de Ipojuca.

Percorrendo os Alpes da Saboya e as montanhas de Norega, admirei, e ainda admiro, a grandiosidade e a nobreza dos scenarios ; lá, mais do que aqui, se vêem massas imponentes, immensos rasgões, precipicios medonhos ; as alturas a que ali se attinge, a vista das galerias, as fendas, as encostas abruptas excitam emoções ; a multidão, o ruido, a força das cascatas formam ali uma harmonia exactica ; mas, o olhar repousa sempre e sempre só sobre pinheiros e coníferas. Se aqui a natureza é mais calma e mais silenciosa, o seu ornato é tambem mais brilhante ; a opulencia do luxo vegetal resgata a falta de accidentes terriveis.

Se todavia se ama as sensações do terror, basta pensar que as abobadas espessas e tenebrosas das mattas do Brasil são o asylo do feroz jaguar, agachado sobre uma arvore á espreita da preza, e sobre a qual se lança da distancia de quinze pés ; da onça carniceira que destróe os rebanhos ; da panthéra que o sangue altera de sangue ; recordar que a herva espessa e florida, convidando ao repouso, encerra a venenosa cascavel e a monstruosa giboia, por vezes de 25 pés de comprimento. Se o viajante se deixa levar por estas idéas, nem sempre infundadas, o timido lagarto que foge sob as sarças, fal-o em breve experimentar a sensação do terror.

Mas, estes perigos são muito raros ; mostraram-me despojos de onças, jaguares e de cobras ; eutretanto, só vi animaes mais pacificos. Bandos de pequenos veados, e lindos animaes da forma de gamos, mas de pello mosqueado, aventuravam-se algumas vezes até a margem das planices, desaparecendo, á vista do homem, com a rapidez do relampago Para atirar-lhes, o caçador estaciona sobre uma arvore, ao pé da qual deixou alguma comida, e ali espera a caça durante varios dias, se é preciso.

Os negros de Salgado pegaram duas capivaras ou cabiaés ; este animal tem mais ou menos a forma do porco, mas, é um roedor ; tem quatro dedos nas patas da frente e só tres nas de detraz ; não tem cauda e o seu pello é bruno ; tem, porem, barbas como os gatos. Não me deixaram provar da sua carne, que os negros comeram muito bem.

Em diversas casas vi a cotia, tambem uma especie de cabiarí, porem, muito menor ; tem o focinho muito mais pontudo e o pello tirante mais para cinzento. Este animal amansa-se facilmente ; divertam-se com elle como entre nós com o macaco, comquanto seja muito menos engraçado.

O proprietario de Cachoeira teve a gentileza de fazer vir um mulato, caçador experimentado e possuidor de dous cães amestrados.

Deviamos fazer uma grande caçada ; mas, o mulato partiu meia-hora antes de nós. Como nos dirigissemos para a matta, afim de nos juntarmos a elle, appareceu com uma paca, que seu filho havia morto á flexa ; offereceu-nos o animal e pretextou negocios para não voltar mais.

A paca assemelha-se á lontra, nutre-se, porem, de vegetaes ; a que vi pesava pelo menos quinze libras ; o seu pello, dum fulvo escuro, era fino e curto ; a carne excellente participava do gosto da de coelhos e da de veado.

O mulato possuia varios furões ; tinha muito o que conversar com tal homem, frequentador das mattas, mas, não o revi mais ; estou persuadido que os meus hospedes o afastaram com receio de terem de me acompanhar ás caçadas que eu propunha ; estes senhores não gostam do exercicio, nem apreciam a caça.

Foi tudo o que de animaes curiosos vi na minha viagem ; se ella se houvésse prolongado mais, teria tido ainda alguns encontros interessantes ; por exemplo, só no momento de partir de Sibiró foi que sube que um dos negros do engenho era curado. Partí sem tel-o visto operar.

Aguardando informações mais completas, direi que um individuo *curado* é um fascinador de cobras ; toda a gente do engenho viu o negro, de que fallo, cingir-se o corpo com um destes reptis e fazel-o obedecer a todas as suas ordens. Parece que, com o auxilio de certas preparações, de que fazem mysterio, se pôde exercer grande imperio sobre estes animaes. Os que conhecem o segredo são chamados *curados* ; mas, nem todos os *curados* sabem curar, isto é : ensinar o processo. O ensino é acompanhado de momices religiosas.

Um dos meus amigos, que não era supersticioso nem incredulo, e de cuja veracidade não posso duvidar, assegu-

rou-me que uma de suas negras fôra mordida por uma cobra ; estava inchada ; o sangue sahia-lhe pelos olhos, a bocca e as orelhas ; ia perecer. Mandaram chamar um feiticeiro ou *curado*, morador na vizinhança ; elle não pôde vir logo ; mas, mandou..... o seu chapéu. Collocaram-no sobre a roribunda que immediatamente ficou alliviada. De tudo isto o meu amigo foi testemunha occular. O que elle não viu, e lhe foi contado pelos seus contra-mestres, foi que, á tarde, o feiticeiro veio ver a doente, que já não o estava mais, collocou-se no batente da porta, chamou a cobra culpada, *que compareceu*, fel-a percorrer o quarto e, com grande terror dos assistentes, enroscar-se varias vezes em volta da negra, que nenhum mal soffreu, e matou-a depois.

Repito que, esta parte dramatica da operação, meu amigo não na viu ; mas viu operar-se, á sua vista, a cura por meio do chapéu.

Não lhe perdoei não haver examinado o chapéu para nelle descobrir alguma planta ou droga a que se podêsse attribuir o milagre. Certo, se me demorar ainda algum tempo no Brasil, hei de fazer pesquisas sobre esta particularidade.

Um negro fazia, ha alguns dias, dançar na praça do Recife duas cobras de tres pés de comprimento, e se dava por feiticeiro ; mas, supponho houvesse pegado os animaes quando pequenos, lhes tivésse arrancado os dentes, e os amansado.

Temos em França fascinadores de serpentes ; mas, só operam com cobras inoffensivas, e jámais com viboras de presas venenosas. E' com cobras que brincam as damas sicilianas, como as damas francezas com os seus fraldiqueiros.

Deixando de parte o que tem o ar de *contos*, tenho ainda a contar duas *historias*, de que tive conhecimento na excursão que acabo de fazer.

Em Sibiró ha uma negra chamada Thereza Rainha ; era rainha em Cabinda ; surprehendida em adultério, foi condemnada á escravidão, e cahio do throno na senzala de um senhor brasileiro. Quando chegou trazia nos braços e nas pernas annelões de cobre dourado ; as suas companheiras testemunhavam-lhe muito respeito. Era imperiosa e recusava-se a trabalhar.

Nós, Europeus, supomos logo que os grandes revezes da fortuna despertam considerações; mas, Thereza foi violentamente fustigada; submetteu-se á sua sorte e, de má rainha que fôra, tornou-se uma excellente escrava. Ha dous annos uma das negras que trabalham na moenda adoeceu; Thereza foi designada para substituil-a; pouco affeita áquelle trabalho, teve a infelicidade de deixar que uma das mãos fôsse presa dos cylindros; quiz desenhencillar-se com a outra mão, que tambem foi agarrada; ambas ficaram esmagadas, sendo preciso amputar-se-lhe os dous braços. Vi a pobre Thereza neste lamentavel estado.

Era uma bella mulher, de 27 a 28 annos, muito alegre e palradeira; quiz convencil-a de que havia sido apenas a concubina de algum chefe negro; sustentou altiva e obstinadamente que fôra rainha de Cabinda. Hoje não pôde mais trabalhar; empregam-na, porém, utilmente para vigiar as companheiras, e sabe fazer-se temer e obedecer.

Os ternos sentimentos que a precipitaram do fastigio das grandezas não na abandonaram no seu humilde captivo. Thereza, coroada pelo amor, desgraçada pelo amor, invoca ainda aqui este Deus para sua consolação: ha tres mezes deu á luz um filho, cujo pae ignora quem seja. Prendi ao collar de sua magestade uma agulhêta de ouro que nos fez tão bons amigos, ou, para me expressar mais respeitadamente, me collocou tão alto na sua mercê, que só dependeu de mim fazer ao rei de Cabinda o ultrage do qual Jocondo se consolou.

Voltando de Salgado, só com Gonçalo, atravesssei o districto de Garapú onde não conhecia nenhum senhor de engenho. Fui obrigado a parar na casa de um lavrador situada no fundo de um valle encantador. Não sei se este lugar tinha uma influencia magica para operar sobre mim como operou sobre a joven Gertrudes, de quem vou fallar; mas, não podia vencer a illusão com que se apresentava á minha imaginação como sendo o lindo valle de Bagneux e de Fontenay. Delicioso retiro, onde recebi da amisade e das Graças tão tocantes testemunhos de interesse, poderei jámais esquecer-te.

Parecia-me vos ver ali, queridos amigos; parecia-me que partilhava ainda dos vossos folgaes joviaes, das vossas tocan-

tes leituras, dos vossos passeios botânicos, das vossas expansivas palestras.

Ah! se, como quero crêr, vós me enviáveis então algumas saudades, das margens felizes do Sena a estas plagas estrangeiras, recebi em troca todos os votos que fiz por vós no valle de Garapú!

Mas, volto á minha viagem.

Gertrudes é uma joven mulata de 18 annos; é difficil de vêr formas mais elegantes do que as que apenas vela o simples e claro tecido de musselina que formava todo o seu vestuario; é sujeita, disseram-me tristemente os seus hospedes, a affecções spasmodicas pela cura das quaes já se tem feito rezar bom numero de missas; é de uma virtude rara entre as da sua casta e vive devorada do desejo de fazer-se religiosa. Quando cheguei estava em pranto. Foi a primeira mulher que vi chorar, desde que estou no Brasil, onde me parece que só se conhece o prazer e a colera. Indaguei do lavrador o motivo do seu pezar.

Eil-o: — Ha tres dias que Gertrudes voltou para casa toda commovida; acabava de ver, dizia ella, morrer a sua mãe, moradora a seis leguas dali, e entregou-se ao desespero. Em vão tentou-se dissipar a sua inquietação; em vão se lhe mostrava o desvario de sua imaginação; ella estava tão certa do acontecimento que, desolada pela perda que acabava de experimentar e á qual assistira, nem ao menos pedia fôsem assegurar-se do facto. Entretanto, foi isto que a induziram a fazer. Gertrudes fôra á casa materna e acabava de regressar com a confirmação de que sua mãe fallecera no momento mesmo da visão.

Esta historia se assemelha a muitas outras historias que se repetem, se imprimem e das quaes se zomba, porque á falta de testemunhos esclarecidos, se é inclinado a duvidar dellas; não está mais do que as outras ao abrigo da duvida, porquanto não tenho para garantil-a senão uma rapariga hysterica ou meia louca, e boas gentes supersticiosas, que de certo se absteriam de fazer pesquisas sobre as particularidades do pretenso milagre.

Entretanto, tenho ouvido contar casos semelhantes por pessoas menos suspeitas; as anedoctas surgem em multidão

quando se começa a fallar de visões. Um habitante da ilha de França via os navios a 200 leguas de distancia. Certo capitão portuguez, aqui chegado, vio uma embarcação sosso-brar a 30 leguas delle; mudou de rumo, dirigio-se para o local do accidente e salvou a equipagem, que se havia refugiado na chalupa. Um capitão inglez e toda a sua tripulação juraram ter visto, a uma distancia immensa, certo marinheiro se precipitar no Etna. A sombra de D'Alembert appareceu a um academico de Berlim. Emfim, Saul vio a de Samuel e conversou com ella. Far-se-ia volumes se se quizésse colleccionar todas as historias de aparições.

Do que não vi, daquillo de que não concebo a possibilidade, posso concluir affirmativamente que não ha aparições? Conhecemos bem nós todos os nossos órgãos? Se só temos os olhos para *vêr*, como explicar as maravilhas do sonambulismo natural? Se os prodigios do sonambulismo artificial ou magnetico não são chiméras, posso acaso esquecer a resposta que me deram todos esses sonambulos? — Não raciocinavam, diziam elles, *riam*. Permaneço, pois, a respeito de aparições, na duvida a mais neutra; sem dar credito a quem me dissér haver tido uma visão sobrenatural, não ousarei jámais dizer-lhe que mentio.

Tive grande vontade de magnetisar Gertrudes, que parecia ser um excellente *sujet*; mas, pensei no perigo de ser tomado por feiticeiro e me abstive prudentemente.

De todas as viagens que tenho feito nenhuma satisfiz tanto a minha curiosidade como a pequena excursão que venho de terminar. Mereceria notas mais interessantes do que as que deixo registradas; mas, fui obrigado a viajar com uma rapidez incompativel com a lentidão exigida por observações minuciosas ou informações difficeis de arrancar á preguiça, e não mais faceis de serem bem comprehendidas pela minha mediocridade; emfim, se não relato nada de muita utilidade, ao menos conservei-me recordações agradaveis.

Terminarei com uma observação sobre a temperatura; o continente brasileiro aquecido por sol ardente, que dilata a atmospheria de que está envolto, recebe a impressão da corrente de ar fresco que do mar vem ali restabelecer o seu equilibrio. E' o que, no Recife, chamam de —*viração*— ou a

brisa marítima, aragem bemfazeja sem a qual é provável que o littoral de Pernambuco não fôsse habitavel para os estrangeiros. Esta brisa mantém, desde que estou aqui, a temperatura, á sombra, de 22 a 23° Réaumur ; é quasi continua, e a temperatura nocturna permanece sempre em 22°. No interior as variações são muito mais sensiveis.

O equilibrio da corrente de ar marinho estabelece-se antes delle ali penetrar, de sorte que quasi não se sente brisa alguma. Na planice aquecida o thermometro marca até 30°, á sombra da borda de um fosso, no limiar das mattas (salvo nos lugares humidos) sóbe de um grão ; durante a noite desce abaixo de 18°. A's tres horas da manhã, accordado pelo frio, pois estava pouco agasalhado, achei 17°.

Estas grandes diferenças de temperatura devem parecer ameaçar molestias endemicas ; entretanto, e apezar do país achar-se ainda pouco desarborizado, não existem absolutamente. O que é singular : foi em Olinda, cidade bem arejada, edificadas sobre collinas, que se manifestaram, ha uns cem annos, os primeiros symptomas do vomito negro ou febre amarella (1).

Ao pé de Olinda acham-se vastos pantanos formados pela represa do rio Beberibe ; á noite, e principalmente proximo á cidade, apresentam-se illuminados de fogos fatuos, produzidos pelo despreendimento e a inflammação do gaz hydrogeneo carburado ou sulfurado. Em situações analogas, no interior, nunca vi destes despreendimentos luminosos.

Tivemos aguaceiros bem fortes, mas, sem trovoadas ; refrescavam muito menos do que as nossas chuvas tempestuosas, ou antes não produziam sensação alguma sobre o thermometro. Não tendo nem hygrometro nem barometro, não pude fazer observações sobre o peso e a elasticidade da atmospherá.

(1) Engano do A. — A epidemia dos *males* appareceu primeiramente no Forte do Mattos, no Recife, em 1686.

VI

No Recife. — *Domingo, 12 de Janeiro de 1817.* — A grande cultura do algodão em Pernambuco só se encontra a 12 ou 15 leguas da cidade, e estende-se, em certas direcções, seja para o Noroeste, até 100 e 150 leguas.

Fazendo a viagem á Parahyba, distante daqui 30 leguas, encontrei plantações com 100 a 150 negros. Nos confins do Ceará ha proprietarios de algodoaes com 300 escravos. A visita destes districtos me é momentaneamente interdita; mas, pude visitar a pequena plantação de algodão junto de Olinda, onde colhi algumas informações de que vou tomar nota.

O sólo que mais convem ao algodoeiro é uma mistura de argila e de areia, em quantidades iguaes. Se ha excesso de uma é melhor seja a argila que domine. Ha plantadores que dão grande preferencia á argila colorida pelo oxido vermelho de ferro.

Cultiva-se o algodão: 1.º nas planicies descobertas perto ou longe dos rios; as proximas d'agua são preferidas; 2.º nas grandes mattas virgens, que dão um bom producto, provavelmente devido á humidade que encerram; 3.º nos cerrados que dão arbustos mais humildes, ali, porém, o algodoeiro só produz durante tres annos; 4.º enfim, nos terrenos arenosos, cobertos ou descobertos; é o de peor qualidade. Como estes dous ultimos generos de terras constituam quasi todos os arredores do Recife e de Olinda, só se veem ali poucas plantações.

Feliz de quem possui um terreno das duas primeiras especies, descendo dos outeiros para a planicie, porque todos os algodoeiros não amadurecem a um tempo, e nestas condições é menor o numero de braços necessarios á colheita.

Aqui distinguem apenas duas estações, salvo as anomalias consideraveis que se tem notado, aqui como na Europa, ha alguns annos. E' certo que, sendo o nosso planeta um grande todo, as perturbações que experimenta em um hemispherio se devam fazer sentir no outro.

As duas estações de que quero fallar são : o verão, ou o tempo durante o qual não chove, seja de Novembro a Junho (1) e o inverno, ou tempo das chuvas, comquanto então não faça mais frio. Mas, alem destas duas estações, ha dous climas muito differentes devidos á confirmação physica do sólo. Devo a mappas, que me foram recentemente communicados, poder comprehender um pouco a causa destes dous climas.

Em uma faixa de 10 a 12 leguas, todo o littoral de Pernambuco, desde o Rio Grande do Norte até á Parahyba, Goyana, Recife, Alagôas e Bahia, está coberto de montanhas e de mattas ; as montanhas não veem até á beira-mar, e é por isso que se diz que a costa é plana ; mas, a poucas leguas da praia ellas apparecem, conforme vi quando estive em Sibiró. Este littoral é considerado como muito chuvoso em comparação com a região occidental, que parece ser mais descoberta. Comprehende-se tambem na zona chuvosa todo o Piauhy, situado alem do Ceará.

Parece ser na região chuvosa que o algodoeiro cresce melhor e attinge a idade de 10 a 14 annos. Na mais visinha da costa adquire uma vegetação demasiado luxuriante, uma organização plethorica que o esgota mais promptamente. Sabe-se aliás, que as chuvas dos tropicos cahem com tal violencia que quebram os rebentos das arvores, revolvem os terrenos cultivados e alteram-lhes toda a economia.

Explicando-me a natureza destes dous climas, fizeram-me comprehender porque o plantio do algodão se faz tão longe dos portos de embarque.

A difficuldade de communicações com o interior de Pernambuco é tal, que a maior parte dos algodões só pôde ser transportada em costas de animaes, e ha comboios que levam até de cinco a seis semanas para chegar á cidade ; não é, pois, de admirar que as entradas ali se succedam durante quasi todo o anno.

Até agora me tem sido impossivel obter informações minuciosas sobre o producto do plantio do algodão. Parece que,

(1) Na Bahia encontrei a estação das chuvas prolongando-se até Setembro.

em geral, se pode contar com 20 arrobas ou 600 libras por cabeça de negro, o que a 6\$000 reis a arroba, livre do dizimo, daria 120\$000 ou 720 francos por negro, (o anno passado valen 9, 10 e 11\$000 reis ; neste momento vale 6\$500 reis) ; é muito mais do que calculei para o assucar, de sorte que supponho haver excesso. Entretanto, sei que, em Charleston, se conta 1000 libras de algodão curto e 600 libras de algodão comprido, e, em Cayenna, tambem 600 libras por cabeça de negro. Esta conformidade de relações faz com que suspenda o meu juizo.

Os plantadores de algodão não dão carne aos seus escravos ; fazem-nos cultivar a mandioca de que se alimentam ; não têm, portanto, a diminuir do preço da venda no Recife senão o dizimo e as despezas de transporte, que realisam com os seus proprios cavallos. Por mais consideraveis que sejam estas despezas, pode-se estimal-as em 200 ou 300 reis a arroba, ou 5 francos o quintal ; da Parahyba aquí o frete é apenas de um tustão a arroba ; não chega a 2 francos o quintal.

Suppunha, e ainda supponho, que do outro lado das montanhas os terrenos não têm valor venal, porque offerecem ali aos estrangeiros concessões quasi gratuitas.

A's portas de Olinda vi offerecer um terreno de 18 geiras, bem situado e arborizado, mediante fôro perpetuo de 24 francos por anno ; estas duas circumstancias me afastariam da crença de que fosse necessario contar com o valor real do sólo ; entretanto acabo de ser informado que se está negociando por vinte mil cruzados (60,000 francos) um terreno, proprio á cultura de 100 balas ou 500 arrobas de algodão. Se ali forem precisos 25 negros, que custarão de 20 a 22,000 francos, será necessario calcular em 18,000 francos a renda de um capital de 80 ou 90,000 !

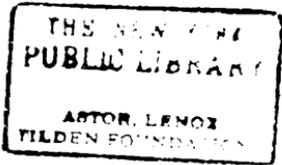
Sobre tudo isto me faltam novos esclarecimentos.

A plantação que vi perto de Olinda é a tal concessão de 18 geiras por 24 francos de arrendamento, de que acabo de fallar. E' inteiramente nova ; calculo em 3 geiras a 3 geiras e meia a superficie desmoitada ; o proprietario espera colher



TRANSPORTE DO ALGODÃO DO INTERIOR.

(*Abud*: KOSTER, Travels in Brazil, 1816.)



30 arrobas de algodão (a 40 francos) valendo 1200 francos (1); como tem varios negros occupados em diversos trabalhos, e que só faz trabalhar no algodão nos momentos de folga, estes dados aliás demasiado vagos, não podem absolutamente servir para calculos.

Uma nota muito mais segura, que acabo de obter na Inspeção, é que a exportação dos algodões pelo porto do Recife, no anno que terminou a 31 de Dezembro de 1816, foi de 72,300 saccoes. Esta exportação comprehende os productos de Pernambuco, da Parahyba, do Aracaty e de grande parte do Ceará.

A Inspeção do algodão, estabelecida em Pernambuco, tem por fim fixar as qualidades e garantir contra as fraudes. A' medida que o commercio se foi desenvolvendo, esta repartição foi se relaxando e degenerou em simples escriptorio de verificação para o pagamento do dizimo. Contramarcavam ali, quasi sem exame, todas as balas com a marca de primeira qualidade. Desde o principio do corrente anno foram nomeados novos inspectores; vejo-os julgar das qualidades com uma severidade muito louvavel; mas, esta severidade terá persistencia? Desejo assim seja, tanto quanto receio que este bello ardor de equidade não seja um fogo de palha.

Emfim, veremos.

EXPORTAÇÃO DO ALGODÃO DE PERNAMBUCO

1808.....	26,877	balas	} Comprehendendo o que vem do Ceará, Aracaty e da Parahyba.
1809.....	47,512	»	
1810.....	50,103	»	
1811.....	28,245	»	
1812.....	58,829	»	
1813.....	65,327	»	

La esquecendo uma observação muito importante relativa á cultura do algodão. Os calculos, que ensaiei mais acima promettem para a cultura do algodão lucros muito mais elevados do que os do assucar; mas, estes são mais ou menos constantes, emquanto que aquelles são muito variaveis, e uma estação desfavoravel pôde fazer perder toda uma safra. Póde-se

comparar estas duas industrias ás dos cereaes e das vinhas nas nossas latitudes de 47 a 48° Norte.

Estas variações consideraveis, nas colheitas do algodão, têm effeito muito sensível para os plantadores, porem, muito menor para o mercado. Como a planta se cultiva desde o Ceará até o Recife, ou antes até a latitude do Recife numa area de 200 leguas de comprimento sobre uma largura variavel, á margem dos rios, nas planices de cerrados e sobre as montanhas, concebe-se que o azar das estações não pode ser o mesmo para todos estes terrenos, e que uns são poupados quando os outros padecem.

VII

No Recife. — *Domingo 26 de Janeiro de 1817.* —

As leis de Portugal são, dizem, muito bem feitas. Os cursos de direito em Coimbra são excellentes; não se pôde alcançar os altos empregos da administração sem haver obtido o gráo na unica universidade de Portugal. O actual governador de Pernambuco, que tem o titulo e a farda de general, é sómente jurisconsulto; quasi todos os desembargadores o são igualmente; mas, todos estes cuidados tomados por uma bõa legislação são quasi inuteis; o facto leva aqui de vencida o direito, e de todos os lados ouve-se assegurar que a unica lei é a vontade dos administradores.

O governador geral não tem realmente senão poderes limitados; entretanto, age como um poder absoluto. E' nomeado por tres annos, mas, pôde ser e é frequentemente conservado no mesmo posto; os seus vencimentos annuaes são apenas de 24,000 francos.

Governa aos civis e militares; tem abaixo de si o Ouvidor, que dirige o civil de todo o districto, e o Juiz de Fóra, que é uma especie de intendente municipal, ambos nomeados por tres annos.

Um procurador geral da corõa, um chefe do thesouro, o intendente da marinha e o director da alfandega, formam, com o governador e o ouvidor, a junta da administração civil.

A capitania de Pernambuco tem dous regimentos de linha, que deviam contar 2,400 homens, mas se compõem ape-

nas de 1,200 ; um delles é de artilharia ; e dous regimentos de negros livres contando sómente 250 homens. Estes dous regimentos de negros livres foram formados, por occasião da guerra dos Hollandezes, pelo negro Henrique Dias, que prestou grandes serviços á independencia brasileira ; conservam o nome do heróe que os fundou ; são mantidos por gratidão e, talvez, tambem porque nada custam ao governo ; os officiaes e soldados fazem todas as despezas do seu bolso ; são fardados de branco e tem excellente aspecto ; do coronel ao ultimo soldado, todos são negros puros.

Os claros dos regimentos de linha são prehenchidos por meio de um recrutamento assaz arbitrario ; ha poucos alistamentos voluntarios, por causa do pequeno soldo (..... por dia sem razão) e porque um dos castigos impostos aos malfeitores é condemnal-os a sentar praça, o que deshonra os corpos e afasta os homens de bôa conducta.

Alem desta força disponivel, todo o paiz está organizado em milicias, tendo por chefes os grandes proprietarios. E' o que dá lugar a se encontrar tantos coroneis, majores, capitães e tenentes até nas mais infimas tabernas.

Si os regimentos dos Henriques não admittem senão negros, os de linha não recebem nenhum ; mas, os mulatos e os mestiços de toda a casta tem accesso a elles como os brancos.

Não ha regimentos ou milicias de escravos.

Por mais estensa que seja a autoridade do governador, ella não póde attingir o menor dos clérigos. Em um paiz em que se abraça o estado ecclesiastico mais frequentemente por conveniencia de familia, ou por interesse, do que por piedade, não é raro deparar-se com ministros do altar que deshonram o seu character religioso pela sua má conducta e mesmo ás vezes por crimes ; o governador, entretanto nada pode contra elles ; queixa-se ao bispo que, de ordinario, não inflige outro castigo alem de algumas lições de breviario, ou, nos casos muito graves, da interdicção da missa durante algumas semanas.

O penultimo bispo de Olinda (1) era um homem de um grande merito, protector das sciencias, amigo da ordem e go-

(1) D. José de Azevedo Coutinho.

zando de uma grande reputação. Vi no gabinete de historia natural de Belem, em Portugal, bellissimos specimens devidos ás suas pesquisas e aos seus cuidados. A elle se deve o estabelecimento do Seminario de Olinda. Admittem-se leigos, e ali podem-se fazer estudos bem regulares de humanidades, cursos de logica, de ethica e de mathematicas ; havia uma cadeira de physica e uma aula de desenho, que não existem mais desde que elle deixou a diocese.

O professor de desenho era um ecclesiastico de merito superior, o Padre João Ribeiro Pessoa, bom naturalista, homem instruido, que se retirou para o Recife onde é capellão de um hospital e dá algumas lições. E' o homem mais interessante que um viajante, desejoso de informações sobre o Brasil, possa encontrar.

Este seminario ou collegio de Olinda é a unica instituição publica para a instrucção secundaria do sexo masculino. Ha no Recife, desde algum tempo, escolas particulares nas quaes se ensina a lêr, escrever e contar. Os jovens brasileiros empregados nos escriptorios têm todos bôa letra ; a escripturação mercantil por partidas dobradas é, entretanto, ainda algebra para o maior numero dentre elles. Creio que ha tambem no Recife alguns repetidores particulares de latin. Ha uma bibliotheca bastante bonita no mosteiro de S. Bento, em Olinda ; varios particulares ligados á administração vão formando outras mais modernas, desde que as communicações com a Europa se multiplicaram. As obras francezas são as mais procuradas, e entre estas todos os escriptos que encerram o codigo, hoje desacreditado entre nós, da philosophia do seculo XVIII. Como em Portugal, todos os livros introduzidos deveriam passar pela censura, mas é facil evital-a. O numero dos frades em Pernambuco não é muito consideravel ; creio que se contam os seguintes.

A maior parte é da ordem de S. Francisco ; ha no Recife um convento de capuchinhos italianos. Nem uns nem outros poderam substituir os jesuitas, que civilisaram os indios e os converteram a um tempo á religião e ás artes ; os frades actuaes, que correm os engenhos, as casas e as tabernas das cidades, para mendigar têm contribuido muito para diminuir a consideração de que gozava a côr branca. Não é mais

possível que o negro veja um ser superior num branco que se humilha perante elle para obter algumas esmolas.

Só os ricos beneditinos e os carmelitas regulares não mendicantes, são exceptuados; possuem bons engenhos que administram com muita docilidade e moderação.

Talvez não tirem delles todo o partido de que são susceptiveis; mas, moderam as suas necessidades e tornam os seus escravos tão felizes quanto se pode sel-o nos ferros do captivo. Todos os annos libertam alguns.

Na maioria estes frades ricos e os conegos pouco observam o voto de castidade; tem mulheres e filhos naturaes, o que provoca pouco escandalo; mas, cousa surprehendente! chegam a fazel-os legitimar afim de lhes conseguirem a entrada nas ordens.

Ainda não pude saber como se consegue illudir as leis a este ponto.

Não ha aqui religiosas; no Recife e em Olinda vê-se apenas recolhimentos para mulheres, nos quaes não se fazem votos.

Quando, por acaso, um pae de familia deseja dar alguma instrucção a uma filha, a confia durante algum tempo ás directoras de um destes recolhimentos; ali as filhas aprendem um pouco a ler e a cozer; ha ainda algumas que não querem que as filhas aprendam a lèr e a escrever; mas, este preconceito diminue diariamente, e, pelo modo por que vejo se apreciar tudo o que vem da Europa, creio que dentro de alguns annos não restarão vestigios de semelhante prejuizo.

Os impostos que se pagam no Brasil são os seguintes:

1.—Dizimo do producto de todas as terras (o dizimo do gado é arrendado). Os generos de exportação são levados á Inspecção e é ali que se paga o dizimo;

2.—Imposto sobre a transmissão dos bens de raiz; 10 % sobre o valor declarado;

3.—Direito sobre a venda de navios; 10 %. Illude-se, em parte, este imposto, só declarando o valor do casco. Todo o apparelho é então considerado como mercadoria;

4.—Direito sobre a venda de escravos já introduzidos : 5 % ; nada se paga por ocasião da primeira venda ;

5.—Direito sobre as successões : no primeiro gráo, nada ; no segundo 10 % ; no terceiro, 20 % ;

6.—Direito de patente para exercer a profissão de negociante tanto como a de logista. A taxa fixa é para todos de 12\$800 réis (80 francos) por anno ;

7.—Imposto sobre a renda das casas : 10 % ;

8.—Direitos de alfandega. Na entrada 15 e 16 %. As mercadorias inglezas e portuguezas 24 % ; para todas as outras ha uma especie de avaliação, ou, ás mais das vezes, as facturas servem de base. A' sahida paga-se 600 réis por cada arroba de algodão e mais 100 réis por bala ; pelos assucares brancos 60 réis e pelos mascavados 30 réis a arroba.

Não ha outro imposto pessoal além do da patente. O gado paga tambem o dizimo, por ocasião de ser vendido, e creio que ha ainda um pequeno imposto de tanto por cabeça.

Tambem presumo haver outro pequeno imposto sobre a destillação da aguardente.

Os pescadores pagam tambem o dizimo e mais 6 % ; mas, supponho que este imposto pertence aos conventos, seja por concessão ou por arrendamento.

Quasi todas as taxas estão arrendadas a grandes arrematantes geraes, que, por sua vez, as subarrendam ; em certos artigos estas subdivisões chegam ao ponto de se encontrar particulares que são os arrendatarios dos seus proprios impostos. Não é facil saber o que entra para o erario publico da somma conhecida cobrada do povo. Dizem que o Governador de Pernambuco envia mensalmente 30 contos de réis (200.000 francos) para o Rio de Janeiro.

Por ocasião de se fundaram os primeiros estabelecimentos no Brasil o dizimo não dava para a manutenção do clero ; elle tratou então com a corôa, que se encarregou de subvencional-o guardando para si o dizimo. Com os grandes progressos feitos pela colonia, o dizimo produziu um rendimento immenso, mas, as congruas dos ecclesiasticos não foram augmentadas, de sorte que os ministros do rei hoje se felicitam pelo arranjo feito pelos seus antecessores, ao passo que os padres o deploram. Os seus vencimentos são com effeito muito modicos ;

mas, as escolas, os eventuaes, ás doações no leito da agonia compensam largamente esta modicidade. Vemos, portanto, em um estado eminentemente catholico, os padres directamente salariados pelo governo, sem que disto resultem os inconvenientes de que se queixaram, entre nós em França, quando recentemente se quiz fazer ao clero uma doação independente em bens de raiz, que todos se transformariam em propriedades atingidas pela esterilidade dos bens inalienaveis.

Nada se publica em Portugal sobre o estado das finanças. D'ahi resulta que tendo o governo feito varios empréstimos, que não pôde reembolsar, os credores se suppõem roubados pelo soberano, porque não se lhes forneceu contas que justificassem a impossibilidade do pagamento. Pareceu-me que os habitantes consideravam os impostos não como uma contribuição deposita entre as mãos da autoridade para della fazer applicação em beneficio geral, mas, como um pagamento forçado feito á pessoa do soberano, que d'elle dispõe como lhe apraz e sem prestar contas, o que estabelece entre os administrados e os administradores uma especie de hostilidade pouco conveniente.

Cada cidade tem uma Camara, ou especie de Senado, do conselho da communa, que nella exerce uma parte da policia ; mas, não ha caixas e despesas puramente municipaes ; tudo é regulado na côrte, de muito longe, e com bem pouco conhecimento de causa. Não ha muito tempo que a villa do Recife pagava um imposto especial para a illuminação da do Rio de Janeiro ; creio que esta anomalia ainda existe.

Cita-se uma multidão de empréstimos e de augmentos de taxas exigidas para executar certos trabalhos especiaes ; os pagamentos têm sido feitos e continuam ainda, e os trabalhos ficaram sem execução. Isto desperta clamores ; mas, de que servem as queixas sob um governo absoluto e sem a liberdade da imprensa ?

Parece que só foi pelo abuso que o governo portuguez se tornou absoluto de facto.

Já disse alhures que a mandioca consumida pelos habitantes dos engenhos não paga dizimo, bem como o mel que nelles se vende ; a mandioca, porem, de que se faz commercio, paga-o. Ha pequenos collectores, que percorrem os campos por conta dos arrematantes, e que provavelmente procedem

bem irregularmente, porquanto não dispõem de força alguma para fazer executar a lei em meio de regiões quasi desertas.

Os arrematantes levam, nos seus contractos, este risco em conta.

Os direitos de alfandega pezam fortemente sobre a sahida de certos productos immediatos da agricultura, principalmente o algodão, que paga 600 réis a arroba, ou quasi 10 % do seu valor ordinario.

Este desvio dos principios tradicionaes é difficil de explicar.

Parece-me que esta taxa desarrazoada é fundada sobre a opinião de que os Europeus não podem passar sem o algodão de Pernambuco, e que são elles que pagam este imposto ao rei do Brasil ; erro surprehendente por parte dos ministros, se, com effeito, nutrem esta opinião ! Ao contrario é bem evidente que é pago pelos productores brasileiros ; fil-o comprehender a mais de um.

Na maior parte os negociantes do Recife são nascidos em Portugal ; o amor do seu paiz, ou a vaidade nacional, fal-os vêr com pezar que Lisbôa tende a perder muito da sua prosperidade com a emancipação commercial do Brasil ; acolhem, por consequencia, com prazer os projectos que vizam a fazer voltar á sua patria uma parte ao menos dos negocios do Brasil, de que outr'ora gozava exclusivamente.

Chegou-se a propor, para as mercadorias do Brasil exportadas para outros paizes que não Portugal, um imposto especial equivalente ao que pagariam se fizessem escala por Lisbôa.

Esta providencia certo faria voltar ao Tejo os negocios.

Mas, não é difficil de vêr que este favor, concedido a antiga metropole, redundaria em prejuizo para o Brasil. Eis, portanto, os negociantes portuguezes do Brasil manietados entre o amor da patria e o seu proprio interesse, porque quasi todos são proprietarios no Brasil. De resto o proprio governo experimenta embaraço semelhante, e não sabe ainda qual medida tomará.

Certo é difficil ser-se ao mesmo tempo rei de Portugal e do Brasil, e agir paternalmente para com dous povos que têm in-

teresses tão oppostos. Um não pode viver sem o monopolio ; o progresso do outro exige a sua suppressão.

Veremos Portugal concentrar-se sobre os seus proprios recursos europeus, para nelles achar novos ramos de industria ? E' o que, por amor da humanidade, deveinos desejar.

VIII

No Recife. — *Domingo, 9 de Fevereiro de 1817.* —

Até o presente a cidade do Recife não offerece a um estrangeiro nenhum dos prazeres da sociabilidade ; as communicações com os estrangeiros tornando-se cada dia mais frequentes, é provavel que isto mude ; mas, tudo ainda está por fazer neste sentido.

O governador não é casado e não dá reuniões. Todas as tardes reúne em palacio uma duzia de jogadores, com os quaes elle passa uma parte da noute. O jogo, e jogo forte, é o unico divertimento da classe alta. Poucos negociantes abrem as suas casas aos recommendados, ou, se os recebem, não nos apresentam ás suas familias ; só se veem entre si na praça do commercio e no porto. Parece que aqui não se experimenta outros impulsos do que o do ganho e o de render consideração á riqueza.

Está-se bem longe do espirito dos costumes amaveis da França onde se sabe aformosear a vida no seio da mediania e restabelecer certo equilibrio entre o merito e a fortuna.

Havia imaginado que o clima ardente dos tropicos deveria dar lugar a prazeres requintados, como os que nos dizem existir entre os Asiaticos ; enganei-me, porém. Aqui, nada de luxo de meza, nada de apuros de asseio ; nenhuma outra sensualidade alem da do lucro e do repouso. Para gozar das delicias da volupia, são precisos sentidos mais apurados, imaginação viva, delicadeza de sentimento, certa predisposição adquirida para os prazeres moraes, tanto quanto para os physicos. Ora cousas são estas que aqui ainda não appareceram. A presença da escravidão, a necessidade de mantel-a pela severidade, concorrem com o amor das riquezas para embotar a sensibilidade e tornar o goeto obtuso.

Não são cocegas de que precisa, e sim de esfoladuras. Parece-me que se tem desejos de mulheres ; mas, não amor ; que as mulheres têm paixões, mas, não ternura. Não posso julgar das mulheres senão pelas conversas com os seus maridos ; quando as conversas não têm por objecto os negocios, rolam sómente sobre obscenidades sem véus :

E' Venus despojada do seu cinto. Não vejo aqui senão indolencia, e nada de sybaritismo. Se alguns homens, na cidade, se fazem transportar em rédes ou palanquins, é que o ardor do clima ou a sua saúde, frequentemente minada pela libertinagem, a isto os obriga.

Talvez seja differente no matto onde os lazeres e a soledade, escandecendo a imaginação, convidam a alguns requintes. Vi algumas vezes *crioulos* que repousavam sob arvores as quaes haviam feito suspender as suas rédes. D'ali vigiavam os trabalhos dos seus escravos ; mas, as suas mulheres jaziam por terra, quando muito sobre esteiras. Não havia ainda ali os gozos delicados que exigiriam Europeus voluptuosos.

Em meio dos logares mais encantadores, os Brasileiros d'aqui apenas vêm tristes mattas a derrubar ; para elles uma planice é o terreno mais aprazivel porque não tem subidas nem descidas.

Os nossos escriptores pittorescos, espirituosos e delicados seriam aqui desdenhados ; mas, as nossos autores cynicos seriam admirados como Homeros.

Não é que falte vaidade e luxo. Ha nas igrejas um luxo barbaro, e a vaidade, tanto quanto a piedade, tem nellas accumulado lampadas e outros ornamentos de prata massiça. E' nestas igrejas que se percebe serem as mulheres aqui, como por toda a parte, animadas deste desejo de agradar que se costuma infamar com o nome de faceirice ; mas, como não ha sociabilidade alguma, instrucção alguma, communicações algumas, as artes nenhum papel nella representam.

E' pena, porque não lhes fallecem graças naturaes.

O seu luxo é desprovido de gosto ; cobrindo-se de penachos e lentejoulas, pensam deslumbrar. Talvez que ornamentos mais harmonicos não sejam para os seus compatriotas senão estas cocegas, que assignalei como insufficientes, e que a

profusão de ouropeis, de pentes, de collares e de joias falsas, produza a escorchadura necessaria.

Creio que tambem contribue para affastal-as do que nós chamamos bom gosto o facto de se julgarem humilhadas imitando o que tão naturalmente manifestam as negras.

Com effeito, quanto mais estas observo, mais descubro o typo dos graciosos desenhos que nos transmittiram os artistas gregos, e dos quaes os nossos modernos procuram se approximar.

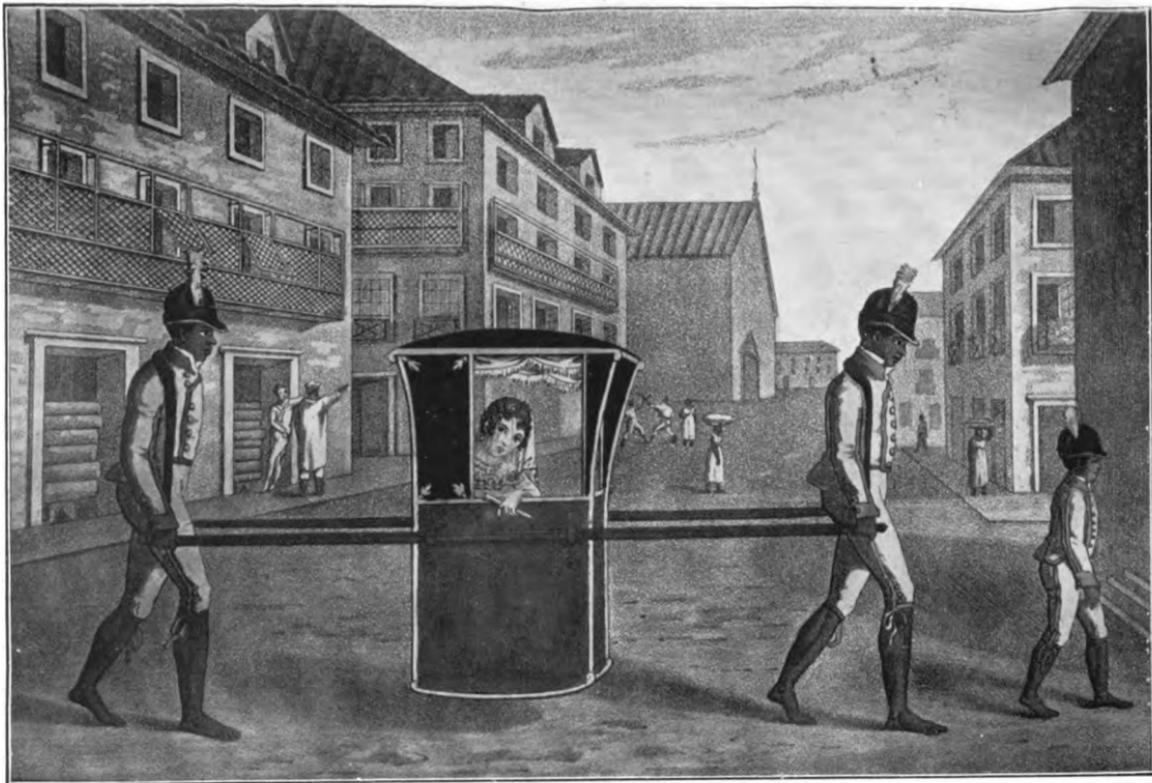
Não ha fazenda, por mais vulgar ou mais usada, a que não saibam dar uma disposição elegante e pittoresca. Porque não possuem a mesma arte para disfarçar o cheiro nauseabundo que exhalam ao menor exercicio?

Ha em volta da cidade do Recife lindas casas de campo, onde a gente abastada reside de novembro até o começo da quaresma; as mais notaveis estão situadas nas risonhas margens do Capibaribe; a classe media dos habitantes principia tambem a erguer ali as suas casinhas muito alegres.

Não posso dizer de que maneira os Brasileiros ali vivem, porque não penetrei em nenhuma dellas. Um só negociante havia vivamente instado para que eu o fosse visitar no seu sitio; dirigi-me para lá uma tarde. A' minha chegada as senhoras desapareceram, e fiquei só no salão a palestrar com o dono da casa. Não se faz nada para tornar os jardins proprios a passeios. Balançar-se em uma rêde num aposento bem arejado, é o prazer mais commum; com effeito é mais apropriado ao clima do que o passeio.

O prazer que se parece gozar com mais sensualidade é o do banho. Vou algumas vezes tomal-o, com o meu hospede, á beiramar nas noutes claras, e nos proporcionamos o prazer de entrar e sahir d'agua varias vezes em um qurrto de hora; seja, que, estendidos nús sobre esteiras, exponhamos os nossos corpos á fresca viração marinha, seja que mergulhando nas ondas nos agitemos em meio das fulgurações phosphorescentes que faz brilhar cada um dos nossos movimentos, a delicia é sempre intensa e o prazer sempre novo.

(*Continúa.*)



UMA RUA NO RECIFE.
(*Apud*: KOSTER, Travels in Brazil, 1816.)

THE NEW YORK
PUBLIC LIBRARY
ASTOR, LENOX
TILDEN FOUNDATION

REVISTA

DO

Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano

VOL. XI

Junho de 1904

N. 62

NOTAS DOMINICAES

DE

L. F. de Tollenare

(CONCLUSÃO)

Mas, é nas margens do Capibaribe que cumpre vêr familias inteiras mergulhando no rio e nelle passando parte do dia, abrigadas do sol sob pequenos telheiros de folhas de palmeira ; cada casa tem o seu, perto do qual ha um pequeno biombo de folhagem para se vestir e despir.

As senhoras da classe mais elevada banham-se nuas, assim como as mulheres de côr e os homens.

A' aproximação de alguma canôa mergulham até o queixo, por decencia ; mas, o veu é demasiado transparente !

Vi nestes banhos a mãe amamentando o filho, a avó mergulhando ao lado dos netos, e as moças da casa, traquinando no meio dos seus negros, lançarem-se com presteza e atravessarem o rio á nado.

A posição do corpo requerida por este exercicio não deixa vêr a quem passa nem o seio nem parte alguma da frente do corpo, de sorte que ellas consideram o pudor resguardado; mas, ha outras formas não menos sedutoras que o olhar pode contemplar á vontade.

Confesso que fiquei tão surprehendido quanto encantado ao encontrar um dia, neste estado de naiades sem veus, as senhoritas N..., filhas de um dos primeiros negociantes da praça.

Aliás, se os passeantes, deslumbrados por tantos attractivos, testemunham curiosidade impertinente, num fechar d'olhos as lindas amphytrites dão um mergulho e vão reaparecer na superñcie d'agua vinte passos mais adiante.

E' raro encontrar margens mais risonhas do que as do Capibaribe, quando se o sóbe em canôa até o povoado do Poço da Panella.

Ora são lindas casas de campo, cujos jardins e terraços avançam até o rio; ora bellas planicies bordadas de mangues, ou de plantações de mangueiras magnificas, de laranjeiras e de cajueiros.

Ha um logar, um pouco acima de Ponte d'Uchôa, onde o leito do rio, até então bastante largo, parece perder-se sob um immenso caramanchão de verdura formado pelas altas palheiteiras vermelhas, cujos ramos superiores se encontram ou estão ligados por cipós floridos, pendentes em guirlandas.

Quando se entra sob esta abobada, cré-se penetrar no palacio encantado da deusa do rio.

A limpidez das aguas permite vêr um fundo de areia pura, que toma um colorido, verde esmeralda escuro, do reflexo da folhagem, em meio da qual vê-se esvoaçar o cacique, de ninho suspenso, o cardeal, vestido de escarlata, e mil passaros adornados de brilhantes plumagens.

Cardumes de pequenos peixes saltam em redor da canôa, myriades de carangueijos se arrastam sobre a margem, em busca de preza; o tatú escamoso, a cutia de focinho pontudo, mostram-se á entrada das suas tocas nos logares mais elevados; tudo é animado em meio do silencio, e experimenta-se uma frescura deliciosa; mas, todas estas bellezas desaparecem ante o espectaculo das lindas banhistas.

Não consegui ser admittido a ver de perto os Brasileiros no interior dos seus lares ; mas, estou longe de concluir que vivem em completa indifferença.

São homens, e como taes a sua vida deve compor-se de prazeres e de pezares ; mas, como o merito dos primeiros e a amargura dos ultimos, consistem muito frequentemente no simples modo porque se os considera, é o que elles chamam prazer e o que denominam de penas, que excitaria a minha curiosidade.

Em falta de recreações domesticas, poderei fallar das publicas ; porque tambem as ha aqui.

Estes divertimentos não consistem em bailes, nem em reunões, espectaculos, passeios, viagens, estações de aguas mineraes, etc. ; são os padres que se encarregam de instituil-os.

Cada igreja, cada capella tem a sua festa solemne a que o povo concorre em multidão.

As mais celebres são as do Poço da Panella, á qual afflue a sociedade elegante, e a de Nossa Senhora do Monte, em Olinda, onde ha um pouco mais de mistura ; as ha para os mulatos e para os negros.

Em resumo se observa grande alacridade ruidosa no povo, e enfado cerimonioso entre os grandes ; é aqui como na Europa, neste particular.

As casas de campo enchem-se de convivas, as senhoras num aposento, os homens em outro ; alpendres feitos de folhas de palmeira abrigam as crianças ; ha por toda a parte certo apparatus de vestuario.

A' porta da igreja, e mesmo no seu interior, as negras mais bonitas, ricamente vestidas sem abondono do typo dos seus trajes habituaes, cobertas de correntões, brincos e braceletes de ouro massiço, os dedos cheios de aneis, vendem por conta dos senhores, que as apparementaram assim, fitas chamadas *medidas*, bentas ou santificadas pelo contacto da imagem milagrosa que se encontra em cada templo, e todo o mundo as traz ao seio ou á botoeira.

São offerecidas, furtadas, disputadas, em meio de gargalhadas ; o povo baixo bebe aguardente e acaba por brigar ; por vezes trocam-se facadas.

Entre os Portuguezes, o culto religioso não tem nenhuma apparencia severa ; os officios são executados com acompanhamento de musica um pouco mundana ; as decorações, as flores, as guirlandas, as procissões dão ás ceimonias um aspecto de festa ao qual o povo corre como ao espectáculo ; soltam-se foguetes nos actos importantes da missa ; vi no momento do *Gloria in excelsis* executar uma musica de um character angelico, e lançar, da nave, flores sobre os fieis reunidos.

Este lance theatral produziu um effeito muito lindo.

Durante todo o dia da festa as musicas dos regimentos executam marchas e fanfarras ; a intervallos soltam-se foguetes em pleno dia e á noute um fogo de artificio, quasi sempre regular, e feito em honra ao santo da festa que apparece no meio de fogos de bengala, num brilhante painel transparente que termina a solemnidade.

Parece que havia, ha dous annos, mais apparatus e ás vezes mais desordem do que hoje.

Adoptando os costumes europeus, os Brasileiros experimentaram o inconveniente, que já notamos alhures, de um povo que, desejando tornar-se imitador de outro, perde a sua verdadeira indole e os seus prazeres, sem poder se identificar com os que deve adquirir ?

Havia todos os annos no Poço da Panella, um carrousel onde a rapaziada de familia corria á argolinha ; não figurou este anno e, segundo todas as apparencias, porque este exercicio não está mais em moda na França e na Inglaterra.

Os rapazes e as raparigas dançavam durante toda a noute na igreja de S. Gonçalo, em Olinda ; os conegos prohibiram-no este anno e no anterior, porque os Europeus o censuravam como uma indecencia indigna do templo de Deus.

Comquanto estes pretensos moralistas d'alem-mar tenham esquecido que David dansava diante da arca, que a dansa fez por muito tempo parte das cerimonias religiosas, que os padres do Concilio de Trento o abriram com um minuêto ; comquanto a dansa não seja verdadeiramente profana senão pelo espirito que a anima, não direi sejam restabelecidos os bailes de S. Gonçalo ; mas, quizéra fossem substituidos por outra cousa qualquer.

Citei aos senhores conegos o methodo seguido em França, onde se teve a arte de excitar o interesse do povo apresentando-lhe, quasi como divertimento, sermões elegantes e picantes, sempre bem feitos, pregados por oradores de physionomia atraente.

Poder-se-ia introduzir em taes discursos as maximas da moral usual, demasiado descuradas aqui.

A maioria dos sermões só versa aqui sobre o dogma incomprehensivel, sobre os milagres do santo que se festeja e sobre o odio que devem inspirar os herejes e os philosophos, frequentemente qualificados de jacobinos.

E' nestas festas que se tem o spectaculo dos divertimentos dos negros ; consistem em representações theatraes e em dansas.

Pouca cousa direi das primeiras, só tendo assistido ao fim de uma dellas, cujo desfecho era, assim presumo, o baptismo e as contorsões do diabo, obrigado a receber este sacramento. Quanto ás dansas, eis o que vi em uma dellas.

Dous musicos formavam a orchestra ; um tinha fixado, por uma das suas extremidades, quatro pequenas palhetas, de 6 a 7 pollegadas de comprimento, sobre uma caixa de madeira que me pareceu ser das em que se exportam as mercearias da Allemanha.

Estas palhetas descanzavam sobre uma pequena travessa que lhes servia de cavallette.

Quando o musico levantava uma destas palhetas e a largava para abandonal-a á sua elasticidade, tirava della um som surdo, que fazia resoar o concavo da caixa.

As quatro palhetas, de differentes comprimentos, estavam sem duvida afinadas ; mas, não pude jamais advinhar quaes as notas da gamma que deviam produzir.

O musico, accorado junto da caixa, parecia muito attento e percorria os seus quatro tons com muita volubilidade.

Todo o effeito da sua symphonia ficava perdido para mim, devido ao barulho que fazia o seu acompanhador.

Este, de joelhos diante do outro, tinha por todo instrumento uma haste de 8 pollegadas, munida na extremidade de uma cabaça da qual se agitavam alguns grãos,

Batia em cadencia, e duma maneira muito animada, com a outra extremidade da haste sobre a caixa.

Era esta cadencia que parecia produzir o effeito principal da orchestra ; porque, segundo se tornava mais ou menos viva, os dansadores mostravam mais ou menos ardor.

Um canto monotono composto de trez palavras, sempre semelhantes, completava a rustica harmonia.

Os dansadores, em numero de trez, occupavam o centro de um circulo, de 7 a 8 pés de diametro, cercados por duas duzias de curiosos ; dous dentre elles figuravam um homem e uma mulher, ou antes um macho e uma femea que se reques-tavam amorosamente.

Representavam ora a concupiscencia do macaco, ora a do urso, ou de qualquer outro animal.

O macho acariciava grosseiramente a femea com a sua pata ; esta se defendia um pouco, fugia e acabava por se render ; então os dous dansadores se lançavam um sobre o outro, e as explosões de riso attestavam o prazer que os espectadores experimentavam com esta pintura, um tanto crua, do acto da geração.

O outro dansador figurava um caçador ; o seu bastão servia-lhe ao mesmo tempo de espingarda e de azagaia, que apontava de ordinario para uma joven espectadora negra, a qual parecia muito lisongeadá com esta preferencia.

Mas, a pantomima dos trez dansadores teria pouco valor sem um movimento muito picante que não cessava de acompanhá-a.

Era um tremor muito vivo e muito extraordinario de todos os principaes musculos do corpo, e um movimento muito indecente dos quadris e das côxas.

Este tremore e este movimento, productos de consideravel força muscular, exigem muita arte e muito exercicio.

Os dansadores desafiam-se para ver quem os prolonga por mais tempo, e os applausos do publico são a recompensa do que tem os musculos mais robustos e sobretudo mais moveis.

Alguns copos de aguardente que fiz distribuir animaram muito o folgado.

Os meus dous dansadores não representavam mais os amores de animaes, mas, os de seres humanos ; beijavam-se,

abraçavam-se e davam ao movimento repetido dos rins a expressão a mais lasciva.

Os espectadores extasiavam-se de prazer ; os olhos das mulheres presentes scintillavam de ardor.

Devo dizer, entretanto, em abono destas, que manifestavam alguma apparencia de vergonha quando os ataques que lhes dirigiam os dansadores cessaram de ser jogos de comedia e pareceram se converter em assaltos reaes.

Como em geral as negras são de costumes muitos livres, senti prazer em encontrar em algumas dellas o mais amavel ornamento do sexo, o pudor ; eram as mais jovens. Vi mesmo, de outra vez, uma negra entregar-se a estas pantomimas lascivas em uma das praças da Boa-Vista ; parecia embriagada e abrazada de todas as chammas de Venus vingadora ; atacava os homens e os provocava por meio de gestos os mais indecentes ; fazia horror.

As suas companheiras se divertiam com o seu estado sem se mostrarem escandalisados, e excitavam-na com os seus canticos, batendo palmas em cadencia e repetindo este movimento dos quadris, que a principio parece filho da volupia, mas, que acaba por inspirar a mais violenta repugnancia.

Os negros se servem ainda de um outro instrumento de musica.

E' uma corda de tripa distendida sobre um arco e collocada sobre um cavallete formado por uma cabaça ; tiram o som por meio de um arco e produzem tons afinados e harmoniosos ; não observei si a sua musica servia para fazer dansar, e o mesmo digo do berimbau.

Os Brasileiros gostam muito da guitarra, ou antes do bandolim, em que geralmente executam simples melodias ; vi-os raras vezes formarem accordes seguidos e nunca modulações.

Não cantam para acompanhamento ; servem-se do bandolim para fazer danear ; as suas musicas de dansa são de 6/8, de um movimento quasi tão animado quanto o das dansas escocezas ; neste compasso os *creoulos* executam passos muito lentos e sem saltar ; cada um se levanta por sua vez e dansa só num quadrado de 3 a 4 pés.

Os homens imitam bastante os movimentos dos negros ; as mulheres não fazem senão deixar suppor-os ; apenas percebe-se que não estão immoveis.

Os *creoulos* brasileiros servem-se tambem da gaita, mas somente para guiar as bandas nas ruas e não para dansar.

IX

No Recife. — *Domingo, 16 de Fevereiro de 1817.* — Desde que estou em Pernambuco tenho visto chegar um grande numero de navios negreiros da costa d'Africa e de Moçambique.

Postas de parte todas as considerações politicas, este espectáculo é bem proprio para despertar a curiosidade do Europeu.

As embarcações empregadas neste commercio são de 200 a 400 toneladas ; os escravos são amontoados no porão, e, acorrentados juntos ; o alimento consiste em farinha de mandioca cozida com feijões ; como vestuario trazem apenas uma tanga ; exhalam um fedido nauseabundo, assaz incommodo para perturbar o repouso das tripolações dos outros navios fundeados junto delles.

Os captivos celebram por meio de cantos e de palmas a entrada do navio no porto ; não esperam, portanto, encontrar em terra um tratamento mais rigoroso do que o que experimentaram no seu paiz e á bordo.

Os carregamentos, em geral, se compõem approximadamente de 1/10 de homens feitos ; 2/10 de mulheres de 18 a 25 annos, e o resto de crianças de ambos os sexos.

Semelhantes carregamentos não apresentam probabilidades de revolta.

Ha regulamentos que prescrevem o numero de escravos que os navios, de accordo com a sua tonelagem, podem transportar ; mas, são illudidos como quasi todas as leis portuquezas.

Vi um pequeno navio, de 150 toneladas, vir da Angola com 340 escravos.

As embarcações de 200 a 250 toneladas trazem de 400 a 500, mesmo vindo de Moçambique.

A travessia da costa d'Africa é muito curta ; vi-a ser feita em 13 dias ; nestes casos a mortalidade é quasi nulla.

Um negreiro de Moçambique que perde 10 % do seu carregamento é considerado como tendo feito uma bôa viagem.

Ao chegarem no Recife os negros devem ser depositados em um lugar chamado Santo Amaro, designado pela autoridade para nelle fazerem quarentena, serem visitados e tratados pelos medicos ; mas, esta sabia disposição é ainda quasi inteiramente desdenhada.

Os negros são desembarcados, por chalupas, em Santo Amaro, mas vêm quasi logo depois, por terra, para a cidade.

São expostos á venda nas ruas do Recife diante das casas dos seus senhores.

Veem-se ali 400 a 500 juntos, acorados sobre tabuas ; empestam o bairro todo, tanto quanto repugnam á vista pelas pustulas e outras molestias de pelle de que um grande numero está affectado ; estão sortidos nestes mercados por lotes de homens, mulheres, moleques e molecas.

Todas as manhãs os conduzem ao mar para se banharem.

A' tarde são fechados em armazeus, não com receio de que se evadam—onde iriam parar estes pobres miseraveis que não sabem a lingua da terra—mas, com medo de que não sejam furtados, cousa, dizem, assaz frequente.

Alguns negros da sua nação, já habituados ao Brasil, vêm conversar com elles ; os senhores aprovam este intercurso, que dá confiança aos recémchegados.

Vi senhores que enviavam a ter com elles um negro folgão e jovial para os excitar a cantar e mesmo a dansar.

Já disse que este espectaculo lastimoso raramente apresentava scenas de dôr ou de desespero.

Estes desgraçados serão insensiveis ou simularão sêl-o ?

E' o que não posso penetrar.

Quando se apresenta um comprador fazem erguer os que indica ; elle os apalpa, toma-lhes o pulso, examina-lhes a lingua, os olhos, assegura-se da força dos seus musculos, fal-os tossir, saltar, sacudir violentamente os braços.

O escravo que se negocia presta-se a todas estas verificações, procura mesmo fazer valer as suas qualidades.

Vê-se nos seus olhos o desejo de ser comprado ; não ha com effeito, condição mais penosa do que ser assim exposto, em plena rua, durante semanas inteiras, reduzido á immobillidade em presença do movimento de toda uma população, que parece gozar da sua liberdade trabalhando.

Aliás, está na natureza do homem, feliz ou desgraçado, gostar de mudanças.

Quando um negro é comprado, testemunha a sua alegria e parece deixar os companheiros sem pezar, não obstante, mais tarde, o facto de haverem feito a viagem no mesmo navio estabeleça entre elles uma especie de parentesco.

Dão-lhe um chapéu de palha e levam-no para o engenho ; é, porem, raro comprar-se um negro só para o matto ; vi-os sempre passar em pequenos comboios de 4 a 10.

A lei não prohibe a separação dos membros de uma familia ; o senhor pôde vender a mãe de um lado e o filho de outro ; mas, por vezes, o interesse se allia á humanidade para que esta dolorosa ruptura das affeições naturaes não se realise.

Os escravos importados da Angola, de Loanda, de Moçambique e de outros logares onde existem governadores ou outros agentes reaes, são ali baptisados em massa e sem outra especie de instrucção, antes do embarque ; os provenientes de lugares onde só ha soberanos africanos não recebem esta lustração ; são baptisados aqui, mas, depois de se lhes ter ensinado algumas formulas de rezas ou alguns gestos de devoção ; não os instruem no cathecismo.

Seria talvez perigoso para os senhores abrir-lhes o santuario da religião, porque é provavel que em breve se tornariam bastante habeis para della tirar consequencias.

Os negros que receberam o baptismo consideram-se, entretanto, superiores aos outros, e estes, percebendo o desprezo que inspiram aos seus parceiros, esforçam-se por aprender as suas rezas afim de poderem ser baptisados.

Assim a vaidade faz nascer entre os negros a piedade, bem como a gula desperta nos nossos meninos a applicação, ou como a ambição dá frequentemente a coragem para as acções heroicas.

As leis portuguezas offercem algumas consolações ao escravo ; mas, é raro que dellas se possa prevalecer.

Entre as atenuações á escravidão citarei a instrução religiosa, a guarda dos domingos, o casamento diante do altar com o consentimento do senhor, a possibilidade de libertar-se offerecendo o preço á vista, a liberdade á mãe de dez filhos, o recurso ao juiz no caso de castigos severos.

Estas disposições fazem honra ao legislador ; mas, torno a repetir, o arbitrio e o despotismo de facto poucas facilidades deixam á sua applicação.

Um negro escravo, não podendo nada possuir de proprio, não se concebe bem como possa adquirir os meios para a sua afforria ; entretanto os exemplos não são muito raros.

Um negro economico e trabalhador, sobretudo destes que tratam com os seus senhores a tanto por semana, pode formar um pequeno peculio, que occulta ou deposita em mãos fideis, e de que se serve para resgatar a sua liberdade.—Como é a mãe que decide da condição do filho, qualquer que seja o pae ; como o filho é livre se a mãe é livre, escravo se a mãe é escrava, mesmo quando o pae é livre, tem-se visto paes escravos consagrar o fructo das suas economias ao resgate da mulher que haviam tornado mãe, em vez de se libertarem a si proprios, afim de garantir a liberdade da sua posteridade.

A protecção que o governo dispensa a todas as ceremonias religiosas permite aos escravos formar entre si irmandades a exemplos dos homens livres.

Estas confrarias têm seus thezoureiros, syndicos e outros officiaes ; estes cargos lisonjeiam a vaidade dos negros, que acham nisto um grande divertimento e fazem para obtêl-os sacrificios immensos comparados com os seus recursos.

Estas numerosas capellas do Recife, diante das quaes todas as noites se acendem cirios, e todas as tardes se berram canticos atroadores, pertencem a confrarias de negros escravos.

Os negros comprados são destinados aos engenhos, ás plantações de algodão, ás fazendas de criação de gado e aos trabalhos na cidade ; já fallei dos primeiros quando estive em Salgado ; os dos algodoeiros são um pouco mais mal alimentados e estão frequentemente expostos á fome e á falta d'agua nos tempos de secca ; as fazendas de gado empregam poucos escravos ; este genero de trabalho exige um vigor e uma coragem que só

o interesse pode manter ; emfim, os negros destinados á cidade são empregados nos serviços caseiros, nas officinas e no porto.

Os creados se parecem por toda a parte ; adquirem os vicios e as qualidades dos seus senhores ; entre os empregados nas officinas encontram-se artifices bem habéis ; os do porto ganham bem a sua vida ; estão organizados por cohortes, rendem geralmente de 7 a 8 francos por semana aos seus senhores, alimentam-se á sua custa e podem juntar dinheiro se são economicos.

Ha negras lavadeiras, vendeiras nas ruas, costureiras, etc., que se compromettem a trazer aos seus senhores 6 francos por semana ; são ordinariamente muito elegantes e em geral crioulas.

O aluguel de um negro ordinario, que não tem officio, e só pode offerecer a força dos seus braços é de 25 soldos por dia ; o seu preço de compra é de 650 a 700 francos, de sorte que produz para o senhor de 36 a 40 %, por anno, do dinheiro que custou.

Mas, a renda é quasi victalicia, sobre tudo se é homem.

O proprietario de negra pode ter como quasi certo que ella lhe fará uma posteridade ; ha, comtudo, a mortalidade a receiar.

Ha escravos canoeiros no Beberibe o no Capibaribe os quaes vi ganhar até 5 francos num dia.

Um homem que possúe, na cidade, uns vinte bons negros, pode viver muito á vontade.

Um mestre de obras, um marceneiro, um carpinteiro, um ferreiro, um pedreiro, um chefe, emfim, de qualquer destas profissões, em lugar de assalariar operarios livres, compra negros e os instrue.

Lamenta-se que este afastamento dos homens livres de todas as occupações industriaes extinga o germen do trabalho, espirito que não exigiria senão a occasião para se desenvolver, e que mantenha a indolencia de que são accusados os Brasileiros.

Não sei até que ponto esta queixa é justa.

O procedimento dos mestres de officios é conforme a lei e ao direito de propriedade que o consagra, e fornece o resultado, inevitavel em todos os paizes, da superioridade dos que aliam o capital ao talento sobre os que só têm talentos.

A riqueza irá sempre procurar a riqueza, enquanto as instituições politicas respeitarem religiosamente o direito de propriedade.

Os negros trazidos da Africa vêm de Angola, Cabinda, Benguella, Gabão e Moçambique ; não os trazem mais da Costa do Ouro desde que o governo portuguez se comprometteu a não permittir mais o trafico ao norte do equador.

Eram os mais bonitos.

Os mais habeis e mais convenientes para o serviço nas cidades são os negros d'Angola ; os Cabindas e Benguellas são doceis e excellentes para o trabalho agricola ; os Gabões são fezozes e maus ; injuria-se um negro chamando-se-o de Gabão.

Os de Moçambique são fracos e pouco intelligentes ; todos os carregamentos que delles vi chegar aqui eram miseraveis.

A todos os negros africanos os Brasileiros preferem muito os nascidos na America ; estão mais aclimados, sabem melhor a lingua e não tem recordações importunas ; mas, são difficéis de obter.

Nenhum homem que se respeita quer vender um tal escravo na região em que reside.

Se ha motivos para se desfazer d'elle, envia-o para o Maranhão ou Pará !

Faz-se principalmente questão de não vender uma negra que esteve empregada no serviço domestico.

Censuram o negro de ser ladrão ; mas, apenas se ouve falar de furtos ; não ha exemplo de roubos domesticos consideraveis.

Vê-se muitos escravos que têm pelos seus senhores uma dedicação sincera e generosa ; comparei-a sempre á admiravel do cão pelo homem.

Não pretendo comparar, de uma maneira geral, o negro ao cão ; quero apenas alludir a esta amisade que resiste á ingratião e aos maus tratos, amisade tenaz e attrahente de que se veem tão poucos exemplos entre os homens.

Os negros que trabalham na cidade são, como é de presumir, os mais mal comportados e os mais turbulentos, principalmente os que trabalham, por assim dizer, de empreitada com

os seus senhores, pondo de parte proventos que podem dissipar em deboches.

Tornam por vezes as ruas do Recife pouco seguras á noute.

Jamais se viu aqui revoltas de escravos em favor da sua liberdade ; parece mesmo que nem ha aiuda fermento algum para isto.

Ha negros fugidos, que cedo ou tarde são pegados ; mas, não existem ajuntamentos.

Receiou-se um, ha um anno, no povoado de Afogados ; fez-se um regimento marchar para lá e adquiriu-se a certeza de que a suspeita não era fundada.

Parece que, pelo mesmo tempo, houve uma revolta mais seria na Bahia.

O numero dos negros livres e dos mulatos é aqui muito consideravel ; conta-se entre elles alfaiates, sapateiros, etc., intelligentes e que possuem escravos.

Adquirem, por isso, sobre os brancos ociosos uma tal superioridade que a linha de demarcação entre as cores é quasi destruida, e com ella o prejuizo sobre o qual, nas outras colonias, o branco conta tanto para manter o negro na submissão.

Um branco se considera aqui certamente mais do que um negro ou um mulato ; mas, qualquer um destes, livres, se estima tanto quanto um branco.

A mistura de todas as combinações de sangue mesclado é, aliás, tão grande que a passagem de uma cor á outra se faz por uma escalla de que a vista mal póde contar todos os graus.

Ha negros ricos ; mas, nenhum se dedica ao commercio ; vê-se alguns mulatos armadores de embarcações costeiras.

Já disse que só os mulatos, e não os negros, eram admitidos no exercito em concurrencia com os brancos ; mas, ha dous regimentos de negros livres commandados por coroneis negros.

Emfim, para fazer ver que o principio das leis portuguezas é favoravel á raça africana, direi que Henrique Dias, por preço dos serviços que prestou por occasião da expulsão dos Hollandezes em 1654, foi feito gentilhomem e que hoje os seus descendentes são nobres.

Creio que ha outros exemplos semelhantes em outras partes do Brasil.

Presumo que aqui os negros e mulatos não podem entrar nas ordens sacras ; vi alguns que se tinham ordenado padres e uzavam batina ; mas eram da costa da Angola, onde a sua elevação ás dignidades da igreja não encontra difficuldades.

Na ilha de S. Thomé, perto da costa d'Africa, ha um capitulo portuguez de que todos os conegos são negros.

Illude-se a lei que exclue os negros das ordens religiosas.

Com um pouco de dinheiro passam por mulatos escuros ; ha mesmo exemplos de viagem a S. Thomé !

Entretanto o numero de padres negros é diminuto.

Em meio da multidão de pessoas decoradas de fitas, cruzes, estrellas, etc., devo dizer que ainda não vi aqui um só homem de côr.

Os mulatos que se têm alliado a familias indias têm produzido individuos que não têm os cabellos crespos ; são facilmente confundiveis com os indios chamados caboclos porrem, geralmente, mais industriosos ; os verdadeiros caboclos ou indios, de que se veem algumas familias mesmo no Recife, são miseraveis e preguiçosos.

Chamar alguem de caboclo é quasi dizer-lhe uma injuria.

Quando os Portuguezes começaram a se estabelecer, fez-se frequentemente guerra aos indigenas para os reduzir á escravidão ; graças á activa protecção dos jesuitas todos elles recuperaram a sua liberdade, mas, sem indemnisação para os que os haviam comprado sob a garantia das leis, o que é menos justo.

Dizem que, por abuso, ainda ha alguns indios escravos no interior dos sertões ; mas, onde se supõem que existem, ou são tidos, ou elles proprios acreditam serem de sangue mesclado, ou, em todos os casos, acham-se tão longe de toda autoridade legal, não podem fazer valer os seus direitos.

Eis aqui algumas notas geographicas sobre a Capitania de Pernambuco, ao norte de Olinda.

Foram extrahidas da viagem de Mr. Henry Koster, retificadas pelas observações que nos communicaram o padre João Ribeiro e o Sr. Pinto Garcez, director da alfandega do

Recife e outro habil naturalista ; ambos possam por bem conhecer a Capitania de Pernambuco, sua patria.

Deixando o Recife passa-se pelo povoado de Beberibe, situado sobre o rio do mesmo nome, ornado de lindas casas de campo ; é ali que se lava a maior parte da roupa do Recife, onde ha falta de agua doce ; encontra-se, em seguida, a pequena povoação de Paratibe, e depois chega-se á cidade Iguarassú, situada a 5 leguas (de 3000 toezas) do Recife.

Todo este espaço é muito bem povoado por Brasileiros, mulatos e negros livres ; as casinhas e os jardins se succedem a pequenas distancias.

Iguarassú, sobre o rio do mesmo nome, é um dos primeiros estabelecimentos dos Portuguezes em Pernambuco ; tinham ali um forte para se defenderem dos indios, no qual sustentaram um cerco memoravel.

Tem actualmente 800 habitantes, um convento de frades, um recolhimento de mulheres e uma hospedaria.

Vê-se ali uma ponte de pedra contruida nos primeiros tempos da conquista.

A duas leguas adiante está o povoado de Pasmado, edificado em quadrado, e contendo uma igreja e 300 a 400 habitantes ; é em Pasmado que se fazem as melhores facas.

Um pouco mais ou menos adiante encontram-se engenhos; Bu e Fontanhas não passam de aldeioias.

Atravessa-se o rio Goyanna, cuja ponte de madeira está quasi arruinada, e chega-se á cidade de Goyanna, situada a 15 leguas do Recife ; é uma das mais consideraveis da Capitania de Pernambuco ; encerra de 4.000 a 5.000 habitantes ; não é calçada, mas, bem edificada ; tem igrejas, conventos e lojas como no Recife.

Embarca-se ali muito assucar, em jangadas, para o Recife.

Muitos dos moradores do interior não vem alem de Goyanna para fazer as suas compras, de sorte que o commercio ali é bastante animado.

Esta cidade prosperou á custa de Iguarassú ; acha-se sobre a estrada principal que conduz aos sertões.

Goyanna era a residencia do celebre naturalista Dr. Manoel de Arruda Camara ; este homem trabalhou muito pelo

progresso das sciencias ; a morte o arrebitou antes que houvesse podido publicar o fructo das suas pesquisas.

Só consegui obter duas pequenas brochuras da sua lavra ; uma sobre o algodão, a outra sobre as plantas fibrosas de Pernambuco.

Goyanna tem um juiz de fóra dependente do ouvidor da Parahyba e do governador de Pernambuco.

De Goyanna á Parahyba ha 13 leguas (ou 28 do Recife).

Atravessa-se o povoado de Dous Rios, onde não ha dous rios e sim uma feira de gado cada semana.

Encontra-se a aldeia indigena de Alhandra, que pode conter de 500 a 600 habitantes.

Já disse que estes indios tem uma administração particular.

Admittiram entre elles alguns mestiços e mamelucos.

Entre Goyanna e a Parahyba ha muitos engenhos.

Parahyba, capital de uma capitania particular, contém de 2.000 a 3.000 habitantes ; o collegio dos jesuitas serve de palacio ao governador ; encontram-se ali franciscanos, carmelitas e benedictinos.

Dizem que o rio Parahyba só permite a entrada a navios de 150 toneladas ; entretanto sou informado que um brigue do Porto, de 200 toneladas, veiu refugiar-se ali depois de haver perdido a maestreção por um golpe de vento, e sei que as casas inglezas carregam ali varios brigues directamente para a Europa.

Parahyba têm uma alfandega ; agentes das casas do Recife procuram obter ali os algodões em primeira mão ; mas, como a cidade está situada fóra da estrada principal dos sertões, a maior parte das mercadorias vae directamente para o Recife, sem necessitar dos intermediarios da Parahyba.

As apparencias indicam que se se fizessem boas estradas para lá, este porto poderia deslocar parte consideravel dos negocios do Recife.

As casas d'aqui empregam tambem, para a venda das mercadorias da Europa, os agentes que ali mantêm para a compra de algodão.

Tudo isto annuncia a excellencia da posição da Parahyba, e a perspectiva de uma prosperidade futura.

Ha na Parahyba um cirurgião francez, que ali fez fortuna (*pequena*).

Para se ir da Parahyba ao povoado de Mamanguape (15 leguas) é preciso passar a noute ao ar livre, estando as habitações muito afastadas umas das outras ; mas, perto de Mamanguape pôde-se encontrar pousada em alguns engenhos.

A carta annuncia muito fastosamente que Mananguape está situada sobre um rio ; este, porém, quasi nunca tem agua.

De Mamanguape até Natal (27 leguas) ha apenas casas esparsas a grandes distancias.

Cunhaú não passa de uma propriedade ; mas, tem mais de 14 leguas de comprimento ; pertence á familia dos Albuquerque, muito celebres nos fastos do Brasil.

Tem um engenho ; mas, a criação do gado e o plantio do algodão formam a sua renda principal.

E' perto desta propriedade que começam os limites da capitania do Rio Grande do Norte.

Papary, que se acha 5 leguas mais adiante, é um povoado de 300 habitantes, perto do qual ha uma lagoa salgada ; toda a população vive da pesca.

A quatro leguas para o Norte fica a aldeia indigena de S. José, situada em meio de terrenos aridos e deshabitados, e, 4 a 5 leguas mais alem, Natal, capital da capitania do Rio Grande.

Assim cumpre contar do

Recife a Goyanna.....	15 leguas
De Goyanna a Natal....	56 »
	71 »

ao todo, e nesta distancia se encontram, até Cunhaú, alguns engenhos, fazendas de algodão, e o resto são terrenos vagos para o gado.

Todos os rios indicados nas cartas seccam durante o verão, mesmo o Parahyba.

Natal, comquanto capital, é ainda assaz insignificante ; conta apenas 700 habitantes ; mas, espera-se que chegará a um alto grau de prosperidade, porque o seu porto, que pode receber navios de 150 toneladas, é excellent e proximo das regiões cultivadas.

Esta capitania tem um governador que tem trabalhado muito pela civilização dos seus administrados.

A guarnição não excede a 120 homens.

Acima de Natal o rio toma o nome de Potengy ; o Ceará-mirim, é indicado nas cartas com um curso magestoso e fertilizador, que promete maravilhas á agricultura ; entretanto o Padre João Ribeiro me assegura que não passa de nm fio d'agua, occasional e accidentalmente engrossado pelos aguaceiros, e que as vizinhanças das suas margens são sujeitas ás seccas como todas as partes do interior de Pernambuco.

A estrada de Natal ao pequeno povoado de Pai Paulo é celebre por causa dos perigos que nella se corre por falta d'agua, e, entretanto, passa bem proximo do pretensio Rio Grande ; viaja-se ali quasi como as caravanas do Oriente.

Ha guias especiaes que conhecem os logares onde ha fontes e que d'isto fazem, por assim dizer, mysterio ; nesta vasta extensão de terra encontram-se apenas alguns pastores occupados da guarda do gado vaccum, que se deixa vagar pelos pastos.

Tres annos consecutivos de secca—ha quatro e cinco annos—destruíram uma grande parte delle, arruínam familias ricas, fizéram perecer muita gente, de sorte que hoje é uma região muito pouco povoada ; não é raro encontrar-se ali aldeias desertas, cujos habitantes morreram ou se retiraram para outros logares.

Não obstante esta secca, o terreno arenoso está ainda coberto de algumas mattas pouco elevadas, principalmente de caqueiros.

A secca mais terrivel foi a de 1793 ; a de 1801 foi muito funesta, e a deste anno deixa tristes recordações.

De Natal a Pai Paulo ha apenas de 9 a 10 leguas de 3000 toezas) em linha recta ; mas, a procura das fontes obriga a fazer taes desvios, que se percorre pelos menos doze ; emfim, sahindo de Natal, para ir a Açú, viaja-se durante 40 leguas para encontrar habitações.

A região só se tornará interessante quando forem descobertas boas fontes, porquanto todos os rios que a atravessam seccam durante grande parte do anno.

O amor á terra do berço ainda fixa ali alguns raros habitantes que se obstinam em crear gado ; mas, cre-se que, a menos que occurram algumas mudanças na constituição physica do paiz, os habitantes serão forçados a abandonal-o.

Este anno, 1816 a 1817, foi ainda muito secco, e as noticias que chegam das margens do Rio Grande dizem ter havido ali muitas victimas e novos estabelecimentos abandonados.

Açú, que figura nas cartas com lettras maiusculas, contem 300 habitantes, duas igrejas e uma casa da camara.

O rio Açú, sobre o qual está situada a cidade, representa quasi o mesmo papel que o Rio Grande ; só tem agua na estação das grandes chuvas ; mas, algumas boas fontes e as ordens do governo, ao qual convem ter este ponto de apoio em meio dos desertos, fixaram ali esta pequena população em volta de um magistrado, um vigario, um notario e um cirurgião.

Por mais remota e pouco cultivada que seja a região, nella não se encontram ainda indios selvagens. As cobras são ali abundantes ; mas, os tigres e as onças são poucas, o que é de admirar no meio de tanto gado, e quando se considêra que ha pouco tempo que foi morta uma onça, apenas a dez leguas do Recife.

O caminho, deixando Açú para ir a Aracaty (45 leguas), sobre o rio Jaguaribe, passa perto da lagoa do Piato, cujas adjacencias são muito arborisadas e muito ferteis por causa da humidade reinante ; cultiva-se ali milho, canna e algodão.

E' por ali que se encontra a carnaúba, ou arvore da cêra ; entretanto, até S. Luzia não ha um só povoado e veem-se apenas raras habitações isoladas.

S. Luiza tem uma igreja e 300 a 400 habitantes ; o seu rio apresenta apenas um barranco secco que separa a capitania do Rio Grande da do Ceará.

O golpe de vista geral do capitania do Rio Grande apresenta um pouco de fertilidade ao sul de Natal e a mais triste esterilidade ao Norte, salvo nos districtos muito proximos da lagoa do Piato e das margens do Potengy.

Approximando-se da costa, a partir de S. Luzia, encontram-se alguns pequenos aggrupamentos de pescadores.

Areias, que figura nas cartas, não passa da reuuião de seis

cabanas situadas em meio de areias estereis, conforme indica o seu nome.

Cajuães, duas leguas mais longe, tem seis a sete choupanas ; mas, a região é pouco fertil e coberta de cajueiros que dão o seu nome á aldeiola.

Retiro não é mais habitado ; ha ahi muitas carnaúbas.

Aracaty, que dista 200 leguas do Recife, por terra, é uma cidade que, de dia a dia, adquire mais importancia, devido ao plantio do algodão, que ali tem dado bom resultado.

A população é de 600 almas ; tem tres igrejas, porem, nenhum convento, não tendo o governo querido permittir que os frades se estabelecessem ao Norte do Jaguaribe ; mais, sómente até os limites do Maranhão, porquanto ha frades nesta ultima capitania.

O porto, ou a Barra, está a quasi tres leguas da cidade de Aracaty ; mas, a maré dá acesso ás barcaças até diante das casas.

A entrada é perigosa e enche-se diariamente de areia.

De lá vêm muitas jangadas, carregadas de algodão, ao Recife, onde este recebe uma marca particular.

De Aracaty ao Ceará a distancia é apenas de 30 leguas, e como se segue ao longo da costa encontra-se muita areia ; onde o sólo é mais argiloso dessalgam-no, por meio do algodão.

Até S. José, que tem o titulo de villa e 300 habitantes, só se encontram logarejos ; vê-se, em seguida, a aldeia indigena de Arronches, de igual população.

Sempre nada de tribus selvagens nestas regiões.

A cidade do Ceará, capital da capitania do mesmo nome, não contem mais de 1.100 a 1.200 habitantes ; o seu porto é pessimo, o ancoradouro não offerecendo as mesmas garantias que o de Pernambuco, porque o recife de pedra, submerso na preamar, permitta que as vagas venham bater as embarcações.

O desembarque das mercadorias é tambem penoso ; os negros entram n'agua para tiral-as das chalupas, e frequentemente ficam avariadas.

As seccas, um máu porto, os poucos meios de communicação com o interior, taes são os obstaculos á prosperidade do Ceará, que, entretanto, poderia produzir em abundancia algodão, mas, não assucar,

Os seus productos são enviados ao Maranhão e ao Recife. Dous ou tres navios de Lisboa ali apparecem todos os annos.

A guarnição consta apenas de uma companhia de 120 homens ; tem hoje á testa da sua administração um joven governador muito empenhado no progresso da civilização dos seus subordinados.

Prometteram por-me em relações com elle ; pretendo mandar-lhe um ariete hydraulico, e me asseguram que me enviará em troca algumas curiosidades de historia natural, amstras de minerio de ferro, ichtyolithos rolados—que seriam dignos de alguma attenção na Europa, porque jamais os vi, couros de onças e de giboias, e cascos de tartarugas.

Os indios christãos da aldeia de Arronches conservam, dizem, algumas praticas do seu antigo fetichismo e os seus *pagés* ou feiticeiros.

Os principaes productos do Ceará, eram, outr'ora, a carne secca e os couros : mas, as seccas assoladoras, que tem flagellado esta capitania, reduziram esta exportação a zero.

A carne secca, que hoje se vende no Recife, vem do Rio de Janeiro, e sobretudo do Rio Grande do Sul ; é por abuso que conservou o nome de *carne* do Ceará.

Actualmente é o algodão que dá os melhores lucros ; é para receber que a baixa inevitavel dos preços não faça tambem decahir esta cultura, numa região na qual, em tres annos sobre quatro, é preciso comprar a farinha de mandioca a 30 e 40 francos o alqueire para sustentar os escravos.

Esta nota dá uma idéa succinta da parte do Brasil, que se estende do Recife ao Ceará ; num espaço de 230 leguas : seis pequenas cidades, das quaes Parahyba é a maior, as outras sendo apenas comparaveis ás aldeias francezas ; uns vinte povoados de 200 a 400 habitantes ; rios que não se prestam á navegação interior e que, durante a maior parte do anno, nem bastam para desalterar o gado ; poucas mattas elevadas ; algumas habitações em meio de vastos desertos em que erram immensos rebanhos sequiosos ; nada de estações militares ; muitos poucos portos e todos mediocres ; tudo isto não annuncia um paiz reservado a muito altos destinos.

O seu principal defeito é a falta d'agua ; os caminhos não são na realidade senão veredas traçadas pelos viandantes ; mas, concebe-se que, se houvesse mais productos, as communicações interiores melhorariam dentre em breve.

Partindo do Recife para o Oéste ou o Nordoéste, do lado de Bom-Jardim, encontra-se uma vegetação mais bella e uma cultura mais cuidada.

Até Santa Cruz os engenhos são muito proximos uns dos outros ; alem começa a grande cultura do algodão ; parece que o terreno vae subindo.

Limoeiro, situada sob o rio Capibaribe, que desagua no Recife, mas não é navegavel, contem 600 habitantes e acaba de ser elevada á cathegoria de villa ; dista 14 leguas do Recife.

Pau d'Alho e Nazareth são duas bellas povoações de 400 a 600 almas ; nas suas immediações encontra-se o pau sabonete.

Bom-Jardim, a 20 ou 25 leguas do Recife, é um povoado de 500 habitantes, todo construido de taipa ; mas, é um ponto central para os negocios dos sertões ; encontram-se ali os agentes que compram o algodão não descaroçado, e que tem machinas para fazer esta operação ; depois é embalado e enviado ao Recife.

A cultura do algodão estende-se muito alem, até a villa de Campina Grande, distante do Recife 130 leguas, comquanto as cartas indiquem apenas 70.

Toda esta região é muita sujeita á falta d'agua.

Bom-Jardim mesmo padece deste inconveniente, apesar de situado perto do Capibaribe ; a Oéste de Bom-Jardim e de Campina Grande ha ainda algum algodão ; depois fazendas de gado ; depois mattas, sdeertos, e emfim, os indios selvagens.

Pareceu-me que não seria difficil a um viajante curioso explorar estas regiões, não precisando affastar-se mais de 200 leguas do Recife para encontrar os indios, antigos dominadores do paiz.

A parte ao Sul do Recife, até Serinhãem, é a mais fertil e a mais povoada ; ali não ha falta d'agua.

Pode-se della fazer uma ligeira idéa recordando a minha excursão a Salgado e a Sibiró.

Penetrando-se mais para o Sudoeste pode-se ir até o bello rio de S. Francisco, encontrando por todo o caminho algumas fazendas de gado.

O actual governador de Pernambuco veio de Matto-Grosso ao Recife por terra, atravessando os desertos e as regiões habitadas pelos selvagens : ganhou o rio de S. Francisco, desceu-o até 30 leguas da sua fóz e seguiu de novo por terra até o Recife.

A communição do seu diario de viagem deveria ser uma cousa tanto mais interessante, por quanto é um homem de espirito e letrado.

Ha, acima do rio Uua, um porto excellente, me dizem uns ; uma bahia muito abrigada, me dizem outros, (é a bahia de Tamandaré). Ao Sul da Parahyba ha tambem um bom ancoradouro, conhecido pelo nome de Porto dos Francezes.

Dei do Cabo de Santo Agostinho e dos povoados de Nazareth e do Pontal uma breve descripção na minha viagem a Salgado ; juntei-lhe alguns dezenhos que valem mais do que a descripção ; devo accrescentar que o Padre João Ribeiro suppõe o Cabo muito mais a Léste do que indicam as cartas.

Seria uma importante observação de longitude a fazer, porque vejo todos os capitães estrangeiros, que chegam aqui, se admirarem de haver encontrado o Cabo do Santo Agostinho muito antes do que esperavam.

O brigue de Nantes, *Les Deux Adelaïdes*, que ali aportou o anno passado pela primeira vez, achou-se perto delle em situação um tanto perigosa, ao romper do dia.

Fallei dos engenhos e das plantações de algodão : devo dizer algumas palavras sobre a criação do gado, que constitue um ramo de receita consideravel, quando as secças não vêm contrarial-a, como succedeu ainda este anno.

Ha particulares que têm concessões de terras, de 6, 8 e 10 leguas quadradas, no interior do paiz ; soltam o gado nas clareiras, que ali se encontram, e possuem ás vezes 4.000 a 6.000 cabeças, destinadas ao fornecimento da Bahia e do Recife, e á extracção dos couros.

São precisos homens robustos, corajosos, activos e intelligentes para reunir os animaes, marcal-os ou abatel-os, ou juntal-os para conduzil-os em boiadas para as duas cidades.



Sertanejo

UM SERTANEJO.
(*Apud*: KOSTER, Travels in Brazil, 1816.)

Este trabalho não pode ser feito pelos negros, em geral muito fracos e indolentes.

Os Brasileiros conhecidos pelo nome de Sertanejos são criados neste penoso exercicio, e desenvolvem nelle tanta destreza quanta coragem ; porque de ambas se necessita para alcançar animaes quasi selvagens, que se refugiam em meio de cerrados impenetraveis, e que as vezes se defendem.

Veê-se frequentemente no Recife estes homens vestidos de couro, armados dum vergalho e duma espada ; têm o porte altivo e independente como os montanhezes ; o maior numero é de sangue mesclado de branco e de indio.

Comparam-se os sertanejos aos gaúchos de Buenos-Aires ; entretanto, não fazem uzo das bolas, segundo me dizem ser costume dos creoulos hespanhóes, e sim do laço.

Alem do gado vaccum criam nos sertões alguns miseraveis carneiros, que nunca são tosquiados ; a lã, ao crescer torna-se como a de cabra.

Criam tambem cavallos, muito fogosos quando bem nutridos.

Os que trazem os algodões ao Recife são de uma magreza lastimosa ; mas, os que servem para montaria da gente abastada, todos cavallos inteiros, correm com velocidade mantendo o passo muito commodo chamado esquipado, e são resistentes á fadiga.

Foi num destes cavallos que fiz 15 leguas em 7 horas, sem desenfrear e sem descansar mais de dez minutos ; o caminho era, entretanto, em grande parte de areia solta.

Um destes cavallos vale da de 24 a 28 luizes.

A administração no interior dos sertões custa pouco dinheiro e poucos cuidados ao governo ; o paiz está bem dividido em corregedorias até quasi os limites das possessões hespanholas do Perú ; mas, estes magistrados são quasi que simples titulares, e não ha nenhum destes fortes ou estações militares conhecidos entre os Hespanhóes pelo nome de *Presidios* ; se alguns habitantes dos pontos mais affastados são atacados pelos indios selvagens, a elles cumpre se defenderem como podérem.

O fisco tem impostos sobre todos os productos ; percebe, nas cidades onde ha inspecções, os do assucar e do algodão ; quanto ao do gado é arrendado a particulares que o sub-arren-

dam aos proprios proprietarios, de sorte que são especies de pactos. As despezas publicas são apenas as do culto ; os serventuarios recebem pouco e se communicam, creio, com o seu bispo ; alem disto só dispõem do que lhes fornece a piedade que excitam ou dos eventuaes que sabem arranjar.

Toda a administração do Brasil sendo militar, todo o mundo é soldado desde a idade de 16 annos até á de 60. O governo só paga aos regimentos de linha e alguns officiaes superiores da milicia ; tudo o mais está sob as ordens do capitão-mór, mantido em todos os povoados, e que ordinariamente é um dos maiores proprietarios do districto ; tem sob o seu commando officiaes, que são como elle agricultores, e como elle não vencem soldo. E' aos capitães-móres que o governador envia as ordens, que as mais das vezes ficam sem execução, de sorte que o criminoso acha facilmente azylo no sertão, onde reina o habito de fazer justiça pelas proprias mãos. (1)

X

No Recife. — *Domingo 2 de Março de 1817.* —

Nutro o vivo desejo de que os negocios que me trouxeram a Pernambuco, me proporcionem tambem occasião de visitar o Maranhão. Do mez de Março ou Abril até o de Setembro ou Outubro, os ventos e as correntes vão para o Norte e permitem fazer a viagem, por mar, em 5 a 6 dias ; da mesma sorte que durante o resto do anno, se póde, com o auxilio dos ventos e correntes contrarias, ir á Bahia no mesmo curto espaço de tempo. Duvido que este desejo possa ser satisfeito. No entretanto eis aqui algumas informações que pude obter sobre o Maranhão.

(1) Como foi, porém, que os chefes da insurreição de Pernambuco não conseguiram occultar ? Conheciam o paiz e possniam amigos. Será que não existam amigos aqui ?

N. do A.

EXPORTAÇÃO DO ALGODÃO DE 1809 A 1815

1809—78,841	balas	de	180 lb	para	80 navios
1810—52,477	»	»	»	»	56 »
1811—54,758	»	»	»	»	55 »
1812—40,570	»	»	»	»	58 »
1813—60,173	»	»	»	»	62 »
1814—45,641	»	»	»	»	56 »
1815—50,755	»	»	»	»	81 »

O arroz é um dos principaes productos agricolas. Não se exporta assucar ; ha apenas 3 ou 4 engenhos que só fabricam melaçõ ; entretanto, no seculo XVII havia pelo menos uns doze produzindo bom assucar.

Só pude obter uma planta muito informe do Maranhão ; eis, porem, aqui alguns apontamentos que podem ser uteis.

A ilha do Maranhão está situada a 2°30' de latitude Sul e 46°36' de longitude a Oéste de Paris.

No porto de S. Luiz, que é a sua capital, entra-se pelo Norte ou pela bahia de S. Marcos, da qual a ilha constitue a margem do Sudoéste.

A Léste da ilha ha uma outra bahia conhecida pelo nome de S. José.

A semelhança que existe entre a ponta de Itacolumi, que serve de bahia á entrada na bahia de S. Marcos, e uma outra ponta da pequena ilha de Sant'Anna, tem frequentemente induzido a erro os navegantes que têm entrado na bahia de S. José em logar da de S. Marcos.

Achando-se assim a Léste em vez de a Oéste da ilha, elles têm muito trabalho para remontar afim de retomar o verdadeiro curso ; cumpre tratar de encontrar alguns pescadores, que se prestem a servir de pilotos.

O porto e a cidade de S. Luiz, acham-se, portanto, a Oéste da ilha ; a agua é profunda, mas, o canal muito estreito ; convem não se arriscar a entrar nelle sem pratico.

A maré attinge ali a 18 pés.

A população da cidade é de cerca de 12.000 almas ; a civilização, dizem, acha-se mais atrazada do que em Pernambuco.

A guarnição consta de um só regimento ; os fortes estão arruinados ; ha um na entrada da bahia de S. Marcos ; os outros coraam a cidade ; os quartéis são excellentes.

A ilha dista do continente 4 ou 5 leguas.

Em frente á ilha vem desaguar no mar o bello rio Itapicuré, em cujas margens se cultiva muito arroz e algodão.

A ilha é muito pouco cultivada ; dizem que o seu sólo nada vale.

As mercadorias descem o rio e chegam a S. Luiz em barcas de 25 a 30 toneladas.

A costa da terra firme a Lés-te da bahia de S. Marcos é toda guarnecida de baixios, e, comquanto só se possa aportar a Alcantara (pequena cidade sobre o continente) com embarcações muito pequenas, é preciso muita pericia da parte do piloto.

Elogiam muito os bellos pontos de vista que apresenta a bahia de S. Marcos.

O que na minha opinião, distingue eminentemente a colonia do Maranhão da de Pernambuco, é que a primeira é ainda frequentemente atacada pelos indios selvagens.

O governador é algumas vezes obrigado a enviar tropas ao continente, e não é raro que estes selvagens atravessem a bahia e venham exercer as suas depredações na propria ilha.

A cerca de 15 ou 18 leguas a Lés-te de S. Luiz e sobre o continente, ha a pequena cidade de Parnahyba, perto da qual se cultiva o melhor algodão do paiz, muito superior a todas as qualidades do Maranhão.

Parnahyba recebe os productos da interessante capitania do Piahy, de que Oeiras é a capital.

O nome do rio que fecunda esta capitania é tambem Parnahyba, e o seu curso é muito mais consideravel do que o do Itapicuré, que rega o Maranhão.

E' perto de Parnahyba que se acha a magnifica propriedade do sr. Simplicio Dias da Silva, um dos mais opulentos particulares do Brasil.

Calcula-se em 1800 o numero dos seus escravos ; organizou com elles um regimento e ás vezes causou inquietações ao governo que tentou perseguil-o.

Parece que estas inquietações são infundadas.

O sr. Simplicio viajou na França e na Inglaterra, e ali aprendeu a conhecer o respeito devido á civilização ; occupa-se das bellas-artez, vive com um luxo asiatico, mantem musicos com grande dispendio, acolhe os estrangeiros, gosta dos Francez, vive nos seus dominios como um homem poderosamente rico ; mas, não conspira.

Influiria sem duvida muito em favor do partido ao qual se ligasse, se o seu partido recorresse á revolução ; mas, os projectos de independencia que se lhe emprestam não podem ter entrado no espirito de um homem educado ; só poderiam ter abrolhado no cerebro de um semi-barbaro, que nunca houvése deixado as suas florestas.

Tem-se-lhe censurado favorecer o direito de fazer justiça nos seus vastos dominios ; este peccado me parece muito perdoavel em um paiz onde a administracção da justiça publica é quasi uma irrizão, assim que se sahe das cidades, e da parte de um homem que só a exerce sobre os seus escravos e subordinados.

Semelhante cousa seria, sem duvida, incompativel com as nossas instituições europeás ; mas, outros lugares, outros costumes.

Esta immensa fortuna do sr. Simplicio é o fructo da industria de seu pae, que, obrigado a homisiar-se por não sei que delicto, se retirou para perto de Parnahyba, derrubou o matto, criou algum gado, comprou alguns escravos, e elevou-se gradualmente ao ponto de opulencia de que goza o seu filho, nascido de uma mulata, com quem não havia casado.

Descrevem aqui o sr. Simplicio sob pontos de vista muito variados ; apresento-o conforme o que me disséram estrangeiros, que foram seus hospedes por algum tempo.

E' possivel que o sr. Simplicio seja mais Brasileiro do que Portuguez ; mas, isto não é um crime, e a corte, emancipando o reino do Brasil, sanccionou, me parece, estas afeições.

Exportação do assucar de Pernambuco de 1808 á 1816.

1808.....	4.271 caixas
1809.....	12.801 »
1810.....	9.840 »
1811.....	7.749 »
1812.....	8.577 »
1813.....	9.022 »
1814.....	
1815.....	
1816.....	15.500 »

O governo protegeu por tal forma os engenhos que não é permittido penhorar por dividas as propriedades de um agricultor de canna consagradas á industria do assucar.

Não se pôde penhorar separadamente nem os escravos nem o gado.

Parece, entretanto, que se a divida igualha ou absorve o valor de um engenho, inclusive todos os seus accessorios, o credor pôde entrar na posse do mesmo.

Com a Quaresma, que acabou a 19 de Fevereiro, terminaram as festas do verão.

A temperatura continúa brilhante e a permanencia no campo seria ainda para desejar ; mas, a devoção prescreve a sua privação.

O carnaval ou entrudo não admittre outros folguedos senão o de assaltos reciprocos com bolas de cêra cheias d'agua, com seringas, laranjas e ás vezes cousas peiores.

Ao entrar em uma casa, mesmo estranha, pôde-se estar certo de ser recebido pelas senhoras com um copo d'agua no rosto ; é permittida retaliar ; a guerra é assaz animada e presta-se a alguns *tours de mains*.

Como se está vestido adequadamente aos perigos aos quaes se expõe acaba-se quasi por ficar despido.

A licença destes dias me deu accesso á casa de algumas vizinhas, da classe média, as quaes até então apenas lobrigára.

Foi-me permittido offerecer-lhes uma merenda na sua propria casa.

Manda-se buscar doces, fructas e vinho na venda proxima. Esta delicadeza não é absolutamente considerada como indiscreta.

A mãe estava presente.

A conversação não era muito espirituosa ; mas, alegre, um pouco livre e versou sempre sobre o amor e o casamento.

Era, aliás pouco seguida e a miudo interrompida por garrafas d'agua que nos despejavam pela cabeça, na camisa e— sinto um pouco de vergonha em dizel-o—até nas calças.

As senhoras vos seguram, vós vos debateis, e neste conflicto, algumas vezes mais que bizarro, é difficil não esquecer um pouco que nos achamos em bôa sociedade.

Não desejaria ver, nem minha irmã nem minha esposa, em meio das recreações do entrudo.

O que se passa nas ruas, entre os escravos e a baixa plebe, é ainda mais violento : depois das laranginhas vêm as garrafas, as immundices e as cacetadas.

Durante a festa fiz numerosos passeios a Olinda, Beberibe e Santo Amaro.

A região é bonita, mas, quasi sem cultivo.

Adiantando-me ao Norte de Olinda, fui até o Rio Doce, pequeno curso d'agua, que permanece secco durante oito mezes do anno ; nas suas viziuhanças ha immensos coqueiraes.

Indo-se para o lado de Beberibe encontra-se ainda mattas virgens.

As casinhas espalhadas no seu seio são extremamente romanticas.

Cacei alguns periquitos e saguins ; mas, não vi papagaios, araras ou macacos.

Estes são pegados por meio de uma cabaça, contendo alguns grãos de milho, na qual se faz uma pequena abertura ; o macaco mette por ella a mão para tirar o milho e fecha-a logo que o apanha ; esta mão fechada não póde mais sahir pela abertura que a admittio aberta.

A gula do animal não lhe permite largar a preza por preço algum, mesmo o da sua conservação.

Foge com a cabaça, mas, não pode ir longe sem ser pegado.

Esta avidez estúpida em um ser tão fino e tão astuto é verdadeiramente extraordinaria.

A cidade de Olinda, quasi deserta na estação chuvosa, torna-se bastante animada durante o verão.

Muitos dos burguezes do Recife tem ali as suas casas de campo.

A sua posição sobre varias collinas dá-lhe um aspecto muito agradável, e proporciona admiraveis golpes de vista.

De um lado devisa-se o porto do Recife, com a sua floresta de mastros e os seus lindos campanarios de azulejos ; segue-se ao longe o dique natural formado pelo recife de pedra, e domina-se a vastidão do Oceano.

Do outro lado o olhar descobre a planicie pantanosa que o Beberibe encharca, e vae repousar sobre os outeiros cobertos de verdura.

E' a imagem da solidão, emquanto que o outro panorama nos põe em relação com o resto do universo.

Entre os outeiros rasgam-se valles diliciosos.

A posição de Olinda, sobre diversas collinas, permite a cada casa ter um pequeno jardim, o que empresta ao conjuncto um aspecto florido e gracioso.

Comquanto os jardins sejam pouco cuidados, apesar dos donos se limitarem a deixar crescer nelles algumas bananeiras e laranjeiras, formam, entretanto as massas de verdura necessarias para produzir o aspecto florido de que fallo.

A população de Olinda não excede a 3.000 habitantes, todos pauperrimos e de sangue mestiço.

Ao sopé dos outeiros, á beira-mar, ha alguns pescadores ; mas, na cidade não se vê industria alguma ; ali tudo definha. Sabe-se que Olinda tem o titulo de Cidade e é a verdadeira capital da capitania ; mas, é apenas um titulo fastoso e illusorio. Toda a actividade e toda a autoridade social estão concentradas no Recife, que tem apenas a denominação de villa.

Construiu-se em Olinda um palacio para o governador, que ali devia residir seis mezes do anno ; mas, que quasi nunca lá apparece. O bispo tem igualmente o seu palacio, bem mesquinho, aliás ; prefere-lhe o magnifico da Soledade, arrabalde do Recife.

A cathedral, edificada sobre o dorso de uma montanha, é bastante imponente.

O seminario, fundado pelo predecessor do penultimo bispo, é um edificio de vastas proporções ; desperta interesse porque, além da educação theologica, ali se ministra instrução civil em bellae-letras e em algumas sciencias, mais ou menos como nos nossos lyceus departamentaes.

Ao terminal-a pode-se entrar nas escolas superiores da Europa, notadamente em Coimbra.

Este estabelecimento é um dos maiores beneficios prestados por este digno prelado, animado de idéas liberaes e que era capaz de operar uma util reforma nos costumes.

Foi perseguido pela côrte e retirado para Portugal ; mas, deixou uma memoria respeitada.

Chamava-se D. José Joaquim da Cunha Azeredo Coutinho.

Publicou, em Lisboa, em 1794, um *Ensaio sobre o commercio de Portugal e das suas colonias*, no qual refuta Montesquieu quanto a influencia dos jesuitas.

Os seus dous successores estiveram longe de gozar de uma tal consideração.

Falla-se abertamente da sua simonia, da sua avidez e do commercio fraudulento que faziam das dispensas e indulgencias.

As casas dos cônegos nada têm de fastosas ; as prebendas são parcas, mesmo para celibatarios, e com muito mais razão para estes senhores, carregados de familia e que vivem publicamente com as suas concubinas nos seus domicilios.

Ha dous conventos ricos : um de beneditinos, outro de carmelitas.

O primeiro tem uma bibliotheca assaz bella.

Encontra-se em ambos homens instruidos.

Os carmelitas são severos quanto á sua residencia ; os beneditinos obtem facilmente permissão para irem passar uma parte do seu tempo com as familias ou em casa dos amigos.

Já fallei do convento dos carmelitas da Ordem Terceira de S. Francisco.

São mendicantes abastados.

Não ha conventos de freiras na capitania de Pernambuco ; mas, Olinda contem um recolhimento para o sexo feminino, no qual não se fazem votos.

Estas senhoras recebem algumas pensionistas, ás quaes nada podem ensinar porque ellas mesmas nada sabem.

Fazem um pequeno commercio de doces e de obras de agulha.

E' lá que se costuma ir merendar, quando não se tem amigos na cidade em casa de quem repousar.

Olinda contem um quartel e o Recife outro ; os destacamentos dos regimentos são rendidos todos os mezes.

Os militares são infelizes ; o soldo é diminuto e quasi todos são casados ; o preconceito não permite que procurem manter a sua existencia por meio de quaesquer trabalhos estranhos á sua profissão.

D'ahi as censuras que lhes fazem sobre a sua improbidade e á disposição das suas mulheres e filhas á incontinencia e ao proxenetismo.

O estabelecimento mais interessante de Olinda é, sem contestação, o jardim botanico, ou escola de aclimação das plantas exóticas.

Foi instituido depois da chegada da côrte ao Brasil.

Foi de Cayenna que se fez vir as primeiras plantas e o director francez que d'ellas cuida.

Um outro estabelecimento semelhante foi fundado no Rio de Janeiro.

A differença de clima permittirá angariar para o Brasil o concurso de quasi todas as riquezas do reino vegetal.

O jardim de Olinda estende-se sobre o pendor de dous outeiros, que se prestam quasi que a todas as exposições.

Os cimos são seccos e aridos, e o fundo está habitualmente alagado, o que é ainda uma bôa circumstancia ; mas, o terreno esteril é demasiado arenoso ; tem muito pequena superficie, apenas quatro geiras : estes são os defeitos.

Quatro, seis a oito negros, alugados aos seus senhores por 25 a 30 soldos diarios, fazem o serviço do jardim, que consiste principalmente na limpa e rega.

O ordenado do director é de 3.000 francos por anno ; tem ainda um pouco mais do bolsinho particular do rei ; como indemnisação da sua expatriação tem uma pensão de 30.000 réis (187 francos) por anno.

Tem casa, e pôde plantar para o seu consumo ; a sua posição não é para lamentar.

E' pena que não tenha o mais ligeiro conhecimento de botânica.

Nascido na Guyanna, entende, talvez, da cultura das plantas equatorias ; mas, não tem gosto algum pela sua profissão, e, apesar das frequentes admoestações dos seus compatriotas sobre a negligencia com que exerce um cargo bem pago, elle passa a metade do tempo no Recife, no meio dos Francezes, de quem gosta e a quem encanta pelo seu character agradável, a sua alegria e a sua suave, mas, demasiado bondosa, philosophia.

As plantas mais interessantes que notei, no jardim botânico de Olinda, foram a canelleira de Ceylão, o cravo e a noz muscada das Molucas, a pimenta de Malabar, a fructa pão do Taiti, o cacoeiro, a canna de Cayenna, o algodoeiro de Bourbon, a ipecacuanha, o gengibre, a baunilha dos sertões e a salsaparrilha do Pará.

Seria muito para desejar que se ensaiasse tambem a cultura do chá, que já existe no Rio de Janeiro, e a do anil, que outr'ora deu aqui tão bons resultados.

O sr. Arruda Camara tinha preparado um magnifico trabalho sobre as plantas fibrosas e oleaginosas do Brasil ; dever-se-ia encontral-as todas no jardim de experiencia, e poder obter sementes com instrucções sobre o seu uso.

A aclimação dos legumes e fructas da Europa deveria merecer a attenção do director.

Este deveria ser amigo dos agricultores do paiz, num raio de tres a quatro leguas ; visital-os, conversar com elles sobre as suas tentativas, incitar o seu amor proprio a secundal-o, forçal-os, por assim dizer, a aceitar sementes e plantas para cultivar.

Fosse elles algumas vezes taxado de enthusiasmo innovador ; isto valeria ainda mais do que ser tratado de preguiçoso e de pensionista de sinecura.

Se tivésse, de tempos em tempos, alguma cousa de novo para mostrar aos amadores, o seu jardim seria mais frequentado, apparexeria o interesse pela sua conservação, e cessar-se-ia de dizer que é uma despeza ridicula, senão inutil.

Não espionar-se iam algumas manifestações da ignorancia deste mesmo director para as vulgarisar e affirmar a sua falta de luzes em todos os assumptos ; o seu zelo suppriria os seus talentos.

Não é preciso, para bem desempenhar semelhante cargo, ser-se um Linneu, um classificador emerito.

Pode-se, por meio de palavras e de pequenos trabalhos exercer uma influencia moral tão util quanto a de um douto curso agronomico.

O jardim botanico de Olinda é ainda um exemplo do que se encontra tão a miudo em Portugal ; quero dizer : concepções sabias e bemfazejas abafadas por execuções infieis e imprudentes.

A arte de administrar é, entretanto, a de fazer agir.

Ha neste jardim uma fonte d'agua mineral ; é ferruginosa e o seu cheiro trahe a presença de hydrogenio sulfurado.

Se pudér ser util em medicina, só se terá bom exito com o emprego, pondo a fonte sob a protecção de alguma Nossa Senhora e arranjando alguns milagres.

Supponhamos assim seja, philosophos !

Commetteremos nós tão grande falta em chamar o erro em soccorro da humanidade ?

Não!—Pois bem, não julgemos tão severamente os nossos antepassados.

A um quarto de legua de Olinda visitei uma pedreira de gesso, explorada a céu aberto.

Achei ali alguns crystaes mediocres, que não tem merito algum ; mas, a presença de alguns restos de fosseis deveria excitar as pesquisas de alguns naturalistas ; tirei de lá o fragmento de um femur de dimensão tal que não sei a que especie de animal conhecido o poderei applicar.

Seria de um mastodonte ?

Se eu houvésse feito uma tal descoberta, ella seria curiosa, porque pouco se conhecem os fosseis da America Meridional.

Voltando de Olinda por terra vê-se uma manufactura bastante curiosa.

E' a cordoaria de côcos do sr. Viegas.

Elle obteve a concessão de um terreno encharcado, situado entre as duas cidades, por 3:400\$000 (cerca de 20.000 francos).

Este terreno tem 160.000 braças quadradas.

No praso de dous annos e com 30 negros, dessecou totalmente o terreno por meio de fôssos e de diques muito engenhosos.

O sólo está ainda muito penetrado de sal e é pouco proprio ao plantio ; dentro de dous annos não terá mais este inconveniente e se prestará a não importa qual empresa agricola.

Emquanto espera, o proprietario vende cada dia por 2\$400 réis (15 francos) de peixe que as marés trazem aos seus fôssos e viveiros.

E' dinheiro posto a juros de 10 %, sem contar o terreno e os escravos ; de 25 %, se se considerar que o producto dos negros pôde ser realiado hoje mesmo, e que restariam mais de 160.000 braças quadradas de terreno proprio á cultura, limpo e aplanado, a dez minutos da cidade.

As marés no Recife sóbem a 8 e 9 pés ; na propriedade do Sr. Viegas são ainda de 4 a 5 pés, o terreno ficava inteiramente inundado ; pôde-se julgar da importancia dos trabalhos que executou sómente com 30 escravos.

Este senhor é do Porto.

Foi elle quem me informou que se ensaiou a cultura do trigo em Campina Grande, que deu na proporção de cincoenta espigas por um grão.

Isto é tão prodigioso, que só tomo nota para solicitar mais informações a respeito.

Devo-lhe igualmente a communicação dos seguintes dados sobre a população.

Ha trinta annos as quatro capitancias de Pernambuco, Parahyba, Rio Grande e Ceará, continham 400.000 habitantes, isto é : pessoas de communhão ; hoje contam-se em Pernambuco só 400.000, no Ceará 170.000, na Parahyba 80 a 100.000.

A capitania de Minas-Geraes, tem 1.000.000 de habitantes.

Ha no Recife uma companhia de seguros formada em 1815.

O seu capital é de um milhão de cruzados ; os seus accionistas são solidarios.

As entradas foram de 10 %, ou cem mil cruzados, de que se faz uso para descontar na praça, aguardando as necessidades.

A sociedade fixou o maximo dos seus riscos em cada navio em 8 % do seu capital sobre navios portuguezes, e em 6 % sobre navios estrangeiros.

Toma a 2 1/2 e 3 % para Lisboa, 3 % para o Porto, e tomou a 3 1/2 % para os Estados-Unidos sobre navios inglezes.

O banco do Rio de Janeiro tem agentes aqui e realiza quasi todas as transacções financeiras do governo e do commercio.

Goza de grande confiança.

Ha algum tempo as casas inglezas experimentaram a sua solidez.

Reuniram um milhão de cruzados em bilhetes e apresentaram-nos.

O banco pagou, e mesmo pagou mais depressa ; em vez de tres abriu vinte pagadorias.

Estas experiencias são boas de tempos em tempos, com quanto sejam consideradas como insultuosas.

Não se deve jamais esquecer que os bancos só gozam dos privilegios do governo porque se compromettem, ao menos tacitamente, a conceder-lhe grande credito.

XI

No Recife. — *Domingo 9 de Março de 1817.* —

A 6 deste mez teve lugar uma revolução bem inesperada.

O estandarte da independencia foi levantado ; as tropas collocaram-se em volta delle.

O governador, assim trahido, vio-se forçado a refugiar-se em um forte, ali capitular e acaba de embarcar para o Rio de Janeiro.

Um governo provisório, composto de cinco membros, foi instituído por um pequeno numero de conjurados ; falla-se em erigir a capitania de Pernambuco em Republica.

Um acontecimento tão extraordinario merece bem que se lhe indague das cousas.

Eis o que, na minha qualidade de estrangeiro, pude perceber.

Teria desejado muito manter um diario mais exacto durante a revolução de Pernambuco.

Mas, as minhas occupações e as constantes inquietações em que tenho vivido me impediram de fazel-o com o interesse que merecia.

As minhas notas sobre este interessante assumpto são, pois, muito menos cuidadas do que algumas outras consagradas a futilidades.

Tenho pejo d'isto.

Mas, só a Frederico o Grande pertencia fazer versos em meio dos estilhaços de bombas.

Desde a minha chegada ao Brasil inqueri se os negros davam motivos a inquietação.

Responderam-me que na Bahia tinha havido algumas tentativas de levantamento ; em Pernambuco, porem, gozava-se a este respeito da mais completa segurança.

Um alarma, havido ha um anno, foi considerado absolutamente baldado de fundamento.

Tinha-se feito marchar tropas, desarmado e fuzilado alguns mulatos e negros ; mas, a opinião publica era ter sido isto uma crueldade inutil.

Tranquillos do lado dos negros, os Portuguezes não o estavam, porem, do dos creoulos brasileiros.

Estes, mais indolentes, invejam a prosperidade commercial dos Europeus, que vem se estabelecer no meio delles, em vez de imitar a sua actividade.

Fallava-se de conciliabulos feitos sob as formas masonicas ; tinha havido banquetes brasileiros dos quaes se excluia o pão e o vinho da Europa ; servia-se com ostentação a

farinha de mandioca e a ruim aguardente nacionaes ; emfim, tinham sido erguidos brindes á independencia contra a tyrannia real e contra os Portuguezes da Europa.

Toda a cidade sabia destas circumstancias sediciosas ; representações reiteradas haviam sido feitas ao governador Caetano Pinto de Miranda Montenegro ; este, porem, homem de lei, amigo da paz, infelizmente imprevidente, sem caracter nem energia, não lhes déra importancia.

Parece tambem que era illudido pelos conselheiros infieis que o cercavam.

E' propavel que pague caro a sua negligente quietitude.

Como se falla muito pouco de politica em Pernambuco, que todo o mundo aqui se occupa mais dos seus interesses particulares do que dos negocios publicos, que apenas se vê, de longe em longe, alguns jornaes, havia varias semanas que eu não ouvia mais fallar dos conciliabulos brasileiros ; sómente as declamações contra a fraqueza e a impericia do governador tornavam-se mais frequentes ; e, na verdade, o estrangeiro não podia deixar de approval-as, vendo a má policia que reinava na cidade.

Os roubos e os assassinatos se multiplicavam e ficavam impunes, e ás queixas levadas ao governador, este tinha a me-donha indulgencia de responder que cumpria recolher-se mais cedo ás casas e trazel-as mais bem fechadas ; elle proprio tinha sido atacado a um quarto de legua da cidade, e havia deixado despojar-se, apezar de acompanhado de um ajudante e dos seus creados, e recuzara-se a mandar perseguir os criminosos.

Um Francez, o sr. Perret, de Marselha, levou uma facada de um caixeiro, que foi perfeitamente reconhecido.

Um official inglez, fardado, correu a soccorrel-o, quando foi desancado pelos negros, que trabalhavam no porto, instigados pelo assassino.

Jamais conseguimos obter a punição deste delicto.

Ha um anno que um Inglez, de braço com a sua esposa, foi morto na rua, em pleno dia, por um logista conhecido.

Foi impossivel obter-se justiça.

Entretanto, a 3 deste mez, espalhou-se o boato de que a administração pretendia sahir da sua lethargia, e que a sua

primeira operação seria dirigida contra certos Brasileiros, que haviam emitido opiniões sediciosas.

E' provavel que acabasse de ser informada de que os projectos dos conjurados se approximavam da sua maturidade ; todavia, o publico parecia bem longe de suppor tão proxima uma explosão, e julgou desnecessaria uma proclamação que o governador fez publicar a 5.

Pregava a paz, a união, a submissão, e—cousa singular ! —em vez de ameaçar os turbulentos, desculpava os seus discursos revolucionarios e dizia : «Não acrediteis que expressões exaggeradas escapadas ao jubilo de possuir o soberano neste hemispherio, possam ser consideradas criminosas ; assim, tranquillisaí-vos.» Vizava, sem duvida, illudir os conjurados, inspirando-lhes uma falsa segurança.

Muita gente, e notadamente as tropas, pareceu saber então pela primeira vez, que cumpria distinguir entre os Portuguezes do Brasil e os da Europa ; prohibio-se insultar estes.

Esta proclamação, na qual á primeira vista só se descobrio a fraqueza, fez rir á socapa os autores da conjuração, levantar os hombros aos estrangeiros e indignar alguns Portuguezes, que desejariam factos e não palavras ; isto é : que se prendessem os que a opinião publica designava como conjurados.

A opinião publica não se havia enganado nas suas designações.

Parece que, a 5, o governador convocou um conselho no qual foi decidida a prisão de 70 pessoas ; *parece* tambem que a decisão e a lista foram communicadas, por um traidor, ás pessoas interessadas.

Talvez, tambem, isto só succedesse depois ; sobre este ponto correm versões contradictorias.

Comprehende-se facilmente, lendo isto, escripto apenas tres dias após a revolução, que me é impossivel dar detalhes certos.

Na manhã de 6 de Março tudo parecia tranquillo na cidade ; ás dez horas ainda conversei com dous dos actuaes chefes do governo, os quaes pareciam bem longe de pensar que a explosão ia rebentar.

Entretanto, pelas onze horas, o governador fez começar as prisões.

O sr. Domingos José Martins, de quem adiante terei, sem duvida, occasião de fallar, tinha sido conduzido á prisão; um general de brigada dirigio-se ao quartel e ali prendeu a um official do regimento de artilharia; ia proceder ao desarmamento de outros, quando o segundo official designado, o sr. José de Barros, pretendeu resistir e terminou a altercação, levantada entre elle e o seu general, por mergulhar-lhe a espada no peito.

Este primeiro sangue derramado foi o signal da revolução; no mesmo instante todos os militares do quartel correm ás armas para defender o sr. de Barros; uns voam á prisão, libertam o sr. Domingos José Martins e assassinam o que o havia prendido; outros percorrem as ruas e fazem tocar rebate.

Os habitantes precipitam-se armados nas ruas, sem conhecer em a causa da desordem.

Não se houve ainda o grito de liberdade e sim os de: *Viva a Patria! Mata marinheiro!*

E' assim que os Brasileiros designam os Portuguezes da Europa, de qualquer classe que sejam.

A fuzilaria empenhou-se em diversos pontos da ilha de Santo Antonio, e o sangue correu ainda aos gritos reverenciados de *Viva a Patria!*

O governador, que acabava de mandar agir com severidade, não tomou nenhuma medida para fazer respeitar a sua autoridade; á primeira descarga de mosquetaria tomou as suas disposições para fugir; com effeito, evadio-se por uma rua afastada, protegido por parte da guarda de palacio; atravessou rapidamente a ponte e o bairro do Recife, sem dar uma ordem, e foi lançar-se na Fortaleza do Brum.

O seu primeiro ajudante de ordens, o sr. Alexandre Thomaz, excellent e respeitavel official, que havia mandado ao quartel no momento da sua fuga, foi assassinado, quasi sob os seus olhos, na occasião em que ali entrava para acalmar os animos.

A evasão do governador, certo perturbou os planos dos conjurados, que era de sitial-o em palacio, e deu immediatamente lugar á formação de dous partidos separados pela ponte de Santo Antonio; a saber, o dos *marinheiros* ou Portuguezes da Europa, que se tinham armado no Recife, e o dos insur-

gente que se achavam senhores de Santo Antonio e da Boa Vista. Estes não ousavam ainda tentar a passagem da ponte e entregavam-se, nas ruas da ilha, a toda sorte de excessos, fazendo fugo sobre todos os que lhes eram designados como *marinheiros*; abstinham-se, todavia, de penetrar nas casas. Foi neste momento de grande desordem que foram massacrados quatro marinheiros francezes, que tinham corrido do porto a soccorrer o seu capitão, meu vizinho; este entregou-lhes uma somma de 18000 francos em ouro para transportal-a para bórdo; mas, não poderam ganhar a praia a tempo; foram assassinados e despojados, não como Francezes, mas, como *marinheiros*. Um delles, que sobreviveu aos ferimentos, nos forneceu os detalhes deste triste acontecimento.

Solicitei do governo provisorio que fizesse exhumar, com todas as precauções, nossas tres victimas afim de fazer verificar os seus obitos; elle recusou-se.

O governador, refugiado na Fortaleza do Brum, desolava-se e não tomava providencia alguma; tinha, entretanto, a seu lado todo o Recife armado, uma artilharia bastante numerosa, e todos os marinheiros do porto dispostos a servil-o; é provavel que, com estes recursos e um pouco de coragem, elle teria podido ganhar vantagem sobre as forças dos insurgentes, que apenas consistiam no regimento de artilharia, um pequeno numero de brancos e de mulatos, de pôsse do segredo da conjuração, e um maior numero de individuos de todas as côres, forçados a pegar em armas para fazer patrulhas.

Não vi durante o tumulto quasi que um só soldado do regimento do Recife, e, poderia quasi garantil-o, nenhum negro dos Henriques.

Os insurgentes não dispunham ainda senão de tres pequenas peças de campanha; a sua fuzilaria fôra apenas dirigida contra fugitivos; não haviam ainda experimentado resistencia; fôra do quartel reinava a maior desordem entre elles; a passagem da ponte de Santo Antonio, tentada com determinação pelas forças do Recife, teria provavelmente lançado em grande hesitação as de Santo Antonio, que só tinham então por todo ponto de apoio um miseravel quartel, situado numa rua e não isolado.

Não duvido absolutamente que se os realistas tivessem

entrado do Recife em Santo Antonio, tudo teria voltado á ordem.

Os conjurados não haviam ainda feito disposições solidas. A pusilanimidade dos officiaes que acompanhavam o governador, e talvez a do proprio governador, me parecem ter sido a causa de todo o mal. O povo não tomava parte alguma na insurreição; tinha-se armado sem saber para que e podia facilmente ser dirigido contra os rebeldes.

Em vez de um golpe de audacia vio-se vir da Fortaleza do Brum a ordem de cortar a ponte de Santo Antonio; era confessar-se batido nesta ultima parte da cidade, e dar ao partido insurgente uma confiança que não tinha ainda. Com effeito foi neste momento que as tropas e os conjurados, animados pelas arengas do Padre João Ribeiro, arvoraram a bandeira branca insurreccional.

Um official de artilharia, o Sr. Pedroso, homem de resolução, conduzio duas pequenas peças á ponte e fêl-as jogar com successo contra os trabalhadores occupados em cortar-a e mal protegidos por escassa fuzilaria; postos estes em fuga, avançou pela ponte e, com extrema audacia, ousou entrar no Recife onde devia encontrar a sua perda, por quanto não dispunha de mais de 120 homens. Mas, nenhuma disposição havia sido tomada; o panico alastrou; cada um procurou occultar-se ou fugir para bórdo dos navios, e assim os insurgentes, em menos de uma hora, se acharam senhores da península. Muitas pessoas se lançaram ao mar; a maior parte foi recebida a bórdo dos navios; algumas se afogaram.

O governador, que não se tinha mostrado um só instante, ficou encurralado, com 200 a 250 homens, na sua fortaleza, sem communicação com Olinda, onde as scenas do Recife haviam sido repetidas pela guarnição, secundada pela população animada pelos gritos de *Mata marinheiro*, e a esperança da pilhagem.

A população de Olinda se compõe quasi toda de famílias de soldados; mas, este não era o caso no Recife. O movimento de Olinda havia sido determinado por mensagens partidas muito cedo do quartel do Recife, e a promptidão com que se effectuou me induz a duvidar da espontaneidade da revolução, que muitos dizem operada sem premeditação alguma.

A chalupa e os officiaes da *Felicité* tinham ido, naquelle dia, fazer aguada em Olinda. Estes senhores enculharam a sua chalupa e se refugiaram em um convento, onde receberam azylo e protecção.

A noute de 6 a 7 passou-se em meio de continuos rebates; de parte a parte receiavam-se ataques; mas, não nos houve. Os insurgentes mantinham boa guarda e fortes patrulhas percorriam as ruas.

Na manhã de 7 só se sahia de casa com receio; os habitantes de Santo Antonio não se podiam persuadir de que o governador houvesse tão promptamente renunciado á resistencia; mas, os insurgentes não tinham perdido tempo; na propria noute haviam organisado uma especie de governo provisorio, e desde a madrugada fizéram intimar ao governador a entrega da Fortaleza do Brum, offerecendo-lhe em troca garantias para a sua pessoa e para a sua retirada ao Rio de Janeiro. Nesta intimação não assumiam outro qualificativo alem do de patriotas de Pernambuco; a capitulação assignada pelo Sr. Caetano Pinto Montenegro, hoje me autorisa a lhes dar esta qualificação, que ainda não considero como technica, porque é preciso ver se elles a justificam.

Vi esta humilhante capitulação, fructo da imprevidencia e da covardia; estava escripta sobre um farrapo de papel banhado de lagrimas ridiculas; tinha a forma de uma acta constando que o governador, tendo chamado para junto de se seis ou sete generaes encerrados no forte para os consultar sobre a possibilidade de ali se defenderem, estes verificaram não haver nenhuma munição de guerra nem de bocca e declararam que seria derramar inutilmente sangue tentar resistir.

Cumpria, pois, ter previsto a necessidade de se refugiar nos fortes e aprovisional-os de accordo. Se tivésse havido o menor ponto central, ao governo não teriam faltado defensores. Mas, quando se abandona o paiz perde-se a patria e o direito de chamar rebeldes aos que ficam e se submettem.

Em consequencia do alludido aviso o governador se resolveu a aceitar as condições propostas pelos insurgentes e capitular.

Com effeito, embarcou esta manhã em uma escuna para o Rio de Janeiro; a sua pequena guarnição confraternisou com

os regimentos rebeldes, e a maior parte dos generaes ficou prisioneira.

Espera-se, aparentemente, ganhal-os á causa da liberdade.

O povo assistio muito friamente ao embarque do governador, que partio levando as maldições dos Europeus e as felicitações satyricas dos patriotas ; estes bem sabem que devem a victoria tão sómente á sua inhabilidade e fraqueza de caracter.

Não se vê nenhum enthusiasmo, nenhum transporte entre o povo, que parece crer só ter sido a revolução dirigida contra o governador e não contra o principe ; os novos governantes só pronunciam a palavra republica em vós baixa e só descorrem sobre a dontrina dos direitos do homem com os iniciados.

Parecem confessar que ella não seria comprehendida pela canalha ; só os militares testemunham a sua ebriedade ; quadruplicaram-lhes o soldo ; os officiaes esperam promoções ; a julgar só pelas demonstrações exteriores acreditar-se-ia tratar-se apenas de uma sedição militar ; entretanto, o caracter de varios dos governantes faz suppor projectos mais vastos e mais profundos.

Eis, pois, mais uma revolução começada, e esta bella terra de Pernambuco exempto de guerras ha cento e cincoenta annos, tão cheia de prosperidade depois da emancipação do Brasil e da chegada da côrte, exposta a todos os furores das dissensões civis, assim como o estão as infelizes colonias hespanholas.

Os patriotas persuadem-se da proxima adhesão das capitánias da Bahia e do Norte ; se assim fór a côrte do Rio de Janeiro experimentará grandes embaraços.

Quaesquer que sejam os seus futuros successos, que elles não se illudam com a esperanza vã de que a liberdade de um povo possa ser conquistada por meio de uma simples escaramuça, que apenas custou a vida a 50 ou 60 pessoas.

XII

No Recife—*Domingo, 16 de Março de 1817*—Esta impaciencia de uma dominação, cuja legitimidade se perde na noute dos tempos e participa da sua obscuridade.

Este desejo dos povos, de fazer acto de soberania, quando temem que os seus direitos não tenham sido alterados por um repouso demasiado longo; a seducção deste principio, tão lisonjeiro ao amor proprio, que os governos derivam a sua autoridade dos seus administrados e não de graça immediata de Deus; emfim este alheamento de todo o poder que provem do regimen feudal, do direito humilhante da conquista, ou do da intriga e da espada: taes são os motivos que me parecem ter arrastado uma parte dos individuos autores da nova revolução; a outra (1) me parece guiada por designios ambiciosos e de interesse pessoal, menos puros, porem, mais esclarecidos.

Os primeiros occupam o logar mais honroso da cadeia: o da abstracção desinteressada; os segundos se vinculam ao anel mais especial, mais sensivel, mas, tambem o menos honroso: o do proveito a tirar do acontecimento.

A sorte da nação confiada a individuos de opiniões tão oppostas e todas perigosas, será com isto melhorada?

Eis o que só será conveniente discutir quando houver certeza de que estes mesmos individuos alcançaram estabelecer solidamente a sua autoridade, depois de haver definitivamente destruido a que vêm de substituir.

Não posso deixar de alarmar-me da indifferença com que fallam dos obstaculos que a cõrte do Rio de Janeiro porá á execução dos seus planos de independencia.

Fallam sempre da adhesão das capitancias vizinhas; mas, até que disto se tenha noticia official, tem-se o direito de estar bem inquieto.

Desde o embarque do governador tudo tem estado assaz tranquillo na cidade.

(1) Os philosophos e os intrigantes são sempre os autores das revoluções.

Desprezam-se mutuamente, reúnem-se, entretanto para o mesmo fim, uns desvairados pelas illusões; os outros bem claramente guiados pelo seu interesse material.

Uns crêem fazer bem; os outros sabem que fazem mal.

Os tribunaes devem julgal-os da mesma maneira; mas, os homens devem fazer uma distincção.

Foram enviados agentes ao matto, afim de determinarem os capitães-môres a virem dar a sua adhesão á revolução.

Uma commissão de cinco membros forma o novo governo provisório, que reúne todos os poderes.

Compõe-se dos Srs. João Ribeiro, ecclesiastico ; José Luiz de Mendonça, juriconsulto ; Domingos José Martins, negociante ; Manoel Correia de Araujo, coronel, e Domingos Theotonio Jorge, tambem coronel.

O novo governo publicou varias proclamações, nas quaes incita o povo a sacudir o jugo de uma côrte corrompida e dispendiosa, em que tudo se faz em proveito de favoritos e nada em favor da nação ; promete uma administracção menos custosa e mais nacional, e balbucia algumas palavras de liberdade especulativa.

Uma dellas tem por fim declarar que, muito a contrario, não se tocará ainda no regimen da escravidão, menos para aprovar-lhe a justiça, do que em respeito aos proprietarios.

Têm sobre a meza as nossas constituições francezas de 91, 93 e 95 ; esta ultima agrada-lhes ; mas, não sabem como estabelecer uma representação nacional ; os homens de côr os embaraçam ; fallam em tomar por base a propriedade immovel.

Já o Padre João Ribeiro convem que o governo popular nada valeria.

A sua representação composta de senhores de engenho ignorantes, indoceis ás leis, habituados a fazer-se justiça por suas proprias mãos, valeria, accaso, mais?

Aqui são precisas bayonetas.

Supprimio-se alguns impostos ; mas, já fui informado de que isto não passa de um engodo ; existe a intenção de constituir um peculio nacional.

O novo governo recebe as felicitações sinceras ou fallazes de todos os corpos administrativos ; o intendente da marinha é o unico que a ellas se subtrahio ; vejo nas salas de espera numerosas deputações do clero regular e dos conventos.

Só dous ou tres negociantes de importancia se apresentaram, os outros estão consternados.

Os estrangeiros são bem acolhidos : quando os negocios

conduzem algum de nós a palacio é suffocado de abraços e saudado por signaes maçonicos.

Vimos depois que estas demonstrações não eram bem sinceras.

Desconfiou-se dos Inglezes por causa da sua alliança com a cõrte que lhes é dedicada ; dos Francezes por causa do systema de legitimidade antiga que restabeleceram.

Só se festeja sinceramente aos Americanos do Norte ; certos militares Francezes proscriptos seriam muito affagados ; muito felizmente só ha aqui um destes, que é prudente apezar de joven.

Duc Mahon, um velho marinheiro muito desventurado aceitou um pasto num brigue de guerra ; é tão infeliz e de nm character tão pouco ardente que é tão desculpavel quanto pouco perigoso.

Proscreeveu-se da conversação as antigas formulas, cuja polidez achou-se demasiado servil.

Em lugar de *Vossa mercê* diz-se *Vós*, simplesmente ; em lugar de *Senhor* é se interpellado pela palavra *Patriota*, o que equivale a cidadão e ao tratamento de tu, de que nos servimos em França nos nossos tempos demagogicos.

As cruces de Christo e outras condecorações reaes abandonam as botoeiras ; faz-se desaparecer as armas e os retratos do rei.

Prepara-se uma nova bandeira nacional ; a branca arvorada a principio, tinha apenas por fim tornar menos brusca a transição ; apresentaram-n'a como symbolo de intenções pacificas.

E', aliás, a com que os fortes portuguezes annunciam aqui, ha muito tempo, o apparecimento de navios na costa.

As embarcações vindas de fóra, vendo sempre o signal acostumado, entram sem desconfiança ; é o que se quer, porque ha falta de viveres ; receiava-se que uma nova bandeira não assustasse os que os trazem.

Apezar dos protestos de amizade que os novos governantes prodigam aos estrangeiros, fazemos todos preparativos para deixar um paiz que experimentará provavelmente bastante calamidades antes de alcançar a felicidade politica que procura.

XIII

No Recife de Pernambuco—*Domingo, 23 de Março de 1817*—As pessoas que se encarregaram dos destinos de Pernambuco vão provavelmente representar um grande papel.

Quero consignar aqui o que sei dellas, antes que a celebridade, a illustração ou a desgraça tenha modificado o ponto de vista de que serão consideradas as mais tarde.

Estatuas ou o patibulo, eis o que devem esperar.

O Padre João Ribeiro, a que o estado ecclesiastico fez renunciar á presidencia do governo, era meu amigo antes da revolução.

Creio que o é ainda.

E' um homem instruido e sem fortuna, sendo bastante philosopho para desprezal-a.

Exercia as funções de professor de dezenho no seminario de Olinda ; tendo sido supprimido este cargo obteve o de capellão de um hospital, onde tinha casa e um ordenado de 400 a 500\$000 (2.400 a 3.000 francos), continuando a dar lições de dezenho.

Possuia em sua casa uma especie de gabinete de leitura ; dez ou doze assignantes tinham começado a base de uma bibliotheca, da qual tinha a direcção ; este ensaio devia conduzir á formação de uma especie de lyceu, cuja concepção parecia tão innocente quanto util.

Pretendiam juntar-lhe um gabinete de historia natural, e eu fôra encarregado de enviar da Europa uma collecção mineralogica classificada pelo methodo de Haüy.

O Padre João Ribeiro era capaz de explical-a ; propunha-se tambem a abrir um curso de physica e tinha já alguns instrumentos.

Nutrido com a leitura dos philosophos antigos e modernos, elle só respirava pela liberdade, e isto mais por amor d'ella do que por ambição.

Indignava-se de obedecer a vontades arbitrarías sem manifestar o desejo do mando.

Arrastado pela leitura das obras de Condorcet, testemunhava a mais alta confiança no progresso do espirito humano ;



JOSÉ LUIZ DE MENDONÇA.

a sua imaginação ia mais depressa do que o seu seculo e sobretudo adiantava-se muito á indole dos seus compatriotas.

Hoje orgulha-se menos da honra de ser o primeiro magistrado do seu paiz do que da gloria de ser o seu regenerador.

Quizéra morrer, diz elle, agora que o meu paiz está livre. E' um exaltado desvairado.

Praz-me fazer justiça ás suas intenções, que creio boas ; mas, devo tambem dizer que elle tem mais enthusiasmo do que talentos administrativos ; acho-o neste particular de uma fraqueza extrema.

Não tem nenhum conhecimento dos homens ; a arte de dirigir as suas paixões lhe é tão estranha quanto a intriga.

Este homem saberá sacrificar-se pela sua patria, mas não salva-a.

Logo que perceber duplicidade nas acções dos seus collegas, abandonal-os-á e dará a sua sua demissão, porque não terá forças para resistir-lhes.

O Sr. José Luiz de Mondonça é um jurisconsulto que goza de consideração e de um bella fortuna.

Os seus habitos são simples, o seu character é brando e fraco, tem grande reputação de probidade.

A sua presença no governo attrahirá ao partido muita gente de pezo.

Admirei-me de vel-o elevado á testa dos negocios, porquanto me pareceu estranho á conspiração.

Passei ainda com elle a tarde de 5.

Censurava, sem duvida, a administração portugueza ; mas, sem amargura.

Esta critica da administração era geral ; é frequentemente considerada como a expressão de desejos revolucionarios, no que ha engano.

E' verdade que tambem conduz a revoluções ; mas, um homem honrado, conversando com os seus intimos, poderá dizer que acha bom o que é mau ?

Se se admirar sempre tudo, os abuzos jamais serão abolidos.

Elle me parecia respeitador da lei fundamental, e, entretanto, ei-lo cabeça de rebellião se o seu partido não triumphar. Convidou-me ainda para jantar no dia seguinte, 6,—o da revolução—e não tinha certamente ar de quem suspeitava da ex-

plosão que ia rebentar. Veio ver-me depois de 6 de Março para pedir-me idéas sobre a direcção a dar á revolução ; recomendei-lhe a leitura dos nossos infortunios, e incitei-o a armar-se de coragem, de justiça e de indulgencia para com a classe dos negociantes ricos, que far-lhe-ia, ainda por algum tempo, opposição. Manifesta pesar por lhe fallecer a experiencia no emprego dos meios de que o seu amor á patria lhe suggere a idéa.

Este homem não tem o caracter decidido e resolutivo de um conspirador. A's observações que permite se lhe façam sobre o acto da independencia, responde fracamente : «A luva está lançada, não se póde recuar.» (1)

O sr. Domingos José Martins é da Bahia (2). Tem corrido por muito tempo no encaço da fortuna sem attingil-a. Havia estabelecido em Londres uma casa commercial que fallio ; retirou-se para o Ceará onde, por occasião da grande alta dos algodões, ganhou alguns capitães com que veio estabelecer-se como negociante na praça do Recife. As suas operações aqui nada tem de brilhantes ; a mediocridade da sua fortuna não lhe permittindo tomar logar entre o grosso commercio, ficou despeitado e atirou-se á agricultura. Tem um engenho cujo producto satisfaria os votos de um homem modesto ; mas, o sr. Martins é ambicioso e sempre almejou distincções. A sua estada na Europa, os conhecimentos que pretende ter adquirido da politica e da administração ingleza lhe emprestam um certo verniz de habilidade que, junto a um tom doutoral e resolutivo, o impõem a alguns dos seus compatriotas. Não tenho motivos para acreditar nos seus grandes talentos ; achei-o muito mediocre em uma assembléa a que tinha convocado os negociantes estrangeiros para os fazer entrar

(1) Foi o primeiro a desenganar-se. Mas não ouzou trahir, como o sr. Mancel de Araujo, que por este meio obteve graça. Preferio entregar-se como um criminoso e servir de exemplo. Morreu como um justo.

N. do A.

(2) Nasceu no Espirito-Santo e não na Bahia.

N. do T.



DOMINGOS JOSÉ MARTINS.

em um plano de abastecimento da capitania, mas, tem audacia, é hypocrita, simula energia, altivez, affabilidade protectora, affecta uma certa eloquencia ossianica e com isto consegue iludir. Creio que é intrigante, atormentado pelo desejo de fazer uma fortuna tanto quanto um nome, e pouco delicado na escolha dos meios para conseguil-o. Um dos primeiros usos que fez do seu poder foi de haver empregado a ameaça para obter em casamento a filha do sr. Bento José da Costa, primeiro negociante da cidade. A mãe desta moça lhe tinha sido recusada antes da sua elevação.

Quando lhe recusei o brigue *Felicité*, para ir buscar farinha de trigo nos Estados-Unidos, as suas censuras foram amargas, o seu olhar vindicativo. Tem já tal confiança na sua autoridade que testemunha uma surpresa brutal quando a sua vontade encontra a menor resistencia. Tem a ineptia de não dissimular o seu rancor quando lhe faço algum pedido relativo aos meus negocios.

Se não experimentasse uma especie de aversão pelo sr. Martins ; se elle não tivesse acabado tão miseravelmente, eu me deixaria arrastar a dizer mais mal d'elle. Já digo bastante.

Era em casa do sr. Domingos José Martius que se realisavam os jantares brasileiros de que já fallei ; reunia ali os officiaes dos regimentos e emprestava-lhes dinheiro. Considero-o como um dos principaes autores da revolução.

Se esta supposição é verdadeira (elle o contesta), cumpre que tenha grande firmeza de animo, porque, ao ser preso a 6 de março, mostrou coragem, e, no momento da sua libertação, manifestou tanto sangue frio quanta energia correndo e chamando ás armas. Hoje não se dá trabalho algum em justificar a revolução ; mas, desenvolve uma grande actividade para fazel-a progredir.

Conheço pouco os dous outros membros do governo, os srs. Manoel Correia de Araujo e Domingos Theotônio Jorge ; ambos são militares e se occupam com o que diz respeito á organização do exercito. Seguem o systema do governo que substituíram nos recrutamentos forçados ; affectam grande severidade na mobilisação dos milicianos e nas buscas de armamento. O sr. Manoel Correia manifesta uma certa polidez de

côrte que contrasta com: o cynismo jacobino adoptado pelo sr. Martins nas suas vestes, nas suas maneiras e nos seus discursos. O sr. Domingos Theotonio me parece não tomar parte alguma nas deliberações.

O governo tem como secretario o mesmo que o era do sr. Caetano Pinto Montenegro. Chama-se José Carlos; vinha me ver algumas vezes antes da revolução; apreciava as suas vistas moderadas e o seu bom senso (1).

Devia a posição ao sr. Montenegro; a sua traição surpreendeu-me muito. Serve-me quando tenho negocios com o governo; mas, parece envergonhadô na minha presença.

Formou-se um conselho de estado no qual distinguo os personagens seguintes: o Padre Tenorio, vigario da ilha de Itamaracá e a quem o sr. Koster, faz grande elogio nas suas viagens. Este homem tem o espirito vivaz, facilidade de expressão, e propõe providencias no mesmo instante em que se manifesta necessidade de tomal-as.

Apenas vê ou lê logo forma e enuncia o seu juizo. Será precioso ao governo.

O Padre Miguel é um homensinho, cujo espirito mais lento, não é menos vasto nem menos penetrante; os seus juizos são criticos e muito proprios o contrabalançar o ardor dos do seu collega. (2)

Estas oitos personagens não manifestam, entretanto, nenhum merito assaz transcendente, nem nada de muito proprio a fazer rodar com vigor o carro da revolução; só se exceptua a actividade ardente do sr. Domingos José Martins. Todos,

(1) E' um homem bem habil; achou meio de voltar a ser secretario do novo governador real, depois da restauração. Dis que foi forçado a servir aos usurpadores e que, reelmente, en'ia se tão envergonhado perante mim que esteve a ponto de pedir-me uma pas-agem a bordo do brigue *Felicité*.

Julguemos das qualidades das arvores, não pelas flores, mas, pelos fructos que produzem.

N. do A.

(2) Estes dous padres foram executados.

N. do A.

aliás, cedem perante o antigo ouvidor de Olinda, o sr. Antonio Carlos, hoje conselheiro de estado.

Eis um personagem que allia a um espirito vasto, uma concepção viva, uma dialectica subtil e persuasiva, um character firme e uma vontade determinada. Se o sr. Antonio Carlos fosse militar seria homem a assenhorear-se de todos os poderes da republica.

Tal qual é a sua habilidade é ainda assaz grande para fazer sombra aos seus collegas; mas, estes o respeitam, apreciando a sua utilidade. Ninguem justifica melhor do que elle uma providencia ou uma opinião. (1)

XIV

Pernambuco.—*Domingo, 30 de Março de 1817.* — A independencia toma certa consistencia. Sabia-se que a Parahyba se havia juntado ao partido de Pernambuco e tinha organizado um governo provisorio.

No começo desta semana o canhão annunciou a adhesão da comarca de Alagôas, ao Sul. Sabe-se que a capitania do Rio Grande do Norte segue o mesmo exemplo.

Assim as esperanças, de que o Ceará e o Maranhão, de um lado, e a Bahia, de outro se juntarão á causa da liberdade, augmentam todos os dias. Correm rumores surdos de que o governador da Bahia, Conde dos Arcos, faz armamentos; mas acredita-se que os seus esforços serão neutralizados pela presença de um padre (2) enviado á Bahia para revolucionar esta provincia importante. Este emissario é um homem a quem attribuem grandes talentos.

(1) Em um theatro mais vasto seria um cardeal de Retz.

Desenhei-lhe a physionomia moral com côres demasiada pallidas. Jaz actualmente nos carcereos da Bahia.

N. do A.

(2) O desventurado Padre José Ignacio Ribeiro de Abreu e Lima, vulgarmente alcunhado de Padre Roma.

N. do T.

Esta revolução que se ensaia no Brasil apresenta um character todo differente da das colonias hespanholas ; convem consideral-a com vagar, pois, isto parece ir se tornando serio.

As colonias hespanholas foram impellidas á liberdade pela sua propria metropole, pelas Côrtes. Hoje o rei as quer fazer voltar ao jugo do monopolio ; os seus interesses insurgiram-se. Os homens não se deveriam deixar guiar pelo seu interesse material presente ; é, entretanto, o que quasi sempre fazem ; e este conhecimento pode servir a fazer advinhar o que farão. Não foi inteiramente um sophisma propor que se apoiasse toda a moral e o interesse publico sobre a direcção a dar a este interesse presente.

Os Brasileiros viviam na dependencia de Portugal, só podendo commerciar com elle, e definhavam.

O rei, chegando ao Rio de Janeiro, abriu as suas portas a todas as nações ; os unio e não submetteu aos seus outros dominios ; o resultado foi a mais brilhante prosperidade.

A guerra, que fazem as colonias hespanholas, lhes abre o commercio com quasi todos os povos, e se alimenta assim por se mesma. A que vão fazer os Brasileiros determinará o bloqueio dos seus portos e a suspensão dos proventos mercantis ; será preciso que encontrem, na sua coragem e nas privações, os recursos necessarios para sustental-a.

A baixa dos preços do assucar e do algodão e a alta dos generos de importação, já produzem amargas reflexões. Poucas pessoas apreciam as vantagens de se administrar a se mesmas, porque nenhuma comprehende o que se lhe quer dizer quando se lhe falla dos direitos do homem e da soberania do povo. Todas sentem muito bem que não ganham mais tanto.

Este interesse presente é um grande inimigo das esperanças futuras ; serão precisos grandes successos para contrabalançar-lhe os effeitos.

Insisto sobre esta disposição dos espiritos porque não vejo nenhum transporte de enthusiasmo no povo, e que não ha exaltação capaz de fazer esquecer que se soffre. Ai ! do momento em que os patriotas de Pernambuco lamentarem a falta das ceboas do Egypto !

Disse, ha poucos dias, ao Padre João Ribeiro que deveria publicar uma gazeta para doutrinar o povo, que nada compre-

hende do que se lhe faz fazer. Assegurei-lhe que um grande numero de individuos da classe media não se considerava em revolta contra o rei, crendo sómente haverem expulso um mau governador, e esperavam receber um melhor da côrte do Rio de Janeiro.

«Convem-nos deixal-os neste erro», me respondeu o padre. Confesso nada comprehender da sublimidade ou da obscuridade de semelhante politica. Elle tem modificado muito as suas idéas sobre o governo popular.

O novo governo alardeia respeito pela religião afim de não offender a opinião do povo baixo, ou para se conciliar com os vigarios que todos esposaram a causa da independencia.

Mas, o Padre João Ribeiro me diz que suspira pelo momento em que possa despir a sua batina negra.

Affixa-se nas esquinas das ruas :

Viva a Patria! Viva Nossa Senhora! Viva a Santa Religião Catholica! Morram os aristocratas!

O povo lê isto sem emoção e, entretanto, tem fome.

Que differença de ardor entre esta populaça e a nossa!

Não havia imprensa em Pernambuco; mandaram vir uma de Londres no mez de Janeiro ultimo; presentemente não sabem onde achar operarios para fazerem-na trabalhar. Dous frades, um inglez e um marinheiro francez o ensaiam. O governo teria grande necessidade deste poderoso instrumento para dirigir a opinião publica.

Da inutilidade da tentativa feita contra os estrangeiros para os determinar a fazer contractos de abastecimentos de viveres, resultou enviar-se aos Estados-Unidos um agente encarregado da compra de armas e munições de guerra e de bocca.

E' o sr. A. G. da Cruz, negociante sem negocio aqui, que, com o sr. Martins, muito contribuiu para fazer rebentar a revolução.

Vae revestido de um caracter diplomatico junto ao governo dos Estados-Unidos.

Alimenta-se a tresloucada esperanza de induzil-os a fornecer soccorros e a firmar uma alliança.

Não se vê que nada podem nem nada tem querido fazer em favor dos Hespanhóes?

E com razão. Mas, o sr. da Cruz encontrará nos Estados-Unidos muitos infelizes ou aventureiros de talentos que poderá mover a vir para aqui. (1) Leva bastante dinheiro, e poderá mesmo fazer alguns armamentos : assim a sua missão é util.

Afim de arranjar dinheiro o governo acaba de sequestrar os fundos que Banco do Rio de Janeiro tinha aqui em mãos de tres correspondentes.

Estes não pagaram as letras de cambio que haviam accitado sobre aquelle estabelecimento.

Temos feito vivas representações ; o sr. Martins não as tem acolhido ; diz elle que o sequestro é para responder ás confiscações que a côrte não deixará de fazer das propriedades dos patriotas, que encontrar. (2)

A somma sequestrada é de cerca de 400 mil francos. Esta medida é violenta, injusta e impolitica.

O governo arrecada igualmente os depositos publicos que estão em mãos de particulares.

Não tem havido grandes mudanças nos cargos publicos, porque, com excepção do intendente da marinha, todas as administrações tem adherido ao acto da independencia.

A unica victima conhecida é um francez, o sr. Germain, director do jardim botanico de Olinda, que o governo real fez vir de Cayenna, com grande dispendio. E' bem verdade, que ella não dispunha de talentos nem de assiduidade ; mas, ainda não devia ter sido demittido sem indemnisação.

A sua demissão é effeito de uma inimidade pessoal, que suspeito, mas, da qual não tenho certeza.

Se as minhas suspeitas fossem fundadas isto teria sido uma

(1) Conseguio enviar no mes de agosto quatro aventureiros, que foram presos no Ceará.

N. do A.

(2) O governo real confiscou, com effeito, todas as propriedades dos habitantes de Pernambuco, sobre as quaes pôde por mão, durante a revolução. Um dos meus amigos teve os seus bens sequestrados successivamente por ambos os partidos.

N. do A.

baixeza da parte do Padre João Ribeiro. O sr. Germain foi ha pouco nomeado agente consular francez aqui. O governo recusou reconhecê-lo nesta qualidade, porque não tinha ainda a sua patente em regra. (1) Entretanto seria de muita importancia que tivéssemos aqui um representante.

XV

No Recife de Pernambuco. — *Domingo da Paschoa, 6 de Abril de 1817.* — Antes da revolução reuniam-se, á tarde, varias vezes por semana, em minha casa, o Padre João Ribeiro (2) e alguns dos seus amigos, parte dos quaes se liga ao carro da sua fortuna e parte delle se affastou; o sr. director da alfândega e o sr. José Carlos tambem compareciam algumas vezes.

Estes senhores desejavam ser instruidos sobre o estado das artes, das sciencias e da philosophia na França, e imaginavam loucamente que um simples negociante era capaz de satisfazel-os sobre estes pontos importantes; eu lhes dizia o pouco que sei e o que penso, prevenindo-os da fraqueza das minhas luzes.

Por minha vez inqueria delles sobre o seu interessante paiz, e as nossas conversações se prolongavam ás vezes, de maneira a fazer crêr, que, de uma e d'outra parte, se achava nellas prazer.

Era impossivel que nas nossas palestras, sobre assumptos que sempre se vinham fundir no interesse publico, não se tratasse frequentemente de politica.

Affirmo que nellas jamais se externaram conceitos que podessem me fazer suppor intenções sediciosas.

(1) O sr. Germain morreu ao chegar ao Rio de Janeiro.

N. do A.

(2) O Padre João Ribeiro instruido que eu havia estado ausente da França durante uma parte da revolução, imaginou que eu tinha emigrado. Só me restituiu a sua confiança quando teve certeza do contrario; tinha como principio que se devia morrer e não fugir. Elle o poz em pratica. Era um homem de idéas extremadas.

N. do A.

Concordavamos sobre o progresso das luzes entre os povos, sobre a caducidade de muitas das suas instituições, sobre o principio que faz emanar da propria nação a autoridade de que estão revestidos os reis, sobre a impossibilidade de entrar o impulso que leva todos os povos a revêr os poderes dos seus magistrados, sobre a necessidade de dirigir este impulso afim de impedir que leve á anarchia.

O Padre João Ribeiro, sempre de vistas extremas—poder-se-ia ter d'elle feito um illuminado—considerava como um mal inevitavel ter de atravessar a anarchia para voltar á ordem. Expunha-lhe o quadro dos males que temos soffrido em França, e assegurava-lhe que a experiencia nos havia ensinado que valia mais conservar um governo imperfeito, do que alcançar um outro, comquanto mais aperfeiçoado, por preço de todas as desordens que acarretavam as mudanças. Tal é o effeito que produzio sobre mim a vista de todos os horrores da nossa revolução, lhe dizia eu; tal é a desconfiança que tenho concebido de todos os que me vêm fallar do Bem publico, para colorir projectos pessaes e ambiciosos, que, subdito do Grão Turco, eu não desejaria dar um passo para mudar de dominação. (1) E', accrescentava eu, a novos progressos nos nossos conhecimentos, é sobretudo á sua maior dessiminação entre todas as classes da sociedade; é, emfim, ao aperfeiçoamento da educação moral que os nossos descendentes deverão a preciosa vantagem de fazer cahir sem abalo os véus que ainda envolvem o altar da liberdade. (2)

Estes senhores pareciam approvar esta opinião, e fallavam-mos de systemas de educação. Recordo-me que um dia o Padre João Ribeiro me disse:

« E' em vão que se pretende abafar as idéas liberaes;

(1) Este conceito foi levado ao conhecimento do governo.

N. do A.

(2) Não é o altar da liberdade. E' no da felicidade publica que eu deveria ter dito. A palavra liberdade é comprehendida de maneiras tão diversas, que não póde ser empregada sem explicação.

N. do A.

pode-se adormentar por um momento a liberdade ; mas, ella terá sempre o seu despertar, não duvideis d'isto. »

Tinha então um tom exaltado e prophético ; mas, tomei a sua declamação por uma simples inspiração philosophica sem a minima allusão ao povo brasileiro porque tinhamos mil vezes convindo na sua ignorancia e na sua inepecia para comprehender outra cousa além da obediencia passiva e irreflectida.

Relembro estas conversas porque a 4 de março, ante-vespera da revolução, o governador Montenegro me fez dizer, pelo sr. Germain, que estava informado das reuniões que tinham lugar em minha casa, e das opiniões moderadas que eu havia manifestado ; que as applaudia muito ; que contava com a minha prudencia para lhe communicar o que pudesse saber de nocivo a tranquillidade publica, porquanto receiava algumas perturbações. O sr. governador me pareceu imprudente, incumbindo de transmittir-me semelhante communicação a um homem de character tão leviano como o sr. Germain.

Respondi-lhe, pela mesma via, que me considerava lisonjeado do seu suffragio ; que, residindo temporariamente em Pernambuco, nada havia sabido que merecesse lhe ser communicado ; que, em qualquer emergencia, me achariam sempre concentrado na minha neutralidade nacional, e na missão que me havia trazido ao Brasil.

Estimei muito que as nossas relações se tivessem limitado a isto, porque se elle me tivésse mandado chamar a palacio, não ha duvida que hoje eu seria suspeito aos patriotas.

Não sei se já não o era ; pois, eis o que succeden a 6, dia da insurreição.

Moro muito perto do quartel, que foi o fôco da desordem.

Achava-me trancado, sem viveres, em minha casa com varios compatriotas que nella se tinham refugiado.

Todo o quarteirão estava em armas ; a fuzilaria crepitava em volta de nós ; faziamos mesmo preparativos para fugir pela porta de detraz, porque a casa, formando o angulo de duas ruas, podia tornar-se uma posição na qual um dos partidos se entrincheirasse mau grado nosso.

Mal suspeitavamos da causa do tumulto ; as tropas do quartel gritavam : *Viva a Patria!* sem nos dar a conhecer o que queriam.

Da janella percebiamos o Padre João Ribeiro perorando em meio d'ellas, e esta circumstancia bastou para nos convenecer que eram insurgentes.

No momento em que se fez ouvir o canhoneio da ponte de Santo Antonio, cuja passagem era forçada, arvoraram a bandeira branca, que ainda nada tinha de bem significativo para nós. (1).

Foi então que o Padre João Ribeiro, deixando as tropas que o cercavam, dirigio-se para o nosso lado.

Receiando a sua intenção, retirei-me da janella.

Bateu na porta, mandei abrir-a e elle entrou.— «Souo a hora da liberdade, exclamou lançando-se nos meus braços, o Brasil está liberto dos seus tyrannos ; continuou sobre este thema um discurso exaltado, assegurou-me da sua protecção e, que havia dado ordens para que a minha casa fôsse respeitada ; pediu para beber, e, tomando um copo, propoz-me um brinde á liberdade do Brasil.

Apezar da perplexidade, em que me havia lançado a sua visita em um momento tão critico (porquanto ignorava quem era vencedor ou vencido), recusei o brinde e limitei-me a beber á sua saúde, desculpando-me com o character de neutralidade que me era imposto em semelhante conjunctura.

Esta recusa o arrefeceu um pouco, e nós nos separamos em termos da mais simples civilidade.

Esta visita foi a circumstancia mais critica em que me achei.

Fiz retirar o vinho do Porto, que estava sobre a meza, e servir vinho de França.

Elle pediu aguardente.

Apezar da minha discrição e da minha recusa formal em corresponder ao brinde, se o partido realista tivésse triumphado naquelle dia, eu teria podido ser inquietado ; mas, graças a Deus, tinha testemunhas da minha conducta.

Ouzo assegurar que o ruido do fogo não na tornou um só instante duvidosa quanto a este ponto importante.

(1) *Hé a bandeira franceza (sic), me disse um soldado, e eu estremei.*

Entretanto, os insurgentes eram os vencedores ; a minha prudencia poderia tornar-me suspeito, e eu devia temer a vingança do partido ; por isto, no dia seguinte, dirigi-me a palacio, sob o pretexto de pedir garantias para os fundos que queria embarcar, e, na realidade, para testemunhar ao Padre João Ribeiro a satisfação que experimentava de que a revolução se tivésse operado sem maior effusão de sangue.

Tal foi sempre o thema das minhas felicitações.

Os Srs. governantes, na embriaguez da alegria, sem me fallarem da minha hesitação da vespera, me receberam de braços abertos e me encheiram de amabilidades.

O Sr. Martins, todavia, recusou assaz duramente deixar embarcar os meus fundos, e, desde então, as minhas relações com todos elles foram pouco frequentes.

Disse, fallando mais acima do Sr. José Luiz, um dos governantes, que elle veio me visitar, fingindo consultar-me sobre o que convinha fazer para o successo da revolução, e que eu tinha evitado uma resposta directa lançando-me em generalidades.

E' comtudo verdade que, dous dias depois, fiz uma pequena nota em que explicava as minhas vistas ; tinha a intenção de me fazer disto um merito, se percebesse que causava desconfiança ; mas, ella foi desnecessaria ; ficou em mãos de um negociante respeitavel desta cidade, a quem a communiquei e que a approvou ; não verá, pois a luz.

A organização dos negocios vae em bom caminho ; a tranquillidade da cidade só é perturbada pelos rebates falsos que dão os negros amedrontados quando soldados embriagados os querem recrutar.

Fallou-se de uma conspiração na ilha do Nogueira, de frente dos Afogados ; mas, ella reduzio-se á apparição nocturna de alguns pescadores transviados.

Embarcaram algumas tropas para ir tomar posse da ilha de Fernando de Noronha, cuja guarnição, composta sómente de exilados, se espera, abraçará o partido da revolução.

As procissões da semana santa foram feitas como de ordinario.

Nellas passeiam imagens de Christo, de tamanho natural,

representando as diversas circumstancias da paixão, assim como Virgens e Santo Antonios.

Jovens mulatas e mestiças, vestidas de gaze, cobertas de plumas e de flores, representam bem grotescamente os anjos.

Os frades e as irmandades ajudam o clero a alongar a fila.

A irmandade dos pretos conduz uma effigie de S. Benedicto, seu padroeiro.

E' um santo negro.

Ao conjuncto não fallece pompa.

Havia alguma inquietação quanto á inauguração da nova bandeira nacional ; exercen-se uma policia muito vigilante e tudo se passou tranquillamente.

A nova bandeira é azul e branca ; em baixo, ha uma pequena cruz vermelha ; na parte azul, em cima, um sol, cercado de um arco-iris, e uma estrella, ao lado da qual se espera ver juntarem-se muitas outras.

Vi o momento em que os governantes iam adoptar o pavilhão tricolor francez : perguntaram-me qual a sua interpretação, respondi-lhes que exprimia a reunião das tres ordens que então existiam no estado, e elles o regeitaram.

XVI

Pernambuco—*Domingo, 13 de Abril de 1817.*—Espalha-se o boato de que na Bahia se arma uma esquadra para vir bloqueiar o Recife ; todos nós nos occupamos (de 13 a 20 de Abril) com expedir promptamente os nossos navios.

O governo provisorio comprou um bonito brigue, que arma em guerra, assim como duas canhoneiras ; faz appello aos marinheiros estrangeiros, porquanto, suspeitam dos portuguezes ; estes nutrem rancor por causa do grito revolucionario : *Mata marinheiro.*

O governo retém todos os navios portuguezes e confisca as propriedades dos emigrados.

Já fez vender os carregamentos de escravos consignados a taes emigrados.

Um Hespanhol, surto no porto, comprou negros soberbos, escolhidos, a 70 e 80\$000 reis (400 a 500 francos).

XVII

Pernambuco—*Domingo, 20 de Abril de 1817*—O *Felicité* partio, a 14, para Nantes, levando os meus votos para a minha familia e os meus amigos.

Sem esta maldita revolução eu teria seguido nelle, acompanhando as duas outras embarcações que fretei aqui.

A 16 appareceram no porto um brigue e duas corvetas, vindas da Bahia para formar o bloqueio do Recife.

Já fizéram voltar diversos navios quo se faziam de vela. (1).

Como a esquadra nada notificou aos consules estrangeiros, pensamos que não porá obstaculo á nossa sahida.

E' tempo de deixar este paiz, pois, vae ser o theatro de uma guerra civil.

O governo provisorio prepara-se para ella com energia ; infelizmente os viveres tornam-se de dia a dia mais raros.

A multiplicidade das minhas occupações não me permite tomar notas mais estensas.

Um golpe de vista sobre a incerteza que se manifesta na opinião de alguns, e sobre a exaltação de alguns outros, seria, entretanto, bastante curioso.

O governo provisorio, antes da apparição da esquadra de bloqueio, havia feito muitas difficuldades para deixar ir ao Rio de Janeiro um navio francez de Marselha.

Foi preciso quebrarmos muitas lanças com o Sr. Martins para conseguil-o.

A embarcação partio antes da esquadra apparecer, mas, deve tel-a encontrado.

Transporta o Sr. Germain, que não pôde assumir aqui as suas funcções de consul.

Desde a chegada da esquadra recusam-se as expedições a todos os navios, mesmo os estrangeiros ; mas, isto é apenas provisorio, quanto a nós.

Os membros do governo, que a principio se tinham reunido no Erario e depois no antigo palacio do governador, aca-

(1) Entre elles *les deux Adelaides*.

bam de se retirar para a Soledade, arrabalde da Boa-Vista e quasi que no campo.

Dir-se-ia que temem hostilidades por parte dos habitantes do Recife.

Não se está mais tão tranquillo.

Esta retirada teve um effeito muito desanimador.

XVIII

Pernambuco—*Domingo, 27 de Abril de 1817*—Á esquadra vinda da Bahia juntou-se uma grande fragata chegado do Rio de Janeiro.

O governo portuguez desenvolveu nesta emergencia uma actividade inesperada.

A dos patriotas não lhe fica atraz, e manifesta a sua energia pelo terror.

Varios negociantes importantes têm sido presos, e entre elles o meu amigo Sr. José de Oliveira Ramos.

Este acontecimento me approximou dos governantes, porque dellas solicitei a sua soltura.

Não vejo nelles senão intenções sinistras.

O Padre João Ribeiro diz que se não se podérem sustentar na cidade, retirar-se-ão para o interior.

O Sr. Martins teve a indiscrição de acrescentar que, antes de deixar o Recife, far-se-ia delle um montão de cinzas.

Manifestou esta resolução na Praça do Commercio, em voz bem alta.

Tem havido já algumas revoltas pelo matto ; falla-se de um desembarque operado na costa de Alagôas.

Occultam-se as más noticias e exaggeram-se as boas ; nós não podemos absolutamente saber a verdade.

E' como em Março de 1815, em Pariz.

A severidade com que se recruta excita á emigração.

Todos os dias me vêm fazer propostas para facilital-a ; os governantes me mandaram dizer que estavam prevenidos disto, e que acreditavam na minha prudencia.

O acto mais importante que effectuaram foi a liberdade de um milheiro de escravos, os quaes armaram. (1).

Nada mais temeroso do que esta medida ; deixa-se perceber que pôde ser generalisada.

Fez-se recolher todos os navios á parte meridional do porto, para os prevenir contra um bombardeamento.

Muitas familias deixam a cidade e vão se refugiar em Olinda e no Poço da Panella.

A fome começa a se fazer sentir.

Nós Francezes, nos reunimos á tarde para distrahir os nossos pezares ; temos uma sociedade bastante agradável, que á presença de Mme. de R. aformoseia.

Os Portuguezes não concebem que a nossa philosophia seja rir no meio do perigo.

Ha poucas pessoas de character bastante firme para não recorrerem a meios artificiaes afim de abafar as suas afflicções ; uns bebem vinho, outros se embriagam com opio, outros riem ou se exitam a rir.

Não são os mais loucos dentre os loucos.

XIX

Pernambuco—11 de Maio de 1817.—Tenho estado retido em casa em consequencia de uma indisposição resultante da fadiga de corpo e de espirito que tenho experimentado ha um mez.

Estamos, entretanto, em uma conjunctura em que cada um tem necessidade de uso de todas as suas faculdades, porque é a da crise que vae decidir da sorte da revolução de Pernambuco.

A 30 de abril fiz sahir o navio *Louise*, que se fez de vela acompanhado de uma ventania que me fazia esperar podêsse ganhar o alto mar sem ser detido pela esquadra de bloqueio.

(1) Esta medida foi objecto de uma viva disputa que tive com o Padre João Ribeiro

Para salvar a liberdade, segundo elle, todos os meios são bons.

Assim raciocinam os fanaticos.

Estava já muito longe e continuava o seu rumo sem que nenhuma das embarcações de guerra apparelhasse ; de repente vimol-o correr sobre ellas uma bordada, cujo motivo não nos podemos explicar ; uma corveta apparelhou e o obrigou a fundear. No dia seguinte tive o desgosto de vêr que tinha sido apresado.

O apprehensor tinha feito içar o pavilhão portuguez acima do francez, tratamento humilhante de que só se usa em caso de guerra declarada. Se o capitão não houvesse corrido aquella bordada inutil, tel-o-iam deixado passar ; mas, esta manobra provocou suspeitas.

As corvetas só tinham ordem de dar caça por espaço de uma legua.

A 20° *Louise* seguiu rumo sul. A 3 sahiram um brigue inglez e um outro sueco.

Mas, desde a sahida do *Louise*, a esquadra tinha mudado de estação.

Um lúgar e uma corveta apparelharam promptamente e deram caça.

O sueco, bom veleiro, manobrando sempre perto de terra, não pôde ser attingido ; o brigue inglez, depois de varios tiros de canhão, foi obrigado a amainar as velas.

No dia seguinte vimol-o tratado como o *Louise*, isto é : com o pavilhão portuguez fluctuando acima do inglez e, tomando tambem rumo do Sul.

Estas duas capturas, em plena paz, sem notificação, nos pareceram assaz estranhas para nos decidir a ir pedir uma explicação á bordo do cruzeiro.

Obtive do governo provisorio que nos deixasse ir como parlamentarios. Um negociante e um capitão inglez foram á bordo, e referiram que lhes havia m dado como resposta que toda embarcação que tentasse sahir do Recife seria mettida a pique.

Esta resposta tendo parecido ainda mais estranha do que a captura, os Francezes resolveram enviar um outro parlamentar, que se apresentasse ao almirante com maneiras menos imperiosas do que as assumidas pelos Inglezes.

Fui designado para esta missão e parti, a 8, num bote, acompanhado de um capitão americano, Mr. Sherman. Che-

gados perto da esquadra, sob bandeira branca e americana, a fragata nos enviou uma chalupa com a prohibição de nos aproximarmos della.

Disponham-se a nos receber bem mal ; mas o official fallava francez, a conversação travou-se nos termos os mais polidos ; obtive permissão de amarrar o meu bote á pôpa da fragata, mas, não a de subir, comquanto o mar estivesse medonho.

Fiz perguntar a causa da captura do *Louise* e as condições do bloqueio, observando que eramos muitos estrangeiros na cidade que desejavamos sahir.

Depois de tres quartos de hora de reflexão o official veio nos dizer que Sua Excellencia sentia muito os inconvenientes que do bloqueio resultavam para os estrangeiros, que se apressaria em reparal-os logo que se apoderasse da cidade ; mas que as suas ordens eram precisas quanto a não deixar sahir nenhuma embarcação.

Insisti para saber o que se faria a um navio que sahisse com passageiros neutros ; responderam-me que não havia excepções, resposta inconsiderada e barbara que o official ensaiou suavisar dizendo-me, em confidencia e como sendo a sua opinião pessoal, pensar que todo o navio sahido do Recife seria enviado á Bahia afim de ser visitado e pagar novos direitos.

Informou-me que o *Louise* havia sido expedido para a Bahia, assim como o *Mediterranean* (o brigue inglez) e offereceu-se para transmittir cartas.

Depois de algumas perguntas sobre as forças do Recife, inquerio se era bem verdade que estavam decididos a incendiar o Recife, e terminou por propor me eucarregasse de espalhar proclamações realistas no Recife.

Recusei-me a isto, observando que a nossa qualidade de parlamentarios e de neutros só nos permittia que nos incumbissemos de papeis a depositar em mãos do governo, que havia tido a confiança de nos deixar sahir sob a nossa palavra de honra.

O official insistio, depoz um pacote de proclamações dentro do meu bote ; observei-lhe que ellas não chegariam a terra, e, com effeito, cinco minutos depois de tel-o deixado lancei os papeis ao mar, no que andei bem avisado, porque, ao chegar-

mos ao Recife, fomos conduzidos por uma escolta á presença do governo e minuciosamente examinados.

Lançando as proclamações ao mar, fiz apenas o que um homem de bem devia ter feito.

Entretanto, as li para saber se continham ordens aos habitantes de Pernambuco de acometterem os insurgentes ; nada continham de semelhante e dellas não fallei.

Da minha missão á bordo nada resultou de satisfactorio.

O mar estava agitado, o vento soprava rijo e ficamos molhados até os ossos.

Na cidade pensaram que tivéssemos sido submergidos ; escapamos a salvo com bastante fadiga.

Tenho depois tido alguns violentos accessos de febre, de que ainda me resinto.

Ha a certeza de que o exercito real desembarcou em Alagoas e marcha sobre o Recife ; diz-se que a Parahyba retomou o pavilhão real ; tudo está em armas e em confusão.

Nada vem do matto, estando os caminhos cortados.

Não se pode permanecer assim por muito tempo sem morrer de fome.

Os espiões e desertores presos têm sido fusilados.

Estas execuções excitaram o terror.

Por mais que dissimulem os governantes estão inquietos e embaraçados das suas pessoas.

Só fallem em providencias desesperadas.

Têm, entretanto, de dez a doze mil homens de ruins tropas, é verdade ; mas, as que terão de combater serão acaso melhores ?

Obtive d'elles permissão para a sahida de uma pequena escuna durante a noute ; será protegida pelos fortes e guiada atravez dos bancos de Olinda por um pratico de confiança ; comquanto nada me tenha fallado, supponho que ha projectos de fuga ; tremo que não me façam semelhante proposta.

Instava ultimamente com o Sr. José Luiz para obter a liberdade do Sr. Ramos, nos papeis do qual nada se tinha achado.

« Não lastime o seu amigo, teve elle a fraqueza ou a coragem de dizer-me, eu quizera antes estar no seu lugar do que no meu. »

Dizem que elle quer retirar-se, ao que os outros se oppõem.

Finge-se doente e permanece na sua casa de campo.

Varios capitães de navios portuguezes, armados em guerra pelo governo provisorio, passaram-se para bórdo da esquadra de bloqueio durante a noute; esta defeccão alarmou uns e animou outros.

O exercito partio para o Sul sob as ordens do Sr. Martins, que nunca vio uma batalha, mas, está animado da coragem do desespero.

Não se sabe onde para o General Manoel Correia de Araujo.

Em meio das scenas bem serias que se passam, não posso me impedir de notar sorrindo que a partida do exercito foi retardada de um dia *porque chovia*.

Os Srs. Martins e Antonio Carlos são os unicos que mostram firmeza; todos os outros discursam, mas, parecem muito desconcertados.

Observo os Europeus portuguezes para saber se preparam alguns projectos de contra-revolução; mas, ainda nada descubro.

Não tem havido nenhuma tentativa de contra-revolução na cidade; mas, varios negociantes fortes se reuniram para offerecer 500.000 francos aos cinco governantes, se elles quizérem abandonar a partida e fugir.

Se o Sr. Martins estivesse na cidade é provavel que houvesse aceitado.

Estão estupefactos.

Designados pelo nome de aristocratas, temem ser victimas da populaça; esta, entretanto, não mostra o menor ardor.

Nada é mais triste do que a cidade, sobretudo a península do Recife.

Todos os armazens estão fechados, as casas e as ruas desertas, só se encontram raros transeuntes que passam como sombras errantes.

Quando vou até o caes para apressar o embarque das minhas mercadorias, me acontece algumas vezes ficar só, porque um tiro de canhão, disparado ao longe, põe em tuga todos os negros.

Chamei successivamente quatro medicos antes de encontrar um ; tudo fugio.

XX

Pernambuco—*Domingo, 18 de Maio de 1817.*—Esta semana foi ainda peor do que a nltima ; os rebates tem sido diarios.

Todo o tempo, de 15 a 20 foi medonho.

Esperava-se a todo o instante um ataque e uma defesa.

Teriamos difficuldade em manter-nos em segurança á bordo dos navios ; fallava-se em queimal-os ; estavam decididos a nos impedir a sahida e não havia meio de nos refugiarmos no matto.

A 14, perto de Serinhãem, travou-se uma batalha entre o exercito realista e o republicano ; este foi batido e os seus restos recolhem-se á cidade na maior desordem.

Diz-se que o Sr. Martins foi morto ou feito prisioneiro.

Os vencidos dizem que o inimigo tem uma cavallaria formidavel.

Hontem o governo provisorio enviou como parlamentario á bordo da esquadra o Sr. José Carlos.

Sahio com a bandeira branca, mas, ao alcance do canhão, arvorou as côres portuguezas.

Regressou esta manhã e nada quiz me dizer da sua missão ; o Sr. Koster, Inglez, que o acompanhava, ensaiou dar algumas esperanças de accordo ; mas, a tristeza de ambos trahiu a sua fraqueza.

Os governantes fazem reunir as tropas e guarnecer os fortes ; só admittem poucas pessoas a palacio.

Tem-se a certeza de que a Parahyba se rendeu ao rei.

Somos, portanto, atacados pelo Norte e pelo Sul.

Irão se dispor a sustentar um assedio ?

Espero que se assim fôr, nos permittirão sahir.

E' amanhã que deve partir a minha pequena escuna ; ainda será tempo ?

Os governantes me fallaram em enviar despachos por ella ; isto não se lhes pôde recusar.

A esquadra fez um movimento ; as embarcações cobrem-se de signaes.

Meu pobre amigo o sr. Ramos ainda continúa preso na Fortaleza do Brum. Este será o ponto do principal ataque por mar ! Cruel situação.

XXI

Pernambuco—*Domingo, 25 de Maio de 1817.*—A revolução de Pernambuco terminou a 20, depois de ter durado dous mezes e meio.

A 18 recebeu-se do commandante da esquadra a resposta ás propostas de accordo : promettia que a cidade seria poupada se os chefes se entregassem á clemencia de sua magestade.

A 19 as tropas foram reunidas, arengadas e excitadas á defeza. Parece que mostravam pouca firmeza.

Ao meio-dia foi resolvida a retirada para o interior do paiz. A's tres horas o Padre João Ribeiro mandou me dizer que o governo estava dissolvido ; elle seguia o exercito a pé, descalço, afim de dar o exemplo das privações ás quaes cumpria se preparar.

Uma hora depois recebi aviso de me prevenir, porque o exercito se retirava e não se podia responder pelas desordens que ameaçam os retardatarios e a ractaguarda.

Embarquei a familia do sr. Barros no *St. Johannes*, que eu tinha preparado para servir de azylo a todos nós.

Foi um momento muito penoso : deixavamos as nossas casas sem saber se jamais tornariamos a vê-las.

Quasi todas as embarcações no porto estavam cheias de fugitivos.

Com grande surpresa nossa, a noute foi calma ; não se ouvia rumor algum na cidade.

A 20, ao nascer do dia, percebi na praia um padre que fazia signaes ; dirigi-me a elle num bote.

Acolheu-me com o grito de *Viva El-rei!* e me pediu uma bandeira portugueza.

O governo provisorio tinha feito destruir quasi todas, poucos dias antes ; entretanto, achou-se algumas que os marinheiros haviam escondido.

Dei-lhea da escuna. Este padre me informou que os patriotas, em numero de 6.000 homens, inclusive os escravos alforriados, se tinham retirado para o lado de Olinda com bagagens e uma numerosa artilharia; que quasi não havia ninguem na cidade; que se os marinheiros desembarcassem fariam ali o que quizessem; que ia fazer içar a bandeira real por sua conta e risco.

Durante este colloquio estabeleceram-se outras communições entre os navios e a praia.

A coragem dos realistas crescia á medida que adqueriam certeza do afastamento dos patriotas.

Ao levantar do sol uma pequena sumaca içou o pavilhão portuguez; os seus vizinhos salvaram-no e imitaram-na; pouco a pouco o exemplo alastrou e o porto reboou com o ruido das aclamações e das salvas.

Os navios estrangeiros levantaram os seus pavilhões nacionaes.

Entretanto os cinco fortes não faziam demonstração alguma.

Os marinheiros desembarcados haviam descoberto um deposito de armas no quartel abandonado; precipitaram-se pelas ameias do pequeno baluarte do Bom-Jesus e ali fizeram fluctuar a bandeira real; o commandante dispunha apenas de dez homens e teve um momento de hesitação que quasi lhe custa caro; a Fortaleza das Cinco-Pontas só tiuha 25 invalidos, os prisioneiros, de dentro, secundados pelos marinheiros, de fóra, delle se apoderaram em breve sem dar um tiro.

A grande Fortaleza do Brum era commandada por um joven official, que permanecia indeciso entre o seu dever como militar e a sua prudencia como cidadão; o sr. Ramos teve a felicidade de fazel-o decidir-se a seguir o movimento geral.

A' Fortaleza do Buraco seguiu immediatamente o exemplo da do Brum.

O pequeno forte do Picão e os brigues armados foram tambem logo tomados sem resistencia.

A's sete horas as côres reaes fluctuavam por toda a parte, as salvas reaes se repetiam, o ar vibrava abalado pelas continuas descargas de artilharia.

Tudo se fez sem resistencia da parte dos patriotas e assistencia do exercito real.

Os marinheiros foram quasi que os unicos autores desta restauração.

A frota estava á vista e fundeada, mas, não respondia a nenhuma das salvas de terra.

Isto causava alguma inquietação ; ella devia ao menos suppor que se fazia um movimento em favor do rei e approximar-se para reconhecê-lo e auxiliá-lo.

Algumas chalupas partiram para ir reclamar o seu soccorro e, emfim, ás oito horas e meia, deu as suas salvas que a cidade repetio ainda com um enthusiasmo que eu não tinha visto por occasião da revolução de 6 de Março.

Tudo estava immerso na embriaguez da alegria.

O sr. Ramos estava livre e eu tinha a satisfação de conduzi-lo ao *St. Johannes*, aos braços de sua familia.

O almirante, sr. Rodrigo Logo, só veio á terra pelas quatro horas, e apenas com uns cincoenta homens.

Era pouco demais para restabelecer a ordem ;urgia organisar uma guarda civil, no que não se pensou.

Os marinheiros libertadores tinham-se embriagado, estavam armados e percorriam as ruas distribuindo mosquetões á direita e á esquerda, e sob o pretexto de procurar patriotas compromettiam a segurança publica.

Esta desordem durou dous dias.

Dous individuos, indigitados patriotas, foram massacrados ; um numero muito maior de indifferentes foi morto por accidentes ; as balas cahiam até á bordo dos navios, e um marinheiro americano foi por ellas gravemente ferido.

A esquadra só apresentando tão debil soccorro, suspirava-se pela chegada do exercito real ; este, victorioso, a 14 e 15, em Serinhãem, avançava tão lentamente que só a 23 appareceram alguns dos seus corpos de cavallaria.

Na tarde de 22 chegaram bandos de indios armados de flexas ; deu-se-lhes esmolos ; mas, não se podia contar com elles para a policia.

Emfim, a presença do Marechal Mello, cujo exercito havia todo sido formado na Bahia pelos esforços do Conde dos

Arcos, restabeleceu a tranquillidade de que, havia tanto tempo, estavamos privados.

Os destacamentos de cavallaria, enviados ao encaço do exercito patriota, trouxeram as bagagens por elle abandonadas; espalham-se proclamações chamando os soldados transviados e promettendo-lhas o perdão; estes apresentam-se em massa.

Os restos deste exercito, enfraquecido pelas deserções dos soldados e as defeccões dos recrutados á força, dirige-se, dizem, para os lados de Goyanna. (1).

Parece que os seus chefes partiram sem haver concertado planos entre si; é preciso que julguem a sua causa desesperada.

O sr. José Luiz de Mendonça teve a ingenuidade de ficar na cidade e de se apresentar ao almirante, que o mandou prender.

O Padre João Ribeiro suicidou-se a tres leguas d'aqui; passeiam a sua cabeça sangrenta pelas ruas da cidade.

Quando, a 19, me mandou dizer que o governo estava dissolvido, accrescentou que lamentava não poder me dizer adeus, mas, que eu podia ficar certo de que elle saberia morrer como homem livre. Não era um homem deshonesto; mas, estava allucinado pela leitura dos nossos philosophos do seculo XVIII.

O seu crime politico não me pôde fazer esquecer que fui seu amigo.

Hoje, procissão e *Te-Deum*.

XXII

Pernambuco. — *Domingo, 1 de Junho de 1817.* — A tranquillidade está perfectamente restabelecida.

O exercito patriota não existe mais: dissipou-se sem combates; os seus chefes fugiram ou se occultaram; as suas

(1). O exercito fugitivo não chegou mesmo até Goyanna.

A tres leguas do Recife já estava quasi inteiramente desorganizado.

Se tivesse sido bem commandado teria podido resistir ao da Bahia.

cabecas estão postas ao premio de 2400 francos, além da liberdade ao escravo que os denunciar.

Diversos já foram presos.

As prisões na cidade são numerosas ; a mais notavel foi a do sr. Gervasio Pires Ferreira, o negociante mais rico da cidade ; quasi que nenhuma parte tomou na revolução, e isto causa inquietação áquelles que o temor fez menos innocentes.

Cita-se a prisão dos dous vigarios de Santo Antonio e da Boa-Vista, do guardião de S. Francisco e de varios carmelitas ; quasi todos estes se envolveram na revolução.

Receiava-se pelo sr. Bento José da Costa, sogro do sr. Martins ; mas, parece que elle se justificou.

Os negociantes da cidade se interessavam por elle.

Tem-se detalhes sobre a batalha de 15 ; travou-se perto de Salgado.

Não sei de que proezas brilhantes se possa fallar, se é verdade que tudo se reduziu a tres homens mortos.

Aliás, o marechal Mello foi um Fabio, e tinha razão, porque, além da cavallaria da Bahia, o seu exercito não podia inspirar-lhe grande confiança : não valia mais do que o dos patriotas.

Não ha duvida alguma que estes, bem dirigidos, teriam podido offerecer uma resistencia muito mais prolongada.

Os Francezes sorriem vendo taes tropas. A maior parte consiste em lavradores e moradores apanhados á força no caminho de Alagoas até aqui.

Não estão armados nem fardados.

Os indios mostram muita dedicação pelo rei ; não querem vender as suas flexas porque, dizem, guardam-nas para a sua defeza.

Mostram-nos a sua habilidade em atiral-as, mediante alguns vintens ; não me maravilharam.

Sabemos a sorte do sr. Domingos José Martins ; ferido na batalha de 14 ou 15, refugiou-se n'uma cabana e disfarçou-se.

Fugindo de azylo em azylo, uma india o denunciou ; preso, foi embarcado no Pontal e conduzido para bórdo da fragata.

Com elle achavam-se seu irmão, o sr. Vasconcellos Bourbon, e outros revolucionarios.

O sr. Manoel Correia de Araujo havia trahido o partido antes do dia 20 de maio.

Comquanto tenha assignado proclamações muito injuriosas á magestade real, e tomado parte em todas as deliberações do governo provisório, espera-se que a sua defeecção lhe proporcione a graça.

O sr. José Luiz de Mendonça podia ter feito o mesmo, se o quizesse ; mas, teve repugnancia em ser um traidor ; preferio offerecer-se como victima e não procura desculpar-se.

Dos cinco membros do governo provisório só resta prender o sr. Domingos Theotônio. E' homem de uma coragem fria e intrepida, mas, não tem os talentos de um chefe de partido.

Varios dos conselheiros têm tambem sido presos.

O novo governador, o sr. Rodrigo Lobo, mostra muita affabilidade para com os nacionaes e estrangeiros ; é apenas provisório : espera-se um outro nomeado pelo rei.

Reabre-se o theatro para representar uma peça de circumstancia.

XXIII

Pernambuco. — *Domingo, 8 de Junho de 1817.* — Continuum as prisões ; quasi todos os chefes da insurreição estão presos ; alguns vão ser executados.

E' bem singular que nenhum destes chefes tenha podido encontrar azylo sob o tecto de indulgente amisade.

Todos são presos com as armas na mão ; são militares, não se defendem, não se destróem, entregam-se como cordeiros.

O Padre João Ribeiro foi o unico que se suicidou.

Serão os sentimentos religiosos que os afastam do suicidio ?

Elles sabem muito bem a sorte que os aguarda.

Os negocios não se reanimam ; a gente do interior ficou tão aterrorisada que ainda não ouza vir a cidade.

Não se concede papel algum para a sahida de navios, mesmo estrangeiros.

Não foi isto que me havia promettido o sr. Rodrigo Lobo, quando fui á seu bórdo como parlamentar. Manifesta-se

surdamente a intenção de fazer pagar novos direitos ás embarcações que saldaram com o governo provisório.

Nós lançamos altos gritos ; isto seria contra o direito das gentes.

O que fizemos com este governo foi legitimo, porque não havia outra autoridade.

Nós não podemos ser victimas da ineptia dos depositarios do poder real ; porque abandonaram elles a partida, e sobretudo em virtude de qual capitulação ?

Se ainda o governador Montenegro tivesse sido embarcado á força ?

Mas, não ; elle proprio tratou da sua partida com os insurgentes.

Vi este tratado.

Espera-se do Rio de Janeiro, com o governador nomeado pelo rei, um exercito de cinco mil homens de tropas da Europa e bem disciplinadas.

Tudo isto vem á bordo de uma nau de 74 e de cinco charruas.

Os insurgentes não teriam podido resistir a semelhante força ; mas, podiam protelar o triumpho das tropas da Bahia, se houvessem tido officiaes capazes, e pelo menos um pouco desta exaltação franceza, cega mais terrivel, que se manifestou no começo da nova revolução.

Aliás, para que lamental-o ?

A sua resistencia teria conduzido ao incendio do Recife.

Rendamos, ao contrario, graças ás promptas providencias tomadas pelo Conde dos Arcos.

A reacção realista manifesta-se por meio de jantares e de denuncias.

O habito, que se tem aqui de fazer justiça pelas suas proprias mãos, tem determinado prisões bizarras :

Um Brasileiro tinha um processo com outro ; fel-o prender pelos seus escravos e trouxe-o amarrado para o Recife, dizendo que era um patriota ; este demonstrou o inverso, e o apprehensor foi apprehendido.

Um irmão trouxe o seu irmão, com a corda no pescoço, por elle ter vindo vender provisões na cidade.

Procura-se justificar a docilidade com que se recebeu o

jugo republicano, e inventam-se explicações forçadas para os imprudentes testemunhos de adesão.

Vemos também indivíduos que pretendem só terem parecido republicanos afim de poderem arrastar a republica ao erro e á ruina.

Um jacta-se da coragem com que se escondeu. Outro vem descobrir o do partido vencido que se occultou em sua casa.

Um official de Estado Maior me assegura que o capitulo das denuncias é tão escandaloso, que não se quer mais admittil-as.

Mandam voltar aos seus lares os indios e os recrutas apahados pelo caminho de Alagôas até aqui.

Estas tropas irregulares haviam commettido desordens nos engenhos.

O engenho Salgado foi saqueado pelos realistas emquanto o seu proprietario gemia nas prisões dos patriotas.

Os negros alforriadas reapparecem quasi todos ; antes de serem restituídos aos seus senhores são cruelmente açotados ; alguns praticaram violencias, pelo que são açotados quasi até a morte.

Um delles violou a sua senhora ou a filha do seu senhor ; foi condemnado apenas á pena de açotas e isto por ordem de um simples capitão ; mas, esta fustigação é tão severa que elle morrerá provavelmente.

E' um espectaculo pungente e que, entretanto, attrahe muita gente. Os algozes são criminosos condemnados á grilheta.

Os espectadores atiram-lhes dinheiro para os excitar a dar com mais força.

O paciente é amarrado, em pé, a uma grade de ferro e despido da cintura aos pés.

Os golpes são applicados sobre as nadegas ; os doze primeiros põem a carne a descoberto ; dão ainda 200 até 300.

Poucos lançam gritos ; alguns desmaiam. Açota-se também mulatos e semi-brancos.

Os menos culpados ou mais protegidos levam apenas palmatoadas.

Os bens dos brancos condemnados serão confiscados.

Contam-se até quarenta e quatro engenhos que estarão neste caso.

A maior parte é do lado da Parahyba.

Os habitantes desta região não tiveram tão boa oportunidade, como os do Sul, para se juntarem ao exercito real e levar assim a sua primeira adhesão á revolução.

Frequentemente é o acaso que nos faz abertamente criminosos.

Os açoites são um supplicio que aqui se applica tanto aos brancos como aos negros.

Parece que não ligam a elle nenhuma idéa particular de deshonra.

Eis dous exemplos :

A 19 de Junho, um navio negreiro preterdeu entrar no Recife violando o bloqueio.

A fragata fulminou-o sem attingil-o ; mas, emfim, foi abordado, pelas chalupas.

Sem outra forma de processo o almirante mandou amarrar o capitão ao reparo de uma peça e dar-lhe 50 chibatadas.

Entretanto era um homem de qualidade.

Durante o bloqueio um capitão americano achou meio de ganhar a entrada do porto do Recife, ao amanhecer do dia ; a esquadra vigiava mal. Depois da restauração o almirante mandou prender o dito capitão e condemnou-o a açoites.

Todos os estrangeiros reclamaram contra isto, e tivemos bom trabalho para subtrahil-o a esta humilhante punição.

Os acontecimentos de 19 a 22 de Maio nos fizeram perder de vista um accidente que, entretanto, foi bem funesto.

O mesmo negreiro de que acabo de fallar, dirigio-se, a 20, para o Poço, muito perto da cidade ; na viagem tinha perdido diversos cabos e só pôde fundear com duas ancoras ; um golpe de vento fez romper uma das amarras, a outra ancora garrou, e o navio veio naufragar junto ao forte do Buraco ; morreram afogados 160 negros, e, em menos de uma hora o mar tinha feito em mil pedaços a embarcação.

Era um espectáculo medonho. O ancoradouro do Poço é muito ruim ; é desabrigado e não permite apparellhar-se em caso de accidente.

Eis dous naufragios dentro de sete mezes.

XXIV

No Recife de Pernambuco—*Domingo, 15 de Junho de 1817.*—Causa inquietação ainda não ter apparecido a esquadra do governador esperado.

Sabe-se, entretanto, que tocou na Bahia.

O sr. Rodrigo Lobo, cedendo aos nossos clamores, vae nos permittir expedir os nossos navios, sem exigir novos direitos.

Cogitou-se de augmentar os direitos sobre o algodão ; mas, não se fez mudança alguma ; continuam a pagar 600 réis de sahida, por arroba, 100 reis de subsidio por bala e dizimo, com redução de 80 reis por arroba por cada 20 leguas de distancia percorrida pelo transporte.

Tinha omittido notar esta ultima e justa deducção ; praz-me render á administração portugueza o tributo de admiração que merece a este respeito.

Espalha-se o boato que os corsarios dos insurgentes captu-ram as embarcações portuguezas ; não se consente que estas se façam de véla sem serem comboyadas.

Isto paralysa os negocios ; aliás, quasi que nenhuma mercadoria entra do interior.

Antes da revolução os assassinatos eram frequentes ; emquanto ella durou não houve exemplo delles, e eis que recommçam.

Deve-se d'ahi concluir que as revoluções são favoraveis aos costumes ?

Não, conclúo que ellas attrahem os individuos perniciosos aos empregos publicos, e quando se restabelece a ordem, aquelles, voltando ao seio da populaça, nella disseminam os maus instinctos de que faziam uzo mais proveitoso, para elles, emquanto faziam parte da autoridade publica.

A sociedade não era menos prejudicada, e, talvez, o fôsse mais.

Assisti ás representações theatraes. Nada de mais lastimoso com relação á sala, aos actores e ás peças.

As senhoras de boa sociedade não assistem a ellas, e com razão, porque ali se executam dansas de uma lubricidade desenfreada. Contei apenas seis ou sete mulatas ou mestiças nos camarotes.

Um dos lados da segunda ordem de camarotes é exclusivamente reservado ás senhoras ; os homens não são nelles admittidos.

Este logar reservado só é occupado por mulheres de vida alegre ; são pouco seductoras e ridiculamente ataviadas.

Achamo-nos aqui reunidos muitos Francezes ; depois da restauração chegaram diversos da Bahia e do Rio de Janeiro.

Tinhamos já M^{me}. de R., senhora de muito espirito, autora da linda chronica de Aloiza, e cuja companhia seria encantadora se ella podésse esquecer que os Francezes que passam o Equador não devem ser galans dos salões parisienses.

Uma boa e franca hospitalidade deveria satisfazel-a.

Tornando-se negociante, ella fez-se homem, e não deveria manifestar o character deste, já que experimenta as suas contrariedades ?

Aliás, ella geme e suspira frequentemente dos golpes que têm soffrido a sua bolsa e o seu coração.

A' parte estes suspiros e alguns caprichos é a mulher de conversação mais amavel que tempo encontrado.

O seu espirito é ornado, a sua dicção pura e o seu talento descriptivo admiravel.

Os Portuguezes, habitudos á extrema reserva das suas mulheres, consideram-na, com frequencia, o que ella não é.

Vae partir no *St. Johannes* com M. Metaire, velho capitão francez desarranjado, infelizmente, mas homem de honra e muito prestativo.

Posso esclarecer os que pensam que basta passar-se ao Brasil para nelle fazer fortuna, fazendo a recapitulação dos Francezes que a tem vindo procurar aqui.

M. Metaire é bom marinheiro ; teria desejado um embarque, não o encontrou.

E' activo ; toda a sua actividade o conduzio a fazer-se vendedor de mercadorias no porto !

Dous jovens nanteses, os srs. Naudin e Granet, refinadores, offereceram os seus serviços aos senhores de engenho, e não conseguiram obter uma subscrição passavel para lhes communicar os seus processos de refinação.

Granet tinha feito um contracto particular para ir a um engenho.

La fizeram-no trabalhar, espionaram as suas operações e despediram-no sem pagar-lhe a quantia promettida.

Sua senhora é habil bordadeira ; mas, acha aqui quem a exceda e no gosto da terra.

Estes dous jovens tinham sido muito bem acolhidos quando chegaram ; não obstante gastaram todo o seu dinheiro, e não será a miseria que dará um novo impulso á sua industria.

Se dispozessem de alguns recursos fariam talvez alguma cousa ; mas, eil-os na dependencia dos senhores de engenho, que não deixarão de abusar delles na proxima safra.

O M....., joven, official francez, decorado, de bons costumes, de uma educação cuidada e de muito espirito, chegou ao Rio de Janeiro com 10 a 12.000 francos e volta para a França com seis ; desejava entrar ao serviço de Portugal, mas, encontrou obstaculos.

Outro official, M....., regressa de Buenos-Ayres, onde não foi mais feliz.

Citar-se-ia um successo e dez desastres.

Mrs. Gautreau, Vignaud, Yveti,....., os capitães Yappie, Moisson, não fallam dos negocios que fizeram na Bahia e no Rio de Janeiro senão para mencionar prejuizos de 20, 30 e 40 %.

Viéram aqui para se refazerem, comprando algodão a 5 e 6.000 réis e encontram-no a 8.200 !

O capitão Pelport trouxe nm pequeno carregamento num briguesinho de 110 toneladas ; tem agora de procurar frete para o seu navio e ficar aqui um anno, talvez, á espera de M. Mazza, que é o mais solidamente estabelecido no Recife, tem tido algumas consignações ; no mais vegeta vendendo panos á vara e perdendo todo um dia para se desfazer de um chapeo.

M. Berger, sobrecarga de Marselha no *Ehre*, enviado ao Rio de Janeiro fez algumas vendas com grandes sacrificios e não pôde reembolsar os fundos para comprar algodões no bom momento.

Só se se ouve queixas.

Um só operario, um marceiro de Nantes chamado Berenger, parece ir arranjando a vida.

Estas queixas, as perdas que as occasionam, fazem mai-

tas vezes recahir a conversação sobre os projectos de estabelecimentos no proprio Brasil.

São com effeito as unicas especulações de que se possa esperar resultado.

A base para isto será muita actividade e uma grande economia.

Quer-se um armazem ; mas, é preciso sortil-o de mercadorias inglezas, porque são quasi as unicas que se consomem.

Como supportar a concurrencia dos fabricantes inglezes que as enviam por conta propria ?

Outro quer comprar escravos e fazel-os trabalhar no porto e nas canôas.

Os lucros são muito bons, sem duvida ; mas, é preciso saber tratar os negros ; é preciso saber prever as suas maroteiras, as suas desordens.

Quando vejo um negro livre, que tem um ou dous escravos, que trabalham com elle nas canôas, não enriquecer tenho motivo de desconfiar do exito de semelhante especulação feita por estrangeiros sem experiencia.

Concordamos todos que um Francez, que tomasse uma prensa de algodão para comprar, durante todo o anno, pequenos lotes, e revendel-o por partidas aos navios que chegassem, acharia indubitavelmente o que ganhar, mesmo depois de pagar a aprendizagem e apezar de algumas intrigas dos collegas proprietarios de prensas ; mas, para semelhante estabelecimento são precisos 120 ou 150.000 francos.

Creio que o melhor para o proprietario de um pequeno capital de 10 a 20.000 francos, seria armar-se de coragem e ir plantar algodão d'aqui a 30 leguas, bem resolvido a se impor todas as privações inesperaveis á permanencia nos desertos. Cada escravo colhe 600 libras de algodão, que se podem estimar em 500 francos, e planta ainda com que se alimentar.

Tanto pode-se começar com 10 como com 30 escravos.

Para estabelecer um engenho são precisos pelo menos duzentos mil francos ; sei que podem ser obtidos a credito ; mas, para dirigir semelhante empreza é preciso ter adquirido os conhecimentos necessarios ; seria conveniente fazer vir das Antilhas alguns bons operarios.

Duvido que um estrangeiro de recursos limitados possa

prosperar na cidade ; os capitaes são ali demasiado abundantes. Os proprios operarios ali encontrarão uma concorrência perigosa no numero de mulatos, aos quaes não falta industria, que tem escravos a quem ensinam e conhecem os recursos do paiz.

Só haveria excepção para alguns artigos de phantasia, para uma modista, uma costureira para senhoras, um fabricante de seges, um serralheiro mechanic. Um chimico destilador que importasse novos processos poderia prosperar ; mas, seria preciso que trouxesse meios sufficientes para trabalhar por conta propria, do contrario ficaria nas mesmas condições dos dous jovens refinadores de que fallei.

Rapazes não encontrariam empregos em escriptorios.

Em cada casa ha apenas um caixeiro de confiança e trabalhadores. Não se anda no encalço do commercio de commissão por meio de correspondencias afastadas. Ha falta de mestres de musica, de desenho, de equitação. Se os costumes não mudarem, os tres primeiros viverão, talvez ; os outros morrerão de fome, bem como os artistas, e sem consideração.

XXV

Pernambuco—*Domingo, 22 de Junho de 1817.*—Chegaram-nos ainda mais dous Francezes.

Um é um joven marsehez de 19 annos, M.—Ha dous annos que, deixando o serviço da armada onde era aspirante, embarcou-se para a ilha de França ganhando a sua passagem.

Tinha um: tio que o mandou fazer a navegação de Bourbon ; o incendio de Port Louis tendo arruinado este parente, o rapaz retirou-se para as Seychelles.

Ali conseguiu embarcar, como segundo piloto, num pequeno navio destinado a Moçambique.

Perseguidos, na costa d'Africa, por embarcações de mouros, viram-se obrigados a naufragar no Capo Salgado sobre uma costa selvagem.

Pilhados pelos mouros, salvaram, comtudo, as vidas e foram conduzidos para Quilôa, em um grande juuco de commercio do paiz. O chefe mouro os fez regressar para Moçambi-

que, onde o governador pagou a sua passagem e os hospedou em casa dos habitantes.

O joven M.—fez observações muito curiosas sobre os costumes dos mouros e a sua navegação.

Em Moçambique, cujo clima é medonho, conseguiu que um bravo capitão portuguez o recebêsse a seu bórdo e chegou aqui em estado de penuria. Os seus conhecimentos nauticos o tornaram util ao capitão ; este portou-se liberalmente para com elle, mas, o joven depende da sua caridade. O mesmo rapaz tem bôa presença, falla e escreve regularmente o portuguez ; o capitão faz-lhe os melhores elogios ; elle está certamente disposto a offerreecer os seus serviços por preço modico.

Juntei-me ao capitão para recommendal-o a todos os nossos amigos ; mas, não conseguimos collocal-o em parte alguma.

Vae continuar a viagem que o mesmo navio faz até o Maranhão ; duvido que ali seja mais bem succedido. Tão joven, bem nascido, bem comportado, com habilitações, e ser tão infeliz !!

O outro é um rapaz de Lorient, cirurgião á bordo de um navio portuguez vindo de Macau ; diverte-nos muito com as suas narrativas dos costumes chinezes.

A mesma embarcação transporta M. Midosi, cuja familia tão bem me acolheu em Lisbôa ; as suas conversas são mais serias, porem, cheias de interesse.

Não é este o primeiro navio da China que vemos aqui.

Pernambuco tornou-se ponto de escala depois que não é mais permittido aportar á ilha de St. Helena.

O commercio de Pernambuco (1) deu uma festa aos officaes do exercito da Bahia, ao governador e ao estado-maior da

(1) O commercio fez este anno um presente de 30 contos de réis, cerca de 190.000 francos.

Resultado de uma sub crição que pode dar a escala do patriotismo realista na razão inversa das quantias assignadas.

Os menos innocentes no negocio foram os que mais assignaram.

O sr. Correia de Araujo, 2 contos ; o sr. Bento José da Costa, 1 conto ; o sr. José de Oliveira Ramos, 100\$000.

esquadra ; mas, não foi um baile, nem um concerto, nem um banquete.

Eil-a : Durante tres dias o Santissimo Sacramento foi exposto na igreja do Corpo Santo, junto á Praça do Commercio ; das nove horas da manhã até ás nove horas da noute cantou-se motetes, havendo duas salvas e dous sermões por dia ; no ultimo cantou-se um *Te-Deum*.

Durante toda a festa servio-se collações nas galerias superiores. Este genero de divertimento, muito pio sem duvida, mas, bastante bizarro para militares, attrahio uma multidão immensa. Todas as noutes, quando a igreja estava brilhantemente illuminada, todas as senhoras appareciam no esplendor dos seus trajes. Estendiam-se tapêtes no centro da nave para que ellas podessem ajoelhar ; as suas escravas, ricamente ornadas, ficavam á entrada.

O centro da igreja representava um alegrête esmaltado de flores, de diamantes e de rubins ; se os detalhes não eram todos graciosos (porque havia ali excepções) o conjuncto era deslumbrante.

Os homens, trajando tambem com apuro, cercavam o quadrado formado pelas damas, e, de costas para o altar ou o pulpito, gozavam do espectáculo conversando como se estivessem em algum logar profano.

Os sermões eram todos politicos e dirigidos contra o jacobinismo e a impiedade.

Ah ! a nossa pobre nação franceza frequentemente forneceu os textos de que o orador necessitava. Depois de ter ouvido tres ou quatro indirectas pouco delicadamente lançadas, acabei por não ir mais ao sermão. Mais tarde rimos a bom rir com um dos pregadores, um beneditino de muito espirito, e a quem via com frequencia e com prazer, mas... fóra do pulpito.

Disse-me elle ter paraphraseado o conceito por mim expellido : «que era melhor permanecer sob o dominio do Grão Turco do que tentar uma revolução». Deveria ter citado o apostolo que lhe forneceu este versiculo.

Olha-se com malicia as senhoras que trazem os cabellos cortados á Tito. E' sabido que durante a revolução o sr. Martins e a sua senhora fizéram um appello ás senhoras patriotas, convidando-as a se desfazerem dos seus vãos ornamen-

tos da cabeça que iam mal á austeridade republicana, e recomendava-lhes especialmente que fizessem cortar os seus cabellos. Um pouco mais de tempo e teriamos revisto os *sans-coulottes*. O sr. Martins cheirava a elles a uma legua de distancia.

E' para notar que durante a revolução os actos do governo provisório eram datados da «segunda era da liberdade pernambucana»; contava-se como primeira o tempo em que a capitania de Pernambuco foi invadida pelos Hollandezes, então republicanos. (1). Foi concepção do pobre Padre João Ribeiro.

XXVI

Pernambuco—*Domingo, 6 de Julho de 1817.* A 28 de Junho despachei o *St. Johannes* e parti pera uma pequena excursão nos arredores do Poço da Panella, de onde só voltei a 30.

A 29 chegou a esquadra do Rio de Janeiro, composta da nau de 74 peças *Vasco da Gama* e de sete grandes transportes.

Traziam o novo governador, general Luiz do Rego, e uma parte do exercito, tendo a outra regressado da Bahia para o Rio. Num instante a cidade encheu-se de tropas bem fardadas e de officiaes de bõa apparencia. Grande numero destes se expressa muito bem em Francez; diversos bateram-se contra nós, outros comnõsco.

Todos fallam, com elogios da França e dos seus habitantes, quer civis quer militares. Distingo entre elles o sr. Luiz Paulino, major-general do exercito e que fez a campanha da Hespanha (2), e tambem o sr. coronel..., que servio muito tempo na India.

(1) Engano do Autor. Os patriotas aludiam á restauração de Pernambuco do dominio hollandez em 1654, e não á sua invasão em 1630.

N. do T.

(2) Tem por ajudante de campo um official portuguez que fez todas as campanhas da Allemanha, desde 1805 até a retirada de Moscow.

O que a educação da alta sociedade offerece de mais delicado, se manifesta nas suas maneiras; estão hospedados em casa do sr. Ramos.

O general Luiz do Rego é o filho mais novo da sua familia, porém, um militar distincto.

Citam-se nas ultimas campanhas numerosas rasgos da sua rara intrepidez.

Foi promovido a general para assumir o governo da capitania de Pernambuco. Dizem que a sua senhora, moça e formosa, foi educada á européa, o que deve contribuir para a mudança dos costumes da sociedade.

Crê-se que approximal-os dos nossos é aperfeçoal-os.

O governador deve ter ficado lisonjeado com o acolhimento recebido; a sua entrada ou posse foi muito brilhante.

As tropas que trouxe, juntas ás da Bahia e á milicia nobre da cidade, formavam um quadrado de cerca de 5.000 homens, no meio do qual elle discursou ás autoridades de volta da igreja.

As janellas estavam guarnecidas de ricas colchas e ornadas de senhoras elegantes, que lhe lançavam flores unindo as suas aclamações ás do povo.

Um dos seus primeiros actos foi um golpe muito notavel de prudencia e de habilidade.

Os soldados dos dous regimentos do Recife, que fizeram a revolução, foram perdoados; mas, ao mesmo tempo, resolveu-se secretamente envial-os para Montevidéo. Todos estes militares são casados na terra e consideram os seus postos como empregos inamoviveis; seria para receiar uma sedição se tivessem tido conhecimento desta viagem, e por isso de nada foram prevenidos; um dia, porém, em que se executava um infeliz patriota (a palavra patriota é aqui tomada no sentido de insurgente) o governador determinou, como uma especie de

Era major no exercito portuguez; de volta destas campanhas, e como punição, fizéram-no simples sargento.

Acaba de ser promovido novamente a alferes.

N. do A.

correção, que os dous regimentos assistissem sem armas á execução.

Apenas esta acabada, as tropas do Rio cercaram os soldados desarmados e os conduziram immediatamente á bordo das embarcações, que vão transportal-os para o Rio da Prata.

Esta medida foi completamente imprevista ; espalhou a consternação entre as familias dos deportados ; mas, uma vez que estava resolvida, cumpre louvar a habilidade com que foi posta em pratica, sem comprometter a tranquillidade publica.

As comm:issões estão installadas para julgar os factores da revolução.

Prolongam-se os debates na esperança de descobrir todos os fios da conjuração, alguns dos quaes se quer crêr, se estendem á Bahia, ao Rio de Janeiro, mesmo a Lisbôa e até ao estrangeiro.

Deseja-se encontrar os Estados-Unidos nella implicados ; procuram-se motivos para justificar a aversão que se tem aos Inglezes.

Não sei se estas ultimas pesquisas terão algum resultado ; mas, creio bem ver que em todo o reino unido ha gente que tem o prurido de experimentar mudanças, descontentes, intrigantes, ambiciosos.

Toda esta gente carece, com effeito, ser vigiada.

O successo da federação americana faz gyrar muitas cabeças.

Não se reflecte que não foi a economia das despezas de uma côrte que fez a prosperidade dos Estados-Unidos ; que elles teriam prosperado com um monarcha tão bem quanto sob um governo republicano, e talvez melhor na sua ultima guerra ; que á medida que o paiz se vae tornando mais provado, os costumes menos puros, as transacções mais rapidas e mais complicadas, será preciso que esta nação concentre mais o poder que espalha entre os seus magistrados.

Emfim, esquece-se que os Americanos estavam preparados para o governo representativo pela educação ingleza e pela liberdade da imprensa.

Que se procure imital-os na sua administração civil, muito bem ; mas, não vejo necessidade de imitar as suas formas constitucionaes.

A primeira qualidade de uma boa constituição é ser apropriada aos costumes do povo que a deve receber.

Que diferença, a este respeito entre as duas nações !

Não, não é a forma do governo, mas, a sua sabedoria que faz a felicidade da comunidade.

Se se tratasse de discutir sobre a perfeição de uma ou de outras destas formas, não achar-se-ia tyraunos em todas ?

Assegura-se que o rei estava a ponto de expedir um edicto sobre a tolerancia dos cultos, quando ocorreu a revolução.

Teme-se que este ultimo acontecimento não suspenda o effeito desta medida e de outras igualmente liberaes.

Receia-se que o partido portuguez na côrte não desperte os projectos de regresso á Europa ; sabe-se que este partido se indigna com ver a patria na dependencia da antiga colonia de que era metropole.

Exige para o Brasil o regimen militar o mais severo, e deixa perceber que o repouso e a prosperidade para os Portuguezes da Europa só pode ser encontrado ao estabelecimento da metropole.

Deus me livre de querer resolver o problema da perfeita união do Brasil e de Portugal.

No interesse que consagro ao primeiro, creio poder dizer que uma administração demasiada severa afastará as immigrações que se procura attrahir, e fará nascer em favor dos espiritos inquietos, que perseguirá um interesse perigoso que a cordura acompanhada de vigilança foram dissipar.

Que se punam os principaes autores da revolução de Pernambuco ; que se esclareça o povo sem castigal-o com um rigor extremo ; que se publiquem principios fixos, afim de não deixar o terror pairar sobre todas as cabeças, sobretudo que a cobiça das confiscações não faça multiplicar as condemnações !

Parte dos presos de estado foi enviado á Bahia, a outra deve ser julgada aqui.

O delicto de revolução é de lesa-magestade, e, por consequencia, a pena que acarreta é a de morte.

Temos tido até agora quatro suppliciados : dous ecclesiasticos e dous militares.

Foram punidos pela forza, não obstante o seu habito e

apczar da jurisdicção clerical de que se não quer admittir a intervenção.

Indaguei se não se receiava, por este motivo, atritos com a côrte de Roma ; pareceram-me se inquietar muito pouco com isto.

Não estou em condições de discutir questões theologicas, mas, posso assegurar que o acto de enforcar dous padres faz perder no espirito do povo a consideração que estava habituado a prestar em geral ao seu character sagrado.

Vi executar o Padre Tenorio, vigario de Itamaracá.

Estava extremamente abatido.

Vestido de uma alva e de uma camalha brancas, pallido e desfeito, mal podia andar para o lugar do supplicio ; dous franciscanos o sustinham por baixo dos braços, e um joven beneditino prestava-lhe o doloroso serviço de exhortal-o.

Este mancebo foi quem, da fatal escada aonde o acompá-nhou, em seu logar fallou ao povo, não lhe permittindo a sua fraqueza mais do que uma mortal resignação.

« A sua morte o absolve para com a sociedade, dizia eloquentemente o joven frade, além não vejaes senão um irmão digno das vossas orações ! »

No momento terrivel em que o negro trepou sobre os hombros do desventurado padre e lançou-o na éternidade, e, tanto durante como após a benção, elevava ainda a voz para fazer ouvir as suas exhortações ao suppliciado, é bem que se devesse suppor que este já havia pago o seu tributo.

Ao sentimento succedeu a compaixão ; os dous carrascos derramavam lagrimas e as vi brilhar nos olhos dos espectadores silenciosos.

Os dous militares mostraram mais firmeza do que o vigario Tenorio, cujo estado de enfermidade podia, aliás desculpar a sua fraqueza.

O sr. José de Barros arrostou os assistentes e o sr. Domingos Theotonio dirigio-lhes a palavra com calor e sensibilidade.

« Fiz mal, disse elle, mereço a minha sorte ; mas, foi o meu coração que me allucinou. Pensava trabalhar pela vossa felicidade. »

Recommendeu os seus filhos innocentes á consideração publica e excitou um vivo interesse.

Não quiz assistir ao seu supplicio ; o primeiro me tinha demasiadamente commovido.

Com effeito os detalhes que procedem as execuções opprimem a alma.

Os condemnados de corda ao pescoço, esperam por longo tempo, sobre os degraus da prisão, a formação do cortejo.

Os soldados marcham com as armas em funeral, e os tambores rufam surda e sinistramente.

As irmandades chegam lentamente, umas depois das outras, trazendo bandeiras que vêm successivamente inclinar diante dos pacientes.

Deseja-se e crê-se sempre que a ultima vae determinar a partida. Ao apparatus religioso e militar vem se juntar o da lei inflexivel.

Um official superior de justiça, vestido de luto e de manto negro, se apresenta..

Está montado em um cavallo preto e vem precedido de um alcaide, tambem a cavallo, vestido de vermelho e trazendo um cirio acceso na mão.

O juiz segura um rôlo de papel : é a sentença.

A sua physionomia é austera e impassivel ; as filas se entreabrem, com deferencia, á sua approximação.

Percebe-se que é o ultimo mensageiro ; que elle vae ordenar a execução. Irá partir-se ?..

Não, novas deputações do clero apparecem em longas filas e veem recitar as orações das quarenta horas.

Do alto do patamar os condemnados assistem a todas estas lugubres cerimoniaes.

Só uma grande elevação d'alma ou uma resignação absoluta pôde permittir dellas ausentar o espirito ; porque se devessem observar todas as intenções, cada minuto seria um medonho supplicio.

Emfim começa a marcha.

Urge que os desventurados sahião do estado de concentração mental que lhes permittir o repouso ; cumpre que marchem. E' o ultimo dia em que os seus pés tocarão o sólo.

Os seus olhares vagam sobre uma multidão agitada, cuja

curiosidade offensiva é quasi tão indifferente quanto avida : indifferente para o suppliciado, avida do espectaculo do supplicio. E' a ultima vez que verão esta movimentação da cidade de que outr'ora partilhavam.

As janellas estão guarnecidas de senhoras.

Ha pouco ainda eram acolhidas pelo sexo amavel, porque são jovens.

Adeus amigos, adeus mãe, irmães, esposas, adeus filhos queridos ! um momento ainda, e todas as palpitações do coração vão se extinguir.

E o castigo sobreviverá ao supplicio !

Estes innocentes objectos de affeição serão perseguidos pelo desprezo ignominioso ! Oh ! infortunados, tratae de vos arrancar da terra, lançae-vos nos braços da esperanza que vos aguarda na outra margem.

Crêde que a justiça divina será menos rigorosa do que a dos homens.

Partio-se, emfim. O cortejo é formado pelos executores ; são dous negros criminosos condemnados á morte, mas, poupados afim de servirem de algozes.

Vivem sepultos num carcere, de que só sahem nos dias em que vão exercer o seu horrivel mistér.

Vão carregados de ferro e levam tambem a corda ao pescoço. Não são elles igualmente victimas ?...

Mas a longa procissão acaba de parar !... Será uma contra-ordem de palacio ?...

Será o perdão ?... Não, um altar está preparado junto á via dolorosa ; os condemnados devem ouvir a missa dos mortos. Cinco pausas semelhantes tem lugar durante o tracto.

Em cada uma os pacientes são exhortados, exorcisados, regados d'agua benta, e respondem ás litánias.

Chega-se, emfim á praça.

De longe avistava-se a forca erguida.

Este instrumento de morte parece animar-se e chamar de longe as suas victimas.

A sua terrivel eloquencia se manifesta pela cabeça de um dos ultimos executados, que nella ficou implantada.

Está, pois, tudo acabado, não ha mais esperanza !

Este eu tão sensivel vae cessar de se animar ; meus mem-

broz mutilados vão ser devidos e expostos ahi para servir de exemplo de horror e de piedade !

Quantos dias felizes não me estariam ainda reservados !

Oh ! homens, oh ! meus semelhantes, tanto amor, tanta benevolencia abrazariam o meu coração !

Mas, ao meu peito restam apenas poucos minutos a respirar : ainda alguns minutos e terei deixado de existir.

Vivo, siuto, penso, um só movimento vae tudo acabar !

Tudo ! O que tudo ? Oh ! duvida inquietadora ! Oh ! aspecto assustador da sobrevivencia a mim mesmo !

Ah ! meu pae ! meu pae ! repeti commigo que Deus é misericordioso !

Os detalhes da agonia dos pacientes ; as crueis formalidades que a prolongam ; as que a cada degráo lhe renovam as angustias ; as verificações humilhantes e irritantes que faz o executor para se assegurar do ajustamento do laço mortal ; a presença dos desgraçados que a sorte condemnou a não subirem em primeiro lugar ao cadafalso ; a espera do signal ; o arremço irrevocavel que o segue ; os movimentos convulsivos da vida nas grrras da morte ; os esforços impios e necessarios do carrasco para abrevial-os !...

Tudo isto me faz cahir a pena da mão...

XXVII

Pernambuco.—*13 de Julho de 1817.*—Disponho-me a deixar Pernambuco para ir a Bahia no navio *l' Agréable*.

Vi começar e findar esta infeliz revolução da capitania, e se nutria ainda, ha tres mezes, alguma indulgencia para com estas especies de commoções destinadas, diz-se a fazer a felicidade das gerações futuras, acho-me hoje bem curado pela persuasão em que estou de que são apenas suscitadas pela ambição pessoal, que se cobre com a mascara da philantropia para seduzir os simples, de que ella quer fazer seus agentes.

Parece que toda a insurreição foi fomentada por Domingos José Martins, que acariciava o projecto de fazer-se chefe do estado, caso fosse vencedor, e que teria sacrificado o Padre João Ribeiro, bem como o Dr. José Luiz de Mendonça, os quaes só

tinham por si, um a sua exaltação de illuminado, o outro a sua bonhomia methodica.

Nada de bemfazejo podia dimanar de uma fonte tão impura como o sr. Martins.

Foi executado na Bahia, assim como o sr. José Luiz de Mendonça e o Padre Miguel.

O padre enviado para revolucionar a Bahia foi descoberto ao desembarcar, e igualmente executado.

Manifestou toda a energia de um Scevola.

Martins, silencioso, mostrou sangue frio e indifferença ; o Padre Miguel, resignação, e o sr. José Luiz uma profunda sensibilidade que lhe dictou um discurso eloquente, no qual, reconhecendo os seus erros, incitou o povo á submetter-se á autoridade e a por-se em guarda contra as modernas doutrinas sediciosas.

Teve razão ; não nos deixemos illudir pelos palavrões.

A liberdade que se nos apresentou não passa de um phantasma.

O homem entrando na sociedade abdica verdadeiramente da sua liberdade ; não nos faz gratuitamente, porque é uma troca que della opera contra os beneficios que espera receber da civilisação.

O contracto que o liga á obediencia não é portanto nullo, havendo compromissos reciprocos.

Aliás, deixemos a politica e concluamos dizendo que, no estado actual de complicação dos governos, é impossivel que todos os membros da communitade d'elle participem.

Esqueçamos as idéas de democracia desde que a sua applicação é impossivel, e sigamos o caminho da vida nos accomodando á administração menos má possivel. Não é dado aos homens operar como anjos.

Deixando Pernambuco devo render graças ao seu clima salubre. Já disse que a brisa diaria do mar tornava o calor muito supportavel.

E' só depois das 8 horas da manhã até ás 10 que incomoda um pouco ; fóra disto pôde-se cuidar dos seus negocios sem vexame, comquanto o thermometro marque sempre de 21 a 23° á sombra.

A estação das chuvas, a que chamam aqui de inverno, me assustava um pouco ; mas, não occasiona nenhuma febre.

A chuva cae em torrentes, mas, nunca dura o dia inteiro ; os raios de um sol de 20 a 21° á sombra dissipa em breve a humidade.

Não fui forçado a interromper os banhos de mar.

A transpiração habitual é tão salutar que só me senti debilitado quando não podia exercital-a.

As suppressões de transpiração são aqui perigosas, como em toda a parte ; causam accessos de febre que os medicos combatem por meio de sudorificos, o emetico e o quinino ; recomendam que se permaneça agasalhado, e em breve as funcções ordinarias se restabelecem.

O uso imprudente de fructas e de limonadas desarranja o estomago ; com certa moderação alguns licores e quinino volta logo a saúde.

Os habitantes do paiz receiam muito expor-se ao ardor do sol ; com ou sem guarda-sol affrontei-o a qualquer hora.

Uma molestia de pelle ataca quasi todos os estrangeiros ; não exige nenhum tratamento.

Tive as mãos cobertas de pequenas pustulas brancas, que não me causavam prurido algum ; segregavam um humor seroso, mas, sem acidez ; seccaram sem inflammação, e no fim de quinze dias fiquei livre, sem remedios, da idea desagavel de haver apanhado sarnas.

Vê-se pessoas mais maltratadas, porém, são em geral manifestação de alguma molestia venerca.

Tratam estas aqui muito ligeiramente ; vi muitos individuos a quem haviam devorado o nariz ; os negros são, com frequencia, atacados de elephantiasis ; não vi brancos affectados desta molestia.

Os insectos pullulam : as suas mordeduras produzem inflammações, que sendo coçadas logo se transformam em feridas ; estas feridinhas nunca saram promptamente.

O mais incommodo destes insectos é o «bicho dos pés», que parece ser o mesmo oução das Antilhas.

Encrava-se na carne dos pés e algumas vezes das mãos ; introduz-se sob as unhas.

Reconhece-se a sua presença por um pequeno prurido que logo se torna em comichão insupportavel.

As negras os extirpam muito dextramente sem dôr.

Cumpre não deixal-os permanecer por muito tempo, porque augmentam e produzem estragos.

Por não me ter feito extrahir um a tempo, levei dous dias sem poder andar. Ha pessoas mais sujeitas a apanhar bichos do que outras.

Estes animaes por vezes me dispensaram uma preferencia de que não lhes posso ser grato.

Para quem não está habituado a viver de farinha de mandioca e de carne secca, a vida não é barata.

O pão vale de 11 a 15 soldos a libra ; a carne, muito mediocre, de 8 a 10 ; as gallinhas de 3 a 4 francos por cabeça ; o vinho do Porto de 40 a 50 soldos a garrafa ; a manteiga 40 soldos a libra ; á excepção de inhames e de repólhos vêem-se poucos legumes no mercado ; em compensação ha muitos melões, melancias e outras fructas.

Tem-se dez laranjas por um vintem (2 1/2 soldos) ; um ananaz por um vintem ; seis a dez mangas pelo mesmo preço.

As pinhas e as uvas são sempre caras ; só se encontram nos jardins particulares.

Ainda é difficil encontrar onde se hospedar ; d'ahi ser aqui o habito da hospitalidade mais commum do que entre nós. Levei muito tempo até encontrar uma casa pela qual pagava 100 francos por mez.

Ha apenas uma hospedaria, mantida por um Inglez, e que não pode receber mais de dous ou tres viajantes muito mal accommodados e que pagam 10 francos por dia.

Aliás, os costumes da terra não consideram decente morar-se em hospedaria.

Certo a residencia alli nada tem de agradavel, attento ás frequentes orgias de que é theatro.

Foi na escada deste mesmo hotel que o nosso compatriota o sr. Perret levou uma punhalada no braço.

Os cavallo de transportes são miseraveis, mas, ha bons cavallo de sélla. Todos equipam, o que não é gracioso, mas commodo.

Um bom cavallo de sella custa de 5 a 600 francos ; o seu trato na cidade eleva-se a 4 ou 5 francos por dia.

Só lhes dão forragem verde, jamais aveia, que é aqui desconhecida, e algumas vezes milho.

Estes cavallos de Pernambuco têm agilidade e força, mas, o esquipado os estraga em pouco tempo.

Ha na cidade apenas dous ou tres carros ; são pequenas séges de dous logares como as de Lisboa.

As senhoras sahem á rua em cadeirinhas ou em palanquim ; se vão ao campo é n'uma rêde coberta de uma cortina.

Aliás, a maioria das casas de campo está situada á margem dos dous rios e são accessiveis por canoas.

Todo o serviço domestico é feito por escravos (1) ; mesmo no palacio do governador não se vêem criados brancos.

Quando um estrangeiro chega aqui tem grande difficuldade em obter um criado, porque considera-se uma vergonha vender um negro de casa.

Os que se alugam são meros carregadores ; é preciso que algum amigo tenha a gentileza de nos arranjar um.

Aconselharia a um Europeu que viesse para aqui, ainda mesmo só para passar um anno, que comprasse um negro novo e o formasse á sua vontade ; no fim de dous ou tres mezes, se a escolha não tiver sido muito infeliz, já se pôde delle tirar partido. Encontra-se para alugar negras e mulatas livres ; mas, são antes concubinas do que creadas.

Em geral o serviço de toda esta gente de côr, homens e mulheres, é desagradavel por causa do cheiro nauseabundo que espalham, por pouco que se agitem.

Cumpre, entretanto, habituar-se a elle. Ha pessoas que, longe de achar este cheiro repugnante, até o sentem com prazer : são os homens que preferem as caricias das negras ás das brancas. *De gustibus non disputandum.*

Aliás, nem umas nem outras lograram de mim a menor homenagem. As primeiras teem bellas formas, mas, o seu

(1) São precisos muitos para o serviço de uma casa decente ; pelo menos dez ou doze.

fetido é um perfeito refrigerante ; as segundas raramente são bonitas e em geral nãotêm carnação alguma.

Os seus grandes olhos nos promettem vivacidade e são enganadores, porque a sua conservação é estéril, enlanguesc e resiste a todos os estimulantes ; alguns gracejos sobrê o amor, o casamento e a fidelidade sustentam a sua palestra por um momento, apoz o qual parecem esperar um ataque sério.

Este quadro é severo ; se é infiel a culpa é apenas da maneira tão reclusa de que vivem as mulheres mais amáveis, e não me ter sido possível encontral-as.

Teria muito mais prazer em fazer justiça a estas, do que de fallar quasi satyricamente d'aquellas.

Não ha em Pernambuco divertimentos publicos de especie alguma.

O theatro só se abre aos domingos e isto mesmo sem regularidade, o que é ao menos uma prova de bom gosto.

Não ha outro passeio além da ponte da Boa-Vista onde vão passear os mesmos homens que se vio durante o dia na Praça do Commercio.

Vê-se raramente passar senhoras, mas, muitas raparigas publicas de todas as côres. O verdadeiro divertimento da terra é a residencia no campo perto dos rios.

Existem intrigas com mulheres casadas, mas, expõem a facadas.

Os homens que desejam absolutamente ligações, encontram-nas muito facilmente com viuvas pouco abastadas, que fazem com elles contractos para as suas filhas.

Estas ligações de ordinario só ameaçam a bolsa, entretanto, pode-se tambem ás vezes nellas deixar a saúde.

Durante oito mezes de residencia em Pernambuco não vi uma só vez a alta sociedade do paiz, apezar das minhas cartas de recommendação e dos meus esforços para penetrar em algumas casas.

O sr: João de Deus, administrador das alfandegas, parecia dever fazer uma excepção, pois, tem uma senhora amavel ; mas, partio para o Rio de Janeiro quasi logo depois da minha chegada.

Dizem que o novo governador tem a intenção de estimular o gosto pelas reuniões.

Si o conseguir tudo o que acabo de dizer sobre os costumes do paiz, dentro de alguns annos, não será mais verdadeiro.

Em falta de festas, recebi em casa do sr. José de Oliveira Ramos a mais franca e cordial hospitalidade, de que sobretudo apreciei o merito descobrindo, mais tarde, que não estava precisamente nos habitos do paiz.

Esta hospitalidade deu lugar a firmar-se entre nós uma verdadeira amizade ; procurei dar-lhe provas da sinceridade da minha durante a sua prisão na fortaleza do Brum ; ia ahi jantar com elle, quando o temor retinha todos em casa ; contribui para que tivesse a fortaleza por menagem, fiz o que pude para obter do governo insurreccional a sua liberdade ; elle me provou a sua, não sómente me acolhendo em sua casa como um filho, mas ainda me guiando nas operações commerciaes que fiz aqui e me enriquecendo com a sua experiencia.

Esta troca de serviços estabeleceu o unico laço de affeição, que me causa alguns pezares ao deixar Pernambuco.

Seria, entretanto, ingrato se não testemunhasse aqui que fui sensivel ás manifestações de interesse que me dêram os srs. J. A. G. de Oliveira, S. S. Mendes e o director das alfandegas sr. Pinho Borges.

Posso, acaso, impedir que o meu coração se confranja ao lançar um ultimo olhar sobre a cabeça desfigurada do infeliz Padre João Ribeiro, que permanece exposta na Praça do Commercio ?

Governadores e capitães generaes de Pernambuco

1654—1821

(Continuação do n. 59)

Caetano Pinto de Miranda Montenegro.—Resolvendo o governo da metropole dispensar D. Thomaz José de Mello do cargo de governador, depois de sua chamada á côrte, nomeou successivamente para o substituir a D. Miguel An-

tonio de Mello, que acabava de governar o estado de Angola, D. Sebastião Xavier da Veiga Cabral, que foi depois governador do Rio Grande do Sul, e Joaquim de Saldanha. Não se verificando, porém, a posse de nenhum d'aquelles nomeados, foi em fim incumbido do governo o Dr. Caetano Pinto de Miranda Montenegro, por patente regia de 2 de Agosto de 1802, do qual tomou posse em 24 de Maio de 1804, e serviu 6 de Março de 1817.

Geralmente assignala-se a posse de Caetano Pinto no dia 26 de Maio, mas nós damos o de 24, em vista do respectivo termo, e do seguinte documento, sobre o que não pôde restar duvida alguma :

« Este Senado da Villa do Recife de Pernambuco tem executado a Real Ordem de V. Alteza de 5 de Agosto de 1802, dando posse ao novo general desta Capitania Caetano Pinto de Miranda Montenegro no dia 24 do corrente mez, dia 2º depois de sua entrada nesta villa. Deus guarde a V. Alteza como avemos mistér. Recife de Pernambuco, 26 de Maio de 1804. De V. Alteza os mais umildes e fieis vassallos. *José Allemão de Cysneiros, Joaquim Pires Ferreira, Manoel Zeferino dos Santos, Antonio José Pires.*

Caetano Pinto nasceu em 1759 na quinta da Boa-Vista, conselho de Paiva, bispado de Lamego em Portugal, e foram seus paes Bernardo José Pinto de Miranda Montenegro, fidalgo escudeiro da casa real, e D. Antonia Matilde Leite Pereira de Bulhões.

Seguindo a carreira das letras, e cursando a universidade de Coimbra, recebeu o gráo de Doutor em Direito, conquistando em seu tirocinio academico honrosa reputação pelos seus dotes intellectuaes.

Logo depois de formado, foi apresentado ao ministro Martinho de Mello e Castro, por D. Catharina Balsemão, senhora de grande influencia na cõrte, que solicitou para elle o despacho de governador de Matto Grosso ; mas o ministro *encontrando um Doutor, em vez de um militar*, propoz a intendencia do ouro do Rio de Janeiro, como mais analoga a sua profissão, o que foi acceito, apezar do desagrado de D. Catharina contra o ministro.

Caetano Pinto partio para o Brazil, tomou posse do seu

lugar, mas não tardou em malquistar-se com o Vice-rei conde de Lavradio, que dirigiu contra elle representações para a côrte; D. Catharina, porém, que tinha então seu marido no ministerio, vingou-se do Vice-rei, remetendo a seu afilhado a patente de governador e capitão general de Matto Grosso, expedido em 18 de Setembro de 1795, e pouco depois o titulo de conselheiro.

Caetano Pinto tomou posse do governo em 15 de Novembro de 1796, em Villa Bella, e o deixou em 15 de Novembro de 1803, para vir tomar conta do de Pernambuco.

No seu governo de Matto Grosso prestou elle relevantes serviços, deixando o seu nome perpetuado em dous presídios que fundou, o de Miranda em 1797, e o de S. José de Montenegro em 1799.

Removido para o governo de Pernambuco, cujo acto, pela importancia e riqueza da capitania, importava um galardão dos seus serviços, partiu por terra, atravessando toda a extensão territorial deste Cuyabá até o Recife, percorrendo 670 leguas de caminho, em que levou nove mezes completos de viagem, como diz elle proprio em officio dirigido ao principe regente.

Chegando no Recife em 22 de Maio de 1804, foi Caetano Pinto—«recebido com pompa e applausos nunca vistos, desforrando com isto o publico do odio e desprezo, que lhe causára o governo interino dos seis annos precedentes»,—como refere um chronista do tempo. Dous dias depois teve lugar o acto solemne da sua posse, na igreja matriz de Santo Antonio do Recife, e logo após a celebração de um *Te-Deum*, em que pregou o Padre Miguelinho, distinctissimo orador, cuja peça, original e inedita, que possui o Instituto Archeologico, tem por titulo:—*Oração Gratulatoria que na Solemne Acção de Graças, celebrada na occasião da posse do Illm. e Exm. Snr. Caetano Pinto de Miranda Monte-Negro pela Mesa actual da Irmandade do S. S. Sacramento da Villa de Santo Antonio do Recife pregou na Igreja Matriz da dita Villa o P. Miguel Joaquim d' Almeida e Castro Professor Regio de Rhetorica, e Bellas Artes no Seminario Episcopal de Olinda no anno de 1804.*

Satisfeitos todos com o novo governador, pelos seus actos, pela sua conducta, poucos mezes depois chegam communicções officiaes de que pela Carta Regia de 11 de Fevereiro de

1805 havia elle sido nomeado para o governo de Angola, declarando aquelle acto,—«que alli, pela complicação de differentes objectos, havia occasião de continuar a prestar os mesmos serviços porque se tinha distinguido».

A' essa noticia, que entristeceu a todos, reuniu-se a Camara do Senado do Recife, e resolveu enviar á côrte o seu procurador, para em nome do povo pernambucano requerer a sua recondução, no que foi secundada por ignaes manifestações de diversos municipios, que por sua vez tambem se dirigiram ao soberano, assim como, varias pessôas notaveis ; annuindo o principe regente a todas estas supplicas, por Decreto de 15 de Agosto de 1805 resolveu que elle continuasse no governo de Pernambuco, ficando sem effeito a nomeação de Joaquim de Saldanha e Albuquerque para o substituir no governo.

Tão grata noticia foi recebida com geral satisfação, e Caetano Pinto reconhecido por tantas manifestações de apreço, expande-se agradecidamente, e em circular dirigida ás Camaras em 30 de Outubro d'aquelle anno, communicando a sua recondução, escreveu estas palavras que ainda mais accentuam o seu reconhecimento.

«O Decreto e Aviso da Secretaria de Estado que a Vms. remetto, ficarão serviado nesse Senado, como um penhor real, não só da minha gratidão, mas tambem dos esforços que farei até o ultimo momento de minha vida pela felicidade de um povo, do qual tenho recebido as mais lisongeiras provas do seu affecto e estimação. Oxalá que nos annaes illustres de Pernambuco a epocha da sua prosperidade coincida com a do meu governo ! Só assim eu poderei pagar uma parte da immensa divida que tenho contrahido, o que não recceo confessar aos mesmos que me devem obedecer, porque, os vinculos da subordinação nunca são tão firmes e indissolveis, como quando tem por base o reciproco amor e reconhecimento dos que governam e são governados».

Em 1808, quando a esquadra portugueza passava em frente de Pernambuco, conduzindo a familia real para o Rio de Janeiro, Caetano Pinto apresta o brigue *Tres Corações*, carregado de presentes e refrescos, e o manda esperar na altura do Cabo de Santo Agostinho, incumbindo ao Tenente-Coronel José Peres Campello de cumprimentar o principe regente em

seu nome e no do povo pernambucano, determinando ainda que o brigue acompanhasse a esquadra até ao Rio de Janeiro.

Este facto, que em si nada tem de notavel, lisongeou immenso ao principe, e logo por carta de 8 de Fevereiro foi Caetano Pinto chamado á côrte.

Entregando o governo em 17 de Março a uma junta composta do bispo diocesano D. José Maria de Araujo, brigadeiro D. Jorge Eugenio de Locio e Seilbis, e o Desembargador ouvidor geral da comarca Clemente Ferreira França, seguiu para o Rio de Janeiro, onde se demorou até Setembro, e regressando á Pernambuco, reassumio o governo a 20 d'aquelle mez.

Bem accollido pelo principe, que conferiu-lhe a commenda da ordem de Christo, e um lugar de cavalleiro de capa e espada no Conselho da Fazenda, regressou, porém, trazendo-nss o imposto da decima, a expedição militar de Cayena e outros vexames para o povo, afim de satisfazer-se as grandes despesas que gravavam o thezouro a sustenção do fausto da côrte, da familia real, e de centenas de fidalgos sem renda que acompanharam-na ao Brazil.

Por esse tempo eram bem más as condições financeiras de Pernambuco. O commercio lutava com serios embaraços, as rendas da capitania haviam consideravelmente decrescido, e o povo gemia opprimido com diversos e pesados impostos, quando se viu sobrecarregado com mais outros; e além de tudo isso declarando Portugal guerra a França, manda occupar Cayena, e impõe a Pernambuco a contribuição de mil homens para aquella expedição.

Accusa-se a Caetano Pinto de participação na imposição d'aquelles novos tributos, tornando-o tambem responsavel pela expedição de Cayena, dizendo entre outros, o Padre Dias Martins, que elle voltou trazendo o zelo ardentissimo de encaminhar para a côrte todo o dinheiro da provincia, sem attenção a credores, nem a quaesquer outras consequencias, de cuja epocha, talvez, partisse o descredito e abominação com que o publico olhou para os ultimos annos da sua administração, havendo então quem dissesse, com applauso, que os quatro primeiros annos do seu goveruo foi modelado sobre Marco Aurelio, outros quatro sobre Heliogabalo, e os ultimos quatro sobre Sardanapolo.

Com relação á decretação dos novos impostos seria impo-
tente toda e qualquer opposição manifestada por Caetano Pinto
uma vez que foram elles geraes em todo o paiz, e em face das
immensas necessidades, eram urgentes e inadiaveis ; mas sobre
a expedição fez elle ponderações, e respondendo mesmo ao go-
verno sobre o assumpto, ainda em sua permanencia na côrte do
Rio de Janeiro, em officio de 8 de Agosto, de que trouxe copia
para o seu registro em Pernambuco, patenteou o inconveniente
e impossibilidade de obter-se o numero de praças imposto, pon-
derando : — «Não sei, pois, se no momento em que se vão lan-
çar novos tributos, se deverá ao desprazer e repugnancia com
que estes sempre são recebidos, ajuntar-se a grande oppressão
de arrancar os filhos dos braços de seus paes, enviando-os tão
longe da sua vista para um paiz insalubre, pobre e miseravel.
Os pernambucanos governão-se bem por amor e reconheci-
mento ; e no principio em que se estabelece um novo imperio,
o amor dos povos é um dos mais seguros fundamentos».

Apesar de tudo isso, partiu sempre a expedição de Cayena
em 1809, mas composta apenas de 300 homens.

Caetano Pinto no seu longo governo de treze annos nada
iniciou, por assim dizer, de util e fecundo ao progresso e en-
grandecimento da capitania. Não se conhece d'elle um só me-
lhoramento que atteste o seu longo governo ; pode-se dizer
mesmo, que se limitou ao simples expediente do governo, ge-
rindo-o porém com muita probidade e honradez, e distribuindo
a justiça a todos com igualdade, não o dominando odios nem
paixões. D'ahi o respeito que todos lhe tributavam e a estima
em que era tido.

Consoantemente com este nosso juizo, depara-se-nos o de
um contemporaneo, o inglez Henry Koster, que referindo-se no
seu livro de viagens ao Brazil, nessa epocha, ao prospero es-
tado da cidade do Recife, escreve estas linhas sobre o governa-
dor de Pernambuco :

« A prosperidade que desfructa esta cidade pôde ser, em
grande parte, attribuida ao character do governador Caetano
Pinto de Miranda Montenegro, que ha dez annos governa a
Provincia com firmeza systematica e uniforme prudencia.
Não tem feito arriscadas innovações, mas permittio a introduc-
ção de uteis melhoramentos. Não protege com zelo sollicito e

entusiasta, que muitas vezes não attinge o fim, as novidades que lhe são apresentadas, mas consente e favorece todas as proposições apresentadas por pessoas respeitáveis. Não se envolve nos interesses em que os governos nada tem que ver, protege-os porém, quando uma vez estabelecidos. Fallo aqui dos regulamentos do commercio e dos poucos melhoramentos operados na cidade principal e nos pequenos estabelecimentos da Provincia. E' affavel ; ouve com a mesma attenção as queixas do pobre camponez e do rico proprietario ; é justo e raras vezes exerce o poder, que lhe está conferido de punir sem appellação. E' preciso que o crime esteja bem provado, para que elle se decida a uzar de sua autoridade ; obra de harmonia com um systema amadurecido pela experiencia. Suppondo que a sorte do Brazil seja a de permanecer submettido ao poder despotico, a sua situação seria geralmente venturosa se se parecesse com a de Pernambuco. Amo o lugar onde por tanto tempo residi ; espero que não seja mudado o seu governador e que este possa continuar a derramar nessa vasta região os beneficios de uma administração instruida e moderada ».

Assim entrou o anno de 1817, em que se tramava da libertação da patria sob a forma republicana.

Por vezes recebeu o governador denunciaes de que em algumas Academias, ou centros de reuniões politicas, tratava-se e discutia-se o plano de independencia, ao mesmo tempo que se lhe indicava os nomes dos mais ardentes propugnadores de tão generosa idéa ; mas elle nada attendia, nada acreditava, e respondia simplesmente : — *Os pernambucanos se divertem, nada podem fazer.*

Assim foi elle dissimulando, até que recebendo em 1 de Março uma denuncia formal, proclama as tropas para se não deixar seduzir «*por homens perversos, que sómente tinham o fito no proprio interesse*», e convoca um conselho extraordinario para o dia 6, no qual se resolveu a prisão dos indigitados cabeças do movimento.

A execução desse accordo foi o antecipado rompimento formal da revolução ; e quando o governador viu mortos o brigadeiro Manoel Joaquim Barbosa de Castro, e o seu ajudante de ordens Alexandre Thomaz, e a revolução triumphante nas ruas do Recife, temeu-se do movimento, abandona o seu posto

de hora, e refugia-se na fortaleza do Brum, onde se lhe reuniram os chefes militares portuguezes e cerca de 600 praças milicianas.

No dia 7, um exercito de quasi 4,000 homens de todas as cores, uniformes e armas, desfila em direcção á fortaleza do Brum, onde Caetano Pinto se havia fortificado, e faz alto junto a igreja do Pilar, em Fôra de Portas. D'ahi, avança o patriota José Luiz de Mendonça, como parlamentar, é recebido pelo governador, e intima-lhe a entrega da fortalera e a rendição, da sua pessoa, sob prisão, até o aprestamento da embarcação que o tinha de conduzir ao Rio de Janeiro. Aceitas todas as condições propostas, fica em custodia o governador, e no dia 10 levanta ancoras do porto do Recife a sumaca que o conduzia á côrte, em companhia de seu filho natural Caetano Pinto, nascido em Pernambuco, do seu capellão, de um seu parente, e um criado.

Logo que o navio chegou ao Rio, e se soube das occorrenças de Pernambuco, foi Caetano Pinto atirado aos carceres da fortaleza da Ilha das Cobras, onde esteve um anno, sahindo, porém, tendo apenas como homenagem a praia de S. Domingos.

Nessa humilde posição esteve elle até 1821, quando por Decreto de 2 de Março resolveu D. João VI, — «tendo em lembrança as provas de fidelidade, zelo e honra, enquanto serviu ao estado, não só dispensal-o do processo que se devia instaurar para se justificar do facto de se terem os revoltosos se apoderado do governo de Pernambuco, como ainda o reintegrar no lugar de conselheiro da fazenda».

Posteriormente foi Caetano Pinto nomeado juiz da Alfandega do Rio de Janeiro ; em 4 de Julho de 1822 foi chamado aos conselhos da corôa, gerindo a pasta da Fazenda, e em 30 de Outubro passou para a da Justiça.

Em 1823 foi nomeado presidente do Tribunal do Desembargo do Paço, em remuneração, diz o Decreto, «dos seus longos, penosos e distinctos serviços prestados ao Brazil desde 1794, com o mais exemplar desinteresse».

Em 12 de Outubro de 1825 recebeu Caetano Pinto o titulo de visconde da Villa Real da Praia Grande, e mais tarde foi elevado a dignidade de marquez, do mesmo titulo. Nas eleições que se procederam para a formação do Senado, foi elle

incluido nas listas apresentadas á corôa pelas provincias de Pernambuco, Minas Geraes, e Matto-Grosso, e escolhido para representar esta ultima, por carta imperial de 22 de Janeiro de 1826, tomou assento no Senado em 4 de Maio.

Velho e achacado, viu-se obrigado a deixar o serviço publico, e recolher-se á vida privada, e resignando o lugar de presidente do Tribunal do Desembargo do Paço, em 1824, lhe foram concedidas as honras do cargo.

Caetano Pinto de Miranda Montenegro falleceu em avançada idade em 11 de Janeiro de 1827, e foi inhumado na igreja de Santo Antonio do Rio de Janeiro, no mesmo tumulo em que, um seculo antes, fôra sepultado o general Gregorio de Castro Moraes, tão celebre pelo seu valor nas lutas da invasão franceza, em 1710.

Cheio de honras e titulos de grandeza, tendo exercido os mais elevados e proventosos cargos, morreu empenhado, pelo que o imperador mandou pagar do seu bolsinho todas as suas dividas, attendendo aos bons serviços que por longos annos prestára ao Brazil, «com muita honra e probidade».

Marquez, senador, conselheiro, fidalgo escudeiro, doutor em direito, commendador da ordem de Christo e magistrado superior aposentado, Caetano Pinto occupou saliente posição na administração e na politica do paiz, e deixou um nome respeitavel pelos seus serviços, virtudes e merecimento.

Muniz Tavares, diz que Caetano Pinto era um varão probo, illuminado e prudente, não abusando do poder, quando exerceu o cargo de governador de Pernambuco, e que, bem differente dos seus antecessores, sabia respeitar os direitos do cidadão, não se intromettia nos processos judiciaes, deixando os juizes obrar com plena liberdade; e um chronista, tambem contemporaneo, diz, que, elle tinha bastante erudição, cultura, e amenidade de genio, e outros talentos.

Sobre os seus merecimentos litterarios, falla-nos o Visconde de Tannay, dizendo que possuia elle letras e instrucção pouco vulgares naquella epocha, e que escrevera memorias ainda hoje ineditas, e por sem duvida dignas de serem dadas a lume, cujos trabalhos existem em poder dos seus descendentes; e mencionando um desses trabalhos, a *Resposta ao parecer sobre o aldeamento dos indios Uaycurás, inserta no Tomo VII da Re-*

vista Trimensal do Instituto Historico» diz que é — um documento de valor litterario e curiosissimo.

Poeta, que tambem foi, perderam-se todas as suas composições por não as ter publicado, de sorte que, apenas restam do seu estro as seguintes quadras de uns versos que enviou a uma senhora, que mais tarde devia ser sua esposa :

Ouve Gelia, linda Gelia,
Os tristes suspiros meus,
Ouve um pastor que te diz,
Linda Gelia, adeus, adeus.

Mas ah! como viver
Ausente dos olhos teus?
A cruel morte me espera,
Linda Gelia, adeus, adeus.

Existe o retrato de Caetano Pinto no palacio do governo de Cuyabá, retirado da casa da Camara de Villa Bella, hoje cidade de Matto Grosso, a qual em reconhecimento dos seus serviços, o mandára tirar e collocar na sua sala de honra.

Governo republicano de 1817

Posta em campo a revolução no dia 6 de Março de 1817, no dia seguinte, após a capitulação do governador Caetano Pinto de Miranda Montenegro, que se refugiára na fortaleza do Brum, regressa o exercito patriótico em triumpho para Santo Antonio, faz alto no campo do Erario, hoje praça da Republica e escolhe os eleitores que tinham de eleger o governo provisório da proclamada republica. Feito isto, sobem os eleitores para o edificio do Erario, e procedem a eleição do governo, o que consta do seguinte termo que logo se lavrou :

« Nós abaixo assignados, presentes para votarmos na nomeação de um governo provisório, para cuidar na causa da

patria, declaramos á face de Deus que temos votado e nomeado os cinco patriotas seguintes: da parte do ecclesiastico, o patriota João Ribeiro Pessoa de Mello Montenegro; da parte militar, o patriota capitão Domingos Theotônio Jorge Martins Pessoa; da parte da magistratura, o patriota José Luiz de Mendonça; da parte da agricultura, o patriota coronel Manoel Corrêa de Araujo; e da parte do commercio, o patriota Domingos José Martins; e ao mesmo tempo todos firmamos esta nomeação, e juramos obedecer a este governo em todas as suas deliberações e ordens.

«Dado na Casa do Erario, ás 12 horas do dia 7 de Março de 1817. Eu Maximiano Francisco Duarte o escrevi.—Luiz Francisco de Paula Cavalcanti.—José Ignacio Ribeiro de Abreu Lima.—Joaquim Ramos de Almeida.—Francisco de Brito Bezerra Cavalcanti de Albuquerque.—Joaquim José Vaz Salgado.—Antonio Joaquim Ferreira de S. Paio.—Francisco de Paula Cavalcanti.—Felippe Nery Ferreira.—Joaquim da Annunciação e Siqueira.—Thomaz Ferreira Villa-Nova.—José Maria de Vasconcellos Bourbon.—Francisco de Paula Cavalcanti Junior.—Thomaz José Alves de Siqueira.—João de Albuquerque Maranhão.—José Marinho Falcão».

Terminada a eleição, foi logo communicada ao povo, que irrompeu com grande enthusiasmo e aclamações, e o auto foi mandado lêr pelas ruas da cidade, em forma de bando, ao som de caixa.

Sem as formalidades de acto solemne de posse, começou desde logo a funcionar, no mesmo edificio do Erario, o governo que se acabava de eleger.

A eleição do governo provisório agradou immenso, e foi recebida com universal applauso; todos confiavam no criterio e patriotismo dos seus membros, até que a nova ordem de cousas se encaminhasse á se eleger um novo governo, segundo os planos da constituição que ia elaborar.

No dia 8 confirmou o governo no mesmo character de secretario, que exercia, a José Carlos Mairink da Silva Ferrão, e reconhecendo que o expediente seria muito, nomeou, para melhor ordem dos trabalhos, um outro secretario, que foi o Padre

Miguel Joaquim de Almeida e Castro ; e creou um conselho de estado, para auxiliar o governo em suas deliberações, para o qual foram nomeados os seguintes patriotas : Desembargador Antonio Carlos Ribeiro de Andrade Machado e Silva, Dr. Antonio de Moraes Silva, Dr. José Pereira Caldas, Deão Dr. Bernardo Luiz Ferreira Portugal, e o commerciante Gervasio Pires Ferreira.

No mesmo dia publicou o governo uma Proclamação para tranquilisar o povo, escripta pelo Pãdre Miguel Joaquim de Almeida e Castro, exhortando ao mesmo tempo os europeos e brasileiros a uma cordeal fraternidade, dando por acabadas todas as distincções odiosas, e não admittindo outras que não fossem as do talento, virtude e patriotismo.

O governo provisorio funcionou activa e regularmente, providenciando de accordo com as urgencias que a nova phase politica aconselhava, e tomando varias medidas de interesse publico, emquanto não veio a reacção realista, que fez proclamar a patria em perigo no dia 20 de Abril, e aconselhar a mudança de sede do governo, em face do bloqueio do porto pela esquadra portugueza ; e d'est'arte deixou a casa do Erario, onde campêa o palacio do Governo, e transferiu-se para o palacio episcopal da Soledade.

Aggravando-se a situação politica da republica, e quasi que perdida a causa da patria pela marcha accelerada de um forte exercito realista, já ás portas da cidade, dissolve-se o governo provisorio no dia 18 de Maio, e Domingos Theotonio Jorge foi aclamado dictador, concentrando em si todos os poderes.

No dia seguinte, em vista de não haver conseguido uma capitulação honrosa, de accordo com os termos propostos ao commandante em chefe da esquadra em bloqueio no porto do Recife, partiu o dictador com toda a tropa e os cofres publicos para Paulista, e no dia immediato evadem-se os principaes chefes, procurando cada qual a sua salvação individual, em vista da occupação da provincia pelas forças inimigas de mar e terra, e nenhum recurso para as debellar.

Regressa então para o Recife o capitão Manoel de Azevedo do Nascimento, com uma escolta conduzindo os cofres pu-

blicos, e os entregou intactos á competente auctoridade, sendo digno de menção, que continhão elles a elevada quantia de cerca de 500:000\$000 !

O commandante em chefe da esquadra, Rodrigo José Ferreira Lobo, desembarcou no Recife no dia 20 de Maio, assume o governo da provincia, e o dirige até o primeiro de Julho, quando o entregou ao governador nomeado, o general Luiz do Rego Barreto.



REVISTA

DO

Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano

VOL. XI

Setembro de 1904

N. 63

OS

DIALOGOS DAS GRANDEZAS

DO

BRASIL

APRECIÇÃO CRÍTICA

POR

J. CAPISTRANO DE ABREU (*)

Os esforços até agora tentados para levantar o anonymato dos *Dialogos das Grandezas do Brasil* têm sido perdidos. Para que aventar novas hypotheses? Antes tomar do livro e penetrar em sua intimidade, se podermos.

Os dialogos são em numero de seis. O autor nunca passou do cabo de Santo Agostinho para o sul; devem, pois, ter sido escriptos em uma das capitánias ao norte do

(*) Transcripto do *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro, de 24 de Setembro de 1901.

Os *Dialogos das Grandezas do Brasil* foram pela primeira vez integralmente impressos nos Nos. 28, 31, 32 e 33 desta *Revista*.

cabo. Destas apenas duas diz elle explicitamente ter visitado, e pelas abundantes informações mostra conhecer directamente: Peruambuco e Parahyba, — Tamaracá ficava a meio caminho e devia ser-lhe familiar.

Ha propabilidades a favor da Parahyba ser o lugar em que os *Dialogos* foram compostos.

Entre estas podem enumerar-se primeiramente as numerosas referencias a ella feitas, o modo desenvolvido por que é tratada: pouco mais de tres paginas tratam de Pernambuco, menos de quatro tratam da Bahia, ao passo que quasi cinco cabem á Parahyba. A' Parahyba attribue-se o terceiro lugar entre suas irmãs e aproveita-se qualquer pretexto para saliental-a: o administrador ecclesiastico, prelado quasi igual aos bispos nos poderes, é da Parahyba, esta, por conseguinte, a *cabeça espiritual* das capitánias do norte, a começar de Pernambuco; na organização judiciaria proposta para substituir a votação da Bahia, um corregedor com amplos poderes deve residir na Parahyba, *por ser cidade real*, e a elle serem subordinadas todas as justiças desde Pernambuco até Maranhão e Pará. Esta preferencia pela Parahyba não indica que á Parahyba o autor estava preso por laços muito particulares? Uma phrase escripta incidentalmente legitima a resposta pela affirmativa. «Vos hei de contar, diz um dos interlocutores, uma graça ou historia que succedeu ha poucos dias neste Estado sobre o achar do ambar. Certo homem ia a pescar para a parte da Capitania do Rio Grande em uma enseada que ahi faz a costa... » A menos que não se provasse que o autor escrevia no Ceará, o que está fóra da questão, *para a parte da Capitania do Rio Grande*, só se podia escrever na outra Capitania contigua, isto é, na Parahyba.

Se a capitania em que os *Dialogos* foram escriptos tão vagamente se designa que apenas probabilidades se podem apurar a favor de uma, não é mais precisa a indicação do lugar em que a scena passa. O primeiro dialogo põe certa tarde, *ex-abrupto*, dous individuos já conhecidos entre si em nossa presença: Alviano e Brandonio. Em frente á casa do ultimo trava-se a conversa. Estiverão

sentados? discorrião peripateticamente? Nada se pôde concluir. A conversa prolonga-se; sendo tarde, marcou-se o outro dia e lugar em que a pratica terminou para a continha. O mesmo se fez das outras vezes. Entre o terceiro e o quarto dia falhou Brandonio: a conversação reproduzida nos *Dialogos das Grandezas do Brasil* durou, portanto, sete dias, com um de descanso.

Quem erão Alviano e Brandonio? Por que foram escolhidos estes nomes? Conterão algum anagramma? Nem uma resposta se pôde formular. Parecem antes personagens symbolicos: um representa o reinol vindo de pouco, impressionado apenas pela falta de commodidades da terra; o segundo é o povoador, que desde 1583, veio para o Brasil, e, com as interrupções de varias viagens além-mar, ainda aqui estava em 1618, data da composição do livro. Tão abstractos são os personagens, que ás vezes sahem dos labios de um palavras que melhor condirião nos do outro.

A conversação irrompe sem preparo á vista de uma lanugem de monguba, passa aos motivos por que a terra é descurada, e após varios incidentes termina com a descripção summaria das diversas capitánias, desde o rio Amazonas até S. Vicente: tal o objecto do primeiro dialogo. O segundo começa por uma discussão mais erudita que interessante sobre a zona torrida e sua inhabitabilidade affirmada pelos antigos philosophos, desmentida pela experiencia; explica por que apesar de negros e americanos morarem nas mesmas latitudes aquelles têm a pelle negra e o cabello carapinhado, ao contrario destes, cuja epiderme é baça e cuja cabelleira é lisa; explora a origem dos americanos, exalta as excellencias do clima, enumera as poucas molestias vigentes do Brasil. O terceiro estuda as quatro fontes de riqueza do Brasil: lavoura de asucar, mercancia em geral, o trato do páo-brasil em particular, os algodões e madeiras. O quarto expõe a riqueza que se pôde angariar com o commercio de mantimentos, falla do mel, do vinho, do azeite, da tinta contidas nas arvores indigenas e descreve ligeiros quadros da vida vegetal. O quinto enumera os animaes, subordinados aos tres elementos em que vivem: ar, agua e terra; do elemento mais alevantado, do fogo não trata, diz Brandonio, «porque de todo o tenho por esteril, que a sa-

lamandra que se diz crear nelle entendo ser fabulosa, porque quando as houvera, nas fornalhas dos engenhos de fazer assucares do Brasil, que sempre ardem em fogo vivo, se deverão de achar». O ultimo dialogo refere no principio os costumes dos Portuguezes, porém a maior parte é consagrada á descripção dos Indios, com que termina a obra.

Antes de ir para o Velho Mundo, de onde só voltou passados quasi tres seculos, teria o livro do senhor de engenho parahybano sido aproveitado deste lado do Atlantico? Em outros termos: teria servido de fonte a alguns dos escriptores que tratárão dos mesmos assumptos? Frei Vicente do Salvador em sua *Historia*, terminada a 20 de Dezembro de 1627, umas vezes parece refutal-o, outras reproduzil-o com mais ou menos liberdade; como, porém, no livro do escriptor franciscano faltam muitos capitulos, exactamente os que tratam de entradas ao sertão da Parahyba e Pernambuco, de que nosso autor fez parte, a questão por ora não póde ser decidida.

No entender de Varnhagen, o autor dos *Dialogos* era brasileiro, e funda sua convicção em achar neste escripto mais de uma vez *nosso Brasil*. De facto assim é; e tambem se encontra *nossa Hespanha, nosso Portugal*, o que deixa bem patente a pouca força deste argumento subtil. O autor era portuguez; a leitura cuidadosa o attesta a cada passo e o proprio Brandonio o confirma explicitamente. Interrogado por que não secundou as experiencias de plantação de trigo, responde: *Porque se me communica tambem o mal da negligencia dos naturaes da terra*. Se fôsse natural da terra, a resposta seria dada nestes termos?

Era portuguez e do sul de Portugal, ou pelo menos lá passara muito tempo. Só assim se explica a importancia que attribue a «alguma restinga de terra que então (no tempo das navegações carthaginezas) continuava com uma illota situada na costa do Algarve, a que chamamos do Pecegueiro, na qual paragem por costumarem a continuas os atuns que por alli passam a desovar dentro no estreito, se tomam muitos hoje em dia». Teria reparado em cousa tão somenos um simples viajante?

Era homem de instrucção: conhecia o latim, a lingua lit-

teraria e scientifica da época e lêra os livros representativos da sciencia coeva: Aristoteles, Dioscorides, Vatablo, Juntino; sabia a historia, a geographia, a producção de Portugal e de suas colonias, e dispunha de intelligencia extremamente clara, cuja força se manifesta na precisão com que trata dos objectos, como por exemplo a polvora, o assucar, a farinha de mandioca, o papel; no modo por que subordina os factos mais diversos a categorias simples, como quando reduz os moradores do Brasil a cinco condições de gente, dos modos de adquirir fortuna a seis; distribue a vida animal pelos elementos, desfia a inutilidade do commercio da India e dispõe as arvores sylvestres em hortas e jardins (fim do dialogo IV).

Não era um espirito simplesmente contemplativo, occupava-o o lado pratico, a applicação possível. A larga navegabilidade do Amazonas suscita a idéa de aproveitá-la para as communicações com o Perú; a existencia de aves rapineiras lembra a caça de alenaria; mesmo a secreção mephitica da jaguatataca antolha-se aproveitavel na ordem militar; fazia ou mandava fazer experiencias por conta própria, preparou anil para mostrar que a terra podia dar do melhor, fez examinar em Portugal uma especie de madeira, que lhe pareceu propria ao preparo da tinta de escrever.

Como seus contemporaneos, tinha uma veia de credulidade, falla em palavras fortes, de encantamento; avisa que os pagés dos Indios não são legitimos feiticeiros; sobre certos animaes e mariscos, adianta affirmações bem singulares; mas era um espirito aberto aos factos novos; nas ultimas paginas ainda apresenta um facto a favor da origem vegetal do ambar, geralmente contestada naquelle tempo: a credulidade para elle era o principio da critica e da sabedoria.

Era finalmente um escriptor colorido, energico, vehemente, capaz de attingir a eloquencia; a phrase sabe ás vezes reforcida para acompanhar o vibrante da sensação; a força vegetativa do novo mundo sobretudo agitava-o vivamente. Um breve trecho do terceiro dialogo mostrará como elle sabia externar suas emoções.

« Certamente, diz Brandonio, que estimara muito não me metter em semelhante trabalho (tratar das madeiras) pelo muito que ha que dizer a respeito desta materia. Porque por toda

a parte que ponho os olhos, vejo frondosas arvores, entrebas-tecidas matas e intrincadas selvas, amenos campos, composto tudo de uma dóce e suave primavera; porquanto em todo o decurso do anno gosam as arvores de uma fresca verdura, e tão verdes se mostram no verão como no inverno, sem nunca se despirem de todo de suas folhas, como costumam de fazer em nossa Hespanha; antes, tanto que lhe cahe uma, lhe nasce immediatamente outra, campeando a vista com formozas paisagens, de modo que as alamedas e alamos e outras semelhantes plantas que em Madrid, Valhadlid e em outras villas e lugares de Castella se plantam e granjeam com tanta industria e curiosidade para formosura e vereação dos povos, lhe ficam muito atrás—quasi sem comparação uma cousa de outra. Porque aqui as matas e bosques são naturaes e não industriosos, acompanhados de tão crescidos arvoredos, que além de suas topadas, frescas folhas defendem aos raios do sol poder visitar o terreno de que gosam, não é bastante uma flecha despedida de um teso arco por galhardo braço a poder sobrepujar a sua alteza. E destas semelhantes plantas ha tantas e diversas castas que se embaraçam os olhos na contemplação dellas e somente se satisfazem com dar graças a Deus de as haver creado daquella sorte. Donde certamente cuido que, si neste Brasil houvera bons arborarios, se poderiam fazer de qualidade e natureza das plantas e arvores muitos volumes de livros maiores que os de Dioscorides, porque gosam e encerram em si grandissimas virtudes e excellencias occultas e enxerga-se o seu merito em algumas poucas dellas, de que nos aproveitamos. »

Procuremos agora enfeixar os dados dispersos através dos *Dialogos das Grandezas*.

Em 1618 os estabelecimentos fundados por Portuguezes começavam no Pará sob o Equador, terminavam adiante de S. Vicente, além do tropico.

Entre uma e outra capitania havia grandes espaços devolutos de dezenas de leguas. Para as bandas do sertão na facha da floresta, apontava quasi o mar a natureza intemerata. A população total cabia folgadoamente em cinco algarismos.

Assegura Brandonio que as tres capitancias do Norte po-

deriam por em campo mais de 10.000 homens armados, isto é, deviam contar pelo menos 40.000 almas. Palpavel exaggero : em todas as capitánias juntas mal passaria desta somma a gente de procedencia portugueza.

A camada infima da população era formada por escravos, filhos da terra e africanos. Aquelles apparecem em menor numero, em consequencia da população indigena ser pouco densa ; os Jesuitas e depois as outras ordens, mais ou menos, a exemplo destes, pregaram pela liberdade dos indios, tornando precaria sua posse ; finalmente, a experiencia tem demonstrado a superioridade dos Africanos para o trabalho.

«Neste Brasil, diz Brandonio, se ha creado um novo Guiné com a grande multidão de escravos vindos de lá que nelle se acham, em tanto que em algumas capitánias ha mais delles que dos naturaes da terra, e todos os homens que nelle vivem têm mettida quasi toda a sua fortuna em semelhante mercaderia. Todos fazem sua grangearia com escravos de Guiné, que para esse effeito compram por subido preço... o de que vivem é sómente do que grangeiam com taes escravos»...

Acima deste rebanho, sem terra e sem liberdade, seguiam-se os Portuguezes de nascimento ou de origem, sem terras, porém livres ; xaqueiros, feitores, mestres de assucar, officiaes mecanicos, vivendo de seus salarios ou do feito de obras encomendadas.

Vinham depois, já donos de terrenos, os creadores de gado vaccum. Seu numero era exiguo, exigia a importancia de sua classe. O territorio colonisado limitava-se quasi á zona da mata, onde o gado não prospera facilmente e cumpria defender os cannaviaes e outras plantações de seus ataques. Medidas defensivas tomáram-se mais tarde e já começavam a ser tomadas ; mas o desenvolvimento deste ramo, destinado a assumir tão vastas proporções ainda no decurso daquelle seculo, deve-se sobretudo ao afastamento do gado para longe da ourela littoranea, evitando a mata, procurando os campos e mais tarde certas catingas menos invias, separando a lavoura do que com alguma lisonja se poderia chamar industria criadora.

Os lavradores de menor cabedal ou terras menos ferazes, cultivavam mantimentos : milho, arroz, mandioca. Dos dous primeiros não faziam grande consumo as capitánias,—S. Paulo

era excepção quanto ao milho. No preparo da mandioca usavão de grande roda movida a mão para reduzir-a á massa, de prensa para enxugal-a e extrahir a tapioca ; a farinha cosia-se em alguidares ou tachos, — talvez no Rio de Janeiro, onde muito tempo preponderou esta produçção e este commercio, empregassem logo grandes fornos. Com tachos só se podia coser pouca farinha de cada vez ; por isso é natural que a safra não se colhesse toda numa estação como agora, porem durasse o anno inteiro. No tempo de Pero de Magalhães de Gondavo parece que se fazia farinha diariamente, a maneira de pão hoje em dia nas cidades mais povoadas. O alqueire, duas vezes e meia maior que o de Portugal, custava trezentos, duzentos e cincoenta réis, ás vezes menos no principio do seculo XVII.

E' provavel que fossem lavradores destes os que plantavam algodão, vendido a 2\$000 a arroba, depois de descarçado no machinismo rudimentar da machina, encontrado ainda agora no interior e descripto pelos viajantes europeos vindos depois da transmigração da familia real ; os que mandavam por páo-brasil e depois de debastado vendiam-no aos contratadores ao preço de 700 e 800 réis o quintal ; os que do sertão traziam madeira e depois de transformada em caixões vendiam-nos aos fabricantes de assucar á razão de 450 a 500 réis cada um, ou serrada em pranchões exportavam-na para o Reino. Um lavrador de mantimentos que reunisse todo esses achêgos podia luear tanto como um senhor de engenho de primeira ordem.

Engenhos havia movidos por agua e por bois ; servidos por carros ou barcos ; situados á beira mar ou mais afastados, não muito, porque as difficuldades de communicações só permittiram arcos de limitados raios ; havia-os sufficientes para produzir mais de dez mil arrobas de assucar e incapazes de dar um terço desta somma. Imaginemos um engenho schematico para termo de comparação : do schema os engenhos existentes divergiam mais ou menos, como é natural.

Devia possuir grandes cannaviaes, lenha abundante e proximo, escravaria numerosa, boiada capaz, apparatus diversos, moendas, cobres, fôrmas, casas de purgar, alambique ; devia ter pessoal adestrado, pois a materia prima passava por diversos processos antes de ser entregue ao consumo ; dahi certa divisão muito imperfeita de trabalho, sobretudo certa divisão

de produção. O producto era directamente remettido para além-mar; de além-mar vinha o pagamento em dinheiro ou em objectos dados em troca e não eram muitos: fazendas finas, bebidas, farinha de trigo, em summa, antes objectos de luxo. Por luxo podiam comprar os mantimentos aos lavradores menos abastados e isto era usual em Pernambuco, tanto que entre os aggravos dos pernambucanos contra os Holandezes capitulava-se o de por estes terem sido obrigados a plantar certo numero de covas de mandioca.

Tirando isto, o engenho representa uma economia autonoma; para os escravos tecia-se o panno alli mesmo; a roupa da familia era feita no meio della; a alimentação constava de peixe pescado em jangadas ou, por outro modo, de ostras e mariscos apanhados nas praias e nos mangues, de caça pegada no matto, de aves, cabras, porcos para as bandas do Sul, para as do Norte ovelhas principalmente, criadas em casa: dahi a facilidade de agazalhar convivas inesperados, e dahi a hospitalidade colonial, tão caracteristica ainda hoje de lugares pouco frequentados. De vaccas leiteiras havia curraes, poucos, porque não fabricavam queijos nem manteiga; pouco se consumia carne de vacca, pela difficuldade de criar rezes em lugares improprios a sua propagação, pelos inconvenientes para a lavoura resultantes de sua propagação, que reduzio este gado ao estrictamente necessario ao serviço agricola. Um trecho de Frei Vicente do Salvador esclarecia melhor a situação geral: «Não notei eu isto tanto, escreve o historiador bahiano, quanto o vi notar a um Bispo de Tucuman, da ordem de S. Domingos, que por algumas destas terras passou para a Côrte. Era grande caonista, homem de bom entendimento e prudencia e muito rico; notava as cousas e via que mandava comprar um frangão, quatro ovos e um peixe e nada lhes traziam, porque não se achava na praça nem no açougue, e se mandava pedir as ditas cousas e outras muitas a casas particulares lh'as mandavam. Então disse o Bispo: «Verdadeiramente que nesta terra andam as cousas trocadas, porque toda ella não é Republica, sendo-a cada casa». E assim é que estando as casas dos ricos (ainda que seja á custa alheia, pois muitos devem o que têm) providas de todo o necessario, porque têm escravos pescadores e caçadores que lhes trazem a carne e o peixe, pipas de

vinho e azeite que compram por junto, nas villas muitas vezes se não acha isto de venda».—*Hist. do B.* (1627) 1, 2.

Alguns dos senhores de engenho tinham lojas, ou alguns dos mercadores tinham engenhos,—para o caso presente é a mesma cousa; o característico na mercearia eram o commercio de consignação, que continuou ainda depois da independencia, o trafico de mascates que iam pelos lugares afastados, como ainda hoje, levar miudezas; e mais que tudo, as vendas a credito, ou pela permutação de generos. A vida economica tinha duas faces: nas transacções inter-nacionais ou antes inter-oceanicas era a moeda o typo a que tudo se referia; nas transacções internas dominaram o naturalismo economico, a permuta do genero contra genero, ou emprestimo de generos, e encontravam-se aqui todos os caracteristicos ou quasi que Hildebrand apurou para esta phase de humanidade.

«Quando os diversos haveres são permutados immediatamente á medida da superabundancia e da necessidade, existe a circulação natural, e todo povo começa a sua carreira economica pela economia naturalista. Della são particularidades caracteristicas:

1º Circulação de haveres lenta, geralmente localisada, extremamente irregular, por isso muito pouca divisão de trabalho;

2º Falta de capitaes porque fallecem meios para poupar e assim falta o impulso para a formação de capitaes;

3º Completa dependencia da natureza, apathia quanto ao futuro, oscillação constante entre a superabundancia e a penuria;

4º Falta a classe de capitalistas; mesmo depois de definidas as differenças de classe, só ficam em frente uns dos outros como factores unicos da producção os possuidores do solo e os trabalhadores;

5º Só a propriedade de terras dá poder e consideração; o trabalhador, que nada possui della, depende inteiramente do trabalho e fica adscripto á gleba, pela qual tem de prestar serviços forçados e pagar impostos naturalisticos; o Estado remunera o serviço pela concessão de terrenos; forma-se o Estado feudal;

6º A coação do trabalhador, a improbabilidade de me-

lhorar de condição difficulta todo progresso consideravel ; por isso vigora a maior estabilidade.» (1).

A falta de capitães restringia muito as manifestações da vida collectiva : não havia fontes, nem pontes nem estradas. As igrejas, as casas do Conselho, as cadêas eram feitas pelo Governo, ou com dinheiro vindo de além-mar, ou com impostos cobradas desapiedadamente. Para as casas e concertos de diversas obras não se podiam dispensar os subsidios do erario. Só as Casas de Misericordia deviam-se exclusivamente ou quasi á iniciativa particular, incitada talvez por motivos egoistas mais ainda que por altruismo. As sédes de capitánias, mesmo as mais prosperas, eram logarejos insignificantes ; a gente abastada possuia ahí predios, mas só os occupava no tempo das festas ; lojistas, officiaes tinham de accumular officios para viver com certa folga.

Ajunte-se a isto a desaffeição pela terra, facil de comprehender se uos transportarmos ás condições dos primeiros colonos, abafados pela mata virgem, picados por insectos, envenenados por ophidios, expostos ás feras, ameaçados pelos Indios, indefesos contra os piratas, que começaram a acudir apenas souberam de alguma roupa a roubar. Mesmo se sobejassem meios, não havia disposição para metter mãos a obras destinadas aos vindouros ; esfolava-se cruamente a terra ; tratava-se de ganhar fortuna o mais depressa possivel para ir desfrutá-la além-mar, onde se encontravam commodidades, abundavam attractivos, a crosta de civilisação não se empinava incontrastavel e perenne. Assegura Pedro de Magalhães que os velhos acostumados ao paiz daqui não queriam sahir mais, é possivel ; dos moços, a quem não intimidavam a demora e os perigos das largas travessias, de organismos rijos para os caprichos e carancas da zona temperada, testemunhas contestes affirmam o contrario. Como hoje o portuguez que viveu nesta ao voltar para sua terra ganha o nome de brasileiro, talvez então o mazonbo ido para a metropole torna com os fóros de lidimo portuguez, ou reinol, como então se chamava, e isto era mais um incitamento á viagem.

(1) J. Conrad, *Nationale Economie*, Jenna, 1898.

Desaffeição igual á sentida pela terra nutriam entre si os diversos componentes da população.

Examinando superficialmente o povo, discriminavão-se logo tres raças irreductiveis, oriunda cada qual de continente diverso entre as quaes nada favorecia a medra de sentimentos de benevolencia. Tão pouco apropriados a esta floração delicada, antolhavam-se seus descendentes mestiços, mesclados em porporção instavel quanto á reccita da pelle e á dosagem do sangue, medidas naquelle tempo, quando o phenomeno estranho e novo, em toda a energia do estado nascente, tendia a observação ao requinte e aticava os sentidos até exacerba-los, medidas e pesadas com uma precisão de que nem podemos formar idéa remota, botos como ficamos ante o facto consumando desde o berço, indifferentes ás pelles de qualquer aviação e ás dynamizações do seu sangue em qualquer ordinal.

Ao lado destes factores dispersivos de natureza ethnographica formavam outros mais de ordem psychologica. Tem sido notado que nas colonias geralmente se distinguem muito as pessoas de raça dominante nascidas na metropole e as nascidas na dependencia. Entre os nossos vizinhos da America latina os filhos de hespanhóes chamavam-se *criólos*, nome dado entre nós aos negros aqui nascidos; em Gôa os filhos de Portuguezes chamavam-se *castiços*; de nossa terra os nomes dos Portuguezes em diferentes pontos dariam materia a um glossario; naquelle tempo eram chamados *reinoes* como os filhos de Portuguezes aqui nascidos chamavam-se *mazombos*. A simples existencia do nome dá a entender uma especie de *capitis diminutio* (pelo menos a principio; mais tarde, o Padre Antonio Vieira, nascido aliás, no além mar, em uma carta diz-se *mazombo*). De ter isto realmente succedido pôde-se apresentar como prova o facto do Inglez Knivet, que passou do seculo 16° ao 17° amargando no captiveiro de Salvador Corrêa de Sá, chamar o filho deste, Martim de Sá, mulato; foi o termo de sua lingua que mais proprio lhe pareceu para exprimir a força de *mazombo*.

Parece que no Brasil a differença entre o indigena e o alienigena da mesma raça ainda passou adiante: *moleque* foi talvez o nome dado pelos Africanos a seus parceiros nascidos no aquem-mar; *caboclos* eram primitivamente chamados os in-

dios catechizados em aldeias pelos Jesuitas e seus rivacs de catechese.

Este estado centrifugo começou a ceder desde a terceira e quarta decadas do seculo XVII. Renois, mazombos, moleques, caboclos, mulatos, momelucos, curibocas, todas as denominações sentiam-se com todas as differenças que os apartavam irreductivelmente, mais proximos uns dos outros que dos Holandezes, e dahi a guerra que de 1624 a 1654 não se interrompeu enquanto o invasor calcou o solo da patria. O mesmo sentimento de solidariedade foi-se avigorando a ponto de que no primeiro e segundo decennios do seculo XVIII o Portuguez passou á categoria de inimigo, e rebentaram as guerras dos Mascates entre Pernambucanos e dos Emboadas entre os Paulistas.

Antes disto já se effectuara a fundição de Brandonio quando a respeito da terra assim dizia a Alviano :

« Condensó minha pouca memoria em vos dizer que isto se remediará quando a gente que houver no Brasil for por mais daquella que de presente se ha mister para o grangeamento dos engenhos de fazer assucares, lavoura e marcearia porque então os que ficarem sem occupação de força hão de buscar alguma de novo de que lançar mão, e por esta maneira se farão, uns pescadores, outros pastores, outros hortelões, e exercitarão os demais officios, dos que hoje não ha nesta terra na quantidade que era necessario houvesse. E com isto assim succeder, logo não haveria falta de nada, e a terra abundaria de tudo o que lhe era necessario, enxergando-se ao vivo a sua grande fertilidade e abundancia, com não ter necessidade de cousa nem uma das que se trazem de Portugal ; e quando o houvésse fôra de poucas. »

Os esforços até hoje tentados para levantar o anonymato dos *Dialogos das Grandezas do Brasil* têm sido perdidos. Para que aventar novas hypotheses ? A quem quizer tentar a aventura pôdem ser indicados dous rastros novos :

Diz Brandonio que em 1583 estava a seu cargo o recebimento dos dizimos de assucar da capitania de Pernambuco e accrescenta, que era então novo na terra. Entre os contratadores de dezenas da terra conhecemos Bento Dias de

Santiago, que entrou nas guerras de Duarte de Albuquerque Coelho, segundo donatario, feitas depois do embarque de Jorge de Albuquerque em 1565 (Frei Vicente do Salvador, *Historia do Brasil*, III, 15). Um alvará de 12 de Fevereiro de 1572 manda levar-lhe em conta certa quantia de dinheiro; outro de 23 de Dezembro de 1575 designa-o como contratador dos dizimos de Pernambuco e Itamaracá. Documentos existentes por cópia na bibliotheca do Instituto Historico mostram que Bento Dias do Santiago arrematou os dizimos de Pernambuco em 1576, 1577, 1578, 1582, 1583, 1594 e 1585. Nos ultimos annos arrematou igualmente os da Bahia. No de 1583 obteve uma moratoria de dez dias em seus pagamentos, equivalente aos dez dias supprimidos em Outubro do anno anterior, quando se poz em vigor o calendario gregoriano.

Bento Dias de Santiago, morador em Pernambuco desde 1565, não podia dizer-se novo na terra em 1583, e está fóra de combate; mas um documento de 1582 permite-lhe nomear escrivães para assistir á sahida dos assucares, outro de 1583 falla em seus feitores. O autor dos *Dialogos das Grandezas do Brasil* pôde ter sido seu feitor ou escrivão: pôde ter sido seu parente. Um dos historiadores da guerra pernambucana Diogo Lopes de Santiago, embora caprichosamente Barboza Machado o considere natural da cidade de Porto, o nome está indicando como pertencente á familia. Por que della seria a primeira pessoa amante de escrever?

B). Passemos ao outro rastro.

Barcia affirma que o autor dos *Dialogos* chamava-se Brandão, e era visinho de Pernambuco. Provavelmente concluiu isto da leitura do livro. A conclusão nada tem de repugnante: podia apresentar-se com o nome ligeiramente alatinado, como sem alatinamento apparece Garcia da Orta em seus *colóquios*, que o nosso auctor conhecia.

Os documentos contemporaneos fallão em diversos Brandões o que tem mais probabilidades, ou antes o unico a ter probabilidades a seu favor, chamava-se Antonio Fernandes Brandão, a respeito delle encontra-se o seguinte na *Historia* de frei Vicente do Salvador, e em uma sesmaria descoberta pelo meritorio Irineu Joffily.

Morava em Pernambuco em 1583, e acompanhou Mar-

tins Leitão em uma de suas expedições contra os Francezes e Indios do Parahyba, no posto de capitão de mercadores.

Antes de 1613 estabeleceu-se na Parahyba, foi por muitas vezes como capitão de infantaria á guerra contra os gentios Petiguares e Francezes.

Antes de 1613 possuia dous engenhos proximos á sêde da Capitania chamados *Inobi*, por outro nome de S.S. Cosme e Damião, e o do Meio ou S. Gabriel.

Em 1613 pedio para fazer outro engenho na ribeira de Gargaú, uma sesmaria, que de facto lhe foi concedida a 27 de Novembro de 1623.

Ignora-se quando falleceu ; já não era dos vivos quando os Hollandezes tomarão a Parahyba. Os herdeiros de Brandão emigrarão ; a Companhia das Indias Occidentaes confiscou os tres engenhos, vendeu-os a um negociante de Amsterdam chamado Isaac de Rasière, que ao Inobi chrismou Amistel, ao de S. Gabriel chrismou Middelburg, ao de baixo chrismou La Rasière.

Depois da restauração contra os Hollandezes os engenhos dos Brandões cahirão nas mãos de João Fernandes Vieira.

E' pelo menos o que assegura um parente de Andre Vidal de Negreiros, em cujas palavras Varnhagem se louva.



OS BRAZÕES D'ARMAS

DO

Brasil Holandez

1638

O uso de sellos e brazões d'armas—cuja origem se perde no alvorecer da Idade Média—apezar de bastante generalizado em Portugal, só muito raramente passou aos seus vastos domínios americanos, ao contrario do que succedeu nas possessões hespanholas do Novo Mundo, onde, já nos primeiros tempos da conquista, as varias circumscripções territoriaes e os diversos nucleos de população receberam officialmente distinctivos heraldicos.

No Brasil, se exceptuarmos os conferidos ás cidades da Bahia (1549) e do Rio de Janeiro (1565), vamos encontral-os pela primeira vez, numerosos e expressivos, durante a breve occupação da sua zona norte-oriental pelos Holandezes.

Refere *Barlaes* — e, traduzindo-o mais ou menos fielmente, todos os historiadores subsequentes—terem sido instituidos em 1539 e os descreve nos seguintes periodos:

«Para cada capitania engenhou (em 1639) o conde Mauricio de Nassou o seu brazão, e comprehendendo-os todos em um só escudo, fez um que indicava os limites do Brasil Holandez, para uso do Concelho Supremo (*Fig. 1*). Por cima deste brazão levantava-se o das Provincias Unidas da Hollanda, e na parte inferior occorria o symbolo da Companhia das Indias Occidentaes.

«Os mesmos braços das quatro capitánias, contidos em um escudo semelhante, formaram o braço do Concelho Político (*Fig. 11*), tendo por cima a figura da virgem Astréa, segurando em uma das mãos a espada vingadora dos crimes e na outra a balança reguladora das transações commerciaes.



Fig. 1

«A Camara de Pernambuco deu por braço uma donzella mirando-se em um espelho, tomada de admiração pela propria belleza, e segurando em uma das mãos uma canna de assucar, para exprimir por este meio a bondade e uberdade do sólo, com o nome da cidade de Olinda escripto por baixo. (*Fig. 2*).

«As outras Camaras de Pernambuco tiveram tambem os seus brazões proprios: Iguarassú (*Fig. 6*), Serinliãem (*Fig. 7*) Porto Calvo (*Fig. 8*) e Alagôas (*Fig. 9*).

«A capitania de Itamaracá ostentava no seu brazão cachos de uvas, em allusão a não haver em parte alguma do Brasil lugar que, como a ilha de Itamaracá, as dêsse tão bellas quão



Fig. 2

succulentas (*Fig. 3*): a da Parahyba tinha pães de assucar, ou por que produzisse assucar muito bom e afamado, ou por que nesta capitania, depois que nos foi sujeita, a fabricação do assucar começasse a fazer-se em maior escala e o valor dos engenhos augmentasse (*Fig. 4*). A capitania chamada do Rio Grande tinha por brazão um rio, á cuja margem via-se uma

avestruz, ave que se encontra em abundancia naquellas paragens.» (Fig. 5). (1).

Os brazões d'armas das Camaras de Pernambuco, não des-



Fig. 3

criptos por *Barlaeus*, eram assim concebidos: Iguarassí, tres carangueijos, ou mais propriamente *uratus*, em roquete (Fig. 6); Serinhãem, um cavallo a passo, com certeza allu-

(1) «Qui singulis Praefecturis suum commentus insigne, ex omnibus uno scuto comprehensis unum fecit, quod supremo Senatus ad usus esset, & terminorum Reip. Brasiliensis index. Supra hoc Foederati Belgii insigne attollebatur, characterque Societatis Occidentalis ima parte defluebat. Politico Senatus insigne fecere eadem quator provincia um insignia, pari scuto contenta, supra quod spectare ad Virginem Astroem, manu una gladium, alteralancem gerentem, illam scelerum vindicem, hanc mercantium regulam.

dindo aos excellentes animaes de sella então criados naquella comarca (*Fig. 7*); Alagôas, tres tainhas em faixa (*Fig. 9*),

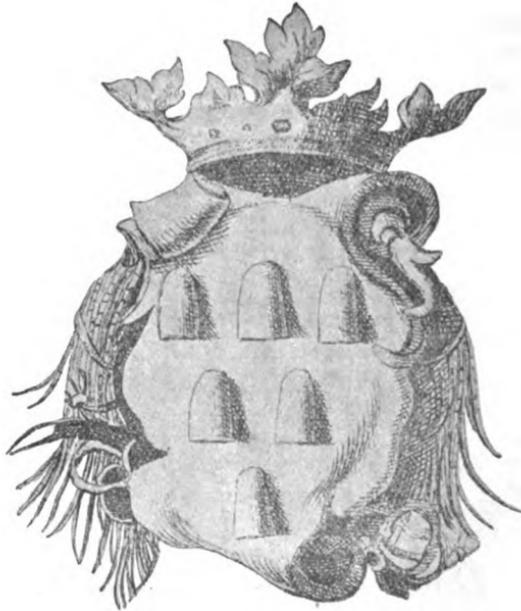


Fig. 4

Pernambucensis Curiae datum insigne, Virgo, defixis in speculum oculis & velut in formæ suæ admirationem raptæ, manu arundinem sacchariferam gestans quo schemata soli pulchritudo proventusque exprimebatur, adscripto civitatis Olinda nomine. Fuere & aliis Pernambuci Curiae, nempe in Igarazu, Serinhœma Portu Calvo, Alagoas, sua quoque propria insignia Præfectura Tamaricensis botrum pro insigné ostentabat, quiaaequè pulchrus et succulentos nulla Brasiliæ pars, ac Tamarica insula, ferebat. Parayba sacchareorum panum formas pyramidales præferebat, quod optimi & laudatissimi sacchari nutricula esset, aut quod dedita nostratibus provinciâ, major illic sacchari & molarum cæperit esse labor & precium.

Provincia Fluminis Grandis cognomine fluvio gaudebat, cujus ripam in imagine premebat Struthius, quarum avium maxima hic frequentia. »- GASPARI BARLEI rerum per cotennium in Brasilia super gestarum, sub præfectura illustrissimi comitis I. Mauritii Nassovici... historia.—Amstelodami, ex Typographico Ivannis Blave, 1647, in-fol., pag. 100.

e Porto Calvo tres outeiros representando a sua caracteristica orographica. (*Fig. 8*). (2).

Mas, naquellas descripções, como em tantos outros assumptos, o famoso panegyrista de Mauricio de Nassau foi pouco verdadeiro.

¶ Não só os alludidos emblemas são de data anterior á que lhes assigna-la, como tem significação symbolica um tanto diversa da que lhes attribuiu.

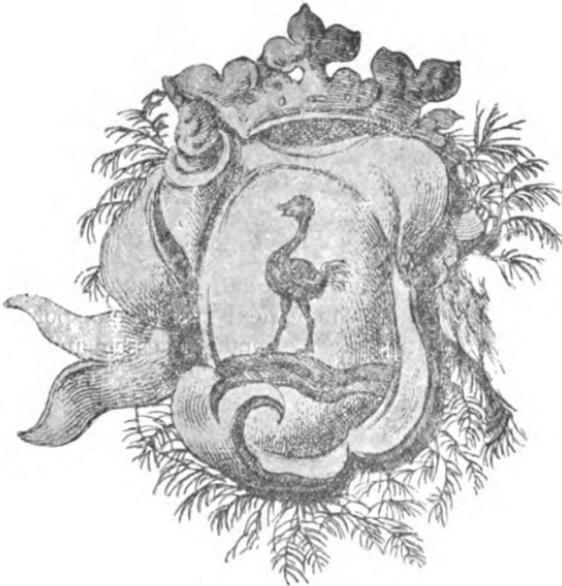


Fig. 5

Isto resulta do testemunho de um documento inedito de caracter official, e por isso digno de inteiro credito.

Do relatorio ou carta collectiva do Supremo Concelho do

(2) As estampas acima reproduzidas, sob os ns. 1-9, são fac-similes das de ns. 8, 11, 12, 15, 18, 27, 30 e 35 e do frontispicio gravado da primeira edição da obra de *Barlaeus*, com exclusão apenas de motivos ornamentaes exteriores sem significação heraldica.

Brasil, no Recife, á Assembléa dos XIV, em Amsterdam, á 6 de Outubro de 1638, traduzimos a seguinte passagem relativa ao assumpto.

«Havendo as Camaras de Justiça solicitado que lhes fos-

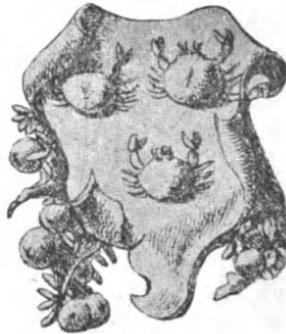


Fig. 6

sem concedidas armas, com as quaes sellassem as suas actas e mais papeis, S. Exc. (o conde de Nassau) se dispoz a organizar algumas armas que, de certo modo, tivessem analogia com a



Fig. 7

situação de cada capitania e expressassem algum dos seus característicos.

«Assim deu S. Exc. primeiramente a cada uma das quatro capitancias as suas armas, e reuniu-as depois em um só escudo

para constituirem as armas do Supremo Governo do Brasil (*Fig. 10*), tendo acima da corôa as armas dos Estados Geraes da Hollanda, com o emblema da Companhia das Indias Occidentaes (3) pendente das mesmas, circumdadas de uma grinalda de flôres de laranjeiras (4)».

« Da mesma forma as armas do Collegio do Concelho Politico ou Concelho de Justiça (*Fig. 11*) foram constituídas por um escudo contendo as armas das quatro capitancias, tendo



Fig. 8

por timbre uma donzella empunhando a espada e a balança symbolicas da Justiça.

« A capitania de Pernambuco tem uma donzella que admira a propria belleza em um espelho, symbolisando a formosura da terra e a situação e o nome da sua capital Olinda, e tendo na mão direita uma canna de assucar (*Fig 12*). »

« As outras jurisdicções de Pernambuco, como Iguarassú (*Fig. 16*), Serinhaem (*Fig. 17*), Porto Calvo (*Fig. 18*) e Alagoas (*Fig. 19*) têm tambem as suas armas.

(3) O emblema da Companhia das Indias Occidentaes era uma nau navegando de velas enfunadas.

(4) Allusão á casa de Orange (*Orangien*).

« A capitania de Itamará tem uns cachos de uvas, porque esta ilha produz as melhores uvas do Brasil (*Fig. 13*).

« Parahyba tem seis pães de assucar, porque ali se fabrica excellente assucar, ou bem porque depois da conquista dos seus engenhos pelo nosso governo é que começou a prosperar (*Fig. 14*).

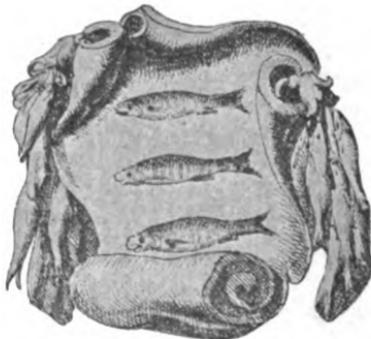


Fig. 9

« Rio Grande é symbolizado pelo respectivo rio, tendo á margem um avestruz, de que ha muitos ali (*Fig. 15*).

« Vs. Exs. queiram examinar estas armas e se dignarem de mandar abri-las em prata, um pouco menores do que os desenhos que a esta acompanham; não convem mandar abri-los em ferro, aço ou cobre, porquanto com a ferrugem aqui logo ficariam estragados » (5).

Foram provavelmente os alludidos desenhos que serviram

(5). *Brieven em Papieren uit Brazilie*:—Anno 1638. N. 21,

de modelo ás primitivas gravuras, reproduzidas no presente artigo sob ns. 10—19, e que trazem estes dizeres ou legendas :

N. 10.— Sel (*segel*) der Opper Regeeringe van Brasil (*Sel (sêllo) do Supremo Governo do Brasil*).

N. 11—Grt. (*groot*) Sel (*segel*) van den Raed der Ivsticie in Brasil.

(*Gr. (grande) Sel (sêllo) do Concelho de Justiça no Brasil.*)



Fig. 10

- N. 12.— Capitania van Pernambuco.
 » 13.— » » I Tamaraca.
 » 14.— » » Paraiba.
 » 15.— » » Rio Grande.
 » 16.— Camera » Igarasv.
 » 17.— » » Serinhaem.
 » 18.— » » Porto do Calvo.
 » 19.— » » Alagoas.

Estas antigas e rarissimas xylographias hollandezas, aqui reproduzidas em *fac-simile*, foram encontradas em meio de uma preciosa collecção de gravuras de medalhas pertencente aos manuscriptos do historiador *Gerard Schaep*, que tinha a intenção de dar á luz uma obra copiosa sobre sellos e medalhas, para a qual fizera gravar estas estampas.



Fig. 11

Sem duvida poucos exemplares d'ellas foram impressos e as chapas, de certo, inutilizadas, porquanto a obra jamais foi publicada ; além da serie que, por nossa iniciativa, adquirio este *Instituto*, só temos noticia da que existe em poder do illustrado e operoso numismographo suiso sr. Julius Meili, de Zurich.

Os livreiros Frederik Muller & C^o., de Amsterdam, offerecendo á venda a primeira destas series, acrescentaram, a algumas das informações precedentes, terem sido estas xylogra-

phias abertas por *Dirk de Bray* (6), pintor e gravador de Haarlem, que floresceu na segunda metade do século XVII.



Fig. 12

Entretanto, razões ponderosas nos obrigam a não admittir esta asserção.

Na *Description des estampes qui forment l'oeuvre gravé de Dirk de Bray*, organizado por *De Vis Blokhuyzen* e publicada



Fig. 13

(6) *American History & Geography.— Books and Mapps.— Amsterdam* (a. d.), pag, 80, n. 831.



Fig. 14

por *A. Y. Lamme*, em Rotterdam, no anno de 1870, não vêm mencionadas as gravuras em questão, e a mesma obra nos informa que o artista nasceu em 1640, o que exclúe inteiramente a possibilidade de, dez annos mais tarde, haver sido o autor de tão primorosos lavores, aos quaes se assignala a data de 1650.

Pensamos ser muito mais plausivel attribuil-as ao buril



Fig. 15



Fig. 16

de certo *H. Breckenveld*, gravador contemporaneo, cujos trabalhos, geralmente assignados com um simples *B*, têm porisso sido confundidos com os de *Dirk de Bray*.

Não é mais possivel determinar com exactidão quaes fôsem as primitivas côres ou metaes dos brazões d'armas do Brasil Hollandez, porquanto em nenhuma das gravuras vêm os esmaltes indicados por meio dos punctuados ou fundos conven-



Fig. 17



Fig. 18

cionaes : em alguns exemplares da edição *princeps* da obra de *Barlaeus* os escudos se acham coloridos á aquarella, mas, de modo arbitrario e, por vezes, em flagrante contravenção das regras da theoria do brazão.

Estas concessões, escreveu Varnhagen (7) referindo-se aos escudos d'armas que vimos historiando, cujo alcance não



Fig. 19

(7) *Historia das Lutas com os Holandezes no Brasil.*— Lisboa, 1872, pag. 178.

póde ser porventura apreciado pelo vulgo, tinham origem em pensamentos elevados, de representar tambem o paiz na arte heraldica, a qual se reduz a uma linguagem hieroglyphica e symbolica que falla ao coração e que por todos os homens civilisados é entendida, qualquer que seja a sua lingua.

Comtudo, logo após á restauração de 1654, estas insignias cahiram em completo olvido, e só modernamentæ as de Pernambuco, Itamaracá, Iguarassú e Serinhãem reappareceram, em 1858, adornando as sedulas do *Novo Banco de Pernambuco*; em 1892, figurando a primeira nas estampilhas fiscaes do Estado, da primeira emissão, e até bem pouco tempo nos diplomas deste *Instituto*.

ALFREDO DE CARVALHO.

—

O ASSEDIO DO RECIFE

EM

1821

Impressões duma senhora ingleza

(CONCLUSÃO *)

Quarta-feira, 3 de Outubro.—Voltei a bórdo na segunda-feira e, para desapontamento meu, os patriotas escolheram justamente aquella noite para atacar o posto avançado dos Afogados, de sorte que não vi o governador á frente das suas tropas marchar ao seu encontro, nem ouvi o hymno nacional entoado pelos regimentos ao desfilarem de volta d'uma feliz sortida (1). Hontem nada occorreu digno de nota; tivemos

(*) Vide o n. 69 desta *Revista*.

(1) Depois de escrever o meu *Diario* vi a narrativa official deste ataque á villa de Afogados. Foi uma expedição muito bem planejada; mas, as tropas bisonhas dos insurgentes foram facilmente expellidas, pelos veteranos de Luiz do Rego, da villa de que já se haviam apoderado tendo lançado uma ponte sobre um dos braços do Capibaribe.

Na mesma manhã, isto é, na de 1º de Outubro, a Junta Provisoria de Pernambuco officiou á dos patriotas de Goyanna, offerecendo paz, dizendo que, como fôsse o seu objectivo confessado a demissão de Luiz do Rego, este estava prompto a retirar-se; que já por duas vezes se offerecêra ao Conselho do Recife a fazel-o, e além disso havia escripto ás Côrtes pedindo que lhe nomeassem um successor e lhe permittissem retirar se; que o motivo que o levava a assim proceder era o desejo da paz e de conseguir a tranquillidade da provincia, tão agitada por estas dissensões intestinas.

Communicaram igualmente aos patriotas a chegada da *Dom Pedro* e asseguraram-lhes que as tropas trazidas por ella seriam unicamente empregadas na defeza do Recife.

a bordo o consul e negociantes inglezes para jantar, e o dia passou como taes dias costumam passar.

Tendo se sabido que os patriotas haviam recusado consentir que a roupa pertencente ao navio, mandada para os arrabaldes afim de ser lavada, voltasse para a cidade, determinou-se enviar alguém ao seu quartel-general no intuito de protestar contra este modo inconvenientissimo de prejudicar o porto. Obtive permissão para acompanhar os emissarios, e em consequencia fomos todos á terra logo depois do almoço.

O nosso primeiro cuidado foi arranjar passaportes e informar-nos das senhas; depois disto o capitão Graham com o coronel Cottar, principal ajudante de campo do governador, cavalgou conosco até o posto avançado, onde os deixamos, havendo combinado voltar para jantar em casa de Mr. Stewart e ali encontrar a familia de Luiz do Rego.

O nosso grupo constava de M. Caumont, na qualidade de interprete; Mr. Dance, portador da carta; meu primo Mr. Glennie, como meu cavalheiro, e eu. Era a primeira vez que tinhamos occasião de transpor as linhas; sentiamo-nos como collegiaes em férias, e tinhamos razão para isto: o scenario era ameno e aprazível e o dia tão bello quanto possível.

Pernambuco não é uma cidade murada; mas, cercam-na largos rios de forte correnteza e vastos estuarios, e só é accessivel pelas estradas e aterros; as trincheiras levantadas a tra vez dellas, para a actual defeza, são de ordem a deter por alguns minutos a cavallaria brasileira ou offerecer abrigo contra a mosquetaria; a sua principal defeza consiste, porém, no pantano na foz do Capibaribe, que na preamar fica inundado e se estende até quasi o Beberibe. Na margem do pantano ha uma

Insinuaram igualmente contarem com o auxilio das fragatas franceza ingleza então ali. auxilio que lhes fôra offerecido em attenção ás propriedades de subditos francezes e inglezes na cidade.

Ora, sei que semelhante auxilio jamais foi offerecido pela fragata ingleza; foi sclicitado, mas, qualquer interferencia da nossa parte foi negada, havendo-nos sido recommendada pelo governo a mais stricta neutralidade e apenas offereceu-se protecção *pessoal* tanto a inglezes, como a francezes e portuguezes; ambos os partidos naturalmente não ignoravam que a presença da fragata visava a protecção dos subditos ingleses.

estacada onde deixamos o ultimo posto dos realistas e nos despedimos dos amigos que nos acompanhavam. Depois de cavalgarmos atravez do pantano, que entre parenthesis é um terreno muito proprio ao cultivo do arroz, e está cercado de coqueiros e tamarineiros, chegamos á arteria principal do Capibaribe, um rio largo e fundo de forte correnteza; as suas margens são empinadas e a agua muito clara (2); marginam-no casas de campo, adornadas de pomares e jardins, presentemente abandonadas pelos seus proprietarios, que se refugiaram no Recife.

As cercas em ambos os lados da estrada eram feitas de folhas de palmeira e as mais antigas estavam cobertas de lindissimas trepadeiras como maracujá, clematis brancas, azues e amarellas, jasmins, rosas da China e muitas outras igualmente agradaveis á vista e ao olfacto. As vallas tambem pompejavam côres variegadas, mas cavalgavamos com demasiada pressa para que podessemos nos deter a colleccionar plantas; contudo prometti a mim mesma, d'outra vez, colher ao menos uma que parecia-se com o trevo dos lagos mas era d'uma brilhante côr de purpura.

Cerca de duas milhas além do ultimo posto avançado de Luiz do Rego encontramos o primeiro posto dos patriotas, numa casa de campo edificada numa encosta, onde se viam armas empilhadas junto á porta e uma especie de guarda esfarrapada, consistindo d'um negro jovial armado d'uma espingarda de caça, um brasileiro com um trabuco e dous ou tres outros individuos de côr duvidosa com cacêtes, espadas, pistollas, etc., que nos informaram haver ali um official.

Depois de parlamentarmos alguns minutos verificamos que o official não estava autorizado a receber a nossa carta, pelo que seguimos adiante sob a direcção do velho brasileiro com o trabuco que, indo a pé, nos ameaçava de fazer fogo caso tratassemos de cavalgar mais rapidamente do que elle andava.

(2) O Capibaribe tem um curso de quasi cincoenta milhas, mas só é navegavel até seis milhas do mar devido as corredeiras e cach-eiras da parte superior; tem duas embocaduras: uma no Recife e outra em Afogados. *Chor. Bras.*

O passo tardo com que avançavamos nos deixava lazer para contemplar as bellezas da primavera brasileira. Plantas brilhantes com passaros ainda mais brilhantes voejando em derredor, flores suavemente odoríferas, laranjeiras e limoeiros carregados de fructas sazoadas, formavam um bellissimo primeiro plano ás magnificas arvores silvestres que cobrem as planicies e revestem as encostas das collinas baixas nas vizinhanças de Pernambuco.

Aqui e ali descobre-se um pequeno espaço arroteado para o plantio da mandioca, nesta estação d'um verde exuberante; as choupanas de palha dos lavradores acham-se em geral á beira da estrada e, na maioria, cada uma tem o seu pomarsinho de mangueiras e laranjeiras.

Numa destas cazinhas encontramos um posto de guarda assaz consideravel estabelecido na intersecção de quatro estradas; ali deixou-nos o nosso guia pedestre e passamos a ser acompanhados por um joven official dos Caçadores brasileiros, de aspecto distincto, que nos entreteve pelo caminho chamando a Luiz do Rego de tyranno, e attribuindo o assedio do Recife inteiramente á obstinação do governador em não se alliar ao povo da provincia na tarefa de liberta-la do dominio do seu senhor.

Em volta do posto de guarda raparigas negras, com largos cêstos chatos nas cabeças, vendiam fructas e agua fresca: tinham coberto os seus cabellos lanudos e as bordas dos cêstos de grinaldas de althéa escarlata, e com os seus chales azul-claros ou brancos graciosamente atirados por sobre os seus hombros escuros e as suas saias brancas, offereciam um quadro como os primitivos conquistadores hespanhóes poderiam ter traçado do seu Eldorado.

Depois de cavalgarmos algumas milhas chegamos de repente ao sopé d'uma collina abrupta, em cujas fraldas viam-se espalhados grupos das arvores mais magnificas que jamais observei.

Ali deparamos com uma pequena patrulha que, depois de parlamentar com o nosso guia, antes nos ordenou do que nos convidou a proseguir.

Em poucos segundos chegamos a uma empinada barraoca de grez amarello, sombreada d'um lado por altas arvores e

aberta do outro para um lago cercado de collinas arborisadas, nas mais distantes das quaes os edificios brancos de Olinda scintillavam como neve.

No topo da barranca e no acto de descê-la, estava um grupo d'uns quarenta cavalleiros, empunhando um dos da frente uma bandeira branca; varios delles trajavam esplendidos uniformes militares, outros as vestes simples dos proprietarios ruraes.

Eram deputados da Parahyba em caminho para propor condicções a Luiz do Rego; acabavam de deixar o quartel-general do exercito sitiante, onde estacionava o governo provisorio de Goyanna, e vinham acompanhados d'uma guarda de honra; depois de trocados os cumprimentos, parte da guarda regressou connosco e os deputados seguiram o seu caminho.

Têndo alcançado o topo da collina deparamos com uns cem homens, toleravelmente armados mas extranhamente vestidos, á nossa espera, e ali nos demoramos enquanto o nosso guia se adiantava afim de pedir permissão para nos conduzir ao quartel-general. Lamentei não ter meios para esboçar qualquer parte da linda paizagem que, além dos admiraveis aspectos já mencionados, apresentava ali um largo rio sobre o qual passava uma branca ponte de pedra de varios arcos; numa das extremidades elevava-se uma grande casa, mais semelhante a um palacio, com arcadas e corredores, e em volta o acampamento do exercito patriota e os piquetes de cavallaria davam um estrepito e uma animação que raras vezes costuma adornar tão bello scenario.

O nosso guia regressou em breve com dezoito ou vinte soldados montados, de apparencia mais selvagem do que militar; a guarda apresentou armas, nos despedimos della e logo começamos a descer a trote a collina em direcção ao grosso das tropas.

Quando muito duzentos homens tinham armas e equipamentos de soldados; mas, havia trajas e armas de toda a qualidade: de couro, de panno e de linho, jaquetas curtas e longos capotes escossezes, e nas faces todas as cambiantes de côr, desde o pallido europeu ao africano côr de ebano.

Estes regimentos esfarrapados nos prestaram as honras militares, e fomos conduzidos para a praça do palacio onde



UMA REUNIAO DA JUNTA DE GOYANNA

(Apud: RUGENDAS.—Mal. Reise in Bras.)

Mr. Dance e Mr. Caumont se apearam, emquanto que eu resolvi aguardar o resultado da conferencia no pateo em companhia de meu primo.

Isto, entretanto, não foi permitido. Dentro de poucos minutos veio um homenzinho vivo, fallando toleravelmente o francez, e disse-me que o *governo* desejava a minha companhia. Suspeitei um equivoco entre as palavras governo e governador e procurei declinar a honra; mas, nenhuma desculpa foi aceita e o homenzinho, que se nos apresentou como secretario do governo (3) ajudou-me a desmontar e conduzio-me ao palacio. O vestibulo estava cheio de homens e cavallo, como uma cavallariça de quartel, excepto num canto que servia de hospital para os feridos nas ultimas escaramuças, e aos gemidos destes ultimos misturavam-se descortezmente as vozes alacres e ruidosas dos soldados.

As escadas estavam tão apinhadas que as subimos com difficuldade, e percebi então que nos iam achar diante do governo provisorio em estado completo. Na extremidade d'um longo aposento sujo, que outr'ora fôra bonito conforme indicava a forma das janellas e as esculpturas do tecto onde se lobrigavam vestigios de côres e de dourados, havia um velho sofá estofado de crina preta no centro do qual fui collocada, tendo d'um lado Mr. Dance e do outro Mr. Glennie; junto ao primeiro sentou-se o pequeno secretario e proximo a este o nosso interprete em vetustas cadeiras de espaldar; o resto da mobilia do aposento consistia de nove assentos de differentes fórmas e tamanhos collocados em semi-arculo em frente do sofá e occupado cada um delles por um dos membros do governo provisorio, que representam o papel de senadores ou de generaes conforme o exige a occasião.

A todos elles fui apresentada; os nomes de Albuquerque, Cavalcanti e Brederode surprehenderam-me; mas, ouvia-os imperfeitamente e esqueci quasi todos; alguns dos membros do governo trajavam bonitas fardas, outros as vestes mais modestas de agricultores.

(3) Era Felipe Menna Callado da Fonseca.

Communicaram-me cortezmente que não tinha querido tomar conhecimento da carta enquanto eu esperava em baixo; mas, logo que nos sentamos o secretario leu-a em voz alta.

Em seguida, em vez de attender ao conteúdo da carta, começou um longo discurso expondo a injustiça do governo e do governador portuguez para com o Brasil em geral e os pernambucanos em particular; que no intuito de resistir a semelhante injustiça haviam constituido o presente respeitavel governo (e apontava para a Junta) sem pretender o menor detrimento aos direitos do rei; que de certo elles não poderiam ser chamados rebeldes, porquanto marchavam sob o estandarte real de Portugal, mas que Luiz do Rego podia razoavelmente ser estigmatizado como tal, porque fizera fogo contra aquella bandeira.

Proseguiu então numa longa arrega sobre os principios gerues do governo; mas, como eu pouco entendia da lingua, a sua oratorio ficou perdida para mim bem como para os meus companheiros; não duvido, porém, que servio para inculcar no animo da respeitavel Junta uma idéa superior da intelligencia e facundia do seu secretario: no conjuncto o discurso fez-me lembrar algumas das mais bem escriptas proclamações carbonarias da Italia, e havia no ar, nos gestos e na scena um certo que de semelhante ao que imaginamos sejam as reuniões publicas daquelle povo mal dirigido e maltratado. (4).

Conversamos depois muito tempo em francez com o secretario, que repetia cada palavra á respeitavel Junta, e por fim conseguimos fazel-o attender a um pedido de permittir a volta

(4) Lamento extremamente ter então ignorado a lingua portuguesa. Soube depois que havia na provincia muitos motivos serios de queixa. Não pretendo fallar desrespeitosamente das reuniões populares dos brasileiros; ellas tinham em vista os melhores intuitos: independencia nacional e liberdade civil á sombra de leis reformadas. O primeiro objecto já lhes foi assegurado pelo seu imperador constitucional, o ultimo vae se desenvolvendo sob o seu governo; só o tempo pode aperfeiçoal o.

Felis teria sido a Italia se as suas renniões populares houvessem tido o mesmo caracter moderado das do Brasil, e ainda mais felis se tivessem encontrado no seu principe um defensor e protector.

da nossa roupa de bordo e outro de abastecer o navio de refrescos.

Estavamos pagando na cidade quarenta patações por um boi; concordaram os da Junta que poderíamos obter os dez patações por cabeça se mandássemos botes buscar os no Rio Doce ou Paratibe (5) que é a foz dum pequeno rio ao norte de Olinda. Não devo deixar de mencionar que se offereceram a consentir que levassemos refrescos para os nossos amigos inglezes e francezes na cidade.

A Junta mostrava-se extremamente anciosa por saber se havia probabilidade da Inglaterra reconhecer a independencia do Brasil, ou se tomaria parte na lucta, e ainda outras cousas sobre as quaes o secretario não cessava de nos interrogar. Os patriotas uzam naturalmente de linguagem violenta para com Luiz do Rego, á medida que elle cumpre o seu dever de militar, mantendo-os a distancia com um punhado de homens; como todas as opposições elles podem discorrer sobre principios geraes, porquanto não experimentam o embargo da acção e o conflicto dos interesses particulares com a direcção e o cumprimento duma missão.

Eu estava sentada diante de uma das janellas da sala do conselho e observára que o sol já começava a se esconder, pelo que levantei-me para partir, tendo recebido do secretario uma nota determinando aos officiaes dos postos avançados que não oppuzéssem obstaculo á passagem de qualquer cousa pertencente á fragata de S. M. Britannica *Doris*. Mas, não nos permittiram partir sem um convite cordeal para ceiar e passar a noite; troxeram então um grande pocal no qual despejaram uma garrafa de vinho, com quasi outro tanto d'agua, e m'o offereceram em primeiro logar, passando depois ás mãos de todos os quatroze. Por este tempo a guarda pegou em armas, a musica tocou o hymno nacional, que todos ouvimos descobertos, e montamos a cavallo em meio daquelles homens de aspecto selvagem, naquella extranha mas aprazivel paisagem, justamente quando as nevoas da tarde começavam a velar as terras

(5) No Rio Doce Brito Freire e Pedro Jacques desembarcaram para auxiliar Vieira na restauração de Pernambuco.

baixas e a purpura brilhante do sol no occaso dourava as grimpas da florestas.

A nossa volta foi muito mais rapida do que a ida.

A tarde estava fresca e os cavallos soffregos por voltar ; mas, só alcançamos a caza de Mr. Stewart duas horas depois do sol posto, onde soubemos que, depois de nos esperarem até as seis horas, o capitão Graham insistira para que fôsse servido o jantar. O governador estava inquieto e offereceu-se para mandar um destacamento de Caçadores á minha procura, conforme amavelmente disse, o que naturalmente foi recusado, assegurando a capitão a S. Exc. que se os patriotas detivessem o seu tenente elle iria buscá-lo com a sua propria gente, e que quanto a mim, emquanto eu estivesse com os meus dous companheiros ; elle nada tinha a receiar. Fomos acompanhados na volta, até quasi as linhas da cidade pelo mesmo official que fôra nosso companheiro na ultima parte da nossa excursão ao quartel-general ; ao contarmos isto ao governador este mostrou-se penalizado por não sabermos o nome do mesmo official, para no caso de algum dia poder ser-lhe util, assim fazê-lo.

Uma amena conversação sobre as peripecias do nosso passeio, uma ceia cordeal e um pequeno concerto terminaram o dia, que ao conjuncto foi para mim agradabilissimo.

Quinta-feira, 4 de Outubro.—Recebi á bordo Mme. do Rego, uma de suas filhas, Miss Stewart e varios cavalheiros.

A maior parte dos convivas ficou enjoada devido ao jôgo do navio, agitado pela forte ressaca do ancoradouro. Mostraram-se, entretando, muito encantados com a sua visita, particularmente com os fogos de artiñicio que, por occasião da partida, soltamos em honra ás senhoras que d'antes nunca tinham estado á bórdo duma fragata ingleza.

Sexta-feira 5 de Outubro.—De accordo com a combinação feita, na Quarta-feira, com os officiaes patriotas, uma lancha e o segundo cutter seguiram para o Rio Dóce afim de receber gado e outras provisões. Os officiaes e marinheiros foram muito amavelmente recebidos e voltaram com muitos presentes de viveres e legumes, que os patriotas os obrigaram a aceitar. Uma banda marcial recebeu-os no desembarque e conduziu-os ao logar do encontro com os chefes.

Messrs. Biddle e Glennie, quando levantavam plantas

proximo ao Cabo de Santo Agostinho (6), foram detidos como prisioneiros, por algumas horas, por um destacamento patriota ; mas, como parece ter sido com o unico fito de extorquir dinheiro e acto dum subalterno, não se tomou conhecimento do incidente.

Sabbado, 6 de Outubro.—A fragata fez de vela para um cruzeiro e, sendo possível, achar um ancoradouro mais tranquillo. Mr. Dance seguiu para o Rio Dôce com um destacamento em busca de provisões. A ressaca no ponto de desembarque era tão forte que os obrigou a tomar canôas, deixando os botes fundeados a alguma distancia da praia. Uma guarda de hora com uma banda marcial os aguardava como da primeira vez, e foram além disto instados para jantar com o commandante do posto, o que aceitaram alegremente.

A sala de jantar era uma longa cabana feita de madeira e coberta de folhas de palmeira ; no centro havia uma comprida meza sobre a qual estendia-se uma toalha muito limpa e de bello desenho ; as poucas cadeiras que no logar foi possível arranjar foram reservadas aos estrangeiros e o resto das convivas conservou-se de pé durante a refeição. Aos estrangeiros, tambem, foram dados garfos e colheres, mas a sua falta não pareceu incommodar aos brasileiros. A cada pessoa foi servida uma tijella de bom caldo de vacca *bien doré* ; o quanto ao mais cada um mettia a mão no prato. Dous pratos principaes occupavam o centro da meza : um — uma especie de bandeja — contendo um montão de farinha de mandioca crúa, e o outro uma piha de peixes preparados com azeite, alho e pimenta ; cada um dos convivas começou por derramar no seu caldo uma porção de farinha até fazê-lo adquirir a consistencia duma papa e servindo-se então de peixe, que cortavam em pequenos pedaços, mergulhavam-no na papa e comiam-no com os dedos. Em volta dos dous principaes pratos havia outros muitos mais

(6) E' a ponta mais oriental do continente sul-americano. Tem dous pequenos portos cada um dos quaes é defendido por fortins, e possui uma capella afamada consagrada a de N.ª S.ª Nazareth.

saborosos : emguias fritas com hervas aromaticas, caranguejos guizados com vinho e pimenta e outros da mesma especie.

Nestes tambem cada um mettia a mão indiscriminadamente e mergulhava o pedaço na sua tijella, dando aos nossos officiaes o exemplo de comer este substituto do pão de trigo, e de engulir, sem attender ao asseio e á ordem, toda a sorte de iguarias misturadas uma com as outras e tocadas por toda as mãos. Depois de jantar um escravo trouxe uma bacia de prata com agua e toalhas e após ergueram-se muitas saúdes, terminando o entretenimento com vivas e sendo os officiaes acompanhados pela guarda e a banda de musica até a praia, onde os bois estavam promptos para serem embarcados, e escravos aguardavam os inglezes afim de carregar-os atravez da ressaca para as canôas, que os levaram aos botes. Na sua volta vi pela primeira vez a pitanga, uma baga de que se faz um doce excellente ; cresce num bello arbusto difficil de distinguir, quer na folha quer na flôr, do myrto de folha larga ; a baga é do tamanho duma avelã e dividida e colorida como o tomate vermelho. Mr. Dance trouxe-me tambem um lindo periquito verde que, com a sua plumagem de esmeralda e olhos scintillantes, foi o animalsinho mais manso e galante que jamais vi (7).

Domingo, 7 de Outubro.— Continuamos cruzando entre Olinda e o Recife, e alarmamos alguns dos nossos amigos em terra navegando em volta do banco Inglez, cousa até hoje julgada impossivel para um navio tão grande.

Segunda-feira, 8 de Outubro.— Hoje ao fundearmos, soubemos que entrarão em um accordo com os patriotas, pelo qual os seus deputados tomarão assento no conselho e parte igual na administração ; em compensação elles se comprometteram a retirar as tropas sitiantes e a deixar Luiz do Rego á frente

(7) Toda a tribu dos papagaios é bonita no Brasil ; mas, nem os papagaios nem os periquitos fallam bem. Ent-entanto não ha navio negreiro que não traga da Africa um ou doos papagaios cinzentos, de sorte que na cidade elles são tão numerosos como os passaros indigenas, e muito mais ruidosos, pois, fallam sem cessar.

dos negocios militares até a chegada dos proximos despachos de Lisboa.

Estas medidas pacificas fõram alcançadas pelos deputados parahybanos que encontramos na Quarta-feira.

Terça-feira, 9 de Outubro.—Mr. Dance, Mr. Glennie e eu fomos encarregados de conduzir um grande grupo de aspirantes que ainda não tiveram opportunidade de ir á terra, a passar o dia na ilha dos Coqueiros, situada uma bõa milha para o interior do porto e dentro do recife.

Ao passarmos ao longo da rocha observamos que está coberta de algas, polypos, conchas e lepas, e incrustada duns bivalvos brancos menores do que ostras ou mariscos, mas contendo um mollusco semelhãnte ao ultimo no aspecto e ao primeiro no sabor. Não haviamos calculado exactamente o effeito da maré na altura do porto em que fica a ilha dos Coqueiros, e em consequencia disto encalhamos no canal exterior, a distancia consideravel da praia.

Os marinheiros transportaram-me por sobre uma corõa de areia para dentro da canõa e depois carregaram-me até a praia; os aspirautes vadearam, e os officiaes e os botes com as tripolações seguiram adiante á procura d'uma passagem mais funda por onde se nos podessem approximar com as provisões.

No entretanto os rapazes e eu tivemos bastante lazer para examinar a ilha; é perfeitamente plana, coberta de areia branca, e tem as margens semeadas de fragmentos de conchas e coraes; como o seu nome indica é um bosque de coqueiros, excepto no logar que o seu actual occupante desbravou para fazer uma horta e viveiros de peixe. Estes ultimos são muito extensos, e como garantem um supprimento de peixe quando o mau tempo no porto exterior impede as canõas de saír, fornecem bom lucro ao seu proprietario.

A horta produz legumes, tanto europeus como brasileiros, de excellente qualidade; as arvores fructiferas vingam tambem ali perfeitamente (8). Nas escavações para os viveiros

(8) Toda tribu das laranjas e limões, mamões, cajús, melões, melancias, romões e goyabas.

observei debaixo da areia uma pingue terra preta, cheia de materias vegetaes em decomposição e que provavelmente torna esta ilha, arenosa na apparencia, tão fertil.

Os viveiros estavam em parte cobertos de lyrios brancos e outras plantas aquaticas do paiz.

Toda a ilha é abundante em bonitos arbustos e flores brilhantes (9), sobre as quaes o colibri, aqui chamado *beija-flor*, com as suas azas de saphira e peito de rubim, paira constantemente, e as borboletas multicores rivalisam com elle e as suas flores em colorido e belleza.

Os proprios reptis eram ali bonitos, com especialidade a cobra e o lagarto, pelo menos na côr.

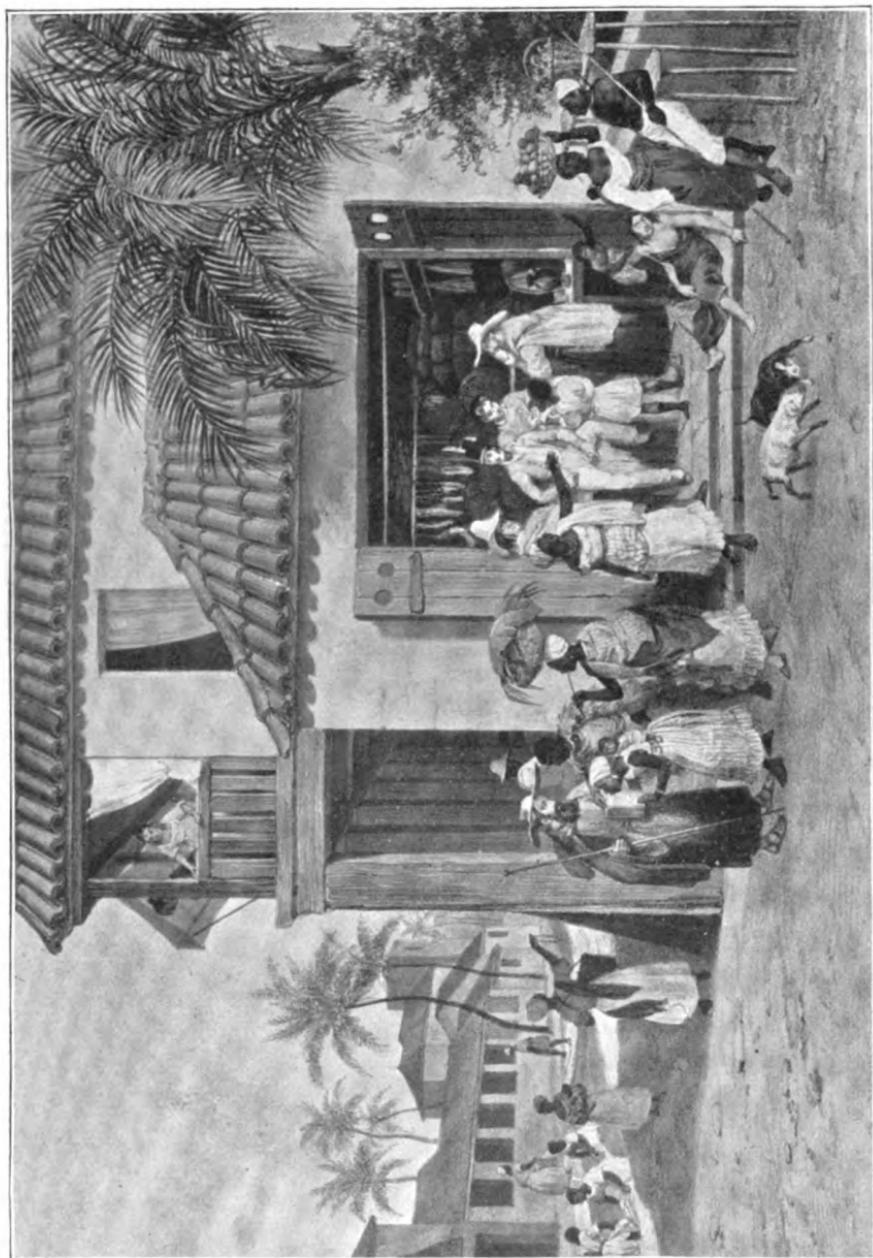
Achamos uma grande lagarta hirsuta, cada um de cujos pellos se dividia em cinco ou seis hastes; os anneis do corpo eram vermelhos, amarellos e brunos, e o povo do logar cré que ferem os peitos das vaccas e impedem-nas de dar leite, se não é que o sugam; por isto são aqui muito detestadas, porquanto, a parte da ilha que não contém hortas, serve de pastagens e fornece grande parte do leite para o consumo do Recife.

Emquanto procuravamos illudir a fome examinando a ilha e bebendo agua de côco e admirando muitas couzas vulgares, comquanto novas aos nossos olhos inexperientes—e taes eram os da maioria do grupo—os nossos botes faziam uma grande volta e finalmente as dez horas desembarcaram as nossas provisões, quando almoçamos alegremente sob uma vela estendida á sombra dos coqueiros.

Em seguida os rapazes mais velhos, com as suas espingardas, acompanharam Mr. Dance e o capitão d'um navio mercante, que se offerceu para *cicerone*, afim de passarinhar; os mais jovens ficaram commigo a colher flores, apanhar legumes e, com o auxilio da tripolação dos botes, a dirigir os preparativos do jantar.

A's quatro horas os caçadores voltaram trazendo pica-paus de crista vermelha, pintasilgos de varias côres, beija-

(9) O terro de Madagascar é o mais commum, e quasi todas as trepadeiras papilionaceas e em forma de campana; os maracujás são tambem abundantes.



UMA VENDA NO RECIFE EM 1821

(*Apud*: RUGENDAS. — Mal. Reise in Bras.)

flores, pegas amarellas e pretas, e outros passaros de brilhante plumagem e formas delicadas, inteiramente novos para nós.

Uma reunião mais jovial jamais se viu, mas, o melhor da expedição ainda nos aguardava.

A maré era então favoravel, e deliberamos commetter um acto de loucura; em vez de voltarmos para bordo pelo porto interior, o que nos tomaria mais tempo do que o ainda disponível, varamos pelo abertura do recife conhecida por Passagem das Gaivotas, porque poucas couzas além dos passaros podem transpol-a.

Em primeiro logar seguio o bote do navio mercante, depois a nossa canôa, e como eu estivesse na pópa do bote grande que devia seguil-os, foi bello, comquanto um pouco tremendo, vél-os se precipitarem atravez da resaca espumante entre as rochas, e reapparecerem além em segurança sobre a vaga, nem foi menos intensa a sensação quando tivemos de imital-os.

Ha sempre uma certa sensação de triumpho em vogar sobre as aguas; mas, quando se acham agitadas por tempestades ou rochas e escolhos as tornam perigosas, o triumpho attinge ao sublime, e ha nelle um secreto temor, se bem que não do oceano, e um exalçamento d'alma para aquelle que fez o oceano e deu ao homem intelligencia para dominal-o.

Não me envergonho de dizer que, ao olhar para os meus jovens protegidos, quando Mr. Dance murmurou: «Fiquem quietos e nada digam» e avançando para a prôa gritou para o homem do leme: «Firme!», tive um momento, comquanto só um momento, de extranha anciedade.

Mas, num instante operamos a passagem e em breve abor-davamos a fragata, onde fomos louvados por ter realiado o que dantes poucos haviam feito, e mostrado a possibilidade de fazel-o com segurança, podendo de futuro vir a ter importancia saber-se que é possível fazel-o.

Quarta-feira, 10 de Outubro.—Fomos a terra pela primeira vez depois do armisticio. Os canhões foram removidos das ruas e algumas lojas reabriram; os negros não são mais detidos portas a dentro e os padres reappareceram; os seus largos chapéos e amplos capotes dão-lhes importancia em meio da multidão, agora atarefada e activa, parecendo querer reha-ver para o commercio o tempo perdido durante o assedio.

Fiquei surprehendida com a grande preponderancia da população preta.

Segundo o ultimo censo a população de Pernambuco, incluindo Olinda, era de setenta mil almas, dos quaes não mais d'um terço são brancos e o resto mulatos e negros.

Os mulatos são, geralmente fallando, mais activos, industriosos e alegres do que qualquer das outras classes; têm accumulado grande fortunas em muitos casos, e estão longe de ter posto embaraços á causa da independencia.

Poucos dos negros livres tem ficado ricos; um negro livre, quando a sua horta ou loja o tem indemnizado do seu trabalho permittindo-lhe adquirir para elle e a mulher bellos trajes pretos, collares e pulseiras para a consorte, fivellas de ouro para os sapatos e ligas com fechos do mesmo metal afim de realçar as meias de sêda, raramente continua a trabalhar, satisfazendo-se com obter o sustento diario.

Muitos, de todas as côres, quando conseguem comprar um escravo, entregam-se ao descanço livres de qualquer cuidado; fazem o negro trabalhar ou mendigar para elles, e emquanto podem comer o seu pão em paz, pouco cuidam em saber como é adquirido.

Os portuguezes da Europa são extremamente zelosos em evitar casamentos com brasileiros natos, e preferem entregar as suas filhas e fortunas ao ultimo dos caixeiros europeus do que ao mais rico e benemerito brasileiro; comprehenderam o prejuizo, senão o mal, que cauzaram ao paiz e a si proprios com a importação de africanos, e agora, sem duvida, prevêem com terror a possibilidade d'uma revolução que liberte os escravos da sua autoridade e, declarando-os iguaes a todos os homens, os autorize a resentir as offensas que ha tanto tempo e tão pacientemente tem supportado.

Quinta-feira, 11 de Outubro.—Como tudo parece estar pacificamente regulado entre os chefes realistas e patriotas, estamos nos preparando para deixar Pernambuco, não sem pezar, porquanto fomos amavelmente tratados pelos portuguezes e hospitaleiramente acolhidos pelos nossos patricios.

Fomos a terra afim de nos provermos dos objectos necessarios ao conforto na continuação da viagem.

Entre estes comprei uns dôces excellentes feitos no interior e trazidos ao mercado em elegantes barrisinhos de madeira, contendo seis a oito libras.

E' surprehendente o pezo que, de distancias de duzentas e trezentas milhas, trazem os pequenos e magros, mas muito velozes, cavallos do paiz; os cavallos de carga não são ferrados, bem como os de sella; estes ultimos estão em geral acostumados a uma especie de passo ligeiro, commodo em si, mas não muito agradável a principio ás pessôas habituadas a cavallos inglezes.

Vi e provei hoje carne-secca, o *charqui* da Sul-America hespanhola; parece, quando pendurada em mantas nas portas das lojas, com pedaços de couro grosso esfarrapado; preparam-na cortando a carne em longas tiras, limpas dos ossos, que são ligeiramente salgadas, comprimidas e seccas ao ar.

Neste estado bem poderia servir de xairol aos buccaneiros que, segundo reza a tradição, temperavam a carne debaixo das sellas.

Não obstante tudo isto a carne é boa.

Aqui o modo commum de uzal-a é cortando-a em pequenos quadrados e cozendo-a no caldo de mandioca, o que constitue o principal alimento da população pobre e dos escravos.

Terminadas as compras fui visitar uma familia portugueza, e como era a primeira caza particular portugueza em que penetrava estava curiosa por notar a differença entre ella e as cazas inglezas aqui.

A construcção e disposição geral do predio eram as mesmas, differindo apenas o salão com ser mais bem mobiliado, com moveis inglezes e até um bonito piano de Broadwood; a sala de jantar, porém era de aspecto completamente estrangeiro: cobria o soalho um oleado e das paredes pendiam gravuras inglezas e pinturas chinezas sem distincção de assumpto nem de tamanho.

Numa das extremidades da sala havia uma longa meza, coberta com uma caixa de vidro contendo um grande grupo religioso de figuras de cêra, todo um presepio, com anjos, os tres reis e tudo cercado de musgo, flores artificiaes, conchas e contas, e envolto em nuvens de gaze e de tafetá semeadas de es-

trellas de ouro e prata; Santo Antonio e S. Christovão assistiam á direita e a esquerda.

O resto da mobilia consistia de mezas e cadeiras communs e d'uma especie de bufête ou aparador; do tecto pendiam nove gaiolas cada uma com o seu pequeno habitante: canarios, pintasilgos cinzentos de voz quasi tão bella e a linda viuvinha eram os passaros favoritos.

Em gaiolas maiores havia num corredor mais papagaios e periquitos do que eu suppunha agradavel numa só casa; mas, eram passaros bem criados e raras vezes gritavam todos ao mesmo tempo. Assim que nos sentamos na sala de jantar nos trouxeram bolos, bolachinhas, vinho e licores, estes em calices minusculos; depois a cada pessoa foi offerecido um copo d'agua, e insistiram para que a provassemos por ser a melhor do Recife, provindo duma fonte no jardim do convento de Jerusalem, a duas milhas da cidade; da dona da caza soube que as jarras porosas para resfriar agua aqui uzadas são feitas nas vizinhanças da Bahia, não havendo aqui outros objectos manufacturados alem dum panno grosseiro de algodão para vestir os escravos. O aspecto e as maneiras da familia que visitamos, sem serem inglezas nem francezas, eram de pessoas perfeitamente educadas, e os vestidos muito semelhantes aos da Europa civilisada, com excepção dos homens que traziam jaquetas de algodão em vez de cassacos de panno e estavam sem gravatas; entretanto, quando saem á rua trajam como os inglezes.

De volta da nossa visita encontramos um frade conduzido á sepultura por alguns dos seus irmãos, com brandões accesos, cruz alçada, campas soando e todas as demais solemnidades que o sentimento humano tem inventado para mitigar os seus proprios temores e receios, sob pretexto de honrar os mortos, e ás quaes, em taes casos, a igreja romana acrescenta todo o seu fausto. Não pude deixar de notar o contraste entre este e os enterros na praia de Olinda, e sorrir da vaidade que se liga até á decomposição. « Mas o homem, o homem vão, pratica tão phantasticos embustes perante o alto céo, que faz os proprios anjos chorar ».

Mas, os cavallos nos esperavam e deixamos a nossa indignação e a nossa piedade pelas loucuras de uns e a

miseria de outros, para gozar, pela primeira vez depois que as guardas foram franqueadas, do ar do campo.

Quando fomos a Beberibe a cada volta do caminho soldados nos faziam parar para nos interrogarem ; pilhas de armas e cavallos sellados á porta de qualquer edificio de mais vulto, demonstravam que postos militares haviam tomado o logar das diversões nas casas de campo, e explicavam a solidão dos caminhos. Agora a scena está mudada : as estradas estão cheias de negros, moços e velhos, nos seus trajes pittorescos ainda que simples, com cestas de fructas, peixe e outras provisões na cabeça ; pequenos carros dos quaes dantes não viramos um só, começam a apparecer e os bois magnificos que os puxam contrastam agradavelmente com o gado da cidade meio morto de fome. A tarde era fresca e o sol estava baixo bastante para dourar as frondes das palmeiras e outras arvores altas que irrompiam, com as suas sombras intensamente negras, ao azul purissimo, produzindo um effeito que nem mesmo o pincel de paizagista de Ticiano attingio. O nosso passeio tinha por destino a casa de de campo de Mr. Stewart, que supponho construida segundo a mesma planta de todas as demais daqui, e que só posso comparar a um bungalow oriental ; um só pavimento commodamente dividido, cercado de alpendres e situado no meio de pequeno parque, parte do qual consiste no jardim e parte em pastagens, cercadas geralmente de limoeiros e roseiras, sombreadas de arvores fructiferas, eis a descripção geral das cazas de campo ou sitios proximos a Pernambuco, nascendo as differenças, quando as ha, do gosto do proprietario e da natureza do terreno. A modicidade do aluguel destes pittorescos pequenos jardins é surprehendente, e provêm em grande parte da indolencia e consequente pobreza dos primitivos possuidores de lotes de terra ; enquanto os seus negros e engenhos os mantinham, não ligavão o menor apreço ás parcelas da sua propriedade que situadas perto da cidade, podiam ter sido sempre productivas.

Agora que o algodão e o assucar não têm mais tamanha procura, quasi metade das fazendas e engenhos estão arruinados, e tão indolente tornou-se o temperamento do povo que, em vez

de procurar resgatar as suas propriedades, prefere alugar uma parte dellas por uma pequena quantia.

Em caminho para o sitio paramos numa especie de taverna ou venda ; é semelhante á loja dum regatão inglez e contém de tudo um pouco : fazendas e velas fructas, e toucinho, vinho e pimenta, que são retalhados aos pobres sem lucro exorbitante ; a marca do vinho é realmente boa, sendo do o Porto de excellente qualidade e sem a quantidade de aguardente que requer o mercado inglez. Na occasião em que passamos de novo por elle, de regresso á caza, mais de um negro estava ali dispendendo o seu ganho do dia e tornando-se tão feliz quanto o vinho pôde fazel-o, e mais de um viajante regalava-se comendo pão com alho e sal, e preparava-se para estender a sua esteira afim de deitar-se e passar a noite ao ar livre. Nos tropicos a noite é sempre mais alegre e mais povoada do que entre nós ; o calor do dia prende muita gente em caza, e a tarde e a noite são as horas predilectas para passeios. Quando regressavamos pela Boa Vista passamos por muitos grupos gozando como nós da frescura do ambiente e contemplando indolentemente o reflexo das cazas brancas e das arvores balouçantes nas aguas do rio, emquanto os pyrilampos, voando dum a outro arbusto, pareciam fragmentos de estrellas caidas para adornar o luar.

Sexta-feira, 12 de Outubro. — Hoje é o anniversario do Principe Real de Portugal ; ha audiencia em palacio. Os assistentes inclinam-se primeiro diante do governador e depois perante o retrato do Principe collocado no meio da sala de audiencia afim de receber as devidas honras ; em seguida teve logar o beija-mão. Os fortes e navios salvaram, e nós naturalmente fizemos o mesmo ; o povo todo envergou as suas vestes domingueiras e foi á missa como num dia santo. Um facto, entretanto, contribuiu não pouco para o regosijo publico. As tropas ultimamente chegadas da Bahia reembarcaram afim de voltar ; o seu comportamento fôra desregrado e durante os dez dias que aqui permaneceram incorreram na aversão dos habitantes devido ás suas embriaguez e arruaças, ao passo que a sua disposição para se juntarem aos patriotas os tornou ao governador auxiliares suspeitos.

Sabbado, 13 de Outubro. — Despedi-me dos meus sympathicos amigos no palacio.

Mme. do Rego deu-me varias amostras de amethysta, e a pedra chamada *minha nove* (semelhante ao beryl) e tambem um pedaço de minerio de ouro da provincia. Disse-me ella que Luiz do Rego havia mandado para Portugal muitos bellos mineraes da capitania e tambem alguns fosseis; descreveu-me alguns ossos enormes, que podem ter pertencido ao mammuth ou ao elephante, encontrados não longe do Recife ao cavarem um pôço e, conforme pude comprehender, em solo semelhante ao que observei, sob a areia, na ilha dos Coqueiro. (10).

Os negociante offereceram hoje um grande banquete ao capitão e aos officiaes. O governador e outras pessôas de importancia da cidade compareceram a elle; segundo me constou foi um magnifico jantar, havendo em abundancia vinhos de todas as qualidades e que nada podia exceder á urbanidade do governador e de seus companheiros. Fique em caza de Mr. Stewart onde a maioria dos convivas visitou-me depois do chá, e então nos despedimos de Pernambuco, onde recebemos tantas gentilezas e pelo menos gozamos a sensação de novidades. A scena do nosso embarque foi bellissima. Os nossos amigos nos acompanharam até o molhe; os nossos botes amarrados junto elle, com os marinheiros andando acima e abaixo preparando-se para receber-nos, o porto e os navios duplicados pelo claro reflexo nas aguas quietas, augmentavam e salientavam as scintillações das vagas que arremettiam de encontro ao forte exterior e ao pharol.

Por estes passamos dentro em pouco e alcançamos a fragata, onde mais uma vez tomei posse do meu camarote e pu-lo em ordem para a viagem.

Deixamos Pernambuco na firme persuasão de que pelo menos esta parte do Brasil jamais se submeterá pacificamente a

(10) A collina do Pão de Assucar, na serra de Prica, cerca de oito leguas ao N. E. da villa de Penedo, tem um lago na sua fralda occidental, em que foram achados alguns ossos enormes, e no lado norte ha uma horrenda caverna.

Chor. Brag.

Portugal. Quando a energia e a conducta de Luiz do Rego não conseguiu manter a capitania em obediencia, será em vão tentarem-no outros governadores, particularmente emquanto o estado da metropole fôr tal que não lhe permitta lutar com ou em prol das suas colonias, e emquanto considera-las apenas como partes tributaveis dos seus estados, obrigados a sustenta-la na sua impotencia. (11)

ALFREDO DE CARVALHO.

(11) Deixamos Pernambuco a 14 de Outubro de 1821. Antes de 18 de Novembro do mesmo anno, as Côrtes de Liebôa chamaram Luiz do Rego e as tropas europêas; arrependeram-se de tel-as chamado, mandaram-lhe contra ordem e enviaram reforços.

Mas, por occasião da chegada destes, o capitão-general havia partido para a Europa a bordo dum navio francez, e a Junta, depois de abastecer de viveres os navios com as tropas, prohibiu-lhes o desembarque e enviou-os para o Rio de Janeiro.

O COMETA DE 1652

A' extrema obsequiosidade do Exm. Sr. Dr. W. G. C. Byvanck, illustre director da Bibliotheca Real de Haya, deve o Instituto a recente aquisição da copia photographica de uma antiga e rarissima estampa hollandeza, representando o cometa observado, aqui no Recife, em fins de 1652.

No alto da gravura—adiante reproduzida—lê-se o disc-tico—*Nieuwe Ongevoon—Wonderlykke Staert—Sterre op't Recif in Brazil Gezien op den 16 December Anno 1652. Aldus ver-toont, en Affgebeelt door N. N.*—o que, em portuguez, quer dizer: Novo, estranho e maravilhoso cometa visto no Recife, no Brasil, a 16 de Dezembro de 1652. Assim descripto e desenhado por N. N.

Em baixo reza a legenda: *Op't Recif van Parambuca in Brazilien, Heeft zich boven den Horizont gepresenteert een Comeetster; Wiens Stuert oogenschynlyk omtrent dry Ellen uytstreckte, over en voorby ander Sterren heen; komende op met het aan komen des Nachts oft avontstont, en verdween als de Mane Klaar scheen; en is noch dagelycks gezien van den 16.^{den} tot den 21.^{sten} December in't sluyten der Brieven toe Anno 1652. Godt geeve d'uytkomst t'onzen besten. t'Amsterdam A° 1653*—ou—No Recife de Pernambuco, no Brasil, apresentou-se acima do horisonte um cometa, cuja cauda aparentemente se estendia por espaço de tres varas, por cima e por diante de outras estrellas; nascendo ao pôr do sol ou ao auou-tecer, e desaparecendo quando clareava a lua; e foi ainda diariamente visto de 16 a 21 de Dezembro ao serem fechadas as cartas do anno de 1652. Permitta Deus que as suas consequencias nos sejam favoraveis. Em Amsterdam. A° 1653.

Desejando fornecer aos leitores da *Revista* informações mais detalhadas, submettemos a copia da gravura á apreciação do nosso eminente consocio Dr. H. Morize, do Observatorio do Rio de Janeiro, e deste illustre scientista recebeu o nosso collega Dr. Alfredo de Carvalho a seguinte communicação :

«Quanto á photographia a que allude a vossa carta, penso, como vós, que se trata do cometa de Hevelius (forma latinisado de Hewelke).

«Infelizmente a Bibliotheca do Observatorio, comquanto assaz rica em obras technicas recentes, poucos recursos offerece para os assumptos historicos e muito pouco poderei adiantar sobre o assumpto.

«O Dr. Ph. Carl, em seu precioso *Repertorium der Cometen—Astronomie*, além de longa bibliographia de obras e opusculos suscitados pelo cometa de Hevelius, dá a data do seu descobrimento (18 de Dezembro de 1652), os elementos calculados por Halley, e diz que o astro, observado pela primeira vez, pouco depois da sua passagem perihelica, rapidamente diminuiu de brilho e desapareceu a 10 de Janeiro de 1653.

«Encontro na conceituada revista ingleza *The Observatory*, de Junho de 1905, uma interessante nota de W. T. Lynn sobre Hevelius e os seus cometas. D'ella extracto o que diz respeito ao astro em questão :

«Quando o cometa de 1652 foi descoberto, a 20 de Dezembro de 1652, estylo gregoriano, (não concorda com Carl), na constellação de Orion, parece que já havia passado pelo perihelio desde mais de um mez. Estava situado um pouco acima de Rigel, que Hevelius chama Regel, e o seu nucleo era arredondado e de pequeno brilho. Hevelius assim o descreve : *caput erat rare magnitudinis, viz aliquanto Lunã plenã minus*, e accrescenta que a cauda ou «barba» se extendia por 6 ou 7 grãos de comprimento.

Continuou a observal-o ate 7 de Janeiro de 1653, data em que ficou extremamente difficil de ver, apezar de ter podido ainda perceber-o de relance, com auxilio de telescopio, e pela ultima vez, a 10 do mesmo mez. O cometa se achava então na constellação de Perséo.»

«Comquanto a gravura representando um cometa observado em Pernambuco tenha a data de 16 de Dezembro, isto é, 4 dias antes do descobrimento, creio que se trata do mesmo astro, pela seguinte razão :

«A reforma gregoriana do calendario, effectuada em 1582, foi immediatamente aceita pelos povos catholicos, mas os pro-

Nieuwe Ongewoon-Wanderlykke Sterre-Sterre op't Reef in Brazil
 Gezeen den 16 December 1652. Altes vermitselen Affenente door N. N.



Op't Reef van Parantibaco in Brazilien, heeft zijk binnen den Horizont gepresentere een Comestel-
 men siet d'gelychvleke vromer dry Ellen wijdte die, over en voorby ander Sterren heen; Komende op met het
 aankomen des Nachtes oft vromtsont, en verhooren als de Aime Khar schaan; en is nagh d'gelycks gezien van
 den 16 den 17 den 21 den December in 7 steden der Drieten tot Anno 1652. Godgevee d'welckomst onzen befin-

F. Anshofsdam. A. 1653.

Brenner & Co. Zurich

O COMETA DE 1652

testantes foram naturalmente mais esquivos e definitivamente só abandonaram o calendario Juliano em meados do seculo XVIII.

No XVII, a mesma data era por elles numerada com 11 dias menos que nos povos catholicos. A data do documento hollandez é certamente enunciada de accordo com o calendario Juliano, emquanto que a data do descobrimento do cometa é pelo Sr. Lynn especificadamente referida ao calendario gregoriano.

Resulta que a data, estylo moderno, da observação no Brasil é 27 de Dezembro, ou uma semana depois da primeira observação de Hevelius.

«Alem de não constar haver sido visto nenhum outro cometa naquelle anno, outra consideração corrobora a identidade dos dous astros: na gravura hollandeza o cometa está orientado com o nucleo a Sul e a cauda a Norte. Conforme é sabido, a cauda dos cometas está sempre apontada para direcção opposta á do Sol, como se por este fôsse repellida; resulta, pois, que no momento da observação o Sol estava mais a Sul que o cometa. Ora, naquella epocha do anno (solsticio d'inverno) o Sol alcança a sua maxima declinação Sul (cerca de $23^{\circ}30'$); e o astro, estando proximo a Rigel ($8^{\circ}20'$), se achava mais a Norte, isto é, de accordo com o que está representado na referida estampa. Se, como é natural, o artista representou o cometa na posição em que o vira, com o horizonte em baixo, a orientação do Norte á esquerda só era possivel olhando do lado de Leste do horizonte, onde justamente se achava nas primeiras horas da noite, a constellação de Orion, que aliás parece grosseiramente representada por mão inexperiente.

«Accrescentarei que, pela dimensão do nucleo, quasi tão grande como a Lua, diz Hevelius, esse cometa não podia deixar de attrahir a attenção dos observadores pernambucanos.»

H. MORIZE.

Observatorio do Rio de Janeiro, em 31 de Julho de 1905.



PEÇAS OFFICIAES

RELATIVAS ÁS

REVOLUÇÕES DE PERNAMBUCO

1817—1824

NOTA PRELIMINAR

A Bibliotheca Publica do Estado de Pernambuco, comquanto fundada já em meiaidos do seculo passado, está ainda longe de ser um repositorio fecundo de publicações interessantes á historia, productos de literatura e specimens da bibliographia pernambucana, assumptos que deveriam ter indiscutivel preferencia no numero das novas acquisições.

Um rapido exame do deficientissimo catalogo, impresso em 1896, basta para demonstrar a sua penuria neste particular.

Ainda assim as suas estantes guardam algumas especies que, pela raridade extrema e importancia documental, se podem considerar unicas no genero.

A este numero pertencem muitos dos volumes da copiosa collecção de jornaes pernambucanos, apparecidos no periodo de 1830 — 60, organisada por Caetano Pinto de Veras, e o codice n. 2187, em que o operoso e benemerito escriptor Antonio Joaquim de Mello, reunio porção avultada de impressos, quasi todos de character official, publicados em Pernambuco na epoca da Independencia.

E' um volume *in-folio* pequeno, de meia encadernação em carneira, trazendo na lombada o titulo — *Pecas Officiaes relativas as Revolução de Peruambuco. 1817 a 1825*—Consta de cento e quarenta e cinco documentos referentes aos successos politicos que aqui se desenrolaram desde a revolução de 6

de Março aos prodomos da Confederação do Equador, e em geral pouco conhecidos.

Esta circumstancia nos induzio a resenhar-lhes o conteúdo nas paginas seguintes, presumindo que a indicação do seu actual paradeiro possa ser util, em alguma conjunctura, aos que entre nós se dedicam ao estudo do passado, em uma das suas phases mais interessantes.

ALFREDO DE CARVALHO.

1.—OS GOVERNADORES DO BISPADO—Confirmados pelo Governo Patriotico, Saudam em Nome de Jesus Christo, e desejam seriamente a Paz, e tranquillidade de consciencia das suas Ovêlhas.—*Na Officina Typographica da Republica de Pernambuco 2a. vez Restaurado.* (S. d.), in-fol., 1 fl.

Pastoral datada de Olinda, 31 de Março de 1817, e assignada pe- l'Os Patriotas Bernardo Luis Ferreira Portugal Manoel Vieyra de Lemos e João Rodrigues Mariz. E' dos primeiros e rarissimos productos da typographia estabelecida pelos revolucionarios de 1817.

2.—DENODADOS PATRIOTAS BAIANOS—*Na Officina Typographica da 2a. Restauração de Pernambuco.* (S. d.), in-fol., 1 fl.

Proclamação dos revolucionarios de 1817, impressa na mesma typographia da precedente.

3.—SONETO—(S. l. n. d.). *Na Typ. de Cav. & Ca.* In-fol., 1 fl.

Primeira edição, provavelmente de 1822 ou 1823. do celebre soneto de Antonio Carlos Ribeiro de Andrada, feito na Cadeia da Bahia, e que começa :

Sagrada emanação da Divindode,

4.—SONETO—(S. l. n. d.). *Na Typ. de Cav. & Ca.*
In-fol., 1 fl.

Primeira edição, contemporanea da precedente, do soneto de Domingos José Martins, feito na Cadeia da Bahia, e que começa :
Meos ternos pensamentos, que sagrados,

5.—SONETO composto, e oferecido a Luis do Rego Barreto por o Reverendo Francisco Ferreira Barreto.—Soneto em resposta áquelle em defesa da verdade por Joaquim Manoel Carneiro da Cunha.—*Pernambuco, 1822. Na Typ. de Cav. e Companhia.* In-fol., 1 fl.

6.—PROCLAMAÇÃO (do Governador Luiz do Rego Barreto aos Pernambucanos, promettendo teriam novas instituições).—Recife de Pernambuco trez de Março de mil oitocentos e vinte e hum.—*Com licença do Ministro da Policia.* In-fol., 1 fl.

Impressa Na Officina do Trem, foi talvez o seu primeiro producto.

7.—NOTICIA (do Concelho em que foi resolvido se supplicasse a El-Rey N. S. a Graça de conceder á Provincia de Pernambuco a mesma Constituição que S. M. se dignasse dar aos povos de Portugal). Pernambuco, 9 de Março de 1821. Com licença do Ministro da Policia. In-4º, 1 fl.

Impressa na mesma Officina, bem como os ns. 8-10.

8.—A JUNTA CONSTITUCIONAL Governativa da Provincia de Pernambuco aos Habitantes da mesma.—Sessão da Junta Constitucional Governativa da Provincia aos 7 de Setembro de 1821. In-fol., 1 fl.

Proclamação promettendo reformas constitucionaes e concitando á união «o partido anticipado de Goyanra». Assignada por Luis do Rego Barreto, General Presidente, Luis Antonio Salazar Moscoso, Marechal de Campo, José Joaquim Simões, Tenente-Coronel Comandante do Batalhão N. 2, Antonio de Moraes Silva, João Paulo de Araujo, José Carlos Marink da Silva Ferraz, Joaquim José Mendes, Joaquim Antonio Gonçalves de Oliveira e Francisco José Corrêa.

9.—A JUNTA CONSTITUCIONAL Governativa da Provincia.—Sala das Sessões da Junta Constitucional

Governativa da Provincia aos 7 de Outubro de 1821. In-fol., 1 fl.

Proclamação no theor da procedente e assignada pelos mesmos e mais Alexandre de Souza Malheiro de Menezes, Joaquim Pedro Barreto do Rego e Manoel José Pereira Caldas.

10.—A JUNTA PROVISORIA do Governo da Provincia de Pernambuco aos seus Concidadãos.—Sala do Governo aos 28 de Outubro de 1821. In-fol., 1 fl.

Proclamação da Junta Provisoria ao assumir o governo, e assignada pelo: Presidente Gervasio Pires Ferreira, Felipe Neri Ferreira, Bento José da Costa, Antonio José Victorino, Joaquim José de Miranda e o Reverendo Doutor Manoel Ignacio de Carvalho.

11.—CHEGOU A FRAGATA VENUS com o Aviso do theor seguinte.—*Recife de Pernambuco, 10 de Novembro de 1821. Vende-se na Officina do Trem a beneficio dos Educandos.* In-fol., 1 fl.

Portaria do Principe Regente, de 16 de Outubro de 1821, mandando que a fragata *Venus* proteja o embarque do Governador, da Tropa e pessoas que com elle quizerem retirar-se para Portugal.

12.—A JUNTA PROVISORIA do Governo da Provincia a seus concidadãos os habitantes de Pernambuco.—Palacio do Governo da Junta Provisoria da Provincia de Pernambuco aos 15 de Novembro de 1821. In-fol., 1 fl.

Proclamação garantindo a lealdade da guarnição de Olinda, e assignada pelo: Presidente, Gervasio Pires Ferreira, Felipe Neri Ferreira, Bento José da Costa, Joaquim José de Miranda, Manoel Ignacio de Carvalho e o Secretario Laurentino Antonio Moreira de Carvalho.

Impressa na mesma Officina.

13.—(DECRETO DAS CORTES Geraes, Extraordinarias e Constituintes da Nação Portugueza informando-se dos Magistrados, e mais Empregados Civis, Militares e Ecclesiasticos, que abusando da sua Jurisdição, opprimem, e vexão os povos).—Na Impressão Regia.—*Transcripto fielmente na Officina do Trem de Pernambuco aos 27 de Novembro de 1821. A Beneficio dos Educandos.* In-fol., 1 fl.

14.—A JUNTA PROVISORIA do Governo de Pernambuco aos Habitantes de Pernambuco.—Palacio da Junta Provisoria do Governo da Provincia de Pernambuco em 30 de Novembro de 1821. In-fol., 1 fl.

Proclamação tranquillizando os animos a respeito das desordens do dia anterior e assignada pelo: Presidente Gervasio Pires Ferreira, Felipe Neri Ferreira, Bento José da Costa, Antonio José Victoriano Borges, Joaquim José de Miranda, Manoel Ignacio de Carvalho e o Secretario Laurentino Antonio Moreira de Carvalho.

Impressa na *Officina do Trem*.

15.—A JUNTA PROVISORIA do Governo de Pernambuco aos Habitantes de Pernambuco.—Palacio da Junta Provisoria do Governo da Provincia de Pernambuco no 1º de Dezembro de 1821. In-fol., 1 fl.

Proclamação sobre o mesmo assumpto da precedente e assignada pelos mesmos.

Impressa na mesma *Officina*.

16.—A JUNTA PROVISORIA do Governo da Provincia aos seus Concidadãos os Soldados da Guarnição de Olin-da.—Palacio da Junta Provisoria do Governo da Provincia de Pernambuco aos 3 de Dezembro de 1821.—Bando, (mesma data).—Na *Officina do Trem de Pernambuco aos 4 de Dezembro de 1821*. In-fol., 1 fl.

Proclamação relativa aos successos de 29 de Novembro, e Bando mandando que sejam presos e castigados os individuos que ajuntando-se em bandos, tem ido bater as portas de pessoas menos affectas, em cantorias, e expressões allusivas, aliás «fensivas» Ambo assignados pelos mesmos da precedente.

17.—A JUNTA PROVISORIA do Governo de Pernambuco aos seus Concidadãos.—Palacio do Governo 14 de Janeiro de 1822. In-fol., 1 fl.

Proclamação, com as mesmas assignaturas das precedentes, de-fazendo os boatos do regresso de Luis do Rego Barreto a Pernambuco.

Impressa na mesma *Officina*.

18.—EXTRACTO DO DIARIO do Governo de Lisboa Ns. 141 e 149.—*Pernambuco. Na Typografia Nacional. 1822*. In-fol., 2 pp.

Contem as «Artigos addicionaes a Constituisam para o Brasil» elaborada pelas Cô. tes.

19.—A EXCELLENTISSIMA JUNTA Provisoria do Governo da Provincia, acaba de receber pela Secretaria de Estado dos Negocios da Guerra do Brasil, o aviso abaixo transcripto, o qual manda publicar e imprimir para que chegue a noticia de todos.—*Pernambuco. Na Typografia Nacional.* In-fol., 1 fl.

Aviso, datado do Rio de Janeiro, 22 de Maio de 1822 e assignado por Joaquim de Oliveira Alves, communicando haver o Principe Regente ordenado que da Bahia seguissem para Pernambuco um official inferior e doze soldados á bordo da fragata real *Carolina*.

20.—BRASILEIROS E AMIGOS.—*Reimpresso em Pernambuco na Typografia Nacional.* In-fol., 1 fl.

Proclamação e decreto do Principe Regente, de 3 de Junho de 1822 mandando convocar huma Assembléa Geral Constituinte e Legislativo.

21.—(CARTAS REGIAS do Principe Regente á Junta Provisoria do Governo da Bahia e ao Brigadeiro Ignacio Luiz Madeira, em 15 de Junho de 1822, determinando que este se recolha immediatamente a Portugal com a tropa que d'ali veio).—*Reimpresso em Pernambuco. Na Typografia Nacional.* In-fol., 2 pp.

22.—A JUNTA PROVISORIA do Governo da Provincia tendo recebido o termo de Vereassam da Camara da Cidade de Olinda, Capital desta Provincia, e não podendo deixar de reconhecer, e louvar a regularidade, e boa ordem com que se procedeo, e de congratular-se com os bons sentimentos que se manifestam no mesmo Termo, e para que chegue á noticia de todos, o manda fazer publico pela imprensa.—*Pernambuco. Typografia Nacional.* In-fol., 1 fl. de 2 cols.

23.—AMIGOS BAHIANOS.—*Reimpresso em Pernambuco na Typografia Nacional.* In-fol., 1 fl.

Proclamação do Principe Regente, de 17 de Junho de 1822.

24.—HABITANTES DA PROVINCIA de Pernambuco.—*Typografia Nacional*. In-fol., 1 fl.

Proclamação da Junta Provisoria' do Governo, após os acontecimentos de 22 de Junho de 1822.

25.—OFFICIOS DA JUNTA Eleitoral de Porto Calvo.—*Na Typografia de Cavalcante & Companhia*. In-fol., 2 pp. a 2 cols.

26.—PARECER dado pelo Capitão de Granadeiros do extinto Regimento de Infantaria de Linha do Recife, encarregado da Policia do Bairro de Santo Antonio, e addido ao Estado Maior, José de Barros Falcão de Lacerda ao Illustrissimo Senado desta Villa, em virtude da Carta, que lhe dirigio o mesmo Senado em 12 do corrente, pedindo por escripto o seo parecer sobre os Decretos de 16 de Fevereiro e 3 de Junho deste anno; o 1. sobre a organisassam de hum Conselho de Estado, e o 2. sobre a convocassam de hum Assembléa Geral, Constituinte para o Reino do Brasil.—*Pernambuco. Na Typografia Nacional*. In-fol., 1 fl.

Datado de 18 de Julho de 18 2

27.—A JUNTA PROVISORIA do Governo da Provincia aos seus Concidadãos.—*Na Typografia Nacional*. In-fol., 1 fl.

Proclamação, de 19 de Julho de 1822, convidando os cidadãos a se alistarem nos batrlhões de 1ª e 2ª linha, afim de manterem a paz interna e defenderem a provincia da invasão externa. Foi transcripta na *Gazeta Universal*, de Lisboa, n. 207 de 19 de Setembro de 1822.

28.—(CARTA DE GERVASIO PIRES Ferreira, em 26 de Julho de 1822, a José de Barros Falcão de Lacerda sobre o parecer pelo mesmo apresentado ao Senado da Camara). *Na Typografia Nacional*. In-fol., 1 fl.

29.—(RÉSPOSTA DE JOSÉ DE BARROS Falcão de Lacerda á carta precedente, em 3 de Agosto de 1822).—*Pernambuco. Na Typografia Nacional*. In-fol., 1 fl.

30.—PORTARIA (da Junta Provisoria do Governo,

de 3 de Agosto de 1822, determinando a nomeação de procuradores para o Concelho de Estado e a Assembléa Legislativa do Brasil).—*Na Typografia Nacional*. In-fol., 1 fl.

31.—BANDO (creando mais dous corpos de tropa de 1ª linha, com duas companhias de 100 praças de soldados cada um).—*Na Typografia Nacional*. In-fol., 1 fl.

Datado de 26 de Agosto de 1822.

32.—PROCLAMAÇÃO (da Junta Provisoria do Governo). — *Pernambuco. Na Typografia Nacional*. In-fol., 1 fl.

Datada de 26 de Agosto de 1822.

33.—O GOVERNO TEMPORARIO da Provincia de Pernambuco aos Habitantes da mesma.—*Na Typografia de Cavalcante & Companhia*. In-fol., 1 fl.

Proclamação de 18 de Setembro de 1822, assignada por Francisco de Paula Gomes dos Santos, Presidente, Ignacio de Almeida Fortuna, Thomé Fernandes Madeira, e José Mariano de Albuquerque Cavalcante, communicando haverem assumido o governo em substituição á Junta Provisoria.

34.—EXPOSIÇÃO AO PUBLICO.—*Na Typografia de Cavalcante & Companhia*. In-fol., 1 fl.

Feita pelo secretario do Governo Temporario, José Mariano de Albuquerque Cavalcante, a 22 de Setembro de 1822, trata dos successos occorridos em Olinda, e marca a eleição do novo governo para o dia 23.

35.—AVIZO (do Governo Provisorio de que tem asentado realisar as suas sessões ordinarias todos os dias—exceptos os domingos e dias santos de guarda—desde as oito horas da manhã até ás tres da tarde, dividindo este tempo em duas partes; a saber, a primeira desde as oito horas ao meio dia, destinada ao expediente dos negocios geraes, e a outra do meio dia ás tres horas da tarde, para o despacho de requerimentos.) *Na Typografia de Cavalcante & Companhia*.—In-fol., 1 fl.

Datado de 27 de Setembro de 1821, e feito «por ordem do governo», pelo secretario José Mariano Cavalcante de Albuquerque.

36.—EXPOSIÇÃO (do Governo Provisorio publicando a soltura dos presos implicados nos successos de Olinda e a amnistia dos demais accusados de crimes politicos).—*Na Typografia de Cavalcante & Companhia.* In-fol., 1 fl.

Datada de 27 de Setembro de 1822 e feita pelo mesmo.

37.—PROCLAMAÇÃO (do Governo Provisorio convidando «o povo em massa armada» a reunir-se aos Batalhões de 1ª e 2ª linha para rechassarem as tropas que se dizia terem sido enviadas pelas Côrtes de Lisboa contra o Brasil).—*Na Typografia de Cavalcante & Companhia.* In-fol., 1 fl.

Datada de 10 de Outubro de 1822 e assignada por Affonso de Albuquerque Maranhão, Francisco de Paes Barreto, Francisco de Paula Gomes dos Santos, Manoel Ignacio Bezerra de Mello e José Mariano de Albuquerque Cavalcante, membros da Junta Provisoria alcunhada de *Governo dos Matutos.*

38.—CIDADÃOS—(S. l. n. d.). In-fol., 1 fl.

Manifesto anonymo conoitando os pernambucanos a acclamarem ao Principe Regente D. Pedro Imperador Constitucional.

39.—RESPOSTA aos atrevimentos do *Redactor* do periodico intitulado—*Diario do Governo*—insultando os Cidadãos Probos, e exaltando os que tem cavado os males da Patria. A opinião publica juiz imparcial julgará deste Corifen, quaes são os seus fins.—*Na Typografia de Cavalcante & Companhia.* In-fol., 2 fls. a 2 cols.

40.—PROCLAMAÇÃO (do Governo Provisorio conoitando os pernambucanos a resistirem á invasão das tropas portuguezas).—*Na Typografia de Cavalcante & Companhia.* In-fol., 1 fl.

Datado de 1 de Janeiro de 1823 e assignada pelo: Presidente, Affonso de Albuquerque Maranhão, Francisco de Paula Gomes dos Santos e Manoel Ignacio Bizerra de Mello.

41.—SESSÃO EXTRAORDINARIA de 2 de Janeiro

ro de 1823.—*Pernambuco. Na Typografia de Cavalcante & Companhia.* In-fol., 1 fl. a 2 cols.

Acta do Conselho ou Assembléa, composta do Governo Provisorio, das autoridades Civis, e militares, dos homens bons, e empregados publicos e dos cinco deputados brasileiros regressados de Portugal, para deliberar sobre as prisões effectuadas na vespera pelo Governador das Armas, Pedro da Silva Pedroso.

42.—GAZETA EXTRAORDINARIA PERNAMBUCANA.—*Na Typografia de Cavalcante & Companhia.* In-fol., 2 pp. a 2 cols.

Datada de 3 de Janeiro de 1823, consta de uma carta dos deputados Cypriano José Barata de Almeida, Antonio Manoel da Silva Bueno, Francisco Agostinho Gomes, Diogo Antonio Feijó e José Lino Continho, ao redactor da *Gazeta Pernambucana*, explicando os motivos que os levaram a retirar-se das Côrtes de Lisboa; copia do manifesto que os mesmos publicaram em Plymouth, a 2 de Outubro de 1823, e uma carta de Cypriano Barata sobre as machinações dos Portuguezes.

43.—MANIFESTO A PROVINCIA DE PERNAMBUCO.—*Pernambuco. Na Typografia de Cavalcante & Companhia.* In-fol., 1 fl.

Manifesto, de 1^o de Janeiro de 1823, em que Francisco de Paes Barreto e Manoel Ignacio Bezerra de Mello declaram não tomar mais parte nas decisões do Governo enquanto durarem os tumultos populares

44.—OFFICIO (de Francisco de Paes Barreto, em 14 de Janeiro de 1823, ao Governo Provisorio, persistindo em retirar-se delle).—*Pernambuco. Na Typografia de Cavalcante & Companhia.* In-fol., 1 fl.

45.—ANNUNCIO (do mesmo, a 15 de Janeiro de 1823, de já haver novamente entrado para o Governo em virtude do officio do mesmo Governo, de 14, que transcreve).—*Pernambuco. Na Typografia de Cavalcante & Companhia.* In-fol., 1 fl.

46.—PROCLAMAÇÃO (do Governo Provisorio congratulando-se com os pernambucanos pela victoria sobre os

partidarios de Pedro da Silva Pedroso).—*Na Typografia de Cavalcante & Companhia.* In-fol., 1 fl.

Não traz data. e é assignada por Affonso de Albuquerque Maranhão, Presidente, José Mariano de Albuquerque Cavalcante, Secretario, Francisco de Paula Gomes dos Santos e Francisco de Paes Barreto.

47.—DECRETOS (Imperiaes de 8 e 14 de Janeiro de 1823)—*Na Typografia de Cavalcante & Companhia.* In-fol., 1 fl a 2 cols.

48.—RESPOSTA a pedantesca, e calumniadora Diatribe do bicho, ou bêsta da Bôa-vista.—*Pernambuco.* *Na Typografia de Cavalcante & Companhia,* 1823, in-fol., 2 pp. 2 cols.

Escripta por Manoel Paulo Quintela contra...?

49.—SOLDADOS DE TODO O EXERCITO DO IMPERIO.—*Pernambuco.* *Na Typografia de Cavalcante & Companhia.* In-fol., 1 fl.

Proclamação do Imperador por occasião da entrega das novas bandeiras.

50.—OFFICIO do Secretario do Governo á Camara de Olinda.—*Pernambuco.* *Na Typografia de Cavalcante & Companhia.* In-fol., 1 fl.

Dous officios de José Mariano de Albuquerque Cavalcante, dados do engenho Caiará, 22 e 23 de Fevereiro de 1823, sobre os motins promovidos, no Recife, por Pedro da Silva Pedroso.

51.—PROCLAMAÇAM (dos Vereadores da Camara do Recife sobre o mesmo assumpto).—*Na Typografia de Cavalcante & Companhia.* In-fol., 1 fl.

Datada de 24 de Fevereiro de 1823 e assignada por Francisco Xavier Pereira de Brito, Manoel Francisco dos Santos Mendonça, Vicente Ferreira Guimarães Peixoto e Bento José da Costa Junior.

52.—PROCLAMAÇAM (da Camara de Olinda sobre o mesmo assumpto).—*Na Typografia de Cavalcante & Companhia.* In-fol., 1 fl.

Datada de 28 de Fevereiro de 1823 e assignada por Cosme José Guedes Alcanforado, Presidente, José Antonio da Silva, João Gualberto Ferreira Guimaraens, Bernardo Vieira Leitão de Mello e João Lopes do Nascimento.

53.—PROCLAMAÇÃO. A Junta Provisoria do Governo aos Soldados extraviados por terem seguido o Partido do ex-Governador das Armas.—*Na Typografia de Cavalcante & Companhia.* In-fol., 1 fl.

Datada de 2 de Março de 1823 e assignada por Affonso de Albuquerque Maranhão, Presidente, José Mariano de Albuquerque Cavalcante, Secretario, e Francisco de Paula Gomes dos Santos.

54.—BANDO (mandando que todas as pessoas que se acharem de posse de armas pertencentes ao Trem Nacional as recolham dentro do prazo de tres dias).—*Na Typografia de Cavalcante & Companhia.* In-fol., 1 fl.

Datada de 3 de Março de 1823 e assignada pelos mesmos e mais Francisco de Paes Barreto e Manoel Ignacio Bizzera de Mello.

55.—PROCLAMAÇÃO (da Camara de Serinhãem sobre os successos de Fevereiro).—*Pernambuco. Na Typografia de Cavalcante & Companhia.* In-fol., 1 fl.

Datada de 4 de Março de 1823 e assignada por Joam Vasco Marinho Wanderley, Joam Salgado de Castro Accioly, Francisco Antonio Cavalcante, Manoel Carlos Velloso de Mello e Antonio José Cavalcante.

56.—PASTORAL (do Cabido de Olinda sobre os successos de Fevereiro).—*Na Typografia de Cavalcante & Companhia.* In-fol., 1 fl.

Datada de 4 de Março de 1823 e assignada por Bernardo Luis Ferreira, *Dean*, Jeronimo Gonsalves dos Santos, *Chautre*, Joaquim de Saldanha Marinho, *Mestre-Escola*, Ignacio Firmo Maciel Monteiro, Patricio José de Oliveira Maciel, *Magistral*, Joam Rodrigues Maris, Mancel Ignacio de Carvalho, *Doutoral*, José Rebello Pereira Torres, Francisco Antonio Pinto e Francisco Xavier Carneiro da Cunha.

57.—OFFICIO (de Francisco de Paula Gomes dos Santos ao Senado da Camara do Recife agradecendo o interesse e zelo patriotico com que cooperou para o restabelecimento da

ordem.—*Na Typografia de Cavalcante & Companhia.* In-fol., 1 fl.

Datado de 5 de Março de 1823.

58.—PROCLAMAÇÃO (do Governo Provisorio congratulando-se com os pernambucanos pelo restabelecimento da ordem).—*Na Typografia de Cavalcante & Companhia.* In-fol., 1 fl.

Datada de 8 de Março de 1823 e assignada por Affonso de Albuquerque Maranhão, *Presidente*, Francisco Paes Barreto, Francisco de Paula Gomes dos Santos e Manoel Ignacio Biserra de Mello.

59.—PROCLAMAÇÃO AOS BAIANOS—*Na Typ. de Cav. e Companhia.* In-fol., 1 fl.

Datada de 5 de Abril de 1823 e assignada por Cypriano José Barata de Almeida.

60.—BANDO. A Junta Provisoria do Governo da Provincia, attendendo a que o Governo antecedente não mandou publicar, nem dar cumprimento ao Decreto Imperial de 18 de Junho do anno passado, que cohibe a mal entendida liberdade de imprensa, e considerando o quanto os abusos d'ella podem ser prejudiciaes não só a esta Provincia, mas ao Brasil inteiro, manda publicar o dito Decreto, para que o seu conteúdo chegue á noticia de todos, o qual é do theor seguinte.—*Na Typografia de Cavalcante & Companhia.* In-fol., 1 fl.

Datado de 14 de Maio de 1823.

61.—PROCLAMAÇÃO. O Conselho Interino do Governo da Provincia da Bahia aos Senhores Commandantes de Brigadas, Batalhões e Companhias, Officiaes, Officiaes Inferiores e Soldados do bravo Exercito Nacional Imperial e Pacificador da mesma Provincia.—(S. l. n. d.). In-fol., 1 fl.

Datada da Villa da Cachoeira, 24 de Maio de 1823, e assignada por Francisco Elesbão Pires de Carvalho e Albuquerque, P., Miguel Calmon du Pin e Almeida, S., Manoel da Silva Carahy, Manoel Dendê Bus, Theodosio Dias de Castro, Manoel dos Santos Silva e Francisco Aires de Almeida Freitas.

62.—O CABIDO DE PERNAMBUCO, sedevacante, Saúde, em Nome de Jesus Christo, á todo o Catholico Rebanho, Existente neste dilatado Bispado.—*Na Typografia de Cavalcante & Companhia.* In-fol., 1 fl.

Datado de Olinda, 25 de Junho de 1823, e assignada por Bernardo Luis Ferreira. *Dean*, Jeronimo Gonsalves dos Santos, *Chautre*, Joaquim de Saldanha Marinho, *Mestre-Escola*, Patricio José de Oliveira Maciel, *Magistral*, José Rebello Pereira Torros, Francisco Xavier Carneiro da Cunha.

63.—MANOEL DE CARVALHO Paes de Andrade. Intendente da Marinha n'esta Provincia de Pernambuco.—*Na Typografia de Cavalcante & Companhia.* In-fol., 1 fl.

Portaria de 26 de Junho de 1823 publicando a de 28 de Abril do mesmo anno, contendo a relação das embarcações de guerra do Imperio que cruzavam na altura da Bahia, para que não se equivocassem com a esquadra inimiga.

64.—(OFFICIO de Lord Cochrane á Illma. e Excma. Junta de Pernambuco, communicando as vantagens obtidas sobre o inimigo na Bahia, solicitando o engajamento de marinheiros e pedindo a remessa de carneiros, bois, e frutas, principalmente laranjas e limões, para refresco da esquadra).—*Pernambuco. Na Typografia de Cavalcante & Companhia.* In-fol., 1 fl.

Datado de bordo da náó *Pedro I* em 1 de Julho de 1823.

65.—O CABIDO DA DIOCESE, banhado em puro prazer saúde em Nome de Jesus Christo a todo o Catholico Rebanho Pernambuco.—*Na Typografia de Cavalcante & Companhia.* In-fol., 1 fl.

Pastoral de 8 de Julho de 1823, congratulando se pela libertação da Bahia, e assignada pelos mesmos do N. 62.

66.—(OFFICIO do Governo Provisorio da Bahia communicando a libertação da sua capital). *Na Typografia de Cavalcante & Companhia.* In-fol., 1 fl.

Datado da Bahia, 21 de Julho de 1823.

67.—PROCLAMAÇÃO (da Junta do Governo Provisorio de Pernambuco recusando quaesquer propostas de união com Portugal).—*Na Typografia de Cavalcante & Companhia.* In-fol., 1 fl.

Datada de 22 de Julho de 1823 e assignada por Affonso de Albuquerque Maranhão, *Presidente*, Francisco Paes Barrato, Francisco de Paula Gomes dos Santos e Manoel Ignacio Biserra de Mello.

68.—O CABIDO, Sede Vacante, saúda em Nome de Jesus Christo a todas as Catholicas Ovelhas do Catholico Rebanho Pernambucano.—*Na Typografia de Cavalcante & Companhia.* In-fol., 1 fl.

Pastoral datada de Olinda, 26 de Julho de 1823, tranquillizando os animos, e assignada pelos mesmos do N. 62.

69.—PROCLAMAÇÃO (do Governador das Armas Joaquim José de Almeida ao assumir o cargo).—*Na Typografia de Cavalcante & Companhia.* In-fol., 1 fl.

Datada do Quartel-General da Bôa-Vista, 31 de Julho de 1823.

70.—OFFICIO dirigido pela Excellentissima Junta da Bahia á desta Provincia.—*Na Typografia de Cavalcante & Companhia.* In-fol., 1 fl.

Datado de 26 de Julho de 1823 trata da ida dos deputados Francisco Agostinho Gomes e Cypriano José Barata de Almeida ao Rio de Janeiro, para tomarem assento na Assembléa Constituinte. E' seguido do officio dirigido pela Junta de Pernambuco aos mencionados deputados, convidando os a seguir viagem, e datado de 28 de Agosto.

71.—PARTICIPAÇÃO e reflexões que faz aos Pernambucanos o Padre Lourenço José de Mello sobre os negocios da Provincia de Alagôas no actual estado.—*Pernambuco. Na Typografia de Cavalcante & Companhia.* In-fol., 2 pp.

72.—TERMO DE CONVOCAÇÃO desta Camara pela Tropa, e Povo desta Capital, para o que abaixo se declara.—*Pernambuco 1823 na Typografia de Cavalcante & Companhia.* In-fol., 1 fl. a 2 cols.

Conselho de 15 de Setembro de 1823, em que foi deliberada a deposição do Presidente da Junta Provisoria, Affonso de Albuquerque Maranhão, do Secretario José Mariano de Albuquerque Cavalcante, e do Commandante das Armas, Joaquim José de Almeida.

73.—AOS HONRADOS PATRIOTAS Pernambucanos.—*Na Typografia de Cavalcante & Companhia.* In-fol., 2 pp. a 2 cols.

Consta de varias cartas, datadas da Parahyba em Novembro de 1823, escriptas por O Parahybano contra João Alves Sanches Massa.

74.—CIRCULAR as Illustrissimas Camaras da Provincia de Pernambuco.—(S. l. n. d.). In-fol., 1 fl.

Datada do Sitio da Mangueira, ... de Novembro de 1823, não traz assignatura, mas é de um deputado de Pernambuco, que protestou contra a prisão de Cypriano Barata.

75.—OFFICIO CIRCULAR da Excellentissima Junta do Governo aos Excellentissimos Deputados do Congresso Brasiliense, que ainda se achão nesta Provincia.—*Na Typografia de Cavalcante & Companhia.* Fol., 1 fl.

Officio, datado de 10 de Novembro de 1823 e assignado por Francisco Paes Barreto, *Pro-Presidente*, e Francisco de Paula Cavalcante de Albuquerque, intimando aquelles deputados a irem tomar assento na Assembléa Constituinte.

76.—DIPLOMA da deputação da Camara da Villa de Goiana e Officio da Excellentissima Junta em resposta ao mesmo.—*Pernambuco. Na Typografia de Cavalcante & Companhia.* Fol., 2 pp. a 2 cols.

Tatam das prisões de Cypriano Barata e Manoel de Carvalho, effectuadas a 16 de Novembro.

77.—OFFICIOS da Excellentissima Junta do Governo da Provincia de Pernambuco.—*Na Typografia de Cavalcante & Companhia.* Fol., 2 pp. a 2 cols.

Officios trocados entre a Junta de Pernambuco e as da Parahyba e da Bahia.

78.—EDITAL (da Junta do Governo de Pernambuco determinando que todos os Europeus que não houvéssem prestado o juramento de adhesão e fidelidade á Causa da Independencia Politica do Brasil, se retirassem da Provincia dentro do praso de vinte dias, os residentes no Recife e Olinda ou seus termos, e trinta dias os nas demais villas e povoações).—*Na Typografia de Cavalcante & Companhia.* Fol., 1 fl.

Datado de 20 de Novembro de 1823 e assignado por Francisco Paes Barreto, Pro P., Francisco de Paula Cavalcanti de Albuquerque e Manoel Ignacio Biserra de Mello.

79.—RESPOSTA do Cidadão Manoel Caetano Velloso aos Illustrissimos Senhores do Nobre Senado.—*Pernambuco. Na Typografia de Cavalcante & Companhia 1823.* Fol., 1 fl. a 2 cols.

Datada da Bôa-Vista, 21 de Novembro de 1823, consta de um parecer, em estylo jóco-serio, sobre o projecto de Constituição.

80.—OFFICIO de hum Exm. Deputado da Provincia da Bahia ao Exm. Governo desta Provincia.—*Na Typografia de Cavalcante & Companhia.* Fol., 2 pp. a 2 cols.

Datado de 21 de Novembro de 1823, é assignado por Francisco Agostinho Gomes, protestando contra a intimação a seguir para tomar assento na Assembléa Constituinte.

81.—OFFICIO (da Junta do Governo Temporario de Porto Calvo ao Ouvidor pela Lei, Gustavo Adolpho de Aguiar, estabelecendo as condições para a paz com o ex-Governo da Capital).—*Na Typografia de Cavalcante & Companhia.* Fol., 1 fl. a 2 cols.

Datada de 6 de Dezembro de 1823.

82.—REPRESENTAÇÃO feita a Excellentissima Junta do Governo de Pernambuco pelo Povo, e Tropa de 1ª e 2ª Linha desta Capital do Recife.—*Na Typografia de Cavalcante & Companhia.* Fol., 1 fl.

Representação, com cento e quinze assignaturas, exigindo o embarque dos deputados á Constituinte que ainda se achavam em Pernambuco.

83.—(DUPLICATA do N. 39).

84.—PORTARIA (e Proclamação do Imperador, em 8 de Agosto de 1813, profligando as aspirações democraticas de algumas Camaras das Provincias do Norte e das autoridades de Porto Alegre).—*Pernambuco. Na Typografia de Cavalcante & Companhia.* Fol., 1 fl.

Publicadas em Pernambuco a 5 de Dezembro de 1823.

85.—PARTICIPASAM AO PUBLICO.—(S. l. n. d.). Fol., 1 fl.

Datada do Recife de Pernambuco, 11 de Dezembro de 1823, e assignada por Fr. Joaquim do Amor Divino Caneca, responsabilizando José Fernandes Gama e Bernardo José da Gama por qualquer mal que lhe viesse a acontecer.

86.—HABITANTES DE PERNAMBUCO.—*Na Typografia de Cavalcante & Companhia.* Fol., 1 fl.

Proclamação de Manoel de Carvalho, de 15 de Dezembro de 1823, participando a eleição da nova Junta do Governo a 13 do mesmo mez.

87.—PROCLAMAÇÃO (do Coronel José de Barros Falcão de Lacerda participando haver sido aclamado Commandante das Armas).—*Na Typografia de Cavalcante & Companhia.* Fol., 1 fl.

Datada do Quartel-General na rua do Livramento, 16 de Dezembro de 1823.

88.—EDITAL (de Manoel de Carvalho marcando o praso de dez dias para todos os Europeus que não houvéssem jurado adhesão a causa da Independencia, se retirarem da Provincia).—*Na Typografia de Cavalcante & Companhia.* Fol., 1 fl.

Datado de 17 de Dezembro de 1823.

89.—(TABELLA marcando os dias feriados).—*Na Typografia de Cavalcante & Companhia.* Fol., 1 fl.

Datada de 19 de Dezembro de 1823.

90.—EDITAL (da Junta do Governo perdoando a to-

dos os soldados e inferiores da 1ª e 2ª linha incurso em primeira e segunda deserção).—*Na Typografia de Cavalcante & Companhia.* Fol., 1 fl.

Datado de 22 de Dezembro de 1823 e assignado por Manoel de Carvalho Paes de Andrade, *Presidente*, José da Natividade Saldanha, Secretário, Bernardo Luis Ferreira, Felis José Tavares Lira, Bento Joaquim de Miranda Enriques e Luis José Albuquerque Cavalcante Lins.

91.—ILLUSTRES E HONRADOS PERNAMBUCANOS.—*Na Typografia de Cavalcante & Companhia.* Fol. 1 fl.

Proclamação, sem assignatura, de 23 de Dezembro de 1823.

92.—NOTICIA.—*Na Typografia de Cavalcante & Companhia.* Fol., 1 fl.

Prospecto de um semanario politico, commercial, e instructivo, que supponho ter sido a *Gazeta Pernambucana*.

93.—TERMO DE ELEIÇÃO do Presidente, Secretario, e Membros do Conselho do Governo Provisorio da Provincia, eleito pelo Collegio Eleitoral das Comarcas desta Cidade de Olinda, e do Recife.—*Pernambuco. Na Typografia de Miranda & Companhia.* Fol., 2 pp.

Acta do conselho que, a 8 de Janeiro de 1824, confirmou a eleição do Governo Provisorio de 13 de Dezembro de 1823.

94.—AVIZO (assignado por *O Amigo da Boa Ordem* convidando todos os cidadãos para assignar uma representação ao Governo pedindo que não seja dado posse ao Presidente nomeado Francisco Paes Barreto).—*Na Typografia de Miranda & Companhia.* Fol., 1 fl.

95.—(OFFICIO do Governo Provisorio de Alagôas, de 24 de Janeiro de 1824, communicando terem ali chegado um cabo e vinte e tres soldados de cavallaria de 1ª linha que haviam desertado do Recife).—*Na Typografia de Miranda & Companhia.* Fol., 1 fl.

96.—AO PUBLICO. As Seguintes Cartas do Capitam Francisco José Martins, que acaba de desertar, fogindo ao Sargento-mor Pedro Antonio da Silveira Velloso, que, suppondo n'elle probidade, e brio militar, o levava depois de preso a sua caza para arranjar seos negocios; servem para que por ellas se venha no conhecimento dos serviços, que elle fez a Pernambuco, e da ingratição desta Provincia para com elle.—*Na Typografia de Miranda & Companhia.* Fol., 2 pp.

97.—OFFICIOS que vieram da Villa do Cabo, dirigidos ao Illustrissimo Excellentissimo Senhor Coronel Commandante das Armas.—*Pernambuco.* *Na Typografia de Miranda & Companhia.* Fol., 4 pp. a 2 cols.

98.—OFFICIOS (do Commandante das Armas ao chefe militar do Cabo).—*Pernambuco.* *Na Typografia de Cavalcante & Companhia, 1823.* Fol., 3 pp.

99.—PETIÇÃO dos estudantes ao Governo, offerecendo-se para constituir um corpo Academico afim de defender a Patria).—*Na Typografia de Miranda & Companhia.* Fol., 2 pp.

Datada de 23 de Janeiro de 1824 e assignada por Clorindo Cezar Ferreira Catão, Simplicio José de Mello, João Rodrigues de Moura e Francisco Epifanio Bizerra.

100.—(PORTARIA de Manoel de Carvalho dando organização, regulamento e uniforme ás Companhias de Guerrilhas).—*Na Typografia de Miranda & Companhia.*—Fol., 1 fl.

Datada de 24 de Janeiro de 1824.

101.—OFFICIOS do Excellentissimo Presidente da Provincia a Francisco Paes Barreto, e deste ao Excellentissimo Presidente, sobre a questão da posse da Presidente ao dito Barreto.—*Pernambuco.* *Na Typografia de Miranda & Companhia.* Fol., 10 pp.

102.—(OFFICIO de Francisco Paes Barreto e Manoel de Carvalho sobre o mesmo assumpto).—*Pernambuco.* *Na Typografia de Cavalcante & Companhia.* Fol., 1 fl.

Datado do Engenho Velho, 6 de Fevereiro de 1924.

103.—QUERIDOS COMPATRIOTAS CACHOEI-
RENSES.—*Na Typografia particular do Gabinete Patriotico
de Goyana.* Fol., 1 fl.

Proclamação ou manifesto datado, de Goyanna, 10 de Fevereiro
de 1824. E' o unico producto conhecido desta primeira typographia
estabelecida em Goyanna.

104.—EDITAL (de Manoel de Carvalho prohibindo a
introdução dos generos da agricultura e industria de Portugal
nos portos desta Provincia).—*Na Typografia de Miranda &
Companhia.* Fol., 1 fl.

Datado de 12 de Fevereiro de 1824.

105.—OFFICIOS (do Commandante das Armas José
de Barros Falcão de Lacerda a Francisco Paes Barreto).—
*Pernambuco. Na Typografia de Cavalcante & Companhia,
1824.* Fol., 2 pp.

Datados de 15 e 17 de Fevereiro.

106.—OFFICIOS E ACTA do Conselho que fez o
Excellentissimo Commandante das Armas.—*Na Typografia de
Miranda & Companhia.* Fol., 2 pp.

Tratam de resolver se a força armada devia intervir ou não nos
negocios politicos da Provincia.

107.—OFFICIOS (de Francisco Paes Barreto ao Com-
mandante das Armas e resposta deste).—*Na Typografia de
Miranda & Companhia.* Fol., 2 pp.

Datados de 15 e 17 de Fevereiro de 1824.

108.—ACTA DO CONSELHO Militar de 5 de Mar-
ço de 1824 e officio de convocação para o mesmo.—*Na Typo-
grafia de Miranda & Companhia,* Fel., 12 pp.

Conselho convocado para se deliberar sobre o projecto de consti-
tuição offerecido pelo imperador.

109.—PROCLAMAÇÃO (de Manoel de Carvalho protestando contra as accusações que faziam ao Governo de nutrir aspirações separatistas e republicanas).—*Na Typografia de Miranda & Companhia.* Fol., 1 fl.

Datada de 6 de Março de 1824.

110.—OFFICIO da Camara da Cidade de Olinda, dirigido ao Excellentissimo Coronel, Commandante das Armas.—*Na Typografia de Miranda & Companhia.* Fol., 1 fl.

Datado de 8 de Março de 1824, protesta contra a conducta de certos militares que queriam obrigar a jurar o projecto de constituição.

111.—PROCLAMAÇÃO (da Camara de Olinda protestando contra as accusações dirigidas contra o Governo, de pretender este «desenrolar o pendão democratico»).—*Na Typografia de Cavalcante & Companhia.* Fol., 1 fl.

Datada de 8 de Março de 1824.

112.—TERMO DE VERAÇÃO Extraordinaria da Camara da Cidade do Recife.—*Na Typografia de Miranda & Companhia.* Fol., 14 pp.

Conselho convocado a 29 de Maio de 1824, para 9 de Junho, e fim de serem ouvidos «os sentimentos» dos cidadãos de todas as classes sobre o projecto da Constituição do Imperio.

113.—PROCLAMAÇÃO (de José de Barros Falcão de Lacerda concitando os pernambucanos a sustentar o Governo).—*Na Typografia de Miranda & Companhia.* Fol., 1 fl.

Datada de 13 de Março de 1824.

114.—OFFICIOS (trocados entre as autoridades militares a proposito da prisão de Manoel de Carvalho).—*Na Typografia de Miranda & Companhia.* Fol., 4 pp.

Datados de 21 a 24 de Março de 1824.

115.—PROCLAMAÇÃO (de Manoel de Carvalho aos habitantes do Cabo concitando-os a se unirem ás forças provinciaes)—(S. l. n. d.), Fol., 1 fl.

Datada de 22 de Março de 1824.

116.—OFFICIO que a Camara do Recife dirigio ao Deputado Francisco Muniz Tavares.—*Na Typografia de Calvalcante & Companhia.* Fol., 2 pp.

Datado de 25 de Março de 1824, mostra as vantagens do projecto de constituição.

117.—PROCLAMAÇÃO (anonyma sobre a noticia do proximo bloqueio do porto do Recife, por duas fragatas surtas no Lameirão).—(S. l. n. d.). Fol., 1 fl.

Não traz data.

118.—O VIGARIO CAPITULAR em Nome da Santissima Trindade saúda a todo o Catholico Rebanho Pernambucano.—*Na Typografia de Miranda & Companhia.* Fol., 1 fl.

Datado de Olinda, 3 de Abril de 1824 e assignado por Bernardo Luiz Ferreira, V. G. Delegado,

119.—ACTA DO GRANDE CONSELHO de 7 de Abril de 1824.—*Na Typografia de Miranda & Companhia.* Fol., 18 pp.

Conselho em que foi resolvido enviar uma deputação ao imperador para reclamar a exclusão de Francisco de Paes Barreto da presidencia da Provincia.

120.—PROCLAMAÇÃO (de Manoel de Carvalho protestando contra o bloqueio do porto do Recife por João Taylor).—*Na Typografia de Miranda & Companhia.* Fol., 1 fl.

Datada de 9 de Abril de 1824. No verso traz um edital, de 8 do mesmo mez assignado por Manoel de Carvalho, mandando prender como espião qualquer individuo portador de proclamações e officios de João Taylor.

121.—PROCLAMAÇÃO (anonyma e sem data concitando os pernambucanos a resistirem á imposição do Morgado do Cabo como Presidente da Provincia).—(S. l. n. d.). Fol., 1 fl.

122.—CONTINUAÇÃO DA CORRESPONDENCIA OFFICIAL, que o Excellentissimo Governador das Armas da Provincia tem entretido com o Commandante da Divisão Naval Nacional, e Imperial, surta neste porto.—*Na Typografia de Miranda & Companhia.* Fol., 8 pp.

Consta de doze officios trocados de 11 a 19 de Abril de 1824.

123.—PROCLAMAÇÃO (de Manoel de Carvalho contra o commandante do bloqueio João Taylor).—(S. l. n. d.). Fol., 1 fl.

Datada de 23 de Abril de 1824.

124.—RESPOSTA DE HUMA CONSULTA (sobre a vantagem de ser jurado o projecto de Constituição).—*Na Typografia de Miranda & Companhia.* Fol., 1 fl.

Anonyma e sem data.

125.—DECRETO (Imperial de 24 de Abril de 1824 nomeando José Carlos Mairink da Silva Ferrão presidente de Pernambuco).—*Reimpresso em Pernambuco. Na Typografia de Miranda & Companhia.* Fol., 1 fl.

126.—PROCLAMAÇÃO (aos «Honrados Compatriotas Alagoenses», incitando-os a depor o governo «dos infames Mendonsas»).—(S. l. n. d.).

Anonymo e sem data.

127.—PROCLAMAÇÃO (de Manoel de Carvalho aos «Illudidos Pernambucanos» proclamando a perfidia dos Portuguezes e dos inimigos internos).—*Na Typografia de Miranda & Companhia.* Fol., 1 fl.

Datada de 27 de Abril de 1824.

128.—ACTA DA SESSAM do Grande Conselho de 6 de Maio de 1824.—(S. l. n. d.). Fol., 8 pp.

Conselho em que foi resolvido que sem demora se atacasse a provincia de Alagoas.

129.—PROCLAMAÇÃO (de José de Barros Falcão de Lacerda aos «Briosos Soldados Pernambucanos», animando-os a resistir aos inimigos do Governo constituído.—(S. l. n. d.). Fol., 1 fl.

Datada de 12 de Maio de 1824.

130.—PROCLAMAÇÃO (do Capitão Commandante interino, Agostinho Bizerra Cavalcanti e Souza, ao assumir o commando das armas).—*Na Typographia de Miranda & Companhia.* Fol., 1 fl.

Datada de 18 de Maio de 1824.

131.—LIBERAES DA PARAHIBA.—(S. l. n. d.). Fol., 1 fl.

Manifesto do Padre João Barbosa Cordeiro, datado de Goianna, 18 de Maio de 1824. Parece ter sido impresso na mesma typographia que o n. 108.

132.—DECRETO (Imperial de 24 de Abril de 1824, nomeando José Carlos Mairink presidente de Pernambuco, officio de Manoel de Carvalho, de 21 de Maio, convidando-o a tomar posse, e dito de José Carlos, na mesma data, declarando não poder acceitar a demissão do mesmo).—*Na Typographia de Cavalcante & Companhia.* Fol., 1 fl.

133.—OFFICIO (de José Carlos Mairink, na mesma data, a Manoel de Carvalho, repetindo o mesmo protesto).—*Na Typographia de Cavalcante & Companhia.* Fol., 1 fl.

134.—OFFICIO (do mesmo ao mesmo em 23 de Maio de 1824, declarando só poder marcar dia para tomar posse do governo, depois de conciliados os partidos e recolhida aos seus quartéis a força armada).—*Na Typographia de Cavalcante & Companhia.* Fol., 1 fl.

135.—OFFICIO (de Manoel de Carvalho, em 24 de Maio de 1824, respondendo ao anterior e explicando os motivos da remessa de forças para o sul da provincia).—*Na Typographia de Cavalcante & Companhia.* Fol., 1 fl.

136.—OFFICIO (de José Carlos Mairink a Manoel de Carvalho, em 26 de Maio de 1824, concitando-o permanecer á frente do governo, em virtude da situação anormal).—*Na Typografia de Cavalcante & Companhia.* Fol., 1 fl.

137.—PROCLAMAÇÃO. Dom Pedro, Imperador Constitucional, e Defensor Perpetuo do Imperio do Brasil, a todos os subditos do Imperio.—*Rio de Janeiro. Na Imprensa Nacional. 1824.* Fol., 2 pp.

138.—MANIFESTO. Brasileiros.—*Na Typografia Nacional.* Fol. 1 fl.

Celebre manifesto, de Manoel de Carvalho, que termina:—*Viva a Confederação do Equador.*

Não traz data, e no verso vem impressa a portaria de 11 de Junho de 1824, na qual o imperador mandava que cada provincia se valêsse dos proprios recursos no caso de ataque por parte de Portugal.

139.—PROCLAMAÇÃO (de Manoel de Carvalho avisando os pernambucanos da vinda de forças portuguezas para auxiliar o imperador e recolonisar o Brasil).—*Na Typografia de Miranda & Companhia.* Fol., 1 fl.

Datada de 15 de Junho de 1824.

140.—EDITAL (de Manoel de Carvalho isentando do pagamento de impostos por dez annos a quem construisse casas no espaço que se estendia «desde a Casa da Opera até o Palacio velho»)—*Na Typografia de Cavalcante & Companhia.* Fol., 1 fl.

Datado de 16 de Junho de 1824.

141.—PROCLAMAÇÃO. Abitantes das Provincias do Norte do Brasil.—*Na Typografia Nacional.* Fol., 1 fl.

Datada de 2 de Julho de 1824 e assignada por Manoel de Carvalho Paes d'Andrade, *Presidente.*

142.—PROCLAMAÇÃO (Imperial, aos pernambucanos).—*Rio de Janeiro. Na Typografia Nacional. 1824.* Fol., 1 fl.

143.—HABITANTES DO BRASIL (Proclamação imperial).—Brasileiros. (Proclamação datada de 17 de Julho de 1823).—*Na Typografia de Cavalcante & Companhia.* Fol., 1 fl.

144.—PROCLAMAÇÃO. Illustres Bahianos, e mais Compatriotas das Provincias do Sul.—(S. l. n. d.).—Fol., 2 pp.

Sem data e assignada pel'Os Povos das Provincias do Norte do Brasil.

145.—PROCLAMAÇÃO (de Manoel de Carvalho aos «Habitantes da Bahia»).—*Pernambuco. Na Typografia Nacional.* Fol., 1 fl.

Sem data.



A «VIAGEM BRASILICA»

DE

Lorenz Simon

Quando, ha oito annos, publicamos, com o titulo de — *Diario de um soldado da Companhia das Indias Occidentaes*—(1), a traducção da—*Brassilianisch-und West-Indianische Reise Beschreibung*—de Ambrosio Richshoffer, editada por Josias Staedeln, livreiro de Strasburgo, em 1677, mal suspeitavamos que, no mesmo anno e com denominação quasi identica, outro aventureiro allemão havia tambem dado á estampa a narrativa das suas tribulações em Pernambuco no tempo da occupação hollandeza.

A primeira noticia a respeito encontramos-la recentemente na obra assaz prestimosa de Bernardes Branco—*Portugal e os Estrangeiros* (Vol. II, pag. 428); mas, a informação era em extremo deficiente, pois, o bibliographo portuguez se limitára a copiar erradamente o titulo e a reproduzir a breve noticia com que, num catalogo do livreiro parisiense Chassonery, fôra offerecido á venda um exemplar da escassa publicação.

Sem demora iniciamos pesquisas, por intermedio dos nossos correspondentes na Europa, e conseguimos por fim saber que na opulenta bibliotheca do Museu Britannico existia este impresso, até agora desconhecido de todos os nossos historiadores e bibliographos; pouco depois recebiamos a respectiva copia, enviada, de Londres, pelo nosso querido amigo o eminente pernambucano Dr. M. de Oliveira Lima.

A coincidência da data do apparecimento e do titulo a principio nos induzira a suppôr fôsse talvez alguma contra-

(1) Recife, Laemmert, & C^o., 1897, in-8^o.

facção do livro de Richshoffer ; podemos então verificar o contrario, pois, em tudo differe daquelle.

Materialmente é um opusculo in-4° grande, de oito paginas ; escripto em allemão muito incorrecto e eivado do palavras hollandezas, pertence ao genero de litteratura popular a que se convencionou chamar de «livros de cordel», o que explica assaz a sua extrema raridade.

Intitula-se — *Brasilische Reise | Von einem Teutschen Soldaten | in AMERICA Wie es ihm allda ergangen | auch Leib und Lebens-Gefahr allda ausstehen müssen Nahmens LORENZ SIMON aus SACHSEN | von Bernsdorff in Thüring*—isto é : Viagem Brasilica de um soldado allemão na America, o que ali lhe succedeu e dos perigos de corpo e de vida porque passou. De nome Lourenço Simão, natural da Saxonia, de Bernsdorf na Thuringia.

Não traz declaração do lugar em que foi impresso, nem o nome do editor ; no frontispicio lê-se apenas—*Gedruckt im Jahr 1677*—ou—Impresso no anno de 1677.

Na pagina immediata vem um longo offerecimento laudatorio ao duque reinante de Saxe-Julich-Cleve e Berg.

O texto começa, á guiza de epigraphe, com o seguinte periodo : *Historia veridica ou breve descripção de viagem de um soldado allemão na America, na costa do Brasil, entre Fernuboca e Capo de Augustino, á 8 de Agosto.* Entretanto, e quasi até o fim da pag. 5, encerra a auto-biographia de Lorenz Simon, desde que, em 1633, deixou o lar paterno para correr o mundo, servindo ora como aprendiz de livreiro em Brunswick, ora tomando parte na Guerra dos Trinta Annos, como soldado da cavallaria sucça, ora engajado como marinheiro na esquadra hollandeza, até empregar-se, em 1639, em casa de um mercador de Leyde. Não permittio o seu genio bando-leiro permanecesse por muito tempo nesta occupação pacifica, e não tardou em partir á cata de novas aventuras.

«A 12 de Dezembro de 1640, conta elle, resolvi alistar-me, em Delft, na casa da Companhia das Indias Occidentaes, como soldado afim de seguir para o Brasil. A 21 nos fizemos ao mar a bórdo do navio *Fortuna*, de Rotterdam, e a 28 e 29 atravessamos o Canal. A 25 de Janeiro de 1641 passamos pela altura do estreito de Gibraltar, onde entram todos os na-

vios destinados a Genova, Napoles, Sicilia, Malta, Candia e outros portos vizinhos. A' esquerda do estreito está situada a Hespanha, e defronte, á direita, a costa da Barbaria, nos limites da Mauritania ou Africa. A 20 de Fevereiro passamos pelas ilhas Canarias, na distancia de seis milhas; é ali que se encontra o monte mais elevado do mundo, chamado Tenerife, e que de longe parece com uma nuvem escura. No mez de Março chegamos com o nosso navio, todos bem dispostos e es-correitos, á costa do Brasil, na America, e desembarcamos no Recife.

«Ali permaneci em terra apenas quatro semanas, por ter sido destacado, com dezeseis companheiros, para guarnição do hyate chamado «De Hazewind» (*O Galgo*) destinado a ir cruzar na costa de Angola, na Africa. Em breve encontramos uma caravela portugueza, que devia conduzir um enviado a Portugal, e que trouxemos para o Recife, em Pernambuco, onde continuei a servir, em terra e no mar, até o anno de 1649.

«A 19 de Fevereiro do mesmo anno fui feito prisioneiro nos montes Guararapes, quando as nossas forças, sob o commando de Sigismundo van Schuppen, tenente-general das tropas de terra e mar, foram destroçados pelo mestre de campo Francisco Barreto, de Portugal, com os seus portuguezes e outros mestres de campo com os seus mulatos, negros, brasilienses e tapuios.

«A 21 fui levado preso para o forte do Pontal, com o capitão Mauricio, o tenente van Ancker, um capitão-tenente de nome Jung Carpentier, ainda outro tenente chamado Josué, um alferes da nobreza da Curlandia, da familia Wieberg, um capitão de navio, um barbeiro do regimento do coronel Houten, além de muitos officiaes inferiores e 150 soldados rasos. Ali permaneci preso até 8 de Agosto, quando me evadi da minha prisão em uma jangada, conforme se vê na gravura em cobre, permitindo o bom Deus que milagrosamente me salvasse. Por isso graças e louvores lhe dou eternamente.»

A gravura em cobre, a que allude Lorenz Simon e acompanha o opusculo, é de desenho muito primitivo e representa as peripecias da sua evasão com menosprezo completo das distancias entre os diversos pontos e das dimensões relativas dos objectos, conforme se vê do *fác-simile* aqui junto.

Reportando-se ás letras minúsculas do desenho, vêm após as seguintes explicações em versos claudicantes.

(a) «Quando cheguei a este ponto da minha viagem comecei alegremente a cantar: Deus Pae! valei-me e não me deixeis perecer; limpae-me de todo o peccado e ajudae-me a bem morrer!

(b) «Aqui, exausto de fadiga, quiz descansar e o somno me venceu.

(c) «Ao acordar pensei em Jesus.

(d) Oh! Jesus! valei-me!

(e) Quando amanheceu só vi ceu e mar.

(f) «Ao contemplar o sol pensei em voltar atraz porque considerei que a terra mais proxima estava distante 700 leguas, em Augola, na terra dos Mouros ou Africa.

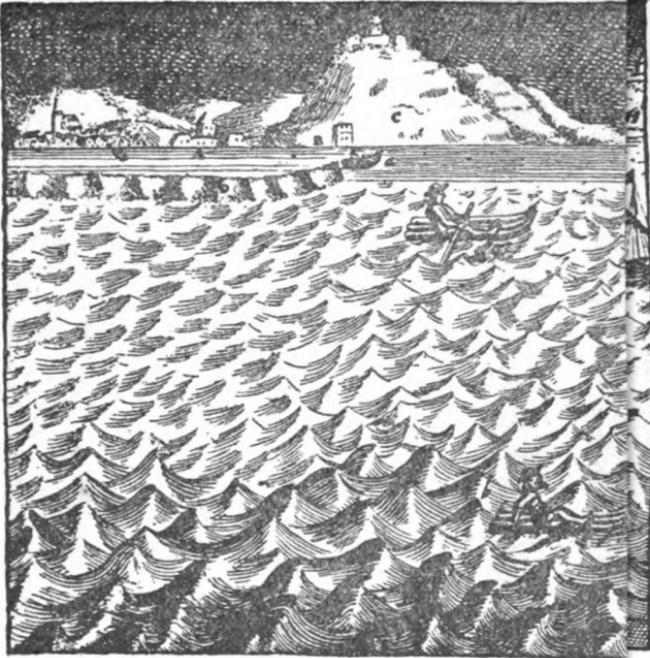
(g) «Aqui ao por do sol, consegui com grande difficuldade alcançar um navio.

«Chegando em terra voltei de novo a servir sob as ordens do Sr. Commissario da Artilharia.

«No anno de 1654, quando em virtude de accordo todas as terras do Brasil foram entregues aos portuguezes, achei-me novamente prisioneiro e fui embarcado em um navio com o meu Commissario, o Sr. Presidente van Schonenburg, o Sr. Henrique Hachs, de Amsterdam, ambos Conselheiros Supremos da Companhia das Indias Occidentaes no Brasil, e o Sr. Tenente-General Sigismundo van Schoppen. A 10 de Agosto chegamos com o nosso navio e tripolação á Zelandia, desembarcando na cidade de Wlissingen»,

Com este periodo termina a «Viagem Brasilica», de Lorenz Simon, que tem apenas o interesse de uma curiosidade bibliographica, sendo nullo o seu valor documentario. Ainda neste particular differe completamente da—*Brasilianische-und West-Indiunische-Reisse Beschreibung*, de Ambrosio Richshofer, repositório abundante de informações historicas.

ALFREDO DE CARVALHO.



**HISTORIA VERDADEII
NA COSTA**

A. Pontal. *B.* Forte Gieseling. *C.* Capo .

A TROYA NEGRA

ERROS E LACUNAS DA HISTORIA DE

PALMARES

PELO

DR. NINA RODRIGUES (*)

I

Nas insurreições de negros escravos, anteriores ás guerras tantas dos Musulmis, de todo perde-se o cunho das lutas organizadas, enfraquece-se o nexo ao designio de um esforço pela liberdade, não se percebe mais vibrar o sentimento nostalgico a longinqua terra natal.

As inspirações patrioticas ou religiosas que as animaram e esbatem talvez na insufficiencia dos conhecimentos que dellas chegaram aos nossos dias.

E para esse resultado haviam de ter collaborado por igual o desprezo dos senhores pelos escravizados, a ignorancia das leis que regem o desenvolvimento dos povos, a imprevisão da influencia historica que sobre os vencedores exerceram sempre os povos dominados.

Difficil assim decidir hoje que nações pretas as promoveram, a que moveis immediatos obedeciam, quaes os intuitos a que se propunham.

Todavia, mesmo assim desconhecidas, de algumas se tem feito grandiosas epopeas da raça negra. E a mais sabida, sem duvida a mais notavel, dentre todas a que melhor escapou ao ingrato olvido dos posteros, foi aquella que impropriamente se christomou de Republica dos Palmares.

(*) Transcripto do *Diario da Bahia*, de 20, 22 e 23 de Agosto de 1905.

PALMARES—Fixam alguns historiadores a data precisa de 1630 para o inicio dos quilombos constitutivos dos Palmares.

Mas antes parece que, de tempos bem remotos, por aquellos sitios se refugiavam dos fazendeiros visinhos os negros que se escapavam aos rigores do captiveiro.

A luta com os hollandezes deu-lhes força e incremento.

Já em 1644, ensina Gaspar Barleo, os hollandezes batiam os quilombos, situados então proximo a Porto Calvo e divididos em pequenos e grandes Palmares.

A estes, no dizer do Barleo, a faca e ferro destruiu Rodolpho Baro.

Para a época da restauração de Pernambuco, cerca de 1650, porém quarenta negros, todos de Guiné, buscaram de novo o sitio ou ruinas do antigo quilombo e lá o reconstruíram, não já divididos em grandes e pequenos Palmares, mas abrangendo povoados distinctos confederados sob direcção suprema de um chefe.

De modo inexacto se referem alguns historiadores a Palmares como feito unico, a um só e mesmo Estado.

No decurso dos seus 67 annos de existencia, por mais de uma vez, parece ter-se rompido ali a continuidade na séde da sua occupação, de continuo mudada ou transferida; na direcção governista dos seus chefes, que por ventura foram divessos *Zambis* e até, é quasi certo, nas gerações que por ali passaram e que, no pensar de alguns, se contaram por quatro. A solução de continuidade que o exito das campanhas do Baro e de D. Pedro de Almeida devia ter posto na existencia de Palmares, permite marcar na sua historia tres periodos distinctos: Palmares hollandez destruido em 1644 por Baro; Palmares, da restauração pernambucana, destruido pela expedição de D. Pedro de Almeida; Palmares terminal, definitivamente anniquillado em 1697. Como facilmente se poderia reconstruir os quilombos, destroçados das duas investidas, não é difficil entender dadas as luctas da restauração de Pernambuco no dominio hollandez e no periodo posterior os escassos recursos da colonia portugueza por um lado, a copia avultadissima de negros importados pelo trafico, de outro lado.

Mas tal descontinuidade antes se deve admittir da direc-

ção politica e organização do quilombo, do que da sua existencia, pois a esta não chegaram a interromper nem a campanha de D. Pedro de Almeida, nem os successores de Baro.

São de valor e exactidão muito desiguaes as chronicas e noticias que dessas differentes phases possuímos.

A' primeira ou hollandeza se referem extractos de historialores batavos.

Da segunda, a minuciosa e circumstanciada relação dos feitos do governador D. Pedro de Almeida contrasta com as noticias incompletas umas, suspeitas de exaggeradas outras, relativas á phase terminal da luta.

O importante manuscripto (1) offerecido em 1859 ao Instituto Historico e Geographico do Rio de Janeiro pelo conselheiro Drummond, de titulo: *Relação das guerras feitas aos Palmires de Pernambuco no tempo do governador D. Pedro de Almeida, 1675 a 1678*, destróe muitas das duvidas que, em 1841, manifestava o desembargador Silva Fontes (2) sobre a séde exacta, a população e outras condições destes quilombos.

Do Palmares hollandez é bem resumida a chronica.

Barleo (3) ensina que era dividido em grande e pequeno, dando ao primeiro cinco e ao segundo seis mil habitantes.

Desconvém desta estimativa curioso *Diario* (4) de uma expedição commandada pelo capitão João Blaer, traduzido e publicado pelo Dr. Alfredo de Carvalho. Não se lhe dá o autor que certamente não foi o proprio capitão, obrigado a retroceder logo nos primeiros dias por gravemente enfermo e substituído na jornada pelo tenente Jurgens Reijmbach.

(1) *Revista do Instituto Historico e Geographico do Brasil*, 1859, Vol. 22, pag. 303.

(2) Dr. Silva-Pontes, *Programma: Quaes os meios de que se deve lançar mão para obter o maior numero possivel de documentos relativos á Historia e Geographia do Brasil?* *Revista do Instituto Historico e Geographico do Brasil*. Vol. 3, 1841, pagina 149.

(3) Gaspar Barleo, *Loc. cit.*, pagina 243.

(4) *Diario da viagem do capitão João Blaer aos Palmares em 1645*, da collecção *Briefven en Papieren uit Brasilien*, traduzido do hollandez por Alfredo de Carvalho. *Revista do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano*. Vol. X. Março, 1902, n. 56, pag. 87.

Mas, qualquer que fosse, quem descreve, o faz de *visu*. Os expedicionarios sahidos de Salgados a 26 de Fevereiro de 1645, a 18 de Março encontraram um Palmares ha tres annos abandonado por insalubre. Era das proporções do Palmares habitado que, situado mais afastado, só foi alcançado a 21.

Constava este Palmares de uma rua, larga de uma braça e longa de meia milha, estendida de oeste a leste. «As casas eram em numero de 220 e no meio dellas, erguia-se uma igreja, quatro forjas e uma grande casa do conselho: havia entre os habitantes toda a sorte de artifices e o rei os governava com severa justiça não permittindo feiticelro entre a sua gente e quando alguns negros fugiam, mandava-lhes *crioulos* ao encalço e uma vez pegados eram mortos, de sorte que entre elles reinava o terror, principalmente nos negros da Angola.» Com quatro portas, Palmares era cercado de estrepes, confinava com um alagadiço por um lado e com arvores derribadas e cruzadas do outro. «Perguntamos aos negros qual o numero de sua gente, ao que nos responderam haver 500 homens, além das mulheres e crianças; presumimos que uns pelos outros ha mil e quinhentos habitantes, segundo delles ouvimos».

«Este, conclue o *Diario*, era o Palmares grande de que tanto se fala no Brasil».

II

Ao tempo a que se refere o manuscripto do conselheiro Drummond, distribuiam-se não os dous, mas os differentes Palmares, por uma extensão de mais de 60 leguas, em vasta zona de palmeirae que, cortada de outras matas, corre, ao longo da serra das Barrigas, da parte superior do rio S. Francisco, quasi de norte a sul, até o sertão do Cabo de Santo Agostinho.

Ao noroeste estava o mucambo de *Zumbi*, 16 leguas do Porto Calvo; ao norte deste, distancia de cinco leguas, demorava o de *Arutirene*; a léste destes, ficavam dous mucambos chamados das *Tabocas*; destes ao noroeste e na distancia de 14 leguas, o de *Dambrubanga*; ao norte deste, a 8 leguas, a cerca chamada *Subupira*; desta a 6 leguas ainda para o norte, a cerca real, chamada o *Macaco*; 5 leguas a oeste desta, o mu-

cambo do *Ozengá*: a 9 leguas de Serinhãem para o noroeste a cerca do *Amaro*; 25 leguas das Alagoas ainda para o noroeste, o Palmares de *Antalaquituxe*, irmão de *Zambi*. E entre estes todos, que são os maiores e mais defensáveis, havia outros de menor conta e de menor gente».

Macaco era então a cidade real, a capital da federação.

Tinha para mais de 1.500 casas e era fortificada de cerca de páo a pique e de fôjos e estrepes de ferro. Nella havia uma capella onde a expedição portugueza encontrou uma imagem do Menino Jesus, outra de S. Braz e outra da Senhora da Conceição. A segunda cidade era Subupira, com mais de 800 casas, dilatando-se pela extenção de quasi uma legua e plantada sobre o rio Cachingi. E' este o sitio provavel onde demorou o pequeno Palmares dos tempos de occupação hollandeza, pois a elle quadra a descripção de Barleo.

Aqui habitava o *Zonó*, irmão do rei, e era a praça forte em que se aprestavam as guerras. Tambem estava cercada de fôjos e estrepes protectores. As outras cidades, governadas pelos cabos e sub-chefes, eram muito differentes de importancia; todas, porém, mais ou menos fortificadas.

Este Estado negro, que no recesso das brenhas assim se constituiu e fortalecera, tinha tido começos mais modestos em diminuta reunião de escravos fugidos que, augmentando de numero com o tempo, tiveram de raptar as mulheres de que careciam; pois, menos aptas a fugir dos engenhos e fazendas do que os homens, estavam ellas em grande falta nos quilombos. O simile com o feito historico do roubo das Sabinas tem offerecido thema aos historiadores entusiastas dos Palmares, para firmar, para os negros, neste traço accidental de fortuita pareença com os dominadores do mundo antigo, novo titulo de admiração. Mas, como era de prever, contestando a affirmação de Rocha Pitta, de que não tivesse sido o rapto das Sabinas nem mais geral, nem mais completo, ensina Denis (5), que «sabido é que os habitantes de Palmares se apoderaram simplesmente, á mão armada, das mulatas e mesmo brancas, que se achavam nas roças e nos arredores».

(5) Devo declarar que não encontrei na *Historia da America Portuguesa* o juizo que Ferdinand Denis attribue a Rocha Pitta.

Crescia, todavia, a nação negra que, dando-se a mais e mais á agricultura, passou a estreitar com os vizinhos, a cujo respeito já se impunha pelo numero, relações commerciaes em que, como em Africa, os productos extractivos se permutavam com artigos industriaes, sobre-tudo armas e munições.

Assim se constituiu um Estado negro, que Rocha Pitta comparou a «uma republica rustica, bem ordenada a seu modo», de onde lhe veio o appellido historico de Republica dos Palmares. (6). Mas esta qualificação de republica só lhe poderia convir na accepção lata do Estado, jámais como justificação da fórma de governo por elles adoptada. Não se pôde tomar á letra a electividade do *Zambi* ou chefe, em que aquella denominação se inspirou, pois esta electividade não era a das republicas modernas, mas, como em toda a Africa selvagem, a do chefe mais habil ou mais sagaz.

Ali se constituiu uma certa policia de costumes de que, é bom notar, não se excluiu a instituição de escravidão. «Todos os negros fugitivos que conquistavam a sua liberdade, a conservavam entre os habitantes de Palmares; todos os que se arrancavam das roças ficavam escravos». Melhor se desenvolveu e apurou esta policia na defeza interna e externa, em um esboço de organização da justiça e da guerra. Ali eram punidos de morte o homicidio, o adulterio e o roubo; de morte se puniam ainda aquelles que, já sendo livres em Palmares, voluntariamente regressavam ao captivo em casa dos seus antigos senhores: menor era a pena em que incorriam os escravos de Palmares que se evadiam. Devia ser assim. A *suprema lex* na manutenção de Palmares era a capacidade de manter a liberdade adquirida; faltar esse dever era desertar e trahir a causa commum e o maximo da punição devia correr em auxilio della, a soerguer e sustentar os animos dubios.

Sobre a organização social e a policia de Palmares, não é licito admittir os exaggeros manifestos de alguns historiadores. O desembargador Silva Pontes põe em duvida a população de

(6) *Monarchia electiva*, diz Ayres do Casal, *Chorographia brasileira*, 2ª edição, 1845, Tit. II, pag. 143.

20.000 almas que alguns lhe attribuem e mostra como reina neste particular a maior divergencia entre os historiographos. E' de prever que o desconhecido da distancia e do natural re-trahimento de negros fugidos, accrescidos das difficuldades a superar na dominação de Palmares, de sobra tivesse influido para exaggerar-lhe as proporções e a importancia. E' facto este comesinho e de observação trivial que, em melhores condições de verificar-se e informar-se, se está reproduzindo em nossos dias. Os computos mais desencontrados se fizeram ainda ha pouco sobre o effectivo de combatentes do pequeno reducto de Canudos, visitado pela população sertaneja da Bahia inteira e a horas apenas de povoações importantes. E, de facto, se ficou ignorando qual elle fosse ao certo.

Assim as cidades de Palmares. Ninguem ha de jurar nas palavras de Rocha Pitta quando lhes descreve grandezas que não podiam possuir. A' especial architectura do palacio de *Zumbi*, justamente negam fé hoje os entendidos, por contraria e em desacordo com tudo que se sabe da capacidade e cultura dos palmarinos. Como em geral nas cidades africanas mesmo as mais importantes, as cidades de Palmares deviam ser verdadeiros agrupamentos de pequenas villas, quarteirões ou districtos, em que raças, povos ou familias diversas, regidas por leis e costumes differentes, muitas vezes se associam ou confederam. E assim era Palmares.

«As habitações não formam ruas como em nossas cidades; estavam dispersas pelo meio de espaços de terrenos cultivados e cortados por diversos regatos». Explicam-se, pois, as extensões de leguas, que são marcadas a essas cidades.

Que na organização de Palmares tivessem tido voto e peso os foragidos de côr de todos os matizes, temperando, mas não mascarando, o ascendente de chumbo da direcção africana, é cousa natural e com que se devia contar.

Palmares nascia desse mesmo ajuntamento de escravos e aventureiros de côr que nem todos eram negros. Sem fortes e radicadas tradições do governo africano, as noções de que se tinham impregnado os negros na longa convivencia com o povo em cujo seio viveram escravos, deviam forçosamente communicar a Palmares tons das regras e habitos a que estiveram submettidos. Assim como os habitos adquiridos na

America emprestavam caracteristicos especiaes aos africanos que regressavam á Costa, onde eram tidos por colonia brasileira, assim no governo de Palmares muito devia haver de importado das praticas e costumes da colonia portugueza.

O que se apura, em resumo, das descripções conhecidas é que em liberdade os negros de Palmares se organizaram em um Estado, em tudo equivalente aos que actualmente se encontram por toda a Africa ainda inculta. A tendencia geral dos negros é a se constituirem em pequenos grupos, tribus ou estados em que uma parcella variavel de autoridade e poder cabe a cada chefe ou potentado.

Cada vez que apparece um chefe de maior prestigio e felicidade na guerra ou no mando, esses pequenos estados se subordinaam a um governo central despotico, que só se pôde considerar electivo neste sentido de tocar sempre ao que dá provas de maior valor ou astucia.

Palmares não é um caso especial e sem exemplo na historia dos povos negros.

Como Palmares no Brasil, eram cidades ou estados compostos de escravos fugidos e aventureiros *Atakpamé* nos *Ewees*, *Abeakutá* no *Egba*, mas sobretudo *Agué* ou *Ajigé* no pequeno *Pópó*, onde libertos do Brasil concorriam com *Mahis* expulsos de *Dahomey*, com *Nagós* repellidos do centro e americanos da Liberia.

Mais estreitas são, porém, as suas analogias com *Farabana* no Bambuk, Alto Senegal.

Como Palmares, Farabana, em que se tinham refugiado os escravos dos districtos vizinhos, constituiu, no seculo XVIII, um Estado temível, graças ao numero, audacia e valor dos negros e a fertilidade do sólo.

Si á lição que dá a historia destas cidades de negros fugidos, que todas se mantiveram independentes e aggressivas, accrescentar-mos o perigo que o coronel Binger denunciava, para a civilisação e para a sorte das colonias francezas de Sudão, na constituição dos grandes Estados negros, melhor se porá em destaque a benemerencia das armas portuguezas, destruindo o formidavel quilombo dos Palmares.

O sentimento de sympathia pela misera sorte dos negros escravizados, que é a generosa caracteristica da nossa época ;

a justa admiração pelo valor e denodo com que Palmares soube defender-se ; e mais ainda o sacrificio de seus chefes, preferindo o suicidio ao captivo ou á punição, no que se quer encarnar um culto heroico á liberdade, têm fascinado a muitos historiadores e publicistas que, na exaltação da Republica, quasi chegam a lamentar o seu exterminio.

Mas acima dessa idolatria incondicional pela liberdade, que pôde, em sua cegueira sectaria, confundir cousas distinctas e descobrir intuitos liberaes onde houve apenas o instincto de salvação, paira o respeito pela cultura e civilização dos povos.

Em nome da civilização e do progresso futuros da colonia luzitana, tem-se acreditado justo e permittido deplorar-se o insuccesso do dominio hollandez no Brasil.

A todos respeitos menos descutivel é o serviço relevante prestado pelas armas portuguezas e coloniaes, destruindo de uma vez a maior das ameaças á civilização do futuro povo brasileiro, nesse novo Haiti, refractario ao progresso e inacessivel á civilização, que Palmares victorioso teria plantado no coração do Brasil.

E esse successo não foi producto de uma acção facil e sem perigo.

Custou ao contrario á tenacidade e providencia do governo colonial grandes sacrificios de homens e de dinheiros.

III

Das expedições hollandezas conhecidas occupa o primeiro logar a de Rodolpho Baro.

Ensina Barleo (7) que em 1644, o príncipe Mauricio de Nassau para pôr termo aos damnos causados á colonia hollandeza pelo visinho quilombo de Palmares, aprestou e enviou contra elle uma expedição chefiada por Baro, já de sobra experi-

(7) Barleo. *Dux facit fuit Rodolphus Baro, audax animi et impeterritus, qui adscitis ad reliquias copias Tapujtis centum, cum Mineris vasta e et diripere pararet, incidit in Mejores, quas ferre flammique pessumde dit. Cecidere Negritæ centum; et nos tris in ipsa aggressione unus, saiciis quartuor. Captivi abduci triginta et unus, inter quas Brasiliani septem et Mulutæ aliquat minorenes. Rega æ Mauritio etc., pag. 291.*

mentado, o qual destruiu Palmares, matando centenas de negros e trazendo 31 prisioneiros.

No entanto, o *Diario* da expedição do capitão João Blaer mostra que, já em começo de 1645, o grande Palmares, supposto destruído a ferro e fogo por Baro, não só subexistia como era florescente.

E' de notar que, referindo-se o *Diario* a uma mudança de localidade, deste Palmares, realizada 3 annos antes, por insalubridade do sitio, não diga palavra da expedição de Baro.

Se a esta se deve referir o seguinte trecho, muito se lhe amesquinha o merito :

« A 19 do dito pela manhã caminharam uma milha e chegaram ao outro Palmares onde estiveram as gentes hollandezas, com brasileiros e tapuios, e o incendiaram em parte, pelo que os negros o abandonaram e mudaram o pouso para d'ali a 7 ou 8 millas onde construíram o novo Palmares igual ao que precedentemente haviam abandonado. »

Ao Sr. Dr. Alfredo de Carvalho, tão versado nos documentos hollandezes referentes á occupação de Pernambuco, communiquei as duvidas que o *Diario* de Blaer fez nascer no meu espirito sobre a realidade, ou mais precisamente sobre a importancia que Barleo attribue á expedição de Baro, e pedi-lhe verificasse que contribuição prestavam á elucidação do ponto as cartas nassovianas cuja traducção está publicando.

Gentilmente o fez, communicando-me nada ter encontrado a respeito. Mas, no ponto da minha duvida, emite hypothese pessoal, deduzida da comparação do trecho de Barleo com o seguinte, de Luiz Driesen : (8).

« Nas densas florestas ao norte de Parahyba tinham-se aos poucos agglomerado bandos de escravos fugidos, cujo numero chegou a 6.000 homens. A principio moravam em cabanas feitas de ramos e viviam da caça e dos fructos silvestres ; em breve, porém, começaram a exercer depredações, tornando-se tanto mais nocivos aos agricultores da Parahyba, com seduzir-lhes os escravos a fugir. Contra elles foi enviado Rodol-

(8) Luiz Driesen : *Leben des Fuerstens Johann Moritz von Nassau Sigen* (Berlin, 1849, pag. 124-125). *Apud*, Dr. A. de Carvalho.

pho Baro, em fins de 1643 com algumas centenas de tapuias a elle dedicados e soldados hollandezes. Penetrou elle até a aldeia principal, e deuido as numerosas palmeiras chamadas Palmares, incendiou as cabanas e passou á espada os que resistiram. A maioria dos negros salvou-se no matto e Baro trouxe apenas poucos prisioneiros.

Attendendo a que o estado de lutas permanentes, em que vivia a colonia, permittia naquelles tempos, a facil organização de quilombos por todo o Brasil oriental, acredita o Dr. Alfredo de Carvalho que, não contra a Republica dos Palmares, mas contra outro quilombo de igual nome, que Driesen colloca ao norte da Parahyba foi dirigida a expedição de Baro.

E' assaz provavel, escreve-me elle, que os escravos, escapados dos engenhos da Parahyba, se tivessem congregado em quilombo no seu extremo septentrional, e que contra estes fosse ordenada a expedição de Rodolpho Baro. A diligencia de Barleo teve, provavelmente, por objecto a extincção ou dissolução de um *quilombo* ao norte da Parahyba, nunca foi um commettimento ao formidavel nucleo da Serra da Barriga.

Não nos calou no espirito esta hypothese do illustre investigador pernambucano. Precisamente o opposto se nos afigura provar a citação de Driesen. Ella confirma plenamente o *Diario* do capitão Blaer, mostrando :

1º, contra Barleo, que a expedição hollandeza, que antes de Blaer, tinha estado em Palmares, nada conseguiu, limitando-se a incendiar, em parte, a povoação que os negros voltaram a reedificar mais longe ;

2º, de accordo com Barleo, que essa expedição foi a de Baro, pois Driesen, Blaer e Barleo, falam todos numa expedição de indigenas ou tapuias, dirigida por hollandezes.

Não invalida este modo de ver a circumstancia de Driesen collocar Palmares ao norte da Parahyba. Pois não é licito ver nisso mais do que um erro geographico ou de localização, em que é possivel tenha tido grande papel uma simples questão de nome. confundindo-se a capitania da Parahyba com o rio Parahyba, em que, segundo Barleo, se venha derramar o rio Gungohaby, em cujas margens estava situado o pequeno Palmares.

No seu *Diario* Blaer tambem fala insistentemente no rio Parahyba.

A descripção de Driesen quadra por demais á Republica dos Palmares, para autorizar a supposição de existir na mesma época, outro quilombo do mesmo nome, tirando a sua denominação da mesma circumstancia local, constituindo-se gradualmente do mesmo modo, egualmente formidavel pelo exaggerado numero dos negros (6.000) e do qual, certamente não destruido por Baro, nunca mais se fez menção na nossa historia.

O erro de séde, commettido por Driesen. se houve de facto erro, virá a ser mais uma das tantas discordancias, apontadas pelo desembargador Silva Pontes na historia de Palmares.

Como quer que seja, de resultado negativo foi a expedição do capitão João Blaer, pois se limitou a incendiar os casabres dos negros, a prender e matar alguns destes.

Os demais em tempo avisados de Alagôas, se tinham posto ao abrigo de qualquer surpresa, evitando a luta.

A expedição regressou a Salgados a 2 de Abril do mesmo anno.

IV

Da expulsão dos holandezes ás expedições de d. Pedro de Almeida, se haviam feito vinte e cinco investidas contra Palmares, e todas se mallograram.

A primeira, ainda organizada pelo restaurador de Pernambuco, mestre de campo-general Francisco Barretto, foi confiada ao capitão André da Rocha.

A divergencia dos officiaes quasi a ia frustrando.

Passou a dirigil-a o tenente Antonio Jacome Bezerra, que conseguiu grande victoria sobre Palmares em que se fizeram cerca de duzentos prisioneiros.

A este capitão muitos outros se seguiram.

No manuscripto acima referido, que para descripção destas campanhas resumimos livremente, cotejando-o com o ar-

tigo do Sr. Pedro Paulino da Fonseca (9), mencionam-se dezoito.

Mas de todas essas emprezas nenhum resultado definitivo se obteve.

Assumindo a direcção da Capitania de Pernambuco em 1674, D. Pedro de Almeida, poz todo o seu cuidado em destruir Palmares; preparou os elementos para uma campanha decisiva; fez deposito de viveres em Serinhãem, Porto Calvo, Una e Rio de S. Francisco, determinou contingentes de tropas, ordenou ambulancias, designou cirurgiões e religiosos.

O commando da expedição foi confiado ao sargento-mór Manoel Lopes, que se achou em Porto-Calvo a 23 de Setembro de 1675 com 280 homens brancos, mulatos e indios, e a 28 desse mesmo mez partia para Palmares.

Só a 22 de Dezembro descobriu uma grande cidade de mais de duas mil casas, fortificadas de estacas de pão a pique, com grande numero de defensores.

Após uma luta de mais de duas horas e meia, os soldados atearam fogo ás casas construidas de materiaes muito inflammaveis.

Com o incendio debandaram os negros, cahiram sobre elles os soldados, que mataram e aprisionaram 70.

Apezar de soffrimentos de toda a sorte, o sargento-mór ali estabeleceu arraial durante cinco mezes.

Com tal visinhança, mais de cem negros procuraram seus senhores.

Mas, sabendo o sargento-mór que os negros se haviam retirado para além de 25 leguas de Palmares, lá os foi perseguir e os destroçou de novo, ficando ferido, de uma bala alojada na perna, o *Zambi*, delles rei e general, negro de singular valor, grande animo e constancia rara.

Regressando o sargento-mór com estas novas, entendeu D. Pedro de Almeida de dar cabo de Palmares e para esse em-

(9) Pedro Paulino da Fonseca: *Memoria dos feitos que se deram durante os primeiros annos de guerra com os negros dos Palmares etc. Revista do Instituto Historico e Geographico do Brazil. Tomo 39, 1876, pag. 293.*

prehendimento escolheu o capitão-mór Fernão Carrilho, que se achava a esse tempo em Sergipe, muito prestigiado com os successos e victorias alcançados, destruindo nos sertões da Bahia mucambos e aldeias de indios.

Fernão Carrilho, com parentes e alliados partiu para Pernambuco, e ali, confirmado no seu mandato, e sob a promessa de que lhe seria deixada a joia que era costume dar aos governadores, tratou de aprestar-se para a jornada.

Todas as camaras contribuíram com auxilios para essa empreza, sendo os mais avultados os de Olinda e Porto-Calvo.

Todavia, ao chegar a esta ultima villa, apenas encontrou Carrilho 185 homens, entre brancos e indios do Camarão.

Apezar de tudo proseguiu a sua jornada, partindo de Porto-Calvo com toda solemnidade a 21 de Setembro de 1677.

Demandaram primeiro acerca de *Aqualtune*, nome da mãe do rei, a qual morava em mucambo fortificado, 30 leguas a noroeste de Porto-Calvo.

A 4 de Outubro, ali chegaram, mas presentida a tropa fugiram os negros, morrendo muitos e ficando prisioneiros uns dez. Não encontraram a mãe do rei mas ficou morta a mulher que a acompanhava.

Ahi souberam que o *Ganga Zuimba*, com o seu irmão *Gana Jona* e todos os potentados e officiaes se achavam na cerca real de *Subupira*, onde contava o rei dar batalha a expedição.

A 9 de Outubro marcharam sobre *Subupira*, mas a encontraram reduzida a cinzas e deserta. Deliberou a expedição fundar ali um arraial que se denominou *Bom Jesus* e da *Cruz* e mandaram aviso a D. Pedro.

Das forças de Carrilho desertaram, porém, por duas vezes, 15 brancos, o que as reduziu a 130 praças. Felizmente neste aperto chegaram ao arraial noticias dos reforços que enviava D. Pedro sob a direcção do sargento-mór Manoel Lopes. E com isso levantou-se o animo das tropas.

Para mais reanimal-as, veio o successo coroar diversas excursões que partiram do arraial, nas quaes os negros foram invariavelmente batidos e aprisionados.

Em um destes encontros em que se fizeram muitos pri-

sioneiros e succubiram alguns dos seus melhores capitães, o rei só conseguiu escapar pela fuga.

Em Novembro, souberam que o rei se achava na cerca do Amaro. Atacado o mucambo, fugiram os negros, deixando muitos prisioneiros entre os quaes dois filhos do rei, e deixaram mortos outro dos seus filhos e muitos dos seus guerreiros mais experimentados.

Ainda desta vez escapou o rei pela fuga, mas acreditou-se que foi ferido de flexa.

Depois de varias outras excursões, sempre coroadas de feliz exito, a 27 de Janeiro de 1678 partiu Fernão Carrilho para Porto-Calvo, dando por destruido Palmares.

Dentre os negros aprisionados escolheu dois velhos, a negra Angela Magdalena e Matheus Dambi, sogros de um dos filhos do rei e fel-os voltar a Palmares a fim de intimar o rei a se sujeitar ao governo de Pernambuco, sob pena de voltarem as tropas e destruil-os até ao ultimo.

Então separou-se o quinto para sua alteza e os demais negros foram repartidos entre os soldados.

Chegava Fernão Carrilho ao Recife ao mesmo tempo que novas de outras victorias alcançadas sobre grupos de negros que por todos os lados fugiam de Palmares.

Com as informações prestadas pelos negros aprisionados de que Palmares estava reduzido a misero extremo sem cidade nem chefes, só restando ao rei alguns fieis com elle internados pelas mattas, resolveu D. Pedro enviar a Palmares um alferes com intimação ao rei, de que Fernão Carrilho ficava se preparando para voltar a pôr termo definitivo ao quilombo, mas que, si esses quizessem viver em paz com a colonia, lhes assegurava franca união, designaria terras para viverem e restituiria as mulheres e filhos que estavam em poder do governo.

Neste entrementes, D. Pedro passou o governo a seu successor Ayres de Souza e Castro.

Mas quasi em seguida veio ter com elle uma embaixada do rei de Palmares, a negociar a paz.

Significativa da influencia africana e da independencia e constituição barbara ou selvagem em que vivia Palmares, foram á entrada no Recife e o comportar da commissão negra.

« Natural foi o alvarço que causara a vista daquelles

barbaros, porque entraram com seus arcos e flexas, e sem uma arma de fogo, cobertas as partes naturaes, como costumam, uns com pannos, outros com pelles; comas barbas, uns trançadas, outros corridas, outros raspadas; corpulentos e valentes todos; a cavallo vinha o filho mais velho do rei, porque vinha ferido da guerra passada; todos se foram prostar aos pés de D. Pedro de Almeida e lhe bateram as palmas em signal de seu rendimento e em protestaçaõ da sua victoria; alli lhe pediram a paz com os brancos. »

Compunham a embaixada dois filhos do rei e dez negros mais. D. Pedro os enviou ao governador, a cujos pés se prostaram, fazendo as mesmas promessas de paz, pedindo a liberdade para os nascidos em Palmares e sujeitando-se a entregar os que para lá tinham fugido das povoações, a abandonar Palmares para residir no sitio que lhes fõsse designado.

Convocado um conselho das autoridades e pessoas mais influentes, foi votada a paz, compromettendo-se o Gangazumba a reduzir á obediencia qualquer grupo recalcitrante que apparecesse.

Desta deliberação se lavrou termo que um sargento-mór do 3º de Henrique Dias, que sabia ler e escrever, foi enviado a ler, como tratado de paz, ao rei de Palmares e aos seus.

As solemnidades de que se revestiram todos estes actos, davam a medida da real importancia do Estado negro com o qual a colonia tratava agora como de nação a nação, celebrando tratados da paz e recebendo com solemnidades as suas embaixadas. Não se comportaria assim um governo forte com agrupamentos fortuitos de negros fugidos que se devem reduzir á obediencia. E tudo isto fórma curioso contraste com os esforços empregados para fazer crer que finalmente estava Palmares destruido.

V

Que eram illusorias as esperanças do governador, os factos vieram provar para logo. Já no anno seguinte, 1679, o proprio Ayres de Souza enviava contra Palmares uma expedição commandada pelo capitão Freitas Cunha que foi batido pelos negros.

Tão rápida foi a reconstrução de Palmares, que apenas dez annos depois o governo de Pernambuco de novo estando na necessidade de destruir o quilombo, teve de empregar recursos formidaveis para a época.

Desta vez, o feito foi commettido aos paulistas. O mestre de campo dos paulistas, Domingos Jorge Velho, que as expedições contra os indios tornaram affeito ás guerrilhas das mattas brasileiras, propoz em 1687 ao governador Souto Mayor terminar a conquista de Palmares.

No contrato que entre elles se firmou, ficava a Jorge Velho a obrigação do transporte e conducção das tropas e munições, e ao governo estabelecer pontos de abastecimento em Alagoas e no Rio de S. Francisco.

As terras seriam doadas aos vencedores.

Segundo outra versão historica (10), Domingos Jorge

(10) A discordancia das duas versões historicas sobre a intervenção dos Paulistas nas lutas de Palmares deve ser producto exclusivo da deficiencia dos conhecimentos que a este respeito possuímos.

Dessa deficiencia resulta, com effeito, que muitas vezes se fundem num caso unico circumstancias que de facto se referem a feitos distinctos. A primeira versão, que é a do Visconde de Porto Seguro, Perdigão Malheiro e outros, conta em seu favor dados tão positivos que não permitem por em duvida a sua realidade. Porto Seguro indica a data precisa de 3 de Março de 1687, para a assignatura de um contracto em 16 artigos, lavrado entre o governador de Pernambuco, José da Cunha Souto Maior e Domingos Jorge Velho por seus procuradores o capitão-mór Christovão de Mendonça, e o carmelita frei André da Annuniação.

Este contracto foi approvedo pelo governador geral a 3 de Setembro de 1691 e pela côrte de Lisboa, a 7 de Abril de 1693 e está publicado na integra na *Revista do Inst. Hist. e Geog. do Brasil*. V. 1884. P. I. p. 19.

Por outro lado não é provavel que este contracto se tivesse mantido valido por todo o longo prazo de dez annos, que medeia entre a sua assignatura e a destruição de Palmares em 1697.

E', portanto, licito suppor ou que tivesse havido duas intervenções distinctas dos Paulistas em Palmares e a cada uma dellas se referiam as duas versões ou simplesmente que reconhecida a insufficiencia dos recursos de Jorge Velho para destruir o quilombo, um novo governador de Pernambuco, Caetano de Mello Castro, o 5º depois do Souto Maior, tivesse solicitado o concurso do governador e capitão-general D. Pedro de Lancastre, como affirma a segunda versão, que é a de Rocha Pitta, Southey, etc.

Velho fôra enviado pelo governador geral da Bahia, cujo concurso o governador de Pernambuco Caetano de Mello e Castro, havia solicitado para a realisação de seu plano de uma campanha decisiva contra Palmares. Domingos Jorge devia ir juntar-se ás tropas pernambucanas em Porto-Calvo, mas na supposição talvez de que por si só seria capaz de destruir Palmares, a pretexto de observar o inimigo em vez de seguir viagem pela estrada ordinaria ao longo da costa veio pelo interior de Alagôas.

Chegou assim em frente a Palmares e acampou nas portas da cidade. Enquanto se observavam de parte a parte, os expedicionarios ao terceiro dia dispersaram-se para saquear plantações de bananas, e os negros, que estavam attentos, cahiram sobre elles.

Travou-se sangrenta peleja em que se diz terem morrido ou ficado feridos 800 homens das duas partes. O certo é que Domingos Jorge batido, teve que retirar-se para Porto-Calvo.

Ahi reunidos tres contingentes de forças, o de Pernambuco commandado por Bernardo Vieira de Mello, o de Alagôas commandado por Sebastião Dias, e os paulistas do commando de Domingos Jorge, formou-se um effectivo de 6.000 homens que para logo marcharam sobre Palmares.

Ali chegando, puzeram cerco á cidade, acampando os tres generaes em frente as tres portas; Bernardo Vieira na do centro e os outros dous nas lateraes.

Os palmarinos, como medida de previsão, haviam destruido todos os pequenos mucambos dos arredores, reunindo na cidade toda a população e as provisões de que podiam dispor.

Debalde tentaram muitas vezes as forças brasileiras tomar

O Visconde de Porto Seguro salienta a insufficiencia dos nossos conhecimentos sobre as phases e peripecias da luta terminal de Palmares. Mas as recentes informações de Oliveira Lima. (*Relação dos documentos portuguezes e estrangeiros, de interesse para o Brasil, existente no Museu Britannico de Londres.* Rio de Janeiro 1903) sobre a existencia, no *British Museum* de documentos minudentes relativos á historia de Pernambuco, entre 1690 e 1693, dão-vos a esperanza de que estudos futuros venham a corrigir devidamente as lacunas e duvidas apontadas.

a cidade sitiada. Escasseiavam já os recursos dos sitiados que escreveram ao governador de Pernambuco, pedindo reforço e, sobretudo, artilharia, sem cujo concurso reputavam impossível tomar-se a praça.

Mas neste entretimento chegam as forças do governo grandes reforços de mantimento.

E os sitiados que o aperto do cerco já deixava esgotados de viveres e munições, atroxaram a defeza. Depois de sanguinolentas e brilhantes lutas em 1695 e 1696, que o visconde de Porto Seguro lamenta não tenha tido chronistas, Palmares tocava o seu termo.

Quando, rendidas as tranqueiras, os chefes Domingos Jorge, Bernardo Vieira e Sebastião Dias penetraram na praça sitiada, o *Zambi* com os seus principaes capitães, se havia refugiado no alto de elevado penhasco que dominava todos os sitios e servira até então de observatorio para as operações do assedio.

Não querendo sobreviver a perda de Palmares, *Zambi* e sua guarda dali se precipitaram, preferindo a morte gloriosa ao captivo deshonrante que os aguardava.

Quando a noticia chegou a Olinda, estavam promptos a seguir para o theatro da guerra 2.000 homem com 6 canhões.

Dos historiadores affirmam uns e negam outros que se tenha empregado a artilharia em Palmares.

A destruição de Palmares foi completa; os habitantes reduzidos todos a escravidão e as habitações totalmente arrazadas.

Celebrou-se em Olinda uma missa em acção de graças, realizou-se uma procissão e a capitania entregou-se ás maiores expansões de alegria.

Em 1695 estava pois, destruida a *Troya Negra* (11). Mas em relação a data exacta da destruição de Palmares, muito divergem entre si os historiadores; Rocha Pitta, Southey, etc., dão para isso o anno de 1695; Ayres de Casal e Visconde de Porto Seguro, etc., o anno de 1697.

(11) *Troya Negra* chamou Oliveira Martins a Palmares e uma Illiada a sua historia. *O Brazil e as colonias portuguezas*, Lisboa, 1876, pag. 64.

De uma comparação attenta das chronicas e documentos parece concluir-se que em 1695 foi tomada e destruida a cidade principal de Palmares, sitiada pelas forças coloniaes.

Mas parte das forças dos negros conseguiu retirar-se dali e continuou a offerecer resistencia em pequenos quilombos, só destruidos de todo em 1697.

E' de crer, no emtanto, que, ainda quando o negro *Camuango*, batido em 1703, tivesse estado em Palmares, o seu quilombo não deve ser contado como parte da republica e sim como um mucambo distincto, dos muitos que se constituiram até quasi aos nossos dias, enquanto durou a escravidão.

Mattoso Maia (12) contesta a versão do suicidio de *Zambi*, fundando-se em que, numa carta, datada de 2 de Janeiro de 1696, do governador geral D. João de Lencasto, em resposta a outro do governador de Pernambuco, se diz ter fallecido o *Zambi* em peleja.

«O *Zambi*, trahido afinal por um mulato e atacado no seu mucambo, onde lhe restava apenas seis homens, morreu pelejando com a maior coragem». O revdm. Raphael Galanti (13) corrobora cartas régias pertencentes ao Dr. Studart, do Ceará. Na primeira, de 22 de Agosto de 1696, ao governador de Pernambuco, o Rei confirma o perdão que Mello e Costa tinha promettido ao mulato que entregou o *Zambi*; na segunda de 13 de Janeiro de 1698 ao provedor da fazenda de Pernambuco, se refere o Rei a um premio de cincoenta mil réis, dado ao capitão André Furtado de Mendonça que matou o *Zambi* e lhe cortou a cabeça.

E' possivel que taes cartas se refiram a um só o mesmo facto.

Mas seguramente elles não são ainda sufficientes para invalidar a versão primitiva do suicidio do *Zambi*.

Por um lado, é certo que houve em Palmares, além do *Zambi* rei, diversos *Zambis* generaes, de sorte que podia muito

(12) Mattoso Maia: *Licções de Historia do Brazil*, 4ª edição, 1895, pag. 180.

(13) Raphael Galanti: *Compendio de Historia do Brasil*, Tomo III. São Paulo, 1902, pag. 44 e seguintes.

bem ter succedido que um *Zambi* tivesse sido trahido e morto em combate, outro tivesse sido morto e decapitado pelo capitão Mendonça e um terceiro finalmente se precipitado do penhasco.

Por outro lado, *Zambi* não era o nome de um individuo, mas o titulo de um cargo. Nada impede, portanto, que um *Zambi*, na tomada da cidade principal, se tivesse precipitado da montanha; e o *Zambi*, que o succedeu na direcção das forças dispersas, fosse trahido, encontrado reduzido ao extremo que descreve Mattoso Maia, e morto em combate.

Esta interpretação é tanto mais accetavel quando se sabe que a destruição do quilombo não parece ter coincido com a tomada da cidade sitiada, pois ainda por alguns annos teve o governo de bater pequenos reductos ou mucambos de negros fugidos.

VI

Que raça, que povo negro fez Palmares ou ali predominou; que crenças professava; a que grau de cultura tinha attingido; que capacidade de organização social possuia, taes são outras tantas interrogações que não figuram no questionario do desembargador Silva Pontes, mas que constituem a essencia mesma das investigações que nos occupam.

Um primeiro ponto que póde desde já ficar liquidado: Os negros «musulmis» ou «malés» que, como vimos, promoveram, no seculo XIX, as guerras santas da Bahia, ou não estiveram em Palmares, ou não exerceram ali a menor influencia.

Vimos que a principal importação para o Brasil de negros musulmanos coincidiu com as transformações politicas e religiosas do Haussá, no começo do seculo XIX; mas, muito antes disso, negros musulmanos podiam perfeitamente ter entrado na colonia com as procedencias da Senegambia, onde já sabemos terem ido parar fracções de negros Fulaha ou fulos, procedentes do reino do Mali e convertidos pelos Berberes ao Islamismo.

No emtanto, a existencia, em Palmares, da capella e das imagens catholicas encontradas na sua capital, Macacos, e da igreja mencionada no *Diario* de Blaer, não consente duvida a

este respeito, pois foi sempre absoluta a incompatibilidade dos cultos catholico e musulmano.

Eram, pois, negros fetichistas os que ali se congregaram, ou pelo menos os que deram organização e governo a Palmares.

Resta saber si Sudanezes ou Bantús.

Diversos historiadores patrios são accordes em affirmar serem de Guiné os quarenta negros que fundaram Palmares, segundo uns (Ayres de Casal), ou, segundo outros, que reconstituíram os Palmares destruidos pelos hollandezes.

No emtanto, excluida esta unica referencia, tudo mais leva a crer que Palmares fosse uma criação exclusivamente bantú.

Duas circumstancias não consentem, aliás, que se dê aquella referencia um valor exaggerado. Em primeiro lugar, naquelles tempos a designação de Guiné abrangia muitas vezes, no dominio portuguez, toda a Africa Occidental, dividida em Guiné septentrional e Guiné meridional, como ainda se conserva na actual Guiné.

Em segundo lugar, muito facil era succeder que, dominados pelo numero dos Angolas que a elles se aggregaram nos quilombos, de todo fosse nullificada a influencia dos quarenta fundadores primitivos.

Mais facilmente ainda, seria assim, si esta origem guiné se deve entender dos Palmares da occupação hollandeza, que, pelos batavos, dizem, foram destruidos.

Verifica-se, de facto, que nos documentos da época as referencias á gente bantú são repetidas e positivas.

Era Angola a velha Magdalena, que com Mathias Dambi foi enviada por Fernão Carrilho a Palmares com a missão especial de mover o Zambí a render-se.

E a escolha se justificava pela influencia do que deviam elles gozar junto do governo de Palmares, na qualidade de sogros de um dos filhos de Zambí.

No documento do conselho Drummond, encontra-se mesmo a designação da população de Palmares por nomeação collectiva de povo bantú.

Ali se lê, por exemplo, de um esforçado e influente cabo de guerra palmarino, que figurava numa leva de prisioneiros «o *Ganga-muisá*, mestre de campo de gente de Angola».

Não é seguramente peculiar aos bantús, mas nelles como que se aperfeiçoam e completam as saudações officiaes por gestos e palmas de que os Palmarinos deixaram eloquente exemplo na embaixada enviada a D. Pedro de Almeida.

Todavia cumpre reconhecer que antes foi este o melhor attestado da franca *tournaire* africana, que tinha tomado a organização de Palmares, com prejuizo da influencia dos creoulos ou indigenas que por acaso ali se tivesse acolhido.

Mas na preferencia da lingua,—vehiculo em que para Palmares transportaram os negros as suas tradições do governo em Africa, como as suas crenças,—esculpiu-se indelevel na Republica dos pretos a influencia directora dos negros meridionaes ou bantús.

Em termos e denominações de corrente uso em Palmares, é licito descobrir o cunho bantú, mesmo através dos erros de pronuncia e das falhas inevitaveis na reprodução escripta dessas palavras.

Em algumas, porém, que chegaram aos nossos dias, em pureza adamantina, conservou-se a sua integridade original.

São as crenças religiosas bantús que se revelam no termo *Zambi*, o qual, applicado a designar o rei ou chefe de Palmares, entre nós se celebrizou e passou á historia.

Zambi, como é notorio, é a palavra com que os povos bantús nomeam a sua principal divindade.

Após o ensino dos missionarios assim chamaram elles o Deus dos christãos, ou como elles dizem, o *Zambi* dos brancos.

Não parece extranho que os negros de Palmares, sendo bantús, tenham adoptado para designar o seu rei o nome da sua principal divindade.

Em povos negros não é erro virgem.

Como verificou Binger, autoridade em linguas sudanezas, o nome de *Dufinó*, do rei ou chefe dos *Niómiègués*, em *bóbbiè-miègués*, significa «Deus».

Demais, ou Palmarinos estavam evidentemente impregnados do ensino catholico das fazendas e engenhos, e dispunham assim, na palavra portugueza deus, de outra expressão para designar as suas confusas idéas religiosas.

Accresce que, não sem fundamento, dos nossos historia-

dores, especificam muitos que Zambi significava para os negros de Palmares o deus da guerra, um genio terrivel e guerreiro.

Ora, quando se estuda com particular attenção os escasos documentos que possuímos sobre a constituição intima de Palmares, verifica-se que nem sempre coube ali ao rei a denominação de Zambi.

Nos escriptores hollandezes que consultei, não encontrei referencia á designação Zambi; todavia Barleo chega a dar os nomes dos reis de Palmares do seu tempo: Bartholomeu Lintzen, do pequeno Palmares e um tal Magalhães do grande Palmares.

Mas tarde, ao tempo das expedições de D. Pedro de Almeida, o rei era chamado *Ganga-Zumba*. «Reconhecem-se todos obedientes a um que se chama o *Ganga-Zumba* que quer dizer Senhor Grande; a este tem por seu rei todos os mais, assim naturaes dos Palmares como vindos de fóra; têm palacios, casas de sua familia, é assistido de guardas e officiaes, que costumam ter as casas reaes; é tratado com todos os respeitos de rei e com todas as cerimoniaes de Senhor; os que chegam a sua presença põem logo o joelho no chão e batem as palmas das mãos, signal de seu reconhecimento e protestaçaõ da sua excellencia, falam-lhe por majestade, obedecem-lhe por admiração. (14).

Zambi era então o general em chefe do exercito, certamente em relação com a idéa de que elle representasse o deus da guerra.

Zambi e *Ganga-Zumba* eram, pois, duas entidades distinctas: ao passo que o rei ou *Ganga-Zumba* residia na cerca real de Macaco; o *Zambi* residia num mucambo, proprio, distincto, 16 leguas ao N. O. do Porto Calvo.

O *Zambi* era então ao mesmo tempo general em chefe e governador do seu mucambo. Parece mesmo que o titulo de *Zambi*, tambem equivalia então ao de governador de quilombo, dos que se confederavam sob a direcção suprema do *Ganga-Zumba* ou rei.

(14) Rev. de Inst. Hist. e Geog. Vol. 22 pag. 306.

Os chronistas fazem menção de diversos Zambis existentes naquella época. Dando conta de um dos feitos da expedição Carrilho, escrevem: «Prenderam mais o Anajuba, dous filhos do rei chamado Zambi e Jacainene, aquelle homem, esta mulher, etc. (15)

O Mathias Dambi, sogro de um filho do rei, do manuscrito do conselheiro Drummond, figura como Mathias Zambi, no artigo do sr. Pedro Paulino, redigido por um manuscrito de 1678, da Bibliotheca Publica Eborense.

Afóra alguns escriptores coloniaes em que se encontra escripto correctamente Zambi, a grande maioria dos nossos historiadores escrevem Zumbi (16) por Zambi, erro orthographico que o Visconde de Porto Seguro já havia corrigido de accordo com o *Diccionario abreviado da Lingua Congueza de Cannecatim*.

Mais prosodico do que orthographico devemos considerar aliás o erro denunciado, pois o de Zumbi e Zambi a fórma porque elle se conserva na tradição popular brasileira. Ainda hoje, principalmente nos Estados do Norte do Brasil, conserva a significação de divindade ou santo dos negros da Costa.

E, segundo a impressão que delle recebi na infancia, nos contos das amas de menino, assim se designaria um ser mysterioso, algo de feiticeiro, escuso e retrahido, só trabalhando e andando as dez horas. Dahi a sentença popular; «Você está feito Zumbi», para chrismar aquelle que é de natural macambusio, ou tem o vesu de passar noites em claro, ou ainda prefere o trabalho ás horas mortas. Concorda plenamente com esta impressão pessoal e descripção que do termo Zumbi dá o Visconde de Beaurepaire Rohan, no seu *Diccionario de Vocabulos Brasileiros*.

E ahi se aponta a sua origem em lingua bunda.

Tudo isto para firmar que se trata de um termo ainda hoje vivo entre nós, na accepção religiosa africana. E, portanto, no seculo XVII, e para negros chegados da Africa não podia

(15) Revista do Inst. Hist. e Geog. do Brasil. Vol. 39. 1876 pag. 309.

(16) Zombé escrevem Ayres de Casal e Ferdinand Denis.

ser elle uma expressão absoluta e apartada da sua significação original e propria. De onde se apura e confirma a sua inspição em crenças vivas dos negros que constituiram e dirigiram Palmares, crenças que não podiam ser senão as de Africanos Bantús.

A procedencia Bantú não é menos clara e directa nas expressões *Gana Tomba*, *Gana Zona*, dada a irmãos do rei de Palmares e seus generaes.

Gana é manifestamente a palavra kimbunda *gana* que significa Senhor. Mas não é certo, ou, pelo menos não conheço o significado bunda das palavras *zona* e *iomba*, que supponho simples variantes de pronuncia applicadas ao mesmo termo, pois que, na descripção, parece designarem o mesmo individuo. *Zona* e *iomba* muito se approximam de *mona*, que, na lingua Lunda, significa irmão, ao passo que, no kimbundo, significa filho. A expressão *Gana Zona* se completaria em «Senhor Irmão», sabendo-se que ella era applicada ao irmão do rei.

No texto o titulo *Ganga-Zumba*, dado ao rei, está traduzido por *Senhor Grande*, o que mostra ser *Ganga* uma simples variante de *gana* ou *n'gana*.

E' de todo o ponto inadmissivel que *Ganga-Zumba* fosse, como pensa o P. Galanti, «o nome pessoal do *Zambi* que assentou as pazes em 1678». *Ganga*, *nganga*, *mganga*, significa em kimbundo feiticeiro, grande sacerdote: *maganga*, segundo Macedo Soares, seria chefe principal. E este autor deu a razão philologica do porque a palavra africana *mganga* ou *nganga* se transformou em portuguez em *ganga* ou *maganga*. Entretanto, escreve elle (17), as linguas néolatinas não admittem as nazaes *mb*, *nd*, *ng*, sem que sejam precedidas da vogal. E dahi vem que, daquellas palavras africanas, as que ficaram no brasileiro ou perderam a primeira consoante ou tomaram vogal inicial: *mbirimbau* ficou *birimbao* ou converteu-se em *marimbao*; *nganna* passou a *anganna* (ou *gana*); *Ngola* a *Angola*, etc.. *Ganga Zumba* é, pois um simples titulo e signi-

(17) Macedo Soares: *Sobre a etymologia da palavra boava ou emboaba*. «Revista Brasileira». 879. T, I, pag. 1592.

fica rei, de sorte que dizer «o rei Ganga-Zumba», sôa como o rei- czar, o rei-schad, o rei-Zambi, etc. Não merece discussão a erronea e infundada supposição do sr. Pedro Paulino da Fonseca, de que *ganga-zumba* ou *ganga-zona* fosse uma locução hybrida de termo africano *ganga* e do indigena *assû*. Este *assû* vem apenas de se ter dito que *gangazumba* significava *senhor grande*.

Não sei a significação de *Zumba*, mas encontrei nos nossos negros bantús a expressão *cazumba*, ou *cazumbã*, onde o prefixo *cá* denuncia a origem *bantá*. Em rigor o titulo *Ganga Muisca* dado a um dos generaes de Palmares está no caso da expressão antecedente.

Mas não estou habilitado a dar a verdadeira interpretação de outras expressões correntes em Palmares e naturalmente de origem africana tambem.

Na cultura e policia, não consta que Palmares fosse além da ordem estabelecida na direcção da defeza interna e externa de onde cederam os *Zambis*, os seus magnatas, auxiliares, mestres de campos e juizes, seus conselhos e assembléas: como não consta que na ordem industrial tivesse passado da applicação agricola e commercial, estrictamente necessaria á manutenção do pequeno Estado. E tudo isto em nada excede a capacidade dos povos bantús. Antes se pôde affirmar que francamente voltaram elles á barbaria africana.

NOTA—Estava composto este trabalho quando recebi carta do dr. Alfredo de Carvalho, em que, com o enviar-me valioso subsidio de novas e excellentes informações sobre o periodo hollandez de Palmares, faz por si mesmo a correcção do erro de Driesen a cuja demonstração já havia eu chegado por minha parte. Escreve-me o sr. dr. A. de Carvalho: «Nieuhof esteve aqui no Brasil de 1640 a 1648 e pela sua descripção de Palmares, parece, se deve inferir que Driesen, na sua *Leben des Fuersten von Naussau Siegen*, laborou em erro, dando a entender que a expedição de 1643 fôra dirigida contra um quilombo situado na Parahyba do Norte. Houve, da sua parte, confusão

entre o rio Parahyba, em Alagoas, e o outro do Estado do mesmo nome.»

Como se vê, a mesma conclusão a que eu havia chegado.

São de alto valor as informações que acompanham a carta do sr. dr. A. de Carvalho. Largo trecho da obra do hollandez João Nienhof: *Gedenkweerdig Brasilianse Zee-en-Lant-Reize*. Amsterdam, 1682, in-fol, pag. 14, em que se dá detalhada noticia de Palmares. Tão fielmente reproduz Barleo a descripção de Nieuhof, que se pôde considerar aquelle o inspirador deste na parte relativa ao celebre quilombo.

Não menos valiosos são os trechos dos *Relatorios do Supremo Concelho do Recife á Assembléu dos XIX*, de 5 de Abril e 10 de Maio de 1644. Da noticia minuciosa da expedição de Bareo ou Baro se vê, que era este uma especie de aventureiro aproveitado pelos hollandezes. Ahi se faz uma apreciação justa do feito de Bareo.

RACINE E O BRASIL

UM PROBLEMA BIBLIOGRAPHICO

No seu interessante e prestimoso dictionario—*Portugal e os Estrangeiros*—affirmou Bernardes Branco que Jean Racine, «autor immortal de Iphigenia, Athala, Phedra e Berenice», escrevêra tambem uma—*Historia do livramento do Brasil do poder dos Hollandezes*—, e da mesma offereceu traducção nas paginas 97—100 do Vol. II daquella obra, não dizendo, porém, onde e quando fôra impressa ou se permanecia inedita.

Esta indicação imperfeita deu lugar a que o dr. Miranda de Azevedo, analysando, na *Revista do Instituto Historico e Geographico de São Paulo* (Vol. III, pagina 612) a *Bibliographie Brésilienne* de A. L. Garraux, notasse a omissão deste trabalho do grande tragico francez e incitasse o seu compatriota a dar solução satisfactoria ao «curioso problema».

Replicando, declarou Garraux que a *Histoire de la délitance du Brésil du pouvoir des Hollandais*—lhe era inteiramente desconhecida, não existia na Bibliotheca Nacional de Paris e não se achava citada por Brunet nem Quérard.

O facto era assaz explicavel, porquanto nunca existio semelhante *Historia*.

Racine, historiographo ou chronista official de Luiz XIV, foi considerado pelos contemporaneos, que o julgavam só pelas apparencias, mas corteção do que historiador. Os que o conheciam de perto louvavam nelle todas as qualidades necessarias para bem se desempenhar da tarefa, mas percebiam tambem ser—lhe impossivel exercer funcção tão melindrosa com a exactidão e fidelidade exigidas, na côrte de um monarcha vaidoso e idolatrado como era o Rei Sol, cujo esplendor deslumbrava a todos e parecia não poder despertar, mesmo naquelle «oraculo da verdade e da religião» que foi Bossuet, outro sentimento a não ser a admiração.

Entretanto, occupando um cargo lucrativo não quiz tran-

formal-o em sinecura, assegurando os seus biographos que se dedicou com constancia ao estudo do, então famoso, tratado de Luciano sobre a maneira de escrever a historia e fez extractos e resumos copiosos de muitas obras especiaes, sobretudo do chronista italiano Vittorio Siri.

Estes trabalhos, ineditos por occasião da sua morte, em 1699, foram quasi todos destruidos no incendio que, pouco mais tarde, devorou a casa do academico de Valincourt, seu successor no cargo de historiographo real.

Alguns, que escaparam ás chammas, foram annos depois colligidos por seu filho Louis Racine e publicados sob o titulo de—*Fragments Historiques*—pela primeira vez em 1747.

Entre estes fragmentos, que o editor é accusado de haver retocado e alterado, figura um, relativo a Portugal, no qual são perfunctoriamente narrados os successos da invasão do Brasil pelos hollandezes e da sua subsequente expansão.

D'este breve capitulo, de seis paginas apenas na edição das obras completas de Racine que temos presente (*A Paris chez Lefevre*, 1828, vol. II, pp. 208—213) fez Bernardes Branco um livro á parte e inventou-lhe aquelle titulo, como que para confusão de futuros bibliographos.

Semelhante inadvertencia, aliás, não se encontra isolada no—*Portugal e os Estrangeiros*.

A pagina 443 do vol. II vem mencionada, como tendo existido na Bibliotheca Publica de Lisbôa e constando do respectivo catalogo uma obra de *Giovani Battista Birago*, escriptor italiano dos meados do seculo XVII, denominada—*Della Sollevazione del Brasile*.

Não descobrindo alhures a menor referencia a semelhante livro, por intermedio do nosso prestimoso confrade dr. Vicente Ferrer, procuramos inquerir sobre a sua existencia do exm. sr. dr. Xavier da Cunha, illustre director da Bibliotheca Nacional de Lisbôa, o qual se dignou de ministrar a respeito as valiosas informações que seguem, em carta de 15 Abril de 1905.

«O fallecido Manoel Bernardes Branco, bibliographo com quem mui de perto tratei, incorria por vezes involuntariamente em certos lapsos devidos á precipitação com que trabalhava e á falta de methodo com que procedia nos seus labores.

«Isto não é depreciar o fructo que elle nos deixou das suas

investigações e da sua muita leitura, pois que realmente muito lhe deve a Bibliographia; é simplesmente accentuar a cautela de que nos devemos revestir no manuseamento de suas obras.

«Bernardes Branco, encontrando na Bibliotheca Nacional, encadernado em volume de miscellanea um fragmento de livro, ou talvez antes reportando-se apenas ao Catalogo em que viu apontado sob o titulo—*Della sollevatione del Brasile*—(por Gio: Battista Birago), pensou inadvertidamente que seria uma obra especial, e como tal nol-a apresentou em sua resenha bibliographica.

«Mas... a verdade é que o fragmento, a que me refiro, constitue apenas um trecho da seguinte obra:—

Delle Historie Memorabili che contiene le sollevationi di stato de nostri tempi, scritti dal Dottor Gio: Battista Birago avogado. A cai si è aggiunti li Rumori Moderne di Francia. E questo Volume viene ad assere in ordine de la Quinta Parte delle Historie Memorabili di Alessandro Zilioli. (Venetia, Presso il Turrini M. D. C. L. III.—In-4).

«Ora o «Libro Quarto» d'esta obra intitula-se—*Della sollevatione del Brasile*—, e foi esse «Libro Quarto» que o Bernardes Branco indicou por escripto especial de Birago, isto é, como especie bibliíaca *aut noma*, sendo aliás apenas um dos «livros» da obra supramenciada.

«Na obra de Birago o referido «Libro Quarto» vem de pag. 170 a 171 (occupando portanto 12 paginas incompletas), —entanto que a—*Histoire des derniers troubles du Brésil entre les Hollandois et les Portugais par Pierre Moreau* (Paris—M. D. C. L. I.—In-4) conta 212 paginas, além das preliminares innumeradas. E (embora cada pagina do Moreau equivalha apenas a metade de uma pagina do Birago) basta isto para logo se calcular que a obra de Birago não é (como realmente não é) traducção da de Moreau, mas producto original».

Creemos que assim ficam definitivamente resolvidos estes dous curiosos problemas bibliographicos, aos quaes não fallecia certo interesse para a nossa historia geral e especialmente a de Pernambuco, com que tão de perto se relacionam.

ALFREDO DE CARVALHO

OS MOTINS DE FEVEREIRO

DE

1823

(CONCLUSÃO *)

XI

Naquelles dias sinistros a pittoresca villa do Recife apresentava um aspecto luctuoso. O commercio paralisára inteiramente e viam-se fechadas todas as portas baixas das lojas sombrias onde, mesmo á hora meridiana, reinava a semi-escuridão propicia ao logro do incauto freguez. Sob o beiral saliente dos telhados vermelhos as amplas varandas de madeira, que penduradas das fachadas como grandes gaiolas verdes lembravam *muxarabiehs* levantinos, tinham cerrados todos os postigos quadriculados. As ruas estreitas e irregulares, raramente calçadas de seixos asperos e em muitos trechos invadidas na préa-mar pelas aguas do Capibaribe, de ordinario resoantes da vozeria azafamada dos escravos que, arrastando sobre carros baixos as solidas caixas de assucar ou vergando ao peso dos fardos de algodão, suspensos de varas fortes, seguiam caminho do porto rhythmando o passo lésto ao som de nostalgicas toadas africanas, eram agora silenciosas e desertas quando não percorridas por grupos ruidosos de infima gentilha de côr que, ebria e semi-nua, brandindo armas improvisadas, praguejava ameaças de morte contra os republicanos e *caiadôs*.

Antevendo o perigo de graves attentados á propriedade, os negociantes inglezes collocarem junto a alfandega uma guarda permanente de marinheiros tirados dos navios de sua nação surtos no ancoradouro, e muitos cidadãos eminentes se dispuzeram, acompanhados de seus escravos armados, a rondar as ruas á noite, secundando os esforços do 2.

(*) Vide o N. 56 desta «Revista».

Batalhão de Milicias que constituido quasi exclusivamente de portuguezes natos, gente do commercio na totalidade, prestou relevantes serviços na manutenção da ordem.

Entretanto continuava o exodo dos habitantes.

Nos apraziveis sitios dos arrebaldes proximos, nas alvas vivendas escondidas sob a ramaria densa das mangueiras anosas, as familias refugiadas, transidas de pavor, ouviam contar as façanhas horriveis dos ferozes revoltosos e os tenebrosos designios dos governantes foragidos ; a credulidade ingenua dos matutos aceitava como veridicos os mais absurdos rumores espalhados no interesse de cada partido : no Recife, diziam uns, os asseclas de Pedroso planejavam a matança geral dos «caidos» e o saque da praça ; no Cabo, contavam outros, já fôra proclamada a republica pelos «pedreiros livres» que, antes da sua retirada, haviam profanado as igrejas, levando comsigo as corôas e os resplandores de ouro o prata das santas imagens substituindo-os por outros de cortiça e cêra (1).

Tudo era sustos e apprehensões e a conducta dos chefes das duas facções oppostas continuava dubia e indecisa.

Installado no Palacio do Governo, Pedroso, cercado da turba multicôr dos seus adeptos, passava horas inteiras em arengas declamatorias, embriagado com os applausos continuos da «bella repaziada», conforme folgava em chamar áquelles ; debalde Paula Gomes o incitava á pratica de medidas proprias a consolidar o seu dominio com apparencias legais. Na

(1) *O Conciliador Nacional*, N.º 11, de 22 de Março de 1823, e a *Cópia de huma carta vinda de Pernambuco, na qual se relatão os desastrosos acontecimentos, desde a entrada do Sargento mór Pedro da Silva Pedroso, no governo das armas daquella Provincia, até á sua prisão, e remessa a esta corte do Rio de Janeiro.*—Este importante e curioso documento, datado de—*Pernambuco, 4 de Março de 1823* e assignado por—*Hum Pernambucano Amigo da verdade*, foi impresso no *Rio de Janeiro, Typ. Nac., 1823* (in-fol. de 2 fis.); mas, é hoje de excepcional raridade : do unico exemplar conhecido, que figurou na *Exposição de Historia do Brasil em 1881*, (N.º 7305 do respectivo *Catálogo*) se ignora o paradeiro actual. Felizmente o autographo foi salvo e se conserva no *Archivo do Instituto Historico e Geographico Brasileiro* (N.º 85 das *Memorias Manuscriptas*). A minima gentileza do meu illustre amigo e confrade Dr. M. DE OLIVEIRA LIMA devo a obtenção da copia que tenho presente.

alma primitiva do mestiço o gozo do triumpho sopitava quaesquer temores do futuro.

Acoutado no seu engenho *Guerra* o Morgado do Cabo se abandonava á inercia habitual. Deixava que em torno os amigos e parentes numerosos, numa atordoadora e vã jactancia de bravura, discutissem providencias e suggerissem alvitres ; na calma da indolencia aguardava reforços para então assentar numa resolução conveniente.

A seu lado, anegado no marasmo da sua inutilidade unctuosa, o gôrdo e inepto Presidente Affonso de Albuquerque Maranhão assistia taciturno e alheado ao rugir dos debates.

O Secretario José Mariano se limitava a officiar, do engenho *Caiará*, á Camara de Olinda incitando-a a pôr-se á testa do governo acephalo (2).

E esta especie de treguas ter-se-ia prolongado ainda por muito tempo sem a intervenção opportuna e decisiva de um factor politico que até então se mantivera estranho ao conflicto.

Coube ao Senado da Camara do Recife o merito desta acção patriotica, coroada de exito relativo, senão completo e immediato.

XII

Os rogos de Paula Gomes, ponderando sem pausa na necessidade vital de se convocarem os eleitores para que com os seus votos legalisassem a permanencia do governo usurpador, moveram o caudilho victorioso.

A 24 de Fevereiro Pedroso officiou neste sentido ás Camaras de Olinda e do Recife ; as consequencias foram desastrosas.

A primeira não se dignou de responder-lhe e a segunda, além duma repulsa energica, fez logo imprimir e circular uma eloquente proclamação (3) concitando, em nome do Impera-

(2) *Peças Officiaes relativas ás Revoluções de Pernambuco*. 1817 1824. N. 50.

(3) *Peças Officiaes*. N. 51.

dor, os cidadãos de todas as classes á união e á concordia a bem da patria ; no mesmo dia foram della distribuidos 1230 exemplares (4) gratuitamente na *Loja da Gazeta*. (5)

Urge consignar aqui os nomes dos cidadãos benemeritos que então constituíam aquella assembléa municipal e tivéram animo para arcar desassombradamente com as pretensões da soldadesca amotinada pela tresloucada ambição do seu chefe ; foram elles : Francisco Xavier Pereira de Brito, Manuel Francisco dos Santos Mendonça, Vicente Ferreira dos Guimaraes Peixoto e Bento José da Costa Junior.

Emanado de fonte insuspeita de parcialidade, proferido em nome do imperante e concebido em termos cordatos e persuasivos, aquelle manifesto produzio os desejados effeitos.

Rebatendo a accusação de republicano atirada ao governo foragido, incutia com sensatez e verdade: «Não acrediteis em semelhantes vociferações; isto é ardil, de que aleivosamente se servem os mal intencionados; esses arguidores vão atrás de promover a desunião entre os cidadãos para por meio della terem entrada em um novo governo civil, e vós então tarde direis que estaveis com os olhos tapados, e que não conheceis o veneno que se vos dava a beber».

Estas ponderações calaram immediatamente no espirito dos indifferentes—se os havia em emergencia tão critica—, foram solapando as convicções dos proprios adeptos de Pedroso na permanencia do seu dominio e abalando no seio da tropa os esteios do seu prestigio fallaz. A reacção se operou com a celeridade habitual em situações analogas.

No dia 25 de Fevereiro rareára consideravelmente a turba dos alvigareiros em volta do Governador das Armas; Paula Gomes mal disfarçava a raiva e o despeito pelo fracasso das suas perfidas manobras, que se lhe antolhava proximo e fatal; continha-se diante da fé ingenua que Pedroso professava na lealdade dos seus assecclas.

(4) Carta cit.

(5) Era uma pequena livraria, sita á rua do Queimado (hoje Duque de Caxias), especie de agencia jornalística de então, na qual eram expostos á venda avulsos e periodicos, especialmente a *Gazeta Pernambucana*, de onde lhe veio o nome.

Mas, esta mesma teria em breve de supportar tremendos choques.

Não foi sem espanto que elle viu, ao entardecer, se moverem em direcção aos Afogados e com o proposito declarado de se reunirem ao governo deposto, os dous batalhões de caçadores, o capitão Francisco José Martins á frente do esquadrão de cavallaria de 1ª linha, alguns milicianos, todas as «guerrilhas» (6) e—o que mais lhe doeu o coração de amigo—os seus bons compadres Innocencio da Curha Goiana e João Ricardo da Cruz «puchando» os escuros pelotões dos seus dedicados *Bravos da Patria* e *Monta Brechas*; mesmo dos famigerados *Intrepidos* poucos se lhe conservaram fieis.

Nos officiaes era a consciencia de que a victoria final não tardaria em ser fatalmente dos governistas expulsos, entre os soldados broncos era a previdencia instinctiva, que faz os ratos abandonarem o navio ameaçado de naufragio, a determinante psychica da deserção, pois, attenta a penuria extrema dos cofres publicos, nenhuma esperanza havia de pingues gratificações.

Foi o momento critico dos motins: Paula Gomes, o unico homem, talvez, capaz de dar organização resistente ao nucleo dos rebellados, vacillou, entabolou negociações com o Morgado do Cabo e terminou abandonando aquelles a quem perfidamente impellira a revolta; e o proprio caudilho julgou prudente capitular, convidando os membros da Junta a regressarem ao Recife, onde lhes promettia todas as garantias. E' provavel agisse assim de bôa fé, convencido da impossibilidade de se manter por mais tempo no poder; mas, a gentalha que o cercava e cujos instinctos predatorios açulára com promessas de avultadas recompensas, preparou-se para resistir e o obrigou a permanecer á sua frente (7).

(6) Eram uma especie de Guardas Civicos ou Corpos de Policia rural creados sob o governo de Gervasio Pires Ferreira e muita augmentados pelos seus successores sob a ameaça das invasões portuguezas. Manuel de Carvalho, em 28 de Janeiro de 1824, lhes deu organização regular, fixando o effectivo de cada uma e determinando o respectivo uniforme. Vide *Peças Officiaes*, n. 101.

(7) Officios de Paula Gomes e de Pedroso á Junta em 24 e 25 de Fevereiro.—*Gazeta Pernambucana*. N. 10, 25 de Março de 1823.

XIII

A chegada destas noticias ao acampamento do Cabo determinou emfim Paes Barreto a tomar a offensiva.

Era avultada a multidão de milicianos e de paisanos armados que de todos os pontos da provincia tinham vindo em seu auxilio, e pouco antes se lhe juntára a companhia de cavallaria de Olinda.

Com estes elementos organisou-se o exercito legal, se tal nome se póde applicar áquella aglomeração desconnexa de pequenas unidades tacticas, sem disciplina e sem tirocinio marcial, bandos irregulares obedecendo a um numero desproporcionado de officiaes improvisados de todas as patentes e gradações.

Na gente das fileiras a variedade dos trajés rivalisava com a do armamento. Dominavam as camisas de algodão encardido, as ceroulas de «meia-carona» e os chapéus de palha dos moradores e escravos, sobresahindo aqui e ali as fardas surradas e grotescas dos soldados de milicia e de linha, e as vestes de couro de veado dos vaqueiros das fazendas sertanejas. Viam-se promiscuamente grossos bacamartes de «bocca de sino», pesadas granadeiras reñinas, compridas «lazarinas» de fuzil, monstruosas pistolas de coldres, chuços de todos os formatos, ferrugentos espadagões de gala, facões de «rabo de gallo» recurvos como cimitarras; mas, todos, do Morgado ao ultimo tambor, traziam a arma nacional por excellencia: as ponteagudas facas de Pasmado em bainhas mais ou menos ricamente apparelhadas de prata.

Emfim, a 27 de Fevereiro, o exercito marchou, passando por Prazeres e acampando á tarde no Gequiá, onde se lhe juntaram as tropas sahidias do Recife.

Ao amanhecer do dia 28 foi destacada uma força composta do 2º batalhão de caçadores e de guerrilhas que tomaram sem opposição a Fortaleza das Cinco Pontas, ao mesmo tempo que o capitão Manoel do Nascimento, com uma patrulha de caçadores e parte das guerrilhas, se assenhoreava da Bôa-Vista.

Sabedor destes factos Pedroso desanimou completamente, e dirigindo-se á Casa da Camara demittio-se do cargo de Go-

vernador das Armas na pessoa do coronel José Ignacio Alves Ferreira e constituiu-se prisioneiro.

As forças leaes avançaram então para occupar a villa, onde nenhuma resistencia mais esperavam encontrar.

Vinha cahindo a tarde quando a cavallaria de linha, sob o commando do capitão Martins, assomou na ponte da Boa-Vista, sendo recebida com disparos da artilharia postada no Campo do Erario.

Abandonados pelo seu chefe os revoltosos, capitaneados pelo major do 3º batalhão de Milicias Custodio Angelo de Vasconcellos, tenente Francisco do Rego Barros, por alcunha o *Porqueiro*, secretario de Pedroso, Bernardino de Senna Berlinck, José Francisco do Espirito-Santo Lanoia, José da Trindade Caninana e outros officiaes subalternos, deixaram o quartel da artilharia e fizeram-se fortes no extremo septentrional da ilha de Santo Antonio, junto ao arruinado pardieiro do Erario, mesquinho resto do sumptuoso palacio de *Vriburgh* ali construido por Mauricio de Nassau. Postaram peças nas emboCADURAS das ruas, guarneceram de atiradores as casas proximas e, protegidos por tres lados pelos rios, pareciam dispostos a tenaz resistencia.

As avançadas dos legalistas retrocederam prudentemente para os Afogados a se reunirem ao grosso do exercito, no qual dominava uma indecisão quasi panica, exagerando-se o poder dos contrarios e as difficuldades em vencêl-os; após longo tempo perdido em deliberações, que a covardia de quasi todos não permitia fossem transformadas em actos, assentou-se em guarnecer com fortes patrulhas todos os pontos de accesso ao campo dos revoltosos e determinou-se leval-o de assalto na manhã seguinte. A noute passou-se em tiroteios continuos e frequentes canhonaços. Já pela madrugada um grupo dos mais animosos legalistas, tendo á frente o Intendente da Marinha Mancel da Carvalho Paes de Andrade, conseguiu penetrar até a Casa da Camara, de onde levou preso a Pedroso, logo transferido para bórdo de uma escuna que o devia conduzir ao Rio de Janeiro.

Ao amanhecer do dia 1 de Março protelavam-se ainda os preparativos do assalto, quando os revoltosos içaram a bandeira branca e se renderam á discreição.

O seu numero era extremamente reduzido, porquanto na maioria haviam aproveitado as trevas da noite para fugir trahando os rios e por a bom recato o miseravel premio da sua insubordinação.

Succedêra que na vespera, a mandado de Pedroso, o major Custodio retirára do Trem Nacional o respectivo cofre, conduzindo-o para o quartel de artilharia, até que os revoltosos, perdida toda a esperança de triumpharem na luta, resolveram render-se; então o tenente Rego Barros distribuiu o dinheiro nelle contido pela gente que o acompanhava, cabendo uma pataca a cada soldado, duas aos inferiores e oito mil reis aos officiaes (8), distribuição esta que não pouco concorreu para se dispersarem os revoltosos.

Pôde então Paes Barreto fazer a sua entrada na villa, acompanhado de uma luzida multidão de cavalleiros, e entre mil vivas, e applausos, que das ruas, e varandas lhe prodigalissavam se dirigio para a Sala das Sessões» (9).

Como sôe acontecer em todas estas lutas mesquinhas, em que aos combatentes fallece o estímulo de uma idéa superior ou falta o aguilhão das revindictas, a mortandade foi insignificante: apezar de longo e nutrido fogo de fuzilaria e artilharia as baixas de ambos os lados attingiram apenas a alguns mortos e meia duzia de feridos; entre os primeiros achavam-se dous officiaes: o capitão Anastacio José do Patrocinio Felix, do 3º, e o alferes José Luiz Nunes, do 4º batalhão de Milicias. (10).

Os estragos materiaes tambem não foram avultados: muitas casas das ruas de S. Francisco, da Cadeia, da Florentina e do becco do Ouvidor tiveram as paredes crivadas de balas de mosquete ou passadas de projectis de artilharia.

XIV

Reimpossada a Junta Provisoria e restabelecida a ordem, a população do Recife voltou á vida normal, procurando o go-

(8) *Traslado da Devassa*. Depoimento do Major Custodio Angelo de Vasconcellos. Fl. 17.

(9) *Gazeta Pernambucana* N. 1º, 25 de Março de 1823.

(10) *Traslado da Devassa*. Fls. 6-15.

verno sanar os males, em grande parte gerados da sua tibieza, e punir os seus autores.

A' 2 de Março proclamava aos soldados, prometendo-lhes amnistia geral e convidando-os «a se reunirem aos seus corpos sem receio dentro do praso de doze dias, contados daquella data, porque o Governo, longe, de os perseguir, recebê-los-ia com os braços abertos como valerosos filhos da patria e necessarios á sua defesa» (11); no dia seguinte fazia publicar um bando no qual dizia que «devendo sem demora dar as providencias mais vigorosas a favor da segurança publica procurando cortar todos os meios de se perpetrarem horrendos crimes destruidores da boa ordem e socego da sociedade, determinava que todas aquellas pessoas que se achassem de pôsse de armas pertencentes ao Trem Nacional as recolhessem e entregassem nelle dentro do praso de tres dias, sendo moradores no recinto da praça, e sendo do matto dentro de quinze dias, com u pena pecuniaria de pagarem o quadruplo do valor das mesmas armas e trinta dias de cadeia sobre aquelles que o não comprissem dentro do referido praso findo o qual seriam acceptas as denuncias que apparecessem relativas a esse objecto, applicando-se metade da multa para o denunciante» (12).

Ao mesmo tempo o Doutor Dezembargador Ouvidor Geral do Crime da Relação do Recife, Antonio José Ozorio de Pina Leitão, era encarregado de proceder á devassa pela sedição, tumultos, mortes e ferimentos praticados na mesma villa desde o dia 21 a 28 de Fevereiro. Este inquerito, que se não pôde considerar exempto de parcialidade e no qual depuzeram trinta e sete testemunhas, terminou a 9 de Abril de 1823 pela pronuncia «do Ex-Governador das Armas Pedro da Silva Pedroso; Custodio Angelo de Vasconcellos, Sargento-mór dos pardos; José Francisco do Espirito Santo Lanoia, arvorado em Alferes dos *Bravos da Patria*; Simplicio Rodrigues, graduado em Alferes do 2.º Batalhão de Caçadores; Bernardino de Senna Berliuk, Alferes do 3.º Batalhão de Milicias; José Fernandes

(11) *Peças Officiaes.* N. 53.

(12) *Peças Officiaes.* N. 54.

Brazil, Francisco do Rego Barros, denominado *Porqueiro*, Official da secretaria do dito Ex-Governador ; João Ricardo, Capitão dos *Monta-Brechas* ; José Dionizio, Official do 3.º Batalhão de Milicias ; Manoel Thomaz, Commandante da Guerrilha dos Cinco Pontas ; João de tal Caninana, Alferes dos *Monta-Brechas* ; Themoteo dos Santos, Alferes do 3.º Batalhão de Milicias ; José da Trindade, sargento dos pretos arvorado em Alferes dos *Monta-Brechas* ; Guilherme de tal, sapateiro, preto forro ; Antonio de tal Chacon, cadete ou sargento da artilharia ; João José de Moura, soldado de artilharia ; Mauricio de tal, Official do 3.º Batalhão de Milicias ; José Thomaz de Campos Quaresma, Sargento-mór ; Bernadino José Coelho compadre de José Fernandes Gama ; o pardo Justino Andre ; Damazio Simão de Souza Homem ; Luiz Alvares, pardo, irmão do Patricio, Capitão do 3.º Batalhão de Milicias ; Antonino Macario de Moraes ; Eugenio de tal, furriel dos pretos, que foi captivo de Joaquim Pires Ferreira ; o pardo Antonio de tal, por alcunha *Rubinho* ; Mathias Pita, cadete de artilharia ; Antonio Manuel de Jesus feito Tenente pelo dito Ex-Governador ; Antonio José de Gusmão, ex-carcereiro ; João Sabino, sargento da Guerrilha das Cinco Pontas ; José Soares, boticario ; Antonio Rabello da Silva Pereira ; Luiz Tenorio de Albuquerque, Capitão-mor da Villa de Garanhuns ; João Eerreira de Moraes, da mesma Villa ; João Crisostomo de Mello, da mesma ; Francisco de Paula Gomes dos Santos, Membro da Junta Provisoria do Governo da Provincia ; Joze Fernandes Gama ; Francisco Ludgero da Paz ; Jacinto Severiano Moreira da Cunha, advogado ; Antonio José dos Santos, Commandante Militar de Olinda ; João Dias, Alferes do 1.º Batalhão de Caçadores ; Francisco Xavier de Ameno, da Villa de Garanhuns ; Lourenço Branco Cavalcante, da mesma, e Joaquim Tenorio de Albuquerque, filho do referido Capitão-mór de Garanhuns» (13).

Contra todos estes expedio-se mandado de prisão, exceptuando-se apenas Paula Gomes, a respeito de quem se officiou á Junta de que era membro.

(13) Translado da Devassa. Fls. 95—96.

Em consequencia foi convidado pelos seus companheiros de governo a ir ao Rio de Janeiro justificar-se do crime de que era accusado, visto ser menos decente ao governo ser elle conduzido debaixo do apparato de prisão. Semelhante ordem, ficou sem effeito, porquanto a 21 de Maio, nove dias depois da intimação acima, a Junta officiou-lhe para que, de conformidade com a Provisão Imperial de 10 de Abril, fosse tomar assento na mesma Junta na qualidade de seu membro, urgindo instantemente no seu effectivo cumprimento, «pois que a ingerencia dos sabios e prudentes pareceres de S. S. nos negocios da administração publica affiançavam que, não só prevaleceriam, mas levariam a subir a maior auge de prosperidade o bem geral desta provincia e a causa da independencia brasileira» (14).

E' que na Côrte o trefego Bernardo José da Gama não esquecera os seus dedicados partidarios e soubéra habilmente desfigurar os successos ao ponto de faze-los parecer victimas de violencias por parte do governo que, a mão armada, haviam depôsto (15); assim lhe foi tambem facil conseguir a liberdade de Pedroso logo que o tresloucado caudilho ali chegou.

Os demais implicados nos motins, em geral individuos sem imputabilidade, foram pouco depois igualmente sôlto, e a victoria dos legalistas quasi se transformou em revez attentas as concessões humilhantes a que foram obrigados pelo poder central, cuja interferencia desmoralisadora continuou a perturbar a marcha da administração provincial. Animados pela impunidade de passados delictos, estimulados pelos chefes do Rio de Janeiro, os elementos sediciosos de Fevereiro proseguiram provocando tumultos e revoltas, ante as quaes a Junta desprestigiada e sem força tinha sempre de capitular, e que por fim determinaram a sua vergonhosa renuncia a 13 de Dezembro de 1823.

ALFREDO DE CARVALHO

(14) *Pereira da Costa*.—Dicionario Biographico de Pernambucanos Celebres. Pag. 379.

(15) *Vide*: Memoria sobre as principaes causas porque deve o Rio de Janeiro conservar a união com Pernambuco.—*Rio de Janeiro, Na Imprensa Nacional, 1823*.—O exemplar que possuímos tras copiosas annotações marginaes do proprio punho do futuro Visconde de Goyanna.

REVISTA

DO

Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano

Vol. XI

Dezembro de 1904

N. 64

NOBILIARCHIA PERNAMBUCANA

POR

A. J. V. BORGES DA FONSECA

(CONTINUAÇÃO DO N. 60)

FAMILIA DE SOUZAS COITINHOS

Jeronymo de Inojoza Velasco Silidar, fidalgo Castellano d'onde era natural, sendo seus ascendentes Senhores da Ilha de Inojoza da mesma Castella, d'onde veio para a Capital da Bahia no posto de Sargento-mór de Batalha, cuja Patente se acha registrada na antiga matricula da Plana, existente na Tesoraria Militar; veio em 24 de Agosto de 1648 em soccorro de Pernambuco, com seu parente o Mestre de Campo *Francisco Fiqueroa*, foi ouvido em todas as conferencias para as Batalhas que então se derão, entrando nas dos Guararapes, e na entrega da Cidade do Recife e toda a capitania de Pernambuco, feita pelos Hollandezes, em 27 de Janeiro de 1654; em 23 de Outubro de 1656 passou a Tenente-General das Tropas pagas de Pernambuco, cuja patente se acha registrada no Liv. 24 da antiga Provedoria, e no Liv. A da mesma Provedoria, existente no Cartorio da Thesoraria Real, e na divisão das terras coube-lhe uma legua nas margens do Capibaribe.

Cazou na Bahia com sua parenta *D. Maria Manelis Tenorio*, que era filha de *Luiz Lopez Tenorio*, fidalgo Castellano,

natural de Sevilha, senhor de cinco Engenhos em Pernambuco, e fallecêo na Bahia, e de sua mulher, e prima, *D. Luiza Tenorio*, que era filha legitima de *Simão Lopez*, Jurado em Granada.

Do matrimonio do Tenente-General *Jeronymo de Injoza Velasco Silidar* com sua mulher *D. Maria Manelis Tenorio*, nascerão dous filhos :

D. Jeronyma, que segue.

Manoel de Injoza Velasco Silidar, fidalgo da Caza Real, que foi da Villa do Recife, sua patria, nomeado pelo Soberano Monarcha, que então succedia na Luzitania, para Governador do Algarve, em cujo governo existio por mais de trez annos, e fallecêo sem successão, empenhando os rendimentos de sua Comenda no Convento da Bahia por onze mil cruzados.

D. Jeronyma Tenorio de Injoza, cazou com seu parente o Mestre de Campo General da Infantaria *Gonçalo Pinto Calheiros*, fidalgo da Caza Real, de seu matrimonio nascêo unicamente *D. Antonia*, que segue.

D. Antonia Nogueira, cazou com o Capitão *Francisco Alvares Lima*....., natural de Muribeca, senhor do engenho «Muribequinha», o qual era filho legitimo de *Miguel Alvares Lima*, Sargento-mór das Ordenanças da Cidade de Olinda, Escrivão da Fazenda Real e da Camara Episcopal, e de sua mulher *D. Maria José do Desterro*. Neto pela parte paterna do Tenente *Antonio Alvares de Lima*, e de sua mulher *D. Maria Mendes Pereira*, naturaes todos da Villa de Barcellos; neto da parte materna do D.^{or} *Francisco Barcellos*, e de sua mulher *D. Marianna Monteiro*, titulo de *Monteiros*; neto pela parte materna do D.^{or} *Francisco Calheiros* e de sua mulher *D. Thereza da Silva Vieira*.. Do matrimonio de *D. Antonia Nogueira* com o Capitão *Francisco Alvares Lima*, nascêram 7 filhos :

Christovão Martins de Injoza, que segue.

Manoel de Injoza Velasco Silidar, Sargento-mór de Estado da Capitania do Ceará-grande, sem successão.

Pedro da Cunha Injoza.

D. Joanna de Injoza.

D. Cosma de Injoza.

D. Innocencia de Injoza.

D. *Maria de Inojoza.*

Christovão Martins de Inojoza, foi Capitão-mór de Auxiliares e cavalleiro da Ordem de Christo, rico e abastado de bens, natural de Muribeca; cazou com D. *Catharina de Menezes*, filha do Tenente *José da Fonseca Barbosa*, natural da Villa de Porto Calvo, e de sua mulher D. *Lucinda de Mendonça*, neta pela parte paterna de *Pedro da Fonseca Barbosa* (que era filho legitimo de *João de Andrada Carvalho* e de sua mulher *Balbina da Fonseca*, natural da Bahia) e de sua mulher D. *Joanna de Góes*, que era filha legitima de *Agostinho de Hollanda de Vasconcellos*, que era natural da freguezia do Cabo, e filho legitimo de *Arnão de Hollanda*, e de sua mulher D. *Brites Mendes de Vasconcellos*, e de sua mulher *Maria de Paiva* (Liv. 2º, Cop. 3º, fls. 95 thé fls. 107), filha de *Ballhazar Leitão Cabral*, e de sua mulher *Ignez Fernandes de Góes*, e era D. *Catharina de Menezes* neta pela parte materna do Tenente Coronel dos Reformados da Ilha de Itamaracá *José Diogo de Menezes*, filho do Capitão *Lourenço Velho de Menezes*, e sua mulher D. *Leonor Thereza de Mendonça e Sá*, e de sua mulher D. *Maria de Mendonça e Sá*, a qual era filha de *João Lopez Vidal*, Provedor da Fazenda Real da Capitania de Itamaracá e Sargento-mór da Ordenança de Goianna, cujo officio que exercêo de propriedade por ter sido de seu pae do mesmo nome, o qual já o havia occupado o seo Avô *Sebastião Lopez Grandio*, e de sua mulher D. *Maria de Mendonça e Sá*, que era filha de *Francisco Monteiro de Sá*, natural do Recife e de sua mulher D. *Joanna de Oliveira Maciel*.

Neta pela parte paterna de *Diogo Thomaz de Avilla* e de sua mulher D. *Maria de Mendonça e Sá*; e pela parte materna de *Antonio Bandeira de Mello*, que era filho de *Antonio Mendes Soarzedos* e de sua mulher D. *Marianna Mesquita*, que era filha legitima do Alcayde-mór *Matheus de Freitas Azevedo* e de sua mulher D. *Maria Eridicia*, natural de Olinda. Neta pela parte paterna do Tenente General *Felippe Bandeira de Mello*, fidalgo da Casa Real, um dos famosos Cabos da guerra Hollandeza, o qual era filho de *Sebastião Pires de Loureiro*, do Concelho de S. Christovão de Nogueira e de sua mulher D. *Brites Bandeira de Mello*, que era filha de *João Rodrigues Malheiros*, fidalgo Illustrissimo, e de sua mulher D. *Felippa Bandeira*, e

natural de Sevilha, senhor de cinco Engenhos em Pernambuco, e fallecô na Bahia, e de sua mulher, e prima, *D. Luiza Tenorio*, que era filha legitima de *Simão Lopez*, Jurado em Granada.

Do matrimonio do Tenente-General *Jeronymo de Injoza Velasco Sildar* com sua mulher *D. Maria Manelis Tenorio*, nascerão dous filhos :

D. Jeronyma, que segue.

Manoel de Injoza Velasco Sildar, fidalgo da Caza Real, que foi da Villa do Recife, sua patria, nomeado pelo Soberano Monarcha, que então succedia na Luizitania, para Governador do Algarve, em cujo governo existio por mais de trez annos, e fallecô sem succeção, empenhando os rendimentos de sua Comenda no Convento da Bahia por onze mil cruzados.

D. Jeronyma Tenorio de Injoza, cazou com seu parente o Mestre de Campo General da Infantaria *Gonçalo Pinto Calheiros*, fidalgo da Caza Real, de seu matrimonio nascêo unicamente *D. Antonia*, que segue.

D. Antonia Nogueira, cazou com o Capitão *Francisco Alvares Lima*....., natural de Muribeca, senhor do engenho «Muribequinha», o qual era filho legitimo de *Miguel Alvares Lima*, Sargento-mór das Ordenanças da Cidade de Olinda, Escrivão da Fazenda Real e da Camara Episcopal, e de sua mulher *D. Maria José do Desterro*. Neto pela parte paterna do Tenente *Antonio Alvares de Lima*, e de sua mulher *D. Maria Mendes Pereira*, naturaes todos da Villa de Barcellos; neto da parte materna do D.^o *Francisco Barcellos*, e de sua mulher *D. Marianna Monteiro*, titulo de *Monteiros*; neto pela parte materna do D.^o *Francisco Calheiros* e de sua mulher *D. Thereza da Silva Vieira*. Do matrimonio de *D. Antonia Nogueira* com o Capitão *Francisco Alvares Lima*, nascêram 7 filhos :

Christovão Martins de Injoza, que segue.

Manoel de Injoza Vellasco Sildar, Sargento-mór de Estado da Capitania do Ceará-grande, sem successão.

Pedro da Cunha Injoza.

D. Joanna de Injoza.

D. Cosma de Injoza.

D. Innocencia de Injoza.

D. *Maria de Inojoza*.

Christovão Martins de Inojoza, foi Capitão-mór de Auxiliares e cavalheiro da Ordem de Christo, rico e abastado de bens, natural de Muribeca ; cazou com D. *Catharina de Menezes*, filha do Tenente *José da Fonseca Barbosa*, natural da Villa de Porto Calvo, e de sua mulher D. *Lucinda de Mendonça*, neta pela parte paterna de *Pedro da Fonseca Barbosa* (que era filho legitimo de *João de Andrada Carvalho* e de sua mulher *Balbina da Fonseca*, natural da Bahia) e de sua mulher D. *Joanna de Góes*, que era filha legitima de *Agostinho de Hollanda de Vasconcellos*, que era natural da freguezia do Cabo, e filho legitimo de *Arnão de Hollanda*, e de sua mulher D. *Brites Mendes de Vasconcellos*, e de sua mulher *Maria de Paiva* (Liv. 2º, Cop. 3º, fls. 95 thé fls. 107), filha de *Ballhazar Leitão Cabral*, e de sua mulher *Ignez Fernandes de Góes*, e era D. *Catharina de Menezes* neta pela parte materna do Tenente Coronel dos Reformados da Ilha de Itamaracá *José Diogo de Menezes*, filho do Capitão *Lourenço Velho de Menezes*, e sua mulher D. *Leonor Thereza de Mendonça e Sá*, e de sua mulher D. *Maria de Mendonça e Sá*, a qual era filha de *João Lopez Vidal*, Provedor da Fazenda Real da Capitania de Itamaracá e Sargento-mór da Ordenança de Goianna, cujo officio que exercêo de propriedade por ter sido de seu pae do mesmo nome, o qual já o havia occupado o seo Avô *Sebastião Lopez Grandio*, e de sua mulher D. *Maria de Mendonça e Sá*, que era filha de *Francisco Monteiro de Sá*, natural do Recife e de sua mulher D. *Joanna de Oliveira Maciel*.

Neta pela parte paterna de *Diogo Thomaz de Avilla* e de sua mulher D. *Maria de Mendonça e Sá* ; e pela parte materna de *Antonio Bandeira de Mello*, que era filho de *Antonio Mendes Soarzedos* e de sua mulher D. *Marianna Mesquita*, que era filha legitima do Alcaide-mór *Matheus de Freitas Azevedo* e de sua mulher D. *Maria Eridicia*, natural de Olinda. Neta pela parte paterna do Tenente General *Felippe Bandeira de Mello*, fidalgo da Casa Real, um dos famosos Cabos da guerra Hollandeza, o qual era filho de *Sebastião Pires de Loureiro*, do Concelho de S. Christovão de Nogueira e de sua mulher D. *Brites Bandeira de Mello*, que era filha de *João Rodrigues Malheiros*, fidalgo Illustrissimo, e de sua mulher D. *Felippa Bandeira*, e

pela parte materna de *Sebastião Lucena de Azevêdo*, Comendador da Matta de Lobo e Guarda-mór da Cidade de Lisbôa, o qual era filho de *Vasco Fernandes de Lucena*, que veio a Pernambuco em 9 de Março de 1535, e seo maior conquistador, foi o primeiro Alcaide-mór de Olinda, e de sua mulher *D. Brites Dias Correia*, Nobilissima, e de sua mulher *D. Jeronyma de Mesquita*; era *Antonio Bandeira de Mello*, acima, cazado com *D. Maria de Oliveira* (Liv. 4º, Ss. 89 thé fls. 207; Liv. 2º, fls. 95 thé 107; Liv. 1º, fls. 221 thé 226).

Do matrimonio do Capitão-mór *Christovão Martins de Injoza* com sua mulher *D. Catharina de Menezes*, nascerão trez filhos :

D. Josepha de Injoza, que segue.

O Padre *Christovão José de Barros*, natural de Muribeca, de cuja justificação de....., de que foi dada em 30 de Dezembro de 1746, conta a sua filiação.

D. Anna de Injoza, solteira.

D. Josepha de Injoza cazou com *José Gonçalves de Oliveira*, irmão legitimo e inteiro do Rev.^{mo} Conego da Cathedral de Olinda, *Aleixo Manoel do Carmo* e do Sargento-mór *Agostinho de Oliveira*, Escrivão da Vedoria geral da gente de guerra da Capitania de Pernambuco, naturaes da freguezia de Muribeca, os quaes erão filhos do Capitão-mór *Agostinho Gonçalves de Oliveira*, e de sua mulher *D. Roza Maria Ferreira*, naturaes de Moribeca.

Neto pela parte paterna de *Manoel Gonçalves de Oliveira*, natural do Porto e de sua mulher *D. Maria da Ressurreição*, natural de Moribeca, e pela parte materna de *Manoel Coelho Ferreira*, natural do Porto, e de sua mulher *D. Maria Alvares de Carvalho*, natural de Moribeca, filha do Tenente Coronel *Manoel Alvares de Carvalho* e de sua mulher *D. Ignez de Vasconcellos*, sua prima.

Do matrimonio de *D. Josepha de Injoza* com *José Gonçalves de Oliveira*, nascerão dois filhos :

Manoel do Carmo Injoza, que segue.

José Mauricio da Conceição, cazado com *D. N.....*; deste matrimonio nascêo *João Mauricio da Conceição*, cavalheiro da Ordem de Christo e Vigario collado da Parochia de Ipojuca.

Manoel do Carmo Inojoza, Capitão por Patente Regia da Ordenança, e depois Sargento-mór graduado do mesmo Recife, Escrivão e Guarda-mór da Alfandega do Recife, cazou com *D. Joanna Felicia do Espirito Santo*, irmã legitima inteira do R.^{do} Conego da Cathedral de Olinda *Antonio Alvares de Miranda Varejão*, Vigario Collado da Matriz de Santa Luzia do Norte, Provincia das Alagoas, Cavalheiro da Ordem de Christo, e de *João Alvares de Miranda Varejão*, fidalgo da Casa Real, Commendador Official-mór da Secretaria de Estado dos Negocios do Reino, todos naturaes do Recife e filhos do Capitão *Bartholomeu Alvares Martins*, natural de Muribeca e de sua mulher *Ursula Maria da Conceição*, natural do Recife.

Netos pela parte paterna do Sargento-mór *Custodio Alvares Martins*, natural de Lisboa, senhor do engenho Santo Estevão e do Certão Rodalhas e S. Pedro em Pajaú de Flores, que instituiu uma Capella de Invocação de S. Pedro, que a dotou, e de sua mulher *D. Juliana de Oliveira*, natural de Muribeca, que era filha do Sargento-mór *Alvaro Marreiros de Oliveira*, senhor dos engenhos Muguape da Bahia e S. Bartholomeu, e de sua mulher *D. Luíza Barreto*, naturaes de Muribeca, e pela parte materna netos de *Antonio José Correia da Silva Lobo*, natural de Portugal, e de sua mulher *D. Joanna Vieira da Fonseca*, natural do Recife.

Do matrimonio do Sargento-mór *Manoel do Carmo Inojoza*, com *D. Joanna Felicia do Espirito Santo*, nascerão dois filhos :

Bazilio Alvares de Miranda Varejão, que segue.

Bernardo Alvares de Miranda Varejão, solteiro na Bahia.

José de Inojoza Varejão, senhor do engenho Pacheco, cazou e tem successão.

D. Joanna Maria das Dores, cazou com seu parente o Capitão *Manuel Fernandes da Cruz*, empregado da Alfandega de Pernambuco, tem successão.

D. Maria Carlota de Figueiredo, cazou com *Joaquim da Fonseca Soares de Figueiredo*, Interprete da Alfandega de Pernambuco, e depois Engenheiro, tem successão.

Bazilio Alvares de Miranda Varejão, Official maior da Junta da Fazenda Real da Cidade da Parahyba do Norte, cazou com D. *Maria Thereza de Jesus*, naturaes ambos de Muribeca, filha legitima de *Luiz Alvares Moreira*, senhor das terras de Carpina, e de sua mulher D. *Lourença Maria de Caldas*, naturaes de Muribeca.

Neta pela parte materna do Alferes *João Pereira da Silva*, e sua mulher D. *Izabel Maria dos Prazeres*, naturaes de Muribeca, e pela parte paterna do Tenente *Antonio da Silva Barreto*, que era filho do Coronel *Francisco Alvares Pereira*, e de sua mulher D. *Lionarda da Costa*, e de sua mulher D. *Maria Tavares do O'*, que era filha de *Jeronymo Leitão* e de D. *Catharina Moreira*; do matrimonio de *Bazilio Alvares de Miranda Varejão*, com D. *Maria Thereza de Jesus*, ha successão.

O Alferes *Pedro da Cunha Inojoza*, cazou e tem dois filhos que são :

O Padre *Felippe José de Barros e José de Barros*.

D. *Joanna de Inojoza* cazou com o Alferes *Manoel Pinto do Rego* e tem quatro filhos que são os seguintes :

João do Rego Inojoza, casou.

Manoel do Rego Inojoza.

Antonio Pinto do Rego.

D. *Constancia Francisca Inojoza*.

D. *Cosma de Inojoza*, cazou com o Alferes *Francisco Vaz* e tiverão cinco filhos que são os seguintes :

O Padre *Manoel Vaz de Inojoza*.

Antonio Vaz de Inojoza.

D. *Josepha Maria de Inojoza*.

D. *Thereza de Jesus*.

D. *Anna de Inojoza*.

D. *Innocencia de Inojoza* (solteira).

D. *Maria de Inojoza* (tambem solteira).

De *João do Rego Inojoza* procede o Padre *João do Rego Inojoza*, *Felippe do Rego Inojoza Silidar*, D. *Antonia de Inojoza*, D. *Joanna de Inojoza* e D. *Maria de Inojoza*.

FAMILIA DE MOURAS COITINHOS, CALHEIROS
E SILVA VIEIRA

Pedro Cardoso de Moura, natural de Lamego, filho de *Francisco de Moura*, natural da freguezia de Santa Maria de Sidiela do Concelho de Penaguião, Senhor da Ilha de Graciosa, do Conselho de Estado, Commendador da Commenda de S. Miguel Dio, na Ordem de Christo, neto de *Pedro Annes*, natural no mesmo lugar, e sobrinho de *Gonçalo Lopes de Guadilupe*, descendente de *Antonio de Guadilupe*, Cirurgião-mór do Papa Clemente 5.º e do Imperador Augusto Cezar.

Cazou com D. *Catharina da Costa*, natural da Villa do Conde, legitima filha de *Sebastião Pires* e sua mulher *Guiomar Fernandes*, moradores na Villa do Conde. Neta por via paterna de *Marcos Pires* e sua mulher *Catharina Fernandes*, e por via materna neta de *Duarte Fernandes* e sua mulher *Leonor Pires*; deste matrimonio, além de outros filhos, nascêo :

Manoel da Costa Moura, natural de Sidielo, Bispado de Lamego, veio de tenra idade em companhia de seus Paes a Pernambuco no principio de sua povoação, servindo de Secretario dos Orphãos em 1641.

Cazou com D. *Margarida Coitinho*, natural de Lisbõa, que veio a Pernambuco convidada por seu tio o Padre Fr. *Angelo*, Monje Benedictino, foi duas vezes D. Abbade do Mosteiro de S. Bento de Olinda, a primeira em 1620 e a segunda em 1624, sendo depois Provincial desta Provincia do Brazil, filha legitima de *Fernão Coitinho de Azevedo*, Commendador de Soto, filho legitimo de *Antonio de Azevedo Coitinho*, fidalgo honrado, e de sua mulher D. *Izabel de Noronha Lumache*; de seu matrimonio nascêo entre outros filhos :

D. *Custodia Coitinho*, que cazou-se com *Lazaro de Barros Coitinho*, proprietario dos officios de Escrivão da Alfandega da Parahyba, Contador e Guarda-livros da mesma, e Juiz do Pezo de Páo Brazil, o qual era filho de *Manoel Francisco* e de *Izabel Gomes Catanho*, natural da Ilha da Madeira, que era filha de *Manoel Catanho* e sua mulher *Gracia do Rego Barreto*, naturaes da Ilha da Madeira; de seo matrimonio nascêo :

D. *Gracia de Barros Catanho*, que cazou com o Sargento-

mór *Manoel da Silva Vieira*, natural da Ilha da Madeira. o qual era legitimo filho de *Sebastião Nunes*, natural da Comarca de Lobos, da Ilha da Madeira, e sua mulher *Brites Vieira da Silva*, natural do mesmo lugar; de cujo matrimonio nascêo, entre outros filhos :

D. *Thereza da Silva Vieira*, que cazou com o D.^o *Francisco Calheiros*, o qual era filho de *Gaspar Calheiros*, natural de Iguarassú, e sua mulher *Clara da Rocha*. Neto pela parte paterna de *Gonçalo Calheiros Vieira*, natural de Vianna, e sua mulher *Maria Vieira*, natural de Iguarassó, e pela parte materna neta de *Antonio Coelho*, natural de Telheiros, Patriarchal de Lisbôa, e sua mulher *Andreza da Rocha*, natural de Iguarassú, que era filha de *Manoel da Rocha*, o qual era filho de *Diogo Lopez* e de sua mulher *Violante Fernandes*; do Conselho de Bosqueiro, que era filha de *João Lopez do Ribeiro*; do matrimonio de D. *Thereza da Silva Vieira* com o D.^o *Francisco Calheiros* nascerão cinco filhos :

D. *Francisca*, cazou com *José da Costa Bezerra*.

D. *Clara da Silva Vieira*, cazou com o Capitão *Francisco de Mello da Silva*.

D. *Antonia*, cazou com *Francisco Pinto Correia*, senhor do engenho Inhobim.

D. *Custodia Coitinho*, cazou com *José Gonçalves Telles*.

D. *Maria José do Desterro*, que terceira vez cazou com o Sargento-mór *Miguel Alves Lima*, Escrivão da Fazenda Real e da Camara Episcopal, o qual era filho do Tenente *Antonio Alvares Lima*, familiar de numero do Santo Officio, e sua mulher D. *Marianna Monteiro*; neto pela parte paterna de *Balthazar Gonçalves Lima* e sua mulher *Maria Mendes Pereira*, naturaes da Villa de Barcellos; neto pela parte materna de *Domingos Monteiro de Oliveira* e sua mulher *Maria Dias*; de cujo matrimonio nascerão seis filhos :

Fr. *Francisco de Jesus Maria*, Religioso da Ordem de Nossa Senhora do Monte do Carmo.

Fr. *José Joaquim*, Religioso da mesma Ordem.

O Padre *Antonio José Alvares de Lima*.

D. *Paula Monteiro de Lima*, que cazou com seu primo o Coronel *Francisco Pinto Correia Junior*, senhor de engenho na Parahyba.

D. *Marianna Monteiro de Lima*, que cazou em Olinda com o Capitão da Ordenança *Antonio Dantas Correiu*, senhor do engenho Frágoso.

O Capitão *Francisco Alvares de Lima*, senhor do engenho Muribequinha, que cazou com D. *Antonia de Nogueira*, legitima filha do Mestre de Campo General de Infantaria *Gonçalo Pinto Calheiros*, fidalgo da Caza Real, e de sua mulher D. *Jeronyma Tenorio de Inojoza*, irmã de *Manoel de Inojoza Velasco Silidar*, Governador do Algarve, ambos legitimos filhos do Tenente General *Jeronymo de Inojoza Velasco Silidar*, fidalgo da Caza Real e de sua mulher D. *Manoela Manelis Tenorio*; de seo matrimonio nascêo, entre outros filhos :

O Capitão-mór *Christovão Martins de Inojoza*, Cavalheiro da Ordem de Christo, que cazou com D. *Catharina de Menezes*, que era filha do Tenente *José da Fonseca Barbosa*, e sua mulher *Barbara da Fonseca*, neta pela parte materna do Tenente Coronel da Capitania de Itamaracá *José Diogo de Menezes* e sua mulher D. *Maria de Mendonça e Sá*; deste matrimonio nascêo entre outros filhos :

D. *Josepha de Inojoza*, que cazou com *José Gonçalves de Oliveira*, irmão do R.^{do} Conego da Cathedral de Olinda *Aleixo Manoel do Carmo* e do Sargento-mór *Antonio Gonçalves de Oliveira*, Escrivão da Vedoría Geral da Gente de Guerra da Capitania de Pernambuco, todos legitimos filhos do Capitão-mór *Agostinho Gonçalves de Oliveira*, e sua mulher D. *Rosa Maria Ferreira*, naturaes de Muribeca. Neta pela parte paterna de *Manoel Gonçalves de Oliveira*, natural do Porto, e sua mulher D. *Maria da Resurreição*, natural de Muribeca, é pela parte materna neto de *Manoel Coelho Ferreira*, natural do Porto e sua mulher D. *Maria Alvaro de Carvalho*, natural de Muribeca, deste matrimonio nascêo entre outros filhos :

Manoel do Carmo Inojoza, Capitão das Ordenanças do Recife, por Patente Regia, e Sargento-mór graduado, Guarda-mór e Escrivão da Meza grande da Estiva da Alfandega de Pernambuco, que cazou com D. *Joanna Felicia do Espirito-Santo*, irmão do Re.^{do} Conego da Cathedral de Olinda e Vigairo da Parochia de Santa Luzia do Norte *Antonio Alvares de Miranda Varejão*, Cavalheiro da Ordem de Christo, e de *João Alvares de Miranda Varejão*, official maior da Secretaria do

Estado dos Negocios do Reino, Commendador e fidalgo da Caza Real, naturaes do Recife, todos filhos do Capitão *Bartholomeu Alvares Monteiro* e de sua mulher *D. Ursula Maria da Conceição*.

Netos pela parte paterna de *Bartholomeu Alvares Martins* e de sua mulher *D. Ursula Maria da Conceição*; netos pela parte paterna do Sargento-mór *Custodio Alvares Martins*, senhor do engenho S. Estevão e do Sertão Rodellas em Pajaú de Flores, e de sua mulher *D. Julianna de Oliveira*, legitima filha do Sargento-mór *Alvaro Marreiros de Oliveira* e de sua mulher *D. Luzia Barreto*, e pela parte materna neta de *Antonio José Correia da Silva Lôbo*, cavalheiro da Ordem de Christo, negociante na Praça do Recife, natural de Santa Maria dos Passos da Villa Real, Arcebispado de Braga, e sua mulher *D. Joanna Vieira da Conceição*, que era filha do Coronel *Antonio de Miranda Vieira*, natural de Portugal, e de sua mulher *D. Ursula Marta da Fonseca*, irmã dos Rev.^{dos} *D.^{ros} Pedro e Antonio de Siqueira Varejão*, naturaes de Pernambuco, todos filhos do Coronel da Cavallaria *Antonio de Siqueira Varejão Castello Branco*, fidalgo cavalheiro da Caza Real, e sua mulher *D. Joanna Pinto da Fonseca*, natural de Portugal.

Netos pela parte paterna do Tenente General do Reyno da Angola *Antonio de Siqueira Varejão Castello Branco*, fidalgo da Caza Real, Alcayde-mór d'Obidos, etc., e sua mulher *D. Anna de Vasconcellos* (Liv. 4.º, fls. 33, fls. 161 verso, fls. 338 no verso, fls. 524, e Liv. 3.º fls. 135 e 140. Liv. 1.º, fls. 2... , fls. 361).

DOS MONTE-NEGROS

Esta familia procede do Capitão *Domingos de Santo-Thiago*, Hespanhol que veio a servir na guerra dos Hollandezes com o Conde de Bagnolo no anno de 1634, e dizem as memorias antigas que era filho de *Pedro do Monte-Negro*. Cazou em Pernambuco e foi primeiro marido de *D. Luzia de Aguiar de Oliveira* (que cazou segunda vez com o Capitão *Amaro Lopes da Madeira*) e era irmã inteira de *Domingos de Aguiar de Oliveira*, que do termo de irmão da Mizericordia de Olinda, que assignou a 2 de Julho de 1655, consta ser filho de

Simão Gonçalves de Freire e de sua mulher *Luzia de Aguiar de Oliveira*, naturaes da ilha de S. Miguel.

Do referido matrimonio do Capitão *Amaro Lopes da Madeira*, que como fica dito foi primeiro marido de *Luzia de Aguiar de Oliveira*, nascêo unicamente o filho seguinte :

Felippe de Santhiago de Oliveira, que do termo de irmão da Mizericordia, que assignou a 10 de Agosto de 1660, consta que já então era cazado com D. *Lourença Maciel de Andrada*, filha de *Balthazar Maciel de Andrada*, e de sua mulher D. *Jeronyma da Mesquita de Azevêdo* (Vide titulo de *Bandeira*.) E do referido matrimonio nascerão os cinco filhos seguintes :

Domingos de S. Thiago Montenegro, que continua.

Felippe Bezerra de Montenegro, adiante.

Manoel de Andrade, adiante.

D. *Ignez Monte Negro*, adiante.

D. *Brites Bezerra*, adiante.

Domingos de S. Thiago Monte Negro, ainda vivia em 1704, e nesse anno assignou termo de irmão da Mizericordia a 8 de Setembro, no qual he tratado por Capitão, e do mesmo termo consta que era cazado com D. *Brites de Albuquerque*, filha do Capitão-mór *Thomé Teixeira Ribeiro*, natural do Reyno, e de sua mulher D. *Brites de Albuquerque*, irmã inteira de *Diogo Coelho de Albuquerque*, fidalgo cavalheiro da Caza Real, e Commendador da Ordem de Christo, que foi Capitão-mór e Governador da Capitania do Ceará-grande, pelos annos de 1662, como consta do 1º livro da Secretaria do mesmo Governo, ambos filhos de *Manoel Rodrigues Coelho*, natural do Reyno, e de sua mulher *Maria de Albuquerque*. E o dito Capitão *Francisco Dias Leite* foi filho de *Antonio Leite* e de sua mulher D. *Cecilia Rabello*. Neto de *João Dias Leite*, e bisneto de *Antonio Vicente Leite*, natural de Guimarães. Do referido matrimonio nascerão oito filhos que são os seguintes :

Francisco Dias de Albuquerque Monte Negro, que continua.

Domingos de Mello Monte Negro, que cazou com D. *Joanna da Camara de Albuquerque*.

Felippe Dias Monte Negro, clerigo presbytero.

Francisco Dias de Albuquerque Monte Negra, que foi Sargento-mór, cazou com sua parenta D. *Maria Magdalena de*

Souto-Maior, filha do Capitão *João Luiz Correia*, que foi senhor do engenho de Tapipité na Matta (o que era irmão de *Aurelio de Caldas Peralta*, que foi Escrivão da Camara da Villa de Iguarassú) e de sua mulher *D. Iñez da Madeira*, filha do Capitão *Domingos de Aguiar de Oliveira*, e de sua mulher *D. Iñez da Madeira*, que era tambem sua sobrinha.

Neta pela via paterna de *Simão Gonçalves Freire*, e de sua mulher *Luzia de Aguiar de Oliveira*, naturaes de Ilha de S. Miguel, acima nomeados; e por via materna neta do Capitão *Amaro Lopes da Madeira*, segundo marido de *Luzia de Aguiar de Oliveira*, nos quaes tambem já fallamos.

Do referido matrimonio nascêrão :

Francisco Dias de Albuquerque Monte Negro, que continua.

Domingos do Mello Monte Negro.

Antonio José Bandeira de Mello, adiante.

José de Mello Monte Negro.

Manoel de Mello Monte Negro, adiante.

D. Brites Mariana de Albuquerque, que cazou com *João Vieira de Mello*, filho do P.^o *João Vieira de Araujo* e de *D. Anna Bandeira de Mello*, com que foi cazado antes de se ordenar de clérigo (Vide titulo de *Bandeira*).

Antonio José Bandeira de Mello, cazou com *D. Maria Joanna Cezar*, filha de *José de Mello Cezar e Andrade*, fidalgo cavalheiro da Caza Real, e de sua mulher *D. Mariana Bezerra de Azevedo* (Vide titulo de *Cezares*).

Manoel de Mello Monte Negro foi cazado duas vezes, a primeira com..... e a segunda com *D. Maria Bandeira*, filha de *João Vieira de Araujo* e de *D. Anna Bandeira* com quem foi cazado antes de se ordenar de clérigo. Vide titulo de *Bandeiras*).

Felippe Bezerra Monte Negro cazou em Tejucupapo, onde sempre viveo. e faleceo, com *D. Maria.....* e tiverão os filhos seguintes :

Felippe Bezerra Monte Negro, que continua.

Antonio Bezerra Monte Negro, adiante.

Manoel Bezerra Monte Negro, adiante.

D. Maria Bezerra Monte Negro, que cazou com *Manoel*

Vaz da Silva, filho de *Manoel Vaz da Silva* e de sua mulher *D. Luiza de Souza Bezerra* (Vide titulo de *Carrascos*).

Felippe Bezerra Monte Negro, que foi Capitão, cazou duas vezes, a primeira com D....., filha do Capitão *Gonçalo Alz. Calheiros*, de Tejucupapo, e de sua mulher....., e a segunda vez com *D. Luzia*, filha de *Manoel da Costa Calheiros* e de sua mulher..... e teve

Do 1º matrimonio :

D. Marianna Bezerra.

Do 2º matrimonio :

Antonio Bezerra Monte Negro, cazou com sua prima *D. Antonia*....., filha de seu tio o Capitão *Manoel de Andrade*, e de sua mulher..... dos quaes adiante se ha de tratar.

E tiverão :

Jeronymo Bezerra Monte Negro.

Bento Bezerra Monte Negro.

Antonio Bezerra Monte Negro.

D. Maria José Bezerra.

Manoel Bezerra Monte Negro cazou com D..... filha do Capitão *Manoel Alvares do Valle*, que morou no engenho de Tracunhaem.

Manoel de Andrade foi capitão em Tejucupapo, cazou com D..... teve :

D. Antonia..... que cazou como acima vimos, com seo primo *Antonio Bezerra Monte Negro*, filho de *Felippe Bezerra Monte Negro* e de sua mulher *D. Maria*.....

D. Ignez Monte Negro, cazou com seo tio *Domingos de Aguiar de Oliveira*, que era meio irmão de seo pae por ser filho do Capitão *Amaro Lopes da Madeira*, segundo marido de *Juzia de Aguiar de Oliveira*, como acima vimos.

Deste matrimonio nascerão :

Nicacio de Aguiar de Oliveira, que continua.

Gonçalo Lopes Madeira, adiante.

Domingas de S. Thiago Monte Negro, adiante.

Nicacio de Aguiar de Oliveira, cazou com *Magdalena de Sá*, filha de *Manuel de Azevedo*, que foi Alferes de Infantaria, e de sua mulher *Magdalena de Sá*, irmã de *Sebastião de Sá*, e filhos de *Diogo de Barros* e de sua mulher *Barbara de Barros*.

Do referido matrimonio nascêrão :

Domingos de Aguiar de Oliveira, que continua.

Nicacio de Aguiar de Oliveira, adiante.

Sebastião de Sá Oliveira, adiante.

D. Maria Magdalena de Sá e Oliveira, adiante.

Domingos de Aguiar de Oliveira cazou com *Francisca do Canto*, filha de.....

E teve :

Maria Patricia, que cazou com *Francisco Xavier Caminha*, filho de *Caetano Pereira*, qur foi Sargento-mór do Regimento de Olinda, e sua mulher *D. Thereza de Jesus Caminha* (Vide titulo *Medina*).

Nicacio de Aguiar de Oliveira, cazou com *D. Maria de Góes*, filha de *Manoel Vaz Carrasco*, e de sua primeira mulher *D. Luiza de Souza* (Vide titulo de *Carrascos*),

Deste matrimonio nascêrão :

Nicacio de Aguiar de Oliveira, que cazou com.....

José dos Santos Silva, que cazou com.....

Sebastião de Sá e Oliveira, cazou com *D. Maria Thereza*, filha de *Manoel Gomes do Canto*, e de sua mulher *Agostinha de Souza*, e tiverão as tres filhas seguintes :

Ignéz..... que cazou com.....

N..... que tambem cazou.

N.....

D. Maria Magdalena de Sá e Oliveira cazou duas vezes : a primeira com *Francisco Bezerra de Menezes*, filho de *Bento Rodrigues Bezerra* e de sua mulher *D. Petronilla de Menezes* (titulo de *Bezerras Monteiros*) e a segunda com *Manoel Vaz Carrasco*, filho do Padre *Francisco Vaz Carrasco* e de *D. Brites de Vasconcellos*, com quem foi cazado antes de se ordenar de Clerigo.. (Da successão deste segundo matrimonio se escreve em titulo de *Carrascos*).

E do primeiro matrimonio nascêo :

Amaro Lopez de Menezes, Capitão de cavallaria.

Gonçalo Lopez Madeira, foi cazado com *D. Jeronyma*..... filha de..... E tiverão :

Gonçalo Lopez Madeira, que mora na *Matta de Iguarasú*, cazou com.....

Domingos de S. Thiago Monte Negro, cazou com *D. Lou-*

rença de *Aguiar*, filha de..... e deste matrimonio nascêrão os filhos seguintes :

João Dias Gallegas, que continua.

José Ximenes, adiante.

João Dias Gallegas, que foi muitos annos Ermitão com o nome de *João da Soledade*, cazou com *D. Sebastianna de Vasconcellos*; filha de *Manoel Vaz Carrasco* e de sua primeira mulher *D. Luiza de Souza* (Vice titulos de *Carrascos*). E deste matrimonio nascêrão :

José Ximenes Madeira, que continua.

Manoel Ximenes de Aragão.

Joaquim Ximenes de Vasconcellos.

D Rita Maria Mancelata, da ordem 3^a de Nossa Senhora do Monte do Carmo.

D. Joanna Maria de Jesus, adiante.

Thomé Ximenes Madeira, mora em Araripe, onde cazou com *Margarida Nunes Barboza*, filha de *Ceciliano Barboza*. E teve os filhos seguintes :

João.

Anacleto.

Sebastiana.

Maria.

Josepha.

Antonia.

D. Joanna Maria de Jesus cazou em Goyanna com *José Marques*, filho de.....

José Ximenes, foi Alferes de Infantaria no Regimento da Praça do Recife, e foi cazado com.....

D. Briles Bezerra, cazou com *José de Souza*..... e tiveram :

Antonio Bezerra de Menezes, que foi cazado com *Joanna Barboza*, e não tenho delles outra noticia.

D. Rozaura Bezerra.

DOS CARRASCOS

Esta familia procede de *Sebastião Vaz Carrasco*, que das inquirições de seu neto o Padre *Francisco Vaz Carrasco*, consta que já era natural de Olinda, onde nascêo e cazou antes da

entrada dos Hollandezes, que foi no anno de 1630, com *Maria da Roza*, natural da mesma Cidade ; depois viveo *Sebastião Vaz Carrasco*, com sua mulher na freguezia de S. Miguel de Ipojuca, e n'ella nascêo a unica filha deste matrimonio :

Maria da Roza, que viveo em Ipojuca sua patria, e n'ella foi cazada com *Manoel Vaz Vizeu*, filho de *Matheos Vaz* e de sua mulher *Maria Simões*, naturaes da cidade de Vizeu. E deste matrimonio nascêrão :

Manoel Vaz da Silva, que viveo em Crauassú e foi cazado com *Maria de Góes*, filha do Capitão *Balthazar Leitão de Vasconcellos*, e de sua mulher *Jeronyma da Costa* (Vide titulo de *Hollandas*).

Deste matrimonio não ficou successão.

Antonio Vaz Carrasco, que cazou com *Anna de Hollanda*, a filha do dito Capitão *Balthazar Leitão de Vasconcellos*.

Francisco Vaz Carrasco, que continua.

Eugenia Vaz, que cazou com o Capitão *Bartholomeu Rodrigues Xeres* (Vide titulo de *Xeres*).

Theodozia Ferreira, adiante.

Francisco Vaz Carrasco, foi Clerigo Sacerdote, e muito bom Ecclesiastico depois de haver sido Capitão da Ordenança em Ipojuca por Patente de 23 de Agosto de 1666, e cazado com D. *Brites de Vasconcellos*, filha de *Gaspar da Costa Coelho*, Cavalheiro da Ordem de Christo, e Capitão na guerra dos Hollandezes e de sua mulher D. *Maria de Góes* (Vide titulo de *Hollandas*). Deste matrimonio lhe ficarão os filhos seguintes :

Manoel Vaz Carrasco, que continua.

Francisco Vaz Carrasco, adiante.

Antonio Vaz Carrasco, adiante.

D. *Maria de Góes*, adiante.

D. *Maria Magdalena*, adiante.

D. *Eugenia Vaz*, que não cazou e falleceo em Goyanna em 1724.

Manoel Vaz Carrasco cazou duas vezes, a primeira com D. *Luiza de Souza Bezerra*, filha de *Sebastião Leitão de Vasconcellos* e de sua mulher *Ignês de Souzu*, moradora em Goyanna (Vide titulo de *Hollandas*) e a segunda com D. *Maria Magdalena de Sá*, viuva de *Francisco Bezerra de Menezes* e filha

de *Nicacio de Aguiar de Oliveira* e de sua mulher *D. Magdalena de Sá* (Vide titulo de *Monte Negro*). Nascêrão do primeiro matrimonio :

Manoel Vaz da Silva, que continua.

D. Maria de Góes, que cazou com *Nicacio de Aguiar de Oliveira*, filho de *Nicacio de Aguiar de Oliveira* e de sua mulher *Magdalena de Sá*, acima nomeados (Vide titulo de *Monte Negro*).

D. Sebastiana de Vasconcellos que cazou em Goyanna com *João Dias de Gallegas*, filho de *Domingos de Aguiar de Oliveira* e de sua mulher *D. Ignez Monte Negro* (Vide titulo de *Monte Negro*).

Do segundo :

Nicacio de Aguiar de Oliveira, aqui.

D. Maria Magdalena de Sá e Oliveira, que cazou com o Coronel *Francisco Ferreira da Ponte*, filho de *Francisco Ferreira da Ponte*, a quem chamarão o Cachapo, e de sua primeira mulher *D. Maria de Barros* (Vide titulo de *Catanhos*).

D. Ignez Madeira de Vasconcellos, adiante.

D. Roza de Sá e Oliveira, que cazou com seo parente o Capitão-mór *José de Xares Furna Uchóa*, filho do Capitão *Francisco de Xares Furna*, e de sua mulher *D. Ignez de Vasconcellos Uchóa* (Vide titulo de *Xares*).

D. Brites de Vasconcellos, adiante.

D. Sebastiana de Sá e Oliveira, que cazou.

D. Anna Maria de Vasconcellos, adiante.

Manoel Vaz da Silva cazou duas vezes ; a primeira com *D. Maria Bezerra Monte Negro*, filha do Capitão *Felippe Bezerra Monte-Negro* e de sua mulher..... e a segunda com..... sobrinha do Padre *Gonçalo de Mojope*, E teve :

Do 1º matrimonio :

D. Cosma Bezerra Monte Negro, que continna.

Do 2º matrimonio :

Francisco.....

D. Cosma Bezerra Monte Negro cazou com seo primo *Antonio de Carvalho Maciel*.

Nicacio de Aguiar Oliveira cazou no Caruarú com *Michaella da Silva*, filha de *Thomaz da Silva Porto*, natural do Porto e de sua mulher *Nicacia Alz. Pereira*, filha de *Matheus*

Pereira de Carvalho, natural do Porto e de sua mulher *Michada da Silva*, irmã do Capitão *Paulo de Medeiros Furtado*, de Igua-rassú.

D. *Ignez Madeira de Vasconcellos*, cazou duas vezes, a primeira com o Capitão *Luiz Gonçalves de Mattos*, natural do Recife, de quem não teve filhos, e a segunda com o Sargento-mór *Antonio Atz. Linhares*, natural do Rio Grande, irmão de *Dionizio Atz. Linhares*. Mãe dos Padres *Manoel da Cunha* e *Antonio Gonçalves da Cunha*. E deste segundo matrimonio tem :

José.

Diogo.

Francisco.

Ignez.....Meninos.

D. *Brites de Vasconcellos* cazou com *José de Araujo Costa*, natural da freguezia de S. Lucrecia de Barcellos do Arcebis-pado de Braga, filho de *Pedro de Araujo* e de sua mulher *Maria de Sá*, o qual vive no Acaraçú onde é Capitão de Auxilia-res. Deste matrimonio nascerão :

Anselmo de Araujo Costa, aqui.

Diogo Lopez Madeira.

Francisco de Salles.

D. *Maria Magdalena.*

D. *Francisca de Araujo.*

D. *Anna Maria de Jesus* que cazou com seu primo *João de Souza Uchôa*, filho de *Luiz de Souza Xâres* e de sua mulher D. *Anna Thereza de Albuquerque* (Vide titulo de Xâres).

D. *Anastacia de Sá.*

D. *Antonia da Purificação.*

D. *Maria da Encarnação.*

D. *Rita de Jesus.*

Anselmo de Araujo Costa foi Alferes de Auxiliares e ca-zou com *Francisca dos Santos Xavier*, natural do Recife, filha de *Manoel Gomes Diniz* e de sua mulher *Josepha Maria dos Santos*.

D. *Anna Maria de Vasconcellos* cazou com *Miguel do Prado Leão*, natural de Goyanna, filho de *Miguel do Prado Leão* e de sua mulher D. *Luzia d' Assumpção e Oliveira*.

Deste matrimonio tem nascido :

José do Prado Leão.

D. Roza.....

D. Ursula..... Meninas.

Francisco Vaz Carrasco viveu em Olinda onde foi Capitão de Ordenança, cazou e foi segundo marido de *D. Antonia de Mendonça Uchôa* (viuva do *Dr. Bartholomeu Peres de Gusmão*, a quem chamarão o Doutsinho) e filha de *Francisco de Faria Uchôa* e de sua mulher *Anna de Lyra Pessoa* (Vide titulo de *Uchôas*).

Do referido matrimonio de *Francisco Vaz Carrasco* com *D. Antonio de Mendonça* nascerão unicamente as duas filhas seguintes :

D. Ignez de Vasconcellos Uchôa que cazou duas vezes ; a primeira com seo tio o Capitão *Francisco de Xâres Furna*, filho do Capitão *Bartholomeu Rodrigues Xâres*, e de sua mulher *Eugenia Vaz da Silva* (Vide titulo de *Xâres*) e a segunda com *Lourenço da Silva e Mello*, filho de *Feliciano de Mello da Silva* e de sua mulher *D. Brites de Barros Rego* (Vide titulo de *Mellos da Silva*).

D. Francisca Xavier de Mendonça Uchôa cazou com *Luiz Fernandes Cuminha de Medina*, filho do Capitão-mór *Antonio Fernandes Cuminha de Medina* e de sua mulher *D. Clara da Silveira* (Vide titulo de *Medinas*).

Antonio Vaz Carrasco, cazou duas vezes, a primeira com *D. Margarida de Souza Bezerra*, filha de *Sebastião Leitão de Vasconcellos* e de sua mulher *Ignez de Souza*, moradores em Goyanna (Vide titulo de *Hollandas*) e a segunda na Parahyba com *Julia Pereira de Castro*, filha de..... e teve :

Do 1º matrimonio :

João Leitão de Vasconcellos que cazou duas vezes em Goyanna : a primeira com *D. Maria Cavalcanti*, filha de..... e a segunda com *D. Ignacia.....* e de nenhum destes matrimonios teve filhos.

Manoel Vaz de Hollanda cazou com *Joanna da Madre de Deos*, filha de *Francisco Xavier Góes* e de sua mulher *Maria Mayor*.

Do 2º matrimonio :

José Gonçalves de Vasconcellos.

Ignacio Pereira da Silva.

Antonio Vaz Carrasco.

D. Antonia de Vasconcellos.

D. Maria de Vasconcellos.

D. Thereza de Jesus.

D. Maria de Góes cazou com *Pedro Correia*..... e deste matrimonio nascêo :

Manoel Correia..... que nascêo e falleceu em Iguarasú, onde foi cazado com *Luzia de Barros*, que ainda vive na mesma Villa, filha deNeto.

E tiverão :

Luzia....., que vive no Recolhimento da dita Villa.

D. Maria Magdalena, cazou com *Pedro da Gama*.

Theodosia Ferreira cazou com *Pedro Fernandes da Silva*, natural da ilha da Madeira, o qual foi filho de *Bento Fernandes* e de sua mulher *Izabel de Oliveira*. Neto por via paterna de *Pedro Fernandes Camazo* e de sua mulher *Margarida Fernandes*. E por via materna de *Agostinho Gonçalves* e de sua mulher *Catharina de Oliveira* ; do referido matrimonio nascêrão :

José Fernandes Silva, que continua.

Pedro de Faria e Silva, adiante.

José Fernandes Silva, que foi Capitão-mór de Goyanna, cazou com *Dionizia Pacheco Pereira*, viuva de *Gonçalo Noro de Lyra*, senhor do engenho de N. S. da Piedade de Aroayê em Goyanna, e filha de *João Pacheco Pereira*, natural do Porto, que foi senhor do engenho de Goyanna grande, e de sua mulher *Joanna Paes Barboza*, irmã do Mestre de Campo de Infantaria *João de Freitas da Cunha*, e filho de *Francisco Barboza* e de sua mulher *Maria de Almeida*, naturaes de Lisbôa. Do referido matrimonio nascêo :

Pedro de Faria e Silva, foi Jesuita e sahindo da Companhia de ordens menores cazou, e enviuvando já muito velho se ordenou de Clerigo e ainda viveo nm anno Sacerdote em Olin-da, onde foi Advogado e Procurador da Mitra. Foi sua mulher *Maria José da Costa*, natural da mesma Cidade, e filha de *Manoel da Costa Gaio*, natural do Porto, e de sua mulher *Luiza Ribeiro de*....., natural de Amarante ; e nascêrão do referido matrimonio :

João de Faria, Clerigo Presbytero, que falleceo ha pouco tempo, Capellão-mór da Misericórdia de Olinda.

Francisco de Faria, Jesuita, que foi Mestre e dos mais famosos na sua Religião, e foi para a Italia quando esta foi proscripta do Reyno.

André Faria, que ainda vive neste anno de 1772, Clerigo Presbytero e Administrador do Recolhimento de Nossa Senhora da Conceição de Olinda.

José Fernandes da Silva que falleceo moço sendo estudante.

D. *Lina*..... que continua.

D. *Roza Muria de Faria*, que cazou com *Ignacio de Mello da Silva*, Capitão de Granadeiros do Regimento de Recife, filho de *Francisco de Mello da Silva*, Capitão e Cabo da fartaleza de S. Thiago das Cinco Pontas, e de sua mulher D. *Clara da Silva Vieira* (Vide titulo de *Mellos da Silva*).

D. *Lina*..... cazou com *João José Maynard*, natural de Lisbôa.

(continúa)

DA INTRODUÇÃO DA IMPRENSA

EM

PERNAMBUCO

PELOS

Hollandezes

I

De todos os paizes americanos foi o Brasil o ultimo em que ocorreu o estabelecimento definitivo da arte typographica.

Emquanto que já existia no Mexico, desde 1539, no Perú, em 1585, e nos actuaes Estados-Unidos, em 1638, só após a transmigração da familia real portugueza foi, a 13 de Maio de 1808, inaugurada no Rio de Janeiro a *Impressão Regia*, primeira typographia regular que possuímos.

Entretanto o invento de Gutemberg cedo tivéra ingresso em Portugal, onde já pelos annos de 1464 ou 1465 funcionavam prelos (1), e d'ali, acompanhando a assombrosa expansão colonial do pequeno reino iberico, foram, no seculo immediato, levados ás mais remotas paragens do Oriente. Missionarios portuguezes, e sobretudo os padres da Companhia de Jesus, introduziram a imprensa na India, na China e no Japão, dando á luz preciosos vocabularios e grammaticas das linguas indigenas, cujo merito o correr dos tempos não deslustrou, nos seus collegios do Salsette (1552), Gôa (1561), Macau (1590) e Amacusa (1593).

Não é inverosimil que pelo mesmo tempo, diz notavel autoridade (2), existissem tambem no Brasil typographias fundadas pelos Jesuitas, conjectura esta das mais plausiveis se

(1) *Antonio Ribeiro dos Santos*.—Memoria sobre a origem da da imprensa nos dominios portuguezes nos seculos XV, XVI, XVII e XVIII.—*Mem. Acad. R. de Lisb.*, Vol. VII.

(2) *Faulmann*.—*Illustrierte Geschichte der Buchdruckerkunst*.—*Leipzig*, 1882, vol. I, pag. 387.

considerarmos a importancia da sua cooperação, a partir de 1549, na obra da colonisação da nossa terra.

Em auxilio dessa hypothese acresce ainda o facto de já anteriormente ao seculo XVII haverem laborado prèlos, devidos á mesma iniciativa, nas possessões portuguezas da Africa Occidental, como Loanda e S. Salvador, a antiga capital do Congo, nucleos de população civilisada incomparavelmente inferiores aos do continente fronteiro.

Em parte alguma, porém, da *Terra* por Cabral chamada da *Veru Cruz*, se nos antolha mais possivel então a existencia da imprensa do que na opulenta e prospera capitania de Duarte Coelho. Não só porque Olinda ostentava desde 1576 o mais vasto e sumptuoso collegio da Companhia no Brasil, onde os padres mantinham licções de casos de latim e de primeiras letras, mas principalmente porque, no dizer feliz de Capistrano de Abreu, «foi Pernambuco o lugar em que primeiro abrolhou a flôr literaria em nossa Patria.»

Todavia urge confessar que, não obstante se conjurarem circumstancias tão propicias á introdução da arte typographica no Brasil, e especialmente em Pernambuco, nos fins do seculo XVI ou começo do XVII, nenhuma prova material da sua existencia, unica capaz de produzir a demonstração cabal de semelhante enunciado, foi até hoje encontrada.

Além de não ser conhecido um só impresso a que se possa attribuir tal procedencia, o completo silencio dos documentos coevos e de todos os nossos chronistas sobre um facto que difficilmente passaria ignorado, contribue para ainda mais invalidar semelhante supposição.

II

Alguns decennios mais tarde, porém, um acontecimento, que exerceu influencia multipla e vigorosa em diversas correntes da nossa evolução cultural, proporcionou tambem ensejo favoravel á introdução da imprensa em Pernambuco.

No segundo quartel do seculo XVII gente de uma nação, na qual a immenso desenvolvimento commercial se alliavam surprehendente progresso artistico e elevada cultura literaria, e era então a unica onde á liberdade de pensamento não amesqui-

nhavam restricções, invadio e assenhoreou-se duradouramente da melhor porção do Brasil Oriental.

Serenados os tumultos da primeira occupação, logo iniciaram os hollandezes importantes melhoramentos materiaes e transformaram em pouco tempo o Recife, de insignificante povoado de pescadores, na primeira cidade brasileira.

Principalmente no decurso da administração, illustrada e liberal, do conde João Mauricio de Nassau, ao par de grande prosperidade economica e industrial, observou-se notavel incremento nas artes e na instrucção publica.

Diffundio-se o ensino elementar entre os filhos do paiz, e nas proprias aldeias dos indigenas crearam-se escolas dirigidas por mestres para este fim preparados nas universidades de Leyde, Utrecht e Groeninge; Moreau refere mesmo que os Estados Geraes cogitaram da fundação, no Recife, de um instituto de artes mechanicas (3).

Conhecida a particular predilecção do governador geral pelas sciencias e artes, é naturalissimo suppor que, sob os seus auspicios, tambem se procurasse transportar á nova colonia a imprensa, chegada na sua patria a inexcedivel perfeição em mãos de impressores insignes, como os Elzevires e os Plantin-Moretus, as duas enormes dynastias de typographos hollandezes.

E realmente assim succedeu, conforme testemunha a correspondencia official trocada entre o Supremo Conselho do Governo do Brasil, no Recife, e a Assembléa dos XIX Directores da Companhia das Indias Occidentaes, em Amsterdam, e conservada no Archivo Real de Haya.

Em 28 de Fevereiro de 1642 escrevia o primeiro: « Outrosim rogamos a V. Exc. queiram-nos remetter uma typographia, afim de que as ordenações e os editaes emanados de V. Exs. e deste governo, e os bilhetes de vendas, sendo impressos obtenham maior consideração, e de ficarmos dispensados do trabalho fatigante de tantas copias ». (4)

(3) *Histoire des derniers troubles des Hollandais au Brésil.*—Paris, 1651, pag. 205.

(4) *Brieven en Papieren uit Brazilie.*—Anno 1642. N. 15.

Respondendo a esta carta diziam, a 14 de Julho do mesmo anno, os supremos directores da Companhia: « Quanto á remessa de uma typographia trataremos de vos satisfazer opportunamente; ha pouco seguio, da camara de Hoorn, para o Brasil um certo Pieter Janszoon, que aqui exerceu a profissão de typographo e, por occasião da sua partida, não se mostrou avêso á idéa de ahí introduzir a sua arte, mediante certas condições; vamos procurar nos informar junto aos seus amigos afim de ver até que ponto se poderá levar este negocio » (5).

Reiteraram do Recife o pedido, escrevendo, a 24 de Setembro: « Sobre a remessa de uma typographia já escrevemos a V. Exs. e é muito urgente que esta se realise porquanto lutam os com grandes difficuldades para executar as multiplas copias de editaes e ordenações, serviço para o qual somos constantemente obrigados a distrahir muitos empregados, com prejuizo das suas funcções ordinarias » (6).

Manifestando a intenção de realisar a solicitada providencia, a Assembléa dos XIX promettia, a 21 de Maio de 1643: « De ha muito que consideramos na necessidade do estabelecimento de uma typographia no Brasil, e agora recommendamos a pessôa idonea que se informasse de algum mestre habilitado para este fim, e igualmente communicamos esta resolução á corporação dos impressores, de sorte que esperamos ver o vosso pedido satisfeito dentro em breve » (7).

Entretanto o Concelho do Brasil voltára novamente á carga e, communicando a 2 de Abril do mesmo anno, o fallecimento do typographo Pieter, repetia: « esperamos que V. Excs. realisem a promettida remessa de uma typographia, afim de nos exonerar das consideraveis despezas com as numerosas copias das ordenações e editaes em portuguez, o que importa em muito dinheiro, porquanto os escreventes da reparição consideram este serviço como extraordinario e fóra das suas attribuições regulares. » (8)

(5) *Register van uitgaande Brieven.*—Vol. II, pag. 64.

(6) *Brieven en Papieren.*—Anno 1642. N. 17.

(7) *Register cit.*, vol. II, pag. 136.

(8) *Brieven en Papieren.* Anno 1643. N. 19.

Não padece duvida que os directores da Companhia pensaram seriamente em dotar a colonia do melhoramento reclamado, pois, ainda por duas vezes encontramos em seus officios allusões ao assumpto : « Ao termos noticia do fallecimento do typographo Pieter Janszoon, escreviam a 3 de Agosto de 1643, recommendamos de novo á camara de Hoorn a remessa de um outro, e esta resolveu transmittir o nosso pedido á corporação dos impressores afim de se arranjar alguem cujas condições permittam siga para ahi. (9)

E, a 6 de Julho de 1645, ainda repetiam : « Continuamos a procurar um typographo que queira seguir para ahi ; mas, até agora, nenhum se apresentou (10).

Por aquelle tempo, porém, já Mauricio de Nassau havia deixado o governo do Brasil Hollandez, e a administração, entregue á incompetencia de avidos traficantes, via-se a braços com a insurreição pernambucana, sendo plausivel presumir que, absorvida por imperiosos interesses materiaes, não houvesse mais cuidado da introdução da imprensa, a este respeito é completo o silencio dos officios e cartas posteriores que attentamente examinamos.

III

Os factos que deixamos consignados eram até hoje completamente ignorados, porquanto aqui apparecem pela primeira vez á luz os trechos dos documentos que os mencionam ; a conjunctura, porém, fôra tão propicia que entre os cultores da historia patria persistio por longo tempo uma vaga tradição da existencia de uma typographia em Pernambuco no tempo do dominio hollandez.

O Conego Dr. Fernandes Pinheiro vulgarisou amplamente esta memoria (11), para confirmação da qual o Dr. Mello Moraes allegou provas apparentemente irrefragaveis.

(9) *Register cit.*, vol. II, pag. 152.

(10) *Register cit.*, vol. II, pag. 341.

(11) *Revista Trimensal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*—Tomo XXIII, pag. 89—*Estudos Historicos*.—Rio de Janeiro, 1876. Vol. I, pag. 342.

« Pelos conhecimentos que tínhamos da historia patria, disse com a irreflexão habitual o operoso escriptor, sabiamos vagamente ter tido Pernambuco, durante a occupação hollandeza, a arte typographica, porém, não tínhamos visto nenhum documento impresso daquelle tempo em Pernambuco.

« Em 1857 indo nós á Bibliotheca Fluminense examinar o seu copioso archivo, nos communicou o Sr. Francisco Antonio Martins, zeloso conservador deste utilissimo estabelecimento litterario, existir nelle trinta e duas brochuras em hollandez, que custaram quatrocentos mil e trezentos réis ao estabelecimento, sendo uma dellas impressa em Pernambuco no anno de 1647. Que só esta brochura custou vinte e cinco dollars (cincoenta mil réis), e realmente nos mostrando, observamos ter ella vinte e oito paginas impressas em caracteres gothicos, em papel antigo, cujo titulo é : *Brasilsche Gelt-Sack, Waer ind dat klaerlijck vertoont wort, waer dat de participanten van de West-Indische Compagnie haer Geldt ghebleven ist. Gedruckt in Brasilien op't Reciff in de Bree Bijl. Anno 1647.*

« Por mais que se queira determinar o anno em que se estabeleceu a arte typographica em Pernambuco, não se pôde com segurança affirmar, e por isso contentamo-nos com a epoca da publicação que temos á vista ». (12)

A traducção do titulo do folheto, muito infielmente copiado pelo laborioso historiographo alagoano, é : *A Bolsa do Brasil. Na qual claramente se mostra onde ficou o dinheiro dos accionistas da Companhia das Indias Occidentaes. Impresso no Brasil, no Recife, no Machadão. Anno 1647.*

Este opusculo não escapára á attenção dos bibliographos que se occuparam em inventariar a opulenta litteratura brasili-hollandeza.

Asher (13) em 1854, e Troemel (14) em 1860, des-

(12) *Chorographia Historica*. Tomo I. parte 2ª. pag. 118—119.

(13) *Bibliographical and Historical Essay*. Amsterdam, 1854—67, pag. 135.

(14) *Bibliothèque Américaine*. Leipzig, 1860, pag. 73.

creveram-n'o, manifestando o ultimo, sobre a authenticidade do lugar da impressão, duvidas resumidas depois, pelo Visconde de Porto Seguro, em nota á *Historia das Luctas com os Hollandeses no Brasil* (15); ao Dr. José Hygino estava, porém, reservado nos dar, na brilhante noticia que antepoz á sua traducção do celebre pamphleto, a elucidação deste interessante problema bibliographico (16).

Comquanto desconhecesse a existencia das tentativas que mencionamos, o erudito investigador soube concatenar logicamente uma serie de argumentos decisivos para a demonstração de que o *Brasilsche Gelt Sack* fôra impresso na Hollanda, e de não ter havido nenhuma typographia em Pernambuco no decurso da occupação batava.

Corroborá ainda esta verdade o testemunho do citado Mcreau, dizendo que — *Les Etats encore voulaient, pour une plus grande facilité d'avoir des livres, y établir une Imprimerie pour le soulagement des uns et des autres* (17).

Com o que fica exposto cremos haver encerrado o debate sobre a tão disputada questão do estabelecimento da imprensa em Pernambuco pelos hollandezes, tendo provado que foi realmente tentado, mas, não chegou a se realizar.

ALFREDO DE CARVALHO.

(15) *Lisbôa*, 1872, pag. 178.

(16) *Rev. do Inst. Arch. e Geogr. Pern.*, n. 28.

(17) *Loc. cit.*

DESCRIÇÃO

DE

PERNAMBUCO

EM

1746

(CONTINUAÇÃO DO N. 60)

§º 5.º—RELLAÇÃO DE TODAS AS FREGUEZIAS, CAPPELAS, E CLERIGOS Q. TEM O BIS-PADO DE PERNAMBUCO.—*Freguezia de Sto. Antonio do Recife.* A Igreja Matriz de S. Fr. P.º Gonçalves do Corpo Santo, de que he Vigario o Dr. Manoel Freire d'And.º

Cappelas que ha dentro desta freguezia.....	7
Clerigos.....	166
Tem esta freguezia da parte do Recife, fogos.....	653
Pessoas de Comunhão.....	4757
Da parte de S. Antonio, fogos.....	1368
Pessoas de Comunhão.....	7776

Freguezia da Sé do Salvador da Cid.º de Olinda.—

He Curato de que he cura o Reverendo Licenciado José Camelo Pessôa.....	1
Cappelas que ha dentro desta freguezia.....	22
Clerigos.....	55
Tem a Sé fogos.....	612
A Boa Vista tem fogos.....	739
Pessoas.....	2877
Na Boa Vista.....	3098

Freguezia de São P.º da Cid.º de Olinda.—A Igreja Matriz de São P.º de que he Vigario o Reverendo Francisco Bizerra de Vasconc.ºs.....

1.

Cappellas que ha dentro desta freguezia.....	1
Clerigos	15
Tem esta freguezia fogos.....	246
Pessoas	1123
<i>Freguezia de S. Lourenço da Matta.—A Igreja Matriz</i>	
de S. Lourenço da Matta, de que he Vig.º o Reverendo Dr.	
João de Medeiros Furtado.....	1
Cappellas que ha dentro desta freguezia.....	19
Clerigos	18
Tem esta freguezia fogos.....	752
Pessoas.....	3631
<i>Freguezia de N. Sr.ª da Luz da Matta. — A Igreja</i>	
Matriz de N.ª Srª da Luz de que he Vigario Manoel Machado	
Freire	1
Cappellas que ha dentro desta freguezia.....	16
Clerigos	12
Tem esta freguezia fogos.....	
Pessoas.....	
<i>Freguezia de S. Ant.º da Tr.ªm.—A Igreja Matriz de</i>	
Sto. Ant.º de que he Vigario o Reverendo José Correia da	
Cunha	1
Cappellas que ha dentro desta freguezia.....	14
Clerigos.....	7
Tem esta freguezia fogos.....	
Pessoas.....	
<i>Freguezia da V.ª de Goiana. — A Igreja Matriz de</i>	
N.ª Sr.º do Rozario de que he Vigario o Reverendo Antº	
Glz. Lima.....	1
Cappellas que tem esta freguezia	26
Clerigos	29
Fogos.....	1456
Pessoas.....	7613
<i>Freguezia da Cid.º da Paraiba.—A Igreja Matriz de</i>	
N.ª Sr.ª das Neves de que he Vigario o Reverendo Dr.	
Antonio da Silva de Mello.	1
Cappellas que ha dentro desta freguezia.....	32
Clerigos	34
Fogos.....	1720
Pessoas.....	8002

Curato de N.º Sr.º do Desterro.—A Igreja Matriz de N.º Sr.º do Desterro de que he Cura o Reverendo Felippe de S. Thiago..... 1

Cappelas que ha dentro desta freguezia..... 1

Clerigos..... 3

Fogos..... ..

Pessoas.....

Freguezia de S. Lourenço de Tijicupapo. — A Igreja Matriz de S. Lourenço de que he Vigario o Reverendo Padre João da Costa e Souza..... 1

Cappelas que ha no districto desta freguezia..... 7

Clerigos..... 6

Fogos..... 450

Pessoas..... 1920

Freguezia de Tacoara.—A Igreja Matriz de N.º Sr.º da Penha de França de q. he Vigario o Reverendo P.º Sebastião Pereira de Sá..... 1

Cappelas que ha dentro desta freguezia..... 3

Clerigos..... 6

Fogos..... 365

Pessoas..... 1546

Freguezia da V.º de Itamaracá.—A Igreja Matriz de N.º Sr.º da Conceição de que he Vigario o Reverendo Padre Francisco Luiz Nogueira..... 1

Cappelas que ha dentro desta freguezia..... 14

Clerigos..... 14

Fogos..... 540

Pessoas..... 2633

Freguezia da V.º de Iguarassú.—A Igreja Matriz de Santos Cosme e Damião de que he Vigario o Reverendo Dr. Antonio Soares Barbosa..... 1

Cappelas q. ha dentro desta freguezia..... 16

Clerigos..... 24

Fogos.....

Pessoas.....

Freguezia de Maranguapes.—A Igreja Matriz de N.º Sr.º dos Prazeres, de que he Vigario o Reverendo Padre João Freire..... 1

Cappelas que ha dentro desta freguezia..... 6

Clerigos	5
Fogos.....	276
Pessoas.....	1481
<i>Freguezia de Mamanguape. — A Igreja Matriz de S. P.º e S. Paulo, de que he Vigario o Reverendo Padre Jeronymo de Mattos.....</i>	
	1
Cappelas que ha dentro desta freguezia.....	3
Clerigos.....	4
Fogos.....	498
Pessoas.....	2080
<i>Freguezia de Goianinha.—A Igreja Matriz de N.º Sr.º dos Prazeres, de que he Vigario digo Cura o Reverendo Padre Antonio d'Andrade e Araujo.....</i>	
	1
Cappellas que ha neste Curato.....	3
Clerigos.....	3
Fogos.....	299
Pessoas.....	1306
<i>Freguezia da Cidade do Natal do Rio Grande. — A Igreja Matriz de N.º Sr.º da Apresentação, de que he Vigario o Reverendo Dr. Manoel Fomes Correia.....</i>	
	1
Clerigos que ha nesta freguezia	12
Cappelas	9
Fogos.....	
Pessoas.....	
<i>Freguezia do Assú.—A Igreja Matriz de S. João Baptista de q. he Cura o Reverendo Padre Guilherme Teixeira de Carvalho.....</i>	
	1
Clerigos que ha neste Curato.....	12
Não tem Cappelas.....	
Fogos	
Pessoas.....	
<i>Freguezia das Russas. —A Igreja Matriz de N. Sr.º do Rozario de que he Cura o Reverendo Padre José Lopes S. Thiago.....</i>	
	1
Cappelas que ha nesta freguezia.....	8
Clerigos.....	15
Fogos	
Pessoas.....	

Freguezia de S. Jozé de Riba-mar.—A Igreja Matriz de S. Jozé de que he Vigario o Reverendo Padre Antonio de Aguiar Pereira..... 1
 Cappellas que ha nesta freguezia..... 15
 Clerigos..... 19
 Fogos
 Pessoas.....

Freguezia de Nossa Senhora da Conceição de Acaracú.
 —A Igreja de N.ª Sr.ª da Conceição de que he Cura o Reverendo Licenciado Ant.º Carv.º de Albuquerque.. 1
 Cappellas que ha dentro desta freguezia..... 11
 Clerigos..... 13
 Fogos
 Pessoas.....

Freguezia do Icó.—A Igreja Matriz de N.ª Sr.ª da Expectação, de que he Cura o Reverendo Padre Jozé Saraiva 1
 Cappellas que ha dentro desta freguezia..... 4
 Clerigos..... 21
 Fogos.....
 Pessoas.....

Freguezia de Nossa Sr.ª do Bom Successo do Piancó.
 —A Igreja Matriz de que he Cura o Reverendo Licenciado Pedro Bezerra de Brito..... 1
 Cappellas que ha dentro desta freguezia..... 5
 Clerigos..... 9
 Fogos.....
 Pessoas.....

Freguezia de Cariri. — A Igreja Matriz de N.ª Sr.ª dos Milagres de que he Cura o Reverendo Padre Luiz da Cunha 1
 Cappellas que ha dentro desta freguezia..... 1
 Clerigos..... 7
 Fogos
 Pessoas.....

Freguezia da Varge.—A Igreja Matriz de N.ª Sr.ª do Rozario de que he Vigario o Reverendo Dr. Lino Gomes Correia..... 1
 Cappellas que ha nesta freguezia..... 18

Clerigos	12
Fogos.....	482
Pessoas.....	2986
<i>Freguezia de Jaboatão.—A Igreja Matriz de S. Amaro de que he Vigario o Reverendo Licenciado Francisco Alves da Silva.....</i>	
	1
Cappelas que ha nesta freguezia.....	12
Clerigos	11
Fogos.....	667
Pessoas.....	7344
<i>Freguezia de Moribeca.—A Igreja Matriz de N.º Sr.º do Rozario de que he Vigario o Reverendo Licenciado João de Barros Rego.....</i>	
	1
Cappelas que ha nesta freguezia.....	17
Clerigos.....	17
Fogos.....	812
Pessoas.....	3885
<i>Freguezia de S. Antão da Matta. — A Igreja Matriz de S. Antão de que he Vigario o Reverendo Padre Luiz Ignacio de Moraes.....</i>	
	1
Cappelas que ha nesta freguezia.....	6
Clerigos	4
Fogos.....	439
Pessoas.....	1985
<i>Freguezia do Cabo.—A Igreja Matriz de S. Antonio de que he Vigario o Reverendo Licenciado Jozé Mendes da Silva.....</i>	
	1
Cappelas que ha nesta freguezia.....	27
Clerigos	37
Fogos.....	1000
Pessoas.....	4871
<i>Freguezia de Ipojuca.—A Igreja Matriz de S. Miguel de que he Vigario o Reverendo Licenciado Ignacio Rebello.....</i>	
	1
Cappellas que ha nesta freguezia	32
Clerigos.....	26
Fogos.....	961
Pessoas.....	5488

Freguezia da Villa de Serinhaem. — A Igreja Matriz de N.ª Sr.ª da Conceição de que he Vigario o Reverendo Licenciado João de Miranda Barboza..... 1

Cappellas que ha nesta freguezia..... 20

Clerigos 19

Fogos..... 804

Pessoas..... 4147

Unna. — A Igreja Matriz de S. Gonçalo de Unna de que he Vigario o Reverendo Licenciado Manoel Barboza..... 1

Cappellas que ha nesta freguezia..... 8

Clerigos 9

Fogos..... 945

Pessoas..... 3400

Freguezia de S. Bento. — A Igreja Matriz de S. Bento de que he Vigario o Reverendo Licenciado Manoel Alves de Figueiredo..... 1

Cappellas que ha nesta freguezia..... 5

Clerigos 4

Fogos..... 411

Pessoas..... 1717

Freguezia da Villa de Porto Calvo. — A Igreja Matriz de N.ª Sr.ª da Purificação de que he Vigario o Reverendo Dr. Francisco Davide Ribeiro de Gusmão..... 1

Cappellas 10

Clerigos 6

Fogos..... 420

Pessoas..... 3082

Freguezia de Camaragibe. — A Igreja Matriz do Senhor Bom Jezus de que he Vigario o Reverendo Licenciado João Mauricio Vander Ley..... 1

Cappellas que ha nesta freguezia..... 10

Clerigos..... 8

Fogos.....

Pessoas.....

Freguezia de Nossa Senhora do O de Santo Antonio Merim. — A Igreja de N.ª Sr.ª do Rozario dos Pretos, que serve de Matriz, de que he Cura o Reverendo Licenciado Bartholomeo Luiz de Vasconcellos..... 1

Não tem Cappelas.....	2
Clerigos.....	176
Fogos.....	643
Pessoas.....	
<i>Curato do Povy.</i> —A Igreja de N.ª Sr.ª do Rozario dos Pretos, que serve de Matriz, de que he Cura o Reverendo Padre Manoel Diniz Barboza.....	
Cappelas que ha nesta freguezia.....	1
Clerigos.....	2
Fogos.....	248
Pessoas.....	884
<i>Freguezia da Alagoa do Norte.</i> —A Igreja Matriz de Sta. Luzia, de que he Vigario o Reverendo Padre Pedro Glz. de Faria.....	
Cappellas que ha nesta freguezia.....	15
Clerigos.....	7
Fogos.....	
Pessoas.....	
<i>Freguezia do Porto da Folha do Rio de S. Francisco.</i> —A Igreja Matriz de N.ª Sr.ª do O' que serve a Cappela de S. Sebastião de que he Vigario o Reverendo Padre João Ferreira Mello.....	
Cappelas que ha nesta freguezia.....	7
Clerigos.....	6
Fogos.....	295
Pessoas.....	1706
<i>Freguezia da Villa de Penedo.</i> —A Igreja Matriz de N.ª Sr.ª do Rozario de que he Vigario o Reverendo Licenciado José Fernandes Cruz.....	
Cappelas que ha nesta freguezia.....	10
Clerigos.....	11
Fogos.....	931
Pessoas.....	3568
<i>Freguezia da Alagoa de S. Miguel.</i> —A Igreja Matriz de N.ª Sr.ª do O' de que he Vigario o Reverendo Licenciado Caetano de Souza.....	
Cappelas que ha nesta freguezia.....	8
Clerigos.....	5

Fogos.....	635
Pessoas.....	2590
<i>Freguezia da Alagoa do Sul.</i> — A Igreja Matriz de N.º Sr.ª da Conceição de que he Vigario o Reverendo Dr. Ignacio Rebello Marinho.....	
Ignacio Rebello Marinho.....	1
Cappellas	9
Clerigos	11
<i>Freguezia de Cabrobó.</i> —A Igreja Matriz de N.º Sr.ª da Conceição de que he Vigario o Reverendo Padre Francisco Pereira.....	
da Conceição de que he Vigario o Reverendo Padre Francisco Pereira.....	1
Cappellas que ha nesta freguezia.....	1
Clerigos	3
<i>Freguezia da Barra do Rio Grande.</i> —A Igreja Matriz de S. Francisco de que he Vigario o Reverendo Dr. Padre Jozé de Souza.....	
Padre Jozé de Souza.....	1
Cappellas que ha nesta freguezia.....	3
Clerigos	5
<i>Freguezia do Santo Antonio de Manga.</i> — A Igreja Matriz de S. Caetano de que he Vigario o Reverendo Padre Antonio Mendes S. Thiago.....	
Matriz de S. Caetano de que he Vigario o Reverendo Padre Antonio Mendes S. Thiago.....	1
Cappellas que ha nesta freguezia.....	7
Clerigos	17
<i>Freguezia do Ararobá.</i> —A Igreja Matriz de S. Antonio de que he Cura o Reverendo Padre Martinho Calado Bitancur.....	
Antonio de que he Cura o Reverendo Padre Martinho Calado Bitancur.....	1
Cappellas que ha nesta freguezia.....	3
Clerigos	20
Fogos.....	169
Pessoas.....	904

(continúa)



CHARLES WATERTON

EM

PERNAMBUCO

1816

Desde o tempo de Purchas e de Hakluyt as narrativas de viagem constituem leitura predilecta do publico inglez, e é conhecida a notavel predominancia deste genero de publicações na actual producção litteraria do Reino Unido.

Mas, a «curiosidade geographica» dos seus habitantes é tão intensa, que não basta para satisfazel-a o continuo apparecimento de livros novos ; tambem muitas obras de antigos viajantes são ali frequentemente reimpressas, encontrando sempre admiradores.

A julgar pelo numero das suas reedições pertence a esta classe favorita a *Peregrinações na America do Sul* (1) de Charles Waterton, um dos raros naturalistas europeus que, no começo do seculo XIX, escolheram Pernambuco para campo das suas pesquisas.

O acolhimento dispensado ao seu livro é explicavel pela amenidade pittoresca das descripções, a singeleza poetica do estylo e a ingenua phantasia das observações, mais do que pelo maravilhoso das aventuras, a importancia das descobertas ou a novidade dos paizes visitados.

A relação da sua viagem a Pernambuco, segunda que emprehendeu ao Novo Mundo, não encerra notas pessoas de flagrante relevo, nem registra factos ou aspectos ignorados ou não descriptos ; é apenas documento aproveitavel para a fixação

(1) *Wanderings in South America.*—London, J Mawman, 1825, in 4.º, VII—326 pgs.

dos característicos da nossa capital e dos costumes dos seus habitantes, no que então de mais apparente offereciam á attenção de um estrangeiro recémchegado ; somos demasiado pobres em depoimentos desta natureza para que possamos orgulhosamente desdenhar ainda os de menor interesse.

E é quasi como tal que o apresentamos ao leitor.

Waterton partio de Liverpool dous dias antes do equinocio do verão de 1816, e, comquanto a estação não lhe fôsse particularmente propicia, sóbe aproveitar a longa travessia do Atlantico para ir notando o que podia observar da fauna marinha : peixes voadores, bonitos, albácoras e golfinhos.

Ao descortinar as plagas pernambucanas a sua primeira impressão é a de um naturalista, ou antes de um onditologo : as gaivotas mergulhando rapidas nas ondas verdes em busca da preza invisivel.

Logo o deslumbra a belleza do scenario da costa, que qualifica de encantador. « As collinas alcatifadas de verdura sobem gradualmente para o interior, sem attingirem desmesurada altura. Um singular recife de rochas corre ao longo da praia e fórma o porto de Pernambuco. Os navios, fundeados entre elle e a cidade, estão ao abrigo das borrascas. Na entrada do ancoradouro ergue-se, sobre a ponta do recife, um forte. Os outeiros de Olinda, semeados de casas e conventos ficam á mão direita, e uma ilha, densamente plantada de coqueiros fórma o fundo á esquerda. Ha igualmente dous fortes consideraveis entre Olinda e Pernambuco, e no meio um pilar para guiar os pilotos. Pernambuco contem provavelmente para mais de cincoenta mil almas. Assenta em uma planice e é dividida em tres partes : uma ilha, uma península e o continente. Comquanto situada a poucos grãos do Equador o seu clima é admiravelmente salubre e quasi que temperado, em consequencia da refrigerante brisa do mar. Se a estas vantagens naturaes se houvessem alliado a arte e o discernimento, Pernambuco hoje seria um magestoso ornamento da costa do Brasil.

« Observa-se, porém, que cada casa foi construida segundo o capricho do dono, sem que attendesse á conveniencia publica. Desejar-se-ia que esta cidade, tão formosa pelo seu porto, tão afortunada pelo seu clima e tão bem situada para o

commercio, se tivésse erguido sob a bandeira de Dido de preferencia á de Bragança. »

« Para quem percorre as ruas o aspecto das casas não é muito em seu favor. Algumas são muito altas, outras muito baixas ; algumas caiadas de fresco, outras sujas, enlameadas e abandonadas como se não tivessem donos.

« As janellas offerecem tambem um aspecto lugubre e sombrio ; não são abertas, como na maioria das cidades tropicaes, e sim fechadas por grades estreitas.

« Ha lamentavel falta de limpeza nas ruas. As impurezas das casas e a accumulção dos excrementos das bestas de carga são espectaculos desagradaveis á vista do transeunte estrangeiro, que lastima a falta de asseio e, quando sopra o vento, sente o nariz e os olhos invadidos por nuvens de poeira fetida.

« Quando se vê o porto de Pernambuco, repleto de navios de todas as nações ; quando se sabe que os mais ricos productos da Europa, Africa e Asia são para ali levados ; quando se observa a immensa quantidade de algodão, madeiras de tinturaria e os fructos mais selectos enchendo a cidade, não se pode deixar de admirar a pouca attenção que este povo presta aos commodos vulgares que sempre se presume encontrar em uma grande e opulenta cidade.

« Comtudo, se os habitantes estão satisfeitos nada ha que dizer. Se acaso algum dia se convencerem de que existem inconvenientes, e que os incommodos são demasiado frequentes, têm o remedio em suas mãos. Presentemente, com certeza, parecem não sentil-os: o Capitão General de Pernambuco percorre as suas ruas com a apparente gravidade e compostura com que um estadista inglez desce Charing-cross. O habito concilia todas as cousas. Dentro de uma ou duas semanas mesmo o estrangeiro começa a reparar menos nas cousas que tanto o incommodavam a principio, e depois de alguns mezes de permanencia não pensa mais nellas, emquanto partilha da hospitalidade e goza da elegancia e do esplendor, a portas a dentro, desta grande cidade. »

A vista do palacio do governador, cujo aspecto exterior logo lhe revelou o seu primitivo destino, proporciona ao viajante occasião para extensa analyse dos inconvenientes resultantes da abolição da Companhia de Jesus, cuja memoria ainda encon-

trou viva e saudosa entre os habitantes, e de descrever em termos commovidos a sua expulsão.

« Uma manhã todos os padres do collegio de Pernambuco, alguns já bem velhos e enfermos, foram convocados ao refeitório. Haviam já noticias da fatal borrasca, devido á piedade do governador, mas, nem um só abandonou o seu posto. Tinham cumprido o seu dever e nada haviam a temer. Submettiam-se com resignação á vontade do ceu. Logo que chegaram ao refeitório foram trancados, e não mais viram as suas cellas, os seus amigos, discipulos e conhecidos. Ao cahir da noite seguinte um forte destacamento de soldados os enxotou literalmente pelas ruas até a beira-mar. Dali foram levados em botes para bordo de um navio e enviados para a Bahia. Os que escaparam ao barbaro tratamento infligido pelas creaturas de Pombal foram finalmente mandados para Lisboa. O collegio de Pernambuco foi saqueado e algum tempo depois guardavam ali um elephante.

« Assim a mão arbitraria do poder em uma noite destruiu e expulsou as sciencias, a que succederam as baixas chocarriças vulgares de um saltimbanco. Virgilio e Cicero cederam lugar a um animal selvagem da Angola, e agora uma sentinella guarda a mesma porta onde outr'ora os pobres eram diariamente alimentados.»

As cercanias do Recife pareceram bellissimas a Watterton.

« Em todas as direcções vêem-se casas de campo e o apparecimento de cannaviaes aqui e ali alegre o scenario. Palmeiras, coqueiros, lorangeiras, limoeiros e todas as fructas peculiares ao Brasil existem em grande abundancia.

« Em Olinda ha um jardim botanico nacional, necessitando de espaço, cultivo e desenvolvimento. As florestas, que se acham á distancia de varias leguas, abundam em passaros, quadrupedes, insectos e reptis. Além da brilhante plumagem muitos dos passaros têm bellissimo canto. Uma especie de melro, notavel pelas suas côres vivas, canta deliciosamente nos arredores de Pernambuco. Pouco antes de nascer o dia um pintasilgo de cabeça vermelha, maior do que o pardal da Europa, despede os seus dôces e variados gorgeios, em companhia de duas especies de wrens.

« Ha tambem varias especies de tordos de canto um tanto differente do da Europa, e duas especies de pintaroxos cujo canto é tão suave e doce que os condemna ao captiveiro das gaiolas. Um passaro, aqui chamado de *sangue de boi*, não pôde deixar de prender a attenção ; é da tribu dos passares e muito commum perto das casas, as azas e a cauda são pretas e todo o resto do corpo de um vermelho flammejante. Na Guyana ha uma especie exactamente igual no tamanho, no canto e nos habitos, mas, differindo na côr ; o seu corpo é todo como de velludo negro e só no peito apresenta uma pinta vermelha. Assim determinou a Natureza que esta pequena Tangara ande de luto ao norte do Equador e traje de escarlate ao sul. »

Os nossos tradicionaes «passamentos de festa» tambem interessaram ao naturalista inglez ; alguns dos pontos então preferidos estam hoje incluídos no perimetro urbano da nossa capital e permanentemente habitados.

« Durante tres mezes todos os annos os arredores de Pernambuco animam-se além de toda a descripção. De Novembro a Março o tempo é em geral magnifico ; então é que ricos e pobres, moços e velhos, estrangeiros e nacionaes, todos sahem da cidade para gozar do campo até a approximação do outomno, quando regressam. Povoados e logarejos, onde d'antes só se viam trapos, ostentam então toda a elegancia de custosos vestidos, cada casa, quarto ou alpendre torna-se habitavel para pessoas que, poucas semanas antes, só forçados por extrema necessidade teriam vivido nelles ; algumas tomam parte em danças joviaes, outras passeiam acima e a abaixo sob os laranjaes, e á tarde os caminhos scintillam na profusão das sedas e das joias. As mezas de jogo estão sempre occupadas, e nellas ganham-se e perdem-se milhares, de dia e de noute, e individuos ha que tentam a sorte das cartas em frente ás portas :

*Vestibulum autè ipsum primisque in faucibus aulae
Luctus et ultrices, possuere sedilia curae.*

« Cerca de seis ou sete milhas distante de Pernambuco está situado um pequeno povoado chamado Monteiro ; o rio corre proximo e as suas bellezas ruraes parecem exceder a to-

das as da vizinhança ; ali reside o Capitão General de Pernambuco durante esta epocha de divertimento e alegria.

« O viajante que dispõe de uma parte do seu tempo para observar os seus semelhantes nos seus folgares, e se acostuma a ler a historiazinha de cada um nos seus olhares e gestos quando se divertem, póde achar occupação por uma ou duas horas todos os dias, nesta estação, em meio das variadas scenas em volta do aprazível povoado do Monteiro.

« Nos grupos sentados á tarde em frente ás casas, poderá alguma vez perceber de relance como a fortuna e o favor dum príncipe fazem um pascacio passar por um Solon, emquanto que talvez um pobre Camões desdenhado jaz silencioso á distancia intimidado pelo brilho deslumbrante da opulencia e do poder. Afastado da estrada poderá ver a pobre Maria, sentada sob uma palmeira, a cabeça apoiada sobre as mãos, pranteando o seu desfeito consorcio. E mais além ouvirá talvez a voz plangente de alguma nympha pezarosa carpindo as maguas de desditoso amor. »

Naturalista, e naturalista apaixonado, Waterton embrenhava-se pelos mattos á cata de insectos e certo dia, nas proximidades do Monteiro, teve uma aventura que por um triz não pôz termo fatal ás suas peregrinações.

« Seis ou sete pardaes, conta elle, agitavam-se ruidosamente passando e repassando nos galhos de uma arvore em um laranjal abandonadô e invadido pela vegetação maninha. No basto capimzal ao pé da arvore apparentemente debatia-se um gafanhoto verde pallido, como que enredado nas hervas. Quando se imagina que o objecto para o qual se olha é realmente o que se presume ser, quanto mais se olha mais convencido se fica. No caso presente tratava-se indubitavelmente de um gafanhoto, e nada mais restava a fazer do que esperar com paciencia até deixasse de se agitar, para não correr risco de quebrar-lhe alguma perna procurando agarral-o enquanto em movimento ; mas, continuando a debater-se fui me approximando mansamente e quando quiz agarral-o eis surge, dentre o capim ao lado, a cabeça de uma grande cobra caseavel ; um salto instantaneo para traz previnio consequencias fataes. O que eu suppunha um gafanhoto era na realidade a cauda levantada da cobra no acto de annunciar que estava preparada, mas não

disposta, a dar uma arremettida certa e mortal. Pouco depois a vi deslizar vagarosamente, por debaixo das laranjeiras, para o matto proximo na encosta de uma collina ; pareceu-me ter cerca de oito pés de comprimento.

« Foi ella que prendeu a attenção dos passaros e os distrahiu de um outro perigo ; ergueram o vôo quando a cobra se retirou, um, porém, deixou a vida no ar, destinado a tornar-se um specimen, mudo e immovel, para a inspecção dos curiosos em um clima distante. »

Adiantando-se a estação invernosa e começando os passaros a muda, Waterton, depois de haver reunido cincoenta e oito specimens dos mais bonitos dos arredores de Pernambuco, resolveu-se a peregrinar em outra região.

O transporte para o interior em costas de animaes e a expectativa de chuvas copiosas, expunham as suas collecções a estrago quasi certo. A jornada ao Maranhão, por terra, exigia pelo menos quarenta dias. O caminho não era bastante selvagem para captivar a attenção de um explorador, nem assaz civilisado para offerecer a um viajante as commodidades vulgares. Communicações por mar, não as havia, excepto por navios negreiros. A' vista disto aproveitou estar a fazer-se de vela um brigue portuguez e a seu bordo seguiu para Cayenna.

ALFREDO DE CARVALHO.

D. ANTONIO FELIPPE CAMARÃO

A proposito das duvidas suscitadas pela discussão de qual tenha sido a verdadeira naturalidade do legendario chefe potyguar, enviou o Dr. M. de Oliveira Lima á redacção do *Correio do Recife* a seguinte carta, publicada na edição da mesma folha de 23 de Dezembro de 1904 :

« Sr. redactor :

Mal pensava eu ao escrever incidentalmente (*) que me parecia definitiva a discriminação estabelecida pelo Sr. Pereira da Costa, no seu recente e consciencioso trabalho sobre a naturalidade do Camarão, entre o paladino da guerra hollandezza e o Camarão contemporaneo e actor na occupação portuguezza do Rio Grande do Norte—que aquella referencia forneceria ensejo para uma polemica ou antes para a resurreição de uma polemica historica, a qual ameça tornar-se legendaria como o heróe em questão.

Permitta V. que lhe confesse que essa fixação de naturalidade, posto offereça interesse, a considero tanto mais secundaria quanto no seculo XVI não existiam (nem nunca existiram para os aborigenes) as chamadas patrias pernambucana, rio-grandense, cearense, etc., que o espirito local gerado pela nossa historia fragmentada e desenvolvida em espirito federativo pelas leituras politicas e pelos devaneios liberaes, quer implantar entre nós com grave prejuizo do sentimento nacional, o qual deveria ser o predominante, senão o exclusivo, n'um paiz disperso e em certos sentidos amorpho como o nosso.

Nascer então um selvagem nas margens do Capibaribe, nas do Rio Grande, nas do S. Francisco ou nas do Parahyba

(*) O autor refere-se ao seu artigo sobre o Instituto, publicado no numero 60 desta «Revista».

do Sul não podia significar senão diferença de tribu—aliás os potyguares constituíam muito provavelmente uma mesma gente ainda quando separadamente localizada—e nunca diversidade de nacionalidade, nem mesmo no sentido restricto que entre nós, com a evolução historica e a orientação politica, tem erradamente e perigosamente tomado esta palavra.

O essencial no meu conceito para a verdade historica é terem ou não existido dous Camarões celebres, o que se associa com Feliciano Coelho e Jeronymo de Albuquerque por occasião da expansão pernambucana para o norte e o que collaborou com Mathias de Albuquerque, Bagnuoli e os outros na defeza da patria portugueza contra a invasão hollandeza.

Que fosse pernambucano e não rio-grandense este segundo é o que me *parece* mais certo pelos argumentos trazidos pelo Sr. Pereira da Costa e que não ficam enfraquecidos com o testemunho de frei Vicente do Salvador no qual se baseou o finado major Codeceira.

Este testemunho refere-se seguramente ao primeiro Camarão : nada prova que diga respeito ao segundo, dada a preliminar de que o outro não foi unico. As proprias facilidades de educação de que teve oportunidade e derivou aproveitamento o Camarão da guerra hollandeza são de natureza a justificar a opinião do Sr. Pereira da Costa, porquanto Pernambuco nos começos do seculo XVII offerceria recursos nas suas missões e aldeamentos indios que sem duvida não comportava o territorio despovoado de brancos das futuras capitánias da Parahyba e Rio Grande—termos administrativos e não expressões geographicas com antecedencia historica—nos fins do seculo XVI. E é pouco crível que o Camarão se houvesse instruido em portuguez e até, *si vera est fama*, em latim, depois da mudança, já maduro, para a aldeia do Pau d'Alho, ou a do Siri d'onde elle em boa hora sahiu a juntar-se aos defensores lusitanos do territorio assenhoriado pelo batavo.

Tal é minha opinião, que externei sem pretender impol-a a ninguem, mesmo porque não fiz pesquisas proprias nem estudos especiaes para elucidar no meu espirito este ponto controverso da ethnogenia mais do que de historia, pois historia é a que resulta dos feitos do Camarão só ou descobrado, e não a localidade da taba escura e enfumacada que o viu nascer.

Estou contudo prompto a renunciar á minha opinião actual n'este pormenor, proclamando rio-grandense (!) o indio glorificado com tanta justiça e até, o que me parece mais difficil, a reduzir os dous a um, com a condição porém que as provas em contrario sejam mais decisivas do que as adduzidas pelo fallecido membro do Instituto Archeologico, cujo enthusiasmo pelas idéas que perfilhava era notorio, caracteristico do seu temperamento ardente e sobremodo honroso, porquanto era uma manifestação sympathica do seu espirito, acendradamente patriotico.

Agradecendo as expressões amaveis de que V. se quiz servir a meu respeito subscrevo-me com o maior apreço e consideração. »

OLIVEIRA LIMA.

O NOME PERNAMBUCO

NOS

MAPPAS ANTIGOS

PELO

DR. ORVILLE A. DERBY (*)

O duplo emprego, nos escriptos antigos, do nome Pernambuco para designar, ora uma localidade, ora uma região, tem introduzido certa confusão nos estudos historicos que torna util a pesquisa, nos mappas antigos, de esclarecimentos sobre este assumpto que porventura, aquelles possam fornecer.

O mappa mais antigo conhecido que representa uma parte da costa brasileira é o de Juan de la Cosa, datado de 1500, e baseado nas explorações de Vicente Yanez Pinzon, ou de Diego de Lepe, ou de ambos, feitas em 1499.

Como demonstrei no estudo que occorre no volume commemorativo do tri-centenario de Ceará, este mappa só apresenta detalhes desde um ponto situado nas proximidades do Cabo de São Roque para o norte, sendo evidentemente fantastica a representação da costa ao sul deste cabo, embóra por um feliz acaso, se ache figurado, de modo que indica falta de um exploração verdadeira, o cotovello caracteristico da costa no cabo que tomou depois o nome de Santo Agostinho.

Neste mappa, confeccionado na Hespanha poucas semanas depois da chegada a Portugal de Gaspar de Lemos com a noticia da descoberta de Pedro Alvares Cabral, vem a representação graphica desta descoberta na fórma de uma ilha

(*) Transcripto da revista *Seculo XX*, N. 6, Março de 1906, pp. 7—13.

com a inscripção « Ilha descoberta por Portugal ». Parece possível que o acerto relativo á representação do cotovello do Cabo de Santo Agostinho, fôsse devido a alguma noticia trazida pelo pessoal de Lemos e transmittida de modo mais ou menos vago para a Hespanha. E' certo ; o mappa, relativamente é exacto e minucioso desde algum ponto na costa do Rio Grande do Norte, para o norte, e fantastico do mesmo ponto para o sul.

Em seguida vem o mappa conhecido pelo nome de Cantino que se sabe ter sido organizado em Lisboa, donde foi enviado para a Italia em Novembro de 1502. Neste vêm representados perfunctoriamente os resultados do expedição portugueza de 1501, sendo dado, por conta do compilador, o nome de « Cabo de Sam Jorge » (data da descoberta de Porto Seguro por Alvares Cabral) a um cabo que deve ser o de São Roque, bem que pela representação topographica represente melhor o de Santo Agostinho.

Os outros nomes na costa brasileira são : Sam Miguel, Rio de Sam Francisco, A bahia de Todos Santos, Porto Seguro, Rio do Brasil e Cabo de Santa Maria, os quaes, como é sabido por mappas subsequentes, foram dados pela referida expedição.

Os dous mappas conservados no Conservatorio de Munich e reproduzidos sob os n.º II e III no Atlas de Kunstmann, dão uma representação relativamente bõa da costa entre o Cabo de São Roque e Cananéa com os nomes a ella applicados pela expedição portugueza de 1501.

E' de presumir que estes mappas (ou os seus originaes no caso de serem copias) fossem organizados dentro de dous ou tres annos depois da volta da expedição e que os seus autores a haviam acompanhado.

No trecho que interessa o presente estudo vem os Cabos de São Roque e de Santo Agostinho (com o nome de Cabo de Santa ~~M~~ num delles). Entre os dous cabos ha tres localidades indicadas, a saber : Santa Maria de Agoada (*datalya* no mappa n.º III), Monte de São Vicente e Santa Maria da Rabida (Rapida no mappa n.º II). O Monte de São Vicente é provavelmente um dos morros na vizinhança da Parahyba e neste caso

Santa Maria da Rabida seria alguma localidade proxima ao ponto onde depois appareceu o nome de Pernambuco.

Este ultimo nome ocorre pela primeira vez, nos mappaes conhecidos, em um sem data ou nome de autor, mas evidentemente de origem portugueza, conservado em Munich e reproduzido no Atlas de Kunstmann sob o n.º IV.

E' evidentemente anterior á volta dos sobreviventes da expedição de Magalhães, em Setembro de 1522, e posterior á volta, em Setembro 1516, dos da expedição de Solis ao Rio da Prata.

E' sabido que estes ultimos saquearam uma feitoria portugueza nas vizinhanças do Cabo de Santo Agostinho e pouca duvida pôde haver que os nomes novos entre o Cabo de São Roque e o Rio da Prata que se notam neste mappa e no italiano de Maiollo de 1519 foram trazidos por elles.

Na região que nos interessa estes nomes no mappa portuguez são : São Domingos e Pernambuco, ao norte do Cabo, e Samaleyo ao sul ; e no italiano : Rio de S. Dominico, C. de Spisell, Rio de Pidre ao norte ; Rio Plimero e Rio Secondo ao sul (1). E' para notar que exceptuando dous nomes na foz do Amazonas que vêm das viagens (provavelmente a segunda) de de Pinzon, o nome Pernambuco é a primeira denominação geographica, de origem indubitavelmente indigena, que apparece na cartographia da costa oriental da America do Sul. Era natural que estas denominações só apparecessem depois de alguns annos de contacto entre os europeus e os indios, e esta circumstancia concorre com outras para pôr em duvida a origem indigena dos muito discutidos nomes Cananéa e Maranhão.

(1) O mappa de Maiollo conserva o nome antigo de Santa Maria de Rabida (que o portuguez substitue por Pernãbus) e desloca o nome S. Rom (São Roque) para o sul do rio das Pedras. Num novo mappa feito em 1527 Maiollo corrige este ultimo erro, mas suprime os nomes novos voltando aos dos mappas antigos.

O rio de São Domingos é indubitavelmente o Parahyba. Conforme Oviedo os rios Primeiro e Segundo eram tambem conhecidos em 1536 pelos nomes de rio de Santo Aleixo e rio de São Matheus. O primeiro é o Serinhaem, o ultimo provavelmente o Camaragiba.

O celebre mappa de Turim, que se julga ter sido organizado, cerca de 1523, não traz o nome Pernambuco e, cousa singular, omitta os do cabos de São Roque e Santo Agostinho, tendo «Cabo fermoso» no lugar deste ultimo. Os nomes na vizinhança do cabo são : Ponta Despechel, Rio das Pedras, e Rio das Virtudes ao norte e Isla de Santo Alexo, Rio Primeiro, Rio do Lago, etc, ao sul. Nota-se aqui uma certa correspondencia com a nomenclatura de Maiollo de 1519, mas com o acrescimo de Rio das Virtudes.

Provavelmente os autores deste dous mappas tiveram á vista mappas portuguezes que não chegaram até nós e que representavam de modo um tanto diverso os resultados das mesmas explorações. Para o trecho da costa ao norte do Cabo de São Roque o autor do mappa de Turim teve á vista um documento do qual não se encontra vestigios em nenhum outro mappa.

O nome Pernambuco apparece pela segunda vez no mappa datado de 1527 compilado por um cosmographo real da Hespanha sendo-lhe acrescentado a nota : «aqui esta una fatoria del Rey de Portugal».

Este mappa não traz outros nomes entre os cabos São Roque e Santo Agostinho e a unica indicação para a identificação mais precisa do ponto designado pelo nome é a sua collocação atraz de uma ilha. O nome, sem a nota, vem repetido no mappa de Diego Ribeiro de 1529, que nesta parte é essencialmente identico ao de 1527. Em outras partes, porém, o mappa de Diego Ribeiro mostra ter sido compilado em vista de informações e mappas trazidos por companheiros de Sebastião Cabotto na expedição de 1526—30 para o Rio da Prata. Pela carta de Luiz Ramirez se sabe que esta expedição demorou-se tres mezes nas vizinhanças do porto de Pernambuco onde foram encontrados 15 portuguezes com os quaes se mantiveram relações de amizade. (2)

(2) Esta carta, estampada no vol. XV da *Revista do Instituto Historico*, refere que a esquadra de Cabotto andou com receio de um ataque da parte da esquadra portugueza de Christovão Jacques. Esta oi circumstancia provavelmente explica o apparecimento do nome deste navegante dado a uma ilha imaginaria fóra da foz do Rio da Prata, no mappa de 1529.

O mappa de Gaspar Viegas datado de 1524 (conservado na Bibliotheca Nacional de Paris e reproduzido no Atlas de Marcal) traz qma nova e muito aperfeiçoada delineação topographica da costa desde a fóz do Amazonas até o Rio da Prata, e grande copia de nomes novos entre os quaes se notam dous grupos de nomes indigenas: um entre os cabos Santo Agostinho e São Roque e o outro nas vizinhanças do golpho do Maranhão.

E' indubitavel que este mappa apresenta, provavelmente por copia, um novo levantamento da costa, feito pela expedição de Martim Affonso de Souza de 1530—32. Nelle apparecem, entre Pernambuco e o cabo de Santo Agostinho, dous nomes novos: Parcuoari e «do Extremo».

E' de presumir seja este ultimo uma interpolação feita em Portugal e referente ao limite meridional da doação feita em Setembro do anno da compilação do mappa (em Outubro) a Pero Lopes de Souza.

Como se sabe este limite foi fixado no canal de Itamaracá, onde o pequeno rio Igaracú, que nelle desagua, foi tomado como diviza, podendo por isto receber esta denominação. Se assim fôr, a sua collocação ao sul do nome de Parcuoari foi, como veremos adiante, um erro do cartographo.

E', porém, para notar: num mappa detalhado (de 1524 mais ou menos) tal nome vem applicado a nm dos canaes da barra do Capibaribe. Parece, porém, pouco provavel seja este identico ao Rio do Extremo do mappa de Gaspar Viegas.

Por muitos annos o mappa de Gaspar Viegas, ou o que foi copiado por elle, servio de prototypo aos mappas mais conhecidos desta epocha, como sejam os de Diogo Homem, Vaz Dourado e Lazaro Luiz, entre os portuguezes, e Desliens e Desceliers, entre os francezes. Nestes, quando desenhados em escala bastante grande, se nota o interessante detalhe topographico da collocação do nome Pernambuco no fundo de um enseada atraz de uma ilha.

Uma mappa desta epocha que se destaca de todos os mais pela originalidade do desenho e da nomenclatura, indicativo de novas e ricas fontes de informações, é o de Bartholomeu Velho datado de Lisboa, 1564. Nelle vem representada, pela primeira vez a concepção dominante da epocha a respeito da

hydrographia do interior do paiz, sendo este representado com feições de um estuario cheio de lagos e cursos de aguas ligados entre si (3). Infelizmente os nomes são pouco legiveis e será preciso esperar um estudo minucioso do proprio original para tirar delle todo o ensinamento historico que é capaz de fornecer.

Ao norte do Cabo de Santo Agostinho o primeiro nome parece ser «Olima», que na reproducção de van Doet vem escripto «Olinde»; depois vem Pernambuco e Tamaracá perfeitamente legiveis, um nome que parece ser «Capivarimy», «Capivarimirim» que vem em alguns mappas posteriores á publicação do de Jean van Doet (aliás de Bartholomeu Velho) e que o tiveram por prototypo, diversos tem os dous nomes Pernambuco e Olinda, e sempre nesta ordem de norte para sul, sendo em alguns accrescida a este ultimo titulo o explicativo «villa de Duarte Coelho».

Um outro mappa que, entre e alluvião de copias emendadas (em geral peioradas) que caracterizam a cartographia americana da ultima metade do seculo XVI, se destaca pela sua originalidade e interesse, é o de Jacques de Vaudeclaye datado de Dieppe, 1578, e reproduzido (como os outros aqui mencionados com excepção do de Cantino, de 1527 e o de Gaspar Viegas) no monumental atlas do Barão do Rio Branco que acompanha a sua exposição da questão do Amapá.

E' o trabalho de uma pessoa que conheceu muito bem o norte do Brasil e que se empenhou em mostrar aos seus patriocios que lhes seria muito facil desalojar os portuguezes desta região.

Neste mappa vem representada graphicamente uma povoação ao norte do Cabo de Santo Agostinho, com o nome de «Chasteau-marim», tendo em frente a inscripção: — «Cest ille

(3) Esta recepção, que foi introduzida na cartographia impressa pelo cartographo holandez Jean van Doet, cuo mappa impresso em 1585 é essencialmente a reproducção do de Bartholomeu Velho (se conhece até 1800) pe si tirado á 1700. O seu ultima vestigio foi a ligação do Rio Real com o São Francisco, que ainda figura n mappa de Guillaume de Lisle, de 1700, sendo, porém, eliminado no de 1713.

teint a la terre firme et a une abessement de la coste de la terre et la forteresse qui comamande au hable est fortuée dessus de cette illot.» Pelo lado da terra vêm mais duas inscripções :—« La chasteau marin n'est pas clos da coste de la terre» e «chemin qui va a St. dominique». Ao norte desta povoação, no fundo de uma enseada atraz de uma ilha, ha o non.e Fernambouc tendo na frente a inscripção :—« La tour de Fernambouc qui commande est au pied d'une montagne le long de la mer mais il ya passage de lautre coste de leste».

Uma outra feição interessante do mappa de Vaudeclaye é a representação graphica de uma grande matta de pau brasil com uma estrada trilhada por indios carregando troncos de madeira para o porto de São Domingos (Parahyba). Esta matta acha-se situada a uma distancia consideravel do littoral e em uma região que parece corresponder ao districto da Serra dos Cariris Velhos, na fronteira dos dous Estados actuaes de Pernambuco e Parahyba.

Pela sua posição os seus productos poderiam ser embarcados convenientemente de todos os portos desde Parahyba até a barra de São Francisco, sendo os situados ao sul do Cabo de Santo Agostinho mais proximos do que os do norte. Assim o mappa fornece a explicação da predilecção, nos primeiros tempos, dos francezes pelos portos do sul, donde passaram, depois da occupação effectiva dos portuguezes, para o de Parahyba.

Um roteiro em inglez incluído na collecção Hakluyt, (vol. XIV, pag. 290 da edição de 1811) sem data ou nome do autor, mas que provavelmente foi traduzido do portuguez e é anterior a 1598, refere a «A point called Punta de Olinda. where Aponiquay standeth». Este ultimo nome parece ser indigena e não figura em nenhum mappa conhecido.

Vejamos agora com os factos que se podem deduzir do estudo dos documentos cartographicos combinam com os registrados nos documentos escriptos. Antes da expedição distinctamente colonizadora de Martim Affonso de Souza, em 1530, a historia das relações commerciaes dos europeus com os indios do Brasil é a das feitorias cuja existencia era necessariamente sempre accidentada e por via de regra transitoria. O primeiro estabelecimento de uma feitoria dependia em primeiro lugar de relações amistosas com os indios, e a sua per-

manencia na continuação destas relações, na possibilidade de um commercio lucrativo e muito principalmente na ausencia de ataques por parte de inimigos europeus.

Nestas circumstancias é de presumir que poucas ou nenhuma feitoria tivésssem uma existencia continuada, mas que, nos pontos favoraveis, houvesse uma successão dellas, até que afinal a epocha das feitorias foi terminada pela da colonização definitiva.

A posição do Cabo de Santo Agostinho como ponto avançado do continente naturalmente indicava as suas vizinhanças como um dos primeiros pontos onde se havia de tentar restabelecer relações amistosas com os indios, e o factó já apontado de apparecer aqui o primeiro nome indigena que se tornou corrente na nomenclatura geographica do Brasil, demonstra que effectivamente esta era uma das primeiras, senão a primeira, paragem onde se iniciaram estas relações.

Esta mesma circumstancia indica que a feitoria portugueza ahi saqueada em 1516 pelos hespanhoes, companheiros de Solis, ou tinha existido por algum tempo ou que os seus fundadores ahi encontraram algum europeu domiciliado entre os indios. Uma vez iniciadas as relações é de presumir que, depois deste acontecimento, foram reatadas talvez por diversas vezes, no intervallo de dez annos que precede a segunda noticia relativa a uma feitoria nesta paragem.

A expedição de Sebastião Cabotto, sahindo da Hespanha em 5 de Abril de 1526, demorou-se tres mezes nas vizinhanças do Cabo de Santo Agostinho esperando vento favoravel para o dobrar.

Oviedo, baseado em informações de Alonzo de Santa Cruz que a acompanhou, refere que a primeira terra avistada foi acima do porto ou rio de Pernambuco e que se tomou agua no Rio das Pedras.

A carta de Luiz Ramirez (*Revista do Instituto Historico*, XV) refere a existencia de uma feitoria occupada por 15 portuguezes. Em Outubro do mesmo anno D. Rodrigo d'A-cuna achou tres navios francezes em um porto proximo ao Rio de S. Francisco, talvez o de São Miguel. Estes sahiram um ou dous mezes depois deixando o infeliz naufrago em terra. Caminhando por terra achou elle alguns mantimentos deixa-

dos por francezes em Santo Aleixo e, chegando a Pernambuco, encontrou-se com Christovão Jacques que tinha sido nomeado guarda-costa em 5 de Julho de 1526. A posição da feitoria de Christovão Jacques é muito precisamente declarada na carta de doação de Pero Lopes, em 1534, como sendo na entrada sul do canal de Itamaracá, proximo ao lugar que depois tomou o nome de *Os Marcos*.

Gaffarel (*Histoire de la Découverte de l'Amérique*) attribue ao mesmo anno de 1526 a viagem do francez Jean Parmentier a que se refere a sua carta de 1529, que Ramusio cita, em que diz :—« Le long de cette côte et vers le couchant, les Portugais n'ont élevé aucun chateau ni forteresse: seulement on trouve dans un lieu dis Fernambouc situé après le cap Saint Augustin une petite forteresse de bois qui sert d'asile a quelques Portugais exilés. La partie la plus fréquenté par les Français et les bretons est située entre le cap Saint Augustin et le Port Royal, qui est placé au 12 degré; c'est aussi dans cette partie qui se trouvent les meilleurs bois du Brésil et en plus grande quantité. »

A armada de Martim Affonso de Souza, conforme refere o diario de Pero Lopes (*Revista do Inst. Hist., XXIV*), chegou ao rio Pernambuco em 18 de Fevereiro de 1531 encontrando a feitoria saqueada, havia dous mezes, pelos francezes. E' de presumir que este feito fôsse obra de qualquer um dos tres navios que ainda se encontravam na costa, mas (de conformidade com o dito de Parmentier), vindo do sul do Cabo. Um destes navios foi capturado por Pero Lopes em frente ao cabo Pecraauri situado seis leguas ao norte do Cabo de Santo Agostinho e separado do porto de Pernambuco por um trecho de costa suja. O unico ponto na costa que podia receber o nome de cabo e que corresponde a estes detalhes topographicos é o que depois tomou o nome de Olinda.

Indo para o sul a expedição teve o cuidado de costear o recife de São Miguel para ver se ali havia navios francezes, mostrando assim que tinha recebido informações que confirmavam o dito de Parmentier e que provavelmente servem para identificar com este ponto o porto proximo ao Rio São Francisco onde D. Rodrigo d'Acuna teve o seu encontro com navios francezes.

A queixa do barão de St. Blanchard (*Revista do Inst. Hist.*, XXIV) afirma que o seu navio *Pelerine*, sahindo da França em Dezembro de 1530 (Varnhagen com bons fundamentos corrige a data para 1531) aportou tres mezes depois no logar Pernambuco onde prendeu e tomou para o seu serviço seis portuguezes (não seis navios portuguezes como diz Gaffarel), e onde construiu uma fortaleza (feitoria?). E' de presumir que estes portuguezes foram deixados por Martim Affonso e, talvez, no logar da feitoria de Itamaracá, bem que não consta que fosse reconstruida pela expedição de Martim Affonso na sua viagem de ida.

E' porém provavel que a feitoria franceza não fôsse construida exactamente no logar do encontro dos portuguezes, porém mais ao sul em algum dos portos proximos que eram mais da predilecção dos francezes e onde os papagaios embarcados já se achavam um tanto instruidos na lingua franceza. Esta viagem da *Pelerine* devia ter cahido no intervallo entre a ida e a volta de Pero Lopes visto ser presumivelmente a este navio capturado no Mediterraneo que se refere o rei de Portugal na sua carta a Martim Affonso de 28 de Setembro de 1532.

Na viagem da volta, em Agosto de 1532, Pero Lopes descobriu atraz da ilha de Santo Aleixo um navio que se suppoz ser francez. Infelizmente a sua narrativa se acha interrompida neste ponto e para os importantes acontecimentos que succederam antes da partida para a Europa, em 4 de Novembro, só temos as informações, um tanto suspeitas, da queixa de St. Blanchard e as tradições ou chronicas locaes colhidas quasi um seculo depois por Frei Vicente do Salvador.

A queixa de St. Blanchard refere que a sua feitoria, depois de um sitio de 18 dias, capitulou com a condiçãc de bom tratamento para a sua guarnição de 37 homens, dos quaes, porém, 20 foram enforcados, 2 entregues aos indios para serem comidos e 15 levados presos.

A versão de Frei Vicente, escripta em 1627, faz, como é usual nas tradições colhidas muito depois dos acontecimentos, uma certa confusão nas datas e nos logares; mas, descontando isto, combina admiravelmente com a de Pero Lopes e St. Blanchard. Pero Lopes chegando da Europa encontrou na Ilha

de Itamaracá um navio francez que tomou, e logo depois um outro que chegava da França.

Depois de estar o commandante portuguez 27 dias na ilha os francezes, desanimados pela perda dos navios e por uma revolta dos indios promovida pelos portuguezes capturados, capitularam com condições honrosas. Havendo depois uma tentativa de assassinato, Pero Lopes a attribuindo aos francezes, ordenou a execução de todos elles, mas suspendeu-a em meio para receber a confissão dos dous culpados. A feitoria franceza foi arrasada sendo construida outra mais forte «na povoação e outra nos marcos para resguardo da feitoria del Rey, que depois Sua Alteza deu a Duarte Coelho».

Combinando estas diversas narrativas parece provavel que a marcha verdadeira dos acontecimentos foi proxivamente a seguinte. O navio de St. Blanchard, depois de capturar os 6 portuguezes no porto de Pernambuco (dos portuguezes) junto á ilha de Itamaracá e seguindo o costume dos francezes, procedeu para o sul (Ilha de Santo Aleixo?) onde havia francezes domiciliados entre os indios e já com grande numero de papagaios ensinados na sua lingua.

A feitoria aqui estabelecida recebeu a visita de um outro navio, o qual ou não era de St. Blanchard, ou então conseguiu escapar de Pero Lopes que voltava com as naus «mui gastadas de busano». A capitulação e execução dos francezes teve lugar substancialmente nas condições referidas por Frei Vicente, que dá um motivo verosimil para a poupança de uma parte dos presos attestada por St. Blanchard. A reconstrução da feitoria devia ter sido depois das doações feitas a Pero Lopes e a Duarte Coelho.

A carta de doação de 1 de Setembro de 1534 dando a Pero Lopes trinta leguas de costa entre a ilha de Itamaracá e a Bahia da Traição estabeleceu o limite sul por uma linha que devia ser tirada de um padrão collocado a «50 passos da Casa da Feitoria que de principio fez Christovão Jacques». Ha toda a probabilidade que este padrão (4) foi que deu origem ao

(4) Este padrão, de marmore branco, acha-se revellido ao museu do Inst. Arch. e Geogr. Pern.

nome «Os Marcos», que ainda hoje se conserva, no cotovello do canal de Itamaracá ao sul da ilha.

Proximo a este cotovello entra o pequeno rio Igarazú e é provavel que Gaspar Viegas na confecção do seu mappa, sabendo da existencia deste rio, se lembrou de da-lo como divisa com o nome de «Rio do Extremo», mas por um lapso no desenho o collocou ao sul do nome Parauaori. O nome de «Rio de Santa Cruz» dado na carta de doação ao canal de Itamaracá não se tornou corrente e não se encontra em nenhum mappa conhecido.

Os mappas antigos dão ao sul do Rio de São Domingos (Parahyba) um Rio das Pedras e Rio das Virtudes.

O primeiro nome persistiu por bastante tempo nos mappas, e é provavel que este rio seja o que depois tomou os nomes de Capivari-merim e Rio de Goianna. O nome de Rio das Virtudes desapareceu dos mappas, em seguida á introdução dos nomes de Pernambuco e Itamaracá e parece provavel que fôsse a denominação primitiva do canal de Itamaracá ou talvez de algum dos pequenos rios que nelle desaguam.

As doações de Pero Lopes e de Duarte Coelho introduziram a epocha da colonização definitiva desta costa e esta muito naturalmente se iniciou junto ao porto já frequentado do canal de Itamaracá. Sendo a entrada meridional deste canal o limite entre as duas donatarias, o porto conhecido pelo nome de Pernambuco podia lhes servir em commum, e, ao que parece, assim aconteceu por algum tempo, começando a colonização de Duarte Coelho no referido Rio Igarazú.

Era muito natural que eventualmente uma ou outra das donatarias ficasse conhecida pelo nome do porto, que assim adquiriu uma significação regional, se é que antes não a tivesse, pelo menos no uso francez.

Com o desenvolvimento da colonia de Duarte Coelho fundou-se uma nova povoação na collina do Cabo Percaauri e esta desde cedo parece ter sido a residencia predilecta do donatario. Isto dava importancia ao porto proximo do Recife, que lhe ficava a uma legua de distancia e lhe servia de entrada.

Esta nova povoação parece ter tido, nos primeiros tempos, uma variedade de denominações. Hans Staden que ahi

passou em 1548 diz que era chamada Marin. Um nome parecido com este era corrente por algum tempo e provado pelo mappa de Vaudeclaye de 1578 que a denomina — Chasteau Marin. O mappa de Joan Martines de 1582, que se distingue pela graphia horrivelmente estropiada da nomenclatura, tem no logar competente «p. oothruio», o que talvez indica que era as vezes designada pelo nome apropriado de «O Oiteiro».

O mappa de Bartholomeu Velho de 1564 tem um nome que pôde ser lido «olima» ou «olsina» e que na copia de Jean Van Doet, de 1585, foi emendado em «Olinde».

Pero de Magalhães de Gondavo, escrevendo cerca de 1570, e Gabriel Soares, em 1587, dão o nome de Pernambuco á capitania e o de Olinde á villa. Este ultimo autor dá o nome de «Poço» á povoação junto ao recife onde diz que viviam alguns pescadores e officiaes da ribeira e onde havia alguns armazens para o deposito de assucar e outras mercadorias, não fazendo menção da fortaleza que conforme o mappa de Vaudeclaye já devia ter existido ali.

A collecção de mappas annexa ao MS. conservado no Instituto Historico, com o titulo de «Razão do Estado» e a data de 1612, dá o nome de Pernambuco á capitania, de Olinde á villa e de «Logar do Recife» á povoação que é figurada com uma fortaleza no ponto do recife e outra em terra. Estes mappas, porém, são evidentemente posteriores á data do MS. pois fazem referencia a tomada da Bahia pelos hollandezes em 1624.

A occupação hollandeza deu uma tal importancia ao porto do Recife que se identificou com elle a região vizinha, como designação local, ficou definitivamente ligado no uso estrangeiro, a este porto e á cidade que lá se creou.

PROBLEMAS

Historico-geographicos

I

Os Francezes em Itamaracá

Itamaracá na lingua tupi significa *maracá de pedra*.

Ao seu ancoradouro chamavam os portuguezes *Porto de Pernambuco* e ahi entrou Christovão Jacques, quando veio fundar a sua feitoria, tendo aliás outros pontos que poderia preferir, como as barras do Recife, de Santo Agostinho e outras.

E tanto Itamaracá era conhecido entre os portuguezes por essa denominação, que « de *Pernambuco* » chamavam elles tambem o rio, que cerca esta ilha, como se conclúe do Diario de navegação de Pero Lopes de Souza, que o dá como o da situação daquella feitoria.

Nesse porto fundeou a esquadra de Martim Affonso de Souza, em Fevereiro de 1531.

Depois de aprisionar tres embarcações francezas, uma de frente da ponta de Olinda e duas ao sul do Cabo de Santo Agostinho, veio Martim Affonso, que se separára de seu irmão, reunir-se-lhe nesse ancoradouro a 19 d'aquelle mez.

Fazendo recolher os doentes, que trazia, á casa da feitoria, fundada por Christovão Jacques, despachou de Itamaracá para o rio do Maranhão, duas caravelas sob o mando de Diogo Leite e enviou a Portugal João de Souza, afim de participar ao seu soberano o aprisionamento das embarcações ; e, após uma demora de dez dias, fizeram-se ambos de vela do porto da ilha para o sul.

No anno seguinte á partida de Martim Affonso, uma nau franceza, procedente de Marselha e denominada *La Pelerine*, veio ter a Itamaracá, e o seu commandante Jean Duperet,

agradando-se da posição desta ilha, levantou ahi uma fortaleza, que deixou guarnecida com trinta homens, regressando para a Europa com um carregamento de pau brasil e outras producções do paiz, sendo que esta nau foi tomada na costa da Andaluzia pelas caravelas portuguezas, que andavam no estreito de Gibraltar.

O Visconde de Porto Seguro, na sua *Historia Gerat do Brazil*, diz ser supposição sua que essa fortaleza, que elle chama Gallo—Pernambucana, fôra erguida em um dos morros de Olinda.

Não me parece, porém, razoavel essa conjectura do illustre historiador, que aliás não se funda em documento algum.

Além de que são accordes os escriptores em dizer que o ponto, em que os francezes se estabeleceram naquella epocha, foi Itamaracá, accresce que a carta de D. João 3.º de 28 de Setembro de 1532, escripta a Martim Affonso, em resposta a que este lhe dirigira por João de Souza, esclarece qualquer duvida a esse respeito.

Nessa carta diz elle não sómente que uma náu franceza viéra de Marselha a *Pernambuco*, e só a Itamaracá era dado nesse tempo o nome de Pernambuco, senão tambem que a gente, que saltára, desfizera uma *feitoria* e como é sabido só proximo dessa paregem, no littoral de Iguarassú, é que se achava a unica feitoria aqui existente.

Si é certo que não foi em Olinda, mas em Itamaracá que os francezes se estabeleceram, tambem é fóra de duvida que quem d'ahi os expulsou não foi Duarte Coelho, como entende a maior parte dos escriptores.

E' verdade que Duarte Coelho, que a esse tempo se achava estacionado com uma esquadrilla na costa de Málagueta, teve ordem do rei de Portugal para desalojar os intrusos, como consta de uma carta regia dirigida ao Conde da Castanheira, em data de 25 de Janeiro de 1533.

Chegando, porém, Pero Lopes com a noticia de havel-os derrotado, foi-lhe ordenado que ficasse cruzando na altura dos Açores.

Com effeito, explorado o rio da Prata, e fundadas as colonias de São Vicente e Piratininga, despachou Martim Affonso

a seu irmão o qual se fez de véla para a Europa a 12 de Maio de 1532.

Tocando, nesse trajecto, em Itamaracá, ahí encontrou os francezes e, tratando de dar-lhes combate, o fez com tanto valor e galhardia que, após desoito dias consecutivos, conseguiu render a fortaleza que elles haviam levantado e, depois de guarnecel-a com gente sua, ás ordens de Paullo Nunes e de assentar de novo a feitoria, que elles destruíram, seguiu para Portugal, levando duas náus, alguns indios e trinta e tantos prisioneiros:

Embora esse factio não seja por elle mencionado no seu minucioso Diario de navegação, que nesta parte foi interrompido, continuando do dia em que elle sahio de Pernambuco em demanda da Europa, o que dá a entender que tencionava, mais de espaço, se occupar de semelhante assumpto, comtudo que foi Pero Lopes que expulsou os francezes prova-o não só o processo instaurado contra elle pelo barão de S. Blanchard, á custa de quem fôra armada a náu *La Pelerine*, como uma carta de el-rei ao conde de Castanheira, de 21 de Janeiro de 1533, em que elle diz que chegára a Pernambuco, onde achou os francezes que tinham feito fortaleza e « lh'a tomou a elles e ficou pacificamente em poder dos portuguezes ».

E a doação que lhe foi feita em 1535 de mais trinta leguas de terra, quando anteriormente, em carta de 28 de Setembro de 1532, o rei de Portugal manifestava desejos de conceder-lhe somente cincoenta, indica que posteriormente a esta data prestou elle no Brasil algum serviço relevante, e que este o foi em Itamaracá, mostra-o de alguma sorte o factio da menção dessa ilha, como comprehendida na respectiva carta de doação. (*)

II

A Feitoria de Christovão Jacques

Tudo é obscuro entre os escriptores, não só relativamente á epocha da fundação como sobre quem lançou os primeiros fundamentos de Iguarassú.

(*) Este artigo foi primeiramente publicado na *Revista Pernambucana*, de 3 de Abril de 1903 e transcripto no « Almanack de Lembranças Luzo-Brasileiro » para 1904.

Parece-me, porém, fôra de duvida que esse lugar começou a ser povoado com o primeiro estabelecimento portuguez, que ahi se levantou : a feitoria de Christovão Jacques.

A maior parte dos chronistas e historiadores antigos, tratando dessa feitoria, dizem que ella fôra estabelecida primitivamente em Itamaracá e entre os modernos, que assim opinam, destaca-se o erudito Candido Mendes de Almeida, nas suas *Notas para a historia Patria*, memoria lida no *Instituto Historico Brasileiro*, em sessão de 4 de Agosto de 1876 e publicada na *Revista* n.º 40, 2.ª parte, de 1877.

Concordando com o illustre historiador em que o littoral de Pernambuco fôra por certo, ou com toda a probabilidade, o primeiro em que se lançaram os fundamentos desse estabelecimento de commercio ou resgate, de escala, refresco ou abrigo para os navios portuguezes que seguiam para a India oriental e para os que percorriam o littoral do Brasil, em demanda principalmente de pau brasil e de escravos, aparto-me da sua opinião quando diz que, como era natural, fôra elle fundado, cercado e fortificado, para maior segurança, na ilha de Itamaracá, quasi em frente á foz de Iguarassú.

E as razões, que tenho para assim pensar, são firmadas na carta de doação da Capitania de Duarte Coelho, comparada com a topographia actual do terreno.

Com effeito, desse documento, datado de 10 de Março de 1534, se vê que D. João 3.º, marcando o limite septentrional daquella capitania, mandou que *a cincoenta passos da primeira casa* de sua feitoria, fundada por Christovão Jacques, se puzesse um padrão com as armas reaes.

Ora, para que este padrão estivesse a cincoenta passos de uma feitoria estabelecida na ilha de Itamaracá, quasi em frente a foz do rio Iguarassú, como quer o douto litterato, era mister que fosse plantado no littoral daquella ilha.

Mas, como é sabido, elle foi collocado na praia de Iguarassú, no lugar ainda hoje denominado *Os Marcos* e deste sitio á paragem da ilha, em que suppõe Candido Mendes fôra erguida a primeira feitoria portugueza, ha, mais ou menos, a distancia de meia legua, como se verifica do *Roteiro da Costa do Brazil* por Vital de Oliveira.

A isso accresce que D. João 3.º determinou que esse numero de passos fosse contado pela margem do rio de Santa Cruz a dentro e ao longo da praia.

E, si a feitoria, de que se trata, tivesse sido fundada em Itamaracá, a sua situação, com relação ao sitio do marco que se deveria chantar, e que effectivamente se chantou, não seria, como o dispoz a carta de doação, pelo rio a dentro, mas cortando-o transversalmente em sua largura, nem ao longo da costa mas na direcção da margem occidental da ilha para o littoral de Iguarassú.

Occupando-se dessa feitoria, na sua *Historia Geral do Brazil*, o Visconde de Porto Seguro, ao passo que a dá como levantada por Christovão Jacques, diz tel-a elle fundado em 1526.

Mas, para contestal-o nesse ponto, nada mais é preciso do que recorrer ao mesmo escriptor, em outra parte da obra, a que me refiro.

Ahi á pag. 98 (2.ª edição) diz elle que os companheiros de João Dias de Solis, depois de morto este pelos Indios no Rio da Prata, deliberaram logo regressar para a Europa, fazendo escala pelo Cabo de Santo Agostinho, afim de levarem á Hespanha alguma carga de pau brasil ;—que chegando a Pernambuco e encontrando ahi uma *feitoria* com onze portuguezes, os prenderam a todos e os levaram comsigo.

Desse trecho se depreheende claramente que, si a feitoria aqui estabelecida, já existia na epocha da mallograda expedição de Solis, em 1516, só poderia ter sido fundada por occasião da primeira ou segunda viagem de Christovão Jacques ao Brasil e muito anteriormente ao anno de 1526.

E não sómente esse trecho, uma carta de Luiz Ramirez, escripta do Rio da Prata em 10 de Julho de 1528 e publicada n'uma das *Revistas do Instituto Historico* pelo proprio autor da *Historia Geral*, vem derramar muita luz a respeito do ponto em questão.

Nesse documento, que elle considera fecundissimo de informações, conta Ramirez que, na sua passagem para o sul, chegou ao Cabo de Santo Agostinho em Julho de 1526 ; que ahi se demorou dous dias, findos os quaes tornou a fazer-se de véla ; que pensando, no dia seguinte, ter adiantado a sua viagem, ha-

via retrogradado mais de *doze leguas*, indo ter a paragem de Pernambuco ; que o commandante da armada, em que elle vinha, estando proximo da costa e luctando com o vento contrario, resolveu aproveitar-se desse facto para se prover d'agua necessaria e, quando pretendia mandar ao porto uma caravela e com ella o piloto da capitanea em um batel, chegou a náu uma canoa de indios, na qual vinha um christão, sendo então informado de que aquella terra se chamava Pernambuco e que alli tinha o rei de Portugal uma feitoria, para commercio de pau brasil, em que havia treze christãos portuguezes, os quaes os proveram de tudo que era indispensavel para a armada.

Si, pois, em Junho de 1526, muito antes da chegada de Christovão Jacques a Pernambuco, que foi quasi em fins desse anno, encontrou Ramirez, em sna passagem, uma feitoria a mais de doze leguas do Cabo de Santo Agostinho e por conseguinte na altura de Iguarassú, si, como não ha contestar, o unico estabelecimento desse genero, que existia naquella paragem, foi levantado pelo mesmo Jacques, é visto que só poderia este navegante havel-o fundado muito anteriormente a 1526, e ainda no reinado de D. Manoel, ao contrario do que entendem Porto Seguro e os que posteriormente se tem occupado da feitoria de Iguarassú.

Sobre qual fosse, porém, o anno dessa fundação é o que estudarei no capitulo seguinte, apreciando o que a respeito escreveram Capistrano de Abreu e o Dr. Zeferino Candido, em contestação ao profundo historiographo brasileiro.

J. B. REGUEIRA COSTA.



A SAUDAÇÃO LACRIMOSA

DOS

INDIOS

Para o n.º de 11 de Janeiro de 1906 da apreciada revista geographica e ethnographica allemã *Globus*, contribuiu o Sr. Georg Friederici com um excellente artigo de manifesto interesse para os estudiosos brasileiros.

A proposito de uma hypothese aventada pelo Sr. R. R. Schuller (1) sobre a primitiva patria dos indios Charrúas, que por occasião da conquista occupavam o territorio da actual Republica do Uruguay, o erudito ethnologo estuda a diffusão e a origem provavel de um singular costume observado entre os indios: a saudação lacrimosa (*Traenengruss*, lhe chama em allemão).

Pero Lopes de Souza parece ter sido o primeiro europeu que delle nos legou noticia. Durante um cruzeiro de quasi dous mezes na foz do Rio da Prata os exploradores portuguezes tivéram varias vezes ensejo de tratar intimamente com os Charrúas da Banda Oriental—ou, o que dá no mesmo, os seus proximos parentes os Minuanos ou Yaros—ao desembarcarem nas vizinhanças do Cabo de Santa Maria, no rio dos Begoais, entre aquelle e Montevidéo, e no rio de S. João, perto do Cerro de Montevidéo.

Os indigenas do cabo de Santa Maria ao recebe-los os « abraçaram com grandes chòros e cantigas mui tristes, e como se despediram delles »; dos do rio dos Begoais lê-se, no *Diario* de Pero Lopes, que eram muito tristes e choravam durante a

(1) *Anales del Museo Nacional de Montevideo. Sección Histórico-Filosófica. Tomo I. Felix de Azara: Geografía Física y Esférica de las Provincias del Paraguay y Misiones Guaranís. Edic. R. R. Schuller.—Montevideo, 1904, Prologo, p. CXV.*

maior parte do tempo, ao passo que dos indios do rio de S. João diz não serem tão tristes como os seus parceiros do cabo de Santa Maria (2).

Consigna o Sr. Friederici a frequencia com que são desdenhadas, por insignificantes ou sem importancia, estas breves observações, e salienta o seu valor no dominio da ethnologia comparada.

O habito dos indios americanos, diz elle, que lhes impõe a etiqueta rigorosa e imprescindivel de acolher os hospedes ou pessoas estranhas com prantos e soluços prolongados, estava mais espalhado do que talvez se suppunha.

Os francezes Jean Léry e André Thevet, e os portuguezes Gabriel Soares de Souza, Magalhães de Gondavo, Fernão Cardim, o autor do «*Principio e Origem dos Indios*» e Simão de Vasconcellos descreveram minuciosamente este habito entre os Tupis de São Paulo, do Rio de Janeiro, de Minas-Geraes e da Bahia, chegando Léry a acrescentar um curioso desenho— aqui reproduzido em *fac-simile*—desta scena de saudação.

Cabia ás mulheres da familia o principal papel na cerimonia. Quando um estrangeiro ou mesmo um individuo da propria tribu se approximava de alguma cabana como visitante, faziam-no sentar-se em uma rêde, as mulheres núas accócoravam-se em volta d'elle, cobriam o rosto com as mãos, e começavam com prantos e lamentações prolongadas, nas quaes lastimavam o hospede pelos perigos e trabalhos padecidos na viagem e lhe dirigiam toda a sorte de felicitações. Exigia o costume que a pessoa assim saudada tambem chorasse, ou quando como europeu não tivésse lagrimas sempre promptas, pelo menos o fingisse.

Estes uivos persistiam até que, segundo diz Gabriel Soares, se lhes tornava enfadonho e ordenavam ás mulheres que acabassem com o pranto. O mesmo autor fornece ainda algumas particularidades da cerimonia uivadôra, e só depois de a

(2) Lopes de Souza.— *Diario da Navegação* (1530—32). Edic. de F. A. de Varnhagen, na *Rev. Trim. do Inst. Hist. Geogr. e Ethn. Braz.*, XXIV, pp. 43, 58 e 63.

haverem rigorosamente observado é que traziam comida ao hospede.

O autor do *Principio e Origem dos Indios do Brazil* traz, de epocha pouco posterior, boa e circumstanciada descripção das tribus tupis, e pinta a saudação lacrimosa com côres tão vivas e características que o ethnologo allemão considera como typicas as suas palavras :

« Entrando-lhes algum hospede pela caza, a honra e agasalhado que lhe fazem é chorarem-no, entrando pois logo o hospede pela casa o assentam na rêde, e depois de assentado, sem lhe falarem palavra, a mulher e filha e mais amigas se assentam ao redor com os cabellos baixos, tocando com a mão na mesma pessoa, e começam a chorar todas em altas vozes, com grande abundancia de lagrimas, e ali cantam em prozas trovadas quantas couzas tem acontecido desde que se não viram até aquella hora, e outras muitas que imaginam, e trabalhos que o hospede padecêo pelo caminho, e tudo o mais que pôde provocar a lastima e chôro.

« O hospede n'este tempo não fala palavra, mas depois de o chorarem por bom espaço de tempo, alimpam as lagrimas, e ficam tão quietas, modestas, serenas e alegres que parece nunca chorarem, e logo se saúdam, e dão o seu *erejupe*, e lhe trazem de comer, etc., e depois d'estas ceremonias contam os hospedes a que vêm. » (3)

(3) Jean de Léry.—*Histoire d'un Voyage fait en Terre du Brésil, autrement dite Amérique*. 3^e edit.—Genève, Eustache Vignon, 1594, pp. 283-285.—Thevet.—*Les Singularites de la France Antarotique*.—Paris, 1558, fol. 85.—Gabriel Soares de Souza.—*Traçado descriptivo do Brazil*. Ediç. de F. A. de Varnhagen. Rio de Janeiro, 1851, II, cap. CLXII. pp. 223-224 e 325.—Extracto de hum manuscripto que se conserva na biblioteca de S. M. o Imperador e que tem por titulo.—*Descripção Geographica da America Portuguesa*—sem nome de author, em *Rev. Trim. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.*, I, pp. 208-209 e 210.—Pero de Magalhães de Gondavo.—*Historia da Provincia de Sãta Cruz*, a que vulgarmente chamamos *Brasil*, *ibidem*, XXI, pp. 413-414.—*Principio e Origem dos Indios do Brazil e seus Costumes, Adoração e Cerimonias*, *ibidem*, LVII, p. 191 (§9).—Fernão Cardim.—*Do Principio e Origem dos Indios do Brazil*.—Rio de Janeiro, 1881, p. 10.—O mesmo.—*Narrativa Epistolar*, pp. 38-40.—*Vasconcellos*.—*Chronica da Companhia*

Com o decorrer do tempo e devido ao intercurso com os europeus, com a diffusão do christianismo e o decrescimento das populações primitivas, o costume foi desaparecendo d'entre os Tupis; mas, ainda em fins do seculo XVII Coreal (4) o

de Jesu do Estado do Brazil, Lisboa, 1865, I, p. LXXXIV.—Yves d'Eureux.—Voyage dans le Nord du Brésil fait durant les années 1613 et 1614. Edit. Ferd. Denis, Leipzig et Paris, 1864 pp. 37, 90, á 20.—A estes testemunhos colligidos pelo sr. Friederici podemos acrescentar os seguintes que dizem mais particularmente respeito a Pernambuco e regiões vizinhas:—Dialogos das Grandezas do Brazil, escriptos na Parahyba em 1618, em Rev. do Inst. Arch. e Geogr. Pernambucano, n. 33, p. 129.—Frei Vicente do Salvador.—Historia do Brazil, terminada em 1627, em Annaes da Bibl. Nac. do Rio de Janeiro, XIII, p. 26.—Barlaeus.—Rerum per Octenium in Brasilia..... Historia.—Amstelodami, MDCXVII, p. 23.—Piso et Marogravi.—Historia Naturalis, *ibidem*, 1648, p. 269.—Roulox Baro.—Relation du Voyage..... au Pays des Tapuiés, em Relations Veritables et Curieuses de l'Isle de Madagascar et du Brésil.—Paris, MDCLI, p. 216 *et passim*.—Nienhof.—Gedenkweerdige Brasiliaense Zee-en—Landt Reize.—Amsterdam, 1682, p. 222.—Com excepção de Barlaeus todos estes autores foram testemunhas oculares do facto, e as descripções, dos dous primeiros sobretudo, são assaz particularisadas. Que o costume da saudação lacrimosa não era exclusivo dos Tupis provam Markgraf e Baro attribuindo-o expressamente aos Tapuios.

(4) Coreal.—Voyage aux Indes Occidentales. Trad.—Amsterdam, 1722, I, pp. 236-238.—Francisco Coreal, informa o Sr. Friederici, foi um *globe-trotter* do seculo XVII que, por espaço de trinta annos, percorreu toda a America Latina desde St. Agostinho, na Florida, até o sul do Chile, e do Mexico até Pernambuco. Considerado este longo praso e as oportunidades favoraveis que se lhe offereceram, as suas observações são mediocres.

Apresentam apenas utilidade com relação á vida sexual, pela qual o autor parece muito especialmente se haver interessado, e á corrupção do clero. Com este elle parece se ter profundamente inimizado devido a intrigas amorosas. As suas noticias sobre os indigenas provêm na maioria de terceiros e de livros mais antigos, que não cita mas não é difficil determinar.

Porisso deve ser usado com cautela e criticamente. Mas, quando—como no trecho mencionado—refere evidentemente com verdade experiencias proprias, Coreal é bastante valioso para a culturhistoria e a ethnographia.—Agradecemos ao illustre ethnologo a indicação deste autor, certamente de grande interesse em assumptos pernambucanos, do qual até agora não haviamos noticia; suppomos fôsse hespanhol.

encontrou quasi que sob a fórma original, e Dom Pernetty (5) deparou com vestigios delle ainda na segunda metade do seculo XVIII.

O mesmo costume da saudação lacrimosa, prosegue o Sr. Friederici, encontramos ainda entre os Lenguas do Chaco. Neste ponto é Azara o nosso informante. « Quando algum regressa após prolongada ausencia, diz elle, os dois indios que se saúdam derramam algumas lagrimas antes de proferirem uma só palavra ; obrar de outra sôrte seria offensa ou pelo menos demonstração de que a visita não era bem vista » (6).

Como adiante ainda terei de referir, accentúa o nosso autor, os primeiros europeus, que depararam com semelhante saudação lacrimosa, não comprehenderam absolutamente a sua significação. Consideraram estas scenas lamurientas como manifestação por parte dos indios da consciencia da sua culpabilidade ou do terror que lhe inspirava o homem branco, ou de compaixão, se os europeus, no momento da saudação, se achavam em situação precaria como naufragos ou indigentes.

Só mais tarde após conhecimento mais intimo e prolongado dos filhos das selvas é que apprehenderam a verdadeira significação deste costume tão contrario aos nossos sentimentos e intuições. Este é sem duvida o motivo porque só possuímos tão poucas noticias deste habito tão espalhado.

Os europeus, penetrando á força na America, reputavam aquelle pranto como demonstração do receio de morrer ou do terror, aliás sobejamente justificavel entre os pobres indios ; reconheciam tacitamente esta pretensa causa como verdadeira e naturalmente nem mencionavam o facto, da mesma sôrte que silenciavam sobre as particularidades da maioria das injustiças e crueldades commettidas. Quando, pois, um observador attento e em paz com a sua consciencia, como Lopes de Souza, chama de tristes aos Charrúas e esclarece um pouco a natureza do seu pezar, nos devemos regosijar com o feliz accaso.

(5) Dom Pernetty.—*Histoire d'un Voyage aux Iles Malouines fait en 1763 et 1764.*—Paris, 1770, I, pp. 226-227.

(6) F. de Azara.—*Voyages dans l'Amérique Méridionale depuis 1781 jusqu'en 1801.* Edit. Walckenaer.—Paris, 1809, II, 151.

Que um habito tão singular, quasi que contrario á natureza, tenha surgido quasi que simultaneamente em tres pontos differentes da America Meridional, opina o Sr. Friederici ser tão improvavel quanto a supposição de haver sido tomado por emprestimo entre povos vivendo a tamanhas distancias uns dos outros e separados por selvas inhospitas e infestadas por tribus bellicosas. Resta, portanto, apenas a hypothese de uma origem commum. Esta é a opinião abraçada pelo nosso ethnologo, e que o induz a admittir que a primitiva patria dos Lenguas, Charrúas e tribus proximas do Chaco deve ser procurada nas cabeceiras do Paraná, nas vizinhanças dos Tupis.

Entretanto, nos informa o Sr. Friederici, o habito da saudação lacrimosa não está circumscripto aos indios sul-americanos, existindo igualmente na America Septentrional.

A primeira informação a este respeito é ministrada por Alvar Nuñez Cabeza de Vaca.

Quando os restos da malfadada expedição de Pánfilo de Nárvaez procuravam, em botes, alcançar Pánuco, na Nova-Hespanha, naufragaram na costa de Texas. Os indios litoraneos delles se approximaram—cheios de compaixão pelo seu accidente, suppuzéram os hespanhóes—sentaram-se junto a elles e começaram a chorar de tal maneira que eram ouvidos a distancia ; isto durou mais de meia hora » (7).

Mas, depois que Cabeza de Vaca viveu algum tempo entre aquelles indios e adquirio conhecimentos da sua lingua e dos seus costumes, comprehendeu a significação do acontecimento. « Na ilha, diz elle na descripção do lugar em que morava, ha dous povos de linguas differentes, um dos quaes é chamado Capoques e o outro Han ; têm por habito, quando se conhecem e veem de tempos em tempos, chorarem sempre primeiro durante meia hora antes de se fallarem. Então é entregue um presente de hospedagem » (8).

(7) «La relacion que dio Alvar nuñez cabeça de vaca», etc.—Zamora, 1542, p. 44. Este livro não é paginado, diz o sr. Friederici, mas, o exemplar, excellentemente conservado, da Bibliotheca de Leipzig de que usei trazia as paginas numeradas a lapis.

(8) *Ibidem*, pag 52.—O sr. Friederici presume, mas não affirma, que os indios a que se referio Cabeza de Vaca pertenciam aos Karankawas, que ali moravam posteriormente.



A Saudação Lacrimosa

(*Apud: Lety — Histoire d'un voyage*)

Alguns annos depois a columna aventureira de Hernando de Soto encontrou o mesmo costume. Havia marchado através do actual Estado do Arkansas e chegado ao norte do rio do mesmo nome, no actual Territorio Indiano, quando, em principio das pradarias resequidas, deram com indios inteiramente differentes dos que até ali haviam encontrado. O seu exterior, os seus habitos e costumes, as suas armas e modo de combater, a sua lingua, tudo era diverso. Emquanto que, desde a bahia de Tampa, na Florida, até ali os interpretes de Soto sempre se tinham feito comprehender pelos indios, naquelle ponto falharam pela primeira vez.

Certo dia apresentou-se um enviado de uma das tribus deste povo, e o Fidalgo de Elvas assim descreve o seu encontro com Soto :

« Esgotado este praso appareceu um indio carregado de couros de buffalo como presente do cacique ; chorava amargamente e lançou-se aos pés do Governador logo que o alcançou. Soto ergueu-o e o homem proferio uma arenga que ninguem entendeu. »

Tres dias depois apresentou-se o proprio cacique acompanhado de 80 indios. « Quando elle e a sua gente penetrou no acampamento, choraram—como signal de obediencia e de arrependimento do crime anterior, conforme o costume daquella terra ».

Depois disto foi entregue outro presente de couros de buffalo. Pranto e presente ! observa-se o mesmo facto narrado por Cabeza de Vaca, apenas com a differença de que aqui os hespanhóes não comprehenderam a sua significação e o consideraram como natural expansão de arrependimento pela resistencia que a principio lhes haviam opposto.

Este é tambem com certeza o motivo, continua o Sr. Friederici, porque as fontes de Hernandez de Biedma, Rodrigo Ranjel, Garsilaso de la Vega e Herera nada informam sobre estas scenas, e comprova a observação atraz feita de que só em raros casos temos noticia deste facto, aliás observado, mas, em consequencia de falsa interpretação, considerado indifferente ou compromettedor.

Toda a gente de Soto devia ter assistido á scena, mas,

das cinco relações, que da sua expedição nos restam, apenas em uma foi julgado necessario menciona-la (9).

Os indios, de que neste caso se trata, pertenciam talvez á familia dos Caddos, entre os quaes se contam os Caddos, os Wichitas ou Pani Piques, os Kichais ou Keechies, os Pawnees, e os Aríkaras. Certamente não eram Sioux, porquanto os Quaparos ou Arkansas, com que os hespanhões haviam travado mais estreitas relações e pertenciam a esta familia, delles differiam consideravelmente, sobretudo na lingua.

O primeiro europeu que, mais para o Norte, penetrou nas mesmas pradarias do Oéste, foi o Padre Louis Hennequin, que logo encontrou o mesmo costume da saudação lacrimosa. Desta vez os indios eram Sioux, habitantes da região das cachoeiras de St. Anthony no actual Estado de Minesota; eram os Santees (talvez tambem os Sissetons) do grupo Dakota da grande familia dos Sioux.

Entre elles o costume da saudação lacrimosa estava tão generalizado e a sua fôrma era tão estranha, que todos estes indios receberam, na lingua dos *voyageurs* canadenses, a denominação collectiva de *les pleureurs*, os chorões (10).

(9) Collecção de Opusculos Reimpresos Relativos á Historia das Navegações, Viagens e Conquistas dos Portuguezes. Tomo I, Relação do Descobrimento da Florida. Lisbôa, 1844, cap. XXVI, pp. 88, 89.—Biedma.—Relacion de la Isla de la Florida, em «Collecção de Documentos Inéditos Relativos al Descubrimiento, Conquista e Colonizacìon de las Posesiones Españolas en America y Occenàia. Madrid, 1865, III, pp. 435-436.—G. T. de Oviedo y Valdés.—Historia General y Natural de las Indias, Islas y Tierra-Firme del Mar Oceano. Madrid, 1851 55, I, pp. 560, 544-570; ahí infelizmente interrompe-se o diario de Ranjel.—Garçilaso de la Vega.—La Florida del Inca, Madrid, 1723, pp. 190-191.—Herrera.—Historia General de los Hechos de los Castellanos, en las Islas y Tierra-Firme de el Mar Oceano.—Madrid,—1726-30, Dec. VII, lib. II, cap. VI-VII, pp. 33-35. Dec. VII, lib. VII, cap. I-II, pp. 130-132.

(10) Hennepin.—Description de la Louisiane.—Paris, 1683, p. 289.—Assignalam ainda a saudação, lacrimosa entre os Sioux: Recueil de Voyages, au Nord.—Amsterdam, 1737, Vol. IX, Hennepin pp. 313-314, 327.—Bacqueville de la Poterie.—Histoire de l'Amérique Septentrionale, Paris, 1722, II, pp. 182-184.—Perrot.—Mémoire sur les Moeurs, Coustumes et Relligion des Sauvages de l'Amérique Se-

Na America Septentrional dominava, pois, o habito da saudação lacrimosa, evidentemente ao longo de todo o limite oriental das resequidas pradarias occidentaes da bacia do Mississippi, mais ou menos na linha do 95° a W. de Greenw., isto é, da região das nascentes do Mississippi até a costa do Texas.

Até onde se estendia para o Oéste, não sei, diz o Sr. Friederici : Coronado, o primeiro europeu que penetrou nas pradarias vindo do Oéste, não falla nelle.

Temos, portanto, dous grupos diversos da saudação lacrimosa, um na America Meridional, e o segundo na do Norte. Cada um delles tinha connexão intima, mas comprehendia diferentes elementos tribaes. Não é facil dizer como se possa relacionar entre se estes dous grupos. O emprestimo deve estar excluido pela falta de intercurso e é difficil de explicar uma reunião anterior ou origem commum. O apparecimento independente nos dous pontos diversos e a posterior diffusão a partir delles, parece ao Sr. Friederici ainda o mais provavel, não obstante tratar-se de habito tão perverso.

Sim, porque qual foi o modo pelo qual se originou ! Não é mais, nos ensina o arguto ethnologo, do que uma fôrma de cortezia insensatamente exaggerada, depravada, elevada á ultima potencia. Urgia manifestar pezar ao estrangeiro que vinha em visita através de selvas inhospitas e cheias de perigos. O indio em geral é para com os seus semelhantes, emquanto não são seus inimigos, uma creatura terna e amavel, mau grado o que a respeito do seu egoismo e a sua « dureza de coração » possam outros ter dito. Esta justificavel manifestação de

ptentrionale.—Leipzig et Paris, 1864, p. 86.—Parkman.—La Salle and the Discovery of the Great West.—Boston, 1894, p. 237, nota.—Herbert Spencer tem na sua Desciptive Sociology, American Races, Ancient Mexicans, Central Americans, Chibchas and Ancient Peruvians, uma rubrica geral com a epigraphe «Laws of Intercourse». Todas as formas de saudação e de acolhimento são ali mencionadas, mas, falta a saudação lacrimosa. Tratando dos Dakotas diz ao contrario neste lugar: «Little ceremony or manners, and deficient in forms of salutation»; cf. Vol. VI, American Races, 2ª edit., table LIII. London and Edinburgh, 1885.

sensibilidade tomou com o tempo uma fórma fixa e foi elevada á etiqueta da selva.

O homem primitivo é essencialmente rotineiro e não abandona sem motivo os seus habitos tradicionaes, ao contrario tende a desenvolve-los e amplia-los.

Possuimos cousa igual, lembra pertinentemente o Sr. Friederici. O mandarim ou opulento negociante chinês ao acolher o estrangeiro, que se fez transportar commodamente em palanquim ao seu luxuoso palacio, manifesta-lhe em phrases prescriptas o seu profundo pezar pelas fadigas da viagem e patentêa a sua compunção « por haver elle, o hospede illustre, posto o seu nobre pé sobre a sua mesquinha soleira e condescendido em honrar com a sua sublime visita a cabana miseravel, lobreja e immunda do seu indigno servo. » Mais alguns passos nesta direcção e teremos prantos e lamurias.

Mas, accrescenta o douto ethnologo, existe ainda uma terceira zona de diffusão, segundo todas as probabilidades intimamente connexa, da saudação lacrimosa; comprehende as ilhas Adamanes, com a sua inferior população negroide, a Australia e a Nova-Zelandia (11).

Isto nos induz certamente a considerar como singular acaso o facto de que, em tres pontos diversos da terra e sem influencia reciproca, a evolução se tenha operado em um e o mesmo sentido, e que no extremo de cada uma das tres series no-mogeneticas se manifeste como resultado final um habito tão peculiar.

Ha uma consideração, porém, que diminue a duvida na possibilidade da multipla origem da saudação lacrimosa. Em todos os novos pontos em que foi verificada a existencia deste costume tratava-se de povos que se achavam em infimo gráo de cultura, entre os quaes era penosa a luta pela existencia e que viviam cercados de elementos hostis de toda a sorte.

(11) E. H. Man.—The Aboriginal Inhabitants of the Andaman Islands. Extracto do «Journal of the Anthropological Institute of Great Britain and Ireland.» London, 1881, Vol. X, pp. 79 80. Schurtz.—Urgeschichte der Kultur.—Leipzig, Wien.—1900, p. 186. —Schurtz evidentemente ignorava a existencia da saudação lacrimosa na America.

Se o estrangeiro, termina o Sr. Friederici, lograva atravessar o perigoso mar das Adamanes e pôr pé em alguma das suas ilhas; se, através das pradarias inhospitas e das ferozes tribus inimigas, alcançava a cabana de um Karankawa, ou se, escapando felizmente ás ciladas dos anthropophagos, chegava ao lar de um Tupi, sempre deixava após de se perigos, privações e fadigas certo dignas de serem lamentadas.

Que o disserto escriptor nos perdõe o modo imperfeito por que tornamos conhecido dos leitores brasileiros—a quem tanto deve interessar—o seu instructivo e criterioso estudo.

ALFREDO DE CARVALHO.

—o 2000—

VERBAS INEDITAS

DO

TESTAMENTO

DE

João Fernandes Vieira (*)

44—Comprei na cidade da Parahyba a pertença de seis moradas de casas, que foram de um Conego que morreu na Bahia, e deixou por herdeiro o Mestre de Campo Nicoláo Aranha Pacheco, que aqui as vendeu a João dos Santos de Faria, e estão edificadas na rua direita, que vai do largo da Misericórdia para S. Francisco.

45—Comprei a Manoel da Silveira Barboza duas moradas de casas..... que logo paguei.

46—Comprei mais a Jorge Homem Pinto..... casas de sobrado que estão na rua da Misericórdia junto da igreja, que se diz tem pertença nellas os religiosos do convento de N. S. do Carmo, e logo paguei.

47—Comprei na dita rua, no canto da praça do Pelourinho, todas as casas e pertenções que ahi tiuha Manoel Tavares, que morreu no Porto, e eu paguei ao Capitão Paschoal Teixeira como procurador da Misericórdia do Porto.

48—Comprei na capitania do Rio Grande quantidade de terras no Ceará-mirim a diferentes pessoas, como constará das escripturas, que de ditas terras tenho e as tem meus procuradores no dito Rio Grande, o Padre Leonardo Tavares de Mello, o Capitão Antonio Vaz e o Capitão Manoel de Amorim Soares, e todas paguei logo de contado ; e uma data na mesma pagagem.

(*) As demais verbas deste testamento já foram publicadas nesta *Revista*, N.º 25, pp. 18—32 e N.º 26, pp. 144—149 ; e na *Revista do Instituto Historico Brasileiro*, Vol. XXIII, pp. 387—398.

49—Tenho mais no dito Ceará-mirim toda terra devoluta que está do dito Ceará até o Porto de Touro, e toda a que se achar para a costa, e a mesma tenho pelo sertão, como consta da data e da posse que tomei, que me deu o Capitão Valentim Tavares Cabral para as povoar.

50—Tenho junto a S. Lourenço, que chamam a Muri-bara, meia legua de terra em quadro que foi de Jeronymo Paes, que tudo logo paguei.

51—Tenho junto e adiante do engenho S. Francisco, do Senhor André Vidal de Negueiros..... Tigipió, que vai para N. S. da Luz, meia legua de terra quadrada, que foi de Sebastião Bezerra, e a paguei.

52—Tenho em..... meia legua de terra quadrada, que pertenceu a diversos donos..... Felipe Cavalcanti de Albuquerque e sua mulher, e eu paguei logo.

53—Tenho na villa de Olinda datas de terras, chãos e casas, que foram de Manoel Mendes de Vasconcellos, que todas comprei ao Provedor da Misericordia da Villa do Conde, e paguei logo, como consta de escriptura e quitação.

54—Comprei na villa de Olinda todas as terras e fóros de casas que foram de..... que foram arrematadas em hasta publica..... de meu cunhado Francisco Berenguer de Andrada, e com traspasso que me fez ; as paguei em dinheiro de contado.

55—Comprei nesta villa todas as terras, olaria e sitio das casas que foram de Mauoel da Cunha, e paguei.

66—Tenho na dita villa, que herdei, e por doação e por direito que se me dera todas as terras e fóros de casas, olarias, e todas as pertenções que foram de Affonso Rodrigues Serrão e de sua mulher Isabel Ferreira, que tudo me pertence.

57—Tenho na dita villa, que comprei a Miguel Dias..... e a seus herdeiros as terras e casos da fundição, que partem com as de Manoel Mendes, e paguei logo.

58—Comprei em dita villa, que por morte deixaram duas casas..... ditos bens que constam por escriptura e por inventario que ia fazer dos mais bens por me dizer pessoa da qual ser herdeiro..... em dito, sendo por mim informado e reconhecido e serem afinal por invenção e testamenteiro.

59—Declaro que S. Magestade me deve dos meus sala-

rios vencidos na matricula de Pernambuco onze mil e tantos cruzados, como consta das contas que estão dadas com documentos em ditas matriculas.

60—Deve-me S. Magestade de dous annos que sustentei a infantaria na Parahyba quando ahi governei, como consta pelas quitações dos cabos e officiaes da fazenda, vinte mil cruzados, ou como consta dos papeis.

61—Tenho uma Provisão de S. Magestade, que me fez mercê em satisfação de serviços, de que podesse embarcar quatrocentas caixas de assucar livre de todos os direitos que se pagam na Alfandega de Lisbôa, o que deverá..... porque até agora não tive nada deste mercê.

62—Fez-me S. Magestade mercê em satisfação de serviços da administração das terras em que os Padres da Companhia de Jesus tiveram tres engenhos na capitania da Parahyba, de que se mandou passar Provisão, as quaes terras estavam em mattas, sem fabrica nenhuma, nem obras, nem ferros, nem casas, como consta por vesturia e avaliação que se fizeram por mandado de S. Magestade pelos officiaes de sua real fazenda, e depois da avaliação as pozeram em praça publica assim na capitania da Parahyba como na de Pernambuco.

63—Sua Magestade me fez mercê de uma Provisão em que por ella manda que não seja eu desapossado de fazenda nenhuma que eu tenha por minha, por nenhum governador nem official de justiça sem primeiro ser ouvido e disto dar-se as competentes provas em contrario.

~~.....~~

MINAS DE OURO E PRATA

NO

BRASIL ORIENTAL

EXPLORAÇÕES HOLLANDEZAS

NO

SEculo XVII

Entre os motivos que determinaram a famosa Companhia das Indias Occidentaes a conquista do nordéste do Brasil, certo não faltou a esperança de aqui deparar com alguma das cobriçadas jazidas de metaes preciosos, que faziam das colonias da contra-costa as joias mais fulgentes da corôa hespanhola.

Ainda então nada se suspeitava da existencia das opulentas betas auríferas, cuja prodigiosa abundancia deu mais tarde o nome a Minas-Geraes e permittio a D. João V comprar a Benedicto XIV o titulo de Fidelissimo e construir os claustros monumentaes e os altares scintillantes de pedrarias, tão caracteristicos da sua fastosa piedade.

Mas, já circulavam boatos persistentes de extraordinarios thesouros mineraes occultos nas entranhas da mysteriosa terra do Brasil: lembravam uns as minas de prata, «mais ricas do que as de ferro de Biscaya», cujo descobrimento, nos remotos sertões da Bahia, Belchior Dias offerecêra, em 1605, a Felippe III, e no encalço das quaes D. Francisco de Souza consumira em vão os annos do seu governo; recordavam outros os felizes achados que, no principio do seculo, Martim Soares Moreno fizêra no Ceará.

Entretanto, só depois da chegada dos holandezes foi que o assumpto mereceu as mais desveladas attentões.

Ainda em meio dos alvoroços da invasão, aquelles gananciosos mercadores e audazes rapinantes cuidaram logo em colligir diligentemente todas as informações possiveis sobre as celebradas minas, e empregaram todos os meios para descobri-las e explora-las.

Não obstante a sua proverbial astucia foram em geral victimas de engenhosos embusteiros, pagando bom dinheiro por minerios imprestaveis e falsos informes, ou perderam tempo e cabedaes minerando com grandes dispendios em sitios de onde jámais conseguiram retirar a minima particula de metal precioso.

Destes empreendimentos e insuccessos—que se renovaram em todo o transcurso ao dominio ueerlandez—se encontram noticias copiosas e ignoradas na volumosa correspondencia inedita enviada então para a Hollanda e da qual, graças á iniciativa do Dr. José Hygino Duarte Pereira, possui copia o *Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano*.

Foi á vista destes documentos officiaes, authenticos e quasi desconhecidos, que elaboramos o presente estudo.

I

Nas instrucções expeditas pelos directores da Companhia aos seus delegados civis e militares na conquista americana figurava, com intistencia notavel, a injunção de promoverem o descobrimento e a exploração de minas, e de que estes a procuravam cumprir zelosamente, temos exemplos reiterados.

Assim, já a 4 de Novembro de 1635, o Coronel Christovão de Artichofsky annunciava, de S. Gonçalo de Peripueira, em Alagoas, ter obtido a respeito importantes revelações de um certo religioso portuguez, de nome Manoel do Salvador, grande latinista e pessoa muito sizada.

Declarára o monge que, a oito leguas para o occidente daquella povoação, havia duas minas de prata, situadas em um monte chamado Itabayana, tão opulentas quanto as de Potosi.

O Rei da Hespanha, porém, não queria fossem trabalhadas, tendo ordenado a sua obstrucção e feito publicar que a ninguem era permittido explora-las por ser o minerio sem valor. Mas, na sua opinião isto não passava de um stratagemma para illudir o povo, porquanto acompanhára os commissarios reaes ás minas, afim de examinar o metal, e, com as suas proprias mãos, extrahira certa porção da rocha, a pulverisára em um morteiro, levára-a assim ao lume e verificára conter a mes-

ma cinco reaes ou dous tostões de prata por libra ; affirmára mais ainda residir no mencionado monte, junto ás minas, um dos seus amigos chamado Lopo de Montalvão, que se occupava em segredo com extrahir a prata e exporta-la.

O clerigo tão pressuroso em confiar ao iuvador estas valiosas indicações, não era, porém, outro senão Fr. Manoel Calado—futuro chronista da «guerra da restauração pernambucana» e autor do *Valeroso Lucideno*—e isto nos leva a suspeitar zombasse apenas da credulidade do nobre polaco, que alugára a sua bravura e sciencia militar aos cupidos traficantes do Amsterdam, o solerte eremita de S. Paulo.

Não consta se houvésse procurado averiguar a veracidade das declarações do frade, e nem é de presumir a existencia de jazidas argentíferas na bacia cretacea de Sergipe-Alagôas.

Mas, dous annos após, iniciaram os holandezes, em outro lugar, serias tentativas de mineração.

No relatorio ou carta collectiva, de 28 de Março de 1637, os membros do Supremo Concelho do Brasil communicavam á Assembléa dos XIX ter resultado do inquerito a que haviam procedido existirem pelo menos quatro minas de prata e de outros metaes nas capitánias conquistadas, sendo uma atraz do Cabo de Santo Agostinho, outra em Terra Nova, terceira em Capauára e quarta, da qual haviam mais certeza, na capitania do Rio Grande, proximo as cabeceiras do rio Cunhaú.

Desta ultima tinham obtido noticias precisas e até amostras do minerio, que submettido á analyse de um ourives foi por este julgado muito rico em prata, encerrando cada libra cerca de cinco florins daquelle metal de mistura com algum ouro.

Semelhantes indícios os moveram a confiar a empresa do descobrimento da mina ao commandante Albert Gerritzoon Smient, que partio levando em sua companhia, além da necessaria escolta e do mestre mineiro Paulus Semler, certo portuguez de nome Pedro Xara Ravasco e alguns indigenas na qualidade de guias, por dizerem que, annos antes, haviam estado no sitio procurado com o velho Albuquerque, pae de Antonio de Albuquerque.

Do relatorio seguinte, de 6 de Maio, consta que Smient, depois de muito procurar, encontrára, nas nascentes do rio Cunhaú, uma mina, da qual trouxera pedaços de minerio que

parecia argentífero, não garantindo, porém, fôsse da mesma mina anteriormente vizitada pelo Albuquerque e de onde este retirára todo o mineral que mandára para Portugal.

As suppostas jazidas do Cabo e de Capauára ainda não tinham sido examinadas ; mas, quanto á de Terra Nova já sabiam não ser metallífera e sim conter apenas pedras muito alvas e brilhantes.

Garantindo o mestre-mineiro que a rocha de Cunhaú encerrava ouro e insistindo os Directores da Companhia no proseguimento das explorações, e Supremo Concelho deliberou aprestar nova expedição e, attenta a importancia do assumpto, escolheu para dirigil-a a um dos seus proprios membros, o energico e intelligentissimo Johau Gysselingh.

Seguido de numerosa companhia, da qual faziam parte o Concelheiro Politico Balthasar Wijngis, o já citado Paulus Semler, varios mineiros desertados dos nossos, e um troço de indios conduzindo pás, enxadas, picarêtas, alavancas e a provisão de mantimentos, alcançaram o sitio em que asseveravam se encontrava a mina.

Após quinze dias de continuo trabalho através da rocha, que perfuraram até a profundidade de dezeseis pés e cujo aspecto os entendidos diziam ser cada vez mais promettedor, começaram os viveres a escassear e assim foram obrigados a voltar para o Recife, trazendo grande quantidade de minerio, de que foram enviadas tres barricas para a Hollanda.

Nada encontramos, nos manuscriptos consultados, com referencia ás analyses a que, sem duvida, ali foram sujeitas estas amostras ; apenas, no relatorio de 15 de Janeiro de 1638, de onde traduzimos os periodos precedentes, se lê que os ourives de Pernambuco persistiam em affirmar que encerravam ouro ; mas, devido a ser por demais «vegetal» (*sic*) não era possivel separa-lo.

Não ficou, porém, nisto a exploração da mina de Cunhaú, conforme adiante veremos.

Entremettes se occupou o Supremo Concelho com a offer-ta da indicação de outra jazida preciosa.

Das actas das nossas sessões, reza o relatorio de 24 de Maio de 1639, vereis como um certo Bento Henriques, judeu ha pouco aqui chegado da Hollanda, nos declarou poasuir um

grande segredo, que estava disposto a nos revelar mediante determinadas condições ; sendo estas exorbitantes recuzamo-las *in-limine*, e procuramos persuadi-lo a acceitar as clausulas do regulamento expedido por V. Excs., ao que tambem não se quiz resolver, pelo que lhe demos tempo para pensar.

« Demorando-se muito em nos trazer resposta, convidamo-lo a vir novamente á nossa presença e, depois de longos debates e discursos pertinentes á materia, lhe offerecemos as vantagens do regulamento ; como não lhe parecessem satisfactorias permittimos formulasse outras condições, que se approximassem o quanto possivel daquellas. Poucos dias depois voltou, apresentando por escripto nova proposta, persistindo na exigencia de uma pensão perpetua para os seus descendentes, e reduzindo a 30 % a metade dos lucros liquidos que a principio estipulára ; negamo-nos ainda a acceita-la, propondo-lhe finalmente uma gratificação unica de 25000 florins e o dizimo do rendimento durante cinco annos, caso se verificasse ter valor o seu segredo, que declarou ser uma mina. »

Bento Henriques não annuo a este offerecimento e, em quarta audiencia, solicitou permissão para regressar á Hollanda, pois, uma vez que o Supremo Concelho não tinha poderes para com elle negociar fóra das clausulas do regulamento, pretendia tratar directamente com a Assembléa dos XIX ; o Concelho, porém, embargou-lhe a viagem receiando que ali pudesse divulgar o segredo en. prejuizo da Companhia.

Em 13 de Setembro de 1640 informava mais que Bento Henriques tinha ido em pessoa á supposta miua e de lá trouxera algum minerio, que examinado pelo Concelheiro Bas foi verificado não ter prestimo algum, contendo sómente materias solueis e chumbo ; outrosim que as pretensas jazidas estavam situadas ao sul do Rio S. Francisco, em territorio ainda disputado pelo inimigo, muito longe da costa, e não haver escravos disponiveis para trabalha-las, porquanto, mesmo para o serviço dos engenhos, havia falta delles.

Terminava o Supremo Concelho ponderando judiciosamente : « Não ha duvida que com o tempo chegaremos a descobrir minas aqui ; mas, actualmente o negocio de maiores vantagens para a Companhia é o dos assucares. »

No entretanto memoremos como fracassou outra empreza mineira, não obstante ter visado, ao que parece, um objectivo mais real.

II

A 3 de Setembro de 1641 o Conde Mauricio de Nassau se despedia, á porta do seu alcazar da Boa-Vista, na ilha de Antonio Vaz, de Elias Herckmans que partia á descoberta de minas de ouro, a frente de uma caravana de cento e treze pessoas.

O chefe da nova expedição era um homem, dotado de raras qualidades de acção e de um espirito singularmente culto, a quem morte prematura obstou attingisse á posição culminante com que certamente seriam premiados os seus meritos ; os feitos de guerreiro audaz, realizados na gloriosa aventura contra o Chile em 1643, e os dotes de escriptor disertor, revelados na tão apreciada *Descripção da Parahyba* e no poema heroico *Elogio da Navegação*, testemunham do quanto tinham os seus compatriotas a esperar da sua actividade nas armas e nas letras.

Para o commettimento a que então se abalançou buscára reunir todos os elementos garantidores de exito : escolhéra como capitão experimentado os companheiros de jornada ; a amizade de Nassau lhe franqueára os armazens de viveres e munições, e de um velho portuguez, o alcaide Manuel Rodrigues, que já em 1625 havia emprehendido igual viagem, collhéra dados circumstanciados para o itinerario a seguir.

Nos primeiros dias, emquanto atravessava as mattas frondozas da zona littoranea, a caravana avançou celere e animada por largos trilhos rasgados na espessura da selva pelo machado dos *brasileiros* : havia agua a fartar, caça em abundancia. Após, no breve transito pelo *agrêste*, uma e outra começaram a minguar, e logo veio a faina de desbravar o caminho na vegetação enredada, resequida e resistente da *catinga* vasta.

Vencida esta aos olhos pavidos dos aventureiros se dilatou o panorama grandiosamente selvagem do sertão infindo, e principiou a dolorosa peregrinação de semanas e semanas pelo sólo inhospito e queimado dos longos taboleiros adustos ;

mais certos e mortíferos do que as balas do melhor arcabuz biscainho, os dardos de fogo do sol inclemente abatiam os apopléticos mercenários allemães, irlandezes e flamengos, e os índios auxiliares riam á socapa vendo os formidáveis *tobatingas* cahirem fulminados pelos raios do *coaracy*.

Em contraste com os dias abrasados as noutes pareciam frigidísimas—e era a vez dos índios gemerem tiritando.

Para aquilatar das privações e dos soffrimentos dos miseráveis expedicionários, é mistér acompanhar dia a dia as trágicas peripecias da infeliz empreza na narrativa realista de Herckmans.

Alma de bronze, resistindo impune ás fatalidades climáticas, este debalde tentava levantar a coragem da sua gente apontando para um cabeça abrupto que ao noroeste irrompia no horizonte violáceo da planície interminável: era ali Capoaba e a mina de ouro.

Ninguém o attendia. As razões ameaçavam de se esgotar, e a falta d'água! A sede comburente!... A ancía torturante pelo murmurio salvador da lympha crystalina de uma fonte!... Sede, que extinguiu no animo dos mais resolutos a do flavo metal; ancía, que adormentára no peito dos mais ousados a de fabulosos thesouros! Não, era forçoso retroceder.

De nada valeu a fortaleza estoica do chefe: retrocederam.

E, em principios de Novembro, a expedição, decimada, exausta, esfarrapada, famélica e—o que era o peor—de mãos vazias, entrava em Mauritstadt.

Surprehende á primeira vista que as emprezas anteriores a Canhaú, tendo aparentemente maiores distancias a vingar, não padecessem de calamidades iguaes ás da de Herckmans; isto, porém se explica facilmente se considerarmos que as primeiras foram realisadas na estação invernosá e seguiram a faixa, mais ou menos povoada e fértil da costa e depois subiram para o oeste acompanhando sempre o curso do rio, emquanto que a ultima partio rumo quasi directo do noroeste e no principio da calma estival.

Quanto ás jazidas auríferas que o denodado explorador não logrou alcançar, podemos com muita plausibilidade admitir fôsem as mesmas minas da Cachoeira do Riacho das Bruscas, situadas no antigo termo da Villa da Princeza, no interior

da Parahyba, e trabalhadas com algum resultado, de 1863—65, pelo Commendador Jorge Tasso.

O completo mallogro da expedição de Herckmans não amorteceu nos invasores a esperança de arrancar do sólo brasileiro riquezas iguaes ás da Nova-Hespanha e do Perú.

As explorações foram renovadas a breves intervallos.

Em principio de 1643 certo capitão Niemeyer, enviado ás suppostas jazidas de Itabayana, em Sergipe, regressava trazendo amostras de minerio, logo remetidas para a metropole; Barlaeus fala ainda de outra viagem, effectuada na mesma epoca e com iguaes intuitos, aos sertões da Parahyba, pelo famoso aventureiro Rudolph Baron, mais conhecido pelo nome de Roulox Baro; desta, porém, não encontramos noticia alguma nos documentos compulsados.

Em compensação se nos depararam abundantes com referencia á terceira tentativa ao Cunhaú, dous annos depois.

Obedecendo a ordens reiteradas o Supremo Concelho, a 13 de Fevereiro de 1645, communicava aos directores da Companhia:

« Afim de obter quatro ou cinco barricas de minerio das jazidas da capitania do Rio Grande, onde anteriormente estiveram os Srs. Albert Smient e Johan Gysselningh, conferenciamos com o pregador Jodocus á Stetten sobre o melhor meio de consequil-o, para na primeira occasião ser enviado a V. Exc., bem como a respectiva memoria. »

« O mencionado Jodocus allega já ter estado naquellas minas e affirma que segundo as apparencias, é muito de esperar ali se achem metaes preciosos; não dispondo de outra pessoa melhor conhecedora dos caminhos para lá e da situação da propria mina, o incumbimos da empreza. »

A escolha necessitava realmente destas justificações, porquanto á Stetten, mixto impuro de vizonario e de embusteiro, estava longe de offerecer a idoneidade exigida para semelhante commissão.

Viéra ao Brasil, já nos primeiros tempos da invasão, no pio mistér de sacerdote calvinista; mas, como tantos outros dos seus collegas transportados para aquem do Equador, desdenhára a salvação das almas por occupações mais profanas, se bem que não chegasse ao extremo de um certo Jan Luyberts

van Loo, pastor da igreja reformada na Parahyba, que requereu para ser nomeado carrasco.

Por muitos annos percorrêra as capitánias conquistadas, fôra prisioneiro dos portuguezes, e dedicando-se a negociatas pouco licitas chegára, em 1639, a ser deportado ; perdoado pouco depois começou a apresentar ao Supremo Concelho intermináveis petições para ser remunerado pelos bons serviços prestados á Companhia, e á incumbencia que então lhe foi confiada parece não ter sido estranho o desejo de afastar um sollicitante importuno.

Jodocus, porém, tomou a serio o seu papel de descobridor de minas e, a 24 de Junho de 1645, relatava assim o inicio da sua empreza :

« No ultimo de Fevereiro dei principio a esta minha jornada, cheia de difficuldades e de perigos, que durou até o dia 22 de Março, quando cheguei ao lugar da mina, por mim muito bem conhecido.

« A 23, depois de fervorosa invocação ao Senhor, dei alegremente começo aos trabalhos (não sem grandes riscos e perigos para a minha vida), com que prosegui sem interrupção até o dia 29, quando encontrei as velhas ferramentas ali deixadas sete annos antes, as quaes estavam tão bem conservadas como se fossem novas e nos foram de grande prestimo.

« Emfim, a 5 de Abril, achando-nos na profundidade de tres braças, permittio a Divina Misericordia que déssemos com um veio de seis pollegadas de alto e quatro de largo, pelo que agradecemos a Deus Todo Poderoso. Depois de lhe render graças e de invocar o seu Santo nome, desci ao fundo da mina e enchi com o minerio do veio um ancora, afim de ser remettida aos Exms. Srs. da Assembléa dos XIX.

« Em seguida avançamos com a excavação até que, no ultimo de Maio, Deus nos fez a nova mercê de encontrarmos segundo veio de doze pollegadas de alto e seis de largo, que atravessa pelo meio da camara da mina, correndo de N N. O para S S. E. ; por este motivo nos devemos transportar nesta direcção para o monte distante tres milhas d'ali, e lá abrir oito excavações, afim de mais depressa e melhor chegarmos ao tronco do veio, do qual já descobrimos dous ramos, bem como á sua

raiz, onde é de esperar se ache a sua maior riqueza, para o que rogamos a Deus nos conceda a sua divina graça. »

Depois de assim annunciar a feliz descoberta, e tendo mais uma vez enumerado os seus importantes serviços anteriores, Jodocus solicitava como recompensa, caso se proseguisse com a exploração da mina, lhe fôsse concedido, para se e os seus descendentes, o cargo de Inspector Geral das Minas (*Generael berghverwalter*) do Brasil—cargo que reputava dos mais espinhosos e exigir conhecimentos especiaes -- e mais o dizimo do metal extrahido durante dez annos.

Igualmente escrevia longa epistola, recheiada de citações biblicas, á Assembléa dos XIV pedindo se dignasse, para progresso da obra encetada, de ordenar a remessa de dous fôrnos de prova com todos os seus pertences, todos os regulamentos de minas que se podessem obter na Hungria e na Allemanha, e bem assim os livros de todos os philosophos que haviam escripto sobre mineração, como Salomão Avicebronius e Theophrastus.

A esta carta fez acompanhar um grosseiro *croquis* da situação da mina, á margem de um rio, provavelmente o Cunhaú.

Foi, porém, de breve duração a carreira de Jodocus á Stetten como explorador de minas. Ao tempo que redigia, cheio de esperanças, a narrativa dos seus portentosos descobrimentos rebentava a insurreição pernambucana, as guerrilhas de Camarão começavam a infestar o territorio onde jaziam os seus pretensos thesouros, e o Supremo Concelho se absteve de renovar tentativas em direcção ao Cunhaú.

III

Quatro annos mais tarde foi ainda o Rio Grande do Norte theatro de outras pesquisas de metaes preciosos por parte dos hollandezes.

O Capitão João de Albuquerque, prisioneiro dos invasores havia já bastante tempo, resolveu recuperar a liberdade especulando com a sua insaciavel cobiça.

A 25 de Setembro de 1648 apresentou ao commandante do forte Ceulen ou dos Reis Magos, onde estava retido, uma

memoria sobre certa mina situada no monte Tapiana—Itabayana (!).

« Em primeiro lugar devo declarar, lê-se no documento, que o monte dista d'aqui doze leguas.

« Partindo-se d'aqui anda-se seis milhas ao longo do rio Camberye, deixa-se este á mão direita e anda-se outras seis milhas em direcção ao noroeste ; chega-se então a um monte que se estende de sul a norte, tem quatro milhas de comprido e é inteiramente despido de vegetação.

« Na sopé do monte se encontra alguma areia de que se devem trazer amostras, e bem assim do alto, cavando até a profundidade de quatro dedos, e em tres ou quatro lugares diferentes, porquanto Vicente Roberto e o indio Felippe Vieira, no anno de 1632, trouxeram amostras de tres lugares. Em um dos flancos do monte ha uma ponta mais alta do que a outra, e nesta ponta existe uma cruz. »

Interrogado no mesmo dia pelo commandante do forte, confirmou as suas declarações escriptas, accrescentando conter o monte uma mina de prata e advirtindo que se não devia confundir o lugar indicado com o de igual nome, situado em Sergipe d'El-Rei, onde anteriormente os portuguezes haviam revelado existir aquelle metal.

Levado o facto ao conhecimento do Supremo Concelho, este delegou um dos seus membros, M. van Goch, para novamente inquerir o prisioneiro, que foi mandado transportar ao Recife.

Neste segundo interrogatorio, que se realisou a 16 de Dezembro, João de Albuquerque declarou que do mesmo monte vinha tambem ouro, do qual as suas filhas ainda traziam brincos ; mas, que este não fôra escavado e sim encontrado junto ao monte á flôr da terra, como que tendo sido trazido do alto pelas aguas.

Disse que silenciára até então sobre esta mina porque esperava, com a mudança dos tempos, della tirar proveito proprio ; mas convencido pela cortezia dos Srs. do Supremo Concelho sentia-se obrigado a lhes revelar o seu segredo.

Perguntado como explicava que, seguindo no seu dizer, o caminho para o monte Itabayana em direcção ao noroeste, acima do rio Camasaribi, havia um monte chamado Itabayana,

situado acima do rio Potengy, do lado do sudoéste, respondeu ignorar a existencia deste outro monte, mas, acreditar existisse, porquanto Itabayana era palavra indigena muito vulgar, servindo para designar todos os montes pedregosos.

Ao terminar o depoimento o prisioneiro entregou ao Concelheiro van Goch segunda memoria, na qual asseverava que o ouro era extrahido de um lugar baixo no sopé do monte, do lado do leste ou do nascente, e que do lado do oéste se tirava a prata de umas fendas abertas no flanco do monte pelas chuvas.

Comquanto as revelações de João de Albuquerque merecessem muito pouco credito e fossem evidentemente engendradas para, por um ou outro meio, escapar á prisão, o Supremo Concelho não as desdenhou, enviando Pieter Persijn, commandante dos Tapuias, com alguma gente, a examinar o lugar indicado.

Este, muito pratico dos camiuhos e guiado pelos indigenas, voltou dizendo não haver encontrado monte algum no sitio designado; mas, que em direcção opposta, nove milhas ao sudoéste do forte Ceulen e ao sul do rio Potengy, havia realmente um monte chamado Itabayana do qual trouxéra algum minerio, sem demora remettido aos directores da Companhia.

Esta discordancia robusteceu as suspeitas de impostoria por parte de João de Albuquerque, a quem o Supremo Concelho não quiz mais ouvir, reservando-se a proseguir opportunamente com as investigações no lugar descoberto por Pieter Persijn; é, porém, pouco provavel que chegassem a ser effectuadas: pelo menos nada mais consta a respeito na correspondencia por nós examinada.

Resta-nos agora referir a ultima e mais importante das tentativas de mineração emprehendidas pelos hollandezes no Brasil Oriental, e que durou por espaço de cinco annos, só terminando com a expulsão dos invasores em 1654.

A 18 de Março de 1649 fez-se véla do porto do Recife uma esquadilha composta dos hyates *Geele Sonne*, *Synergael* e *Vlissigen*, do barco *Capodello* e de uma pinaça, transportando duzendas e noventas e oito pessoas, entre marinheiros, soldados e indios.

Como seu commandante ia Mathias Beck, habil aventureiro, a quem o Supremo Concelho confiára a missão de reoc-

cupar o Ceará, desamparado após a perda do Maranhão, no intuito principal de descobrir as minas de prata de que havia noticia em varios pontos daquela região. As informações dos indigenas designavam dous lugares de onde os portuguezes haviam outr'ora retirado minerios preciosos: o monte Itarema, vizinho do littoral e contiguo á serra de Maranguape, indicado pelo velho Gaspar Paraupaba como sendo o sitio vizitado por Martim Soares Moreno nos começos do seculo, e o de Ussúapaba ou Upuapaba, tambem mencionado por João de Albuquerque, e que diziam demorar cerca de oitenta leguas mais ao norte, para os lados de Camocoy ou Cameresiby, onde habitava o gentio Tremembé.

Os expedicionarios desembarcaram, a 5 de Abril, ao norte da ponta de Moeripe e logo deram principio á construcção de um forte, ao qual denominaram de Schonenburch. Procuraram, com bom exito, entabular relações com os indios da terra e iniciaram, sem demora, os trabalhos da exploração do monte Itarema, em que perseveraram com admiravel constancia.

Fundados na substancia do *Diario* de Mathias Beck e das suas cartas ao Supremo Concelho, que nos abstemos de traduzir aqui (1) pela sua abundante materia, faremos apenas rapida exposiçõ dos successos da empreza.

Iniciados os trabalhos de mineraçõ por dous profissionaes allemães, Hans Simplisel, de Cassel, e Carel Helbach, de Christnach, auxiliados por alguns escravos negros e muitos indigenas, foram as primeiras amostras da rocha extrahida submettidas ao exame do ourives ou prateiro, mestre Jonas, que repetidas vezes apresentou pequenos fragmentos de prata de lei aparados da mesma.

Por varias vezes tambem foram porções do minerio analysadas no Recife, chegando-se a retirar de tres libras delle

(1) O *Diario da Expediçõ de Mathias Beck ao Ceará*, abrangendo os factos occorridos desde 20 de Março a 3 de Maio e de 23 de Julho a 9 de Setembro de 1649, foi por nós traduzido do hollandes e publicado no livro do *Tricentenario do Ceará*, em 1903 (pp. 333—417, com 1 mappa), bem como na *Revista do Instituto do mesmo Estado* (Vol XVII, pp. 324—405). Da sua correspondencia temos tambem adiantada a traducçõ a apparecer na mesma *Revista*.

cerca de quatro soldos de prata, e igualmente foram examinadas, com resultado promettedor, amostras provenientes de Camocy.

Mas, a exploração systematica limitou-se ao monte Itarema, onde se realisaram profundas e extensas escavações, e de onde foram remetidas para a Hollanda barricas e mais barricas de minerio, que, apezar de não apresentar a riqueza esperada, parecia indicar a proximidade de veios preciosos.

E á procura destes continuou perseverantemente Mathias Beck, até que, chegando ao Ceará a noticia da capitulação de 27 de Janeiro de 1654, abandonou a empreza e refugiou-se com a sua gente para a ilha de Barbados.

Assim terminaram as infructiferas tentativas de mineração comprehendidas pelos hollandezes no Brasil Oriental.

ALFREDO DE CARVALHO.

- - - - -

VIAGENS NO BRASIL

Provincias de Pernambuco, Ceará, Parahyba,
Maranhão, etc.

Uzos e costumes dos habitantes desse paiz, por Henry Koster.

Traduzidas para o francez por M. A. Jay e do francez para o portuguez
por Antonio C. de A. Pimentel, amanuense do Instituto
Archeologico e Geographico Pernambucano.

Publicado em Paris em 1846. — 1. volume

(CONTINUAÇÃO DO N. 60)

CAPITULO VIII

VOLTA.—DE FORTALEZA A NATAL.—OS SERTANEJOS.—O
GADO.—A CÉRA VEGETAL.—DE NATAL AO RECIFE

Naquella epoca um vestido de algodão, manufacturado na Inglaterra, custava de oito á doze mil réis, porque o monopólio do commercio ficava ao arbitrio dos negociantes do Recife, e os demais artigos estavam na mesma proporção. Os elevadíssimos preços das fazendas da Europa, faziam com que somente os ricos as possuíssem. Entretanto desde a abertura dos portos ao commercio estrangeiro, os negociantes inglezes começaram a espalhar-se pelo paiz e os mascates já são ali numerosos.

As mulheres sertanejas pouco apparecem aos estranhos, e quando isto acontece não tomam parte na conversa. Quando estão presentes e os homens falam, conservam-se acocoradas ao lado da porta que deita para o interior da casa, limitando-se a ouvir. O procedimento dos homens não é mui regular, sendo por tanto natural acreditar-se que o seu desregramento inflúa

na conducta das mulheres ; os sertanejos, porém, são bastante ciumentos e vê-se dez vezes mais mortes e brigas por esse motivo do que por outro qualquer. São vingativos, e, apesar da lei, cada qual faz justiça por suas próprias mãos. Ha decerto atrocidade nesses actos e nem eu pretendo de modo algum justificar-os ; mas quando se procuram as causas dos assassinatos praticados ou das surras dadas, notei sempre que o morto ou o surrado soffrera apenas merecido castigo.

O roubo no sertão é quasi desconhecido ; nos bons annos o solo é fertilissimo para que a necessidade possa impellir ao latrocínio, e nos annos de penuria todos soffrem do mesmo modo, e n'um paiz productivo em que os homens são todos bravos e dispostos, tanto uns como os outros, cada qual deve procurar os meios de subsistencia em tudo menos no roubo. Seja lá como fôr, considero os sertanejos boa gente. São trataveis e susceptiveis de instrucção, excepto em materia de religião, porque a este respeito são *cabeçudos* e nelles estava por tal fórma enraizada a ideia de que um inglez não podia deixar de ser heretico que só com infinito trabalho, eu, portador de figura humana, consegui convencel-os de que não pertencia a uma raça de animaes desconhecidos.

Extremamente ignorantes, bem poucos d'entre elles possuem as mais simples noções da leitura e da escripta. Sua religião limita-se á pratica de certas ceremonias, á frequentes repetições de orações e á adoração de reliquias ; acreditam em feitiços e em outras chimeras semelhantes. Os sertanejos são valentes, francos, generosos e hospitaleiros. Quando se lhes pede qualquer coisa não sabem negar ; negociando-se porém com elles, mudam de character e procuram sempre illudir porque vêem no resultado da transacção uma prova de habilidade de que se lisonjêam.

A seguinte anedocta dá ideia da indole desses homens : Um sertanejo veio do interior com grande boiada de cuja venda fôra incumbido e negociou-a mediante uma demora do pagamento de dous ou tres mezes. Morando longe e não podendo voltar expressamente para receber o dinheiro, esperou mesmo na cidade que findasse o praso estipulado. Antes porém do vencimento da divida o devedor achou meios de fazê-lo preunder, e fingindo-se compadecido, foi á cadeia visital-o ; lá deu

a entender que se lhe fizesse um abate na divida, poderia talvez obter-lhe a liberdade. O sertanejo acceitou e foi logo solto. Não tardou entretanto a saber como a cousa tinha sido arranjada pelo devedor e que este só o fizera para não pagar a divida apesar de tão legitima e effectivamente o sertanejo nada poude receber. Communicando a aventura á gente do *sertão* que o tinha encarregado de negociar o gado, teve em resposta que o dinheiro não valia grande cousa, mas que se fazia indispensavel assassinar o devedor ou renunciar a voltar á terra porque se não vingasse a affronta seria lá punido elle proprio.

O sertanejo, que fingira a maior gratidão para com o devedor pelo valioso serviço que lhe prestára pondo-o em liberdade, e absoluta ignorancia de sua culposa conducta, fez logo os preparativos de viagem. No dia da partida, montado á cavallo, dirigiu-se com dous companheiros á casa d'aquelle de quem resolvêra desfazer-se, entrega á redea a um dos companheiros e entra. Approximando-se do dono da casa, estende-lhe a mão como para despedir-se e nessa occasião enterra-lhe a faca no flanco. Sae immediatamente, salta sobre o cavallo e á grande galope fogem os tres. Estando armados, ninguem se atreveu a impedir-lhes a fuga e como muitos patricios se achassem já á espera delles ali perto, ganharam para a sua terra sem apparecer quem ousassem prendêl-os, embora a scena se passasse n'uma grande cidade.

Este acontecimento deu-se ha muitos annos, mas os parentes do assassinado não mudaram a resolução de vingar-lhe a morte se um dia o assassino lhes cahir nas mãos. Muita gente póde attestar a veracidade desta historia.

A côr dos sertanejos varia da branca á trigueira e essas variedades são tão numerosas que mui raras vezes vê-se duas pessoas de côr exactamente equal. Os filhos do mesmo pae e da mesma mãe saem, mais ou menos, morenos, a differença é sempre sensivel, e em muitos casos é tão notavel que poderia dar lugar a duvidas sobre a legitimidade do nascimento delles; isso porém é tão commum que taes duvidas não teriam razão de ser.

O filho de dous individuos, um branco e outro preto,

de ordinario pucha mais á côr de um do que a do outro, e acontece que terceiro filho tenha côr opposta. (1)

Estes observações referem-se não só ao *Sertão*, mas também a todos os lugares do paiz que visitei. O *Sertanejo*, poudo de parte a côr, é bonito ; as mulheres, quando moças, possuem formas graciosas e muitas lindos traços. Vi naquellas paragens pessoas de tal alvura que na Europa seriam admiradas. Os habitantes do interior, canstantemente expostos aos raios do sol, cuja força é maior a certa distancia do mar, são muito mais trigueiros do que os da costa ; essa côr escura, porém, que parece permanente é de aspecto mais agradável do que a amarelenta dos doentes em nossos climas.

Os individuos que moram nas fazendas de gados e se acham incumbidos da criação d'elles, chamam-se *vaqueiros* e são pagos com uma parte dos bezerros e poldros que apanham ; dos carneiros, cabras, e porcos, não prestam contas ao proprietario, e o proprio gado grosso é contado com bem pouca exactidão ; de maneira que essa profissão além de agradável, é lucrativa, sendo todavia penosas as obrigações della, porque exigem extrema actividade, muita coragem e bastante força muscular. Alguns proprietarios moram nas suas fazendas ; a mór parte, porém, composta de gente rica, habita nas cidades das vizinhanças da costa, ou occupa-se do plantio da canna de assucar e da criação do gado ao mesmo tempo.

No Rio Grande, na Parahyba e no Ceará não ha gado selvagem, propriamente dito (2). Duas vezes por anno juntam-se os vaqueiros de differentes fazendas para reunir os animaes. Tangem todas as vaccas até o terreno que fica em frente da

(1) Uma mulata disse-me um dia : «Filho de mulato é como filho de cachorro, um sae branco, outro pardo, outro preto ; o que, pouco mais ou menos, quer dizer : os filhos de mulato, como os cachorros, são de todas as côres.

(2) Manceb' de Arruda Camara, cujas obras foram publicadas em 1810, diz que antes da terrivel secca de 1793, era conside ada como uma das obrigações dos vaqueiros, a destruição do gado bravo, afim de evitar-se que misturando-se com o meio domesticado, não o tornasse tambem bravo ou selvagem ; acrecentando que esta precaução é sempre adoptada nos sertões do Piahy.

casa, d'onde cercadas por varios homens á cavallo, são conduzidas para grandes curraes ; ali os homens se apeiam, e se algumas vaccas tornam-se inquietas ou furiosas, como frequentemente acontece, atiram-lhes sobre os cornos uma corda corre-dica afim de laçal-as. Possuem outro methodo, que consiste em passar o laço em torno de uma das pernas trazeiras do animal ; fazem girar a corda, de modo a rodear-lhe o corpo e por essa fórma derribam-no. Pegam depois os bezerros, o que é facil, e marcam-nos na côxa direita com o ferro do proprietario.

Quando se trata de reunir os bois, a cousa é mais difficil, mais perigosa e quasi sempre o cavalleiro tem necessidade de picar alguns com a comprida vara de ferrão de que já fallei. Quando o vaqueiro chega-se ao boi, e este foge para o matto, segue-o mais de perto possível, afim de aproveitar-se da abertura que faz o animal desviando os ramos os quaes reaproximam-se logo voltando á primitiva posição.

As vezes o boi passa por debaixo de galhos grossos e de pouca altura e o cavalleiro precipita-se na mesma direcção, e afim de poder passar tambem, inclina-se para a direita de fórma tal que pôde segurar a cilha com a mão esquerda, pendurando-se ao mesmo tempo ao selim com o pé esquerdo ; nessa posição e quasi que arrastando-se pelo chão, com a vara na mão direita, segue o boi sem afrouxar a carreira do cavallo, voltando a sentar-se na sella apenas franqueado o obstaculo. Logo que alcança o animal empurra-lhe o ferrão e se o faz com destreza, derruba-o. Apeia-se então, liga-lhe as pernas juntando-as, ou passa uma das deanteiras por cima dos chifres o que basta para ficar senhor delle. Os homens que se entregam á esse exercicio sahem feridos muitas vezes, mortalmente porém, quasi nunca.

Por occasião de atravessar o Ceará-Merim fallei de uma vacca que se affastára do seu pasto habitual para grande distancia. A inclinação de andar vagando é commum entre os animaes cornigeros, e nem sempre é occasionada pela falta de alimento ou d'agua. Muitos vaqueiros que nas epochas de reunir-se o gado, vão longe auxiliar os collegas, reconduzem de fazendas que ficam a vinte ou mais leguas quantidade de animaes de seu ferro. Quando o viajante soffre falta d'a-

gua, o que de melhor tem a fazer é seguir o rastro dos animaes porque de ordinario o caminho que indica conduz em linha recta á fonte mais proxima. Estes caminhos, estreitissimos, são faceis de reconhecer ; por cima delles os ramos estão uuidos e por baixo ha apenas uma apertada verêda coberta, da altura dos animaes que a atravessam.

Cada lote de eguas, composto de quinze ou vinte cabeças, é posto em cercados com o seu *garanhão* (pae d'egua) ; os pôtros marcam-se do mesmo modo que os bezerros. E' de notar, e a cousa me foi varias vezes repetida, que o garanhão enchota do bando, quando já se acham fortes, não só os pôtros, mais ainda as pôldras. Já eu tinha visto dois exemplos disso ; a pessoa que me dava esses detalhes, accrescentou que o garanhão que se esquece de cumprir essa obrigação é retirado do bando e mettido na cangalha, por não convir ao serviço que delle se exige.

Quando se quer amansar um cavallo procede-se do seguinte modo : depois de posto n'um curral, prendem-no á uma estaca. No outro dia, e ás vezes tambem na tarde do mesmo, se elle se mostra inteiramente docil, botam-lhe uma sella baixa e o cavalleiro saltando sobre elle o contem por meio de dupla cabeçada. O animal corre com toda a velocidade das pernas e, longe de impedil-o, o cavalleiro excita-o á carreira, não usando todavia do chicote nem da espora, senão quando é manhoso e se recusa a caminhar.

Asseveram que os cavallos de boa raça são os mais faceis de domar. O cavallo assim atirado corre até fatigar-se e depois é guiado brandamente pelo cavalleiro ; em muitas occasiões acontece não voltar ao cercado no mesmo dia.

O cavalleiro não deve apeiar-se antes de chegar ao lugar d'onde partio porque lutará com a maior difficuldade em repór o animal no caminho. Prosegue-se no mesmo manejo por todo o tempo preciso até que o animal se ache completamente manso. As vezes por violento esforço, o cavallo consegue desembaraçar-se de todo do cavalleiro e da sella, e nesse caso passa-se longo tempo antes de tornar a vel-o : entretanto á não ser que a cilha se parta, é raro conseguir elle dar com o cavalleiro no chão porque os sertanejos são excellentes escudeiros.

Em geral, os cavallos são pequeninos, mas bemfeitos

existem muitos, embora pouco se occupem em melhorar-lhes a raça. A côr é de grande importancia na escolha desses animaes, porque algumas são consideradas mais do que outras, como importante signal de maior vigor.

E' assim que um cavallo russo de cauda e crinas de côr igual, é destinado á cangalha ou a qualquer trabalho penoso e vendido mais barato do que outro animal da mesma apparença, mais de pêllo differente; entretanto se um cavallo dessa especie fôr bem feito, consideram-no apropriado para a sella, porém em pequenas viagens.

O cavallo russo de cauda e crinas pretas é tido por possante. As côres mais communs são a castanha escura; a alazã, a preta e a russa são mais raras. Acreditam que os cavallos que tem uma das pernas deanteiras branca e a outra da côr do corpo, estão sujeitos a enfraquecer. Os mais estimados para o trabalho, são os pedreses, os russos da côr preta e os castanhos de pintas escuras.

Nas visinhanças das cidades amansam garanhões para a sella e para a cangalha; os sertanêjos servem-se de cavallos castrados por necessidade e porque conhecem-lhes a força e a aptidão para supportar a fadiga.

Nem sempre deixa de ser perigoso montar um cavallo robusto, no sertão, porque quando elle relincha, pôde succeder que algum garanhão selvagem corra a atacal-o e que sendo ambos valentes, o cavalleiro veja-se obrigado a pôr-se longe dos combatentes; entretanto, se tiver cuidado de levar um páo na mão e poder impedir o cavallo de impinar-se quando approximar-se o animal selvagem, sahir-se-ha são e salvo.

Nas fazendas criam carneiros para lhes comerem a carne, quando outras mais appetitosas vem a faltar, isto é, quando os bois, em consequencia de prolongada secca emmagrecem muito, ou antes quando o vaqueiro se acha occupado na fazenda ou é demasiado preguiçoso para ir fóra abatter algum

A carne de carneiro nunca é saborosa no *Sertão*; poder-se-hia attribuir isso ao pouco cuidado que ali se dispensa á esses animaes; quanto a mim, não acredito que se possa conseguir nunca fazer della delicado manjar (3). Os cordeiros são

(3) Quando eu morava em Jaguaribe e na ilha de Itamaracá, em

cobertos de fina lã até completarem um ou dous annos quando começa cahir e a ser substituida por uma especie de pêllo. As vezes essa lã não cae logo e nesse caso pareceu-me grosseira e curta (4). As feridas dos cordeiros são mais difficéis de curar do que nos outros animaes, porque de todas a carne delles é a que apodrece mais depressa.

No sertão a divisão das propriedades é bastante indeterminada, e isto com facilidade se concebe sabendo-se que a maneira mais commum de fazer-se conhecida a extensão de uma *fazenda*, é dizer-se que ella fica a tantas leguas da fazenda mais proxima ou calcular o numero de centenas de bezeros que dá por anno, sem fazer-se menção alguma da quantidade de terreno que occupa. Pouca genta dá-se ao trabalho de verificar a extensão de suas propriedades e é possível que se o tentasse não conseguisse sabel-o.

O clima é geralmente bom, mas a parte interior é mais sadia do que a das praias. Eu teria trabalho se quizesse nomear uma enfermidade particular á essa região do paiz; todavia lá ha doenças. As febres são raras, hydropesia existe alguma; ulceras nas pernas são communs, porém menos do que nas costas; hernias veem-se com frequencia. A bexiga faz ali terriveis estragos (5) e o sarampo causa grande medo,

1813 e 1814, dei-me ao trabalho de crear alguns carneiros; a carne delles porém nunca foi boa. Em geral todas as carnes no Brazil são menos saborosas do que na Inglaterra e particularmente a de carneiro.

(4) O Tenente Coronel João da Silva Feijó em uma obrinha publicada no Rio de Janeiro em 1811, sobre os carneiros da provincia do Ceará diz: Os carneiros dessa parte do paiz tem lã que parece de superior qualidade, isto é, geralmente macia, lustrosa, bem frisada, longa e forte! Acrescenta que o governador (o mesmo de quem tenho fallado), remettera uma amostra para a Inglaterra onde fôra admirada. Nenhuma observação particular fiz sobre os carneiros do Ceará, consequentemente a opinião d'aquelle escriptor deve ser preferida á minha; além de que elle é o naturalista da sua provincia. Como quer que seja comprei muitos carneiros para comer; mas á lá era como acima disse. Quando residi em Jaguaribe e Itamaracá, possuia grande quantidade de carneiros e delles posso fallar affirmativamente.

(5) A despeito do prejuizo, a vacina começa a introduzir-se no paiz. 1815.

quando a syphilis ataca um individuo é raro desembaraçar-se elle della de modo completo. Como remedios applicam hervas, mas ignorando o tratamento que convém a essa doença, ou incapazes de observal-o com exactidão, muitos dos que della são accommettidos, tornam-se paralyticos e a maioria nunca mais se restabelece perfeitamente. Vê-se tambem muita gente atacada de *Yaws*, (é o nome de uma doença) conforme porém disse, por ora não fallarei della. Ha dous exemplos de consupção (phtysica). Não vi a coqueluche em nenhuma das provincias que visitei ; indaguei bastante sobre esta enfermidade e a respeito nunca pude saber nada.

Muitas vezes dormi ao relento, e nunca experimentei por isso perniciosos effeitos ; o orvalho é pouco abundante e um vento forte sopra geralmente á noite. O sol é ardentissimo e o calor mais importuna quando se viaja por areias movediças ; entretanto jamais me incommodou.

Nunca soffri dores de cabeça, e a excepção de um ataque de febres, que deve ser attribuido á forte chuva que apanhei, em parte nenhuma desfructei melhor saude.

A alimentação dos habitantes do sertão, consiste principalmente em carne com pirão de farinha de mandioca tres vezes ao dia, juntam-lhe arroz algumas vezes. O feijão, especie de fava conhecida commumente na Inglaterra por fava franceza, é para elles a comida favorita. Depois de seccos os caroços cosinham-nos. Bastantes occasiões tive de admirar-me vendo quão pouco lhes é util o milho como alimento, no entanto o comem uma vez por outra. Na falta de todas estas cousas servem-se da massa da carnaúba e até vi comerem carne com coalhada. Não cohecem o uso dos legumes vêrdes e riem-se á idéa de comer salada. As fructas silvestres são variadissimas e crescem em abundancia, mas pouco as cultivam. Eutre estas citarei a melancia. O queijo do sertão, quando fresco, é excellente, mas no fim de quatro ou cinco semanas endurece. Um diminuto numero de pessoas fabrica a manteiga, batendo o leite em botêlhas ordinarias, são porém experiencias e de modo nenhum pratica geral. Nas proprias cidades do sertão a manteiga da Irlanda é a unica que se pode obter. Onde as terras se prestam plantam mandioca e arroz ; grande porção porem dos

alimentos que os moradores do *sertão* tiram do reino vegetal lhes vêm dos lugares mais férteis, próximos das costas como os valles do Cairiri, a Serra do Teixeira e outras montanhas.

Os objectos de commercio que lá recebem, constam de poucas fazendas manufacturadas na Europa ; (6) de pannos de algodão, fabricado tambem no paiz, pequena quantidade de louça de barro branco, e muita de barro escuro, em parte confeccionada pelos Indios, que habitam as localidades onde existe o barro apropriado á este uso ; aguardente em barisinhos ; fumo para fumar e para torrado, assucar mascavado em barricas, bridas, freios e outros arreios para cavallo, afóra sellins, cuja mór parte elles mesmos fabricam ; joias de ouro e prata tem ali alguma sahida. Os mascates andam de povoação em povoação e de fazenda em fazenda, trocando as suas mercadorias por animaes de todas as especies e couros de gado cornigero. Um pôtro de dous ou trez annos é avaliado em um guinéo, quasi ; um cavallo para cangalha, em dous ou trez, e um para sella em cinco ou seis ; um vitello de dous ou trez annos valle dez schillings e um boi completo um e meio guinéo. O preço das vaccas varia muito, conforme a quantidade de leite que dão e sóbe de um a cinco guinéos. Um carneiro é avaliado em dous ou trez schillings ; uma cabra commum valle muito menos ; sendo porem boa de leite é estimada n'um guinéo e até em mais. As creanças são alimentadas por cabras, o que augmenta o valor desses animaes ; á cabra que amamenta uma creança da-se o tratamento de *comadre*, termo usado entre a mãe e a madrinha de um menino e isto é tão geral que as proprias cabras que não tiveram a honra de amamentar os seus jovens amos, são tratadas por *comadres*. Os cães se são bons caçadores ou aptos para guardas, custam um, dous e até mais guinéos. Uma gallinha é tão cara como um carneiro ou uma cabra, e, como já disse, em certas circumstancias tive de pagar por um desses volateis, o quadruplo do

(6) Este ramo de commercio augmenta progressivamente—1815.

que pagara por bode. Os mascates raramente recebem dinheiro por suas mercadorias, em geral acceitam tudo o que lhes offercem e alugam homens para ajudal-os a conduzir os animaes e a transportar os outros objectos que recebem até uma villa de mercado onde novamente os trocam por mercadorias da Europa, afim de voltarem depois ao interior ; uma dessas excursões ás vezes dura um anno e os lucros são elevadissimos subindo a duzentos e a trezentos por cento.

Durante a minha permanencia em Natal, mostrou-me o governador uma especie de cêra quo se extrae das folhas da carnahuba, arvore de que por vezes tenho feito menção. Enviara elle um bocado daquella cêra para o Rio de Janeiro: o factó é relatado n'uma obras do Dr. Arruda ; uma amostra chegára á Inglaterra e fora examinada pela Sociedade Real de Londres (7). Viajando pela sua provincia, o governador passara uma noite, como sempre acontece, na choupana de um componez, onde lhe poseram deante uma especie de véla de cêra, grosseiramente trabalhada, mas que dava boa luz. Um tanto admirado porque em geral é do azeite que se servem naquella região, interrogou o componez e soube que a cêra destillava das folhas de carnahuba que cobriam a choupana, quando aquecidas pelos raios do sol. Supponho que a choupana era nova ou fôra coberta havia pouco tempo.

O governador voltando, fez experiencias por se mesmo e ensaiando algumas d'aquellas vellas, adquirio a convicção da importancia da descoberta. Deu-me tambem elle um bocado de ferro mineral, producto da capitania do Rio Grande do Norte e disse-me que não duvidava de que existisse immensa quantidade desse metal naquella parte do paiz, e que o governo seria bem indemnizado das despezas se mandasse pessoas competentes que verificassem a posição das minas.

Vi em casa delle uma amostra de panno fabricado com filamentos de *crauatá*. Esse tecido tinha alguma semelhança com a grossa tela de que fabricamos pannos. Possui amstras de fios de *crauatá*.

(7) Veja-se no appendice maiores minuciosidades sobre essa cêra.

Tendo concluído os meus preparativos para deixar Natal pela manhã de 6 de Fevereiro, o governador prevenio-me de que ia partir no mesmo dia para tratar de negocios relativos a administração de sua provincia ; pelo que despedimo-nos um do outro na noite da vespera e quando me levantei, achei-me senhor da casa ; o governador partira ás quatro horas. Só as sete podemos nós pôr-nos á caminho em razão do tempo que gastamos em fazer carregar os cavallo. Em Natal eu me considerava como que no termo da minha viagem, embora me achasse ainda a setenta leguas do Recife, porque esta parte do Brasil é bastante arborizada, mui bem regada e soffrivelmente povoada, comparada ao resto da região.

Tornei a passar pela aldeia indigena de S. José, mas não me desviei da estrada para ir á Papari ; dormi, vi uma aldeiola e na manhã seguinte cheguei a Cunhaú. Por volta das dez horas fomos forçados a descarregar e a deixar ficar um dos cavallo que eu havia comprado em Chafariz e que inteiramente cansado, não podia ir mais adeante.

O coronel de Cunhaú não estava presente e o seu mordomo convidou-me a dispôr da casa do patrão ; limitei-me porem a communicar-lhe que tinha abandonado um cavallo a alguma distancia, nas terras de plantação, e o guia, para que o podessem reconhecer traçou-lhe o signal que tinha na anca. Muitas vezes admirei a habilidade d'aquelles homens em reconhecer e descrever um signal que tenham visto, mesmo de relance, ainda muitas semanas depois de lhe terem apenas lançado os olhos (8).

Prosequimos até a aldeia, que fica a n.e.ia legua. O commandante vindo ao meu encontro, tratou-me com a maxima cordealidade e mandando metter o meu cavallo na estribaria, convidou-me a hospedar-me em sua casa até o outro dia ; mas eu lhe disse que proferia continuar o meu caminho e ir dormir

(8) Em 1813, estando eu uma tarde n'uma reunião ouvi alguem pedir a uma das pessoas presentes, que perguntasse aos inglezes que ali se achavam se algum delles deixara ficar um cavallo n'uma plantação. Voltei-me e reconheci o Coronel de Cunhaú. O cavallo foi-me reenviado um vez depois.

em outra aldeia, duas leguas além. Atravessamos nesse dia diferentes rios cheios, mas não de modo a dificultar-nos a passagem. Já chovêra bastante. Dous estafetas passaram a noite na aldeia e eu aproveitei a occasião para escrever á um dos meus amigos de Pernambuco pedindo-lhe que fizesse preparar a choupana da Cruz de Almas para minha chegada.

No outro dia passamos por algumas plantas de canna e avistamos montanhas. A região apresentava-se coberta de verdura e offerecia agradavel aspecto. Transpuz um largo rio ao pé de uma montanha e parei no lado opposto, n'uma cabana isolada.

Compunha-se a familia de um homem viuvo e de alguns lindos meninos de ambos os sexos. A cabana pareceu-me por demais pequeniua para conter-nos á todos, por consequencia projectei passar a noite em pleno ar; o velho porem insistio para que me servisse de uma cama dentro de casa, o que não me desagradou pelo receio de que a febre reaparecesse. Ao pôr do sól ou ao crepusculo, o que nesse paiz verifica-se quasi ao mesmo tempo, dei por falta do meu carneiro; debalde procurou-se. O velho deu ordem a dous dos filhos para o procurarem recommendando que não voltassem sem primeiro informarem-se bem na visinhança. Fiz tudo para demovel-o dessa ideia; mas teimou dizendo: «Hospedei-o em minha casa e este incidente poderia dar de mim desfavoravel opinião». Ia a noite ja adeantada quando os dous rapazes voltaram com o carneiro e um mulato que traziam preso. Queria eu que soltassem aquelle homem, mas á isso se oppunham a pretexto de que era escravo fugido e para cuja captura estava promettida pelo senhor bõa gratificação.

Haviam seguido, na areia, os rastros do carneiro logo que os poderam distinguir e depois tomado por um caminho que sabiam ir ter á uns *mocambos* ou palhoças que os escravos fugidos edificam nos mattos. Tendo avançado um pouco n'aquella direcção, ouviram berrar o carneiro; tomando então suas precauções, cahiram sobre o homem e sobre uma mulher que com elle se achava na palhoça, a qual podera escapar-se, o que bastante lastimavam porque provavelmente era tambem escrava fugida. Conduziram o mulato para a casa; amarraram-no em cima de um banco tendo o cuidado de passar-lhe a

corda varias vezes em torno das pernas e dos braços. No quarto em que eu devia dormir foi que o encafuaram. Retirou-se a familia ficando eu e elle. Tinha comigo a faca, mas como é facil de imaginar adormeci logo. No outro dia achou-se o banco e as cordas, o homem porem tinha partido, sahindo por uma janellinha do quarto. Os rapazes mostraram-se bastantemente irritados ; observei-lhes porem que os culpados eram elles proprios, porquanto devia um dos dons ter ficado vigiando, desde que não podiam pensar que eu, fatigado como estava, passaria acordado a noite inteira. Receiamos na occasião que elle não se tivésse apossado de algum dos meus cavallo para com mais facilidade escapar-se ; por felicidade porem não tivera semelhante lembrança. Nesse mesmo dia tornamos a passar pela aldeia de Mamanguape. A certa distancia d'ahi, acompanhado do meu guia, deixando a estrada, dirigi-me á casa do agricultor afim de pedir-lhe agasalho para a noite. Disseram-me que estava ausente, mas que se estivesse presente era duvidossisimo que consentisse em receber-nos. Em quanto conversavamos á porta, chegou um rapaz de côr, montou um cavallo em pélo que o esperava e, sem dar demonstração de nos ter visto, affastou-se. Uma preta disse-me : Porque não lhe fallou ? é um dos nossos senhores moços. Soube então que o dono da casa e os filhos eram mulatos. Foi a unica vez que me recebemos com incivilidade e tambem a unica circumstancia, durante a minha residencia no Brasil, em que negaram-me hospitalidade. Passei a noite debaixo de uma arvore á quasi vinte *varas* do engenho, perto de uma cabana aceiada e commoda apparentemente, habitada por uma mulher de meia idade que se mostrou bastante polida para connosco, manifestando desagrado pelo tratamento que nos tinham dado. Nesse lugar chovêra mui pouco ; a herva no campo e na plantação achava-se ainda secca e o gado tinha má apparencia.

Na tarde do dia seguinte alcançamos uma aldeia e obtivemos permissão para passar a noite n'uma das cabanas na frente da qual havia um alpendre onde armei a minha rêde ; entretanto muito admirado fiquei por ver que, estando a casa habitada, conservassem-lhe a porta fechada e só nos fallassem por detraz della sem a abrir. Parecendo estranho isso, entrei a pensar que o individuo que se achava dentro tinha sido

accommettido de alguma doença contagiosa e fôra abandonado pelos amigos, ou antes que aconselhára a familia a retirar-se á alguma das cabanas da vizinhança. Disse-me porem o guia que aquelle homem fôra mordido por uma especie de cobra, cuja picada torna-se mortal se o ferido, dentro dos trinta dias que se seguem ao do accidente, lança os olhos sobre um animal fêmeo ou sobre uma mulher principalmente. Como a gente do povo acredita que todos as cobras são venenosas; não admira que considere efficazes os especificos do charlatanismo. Sabe-se que muitos desses reptis não são damnosos; mas como em geral não é esta a opinião commum, é natural ver-se attribuir á outra qualquer e não á verdadeira a causa do curativo de uma mordedura.

Na seguinte manhã deixamos aquella boa gente na expectativa da cura do seu amigo na epoca prescripta e fomos jantar ás margens do Parahyba, n'um lugar pouco distante do engenho Espirito Santo, onde já passamos uma noite, por occasião da ida para o norte. O rio ainda se conservava no mesmo estado, isto é os charcos ou poços que se encontram no leito tinham agua; mas não em quantidade sufficiente para trespordar, unir-se e formar torrente. Chegamos ás suas margens as dez horas e fomos informados por differentes pessoas que naquelle momento estava enchendo rapidamente. Com effeito, ao meio dia começou a agua a apparecer, e antes de sahirnos d'ahi já tinha tres pés de altura. Soubemos depois que, desde as cinco horas da tarde, o rio já não dava vão e que continuára a correr com enorme rapidez durante varios dias. Gallopei para o engenho *Espirito Santo* e fallei ao *Capitão-mór* porem sem aprear-me, tanto tinha eu a peito o termino da minha viagem. Passamos a noite n'uma cabana isolada á quasi duas leguas d'ali e no outro dia pela manhã, pozemo-nos de novo a caminho. Ao meio dia, pois eu caminhára sem parar até essa hora, desciamos comprida e escarpada ladeira quando fomos surpreendido por forte aguaceiro, que, com fracasso e rapidez, fez correr na estrada verdadeira torrente. O barro de que é formada a ladeira, tornou-se escorregadio, e isso, longe de facilitar a marcha dos cavallo, pelo contrario, fêl-os timidos de maneira que só com precaução sentavam as patas. Nestes caso é inútil tentar fazel-os caminhar com mais prestesa do

que querem; conhecem o perigo de um máo passo, e, apesar de todos os esforços do cavalleiro um velho rotineiro não altera nunca o seu caminhar habitual. Ao pé da ladeira deparamos com uma taberna onde os viajantes costumavam parar. Na maior parte das aldeias ha uma taberna e nós as tinhamos encontrado com mais frequencia depois que entramos na grande estrada dos comboios de gado. No estado em que a chuva nos deixara, impossivel se tornára ir mais longe nesse dia, por isso ficamos satisfeitissimos de achar tão perto uma habitação, tanto mais porque o máo tempo proseguio por quasi toda a tarde. Estavamos n'um valle estreito e bellissimo, coberto por todos os lados de cannas de assucar cuja verdura deleitava a vista. Vi nessa noite, não pela primeira vez, o lindo insecto luminoso (*elater noctilucus*) que os Portuguezes chamam *cagafogo* e que se encontra principalmente nos terrenos cobertos de mattos; lança elle por intervallos uma luz viva, mas de curta duração.

Depois de nos havermos posto á caminho demos por falta de alguns pequenos objectos da nossa bagagem. Mandeí o guia com outro homem em busca delles, porem voltaram depois de infructuosamente os procurarem. O certo é que nos hospedamos n'uma casa publica; se isso me acontecesse mais vezes, talvez que eu tivesse tido maior numero de occasiões para lastimar-me. Como quer que seja foi o unico caso em que, tendo perdido alguma cousa de minha bagagem, tive razões para suppor que me tinham roubado.

Descansamos ao meio dia perto de Dous Rios e chegamos em Goyanna ao pôr do sol. Lembrar-se-hão os leitores de que eu comprára alguns dos meus cavallos em Goyanna. Restavam-me ainda dous desses animaes, o que prova que eram da melhor especie. Logo que chegamos á quasi uma legua de Goyanna, um dos dous encaminhou-se para uma veredasinha á direita da estrada, e o conductor teve bastante trabalho para impedil-o de entrar nella. Apenas passou adiante pareceu tão enfraquecido que me vi obrigado a mandal-o descarregar e que ao mesmo tempo o segurassem pela redea pois a não ser isso teria elle voltado nos mesmos passos. Não pude interpreta-la cousa senão imaginando que o caminho que pretendera seguir ia ter á casa de seu antigo dono e que o

pobre animal empregara todos os esforços para lá chegar contando que seria o termo da viagem.

Fui recebido pelos meus amigos de Goyanna com a costumada benevolencia ; achei porem a cidade em deploravel estado pela falta de viveres. Dizia-se que ja uma pessoa morrêra de fome e um habitante contou-me que diversas senhoras respeitaveis tinham-lhe ido á casa pedir farinha offerecendo-lhe em troca as suas joias.

Na manhã de 15 de Fevereiro deixei Goyanna e tendo ajudado a minha gente a passar o rio, apenas puz tudo são e salvo do lado do Recife, seguimos adeante eu, Julio e Feliciano, montados os tres nos meus melhores cavallo. A força do calôr passamos em Iguaraçú. O meu cavallo reconheceu os lugares, porque ao entrar na villa dobrou o passo, e, sem me ser preciso guial-o foi direito á porta da hospedaria e sem que que eu me apeasse não quiz ir mais adeante. Pouco depois do pôr do sol chegamos á Cruz de Almas. John embora prompto para receber-me só me esperava d'ahi a dous ou tres dias.

No outro dia de manhã montei a cavallo e fui ao Recife onde os amigos me receberam como á uma pessoa que ja tinham desesperado de tornar a ver, e até o proprio amigo particular á quem escrevêra, não me esperava tão cedo. A' tarde, ao voltar para a casa, ja achei o resto da minha gente que havia chegado.

Feliciano e seus dous companheiros voltaram para o Ceará dous dias depois. (9)

(9) No anno de 1812, nas ruas do Recife, tornei a encontrar-me com Feliciano e um dos outros dous Indios, que era seu cunhado. Reconheceram-me e puchando me pela aba da casaca, fizeram me parar, perguntando-me se ia viajar ainda porque estando desempregados, accompanhar-me-hiam. Suas maneiras tinham mais apparencia de um violento ataque do que de demonstrações de velha amizade, pelo que dous ou tres conhecidos meus que passavam na occasião, pararam perguntando de que se tratava, pensando que eu estava em difficuldades. Os Indios não me deixaram senão depois de lhes responder á todas as perguntas. A fidelidade delles parece desmentir o que de desfavoravel se tenho dito dos Indios ; infelizmente porem alguns exemplos destacados, não provam grande cousa.

Julio egualmente deixou-me com bem pezar de minha parte. (10)

(continúa)

(10) Acreditava eu que elle não tencionasse continuar no serviço ; mas, na minha segunda viagem á Pernambuco, achei-o servindo como creado em casa de um dos meus amigos. Soube que tinha voltado ao Recife dous dias depois de minha partida, projectando ficar comigo ; sabendo porem que eu partira entrou para a casa em que o encontrei, Julio era uma excepção á tudo o que tenho dito das más qualidades dos Indios ; se eu tivesse de viajar de novo, tudo faria para rehavel-o. Pertencia elle á Alhandra.

—

DISCURSO

PROFERIDO PELO ORADOR OFFICIAL, DR. ARTHUR MUNIZ, NA SESSÃO MAGNA COMMEMORATIVA DO ANNIVERSARIO DA REVOLUÇÃO DE 1817, REALISADA NO DIA 6 DE MARÇO DE 1903.

Illustre auditorio :

Principio, exclamando como Volney, no portico das *Ruínas* :

« Eu vos saúdo, tumulos santos, eu vos invoco, eu vos dirijo a minha prece. Sim ! em quanto o vosso aspecto repelle com secreto horror os olhares do vulgo, meu coração encontra em vos contemplar o encanto dos sentimentos profundos e dos excelsos pensamentos. Quantas lições uteis, reflexões tocantes e fortes, vós não offereceis ao espirito que sabe vos consultar ! »

Confesso, que me ajoelhei junto aos tumulos dos Martyres de 17, e procurei ouvir de cada um destes, os feitos patrioticos e os ensinamentos de Bravura e Character, para reproduzil-os aqui—nesta contemplação civica.

A selva escura do incivismo da mór parte, onde se atufa em sombras espessas o *derradeiro pouso* dos nossos maiores, é, todos os annos illuminada pelo amor deste Instituto.

Relembrar as datas de Pernambuco — adormentadas actualmente para não dizer cortadas cerce da recordação popular—, abrir sua pyxide e distribuir a hostia da Fé Patriotica aos que nos ajudam a commemoral-as, tem sido e será sempre, o cumprimento do Dogma por nós escripto e imposto a ser por nós mesmo obedecido.

Vivemos da vida subjectiva dos nossos Heróes, albergamos no seio as sementes dos seus exemplos, sentimos os seus sentimentos contra os que se amatilham para o descredito patrio e deixamos por sobre estes defluir o nosso Odio...

Viveram para nós ! E porque não havemos de lembrar sempre os seus nomes e bravuras, quando, se temos valor na

epoca presente é porque nos escudamos no valor delles e vivemos, exclusivamente, da herança das suas glórias !

Que valemós ? Que valeram elles ?

Temos unicamente uma qualidade moral recommendavel — estragar tudo quanto elles fizeram de bom pelo Character e pelas Instituições, calcar aos pés a Verdade e a Justiça.

Observae os homens, estudae os factos, submettei estes e aquelles aos reagentes da analyse e vereis como divergem, em globo, dos primitivos formadores do character nacional.

Os exemplos deixados, infelizmente, não têm servido de fogo do céu, de viatico, ao nosso ser interior, razão pela qual apodrecemos moralmente antes de apodrecermos materialmente.

Profundas tristuras sinto em dizer assim ; mas, quem contestará este dizer ?

E' impossivel, dum golpe, preparar todos os espiritos para a comprehensão, para a *nitidez intellectual* — das ideias e ensinamentos grandiosos — transmittidos pelos ancestraes, porque as evoluções progressivas no cosmos social não se operam por *saltação*, e, além do mais, todos os factos se elam, obedecem a um *fieri fatal* e logico.

E' possivel, porem, corrigir, melhorar a crise moral e esthetica e material que nos invade dominando, e nos domina annihilando ; é possivel curar da nossa educação civica, alargando sua esphera de acção, de cujo centro luminoso irradia sempre muita luz por sobre a collectividade.

E esta, que na sua qualidade de massa homogenea, age somente sob o reflexo e sob a imitação dos actos dos *maiores*, carece dos ensinamentos destes, afim de que possa enveredar pela estrada larga e luminosa da Razão e da Liberdade.

E' mister, para de logo, iniciar a pejeja pacifica em prol da educação civica do povo por meio do livro e da palavra, não importando o ladrido da cainçalha sempre prompta, em todos os tempos, a acompanhar os bemfeitores da humanidade, nem o velilho negro que envolve o rosto dos pseudos patriotas ; do que amanhã termos de ver esse mesmo povo, que apparenta a tranquillidade dos geysers, numa erupção tremenda, exigir seu direito de vida, a realisação de sua vontade, e...

Do patriotismo — que deve estar nos atomos calcareos dos

oesos e nos globulos sanguineos das veias de todos os povos—tem partido as grandes conquistas humanas.

Se não é possível «comprender René sem as penedias da Bretanha, Atalá sem os bosques do deserto, Werther sem os nevoeiros da Suabia, Waucluse sem Petrarcha, Sorrento sem Tasso, Chambéry sem Rousseau, a Sicilia sem Theocrito»,—porque elles immortalisaram áquelles pedaços do planeta humano—, como julgar uma patria que não tem por alma as almas dos seus progenitos illustres ?

A destinação duma collectividade não é só dominada pelo poderio numerico, pela força material ; muitas vezes, documenta a nossa propria Historia, a *minoría* que se destaca em caminho da propaganda das grandes causas obtem a victoria sobre a *maioría*, que reage em sentido diametralmente opposto.

Todas as ideias se transformam em realidade—quando os seus *creadores e propagadores*—têm a constancia necessaria até o periodo de sua crystalisação.

Foi, *pensando sempre nella*, que Newton descobriu a lei da gravitação universal ; é pensando sempre e agindo sempre em prol duma *ideia*, que ella cresce e empolga o placito da opinião, e se faz força no ambiente social.

Que importa a *maioría deseje*, quando ella não tiver como a *minoría*... organisação cerebral e cultura superiores ? Na luta estabelecida entre estas duas forças vencerá sempre a mais forte, a qual, será nesta hypothese a capaz de guiar, de dirigir a massa inconsciente.

A miseria moral e a queda dos nossos creditos perante o banquete das nações civilisadas não se oriundam, exclusivamente, da nossa desidia, da nossa inaptidão, e sim da nossa falta de caracter.

Cultivemos o caracter nacional, e teremos fatalmente, o patriotismos como uma religião.

Podemos, com algum esforço, acepilhal-o porque elle não é inmutavel como pensam os kautistas e schopenhauristas, e nem tambem para ser transformado sob as condições da vida e forças externas precisa de seculos, como affirmam os spencecristas.

O caracter é uma resultante da nossa educação moral e civica.

Eduquemo-nos civicamente, sacudamos no terreno saibro, nas steppes da descrença geral, as sementes do patriotismo porque embora ellas não germinem em o nosso tempo, germinarão futuro a dentro.

Tudo no mundo é o producto da luta ; não foi confiando no *fatalismo* que os lacedemonios aperfeiçoaram a energia da sua raça e os athenienses cultivaram seus poétas e philosophos e athletas.

E' necessario lutar em favor do caracter brasileiro.

Para victoria desta campanha o Instituto Archeologico tem trabalhado sempre, por meio de seu órgão a *Revista* e das festas como esta, sempre honradas com a assistencia da fina flor espiritual d'esta terra.....

«Ha mortos, que são ao mesmo, mais vivos e mais capazes de trausmittir a vida do que os proprios vivos», disse Payot; e Comte «achava que cada dia, devia ser consagrado a meditação da vida de um bemfeitor da humanidade».

De facto, mortos como os Revolucionarios de 17, transmittem vida e devem ser meditados seus feitos, dia a dia, por todos.

Analysemos, em synthese, o periodo historico de 17 pelo lado das suas leis physiologicas de desenvolvimento e progresso, pelo seu lado dynamico, em resumo.

Quando explodio a Revolução de 6 de Março o nosso estado politico-social resumia-se neste quadro : as facultades productoras do paiz asphyxiadas, proderelicto da instrucção, tributos excessivos para manter o fausto da Côte, luto obrigado no perecimento de qualquer membro da familia imperial e contribuições forçadas para a dotação de principes e princezas ; e, além do mais, augmento assoberbante, com prejuizo absoluto dos brasileiros—da emigração portugueza.

Essa situação de cousas, tendo por base o Odio pristino existente entre elles, Odio nascido desde a *guerra dos mascates*, aggravava-se, accendia o sentimento nativista e deixava, por este meio, alçar o collo o jacobinismo.

Era uma inferioridade naseer no Brazil, diziam os portuguezes naquelle tempo ; era mistér reagir contra elles, orga-

nisando o typo social, curando do espirito da nação, respondiam os brazileiros.

Se as supplicas e as *representações* não abalavam ao Principe Regente, e até pelo contrario o irritavam, tornando-o desejoso de conhecer os autores afim de punil-os ; como obrar, senão reagindo por meio da luta, procedendo como aquelles Martyres procederam ?

Além do mais, a tendencia natural de qualquer povo a ter uma patria livre—«*heliotropia physiologica* que através de todos os obstaculos obriga o povo a bracejar para a liberdade»—determinou, accelerou a reacção.

Como forças poderosas, elementos propulsores, á explosão de 6 de Março—concorreram tambem os exemplos da prosperidade dos Estados-Unidos da America do Norte e das Colonias Hespanholas, e as lições da Revolução Franceza—esta epopéa d'um povo que se conglutinou na Assembléa dos Tres Estados, ergueu com decisão as suas exigencias na Constituinte, escalou o poder legislativo e chegou na Convenção a lutar contra reis e nações, terçou as armas contra a Grã-Bretanha, a Hespanha, a Suissa e a Austria, tendo apenas para ganhar estas victorias soldados esfarrapados e generaes inexperientes—segundo asserta Oliveira Lima.

O homem é, incontestavelmente, uma resultante da influencia mesologica ; sobre o seu character actuan os *meios* cosmico e social e individual.

Mas, se assim é em absoluto, em definitiva, como comprehender os Revolucionarios de 17 agindo contra a asphyxiant influencia mesologica daquelle tempo ?

E' que a liberdade é a inspiração suprema da humanidade !... «*e a sua bandeira é a mesma em todos os paizes com a divergencia natural do grão de civilisação de cada um ; é a mesma que Pericles arvorou no Pnyx e os Gracchos levantaram no Forum ; é a da Reforma, do Edito de Nantes e dos Direitos do Homem ; é a da emancipação dos servos na Russia, de Washington defronte dos muros de Richmond ; é a mesma dos Inconfidentes, do Ipiranga, de 17. »*

A ideia da emancipação da Patria alimentada secretamente pelos *pedreiros livres*, saudada sempre por estes nos seus banquetes, *inter-pocula*, alastrava-se nos quartéis onde os of-

ficiaes a soldo de D. João VI, seus patricios, tinham mais regalias do que os pernambucanos, irmãos desses em armas.

As denuncias destes factos chegavam ao conhecimento de Caetano Pinto, Governador de Pernambuco, mas, elle não acreditava sequer na premeditação duma revolução, quando numa festa commemorativa á derrota dos Hollandezes, um preto official do regimento dos Henriques maltratou physicamente a um portuguez... que dizia mal dos brazileiros.

Isto acirrou o odio dos naturaes da terra de Eça e Camões, que exploraram o acontecimento e intrigaram os officiaes brazileiros, denunciando-os como conspiradores contra o Soberão.

A denuncia dada ao Ouvidor Cruz Ferreira e levada por este a Caetano Pinto, resultou um conselho composto dos generaes portuguezes para resolver sobre o caso, com exclusão do brigadeiro Peres Campello — por ser pernambucano ; e acceita a denuncia — Domingos Theotonio, Leão Coroado, Pedroso, Souza Teixeira e José Marianno, tiveram de ser presos.

A prisão destes officiaes motivou revolta e sangue e mortes no quartel de artilheria ; e dahi, num crescendo vertiginoso a revolta conquistou proselytos, tomou estabelecimentos publicos, occupou os fortes, submetteu militares, fez os soldados arrancarem das barretinas os symbolos das armas reaes e os officiaes sacudirem ao chão as insígnias militares com que tinham sido agraciados, deportou para o Rio o governador que se refugiara na fortaleza do Brum, e, alfim, transformou-se numa revolução onde o movimento soube ser brilhante nas victorias e sereno na vingança !...

A Revolução de 17 doutrinou sem cannibalismo, os *infames* souberam ser dignos e nobres e raros !...

Era mister construir o novo edificio governamental, e para semelhante empreza, escolheram-se vultos da estatura moral de João Ribeiro e Domingos Theotonio.

Pelo governo provisório é facil, e muito, julgar-se da situação politica democratica que elles, os revolucionarios, almejavam fosse uma realidade naquella epoca.

O primeiro era além dum espirito cultivado, um coração de ouro onde o patriotismo se aninhava. Já, naquelle periodo historico, se balanceiava o thuribulo da adulação baixa e do

servilismo inqualificavel, adulação e servilismo que nos degradam presentemente...

Na matriz de Santo Antonio, quando tinha de ser celebrado um *Te-Deum* em acção de graças pela victoria de 6 de Março, o vigario de então quiz transformar os membros do governo provisorio em *objectos divinos* e conduzil-os sob um pallio de valor custoso... até o altar! João Ribeiro não aceitou a *baixeira desse acto* e declarou, terminantemente, *que o pallio devia ser reservado exclusivamente ao Deus Sacramento*—, declaração esta,—que provocou applausos dos outros membros do governo.

Este simples factó serve para dar a garantia de quanto mereciam aquellas organizações moraes!...

O segundo além de militar instruido, cheio de serviços, figura saliente nos clubs democraticos intitutados—Academia do Cabo e Academia do Paraizo—sabia ser um patriota ardoroso.

E os outros, José Luiz de Mendonça, Manoel Correia de Araujo e Domingos José Martins, homens de merecimento e amantes da emancipação patria, souberam se impôr á opinião publica.

Elles, almas sem interesses, subiram ao governo dispensando as suas retribuições pecuniaras, desejosos, exclusivamente, de fazer o Bem e trabalhar fraternalmente com todos em beneficio da Patria, como é concludente, deste appello adhesivo: « A Capital está em nosso poder: a patria está salva. Ella vos chama: vinde unir-vos aos nossos irmãos. Elles vos esperam com os braços abertos, e anciosos por vos apertar entre elles. O ceu abençoará o fim da nossa obra: assim como tem abençoado o seu principio. »

Miguelinho dirige tambem esta proclamação: « Pernambucanos, estai tranquillos... A Providencia, que dirigiu a obra, a levará ao termo. Vós vereis consolidar-se a vossa fortuna, vós sereis livres do pezo de enormes tributos, que gravão sobre vós; o vosso, o nosso Paiz, subirá ao ponto da grandeza que ha muito o espera, e vós colhereis o fructo dos trabalhos e do zelo dos vossos cidadãos. Ajudai-os com os vossos braços, a Patria espera por elles; com a vossa applicação á agricultura, huma nação rica he huma nação poderosa. »

Nestas *proclamações*, ou melhor, neste verdadeiro *filão* —acha-se o ouro puro dos espiritos justos, grandiloquos, dos formadores da Republica de 17.

E, se isto não bastar para um *documento humano* em cujo tecido se possa ver e sentir e estudar a alma dos Martyres celebrados — temos os seus actos sobre a plena liberdade de commercio, isenção de impostos odiosos, o equilibrio das receitas do erario ; e, sobretudo, o projecto de *lei organica* que trabalharam—onde foi proclamada a autonomia da imprensa, a lei de naturalisação, a tolerancia das seitas christãs, a vitaliciedade da magistratura, a publicidade da receita e despezas das rendas do Estado ;—e, finalmente, a attitude assumida em face da questão dos escravos em que resultou a ideia emancipacionista, pois, elles *não podiam acreditar que os homens mais ou menos tostados degenerassem do original typo de egualdade*.

Atravez da trama destes actos e projecto e attitude, podemos recompor as qualidades moraes dominantes naquelle tempo ; podemos sentir dentro da nossa alma—a alma dos que souberam morrer por uma Idéa, pensando nella até á ultima hora... afim de ser o sonho derradeiro !..

Mas, os Heróes, gerados pela Bravura e blindados pelo Civismo, tiveram cedo—na aurora da victoria—de vêr bater o vôo, em bandos, os sonhos de sua emancipação politica...

A Revolução rebentou na Parahyba e no Rio Grande do Norte ; e para o Ceará e a Bahia seguiram os parlamentarios Alencar e Roma—evangelisadores da Ideia—, os quaes, infelizmente, se encontraram : o primeiro com o carcere depois de injuriado e acorrentado, e o segundo com o assassinio a mando do Conde dos Arcos !..

As execuções de Roma e dos outros pernambucanos, depois dum summarissimo processo verbal, determinadas pelo Conde dos Arcos—covarde que se a revolução triumphasse elle procuraria ser um dos triumphadores—outro qualificativo não lhes pôde dar a critica historica senão o de assassinios barbaros.

Conhecida a solução desfavoravel dada pela America do Norte e pela Inglaterra ao pedido de *apoio* á nossa forma de governo instituida a 17, que lhes fizera a Junta ; sabida a noticia de que ellas prohibiram a sahida de armas e petrechos

bellicos para Pernambuco, patenteado a consideração daquella ás relações commerciaes mantidas com a côrte portugueza e a influencia desta perante D. João VI ; tudo isto conhecido, sabido, patenteado, serviu de messe, de encorajamento aos inimigos da Republica.

O governador da Bahia, Conde dos Arcos, que *exigia fidelidade ao mais querido dos reis e dizia ser cada soldado bahiano um Scipião para vingar a affronta perpetrada contra o Soberano*, sem instrucções descidas do governo do Rio de Janeiro e aproveitando-se do panico estabelecido pela morte do valente Roma, mandou, de moto-proprio, bloquear os nossos portos e damnificar-nos em toda altura.

Em auxilio do assassino de Roma veio D. João VI, que se julgava muito necessario e amado dos brazileiros, e o seu enviado, Rodrigo Lobo, dirigiu um appello á lealdade dos pernambucanos valorosos, recordando-lhes seus feitos celebres e a expulsão dos inimigos da corôa por elles realisada.

O bloqueio não era movel de grandes receios devido a cou-raça de muralhas de pedras que cinta o littoral do Recife, e força ao mar, no seu eterno desejo de invasão barbara á terra, a recuar sempre, rugindo as suas vagas revoltas, fundindo-se umas nas outras, na luta de sempre, na luta interminada...

Os *bandidos*, os *ridiculos*, na phrase baixa do espirito baixo do Governador da Bahia—o defensor da *causa da legitimidade*,—não tiveram nunca a cobardia lhes assediando a Bravura e a Fé patriótica, motivo este, de lutarem até o extremo e morrerem dignamente.

O desastre de Porto de Pedras, o apunhalamento de André de Albuquerque—no leito—e dahi arrastado ainda vivo para a cadeia, onde morreu horas depois ; o grito de contra-revolução dado pelo mestiço Bastos ; o impedimento da sahida de generos alimenticios do interior para o Recife e Olinda, reduzindo desta forma os seus habitantes á penuria ; a fuga de Amaro Gomes, da Parahyba, disfarçado em *franciscano* ; a posição assumida por José Peregrino perante o vulto do Pae, que ajoelhado com a imagem do Nazareno entre as mãos, pedia-lhe deixasse cahir as armas ; a insensatez de Barros Falcão voltando de *Fernando de Noronha* procurar pessoalmente a José Peregrino ; todos estes factos accumulando

dos, produziram abalo profundo nos espiritos não preparados pela religião do civismo, não deslaçados ainda da dominação colonial.

A chegada de novos vasos de guerra para o bloqueio, a ostentação da força da *realista*, as proclamações espalhadas, os *morras os patriotas* ouvidos em toda parte, foram atemorizando ao povo e deram em resultado as villas de Pernambuco—excepção do Cabo, Iguarassú, Goyanna e Itamaracá—esposarem, novamente, a *causa realista*, e a arvorarem a bandeira portugueza. Descrever-vos as scenas que se passaram depois, desfiar conta a conta o rosario de martyrios dos Heróes de 17, ler uma a uma as estrophes de Dôr que elles escreveram soluçando aos pés da Liberdade suffocada pela Tyrannia, seria um trabalho longo e doloroso, pois, longa e dolorosa é a Historia de 6 de Março.

Homero, na *Iliada*, cantou o triumpho celebre dos principes gregos contra o imperio troiano ; Dante, na *Divina Comedia*, cantou as lutas da Edade media ; Ariosto, no *Orlando Furioso*, cantou a feição phantastica das idades cavalleirosas ; Tasso, na *Jerusalem Libertada*, cantou a victoria da Cruz ; Milton, no *Paraizo Perdido*, cantou as tradições biblicas ; Camões, nos *Luziadas*, cantou a alliança do Oriente e Occidente ; nós, quando terenos uma epopeia que enthesoure as nossas glorias e as cante—em canticos de sempre, em canticos immortaes ?

A Revolução de 17 é um bello assumpto para a poesia epica,—repositorio de lições e exemplos homericos, criticados ferozmente por Varnhagen, mas, eternisados brilhantemente por Muniz Tavares e Maximiano Machado !

Se temos o *Uruguay* de Bazilio da Gama e o *Caramuru* de Durão, ambos vasados em moldes historicos—o primeiro celebrando a luta do indigena com o europeu e o segundo a superiorisação do portuguez civilisado sobre o selvagem brasileiro, porque motivo não teremos amanhã, um poema que celebre todas as nossas lutas pela Liberdade Patria ?

A synthese da Revolução de 17 é esta : Se a tactica, se os planos revolucionarios, falharam algumas vezes, nunca a Bravura fraquejou ; se os recursos materiaes esgotaram-se, nunca o Character e a Fé Patriotica baquearam.

Como fraquejar a Bravura e baquearem o Character e a Fé Patriótica, quando os revolucionarios eram vultos de grande estatura moral ?

Vêde-os : Roma segue algemado, serenamente, para o arcabusamento e diz aos granadeiros mostrando-lhes o peito—*A pontaria é aqui, é a fonte da vida, atirae.*

Miguelinho que nas vespéras da morte se despede da irmã e rasga os papeis em seu poder afim de salvar milhares de vida, responde quando interrogado pelo Conde dos Arcos—*As minhas firmas nos papeis da revolução são todas authenticas : e por signal que num delles o — o — do meu ultimo sobrenome, Castro, ficou metade por acabar por falta de papel.*

Luiz José de Mendonça exclama ao morrer—*Juizes malvados ! cegos e vis instrumentos de tyrannia, eu vos emprazo para os infernos.*

Domingos Martins de corda ao pescoço, algemado, pés descalços, chega ao *Campo da Polvora* e grita para os soldados—*Eu morro pela Liberdade.*

Antonio Henriques sobe ao cadafalso com tanta altivez, que o algoz lhe amarra a corda ao pescoço, pedindo mil perdões, e elle pela ultima vez brada—*Viva a Patria.*

Domingos Theotónio pronunciou do alto do patibulo estas palavras — *Meus patricios, a morte não me aterra, aterra-me a incerteza do juiz da posteridade.*

João Ribeiro, o adorador de Condorcet, para não assistir impassivel ás desgraças da Patria—suicida-se numa palhoça como aquelle o fizera na prisão. E quasi todos morreram assim !

A Tyrannia assassinou, bebeu em taça de ouro, a largos haustos, o sangue dos Martyres de 17, e depois delles assassinados... mandou cortar-lhes as cabeças e os braços, e expoz braços e cabeças, na praça publica !...

Mas, a lição civica estava dada, a Idéa estava espalhada, tinha de crescer, tinha de dominar... e cresceu e dominou e é hoje uma Realidade !...

Imitemos o character dos Martyres de 17, enchamos as nossas memorias das memorias dos que souberam morrer pela Emancipação da Patria, dos que souberam *tomar posições esculturaes para a posteridade !*



MEDALHA COMMEMORATIVA

Ao escasso numario pernambucano acaba o Dr. Alfredo de Carvalho de juntar uma nova e bellissima especie com a medalha que mandou cunhar commemorando a fundação da *Academia Pernambucana de Lettras*, realisada a 26 de Janeiro de 1901.

A medalha, aqui reproduzida em *foc-simile*, é de primoroso lavor artistico e feliz arranjo symbolico, e foi executada pelo afamado gravador L. Ch. Lauer, de Nuremberg, segundo os desenhos do habil pintor pernambucano sr. Odilon Tucuman, tendo gentilmente se incumbido de dirigir a cunhagem o benemerito numismographo suisso Sr. Julius Meili.

No anverso, dentro de dous circulos concentricos, traz—ACADEMIA PERNAMBUCANA DE LETTRAS 1901—e no campo, tambem em alto relevo, o emblema da instituição—o sol surgindo do mar—e a divisa AD LUCEM. No verso, igualmente dentro de dous circulos concentricos, o motto OMNE PRINCIPIUM EST DEBILE 1601—e no campo, sobre um livro fechado cercado de folhas de palmeira e encimado por uma estrella—PROSOPOPEA : BENTO TEYXEYRA PINTO—a primeira obra de escriptor brasileiro publicada naquella data. Sob os ramos de palmeira lê-se ainda—*Mandada cunhar por Alfredo de Carvalho.*

Desta medalha—que é de bronze prateado, tem 50 millimetros de modulo e peza 50 grammas— foram cunhados apenas 100 exemplares destinados a distribuição particular.



MEDALHA COMMEMORATIVA



BIBLIOGRAPHIA

18—**Charles Edmond Akers.**—A HISTORY OF SOUTH-AMERICA. 1854-1904.—London, John Murray, 1904, in-8° gr., XXVIII, 696 pp., retratos e chartas.

Creio que esta é a segunda historia da America Meridional que se publica em inglez: já em 1756 Rolt deu á luz a sua *New and Accurate History of South-America*, pobre compilação em que a parte relativa ao Brasil (pp. 533-551) é antes chorographica do que historica.

Mas, considerada a enorme distancia que as separa no tempo, a do Sr. Akers pouco se lhe avanta em meritos.

Declara o autor que «condensou os factos tendentes a moldar os destinos das republicas sul-americanas, e procurou mostrar como o caracter nacional do povo de cada paiz assumio aspectos distinctos como resultado do meio local, modificado pela immigração estrangeira e pela influencia parallela de methodos de civilisação outros que os de origem hespanhola ou portugueza». (pp. V-VI).

O leitor, porém, que confiado nesta grandiloqua promessa percorrer o livro em busca de qualquer theoria nova da historia sul-americana, chega á ultima pagina sem encontrar o menor indicio della.

E' que a historia é meramente narrativa, com todas os defeitos e nenhuma das qualidades do genero: o agrupamento inhabil dos factos, frequentes omissões, imperdoaveis incorrecções e o desalinhavado do estylo dão-lhe uma desagradavel feição de superficialidade e de inadvertencia manifesta nos pormenores mais secundarios.

Estes senões pullulam em todo o livro, tomando muitas vezes as proporções de verdadeiros dilates.

E' assim que na Introducção condensa a historia do Brasil, do Descobrimto á Maioridade, em duas paginas e commette logo dons erros graves: tratando das invasões hollandezas diz que «em 1649, entretanto, uma expedição commandada por Vieyra foi enviada de Portugal e após meia duzia de annos de renhidos combates restabeleceu-se a autoridade portugueza» (p. 13), e adiante fixa a perda da Cisplatina em 1823 (p. 14).

Decreveno a guerra contra o Paraguay faz figurar um enconração na batalha de Riachuelo (p. 143) e affirma ter sido argentino o nosso general Argolo (p. 187).

Mas, é nos Capitulos XIII-XVIII, especialmente consagrados aos acontecimentos brasileiros, desde a terminação d'aquella guerra até a presidencia Campos Salles, que as negligencias e falsidades se multiplicam ao ponto de ser preciso reproduzir na integra o texto do Sr. Akers para consigna-las todas. .

Assegura que a lei de 28 de Setembro ficou sendo chamada *A Libertação do ventre* (*sic!*) (p. 237); descobre no Rio Grande do Sul frequentes revoltas contra a autoridade imperial, que só terminaram com um armistício celebrado com os insurgentes em 1878 (pp. 235-236); não allude sequer á questão religiosa; dá como chefes do partido republicano, em 1888, «o Dr. Prudente de Moraes Barros e o Dr. Campos Salles, aos quaes estava alliado o general Floriano Peixoto» (p. 239), e faz deste o «principal adviser» de Deodoro no movimento de 15 de Novembro (p. 243).

Tratando da revolta da armada e da campanha de Canudos, escripta nomes proprios, altera factos, omittie ou exagera circumstanças de modo a desfigurar inteiramente os successos.

É não é apenas a parte brasileira da obra do Sr Akers que se resente destas falhas, attribuiveis, talvez, menos á ignorancia do autor do que ao desleixo que presidiu á sua compilação.

De cada povo sul americano t aça um breve esboço psychologico (*Character Sketch*), mas, sem relevo, sem uma observação justa, sem, uma nota sequer realmente característica, mas, quasi grotescos á força de categoricos.

Emfim, para dar um exemplo typico do modo negligente e superficial por que foi elaborado este livro caro, pretencioso e sem valor, assignalo ainda que, sendo uma *Historia da America do Sul*, traz estampado a ouro na capa o escudo d'armas do... Mexico!!!

19—**Heinrich Schueler**.—BRASILIEN VON HEUTE.—*Berlin, Dreyer, s. d. (1904?), in 8º, 215.*

Succinta e lacunosa historia do Brasil no decurso das presidenciaes de Prudente de Moraes e Campos Salles. occupa-se mais particularmente das questões de limites do Acre e da Guyana. O sub-titulo «Retrospecto sobre o periodo do governo do presidente Campos Salles» e o retrato do mesmo, revelam claramente a sua feição de panegyrico.

20—**Th. Ag. Schoenncrs**.—DRIE JAREN IN BRASILIE.—*Mecheln Drukkerij der Abd'j, 1904, in 8º, 2 v. ls., 247 e 245 pp.*

O autor, missionario premonstratense do Rio Grande do Sul, residio tres annos em Jaguarão, e as suas descrições, em fórma de chartas, tratam da vida social, politica e religiosa dos habitantes brasileiros da fronteira do Uruguay e tambem dos estancieiros da campanha rio-grandense, constituindo assim agradável excepção dos trabalhos congeneres habitualmente consagrados ás colonias allemães da região da Serra. O livro, escripto em hollandes, é ornado de boas gravuras.

21—**H. Ramelow.**—*EEISEBERICHTE UEBER BRASILIEN.* Fuer die deutsche Industrie erstattet.—*Berlin, Zentralverband deutscher Industriellen, 1904, in-8º, 4 fasc.*

O titulo desta obra, dividida em quatro fasciculos, não corresponde exactamente ao seu conteúdo, porquanto só accidentalmente allude ás viagens do autor, tratando de preferencia das condições economicas do Brasil.

No prefacio, escripto pelo Sr. H. A. Bueck, Director da Sociedade Central d' Industrias Allemaes, somos informados de que o Sr. Ramelow muito antes de emprehender a sua excursão ao nosso pais se dedicára ao estudo da economia politica brasileira, habilitando-se convenientemente para futuras observações.

Disto resulta a clareza e a exactidão com que objectiva os seus conceitos, sendo para lamentar que se limitem apenas ás condições economicas dos Estados do Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul, unicos por elle visitados, circumstancia aliás explicavel se attendermos á importancia predominante destes tres Estados para o commercio allemão e como mercados dos seus productos industriaes.

A utilidade de inqueritos, como este, feitos com proficiencia e criterio, é manifesta para a comprehensão dos problemas da nossa vida economica.

22—**A. Kuhlmann.**—*DIE EISENBAHNEN DES BRASILISCHEN STAATES SÃO PAULO.*—*São Paulo, 1904, in-8º, 39 pp.*

Succinta memoria sobre a viação ferrea do Estado de São Paulo, illustrada de numerosas e boas gravuras representando trechos de linha e estações. Traz uma excellente charta do Estado, calcada sobre a da Comissão geographica e geologica, na escala de 1:10 000, e um esboço do mappa ferro viario, sem escala. O desenvolvimento total da rede era, em 1903, de 3.632,1 kilms.

23—**Percy F. Martin.**—*THROUGH FIVE REPUBLICS (of South-America). A Critical Description of Argentina, Brazil, Chile, Uruguay and Venezuela in 1905.*—*London, William Heinemann, 1905, in-8º, XXIV, 487 pp., 128 ests. e 3 chts.*

O autor teve, como representante de jornaes inglezes, occasião de visitar varias vezes a America Meridional, colher observações sobre a vida politica, social e economica, conhecer a personalidades mais salientes, e reunir assim opulento material de factos instructivos. Conforme declara no prefacio, escreveu o seu livro attendendo ao extraordinario progresso de algumas das republicas sul-americanas, á importancia consideravel dos capitães inglezes nellas interesseados, e tambem á circumstancia de, no seu dizer, a Inglaterra, sobretudo no Ministerio dos Negocios Extrangeiros, não se ligar o devido apreço aos

mesmos interesses e aos problemas delles resultantes. Censura acerbamente a incompetencia do respectivo corpo consular aqui e suggere a medida de serem os consulados frequentemente inspecionados por agentes. E nós que consideramos aqui o corpo consular inglez como modelo!

A cada um dos paizes mencionados no titulo é consagrada uma serie de capitulos. A parte leonina, um terço do livro, cabe á Republica Argentina. O Brasil e o Chile são tratados com bastante desenvolvimento e mais succintamente o Uruguay e Venezuela.

E' assaz valiosa a somma de informações que ali pode encontrar o sociologo, o politico, o industrial, o geographo e o estadista.

O conceito do autor sobre os differentes paizes varia naturalmente. Produz forte impressão de objectividade, comquanto seja por vezes muito frisante.

A Republica Argentina e o Chile, onde reinam tranquilidade, respeito á lei e liberdade individual, acham-se em progressivo desenvolvimento; o seu poder, influencia e prosperidade crescem.

Quanto ao Chile este incremento é, na opinião do autor, mesmo rapido demais. Muito menos satisfactorio se lhe antolha a situação do Brasil, onde assegura que a continuação do regimen monarchico teria sido muito mais benéfico á nação.

O direito e a lei são continuamente violados e o governo apoia-se na «força bruta». Ainda menos lisonjeiro é o seu juizo quanto ao Uruguay onde recentemente estão retrogradando para o regimen dos *pronunciamentos* armados. «Nas republicas, chamadas livres, do Uruguay, e de Venezuela a liberdade é uma farça sinistra».

Occupá-se igualmente o autor com alguns dos grandes problemas americanos, como a doutrina de Monróe, o caminho de ferro pan-americano, e a confederação dos paizes sul-americanos, isto é, a reunião das republicas da America Meridional no dominio politico ou sómente economico, o que presume irrealizavel attenta a diversidade de interesses.

As chartas e gravuras são excellentes.

24—Virgilio Cardoso de Oliveira—A PATRIA BRASILEIRA.

—Leitura escolar illustrada com 298 gravuras e duas paginas coloridas. Segunda edição.—*Bruxellas, Constant Gouveloos & C.*, 1905, in-8°, 390 pp.

A' extrema gentileza do Dr. J. M. Cardoso de Oliveira, applaudido autor do *Dois metros e cinco* e actual encarregado dos negocios do Brasil em Londres, agradeço o conhecimento desta bella obra do seu illustre irmão, o competentissimo Director do Ensino Municipal de Belem.

Acabo de voltar a ultima pagina d'*A Patria Brasileira*, e posso dizer que não conheço na nossa litteratura didactica livro que deste se approxime em utilidade e interesse.

Em geral os nossos livros de instrucção não pretendem ser mais do que «compendios» e não passam do que os allemães chamam de *cathecismos*, epitomes condensadissimos de uma aridez rebarbativa.

Não assim o que tenho presente.

E' uma pequena encyclopedia contendo, em amena disposição, tudo o que um menino brasileiro não deve ignorar com relação á sua terra e á sua gente.

Nas *Duas Palavras* do prologo o autor diz, modestamente, que o seu livro tem «por base ligeiras noções de Chorographia, com ensajo proveitoso para o desenrolar de acontecimentos de nossa historia» e confessa que procurou fazer uma obra brasileira

E, na realidade, conseguiu fazel-a genuinamente nacional, repassada de um patriotismo sadio e amplo, sem mesquinhasias bairristas ou intolerancias nativistas.

Isto logo se verifica no capitulo inicial—*Patria, Familia e Escola*—onde, em tom carinhoso e singelo, persuasivo e captivante, estimula os nossos jovens patricios ao culto das virtudes civicas e domesticas sem as quaes jamais seremos uma nacionalidade victoriosa.

As noções chorographicas, que occupam os nove capitulos seguintes, encerram informações excellentes sobre a configuração do nosso territorio e os seus accidentes naturaes, entremeiadas, com rara felicidade, de narrativas dos factos historicos que relembram. Os mapas, que as acompanham em profusão, constituem precioso auxilio para a sua perfeita comprehensão.

Não são menos interessantes e instructivas as secções consagradas ao estudo das produções e riquezas naturaes, vias de communicação, navegação, industria e commercio, da raça, da religião e instrucção, e da defeza nacional.

O elemento historico é sabiamente aproveitado em todas as occasiões pertinentes, tornando a leitura prazente e pittorescos os assumptos.

A narrativa, sempre fluente, clara e simples, não tem o minimo resquicio da autoridade docente tão vulgar em trabalhos congeneres; neste o mestre deixa de o ser para se collocar ao lado do discipulo e ensina-lo a aprender, como um collega instruido e paciente fa-lo-ia.

As gravuras, numerosas e nitidas, foram escolhidas com pericia de artista e competencia de erudito: são paysagens caracteristicas, vistas de sitios notaveis e de monumentos, quadros historicos, e retratos, retratos em abundancia de todos os homens que no nosso paiz mais se tem asignalado pela sua coparticipação no nosso desenvolvimento cultural.

Entre estes retratos ha um de Henrique Dias (pag. 131) para o qual chamo a attenção dos confrades do *Instituto Archeologico*: representa o heróe negro da Guerra Hollandeza com semblante verdadeiramente mavorico, fartos bigodes e barba bipartida, physionomia em tudo diversa do carão aparvalhado que figura nas telas anachronicas conservadas na galeria do *Instituto* e na capellinha da Estancia.

Infelizmente ignoro qual foi o original que servio para esta reprodução; em todo caso me parece o mais authenticico de todos os retratos—mais ou menos phantasiados—que do valente caudilho tenho visto.

Feita esta digressão volto á obra do Dr. Virgilio Cardoso de Oliveira onde, no arranjo do plano adoptado, na selecção das materias, na sua exposição e na novidade das gravuras, se revelam, em gráo singular, o criterio litterario e a habilidade de composição do autor, ao par do seu profundo conhecimento das lacunas dos nossos obsoletos métodos de ensino.

Repito, com prazer e convicção, não conheço, na litteratura didactica brasileira, livro que deste se approxime em utilidade e interesse.

25—**Bias Mendes.**—ESTUDOS AMERICANOS. - Obra posthuma.—
Bahia, Officinas do Diario da Bahia, 1905, in-16°, 129 pp.

Este curioso livrinho revela ser obra de um espirito arguto, sem grande preparo scientifico, mas de seguro criterio e consideravel influencia em assumptos de ethnologia americana. Na mór parte consta antes de impressões de leituras do que de pesquisas originaes. Estas cifram-se talvez ao capitulo intitulado *Brasileirismos explicados*, onde é manifesto um conhecimento vasto da estrutura grammatical do *abaneenga*, não vulgar mesmo entre os que se apregõam de sabedores da lingua dos indigenas. Graças a elle pôde o fallecido investigador cearense dar a origem de muitas das construcções anômalas observadas no portuguez falado no Brasil e geralmente suppostos grosseiros vicios de linguagem. Com razões plausiveis e abundancia de exemplos mostrou-aos que: *tem homens, tinha gente muita, eu vi elle, amo-lhe, espero-lhe, que que tem, que que queres, diz que um dia, paresque, estão fala falando, diga a elle para ir, está dormidinho, agora sim, cheirar bom* e quejandas locuções contrarias á syntaxe portugueza têm raizes no idioma tupi, do qual de ordinario se presume só nos restarem elementos lexicos.

E assim este livro, carinhosa homenagem de saudade fraterno, é, além de curioso, instructivo.

26—**Henrique Martins.**—MARTINS JUNIOR (Post mortem).
Em commemoração ao 1º anniversario, 22 de Agosto de 1905.
—Recife. Typ. do Jornal do Recife, 1905. in-4° XXXVI,
323 pp.

Quando, após o fallecimento de Martins Junior, na imprensa de todo o paiz começaram a surgir as manifestações de pezar dos contemporaneos, amigos e discipulos do grande homem que desapareceria para sempre da vida objectiva, por traz de um tumulo, ainda hoje inundado de lagrimas e rodeado de saudades; quando essas manifestações de pezar assumiram as proporções de uma apothese, a maior, a mais legitima e a mais espontanea de que ha memoria em o nosso paiz;—taes foram os artigos de jornaes e revistas, poesias e discursos, escriptos e pronunciados por toda a parte onde chegava a triste noticia—productos intellectuaes esses de valor litterario e nos quaes se

biographava o grande morto, que desde logo o seu digno irmão, Henrique Martins, experimentou o desejo de reunir em um volume tudo quanto se fizesse escripto—*Post mortem*—, sobre aquelle grande espirito e nobilissimo coração, tão cedo despedaçado de encontro aos escolhos, no naufragio cruel de suas mais bellas aspirações, de seus mais bellas ideas!

E transformando em realidade este desejo, deu á luz uma colleccanea abundantissima em materiaes de primeira ordem para uma futura biographia do grande pernambucano. O livro, impresso com nitidez, é ornado de numerosas gravuras.

— —

27—**F. A. Pereira da Costa.**—CONTRADICTA ÁS PRETENÇÕES DO MUNICIPIO BAHIANO DE CURAÇÁ SOBRE A PASSAGEM DA BÔA-VISTA NO RIO S. FRANCISCO.—*Recife. Typ. do Diario de Pernambuco*, 1905, in 4º, 46 pp.

Traçando o municipio pernambucano de Bôa-Vista de reivindicar os seus direitos sobre uma *passagem no rio S. Francisco*, estabelecida e mantida pela municipalidade desde epochas remotas até certo tempo, e da qual se apossou, *pela desidia de recentes administrações*, o municipio bahiano de Curaçá, foi o nosso benemerito confrade Pereira da Costa distinguido com a incumbencia de revalidar os direitos pernambucanos. Desta missão desempenhou-se com o seu reconhecido criterio e erudição, occupando-se no presente opusculo, detida e particularmente, dos diversos pontos desta controversia historico juridica. Dividindo o assumpto em quatro partes, o ojeroso historiador investiga, com fartura de documentos, a legitimidade das pretensões pernambucanas á posse do rio S. Francisco, das suas ilhas e passagens, e do territorio de Rodellas. Os argumentos adduzidos são de numero e da natureza a não deixarem duvida quanto ao direito de Pernambuco, e no transcurso do debate, Pereira da Costa tem ensejo de ministrar copiosas e utilissimas informações sobre o desenvolvimento cultural e o processo de povoamento da vasta zona sertaneja do nosso Estado ribeirinha do S. Francisco. Como tal o seu recente trabalho, além da importancia actual como a-razoado irresponsível, possui ainda o merito perduravel de valiosa contribuição para o estudo do nossa choro-graphia historica.

— —

28—**Anton'o Alexandre Borges dos Reis.**—HISTORIA DO BRASIL.—(Curso dos Gymnasios e Lyceus). 1ª Parte.—Se-culos 16, 17 e 18.—*Bahia*, 1905, in-4º, XI, 343 pp.

Já vem de tão longe e tem adquirido tamanha consistencia a preocupação de organizar scientificamente a Historia—determinando as leis de subordinação e as relações de dependencia entre os factos humanos—que não é mais toleravel, mesmo em obra didactica, fazê-la puramente narrativa.

Não obstante a variedade prodigiosa e a fallacia occasional das

theorias que têm surgido para explicar a direcção, significação e condições do desenvolvimento da humanidade—desde o theoracionalismo de Herder e o «espírito absoluto» de Hegel, até á ethnopsychologia de Lazarus e de Steinthal e a anthropogeographia de Ratzel—a Historia não pôde mais ser um mero registro dos seus factos.

Com isto tambem a tarefa do historiador tornou-se das mais arduas e elevadas, e a somma extraordinaria de conhecimentos que exige parece quasi ultrapassar os limites da intelligencia e da vida de um homem.

E as difficuldades incontaveis que ericam o problema do conjuncto—a Historia universal—não são menores nem menos numerosas em cada um dos seus elementos constituintes—as historias geraes; antes nestas as contingencias de tempo e de espaço mais restrictos offerecem novos obices.

E' por isso, talvez, sejam muito menos frequentes as applicações daquellas theorias ao estudo do desenvolvimento de determinados povos ou nacionalidades.

Assim, com relação á nossa patria, a primeira tentativa de uma historia no moderno conceito foi feita, em 1860, pelo Prof. Heinrich Handelmann na sua sua excellente *Geschichte von Brasilien*, que permaneceu isolada, senão ignorada, durante quarenta annos, até lembrar-se o Sr. João Ribeiro de vulgarisar-lhe o plano em alguns dos seus recentes compendios.

As deficiencias que, em muitas partes, alteram e interrompem a harmonia da monumental construcção do erudito mestre de Kiel, são infelizmente ainda hoje inevitaveis, pois, conforme disse Capistrano de Abreu, estamos na posição cruciante de ter de esperar pelo menos um seculo antes de, publicados documentos, chronicas e monographias, possuirmos um livro que satisfaza ás exigencias contemporaneas do saber.

Mas, nas linhas geraes o plano de Handelmann apresenta flagrantes vantagens para o agrupamento racional dos factos da nossa evolução cultural, e bem avisado andou o Sr. Borges dos Reis adaptando a elle a sua *Historia do Brasil*.

Começou esboçando n' *O Scenario* o meio physico, desorevendo summariamente o territorio em que se desenrolou a grande «teia historica» objecto do livro, e logrou traçar ali um quadro verdadeiramente modelar attenta a estreiteza das poucas paginas a elle consagradas.

Expõe, em seguida, as condições da Civilização portugueza ao espirar do seculo XV e os successos determinantes do descobrimento do Brasil; estuda as populações aborigenes, sua ethnographia e sociologia, abraçando o autochtonismo e approximando-se da classificação de Ehrenreich; narra as primeiras explorações e o estabelecimento dos primeiros nucleos coloniaes: as capitancias hereditarias; explica a organização do primitivo governo geral, a importancia respectiva de cada uma das tres raças como factores ethnogeneticos da colonia, a influencia dos jesuitas e os resultados da cathechese; descreve a passagem para o dominio hespanhol, as invasões francezas e holandezas, as entradas e as bandeiras descobrindo e povoando os sertões occidentaes.

Pausa para nos dizer da escravidão dos índios e dos negros, do tráfico e da agricultura, das companhias de commercio e das lutas intestinas, em que se manifestou a reacção nativista.

Obedece então á necessidade de fraccionar a exposição em varios estudos de historia local, dedicados á evolução parallela dos diferentes focos de cultura, cuja posterior aggregação constituiu a actual unidade politica do nosso paiz.

Passa depois a referir as invasões francezas no Rio de Janeiro, as guerras com os hespanhóes nas fronteiras meridionaes, a infidencia mineira, o estabelecimento e a conquista das missões do Uruguay, a emancipação dos indigenas e a expulsão dos jesuitas, sendo para notar que entre os successos do seculo XVIII não tenha posto em mais vivo relevo o descobrimento das minas e as suas consequencias economico-politicas.

Encerra esta primeira parte da historia do Sr. Borges dos Reis uma synthese muito nitida da cultura intellectual e moral do Brasil nos seculos XVI, XVII e XVIII.

Em todo o transcurso da obra observa-se singular criterio na selecção das fontes e esmero exemplar na documentação; a linguagem revela cuidados da artista.

Recommendam ainda o livro qualidades de methodo e de exposição, e me parece sobretudo louvavel a pericia com quo o Autor sóbe, sem prejuizo da natureza do assumpto, amolda lo ás necessidades do ensino.

Falta-me competencia para responder á interrogação que o Sr. Borges dos Reis colloca no lugar do prefacio: não sei se o eminente professor bahiano se approximou daquelle ideal do historiador brasileiro formulado por Sylvio Romero, e, talvez, a propria indole elementar da sua historia não no tenha permittido; mas, presumo não ser pequeno merito haver aspirado a tão alevantado escôpo.

29—**Julio Pires Ferreira** — GRAMMATICA PORTUGUEZA.— (1º anno). Para uso dos cursos primarios. Recife. Ramiro Costa & Filhos, 1905, in-8º, 112 pp.

30—**O mesmo**—IDEM, IDEM.—(2º anno). Para uso do curso medio e superior. *Ibidem*, 1905, in 8º, 270 pp.

Estes dois compendios do consciencioso professor de portuguez na nossa Escola Normal foram evidentemente elaborados com criterio filho de consideravel experiencia docente e aturado versar dos melhores mestres da lingua.

São claros, syntheticos e, quanto possivel, expurgados da rebarbativa technologia hybrida de que tanto se tem abusado ultimamente em obras similares; porisso creio satisfazem plenamente ás exigencias dos actuaes methodos de ensino.

Mas, quanto á legitimidade racional destes methodos, não tenho tão seguro parecer.

Concordam os pedagogos que o ensino primario ou elementar deve ser sobretudo intuitivo, concreto; cumpre ao professor objectiva-lo experimentalmente afim de que os discipulos aprendam a formular por si proprios as suas primeiras generalisações, as suas abstracções espontaneas.

E de Greef, considerando que os cerebros infantis são igualmente inaptos para a concepção das leis da lingua como para uma concepção cosmogonica e social, geral e abstracta ou mesmo concreta, insurgio-se contra o ensino de *regras* de grammatica a crianças e chegou ao ponto de exigir que esta, sendo apenas o formulario das leis da lingua oral ou escripta, fôsse rigorosamente banida das aulas primarias, pelo menos.

Não sei si convem ir tão longe; mas, é obvio ser em grande parte devida aos absurdos methodos vigentes a ignorancia geral e profunda da lingua materna que se observa entre nós.

Sem fallar da immensa maioria analfabeta da população, mesmo entre a gente semiculta ou com pretensões a tal, é lamentavel o abuso que se faz do nosso bello idioma.

Comportam-se para com elle como um bando de selvagens que se apoderasse de um vasto palacio esplendidamente mobiliado: estragam isto, destróem aquillo e deixam alas inteiras inexploradas cair em ruinas.

A penuria vocabular é extrema resultando menos da estreiteza de ideias e da inexperiencia philosophica, do que derivando da propria ignorancia da lingua, atrozmente ensinada por processos irracionais.

E para suppri-la ha recurso constante a termos de giria e a neologismos ociosos, que vão aos poucos constituindo este abominavel mistifório orgulhosamente denominado *dialecto brasileiro*.

Certo ha um progresso natural e uma evolução necessaria em todas as linguas vivas, progresso que não pôde ser obstado. Nas applicações, na politica, nas sciencias, na interpretação philosophica ha perpetua necessidade de palavras novas, palavras para exprimir novas ideias e relações, palavras sem ambiguidade e sem associações estorvantes. Mas, os neologismos dos garotos e dos folliouarios raramente preenchem estas lacunas.

Em geral são apenas estupidos esforços de gente ignara para prover o superfluo. E parallelamente com a invenção de substitutos inferiores para palavras e phrases já existentes, desenvolve-se o habito ainda mais nocivo do emprego errado de termos cuja significação é insufficientemente conhecida.

São processos estes não de evolução, mas, de ruina—condemnam, mutilam, destróem, e pelo desuso e pela destruição de palavras e phrases nos segregam do passado e ameaçam a nossa unidade ethnica.

A lingua deve progredir e tem de evolver—deve purificar-se, requintar se, aperfeiçoar-se; mas, não merece a sorte do filamento algar que apodrece e morre logo que deixa de crescer.

Podemos possuir um idioma mais copioso e vario do que o de Sá de Miranda ou de Bernardim Ribeiro—não ha mal nisto—mas, não é motivo para desdenharmos o que manejaaram tão vigorosamente.

Não ha razão para não dispormos integralmente da bella lingua dos quinhentistas. Certo Fr. Luiz de Souza acharia obscuro o por-

tuguez synthetico e allusivo de Eça de Queiroz, do mesmo modo porque podemos conceber a existencia de milhares de palavras e de phrases, para nós estranhas e bizarras, em uso corrente no seculo XXII; mas, seria desarrazoado suppor por que tempo virá quando o que foi excellentemente escripto em portuguez, nos dias de D Manuel, deixe de ser comprehensivel e excellente

Consideremos ainda o enorme obstaculo que a ignorancia prevalente da lingua portugueza entre nós oppõe ao desenvolvimento da consciencia nacional, impedindo a circulação ampla das ideias. Estas só podem ser expressas por intermedio dos mais estafados logares communs si se destinam á grande maioria dos nossos compatriotas nas presentes condições.

O autor que hoje tem de escrever para o grande publico é continuamente forçado a deter-se, a vacillar perante as palavras que lhe vêm á mente; precisa considerar o numero dos leitores capazes de apprehender o sentido real do termo empregado; cumpre-lhe recorrer a periphrases corriqueiras, a novas disposições engenhosas do trivial; a todo momento sente-se obrigado a omissões ou a redundancias.

Palavras simples e necessarias como «abstinencia», «delisquencen-», «regregar», por exemplo, têm de ser repudiadas por quem escreve para o geral dos leitores; deve usar de «intemerato» como se fôsse synonymo de «destemido», de «indecente» como equivalente de «obsceno», afim de ser comprehendido por individuos cujos instrumentos linguisticos, no dizer drastico de H. G. Wells, não são mais aptos ao pensamento contemporaneo do que uma gaita, uma matraca e um tambor são capazes de reproduzir a *Erotica* de Beethoven.

E, ignorantes da propria ignorancia, participam da mais deploravel das ignorancias. Excepto entre alguns raros escriptores e criticos não ha consciencia deste grave defeito. O vulgar dos homennão suspeita que o seu vocabulario restricto restringe tambem as suas ideias. Sabe que na lingua existem «palavras difficeis», termos raros, mas desconhece que isto implica a existencia de noções definidas além do seu horisonte mental. A sua mesquinha collecção de palavras diarias, de phrases cançadas e de trapos safados constitue o que elles chamam de *portuguez rasteiro*, e acreditam seivamente que fóra dos seus estreitos limites existe apenas um dialecto elaborado e obscuro feito para uso privado dos doutos.

Não padece duvida ser esta suspeita assaz justificavel pelas facanhas estylisticas de pretenciosos e garrulos plumitivos. Mas, é uma justificação superficial de um erro profundo e desastroso.

As falhas no vocabulario de um homem correspondem lacunas na sua intelligencia; a falta de palavras significa a ausencia de ideias que elle não tem meios de apprehender claramente, constituem symptomas lastimosos da sua imperfeita existencia mental, factores consideraveis no conjunto da sua inaptidão pessoal para a vida.

É esta ignorancia da lingua portugueza, tão ameaçadora para o futuro da nossa nacionalidade, é infelizmente mais do que ignorancia passiva: é activa, é aggressiva, tem campeões na imprensa e no ensino.

Urge, pois, combatê-la por todos os meios e desde as aulas pri-

marias ; mas, por processos menos irracionaes e absurdos quaes os methodos actualmente em vigor.

Até onde me conduziram involuntariamente as *Grammaticas* do Dr. Julio Pires!!!!...

31—**P. Raphael M. Galanti, S. J.**—COMPENDIO DE HISTORIA DO BRASIL—Tomo IV.—São Paulo, Duprat & Comp., 19° 5, in-8°, 687 pp.

Com este quarto volume terminou o erudito e operoso professor do *Collegio Anchieta* o livro, começado a publicar em 1896, em que empreendeu narrar os fastos da sua patria adoptiva.

Obra destinada ao ensino, conforme bem indica o seu titulo de compendio, á sua franca adopção nas nossas aulas secundarias, talvez, se opponha o seu consideravel desenvolvimento e, mais ainda, a sua feição tendenciosa, apparente mau grado o esforço persistente e a habilidade frequente do Autor em occulta-la.

O que, porém, como livro didactico, lhe póde ser defeito—o grande vulto de seu tomo—o torna de proveitoso versar ao estu tioso, que já deixou atraz os bancos escolares e busca instruir-se na historia do Brasil, curioso de particularidades e interessado na discussão de episodios.

Como tal é abundantissimo em informações dispostas com clareza e methodo e expostas, sempre que o permite o sectarismo incoercivel do Autor, com a desejavel imparcialidade, primando na rigorosa exactidão chronologica, no que não ha assaz louvar, pois, como disse Merimée, sem as datas os factos como que perdem toda a sua consistencia real.

Compreende o presente volume o periodo decorrido desde a vinda da familia real portugueza até a terminação da guerra do Paraguay, abrangendo assim e phase mais movimentada se não a mais pittoresca do passado nacional, a multiplicidade de cujos successos não impedio fossem todos considerados com largueza proporcional pelo Sr. Padre Galanti, em linguagem polida no commercio assiduo dos classicos.

Confessando divergir visceralmente quanto ás versões que de muitos acontecimentos patrios preferio o illustrado historiographo, não devo esconder serem as suas investigações, em geral, animadas de excellente espirito critico e dominadas de grande amor á verdade historica.

E naquelles pontos, em que o testemunho irrefragavel de documentos authenticos me habilita a discordar das suas opiniões, convenho sinceramente em attribui-las a vicio das fontes a que recorreu, sem jamais suspeitar nellas origem menos contingente.

Destacando do livro as partes directamente relacionadas á historia de Pernambuco no seculo XIX—por serem aquellas em que diuturna lecção me tem feito menos ignorante—mais de uma vez encontrei motivo para discordar do Sr. Padre Galanti.

Assim é que, narrando os motins que, em Fevereiro de 1823, alvoroçaram esta capital, o Autor lava de toda a culpa e apresenta como

victima innocente de odios politicos o famigerado Coronel Pedro da Silva Pedroso, quanto é evidente que, se ao tlesloucado caudilho não cabe a inteira responsabilidade moral daquelles tristes successos, é impossivel redimi-lo da criminosa complacencia com que se prestou aos manejos ambiciosos dos seus mentores e cúmplices.

Entretanto, arguindo o Autor deste e d'out'os senões, não se lhe pode negar o plausivel empenho de sempre procurar ser veridico e fidedigno, e não fôsse o manifesta sectarismo dominante em todo o seu livro, este seria dos mais recommendaveis da moderna literatura historica brasileira.

ALFREDO DE CARVALHO.

32—**Pereira da Costa**—NA CONFERENCIA ASSUCAREIRA DO RECIFE.—*Recife. Typ. do «Diario de Pernambuco», 1905, in-4°, 56 pp.*

O presente livro do nosso illustrado confrade Dr. Pereira da Costa consta de duas memorias, uma sobre as origens historicas da industria assucareira neste Estado e a outra sobre a necessidade de um codigo florestal, ambas por elle apresentadas á Conferencia Assucareira, na qualidade de representante de Pernambuco junto á mesma.

Firmado em abundante e preciosa documentação, o nosso operoso historiador traça, na primeira daquellas memorias, a evolução da industria saccharina neste Estado, desde as remotas eras coloniaes até aos nossos dias, do estabelecimento dos primitivos engenhos ás aperfeiçoadas usinas actuaes, descrevendo os variados processos relativos á factura, ou ao cultivo do assucar, com dados estatisticos referentes ao numero das fabricas á produção, preços, etc., e discutindo importantes assumptos, como, para exemplo, o que respeita á velha controvérsia de ser a canna de assucar, a *saccharum officinarum*, de Linneo, indigena, ou exotica; na segunda estuda, com o mesmo seguro criterio e a mesma largueza de vistas, o problema da conservação das nossas mattas, ha longos annos crimosamente devastadas, para concluir pela urgencia da decretação de um codigo florestal, que venha obstar, ou minorar tão graves inconvenientes, taes os que se já fazem sentir na alteração do regimen das aguas pluviaes e correntes, ocasionando as amindadas secças de que soffrem os sertões no verão, ou as extraordinarias enchentes dos rios no inverno.

Não precisamos encarecer o valór desses trabalhos, reveladores, como quantos lhes saem da penna amestrada, do profundo conhecimento que da historia patria tem o nosso benemerito confrade.

RODOLPHO GARCIA.

33—**Pereira da Costa**.—NOTICIA BIOGRAPHICA DO DR. ANTONIO DE MORAES SILVA, Autor do primeiro Dicionario da Lingua Portugueza.—Do Almanach de Pernambuco para 1907.—*Recife, Imprensa Industrial, 1906, in 16°, 48 pp.*

Não é raro permanecerem em ingrato olvido as particularidades

da vida de cidadãos benemeritos, não curando de inquerir dellas nem aquelles que das suas obras melhor proveito auferem.

A do lexicographo Moraes estava nestas condições; até agora não possuíamos noticias certas sobre a existencia laboriosa e util do primeiro codificador da lingua que falamos: eram launosos ou infieis os poucos informes ministrados por Pereira da Silva, Varuhagen e Macêdo.

Servindo-se de apontamentos ineditos em poder de descendentes do illustre literato, acaba Pereira da Costa de organizar um esboço biographico que vem supprir satisfactoriamente esta falta.

Por elle sabemos que Antonio de Moraes Silva nasceu na cidade do Rio de Janeiro, a 1 de Agosto de 1755; recebeu a laurea ao bacharel *in utroque jure*, pela Universidade de Coimbra, em 1779; perseguido pela Inquisição, refugiou-se na Inglaterra, onde se entregou com ardor ao estudo da lingua e da literatura ingleza, bem como da allemã e da franceza, traduzio a *Historia de Portugal* escripta em inglez por uma sociedade de literatos, adicionando-lhe as notas da versão franceza e outras especialmente suas, obra esta, impressa em 1788, em tres volumes e que teve tres edições successivas; traduzio mais as *Recreações do homem sensivel* de Mr. Armand, em cinco volumes, que começou a imprimir naquelle mesmo anno e de que fez segunda edição em 1821, e ao mesmo tempo trabalhava nesse monumento que eternizou o seu nome e o sagrou benemerito da patria, o *Diccionario da lingua portugueza*.

Depois de viagens a Italia e a França, voltou a Portugal, de onde, passando-se ao Brasil, veio fixar residencia em Pernambuco, aqui permanecendo, com breves intervallos, até fallecer, no dia 11 de Abril de 1824.

Prendem sobretudo a attenção do leitor, neste novo trabalho do indefesso historiador, as particularidades ineditas sobre o caracter e a actividade litteraria do famoso lexicographo.

34—**Phaelante da Camara**—ORAÇÕES CIVICAS E LITTERARIAS.—Com um prefacio do dr. Raul Azedo.—Recife. «*A Cultura Academica*» Editora, 1906, in-4°, 146 pp.

Não é facil julgar das qualidades de um orador pela leitura dos seus discursos, porque então nos fallece o melhor elemento de prova —o auditorio, no dizer de Emerson, alguma cousa mais do que a somma dos individuos que o compõem.

Mas, no caso presente, não nos constringe semelhante difficuldade, porquanto nem o Dr. Phaelante da Camara é propriamente um orador, nem os seus trabalhos, agora enfeixados em volume, são verdadeiramente discursos.

Na preferencia dos assumptos, nos processos de composição e na forma litteraria, o illustre professor da Faculdade de Direito se nos revela sobretudo como um «ensaista» erudito e brilhante: disserta menos do que collecciona aspectos para a exposição do thema, é antes suggestivo do que exhaustivo.

Jamais submete a these a um assedio rigoroso, prazendo-lhe investi-la em repetidos assaltos, a adejar como um passero em busca de materiaes para a construcção do ninho.

Talvez apenas á conferencia inicial e aos dous discursos seguintes seja discutivel a applicação deste conceito—fructos de primeira sazão, nelles impera a nota declamatoria, com abusos de imagens e exageros de adjectivação, e a pompa excessiva da linguagem lembra por vezes os desvarios estylisticos dos «condreiros».

Quanto a todos os demais—elaborados com maior calma e mais saber, na serenidade culta que dá a consciencia da posse completa da materia—crêmos não eriar classificando-os como «geniaes», no bom significado inglez ou francez do vocabulo.

Os caracteristicos deste genero literario—equidistante da memoria documentada e solemne e do escôrço ligeiro e superficial—se evidenciam a cada uma das suas paginas, com a frequencia do *Leit motif*, o tempero anedotico, o arranjo pittoresco, o traço psychologico e principalmente a elegancia da expressão.

Acresce ainda a predilecção pelos assumptos historicos e sociaes, tão flagrante no hymno patriotico em homenagem a Nunes Machado, na bella synthese da epoca dos descobrimentos, nos a dorosos panegyricos de Martins Junior e na magnifica conferencia sobre «A Faculdade do Recife como centro de cultura e de cohesão nacional».

São quadros feitos com abundancia de erudição e carinhos de artista, e testemunham ser o Autor incontestavelmente um dos nossos prosadores mais esmerados e originaes.

Na realidade, se consideramos os elementos technicos do seu estylo—a escolha das palavras, a textura, o rhythmico e o conteúdo das phrases—a sua pericia maravilha e seduz.

Examinemos, por exemplo, o esplendido elogio a Gregorio Junior, proferido na *Academia de Letras*.

A' primeira vista notamos nelle um dos meritos mais apparentes da bõa prosa—a selecção habil e o contraste de associação das palavras empregadas, a sua singular precisão, propriedade e encanto poetico, manifestando-se em grande energia de lineamentos, onde as rigidas unidades graphicas se agrupam em mosaico delicado e multicôr.

Rennidas as palavras em phrases, estas se succedem em progresso sabia, primeiro enunciando apenas a ideia, logo deixando-a como que suspensa e precisando-a por fim claramente. Aqui o Autor excita o interesse por meio deste prestimoso elemento de surpresa que é a antithese; além, com subtileza ainda maior, faz suspeitar a antithese só para a evitar dextramente.

E a sua prosa é rhythmada sem ser metrificada; feita de allitterações e de assonancias, possue cadencia variada e jamais degenera em versos soltos, ao que, aliás, não faltam admiradores: não vimos, ainda ha pouco, proclamar-se a descoberta mirifica de que Fr. Luis de Sousa fazia prosa em versos endecasylabos ?!

Cada phrase literaria é construida de sons, assim como cada phrase musical se compõe de notas. Um som suggere, echõa, pede e harmoniza com outro som, constituindo a habilidade em usar opportunamente destas concordancias um dos superiores escôpos da arte de escrever.

A belleza do conteúdo da phrase, ou do periodo depende implicitamente de allitterações e de assorancias: as vogaes e as consoantes exigem serem repetidas e ao mesmo tempo reclamam serem perpetuamente variadas para formar o que Stevenson, nos seus judiciosos *Essays on the Art of Writing*, chamou de «melodia literaria».

A todas estas injunções da estylica obedece habilmente o Dr. Phaelante da Camara e por isso a sua prosa apresenta em geral tão exquisito relevo de sonoridade e de colorido.

Que, por vezes, estas mesmas qualidades, potenciadas em demasia, redundem em prolixidades frondosas, é defeito a que não escaparam os mestres mais applaudidos.

George Brandes, o famoso critico dinamarquez, para distinguir o estylo conciso e aristocratico de Mérimée da maneira ramalhuda e pathetica de Victor Hugo e da escripta pinturesca e sensual de Gautier, lembra os custosos aqueductos romanos, galgando valles em arcarias gigantes para alcançarem o mesmo resultado hoje obtido por meio de canalisações subterraneas, menos dispendiosas e monumentaes.

Talvez esta preocupação de escrever, não só com clareza e correção, mas ainda imprimindo á phrase melodia e côr, seja legitima e até louvavel. Mas, Zola já apontou para a eterna juventude da linguagem secca de Voltaire, que narra e não pinta, em opposição ao olvido em que vaee caindo a rhetorica apaixonada de Rousseau, o primeiro dos escriptores pinturescos. Entretanto, querer que Rousseau escrevesse como Voltaire não seria suppôr alterada a propria essencia do seu genio?

Por isso louvemos sem rebuço a maneira do elegante «ensista» pernambucano, maximé quando são estes predicados brilhantes da sua fórmula literaria que, supprindo a falta de dotes tribunicios, suggerem por vezes a illusão da oratoria, senão da eloquencia, e têm sagrado orador o Dr. Phaelante da Camara.

35—**Prof. Dr. Hermann von Ihering**—THE ANTHROPOLOGY OF THE STATE OF S. PAULO, BRASIL.—Second, enlarged edition, with 2 maps.—S. Paulo. *Tyg. of the Diario Official*. 1906, in-4° 52 pp.

Esta excellente memoria do sabio director do *Museu Paulista*, digno filho do famoso jurista de Goettingen e um dos estrangeiros mais benemeritos pelos seus inestimaveis serviços á sciencia brasileira, foi primitivamente escripta para figurar na Exposição Universal de S. Luiz, e apparece agora em segunda edição assaz desenvolvida.

Comquanto o Autor confesse que o Estado de S. Paulo, com relação á sua população indigena, não offereça interesse especial, quer na epoca actual quer na prehistorica, ao seu estudo não fallece importancia scientifica pelo motivo de se poder agora distinguir de modo satisfactorio, os seus differentes elementos ethnographicos e relaciona los com as tradições historicas e as antiguidades prehistoricas. E assim estuda os indigenas existentes, as suas tradições,

as suas linguas, em face das pesquisas archeologicas, concludindo por admittir que o elemento aborigene de São Paulo se apresenta em tres phrases historicas consecutivas: os indios actuaes, os do tempo do descobrimento e o povo que habitava os tambaquins e ali sepultava os seus mortos, o qual é licito suppor pertencera á familia Tapuia.

Realçam o merito deste trabalho os dous mappas ethnographicos que o acompanham e comprehendem a região meridional do Brasil entre 10 e 20° de lat. sul e 20 a 45° de long. occidental. Em ambos os povos tupia são caracterizados pela cor azul, os tapuica pela vermelha e as demais tribus pela amarella. O primeiro representa a diffusão das populações indigenas nas proximidades da epoca do descobrimento e o segundo os seus restos ainda existentes no seculo XIX. Estes mappas e o texto a que se reportam constitem exemplo instructivo do desaparecimento dos primitivos habitantes do Brasil.

36—**Dr. Theodor Koch Grünberg**—ANFÄNGE DER KUNST IM URWALD.—Indianer—Hand-zeichnungen, auf seinem Reisen in Brasilien gesammelt.—Berlin, Ernst Wasmuth A.—G., 1906, in-4° oblg., XV—70 pp., 63 estampas e 1 mappa.

Os progressos consideraveis realizados, nestes ultimos decennios, no dominio da ethnographia e da linguistica dos indigenas brasileiros, têm sido quasi exclusivamente obra de exploradores e scientistas allemães, entre os quaes se salientam pelo merito dos seus trabalhos, os Drs. Karl von den Steinen e Paul Ehrenreich.

E é ainda um seu compatriota que agora nos vem trazer novas e preciosas achegas para estas interessantes e fecundas investigações.

Em dois annos de residencia entre as tribus no Alto Rio Negro colligio o Dr. Theodor Koch fartos e variados materiaes ethnographicos, de cujo preparo e publicação ora se occupa.

Como primeiro fructo dos seus estudos e pesquisas acaba de dar á luz um livro originalissimo—um album de esboços no qual os seus amigos do matto virgem registraram amostras da sua aptidão para o desenho. Juntou-lhe o Dr. Koch algumas folhas, desenhadas por indios Bakairis, que conseguiu reunir na sua viagem de exploração ao Xingü, em 1899, em companhia de outro benemerito ethnologo allemão, o Dr. Hermann Meyer.

O texto, breve mas exhaustivo, além das necessarias considerações geraes, commenta e elucida os desenhos.

Já ha tempos o Dr. Richard Andree, um dos proceres das sciencias anthropologicas na Allemanha puzera em evidencia a importancia deste ramo dos estudos ethnographicos em um ensaio sobre *O desenho entre os povos naturaes*; mas, só raramente tem havido viajantes que lhe dedicaram alguma attenção.

E' manifesto que por este meio se teriam poupado muitos esforços engenhosos e inutis na persecução de desvios fallazes, como o que conduziu a serem consideradas as inscrições em rochedos, tão

frequentes em todas as zonas, como hieroglyphos e pictographias, e a se malbaratar tanta perspicacia na vã solução dos seus pretensos enigmas.

Talvez os primeiros desenhos, a lapis sobre papel, feitos por indigenas sul-americanas sejam devidos a Karl von den Steinen e, mais recentemente, a Max Schmidt, que conseguiram mover alguns individuos das tribus do Xingú a esta occupação artistica.

Tôccos e ingennos, apresentavam, com as tentativas analogas das crianças, uma semelhança surprehendente ou antes que não deve surprehender, pois, sob muitos aspectos, o homem primitivo tem de ser considerado como uma criança, usando os allemães chama-lo com frequencia *Naturkind*.

São realmente crianças na concepção do mundo exterior e no encadeiamento dos raciocinios, conforme demonstram aquelles desenhos, cujo numero se tornára louvavel missão augmentar.

O Dr. Koch devotou-se systematicamente a esta tarefa e por isso alcançou exito magnifico.

Fez os indios desenharem com ou sem suggestão de sua parte, e cada um delles se expressou a lapis em uma ou mais folhas do album.

Em geral caracterizaram nellas com mão firme o mundo ambiente, o que não é muito de admirar attendendo-se ao pronunciado senso artistico que o selvagem revela no tecido, na pintura e na ornamentação dos seus utensilios, mascaras, adornos e armas. Naturalmente não faltam inaptidões, mas, segundo o Dr. Koch, são raras.

Em todos os seus desenhos, sobretudo nos de homens e de animaes, é peculiar o relevo das feições caracteristicas do modelo, e por vezes nota-se mesmo certa intenção humoristica.

No texto explicativo o Dr. Koch analysa as particularidades da representação em geral e após as dos differentes objectos que o indio procurou figurar.

Nestes grosseiros desenhos lineares salta á vista a preocupação de reproduzir aquillo que no momento mais interessava o rude artista, ou o que desejava communicar graphicamente ao espectador, com desprezo completo das proporções e omissão das partes que na occasião lhe pareceram menos importantes. Os lineamentos corporaes, ou os contornos constituem a essencia destes «desenhos descriptivos», como é apparente na confusão frequente entre a vista de frente e a de perfil, a exemplo dos esboços das crianças.

Os objectos são figurados em posição, por assim dizer, «mixta», apresentando os perfis dos olhos e as casas simultaneamente planta e elevação. Os membros, ainda os mais importantes como as pernas, quando não interessam especialmente o desenhista, são omittidos.

Outras vezes, por engano, ou negligencia, são acrescentados: assim figuram passaros quadrupedes e peixes com pernas.

Nestes casos é manifesto que o indio esqueceu o que pretendia representar e fundio differentes animaes em uma monstruosidade. Com frequencia apparecem tambem os membros separados do corpo, anomalia que o Dr. Koch procura explicar, suppondo ter o selvagem tido principalmente em vista «enumerar-los» ou não ter querido omittir partes invisiveis ao expectador: assim é que representa os peixes com todas as espinhas.

Os animaes inferiores, que não lhe fornecem alimento ou contra os quaes não tem de lutar, não prendem a attenção do indio; igualmente desdenha as plantas, no que, como já notou Andre, de novo se assemelha ás oriações, que sempre preferem modelos vivos.

De todos os desenhos do album os mais bem apanhados e movimentados são as scenas de caçadas e de pescaria, ou das danças guerreiras.

E' digno de nota que o selvagem tambem representa objectos que não vê, apenas crê ver ou suppõe existir, como espiritos e phantasmas, isto é, as almas dos mortos, procurando exprimir e accentuar a sua natureza incorporea, phantastica.

Em um espirito sylvestre (*Makuke*) dos indios Kobéuas o seu principal attributo, a longa barba, é posto em forte relevo.

A colleção contem ainda alguns desenhos das máscaras usadas nas cerimoniaes dos ditos Kobéuas e figurando espiritos maus, gnomos e gigantes, que povoam a natureza toda e são a causa de todos os males.

A estampa 54 mostra uma planta de parte do rio Caiary-Uapés, desenhada por um indio Kobéua muito circunstanciadamente, porém, com pouca exactidão topographica.

Não são menos curiosas as duas chartas celestes dos Tucanos e dos Kobéuas (Ests. 55 e 56) onde vemos que a imaginação de selvagem tambem povoou o firmamento de homens e animaes, frequentes personagens dos seus mythos, ou descobre nos astros objectos do seu uso quotidiano, como o fizeram os antigos. As constellações têm nomes proprios e por vezes,—diz o Dr. Koch, mais expressivos do que os dos antigos. Os Kobéuas denomnam a via lactea de *maúma*, ou «caminho dos sapos», o que o desenhista expressa por meio de um grande barachio.

As ultimas e tampa trazem amostras do desenho ornamental dos indigenas, no qual predominam motivos tirados dos seus modelos de tecidos.

Finalmente para tornar os *Primordios da Arte na Floresta Virgem* um livro de ameno versar, concorre ainda o seu aspecto artistico e a sua execução typographica, tão aprimorada quanto original.

ALFREDO DE CARVALHO

37—**L. F. de Tollenare**—NOTAS DOMINICAES, tomadas durante uma residencia em Portugal e no Brasil nos annos de 1816, 1817 e 1818.—Parte relativa a Pernambuco, traduzida do manuscrito francez inedito por Alfredo de Carvalho, com um prefacio de M. de Oliveira Lima.—*Recife. Empreza do Jornal do Recife*, 1905, in-4º, 261 pp. e 16 gravuras.

O Dr. Alfredo de Carvalho, a cujo esforçado e intelligente perquirir a historia pernambucana vae devendo em grande parte a sua reconstituição, acaba de traduzir e publicar, em um bello volume in-4º, de 261 paginas, ornado de numerosas gravuras, as *Notas Do-*

minicaes redigidas pelo francês L. F. de Tollenare, durante uma residência em Portugal e no Brasil, nos annos de 1816, 1817 e 1818, na parte que se refere a Pernambuco.

O illustrado traductor afigura-se-nos o cavalleiro melhormente armado para nobilissima cruzada que emprehendeu desde o alvorecer da sua trabalhosa carreira litteraria, um dos poucos que, em nosso paiz, alliando o perfeito cultivo dos multiplices assumptos historicos com a larga erudição polyglotta e a pratica insigne das boas letras, tem contribuido, á luz dos velhos documentos ignorados, para desbravar essa deveza intrincada que é a historia patria nos seus periodos primitivos.

Dá-nos elle o exemplo, raro talvez, do historiador consciencioso que não desadora o escriptor correcto, o estylista elegante, curando por equal da belleza de uma phrase e da exactidão mathematica de uma data. Mas, esboçar-lhe a personalidade, fóra obra de sobremão e vagar, que por alheia ao nosso intento e superior a nossa competencia, a outrem seja dado fazer algum dia.

As *Notas Dominicæes*, a que nos vinhamos referindo, embora tivessem ministrado informações a Ferdinand Denis e Varnhagen, permaneciam ineditas, no manuscrito original, primeiro em poder da familia de Tollenare e depois nos archivos da Bibliotheca de Santa Geneveva, em Paris.

A' iniciativa de Alfredo de Carvalho o Instituto Archeologico e Geographico mandou copial-as, dando ao historiador pernambucano o encargo de trasladal-as para o vernaculo e incumbindo de prefacial-as o illustrado Dr. Oliveira Lima, que traçou do livro e do periodo historico, a que elle se refere, uma sumptuosa synthese, em que refulge o brilho dos seus reconhecidos talentos.

Motivos commerciaes trouxeram Tollenare a Pernambuco e a Bahia, como antes o levaram á metropole. As folgas dos seus negocios, aos domingos, aproveitava-as elle para reduzir á escripta as suas impressões, despreoccupadamente, sem, per certo, visar a publicidade.

Espirito observador e sufficientemente instruido, não sendo, entretanto, um artista, ou um erudito, a Tollenare não escapam os differentes aspectos sob os quaes se apresentam as terras que visita, descrevendo-os, ou criticando-os, ora com rigor, ora com sympathia.

A sua chegada a Pernambuco, a descripção do Recife e dos arredores, o estado da sociedade daquella epoca, a actividade agricola e industrial nos engenhos, tudo isso é contado com larga despeza de minucias; a instituição da escriptura, a vida miseravel dos negros, offerece margem para dissertações em que se revela no homem de negocios o philosopho a quem não são extranhas as idéas de liberdade e philantrophia, caras aos moralistas seus contemporaneos.

A attenção do viajante é frequentemente sollicitada para as condições economicas da capitania, a distribuição dos impostos, o problema da instrucção publica, a administração, a justiça, a tropa, o clero; notas botanicas e geographicas, tomadas ao naturalista nacional Arruda Camara e ao viajante inglês Koster, as culturas da canna e do algodão, as pequenas industrias, a exportação de productos, estradas e transportes, tudo o autor consigna e pormenoriza, ao mesmo tempo que vae

traçando paisagens locais, quadros da vida rural, scenas de costumes, com requintes de observações e larga distribuição de tintas.

O autor mostra-nos que o francês Germain, director do horto botânico em Olinda, não tinha o mais ligeiro conhecimento de botânica e, apesar de bem pago, era desidioso, preferindo a companhia alegre dos patricios, no Recife, aos cuidados do emprego; que os dois successores do bispo D. Azeredo Coutinho não gosavam de bom conceito, eram abertamente accusados de simonia; que os conegos da Sé de Olinda viviam publicamente com as suas concubinas nos proprios domicilios; que no recolhimento de senhoras, na velha cidade, era costume ir merendar quem alli não tinha amigos...

Assim, apreciaveis e curiosas do ponto de vista descriptivo dos usos e costumes da epocha, de certo, alguns desapparecidos, outros modificados, as *Notas Dominicæes* avocam o valor e o interesse de um depoimento historico de testemunha presencial, quando se referem aos successos politicos de 1817, julgados, por seguro, nem sempre com absoluta isenção de espirito, pois que nelles, como bem insinúa o Dr. Oliveira Lima, o negociante francês via apenas o lado inquietador e não a feição moral da mais sympathica de todas as nossas revoluções.

As notas consignam a precipitação do movimento revolucionario, a exaltação dos espiritos, os excessos nativistas, a fraqueza e a ineptia do Governador Caetano Pinto de Miranda Montenegro, as suas medidas tardias, a fuga para a fortaleza do Brum, a humilhante capitulação, «scripta sobre um farrapo de papel banhado de lagrimas ridiculas»; e, assim, passo a passo, todos os episodios da revolução, o seu progresso com as adhesões da Parahyba e Rio Grande, o declinio, o fim com a evacuação do exercito republicano, desembarque dos marinhos da esquadra real e rendição das fortalezas, são descriptos e criticados em extensas notas que occupam, mais ou menos, um terço do livro.

«Os philosophos e os intrigantes, pondera Tollenare, são sempre os autores das revoluções». Entre os primeiros, no caso que lhe era presente, o autor vê a figura sympathica do padre João Ribeiro, membro do governo provisorio, «um homem instruido e sem fortuna, sendo bastante philosopho para desprezal-a», respirando pela liberdade mais por amor da liberdade do que por ambição; entre os outros, destaca Domingos José Martins, o typo do homem de negocios mettido em politica, ambicioso, intrigante, «atormentado pelo desejo de fazer uma fortuna tanto quanto um nome.»

Todas as personagens do movimento revolucionario são retratadas com mais ou menos fidelidade; o suicidio do Padre João Ribeiro, a execução do Padre Tenorio e de Frei Miguelinho, suscitam paginas de emoção e tristeza, sentimentos com que o autor se despede de Pernambuco, depois de uma permanencia de oito meses.

Alguns erros ou enganos, que existem em seu livro, o traductor corrigio em pequenas notas.

Tal é o precioso trabalho que, depois da importante obra do Dr. Oliveira Lima,—*Pernambuco. Seu desenvolvimento historico*, mas vem contribuir para a clareza e comprehensão da historia pernambucana.

Ao erudito e operoso traductor, muito agradecemos o exemplar com que a sua nimia gentileza se dignou presentear-nos.

28—Março—1906.

RODOLPHO GARCIA.

38—*Idem.*

Neste momento acabo de ler a ultima pagina das *Notas Dominicanas* de Tollenare, e ante a amargurada recordação com que elle as fecha, reveladora da sua sympathia pelas victimas de uma mallograda revolução feita sem plano: «Posso, acaso, impedir que o meu coração se confanja ao lançar um ultimo olhar sobre a cabeça desfigurada do infeliz Padre João Ribeiro, que permanece exposta na Praça do Commercio?» quèdo-me pensativo com os cotovellos sobre o livro, faço nas mãos espalmadas e olhos abertos para o espaço, numa immobildade de abstracção ou de concentraçào de espirito, durante a rapidez da qual a memoria, esse espelho magico do cerebro, recapitula e reflecte, numa evoluçào poderosissima de synthese, tudo quanto leu e vio, suppoz e vislumbrou, resumindo num pequenino espaço toda a enormidade da visào intellectual e da sensaçào moral, como em miniatura a paisagem de uma téla iumensa, tudo ainda mais com o acrescimo das idéas associadas, das controversias da critica latente, das impressões, das sensações, num microcosmo miraculoso pela sua potenciaçào synthetica.

E perpassa-me pelo espirito toda a obra qual num cinematographo. E' com effeito um livro.

Mas, quem procurar nas *Notas Dominicanas*, ora expostas ao publico pela primeira vez, depois de terem jasiido tantos annos no concheço carinhoso da familia do seu autor, modesto viajante occupado com os seus negocios commerciaes, uma destas obras a que a litteratice moderna impertinentemente convencionou chamar *obra d'arte*, por um euphemismo inconsciente, soff'rá de certo uma triste desillusão, porque nas suas *notas* Tollenare não exgotton as forças intellectuaes em amarfanhar palavras com a preoccupaçào unica de *fazer estylo*, consoante a errada denominaçõe que ao vicio vaidoso dão, oheios de anchuras ridiculas, *os novos*.

O autor francez das *Notas Dominicanas* é um homem de bom senso.

Vindo ao Brasil a negocio e sem preoccupações litterarias de especie alguma procurou apenas ver o novo paiz e o novo povo, no meio do qual ia viver algum tempo, como sabem ver as pessoas intelligentes e conscienciosas nos seus estudos, e quiz depois, sem preoccupar-se de si, dar aos seus patricios uma idéa exacta do que vio, comprehendeu, ou soube por informações que lhe pareceram fidedignas.

E conseguiu-o. De forma que, em vez de uma obra de imaginaçào, rendilha'a em estylo gothico-bizantino, burilada com arabescos a Bevenuto Cellini, exhaustiva pelas frandulagens, fez simples-

mente uma obra solida e séria, util e verdadeira, á moda de Montesquieu ou Voltaire. Além do seu valor historico, no rigor da palavra, a obra de Tollenare o é de critica e de criterio. Perdoem-me o trocadilho, sem intenção.

Ao passo que descreve, narra, pinta e inicia o leitor nos segredos da vida e da natureza pernambucana de então, analyse e aduba a sua narrativa com observações philosophicas judiciosissimas, cheias de uma sinceridade tocante, de tal probidade que nunca se esquece de allegar a ignorancia quando sobre um assumpto não tem dados seguros ou sciencia para falar, do que se podem colligir a solidez e sensates do seu espirito, e até um certo descortino bastante lucido.

Tal o indicam os conselhos que dá quando visita os engenhos obstinadamente rotineiros, não só com relação aos machinismos imperfeitos, como, tambem, com relação ao plantio das cannas, amanho das terras, e á agricultura em geral. Do mesmo modo os conceitos que emite por occasião de assistir a sedição de 1817, desde o seu inicio precipitado, de verdadeira surpresa, até o seu termino fatal.

Por esta occasião dá-nos Tollenare os retratos não só physicos, como tambem moraes, dos proceres da revolta, e á luz radiante, a que elle os expõe com o seu senso observador e pratico, aquelles heróes da insensatez bem intencionada, se nos apresentam sob um aspecto todo novo, porém consentaneo com a verdade psychologica, muito mais do que com a historica, como até hoje tem sido vista atravez de Muniz Tavares, o padre Martins e outros, sendo que em alguns d'elles a divergencia das duas verdades se accentúa de tal forma, que a lenda se dissolve e o culto se esborôa. Tal o que se dá com Domingos José Martins, alma da revolta, o qual se valia do poder para beneficiar-se a si proprio, tendo assim, como chefe de governo, verdadeiros desdobramentos na actualidade.

Demais, esse estudo poderia ser feito com toda a pericia e completado com vagar, porque o autor das *Notas Dominicæes* conviveu com os revolucionarios, sendo intimo de alguns, de affecto de outros: figurou como emissario neutral em diversas emergencias, e com o proprio governo sedicioso teve transacções e attritos.

E' este um dos pontos interessantes do livro, sendo de lastimar que o autor o ternasse tão succinto. Verdade é que o viajante francez não desce a minuciosidades inuteis, nem pretendou fazer a chronica diaria ou semanal da revolução. Vio-a toda, assistio a sua elaboração e evolução, estudou-a e a descreve somente a largos traços, pondo, entretanto, em cada cousa e em cada individuo uma nota sóbria, as vezes rapida mas que é o bastante para definir, talvez melhor do que uma prolixa dissertação. O seu pincel é parco; mas cada vincelada é um raio de luz.

Uma das cousas mais difficéis para o conhecimento de uma epocha e de um paiz é a reconstrucção exacta dos seus usos e costumes, abrangendo estes religião, politica, familia, todas as modalidades da vida e todas as suas cambiantes, tristezas e alegrias, soffrimentos e prazeres, lutos e divertimentos.

Pois é justamente neste ponto tão complexo que a obra de Tollenare é de um subsidio inestimavel, completo quasi, si bem que, segundo elle mesmo confessa, não penetrasse na vida intima, domes-

tiça da alta camada social, como quem dissesse «na aristocracia da terra», porque «os portuguezes do Recife são pouco expansivos e fecham de ordinario o interior de suas casas». Mas nisto mesmo, por illiação, fica entrevisto um costume. Quanto a classe média, porém, em que viveu sempre, e na infima, a dos mestiços, mulatos e até escravos, com a qual acotovelava de continuo, as suas informações nada deixam a desejar, descendo por vezes a minucias rigorosas.

Nada lhe escapa á perspicacia estudiosa; dados estatísticos, commerciaes, administrativos, industriaes, agricolas, pastoris d'aquella epocha, 1817 a 1818; preço dos cereaes, do asucar, do algodão, dos generos alimentícios; confrarias e irmandades; immoralidades dos frades e padres; passadio de festas nos arrabaldes; transportes; festas; diversões publicas e particulares... tudo elle esmerilha, estuda, analysa, e de tudo dá noticia exacta, com simplicidade, e clareza inimitaveis,—o que torna o livro ainda mais apreciavel, principalmente como um verdadeiro livro de consulta segura, dadas as devidas proporções, como os de Thierry, seu patricio.

Com referencia a este ponto de estylo,—simplicidade e clareza,—o Dr. Alfredo de Carvalho não realiso o proverbio italiano: *traductore, tradictore*. Fidelissima, a sua traducção não offusca, nem diminue as bellezas do original. Todavia, em alguns pontos, corrige, em notas de traductor, alguns enganos ou erros em que cahio o autor, erros de datas e enganos de factos, muito desculpaveis aliás n'um estrangeiro que escrevia *currente calamo*, sendo obrigado, por vezes, a cingir-se ás informações, a recorrer a simples reminiscencias, sem tempo para consultar livros, e sobre tudo, sem pretensão de escrever uma obra, mas unica e modestamente com a de fornecer a seus patricios dados exactos sobre Pernambuco, como emporio commercial.

Consequindo arrancar do olvido, em que jazia, o obra de Tollenare e dando-a a estampa, na parte em que ella se refere a Pernambuco, o Dr. Alfredo de Carvalho prestou á sua terra um serviço incalculavel, podendo dizer-se que, depois da publicação do *Pernambuco—Seu desenvolvimento* de Oliveira Lima, escriptor que seguindo um critico argentino, «não é brilhante, mas é solido» a obra mais importante que sobre Pernambuco se tem publicado é esta de que me occupei com tanta incompetencia, perdoavel todavia, se me levarrem em conta a boa vontade de vulgarisala.

Penso que as *Notas Dominicæ* constituem uma obra digna de todas as estantes, e, mais,—que nenhum pernambucano tem o direito de deixar de lè-la.

CARNEIRO VILELLA.

39.—**Alfredode Carvalho.**—PHRASES E PALAVRAS.—Problemas historico-etymologicos. 1.ª Serie—*Recife, J. W. de Medeiros & Cª, Editores, 1906, in-16º, VIII—88 pp.*

Tenho em materia literaria dois fracos, que reputo desculpaveis, como sempre se reputam os fracos: pelos dramalhões e pela historia

anecdótica. Entre os primeiros inclúo não sómente as velhas composições de capa e espada, como o moderno no genero, desde as produções lacrimosas de mestre Ennery até as reconstruções graciosas de mestre Sardou. Na historia anecdótica comprehendo em primeiro logar as memorias, vibrantes como as de Marbot, compassadas como as de Talleyrand, futeis como as da duqueza d'Abante, bisbilhoteiras como as de Constant, recriminadoras como as de Barras, desculpadoras como as de Godoy, distintas e pessoas todas ellas. Conto depois um certo genero de narração, que ou póde alliar a fantasia á verdade, se quizerem á intuição historica, como as novellas do pae Dumas; ou dar as velhas tradições e contos a forma picante e attraente do folhetim moderno, como que enroupando um chronista de pesados atavios rethoricos nos leves trajas de stylo de um Jules Janin.

Estava justamente a meio da leitura do livro *Tradiciones de um mestre sul-americano de este ultimo genero*, o peruano Ricardo Palma, quando recebi de Pernambuco, do dr. Alfredo de Carvalho, um elegante voluminho impresso em Londres e que se intitula *Phrases e Palavras*. A circumstancia de ser-me dedicado o trabalho não me deve empatar de dizer delle o bem que penso, tanto mais quanto a dedicatória é tudo quanto ha de mais singelo, de mais conceituoso, ao mesmo tempo de mais affectuoso, destoando das offerendas rebuscadas e elegiadoras que fazem corar os que se não deixam mais levar pelas palavras enganadoras.

Ao espirito congenial de Oliveira Lima mandou o autor imprimir na pagina immediata ao frontispicio, e espirito congenial o sou, desde o momento em que, como elle, busco na historia mais do que um passatempo, a melhor occupação, que não exclue o deleite; desde o momento em que ambos nos deixamos intellectualmente embalar pelas lendas fragrantas do nosso passado e enthusiasmar pelos lances epicos da historia dos seculos em que tivemos epopéas, e prender pelas sinuosidades caprichosas dessa corrente de tantas modificações, de margens ção cheias de vegetação entre as quaes desliza tranquilla, de trechos tão pitorescos entre os quaes espuma impetuosa, que é a historia brasileira desde as primeiras explorações do litto al ameno até a conquista darua do mais recondito e agreste interior.

Ambos, aliás, temos fruido da historia, elle m'o escrevia, com acerto, a utilidade que Nietzsche obamou de monumental, isto é, servindo de lição, exemplo e consolo para as miserias contemporaneas.

O livrinho do dr. Alfredo de Carvalho—digo livrinho porque tem 88 paginas—só podia ter sido escripto por quem haja consumido annos no estudo intelligente do passado nacional e conheça a um tempo os seus philologos e os seus pamphletarios; porquem haja sentido as differenças da paisagem brasileira e percebido a sua relação com a psychologia popular; por quem possua cultura scientifica geral e um gosto litterario especial.

São vinte problemas historico-etymologicos os que ahi se estudam e para que busca o autor solução, guiado pelas palavras de Coleridge, de que a linguagem é o arsenal do espirito humano, contando a um tempo os tropheus das glorias idas e os instrumentos bellicos das futuras conquistas. Alguma das soluções encontradas apparecem curiosas pelo inesperado ou interessantes pelo esquecido, descobrindo

laços íntimos e desconhecidos entre expressões corriqueiras e filiações do tupi ou do angolez, entre phrases usuas e memoraveis acontecimentos historicos. Quantos por exemplo sabiam a significação de *guabirú*, alounha dada aos conservadores de Pernambuco pelos annos de 1840 porque os accusava a oppresão de roerem o queijo do Estado, e *guabirú* em tupi é rato? Quantos sabem fazer remontar exactamente a expressão—*no tempo do onça*—ao seu genuino tempo, nos fins de seculo XVIII, em que o cargo de chefe de policia foi pelo governador de Pernambuco d. Thomaz José de Mello, confiado ao herculeo e activo capitão de granadeiros José Corrêa da Silva, por alounha o Onça, esgrimista insigne e terror dos criminosos?

O defeito dos trabalhos historicos desta natureza é que podem facilmente cair na peor vulgaridade que é a pretenciosa, e sobretudo que não raro a forma se lhes torna arrevezada: amaneirada querendo ser amena e graciosa, como a de certos *passeios* de Joaquim Manoel de Macedo pelo Rio de Janeiro, ou fastidiosa querendo ser elucidativa e suggestiva. O sr. Alfredo de Carvalho, está, porém, ficando —tive o prazer de verificá-lo—um verdadeiro escriptor de historia, além de um erudito que já era.

O seu estylo tem ganho em agilidade, ao mesmo tempo que a sua linguagem se vae opulentando de locuções bebidas nos velhos escriptores classicos e de termos fornecidos pelas suas multiplas leituras e que correspondem a objectos e idéas de que não cogitava a vida antiga. Como amostra e comprovação vou transcrever um largo trecho a proposito do termo *ogreste* usado no norte não como pensava Macedo Soares por opposição a *sertão*, o equivalente da *marinha* do Paraná, mas para determinar uma das cinco zonas pernambucanas, successivas que vão do littoral ao interior, de nascente para poente. Nada conheço de melhor sobre o assumpto, quer como classificação, quer como descripção.

« Resulta dahi o contraste manifesto en're a densa população e a intensa actividade agricola da sua parte levantica e as immensas solidões incultas do occidente, opposição aliás mitigada pela demorada passagem com que se opera através das zonas intermedias do *sertão* á *praia*, todas tão bem caracterisadas pela natureza do sólo e o aspecto da flora.

A *praia*, producto de um solevamento occorrido em tempos pre-historicos, é um delegado cairel litoraneo, alcançando apenas o sopé da primeira série de antigas collinas terciarias, que constituam a primitiva costa e em alguns pontos ainda chegam até o mar. Aqui apaulada, dissimula os tremendas sob a verdura forte dos mangues: além, arenosa, borda-se de coqueiros ou ostenta o colorido variegado da folhagem dos cajeiros.

Segue-se-lhe a *matta*, trecho bem regado, abundantissimo em pequenos valles uberrimos e assignalado pela exuberancia verdadeiramente tropical da sua vegetação, espessa e alterosa, nutrida na fertilidade dos aluviões inexauriveis.

E' a região das grandes arvores, por não ser mais a das grandes florestas, onde espande a floração aurea ou violacea do pau-d'arco, as sicupiras erguem os seus troncos gigantes fugindo á sombra eterna dos massiços inferiores, o angelim mosquêa-se de corrollulas roxeadas,

as baraúnas abrem as suas frondes colossaes de folhas miudas e luzidias, e na humidade tepida do ar vagam os aromas capitosos de fantasticas orchidaceas. E' a terra dilecta da cultura da canna, onde nos mezes de safra fumegam os boeiros de dois mil engenhos.

Abrangendo quasi toda a superficie das jazidas terciarias, a sua latitude não excede a sessenta kilometros.

Vem após a zona *agreste*, estreita faixa que cinge a fronteira das rochas *crystallinas* do grande planalto interior; pronunciam-se alli os accidentes do terreno: elevam-se serrotes empinados de faldas abruptas, rasgam-se grotas profundas de bordas escarpadas. No solo pedregoso a vegetação escasseia e diminue de porte; surgem os primeiros cardos, as *estrellas*, os *facheiros*, e os algodoaes pontilhados de flores amarellas ou abrindo as «mações» em flocos de neve.

Na *catínga* immediata augmenta de rusticidade o aspecto da paisagem, imperando a côr pardacenta da folhagem das *euphorbiaceas*; a espaços afloram aridos «lageados» de granito e quartzo, orlados das genuinas plantas do deserto, *mandacarús*, *chique-chiques*, *macambiras* e *chichás*, hirtos e armados de puas aciculadas.

E logo depois começa a vastidão monotonica e desoladora do *sertão*; plano e interminado, o chapadão se dilata para o oeste, offerecendo á vista sempre a mesma superficie unida, verde no inverno e vermelha ou cinerea no ardor do estio; raramente altera a fatigante uniformidade do scenario um contraforte perdido de longinqua serrania ou o curso precario de algum affluente do rio São Francisco. »

Este trecho preciso e formoso é certamente de um escriptor da familia de Euclides da Cunha, cujas observações da terra, sempre tão originaes e ao mesmo tempo tão exactas, sempre tão profundas e ao mesmo tempo tão impressivas, traduzem numa combinação primorosa, a comprehensão intellectual e a vibração pessoal.

OLIVEIRA LIMA.

ACTAS DAS SESSÕES

Sessão de Assembléa Geral aos 7 de Junho de 1901

PRESIDENCIA DO EXM. SR. DESEMBARGADOR LUNA FREIRE

A uma hora da tarde presentes os Srs. Drs. Conselheiro Pinto Junior, Regueira Costa, Pedro Celso, Alfredo de Carvalho, Affonso de Albuquerque, Sebastião Galvão, occupando a cadeira de 1º Secretario que não compareceu, Aprigio Garcia, substituindo o 2º, e Barão de Nazareth, abriu-se a sessão, e lida a acta da antecedente foi approvada, depois de ter sido acceita uma reclamação do Sr. Dr. Affonso de Albuquerque no sentido de se fazer constar ter elle, na sessão passada, votado contra a proposta e a emenda dos Srs. Drs. Democrito Cavalcanti e João Coimbra referentes á estatua do Conde da Boa-Vista.

O Sr. Dr. 1º Secretario mencionou o seguinte expediente:

Um officio do Sr. Dr. Antonio Xavier de Souza Cordeiro accusando a recepção e agradecendo o seu diploma de socio correspondente da Instituto.—Inteirado.

Um dito do Monsenhor Raymundo Ulysses de Pennafort, no mesmo sentido.—Inteirado.

Um dito do Dr. Vicente Ferrer de Barros Wanderley Araujo em nome do Sr. Bernardino Lopes de Oliveira no mesmo sentido.—Inteirado.

Um convite do Revdm. Monsenhor Secretario do Bispado para o Instituto se fazer representar no desembarque do Exm. Revdm. Sr. Bispo Diocesano.—Tiveram conhecimento do convite todos os senhores socios que compareceram á séde do Instituto.

Um officio do Sr. 1º Secretario da Sociedade *Heliotropia*, de 6 de Maio, remettendo a relação dos socios eleitos para comporem o seu conselho administrativo do corrente anno.—Mandou-se agradecer a communicação.

Um dito da Sociedade *Perseverança e Auxilio*, de Macsió, pedindo para a sua bibliotheca as publicações do Instituto.—Mandou-se satisfazer.

Foram presentes as seguintes offertas:

Pelo Instituto Archeologico e Geographico Alagoano um numero da sua *Revista*.

Pelo Instituto Geographico e Historico da Bahia, idem.

Pelo Instituto Historico e Geographico de S. Paulo um exemplar dos seus Estatutos.

Pelas respectivas redacções diversos jornaes deste e de outros Estados.—Mandou-se archivar e agradecer as offertas.

Foi presente uma declaração escripta pelo Exma. S-a. D. Laura Carneiro da Cunha, dizendo concordar em que o dinheiro que angariou para a estatua do Conde da Bôa-Vista seja applicado a confecção de um retrato a oleo do mesmo Conde.

O Sr. Presidente submetteu a discussão a proposta apresentada na sessão anterior pelo Sr. Dr. João Coimbra, sobre a supressão do logar de Thesoureiro do Instituto e passagem das attribuições deste para a mesa administrativa, com a emenda que na occasião fôra apresentada pelo Sr. Dr. Democrito Cavalvanti. Depois do mesmo Sr. Presidente ter feito sobre o assumpto judiciosas considerações no sentido de provar a inconveniencia da supressão proposta, e de ter por sua vez o Sr. Barão de Nazareth combatido a alludida proposta, bem como a respectiva emenda, foram ambas rejeitadas, contra o vo o do Sr. Dr. Affonso de Albuquerque.

A' vista disto precedeu-se á eleição do Thesoureiro, recolhendo-se nove cedulas, que foram devidamente apuradas, verificando-se ter sido eleito o Sr. João Walfredo de Medeiros para aquelle cargo.

Em virtude da consulta feita pelo Sr. Presidente, deliberou o Instituto que se officiasse ao ex-Thesoureiro, Dr. Gaudino Eudoxio de Britto, para que entrasse elle com a importancia do desfalque verificado em sua tomada de contas, satisfazendo assim o compromisso que contrao para com o Instituto, sob pena de sem perda de tempo serem contra elle empregados os meios judiciosaes.

Em consequencia dessa resolução do Instituto ficou prejudicada uma proposta do Sr. Dr. Affonso de Albuquerque no sentido de se proceder criminalmente contra o ex-thesoureiro, proposta que foi apresentada por occasião de ser discutida a que consignava aquella mesma resolução.

Passando-se a outros assumptos o Sr. Presidente nomeou uma commissão composta dos Srs. Drs. Conselheiro Pinto Junior, Sebastião Galvão e Aprigio Garcia para, em nome do Instituto, cumprimentar ao Exm. Revdm. Sr. D. Luiz, Bispo de Olinda, e outra, composta dos Srs. Drs. Pedro Celso, Sebastião Galvão e Aprigio Garcia, para se entender com o Exm. Sr. Governador do Estado sobre o pagamento das subvenções votadas em favor do Intituto.

Para a commissão de admissão de socios que se achava incompleta pela renuncia que dos cargos fizeram dous dos seus membros, o Sr. Presidente nomeou os Srs. Dr. José Vicente da Silva Costa Moreira, bem como nomeou para auxiliar o 1º Secretario na direcção da bibliotheca de conformidade com o disposto no § 4º do art. 23 dos Estatutos, ao Sr. Dr. Alfredo Ferreira de Carvalho.

Por ultimo foram lidas e remettidas á commissão de admissão de socios tres propostas para socios effectivo, correspondente e honorario.

Nada mais havendo a tratar foi levantada a sessão.—*Adelino Antonio de Luna Freire*, Presidente.—*Sebastião de Vasconcellos*

Galvão, 1º Secretario interino.—*João Vicente da Silva Costa*, servindo de 2º Secretario.

Sessão ordinaria de 4 de Julho de 1901

PRESIDENCIA DO EXM. SR. DESEMBARGADOR LUNA FREIRE

A' uma hora da tarde, presentes os Srs. Drs. Desembargador Francisco Luiz, Democrito Cavalcanti, Eudoxio de Britto, Conselheiro Pinto Junior, Regueira Costa, João Vicente, Alfredo de Carvalho, Sebastião Galvão, substituindo o 1º Secretario, e os Srs. Augusto Cesar, occupando a cadeira de 2º Secretario, professor Rocha Pereira e João Walfredo de Medeiros, abriu-se a sessão.

Lida a acta da sessão antecedente foi approvada. O Dr. 1º Secretario mencionou o seguinte expediente.

Um officio do Sr. Capitão Dr. Melchisedech de Albuquerque Lima, accusando a recepção e agradecendo o seu diploma de socio correspondente do Instituto.—Inteirado.

Foram presentes as seguintes offertas:

Pelo observatorio do Rio de Janeiro um volume do seu *Anuario*.

Pelo autor, o Sr. Dr. Sebastião Paraná, um exemplar da sua obra *Chorographia do Paraná*.

Pela Repartição de Archivo e Estatistica do Estado de São Paulo os vols. XXIX, XXX e XXXI da collecção de *Documentos Interessantes para a Historia e Costumes de São Paulo*.

Pela respectiva redacção um numero da *Revista Militar*.

Pelo Ministerio de Industria e Viação um numero do *Boletim Mensal*.

Pela redacção dons numeros do *Boletim Salesiano*.

Pelo autor, Dr. Thaumaturgo de Azevedo, um exemplar da obra *O Acre, Limites com a Bolivia*

Pelo Sr. Professor Joaquim Elias de Albuquerque Rego Barros um projectil achado nos montes Guararapes.

Pelo Exm. Sr. Desembargador Francisco Luiz o seu retrato a *crayon* para ser collocado na galeria do Instituto.

Pelas respectivas redacções diversos jornaes deste e de outros Estados. Mandou se archivar e agradecer as offertas.

Em seguida foi lido o parecer da commissão de admissão de socios e correndo o esrutinio secreto foram approvados: socio honorario o Exm. Revdm. Sr. Bispo Diocesano D. Luiz Raymundo da Silva Britto, socio correspondente o Sr. Pablo Blanco de Azevedo e socios effectivos os Srs. Dr. José Gonçalves Maia e Balthazar de Albuquerque Martins Pereira, sendo remettida á mesma commissão para dar parecer outra proposta para socio correspondente.

Empossado o novo Thesoureiro, Sr. João Walfredo de Medeiros, o Sr. Dr. Gaudino Eudoxio de Brito, ex-Thesoureiro do Instituto, obtendo a palavra declarou que lhe era absolutamente impossivel cumprir a obrigação constante do documento por elle assignado e exis-

tente em poder da mesa administrativa, pelo que pedia que o Instituto lhe concedesse uma prorrogação do prazo que lhe fôra marcado no referido documento.

Depois de orarem a este respeito os Srs. Desembargador Francisco Luiz e Dr. Democrito Cavalcanti, resolveu-se conceder um novo prazo a terminar a 31 de Dezembro do corrente anno, devendo ser o pagamento realisado em prestações mensaes de dous contos e quinhentos mil reis, a começar do mez de Agosto proximo vindouro. Resolveu mais o Instituto que se considerasse sem effeito a prorrogação ora concedida caso não fosse realisada a primeira prestação ou qualquer das seguintes até a terminação do prazo para assim o Instituto poder usar contra elle dos meios judiciais como anteriormente fôra resolvido que se fizesse. Por ultimo o Sr. ex-Theoureiro declarou acceitar e cumprir estas deliberações do Instituto.

O Sr. Dr. Democrito Cavalcanti declarou que, como os Estatutos em vigor consideravam haver renunciado á qualidade de socio aquelle que por mais de um anno não comparecesse ás sessões do Instituto, sem dar os motivos de suas faltas successivas, elle, que ia se retirar para fóra do Recife, por muito tempo em consequencia das suas funções publicas, fazia sciente o Instituto da causa do seu não comparecimento, o que equivalia a dizer não querer perder a sua qualidade de socio.

O Sr. Presidente declarou que os Estatutos não tinham applicação ao seu caso, pois que, considerado como tendo mudado de residencia, passaria á classe dos socios correspondentes, voltando novamente á dos effectivos se porventura viesse ainda a residir no Recife ou em ponto de facil communicação com ella.

Aquella disposição comprehendia apenas os socios effectivos.

O Dr. Democrito deu-se por satisfeito com a explicação.

O Dr. Sebastião Galvão pediu que o Instituto buscasse saber o modo como a Caixa Economica entregou, sem deliberação de assemblea geral desta associação ou procuração de qualquer natureza, o seu fundo de reserva ali depositado, visto como pelo seu regulamento nenhuma sahida de dinheiro se pode dar sem ser solioitada directamente pelo proprio individuo ou por procuração especial com a firma devidamente reconhecida, formalidade não havida no caso. Chama para isso particularmente a attenção de Instituto, porque o facto a que se refere teve logar no periodo das celebres facilidades daquella repartição. O Dr. Democrito fallou largamente sobre o assumpto.

Em seguida o Dr. Sebastião Galvão ainda lembrou que o dia 24 de Julho se approximava e os Estatutos mandavam commemorar-lo com uma simples sessão extraordinaria ou solemne, elle lembrando a approximação da data em que se proclamou a *Confederação do Equador*, propunha uma sessão extraordinaria de commemoração para aquelle dia afim de que não deixassem de ser cumpridos os Estatutos.

O Dr. Democrito propoz que a sessão fosse solemne, attento ao pequeno acrescimo de despesas que isto trazia, sendo acceita a sua proposta.

O mesmo Dr. Democrito propoz ainda que em vista da publicação nos jornaes do destino a dar-se ás quantias recolhidas para a

erecção da estatua do Conde da Bôa-Vista e algumas declarações já recebidas dos signatarios, e como já era passado algum tempo depois de feita a consulta, a que alguns ainda não responderam, consultava a casa e o silencio prolongado destes devia ser considerado como approvação, ou se provisoriamente devia ser tirado a oleo e collocado em moldura o retrato d'aquelle dignissimo pernambucano, sem abandono da idéa primitiva de lhe ser seguida uma estatua.

O Instituto resolveu considerar o silencio dos que ainda não responderam, como tendo annuido á sua deliberação.

Por ultimo, pedindo a palavra o Dr. Sebastião Galvão propoz que o Instituto, á semelhança dos Institutos da Bahia e do Pará, procurasse conseguir do poder competente declará-lo em lei uma associação de interesse publico, e que a sua *Revista* fosse editada trimestralmente por conta do mesmo contracto que o Governo tem com a typographia que faz as suas publicações officiaes, comprehendidos além dos documentos do seu archivo os das Repartições publicas solicitados pelo Instituto ou enviados directamente pelo Governo e considerados uteis para a historia civil, politica e religiosa do territorio do Estado, e finalmente para que o Instituto em consequencia deste reconhecimento tivesse a equivalencia de um archivo publico do Estado, passando os seus documentos e livros, no caso de algum dia se extinguir a Sociedade, á direcção do governo e sob aquelle caracter. Depois de discutida a proposta foi approvada.—*Adelino Antonio de Luna Freire, Presidente.*—*Sebastião de Vasconcellos Galvão, 1º Secretario interino.*—*Augusto Cezar da Cunha, servindo de 2º Secretario.*

Sessão solemne de 24 de Julho de 1901

PRESIDENCIA DO EXM. SR. DESEMBARGADOR FRANCISCO LUIZ CORREIA DE ANDRADE

A' uma hora da tarde presentes os socios do Instituto Srs. Desembargador Francisco Luiz, Drs. Regueira Costa, Alfredo de Carvalho, Sebastião Galvão, Pereira da Costa Porto Carreiro, Aprijo Garcia, Pedro Celso, Adelino Filho, e Srs. Coronel Leopoldo Galvão, Professor Rocha Pereira e Soares Brandão, verificando-se mais a presença dos Srs. Dr. José Gonçalves de Mello, Chefe de Policia, Major Peregrino de Farias, representante do Exm. Sr. Governador do Estado, magistradas, chefes de repartições publicas, representantes da imprensa pernambucana e o Sr. Sidney Barnett, representante do jornal *The South American Times*, de Londres, e diversas pessoas gradas, o Sr. Presidente declarou aberta a sessão e nomeou os Srs. Drs. Regueira Costa, Sebastião Galvão e Aprijo Garcia para receberem o Exm. Revdm. Sr. Bispo Diocesano que na occasião se aproximava do edificio do Instituto.

Tendo S. Exc. Revdma. o Sr. Bispo sido introduzido com todas as formalidades, tomou assento á direita do Sr. Presidente, á esquerda do qual tomaram igualmente assento os Srs. Dr. Chefe de Policia e representante do Exm. Sr. Dr. Governador do Estado.

Occuparam os lugares de 1º e 2º Secretarios os Srs. Drs. Sebastião Galvão e Aprigio Garcia, depois do que o Sr. Presidente, em breve discurso, declarou os fins da sessão, fazendo uma concisa exposição dos gloriosos acontecimentos que o dia 24 de Julho recordava, e em seguida deu a palavra ao Sr. Dr. Carlos Porto Carreiro, orador official do Instituto, para tratar do assumpto, o que passou a fazer com o maximo brilhantismo e competencia.

Em seguida usaram da palavra sobre o mesmo assumpto o Sr. Dr. Alfredo de Carvalho, representante da *Academia Pernambucana de Lettrns*, o academico Alfredo Marques, em nome do corpo discente da Faculdade de Direito do Recife, e o Sr. Dr. Luiz José da Silva.

Finalmente, a instantes e unanimes pedidos do auditorio S. Exo. Revdma. o Sr. Bispo D. Luiz proferio brilhante e extensa oração, no correr da qual, saudando os heróes da data gloriosa, tambem saudou a Pernambuco por ter concorrido com o seu valor em 1654 para a unificação e grandeza actual do territorio brasileiro.

Depois disto o Sr. Presidente declarou encerrada a sessão, agradecendo a todos os que concorreram para o brilhantismo da solemnidade.—*Adelino Antonio de Luna Freire*, Presidente.—*Sebastião de Vasconcellos Galvão*, 1º Secretario interino.—*Aprigio Carlos de Amorim Garcia*, servindo de 2º Secretario.

Sessão de Assembléa Geral em 8 de Agosto de 1901

PRESIDENCIA DO EXM. SR. DESEMBARGADOR LUNA FREIRE

A' uma hora da tarde, presentes os Srs. Drs. Conselheiro Pinto Junior, Regueira Costa, Pereira da Costa, Alfredo de Carvalho, Eudoxio de Brito, Arthur Muniz, Sebastião Galvão, substituindo o 1º Secretario, e Aprigio Garcia, occupando a cadeira do 2º, abriu-se a sessão.

Lidas as actas das sessões de 4 e 24 de Julho foram approvadas.

O Dr. 1º Secretario mencionou o seguinte expediente:

Um officio do Exm. Sr. Presidente do Instituto Historico de São Paulo, accusando a recepção e agradecendo a copia dos mappas que pedira para mandar extrahir do Atlas M S e communicando já ter dado ordem para ser remettida a respectiva importancia.—Inteirada.

Um dito do senhor Bibliothecario da Bibliotheca Fluminense pedindo uma colleção da *Revista do Instituto*.—Mandou-se metter os numeros que houvéssem.

Um dito do consocio Dr. João Coimbra, de 17 de Julho, communicando ter de se ausentar desta capital para outro Estado, apresentado as suas despedidas e pedindo dispensa do cargo de Orador.

Um dito da Directoria do Gabinete Portuguez de Leitura, convidando o Instituto a se fazer representar na sua festa anniversaria, que terá logar no dia 15 do corrente. Para corresponder a este

convite foi nomeada uma comissão composta dos Srs. Drs. Pedro Celso, Arthur Muniz e Commendador Barbosa Vianna.

Um dito do Director da Repartição de Archivo e Estatística do Estado de São Paulo, pedindo diversos numerus da *Revista do Instituto* para a sua bibliotheca. Mandou-se satisfazer com os numeros que houvésse.

Um dito do 1º Secretario do Gremio *Teixeira de Freitas*, convidando o Instituto a se fazer representar na sessão de instalação do mesmo Gremio a se realizar no dia 11 do corrente.

Para corresponder a este convite foram nomeados os Drs. Pereira da Costa, Aprigio Garcia e o Sr. Augusto Cesar.

Foram presentes as seguintes offertas:

Pela *Smithsonian Institution* um exemplar do seu relatório de 1898.

Pela Livraria Laemmert um Livro Diario para 1901.

Pelo Dr. Julio Pires um exemplar do *Almanach de Pernambuco* para 1902.

Pelas respectivas redacções diversos jornaes deste e de outros Estados.—Mandou-se archivar e agradecer as offertas.

Passando-se a ordem do dia o Sr. Presidente declarou que se achando vago o lugar de 1º Secretario, em virtude da renuncia feita pelo Dr. Pereira da Costa, ia se proceder á respectiva eleição e convidava os senhores socios presentes a prepararem as suas sedulas. Recolhidas estas e procedendo-se á respectiva apuração verificou-se ter o Sr. Dr. Sebastião Galvão um.

O Sr. Presidente consulta o Instituto se accoita a dispensa pedida pelo Sr. Dr. João Coimbra do cargo de orador, e sendo a resposta affirmativa passou-se a proceder á eleição que, por unanimidade de votos, recahiu no Sr. Dr. Carlos Porto Carreiro, sendo ambos os eleitos immediatamente empossados.

O mesmo Sr. Presidente nomeou os Srs. Drs. Alfredo de Carvalho e Sebastião Galvão para, com o Sr. João Walfredo de Medeiros, e de conformidade com a deliberação do Instituto, tomada na sessão anterior, verificarem na Caixa Economica o modo por que foi por ella entregue ao ex-Thesoureiro o seu fundo de reserva ali depositado, e nomeou o Sr. Dr. Aprigio Garcia para o lugar de Auxiliar do Bibliothecario, vago com a eleição do Sr. Dr. Alfredo de Carvalho para o lugar do 1º Secretario.

O Instituto deliberou mandar fazer o retrato a oleo do Conde da Boa-Vista para ser collocado na sala das suas sessões.

O Dr. Sebastião Galvão, pedindo a palavra, lembrou que este Instituto se dirigisse ao Instituto Historico Brasileiro, solicitando a continuação da remessa da sua *Revista* que, desde 1895, se tem deixado de receber, o que foi approvedo.

Em continuação aquelle socio, em nome do Dr. Zeferino Gonçalves Agra, declarou que este lhe pedira para fazer sciente ao Instituto que por affazeres constantes deixava de comparecer ás sessões e assim, com tal declaração, cumpria o disposto no art. 8º das *Estatu-tos*.—O Instituto deu-se por inteirado.

Finalmente vícram á mesa e foram remetidas á respectiva com-

missão diversas propostas para socios honorarios, effectivos e correspondentes.

Nada mais havendo a tratar foi encerrada a sessão.—*Adelino Antonio de Luna Freire*, Presidente.—*Alfredo de Carvalho*, 1º Secretario.—*Aprigio de Amorim Garcia*, servindo de 2º Secretario.

Sessão ordinaria em 22 de Agosto de 1901

PRESIDENCIA DO EXM. SR. DESEMBARGADOR LUNA FREIRE

A' uma hora da tarde, presentes os Srs. Drs. Desembargador Francisco Luiz, Regueira Costa, Alfredo de Carvalho, 1º Secretario, Aprigio Garcia, Pedro Celso Sebastião Galvão, 2º Secretario, e os Srs. Fernando Barroca e Soares Brandão, abriu-se a sessão. Lida a acta da antecedente foi approvada.

O Dr. 1º Secretario mencionou as seguintes offeras:

Pelo Director da Repartição de Archivo e Estatística do Estado de São Paulo o Vol. XXXII dos *Documentos Interessantes para a Historia e Costumes de São Paulo*.

Pelas respectivas redacções diversos jornaes deste e de outros Estados.—Mandou-se archivar e agradecer as offeras.

Veio á mesa e foi lido um parecer da commissão de admissão de socios, *ad hoc* nomeada, opinando favoravelmente pelas propostas apresentadas na sessão passada, e correndo o escrutinio secreto foram unanimemente eleitos socio honorario o Exm. Sr. Dr. José Joaquim Seabra, e effectivos os Exms. Srs. Drs. Manuel dos Santos Moreira e José Moreira Alves da Silva, sendo remettida á commissão outra proposta para socio correspondente.

O Dr. Alfredo de Carvalho propoz e o Instituto approvou, que fosse o Sr. Thesoureiro autorizado a saccar a quantia de sessenta marcos á disposições do Dr. Eduardo Ippel, Director da Bibliotheca Real de Berlim, afim de que com esta importancia ser paga a copia encomendada dos dizeres do codice inedito, existente na mesma bibliotheca, sob o titulo de *Theatrum Rerum Naturalis Brasiliae*, e constando de estampas de historia natural de Pernambuco mandadas executar pelo Principe de Nassau.

O Sr. Dr. Pedro Celso deu conta da sua incumbencia, como membro da commissão nomeada para representar o Instituto na festa do 50º anniversario da fundação do Gabinete Portuguez de Leitura.

Finalmente o Sr. Presidente nomeou uma commissão composta dos Ss. Dr. Coelho Leite, Aprigio Garcia e Fernando Barroca, para se entender com o Prefeito do Recife a respeito da subvenção que a Municipalidade destinou ao Instituto. Em tempo, os socios approvados na presente sessão foram dispensados do pagamento das respectivas joias.

Nada mais havendo a tratar foi levantada a sessão.—*Adelino Antonio de Luna Freire*, Presidente.—*Alfredo de Carvalho*, 1º Secretario.—*Sebastião Galvão*, 2º Secretario.

Termo de reunião no dia 5 de Setembro de 1901

A' uma hora da tarde presentes os Srs. Drs. Desembargador Luna Freire, Presidente, Regueira Costa, Alfredo de Carvalho e Sebastião Galvão, 1º e 2º Secretarios, e Pedro Celso, e os Srs. Barão de Nazareth Augusto Cesar, deixou de haver sessão por falta de numero legal de socios, do que se lavrou o presente termo em que assigna o 2º Secretario.—*Sebastião de Vasconcellos Galvão*, 2º Secretario.

Termo de reunião no dia 12 de Setembro de 1901

A' uma hora da tarde, tendo apenas comparecido os Srs. Drs. Desembargador Luna Freire, Presidente, Regueira Costa, Eudoxio de Brito, Alfredo de Carvalho e Sebastião Galvão, 1º e 2º Secretarios, e o Sr. Augusto Cesar, deixou de haver sessão por falta de numero legal de socios, do que se lavrou o presente termo, em que assigna o 2º Secretario.—*Sebastião de Vasconcellos Galvão*, 2º Secretario.

INDICE DO VOLUME XI

(Ns. 60, 61, 62, 63 e 64)

Os Patriotas de 1817. — <i>Franklin Tavora</i> (Com 2 retratos)	1
As Etymologias Indigenas de Elyas Herekmans. — <i>Theodoro Sampaio</i>	30
O Porto de Pernambuco e a Cidade do Recife no Seeulo XVII. — <i>Emile Béringer</i>	37
Nobiliarchia Pernambucana. — <i>A. J. V. Borges da Fonseca</i> (Continuação).	61, 689
A Imprensa em Olinda. — <i>Alfredo de Carvalho</i> (Com 5 fac-similes).....	80
O Assedio do Recife em 1821. — <i>Mrs. Maria Graham</i> (Com 3 estampas).....	89, 590
Geologia das Regiões Auríferas da Parahyba e de Pernambuco. — <i>E. Williamson</i> (Com 1 mappa)	110
A Verdadeira Naturalidade de D. Antonio Felipe Camarão. — <i>F. A. Pereira da Costa</i>	119
William Swainson em Pernambuco. — <i>Alfredo de Carvalho</i>	160
Descrição de Pernambuco em 1746.....	168, 717
O Zoobibliion de Zacharias Wagner. — <i>Alfredo de Carvalho</i>	181
O Recife de Grês do Porto de Pernambuco. — <i>Charles Darwin</i> (Com 1 gravura).....	196
Viagens no Brasil. — <i>Henry Koster</i> (Continuação).	201, 783
Memoria sobre a Pedra Bonito ou Reino Encantado. — <i>A. A. de Souza Leite</i> (Com 1 estampa).	217
Inscrições em rochedos do Brasil. — <i>John C. Branner</i> (Com 5 gravuras).....	249
Major José Domingos Codeceira. — <i>Sebastião de Vasconcellos Galvão</i> (Com 1 retrato).....	262
O Instituto Archeologico de Pernambuco. — <i>M. de Oliveira Lima</i>	332
As «Notas Dominicacs» de L. F. de Tollenare. — <i>M. de Oliveira Lima</i> (Com 1 retrato).....	341
Notas Dominicacs. Parte relativa a Pernambuco. — <i>L. F. de Tollenare</i> (Com 14 estampas).....	352

Governadores e Capitães-Generaes de Pernambuco. — <i>F. A. Pereira da Costa</i> (Continuação).....	
Governo Republicano de 1817.— <i>F. A. Pereira da Costa</i>	
Os «Dialogos das Grandezas do Brasil».— <i>J. Capistrano de Abreu</i>	
Brazões d'Armas do Brasil Hollandez.— <i>Alfredo de Carvalho</i> (Com 19 estampas).....	
O Cometa de 1652.— <i>H. Morize</i> (Com 1 estampa).	611
Peças Officiaes relativas ás Revoluções de Pernambuco—1817—1824	614
A «Viagem Brasilica» de Lorenz Simon.— <i>Alfredo de Carvalho</i> (Com 1 estampa).....	641
A Troya Negra.— <i>Nina Rodrigues</i>	642
Racine e o Brasil.— <i>Alfredo de Carvalho</i>	617
Os Motins de Fevereiro de 1823.— <i>Alfredo de Carvalho</i> (Conclusão)	
Da introdução da imprensa em Pernambuco pelos hollandezes.— <i>Alfredo de Carvalho</i>	
Charles Waterton em Pernambuco (1816).— <i>Alfredo de Carvalho</i>	
D. Antonio Pinheiro Camarão.— <i>Oliveira Lima</i> ...	
O Nome Pernambuco nos Mappas Antigos.— <i>Orville A. Derby</i>	
Problemas Historico-geographicos. — <i>J. B. Reguiera Costa</i>	
A Saudação Læcristosa dos Indios.— <i>Alfredo de Carvalho</i> (Com 1 estampa).....	
Verbas Ineditas do Testamento de João Fernandes Vieira	
Minas de Ouro e Prata no Brasil Oriental.— <i>Alfredo de Carvalho</i>	
Discurso do Orador Official na Sessão Magna de 6 de Março de 1903.— <i>Arthur Muniz</i>	
Medalha Commemorativa (Com 1 estampa).....	273
Bibliographia	317
Actas das sessões.....	

REVISTA
DO
INSTITUTO ARCHEOLOGICO E GEOGRAPHICO
PERNAMBUCANO

Fundado em 28 de Janeiro de 1862

COMISSÃO DE REDACÇÃO

Drs. Pereira da Costa, Alfredo de Carvalho e Arthur Muniz

Os heróicos feitos dos antigos,
Tende vivos e impressos na memoria,
Alli vereis esforço nos perigos,
Alli ordem na paz digna de gloria.

Prosopopéa. — Bento Teixeira Pinto



RECIFE

TYPOGRAPHIA DO «JORNAL DO RECIFE»

47—Rua 15 de Novembro—47

1904

MESA ADMINISTRATIVA DO INSTITUTO

Anno social de 1906 a 1907

PRESIDENTE HONORARIO

Desembargador Adelino Antonio de Luna Freire.

PRESIDENTE

Dr. João Baptista Regueira Costa.

1° VICE-PRESIDENTE

Desembargador Antonio Pedro da Silva Marques.

2° VICE-PRESIDENTE

Dr. Francisco Augusto Pereira da Costa.

3° VICE-PRESIDENTE

Desembargador Francisco Luiz Correia de Andrade.

1° SECRETARIO

Dr. Aprigio Carlos de Amorim Garcia.

2° SECRETARIO

Dr. Francisco Alcedo da Silva Marrocos.

SUPPLENTES DOS SECRETARIOS

Major Augusto Cesar da Cunha.

Dr. Victalino Cordeiro Lins.

ORADORES

Dr. Manoel Arthur Muniz.

Dr. Augusto Coelho Leite.

THESOUREIRO

João Walfredo de Medeiros.

COMISSÃO DE FUNDOS E ORÇAMENTO

Dr. Bianor de Medeiros.

Dr. José de Moraes Guedes Alcoforado.

Dr. Joaquim Maria Carneiro Vilella.

COMISSÃO DE ESTATUTOS E REDACÇÃO DA REVISTA

Dr. Francisco Augusto Pereira da Costa.

Dr. Alfredo Ferreira de Carvalho.

Dr. Manoel Arthur Muniz.

